PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

DECIMO VOLUME

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

**Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico
Archeologico,
Historico, Biographico e Etymologico**

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres,
por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar,
por serem solares de familias nobres,
ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & CARDOSOS
67 — Praça de D. Pedro — 67
1882

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

U

UAD — UED — WAD — WED — Que os árabes pronunciavam *Uade*, agua corrente, rio.

Os portuguezes corromperam este substantivo árabe, em *Guad* e *Ode*.

Para evitarmos repetições, vide a col. 2.ª de pag. 332, do 3.º volume.

UALIO ou **WALI** — Palavra árabe. Significa, principe, senhor, nobre, heroe.

Nós corrompemos esta palavra, em *bailio*, e assim denominámos os commendadores das ordens do Templo e de Malta, a que estavam sujeitos os outros mosteiros das mesmas ordens, por isso áquelles se dava o nome de *bailiados*. Sobre ós bailios, só governavam os *grão-mestres*.

Depois, tambem se dava o nome de bailios, aos cavalleiros das ordens militares que possuiam grandes commendas.

UAZIR — É arabe, que nós corrompemos em *vizir* — significa ministro ou conselheiro do sultão. Ao 1.º ministro ou chefe do governo turco, se dá o nome de *grão-vizir*.

UCANHA — OCANHA — CUCANHA — e, mais antigo — **BURGO DE CUCANHA** — villa. Beira-Alta, no concelho de Mondim da Beira, comarca d'Armamar.

Esta freguezia já ficou descripta no 2.º volume, pag. 455, col. 2.ª e seguinte.

Vide tambem no 1.º volume, pag. 506, col. 1.ª

Ainda existe a cadeia e o pelourinho, do tempo que foi couto.

Tambem ainda existe o hospital que D. Fernando (1.º do nome) abbade do mosteiro de Salzêdas, fundou em 1418. Apezar dos seus poucos rendimentos, graças ao zêlo dos seus mesarios, tem sempre tido uma optima administração, e n'estes ultimos annos, se lhe tem feito bastantes melhoramentos.

Consta a villa, de uma unica rua, em descida para a ponte do Varosa (ou Barosa) e algumas travessas.

Tem esta freguezia varias ermidas, sendo as melhores, as de Santa Cruz, e Santa Catharina.

A tôrre que está junto á ponte, apezar dos seus quatro seculos e meio de edade, é de tão sólida construcção, que ainda está optimamente conservada, apezar de o seu terraço, que está sobre o arco que dá passagem á ponte, estar já algum tanto arruinado, vegetando n'elle algumas plantas, arbustos e até sabugueiros.

Junto ao terraço, e a distancia de 5m,5 da base da torre, para a parte do sul, ha uma porta, de estylo árabe, com uma varanda, por onde se entrava para a torre, por uma escada de mão; não havendo indicios de ter

havido outra de pedra, ou madeira. Do lado do E., ha uma pequena fresta; e para O., outra maior, cabendo por esta um homem; e para o N., tem a parede um cano, junto ao terraço, para despejo das aguas pluviaes. 3,m5 acima do terraço, teem as paredes menos um palmo de espessura do que as inferiores, formando uma especie de cornija, onde assentava o travejamento do 2.º andar da torre, havendo n'elle duas pequenas janellas, tambem de architectura árabe, separadas apenas por uma pequena columna. Outras duas janellas eguaes, se vêem para o O. Sobre o 2.º andar, ainda havia 3.º, como se mostra por o *resalto* onde descançavam as traves que sustentavam este pavimento, que tem duas janellas, uma de cada lado, ambas com sua varanda, e coroadas — as janellas — com uma ameia, assim como as esquinas da torre.

Do lado do E., e um pouco acima do arco da passagem, se vê um oratorio, com a imagem da SS. Virgem, denominada, *Nossa Senhora da Torre.* Um pouco abaixo d'este oratorio, para o lado direito, está gravada em uma pedra, uma inscripção, em letra gothica, que se não póde ler, por estarem apagados a maior parte dos caracteres.

Tem esta torre, medida pela parte interna, 7m,5 de comprimento, e o mesmo de largura, e 9 metros d'altura — e pelo exterior — 8m,5 de comprimento, e o mesmo de largura. De altura, para o N., tem 18 metros; para o S., 13m,5; e para E., 13 metros.

A muralha do lado do N., está quasi toda revestida de formosas heras.

E' a este curiosissimo monumento que se dá geralmente a denominação de *Castello de Ucanha.*

A' obsequiosidade do sr. Alberto Magno de Almeida e Castro, d'esta villa, devo a descripção da sua torre, pelo que lhe dou os meus cordiaes agradecimentos.

Tudo o mais que diz respeito a esta villa, já está descripto sob a palavra *Cucanha,* para onde remetto o leitor.

UCHA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, (foi do extincto concelho do Prado, comarca de Braga) 10 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 113.

Orago, S. Romão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha de renda annual — mil alqueires de pão meiado (centeio, *milho alvo,* milhão e painço) — 15 pipas de vinho (!) e 16$000 réis em dinheiro.

Milho alvo é o a que hoje se dá o nome de *milho miudo* — e *milhão,* é milho grosso.

Pertenceu em tempos antigos ao couto da villa de Azevêdo, o qual se compunha, de toda a freguezia da Lama, e de algumas aldeias da freguezia de Santa Eulalia d'Oliveira (que lhe fica contigua, ao N.) e de outras aldeias d'esta freguezia da Ucha.

No civel e no crime, estava sujeito este couto, ao juiz do antigo concelho do Prado, que tinha jurisdicção municipal e sobre coimas.

A villa e couto de Azevedo, pertencia então á provedoria de Vianna do Lima.

A freguezia de Fiscal, onde é a nobilissima *casa da Tapada,* fica a uns 16 kilometros d'esta da Lama.

A villa de Azevedo já era solar da familia d'este appellido, no tempo de D. Affonso Henriques, sendo então senhor do solar, D. Pedro Mendes de Azevedo, 23.º avô do 1.º, e ultimo, visconde e conde de Azevedo.

Vide *Carrazêdo do Bouro, Fiscal, Lama, S. João de Rei,* e *Tapada.*

Ucha, é portuguez antigo, e significa *cosinha.* D'aqui, *ucharia,* cosinha do rei — e *uchão* (hoje *dispenseiro*) ao que administrava a ucharia, fornecendo-a de tudo quanto pertencia a generos comestiveis.

E' digno de nota, um facto acontecido n'esta freguezia, em fevereiro de 1876.

Tinha fallecido quasi de repente, em 1873, um lavrador, que tinha tanto de rico, como de avarento. Declarou poucos momentos antes da sua morte, que queria ser enterrado com a sua *roupa domingueira,* o que se cumpriu.

O filho, que era tão avarento como o pae, remechendo tudo, em busca de dinheiro e

titulos, deu pela falta de dous contos de réis em notas; e, lembrando-se que o pae os tivera na mão, poucos dias antes de morrer, *mandou desenterral-o*, no fim de tres annos (!) e com effeito, encontrou as notas, no bolso do defuncto!

Se fosse um desgraçado que não tivesse mais nada de seu, talvez não tornasse a vêr semelhante dinheiro.

E' uma das terras mais ferteis da comarca; cria muito gado, e é abundante de peixe do mar e de caça.

UDATA LAIA ou **LAIS** — antiquissima cidade da Lusitania, na actual provincia do Minho. Foi municipio do antigo direito latino, e estava situada sobre a margem esquerda do rio Minho. Idacio, no seu *Chronicon*, diz — «*In flumine Minio de municipio Lais milliario ferme quinto capiuntur pisos quatuor novi visu, et specie.*» Isto é — «No rio Minho, a 5 milhas do municipio de *Lais*, se pescavam quatro peixes de nova especie e figura.»

Ptolomeu, na descripção da chancellaria de Braga, trata d'esta cidade, na 2.ª *Tábua da Europa*, capitulo 6.º — Diz que era a capital dos povos *turolos*, ou *turodos*, e lhe dá o nome de *Udata Laia*, palavra grêga, composta, que significa *Aguas Laias* — em latim *Aquaelae*.

Já fallei d'esta maldita cidade, em *Aguas Laias*, *Laias*, *Lanhellas*, *Lanhezes* e *Torre de Lanhellas*; e — para fallar com franqueza aos meus leitores — cada vez sei menos onde estava situada! O que é incontestavel é que existiu, e foi importante no tempo dos romanos, pois a fizeram seu municipio.

Argote, engana-se redondamente, quando nas suas *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*, diz, no tomo 1.º pag. 323, que esta cidade é a actual freguezia de Lanhezes, *que está nas margens do rio Minho*. Lanhêzes, fica uns 12 kilometros distante e ao sul d'este rio, e não nas suas margens, pelo que nunca podia ser a tal cidade de *Udata Laia*. O que é certo, é que nos principios da nossa monarchia, se dava á terra de Lanhêzes, o nome de *Laielos* (*Inquirições de el-rei D. Diniz*, livro 4.º, fl. 86, Torre do Tombo) o que parece significar *Pequena Lais*; e tambem menciona uma *Soyala de Laesses*, que cértamente é a actual Lanhezes.

Ora eu, por causa d'esta cidade, examinei com bastante attenção, toda a margem esquerda do Minho, desde Seixas, até Valença, e não achei o minimo vestigio de uma tão grande povoação, que merecesse o nome de cidade municipal.

Em Lanhellas (freguezia contigua á de Seixas, ao E.N.E., e tambem sobre a esquerda do Minho) onde muitos escriptores suppõem ter existido a tal cidade, não ha vestigio algum de edificios antigos, a não ser a torre ameiada, que é hoje propriedade do sr. Camillo de Sá (vide *Torre de Lanhellas*.

E' verdade que Idacio, como vimos, sitúa *Lais* a 5 *milhas* do rio Minho, e Lanhezes, fica apenas a 6 *milhas*; mas isto não prova que a tal cidade existisse onde hoje é Lanhezes, nem elle o diz.

Todos sabem que os antigos construiam as suas grandes povoações, sempre em sitios elevados, e não em baixos, como são Lanhellas e Lanhezes.

Notemos que as povoações que estanceiam na margem esquerda do Minho, desde Caminha até Valença (Seixas, Lanhellas, Gondarem, Lôivos, Villa Nova da Cerveira, Lovêlhe (ou Brêia—*Vereia*) Reborêda, Campos, Chamozinhos, S. Pedro da Torre, Segadães (ou Cristêllo Covo) [1] são todas situadas em planicie levemente ondulada. A pouca distancia de todas estas povoações (entre 1 a 3 kilometros) e pelo S. d'ellas, corre uma cordilheira de montanhas, com diversos nomes segundo as terras por onde passam, e que são um ramo do famoso *Mons Medulius* dos romanos. Pois em muitos sitios d'esta cordilheira, não só no interior, mas na sua extremidade septentrional, olhando para o rio Minho, e para a Galliza meridional, se veem claros vestigios de grandes povoações e castellos, cujos nomes hoje se ignoram; prin-

---

[1] Nomeio estas freguezias, para provar aos meus leitores, que as percorri todas, em procura do assento da tal cidade, que tanto me tem dado que pensar, pela sua antiga importancia.

cipalmente na aldeia de *Córtes*, da freguezia e proximo (ao S.) de Villa Nova da Cerveira, e em toda a encosta da serra n'este logar e até ao seu cume, como vimos na palavra *Córtes*, a pag. 391, col. 1.ª, do 2.º volume.

Julgo pois que não se deve tomar ao pé da letra, a locução de *sobre a margem do Minho*, e que a cidade, estando, com certeza, *junto* á margem do rio, não estava mesmo na margem; e que alguma das muitas ruinas de povoações que se veem na tal serra, sejam as de *Lais*, *Laia* ou *Udata-Taia*.

UFFA — nome proprio de mulher, como *Uffo*, é nome de homem, e *Uffes*, seu patronimico.

D. Uffa, filha de D. Uffo Uffes, foi senhora de uma fazenda, onde viveu e falleceu, á qual ainda hoje se dá o nome de *Quinta da Uffa*, imminente á margem direita do Douro. Vide *Linhares* (*Pedras de*) = e (*Bayão*). *Rendufo*, *Rainulfo*, *Randulfo*, etc., são tambem nomes proprios de homem. Na freguezia do Valle, concelho da Feira, ha tambem uma grande propriedade, denominada *Quinta de Saguffo*. Talvez que Saguffo seja tambem nome proprio d'homem.

ÚIMA — antigamente *Úmio* ou *Úmiae*, pequeno rio, Douro. (Vide *Crestuma*).

Em um documento do x seculo, que do cartorio do mosteiro de Pedroso, concelho de Villa Nova de Gaia, foi para o archivo da Universidade, onde hoje existe—fallando da *cidade de Santa Maria* (hoje villa da Feira) se diz que a *cidade da Portella*, é situada, *discurrente rivulo Umia*.

Esta *cidade da Portella*, é actualmente uma insignificante aldeia, no alto da serra, em cuja encosta septentrional está a povoação de Crestuma, sobre a margem esquerda do Douro.

Na *Portella*, não ha o minimo vestigio de antiga povoação, nem memoria de a ter havido: apenas, por tradição, consta que houve alli um castello, em tempos remotissimos.

UL — pequeno rio, Douro. — Nasce na freguezia a que dá o nome, e, com pequeno curso, desagúa no Antuan. (Vide 2.º vol., pag. 418, col. 2.ª)=Ull, é uma palavra vasconça, que significa *corrente d'agua*.

Este rio, sahindo fóra dos seus limites, com as chuvas de janeiro e fevereiro de 1879, causou mais de 110:000$000 réis de prejuizos nas terras das suas margens, e destruiu as pontes do *Carvalhal*, *Ferral*, *Ruivo*, e *Villa-Cova*. (Vide *Ul*, freguezia.)

UL — freguezia, Douro, comarca, concelho, e 4 kilometros ao S.O. de Oliveira de Azemeis (foi do supprimido concelho do Pinheiro da Bemposta, comarca de Estarreja) 40 kilometros ao S. do Porto, 275 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1768, tinha 280.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 340$000 réis de rendimento.

E' com certeza uma povoação antiquissima.

Na sua egreja matriz, se acha uma lapide com esta inscripção:

... ERE. AVGVSTO. TRIBUNI.
... XXVII CÕS. XIII. PATER.
... RALINUS. AGVSTALIS.

Esta lapide, foi achada em 1803, nos alicerces da antiga egreja, que então se demoliu para construir a actual, e mandada collocar no sitio onde hoje está, pelo abbade, Manoel Pereira de Campos.

No mesmo logar onde se achou esta lapide, estava uma columna, com a sua inscripção quasi apagada. Serve hoje de esteio de uma ramada do pateo da residencia parochial.

Ainda nos mesmos alicerces, e pelo mesmo tempo, se achou uma grande pedra, com uma inscripção, que os pedreiros deixaram ficar no mesmo sitio, para segurança da nova parede da egreja.

Isto faz suppor que a primittiva egreja, foi construida com os materiaes de algum edificio romano.

Na aldeia do *Crasto*, uns 400 metros a S.O. da egreja matriz, se teem achado muitas pedras quadradas, tijolos, e vestigios de alicerces, provando a existencia de uma

grande povoação alli: com toda a probabilidade, romana.

Junto a esta aldeia é o sitio da *Corredoura*. Diz o povo da terra, que se lhe deu este nome, por ser aqui que os mouros faziam corridas de cavallos, torneios e outros jogos.

Passando o rio, mais a baixo, para o O., se sóbe o *Monte das Almas da Moura*, ao qual, em antigos documentos, se dá o nome de *Mamoinhas*. E' atravessado pelos alicerces de um muro, ainda bastante visiveis em partes.

Isto prova com evidencia, que esta terra já era habitada por um povo pre-historico, que existiu muitos seculos antes da invasão dos phenicios e dos carthaginezes, pois ainda aqui se veem algumas *mâmoas* pre-celtas; e foi a ellas que o sitio deve o nome de *Mamoinhas*.

Sobre um pequeno outeiro da aldeia do *Avenal*, está uma casa, chamada *o Paço*, propriedade de um lavrador. Não tem vestigios alguns de remota antiguidade, mas é tradição que deve o nome, a ter aqui havido um nobre paço, do senhor da freguezia.

A pouca distancia d'este logar, principia a freguezia de *Madail*, onde tambem ha um monte, chamado do *Crasto*, junto do qual, no sitio de *Villa Covo*, é tradição ter havido uma sanguinolenta batalha, entre lusitanos e nórmandos; e que, ficando indeciza, se repetiu a 3 kilometros de distancia, a N.O., no logar proximo, ainda hoje chamado *Rio d'Ossos*. (Vide 2.º vol., pag. 420, col. 1.ª)

Crê o povo d'esta freguezia, que, quando d'aqui foram expulsos os mouros, deixaram grandes *thesouros encantados*, no tal monte do Crasto.

—

No condado de York, em Inglaterra, ha a cidade de Hull (*Kinston-upon-Hull*) situada na confluente dos rios *Humber* e *Hull*.

Seriam os *bretões* ou *saxões* que deram o nome a esta freguezia? Todos sabem que os bretões, juntos com os nórmandos e gascões invadiram e saqueram por muitas vezes as costas da Lusitania, e por fim, tornando-se nossos alliados, fundaram n'essas costas, ou a pouca distancia, muitas povoações, e se tornaram lusitanos, como temos visto em varios logares d'esta obra.

Como vimos na palavra *Ul*, rio — o seu nome é vasconço, significando *corrente d'agua*; e alguns escriptores modernos de grande nomeada, chamam aos antigos vasconços — *povo dos dolmens*, ou constructores dos monumentos *megalithicos* ou *men hirs*.[1] As *mâmoas* são monumentos pre-celtas ou vasconços, e portanto, é certa a existencia d'esta gente por estes sitios.

Isto prova que os mesmos povos que deram a esta freguezia e ao seu rio, o nome de Ul, deram á cidade e rio de Inglaterra o nome de *Hull*.

—

Esta freguezia é atravessada pela nova estrada á *mac-Adam*, de Oliveira d'Azemeis para Santo Amaro, construida em 1876.

No sitio da Ponte da Ribeira, d'esta freguezia, ha uma mina de cobre, que promette um auspicioso futuro, ao que a explorar devidamente. Foi manifestada, mas, não procedendo o seu descobridor á lavra, no praso da lei, foi julgada abandonada, no 1.º de junho de 1875. Tem tambem uma mina de chumbo, que se não explora.

—

A noite de 9 para 10 de fevereiro (domingo para segunda-feira) de 1879, será sempre de tristissima recordação para o povo d'esta freguezia. E' ella atravessada, de N. a O., pelo ribeiro da *Salgueirinha*, e de S. a S.O. pelo do *Pégo*, ou da *Retorta*, que juntando-se formam o Ul.

N'aquella noite, em consequencia de chuvas successivas, os dous ribeiros, tornaram-se em torrentes caudalosas, destruindo tudo por onde passou a sua corrente vertiginosa.

Esta freguezia, é, na sua maxima parte, industrial, consistindo a sua principal industria, no fabrico de pão de trigo, que é vendido por todo o concelho e pelo de Cambra—e na descascagem de arroz, que exporta para varias partes do norte do reino. Era esta principal fonte de riqueza da fregue-

[1] *Men hir*, é uma palavra vasconça, composta, quer dizer *pedra erguida*.

zia, sustentada por as varias casas de moinhos, que nas margens d'estes rios se tinham fundado. Porém, chegou tambem a vez aos povos d'esta freguezia de compartilharem da sorte que ha pouco tiveram os do Algarve, e d'outros pontos do paiz, isto é, o resultado das inundações — a fome.

No domingo, desde o meio dia, nunca cessou de chover, nem o vento tempestuoso que acompanhava a chuva, abonançou; ao escurecer já os rios apresentavam grande volume d'aguas, mas ainda não promettiam os estragos que causaram. Cerrou-se a noite, mas com uma escuridão tal, que o individuo, sem o auxilio de uma luz, não podia dar um passo por caminho direito. A chuva era torrencial, e as rajadas do vento pareciam destruir tudo. Eram dez horas da noite, e já os rios sahiam dos seus leitos, arrastando na corrente penedos, traves, pinheiros arrancados, e outros objectos de destruição.

A's 11 horas principiaram a arrazar-se muitas casas de moinhos, que n'esta freguezia se achavam formadas nas margens dos rios, em numero superior a 63. Tudo cahiu por terra, ficando destruido até aos alicerces. Pontes de pedra e de madeira tudo desappareceu, ficando só a chamada de *Salgueirinha*, ponte antiga, de pedra. Ainda assim, os chamados corta-mares, que defendem os pégões d'esta ponte, ficaram quasi destruidos. Todos os assudes d'estes rios, á excepção de dois, desappareceram; terras lavradias, situadas nas margens dos rios, ficaram *esgaivadas*, e algumas até desappareceram a ponto de nem se saber aonde ellas existiam. Arvoredos inteiros, de vinha, foram arrancados, e tudo foi na cheia.

Os negociantes de arroz, e os moleiros de trigo e milho, tinham estes generos em grande quantidade nos moinhos; tudo se perdeu, e aquelles infelizes que tinham os seus moinhos como uma casa de residencia, ficaram reduzidos á miseria, pois que, só a muito custo poderam conseguir salvar-se nus, perdendo na cheia todo o fructo dos seus trabalhos.

Felizmente, não consta que n'esta freguezia houvesse victimas, isto com certeza devido a este desastre ser antes da meia noite, pois se é de madrugada, hora em que o povo d'estas casas costuma descançar, pereceriam na cheia centenas de pessoas. Calcula-se o prejuizo, só para esta freguezia, que é pequena, em cento e dez contos de réis!

ULMAR — antiquissima povoação da Lusitania, a que hoje se dá o nome de *Verride*, na comarca e concelho de Monte-Mór-Velho.

Aqui foram martyrisados pelos agarenos a 9 de janeiro, de anno que se ignora, os bem-aventurados *Domingos* e *João*. Consta do livro *dos obitos*, do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Vide *Verride*.

ULMAR — Era o nome de um pantano ou lagôa, junto a Leiria, que o rei D. Diniz, em 1291, mandou abrir e repartir pelo povo. Fez estas partilhas, por ordem do rei, frei Martinho, monge bernardo de Alcobaça, e esmoler-mór do mesmo D. Diniz. Hoje, é um terreno cultivado e muito fertil.

ULME — villa, Extremadura, comarca e concelho da Chamusca (foi da mesma comarca, mas cabeça do concelho do seu nome) 18 kilometros ao N. de Santarem, 100 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 280.

Orago, Santa Maria.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

A mitra apresentava o prior, que tinha 800$000 réis de rendimento.

A villa está situada em um valle, perto da margem direita do rio Alpiarça.

Era cabeça de um antiquissimo concelho de 700 fogos, que foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

O seu termo é muito fertil em toda a qualidade de generos agricolas, e cria muito gado e colmeias.

E' tambem abundante de caça, e peixe, do Alpiarça e do Tejo, que lhe fica perto, ao N.

O rei D. Sebastião, lhe deu foral, em 13 de fevereiro de 1561; mas Franklim não menciona este foral.

Foi senhor d'esta villa e da da Chamusca, o portuguez degenerado, Ruy Gomes da

Silva, que Philippe II fez *principe d'Eboli.* A pedido d'este tal *principe*, deu aquelle usurpador, o titulo de villa, á aldeia d'Ulme, em 1594.

Esta villa passou de *senhora* a *escrava*, pois sendo a Chamusca uma aldeia (ou uma quinta do tal Ruy Gomes) d'esta freguezia de Ulme, é hoje cabeça do seu concelho, e Ulme está reduzida á sua sujeição. (Vide, 8.º vol., pag. 557, col. 1.ª)

ULMEIRO — freguezia, Douro, na comarca e concelho de Monte-Mór-Velho. (Foi da comarca e concelho de Soure, e por carta de lei de 2 de julho de 1879, passou para Monte-Mór-Velho).

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Apenas acho esta freguezia mencionada na tal carta de lei. Nem o *Portugal Sacro*; nem o *Diccionario chorographico*, de Bettencourt; nem o livro das congruas; nem os diccionarios geographicos do Flaviense, ou do José Avellino de Almeida; finalmente, em livro nenhum acho semelhante freguezia. Estou persuadido que foi êrro typographico da tal lei, ou engano do seu redactor.

ULVEIRA — antigo nome da actual freguezia de Oliveira do Douro, do concelho de Villa Nova de Gaia. E' tambem um antigo appellido portuguez.

UNDE — portuguez antigo — portanto, á vista do que, por consequencia, etc.

UNHAES — Ribeira, Douro. Nasce na encosta S. do *Picôto da Sebôla*, e, atravessando o concelho de Fajão (hoje extincto) passa ao da Pampilhosa (tambem extincto) e d'aqui, tomando o nome de *Ribeira da Pampilhosa*, vae desaguar no Zêzere, junto aos Padrões.

Suas margens (*ribas*) são agrestes e alcantiladas, e o leito da ribeira corre quasi sempre apertado entre rochedos, de maneira que as suas aguas são quasi totalmente inuteis e improductivas.

(Vide a primeira *Pampilhosa*).

UNHAES ou **UNHAS DA SERRA**—freguezia, Beira-Baixa, comarca, concelho, e 18 kilometros ao S.O. da Covilhã, 54 kilometros da Guarda, 250 ao E.N.E. de Lisbôa, 225 fogos.

Em 1768, tinha 82.

Orago, Santo Aleixo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O prior do Paúl, apresentava o cura, que tinha 15$000 réis de congrua e o pé de altar.

A freguezia está situada em um valle, cercado de alcantilada penedia, nas faldas da serra da Estrella, e junto ao ribeiro Alforma, que réga uma fertil e risonha varzea, e é aqui atravessado por uma bôa ponte de pedra.

E' terra muito abundante, sobre tudo, em milho, batatas e castanhas.

Está 8 kilometros abaixo da pyramide da D. Maria I. (Vide *Estrella, serra*).

Há n'esta freguezia uma optima fabrica de lanificios, cujo motor é a agua do dito ribeiro. Alem d'isso, fabricam-se aqui saragoças e bureis.

Entre 4 e 6 kilometros de distancia da egreja matriz, e no alto da montanha, ha varias nascentes d'aguas thermaes, que espalhadas por grande parte do valle, brotam em diversos sitios, sahindo com violencia e abundantemente do sólo. A sua côr é lactea, e ingrato ao paladar o seu sabôr. São hydrogenio-sulphuradas.

Vendo os bons resultados produzidos pelo uso d'estas águas, nas molestias a que costumam ser applicadas, D. Jeronymo Rogado, bispo da Guarda, mandou construir aqui uma casa com dous *banhos*, de diverso grau de temperatura; mas tão mal feitos, que pouco podiam aproveitar. Em um d'estes banhos, ou tanques, é a agua da temperatura de 88 gr. F., ou 24 3/4 R. — no outro, é de 77 graus F., ou 20 R. Tem tambem uma nascente d'aguas ferreas, para uso interno.

Não foram á exposição de Paris, de 1867.

UNHAES O VELHO — freguezia, Douro, concelho da Pampilhosa, comarca de Arganil (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Fajão), 60 kilometros da Guarda, 43 a E.S.E. de Coimbra, 250 ao E. de Lisbôa, 110 fogos.

Orago, S. Matheus, evangelista.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Coimbra.

O *Portugal Sacro*, não traz esta freguezia.

Para evitarmos repetições, vide *Fajão* e *Penêdos de Fajão*.

UNHÃO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi da comarca de Lousada, e do extincto concelho de Barrosas) 35 kilometros ao E. de Braga, 12 kilometros a E. de Guimarães, 340 ao N. de Lisbôa, 165 fogos.

Em 1768, tinha 144.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 150$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga, e foi villa e cabeça do concelho do seu nome.

O rei D. Manoel, lhe deu foral, em Lisbôa, a 20 de março de 1515. (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 109. col. 1.ª)

Este foral serviu tambem para *Cepães* e *Meïnêdo*.

E' terra fertil em ceraes, fructa, vinho (verde), linho, etc. Cria muito gado de toda a qualidade, e o rio Sousa = que lhe passa proximo=a fornece de algum peixe miudo.

Teve condes. O primeiro conde de Unhão foi *Fernão Telles de Menezes*, feito por D. Philippe IV, em 7 de junho de 1630.

O 1.º conde de Unhão, era filho 2.º, de Ayres Gomes da Silva, 3.º senhor de Vagos, e de sua mulher, D. Brites de Menezes, da qual tomou o appellido; mas a sua varonia é a dos Silvas, de Vagos, em cuja casa andava, havia oito gerações, o senhorio de Unhão.

Descendia de D. Gonçalo Gomes, rico-homem, do tempo de D. Affonso Henriques, e de sua mulher, D. Leonor Gonçalves Coutinho.

O 1.º conde de Unhão, era 9.º senhor da villa d'este nome, senhor de Gestaçô, da honra da villa (hoje aldeia), de Meinêdo, e outras muitas terras.

Foi 2.º conde e 10.º senhor de Unhão, *Ruy Telles de Menezes e Castro*, do conselho de el-rei, commendador da Alcaçova, de Santarem, etc.— Falleceu em 1671. Casou duas vezes — a 1.ª, com D. Julianna Maria Maxima de Faro, duqueza viuva de Caminha, 4.ª senhora do condado de Fáro, fallecida a 22 de março de 1651. Era filha e herdeira, de D. Diniz, 2.º conde de Fáro, e de sua mulher, D. Magdalena de Lencastre, filha de D. Alvaro, 3.º duque d'Aveiro.

Ficando viuvo, casou com D. Joanna Luiza de Lencastre, filha de seu primo, D. Rodrigo de Lencastre, commendador de Coruche, e de sua mulher, D. Ignez de Noronha, filha dos condes d'Aveiras.

Foi 3.º conde e 11.º senhor de Unhão, e de toda a casa de seus paes, *Fernão Telles de Menezes e Castro*, commendador de Ourique, do conselho d'el-rei. Falleceu a 30 d'agosto de 1687. Tinha casado com D. Maria de Lencastre, que, depois de viuva, foi feita marqueza de Unhão. Era aia de D. João V e dos infantes seus irmãos, e foi depois, camareira-mór da rainha D. Marianna de Austria. Falleceu em 19 de outubro de 1739, com 83 annos de edade, e 49 de serviço no paço. Era filha de D. Martinho Mascarenhas, 4.º conde de Santa Cruz, e de sua mulher, D. Julianna de Lencastre, filha de D. Manrique da Silva, 1.º marquez de Gouveia, 5.º conde de Portalegre, mórdomo-mór de D. João IV, e de sua mulher, D. Maria de Lencastre, filha de D. Alvaro e D. Julianna, duques de Aveiro. Tiveram —

D. Rodrigo Xavier Telles de Menezes Castro e Silveira, 4.º conde e 12.º senhor de Unhão, e de toda a casa de seus paes, que era uma das mais ricas de Portugal, no seu tempo, pois, alem do senhorio do concelho e honra de Unhão, eram tambem senhores dos concelhos e honras de Cepães, Gestaçô, Meinêdo e Ribeira de Soaz; e dos coutos de Parada de Bouro e Pouzella; e das commendas de Ourique (da ordem de S. Thiago), Santa Maria d'Alcaçova, de Santarem—Nossa Senhora de Souzel — Santa Maria, de Pernes — Arruda dos Pizões — e Azoia (da ordem de Aviz) de S. Matheus, de Soure, e dos Casaes, no termo de Cintra (da ordem de Christo). Foi coronel de um regimento de ordenanças da côrte, do conselho de guerra, e védor da fazenda, da repartição do reino; gentil-homem da camara de D. João V; deputado da junta dos Trez Estados (cujo logar serviu 40 annos!) governador e capitão-general do Algarve.

Casou, a 29 de janeiro de 1702, com D. Victoria de Távora, filha de Miguel Carlos de Távora, 2.º conde de S. Vicente, e de sua mulher. D. Maria Caetana da Cunha, filha e herdeira de João Nunes da Cunha, 1.º conde de S. Vicente. Tiveram —

D. João Xavier Telles de Menezes e Castro, 5.º conde e 13.º senhor de Unhão, e de toda a casa de seus paes.

Nasceu a 13 de janeiro de 1703, e foi seu padrinho do baptismo, o principe D. João, depois rei, 5.º do nome.

Foi coronel do regimento de infanteria de Lagos, quando seu pae era governador e capitão-general do Algarve. Depois, passou no mesmo posto, para o regimento de Cascaes. Em 1750, foi feito deputado da junta dos Trez Estados, e no mesmo anno, nomeado gentil-homem da camara de D. João V. Em 1751, foi promovido a general de batalha, e governador das armas da Beira. Em 1752, foi por embaixador á côrte de Madrid. Casou, a 28 de agosto de 1741, com D. Maria José da Gama, marqueza de Niza, da qual teve 6 filhos, sendo o primogenito —

D. Rodrigo Xavier Telles de Castro e Silveira, que foi 6.º conde e 14.º senhor de Unhão, herdando, não só a casa de seu pae, mas tambem a de sua mãe, pelo que ficou sendo, conde de Unhão, e da Vidigueira, marquez de Niza, senhor do almirantado do mar da India, e dos mórgados de Boquilobo, de S. Matheus, de Santo Eutropio, da Foz; e dos casaes de Niza, Cascaes, Unhão, Castanheira, e Castro Daire.

D'esta maneira se reuniram em um só individuo, o marquezado de Niza, e os condados de Unhão e Vidigueira.

—

As armas d'esta familia, são — escudo esquartelado — no 1.º quartel, as armas de Portugal — no 2.º, as dos Telles e Silvas — no 3.º, as dos Mascarenhas — e no 4.º as dos Castros (das seis arnellas.)

—

Os condes de Unhão, como senhores donatarios d'esta villa, nomeavam todas as justiças e tinham um escrivão privativo, para instituições de prazos, execuções e penhoras por dividas á casa.

O concelho de Unhão, tinha dez freguezias.

Os seus paços do concelho deixaram de existir ha muitos annos e d'elles não ha o menor vestigio.

Foi abbade d'esta freguezia, conego da Sé de Braga, conego da collegiada de Guimarães, abbade de Tolves, e raçoeiro de S. Gens (!) o padre *Gonçalo Gonçalves Peixoto*, que, em 1222, instituiu o mórgado (como capella) no mosteiro de Pombeiro, de Riba Visella, chamado *mórgado de Pousada*, do qual é solar a quinta de Pousada, na freguezia de Azurem, suburbios de Guimarães, pertencente a uma familia da primeira nobreza, da provincia do Minho, de appellido *Pinto de Carvalho*.

—

Ha n'esta freguezia a irmandade de Nossa Senhora, com um fundo de quarenta contos de réis, e que tem prestado aos irmãos — que são quasi todos parochianos — relevantissimos serviços.

Em 1871, esta irmandade, comprou ao ultimo marquez de Niza, [1] o antigo e vasto palacio que os condes de Unhão tinham n'esta freguezia, convertendo-o em um excellente hospital para os irmãos.

O avultado capital da irmandade, é por estes sitios um grande beneficio para a lavoura, porque é emprestado por módico juro aos lavradores d'aquella e d'outras freguezias circumvisinhas, desempenhando portanto a irmandade o verdadeiro papel d'um banco rural, bem gerido e administrado. D'aqui se vê quão salutares e beneficos são os resultados d'aquella instituição religiosa, mesmo considerados temporalmente.

Olhada só pelo lado religioso, é tal a sympathia que adquiriu por todos aquelles sitios a irmandade, que raras são as pessôas que n'ella se não acham filiadas. Cada irmão que fallece, gosa, segundo os estatutos, de muitos suffragios, sendo que n'esta e n'outras vantagens que aos irmãos proporciona a irmandade, todos são tratados egualmente; a

[1] O ultimo marquez de Niza, morreu nos Pyreneus, em agosto de 1873.

todos se faz o enterro da mesma maneira, e todos disfructam as mesmas graças espirituaes, quaesquer que sejam as differenças de meios de fortuna ou de categoria social. Na verdade o ideal da verdadeira democracia só na Egreja se encontra realisado, e a todas as instituições que brotam d'essa arvore fecundissima, vivifica-as a mesma seiva. Em vista da falta de ecclesiasticos que hoje se nota por toda a parte, é alli muito difficil, ás familias mais gradas e abastadas da terra, fazer a qualquer dos seus membros um enterro tão decente como faz a irmandade ao mais humilde de seus associados.

A auctoridade civil entende serem demasiados os suffragios assignados a cada irmão, e quer obrigar a irmandade a que os reduza a quasi nenhuns. Tal medida é vexatoria, prejudicial e cruel. Aos suffragios deve a irmandade o seu engrandecimento, e a seu engrandecimento os beneficios, mesmo temporaes, que está produzindo. Se lhe cortam os suffragios, a instituição decairá, e afinal morrerá, porque irá diminuindo o numero dos que n'ella se inscrevem. Além d'isso, os irmãos teem direito a que se façam a suas almas, depois de fallecidos, aquelles suffragios que a irmandade instituiu. Aquella gente de fé, é a que salva e ha de salvar a sociedade, por isso mesmo que pensam no destino do homem além campa, crendo nos dogmas catholicos, que se referem aos novissimos do homem, e não são dos que enentendem que com a morte acaba tudo ... Se de tal se convencessem, então os proprios poderes publicos seriam os primeiros a dar força ás irmandades para augmentarem em logar de diminuir os suffragios, se não quizessem arder tambem no incendio.

—

Conta esta irmandade mais de dous seculos de existencia. O decurso e exigencias dos tempos, tornaram necessaria a reforma de seus estatutos, e a ella se procedeu. Discutidos e organisados que foram, subiram á approvação do governador civil do Porto, e ahi, depois de satisfeitos leves reparos, foram approvados por alvará de 22 de outubro de 1871.

Mais tarde, pelo ministerio do reino, baixou a portaria de 1 de março de 1872, em virtude da qual o governador civil cassou aquelle alvará, e ordenou a confecção de novos estatutos, em que se observassem as condições, que indicou até ao n.º 11.º, as quaes foram cumpridas pela irmandade, excepto a terceira, que mandava reduzir o culto e os suffragios, e a septima, que mandou fixar a esmola aos padres; isto pelos inconvenientes que ponderou.

Em vista d'esta unica excepção, baixou, pelo mesmo ministerio, a segunda portaria de 14 de abril de 1874, que de novo mandou cumprir as referidas condições, desattendendo as razões da irmandade, fundadas no direito sagrado ao culto e suffragios, dizendo a mesma portaria que a lei da irmandade, é o estatuto, que se *modifica pelo mesmo modo porque se faz*: o que não convence de modo algum, porque se a irmandade instituiu aquelle culto e os suffragios, e os quer conservar, onde está a lei que obriga a taes modificações? A irmandade reconhece o direito e a obrigação que tem o governo de exigir que no compromisso se estabeleçam as providencias necessarias para que se consigam os fins da associação, seja regular a sua gerencia, e se evitem as fraudes e descaminhos, mas se a lei commette á mesa e maioria dos irmãos, a deliberação e organisação do seu compromisso, e já desde a sua origem (1690), o culto á Virgem, as graças espirituaes e os suffragios, constituem o fim da irmandade, como, a não ser pela força e prepotencia, póde ella ser constrangida a cortar por tudo isso?

Não obstante, a irmandade, na ultima confecção de estatutos, fixou a esmola aos ecclesiasticos pelos actos do culto e suffragios segundo o uso e praxe actual, e, no que toca a suffragios, reduziu as 18 capellas de missas ao n.º de 13, cuja reducção equivale á suppressão de 208 missas, e reduziu mais as cinco missas de noticia, por qualquer irmão finado, a duas; e regulando os obitos de 60 a 70, ficam supprimidas annualmente 400 e tantas missas.

No culto, propriamente dito, ha a festividade annual da Padroeira, sem fausto, e apenas com a decencia precisa. — Que se

ha de reduzir? Querem que se extinga, sendo a religião catholica a do Estado?

Fez-se, é verdade, a reducção; mas a irmandade foi franca, e disse — que ao esplendor do culto, e á maior copia de suffragios devia o seu incontestavel augmento e prosperidade; que se o culto e os suffragios tocam ao espirito, cuja esphera está acima do poder humano, em vez de regatear, cumpria aos poderes publicos da terra respeitar a consciencia do homem livre, mantendo-os em toda a sua plenitude. Ao mesmo tempo declarou a irmandade que a necessidade resultante da falta de padres para dizer as missas os obrigava a reduzir.

Pela terceira vez, e com a modificação referida, sobem os estatutos, e o governador civil, sem dar por esta, officia ao ministerio do reino para que *lhe indique o procedimento que deve ter* (com a irmandade) *para fazer executar as ordens do governo*, e este na portaria de 21 de setembro ultimo—*Manda ao governador civil, que faça subir os estatutos da irmandade, e que os corrija e emende nos pontos em que a irmandade o não fez! Credite posteri!* E' mister que a irmandade siga os passos do Cabido de Bragança! E' necessaria a resignação; mas tambem é necessario que se diga, que todo o mal e toda a guerra que a irmandade soffre, parece vir da fatalidade de possuir um capital de quarenta contos, o que é de mais para irmandade de aldeia; não se tendo em consideração que ella tem o seu hospital, cuja casa e obras lhe custaram mais de seis contos. Não é pois só com os padres que ella gasta o seu rendimento. Em verdade é singular que se exija d'esta irmandade o que a nenhuma outra se obriga, havendo outras por esse reino, em egualdade de circumstancias.

O acerto salutar do seu antigo estatuto—fundamento do actual — e a bôa gerencia que os seus livros attestam, de pequena que era tornou-a grande e florescente. E' por isso mesmo que não convém este *fóco de reacção!*

Intervenha a auctoridade, estreitem-se as linhas, e os arautos da liberdade e egualdade, clamem e digam que a irmandade vae e está mal vista. Uma commissão magna substitua a sua meza, e reduza-se, emquanto se não póde extinguir. O seculo progride, e o progresso não admitte estas anomalas antigualhas.

UNHOS — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado e 12 kilometros ao N.E. de Lisbôa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 114.

Orago, S. Silvestre, papa.

A casa de Bragança, apresentava o prior, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Segundo o *Cathalogo dos bispos de Lisbôa* do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, esta egreja foi fundada por D. Matheus, 16.º bispo de Lisbôa, em 1277. (4.º vol., pag. 269, col. 2.ª; pr.),

No cartorio d'esta egreja, porém, ha um documento, pelo qual consta que esta egreja já existia em 1257.

O que me parece provavel, é que a egreja já existia quando D. Matheus foi feito bispo, em 1259, e que foi este prelado que a elevou a matriz de uma freguezia que então creou.

Antes dos repetidos reparos e reconstrucções que tem tido esta egreja, existia, embebida em uma das suas paredes, uma lapide com esta inscripção —

JVLIVS : ITALICVS ; AVGVS : TAL :
H. S. E.

(Aqui jaz, Julio Italico, sacerdote de Augusto).

O apparecimento d'esta lapide, deu causa a dizerem alguns, que existiu por estes sitios um templo romano; porém é mais provavel, que a pedra viesse do mosteiro de Chellas, quando elle foi de vestaes.

Está esta freguezia situada em terreno pouco accidentado, junto do rio Friellas, ou de Sacavem, que o réga e fertiliza.

Ha n'esta freguezia, um pôço, cuja agua dizem ser remedio efficaz para a cura da dôr de pedra.

Ha por toda a parochia, varias e bôas quintas, sendo uma d'ellas, a da *Malvazia*, que foi do doutor *Gaspar Pereira do Lago*, corregedor do crime, da corte, que o famoso *rei da Ericeira*, mandou enforcar, por não

querer seguir o seu partido. (Vide no artigo *Torres Vedras* o § *Rei da Ericeira*).

D'este Gaspar Pereira do Lago, procedem varias familias nobres do norte do reino, tanto em Braga, como em Penafiel e outras terras; mas o actual representante d'esta linha, é a sr.ª D. Maria Felizarda Pereira do Lago PortoCarreiro, senhora do mórgado de Semêlhe, hoje unido á casa dos Bandeiras, da rua de Traz da Sé, da cidade do Porto, pelo casamento d'esta senhora, com o sr. Henrique Freire d'Andrade Coutinho Bandeira, fidalgo da casa real, e que procede dos Freires de Andrade, de Leomil.

—

Foi n'esta freguezia o solar da familia *Rio*, appellido nobre em Portugal, vindo da Galliza.

Fernando Ayres do Rio, veio com seus filhos para este reino, no tempo de D. Affonso V.

Seu neto, *Lopo Mendes do Rio*, foi senhor de Unhos e Friellas. Instituiu mórgado, em uma capella do claustro do mosteiro de Bemfica.

Os Rios, trazem por armas — em campo verde, um castello de prata, sobre um contrachefe de ondas, e, em chefe, trez flores de liz, d'ouro. Timbre, uma aspa verde, carregada de trez flores de liz, como as do escudo —

Outros do mesmo appellido, trazem por armas — em campo de púrpura, uma torre de prata, com ameias, sobre ondas de azul e prata — contrachefe estreito, de verde, e nas ameias uma cara humana e duas flores de liz, d'ouro, de cada lado.

Ha ainda outra familia do mesmo appellido, mas que não descende dos senhores de Unhos. A sua origem em Portugal é a seguinte;

Christovam do Rio, veio das Asturias para este reino, no tempo de D. João III, e este rei lhe confirmou as armas que trazia, em 1530. São — em campo d'ouro, duas faxas d'ondas. Orla de prata, perfilada de negro, carregada de cinco cabeças de sérpe, verdes, lampassadas de púrpura, cortadas com sangue. Timbre, uma das cabeças de sérpe.

—

Na pequena aldeia do Catijal, d'esta freguezia, está a ermida de N. Senhora da Nazareth, entre quintas e casas de campo, e cercada de collinas, povoadas de vinhas e pomares. Aos lados do altar da Senhora, se veem uns quadros representando algumas scenas da vida da S. S. Virgem, e entre elles, o milagre que a Senhora de Nazareth, da Pederneira, fez a D. Fuas Roupinho.

Na pianha sobre que está a Senhora, se lê esta inscripção —

ESTE RETABULO MANDARAM
DOURAR E PINTAR OS DEVOTOS
DE NOSSA SENHORA, DE LISBÔA.
ANNO 1612

A capella-mór, de abobada, é a parte mais antiga do templo, e o corpo da egreja, foi construido ha pouco mais de 200 annos, como se vê da inscripção, gravada em uma pedra, sobre a porta principal, que diz —

Á VIRGEM DE NAZARETH
EDIFICARAM ESTA IGREJA OS
SEUS DEVOTOS, OFFICIAES E
MÓRDOMOS, DE LISBÔA, SENDO
IUIZ, SEGUNDA VEZ, MANOEL
RIBEIRO DE LIMA; DERRUBANDO SE
HUMA PEQUENA E ANTIGA ERMIDA, POR ARRUINADA, NESTE
SITIO EM QUE ESTA IGREJA SE
FUNDOU, EM O ÁNNO DE 1676.

Em frente da ermida, a distancia de uns 150 metros, junto da estrada, está uma copiosa fonte, cercada de frondosos freixos, e amendoeiras; e junto a ella, um cruzeiro. E' um sitio formosissimo.

URGEIRA — aldeia, Minho, extra-muros da praça de Vállença, a cuja freguezia, (N. Senhora dos Anjos) comarca e concelho pertence.

Está situada junto á estrada que conduz á praia, em um formoso local, sobre a esquerda do rio Minho, e quasi em frente de Tuy.

Ha aqui a bonita ermida de Nossa Senhora da Saude, á qual se faz uma explendida festa e concorridissima romaria, no 1.º domingo de julho de cada anno; e outra a Santo Antonio de Lisbôa, no 1.º domingo depois de 13 de junho.

Em janeiro de 1877, foi feito barão da Urgeira (esta aldeia) o sr. Manoel Leite Ribeiro e Silva, nobilissimo caracter, e natural da praça de Valença, da distincta familia dos *Cereijinhas*, rico proprietario e possuidor da quinta que lhe deu o titulo.

O sr. barão, ensaiou n'esta sua quinta a cultura da beterraba, com magnificos resultados. Reconheceu-se que se desenvolve perfeitamente. A percentagem do summo é de 12 % d'assucar, nos exemplares d'este anno. Em annos em que as chuvas predominem no estio, ou a produzida em terrenos humidos ou muito estrumados, a percentagem então desce a 7 %. O anno passado ensaiou-se a distillação da beterraba e obteve-se aguardente, o que animou a este anno lhe dar maior desenvolvimento. Comprou-se uma machina de distillação continua, systema *Derosne*, que em 10 horas póde produzir 500 litros (1 pipa) d'aguardente de 22.° Cartier, ou 58.° centigrados.

O sr. commendador Jeronymo Leite Ribeiro e Silva, foi premiado com a medalha de cobre, pelo grande jury, da exposição viticula, do palacio de crystal portuense, em maio de 1880, pela sua aguardente de beterraba, de 24.° Cartier, da quinta da Urgeira.

Ha tambem aqui uma bôa fabrica de cortumes de couros de boi e vitella, que foram á exposição de Philadelphia.

—

Talvez que na Urgeira fosse o primeiro assento da actual villa e praça de Valença; mas é mais provavel que fosse em *Tuide*, freguezia da Gandara. Vide Gandara (a do concelho de Valença). *Tuide*, Tyde e Valença do Minho, no § da sua antiguidade e fundação.

URGEIRA ou **URGUEIRA**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal (foi da comarca da Covilhan, extincto concelho de Sortêlha), 24 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisbôa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 96.

Orago, Santo Antonio de Lisboa.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O vigario de Sortêlha, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de rendimento.

Pouco fertil. Muito gado de toda a qualidade, e caça grossa e miuda.

URGEZES ou **URGUEZES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 170 fogos.

Em 1768, tinha 114.

Orago, Santo Estevam.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido de Guimarães apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de rendimento.

No logar da *Fonte Santa*, d'esta freguezia, fundou S. Francisco um mosteiro da sua ordem, reinando D. Affonso II (entre 1211 e 1223.)

Depois (1290) mudou-se para dentro do cinto de muralhas, de Guimarães, junto á *Torre-velha*, onde depois se edificou o recolhimento das irmans da ordem terceira. (Vide *Guimarães*.)

Segundo o sr. Camillo Castello Branco (*A viuva do enforcado*, parte 1.ª, pag. 8) no Casal da Lage, d'esta freguezia, nasceu Gil Vicente, não o Plauto Portuguez, mas o ourives, que fez a famosa custodia dos Jeronymos de Belem.

URMAR — Vide Samuel.

URRA — Vide *Caiolla*.

URRÔ — freguezia, Douro, comarca, concelho e 5 kilometros a O. da villa d'Arouca, 54 a O. de Lamego, 18 ao S. do rio Douro, 50 ao S.E. do Porto, 75 ao E.N.E. de Aveiro, 300 ao N. de Lisbôa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 133.

Orago, S. Miguel archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

O antigo nome d'esta freguezia, era—*Valle d'Arouca*, e é assim que vem mencionado no *Portugal Sacro e Profano*.

As religiosas bernardas, do convento de Arouca, apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Está a freguezia formosamente situada, em terreno levemente accidentado, ficando-lhe ao S. uma extensa veiga (a que deve o seu antigo nome) cortada pelo rio Arda, que

fica a um kilometro de distancia da egreja. Esta, de architectura gothica, é o templo mais antigo que hoje existe em todo o concelho. Ao N. e proximo a elle, passa a nova estrada á Mac-Adam, que de Arouca vae a Cabeçaes, já concluida, e que está em construcção até entroncar com a estrada real de Lisbôa ao Porto. E' municipal.

Dous kilometros ao S. da egreja, passa a estrada districtal de Arouca a Oliveira de Azemeis.

Sobre um cabeço, uns 200 metros ao O. da egreja, está a antiquissima ermida de S. Lourenço, com seu alpendre, sustentado por columnas de granito, do qual por estes sitios ha grande abundancia.

No logar de Lourosa, a 3 kilometros da egreja, está a ermida de Santo Antonio. Ha tambem outra ermida, dedicada a Nossa Senhora da Lage. Antigamente, havia um oratorio, pertencente á familia do capitão-mór Vasconcellos, no logar da Cella; mas hoje, já não existe, nem a casa do capitão-mór, nem o oratorio.

Urrô, é nome proprio de homem (gôdo) assim como *Urrà*, é nome de mulher.

(Vide *Pombeiro*, quando fallo de *Mendo Vìegas de Sousa.*) [1]

Como todas as terras do formoso valle de Arouca, é fertilissima em todos os generos agricolas do nosso paiz, e cria muito gado. Nos seus montes, ha abundancia de caça, e o rio Arda lhe fornece algum peixe miudo. Do mar, que lhe fica a 40 kilometros a O., lhe vem bastante peixe, fresco e salgado.

URRO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 36 kilometros a N.E. do Porto, 335 ao N. de Lisbôa, 75 fogos.

Em 1623, tinha 35.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os religiosos do mosteiro de Cêtte, apresentavam o cura, que tinha 70$000 réis de rendimento.

O *Portugal Sacro e Profano*, não traz esta freguezia.

[1] Na Hespanha, ha varias povoações com o nome de *Urrô* e *Urrôs*.

Fertil. Gado, caça, e algum peixe miudo do rio Souza, que lhe passa a pouca distancia. Para a etymologia, vide a freguezia antecedente.

URROS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros ao S. de Moncorvo, 7 a N.O. de Foscôa, 155 a N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisbôa, 490 fogos.

Em 1768, tinha 252.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O real padroado, apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Não se póde comprehender tudo quanto vou dizer d'esta freguezia, sem se ler o que disse nos artigos *Almendra*, *Caliabria*, *Peré-do dos Castelhanos*, *Ravêna*, e *Senhora do Campo.* [1] Peço aos meus leitores, que leiam aquelles artigos, que não devo repetir n'este logar, o que seria sobremodo enfadonho.

Esta povoação é antiquissima, e já existia no tempo dos romanos, qualquer que fosse o nome que então tivesse — no que hoje ha duvidas e contestações.

O padre J. Contador d'Argote, na sua *Memoria do arcebispado de Braga*, liv. 2.º cap. x, § 656, diz —

«Tambem pretendem algumas pessoas cu-

[1] Cumpre-me aqui rectificar um erro, que, não sei como, deixei passar no artigo *Senhora do Campo.*

A pag. 113, col. 2.ª, d'este volume, disse que o sr. José Caetano Preto Pacheco, era padre, e prior da freguezia de Escalhão. Este prior, era o rev. Luiz José Ferreira de Carvalho, auctor das *Memorias historicas ácerca da cidade de Caliabria.* O sr. José Caetano Preto Pacheco, não é padre, mas bacharel formado em direito, pela Universidade de Coimbra, e distinctissimo advogado nos tribunaes do Porto, e que, como digo no referido artigo, corrigiu e ampliou o autographo do auctor. Peço perdão ao sr. dr. Preto Pacheco de lhe dar ordens de presbytero, sem eu ser bispo.

No momento em que estou revendo estas provas (julho de 1882) acabo de saber que, em Escarigo, falleceu a sr.ª D. Maria Emilia Pacheco, virtuosa e estremecida mãe do sr. dr. Preto Pacheco, e de seu irmão Francisco Maria Preto Pacheco, aos quaes dou os meus sinceros pezames.

riosas, que na provincia de Traz-os-Montes, junto ao logar de Urrôs, existia no tempo dos romanos, uma cidade chamada *Ravêna* de que ainda se mostram os vestigios, e confirmam isto, com a historia e martyrio de Santo Apollinario, de que alli se conservam actualmente as reliquias, com grande veneração e milagres. E não ha duvida, que em uma bulla do papa Innocencio IV, passada no anno de 1247, em confirmação das terras annexas ao mosteiro de Santo Estevam, de Riba de Sil, que traz Iepes, no Appendice do tomo 4.º, se confirma e annexa ao tal mosteiro, uma terra chamada *Ravenata*. Comtudo, eu entendo que tal cidade de *Ravéna*, não houve antigamente em Traz-os-Montes, e que as religiosas de Santo Apollinario, deram motivo a chamarem Ravêna, ás ruinas da povoação acima dita, que não duvido fossem de povoação romana; e a terra Ravenata de que trata a bulla de Innocencio, entendo ser perto do monte a que chamam *Rabanal.*»

O mesmo escriptor, na obra citada, liv. 3.º, cap. III. pag. 484, diz —

«Junto ao logar de Urrôs, que dista 3 leguas da villa de Moncorvo, para a parte do sul, defronte de uma egreja, da invocação de Santo Apollinario, fica para a parte do poente da dita egreja, um cabeço, levantado com bastante aspereza para se poder subir ao alto d'elle. A corôa d'este outeiro, está cercada de muros mui fortes, segundo se colhe dos vestigios que ainda permanecem, e tambem dos vestigios de alicerces de casas, se vê houve ali ántigamente povoação. Para a parte do norte, na raiz dos sobreditos muros, no fundo de uns altos rochedos, está uma concavidade subterranea, a que o vulgo chama o *Buraco dos mouros*, e por dentro, tem largura bastante para andarem cinco ou seis pessoas emparelhadas. Houve pessoas que intentaram investigar o comprimento e fim d'esta notavel concavidade, mas, á vista do muito que corria para o interior, desistiram da empreza: só depôem, que dentro, acharam largos, formados á maneira de casas, etc.»

No § seguinte (788) diz —

«Os moradores do logar de Urrôs, aos vestigios da povoação que dissemos existiam na corôa do outeiro, que lhe fica defronte, chamam *Ravêna*, e dizem que alli foi a antiga cidade de Ravêna, em que foi martyrisado Santo Apollinario, cujo corpo, dizem, se conserva no logar de Urrôs.»

—

Esta freguezia, tinha fôro de villa nos principios da nossa monarchia, mas nunca teve foral proprio, regia-se pelo da Torre de Moncorvo.

Dou agora as noticias mais recentes, que devo ao obsequio de um cavalheiro d'estes sitios, assignante d'esta obra.

O corpo do santo martyr, Apollinario, bispo de Caliabria, está guardado em um lindo tumulo, na grande capella da invocação do mesmo santo, (e não na egreja matriz, como alguns escriptores dizem.)

Esta capella, fica a 5 kilometros ao N. do monte *Calábre*, onde existiu a famosa cidade episcopal de *Caliabria.*

Segundo a lenda, os mouros amarraram o santo a dous bravos touros, e o levaram arrastado, desde Caliabria até ao logar onde está a sua capella, atravessando o Douro, da Beira-Baixa para Traz-os-Montes. Tudo isto está representado, em relevo, no tumulo do santo, e isto é — os touros e os mouros que os acompanhavam.

A terra que cobria o corpo do santo, tem sido quasi toda tirada por um buraco, feito de proposito para isso; porque o povo acredita, que bebendo uma pitada d'esta terra, misturada com agua, é remedio infalivel para curar as febres intermitentes, por mais antigas que ellas sejam.

O tecto da ermida, é apainelado, e em cada um dos quadros, estão as imagens de varios santos, primorosamente pintadas a oleo.

Junto á capella, ha um grande cipreste, denotando muita antiguidade, e, diz a mesma lenda, que nasceu de uma gota d'agua, que o santo alli vasara de uma cabacinha, que tinha enchido quando passou o Douro. (A cabaça tambem se vê gravada no tumulo.)

Tambem proximo á capella ha um chafariz de optima agua potavel; e diz-se que está clara, quando o Douro (que fica a 3 ki-

lometros ao S.) corre limpido; e se faz turva, quando o rio tambem assim vae.

A festa do santo, não se faz no seu dia proprio, mas em agosto. E' uma pomposa e concorridissima romaria.

A pouca distancia da capella de Santo Apollinario, está o alto, chamado do Castello, de grande elevação, e no seu cume se vê a ermida de *Nossa Senhora dos Prazeres* ou *do Castello*, tambem muito antiga.

N'este alto, ha uma grande caverna (a de que falla Argote) feita na rocha, e que passa por baixo da ermida da senhora, e diz o povo que isto foi habitação dos árabes, e é por isso que lhe dá o nome de *Buraco dos Mouros*, ainda que dá indicios do ser antes obra romana, pela sua perfeição, e provavelmente mina metalica.

A entrada está coberta d'heras e outras parietarias, e é hoje habitação predileta de aves nocturnas.

Em volta da ermida, ha uma cêrca, que foi pomar, e ainda conserva algumas arvores antiquissimas.

Em algumas escavações que se teem feito junto á ermida, appareceu um portal completo e varias pedras de granito, *apparelhadas*, qualidade de pedra que não ha n'estes sitios — onde só existem rochas de schisto e quartzites; do que se conclue que vieram para aqui de algumas leguas de distancia.

No seculo passado, foram aqui achadas varias moedas de ouro, prata e cobre, e outros objectos d'ouro. Ainda em 1852, se acharam aqui bastantes moedas romanas de ouro e prata, e uma grande pia, tambem de granito.

A uns 2 kilometros d'este monte, ha outro, chamado *da Matança*. Segundo a tradição, houve aqui uma grande batalha, entre christãos e mouros, *não escapando nem um só d'estes*. Disseram-me que ainda por alli existem restos de ossos humanos, o que me custa a acreditar. Ha n'este monte grande abundancia de coelhos e perdizes.

Ha tambem vestigios de minas de ferro, não só pelos restos de galerias, como por grande porção de escorias de ferro.

Junto a este monte, está a grande *quinta do Batucho*, mandada fazer pelo conego Pontes, que foi casado e lavrador, e depois de viuvo, foi estudar para o Seminario de Braga, e pelo seu muito saber, chegou a ser conego. Morreu em 1855, com pouco mais de 50 annos— dizem que, envenenado por uma criada, para lhe ficar com o dinheiro que possuia. Deixou muitos bens aos seus herdeiros.

—

Ha n'esta freguezia, minas de chumbo, estanho, enxofre, ferro e carvão; mas nenhuma se explora. No sitio chamado da *Ferraría*, ha vestigios de antiga lavra de minas, e uma nascente de aguas ferreas, que ainda não foi devidamente analysada, mas da qual muitos teem usado com bons resultados, para a cura de molestias do estomago.

Ha tambem um sitio, chamado *Sarzêda*, que foi uma antiquissima povoação, da qual ainda ha vestigios. Chamava-se *Tral'a-Aldeia de-Sarzêda*.

No *Valle da Gafaria*, ha uma fonte do mesmo nome, cuja agua causa a quem a bebe, ou um padecimento cutaneo, ou *se enche de piôlhos!* (Causará!...)

Na serra da *Machuqueira*, tambem chamada de *Minde*, ha, no mais alto d'ella, um monstruoso penedo, a que, pela sua fórma, dão o nome de *Redondo*, que se suppõe ser um monumento megalithico (anta) [1].

Do alto d'este penedo se avista uma grande extensão de territorio, não só de Traz-os-Montes, como do Douro e das duas Beiras.

Proximo a este penedo, ha uma gruta natural, a que deram o nome de *Fraga do Lapão*, com capacidade para recolher 400 bois! — Com effeito, os pastores ali recolhem os seus gados, nas horas de maior calor, no verão.

—

E' tradição que a primeira egreja matriz d'esta freguezia, foi a actual capella de Santo Apollinario. Que depois se construiu uma nova egreja no sitio dos *Lameirões*, a uns 300 metros da actual, e que, sendo destruida pelos mouros, se fez a que agora existe, no seculo XI, ou principios do XII. Tem tido va-

[1] *Megalitho*, é uma palavra grega, composta — significa — *pedra erguida*.

rias reconstrucções, e ainda em 1859 se lhe construiu o novo frontispicio; mas logo no anno seguinte, um terramoto lhe causou grandes prejuizos, destruindo-lhe quasi toda a abobada e causando varias brechas nas paredes. Hoje está restaurada, e é um bom templo.

Dizem outros escriptores, que destruida a egreja dos Lameirões, como fica dito, o povo não a quiz reconstruir no mesmo sitio, por ser muito insalubre. E' certo que existe alli a fonte chamada do *Pelameiro* (contracção de *Ao pé do Lameiro*) cuja agua, bebendo-se continuadamente, produz carbunculos e outras molestias cutaneas.

Junto a esta fonte, ainda ha uma casa, fórnos, e ruinas de outras casas, do tempo que n'este sitio estava a egreja. E' um valle muito bonito, ficando-lhe sobranceiros, os montes do *Poio* e *Matança*. Em 1862, andando aqui um individuo a lavrar, achou uma sepultura, com um esqueleto dentro, e coberta com uma lousa.

—

A actual povoação de Urrôs, está em sitio vistoso e saudavel, em uma elevação, d'onde se avistam muitas serras, incluindo as da *Estrella*, *Gata* e *Marão*; e se vê distinctamente a egreja da Sé da Guarda, apezar de ficar a 70 kilometros de distancia, ao S.E.

O seu territorio é fertil em cereaes, vinho, azeite, fructas — principalmente amendoas — e outros generos agricolas. Tambem cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes, ha abundancia de caça.

E' tambem esta terra abundante de minas de ferro, e em muitas partes se encontram vestigios de lavra d'este metal, em ponto grande.

Ha tambem nas faldas da serra, no sitio dos *Fornias*, restos de fórnos de cal, e uma pedreira de carbonato de cal, que hoje se não explora.

Ha n'este sitio um tosco cruzeiro, e diz a lenda, que está no logar onde *Santo Eufrazio* (?) appareceu a um lavrador.

Tem o povo tal devoção à este cruseiro, que, quando tem alguma rez doente, a leva alli, a dar trez voltas em roda do cruseiro, acreditando que com isto fica san. Tentam fazer aqui uma ermida ao tal santo; e, em 1853, pouco mais ou menos, morreu um lavrador, que mandou, por testamento, fazer aqui um cruseiro novo, egual ao muito elegante que está junto da ermida de Santo Apollinario, e dedicado a Nossa Senhora da Piedade. Os herdeiros ainda não cumpriram a tal clausula do testamento.

—

Ao N. da freguezia, está um âlto cabêço de fórma pyramidal, chamado *Cabecinha Aguda*, tendo no vertice uma meza de pedra obra da natureza. Junto a ella estão quatro marcos, que dividem as freguezias de *Urrôs*, *Maçôres* e *Mós*, do concelho de Moncorvo, e *Ligares*, do concelho de Freixo de Espada á Cinta; pois todas estas quatro freguezias aqui terminam. Antigamente, todos os annos aqui se reuniam os quatro juizes eleitos respectivos, com *homens bôos* (louvados) e, depois de um bom jantar, pago pelas quatro freguezias, se faziam uma especie de accordãos, para que os gados não pastassem em territorio de freguezia differente da de seus donos.

—

Em 1869, appareceu em um areial da margem direita do Douro, chamado da *Brulha*, limites d'esta freguezia, um barbo, que pezou NOVE ARROBAS (!) Tinha engulido o anzol que lhe lançaram uns pescadores, mas só foi achado depois de morto, e corrupto, já devorado em parte, pelas aves de rapina. Por muitos annos os pescadores tentaram pescar este verdadeiro monstro (da sua especie), que só então morreu. Disseram-me, que já por varias vezes tinha engulido os anzóes, e que era de tanta força, que, quando fugia com o anzol, fazia virar os barcos dos pescadores. Faria.

Apezar do escabroso do sitio, muita gente foi alli vêr e admirar o esqueleto do tal peixe, cuja cabeça era maior do que a de um boi.

N'este sitio do rio, se teem pescado outros peixes, da mesma especie, de grandes dimensões, alguns de trez e quatro arrobas de pêso.

O cavalheiro que me contou isto, é pessoa muito séria e de

toda a verdade; mas estou certo que se engana quanto á denominação dos taes peixes, e que, em vez de *barbos*, serão *sôlhos*.

Antigamente, havia n'estas serras muitos porcos montezes, e bastantes lobos, o que era objecto de divertidas montarias; mas desappareceram, desde que, em 1821, se lançou fôgo ao monte onde estas féras se acoutavam, chamado da *Pucheira*. Era uma selva impenetravel, coberta de corpulentas arvores silvestres e densissimos medronheiros, carrascos, amendoeiras bravas, zimbros, etc.

Durou o fogo, mais de 60 dias.

—

Houve n'esta freguezia, em tempos antigos, uma nobre familia, de alcunha — *os Mocancas* — D'ella descendem os actuaes srs. *Pimentas*, proprietarios muito ricos e geralmente respeitados e estimados pelas suas excellentes qualidades. Ainda ha poucos annos viviam oito irmãos — duas senhoras, muito virtuosas, trez clerigos seculares, um frade, e dous seculares. Seu pae, foi capitão do exercito realista, e um fiel servidor do sr. D. Miguel I. Apezar de ser um intrepido guerreiro, todos o amavam, pelo seu bom coração e pela sua muita caridade, sendo o amparo de todos os desvalidos. Ainda vivem cinco de seus oito filhos — sendo uma das senhoras, e quatro cavalheiros — um d'elles, é o rev. sr. Alexandre Thomaz Pimenta de Souza, abbade d'esta freguezia. Seu irmão, e que reside na casa de seus paes, é o sr. doutor, José Maria Pimenta de Sousa, que por varias vezes tem sido administrador d'este concelho. Casou em Ligares, com a sr.ª D. Amalia Esteves de Mello Falcão, filha de um capitão, tambem do exercito realista, e irman do sr. Antonio Maria Esteves de Mello Falcão, que têm sido deputado ás côrtes.

O sr. abbade, a uma vasta instrucção, reune todas as optimas qualidades de seu sempre chorado pae, e seus quatro irmãos, que ainda vivem, em nada degeneram da nobre e antiga raça dos Pimentas.

—

Vive n'esta freguezia, um individuo, que nasceu em fevereiro de 1775! Goza perfeita saude, conserva todos os dentes, e não tem receios de morrer tão cedo! E' pae do sr. José Antonio Sanches, que tem 61 annos, e não é dos filhos mais velhos.

O tal macrobio tem visto nada menos de SETE reinados — D. José I; D. Maria I e D. Pedro III; D. João VI; D. Miguel I; D. Maria II; D. Pedro V; e D. Luiz I.

Para a etymologia, vide o primeiro *Urrô*.

URROS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 24 kilometros ao N. de Miranda, 480 ao N. de Lisbôa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 130.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Sendim, apresentava o cura, que tinha de rendimento, apenas o pé de altar.

Fertil, gado e caça

A gente d'esta freguezia, pela sua visinhança com a Galliza, falla mais gallego que portuguez; mas nem por isso detesta menos os gallegos, do que os mais arraianos portuguezes.

USSO — portuguez antigo — *urço* — Vide 4.º vol., pag. 459, col. 1.ª (*Pinhal do Usso.*)

USSO ou **PINHAL DO USSO** — Douro, na freguezia de Lávos, comarca da Figueira.

N'este sitio do *Usso*, está a ermida de *Nossa Senhora das Ondas*, cuja lenda é a que se segue —

Em 13 de junho de 1624, appareceu sobre as ondas do Oceano, perto do *Pinhal do Usso*, da freguezia de Lavos, uma imagem da S.S. Virgem, a qual foi achada por Fernando Affonso, que a trouxe para sua casa.

Vivia então em Buarcos, o padre Antonio Vaz, natural do Sebal (12 kilometros ao S. O. de Coimbra) e que alli (em Buarcos) ensinava latim, a D. Francisco Mascarenhas e D. Antonio Mascarenhas, filhos de D. Nuno Mascarenhas. O padre pediu a este ultimo, que mandasse construir uma ermida para a imagem apparecida, ao que o fidalgo annuiu, mandando logo proceder á requerida cons-

trucção, para a qual applicou as rendas da sua commenda de *Côxa*, que era n'aquelle territorio.

Em razão de ter a imagem apparecido *sobre as ondas*, lhe deram o titulo de *Nossa Senhora das Ondas*.

Consta que esta imagem pertencêra a uma freira franciscana, do mosteiro de Monchique, no Porto, e a deu a um seu irmão, chamado Luiz Alves, o qual, indo para o Brazil a levou na sua companhia. Quando o seu navio estava apenas a 25 kilometros da foz do Douro, e em frente do castello da Feira, foi atacado por trez naus hollandezas, [1] que eram herejes. Luiz Alves, temendo os desacatos que os hollandezes fariam á santa imagem, preferiu lançal-a ao mar, no dia 30 de maio d'aquelle anno de 1624, indo, como vimos, ter á praia de Lavos, d'ahi a 14 dias.

O dito padre Antonio Vaz, que foi o director das obras da ermida, morreu em casa de seu antigo discipulo, D. Francisco Mascarenhas, que morava na sua quinta do Val de Chellas, arrabaldes de Lisboa.

Note-se que a imagem *é de pedra*, de meio metro de altura. E' provavel que o mar a arrojasse á praia, e que Fernando Affonso (o que a achou alli) para tornar o facto milagroso, dissesse que a Senhora veio sobre o dorso de uma onda, o que o povo crente d'aquelles tempos, facilmente acreditou

UVA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e 18 kilometros de Miranda, concelho de Vimioso (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Mogadouro) 450 kilometros ao N. de Lisbôa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 34.

Orago, Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Ala, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé de altar.

Fertil. Muito gado e grande abundancia de caça.

V

VAÇAL — Vide *Vassal*.

VACCA — antiga cidade da Lusitania, que, segundo a tradição, e as *Memorias* de varios escriptores, existiu soube um cabeço, perto da actual villa de Vouga (provincia do Douro; na freguezia de Lamas, concelho de Agueda) onde hoje se vê a ermida do Espirito Santo. Ainda alli se encontram tijólos, pedras lavradas, restos de paredes, e outros vestigios.

Segundo outros escriptores, a cidade de Vacca, existiu proximo a Viseu, onde são as famosas *Cavas de Viriato*. (2.º vol., pag. 215, col. 2.ª) Vide *Viseu*.

Diz-se tambem que Vacca, foi o primeiro nome do rio Vouga.

O que é certo, é ser *vacca* corrupção da palavra arabe *bacra* — animal domestico bem conhecido. Vem do hebreu *bacran*, que tem a mesma significação.

VACCALAR — aldeia, Beira Alta, no termo da cidade de Lamego.

Em 26 de julho de 1720, proximo a esta aldeia, em um matto, cavando certo lavrador, achou uma nascente d'agua. Como padecesse dos olhos, lavou-os com esta agua, e se achou

[1] N'esse tempo andava accesa a guerra entre Castella e os Paizes Baixos, e os portuguezes soffriam as consequencias d'essa guerra (com que nada tinhamos) não só dando aos Filippes, soldados, levados á força, para irem morrer em Flandres, mas concorrendo com dinheiro e navios para aquella guerra, e perdendo uma bôa parte do Brasil, que os hollandezes nos tomaram, e que só reconquistamos depois da restauração.

curado. Constou isso no povo, e os que padeciam da mesma molestia, obtiveram com a lavagem n'esta agua, egual resultado.

Para que o manancial fosse mais abundante, cavaram mais profundamente, e acharam então restos de um edificio, construido de cantaria lavrada; prova de que em tempos remotissimos, houve aqui umas thermas, provavelmente romanas.

Dá-se a este manancial o nome de *Fonte de Santa Anna.*

Nunca foi devidamente analysada esta agua.

VACCARIÇA — antiquissima povoação da Lusitania, e cabeça do couto do seu nome. Hoje pertence ao concelho da Mealhada, commarca e 9 kil. a N. N. E. da Anadia. 17 hil. ao N. de Coimbra, 3 ao O. do Bussaco, 220 ao N. de Lisboa, 560 fogos [1].

Em 1757, tinha 400.

Orago, S. Vicente, martyr. Bispado de Coimbra, districto administrativo e 36 kil. a S. E. de Aveiro.

O Collegio dos frades gracianos, de Coimbra, apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 150$000 reis de rendimento.

O rei D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, a 12 de setembro, de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 149, col. 2.ª)

No mesmo dia, mez e anno, se deu foral á villa da Mealhada, e se acha na col. 2.ª de fl. 149 verso, do mesmo livro.

A villa da Mealhada, é no districto d'esta freguezia e fica 3 kil. a E. da Vaccariça.

Na palavra Mealhada, fica descripto o que pude saber, pertencente à villa d'este nome. Aqui só accrescentarei o seguinte.

Em uma terça feira, 9 de novembro, de 1880, logo pela manhan, um pavoroso incendio reduziu a um montão de ruinas a casa da camara d'esta villa, não sendo possivel salvar-se, nem o archivo da camara, nem o da administração do concelho.

—

Supponho que o nome d'esta freguezia vem do antigo portuguez *Vacariz*, ou *Vacarís*, que significa, *couro* de boi, ou vacca.

[1] A villa da Mealhada, tem uns 450 fogos, e o resto da freguezia, 110.

Fica esta freguezia, 12 kil. ao O. de Cantanhêde, e 15 a O. de Luso. O concelho confina com o de Mórtágua (Districto Administrativo de Viseu) do N. E — com os da Anadia e S. Lourenço do Bairro, ao N. — com o de Cantanhêde, ao O. — com o de Ançan (extincto) ao S. O. — e, finalmente, com o de Coimbra ao Sul.

—

O concelho da Mealhada — ou da Vaccariça, como ainda muitos lhe chamam — é composto dos antigos coutos de Aguim, Cazal-Comba, e Vaccariça, que todos já existiam antes do principio da nossa monarchia.

Este concelho era do Districto Administrativo de Coimbra, e, por decreto de 24 de outubro de 1855, passou para o d'Aveiro. Um decreto de 10 de dezembro de 1867, o extinguia, encorporando-o no de Anadia, mas não teve effeito. Hoje é um dos quatro julgados do concelho da Anadia. Tem estação telegraphica, no Bussaco. Era couto dos bispos de Coimbra.

Houve aqui, o famoso mosteiro duplex, denominado *Bobulense*, fundado em 541. Parece que foi primitivamente de eremitas de Santo Agostinho, e depois de monges benedictinos.

É provavél que os mouros consentissem na conservação d'este convento, mediante certo tributo, como praticaram com o de Lorvão e muitos outros; porque na era de 1002 (964 de J. C.) quando todas estas terras ainda estavam em poder dos mouros [1] o diacono *Sandino*, doou ao mosteiro da Vaccariça, as suas herdades de *Roças e Penso.*

Grande numero de outras valiosas doações foram feitas até aos principios do seculo XI.º a este mosteiro, que chegou a ser um dos mais opulentos d'este reino.

Em 1064, fizeram os monges um inventario de todas as villas, coutos, e aldeias que possuiam (a maior parte, entre o Mondego e o Vouga) e, apezar de se conhecer então a sua grande riqueza, ainda esta se foi augmentando com mais doações.

[1] Só foram arrancadas do poder dos árabes, por D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão, em 1064 de J. C.

A egreja de São Salvador, de Coimbra, onde depois foi o *Collegio da Graça*, era *obediencia*, priorado ou hospicio, filial do mosteiro da Vaccariça, emquanto este não foi doado ao bispo de Coimbra [1].

Parece que no Bussaco, tambem houve um outro hospicio, pertencente a este mosteiro; porque nas obras que D. Manoel de Saldanha, bispo eleito de Viseu, e reitor da Universidade, mandou fazer no Bussaco, se se acharam vestigios de um antiquissimo e pequeno mosteiro.

D. Affonso VI, de Castella, Leão, Portugal, Galliza, etc, tinha feito governador de Coimbra, ao conde D. Raymundo, casado com a *rainha* D. Urraca, filha d'aquelle soberano, e irman da *rainha* D. Thereza, mulher do nosso conde D. Henrique. Este, conservou o cunhado no mesmo governo.

Em 13 de novembro de 1094 (de J. C.) D. Raymundo e sua mulher, doaram ao bispo de Coimbra e seu cabído, o mosteiro da Vaccariça, com todas as suas propriedades e rendas. N'essa doação se diz que este mosteiro «erat sub Regali, temporalique Potestate traditum.» O papa Paschoal II, confirmou esta doação, em 1101.

Os monges continuaram a viver no seu mosteiro, sob a obediencia dos bispos de Coimbra, até 1099, mas, desde esta data, não ha mais noticia d'elles. É provavel que costumados á sua antiga opulencia, se não quizessem sujeiar á pequena renda que o bispo e cabido lhes arbitraram, e abandonassem o mosteiro, hindo viver para outro da sua ordem.

Em 1557, o bispo-conde, D. João Soares, auctorisado por um breve do papa Paulo IV, de 22 de abril do mesmo anno, doou a egreja de S. Vicente, da Vaccariça, com as suas filiaes, *Luso*, e *Pampilhosa*, ao collegio de N. Snr.ª da Graça, de Coimbra, com todas as suas rendas. Os liberaes, venderam estas, em 11 de fevereiro de 1844, por 2:801$000 reis, a Manoel Ferreira de Azevedo, da Mealhada.

—

Hoje, do antiquissimo mosteiro da Vaccariça, nem o mais leve vestigio existe! Apenas consta, por tradição, ter sido fundado a 1 kilometro da villa, no sitio hoje chamado *Fieis de Deus*, logar sêcco e acanhado, e que a sua egreja (já então dedicada a S. Vicente, martyr) era a matriz da freguezia. É certo que por estas immediações têem apparecido, por varias vezes, differentes moedas antigas.

A actual egreja matriz, é um bom templo, de construcção moderna.

—

Carlos II, de Hespanha, morreu sem filhos, em 1700, deixando a coróa a seu sobrinho, Philippe, duque de Anjou, neto de Luiz XIV, de França.

O duque, foi acclamado, sob o nome de D. Philippe V, e assim se extinguiu em Castella a dynastia austriaca, pricipiando a de Bourbon, que ainda reina.

Varios principes da Europa se apresentaram como pretendentes ao throno castelhano, sem attenderem ao determinado no testamento de Carlos II, mas, por fim, só dous se resolveram a sustentar os seus direitos pelas armas. Foi o duque da Anjou, protegido pela maior parte da Hespanha, e pela França; e o archiduque Carlos de Austria, apoiado pela Allemanha, pela Inglaterra, a Hollanda, Saboia e Portugal, que a 16 de Maio de 1703, assignaram a famosa liga denominada *Grande alliança*, e que tanto sangue portuguez nos veio a custar.

Pouco depois que o duque d'Anjou foi acclamado em Madrid, o era o archiduque em Vienna d'Austria, a 12 de setembro do dito anno de 1703, sob o nome de D. Carlos III.

D. Pedro II, de Portugal, tinha annuido por ambição, á *Grande alliança*, porque n'aquelle tratado havia dous artigos secretos, pelos quaes o archiduque se obrigava a ceder ao rei portuguez, logo que subisse ao throno de Castella, as praças hespanholas de *Badajoz*, *Albuquerque*, e *Valença*

---

[1] No anno de 1093 «*em dias de D. Martinho Moniz, e de sua mulher Elvira Sesnandiz*» fez João Goudizendiz uma doação «*ad Aulam sancti salvatoris, Obedientiæ Vaccarizae, quæ est fundata in Colimbria Civitate, juxta illos Mirleus qui dicuntur.*» (Doc. original, do Cabido de Coimbra.) Para a significação da palavra *Mirleu*, vide 5.º vol., pag. 231, col. 1.ª

d'Alcantara, na provincia da Extremadura— e *Guardia, Tuy, Baiona* e *Vigo*, na Galliza; todas com suas fortalezas e respectivos territorios, *in perpetuum*. Alem d'isso, cedia tambem os direitos que tivesse, ou podesse vir a ter, nas terras das margens do Rio da Prata, na America.

O archiduque chegou a Lisboa a 7 de março de 1704, fazendo a sua entrada solemne, a 9. O que então se passou, a guerra que sustentámos com Castella e o seu resultado, fica extensamente narrado no 4.º volume, pag. 369, col. 1.ª e seguintes; aqui só tratarei do que diz respeito á Vaccariça.

Tinha o nosso D. Pedro II e o archiduque, resolvido que este entraria na Hespanha pela nossa provincia da Beira Baixa, e o rei quiz acompanhar o pretendente até a fronteira; pelo que, sahiu de Lisboa com uma faustosa e numerosissima comitiva, a 28 de março do dito anno de 1704, chegando a Santarem a 31, e alli esperou pelo archiduque, que chegou doente, e, como não melhorava, alli ficou tratando-se, sahindo D. Pedro II para o norte, a 3 de agosto.

Chegou a Coimbra a 8, sendo esperado na capella de N. Senhora da Esperança, pelo reitor da Universidade, D. Nuno Alvares Pereira de Mello (da nobilissima familia Cadaval) e os lentes — poucos, porque era tempo das ferias grandes — todos em carruagens, e o acompanharam até aos paços da Universidade, onde se aposentou.

A 17 do dito mez, foi publicado um decreto real, que concedeu seis mezes de ferias aos academicos do continente, e oito aos do ultramar.

Recebeu alli o rei, valiosos presentes. O cabido (*séde vacante*, por fallecimento do bispo-conde, D. João de Mello) lhe deu 4:800$000 reis, para a ajuda das despezas da guerra que se hia principiar — o reitor da universidade, para o mesmo fim, lhe deu seis contos de réis, tirados das rendas da Universidade. A camara e as freiras de Santa Clara, tambem lhe fizeram magnificos presentes de doces, aves, fructos, etc, que o rei distribuiu pelos fidalgos da sua comitiva.

Sahiu o rei e os que o accompanhavam, de Coimbra, a 23 de agosto, e n'esse mesmo dia foi dormir á Vaccariça. No dia seguinte (que era um domingo) foi visitar o mosteiro e cêrca do Bussaco, d'onde continuou a sua jornada.

Trez dias depois da sahida de D. Pedro II, entrou em Coimbra o archiduque (a 27) sendo esperado tambem na ermida de N. Senhora da Esperança, pelos mesmos que alli tinham hido esperar o rei portuguez, e com as honras que se costumam tributar aos legitimos soberanos.

Sahiu de Coimbra no 1.º de setembro.

Em quanto esteve na cidade, tambem recebeu valiosos presentes — O cabido, deu-lhe 50 grandes caixas de varios doces, 20 duzias de gallinhas, 13 duzias de perús, 4 duzias de carneiros, 30 patos, e 17 vitellas — O geral de Santa Cruz, deu-lhe 27 taboleiros de varias fructas, 12 caixas de assucar, 102 caixas de doces, de varias qualidades, 6 duzias de presuntos, e quatro grandes barris de manteiga. — A camara, deu-lhe 12 duzias de gallinhas, 4 duzias de perús, 4 duzias de patos, 2 duzias de carneiros e 12 vitellas.

Passou na Mealhada o resto do dia e a noite do dito dia 1.º de setembro, e no seguinte seguiu o itinerario do rei portuguez.

—

Pela villa da Mealhada, passam sempre as nossas pessoas reaes, todas as vezes que de Lisboa vão visitar as provincias do norte, e depois, no seu regresso á capital.

—

Em 23 de dezembro de 1876, por occasião de uma grande trovoada, cahiu um raio sobre o munumento do Bussaco (inaugurado a 27 de setembro de 1873) esmigalhando a estrella de crystal que o encimava, e causando-lhe outras avarías.

—

Para tudo o mais que diz respeito a esta freguezia, vide *Bussaco, Luso* e *Mealhada*.

VADAMALLOS — Vide *Badamallos*.

VADE — freguezia, Minho, concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez, 24 kilometros ao O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 64.

Orago, São Pedro, apostolo. Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade de Santa Maria d'Azias, apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 reis de rendimento.

Fertil. Gado, caça e peixe.

Vide a freguezia seguinte.

VADE — freguezia, Minho, no mesmo concelho, comarca, districto administrativo e arcebispado, e as mesmas distancias, pois fica contigua á antecedente.

Orago, São Thomé, apostolo.

115 fogos.

Em 1768, tinha 81.

Os condes da Barca, apresentavam o abbade, que tinha 700$000 reis de rendimento annual — isto, segundo o *Portugal Sacro*; mas, na realidade, o rendimento d'este beneficio, orçava por um conto de reis aproximadamente. Era uma das melhores abbadias do arcebispado.

As mesmas producções da freguezia antecedente.

Ambas estas freguezias formavam uma só, no principio da monarchia. Depois a segunda, separou-se da primeira, erigindo em matriz, a ermida, de São Thomé, que ficou sendo seu padroeiro.

O antigo nome d'estas freguezias (quando estavam unidas) era *São Pedro de Vaudi.* É corrupção do verbo árabe *bada* que significa principiar, começar etc. Era mais etymologico, escrever-se *Bade* (e é como os do Minho pronunciam.) Vide *Badim* e *Monsão.*

Nas *Inquirições* do rei D. Diniz, feitas em 1290, se achou que na freguezia de *S. Pedro de Vaadi,* se devassou o casal de *Pinham Verde*, que se escusava *per nem migalha, e da vida e gallinha e dado ao castello.*

Em vista d'isto, parece que houve aqui um castello de alguma importancia.

Teve annexa a freguezia de Covas. Ha n'esta freguezia a *Torre de Pousada* (talvez o *castello* de que fallam as referidas *Inquirições*) que foi de Fernão Velho de Araujo, e sua mulher, D. Anna Nunes Bezêrra, filha de D. Nuno Gonçalves Bezêrra, fidalgo gallego, casado com D. Isabel de Barros, da casa de S. Gil de Perre (hoje dos marquezes de Terena e Monfalim.)

D. Fernão Velho e sua mulher, são progenitores dos Araujos, do Minho. Seus filhos (do dito Fernão Velho e mulher) eram os padroeiros da egreja de Vade, e venderam o padroado e a *Torre de Pousada,* com sua quinta e dependencias, aos senhores (depois condes) da Barca.

Este D. Fernão Velho d'Araujo, era senhor das casas de Araujo e Lóbios, e dos coutos de Gindivi, Ojos, e Tormo, na Galliza.

Assassinando Lopo Soares, e commettendo outros crimes, fugiu para Portugal, deixando o que tinha na Galliza, a seu irmão, D. Gonçalo Rodrigues d'Araujo, que lhe deu em troca a quinta da Portagem, que depois foi de suas filhas, Dona Simôa de Araujo e Azevedo e Dona Maria d'Araujo e Azevedo, assim como a casa d'Araujo.

Esta Dona Maria, casou com Gaspar de Amorim Cerqueira Calheiros, que foram senhores da casa de Oliveira dos Arcos. Estes, tiveram, entre outros filhos, o leal portuguez Antonio de Araujo e Azevedo, que serviu em Tanger, e ficou captivo, na batalha de Alcacer Kibir. Resgatado por sua mulher, Dona Maria da Costa Táveira, regressou a Portugal, dando acolheita em sua casa, a D. Antonio, prior do Crato, que alli esteve algum tempo escondido. Sabido por Filippe 2.º, o mandou prender, e parece que morreu na cadeia.

Teve de sua mulher, varios filhos, e entre elles, a Manuel de Araujo e Azevedo, fidalgo da casa real, intrepido guerreiro da Africa, e depois, da India, para onde foi com o vice-rei, conde da Vidigueira (bisneto do famoso Vasco da Gama) em 1622, e foi capitão de Malaca. Indo por embaixador ao rei do Achem, ahi foi martyrisado, em odio da fé.

Descendem d'estes Araujos, além dos do mesmo appellido, no Minho, os capitães-móres e monteiros-móres de Valladares; os senhores de Valle de Poldras, e Campellães (junto de Lisboa) e outras nobres familias da ilha de S. Thomé, d'Angola, do Brasil, da India, da Galliza, e da Hollanda.

Tambem descendem d'este tronco, as nobres familias Araujo Gama, d'esta provincia.

Tambem d'estes Araujos procede Dona

Luiza de Castro Moura Telles, mulher de D. Nuno de Mendonça, conde de Val de Reis, dos quaes foram filhos, D. Lourenço de Mendonça, conde de Val de Reis, e D. Ruy de Moura Telles, thesoureiro-mór da Sé d'Evora, sumilher da cortina, deputado da mesa da consciencia, reitor da Universidade, bispo da Guarda, e, por fim, arcebispo de Braga.

Vê-se pois que a actual e nobilissima familia Loulé, teve por ascendentes, os taes D. Fernão Velho de Araujo e mulher, Dona Anna Nunes Bezerra.

Os condes e senhores de Murça, são tambem da mesma procedencia, apezar de não terem nenhum dos appellidos dos seus progenitores.

E' n'esta freguezia a nobre e antiga casa e quinta das *Insuas*, da qual é actual possuidor, o sr. José Bento Pestana da Silva, um dos mais distinctos e esclarecidos cavalheiros do Minho.

Pestana, é um appellido nobre de Portugal, já conhecido no tempo de D. João 1.º, pelas valorosas acções do bravo e leal Gil Vaz Pestana, alferes-mór da cidade de Evora. Os Pestanás, trazem por armas — em campo de prata, trez coticas de purpura, em faxa — élmo de prata, aberto, e por timbre, um leão de prata, armado de purpura. Alguns heraldicos, lhe dão um chefe, de azul, carregado de uma estrella. — Outros, põem-lhe as coticas em palla. — Outros Pestanas, trazem por armas — em campo azul, uma quaderna de crescentes, de prata. Outros, trazem — em campo de prata, 4 coticas de purpura, em faxa, e no canto direito do chefe, uma brica, de uma estrella verde, de 6 pontas, para mostrar que foram dadas a filho segundo.

—

VAGOS — villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, comarca, districto administrativo, bispado e 11 kilometros ao S. O. d'Aveiro, 1 a E. do vasto areal que está ao S. da ria d'Aveiro, 72 ao S. do Porto, 42 ao N. O. de Coimbra, 40 ao O. de Oliveira de Azemeis, 45 ao S. da Feira, 3 a E. do mar, 6 ao S. d'Ilhavo, 2 a O. N. O. de Sousa, 18 ao N. de Mira, 254 ao N. de Lisboa.

1:200 fogos.

Em 1768, tinha 245.

Orago, S. Thiago, apostolo [1].

Os religiosos jeronymos, do mosteiro de S. Marcos, apresentavam o cura, que tinha 15$000 reis de congrua e o pé de altar.

Este concelho, comprehende apenas trez freguezias — Covão do Lobo, Sousa (ou Sóza) e Vagos, com 2:530 fogos.

Por decreto de 10 de dezembro de 1867, foi supprimido e annexado a Aveiro, mas não teve effeito este decreto.

Foi antigamente da comarca de Anadía.

O rei D. Manuel, lhe deu foral, em Lisboa, a 12 d'agosto de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, folhas 77 verso, col. 1.ª)

A villa, tem 250 fogos, e o resto da freguezia 950, ao todo 1:200.

Pela nova divisão judicial, forma um dos julgados da comarca d'Aveiro.

E' povoação antiquissima. Ignora-se qual fosse o seu primeiro nome. Os romanos lhe chamaram *Vacus*, e é, com pequena corrupção, o seu actual nome.

Ha poucos annos se achou uma ponte, construida de tijolos e argamaça, sobre um ribeiro que as areias das dunas entupiram completamente. Esta construcção denotava uma grande antiguidade, e se attribue aos romanos.

A ponte, dava passagem para as terras que demoram ao O. da villa, e estava perto do Sanctuario de *Nossa Senhora de Vagos*.

Nas muralhas d'Aveiro, mandadas construir pelo infante D. Pedro, filho de D. João 1.º, e regente do reino, na menoridade de seu sobrinho (depois genro) D. Affonso 5.º [2] havia uma porta, ao S., denominada *Porta de Vagos*, o que induz a acreditar que no seculo XV, era esta villa a principal povoação das immediações, ao S. d'Aveiro. Esta porta, ficava junto ao actual passeio publico.

Junto a Cantanhede, que fica 26 kilome-

---

[1] Vagos foi cabeça de um concelho antiquissimo. Foi supprimido, e passou a fazer parte do concelho de Sousa, mas em 1853, tornou a ser cabeça de concelho.

Tinha uma companhia de ordenanças, com seu capitão e subalternos.

[2] Vide *Alfarrobeira* e *Aveiro*.

tros ao N. E. de Vagos, tambem existe uma antiquissima ponte, que, de tempos immemoriaes, se chama *Ponte de Vagos.*

—

Houve n'esta villa algumas familias notaveis, o que se prova pelos differentes brazões d'armas que ainda se veem em varios edificios. As principaes, eram dos appellidos *Cardosos, Fonseca, Huets Bacellares, Brancos de Mello* (descendentes dos Guerras, de Condeixa a Velha, e que ainda aqui residem) *Loureiros* (que hoje vivem na quinta do Bispo) e *Fonsecas Guimarães* (que hoje residem em Farminhão, concelho de Viseu.)

—

A egreja matriz, é um templo alegre, muito bem conservado, e no maximo aceio, devido ao zelo do seu digno prior, o *Rev.*^{mo} *sr. João de Miranda Ascenso*, um dos parochos mais illustrados d'esta diocese.

Admiram-se n'esta egreja primorosas obras de talha, no gosto moderno, e imagens de santos, de perfeita esculptura, principalmente a de Nossa Senhora da Agonía, de tamanho natural, que é de uma belleza e perfeição pouco vulgares.

—

Tem Misericordia. E' um edificio acanhado e em más condições, porém anda em construcção outro, mais vasto, apropriado e elegante.

—

O territorio d'este concelho é muito fertil. Exporta, em grande escala, arroz, feijão, milho, batatas e outros generos agricolas. Cria muito gado, e é abundante de peixe, da ria e do mar.

—

Ha no concelho 16 fabricas de breu, e 12 de louça de barro, ordinaria.

—

Vagos está hoje cortada por uma nova e optima estrada, a Mac-Adam, que passando pelo centro da villa, é a continuação da de Aveiro á Figueira da Foz.

—

Ha aqui uma ermida, dedicada a Santo André, que, segundo a tradição, foi egreja de um hospicio dos templarios. Não ha, porém, o minimo vestigio d'este hospicío — se é que elle existiu.

—

Os condes d'Aveiras, eram senhores donatarios d'esta villa, e depois o foram os marquezes de Vagos, como veremos adiante.

—

Em fevereiro de 1876, foi, pelo ministro das obras publicas, mandada construir a *ponte de Farêja,* sobre o río de Vagos, na estrada do Bocco. Foi orçada esta obra em 780$000 reis.

—

Em junho do mesmo anno, a camara municipal d'este concelho representou ao governo, reiterando mais uma vez o pedido para se proseguirem os trabalhos para o saneamento do pantano existente entre *Mariolinha* e os *Cardaes*, cujas exalações deleterias são cada vez maiores, com grave prejuizo da salubridade publica. O governo (na fórma do seu *louvavel* costume) fez ouvidos de mercador fallido.

—

Em 2 de janeiro de 1872, principiou a construcção da formosa ponte, chamada de Vagos, entre esta villa e a d'Ilhavo, sobre a estrada n.º 34, de Aveiro á Figueira da Foz. (E' a que atravessa a villa.) Foi inaugurada a 27 de agosto de 1873.

Esta ponte é de um systema novo, da invenção do habil engenheiro do districto administrativo d'Aveiro, o sr. Silverio Augusto Pereira da Silva, do qual, por varias vezes, com louvor merecido, tenho fallado n'esta obra.

Apresenta esta construcção um bellissimo aspecto, e é unica, no seu genero, em Portugal. E' mixta (de ferro e madeira) apropriada ao terreno em que está construida ; e a uma perfeita solidez, reune incontestavel elegancia.

Foi custosissimo solidifical-a, em razão do sitio pantanoso sobre que assenta. Só a especialidade do systema obstou a que se gastassem sommas fabulosas, para o assento dos seus fundamentos.

Só esta obra dava um nome distinctissimo, entre os nossos engenheiros, ao sr. Silverio Augusto, se elle já o não tivesse ad-

quirido por outras muitas construcções de incontestavel merecimento e valia.

A direcção das obras publicas do districto, enviou á exposição da Philadelphia o modelo d'esta ponte, que foi alli muito elogiada pelos entendedores da materia.

Templo de Nossa Senhora da Conceição Vulgo — Nossa Senhora de Vagos

E' incontestavelmente antiquissimo este Sanctuario, mas não se sabe com certeza a data da sua fundação : o que é certo, é ser, pelo menos, do tempo dos nossos primeiros reis. Se dermos credito, não só á tradição constante, mas a varios escriptores, deve-se esta fundação a D. Sancho 1.º, e portanto, foi entre os annos 1185 e 1211.

O *Santuario Marianno*, tomo 4.º, pag. 678 e seguintes, trata extensamente d'este Sanctuario ; mas, como são milagrosas todas as varias origens que, segundo as diversas opiniões que menciona, teve este templo ; e como no *seculo das luzes* (de petroleo...) poucos acreditam em milagres [1] direi apenas o que, sem intervenção de santos, se sabe a este respeito.

No reinado de D. Sancho 1.º, mas em anno que se ignora, um navio francez naufragou proximo ao sitio da *Vagueira*, e o capitão apenas poude salvar uma imagem da SS. Virgem, que trazia a bordo.

Escondeu-a em uma matta, chamada *do Soalhal*, a uns 4 ou 5 kilometros de distancia do mar, *e logo com alguns dos companheiros partiu para a villa de Esgueira, que era a povoação que lhe ficava mais perto* [2], *a dar parte ao parocho d'ella, para que, com a veneração que se devia á Senhora, tratasse de a ir buscar para a sua egreja.*

O parocho de Esgueira, acompanhado de muito povo, foi com muitos dos seus freguezes, e com o tal capitão, á matta onde este havia escondido a santa imagem, mas não lhes foi possivel encontral-a.

Soube isto D. Sancho 1.º, que estava então em Viseu, e logo marchou para Vagos, e, depois da busca mais rigorosa, deu com a imagem.

Mandou immediatamente construir uma formosa ermida, no sitio onde achára a Senhora, e perto d'ella, uma alterosa torre, para defender o Sanctuario e os romeiros, das surprezas dos piratas barberescos, que com frequencia invadiam as nossas costas, saqueando as povoações e levando captivos os seus habitantes.

Ainda no principio do seculo passado existiam de pé as suas quatro paredes principaes, tendo fóra da terra (da areia) mais de 13 metros, além do que já então estava enterrado. Era uma construcção robustissima. Ainda ha poucos annos, *alguem* demoliu grande parte d'estes restos venerandos, para com os seus materiaes construir uma casa!

Hoje, apenas se veem alli algumas paredes, de uns 4 metros de altura.

D. Sancho 1.º, applicou para a conserva-

---

[1] Nem uma unica vez, n'esta já tão extensa obra, *certifiquei* que era milagroso qualquer dos factos que menciono : digo apenas — «segundo a lenda» — «segundo a crença popular» — «é tradição» etc. — Pois mesmo assim, tenho sido por varios jornaes accusado de *milagreiro*, e comparado a frei Bernardo de Brito, de thaumaturga recordação.

[2] O que está sublinhado, é copiado textualmente do *Sanct. Marianno*, tomo 4.º, pag. 682. Não me conformo porém com isto.

A povoação que então havia mais proxima, era mesmo Vagos, que, como vimos, já existia no tempo dos romanos — *a ser esta a tradição* — Mas, supponde que não existia então, ou que estava deserta, 6 kilometros ao N., estava a povoação de Ilhavo, que, segundo varios escriptores, foi fundada pelos gregos, no anno de 1372 antes de Jesus Christo (3.º vol., pag. 288, col. 2.ª) — A 11 kilometros, tambem ao N., estava Aveiro, a Talabriga dos celtas.

A ser certo o que diz frei Agostinho de Santa Maria (logar citado do *Sanct. Marianno*) passou o tal capitão francez por duas já então importantes povoações (Ilhavo e Aveiro) para ir a Esgueira, que fica ainda ao N. d'esta cidade.

Não era pois *a povoação que lhe ficava mais perto.* Fallaria mais certo, se dissesse, *a povoação mais importante* ; porque o era, na verdade, no tempo a que o auctor se refere.

ção d'esta ermida, e para o culto da Senhora, varias rendas e o senhorio do couto de S. Romão. (Vide 9.º vol., pag. 459, col. 1.ª)

Em breve correu por todo o reino a fama dos milagres da *Senhora de Vagos*, o que deu causa a frequentes romarias a este sanctuario.

Poucos annos depois de construida a capella, Estevam Coelho, fidalgo, natural da villa de Sandomil, hoje concelho de Cêa (8.º vol., pag. 389, col. 2.ª) soffrendo uma horrorosa lepra, e depois de esgotados todos os recursos da medicina, se dirigiu á ermida da Senhora de Vagos, da qual invocou o patrocinio, e com as suas orações (d'elle) e talvez com os banhos do mar — achou-se completamente curado, o que attribuiu á protecção da SS. Virgem; pelo que se decidiu a terminar os seus dias junto do Sanctuario, dedicando-se ao serviço da sua protectora, á qual deu tudo quanto possuia em Sandomil, e varias rendas que para esse fim comprou em Vagos.

Para sua residencia, mandou construir proximo á ermida, umas casas de que ha muito tempo não existem vestigios.

O Sanctuario com todas as suas rendas, passou a ser dependencia dos crusios de Grijó, por doação de D. Sancho 1.º, feita em 1202, como disse quando tratei da 2.ª *Sóza ou Sousa* [1] pelo que, o prior do mosteiro, punha aqui um dos seus frades, e um beneficiado, curado, para o culto da SS. Virgem. Tinham junto á ermida, casas para sua residencia, e aposento para um eremitão.

Nada d'isto hoje existe, porque, tanto a capella como as suas dependencias, foi tudo demolido, e os seus materiaes empregados na actual ermida. Estevam Coelho, que estava sepultado na antiga, foi trasladado para a nova.

—

No seculo XIII, houve uma sêcca por estes sitios, que durou quatro annos.

[1] Rectifico aqui um êrro que não sei como escapou no tal artigo *Sóza* — col. 1.ª, linha 25 de pag. 459 — Onde se lê D. Sancho 2.º, deve lêr-se D. Sancho 1.º

O povo da villa de Cantanhede, consternado com este flagello, recorreu á protecção da Senhora de Vagos, vindo o parocho com grande numero dos seus freguezes, em procissão de penitencia ao seu Sanctuario. A Senhora attendeu aos seus rogos, e a chuva veio em abundancia. Os de Cantanhede fizeram voto de vir todos os annos, na 2.ª oitava do Espirito Santo, em romaria, com a sua camara, á Senhora de Vagos, e aqui distribuirem um bôdo pelos seus parochianos pobres: voto que, apezar da descrença do seculo em que vivemos, ainda hoje se cumpre religiosamente, o que muito abona a devoção d'aquelle povo.

A' distribuição do bôdo, presidia a camara de Cantanhéde, em cumprimento de uma provisão regia; mas, desde 1862, deixou isso a cargo do parocho da villa (de Cantanhêde) que todos os annos, no dia do costume, e com a Cruz processional na frente, e acompanhado de mais de 3:000 dos seus parochianos, vem cumprir o antigo voto.

—

Uns 400 annos esteve a ermida no sitio onde foi primeiramente edificada; porém, as areias do Oceano, invadindo esta praia, hiam pouco a pouco enterrando o templo, de maneira que chegou a estar mais de metade sepultado.

Os devotos então, resolveram construir-lhe novo e mais amplo e elegante templo, no sitio actual, a 2 kilometros de distancia da villa, e 800 metros da primitiva ermida.

A imagem da padroeira, é de marmore (pedra de Ançan) de um metro e 20 centimetros de alto, e de boa esculptura, com o Menino Jesus no braço esquerdo, [1] e collocada no altar-mór, que é de boa talha dourada.

O templo é bastante amplo, com capella-mór e corpo da egreja, tudo de boa construcção.

[1] Vê-se pois que a invocação de Conceição não é propria d'esta imagem: se o fosse, não devia ter seu Divino Filho ao collo; todavia, assim é denominada, e é no dia da Immaculada Conceição da SS. Virgem (8 de dezembro) que se faz a sua principal festa.

Nas paredes interiores, se veem sete cruzes, de differente fórma e grandeza. Segundo a tradição, significa isto, ter sido o templo sagrado por sete bispos. Seria.

Quando estas terras ainda pertenciam ao bispado de Coimbra, vinha todos os annos o prelado em visita á Senhora, pelo que lhe dava o mosteiro de Grijó uma bôa *colheita*, a que era obrigado em vista de uma clausula da doação que lhes havia feito D. Sancho 1.º e os mais doadores do couto e rendas de S. Romão, como fica dito na 2.ª *Sóza*.

Os crusios de Grijó, eram, pelas doações referidas, obrigados á fabrica do templo, e seu augmento, conservação e culto; mas, como as doações os não obrigavam expressamente á conservação das residencias dos capellães e eremitão, já no principio do seculo passado estes edificios estavam em grande ruina.

Junto á torre de que fallei no principio d'este §, ha ainda alguns vestigios de uma antiga povoação. São os restos das casas que tinham aqui mandado construir os condes de Cantanhêde, para sua aposentação, quando vinham em romaria á Senhora, e para abrigo dos romeiros do seu condado. Os condes de Villa Verde tambem aqui mandaram construir umas casas, para quando vinham visitar a Senhora, no tempo que residiam no seu senhorio d'Angêja. Além d'estas casas, e das em que viveu Estevam Coelho, ainda havia outras, mandadas construir pelos moradores de Vagos.

—

Ha uma bulla pontificia que concede indulgencia plenaria a todos os fieis que visitarem esta Senhora, nove sabbados seguidos a contar do 1.º depois do dia de S. Miguel, archanjo (29 de setembro) e outra que tambem concede muitas indulgencias aos devotos que vierem aqui em romaria, nos dias da Conceição, Natividade, Encarnação, Purificação e Assumpção da SS. Virgem.

Antigamente, costumavam aqui vir muitas procissões (quasi todas em cumprimento de votos) de varias freguezias, sendo as principaes — Avellares de Cima — Covaes — Covão do Lobo — Dançôs (villa Nova d'Anços) — Mamarrosa — Mira — Oliveira do Bairro — Oyan — Sangalhos — São Lourenço do Bairro — Sóza — Troviscal — e Villarinho do Bairro.

Algumas d'estas freguezias ficam a 30 kilometros de distancia do sanctuario da Senhora.

Estas procissões tinham logar nos sabbados de agosto e setembro, recebendo então a Senhora muitas offertas de cêra, milho, trigo, e dinheiro.

—

Vou contar um facto, que tem todos os visos de milagre — se o não é.—

Em outubro de 1875, estavam as terras d'entre o Vouga e o Mondego extremamente sêccas, porque havia alguns mezes que não tinha chovido.

Os povos de Cantanhede e limitrophes, decidiram vir em romaria á Senhora de Vagos, e implorar-lhe a sua protecção para que Deus mandasse a desejada chuva. Em 11 do referido mez, pois, sahiu de Cantanhede uma devota procissão de penitencia, composta de mais de 1:200 fieis, que desde a sahida da egreja da sua terra até ao templo da Virgem, foram cantando a ladainha de Nossa Senhora. Chegados ao sanctuario e depois de darem trez voltas em volta d'elle, entraram na egreja e com a maior devoção imploraram o patrocinio da sua padroeira, havendo um compungente sermão e uma ladainha.

Os incredulos, podem rir-se, mas o que é certissimo, é que o tempo principiou logo a enevoar-se, e que, quando os romeiros chegaram a Cantanhêde, hiam alagados, por terem feito a maior parte da jornada debaixo de uma chuva torrencial.

Acaso! dirão os atheus; mas nós, que cremos em Deus, dizemos de todo o coração — PROVIDENCIA!

Mais alguns d'estes *acasos*, acontecidos modernamente, e que não são contados por frei Bernardo de Brito, mas presenciados por centenares de pessoas, tenho narrado em varias partes d'esta obra.

Marquezes de Vagos, condes de Aveiras.

1.º — *Duarte Anastacio da Silva Tello de Menezes*, 6.º conde e 17.º senhor de Avei-

ras, foi feito 1.º *marquez de Vagos*, por D. João 6.º, sendo ainda principe regente, em 14 de novembro de 1802. Foi seu filho —

2.º — *Nuno da Silva Tello de Menezes*, 2.º marquez de Vagos, 7.º conde d'Aveiras, e 18.º senhor d'estas duas villas. Foi gentil-homem da camara, de D. Maria 1.ª, e seu estribeiro-mór, no Brazil; mordomo-mór da princeza viuva, D. Maria Francisca Benedicta (a de Runa) grão cruz das ordens de Christo e Torre Espada; conselheiro do supremo conselho militar e de justiça; governador das armas da côrte e provincia do Rio de Janeiro; e marechal do exercito. Nasceu a 25 de outubro de 1746, e morreu a 12 de novembro de 1813. Foi sua filha e herdeira

3.º — *Dona Joanna Maria José da Silva Tello e Menezes Corte-Real*, 3.ª marqueza de Vagos, 8.ª condessa d'Aveiras, e 19.ª senhora das duas villas; nascida a 26 de fevereiro de 1781, e fallecida a 24 de abril de 1828.

Tinha casado, em 10 de setembro de 1815, com D. José de Noronha, que foi 3.º marquez de Vagos, etc.

Foi par do reino, em 1826; veador da dita princeza viuva, D. Maria Francisca Benecdita, e commendador da ordem de Christo. Nasceu a 25 de fevereiro de 1793, e morreu a 24 de janeiro de 1834. Era 2.º filho dos 9.ºs condes dos Arcos.

Não tiveram nenhum filho varão, mas cinco filhas, que foram:

1.ª *Dona Maria José*, da qual adiante trato.

2.ª *Dona Leonor Maria*, nascida a 27 de abril de 1818.

3.ª *Dona Juliana Maria*, nascida a 12 de dezembro de 1819.

4.ª *Dona Barbara Maria*, nascida a 24 de julho de 1823.

5.ª *Dona Luiza Maria*, que nasceu a 21 de novembro de 1825.

—

Dona Maria José da Apresentação Pedro Regalado Balthazar do Pé da Cruz da Silva Tello de Menezes Corte-Real de Noronha (!) primogenita dos 3.ºs marquezes de Vagos, foi 4.ª marqueza do mesmo titulo, 9.ª condessa d'Aveiras, 20.ª senhora d'estas duas villas, nasceu a 21 de novembro de 1816.

Casou, a 26 de novembro de 1836, com D. Francisco Antonio de Noronha, nascido a 4 de outubro de 1815, e era filho dos 9.ºs condes de Valladares.

Foi-lhes confirmado o titulo, a 17 de dezembro de 1835.

Tiveram um filho unico, actual marquez, que é

José Maria Tello da Silva Menezes Corte-Real, nascido a 7 de agosto de 1838, e ao qual foi confirmado o titulo, a 28 de dezembro de 1863. E' pois, 5.º marquez de Vagos, 10.º conde de Aveiras, e 21.º senhor d'estas duas villas.

Condes de Aveiras

1.º — O 1.º conde de Aveiras, foi *João da Silva Tello de Menezes*, feito por D. Philippe 4.º, a 24 de fevereiro de 1640.

D. João 4.º, em 9 de fevereiro de 1650, confirmou este titulo, dando-o de juro e herdade, para todos os successores do 1.º conde, na fórma da lei mental.

Esta casa, tem varonia dos Silvas, descendentes dos antigos reis de Leão, na pessoa de Gonçalo Gomes da Silva, rico-homem, alcaide-mór de Montemór-o-Velho, embaixador a Roma, ao papa Urbano 6.º Foi 1.º senhor donatario de Vagos, Unhão, Gestaçô, Tentugal, Buarcos e outras terras.

Casou com Dona Leonor Coutinho, filha de Gonçalo Coutinho, senhor do couto de Leonil.

Morreu pelos annos de 1386.

Era este Gonçalo Gomes da Silva (que foi o primeiro senhor de Vagos) decimo neto de D. Ramiro 3.º, rei de Leão, e 8.º avô do 1.º conde de Aveiras.

Para evitarmos repetições, vêde, com respeito á nobilissima familia dos Silvas, o que disse no 9.º volume, a pag. 365, col. 2.ª e seguintes.

São ramos legitimos d'estes Silvas, os marquezes de Alegrête, de Penalva, de Niza, de Sabugosa, e de Ponte do Lima, — os condes de Unhão, de Villar-Maior, de Tarouca, de São Lourenço, e de São Thiago — os viscondes de Villa Nova de Cerveira, e outras nobilissimas familias de Portugal.

São da mesma procedencia, em Castella

os duques de Pastrana, e de Hijar — os marquezes de Orani, Melgar, Almenára, Elisêda, e Aguiar — os condes de Galve, e outros muitos individuos da 1.ª nobreza de Hespanha.

—

O 1.º conde de Aveiras, era 11.º senhor de Vagos e de Aveiras. Foi governador do Algarve e de Mazagão; vice-rei da India (para onde partiu, a 26 de março de 1640, e d'onde voltou, a 26 de agosto de 1646) do conselho de estado e da guerra, de D. Philippe 4.º, e de D. João 4.º; regedor das justiças; commendador d'Arouca, da ordem de Christo, e de Moguellas, da ordem de S. Thiago.

D. João 4.º o tornou a nomear vice-rei da India, o que acceitou, sob promessa de o rei o fazer marquez de um dos logares de que era donatario, e do officio de regedor; porém, morreu em Moçambique, em 1651, e al l jaz sepultado. (Tinha sahido de Lisboa, a 21 de abril de 1650).

Tinha casado com D. Marianna da Silveira, que falleceu a 15 de agosto de 1666. Era irman de Fernão Telles, 1.º conde de Unhão, e de Antonio Telles, 1.º conde de Villa-Pouca.

Teve varios filhos e filhas, o que se póde vêr nas *Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal*, por D. Antonio Caetano de Sousa, a pag. 308.

O primogenito — Diogo da Silva Tello de Menezes, depois de servir nas guerras de Flandres, acompanhou seu pae a Mazagão, e alli morreu em um combate contra os mouros, pelo que herdou os titulos, o filho segundo, que foi

2.º — *Luiz da Silva Tello de Menezes*, 2.º conde de Aveiras, 12.º senhor de Vagos e Aveiras; gentil-homem da camara de D. Pedro 2.º; regedor da casa da supplicação; e presidente da mesa da consciencia e ordens. Morreu a 20 de novembro de 1672.

Casou duas vezes — a 1.ª, com Dona Joanna de Portugal, filha de D. Alvaro Pires de Castro, 1.º marquez de Cascaes. D'este matrimonio nasceram muitos filhos, que estão descriptos na obra citada, a pag. 309 e seguintes.

Casou 2.ª vez, com sua prima, Dona Maria de Lencastre, viuva de D. Gregorio de Castello-Branco, 3.º conde de Villa Nova de Portimão, e filha de D. Lourenço de Lencastre, commendador de Coruche e de Dona Ignez de Noronha. D'este casamento, não teve geração.

Succedeu-lhe seu filho primogenito (do 1.º matrimonio).

3.º *João da Silva Tello de Menezes*, 3.º conde de Aveiras, e 13.º senhor de Vagos e de Aveiras — nascido a 17 de julho de 1648. Foi alcaide mór de Lagos; commendador de *São Salvador das Varzeas* (vulgo, Salvador, freguezia do concelho de Arouca) de Santa Leocadia de Moreiras, e de S. Pedro de Aguiar, todas da ordem de Christo — e da de Santa Maria d'Alcacer do Sal, da ordem de S. Thiago. Foi deputado da junta dos Trez Estados; presidente do senado da camara de Lisboa; regedor da casa da supplicação; e do conselho de estado e guerra. Morreu a 27 de abril de 1740.

Como presidente da camara de Lisboa, fez muitas e utilissimas obras n'esta cidade, que o padre D. Raphael Bluteau descreveu em elegantes elogios latinos.

Tinha casado com Dona Juliana de Noronha, filha de D. João da Costa, 1.º conde de Soure, e de sua mulher, Dona Francisca de Noronha, filha de D. Pedro de Noronha, 9.º senhor de Villa-Verde, e de Dona Juliana de Menezes, filha de Vasco Martins Moniz, senhor d'Angeja.

O 3.º conde d'Aveiras, teve entre outros filhos, Luiz, que foi o primogenito, e morreu menino.

4.º *Luiz da Silva Tello de Menezes*, filho 2.º dos 3.ºs condes d'Aveiras. Nasceu a 16 de setembro de 1682, e foi o 4.º conde de Aveiras, e 14.º senhor de Vagos e Aveiras. Foi do conselho de D. João 4.º; alcaide-mór de Lagos; serviu na guerra [1] sendo mestre

[1] Esta guerra foi a que houve entre o nosso D. Pedro 2.º, unido ao archiduque Carlos d'Austria, contra D. Philippe 5.º, de Castella, desde 1703, até 1713. (Vide 4.º vol., pag. 369, col. 1.ª, e *Vaccariça*.)

de campo do terço de Moura; tenente general, coronel e brigadeiro de cavallaria; general de batalha e mestre de campo general dos exercitos de Portugal; governador das armas de Traz-os-Montes, e depois, de Entre Douro e Minho; distinguindo-se sempre em toda a guerra, pelo seu valor e lealdade. Era commendador da ordem de Christo, e gentil-homem da camara do infante D. Francisco. Falleceu em Vianna do Minho, a 22 de março de 1741[1].

Tinha casado em 25 de junho de 1700, com Dona Maria Ignacia de Távora, dama da rainha Dona Maria Sophia, princeza do Rheno (*Rhin*) e 2.ª mulher de Dom Pedro 2.º —Dona Maria Ignacia de Távora, era filha de Francisco de Távora, 1.º conde de Alvôr, e de sua sobrinha e mulher, Dona Ignez de Távora, filha de seu irmão Luiz Alvares de Távora, 1.º marquez de Távora.

D'este matrimonio (do 4.º conde) nasceu Dona Maria, filha unica, que morrreu de tenra edade, pelo que lhe succedeu no condado e senhorios, sua irman (do conde.)

5.ª — *Dona Ignez Joaquina Anna Antonia Domingas Isabel de Hungria da Silva Tello de Menezes*, nascida a 27 de outubro de 1704, e falleceu a 20 de agosto de 1742. Casára a 13 de junho de 1720, com D. Duarte Antonio da Camara, gentil-homem da camara do infante D. Francisco, e depois, veador da rainha Dona Maria Anna, d'Austria; deputado da junta dos Trez Estados. Era 4.º filho de D. José da Camara, conde da Ribeira, e de sua mulher, Dona Constança Emilia de Rohan, filha de Francisco de Rohan, principe de Soubise e conde de Rochefort.

No dia das vodas, deu D. João 5.º, o titulo de conde d'Aveiras, com grandeza, a D. Duarte Antonio da Camara, que logo se cobriu diante do rei.

Foi o 5.º conde de Aveiras, 15.º senhor de Vagos e Aveiras; alcaide-mór da Amieira, de Beja e de Villa-Real (de Traz-os-Montes) commendador de S. Salvador de Triamonde, etc. Tiveram um unico filho, que foi

6.º — *Francisco da Silva Tello de Menezes*; nascido no 1.º de janeiro de 1723, em Lisboa, e foi baptisado na capella-real do palacio da Bemposta, sendo seu padrinho, o infante D. Francisco, filho de D. Pedro 2.º Falleceu em Salvaterra de Magos, em março de 1753.

Foi Francisco da Silva Tello de Menezes, 6.º conde d'Aveiras, 16.º senhor de Vagos e Aveiras, e de toda a mais casa de seus paes.

Casou, a 22 de outubro de 1743, com D. Barbara Josepha da Gama, filha dos 4.ºs marquezes de Niza.

D'este casamento houve 4 filhos:

1.º — *Duarte Anastacio da Silva Tello e Menezes*, nascido a 21 de agosto de 1745.

2.º — *Nuno da Silva Tello e Menezes*, nascido a 25 de outubro de 1746.

3.º — *José da Silva Tello e Menezes*, nascido a 26 de novembro de 1749.

4.º — *Dona Maria da Silva Tello e Menezes*, nascida a 27 de março de 1752.

O primogenito, Duarte Anastacio da Silva Tello e Menezes, foi o 1.º marquez de Vagos, como disse no principio d'este paragrapho.

—

As armas dos condes d'Aveiras, marquezes de Vagos, são — em campo de prata, um leão de púrpura, armado de azul, e por timbre, o mesmo leão das armas.

Alguns senhores da casa d'Aveiras, usaram por armas, uma silva, de côr verde, por bordadura do referido escudo.

VAIAMONTE — freguezia, Alemtejo, comarca de Monforte, conselho e 30 kilometros d'Elvas, 160 ao E. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 84.

Orago, Santo Antonio, de Lisboa.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 220 alqueires de trigo, de rendimento annual.

Muito fertil, sobre tudo em cereaes.

Foi tomada aos mouros, por D. Sancho 2.º, em 1240, dando-a logo a D. Payo Peres Correia, mestre de S. Thiago, para os cavalleiros da sua ordem, em recompensa dos grandes serviços que elles tinham feito e

[1] O 1.º marquez de Távora, obteve este titulo (dado por D. Pedro 2.º) a 18 de agosto de 1669. Era conde de S. João da Pesqueira.

continuavam a fazer para resgatar Portugal do dominio mourisco.

Esta freguezia ja está descripta sob o nome de *Ayamonte*, no 1.º vol., pag. 301, col. 2.ª, mas repeti-a aqui, não só por dar mais esclarecimentos a seu respeito, como para rectificar um erro que alli se lê; pois disse que era a 30 kilometros d'*Evora* (guiado pelo *Flaviense*) quando é a 30 kilometros d'*Elvas*.

VAIRÃO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 20 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 245 fogos.

Em 1768, tinha 183.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

As freiras benedictinas do mosteiro d'esta freguezia, apresentavam o cura, que tinha 50$000 reis de rendimento annual, segundo o *Port. Sacro*; mas o *Catalogo dos Bispos do Porto* (pag. 400, col. 1.ª) diz que eram 130$000 reis.

—

E' povoação muito antiga, e já existia no tempo dos gôdos, mas não se sabe o nome que tinha então. O actual, é arabe, e lho deu um mouro, por nome, ou appellido *Bairam* [1] que foi senhor d'esta freguezia: entretanto, o documento mais antigo que encontrei d'esta terra, é do principio do seculo XII, como se verá quando tratar do seu mosteiro.

Não teve foral, novo nem velho. Apenas na gaveta 20, maço 11, n.º 19, da Torre do Tombo, existe a *minuta* para o foral que se lhe havia de expedir, na reforma dos foraes, pelo rei D. Manuel.

Fica esta freguezia situada em terreno levemente accidentado e fertilissimo, como são quasi todas as terras da provincia do Minho: cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra e outros logares, e é abundante de peixe do mar, que lhe fica uns 10 kilometros a O.; e do rio Ave, que lhe fica proximo.

A 2 kilometros de Vairão, fica *Guilhabrêu*, onde foi o solar dos *Mendes da Maia*, dos quaes procede o famoso Gonçalo Mendes da Maia (*o Lidador*.) Vide *Guilhabrêu*, e *Retorta*.

A egreja matriz, que é um templo sumptuoso, é a propria das religiosas, e tem mais de 770 annos de existencia; porém tem soffrido tantas reparações, que pouco existe hoje da sua fábrica primittiva.

Mosteiro

O mosteiro de religiosas benedictinas d'esta freguezia, foi fundado em 1110, por D. *Turriz Sarna*, e chegou a ter mais de 90 religiosas.

Em 1623, tinha 80. (*Catalogo dos bispos do Porto*, pag. 400, col. 1.ª)

Desde a sua fundação, até meiado do seculo XV, foi duplex porém; as freiras requereram ao papa Nicolau 5.º (1450) sendo rei de Portugal, D. Affonso 5.º, que o mosteiro fosse só de freiras, o que lhes foi concedido, hindo os frades para o mosteiro de Tibães, que era da mesma ordem, ficando apenas dous monges, dos mais velhos e virtuosos, para capellães; mas vivendo em casas separadas.

N'este tempo, e muito antes, e ainda depois, a maior parte dos conventos de freiras, estavam em grande relaxação; mas as religiosas de Vairão, foram em todos os tempos, exemplarissimas.

N'esta egreja — alem de outras menores — fazem-se annualmente duas grandes festas, uma a S. Bento, que é o padroeiro do convento, e outra a S. José: ambas muito concorridas.

---

[1] *Bairam*, é palavra árabe, e é o nome que os musulmanos dão a uma das suas festas principaes. Ha *grande* e *pequeno bairam*. O primeiro dura trez dias, e assemelha-se á *paschoa* dos judeus. Para evitarmos repetições, vide *Ramazão*.

Talvez alguns dos meus leitores não acreditem que os mouros tivessem por nome ou appellido, o titulo de uma das suas festas.

E' sem motivo o seu reparo; porque, entre os christãos, ha tambem os nomes proprios de *Paschoa, Paschoella, Paschoal, Paschoala*, etc. — e até o appellido *Quaresma*. (Para a origem d'este appellido, veja-se no 5.º vol., pag. 367, col. 1.ª)

Alguns documentos antigos existentes no archivo d'este mosteiro

1.º — Escriptura de venda, de algumas fazendas para este mosteiro, compradas por *Dona Pala* (*confessa, deo-vota*, residente no convento) por 50 *almorabitilis*, a Maria Gonçalves, no anno de 1110.

2.º — Escriptura de doação feita a este mosteiro, em 1120 (?) [1] na qual se diz — (traducção) — «Se alguem fôr contra esta doação, *seja excommungado e separado do corpo e sangue do Senhor, e maldito até á setima geração, e ao inferno vá pagar a pena com Judas, o traidor. E dous talentos de ouro; e o damno em dobro* DES CENTAS VEZES; *e ao senhor da terra doada, outro tanto. Et insuper anathema maranata, et septuaginta, et duas maledicciones* (!) Parece alludir ás maldições do capitulo 28, do *Deuteronomio*. (O que notou esta doação, era provavelmente algarvio).

3.º — Escriptura da venda que, em 1142, fez a abbadessa de Vairão, de alguns bens do mosteiro, a sua creada, Maria Pires, *deovota* «*pro illas* XX *almoravidiles, quos misimus pro illo Canto.*» Estes 20 maravidis, se deram a D. Affonso Henriques, por elle ter coutado o mosteiro e a freguezia, no anno antecedente (1141.)

4.º — Escriptura de emprazamento feita pela abbadessa e religiosas de Vairão, em 1285, de alguns casaes e a *hermida* ou *hermitagio*, de Santa Maria Magdalena, *qui est in Castro de Boi* — podendo os emphiteutas receber *omnes fructus reditus, proventos, directuras, servitir, loitosas et oblationes, et ofertas, quae venerint ad ditam Haeremitam, sive ad dictum Haeremitagium*: e que podessem (os emphiteutas) arrendar, o tal *heremitagio*, a quem muito bem quizessem.

5.º — obrigação feita, em 1289, pelo reitor de Santo Estevam de Gião (então annexa ao mosteiro de Vairão, e hoje parochia independente, e do mesmo concelho) de pagar a estas religiosas annualmente «dous moyos de milho, e dous moyos de *messe* (senteio) e hum moyo de trigo, por uma medida, que é chamada *teeyga*; a qual medida dixe que *syha soo altar dessa sha Egreja.* E dixe que essa medida, era uma pedra cavada. (Pia.) E dixe, que per essa medida avyam d'dar os ditos cinquo moyos ao dito Moesteiro, per *trevudo*. (Tributo.)

6.º — Sentença contra D. Guiumar de Berêdo, filha de João Mendes de Briteiros, dada em 1330, por *sobedigom* (transgressão, excesso, culpa, infracção, etc.) contra o *degrêdo* (o decretado) no mosteiro de Vairão e seu couto; *hindo ahi pouzar e comer.* (!)

7.º — Prazo feito pela abbadessa d'este mosteiro, em 1525. N'elle impõe ao emphiteuta, a obrigação de pagar ao convento «*pellos santos e per janeiro, sseis ffeixes de feeno,* [1] *posto no dito Moesteiro. E de Loytosa, cada pessoa, outro tanto como a renda.*»

Muitos mais documentos existem no cartorio d'este mosteiro, que não copio, não só para não fazer este artigo mais longo, como por serem menos curiosos; e alguns por ilegiveis.

Tratando de Vairão, não posso deixar de mencionar o seu ultimo reitor, o R.mo padre *José Gomes de Moraes*. Nasceu este virtuosissimo sacerdote, na freguezia de Santa Lucrecia do Louro, concelho de Villa Nova de Famalicão, em 1803, e falleceu na sua residencia de Vairão, a 17 de fevereiro d'este anno de 1882.

Era este, o bom pastor, que dá a vida pelas suas ovelhas (*Esse pastor bonus*) o verdadeiro typo do cura d'almas; que durante a sua longa e immaculada existencia, só deu exemplos de verdadeira virtude christan. Por isso, era adorado, não só pelos seus parochianos, mas por todos quantos o conheciam.

Foi commovente e edificante, a manifesta-

---

[1] Não está bem legivel o anno, mas parece ser o indicado no texto. O nome do doador, está ilegivel.

[1] Feeno — e mais antigo *feo* — é a rama de pinheiro, sêcca, e solta do ramo. Tem hoje em Portugal differentes nomes — Em Villa do Conde e immediações, dão-lhe o nome de *pruma* (pluma) e n'outras partes chamam-lhe *molíço, carva, agulha, carúma, maravalha*, e talvez outros nomes que eu ignoro.

ção de sentimento patenteada pelo povo da freguezia, na morte d'este dignissimo sacerdote. Todos os rostos se viam cobertos de lagrimas sinceras, mostrando assim, que o parocho virtuoso, attráe a estima e a dedicação dos seus parochianos e dos estranhos. Se todos os sacerdotes fossem tão exemplarmente virtuosos como o padre José Gomes de Moraes, bem mais querida e respeitada seria a Religião Catholica!...

VALANCIANA ou **VALENCIANA** — port. ant.— panno fino, de lan, que se fabricava no reino de Valencia (Hespanha.)— *Mandamos a Marinh'Annes V covados de valenciana, e huma touga* (touca) *e umas çapatas* (chinellas.)— Doc. da Sé de Lamêgo, de 1313.

VAL-BEM-FEITO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros (foi da extincta comarca de Chacim, e supprimido concelho dos Cortiços) 65 kilometros de Miranda do Douro, 450 ao N. de Lisbôa, 138 fogos.

Em 1768, tinha 134.

Orago, Nossa Senhorá da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

O rei D. Diniz lhe deu foral, em Santarem, a 19 de janeiro de 1295. (*L.º 2.º de Doações do rei D. Diniz*, fl. 90, col. 2.ª)

Foi villa.

Está esta freguezia formosamente situada, junto á *serra de Bórnes* — tambem chamada *serra de Mel*, ou de *Monte-Mel*, em um delicioso valle, que lhe dá o nome.

É terra muito abundante d'aguas, e por isso muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz; cria muito gado de toda a qualidade, e na serra ha abundancia de caça, do chão e do ar.

Em um ameno prado que fica á raiz da serra, e povoado de muitas e frondosas arvores, principalmente freixos, está a devota ermida de *Nossa Senhora do Freixo*, tão antiga, que se ignora quando e por quem foi construida. Diz-se que se lhe deu este titulo, porque a imagem da padroeira foi achada na cavidade do tronco de um grande freixo. É objecto de muita devoção dos povos d'estes sitios, que a festejam na 2.ª oitava da Paschoa da Ressurreição.

VAL-BEM-FEITO — logar, Extremadura, freguezia, 6 kilometros da Amoreira, concelho e 3 kilometros a O. d'Obidos, comarca das Caldas da Rainha. (Vide a 3.ª Amoreira.) Fica este logar a 10 kilometros ao E. N. E. de Peniche.

Ha n'este logar, o mosteiro de frades jeronymos, que primeiro esteve nas *Berlengas*. (Vide esta palavra.)

Este convento, foi fundado na *Berlenga Grande*, pela rainha D. Maria, 2.ª mulher do rei D. Manoel, em 1512 (e não em 1500, como por más informações disse a pag. 389, col. 2.ª do 1.º volume.) [1]

Frei Gabriel, frade jeronymo, varão de muita virtude, e confessor da rainha D. Maria, é que pediu a esta senhora e ao rei, para que fundassem o tal mosteiro nas Berlengas (a que alguns escriptores chamam *Pharos*, e outros *Ericias*.) [2]

Por uma bulla do papa Leão X, expedida em 1513 (no 1.º anno do seu pontificado) foi nomeado prior d'este convento, o mesmo frei Gabriel, com a liberdade de escolher cinco religiosos da sua ordem, para primeiros habitadores do mosteiro, que a fundadora quiz que fosse da invocação de *Nossa Senhora da Misericordia*.

Vieram para aqui os frades, em 1514, e eram tão virtuosos e exemplares, que o convento se tornou um verdadeiro seminario de santos, muitos dos quaes sahiram das Berlengas, para reformadores, de outras ordens, nomeadamente da de Christo, de Thomar, e da dos bernardos.

Mas a vida d'estes santos religiosos estava arriscadissima n'esta pequena ilha. Os africanos saquearam o mosteiro por algumas

---

[1] D. Manoel, em 1500 ainda estava viuvo de sua 1.ª mulher, a rainha D. Isabel, viuva do nosso infante D. Affonso, filho de D. João II. — Só em 1501, é que casou (em Alcacer do Sal) com D. Maria, sua cunhada, irman da fallecida D. Maria.

[2] É provavel que de *Pharos*, venha o nome de *Farilhões* dado aos ilheus que estão ao N. O. das Berlengas.

vezes, e levaram captivos os frades que não fugiam a tempo.

Além d'isso, ateou-se a guerra entre a Hespanha e França, e posto que Portugal não tomassè a minima parte n'esta guerra, os navios de ambas as nações belligerantes que aportavam ás Berlengas, causavam grandes prejuizos e affiicções aos seus habitantes; principalmente os francezes calvinistas (cuja seita principiou por esse tempo) e que tudo roubavam aos frades e os maltratavam quando não davam áquelles piratas (por o não terem) tudo quanto lhes pediam.

Como se tudo isto fosse pouco, Henrique VIII, de Inglaterra, fez-se protestante, apostatando, e os seus marinheiros tambem faziam a estes frades, o que lhe haviam feito os calvinistas.

Queixaram-se os religiosos a D. João III, e a sua mulher a rainha D. Catharina, que lhes prometteram fundar-lhes um outro mosteiro, em sitio que os frades escolhessem, e estes, depois de precorrerem varios logares, escolheram um campo solitario, chamado *Val bem feito*, na freguezia da Amóra, e que pela sua érma situaçã coonvinha á vida contemplativa.

Principiaram as obras em 1535, e em 1548 já para aqui vieram os frades, mas o novo mosteiro se dedicou a Nossa Senhora da Conceição e Misericordia. (Consta que a imagem da padroeira — que era a mesma que estava nas Berlengas — foi dada pela *senhoria de Veneza*, à rainha D. Maria, fundadora do primitivo mosteiro.) Tinha 1^{m},20 d'alto, e está com o menino Jesus no braço direito, pelo que era improprio chamar se da Conceição. De tudo isto, que existe hoje? Ruinas e devastações.

Expulsos os frades, em 1834, o governo pôz em almoeda a egreja, o mosteiro e todas as dependencias, que tudo foi vendido por 200$000 réis (!!!) *em papeis que valiam então 10 por cento!* O actual possuidor da egreja, edificio do mosteiro e suas officinas, cêrca, grandes pinhaes e outras propriedades, é o sr. Faustino da Gama, morador no *palacio das janellas*, freguezia de Santa Maria, de Obidos.

O edificio do mosteiro, está em ruinas, e da egreja, apenas restam as robustissimas paredes. Telha, armação, portas, janellas, etc., tudo foi roubado pelos vandalos d'estes sitios!

A torre, que é muito alta e de formosa cantaria lavrada, ainda existe; porque seria precizo gastar muito dinheiro para a destruirem.

Os sinos, foram para a egreja matriz de Amoreira; mas, não se podendo collocar na sua torre, foram para a egreja do Carvalhal d'Obidos.

Os muitos e riquissimos paramentos da egreja do mosteiro, foram distribuidos pelas freguezias circumvisinhas (com a singularidade de ficar a egreja da Amoreira sem um unico!)

Os bellos quadros a óleo, formosas imagens e ricas alfaias, tudo foi roubado!

VALBOM — freguezia, Minho, concelho de Villa Verde (foi da extincta comarca e concelho de Pico de Regalados) 18 kilometros ao N. de Braga, 65 ao N. do Porto, 375 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1768, tinha 198 [1].

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Baldrêu, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis.

Pouco fertil, muito gado e caça grossa e miuda.

VALBOM — freguezia, Minho, na mesma comarca e concelho da antecedente (e tambem pertence á extincta comarca e concelho de Pico de Regalados) e as mesmas distancias. 80 fogos.

Em 1768, tinha 97.

Orago, S. Pedro, apostolo.

O mesmo arcebispado e districto administrativo.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

As mesmas producções da freguezia antecedente.

---

[1] É o *Port. Sacro* que dá a esta freguezia 198 fogos em 1768; mas é certamente engano do auctor. Não podia a população diminuir mais de trez quartas partes, em 114 annos.

VALBOM — freguezia, Douro, concelho de Gondomar, comarca, districto administrativo, bispado e 5 kilometros ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 900 fogos.

Em 1768, tinha 309.

Orago, S. Verissimo.

O cabido da Sé do Porto, apresentava o abbade, que tinha 750$000 réis de rendimento annual.

É uma freguezia vasta, muito populosa, rica e fertilissima, sobre a margem direita do Douro. Tem boas quintas e casas de campo, distinguindo-se entre todas, a magnifica vivenda do sr. doutor Albino Pinto de Miranda Monte-Negro, chamada a *Quinta das Sete Capellas,* um dos mais formosos sitios dos arredores do Porto. Vide *Sete Capellas.*

N'esta freguezia nasceu, pelos annos de 1250, o virtuoso *frei Gonçalo de Valbom,* geral da ordem dos menores, e varão de grande sciencia e santidade. Enviou Scoto á Universidade de Paris, para ahi defender publicamente o mysterio da Immaculada Conceição de Maria, que hoje é dogma da Egreja Universal, por disposição de S. S. o papa Pio IX, e que já era crença geral de todos os povos catholicos.

Frei Gonçalo de Valbom, foi assassinado pelos *espiritos fortes* d'aquelle tempo (que não podiam tolerar um homem de tanta santidade) a 14 de abril de 1313.

No logar da Lagôa, d'esta freguezia, ha a formosa ermida de Nossa Senhora da Conceição, á qual se faz em todos os annos uma brilhantissima festa, em um domingo de agosto.

Ha n'esta freguezia, duas fabricas de cortumes — uma tem 8 tanques e emprega 6 operarios — a outra (na Ribeira do Abbade) do sr. Julião de Freitas Guimarães, do Porto, está em construcção (agosto de 1882) mas já tem 20 tanques e egual numero de operarios. Virá a ter 56 tanques, quando estiver terminada a mudança da fabrica que o proprietario tinha no Esteiro de Campanhan, e que se está mudando para aqui.

Ha n'este Valbom, 30 officinas de obras de verga, empregando 120 operarios — e 35 officinas de marceneiro, empregando tambem 120 officiaes e aprendizes.

VALBOM — Vide *Trindade.*

VALBOM — aldeia, Douro, na reguezia e concelho de Baiam, e situada sobre a margem direita do Douro, em frente da freguezia de S. Christovam de Nogueira do Douro, que é na margem esquerda (ao S.) Vide *Bayão.*

Em 30 de abril de 1875, foi feito conde d'este Valbom, o sr. Joaquim Thomaz Lobo d'Avila.

VALBOM—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e bispado de Pinhel, 60 kilometros de Viseu, 300 a E. de Lisbôa, 88 fogos.

Em 1768, tinha 84.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Districto administrativo da Guarda.

Foi até 1855, da comarca de Trancoso, concelho de Pinhel. (Vide *Bugalhal.*)

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Houve aqui um mosteiro antiquissimo, de freiras benedictinas, que no seculo XVI, o arcebispo D. Diogo de Souza, uniu ao de Santa Anna, de Vianna do Minho.

Produz esta freguezia muito milho, porém bastante ordinario.— A producção de centeio, tanto d'esta freguezia como da de Sarzêda, é verdadeiramente assombrosa. Dos outros fructos, medeania.

VAL CÉRTO — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Vimioso, comarca de Miranda (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Algoso) 30 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 34 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Algoso, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia, foi supprimida no principio d'este seculo, e unida á de Algoso.

VAL D'AFFONSIM ou de **AFFONSINHO**— freguezia, Beira Baixa, concelho da Figueira de Castello Rodrigo, comarca e bispado de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 90 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisbôa, 60 fogos.

Em 1724, tinha 100.

Orago, S. Gregorio.

Districto administrativo da Guarda.

Esta freguezia, como muitas outras do Riba-Côa, foi até ao ultimo quartel do seculo XIII, do bispado de Ciudad Rodrigo. Veio para Portugal, com outras do Riba-Côa, em dote da rainha Santa Isabel, e ficou pertencendo ao chamado *Bispado Nôvo.* Depois, passou a ser do bispado de Lamego, e, por fim, do de Pinhel.

O abbade de Freixêda, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de congrua.

Esta freguezia, não vem no *Port. Sacro e Profano,* nem d'ella pude obter outros esclarecimentos. Escrevi ao parocho, e não me respondeu. (Não saberá escrever?)

VAL D'AGUIA — aldeia, Alemtejo, freguezia e concelho d'Aviz. É um logar muito ameno e formoso, com uma planicie povoada de frondosos sobreiros, correndo-lhe ao sopé, a ribeira do seu nome, orlada por ambas as margens, de álamos e faias.

Ha n'esta aldeia, a grande e formosa ermida de *Nossa Senhora da Rabaça* (ou Arrabaça) muito antiga, mas não se sabe quando ou por quem foi construida. Junto ao templo, ha muitas casas, para acolheita dos romeiros.

VAL D'ALGOSO—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Vimioso, comarca de Miranda do Douro (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Mogadouro.) 25 kilometros ao O. S. O. de Lisbôa.

Em 1768, tinha 15 fogos.

Orago, Santa Engracia.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Algoso, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o insignificantissimo pé de altar.

Foi em tempos antigos, uma aldeia da freguezia de Algoso, que passou a ser parochia; mas, no fim do seculo XVIII, foi supprimida, e annexada á de Algoso. (Vide no 1.º vol., pag. 129, col. 1.ª)

VAL D'AMOREIRA (ou *Val de Moreira*)— freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 24 kilometros da Guarda, 310 ao E. de Lisbôa, 55 fogos.

Em 1768, tinha 24.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção, (o *Port. Sacro e Profano,* diz que é Nossa Senhora da Annunciação.)

O padroado real, apresentava o prior, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Pertenceu esta freguezia, ao antiquissimo concelho de Valhêlhas (hoje supprimido) de cuja capital dista 8 kilometros.

Está situada em uma quebrada da serra da Estrella, sendo, portanto, o seu clima excessivo, mas saudavel. É pouco fertil, porém muito abundante de gado (principalmente miudo) e na serra ha muitos lobos, alguns porcos montezes, *zôrros* (rapozas) coelhos, lebres, etc.

Passa aqui a estrada de Manteigas.

Em maio de 1847, o general realista Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas (vide Vella) com uma numerosa guerrilha de beirões, estava em Manteigas, quando inopinadamente se viu cercado por numerosas forças cabralistas, que esperavam o dia seguinte para aprisionar toda aquella gente.

O Póvoas, mandou accender algumas fogueiras, em differentes pontos, e quando o inimigo contava, pela manhan, com uma prêsa facil e segura, tinha-se o Póvoas safado com todos os seus, por esta freguezia do Val da Amora, em direcção a Lamêgo, e de lá á Régua, hindo reunir-se ás forças da junta, do Porto.

Os cabralistas, quando desceram a Manteigas (que é uma cóva) apenas acharam as fogueiras, já extinctas: a gente do Póvoas, estava longe.

Foi uma bella e aventurosa retirada!

VAL D'ANTA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho e 3 kilometros de Chaves, 90 kilometros ao N. E. de Braga, 480 ao N. de Lisbôa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 78.

Orago, S. Domingos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O prior de Chaves, apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis de rendimento.

Na aldeia do Cando, d'esta freguezia, ha a ermida de Nossa Senhora da Lapa (ou da

Assumpção da Lapa) fundada em 1678, pelos moradores da aldeia, sendo os que mais concorreram, Sebastião Alves, e Manoel Gonçalves Lizes, alferes da cavallaria de Chaves.

Principiaram as obras em janeiro d'aquelle anno, e logo a 21 de novembro se benzeu a ermida e se fez a primeira festa á padroeira.

É um templo de amplas proporções, que podia servir de matriz a uma bôa freguezia.

A festa da Senhora, faz-se na 2.ª oitava do Espirito Santo, e foi, em outro tempo, concorridissima.

VAL D'ARNEIRO —Vide o 2.º *Rebordêllo.*

VAL D'AROUCA — antigo nome da actual freguezia de Urrô, da comarca e concelho d'Arouca.

VAL D'ASNES — villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi cabeço do couto do seu nome, extincta comarca de Chacim, e — tambem extincto — concelho dos Cortiços.) 70 kilometros ao N. de Miranda, 450 ao N. de Lisbôa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 110.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Bornes, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

O seu antigo nome, era *Val d'Asnas*, e é como está escripto no foral que lhe deu o rei D. Manoel, em Lisbôa, a 11 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 24 vs. col. 2.ª)

Ha em Portugal varios logares com o nome de *Val d'Asnas, Val d'Asnes*, e *Val d'Asnos* — que é o mesmo que dizer, *Val das Burras*, e *Val dos Burros*!

VAL D'AUFRAGIA —formosa e fertil planicie, Douro, entre as freguezias de Sandim e Tarêja, comarca e concelho de Felgueiras.

O *Breviario Toledano*, lhe dá o nome de *Vallem Aufragiam.* Diz-se que n'este valle existiu a famosa cidade de *Aufragia*, que Al-Coraxi, rei mouro de Sevilha, destruiu em 965. (Vide *Aufragia.*)

Muitos escriptores antigos, e modernamente, o padre Carvalho, na sua *Corographia portugueza*, e frei José de Santa Maria, na *Vida e martyrio da insigne virgem e martyr prodigiosa, Santa Quiteria*, sustentam, com bons fundamentos, que a tal cidade de Aufragia, existiu proximo a Pombeiro, de Felgueiras, e no dito Val de Aufragia, e não em outra qualquer parte; porém (como em todas as povoações antigas, com os nomes eguaes) pretendem outros que Aufragia existiu junto á villa de Pombeiro, do concelho d'Arganil. Ha ainda outra razão para o equivoco — é dizer-se que aos povos d'estes dous logares, se dava o nome de *columbarios.* Se isto é exacto, não vem de exploradores de minas de chumbo e estanho, que então deveria dizer-se *plumbarios;* mas de *Columbarium* (Pombal.) Vide *Dictionaire des antiquités romaines*, por *Anthony Rich.*

Tambem se chamavam *plumbarios* aos povos de Aramenha, Marvão, e suas immediações, no Alemtejo. Vide 5.º vol., pag. 117, col. 2.ª, ultimo periodo e pag. seguinte.

Devemos porém reflectir, que no Val de Aufragia, de Riba Visella (antiga provincia de Entre-Douro-e-Minho, e hoje Douro) não ha — que me conste — vestigios de lavra de minas de chumbo — e junto ao Pombeiro, de Arganil, ha as celebres galerias, a que o povo dá o nome de *Furados*, que parecem ter sido minas metalicas, pelo que, é possivel que aos povos d'aqui se désse o nome de *plumbarios*: todavia, o nome de *Pombeiro*, dado a ambas as povoações, torna mais provavel que o seu antigo nome fosse *columbarios.*

Temos outra causa da confusão dos escriptores de historia e chorographia. No Pombeiro de Felgueiras (ou Riba Viseila) em um monte proximo á povoação, está a antiquissima ermida de Santa Quiteria (uma das nove irmans bracharenses.) Para evitarmos repetições, vide 7.º vol., pag. 157, col. 1.ª — e no Pombeiro de Arganil, ha um monte, entre os logares da *Chapinheira* e *Salgueiral*, no qual existe a antiquissima ermida, gothica, dedicada a Santa Quiteria [1].

---

[1] Junto a esta ermida, se faz uma concorridissima feira e grande romaria, no 1.º de novembro de cada anno.

Na minha humilde opinião, esta circumstancia nada prova a favor dos que pretendem que *Aufragia* fosse no termo de Arganil (ou mesmo em Arganil, como querem outros.) Podia o povo d'aqui, dedicar uma — ou mais — ermidas, á santa bracharense, ou a outra de egual nome, alemtejana. Vide 5.º vol., pag. 499 e 501.

Até mesmo no *Martyrologio*, ha outras santas Quiterias, sem serem portuguezas, a qualquer das quaes, os povos da Beira podiam erigir quantas ermidas quizessem.

—

Ainda os que presistem em affirmar que a cidade de Aufragia existiu no territorio de Arganil, se fundam em que junto a este Pombeiro, ha um valle, ao fundo da encosta que sobe para o referido logar do Salgueiral, a que o povo dá o nome de *Adafroia*, ou *Defroia*, e que esta palavra é corrupção de *Aufragia*, nome de uma cidade que existiu aqui! Eu não acho similhança nenhuma entre *Aufragia* e *Adafroia* — mais me parece assemelhar-se com o adjectivo árabe *Alafroii* (irado) que tambem era appellido de uma familia mourisca. Tambem póde muito bem ser corrupção do portuguez *A-da-Frôila*[1]. Nós temos povoações denominadas, *A dos Cunhados, A dos Francos, A dos Ruivos*, etc. Quanto mais — admittindo mesmo que Adafroia seja corrupção de Aufragia, que duvida póde haver em existirem na Lusitania duas Aufragias?—Não houve na peninsula umas poucas de *Carteias*, e varias *Citanias?* Hoje mesmo, não temos duas *Mirandas*, duas *Viannas*, dous *Montes Mores*, etc., e grande numero de freguezias com nomes exactamente eguaes?

Em conclusão — d'aquelles remotissimos tempos, nada temos em livros ou *memorias*, tudo são lendas ou tradições, quasi sempre mentirosas ou exageradas. O *Itinerario*, de Antonino Pio, só menciona as povoações por onde passavam as vias militares romanas, e nada mais. As innumeras e valiosissimas obras *antigas*, pouco remotam além dos tempos gothicos, e muitas d'ellas, estão cheias de *milagres* e *lendas*, que lhes fazem perder o credito. Em tal caso, não ha remedio senão repetir o que disseram os antigos escriptores, ainda que muitos factos nos pareçam inverosimeis.

Vide *Arganil, Aufragia*, e os dous *Pombeiros.*

VAL DA AVÓ — Douro, parte da cordilheira que com diversos nomes se estende (de S. a N.) entre as villas de Arouca e Sobrado de Paiva, na distancia de 18 kilometros, hindo finalizar na grande aldeia do *Castello*, freguezia de Fornos, do concelho de Paiva, sobre a margem esquerda do rio Douro.

A serra do Val da Avó, é notavel por um écco que ha alli. Repete clarissimamente um verso de 10 syllabas, com as *mesmissimas* entonações.

Ha tambem aqui uma mina de ferro, que se não explora, por estar em más condições de transporte, e a 12 kilometros do rio Douro.

Ao O. N. O. d'este sitio, e a uns dous kilometros, ha uma grande mâmoa, que por milagre (ou porque o povo a julga um outeiro natural) ainda não foi arrombada, para vêr se continha *thesouros encantados.*

VAL D'AZARES — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1768, tinha 169.

Orago, Nossa Senhora da Consolação.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior de Santa Maria, de Celorico, apresentava o cura, que tinha 4$000 reis de congrua, e o pé de altar.

Val d'Azares, significa, *Val das batalhas.* Vide *Ancora.*

Fertil. Gado e caça.

VAL DE BÉSTEIROS — Beira Alta — é o antigo nome do actual concelho de Tondella, e que ainda se emprega vulgarmente.

Para se saber o que é o formoso e feracissimo Val de Bésteiros (evitando repetições) vide no 1.º volume, pag, 393, col. 1.ª, o 3.º *Bésteiros* — e a pag. 595, col. 1.ª, *Bés-*

---

[1] Tambem póde vir de *Alda-Frôila* = nomes de mulher *Alda* = e *Frôila.*

teiros, e todos os mais logares do mesmo nome, até pag. 397, col. 1.ª

O valle, tem 2 kilometros de comprido, de E. a O., e um kilometro de largo, de N. a S.

VÁL DE BOI — Vide 2.º vol., pag. 79, col. 2.ª

VAL DE BOI — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa, (foi do extincto concelho de Freixo de Numão, comarca de S. João da Pesqueira) 65 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 53 fogos.

Orago, Santo Amaro.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Freixo de Numão, apresentava o vigario, confirmado, que tinha 200$000 de congrua, e o pé de altar.

Esta freguezia, foi annexada, no principio d'este seculo, á de Freixo de Numão, d'onde era filial.

VAL DE BOURO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 45 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 133.

Orago, São Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade benedictino, do convento de Pombeiro de Riba Visella, apresentava o vigario, que tinha 500$000 reis de rendimento annual.

Mesmo como parochia, é povoação antiquissima, como se vê das *Inquirições reaes*, mandadas fazer por D. Affonso 3.º, em 1258. Era então senhora d'este logar, uma *Dona Stevainha*. (*Stevainha*, ou *Steveinha* — em latim *Stephania*, diz-se hoje *Estephania*.)

VAL DE CAVALLOS — freguezia, Extremadura, comarca e concelho da Chamusca (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho d'Ulme) 95 kilometros a N. E. de Lisboa. 245 fogos.

Em 1768, tinha 209.

Orago, o Espirito Santo.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

O prior de Marvilla (Santarem) apresentava o cura, que tinha 4 môios de pão meiado por anno.

Está a freguezia na margem esquerda do Tejo, em uma fertil e alegre planicie: e é abundante de peixe de agua doce, do mesmo rio, e por elle lhe vem tambem peixe do mar, que lhe fica 115 kilometros a O.

Produz muito e bom vinho, e são famosos os seus melões e melancias.

Era da casa das rainhas.

Vide *Chamusca*.

VAL DE CHELLAS — Sitio, Extremadura, 3 kilometros a E. de Lisboa, na freguezia do Beato, concelho dos Olivaes. Vide *Chellas*.

A pag. 287, col. 1.ª e seguintes, do 2.º vol., tratei extensamente do mosteiro e aldeia de Chellas, a que só accrescentarei que a ultima religiosa d'este convento, morreu a 13 de junho de 1878, e que o edificio está hoje transformado em collegio de missionarios para o Ultramar.

Tratemos agora do seu valle, que é digno da maior attenção dos archeologos e geologos.

E' evidentissimo que por muitos seculos o mar cobriu esta planicie, que se estende de N. a S., a 1 kilometro das barreiras da Cruz da Pedra (Lisboa). Principia junto á margem direita do Tejo, entre os mosteiros, da *Madre de Deus*, e *S. Francisco, de Xabregas*. Ha n'elle formosas casas de habitação, e nas collinas que o cercam, optimas quintas.

Ainda no seculo VII, o Tejo cobria todo este valle, como vimos no artigo *Chellas*.

E' este valle, muito aprasivel e offerece lindas vistas a quem o contempla de qual quer das alturas que o cercam e dominam.

Quasi no fim do valle, ergue-se o mosteiro de S. Felix e Santo Adrião, que foi de freiras conegas regrantes de Santo Agostinho (Cruzias) e junto d'elle, o logar de Chellas. (Vide *Beato*).

Consta que o primeiro nome d'esta planicie, foi *Valle de Achiles*, como disse na palavra *Chellas*, onde dou a razão por que se lhe deu tal denominação. O que é certo, é que nos seculos XII, e seguintes, até ao XV, se chamou *Valle de Acheles*.

Frei Luiz de Sousa, frade dominicano, e

um dos nossos primeiros classicos, diz que na doação que D. Sancho 1.º fez ao mosteiro de Chellas, proximo a Lisboa, na era de 1230 (1192 de J. C.) se lê — *Facio fratribus Sancti Felicis de* Achelis, etc.

Da *postilla*, junto áquella doação, feita por D. Affonso (depois 2.º) filho de D. Sancho 1.º, se diz — *Et concessit fratribus Sancti Felices de* Achelis, etc.

Domingos Rodrigues, faz uma doação a este mosteiro, datada de Lisboa, na era de 1267 (1229 de J. C.) e n'ella se lê — *In Monasterio Dominarum* Achelis, etc.

Uma procuração feita por Tareja Fagundes, prioreza do mosteiro, feita em 1330 (1292 de J. C.) se dá a este logar o nome de Achelas; mas talvez seja erro de copia; porque ainda no anno de J. C. de 1311, se chamava *Chelis*, como se vê no epitaphio seguinte, que está em uma campa do mosteiro:

II KAL. DECEMB. OBIIT
A. MARIA DOMINICI DE
COUTOS, DOMINA DE ACHELIS,
ERA MCCCLIX.

Em outras varias campas de religiosas d'este mosteiro, se dá ao logar o nome de *Achelis*, como se póde vêr na *Fundação, antiguidades, e grandezas de Lisboa*, do capitão Luiz Marinho de Azevedo, a pag. 6, do livro 2.º [1].

—

Em uma quinta d'este valle, que foi do licenciado Antonio Coelho Gasco, juiz dos orphãos de Lisboa, se lê a seguinte inscripção:

D. M.
JULIAE LABERNARIAE
C. JULIUS SILVANUS
JULIA GLAVEA
PARENTES
F.

(Dedicada aos deuses dos mortos. Caio Julio Silvano e Julia Glaveia, fizeram pôr esta sepultura, a Julia Labernaria, sua filha.)

E' provavel que lhe falte a ultima inha

H. S. E. S. T. T. L.

—

Advirto aos meus leitores, que, para completa intelligencia d'este artigo, é precizo lêr os artigos — *Beato, Chellas, Grillo, Marvilla, Val do Tejo*, e *Xabregas*.

VAL DE COELHA — Villa, Beira Baixa, concelho de Almeida, comarca de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Sabugal) 24 kilometros de Pinhel, 355 ao E. de Lisboa. 60 fogos.

Orago, Santa Maria Maior (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

E' no Riba-Côa. Foi do chamado *Bispado Novo*: depois passou para o bispado de Lamego; mas, em 1770, passou para o de Pinhel, então creado.

Pertenceu ao real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, ao qual os bispos de Ciudad Rodrigo deram esta freguezia; ficando os cruzios seus padroeiros, e apresentando o cura, que tinha 60$000 reis de rendimento annual.

Esta freguezia fica a 7 kilometros de Almeida, e junto á raia de Hespanha, e seus moradores fugiram todos, em 1762, por causa da guerra que então havia com os hespanhoes, em consequencia do *Pacto de familia* e que só terminou pelo tratado de paz, de 10 de fevereiro de 1763, entre Portugal, Hespanha, França e Inglaterra.

O conde de Reilli nos tomou Almeida, por capitulação, em 25 de agosto de 1762, e na vespera tinha mandado queimar as portas da egreja d'esta freguezia, saquear a povoação; e as imagens do Senhor e da SS. Virgem (que os castelhanos haviam tirado da egreja) appareceram depois, longe d'ella, em uma esterqueira!

Feitas as pazes, tornou o povo para suas casas, e os conegos de Santa Cruz de Coimbra aqui vieram consolal-o, provêl-o de cereaes e reparar a egreja.

[1] Eu supponho que *Chellas*, é palavra gallo-celta. Na França, ha a povoação de *Chelles*, 36 kilometros a E. de Paris — *S. Cheli d'Apchen*, a 36 kilometros ao N. de Margevols — e *Chelin d'Autzac*, no Aveiron. *Chella*, é tambem um vasto territorio (planalto) da Africa Occidental, proximo á nossa villa de Mossamedes. Em Portugal ha varias povoações com o nome de *Chello*. O que é certo, é ser *Cheli* nome proprio de homem. *Chella*, talvez seja nome de mulher.

Esta freguezia, em 1724, tinha 70 fogos, e era da comarca de Trancoso, tendo sido anteriormente da de Pinhel.

Dista de Lamego 100 kilometros.

Esta freguezia não vem no *Port. Sacro.*

—

No dia 6 de julho de 1876, pelas 9 horas da manhan, estando o parocho d'esta freguezia a conversar n'uma casa proxima da egreja, com o regedor, na occasião em que uma medonha trovoada pairava por estes sitios, foram ambos fulminados por um raio, ficando instantaneamente mortos. Outras pessoas ficaram assombradas, e só algum tempo depois se restabeleceram.

VAL DE COLMEIAS — sitio, Douro, na freguezia de Fajão, concelho da Pampilhosa, comarca d'Arganil.

Ha n'este sitio um abundante manancial d'aguas ferreas, junto ao logar de *Cavalleiros de Baixo.*

Ainda não foram analysadas.

VAL DE CORDAS — Vide o 2.º *Pombal.*

VAL DO DOURO — «Consideraremos, pois, todo o extenso Val do Douro portuguez, dividido em trez partes, ás quaes facilmente assignaremos os limites.

«Corre a primeira, desde a foz de Agueda, na fronteira hespanhola, até ás *portas* graniticas do celebre *Cachão da Valleira.* E' esta, o *Douro Superior.* — A 2.ª, acha-se comprehendida entre os granitos do Cachão da Valleira e as serras, que, continuando as cumeadas do Marão (a 1:422 metros de altitude) se unem, atravez do rio, com os pincaros do Monte-Muro, do lado da Beira, que se elevam á 1:097 metros. Esta região é conhecida com o nome de *Alto-Douro,* desde os primeiros tempos em que se tornou célebre, pelos seus preciosos vinhos. Passadas as formidaveis barreiras, que terminam ao O. a região anterior, entra-se n'aquella parte do valle, que podemos chamar, o *Douro Inferior.* N'esta região, que muito differe das anteriores, levantam-se logo, desde a margem do rio, de um e outro lado, graciosos outeiros, cobertos de soutos frondosos e bastos e odoriferos pinhaes, que revelam aptidão agricola muito diversa d'aquella que manifestam as regiões antecedentes. Aqui, a severa fisiognomia d'estas, vae-se pouco e pouco transformando na paizagem amêna e viçosa, das terras do Minho e da Beira maritima.»

. . . .

«Entre as ruinas das antigas eras, apenas vemos, sobranceiras ao rio, as que se denominam de *Caliabria,* coroando um môrro, proximo de São Sibrão, do lado da Beira — e, mais acima, da parte de Traz-os-Montes, em frente da raia hespanhola, as do velho *castello d'Alva,* e ambas estas, n'um estado tão adiantado de destruição, que já nada offerecem de magestoso, nem de pittoresco.

«As condições physicas do solo e do clima, não apresentam, como já dissemos, differenças muito sensiveis, tanto no Douro Superior, como no Alto Douro. Porém, n'esta ultima região, o aspecto das multiplicadas vinhas, que em toda a sua extensão vemos trepando em amphitheatro, até aos ultimos andares dos seus montes, e a frequencia das casas e officinas agricolas, alvejando por entre as verduras, em diversos pontos das encostas, indicam logo mais vida, actividade e riqueza, e, sobre tudo, denunciam que uma especialidade agricola — a viticultura — caracteriza e domina aquella região, etc.»

. . . .

«E' grande a variedade das perspectivas que a cada momento nos surprehendem a cada inflexão do rio: umas vezes severas, arrogantes e tristes; outras vezes, alegres e graciosas, mas sempre nobres e magestosas.»

. . . .

Este artigo foi copiado da formosa e magnifica obra, *O Douro Illustrado,* do sr. Luiz Claudio de Oliveira Pimentel, feito visconde de Villa Maior, em 15 de julho de 1861. Peço desculpa ao illustrado escriptor, de lhe cortar muitos periodos revelando grande elegancia e profundos conhecimentos agricolas e geologicos, ao que fui obrigado, não só pela natureza d'este diccionario, como por que parte d'essas noticias já se acham referidas, em differentes logares d'esta obra, nas localidades a que dizem respeito.

VAL D'ÉGUAS *ou* **VAL DAS ÉGUAS** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho

do Sabugal (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Villar-Maior) 120 kilometros de Lamego, 300 ao E. de Lisboa, 48 fogos.

Em 1768, tinha 45.

Orago, São João Degolado (o *Port. Sacro,* diz que é S. Sebastião).

Bispado de Pinhel (foi do bispado de Lamego).

Districto administrativo da Guarda.

O reitor da Nave (do Sabugal) apresentava o cura, que tinha 40$000 reis de rendimento annual, segundo o *Port. Sacro;* mas a *Hist. Eccles. de Lamego,* diz que eram 50$000 reis. Este livro, diz tambem que o orago é São Sebastião.

Esta freguezia, é no Riba-Côa, e uma das que vieram para Portugal, em dote da rainha Santa Isabel, em 1282.

Já se vê que é povoação muito antiga. Pertencia ao bispado de Ciudad Rodrigo, e passando para Portugal, pertenceu á comarca de Castello-Branco, e ao chamado *Bispado novo.* Depois, foi do bispado de Lamego, passando em 1770 para o de Pinhel.

Fica perto da raia e do rio Côa. Fertil. Gado e muita caça.

VAL DE ESPINHO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros de Lamego, 300 a E. de Lisboa 180 fogos.

Em 1768, tinha 71.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O reitor da Nave (do Sabugal) apresentava o cura, que tinha — segundo o *Port. Sacro,* 40$000 reis — e segundo a *Hist. Eccles. de Lamego,* 50$000 reis.

Tudo o mais exactamente como a freguezia de *Val d'Eguas,* e mais o seguinte:

Havia n'esta freguezia uma fabrica de pannos de linho, de José Lopes, que era mais receptaculo de contrabandos, do que de tecidos. A requerimento do empregado que inspeccionou a alfandega da Aldeia da Ponte, mandou o administrador do concelho do Sabugal, fechar esta fabrica, em fevereiro de 1876.

VAL DE FIGUEIRA — freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto administrativo, e 9 kilometros a O. de Santarem. — 84 kilometros ao N. E. de Lisbôa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 253.

Orago, S. Domingos. É no patriarchado.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o prior, que tinha 600$000 reis de rendimento annual.

A *Historia de Santarem edificada* (tom. 2.º, pag. 256) diz que esta freguezia em 1740, tinha 115 vizinhos. (É pois erro do *Port. Sacro,* dando-lhe 253 fogos). O mesmo livro diz que o cura era apresentado pelo prior de S. Vicente do Paúl.

É aqui a 13.ª estação do caminho de ferro do Norte e Leste.

Ha n'esta freguezia um mosteiro de frades arrabidos, fundado em 1456, por D. Manoel de Portugal, que tinha aqui uma quinta. Era filho 2.º, do 1.º conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, e da condessa D. Joanna. Cazou com D. Maria de Vilhena, filha de D. Henrique de Menezes, governador de Lisbôa e regedor da casa do civel.

Tiveram (D. Manoel de Portugal e sua mulher) muitos filhos e filhas.

Construido o mosteiro (que era pequeno) poucos frades o vieram habitar. O sitio porém era muito doentio, e os frades queixavam-se das continuas molestias que soffriam alli.

Fallecendo o fundador, succedeu-lhe o mórgado seu filho, D. Henrique de Portugal, cazado com D. Anna de Athaide, filha de D. Antonio de Athaide e de sua mulher, D. Anna de Távora, 2.ºs condes da Castanheira (do Riba-Téjo.)

D. Henrique, attendendo ás justificadas supplicas dos frades, lhe construiu um novo mosteiro, em sitio mais alto e saudavel, a 200 metros do primeiro e junto ás casas do fundador. Lançou-se-lhe a 1.ª pedra, a 26 de outubro de 1623, uma quinta feira, dia de Santo Evaristo, papa, martyr. A primeira missa, n'este novo mosteiro, foi dita a 27 de março de 1627, e logo em maio vieram para elle os frades, abandonando o primeiro convento.

Os fundadores e seus descendentes, ficaram padroeiros do mosteiro, e na capella-mór da sua egreja, tinham jazigo proprio.

—

Houve aqui uma grande festa, no dia 14 de novembro de 1875. Foi a inauguração de uma capella, no palacio do sr. commendador, Silverio Alves da Cunha. Na vespera houve bailes campestres, a que concorreram 4 mil pessoas aproximadamente; illuminação e fogo de artificio. No dia 14 houve missa por musica, magistralmente executada, orando com a maxima proficiencia o orador João Rodrigues Ribeiro. Ás 4 horas e meia da tarde foi servido um lauto jantar de mais de 60 talheres, a que concorreu a ex.ma familia e pessoas de amizade do dono da casa, da sociedade mais escolhida de Santarem. Nada faltou para a festa ser completa, e para evidenciar por mais uma vez a generosidade do sr. commendador Silverio Alves da Cunha.

No dia 21 partiu para Val de Figueira o commendador com algumas familias intimas, e com as meninas do asylo de Santo Antonio, de Lisbôa, de que elle é director, um dos instituidores e dos principaes bemfeitores: comprou na estação bilhetes para toda a comitiva, que ascendia a 45 pessoas; acompanhava tambem as asyladas o sr. Alexandre Marques de Sampaio, thesoureiro do asylo : na gare da estação de Val de Figueira, eram esperados os viajantes pelo sympathico Alexandre Marques de Sampaio Junior, amigo particular do sr. commendador, que tinha ido de vespera auxiliar o bom arranjo do palacio, e preparar com o seu bom gosto uma brilhante recepção. Á chegada do comboyo á estação de Val de Figueira, que dista uns cem passos do palacio, houve foguetes, e o palacio estava deslumbrantemente embandeirado.

Houve tambem missa por musica, e um brilhante improviso sobre a Fé, Esperança, e Caridade, prégado pelo reverendo João Rodrigues Ribeiro, cujos recursos intellectuaes e oratorios foram por mais uma vez admirados.

Seguiu-se o jantar em nada inferior ao do dia 14, em que não faltaram brindes enthusiasticos ao dono da casa, á direcção do asylo e a outras muitas pessoas. No mesmo dia houve festa na egreja parochial, em acção de graças por ter acabado ali a epidemia das bexigas, prégando de manhan, e muito bem, o reverendo Joaquim José de Barros, e de tarde, ao recolher da procissão, o reverendo João Rodrigues Ribeiro, que se houve com a mestria que todos lhe reconhecem. Ás 5 horas e meia da tarde retiraram as asyladas acompanhadas pelo sr. Alexandre Marques de Sampaio e alguns dos convidados, sendo acompanhados á gare do caminho de ferro pelo sr. commendador, que não consentiu que alguem comprasse bilhete de comboyo para a retirada, achando-se alli a banda marcial de Pernes, que tocou até o comboyo partir. Os demais convidados ficaram; dançando-se até ás 3 horas da madrugada. Do baile sairam para o comboyo do correio, ficando muito gratos aos donos da casa pelos muitos obsequios que d'elles receberam.

VAL DE FIGUEIRA — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 7 kilometros de S. João da Pesqueira. 54 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisbôa. 188 fogos.

Em 1668, tinha 84.

Orago, N. Senhora do Rosario. Bispado e 8 kilometros ao N. E. de Lamego. Districto administractivo de Viseu.

O abbade de Villarouco, apresentava o vigario, collado, que tinha 30$000 reis de congrua e o pé de altar.

A aldeia de Val de Figueira, tem apenas 28 fogos, e fica distante um kilometro da margem esquerda do Douro, em uma baixa.

É abrazador o clima d'esta terra, que é pobre, pouco fertil, e muito doentia. Só degredados aqui podem viver ! Apezar de tudo, os seus habitantes são de muito bôa indole.

Os 188 fogos comprehendem casas de quatro freguezias annexas.

1.ª — *Val de Figueira,* com 28 fogos.

2.ª — *Val da Villa,* com 90 fogos. Fica 3 kilometros ao S. O. da matriz principal.

3.ª — *Ollas,* ao E. com 60 fogos, e distante da matriz principal 13 kilometros. Está

situada em uma costa, de tanta elevação, que torna muito difficil a sua subida. Ainda existe a sua antiga matriz, da invocação de Santo Antonio, de Lisbôa, que é uma ermida.

4.ª — *São Xisto*, com 10 fogos.

Está na margem esquerda do rio Douro, onde ha uma barca de passagem, do mesmo nome. Ainda existe — reduzida a ermida — a sua antiga matriz, dedicada a São Xisto, papa, martyr.

Ha mais n'esta freguezia, a capella de Santa Barbara.

As trez freguezias annexas a esta (*Ollas-Val da Villa*, e *S. Xisto*) são ferteis em azeite, vinho e fructa. Nos seus montes ha bastante caça, e o Douro as fornece de optimo peixe.

VAL DE FIGUEIRA A NOVA — freguezia, Beira Alta, concelho de Tabuaço, comarca d'Armamar (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho da villa de Barcos) 12 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1724, tinha 58.

Orago, Nossa Senhora da Apresentação. Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Não vem no *Portugal Sacro*, porque, quando este livro se publicou, ainda não existia a freguezia.

No fim do seculo XVIII, era uma aldeia do termo e freguezia de Chavães, da qual se separou então, formando parochia independente e obrigando-se o povo a fazer ao cura a sua congrua, que, com o pé de altar, andava por 50$000 reis.

Era o povo que nomeava o parocho (cura) mas, sendo difficultoso achar quem o quizesse ser, cederam o direito de apresentação ás freiras do Coração de Jesus (Estrella) de Lisboa, que, até 1834, o apresentavam.

Está esta freguezia situada em um profundo valle, bastante fertil, porém o seu clima é pouco saudavel.

Esta freguezia, como aldeia, é muito antiga, pois já existia no seculo XIII — Vide *Chavães*.

VAL DE FLORES — Vide *Caldas da Rainha*, e *Obidos*. (A pag. 189, col. 2.ª, no fim do 6.º volume.)

VAL DE FLORES — Vide *Ribeira de Niza*.

VAL DE FLORES — Quinta, Minho, na freguezia da Meadella, suburbios da cidade de Vianna, a cuja comarca, concelho e districto administrativo pertence.

Esta notavel quinta era, em 1878, do sr. Gaspar Augusto de Amorim Felgueiras, que, em junho d'esse anno, annunciou a sua venda.

Esta propriedade foi n'outro tempod a nobilissima familia Pinto Robyn, ha muito extincta por varonia, a qual teve palacio n'esta cidade, na rua da Bandeira, no logar onde hoje está a casa do sr. Vieira de Araujo Vianna, em frente á rua de Santo Antonio. — A quinta de *Val de Flores*, hoje desamparada, em ruinas, ornada de heras e apenas reduzida a um lavradio e matta enormes, foi, ha um seculo, a mais formosa estancia d'esta provincia. Alli, dizem os nobiliarios, passaram dias venturosos os altivos descendentes dos reis da Armenia e dos principes d'Antiochia. Por aquellas mattas, hoje devastadas e infecundas, soára, muitas vezes, a voz da buzina campestre, chamando os nobres monteadores ao encontro da caça brava.

Para amostra do que foi aquella quinta, hoje quasi desconhecida, darei a noticia que d'ella faz uma testemunha contemporanea: é o padre Antonio Machado Villas-Boas, nas suas *Memorias antigas da villa de Vianna*.

«D'este convento (de S. Francisco do Monte ou de Mirtyli, segundo Gonzaga) é visinha a nobilissima quinta de *Val de Flores*, onde a natureza e arte se empenharam em competencia querendo cada uma levar a palma no triumpho das suas excellencias, por que a natureza nos antigos e robustos troncos e nas copiozas e crystalinas aguas que lhe tributa como a senhora d'aquellas montanhas, rainha das quintas de toda a provincia, pretende anciosa apropriar-se do vencimento; porém a arte sempre industriosa se empenhou perdularia na fabrica

da mais industriosa e rica perspectiva, por que, para se congregarem as aguas, dispoz um profundo e dilatado lago fabricado de fina pedra de cantaria, assim no pavimento como nos lados, concorrendo para a sua enchente nove alphanges de crystal, [1] que esgremindo prata vomitam espumas a impulsos de violencia com que se precipitam. A este formoso lago faz perspectiva uma rica varanda de fina pedra coberta de abobada e com grades de ferro, sobre o mesmo lago, sustentando a sua machina formosas columnas com polidos capiteis.

A um dos lados fica um grande Presepio com excellentes figuras, e a outro, um jardim, formado em labyrintho de murtas e na circumferencia do tanque assentos cobertos de azulejos de Hollanda. Tem por baixo uma rua chamada de buxos, que estão uns e outros tão enlaçados a poder de industria, que fica isempta de reflexos do sol na hora da sua maior actividade; remata esta rua em uma vistosa fonte que puliu a arte, servindo-lhe de companheira outra, que dispoz a natureza para verter com abundancia o que repudia o tanque por fartura.

Tem outra rua chamada da *Magdalena*, a que lhe dá nome uma excellentissima imagem da mesma santa, que a um lado d'ella fica em uma decente e airosa capella [2], por onde se passeia entre mil arvoredos silvestres e tão altos que parece que intentam abraçar-se com as nuvens. Tem outras ruas de parreiras e arvores de espinho muito vistosas, varias fontes e capellas e, em uma d'estas está a imagem de S. Jeronymo, com tal primor disposta em acto de contemplação, que edifica aos circumstantes que a ella se chegam.

Tem na entrada da quinta um formoso portal coroado de ameias e junto a elle uma tão excellente capella e de tanta magestade e grandeza [3] que podia servir de collegiada a uma grande villa. O tecto é de abobada e o pavimento de cantaria, tendo no meio duas sepulturas de um jaspe cinzento, proprio para o ministerio e singular por não haver outras em toda esta provincia.

A quinta, que tem mais de um quarto de legua de circumferencia, é toda murada de pedra e barro, com tanta altura que só com escada se póde a ella subir; tem outras muitas grandezas que omitto por não parecer encarecido nem se me pedirem memorias individuaes.»

De tudo isto restam apenas as ruinas de algumas capellas que a devoção antiga espalhou pela matta, fragmentos de escadorios, columnas mutiladas e montões de entulhos que devem representar a ultima occupação d'alguma obra de arte. A assolação deixou alli profundamente accentuada a sua passagem, ficando unicamente o que não valia a pena vender-se ou custava muito destruir.

Era, a este tempo, senhor da quinta de *Val de Flores*, o mórgado, Balthazar Robyn de Barros, casado com D. Leonor de Sá Sotto-Maior, filha de Sebastião Pinto Corrêa, de Ponte do Lima, senhor da quinta do *Olho Marinho*. Tiveram estes fidalgos como descendentes:

D. Thereza Angelica, que foi freira em Sant'Anna, de Vianna—Balthazar Robyn, que falleceu na flôr dos annos e que era, na opinião de um apontamento de familia — «a flôr dos rapazes do seu tempo.»

D. Joanna, que falleceu na edade de 12 annos — «com muitos séculos de formosura [1] e tal que ainda depois de fallecida ficou bella.»

José Velho Robyn, que seguiu as armas e morreu coronel em Minas.

Heytor de Sá, que seguiu a carreira commercial, uso muito frequente nos fidalgos d'aquelle tempo. Tinham mais tino que alguns d'hoje.

Thomaz Robyn, que foi superintendente

[1] Como isto sabe á Fenix!
[2] Creio que é a unica que existe.
[3] O auctor aqui vai pelo caminho de fr. Luiz de Sousa, na descripção do convento de Bemfica.

[1] Esta belleza de estylo é copiada do grande patriarcha da sandice o sr. Luiz de Gongora.

Muchos siglos de hermosura
En pocos años de edad.

dos Diamantes no Brasil, vindo a acabar no Conselho do Ultramar, depois de servir na Supplicação.

Antonio Rodrigo, que se graduou em direito canonico e foi abbade reservatario de S. Miguel de Ruyvós.

João Robyn, que vestiu o habito de S. Bento.

Diogo Robyn, que foi frade dominico.

Francisco Robyn, que professou na ordem de Cister.

D. Isabel Mauricia, que morreu solteira «por amor de assistir a sua mãe» diz o apontamento.

Creia quem poder.

Luiz de Sá Robyn, que seguiu as armas. Morreu em capitão de infanteria, em Lisboa, em 1785.

Sebastião Pinto Robyn Sotto-Maior, que foi capitão de cavallos e succedeu na casa de seus paes. Este fidalgo foi padroeiro de S. Francisco do Monte e levantou á sua custa, na guerra de 1735, uma companhia de cavallaria armada, pelo que mereceu particular affecto ao governador das armas, o conde de Aveiras.

VAL DE FÓJOS — sitio, Minho, antiga freguezia de Santa Cruz, em Terras de Bouro, arcebispado e districto administrativo de Braga.

Fica *Val de Fójos*, logo abaixo da aldeia de Nazareth, e por aqui passava a famosa via militar dos romanos, vulgarmente chamada *Estrada da Geira*, mandada construir pelo imperador Vespasiano, e da qual ainda existem bastantes vestigios, e ainda estão de pé alguns viaductos, apezar dos seus 1:800 annos de existencia! Vide *Geira*. [1]

No tal sitio de Val de Fójos, existiu um marco milliar, da Geira, com esta inscripção:

....
.................VII
C. CALPETANO RANTIO
QUIRINALE VALERIO FESTO
LEG. AUG. PRO PR. VIA
NOVA. M. P. XVIII.

Comparada esta inscripção com outras da mesma edade que se teem achado por estes sitios, as primeiras duas linhas que se apagaram, deviam dizer:

DIVI VESPASIANI AUG.
PONT. MAX. TRIB. POT.

Vindo a dizer toda a inscripção:

Ao divino Vespasiano Augusto, sete vezes investido do poder tribunicio, Caio Calpetano Rancio Quirinal, e Valerio Festo, legados de Augusto, e propretores da nova estrada. 1018 passos.

Isto é:

Caio Calpetano Rancio, e Valerio Festo, legados do imperador e propretores da nova estrada, dedicaram esta memoria (ou este marco milliar) ao imperador Vespasiano Augusto, sete vezes tribuno. D'aqui a Braga, são mil e desoito passos.

—

N'esta mesma freguezia, existiram outros marcos milliares, a maior parte dos quaes, foram destruidos pelo povo.

No sitio chamado, *Cantos da Geira*, tambem d'esta freguezia, que fica 30 kilometros ao N. de Braga, foi achado outro marco milliar, de 2.m50 d'alto, com esta inscripção:

IM. CAES. M.
AUR. CARO.....
...... INVICTO...
P. C. P. M. X TR. P.
...AUG. P. P. $\overline{X}$ $\overline{V}$

Dedicada (esta memoria) ao imperador Cesar Marco Aurelio, o *caro*, invicto, proconsul, pontifice maximo, dez vezes tribuno. D'aqui a Braga, são 15:000 passos.

Outros muitos marcos aqui existiram, porem foram encontrados feitos em pedaços.

---

[1] Em varias partes d'esta obra, tenho fallado d'esta admiravel via militar, uma das cinco que de Braga se dirigiam a Astorga.

Vespasiano, foi feito imperador, no anno 74 de Jesus Christo. Tanto elle, como seu filho, o imperador Tito (o vencedor dos Syrios e conquistador de Jerusalem) muito favoreceram a Lusitania, mandando construir magnificas estradas, fundar povoações, e edificar obras sumptuosissimas, das quaes ainda existem muitos vestigios.

—

Na freguezia de Chorence, que fica proxima á antecedente, existiram tambem varios marcos milliarios (vulgarmente chamados *padrões*.)

Vide no 2.º vol., pag. 294 e 295.

VAL DA FONTE — logar, Extremadura, na freguezia de Carvoeiro, comarca de Abrantes, concelho de Mação. (Vol. 2.º, pag. 140, col. 2.ª)

No dito logar de *Val da Fonte*, e no do *Val de Pedro Annes*, da mesma freguezia, ha minas de carvão fossil, das quaes, em setembro de 1880, obteve diploma de descobridor legal, José Francisco de Araujo.

No mesmo dia, obteve egual diploma, por outra mina de carvão, no *Val da Pedra d'Hera*, na freguezia dos Envendos, da mesma comarca e concelho.

Em janeiro de 1882, obteve o descobridor a concessão provisoria das trez minas.

VAL DE FONTES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Bragança).

80 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 51.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Rebordéllo, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

A esta freguezia, está annexa a de *Zonêdo de Baixo*.

Fertil. Gado e muita caça.

VAL DE FOZ-CÔA — Beira Baixa, freguezia, comarca, concelho e 3 kilometros ao O. de Villa Nova de Foz-Côa. — (Vide esta palavra.)

E' um profundissimo e fertil valle, com 5 kilometros de extensão, na margem esquerda do Douro, e em frente do formoso e tambem fertil *Val da Villariça*, que lhe fica ao N., na margem direita do Douro, e já na provincia de Traz-os-Montes.

O *Val de Foz-Côa*, é abundantissimo em cereaes, azeite, vinho e linho. As cumiadas dos montes que o cercam, estão povoadas de amendoeiras e sumagre, que formam uma parte muito importante do rendimento da freguezia.

Este conjunto torna o sitio de uma amenidade e formosura inexcedivel; principalmente porque o valle é dominado por um ribeiro, orlado de frondosos álamos, uberrimas oliveiras, e muitas vinhas.

E' pois um dos logares mais formosos das duas margens do Douro.

VAL DE FRADES — freguezia, Traz-os-Montes, concelho do Vimioso, comarca de Miranda (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Mogadouro).

24 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Vimioso, apresentava o cura, confirmado, que tinha 6$000 reis de congrua e o pé de altar.

Fertil. Gado e caça.

VAL DE FRANÇA — Vide o 3.º *Midões*.

VAL DE GALLEGOS — Vide *Torres Vedras*.

VAL DE GOUVINHAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella. (Foi até 24 de outubro de 1855 do concelho da Torre da Dona Chama — então extincto — mas já então da comarca de Miranda.)

80 kilometros de Miranda do Douro, 360 ao N. de Lisboa, 115 fogos.

Em 1768, tinha 86.

Orago Santo André, apóstolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Guide, apresentava o cura, que tinha 8$000 reis de congrua e o pé d'altar.

Fertil. Gado e caça.

VAL DE GUIZO — freguezia, Extremadura, (ao Sul do Tejo) comarca e concelho de Alcacer do Sal, 54 kilometros ao O. d'Evora, 70 ao S. E. de Lisboa, 180 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Monte.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Lisboa.

Não vem no *Port. Sacro e Profano.*

E' terra muito fertil, mas pouco saudavel. Abundante de peixe do Tejo, e tambem do do mar, que lhe vem por este rio, e pelo Sádo.

VAL DE IDANHA — aldeia, Extremadura, na freguezia de Olalhas, comarca, concelho e 12 kilometros de Thomar. (Vide *Olalhas.*)

Esta aldeia está em um sitio muito alegre, ameno, formoso e fertil. Ha n'ella uma antiquissima ermida de Nossa Senhora da Piedade, cuja imagem é feita de marmore. Não se sabe quando nem por quem foi construida esta ermida.

Antigamente, vinham aqui muitos romeiros, pelo decurso do anno, pela grande devoção que tinham com esta senhora.

VAL DE JANEIRO — freguezia, Traz-os Montes, comarca, concelho e proximo de Vinhaes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Bragança) 70 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 60.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e distrticto administrativo de Bragança.

Os abbades de Candêdo, e Rebordêllo, apresentavam o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Vide 6.º vol., pag. 599, col. 2.ª

Estão annexas a esta, nada menos de seis outras pequenas freguezias, são:

1.ª — *Armoniz* — supprimida ha muitos annos

2.ª — *Bairros de Vinhaes* — (Vide 1.º vol., pag. 309, col. 2.ª, o 2.º Bairros d'esta columna.)

3.ª — *Ermida* — supprimida ha muitos annos.

4.ª — *Moaz* — (Vide 5.º vol., pag. 347, col. 2.ª — O orago d'esta freguezia, era Santo Ildefonso. (Esqueceu-me alli de dizer isto.) Tambem alli digo que está annexa a Vinhaes; mas foi erro do informador.

5.ª — *Ribeirinha* — (8.º vol., pag. 187, col. 1.ª) no fim.

6.ª — *Rio de Fornos* — (8.º vol., pag. 193, col. 2.ª). Tambem alli digo que está annexa á freguezia de Vinhaes, por engano.

—

A egreja matriz de Val de Janeiro, está em um outeiro cercado de vinhas. É um templo notavel, pela sua fórma, semelhante ao da *Flor da Rosa* (3.º vol., pag. 201 col. 2.ª) parecendo mais um forte castello do que uma egreja christan. Fica 1 kilometro de distancia da povoação, em sitio de facil defeza, porque a maior parte do monte é cortado quasi perpendicularmente.

É mesmo muito provavel que, no seu principio, fosse uma fortaleza, construida pelo povo, para se defender das *entradas* dos mouros; e tanto que á padroeira se dá vulgarmente o nome de *Nossa Senhora do Castello.* É uma construcção antiquissima, e certamente anterior á nossa monarchia.

Segundo a tradição, os christãos construiram aqui um castello, com uma ermida, dedicada a Santa Maria Maior, e, quando, em 1250, os mouros foram expulsos para sempre de Portugal, foi a capella demolida, e toda a fortaleza transformada em egreja, dedicada á mesma padroeira.

Esta freguezia estava antigamente em terreno das freguezias de Candêdo e Rebordêllo, das quaes se separou ha tempo de que não ha memoria, para formar freguezia independente, ficando o direito da apresentação aos dous parochos das antigas freguezias a que havia pertencido, e que ficaram com o *direito* de receber os dizimos da nova parochia.

A festa da padroeira, faz-se no seu proprio dia (15 de agosto).

O clima d'esta freguezia, posto ser excessivo, é muito saudavel, e a terra é fertil em todos os productos agricolas, sobre tudo em vinho e azeite.

Nos seus montes, ha abundancia de caça, grossa e miuda. Cria muito gado.

VAL DE JUDÍO — Vide Quarteira.

VAL DE LADRÕES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Méda (foi da comarca da Méda, e do supprimido concelho de Marialva — depois, foi do concelho da Méda, comarca de Villa Nova de Foz-Côa)

58 kilometros de Lamego, 350 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1724, tinha 87, e em 1768 — 147.

Orago, S. Pedro, apóstolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o reitor, que, segundo o *Port. Sacro*, tinha 80$000 réis — e segundo a *Hist. Ecclesiastica de Lamego*, réis 120$000.

O reitor, apresentava os curas das freguezias de *Pae-Penella*, e *Carvalhal*.

—

Pela carta de lei de 24 de outubro de 1855, que supprimiu o concelho de Marialva, passou esta freguezia a formar parte do concelho e comarca de Villa Nova de Foz-Côa — e em 18 de dezembro de 1872, passou para a comarca e concelho da Méda.

—

Os marquezes de Marialva, eram senhores donatarios d'esta freguezia.

Fertil em cereaes e azeite; e é muito abundante de caça.

Ha n'esta freguezia trez ermidas — de *Nossa Senhora, de Santa Barbara*, e de *Santo Antonio*.

Diz-se que a causa do nome d'esta freguezia, é porque era, em tempos antigos, uma floresta deshabitada, onde se recolhiam os ladrões que então havia por estas terras.

VAL DE LA-MULLA — freguezia, Beira Baixa, concelho de Almeida, comarca de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Sabugal) 105 kilometros de Lamego, 360 ao E. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1724, tinha 112, e em 1768, tinha os mesmos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O papa e a mitra apresentávam alternativamente o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

É no Riba-Côa, e proximo da raia, e pertence á casa do infantado.

Foi até ao ultimo quartel do seculo XIII, do bispado de Ciudad Rodrigo, passando para a corôa portugueza, em dote da rainha Santa Isabel, no anno de 1282.

Formou primeiro parte do chamado *Bispado Novo*; depois, passou para o de Lamego — e em 1770, para o de Pinhel, então creado.

Durante a guerra da restauração, foi esta povoação tomada pelo duque de Ossuna, general castelhano, em 1661, mas foi logo derrotado pelos portuguezes, em Perales.

Em 1663 houve aqui um combate, entre os castelhanos, e os portuguezes, commandados pelo intrépido Affonso Furtado, que fez soffrer uma grande derrota aos inimigos.

VAL DE LOBO — freguezia, Beira Baixa, concelho de Penamacor, comarca de Idanha Nova, 35 kilometros da Guarda, 250 a E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 112.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O prior da freguezia da Murta, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Pouco fertil em cereaes, mas abundante de fructas. Muito gado, de toda a qualidade, e grande quantidade de caça, grossa e miuda.

VAL DE LOBO — freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Mirandella, 70 kilometros de Miranda do Douro, 420 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 33 fogos.

Orago, S. Gonçalo, de Amarante.

Bispado e districto administrativo de Bragança,

O reitor de Mirandella, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua, e o pé de altar.

Esta freguezia está supprimida e annexa á de Mirandella.

VAL DE LOBOS — logar, Extremadura, na freguezia d'Azôia-de-Baixo, (Vide esta palavra.)

O sitio de Val de Lobos, é uma formosa planicie, em grande parte cultivada, e no resto, povoada de frondoso arvoredo, e atravessada pelo ribeiro do seu nome, ou de Azôia, que a rega e fertilisa [1]. Os montes que

---

[1] Este ribeiro, nasce perto de Tremez, rega uma estreita, mas comprida veiga, cha-

cercam este valle, estão povoados de grande numero de oliveiras. Fica 7 kilometros a N. E. de Santarem.

Na varzea ou valle, ha alguns moinhos, que trabalham com a agua do ribeiro, e são situados de um e outro lado da ponte que o atravessa, e que está em ruinas.

O logar compõe-se apenas da casa de habitação, que foi de Alexandre Herculano, e de uma grande quinta que lhe pertence, e que comprehende olivaes, vinhas, pomares, prados, e terras de pão.

A estrada de Santarem a Pernes, passa pela ponte de Val de Lobos, que é dentro da quinta do mesmo nome.

—

Foi nas casas d'esta quinta (e no fim de 16 annos de residencia) que a 13 de setembro de 1877, pelas 10 horas da noite, falleceu, de uma pneumonia, o famoso escriptor dos nossos dias —

ALEXANDRE HERCULANO DE CARVALHO E ARAUJO

Nasceu em Lisboa, no *Pateo do Gil*, [1] á rua de S. Bento, a 28 de março de 1810. Foi cavalleiro da ordem de Torre e Espada, bibliothecario da Bibliotheca Publica do Porto, e, depois, bibliothecario de s. m.; e socio da Academia Real das Sciencias.

—

Seu pae lhe ensinou primeiras lettras. Depois estudou latim e latinidade, com os padres congregados de S. Philippe Nery, do convento das Necessidades, que lhe ensinaram depois, o francez, inglez e allemão, distinguindo-se pela sua aptidão para todos estes estudos.

Foi depois cursar a aula de diplomatica, na Torre do Tombo.

Aos 21 annos de edade, declarou-se liberal — ideias que cértamente lhe não haviam incutido os congregados — tomando parte na desastrosa rebelião do regimento de infanteria n.º 4 (2.º de Lisboa) em Lisboa, a 21 de agosto de 1831, [1] animado pela pro-

---

mada antigamente *Feijoal*, que chega até á margem direita do Tejo. É de differentes proprietarios.

[1] O *Pateo do Gil*, deve o nome ao seu proprietario, Antonio Rodrigues Gil, mestre carpinteiro, bisavô materno de Alexandre Herculano. Junto á casa d'este pateo, existiu a ermida de Santo Antonio, na qual Herculano foi baptisado, por licença concedida pelo cardeal patriarcha.

Nem a casa nem a ermida existem hoje. — Foram vendidas pelos pais de Herculano, e demolidas em 1830, para se construir um grande predio, hindo a familia que as tinha possuido, residir para a travessa do Pombal, que é proxima, e tudo na freguezia de Santa Isabel.

Herculano, era filho de Theodoro Candido de Araujo, recebedor da *Junta dos Juros* (hoje chrismada em *Junta do Credito Publico*) e de D.ª Maria do Carmo de S. Bôa-Ventura, filha de José Rodrigues de Carvalho, mestre pedreiro, neto do tal Antonio Rodrigues Gil.

O pateo ainda conserva o seu antigo nome.

[1] Esta rebelião, foi escandalosissima, pela occasião em que foi levada a effeito. Como este diccionario compendía todos os factos historicos que respeitam á nação portugueza, direi aqui o que animou o regimento de infanteria n.º 4, a esta desgraçada revolta, e os seus tristes resultados.

Perdida a famosa batalha de Waterloo, pelo sanguinario Buonaparte, elle é expulso da França, e desterrado para a ilha de Santa Helena. (Vide *Torres Vedras*, a pag. 645 col. 1.ª e seguintes, do 9.º volume.)

Muitos francezes *jacobinos*, emigram para differentes nações. Um d'elles, *Edmondo Potenciano Bonhomme*, veio ter a este reino, onde se naturalisou portuguez.

Em quinta feira santa do anno de 1828, estando na Sé de Coimbra a celebrar-se a solemnidade das Endoenças, Bonhomme entrou na egreja, de chapeu na cabeça. Foi advertido para que, ou se descobrisse, ou sahisse do templo; mas, em vez de obedecer, principiou a dizer toda a casta de blasfemias, insultando a religião catholica, o rei e o seu governo.

Foi preso, julgado. e condemnado a açoites, pelas ruas publicas de Lisboa, e a degredo por dez annos, para Angola. Cumpriu-se a primeira parte da sentença, mas não se chegou a cumprir a segunda.

Estava no Limoeiro, quando em 27 de julho de 1830, teve logar a revolução franceza, que expulsou do throno o rei legitimo (Carlos X) substituindo-o por Luiz Philippe, duque de Orleans, filho do furibundo republicano, *Phillippe Egalité* (que depois de

tecção da esquadra franceza do contra-almirante, barão Roussin, que estava no Tejo.

Esta tentativa infeliz, foi debellada em menos de trez horas, porque nem mais um soldado de outros corpos annuiu a ella, e mesmo do 4, nem todos quizeram tomar parte na revolta, que principiou no seu quartel de Campo d'Ourique, pelas 10 horas da noite. Logo alli foi assassinado o capitão Diogo Joaquim José da Victoria, e feridos os capitães Antonio Manuel Ludovico, e D. Luiz Gregorio de Almeida, e varios sargentos e soldados, por não quererem tomar parte n'esta temeraria revolta.

Um rufo de tambor, e logo em seguida o toque de chamada, deu principio á desordem, que foi horrivel. A musica tocava o hymno de 1826; os soldados davam tiros nos dissidentes, e vivas á *liberdade*, ao sr. D. Pedro, á carta, á sr.ª D. Maria da Gloria, e até á republica. Estes gritos, misturados aos dos feridos pelas balas dos revoltosos, causavam um horror impossivel de descrever.

Um official *desligado*, estranho ao regi-

---

ser um dos que sentenciou á morte o santo rei Luiz XVI, foi tambem guilhotinado pelos seus.)

A ascenção de Luiz Philippe ao throno, e a morte de Jorge IV de Inglaterra (no mesmo anno) que causou a queda dos *torys*, e a subida dos *wigs*, animou os liberaes de toda a Europa, e os do Brasil.

Em 8 de fevereiro de 1831, ha uma revolta militar em Lisboa, a favor da Carta, que, sendo mal succedida, deu em resultado a prisão de varios individuos, sendo alguns condemnados a degredo, e sete garrotados no Caes do Sodré, logo a 16 de março.

A 7 de abril do mesmo anno, os brasileiros, tambem animados pela revolução franceza, e pelo ministerio *wig*, revoltam-se contra o seu imperador, e o expulsam do Brazil.

Bonhomme, vendo o seu partido victorioso em França, teve meios de fazer chegar a Luiz Philippe uma queixa contra o governo portuguez, pelo castigo que tão justamente tinha soffrido.

Luiz Philippe, manda a Portugal o barão de Roussin, com uma esquadra, pedir satisfação e uma forte indemnisação pelo castigo do criminoso ! ! ! — A esquadra franceza, chega a Lisboa a 11 de julho do mesmo anno de 1831, tendo *aprisionado* alguns navios mercantes, portuguezes, que encontrou nas aguas de Lisboa.

Roussin mandou um officio ao visconde de Santarem, nosso ministro dos negocios estrangeiros, contendo — além do que ao mesmo visconde já tinha pedido o consul francez, em Lisboa, e depois, o capitão de mar e guerra *De Rabaudy*, em 16 de maio, que era, uma indemnisação de 20:000 francos (3:600$000 réis) a Bonhomme, a demissão dos juizes que o sentenciaram, e que isto fosse publicado na gazeta official — mais o seguinte —

1.º — A demissão do intendente geral da policia.

2.º — Annullar todas as sentenças pronunciadas contra francezes, *por crimes politicos*. (!) (Já disse que Bonhomme nem já era francez, nem fôra sentenciado por liberal, mas por blasfêmo.)

3.º — 800:000 francos (144 contos de réis !) de *indemnisação* (!) ao governo francez.

O visconde de Santarem negou-se a tão humilhantes e injustissimas exigencias, pelo que os francezes nos roubaram, e levaram para a França, nove embarcações de guerra, a saber — *náu D. João VI* — 3 fragatas, *Pérola*, *Diana*, e *Amazona* — 2 corvetas, *Lealdade*, e *Infante D. Sebastião* — 3 brigues, *D. João I*, *D. Pedro*, e *Memoria*.

Tambem nos roubaram a corvêta de guerra *Urania*, que encontraram no mar dos Açores.

Os navios mercantes que tinham apresado fóra da barra de Lisboa, e os que tambem haviam *sequestrado* em França, foram restituidos aos seus proprietarios.

Muito havia que dizer d'este acto de infame pirataria, que cousa nenhuma justificava, mas não é n'este diccionario o logar proprio para tão grandes divagações : limitar-me-hei ao seguinte —

O sr. D. Pedro, ex-imperador do Brasil, estava em Paris quando alli chegou a *queixa* de Bonhomme, e assistiu ao conselho de ministros, no qual se decidiu o roubo da nossa esquadra, e não o impugnou !

Bonhomme continuou a residir em Lisboa, ainda QUARENTA E SEIS ANNOS, morrendo alli, no principio de abril de 1877, e quiz ser enterrado como os irracionaes — *civilmente*. Nem era de esperar outra cousa de um homem que sempre tinha vivido como atheu declarado e rancoroso.

—

Ainda estava no Tejo a esquadra do contra-almirante Roussin, quando o regimento n.º 4 fez a revolta.

mento, tomou o commando d'elle, [1] e sahiram do quartel, continuando com os gritos sediciosos, e na intenção de revoltarem outros corpos. A poucos passos do quartel, um pobre professor de instrucção primaria, attrahido pelo tumulto, assomou á janella da sua casa, mas pagou com a vida a sua curiosidade, porque foi assassinado com um tiro.

Note-se que alguns officiaes acompanharam o *movimento*, por temor de serem assassinados, e fugiram, como varios soldados, quando o poderam fazer.

Um tenente do regimento poude fugir do quartel, antes da maior desordem, e foi dar parte ao commandante do 16 de infanteria, a Val de Pereiro, e a outros corpos da guarnição, do que se passava em Campo d'Ourique.

Eram 10 horas e meia quando os revoltosos sahiram, em direcção ao quartel do 16, que lhes fechou as portas, e se preparou para a resistencia.

Retrogradaram, tomando a direcção da rua de São Bento, porém, junto ao arco (em frente do mosteiro benedictino —hoje palacio das côrtes) estava o regimento de *Voluntarios Reaes de Milicias de Lisboa Occidental* e a decima companhia da *Guarda Real da Policia*, que deram nos revoltosos uma formidavel descarga de fuzilaria, fazendo-os retirar.

Seguiram por differentes ruas, assassinando ou ferindo quantos transeuntes encontraram.

Chegando á praça da Alegria, deram varias descargas contra as guardas das secretarias, do Estado-Maior-General, e da Intendencia Geral da Policia da Côrte e Reino, depois de terem assassinado o bondoso e honradissimo conde de São Martinho e outras pessoas.

Chegados ao Passeio Publico do Rocio, aprisionaram a guarda que alli se achava.

Marcharam pela rua do Principe para o Rocio, mas alli soffreram uma horrorosa descarga, das 9 companhias da Guarda Real da Policia, que os poz em completa desordem e fuga; mas feriram ainda alguns soldados da Policia, e mortalmente o seu major de cavallaria, José Maria de Oliveira.

Muitos revoltosos, já antes d'isto, se tinham apresentado em diversos quarteis militares; uns, por terem tomado parte violentados, e por temor da morte dada pelos seus camaradas, outros por verem frustrada a tentativa.

A Guarda Real da Policia, o regimento de infanteria n.º 16, e os piquetes e patrulhas de outros corpos da guarnição de Lisboa, foram agarrando, por differentes partes, os revoltosos que hiam encontrando, de maneira que, pelas 2 horas da madrugada do dia 8, estava a cidade em completo socêgo.

Os tristissimos resultados d'esta desastrosa e temeraria revolta, foram os seguintes — serem fusilados no Campo de Ourique, junto ao quartel, na presença do resto do regimento que se conservára fiel, e de contingentes de todos os corpos da guarnição da capital, 18 desgraçados, sendo — 1 alferes, 1 cadête, 9 sargentos, 1 cabo de esquadra, 1 tambor, e 5 soldados.

A 24 de setembro, foram fusilados, no mesmo logar, e com as mesmas formalidades, mais 21 individuos, sendo — 1 musico, 1 pifano, 2 tambores, 3 cabos de esquadra, 1 anspeçada, e 13 soldados.

Trinta e nove desgraçados pagaram com a vida á sua temeridade, fructo dos maus conselhos a que deram ouvidos, escapando os que os induziram á revolta, e o que os commandou!

O conselho de guerra, condemnou por sua 3.ª sentença, mais 30 praças do regimento, a serem fusiladas — 1 tenente, 3 musicos, 1

---

[1] Nuno Augusto de Brito Taborda, coronel commandante do regimento, poude fugir com a pouca gente que se conservára fiel, e foi postar-se no largo da Bôa-Morte, onde recebeu alguns officiaes e praças de pret, que violentados tinham tomado parte na revolta. Foi o coronel Taborda que presidiu ao conselho de guerra, que condemnou á morte grande numero de sublevados. Quem diria então, que elle em junho de 1833, dezertaria para os liberaes?! (Vide 1.º vol., pag. 54, col. 1.ª)

cornêta, 1 pifano, 2 tambores, 3 sargentos, 2 cabos de esquadra, 1 anspeçada, e 16 soldados.

Felizmente, fez então (26 de outubro) 29 annos o Sr. D. Miguel, que lhes perdoou a pena ultima.

A mesma sentença, condemnou a degrêdo perpétuo, 1 pifano, e 1 soldado—e absolveu — 1 capitão, 1 tenente, 3 alferes, 1 cirurgião ajudante, 1 cadête, 1 sargento, e 2 soldados.

O regimento de infanteria n.º 4, foi dissolvido por um decreto real, *que prohibia darse nunca mais semelhante numero a outro qualquer regimento de infanteria que se viesse a formar; nem mesmo a denominação de 2.º regimento de infanteria de Lisbôa.* (*!*)

Foi uma das muitas pieguices com que se entretinha o governo realista. Outra, não menos ridicula, foi o decreto real que mandou substituir por panno *verde*, as gólas, canhões e vivos de todos os corpos que os tinham *azues claros.*

Era com estas e outras taes *acertadissimas* providencias, que os *bons* ministros do Sr. D. Miguel pretendiam aniquilar o exercito liberal!...

Com a gente que não tomou parte na revolta, e com praças de outros corpos e recrutas, se formou um regimento, em substituição do dissolvido, dando-se-lhe a denominação de *Novo Regimento de infanteria de Lisbôa.*

Era melhor para os realistas, que tal regimento se não organisasse, porque foi o seu 2.º batalhão, que muito concorreu para a derrota do seu partido, no ataque ás linhas do Porto, em 29 de setembro de 1832. (Vide no 7.º vol., pag. 351, col. 2.ª)

—

Tornemos a Alexandre Herculano.

Como vimos no principio d'esta rápida biographia, tomou parte na revolta do 4, e foi um dos poucos que poderam escapar, protegidos pela noite.

Conseguiu fugir para a fragata de guerra *Melpomene*, uma das da esquadra franceza fundeada no Téjo. D'alli, passou para um paquete inglez, com outros comprommettidos na revolta, e, chegado a Plymouth, embarcou para Jersey (ilha no canal da Mancha, hoje célebre, por ser a *Pathmos* do grande poeta francez, Victor Hugo.)

De Jersey embarcou para Saint-Maló, mas o navio arribou a Grandville, d'onde Herculano seguiu, por terra, para Bennes, capital da antiga *Armorica*, hoje Bretanha, e de lá embarcou para a Terceira, onde chegou a 19 de março de 1832, sentando praça, de soldado, no batalhão de *Voluntarios da Rainha*, e, ainda como soldado, desembarcou nas praias de *Arenosa de Pampellido*[1] com o exercito liberal, em 8 de julho de 1832, fazendo toda a guerra do cêrco do Porto.

—

Terminada a guerra civil, Herculano abandonou a *politica militante*, dedicando-se ás lettras e á agricultura.

Muitas e de grande valia, foram as obras publicadas por este distinctissimo escriptor, e em nada inferiores ás de José Agostinho de Macedo, viscondes de Almeida Garrett, e de Castilho, Francisco Alexandre Lobo, e outros que, como Herculano, já não existem—eis as principaes:

Historia de Portugal, quatro volumes. Já teve quatro edições!

O Monasticon — tomo 1.º, *Eurico o presbytero* — tomo 2.º e 3.º, *O monge de Cister*, ou a *época de D. João I*— São dous magestosos romances historicos.

O Eurico, já teve 5 edições, além de duas em castelhano.

O Monge de Cister, teve — até hoje — trez edições.

---

[1] Não sei porque razão se diz officialmente que o exercito liberal desembarcou nas *praias do Mindêllo*, que ficam a 5 ou 6 kilometros ao N. da pequena enceada da *Praia dos Ladrões*, onde teve logar o desembarque, e que fica entre Lavra e Perafita, no concelho de Bouças, quando a freguezia de Mindêllo, é no concelho de Villa do Conde! (Vide 4.º vol., pag. 60, col. 1.ª— e 5.º vol., pag. 235, col. 2.ª)

Historia da origem e do estabelecimento da Inquisição em Portugal. Tem 2.ª edição.

Lendas e narrativas. Tem 3.ª edição.

Poesias — 1.º livro — *Harpa do crente* — 2.º, *Poesias varias* — 3.º, *Versões* — Tem tido 3 edições.

Voz do Propheta (estylo biblico.) Foi impressa no Ferrol (Hespanha) em 1836, reimpressa em Lisbôa, em 1837, e no Porto, e no Rio de Janeiro, no mesmo anno de 1837.

Além d'estas obras, publicou varios pamphletos, e artigos em periodicos scientificos, litterarios e politicos.

Quasi todos os seus escriptos são de incontestavel merecimento; alguns porém — principalmente os ultimos que publicou — estão eivados de rancor politico, e odio ao catholicismo.

Na *Historia de Portugal,* mostra a sua implacavel aversão ao systema tradicional e aos seus adeptos, o que o faz varias vezes *torcer* ou exagerar os factos, a favor dos seus, e contra os adversarios.

Nos seus primeiros escriptos (*Voz do Propheta, Harpa do Crente,* artigos no *Panorama,* a favor dos frades, e principalmente a favor das desgraçadas religiosas do mosteiro de Lorvão) mostrou-se um fervoroso catholico. Depois (infelizmente!...) esquecido das lições de seus mestres, os congregados de S. Philippe Nery, degenerou em irascivel atheu, depois de ter tão brilhante e eloquentemente defendido o Catholicismo! Dogmatisou publicamente herezias e impiedades, combatendo a *Immaculada Conceição da SS. Virgem, e a infallibilidade pontificia,* depois de definidas por um Concilio ecumenico!

Sendo algumas das suas obras condemnadas pelo *Index,* nunca se submetteu nem retratou, publica ou particularmente.

Desde que deixou de ser catholico (e principalmente, desde que, negando o milagre de Ourique, foi impugnado por alguns ecclesiasticos) mostrou um ódio implacavel aos padres, insultando-os, desprezando-os e ridiculisando-os; excluindo d'esta sanha, *um certo abbade dos arrabaldes do Porto,* e *um prior do sul*... aos quaes fazia grandes elogios, quando todos os catholicos os desprezavam pelo seu pessimo comportamento, o que lhes attrahiu as censuras e castigos dos seus prelados! Eram estes, os dous protegidos e louvados por Herculano.

Terminou a sua vida, como a tinha passado nos seus ultimos annos — no atheismo —e quando tantos descrentes se reconciliam com a Egreja — á hora da morte — elle fez ostentação da mais desbragada impiedade, morrendo, sem nem ao menos querer ouvir fallar em sacramentos! Deus se compadeça da sua alma.

—

Eis como termina um artigo que José Maria de Souza Monteiro, publicou no jornal— «O Direito.»

«Não se póde chamar *atheu* a Herculano, por ter negado *o milagre de Ourique*; mas podia-se arguil-o, de não ter sabido sustentar a sua opinião, e não merecer, n'esta parte ao menos, o titulo de «grande historiador», com que o assopram as gallinheiras da praça da Figueira litteraria, *atheu* não.

De feito elle não o era; apenas se póde suppôr que ambicionava ser classificado entre os racionalistas deistas; e que nos ultimos dias da sua vida, pareceu ter descambado para os pantheistas inconsequentes ou muito cautelosos.

Conviriamos, como convimos, em que foi um «cidadão prestante» porque tendo começado por ser *miguelista,* depois *chamorro,* depois *cartista da opposição,* e depois *historico,* acabou em *republicano*; e em todos estes partidos mostrou para quanto prestava, com escriptos accommodados a cada *phase* da sua transmigração perpétua, até nas suas concomitantes evoluções religiosas. *A bon entendeur salut.*»

—

Se fosse a transcrever tudo quanto com respeito a Alexandre Herculano se tem dito e escripto, pró e contra, teria de encher muitas paginas, que, apezar de longas, não seriam faltas de valia, pela luz que derramavam para conhecimento do caracter d'este escriptor notavel. Terminarei este já extenso artigo, transcrevendo um outro bello artigo, publicado no jornal «O Apostolo.»

Eil-o.

A. Thiers, padre Pompêo e Alexandre Herculano

Dentro de um mez o *registo civil* inclue na sua estatistica trez livres pensadores que se passaram d'este mundo.

Eram elles de elevado talento e grande illustração e usaram d'esse dom de Deus como entenderam, mas não corresponderam por certo aos altos fins da humanidade, que é a maior gloria do mesmo Deus

O livre pensamento, é a escola mais perigosa que existe; d'ella tem sahido as maiores aberrações, as doutrinas mais repugnantes e sobre tudo subversivas do Christianismo.

Seguir portanto esta escola é adoptar doutrinas, que se oppõe á de Deus; é chegar até á negação do proprio Deus.

Os trez vultos que sahiram d'este mundo se não chegaram ao extremo d'essa escola immoral, foram com tudo sectarios de muitos de seus principios, adeptos como eram e depois mestres do liberalismo moderno, dependencia do livre pensamento.

Thiers, Pompêo, Herculano, eis uma trindade humana, que se tivesse usado dos grandos talentos, que Deus lhes concedeu segundo o plano do mesmo Deus, teriam por certo feito grandes, extraordinarios e relevantissimos serviços á humanidade.

Infelizmente nenhum d'elles merece a gratidão da humanidade, á qual não serviram› prestando-se a seguir e defender principios oppostos ao seu bem estar.

Não negâmos, porém, os serviços e esforços que fizeram para o desenvolvimento da escola a que viverám filiados, mas ainda assim não teem direito á gratidão da humanidade, porque não a serviram nos planos divinos, senão contra ella.

Talentos tão elevados deviam ser utilisados de modo mui differente.

Thiers, livre pensador, se fez serviços á sua patria, se a livrou das garras do maior tyranno do seculo dezenove, que não podendo destruir a França com as armas, entendeu poder opprimil-a com o peso material do dinheiro, que exigiu para resgate, ligou-se depois com os revolucionarios permanentes, com os maiores inimigos da Egreja e patrocinou todos os despropositos dos republicanos e dos livres-pensadores.

Pompêo, homem de superior talento e de illustração variada, não obstante sacerdote, sectario do livre pensamento, tirava á Egreja direitos que lhe pertenciam para o opulentar o regalismo, e confessava-se liberal e defendia a liberdade até aos seus mais dilatados extremos, avassalando, pela doutrina que desenvolvia, a Egreja, cuja dependencia punha em duvida.

Se em melhores tempos, do que os ultimos de sua vida, se apresentou defendendo os direitos da Egreja, da qual era ministro, cahiu logo depois na mais absurda contradicção, prestando-se a defender os perseguidores dos Bispos, e o que é estupendo, arrependeu-se de ter sustentado com vigor e saber a verdadeira doutrina da Egreja!

—

A. Herculano, não ha em Portugal e no Brasil quem o não conheça, pela altura em que se collocou nas letras patrias, ou pelo ardor, vehemencia e altivez, com que procedeu nas luctas em que se empenhára.

Historiador, ninguem melhor do que elle, soube desempenhar a missão de expôr as grandezas de sua patria; por demais investigador, se é que não o dirigiu a sua má vontade religiosa, chegou a negar um acontecimento, que pelo seu caracter sobrenatural, indicava a opulencia de fé de seus antepassados, e tanto os ennobrecia.

Herculano era livre pensador extremado; de um orgulho sem limites, nada admittia superior á sua razão; foi talvez guiado por sua escola, ou pela sua indole altiva e orgulhosa razão, que negou a apparição milagrosa nos campos de Ourique, que era o maior brazão da monarchia portugueza.

Este facto, que naturalmente devia despertar os espiritos religiosos e que timbravam em reconhecer o grande milagre feito para a independencia de sua patria, os fez sair ao encontro do inimigo, que pretendia destruir as grandèzas da terra commum.

D'ahi uma lucta violenta em a qual tanto se degladiaram os contendores; tão profun-

dos foram os golpes, que se desfecharam, que indecisa ficou a victoria.

Esse livro que, com o orgulhoso titulo de — *Eu e o clero*, publicou Herculano, prima na ordem dos desvarios da razão, humana, ficando muito áquem do bom senso o seu apaixonado auctor.

Póde-se dizer de Herculano, que o seu grande talento foi sempre contrariado pelo seu elevado orgulho, que repellia qualquer advertencia, ainda mesmo de amigo.

Em toda a sua vida quiz ser o primeiro, e por isso abandonava os seus trabalhos ao menor aceno de um terceiro, que ousasse notar um senão em suas obras.

Contradictorio comsigo mesmo, Herculano mostrou muitas vezes a influencia da Egreja de Jesus Christo, e outras tantas desvairado pelas contrariedades da vida, sem um momento de reflexão, atirou-se contra ella, contra os seus ministros e confundindo tudo, pretendeu tudo destruir.

Elegante na phrase, correcto na linguagem, ameno na descripção, Herculano claudicava na doutrina, victima da escola, em que educou a sua intelligencia e do seu incommensuravel amor proprio.

Devendo ser utilissimo á sua patria não o foi, nem a si proprio.

É esta a historia de todos os livres-pensadores.

Baralham no mundo os bons com os maus principios: phantasiam theorias repugnantes e absurdas; zombam de tudo que lhes parece opposto á razão, mas morrem sem o triumpho que viam fugir todas as vezes que se propunham conseguil-o.

Thiers, Pompêo e Herculano, são trez vultos que directa ou indirectamente, procuraram ferir os direitos da Egreja de Jesus Christo, tirando-lhe o que lhe pertencia como sociedade independente, para augmentar a sociedade civil, da qual a queriam fazer uma *inquilina*, na phrase de um nosso estadista.

Já lá estão na presença do seu Deus, do seu Juiz...

Mais ou menos ligados á perseguição moderna contra Pio IX, estão hoje dando contas do emprego dos talentos que lhes foram confiados, e o venerando Pontifice, que tem visto partir um a um, d'este mundo, os seus inimigos, ainda vive e ora por todos elles é pela conversão dos vivos.

O Apostolo.

—

N'esta freguezia e immediatas, teem grandes e ricas propriedades, os senhores duques de Loulé.

A veiga de que fallei no principio d'este artigo, e que antigamente se chamou *Varzea do Feijoal*, está dividida em quintas e pequenas propriedades.

A principal quinta d'este valle, é a de *Cabanas*, que já está na freguezia da Romeira. Pertence ao sr. Frederico Antonio Pereira de Vasconcellos, nascido em *Val de Porco*, freguezia do *Pôço do Canto*, concelho da Mêda e residente, com a sua familia, n'esta quinta — que tem de comprido, 2:600 metros. (Vide o 2.º *Val de Porco*.)

A casa d'esta quinta está sobre a estrada e o rio que vae da Romeira a Achête.

Ha n'esta propriedade duas arvores notaveis, são — uma oliveira, que, em alguns annos, tem dado SEIS ALMUDES DE AZEITE! — um carvalho, que, em pequeno, tombou sobre um tanque, e ficou em posição quasi horisontal. O tronco principal mede 7 metros, até aos primeiros ramos, e 5 $^1/_2$ de circumferencia. Um cavallo fino póde subir por elle, até dez metros. Um homem a pé, póde percorrêl-o por dentro, a distancia de 37 metros, e affastar-se 14 metros da base! Ha tempos, cortaram-lhe dous ramos, e limparam o resto. Esta lenha, coseu 300 metros cubicos de cal! — Só o peso da sua lenha é avaliado em 25:500 kilogrammas (1:700 arrobas.)

A sua segunda pernada, daria uma *roda de prôa*, capaz de servir para a maior fragata do mundo.

Entre o musgo que cobre o seu tronco e ramos, criam-se fectos que attingem seis decimetros de altura; e em um deposito de musgo, entre dous ramos ou pernadas, teem nascido enormes troncos d'hera, quatro figueiras (que dão figos) tendo uma d'ellas, 6 metros de altura. Entre o musgo de outro

ramo, nasceu um viçoso freixo, que já tem 2 metros de alto. Por varias vezes, tem sido desenhado e photographado, este gigante vegetal.

Na capella d'esta quinta, ha uma imagem de São Pedro, que pertenceu á capella, desmantelada, da quinta do Carvalho. Diz-se que este santo foi o primeiro que os christãos tiveram no concelho de Santarem, depois da tomada aos mouros.

—

Um kilometro acima da mesma quinta, está a aldeia do *Paço*, com 12 fogos. Segundo a tradição, quando D. Affonso Henriques veio tomar Santarem, aos mouros, acampou em Pernes. Os mouros, sahiram da praça, para o combater, e, em quanto se dirigiam a Pernes, o rei portuguez emboscou-se na tal aldeia do Paço, e alli passou a noite, investindo no dia seguinte a praça, que conquistou. Do tal paço que deu o nome á aldeia, não resta o minimo vestigio.

Não merece inteiro credito esta tradição. É certo que D. Affonso I passou a noite de 7 para 8 de maio de 1147 *nos olivaes de Santarem*, e podia muito bem ser no sitio onde hoje está a aldeia do Paço; mas, nem os mouros o quizeram accommetter em Pernes — porque o julgavam então em Coimbra — nem aqui houve nunca um edificio que merecesse o nome de paço.

O que é certo, é que, em 17 de feveiro de 1882, foi feito visconde da *Ribeira do Paço* (d'este) o senhor Francisco Medeiros d'Albuquerque, que é directo senhorio de umas terras aqui situadas.

VAL DE LOBOS — logar, Extremadura, na freguezia de Bellas, (vol. 1.º, pag. 371, col. 2.º)

Em novembro de 1875, comprou o governo, ao sr. Francisco da Costa, todas as aguas potaveis que appareceram na propriedade de *Val de Lôbos*, junto a Bellas, (com exclusão das da *fonte do Castanhal*) para serem empregadas no abastecimento de Lisbôa.

Eis as clausulas da respectiva escriptura:

O vendedor receberá por cada annel de agua 1:500$000 réis, livres de qualquer encargo. Se porém as aguas encontradas medirem mais de 10 anneis até 20, o preço de cada um será só de 1:300$000 réis, e se medirem mais de 20 até 30 anneis, esse preço descerá a 1:100$000 réis. Quando a quantidade exceda a 30 anneis, o preço será regulado por accordo.

O vendedor receberá desde já a somma de 4:500$000 réis, adiantamento que será encontrado em prestações de 900$000 réis annuaes no preço a pagar pelo governo, a contar de 1876.

Todas as obras de exploração pertencerão ao governo e por elle serão feitas. As aguas da fonte do Castanhal continuarão porém a pertencer ao sr. Francisco Costa.

Das sommas que annualmente deverem ser pagas ao vendedor ficarão em deposito 15 por cento, sendo esse deposito levantado na liquidação final, que não hirá além de 1888.

Em setembro de cada anno será feita a medição das aguas exploradas.

VAL DE LUSO — logar, Alemtejo, na freguezia de Santo Antonio das Areias (vol. 1.º pag. 238 D, col. 2.ª)

A companhia geral dos phosphatos em Hespanha e Portugal, requereu ao ministerio das obras publicas, em setembro de 1880, diploma de descobridora legal, das minas de phosphorite, nos sitios de *Val de Luso—Cume do Seixo—Cancella de Ruivo—e Relva da Ceiceira*, todas n'esta freguezia das Areias.

VAL DE MACEIRAS — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho da Fronteira. 30 kilometros d'Elvas, 195 ao E. de Lisbôa. 65 fogos.

Em 1768, tinha 44.

Orago, S. Saturnino.

Bispado de Elvas. districto administrativo de Portalegre.

O tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens, apresentava o capellão, curado, que tinha de rendimento — 180 alqueires de trigo e quarenta de cevada.

Acho esta freguezia, no *Port. Sacro*, e nos diccionarios, do Flaviense, e de J. A. de Almeida; mas não a encontro no Bettencour, nem no *Mappa das congruas*. Julgo que é a que hoje se chama *Vallongo*. Sendo isto, é do concelho d'Aviz, comarca da Fronteira,

mas não é do bispado d'Elvas, é no de Portalegre.

Escrevi ao parocho d'este Vallongo, pedindo-lhe que me tirasse d'esta duvida; mas não se dignou responder-me!

Ha tantos como este!...

VAL DE MADEIRA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 70 kilometros de Viseu, 360 ao E. de Lisbôa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 80.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado de Pinhel, districto adimistrativo da Guarda.

O prior do Salvador, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua, e o pé de altar.

VAL DE MADEIROS — aldeia, Beira Alta, na freguezia e 3 kilometros ao S. de Cannas de Senhorim, concelho e 6 kilometros de Nellas, comarca de Mangualde.

(Alguns dão a esta aldeia, o nome de *Val de Medeiros*, mas julgo que é êrro. Nos papeis antigos, diz-se *Val de Madeiros*.)

Houve aqui um antiquissimo mosteiro de freiras bernardas (que primeiramente foi benedictino, duples) talvez o mais pobre da sua ordem, denominado de *S. João de Val de Madeiros*.

O cardel-infante D. Henrique (depois *cardeal-rei*) supprimiu este convento, em 1560, applicando as suas poucas rendas, e o cumprimento dos seus encargos, ao mosteiro de Maceiradão, que foi tambem da mesma ordem. (Vide *Maceiradão*, e no 2.º vol., pag. 78, col. 2.ª)

Diz assim o decreto:

«Considerando Nós, que este Mosteiro tem tão pouca renda, que com ella se não póde sustentar em nenhum modo, para n'elle poder haver as Religiosas que convém para Convento e para se fazerem os Officios Divinos, como he razã: e assi as necessidades que as que n'elle ora estão, padecem, assi no que cumpre á sua sustentação, como á Clausura que convem a Religiosas: por não haver no dito Mosteiro nenhuas Officinas, nem cêrca, nem outras casas necessarias; nem renda de que se possam *ordenar*.[1] Pero que nos pareceu &.ª» (*Doc. de Maceiradão.*)

Em dous prasos, de umas fazendas, junto a Odivellas, se diz que estas propriedades eram da herança de D. Catharina d'Eça, religiosa professa, no mosteiro cisterciense, de *S. João de Val de Madeiros*, tambem chamado de *Canas de Senhorim*.

Esta D. Catharina d'Eça, era filha de Dom Jeronymo d'Eça e de D. Maria Tiba, e foi uma das ultimas freiras de Val de Madeiros. Por morte de seus paes, repartiu-se a herança entre ella e suas duas irmans, ambas religiosas — uma (D. Jeronyma) no convento da Esperança, de Lisbôa (hoje collegio, do sr. Joaquim Lopes Carreira de Mello) e outra — D. Joanna, freira de Lorvão. A cada uma pertenceu de legitima, 1:134$660 réis, que n'aquelle tempo era uma grande quantia.

Pela suppressão do convento de Val de Madeiros, foi D. Catharina d'Eça para o de *Cellas* (Coimbra) e de lá para o de Lorvão.

Por sua morte, deixou a este ultimo convento, varias peças de estimação e grande prêço, algumas das quaes ainda alli se conservam; *pelo que, o seu nome — ainda que não por virtude* (diz frei Joaquim de Santa Rosa do Viterbo) *será repetido eternamente.*

Horrorosa trovoada

No dia 13 de julho de 1881, pelas trez horas da tarde, uma terrivel trovoada, acompanhada de graniso, assaltou as povoações de Cannas de Senhorim, Lápa do Lobo, Val de Madeiros, Povoa de Santo Antonio, Cabanas, Oliveira do Conde, Oliveirinha e Fiaes.

A pedra cahiu com tal força e em tanta quantidade, que os campos ficaram alastrados n'uma altura de um palmo, e mais. Duas

[1] *Ordenar*, então significava — pôr em ordem, arranjar, reformar, construir, etc. Ainda hoje se diz—*Ordenar uma casa, ordenar um leitão, cabrito, gallinha*, etc. (por cosinhar) e *bem ordenado*, por bem feito, bem regulado, bem construido, etc.

horas depois, quando o temporal passou e as faiscas deixaram de cruzar os ares, observava-se n'aquelles campos um espectaculo desolador. As cearas, os vinhedos, as hortas, os pomares e até as mattas, tudo havia sido devastado pela trovoada. Os troncos das arvores e as cêpas das videiras appareciam despidas de folhas e de fructo, os campos de milho completamente ceifados e alastrados pelo graniso; os batataes sem uma folha; e emfim, o completo inverno, succedendo instantaneamente a uma vegetação luxuriante e cheia de promessas.

Principalmente a freguezia de Cannas de Senhorim ficou reduzida á mais completa miseria. Avaliam-se os prejuizos para os lavradores em mais de cem contos de réis.

—

Em 14 de outubro de 1881, falleceu, em Lisbôa, o reverendo Sebastião Paes de Miranda, conego mestre escola, da Sé Patriarchal, e de edade muito avançada.

Tinha nascido n'esta aldeia de Val de Madeiros.

Fôra frade franciscano, era formado em theologia pela universidade de Coimbra, e parochiou durante o largo periodo de 20 annos na egreja do Sacramento.

Era um caracter respeitavel e foi-lhe algumas vezes offerecida a mitra do Funchal, que recusou.

Deixou extenso testamento.

Dos seus bens instituiu universaes herdeiras as suas sobrinhas Maria Delfina, Anna de Jesus, e Josepha Emilia, filhas do seu fallecido irmão Miguel Mendes de Miranda.

Thermas de Val de Madeiros

Nos artigos *Cannas de Senhorim* (vol. 2.º, pag. 78, col. 1.ª) e no de *Felgueiras* — a 8.ª — (vol. 3.º, pag. 163, col. 2.ª) fallei d'estas thermas. No *Commercio Portuguez*, n.º 76, porém, lê-se uma correspondencia anonyma, datada de Villa-Verde, a 22 de março de 1881, que, pela sua importancia, não posso deixar de transcrever n'este artigo.

É a seguinte:

«Encontram-se aquellas aguas (as de *Val de Madeiros*) a distancia de 3 kilometros de Cannas de Senhorim, caminhando para o sul, na margem direita do Mondego, concelho de Nellas, bispado de Viseu, provincia da Beira Alta.

«Denominaram-se *Banhos de Cannas de Senhorim*, tomando o nome da freguezia a que pertencem — tambem se denominaram *Banhos de Val de Madeiros*, tomando o nome de uma aldeia que se encontra a meio caminho, entre os Banhos e Cannas—finalmente denominaram-se e *muito injustamente* se denominam, *Banhos da Felgueira*, tomando o nome de uma pequena povoação que está escondida entre uns montes a dous kilometros de distancia, na outra margem (esquerda) do Mondego, e que pertence á freguezia do Seixo, concelho de Oliveira do Hospital, provincia do Douro, bispado de Coimbra!...

«E note-se que a tal povoação da Felgueira nem se lobriga dos banhos — é muito mais pequena do que a de Val de Madeiros — e distando os banhos apenas um kilometro d'esta, distam da outra o dobro, mettendo-se de permeio o rio!

«As aguas brotam em terreno abafado, pedragoso e deserto, mas pittoresco.

«Apenas alli se veem 40 a 50 casas, feitas expressamente para os banhistas, datando as construcções mais remotas dos principios d'este seculo.

«O estabelecimento dos banhos é microscopico e muito humilde, mas verdadeiramente extraordinaria a concorrencia dos banhistas, comprehendendo homens, mulheres e creanças, de todas as classes.

«São em maior numero os pobres, mas tambem alli concorrem sempre muitos banhistas da primeira sociedade.

«Alli temos visto, por exemplo, o sr. bispo de Viseu com a sua familia e outras da capital do districto — o sr. Antonio de Mendonça Falcão da Cunha e Povoas, e outros cavalheiros e familias da Guarda — de Ceia as familias da sr.ª viscondessa de Vallongo, Mottas, Cunhaes, etc.— de Gouveia as familias do sr. conde de Caría, Mendes Duarte, José Hygino, Brazes, Rainhas, Mouras Portugaes, etc.— e os condes e o juiz de direito de Fornos de Algodres — além de outras muitas familias de Nellas, Cannas de Senho-

rim, Mangualde e mesmo de Coimbra, do Porto, e de Lisboa!...

«De Lisboa tem hido alli, ha annos, o sr. José Maria Marques Caldeira, que se propõe erguer o pobre estabelecimento dos banhos da humildade em que tem jazido até hoje, e eleval-o á altura que merece, como acabamos de lêr no *Jornal de Viseu* (n.º 1:773) em um interessante e curioso artigo edictorial que, com a devida venia, transcrevemos em seguida.

«Eil-o:

«São muito conhecidos em todo o paiz, e ainda no estrangeiro, os maravilhosos resultados d'essas aguas. Procuram os seus beneficios, nas duas quadras do anno, mais apropriadas, centenares de pessoas, apezar de não ser commodo ainda o transporte entre a estrada real e a povoação de Val de Madeiros, e de não haver alli as commodidades que hoje se encontram em quasi todas as caldas, até mesmo de menor nomeada.

«Bastará dizer que nem ao menos alli existe um hotel, uma casa que receba hospedes. Quem fôr, ha de levar tudo o que é necessario — desde a louça da cosinha!

«Em novembro ultimo, o sr. José Maria Marques Caldeira, que ha annos costuma aproveitar-se dos beneficios e milagrosos effeitos d'essas aguas, obteve da camara municipal de Nellas, a quem pertence a posse do manancial, concessão, por 99 annos, do rendimento das aguas, mediante a prestação de 120$000 réis ao municipio, e devendo facilitar ao publico 14 a 18 banheiras — porque para abastecer mais, de uma vez, não dá agua a nascente.— Os banhos serão de 4 classes, desde 200 réis até 50 réis, de custo, cada um, sendo duas banheiras destinadas para banhos gratuitos de pobres.

«O uso das aguas para beber será tambem pago.

«O rendimento que até hoje a camara de Nellas auferia das aguas orçava por 80$000 a 90$000 réis. O estado das casas dos banhos é mau, e não seremos exagerados se o chamarmos vergonhoso. Se a bondade realmente extraordinaria das aguas não fosse a principal origem do movimento de pessoas que as procuram, difficilmente se poderia alli encontrar banhistas.

«Esse movimento ha de augmentar muito, ainda que alli não se tratasse dos melhoramentos de que vamos fallar, em consequencia do caminho de ferro da Beira, que lhe fica, póde dizer-se, á porta.

O sr. Caldeira obrigou-se a organisar companhia para alli estabelecer os melhoramentos, que consistirão em casa propria para banhos, com as commodidades adequadas a esses estabelecimentos, companhia que tirará o lucro durante aquelles 99 annos e depois deixará para o municipio os melhoramentos que fizer.

«O preço dos banhos até hoje, tem regulado entre 10 e 20 réis cada um, segundo nos informam.

«Ha annos, o sr. dr. Joaquim Paes da Cunha, a quem o concelho de Nellas deve fervoroso e mui proveitoso apostolado, e incessantes trabalhos em bem de importantes melhoramentos de que gosa, propôz á junta geral, de que era zeloso e a todos os respeitos digno membro, que ella consultasse o governo, pedindo que, estudadas as aguas e o local por pessoa technica, elle mandasse levantar a planta de uma casa propria, visto não ter a camara de Nellas meios de o fazer. O governo promptamente accedeu, e foi mandada á camara d'esse concelho uma bella planta para o edificio, comprehendendo casas de banhos, todas as suas dependencias e sala para club.

«Circumstancias que escusamos de enumerar, deixaram permanecer as cousas n'esse ponto, sendo na ultima sessão legislativa, a instancia do mesmo sr. dr. Paes da Cunha e de outros cavalheiros de Nellas, apresentado um projecto de lei para beneficio d'aquelle importante local da Felgueira — projecto que nem sequer teve as honras de sahir da commissão parlamentar.

«Eram estas as circumstancias quando o sr. Caldeira fez a proposta a que nos referimos, e que foi acceita.

«Felicitamos o sr. Caldeira, sentindo que ha mais tempo o concelho de Nellas, que é muito rico e onde ha boas fortunas e cavalheiros de iniciativa provada, não tivesse

devéras tractado de organisar uma companhia para exploração d'essas aguas. Não vae aqui censura a alguem: vae apenas a expressão d'um sentimento, por vermos um cavalheiro de fóra do concelho tomar uma resolução que muito antes, e sempre, poderia ser tomada por alguns municipes de Nellas. É notavel a inacção dos beirões em promover os seus interesses, melhorando ao mesmo tempo os do publico. É lastimoso vêr que os capitaes aqui não sahem fôra do circulo da agiotagem e usura, não porque seja mais seguro o emprego, mas porque dá menos incommodo. É por isto que não ha associação agricola; que não ha bancos para facilitar á lavoira capitaes baratos; que não ha companhia edificadora; que não a ha para abastecimento de aguas da cidade de Viseu, etc., etc.

«É por isso que nós louvamos o sr. Caldeira e todos aquelles que vêem, procurando os seus interesses, concorrer tambem para os do publico.

«A concessão a que nos referimos não foi, segundo cremos, definitiva, nem o podia ser. O sr. Marques Caldeira, não acceita a planta offerecida pelo governo, nem ainda apresentou outra, mas obrigou-se a apresental-a para ser considerada pela camara, não comprehendendo, todavia, sala para club nem casa para hotel.

«Por certo a camara de Nellas ha de ter o maior desejo de fazer a concessão definitiva ao sr. Caldeira, cuja iniciativa é altamente louvavel, e cremos que não será s. ex.ª o que deixa de offerecer todas as garantias no concurso que a camara terá de abrir para a adjudicação definitiva da referida concessão.

«Bem merece o sr. Caldeira toda a consideração dos homens que se interessam por o melhoramento das aguas da Felgueira. Foi grande o impulso que da sua iniciativa provém para alfim se curar definitivamente da acquisição de um beneficio, cujos effeitos são incalculaveis, e do qual, resultando lucros certos e importantes para a empreza, provirão inexgotaveis conveniencias publicas.

«É necessario não esmorecer de novo: é preciso não parar no caminho. É indispensavel que não haja o fatal ámanhan n'um assumpto de tamanha necessidade.

«A camara de Nellas é composta de cavalheiros devéras interessados no bem dos municipes, e os melhoramentos da Felgueira são ainda muito mais, do que do municipio — são beneficios para a humanidade.

«Associámo-nos com o sr. dr. Joaquim Paes da Cunha quando elle ergueu, na Junta Geral, a sua voz patriotica e auctorisada, em bem das caldas da Felgueira. Por outras vezes temos apostolado em favor das melhorias que ellas reclamam. Hoje folgamos por vermos as cousas dirigidas a um fim tão util, e tão bem encaminhadas, e quizemos ser dos primeiros a prestar o sincero culto de nosso respeito ao sr. Marques Caldeira, á camara e aos cavalheiros de Nellas que fomentam essas melhorias.

Que não haja agora a fatidica e desgraçada somnolencia— condão infeliz, que tem feito paralizar e inutilisar tantos outros commettimentos de subida conveniencia publica. Eis os nossos desejos e os interesses de todos os que do bem geral, auferem o quinhão que a todos enriquece.»

São estes tambem os nossos votos e os da humanidade enferma».

Depois de já estar composto o que acaba de ler-se com respeito ás thermaes de *Val de Madeiros*, vi no illustradissimo «Jornal de Viseu» de 13 de setembro de 1882, os dous annuncios seguintes, que sendo de tão grande importancia, para as pessoas que precizem uzar d'estas aguas — não quero privar os meus leitores do seu conhecimento. Eil'os:

Pequena hospedaria nos banhos da Felgueira. Maria do Espirito Santo Paes Martins e Maria d'Annunciação, sob a direcção de seus irmãos Sebastião Pereira e Lucio d'Oliveira e Silva, fazem saber aos srs. banhistas que teem alli montada a hospedaria com a devida decencia e commodos. Preços os mais resumidos. Canas de Senhorim, 12 de agosto de 1882.

Diligencias diarias entre Nellas e Vizeu, e Estarreja e Vizeu. As companhias Viação Viziense e Viação do Vouga, fazem publico que teem 3 carros diarios durante os mezes

de setembro e outubro, entre Nellas e Vizeu, saindo o 1.º ás 4 1/2; o 2.º, 7,50 e o 3.º 10,20 da manhã; de Nellas para Vizeu ás 10,50 da manhã, 1 e 30, e 7,45 da tarde. As mesmas continuam com as carreiras diarias entre Estarreja e Vizeu.

VAL DA MADRE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 185 kilometros a N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 72 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, S. Braz.

Arcebispado de Braga, districto administractivo de Bragança.

O prior do Mogadouro, apresentava o vigario, que tinha 8$000 de congrua, e o pé de altar.

Pouco fertil. Gado e caça.

VAL DE MARINHA — Ribeira, Traz-os-Montes, entre os limites da *Lagoaça*, concelho de Freixo de Espada á Cinta, e *Quinta das Quebradas*, concelho do Mogadouro.

Corre em sitio muito ameno e agradavel.

Parece-me que as margens d'esta ribeira deram origem ao nome árabe (corrupto) de *Lagoaça*, porque —

Em Argel, ha uma cidade muito antiga (hoje praça de guerra dos francezes) chamada *Laghouat*. Já antes de tomada pelos francezes, éra cercada de muralhas, com seu castello.

Tem uns 3:000 habitantes, e está situada no formoso *Oasis* do seu nome, que tem 152 hectares, e contem 18:000 palmeiras. Tem tambem muitas figueiras, romeiras, oliveiras, pecegueiros, damasqueiros, marmelleiros, larangeiras e outras arvores. Tém vinhas, hortas, meloaes e outras plantas, tudo em formosos jardins, em volta das muralhas, que são de *adobes*, mas bastante consistentes. Estes jardins, são regados pelo formoso ribeiro chamado *Oued-Mzi*, no qual se construiu um dique, a que deram o nome de *Ras el-Aioun*, com 300 metros de comprido, 10 de largo, e 3 d'alto. É um dos mais bellos, ferteis e ricos *oasis* africanos.

Talvez que a tal ou qual semelhança das margens do *Val de Marinha*, com o *oasis* de *Laghouat*, fosse a causa dos árabes lhe darem este nome.

Na sua margem esquerda (do Val de Marinha) e junto ao alveu, existe um manancial de aguas sulphuricas, denominadas *Fonte-Santa*, muito efficazes para a cura de molestias cutaneas.

Junto a esta fonte, existem os restos de umas casinholas, que em outras eras serviram de acolheita aos doentes que vinham aqui fazer uso d'estes banhos.

Ao N. da ribeira, e em frente da Fonte Santa, se levantam umas altas serras, nas quaes os pastores apascentam os seus rebanhos, e diz o povo d'aqui, que as pedras d'estas serras são de *ouro encantado*. É certo que a maior parte das pedras que se encontram soltas aqui, são amarelladas e alguma coisa sonoras. É provavel que sejam *pyrites de ferro e enxofre*, visto que ao sopé se encontram as taes aguas sulphuricas da Fonte Santa.

Nas faldas d'estas serras, o ao abrigo d'ellas, muito proximo da ribeira, existe um cerrado (campo) cercado de parede de uma altura descommunal, que denota uma grande antiguidade. Dá-se a este cerrado, o nome de *Casal dos Moûros*, e é tradição que houve aqui uma povoação mourisca.

Tudo isto nos leva a acreditar no tal nome de *Laghouat*.

VAL DE MENDIZ — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Alijó (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Favaios). 95 kilometros ao E.N.E. de Braga, 355 ao N. de Lisbôa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 17.

Orago, S. Domingos.

Arcebispado de Braga, districto administractivo de Villa Real.

O reitor de S. Romão de Villarinho (hoje

Villarinho de S. Romão) apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar

É provavel que o nome d'esta freguezia venha de *Mem Diz* (abreviatura de *Mendo Diniz*, como antigamente se escrevia) talvez senhor ou primeiro povoador d'esta aldeia.

Foi desmembrada, no principio do seculo XVIII, da freguezia de Villarinho de S. Romão, constituindo freguezia independente, mas curato da sua parochia, a qual fica na margem opposta do rio Penhão.

Não é fertil em cereaes, perém o seu vinho é de superior qualidade, e do melhor do Alto Douro. Tambem produz algum azeite, considerado como superlativo.

Está a povoação situada ao fundo de um monte, e quasi por baixo de Villarinho de Cottas (a um kilometro de distancia) e em frente da villa de Provezende.

Junto á aldeia de Val de Mendiz, estão a casa e grande *quinta do Noval*, hoje do sr. Alfredo Allen (feito visconde de Villar Allen, em 13 de janeiro de 1866.) A terra d'esta quinta, está quasi toda de vinha, e antes do terrivel phylloxera, produzia mais de 130 pipas de magnifico vinho de embarque.

O seu proprietario tem empregado os maiores cuidados e feito todas as possiveis experiencias, para atalhar o mal que ameaça a total destruição das suas vinhas, e bastante, felizmente, tem já conseguido; o que tem servido de estimulo a outros viticultores. É o sr. visconde, um dos mais infatigaveis propagadores de tudo quanto possa salvar o Alto Douro da ruina causada pelo destruidor phyloxera. Honra lhe seja.

No alto d'esta quinta ha vestigios de um pequeno e antiquissimo castello, de alvenaria; e tem aqui apparecido muitos tijollos grossos e telhas, tambem grossas e chatas. Foi talvez alguma atalaia dos antigos lusitanos.

—

A estrada que de Murça desce á estação da via ferrea da Douro, no Penhão, atravessa esta quinta e passa *rente* a Val de Mendiz; e a *Nova Companhia viação Portuense*, estabeleceu n'esta estrada uma *diligencia* diaria, passando por Val de Mendiz, Favaios, Alijó, e varias outras aldeias até Murça.

—

Sendo o vinho a principal producção da freguezia de Val de Mendiz, e tendo o phyloxera arruinado quasi totalmente esta cultura, o povo d'aqui está reduzido a grande miseria, conservando apenas a recordação da sua antiga prosperidade. Já nem póde sustentar um parocho, e hoje apenas um padre de Favaios, vem aqui dizer missa nos domingos e dias santificados.

O mesmo acontece aos parochianos da freguezia de Villarinho de Cottas, que tambem já não teem parocho, e veem aqui ouvir missa, ou vão a Casal de Loivos, que lhe fica a egual distancia (um kilometro.)

Hoje que a aldeia do Penhão, na margem direita do Douro, está sendo uma povoação importantissima, pela sua estação do caminho de ferro, era uma boa providencia, formar uma nova freguezia, com Penhão, Casal de Loivos, Val de Mendiz, e Villarinho de Cottas, sendo esta ultima povoação a séde da freguezia, por ser o ponto mais central.

O cemiterio podia servir o de Val de Mendiz, construido ha poucos annos e bem situado, em um alto e sobranceiro á povoação.

Esta freguezia está sobre a margem esquerda do rio Penhão.

—

Tem aqui um casal, o sr. Antonio Julio de Castro Pinto Magalhães, medico, e feito 2.º visconde da Ribeira de Alijó, em 30 de abril de 1874. É irmão do sr. Joaquim Pinto de Magalhães, feito visconde de Arriága, em 17 de outubro de 1871.

VAL DA MÓ—logar, Douro, junto á villa da Anadia. Ha aqui um manancial de aguas ferreas. Não me consta que tenha sido devidamente analysado, nem d'elle pude obter outros esclarecimentos.

VAL DO MONTE—monte bastante elevado, de Traz-os-Montes, na freguezia de Po-

dence (antigamente, *Lamas de Podence*). Vide 7.º vol., pag. 113, col. 1.ª.

Esta freguezia pertenceu ao termo de Bragança, e é hoje do de Macêdo de Cavalleiros.

Pelo O., tem a aldeia de Podence um outeiro pyramidal, e nas suas faldas E., N. e S. está fundada a povoação. No alto do monte, ha um plató, ou planalto, de pouca extensão, aonde está a pequena ermida de Santa Barbara. D'este plató, principia a levantar-se outro muito mais alto, chamado *Val do Monte*, e o *Monte do Facho* (por aqui ter havido em tempos antigos, um facho.)

Está n'este monte, a ermida de *Nossa Senhora do Campo*, da qual adiante fallo.

Pelo N. da ermida e a pouca distancia d'ella, ha uma fonte perenne, de bôa agua potavel; e ao fundo do monte, tambem ao N.— ha um prado e um frondozo bosque de carvalhos e freixos, pelo qual corre um regato, que tem a sua origem na fonte da Senhora, e em outros mananciaes do mesmo monte.

Este prado é fresco e amenissimo no verão, e, alem de outros fructos, produz varias plantas medicinaes, como *betonica*, *polygonato* (tambem chamado *sêllo de Santa Maria* ou *de Salomão*) macella e outras.

No tope do Monte do Facho, ha um pequeno plató, cercado de frondosas arvores silvestres, de grandes dimensões e grande antiguidade, que servem de abrigo á ermida.

D'estas alturas se goza um vasto e bello panorama, avistando-se algumas villas e muitas aldeias, montes e valles.

A ermida, segundo a tradição, foi construida durante a dominação gothica, e não foi destruida pelos mouros—talvez porque não tiveram noticia da sua existencia, por estar escondida entre basto arvorêdo.—É dedicada a Nossa Senhora do Campo, que nos seus principios era muito pequena e pobre.

Pelos meados do seculo XIV, veio aqui ter um santo varão, biscainho, ou navarro, que, sobre as ruinas do antigo templosinho, fundou o actual, com seu alpendre coberto, sustentado por columnas de granito, e todo construido de robusta cantaria.

A capella-mór, é de abobada de tijôlo, e tanto as paredes da mesma capella-mór, como as do corpo da egreja, são reforçadas exteriormente por oito robustos botareus. O corpo da egreja é de trez naves, divididas por oito columnas que sustentam os arcos, de ladrilho. Tem altar-mór, e dous lateraes no corpo da egreja. Tem uma soffrivel sachristia do lado do norte, e ao sul as casas da residencia do ermitão. Tudo isto foi feito á custa do referido estrangeiro.

A festa principal da padroeira, é a 25 de março (Annunciação) mas se *cáe* na semana santa, faz-se depois da Paschoa.

Foi este templo muito frequentado de romeiros, principalmente no verão, e que pelo mesmo tempo hiam tambem em romaria ao Santo Christo, de Chacim, a Nossa Senhora das Flores, a Nossa Senhora da Assumpção, de Villas-Boas, ou Murça, e outras egrejas e ermidas.

Houve aqui duas irmandades—uma formada exclusivamente de clerigos, e outra de seculares; ambas com estatutos, approvados por bullas pontificiaes, com muitas indulgencias. Esta irmandade, fazia uma grande festa, a 3 de maio—dia de Santa Cruz.

Em todos os sabbados da quaresma era este sitio muito concorrido, havendo então aqui mercado. A 25 de março havia feira franca, onde vinha gente de algumas leguas de distancia. Chamava-se a *feira da Senhora do Campo*.

VAL DO MOSTEIRO—logar, Extremadura, (mas ao sul do Tejo) na freguezia e 3 kilometros da Érra (hoje Villa Nova da Érra) concelho de Coruche, comarca de Benavente. (Vide *Érra* ou *Villa Nova da Érra.*)

Situado em alto, correndo-lhe ao sopé, (ao O.) a ribeira da Êrra, confinando pelo sul, com a ribeira de *Sorráia*. É terra doentia, em razão dos pantanos e lagôas que existem por estes sitios. Tem porém dilatadas campinas, produzindo abundancia de cereaes e legumes, e vastos montados.

É n'este logar do Val do Mosteiro que se fundou o Convento de frades terceiros franciscanos de que fallei no artigo *Érra*.

VAL DE MOURO — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Trancos, 60 kilo-

lometros de Viseu, 335 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 37.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel, districto administractivo da Guarda. Foi até 1777 do bispado de Viseu.

O abbade da freguezia de Santa Maria, da villa de Trancozo, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé de altar. (Vide 5.º vol., pag. 89, col. 1.ª)

Fertil. Muito gado e caça.

VAL DE MUGEM—ribeira, Extremadura, (mas ao S. do Tejo) na freguezia da villa de Muge (ou Mugem.) Vide 5.º vol., pag. 584, col. 1.ª.

Em setembro de 1864, os distinctos engenheiros, Costa e Ribeiro, encontraram, em uma porção de grés, na ribeira de *Val de Mugem*, affluente do Tejo, 16 esqueletos, completos e perfeitissimos.

Isto causou grande balburdia entre os anthropologos, cuidando terem encontrado o problematico *homem terciario.* Feitas as contas, não passavam de esqueletos de celtas, antigos lusitanos ou romanos, que o grés tinha conservado, sem se decomporem. Mesmo assim, foi um achado importante para o estudo da anthropologia.

Despresando o disparate da existencia dos *homens preadamitas* (que existiram antes de Adão) o que é uma heresia, mesmo que estes esqueletos fossem antidiluvianos, seria difficil, senão impossivel, avaliar a immensa luz que tal achado derramaria nas sciencias, sobre tudo, na physica, na geologia, e na historia: resolver-se-hiam muitas questões até hoje problematicas.

Teem apparecido fosseis de quasi todos os animaes, em differentes localidades, mas até hoje, ainda não está satifatoriamente provado que apparecesse fossil algum humano.

Em Guadalupe (Hespanha) achou-se um esqueleto, incompleto, que alguns pretenderam ser antidiluviano; mas não o provaram: todavia, na Asia, devem existir fosseis humanos, a maior ou menor profundidade da terra, ou nas profundezas do mar, pois sabemos, que quasi toda a humanidade morreu afogada pelo *diluvio universal,* no anno do mundo 1656—2348 antes de J. C.—isto é—ha 4:230 annos (hoje, 1882.)

—

Em setembro de 1880, *importámos* umas poucas de duzias de sábios—e *sábias!*... de differentes nações. Uns vinham fazer um *congresso* sobre sciencias e litteratura; outros, vinham em busca do *homem terciario*, que o sr. Carlos Ribeiro julgava ter encontrado no *Cabeço da Arruda* (*!*), e examinar TODOS os nossos monumentos archeologicos—que os temos em grande copia e de incontestavel merecimento.

Tive a inacreditavel coragem, de ler, *de fio a pavio,* todas as sessões d'estes *congressistas,* e de um cento d'elles, pouco mais ou menos [1] da nossa terra, que se lhes reuniram.

Entre 600 linhas que só tratavam da descripção de jantares, *lunches,* ceias, bailes, etc.; lá pude encontrar duas ou trez linhas de litteratura, ethnologia, anthropologia, archeologia, etc. Por fim de contas, nada absolutamente descobriram (senão que os nossos vinhos eram optimos...) e nada decidiram.

Os archeologos, examinaram (*a vol de oiseau*) alguns monumentos; mas na *Citania,* de Briteiros, onde o distinctissimo archeologo de Guimarães, o sr. doutor, Francisco Martins do Gouveia Moraes Sarmento, á custa de enormes despezas, feitas exclusivamente do seu bolso, tem feito as mais notaveis descobertas, como temos visto em varias partes d'esta obra, os congressistas, nada ab-

[1] E, na verdade, *de pouco mais ou menos,* eram bastantes d'estes nossos *sábios.* Eis a prova — Um d'elles, foi meu escrevente 4 ou 5 mezes; e, não podendo fazer cousa nenhuma d'elle—apezar de me quebrar a cabeça durante todo aquelle tempo—vi-me obrigado a pôl-o na rua. Este congressista é de Lisbôa.

Outro d'estes *sábios,* é do Porto, e não havia ainda muitas semanas, que tinha ficado reprovado em um exame de instrucção primaria!

Que hiriam estes dous individuos, e outros tão bons como elles, fazer ao famoso congresso?

solutamente adiantaram, limitando-se a concordar em tudo quanto disse o sr. Sarmento.

Em Braga, foram divertir-se e jantar ao Senhor do Monte, e só de noite, e *á luz de archotes* (*!*) viram os marcos milliarios, da praça das Carvalheiras.

Foram de' patuscada a Cintra; mas, deram-lhes mais cuidado e mereceram-lhes mais attenção as *queijadas da Sápa*, do que o formosissimo dolmen de *André-Nunes*, o mais notavel monumento pre-historico que existe na nossa peninsula, e o primeiro depois dos de *Carnac* e de *Locmariaquer*, na Bretanha—e do célebre *penédo oscilante*, de *Peros-Guirech* (Cótes du Nord) em França.

Vamos agora aos anthropologos.

O sr. Carlos Ribeiro, fez a descripção do *homem terciario* que havia *encontrado* no Cabeço da Arruda; mas o congressista italiano Capellini, respondeu-lhe que só elle e *mais ninguem*, possuia um *homem terciario*, authentico. Ambos ficaram descontentes; porque a maior parte dos sabios estrangeiros, decidiu que a existencia do homem terciario, não estava provada!

Depois de varios discursos sobre os periodos e os homens *miocénes* e *pliocénes* proferidos por differentes sabios, sobre o *homem paleonthologico*, de Lineu, fallou-se em Darwin e nos seus macacos (nossos progenitores, segundo este figurão!) [1] Mr. Mortillet, negou esta doutrina, sustentando que o precursor do homem, foi o *anthropopitecus-ribeirosianos* (*!*)

Foi mau não haver ainda *darwinistas* no tempo de Faria e Souza, senão tinhamos outra poesia como a dos peguanos. (Vide 7.º vol., pag. 152, col. 2.ª)

[1] Este escriptor — aliás de incontestavel talento—teve suas manias (como acontece a todos os grandes sabios) e uma d'ellas foi querer fazer-nos acreditar que os homens procedem dos gorillas, dos chipanzés, dos orango-otangos, e de toda a casta de macacada. O que elle não diz, é como *perdemos o pêllo* e nos *cahiu o rabo*. Darwin morreu em maio d'este anno de 1882.

Uma vez, apresentaram a Cuvier, como grande raridade, o esqueleto de um *homem antediluviano*. O sabio naturalista, depois de examinar aquillo, disse ao apresentante — Isto nunca foi esqueleto de um homem; é a ossada de uma salamandra fossil (mas não preadamita) de grandes proporções.

—

Na ilha de Guadalupe, pretenderam alguns anthropologos ter achado um esqueleto humano, da época terciaria: examinado porém attentamente por homens da sciencia, conheceu-se que aquillo não passava de uma reunião de infiltrações calcareas.

Boucher de Perthes, apresentou a um congresso prehistorico de Paris, *um osso*, e estes congressistas decidiram que era a mandibula de um homem preadamita!...

Teem apparecido em differentes logares da nossa Peninsula, bastantes esqueletos do tempo dos phenicios e dos romanos; mas, apenas expostos á acção do ar athmospherico, desfazem-se em pó. Em vista d'isto não é possivel acreditar na existencia de esqueletos humanos antediluvianos entre nós, quanto mais, da época terciaria.

Nem é possivel provar a existencia do homem antediluviano n'esta parte da Europa, mesmo que elle n'essa época já existisse aqui, o que não é acreditavel.

Alem d'isso, sustentar a existencia do *homem terciario*, é uma perfeita herezia, contraria ao que lemos (e temos obrigação de acreditar, como catholicos), nos livros sagrados de Moysés. Talvez mesmo que seja com o fim de desmentir a Biblia que os *terciarios* e gorillistas inventassem o homem preadamita!...

—

Finalmente — fallemos com franqueza — os congressistas estrangeiros, passaram 9 decimas partes do tempo que cá estiveram, em comer, beber, divertir-se — e dormir.

Vide *Val do Tejo*, onde dou noticias mais circumstanciadas sobre este objecto.

—

Julgo bem cabido n'este logar, o seguinte,

A pag. 439, col. 1.ª do 9.º volume—disse eu—«Custa-me bastante a acreditar na existencia de *cyclopes*, ou *homens gigantes*, que

ninguem sabe, que caminho levaram. Apparecem com frequencia, e em differentes latitudes, fosseis de masthodontes, mamouthes, ictiosauros, megaterios, etc., etc., e ainda não appareceu, até hoje, nenhum cyclope fossil!»

Pois se é certo o que dizem varios jornaes (*e os jornaes não mentem*...) «Em maio d'este anno de 1882, no valle de *Red River* (America) appareceram varias ossadas humanas, pertencentes á antiga raça dos *trogloditas*. Alguns ossos, eram de tamanho extraordinario: entre estes, se achou uma caveira de proporções verdadeiramente gigantescas, que não póde ser senão a de um monstruoso titan.»

Acredite quem quizer.

VAL DE NACAR—logar, Beira-Alta, comarca, concelho e freguezia de Armamar (antigamente *Ermamar*). Em 1227, havia em Val de Nacar, uma vinha, pertencente a *Fernão Martins Ferreiro* e a sua mulher, D. Agueda. Estes a doaram n'este anno ao mosteiro de Salzêdas, sob a condição dos *frades tomarem os doadores por seus familiares, e os fazerem participantes de todas as boas obras d'aquella abbadia; e serem conduzidos a ela, depois de defunctos, pelos mesmos monges, para alli os sepultarem. E os doadores, emquanto vivos, dariam annualmente, por dia de S. Martinho, uma pitança de XVII teigas de pão cosido, XX pescadas, e dous modios de vinho; e por sua morte os contemplariam do melhor modo que podessem, no seu testamento.* (Livro de doações de Salzêdas, fim 31 v°.)

VAL DE NOGUEIRA — freguezia, Traz-os Montes, concelho, comarca, bispado e districto administractivo de Bragança, 54 kilometros ao N. de Miranda do Douro, 460 ao E. de Lisbôa.

Em 1768, tinha 35 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O reitor de Salsas, apresentava o cura, que tinha 6$000 reis de congrua e o pé de altar.

Segundo o *Sant. Mar.* (tomo 7.°, pag. 440) foi abbadia, e tinha annexa a freguezia de Salsas. Hoje mudou isto: a freguezia de Val de Nogueira é que está annexa á de Salsas; mas quasi toda a gente dá a estas duas freguezia unidas o nome de Val de Nogueira.

O mesmo *Sant. Mar.* diz que esta freguezia é no arcebispado de Braga. É êrro. Foi do bispado de Miranda, que é o actual de Bragança.

Val de Nogueira, foi villa e cabêça de julgado, á qual o rei D. Manoel deu foral, que não se chegou a publicar. (Vide processo para este foral, na gav. 20, maço 12, n.° 43).

Mas tinha foral velho, dado por Affonso Rodrigues, procurador do rei D. Diniz e seu povoador em Bragança, datado de Ventosêllo, a 6 de fevereiro de 1299, e confirmado pelo dito rei, na Guarda, a 12 de abril de 1308. (L.° 4.° de *Doações* do rei D. Diniz, folhas 47 v°).

Ha n'esta freguezia, a antiquissima ermida de Nossa Senhora dos Chãos, cuja festa principal se faz a 25 de março (Annunciação) e fazem-se mais duas—uma a 3 de fevereiro (dia de S. Braz) e outra na 2.ª 8.ª do Espirito Santo.

Teve ermitão com residencia propria, junto á ermida.

Em junho de 1877, se fez aqui uma procissão, que levou nada menos de CINCOENTA E NOVE andores! Os estandartes e cruzes eram ainda muitos mais; e os fieis que seguiam a procissão excediam a 4:000!

VAL DE NOGUEIRAS—freguezia, Traz-os Montes, concelho, comarca, districto administrativo e proximo a Villa Real, 80 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa. 345 fogos.

Em 1768, tinha 161.

Orago, S. Pedro, apostolo.

É no arcebispado de Braga.

A mitra, apresentava o reitor, que tinha de rendimento annual, 120 mil réis.

É no districto da famosa *Terra de Panóyas*.

(Vide *Constantim de Panoyas*.)

É n'esta freguezia a pequena e extincta villa de *Gallêgos*. (Vide 3.° vol., pag. 254, col. 2.ª, no pr.)

Val de Nogueiras, teve foral velho, dado por D. Affonso III, em Guimarães, em 2 de abril de 1258. (*Livro de foraes antigos de leitura nova*, folhas, 126 v°, col. 1.ª)

Pretendem alguns, que a famosa cidade de Panoya fosse onde hoje se vê a povoação de Constantim, freguezia immediata a esta; mas então a tal cidade estendia-se pelo ambito que hoje occupam estas duas freguezias; porque, em qualquer escavação—e até mesmo quando se lavram algumas terras—n'esta freguezia de Val de Nogueiras, por muitas vezes se teem encontrado pedaços de columnas, capiteis e frizos de jaspe; telhões e ladrilhos de grandes dimensões, de um barro tão vermelho como a gran.

(Note-se que tanto o jaspe, como o barro, deviam ter vindo de muito longe, porque não ha por estes termos semelhantes materias.)

Nas paredes da egreja matriz, e mesmo nas de casas particulares, se vê, entre tôsca alvenaria, de schisto ou granito, muitas pedras de marmore, bem lavradas.

Nas paredes da residencia parochial, ha trez pedras de marmore, cada uma com sua palavra latina—MODESTIA—AVREOLE—e—MILIASTIPIB. (?)

Segundo a tradição, os muros de Villa-Real, foram construidos com materiaes tirados da cidade de Panoyas, destruindo-se então os restos venerandos de uma das mais notaveis povoações da Lusitania!

É certo que ainda em varios sitios d'esta freguezia, se vêem montões de pedregulho e caliças, que bem mostram ter sido as mãos dos homens, e não as injurias do tempo, os agentes d'este vandalismo.

Proximo á egreja matriz, está um monte muito elevado. N'elle ha varios rochedos, onde os romanos abriram com grande trabalho e muita despeza, sumptuosos templos (*fanos*) aos seus deuses infernaes, no tempo de *Cayo Gneo*, e *Calpurnio Rufino*, varão consular, muito dado á superstição dos idolos.

Foram estes dous patricios que mandaram construir (mais propriamente *abrir*) estes curiosissimos monumentos, que teem hoje mais de 2:000 annos de existencia!

Algumas das inscripções gravadas n'estes monumentos, ficam transcriptos no 6.º vol., pag., 446, col. 1.ª e 2.ª—mas os que desejarem saber o contheudo de todos, e até os seus perfeitos desenhos, vejam o tomo 1.º da *Memoria para a historia do arcebispado de Braga*, a pag. 327 e seguintes, de D. Jeronymo Contador de Argote—e o livro do mesmo auctor, intitulado—*De antiquitatibus conventus Bracarangustani*, pag. 132 e seguintes.

Não transcrevo aqui estas inscripções, porque são muitas e fariam o artigo ainda mais fastidioso.

Ao N. d'esta freguezia, nasce o pequeno rio *Tanha*, que vai passar a *Ponte-Pedrinha*, perto de Abáças, e entra na margem esquerda do Córgo, no sitio da *Fervide*.

VAL DE NOSSA SENHORA — logar, Beira Alta, na freguezia de *Mões* (vol. 5.º, pag. 353, col. 1.ª.)

Entre os valles de *Nossa Senhora* e da *Ribeira da Mouta da Cella*, está uma elevação onde se fundou a ermida de *Nossa Senhora do Mosteiro*, tambem chamada do *Cerdeiro*, e que deu o nome ao primeiro d'estes dous valles, povoados de vinhas e outras plantas.

Segundo a tradição, esta ermida (que é antiquissima) foi fundada por um santo ermita, o qual junto a ella mandou construir um pequeno e pobre mosteiro, onde viveu vida penitente e contemplativa, com mais alguns religiosos que o quizeram acompanhar n'este êrmo. É por isto, que á Padroeira da ermida, se dá a invocação de Nossa Senhora do Mosteiro; mas não se sabe quando este foi abandonado pelos frades, nem a que ordem elles pertenciam.

A ermida, fica entre a villa de Mões, e a aldeia do Mollédo, a trez kilometros de distancia de cada uma d'ellas.

Em tempos de fé verdadeira, era este templosinho muito visitado em todo o decurso do anno, principalmente, nos sabbados e domingos da quaresma.

Antigamente no dia de S. João Baptista, e no da Visitação de Nossa Senhora, vinha aqui a camara de Mões e o povo da villa, em procissão; e o mesmo praticavam na quarta feira, vespera da Ascenção do Senhor — os do Mollédo, como seu parocho.

Supprimido o concelho de Mões, pelo de-

creto de 24 de outubro de 1855,[1] deixou de existir a camara, e as duas procissões cahiram em desuzo.

VAL DA OLIVEIRINHA—e—VAL DE DONA TÓDA—Vide *Olho da Mira*.

VAL DE ORJÃES—herdade, Extremadura, junto a Thomar. Nada tem de notavel senão a sua antiguidade. Em 1190, pertencia a Pedro Ferreiro e sua mulher Maria Vasques, que a doaram então a D. Sancho I.

Orjães, e *Orjáes*, é portuguez antigo—significa *cevadáes* — campos semeados de cevada, á qual se dava o nome de *órje* [2].

VAL DO OURO — Vide no 6.° vol., pag. 611, col. 2.°, pr.—

VAL DE PAÇÓ—Antiga villa e freguezia, Traz-os-Montes, no extincto couto de Carocêdo, e depois, do tambem extincto concelho de Failde e Carocêdo,—depois do concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança e hoje comarca e concelho de Vinhaes.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Em 1768, tinha 52 fogos.

Está a 45 kilometros a E. de Miranda, e 480 ao N. de Lisboa.

O abbade de Rebordêllo, apresentava o cura, confirmado, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida, e está annexa á de Curópos, do mesmo concelho de Vinhaes.

Esta freguezia foi supprimida e annexa á de Curópos, bem como a de Pallas, e hoje todas trez formam uma só freguezia.

Failde, Corocêdo (que lhe fica a 3 kilometros) e *Val de Paço*, todas tiveram fôro de villa, e eram donatarios d'ella os condes de Athouguia, e o ultimo a perdeu, com a vida, no supplicio do Caes de Belem, (vide *Chão Salgado*) ficando estas trez pequenas villas livres para a corôa.

[1] Este decreto supprimiu seis concelhos no districto administrativo de Viseu — *Mões, S. Martinho de Mouros, Ferreiros de Tendaes, S. Fins* e *Trevões*.

[2] *Orja*, é um antigo gallicismo, talvez introduzido em Portugal pelos nórmandos, ou gascões. Os francezes dão á cevada o nome de *orge*.

Diz-se que o nome d'esta freguezia, proveio de um pequeno palacio (*paçô*) que tinham aqui os donatarios.

Junto a Val de Paço, mas na freguezia de Carocêdo, se vê o alto monte do *Terradal*, onde está a egreja matriz d'esta ultima freguezia. Este monte está irriçado de penedias, mas entre ellas nasceram umas arvores, ás quaes os da terra dão o nome de *sardões*, e que não são outra cousa senão corpulentos carrascos.

Segundo a tradição, como aqui havia muitos e grandes lagartos, principiaram a dar ás taes arvores, a denominação de *arvores dos sardões*, e depois, *tranchons, le mot — sardões !* Seria.

VAL DE PAÇOS *ou* **VAL PAÇOS** — villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca, (de 1.ª classe) do seu nome, no districto judicial da Relação do Porto.

105 kilometros ao N. E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 310.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O cabido da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 180$000 réis de rendimento annual.

Tem estação telegraphica.

Nunca teve foral novo nem velho, porque é creação nova.

Foi elevada a cabeça de concelho, por decreto de 6 de novembro de 1836.

A cabeça de comarca, por decreto de 31 de dezembro de 1853.

A cathegoria de villa, com o nome de *Val de Paços* (ou *Val Paços ;* porque até então se chamava simplesmente *Paços*, ou *Passos*) por decreto de 27 de março de 1861.

—

O concelho de Val de Paços, é composto das seguintes 33 freguezias.

No arcebispado de Braga, 25, que são — Agua Revez — Alhariz — Argeriz — Canavezes — Carrazêdo de Monte-Negro — Corveira — Crasto — Curros — Emeres — Ervões (ou Hervões) — Fornos do Pinhal — Friões — Jou — Padrella — Poçacos — Rio Torto — São Fins — Serapicos — Tazem —

Val de Paços — Valles — Vassal — Veiga de Lila (Santa Maria) — Veiga de Lila (S. Pedro) — e Vilarandéllo.

No Bispado de Bragança, 8, que são — Alvarêlhos — Barreiros — Bouçoães — Fiães — Lebução e sua annexa, Nuzéllos — Santa Valha (ou Santa Ovaia) — Sonim — e Tinhella [1].

Todas com 6:100 fogos.

A comarca comprehende só o seu concelho.

Pela nova divisão judicial, é a comarca composta de quatro julgados — *Carrazêdo de Monte Negro* — *Fiães* — *Santa Maria de Emeris* — e *Val de Paços*.

A villa está situada em um pequeno valle, na encosta de uma serra pouco elevada, e, quando eu alli estive, em abril de 1847, ainda mal merecia o nome de villa; mas, desde então, tem progredido muito, e está hoje uma bonita povoação.

A egreja matriz, construida no principio d'este seculo, é um amplo e magestoso templo, todo de abobada, e com uma elegante torre, de cantaria lavrada, de 25 metros de altura.

O territorio d'esta freguezia, é notavel pela variedade, quantidade e optima qualidade dos seus productos agricolas, como são — excellente vinho, azeite, cereaes, legumes, batatas, castanhas, hortaliças, fructas, cêra, mel, etc.

Cria muito gado bovino, lanigero e suino, pelo que é abundante de bôas lans, e é famosa a carne dos seus porcos. De tudo isto exporta grande quantidade.

Tem, por quasi todos os lados, collinas, povoadas de pinheiros e outras arvores silvestres, que lhe dão um aspecto sobremodo agradavel e pittoresco, tornando a povoação muito saudavel, e fornecendo-a de bôas madeiras, e bastante caça, do chão e do ar.

E' tambem abundante de optima agua potavel.

—

Ha n'esta freguezia, e mesmo dentro da villa, duas elegantes capellas particulares, muito bem conservadas, e ambas construidas pelos fins do seculo XVI, ou principio do XVII. — Uma pertence ao extincto mórgado dos Magalhães Pintos, familia antiga e nobre, de grande influencia no antigo regimen. — A outra, dedicada a S. Sebastião, foi mandada construir pelos ascendentes do actual mórgado da Teixugueira.

—

Ha n'este concelho, minas de prata, enxofre, chumbo, ferro, antimonio e outros metaes, mas nenhuma está em lavra.

—

Val de Paços tornou-se notavel nos fastos das nossas guerras civis, pela batalha que teve logar aqui, a 15 de novembro de 1846, entre as forças populares, commandadas por Sá da Bandeira, e as cabralinas, sob as ordens do Casal. Estas seriam de certo derrotadas se os regimentos n.os 3 e 15 da Junta se não passassem para os cabralinos, o que deu em resultado, a completa derrota das tropas populares. (Para evitarmos repetições, vide no 7.° vol., pag. 367, col. 2.ª e sua nota — e *Porto Manso*)

—

O procedimento da Guarda Municipal do Porto, que fazia parte das forças populares, tornou-se, n'esta conjunctura, digno dos maiores elogios, e deixou, pela sua coragem e disciplina, impressões indeleveis no animo dos habitantes d'esta villa.

Constou — não sei se com fundamento — que alguns cabralistas d'aqui assassinaram varios populares, quando retiravam, e os enterraram em uma vinha. O que é certo, é que, quando em abril de 1847, aqui chegou o meu regimento (infanteria n.° 9) e o 5.° da Legião — na ante-vespera de batermos o Vinhaes, em Mirandella, fazendo-o fugir para a Galliza — custou bastante a conter os soldados do 5.° da Legião, que se queriam vingar do assassinio dos seus camaradas, mortos (diziam elles) por alguns cabralistas d'esta villa. Eu fui nomeado — por escala — official superior do dia, e tive de estabelecer patrulhas, para evitar alguma desgraça; e, a pedido da familia de um doutor (que se escondeu, ou andava fugido) fui aquartelado para casa d'elle, para a livrar de algum

---

[1] Tinha mais a freguezia de Nuzêdo de Cima, que está hoje annexa á de Touzéllo, do concelho de Vinhaes.

insulto. Talvez houvesse justo motivo de receio...

VAL DO PARAIZO — aldeia, Extremadura, na freguezia da villa de Aveiras de Cima, concelho da Azambuja, comarca de Alemquer. (1.º vol., pag. 258, col. 2.ª)

Tanto d'esta aldeia, como de toda a freguezia, e da de *Aveiras de Baixo*, eram donatarias as commendadeiras (de S. Thiago) de *Santos-o-Novo*, inter-muros hoje, e a E. de Lisboa. Ellas recebiam os *dizimos*, *oitavos* e *fóros !*

Segundo o *Sant. Mar.*, tomo 2.º, pag. 363 e — *Hist. de Santarem edificada*, tomo 2.º, pag. 203 — a fundação da aldeia de Val do Paraizo, teve a origem seguinte :

Pelos annos de 1570, um caçador (outros dizem um pastor) da villa, achou na *tóca* de um velho sobreiro, uma pequena imagem da SS. Virgem. Deu parte ao parocho da freguezia, o qual, logo, com outros clerigos e muito povo, foram buscar a santa imagem, em vistosa procissão, e a collocaram em um dos altares da egreja.

Depois, arrancando o tal sobreiro, no mesmo logar construiram uma ermida, dedicada a *Nossa Senhora do Paraizo*, nomeando um capellão, para aqui dizer missa em todos os domingos e dias santificados, dando-lhe o povo, de esmola, pelas missas, 60 alqueires de trigo, annualmente.

Logo mesmo depois de construida a ermida, se foram tambem construindo casas em volta d'ella, e assim se deu principio á povoação.

Quando, em 10 de setembro de 1579, principiou em Lisboa uma horrorosa péste, que se propagou por todo o reino, e que, só em Lisboa, fez 40:000 victimas, e em Evora 25:000! — já esta aldeia contava uns 20 fogos, e para aqui fugiu ao contagio, a commendadeira, Dona Anna de Alencastro, que accrescentou a capella e lhe deu muitas alfaias; augmentando tambem a congrua do capellão, com mais quarenta alqueires de trigo, uma pipa de vinho e 1$000 reis em dinheiro, que a commendadeira sempre pagou, até 1833.

Foi grande a devoção que os povos d'estas terras principiaram a ter á Senhora do Paraizo, dando-lhe muitas esmólas e fazendo-lhe muitas offertas e legados, sendo o principal, o de D. Lucrecia Vaz, dona, viuva, da villa d'Aveiras, que lhe deixou em *Alpompilher*, uma fazenda que rendia uns 240 alqueires de pão. Com estas dadivas, se deu ainda maior amplidão ao templo, e se lhe compraram ricas alfaias e paramentos.

VAL DA PEDRA D'HERA — e **VAL DE PEDRO ANNES** — Vide *Val da Fonte.*

VAL DE PERDIZES — logar, Traz-os-Montes, termo da praça de Chaves.

Junto a este logar, está o monte *dos Remezeiros*, e n'elle um penedo, de 10 palmos de comprido por 8 de largo e 6 d'alto, onde se vê gravada a seguinte inscripção :

INAC CONDUCTA. CONSERVANDA
OI. IN. AC. CONDUCTA. P. MICI
INVOLV... IC. QUAECUQUE RESAT. MU
A... S. SI. L. SIQUI. EA-S. V. S. E. V.
IANCE — CI

Não é traduzivel (nem Argote a pôde traduzir) esta inscripção. Apenas se póde entender :

na 1.ª linha — *alugada e que se deve conservar.*

na 2.ª, torna a lér-se *alugada.*

na 3.ª — *se alguem me furtar outras cousas.*

E mais nada!

Suppõe Argote, que estava aqui alguma fazenda, e que o rendeiro ou feitor d'ella, gravou, ou mandou gravar aquillo, para que ninguem lhe roubasse os fructos alli produzidos.

VAL DE PEREIRAS — Vide 7.º vol., pag. 177, col. 1.ª

VAL DE PEREIRO — aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de Mascarenhas, comarca e concelho de Mirandella. (5.º vol. pag. 120, col. 1.ª, no fim.)

Junto a esta aldeia, está um cabeço pyramidal, bastante elevado, ao qual se dá o nome de *Viso*, e do qual se descobre um vasto e variado horisonte.

No vertice d'este monte, está construido o notavel templo de *Nossa Senhora do Viso*, em fórma de castello (como o da Flor da Rosa, no Alemtejo) com robustas muralhas,

botareus e barbacans, que cercam a egreja, a qual fica no centro, como cidadella.

A povoação de Mascarenhas é muito antiga, e provavelmente já existia no tempo dos gôdos ; mas a primeira noticia certa que d'ella temos, data da era de 1245 (1207 de Jesus Christo) como se vê na 4.ª parte da *Mon. Luz.*, de frei Antonio Brandão, L. 15, cap. 46, onde se diz que D. Sancho 1.º, deu a *villa* de Mascarenhas, a Estevam Rodrigues, que fundou a egreja de Santa Maria de Mascarenhas, para matriz da freguezia, e que o rei coutou n'esse mesmo anno de 1207.

Não se sabe porque razão esta villa tornou para o dominio da corôa, no reinado de D. João 1.º

E' aqui o verdadeiro solar dos Mascarenhas de Portugal. Para evitarmos repetições, vide no 3.º vol., pag. 240, col. 2.ª

Mascarenhas, é um dos mais nobres appellidos de Portugal, tomado d'esta freguezia, e Mascarenhas foram os condes de Santa Cruz, Obidos, Palma, Sabugal; marquezes da Fronteira, e o infeliz D. José Mascarenhas, ultimo duque de Aveiro. Alem dos titulares, ha tambem n'este reino familias muito nobres, da mesma procedencia.

VAL DE PEREIRO *ou* **VAL PEREIRO** — freguezia, Traz-os-Montes, concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncôrvo, 155 kilometros ao N. E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

80 fogos.

Em 1768, tinha 62.

Orago, Santo Apollinario.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era, até 1855, da comarca de Alfandega da Fé, e do extincto concelho de Chacim.

O abbade de Agro-Bom, apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esteve muitos annos annexa á freguezia de Agro-Bom, de que era filial, e da qual fôra desmembrada no fim do seculo XVIII, para formar freguezia independente.

VAL DE PEREIRO — logar, Alemtejo, 141 kilometros ao S. E. de Lisboa. — Estação do caminho de ferro de S. E., no ramal de Extremoz, e entre as estações de *Azaruja* e da *Venda do Duque.*

VAL DE PEREIRO — (rua do) primeira á esquerda, na rua do Salitre, indo do largo do Rato, e finda no largo de Andaluz.

Pertence a trez freguezias (!) S. Mamede, Coração de Jesus, e S. Sebastião da Pedreira — e a dous bairros — pois que as freguezias do Coração de Jesus e S. Sebastião da Pedreira, são do bairro central — e a de S. Mamede, é do occidental.

E' n'esta rua o amplo quartel militar, que foi por muitos annos do 4.º regimento de infanteria de Lisboa (n.º 16) e é actualmente do batalhão de caçadores n.º 2.

VAL DO PESO — freguezia, Alemtejo, concelho e 6 kilometros do Crato, comarca de Niza (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Portalegre).

180 kilometros ao S. E. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 120.

Orago, Nossa Senhora da Luz.

E' no priorado de Crato, annexo ao patriarchado.

Districto adimnistrativo de Portalegre.

O grão-prior do Crato (da ordem de Malta) apresentava o cura, que tinha de renda — 120 alqueires de trigo, 24 almudes de *vinho crú*, meia carga de *uva preta*, e 3$000 reis em dinheiro.

É uma povoação agradavelmente situada, em uma collina pouco elevada, entre as freguezias de Flor da Rosa e Alpalhão, e a uns 250 metros, a O., da estrada real, á macadam, do Crato para Niza, Fundão, Castello-Branco, Covilhan, Guarda, etc. — Estrada importante, que liga a Beira Baixa e uma boa parte do Alto Alemtejo com a estação do Crato, no caminho de ferro de S. E., o qual liga Lisboa com Badajoz.

Esta estação, fica entre as de Chança e Portalegre. A estação do *Pêso*, na linha de Caceres, passa tambem a poucos kilometros, ao N., de Val do Pêso.

Dá o nome a esta freguezia, um pequeno *valle*, contiguo á povoação (a E.) muito mimoso, com hortas e pomares ; sendo notaveis as suas figueiras, pela sua belleza e tamanho descommunal de algumas d'ellas.

—

(Bettencourt esqueceu-se d'esta freguezia, no seu *Diccionario chorographico*.)

VAL DE PIEDADE — Vide 3.° vol., pag. 252, col. 2.ª — 7.° vol., pag. 297, col. 2.ª, e 354, col. 2.ª

Grande fabrica de louça de Val de Piedade

Este excellente estabelecimento industrial, foi fundado em 1790, ou pouco depois.

E' seu actual e unico proprietario, o sr. *João do Rio Junior*; tendo por administrador, o sr. *Manoel Alves Ferreira Pinto*, cavalheiro que aos seus vastos conhecimentos com respeito á industria ceramica, reune muita probidade, energia e maneiras delicadissimas.

O edificio da fabrica, é vasto, e foi expressamente construido para o fim a que se destinou. E' todo de optima pedra de granito, com uma ampla frontaria, toda revestida de azulejos, aqui mesmo fabricados. Recebe muitissima luz, por 30 e tantas janellas, pelo que é tambem abundantemente ventilado.

Apezar de estar muito proximo da margem esquerda do Douro, o local é superior ás maiores enchentes, e a conducção dos seus productos, para o rio, é feita com a maxima facilidade e economia.

Os seus productos, são — louças brancas e pintadas, para mesa e quarto; ditas pretas de lustro; *bidés* para lavar creanças, e pés; panellas e potes para botica, dôce e dispensa; prateiras para dôce; bacias para latrinas; potes para caixas; tanques de sala, para peixes; panellas para agua, para sala e cosinha; vazos; figuras de homem, mulher, cães e leões, para salas, portões e jardins; glôbos; pinhas e bancos para jardins; azulejos, lizos e de relevo; repuchos para tanques; jarrões e jarras para flores; louças de grés; tubos para encanamento de aguas; differentes peças para ácidos e laboratorios chimicos; potes para pilhas electricas; tijolos para limpar facas; ditos refractarios, — finalmente, todo e qualquer objecto, pertencente á industria ceramica.

Os productos d'esta fabrica, teem sido premiados nas exposições industriaes de 1857 e 1861 — nas internacionaes, *Portugueza*, de 1865 — *Philadelphia*, de 1876 — e na *Universal, de Paris*, de 1878.

Os seus operarios, fizeram aqui a sua aprendizagem: um d'elles, que tem mais de 40 annos de pratica, foi premiado pelo *Instituto Industrial do Porto*.

—

O edificio, é de trez andares, tendo os vãos do telhado aproveitados para estufas de sécca, officinas de formaria, e depositos.

No 3.° andar, estão as officinas do fabrico da louça, com os competentes tornos e ródas.

No 2.° andar, está a prensa de fabricação de azulejos — e no 1.°, as officinas de pintura e vidragem.

Nos sotãos, ha mais uma machina para fabricar os tubos de grés.

Nas lojas, ha armazens, depositos de argilla, um gral para triturar o vidro, que depois é levado a moêr a uma azenha proxima.

Para os azulejos, ha *prensas-balancés*, manuaes, e os moldes são de bronze, fabricados no Porto.

Tem uma machina a vapor, que póde ser elevada até 12 atmospheras, porém está trabalhando em 6. Foi feita na Fundição do Ouro (dos srs. Luiz Ferreira de Sousa Cruz e Filhos) a qual póde rivalisar com as melhores d'este genero vindas do estrangeiro. Serve para pôr em movimento oito mós, que môem vidro, tintas, barros e outros mineraes, para consumo da fabrica.

Emprega 148 operarios — 120 homens, 6 mulheres, e 22 rapazes.

Produz annualmente, de 40 a 50 contos de reis de objectos da sua industria.

E' pois uma das mais importantes e prosperas fabricas de louça, d'este reino, e o seu proprietario e administrador são dignos de elogio, por darem pão e trabalho a tão grande numero de familias.

VAL DE PIEDADE — famosa ermida, Douro, na freguezia e concelho de Miranda do Corvo, comarca da Louzan. E' dedicada a Nossa Senhora da Piedade, e fica na garganta da serra ao E. da villa. Nos mezes de agosto e setembro, concorrem a esta ermida in-

finitos romeiros de differentes localidades, e duas bandeiras, de Coimbra — uma que sahe da egreja de S. João d'Almedina, e outra (denominada *do Theodoro*) que sahe da egreja de Santa Anna.

A ponte sobre o rio Doéça, construida pelas camaras de Coimbra e Miranda do Corvo, em 1853, é uma obra importante, que liga estas duas povoações e facilita muito a jornada para as romarias da Senhora da Piedade.

VAL DA PINTA — freguezia, Extremadura, concelho do Cartaxo, comarca e districto administrativo de Santarem, d'onde dista 12 kilometros a O., e 70 ao N. E. de Lisboa. 210 fogos.

Em 1768, tinha 47.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

E' no patriarchado.

A mitra apresentava o prior, que tinha 150$000 reis de rendimento annual.

O sr. José Guilherme de Moura Pinto, d'esta freguezia, disse-me que o dizimo d'ella que o prior recebia, estava calculado no valor de seis mil cruzados (2:400$000 réis.) Eis como o *Port. Sacro* diminue o rendimento dos parochos. Hoje a congrua do prior, é de 240$000 reis.

E' terra fertil em cereaes, vinho, fructa e caça. Peixe do Tejo, que lhe fica proximo, ao sul.

No livro 4.º dos assentos dos baptismos d'esta freguezia, se acha a seguinte declaração, a fl. 29.

«No domingo 7 de outubro de 1810, depois da missa conventual, em que consumi o SS. Sacramento reservado no Sacrario, no meio de lagrimas e clamores do povo, me auzentei para Lisboa, na companhia de 52 pessoas, que quizeram e poderam fugir commigo, da barbara invasão dos francezes, que entraram n'esta parochia, na 3.ª feira, 9, do mesmo mez, e d'esta sorte cessaram os officios todos da religião, n'esta egreja, que, sem altar nem sacerdote, esteve seis mezes. — Feliciano, Encommendado.»

VAL DE PIZÃO — grande montanha, Douro, junto á villa d'Arganil, e que como a *serra da Avcleira*, sua visinha, são projecções da serra da Estrella. Ambas aquellas duas serras são atravessadas, cada uma por sua galeria subterranea *(tunnell)* aberta na rocha, junto ao rio Alva. E' difficil, senão impossivel, dizer-se hoje para que foi construida obra tão dispendiosa e que tantos obstaculos devia offerecer para se levar a effeito.

O povo dá a estas galerias o nome de *Furados.*

Ficam a uns 2:300 metros de distancia uma da outra, e são construidas em linha recta, o que prova não terem sido feitas para lavra de minas, visto que os filões metalicos descrevem muitos meandros e differentes larguras.

Suppõem alguns individuos que teem examinado esta raridade, que o fim a que foi destinada esta obra pasmosa, era desviar parte das aguas do Alva, para serem empregadas como motor de algum estabelecimento industrial, e, com effeito, recebe as aguas do rio, de um lado, e as lança pelo outro, de uma altura de 5 a 6 metros, formando, na descida, uma catadupa cujo fragôr se ouve a bastante distancia.

As suas entradas são ao nivel do leito do rio, e o pavimento offerece um mui pequeno declive — apenas o sufficiente para a agua correr com facilidade.

Os *Furados de Cima*, teem maior largura, e, mesmo durante a estiagem, recebem um grande volume d'agua, que, com a força da corrente, por espaço de mais de 10 seculos, tem cavado alguns poços, nos sitios onde a rocha é menos dura. Não consta que pessoa alguma se tenha aventurado a atravessar esta galeria, que é objecto de terror para o povo d'estas terras, fantasiando alli a existencia de explendorosos palacios de *mouras encantadas*, que, na manhan de S. João, veem para o exterior assoalhar os seus diamantes, em cobertores tecidos de ouro e prata!

Os *Furados de Baixo*, dão facil passagem de uma a outra extremidade, tendo sufficiente ar e luz, pelo que são muito frequentados no verão.

Ha ainda a notar que na extremidade inferior d'esta galeria, não ha o minimo vestigio de construcção de qualquer natureza, onde se podesse aproveitar a quéda da agua.

Faz acreditar que um obstaculo qualquer, impediu a fundação do estabelecimento para o qual a agua devia servir de motor.

Ha toda a razão para acreditar que esta obra seja romana. E' provavel que, depois da sua conclusão, e antes de se construir o estabelecimento a que ella podia aproveitar, acontecesse a invasão dos *barbaros do Norte*, que transtornou o plano dos constructores.

VAL DA PORCA — Esta freguezia está unida á de *Banrezes*. (Vide 1.° vol., pag. 318, col. 1.ª)

O nome official da parochia, é *Val da Porca*, visto que a de Banrezes é que se lhe annexou.

VAL DE PORCO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 174 kilometros a N. E. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Orago, São Braz.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o cura, que tinha quarenta mil reis de congrua e o pé d'altar.

Pouco fertil. Muito gado e caça.

VAL DE PORCO — aldeia, Beira Baixa, na freguezia do Pôço do Canto. (7.° vol., pag. 111, col. 2.ª)

Toda a freguezia tem 215 fogos, e é composta de sete povoações a saber — *Val de Pôrco*, a principal e mais antiga da parochia com 36 fogos — *Pôço do Canto*, com 65 — *Pôço*, com 10 (ha com effeito, aqui um *pôço*, a um *canto*, que é fonte publica, e dá o nome á freguezia) — a leste, *Sequeiros*, com 32 — a E., em um formoso valle, *Cancêllos de Cima*, *Cancêllos do Meio*, e *Cancêllos de Baixo*, todos com 72.

A aldeia do *Val de Porco*, ao N. da freguezia, está situada em um valle, por onde correm as aguas que vão do *Poço* entrar na Téja, a 2 kilometros d'aquella povoação, que se tornou muito conhecida, pelas façanhas de um major de milicias, d'alli natural, e cujos descendentes estão hoje ligados ás familias *Gambôas*, *Côrtes-Reaes* e *Leitões*.

Entre as diversas ramificações da Serra da Estrella, ha uma que se estende para o N., na cumeada da qual se assenta Trancoso, Pae-Penella, e Mêda. Trez kilometros ao N. d'esta ultima villa, termina a serra, em um cabeço, que se levanta uns 100 metros acima da cumeada, e chamado *Monte de Santa Colomba*, em razão de uma ermida que alli ha, dedicada a esta Santa. D'este ponto, olhando para o N., vê-se uma ingreme ladeira, de 6 kilometros, e a meia ladeira, está assente a povoação do *Pôço do Canto*, e ao fundo, *Val do Pôrco*. Seguindo d'este valle para o N. O., está o *Val da Teja*.

Do alto de Santa Colomba, se goza um extenso e variado ponto de vista. — Ao S., toda a cumeada da Serra da Estrella, desde perto de Coimbra, até se perder de vista, no interior de Hespanha, sendo a Guarda, o ponto mais perto, a 75 kilometros. Ao O., a serra de Penedôno, a de Lamêgo, e toda a do Marão, desde Bayão (a 120 kilometros de distancia.) Ao N., a maior parte da provincia de Traz-os-Montes. A E., toda a raia, desde Bragança até Penamacôr (mais de 165 kilometros) e as planicies de Hespanha, até onde a vista póde alcançar. Vê-se o *Val do Douro*, desde perto da sua origem, até Arégos — Os valles do Rio Torto, do Távora, do Córgo, do Penhão, do Túa, do Sabôr, e do Côa. Mais perto, e ao N., vê-se o ribeiro de Val de Pôrco, e ao E. — a grande profundidade — a *Ribeira da Veiga*, ou do *Pisco*, que se fórma perto de Marialva: banha Lougroiva, e vae entrar no Côa, perto de Muxagata, depois de um curso de 25 kilometros. E ao O., a tortuosa corrente do Téja.

De poucos pontos de Portugal se gozam mais extensas vistas.

Nasceu na aldeia de Val de Porco, o sr. Frederico Antonio Pereira de Vasconcellos, tenente da marinha real, e cavalheiro muito illustrado, ao qual devo alguns apontamentos para esta obra, o que muito lhe agradeço. Está actualmente na inactividade temporaria, e reside na sua quinta de Cabanas, freguezia da Romeira, concelho de Santarem.

VAL DE PORRO — Vide *Villar de Pôrro*.

VAL DE PRADOS GRANDE — Villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros (foi do supprimido concelho dos Cortiços, e comarca de Chacim, cuja séde se mudou para Macêdo de Cavalleiros) 58 kilo-

metros de Miranda, 475 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 17![1]

Orago, S. Jeronymo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Macêdo de Cavalleiros apresentava o cura, que tinha 6$000 reis de congrua e o pé d'altar.

E' povoação muito antiga. O rei D. Diniz lhe deu foral, na Guarda, a 9 de agosto de 1287. (*Livro 1.º de Doações do rei D. Diniz*, f. 206, verso, col. 2.ª, e gavêta 15, maço 8, n.º 11.)

Foi cabeça de concelho, com justiças proprias, casa da camara, cadeia, pelourinho, etc.

De um documento que existiu no archivo da camara de Bragança, consta que, em 1490[2] D. João 2.º *julgou e teve por bem*, que a villa de Val de Prados tivesse *forca, picota e tronco*, sem por isso *viliar e deshonrar* a villa de Bragança; pois os moradores d'aquella (Val de Prados) eram isentos, e villa sobre si.

A picota, era signal de jurisdicção As *paateiras* (pâdeiras) *candieiras* (fabricantes de rolos de cêra)[3] carniceiros e regateiras que furtavam ao pêso ou medida, eram expostos á vergonha publica, amarrados á picota, com o objecto mal medido — ou mal pesado — pendente do pescoço.

Hoje eram bem mais precisas as picotas do que nos seculos XV e XVI!

VAL DE PRADOS DE LEDRA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi da mesma comarca, mas do exctincto concelho da Torre de Dona Chama.) 75 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 30 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Guide, apresentava o cura, que tinha 6$000 reis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo XVIII, e está annexa á de Guide, d'onde se tinha desmembrado e da qual era filial.

Fertil. Gado e caça.

VAL DE PRAZERES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Alpedrinha.)

54 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 180.

Orago, S. Bartholomeu, apóstolo.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco.

O prior da freguezia do Alcaide, apresentava o cura, que tinha 8$500 reis de congrua e o pé de altar.

Aqui nasceu, em junho de 1814, e aqui falleceu a 30 de setembro de 1876, João Pinto Tavares Osorio Castello-Branco. Era filho de João Pinto Pereira de Figueiredo Castello-Branco, da casa de Capinha, e de Dona Francisca Tavares Osorio, irman da marqueza de Queluz.

Foi educado por seu tio, o marechal José Pereira Pinto, um dos officiaes do exercito portuguez que foram para a França, em 1807, e que em 1810 veio contra Portugal, no exercito de Massena, e depois seguiu Buonaparte á Russia, em 1812. Sentenciado á morte pelos tribunaes portuguezes, como traidor á patria, só pôde regressar a ella quando se proclamou a constituição de 1820. Em 1828, porém, foi preso para a torre de S. Julião da Barra, onde esteve até 24 de julho de 1833. Já se vê que era um decidido liberal.

Seu sobrinho, seguiu o mesmo partido, e

---

[1] E' certamente engano do *Port. Sacro*. Custa a crêr que uma villa, capital de um concelho, não tivesse n'aquelle tempo senão 17 fogos.

[2] Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (*Elucidario*, tomo 2.º, pag. 148, col. 1.ª, pr.) diz que foi em 1496. E' êrro. D João 1.º, falleceu a 25 de outubro de 1495. Em 1496, já era rei, D. Manuel 1.º

[3] J. Pedro Ribeiro, diz porém que candieiro ou candieira, era a pessoa que fabricava velas de cêbo. Note-se que os que fabricavam velas de cêra, tochas, brandões, etc., já antigamente se chamavam *cerieiros*, e não *candieiros*.

quando (de 14 annos de edade) estudava preparatorios em Coimbra, adheriu á revolta de 16 de maio de 1828, alistando-se no batalhão academico; pelo que, aniquilada a revolta, teve de fugir de Coimbra para Val de Prazeres.

Aberta a Universidade, depois da convenção d'Evora-Monte, tornou para Coimbra onde se formou em direito. Foi delegado do procurador-regio em Idanha a Nova e, depois, da Covilhan, exercendo sempre o seu emprego com honradez e integridade.

Em 1850, abandonou a carreira da magistratura para cuidar dos negocios da sua grande casa.

Em 1857, foi eleito deputado ás côrtes, declarando-se progressista.

Voltando bastante desgostoso e um pouco descrente da marcha que levavam os negocios publicos, abandonou quasi completamente a carreira politica, que lhe não deixava gratas recordações, e a magistratura judicial, entregando-se nos seus ultimos annos exclusivamente á direcção da sua importante casa, e aos cuidados e desvellos da sua familia, sempre prompto a auxiliar com as luzes da sua intelligencia e saber, os seus amigos e patricios.

Sempre respeitado e estimado, o seu nome ficará immorredouro entre os que o conheceram e lhe admiraram as virtudes, e sua memoria servirá de exemplo e incentivo aquelles que, como elle, amarem o trabalho e o estudo.

—

Val de Prazeres, é uma bonita povoação, muito bem situada, em um delicioso valle (d'onde lhe vem o nome) muito fertil em todos os generos agricolas, e abundante de gado e caça, grossa e miuda, assim como de aguas de optima qualidade. O seu clima, ainda que excessivo, é saudavel.

VAL DE REIS — freguezia, Extremadura, (mas ao S. do Tejo) Comarca e concelho de Alcacer do Sal, 70 kilometros ao S. E. de Lisboa, 50 fogos.

Orago, Nossa Senhora.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Lisbôa. Não vem no *Port. Sacro.*

É terra fertil, mas bastante doentia.

—

O sr. Pedro Agostinho de Mendonça Rolim de Moura Barreto (filho primogenito do 1.º duque de Loulé) foi feito conde de Val de Reis, a 24 de fevereiro de 1854—duque de Loulé, a 3 de junho de 1875 (12 dias depois do fallecimento de seu pae)—e estribeiro-mór, a 14 do mesmo mez e anno.

—

Mendonça (ou Mendoça) é um appellido noblissimo d'este reino, tomado da villa de Mendoça, na Biscaia. Passou a Portugal na pessoa de D. Ruy Furtado de Mendonça, vindo no sequito de D. Constança (filha do infante D. João Manoel, senhor de Escalona, duque de Peñafiel, marquez de Vilhena, o mais poderoso e opulento fidalgo do seu tempo, em Hespanha) quando esta senhora casou com nosso infante D. Pedro (depois 1.º do nome) filho de D. Affonso IV—Este monarcha nomeou D. Ruy Furtado de Mendonça, *general do Mar*, (almirante) e no reinado de D. Fernando I, foi feito anadel-mór dos bésteiros, cargos que herdou seu filho, D. Affonso Furtado de Mendonça, no reinado de D. Duarte I.

As armas d'esta familia, são as dos Furtados, tendo de mais—élmo de prata, aberto.

Outros Mendonças, trazem por armas — em campo d'ouro, duas pallas de verde e uma de púrpura, cintadas de prata.

Ainda outros do mesmo appellido, trazem por armas—em campo de púrpura, dés folhas d'álamo, de prata, em trez palas.

Porém as armas dos condes de Val de Reis, são—escudo franchado de verde e ouro; sobre o de verde, uma banda de púrpura, perfilada d'ouro; e sobre o d'ouro a legenda—AVE MARIA.

—

O 1.º conde de Val de Reis, foi Nuno de Mendonça, por D. Philippe IV, em 16 de agosto de 1628.

A genealogia d'esta esclarecida familia seria uma leitura longa e enfadonha (para os que lhe não pertencem) e faria este artigo extensissimo. Os nossos leitores que quizerem ter d'ella amplas noticias, consultem as *Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal*, por D. Antonto Caetano de Souza, pag. 583 e seguintes.

—

Um dos homens mais notaveis d'esta familia, pelo seu saber e virtudes, foi D. Rodrigo de Moura Telles, filho de Nuno de Mendonça, 2.º conde de Val de Reis.

Nasceu n'esta freguezia, no palacio de seus paes, a 16 de janeiro de 1644. Formou-se em canones na Universidade de Coimbra em 1667, e foi logo feito thesoureiro-mór, e conego da Sé d'Evora, deputado da mesa da consciencia e ordens e sumilher da cortina, do infante regente depois D. Pedro II, que em 1690 o nomeou reitor da dita Universidade, emprego que exerceu dignissimamente por espaço de quatro annos, sendo em 1694 eleito e confirmado bispo da Guarda, passando em 1704 para arcebispo de Braga.

—

O que se segue, é extrahido de um artigo do meu esclarecido amigo, o Rev.^mo sr. João Vieira Neves Castro da Cruz, de Milheiroz da Maia; artigo que publicou em o n.º 1522 do jornal *A Palavra*, de 4 de setembro de 1877—apenas lhe juntei o que extrahi do *Anno Historico*, 3.º vol., pag. 18, n.º 4.—

Logo que chegou a Braga, visitou toda a cidade e em seguida a sua grande archi-diocese, andando por agrestes montanhas, que não tinham alli visto Prelado algum depois de D. fr. Bartholomeu dos Martyres.

Os povos sahiam a recebel-o de joelhos, batendo nos peitos, o que se viu nas alturas do Barroso, em Soajo e em outras partes.

O seu paço, que elle reedificou, parecia um mosteiro de religiosos, pela observancia e regularidade que allí havia.

Devotissimo do Santissimo Sacramento da Eucharistia, na quaresma visitava todas as egrejas e capellas onde estava exposto. E, (cousa rara!) elle mesmo o levava aos enfermos.

Os parochos de Braga tinham ordem de o avisar, quando o Viatico devia ser levado a algum enfermo; e lá sahia o arcebispo, do seu paço, a toda a hora da noite, dirigindo-se á egreja d'onde havia de sahir o Santissimo. A este exemplo despovoava-se a cidade, acompanhando todos o *Pão dos Anjos* aos logares mais distantes.

Isto observou o Santo Prelado quasi até aos ultimos dias da sua vida, sendo já muito entrado em annos.

Visitava a miudo os pobres do hospital, dava-lhes o jantar pelas suas mãos; cingindo-se para isso com uma toalha como outro qualquer enfermeiro; deixava-lhes esmola, e nunca comia sem um pobre á sua mesa, durante a qual mandava ler livros espirituaes.

Não cabe nos curtos limites d'um artigo referir todas as acções magnanimas e sublimes de tão eximio Prelado. Em poucas palavras diremos tudo.

D. Rodrigo fez doutas pastoraes, e celebrou synodo diocesano em 30 d'abril de 1713. Mandou accrescentar e reimprimir o breviario bracarense, e collocou na egreja do hospital, as reliquias de S. João Marcos.

E' obra sua o zimborio que está no cruzeiro da Sé primaz, e as frestas que ficam contiguas á abobada. Mandou encostar ás paredes da mesma Sé, os altares que até então estavam arrimados ás columnas. Além d'isso, accrescentou quatro altares e rectabulos.

E' obra sua a casa do cabido, as duas torres da cathedral, aonde mandou pôr novos sinos; e a grande capella de S. Geraldo.

E' obra sua a casa da relação ecclesiastica e a do aljube, o recolhimento das convertidas no Campo de Sant'Anna e o chafariz que se vê em frente do paço; e a restauração do santuario do *Bom Jesus do Monte*, para onde hia frequentes vezes, afim de se entregar á oração.

Fundou, em Braga, o mosteiro das religiosas descalças, da Conceição. Foi bemfeitor do das religiosas, tambem descalças, da villa de Chaves; do de religiosas benedictinas, de Barcellos; e do antigo, da Conceição, de Braga.

Dormia pouco tempo, madrugando para a oração e serviço de Deus. Depois de ouvir trez missas, preparava-se para celebrar o Augusto Sacrificio, a que assistia toda a sua familia, convocada pelo sino que tocava na capella publica. Elle mesmo administrava a

Eucharistia ao innumeravel povo que sempre alli concorria.

Era tão assiduo na oração, que chegou a ganhar chagas nos joelhos ; parco na mesa; tão caritativo, que não houve necessitado que não soccorresse em todo o seu arcebispado. Na virtude da caridade foi um segundo D. Frei Bartholomeu dos Martyres. Todas as ordens religiosas, tanto da cidade, como da diocese, experimentaram os beneficios da sua mão bemfeitora.

Todas as rendas da sua egreja eram dispendidas em estabelecimentos pios, em obras nos templos, em soccorrer os pobres, a quem dava pão, dinheiro e vestuario, reservando para sí o absolutamente indispensavel.

Concluindo, diremos que D. Rodrigo de Moura Telles foi pastor vigilante, Prelado exemplarissimo, mestre santo e douto, verdadeiro imitador dos Martinhos, dos Fructuosos e dos Geraldos.

Falleceu piamente em 4 de setembro de 1728, pelas 11 horas da noite.

No momento em que expirou, viu-se no ceu, no meio da escuridão na noite, uma grande claridade, que muitos entenderam como signal de gloria que sua alma acabava de alcançar.

Tal foi o grande Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Telles: viveu 84 annos e 8 mezes, sentando-se na cadeira primacial 24 annos, passados em exercicios de santidade.

Está enterrado, segundo a sua determinação, na magnifica capella de S. Geraldo.

—

Outros varões illustres, pelas armas, pelas lettras e pelas virtudes descenderam d'esta esclarecida familia, que não menciono por serem em grande numero.

Para evitarmos repetições, veja-se *Azambuja*, *Loulé*, o 1.º Pedrozo, *Póvoa e Meadas*, *Quaarteira* e *Salvaterra de Magos*.

VAL DE REMIGIO—freguezia, Beira Alta, concelho de Mortágua, comarca de Santa Combadão. 36 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago, S. Mamede.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

O *Port. Sacro*, não traz esta freguezia.

Remigio, como todos sabem, é nome proprio de homem. Talvez fosse senhor d'esta freguezia, ou seu primeiro povoador, algum individuo assim chamado.

Um cavalheiro benemerito

O sr. doutor José Ignacio Homem de Gouveia, de Val de Remigio, rico proprietario e ex-deputado, torna-se digno dos maiores louvores, pelos melhoramentos que, exclusivamente á sua custa, tem levado a effeito, na terra que lhe foi berço.

Mandou construir — em 1875 — um ramal de estrada, que sahindo da freguezia, vae entroncar na estrada que segue para Viseu e Mealhada, e, por consequencia, com os caminhos de ferro do norte e leste, e o da Beira, já concluido.

Um cemiterio parochial.

Uma casa para escola de instrucção primaria.

Um côro na egreja matriz.

Fundou uma *Sociedade philantropica recreativa*, e a dotou com 400$000 réis.

É sobremaneira agradavel ter de registrar n'esta obra, actos de tão elevado merecimento, e que não carecem de elogios banaes. Basta narral-os para cobrirem de gloria o homem que os pratica.

Já vemos, pois, que esta freguezia é importante e próspera.

É tambem fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz; cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça.

VAL DO ROSAL—formosa quinta, Extremadura (mas ao sul do Tejo) na freguezia de Caparica, comarca e concelho de Almada, e a 6 kilometros a O. de Cacilhas.

No meiado do seculo XVI, era uma charneca deserta (ainda que com formosas vistas) cheia de silvados, mattos, areias escalvadas e estereis, cercada de brenhas e pinheiraes. Em 1559, os padres jesuitas do collegio de Santo Antão, de Lisboa, compraram este terreno ao seu proprietario, e, á força de trabalho e despezas, conseguiram transformar este deserto em alegre vivenda, que possui-

ram exctamente 200 annos, sendo-lhes roubada — com tudo o mais que a sua ordem possuia em Portugal e no Ultramar—pelo decreto de 19 de janeiro de 1759, sendo 1.º ministro o feroz e sanguinario Sebastião José de Carvalho e Mello—que d'alli a seis mezes foi feito 1.º conde de Oeiras (15 de junho de 1759) e, d'ahi a 10 annos (18 de setembro de 1769) feito marquez de Pombal.

Nas casas d'esta quinta residiu por algum tempo o virtuosissimo padre Ignacio d'Azevedo, com os seus companheiros (todos jesuitas) preparando-se pelo recolhimento, orações e penitencias, para hirem prégar o Evangelho ao Brasil; mas que arribados, por causa de um temporal, a uma das Canarias, alli foram todos martyrisados pelos herejes d'esta ilha.

Os padres tambem construiram n'esta quinta uma grande e formosissima capella, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, com altar-mór e dous lateraes, ricamente dourados e adornados de bellas imagens.

Pedi, por uma carta, humilde e fervorosamente ao sr. prior de Caparica, o obsequio de me mandar dizer o estado actual, e o nome do proprietario d'esta quinta e sua capella; mas o *delicadissimo, patriotico e illustrado* ecclesiastico, entendeu (e muito bem...) no seu bestunto, que, *de minimis non curat praetor*, e não se dignou responder-me!

Tenho encontrado tantos assim!...

VAL DE SALGUEIRO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 90 kilometros do Douro, 360 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768, tinha 76.

Orago, S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Mirandella, apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua, e o pé de altar.

É terra pobre e pouco fertil, mas cria bastante gado, de toda a qualidade, e é abundante de caça.

VAL DA SANCHA—abundante manancial de aguas ferruginosas, Douro, junto ao *Casal de Ermio*, na freguezia e concelho da Louzan.

Estas aguas, assim como as da *Fonte de Villarinho*, da mesma freguezia, são applicadas com bom resultado, em molestias verminosas e nas debilidades do estomago.

VAL DA SANCHA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 125 kilometros ao N. E. de Braga, 390 ao N. de Lisboa. 80 fogos.

Orago, S. Gonçalo de Amarante.

Arcebispado de Braga. Districto administrativo de Bragança.

O *Portugal Sacro* não traz esta freguezia, nem d'ella pude obter outros esclarecimentos.

VAL DE SANTAREM — freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto administrativo e 6 kilometros ao O. S. O. de Santarem, 61 ao N. E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1768, tinha, 148.

Orago, Nossa Senhora da Expectação (o *Portugal Sacro*, diz que é Nossa Senhora da Esperança.)

Patriarchado de Lisboa.

O prior da freguezia de S. Julião de Santarem, apresentava o cura, que tinha réis 90$000 de rendimento. (Vide 9.º vol. pag. 556, col. 2.ª)

É uma formosa freguezia, situada em um ameno e fertilissimo valle (que lhe dá o nome) e proximo da margem direita do Téjo, que, não só a fornece de peixe d'este rio, como tambem do que por elle lhe vem do mar.

Pelo mesmo rio, exporta para Lisboa os generos agricolas excedentes ao consumo, no que faz constante negocio.

Fica perto da estação de Sant'Anna, a 11.ª do caminho de ferro do norte e leste.

Todas estas circumstancias a fazem uma terra sobremaneira próspera.

—

O rev.^mo^ sr. Manoel Marques, actual e dignissimo prior d'esta freguezia, é merecedor dos maiores elogios, pelos muitos e valiosos melhoramentos que tem levado a effeito, na sua freguezia, desde 1874, pelo que é digno do respeito e geral estima dos seus parochianos.

Era geral a tristeza d'aquelle povo, pelo lastimavel estado da egreja parochial e cemiterio da freguezia.

A egreja estava quasi arruinada, e ao cemiterio faltavam todas as condições d'um tal logar.

O sr. padre Manuel Marques, ora pedindo esmolas, ora concorrendo com dinheiro do seu bolsinho, finalmente, empregando todos os meios que a religião e caridade lhe inspiraram, conseguiu obter a somma sufficiente para que a egreja e o cemiterio estejam com a decencia que deve sempre existir nos logares sagrados.

O reverendo prior tambem abriu uma subscripção para se melhorar a ponte do Valle, que estava em lastimoso estado, o que era de grande prejuizo para aquelle povoado e para os que lhe ficam visinhos, pois que tinham de atravessar as pontes d'Asseca e de Sant'Anna, que ficam muito distantes da do Valle.

Bom seria que os outros parochos de freguezias ruraes imitassem o exemplo do senhor prior do Val de Santarem, concorrendo sempre para o bem estar e commodidade dos seus parochianos.

É digno de todo o elogio o sr. padre Manuel Marques.

—

Os árabes deram a este valle o nome de *Sesserigo.*

VAL DE SÃO THIAGO—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Odemira (foi da comarca de Beja, extincto concelho de Messijava) 95 kilometros ao O. de Evora, 105 ao S. E. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1768, tinha 70.

Orago, antigo, S. Thiago, apostolo, hoje, Santa Catharina. [1]

Bispado, e districto administrativo de Béja.

O tribunal da Mesa da consciencia e ordens, apresentava o cura, que tinha 150 alqueires de trigo, 120 de cevada e 10$000 réis em dinheiro, de rendimento annual, pagos pela commenda.

Esta freguezia (á qual tambem se dá o nome de *Santa Catharina do Valle*) era antigamente do concelho de São Thiago de Cacem, e em 1835 passou para o concelho de Messejana. Sendo este concelho supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855, passou esta freguezia para o concelho de Odemira, ao qual hoje pertence.

Foi commenda da ordem de S. Thiago.

A maior parte d'esta freguezia, é banhada pela ribeira de *Campilhas*, que a torna muito fertil em cereaes, legumes e fructas. Tem vastos montados, onde se cria muito gado, de toda a qualidade, e muitas colmeias, que produzem abundancia de cêra e mel.

Ha muitos coelhos e lebres nas charnecas de *Monte Velho* e *Casa Velha*; e nos altos cêrros que cercam a povoação, ha grande copia de perdizes.

Na herdade de Vallongo, d'esta freguezia, nasceu, pelos annos de 1560, o veneravel frei Jorge dos Santos, filho de João Affonso Rodeyo e de Margarida Pires.

Professou no convento dominicano d'Evora, a 5 de novembro de 1586, occupando por 26 annos, cargo de porteiro do mesmo convento, e falleceu a 18 de março de 1632. Floresceu em todas as virtudes christans, principalmente na caridade. Frei Francisco de Sousa, escreveu a vida d'este exemplarissimo religioso, e o *Agiologio dominicano* commemora-o a 18 de março, dia do seu fallecimento.

VAL DO SEIXO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros de Viseu, 365 ao E. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1768, tinha 38.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O vigario da freguezia da Cogulla apresentava o cura, que tinha 8$000 reis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia confina com as de Villa Garcia, Cogulla, Póvoa do Concelho, e Falachos.

E' fertil em castanhas, cereaes, e fructa.

[1] Em documentos antigos diz-se que o seu primeiro orago foi Nossa Senhora da Luz. Tem tido pois esta freguezia, trez oragos—isto é—os seus habitantes, mudam de padroeiro com a mesma facilidade com que mudam de camiza!

N'esta freguezia (para o lado da de Cogulla) ha uma linda varzea cultivada, banhada pela *ribeira das Carigas* — que tira o seu nome da aldeia de Carigas, por onde passa, antes de entrar na varzea, mas antes d'isso, se chama *ribeira do Freixo*, nome da aldeia onde nasce. — Esta ribeira torna a varzea muito fertil em todos os generos agricolas.

—

Tem um bom cemiterio parochial, construido no chão onde existiu a antiquissima egreja da *Senhora a Nova*, e que fica uns 500 metros ao N. da povoação de Val do Seixo. E' tradição que esta egreja da Senhora a Nova, foi, em tempos antigos, matriz de muitas povoações que hoje são parochias independentes, incluindo as quatro confinantes, a do Cerêjo (que fica a 9 kilometros de distancia) e outras.

VAL DE SOBRAL —Vide *Maçans de Caminho.*

VAL DE SOUTO, ou **VILLA DO SOUTO** — freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 5 kilometros ao O. de Vizeu, 280 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Apezar da muita antiguidade d'esta freguezia, não a encontro, em nenhum dos seus dous nomes, no *Port. Sacro!* — Bettencourt, no seu *Diccionario chorographico de Portugal*, publicado em 1874, tambem não menciona esta freguezia, nem com o nome de *Valle*, nem com o de *Villa*, no logar competente; mas inclue-a na relação das que compõem o concelho de Viseu, quando trata d'esta cidade. Foi, com certeza, esquecimento.

E' terra fertil em todos os generos agricolas do nosso clima.

Ha n'esta freguezia, a antiquissima egreja de *Nossa Senhora da Estrella*, que, segundo a tradição, foi matriz da parochia até ao seculo XV, e, construindo o povo então a actual egreja, foi erecta em matriz, ficando a primitiva reduzida a capella.

VAL DO TEJO — é uma vasta planicie, sobre a margem direita do rio que lhe dá o nome, e pertencente á freguezia de Muge.

Sobre a margem direita da *ribeira de Muge*, ha uma collina, chamada *Cabêço da Arruda*, que tem 95 metros de comprimento — de S. E. a N. O. — 40 de largura, e apenas 5 de altura, sobre a planicie arenosa, e uns 11 metros acima da planicie chamada *Paul do Duque* (do Cadaval, que era o senhor donatario d'estas terras, onde ainda possue vastas propriedades, e grandes rendas.)

Esta planicie, é toda cortada de vallas, para escoamento das aguas da ribeira de Mugem, que a inundam em occasiões de enchentes, o que acontece com frequencia.

O *Cabeço da Arruda*, é constituido de restos de animaes, areia, lôdo, e calhaus, contendo tambem pequenos fragmentos de madeira carbonisada, *tufo calcareo, lutraria compressa*, caracóes, ossos de coelho, garras de caranguejos, conchas (corroidas pelo *acido carbonico*) tudo até á profundidade de uns trez metros, tendo mais abaixo, um leito de seixos — muitos dos quaes se veem estalados, como se fossem submettidos á acção do fogo.

Foi n'esta camada de seixos que appareceram os esqueletos e ossos humanos dispersos (de que fallei no *Val de Mugem*) envolvidos na pasta de um espesso leito de detritos muito miudos de *lutraria compressa;* contendo tambem areia, fragmentos de carvão, lôdo, etc.

O fundamento do cabeço é a arenata a que os geologos dão o nome de *pliocéne novo.*

E' incontestavel que o solo que actualmente se acha a séco, em consideravel largura das duas margens do Tejo, e junto á confluencia de alguns dos seus tributarios, proximo e a montante do leito salgado actual d'este rio, esteve por muitos seculos submerso, e que n'essa época ahi viviam as especies de molluscos que hoje vivem e predominam nos lôdos do estuario actual do Tejo.

Sharpe (*On the secondary Rocks of Portugal*, Quart Journ. Geol. Soc., vol. VI, pag. 138) diz — traducção :

«Encontrei um pouco acima de Villa Franca, um leito de marne, á altura de 50 pès, sobre o actual nivel do Tejo, contendo a *lutraria compressa* commum; e na planicie

pantanosa, perto de Villa Nova da Rainha, a mesma concha, e uma pequena variedade do *cardium edole*, especies que vivem ambas actualmente, em abundancia, no estuario, ou leito salgado do Tejo, perto de Lisboa. Assim, é evidente que esta parte do paiz, foi elevada de 50 pés, pelo menos, em um periodo comparativamente recente.»

No Cabeço da Arruda, em um nivel immediatamente superior áquelle em que se achou a maior parte dos taes esqueletos humanos, assim como muitos ossos quebrados e alguns completamente queimados, pertencentes a mammiferos (bois e outros) craneos de gado bovino tambem carbonisados e reduzidos a grandes pedaços; algumas raras pedras e ossos, que parece terem sido affeiçoados pela mão do homem e por elle empregados para um fim hoje ignorado.

Todas estas circumstancias, e principalmente a presença da madeira carbonisada e a accumulação dos ossos de mammiferos, e, finalmente, a existencia de tantas ossadas humanas ahi enterradas, induzem-nos a acreditar, que houve aqui um campo, no qual, homens, de uma época mais ou menos afastada, se juntavam para fazerem as suas refeições. Este campo estava, portanto, então sêcco, e o plano em que se acham os objectos designados, era n'essa época o solo d'esta região.

Note-se que todas as conchas e ossos de animaes aqui encontrados, pertencem ás especies comestiveis que ainda hoje se empregam na alimentação do homem.

Ao longo das praias de quasi todas as ilhas dinamarquezas, se encontram monticulos formados principalmente de conchas de mariscos, das mesmas especies dos que ainda hoje alli servem para alimento. Com estas conchas existem profusamente misturados ossos de animaes que serviram de alimentação aos homens que formaram estes monticulos, aos quaes os dinamarquezes dão o nome de **kjökkenmöddings** — palavrão que se póde traduzir por — *montes, feitos com restos de cosinha* [1].

---

[1] A sua traducção litteral, é — *cosinha — estrume — monte.*

—

No *Porto da Amoreira,* na margem esquerda do *Paul do Duque,* retirado d'este uns 30 metros ao S. O., e a um kilometro de distancia do *Cabêço da Arruda,* ha outro monticulo formado sobre *arenata* do *plioceno novo,* e contendo os mesmos objectos de que é composto o Cabeço da Arruda ; mas sem um unico osso da especie humana.

Na *Fonte do Padre Pedro,* proximo ao dito Paúl, e sobre a margem direita d'esta, 3 metros acima do seu nivel, e trez kilometros ao N. O. do Cabeço da Arruda, em sitio onde as cheias não chegam, ha uma pequena lomba, que não tem leito de cinzas, mas contém pequenos fragmentos de carvão, ossos e dentes de mammiferos, e pedaços de louça grosseira. N'este sitio se achou um esqueleto humano, deitado de costas, estendido, e com os pés voltados para o nascente.

—

Os ossos humanos encontrados no Cabêço da Arruda, e que até hoje se teem colligido, mostram que pertenceram a mais de 45 individuos, de differentes edades e sexos.

—

O que acaba de lêr-se, foi resumido do bello livro do sr. F. A. Pereira da Costa, intitulado — *Da existencia do homem em épocas remotas, no valle do Tejo,* publicado em 1865, em resultado das descobertas feitas pela *Commissão Geologica de Portugal.*

Não aproveitei nada do que se refere á época mais ou menos remota dos esqueletos, ossos e conchas, de animaes aqui encontrados, porque — segundo confessa o mesmo esclarecido escriptor, — são tudo hypotheses mais ou menos provaveis.

Eu não sou geologo, e nada entendo de anthropologia : não passo de um simples amador, desejoso de vêr e investigar, e, com effeito, tenho percorrido uma boa parte de Portugal, procurando sempre examinar tudo o que é digno de menção, nas varias terras por onde tenho divagado. Em vista d'isto, seja-me licito expôr a minha humilissima opinião com respeito aos differentes objectos que se teem encontrado em varias localidades das duas margens do Tejo.

Estou persuadido que nada do que se tem encontrado n'esta região, pertence á época antidiluviana, pois nem um unico resto das especies de animaes extinctos hoje, alli appareceu. Acredito que tudo é muito posterior á *edade da pedra*, e até ao tempo dos romanos.

Nós vimos na col. 2.ª da pagina 287 do 2.º vol., que no anno 666 de J. C., o val de Chellas estava coberto ainda pelas aguas do Tejo, que chegavam ao mosteiro de vestaes, depois convertido em convento de freiras cruzias.

Vimos na palavra *Val de Chellas*, que o Tejo chegava até um kilometro de distancia das barreiras da *Cruz da Pedra*, em Lisboa.

Mais — quasi todos os ossos humanos e de outros animaes que se teem encontrado, pertencentes a épocas anteriores do dominio dos romanos na nossa Peninsula, apenas expostas ao ar atmospherico, se reduzem a pó, o que não aconteceu aos achados no Cabêço da Arruda e suas immediações; pelo que, talvez não tenham nem mil annos de existencia.

Sendo assim, como me parece muito acreditavel, já se vê que o tal *homem terciario* do Cabêço da Arruda, não passa de uma historia da carochinha, só digna de promover o riso ao homem mais triste d'este mundo.

—

Quanto aos *instrumentos de silex*, tenho a fazer as observações seguintes:

Uma grande parte dos objectos de pedra que se teem encontrado em varias partes, e que se julgam obrados por uma raça de homens a que nós, por ignorarmos o seu verdadeiro nome, chamâmos *pre-celtas*, não passam de formações naturaes produzidas por causas desconhecidas. Talvez que muitos d'estes chamados *instrumentos de pedra*, não sejam mais do que *aereolithos*, atrahidos para o nosso planeta, pela *força centripeta*.

Exemplifiquemos.

Na freguezia de Pindêllo, do concelho de Oliveira de Azemeis, principia uma zona de *grés-molar* (parece-me que é o que os inglezes chamam *mill-stone-grit*) que, dirigindo-se de S. E. a N. O., atravessa as freguezias de Villa-Chan, Nogueira de Cravo, Cezar, Milheiroz, Romariz, etc., etc., e termina proximo da foz do Douro; mas nem sempre á *flor da terra*, ou — o que é mais provavel — com varias soluções de continuidade. Esta pedra, que o povo emprega para amolar as suas ferramentas (e á qual dá o nome de *asperões*) está disposta em camadas de parallélipipedes, *estratificados*, parecendo uma grande quantidade de milhões de tijolos, alli collocados por mãos de homens [1].

Na freguezia de Mançôres, no concelho d'Arouca, ha uma pedreira formada tambem de parallélipipides, mas de schisto.

Na freguezia de Pédorido, do concelho do Castello de Paiva, ha um caminho antiquissimo, que o attrito dos carros profundou a uns dous metros abaixo do sólo adjacente, vendo-se de ambos os lados, no córte do terreno, que este é formado exclusivamente de umas pedras de schisto, bastante fragil, todas de egual tamanho e da fórma de peixes, de uns cinco centimetros de comprido por 4 de espessura no meio.

Ainda muito mais curioso do que tudo isto, é o grande numero de *staurotidos*, formados de uma especie de silicato de alumina, e encravados em duas zonas de rochas *schistosas antigas*, como vimos na col. 2.ª, de pag. 422, do 1.º volume. Estes staurotidos (cruzes) são tão perfeitos, como se fossem feitos a compasso, por um artista consummado.

Ora — se em vez de todas estas curiosidades geologicas, formarem massas enormes e por um grande espaço de terreno, se encontrassem apenas dissiminadas ás duas, trez

[1] Estes parallélipipedes são de differentes tamanhos, e misturados com elles, apparecem outros *amorphos* (sem fórma regular) mas todos da mesma qualidade — *sulphato de cal* (gêsso) e areia. As camadas, ou estratificações, estão, em geral, dispostas horisontalmente; porém, onde o terreno soffreu alguma depressão, tomaram uma posição obliqua, na direcção do pendor do terreno. No monte de Fafião (Romariz) é esta zona cortada por uma ravina. Alli as camadas do S., tombaram para o N., e as do N., para o S., com uma inclinação de 30 gráus, pouco mais ou menos.

ou quatro, quantos e quantos sustentariam que eram obra de homens que viveram em épocas remotissimas?!

Estou pois convencido que muitos dos chamados *instrumentos de pedra*, são obra da Natureza e não da arte, ou procedidos de algum phenomeno meteorologico. Não nego porém que muitos sejam fabricados por homens, que viviam na chamada *edade da pedra*.

Prova-se por exames recentes, feitos em varias cavernas, que a *edade da pedra*, ainda continuou depois, na *edade do bronze* e na *edade do ferro*; pois teem alli (nas cavernas) apparecido instrumentos feitos de todas estas materias; o que prova que eram usados simultaneamente.

Mais — quando em seus paizes já se usavam instrumentos de bronze, ou de ferro, ainda em outros se faziam de pedra. Hoje mesmo, ainda varios povos selvagens, usam pontas de lanças, bicos de setas, e outros objectos, construidos de *pedra polida*.

VAL DE TELHAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho da Torre de Dona Chama) 100 kilometros ao N. de Miranda do Douro, 450 ao N. de Lisboa.

110 fogos.

Em 1768, tinha 92.

Orago, Santo Ildefonso.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Mirandella, apresentava o cura, que tinha 14$500 reis de congrua e o pé de altar.

O *Portugal Sacro*, dá a esta freguezia nome de *Val de Velhas* — talvez êrro typographico.

É povoação antiquissima. O rei D. Diniz, lhe deu foral, em Lisboa, a 22 de junho de 1289. (L.º 1.º *de Doações de D. Diniz*, folhas 261 v.ª, col. 1.ª in fine.)

Proximo á povoação de Val de Têlhas, (ou no mesmo logar que hoje occupa) existiu a antiquissima cidade de *Pinéto*. (Vide esta palavra.)

Em varios sitios d'esta freguezia, teem apparecido por differentes vezes, cippos com inscripções romanas, que nos provam a existencia aqui, de familias patricias. Vão para amostra duas inscripções—

1.ª

I. O. M.
PVBLIVS
AELIVS
PLACCINVS
V. S. L. M.

(*Publia Elio Placcinio dedicou* (esta memoria) *a Jupiter Optimo Maximo.*)

2.ª

ALBINVS
BALESIN
I. LARIBVS
FIN DLNEI
ICI. SLI. BE-
JAS POSVI.

(*Albino, filho de Balesino, consagrou* (esta memoria) *aos deuses lares*.............?)

Por baixo da ponte de Val de Telhas se acharam trez cippos romanos, mas só em um se pôde ler o seguinte —

M. NUMA NUM-
ERINO NOB
CAE. AUG.

(*Dedica a Marco Numa Numerino, nobre Cesar Augusto.*)

—

Além d'estes cippos, muitas outras antiguidades teem apparecido por estes sitios, que nos provam a existencia de uma grande povoação de tempos remotissimos e da qual apenas hoje restam tenues vestigios.

VAL DE TORNO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho de Villa Flor, 142 kil. ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa. 180 fogos.

Em 1768, tinha 93.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção (vulgarmente, *Nossa Senhora do Castanheiro.*)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Villarinho da Castanheira, apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis de rendimento.

Pertenceu antigamente, ao supprimido concelho de Villarinho da Castanheira.

É uma das freguezias mais ricas e ferteis do concelho, pois abunda em azeite, vinho, trigo, centeio, batatas, castanhas e outros generos agricolas. Ha tambem grande creação de bicho de seda, e houve anno que o casulo vendido, produziu um conto de réis.

A povoação é muito antiga, mas não se sabe quando ou por quem foi fundada, nem d'onde lhe vem o nome de *Val do Tôrno*—porque está situada, não em um *valle*, mas em um *sêrro*. É verdade que está cercada de *valles*, e será por isso que se diria *aldeia dos valles em torno*, e d'aqui Val de Tôrno.

A egreja matriz, de architectura gothica, revela muita antiguidade. Está edificada em uma encosta, 400 metros ao S. E. da povoação; e é vasta, mas singela, e *não tem sachristia!* Na rectaguarda da capella-mór, se vê um grande castanheiro, em cuja concavidade (segundo a tradição) appareceu a imagem da padroeira—e é por isso que se lhe dá o titulo que vimos. Não produz castanhas—talvez pela sua muita antiguidade—mas é muito frondoso, conservando a verdura da primavera em todo o verão, por maior que seja a estiagem. O parocho actual tem por varias vezes pretendido arrancal-o, porem o povo oppõe-se tenazmente.

No centro da freguezia ha uma grande ermida, onde se parocheia, mas as festas, baptismos, casamentos e funeraes, são feitos na matriz. Houve n'esta ermida a confraria de Santa Cruz, que chegou a ter muitos irmãos e bons rendimentos, mas tudo acabou. Hoje apenas ainda tem 14$000 réis de renda, que o parocho embolsa, *não sei com que bullas*....

Houve n'esta freguezia mais cinco ermidas — *Santo Christo do Prado — Nossa Senhora do Rosario* — e *Santo Apollinario* — que todas estão em completo abandono, apezar de terem bastantes rendas e esmolas, que o parocho vae recebendo, sem lhe importar com a conservação d'estas ermidas.

As outras duas—*S. Gonçalo* e *S. Braz*—estão completamente desmanteladas.

O parocho actual, veio para esta freguezia, logo depois de 1834, e cuida mais nos seus interesses do que em ser um bom pastor de almas...

—

A freguezia é atravessada por trez ribeiros, cujas aguas servem para regar e fertilizar as terras, e de motor a varios moinhos de pão. Depois de reunidos, desaguam na ribeira do Sabôr. Alem d'isso ha na freguezia muitas fontes de optima agua potavel. Entre estas, ha uma de bôa cantaria lavrada, dentro de um arco, com assentos dos lados, que é legendaria. Crê o povo que alli habita uma *Naiade*, que não é mais nem menos do que uma *moura encantada*, que se ouve tecêr, em um tear de marfim, uma têa d'ouro, em todas as manhans do dia de S. João, antes de nascer o sol. Ha muitos que teem *passado a noite em claro*, para terem a *ventura* de ouvir tecêr a moura, mas não o teem conseguido.

É ponto averiguado (e geralmente acreditado na freguezia...) que, hindo certa mulher a esta fonte em uma das taes manhans de S. João, em vez de agua trouxe o cantaro cheio de novellos d'ouro. A mulher, enthusiasmada com tanta riqueza, exclamou «Santo nome de Jesuz!»—Foi a sua desgraça; porque apenas pronunciou o nome de Deus, os novellos d'ouro desappareceram! (Parece que a tal *tecedeira* tinha mais de diabo do que de moira encantada!) O que é certo, é estar o terreno em volta da fonte todo *esfoçado* pelos buscadores de *thesouros encantados*.

—

Ao N. da povoação, e no vertice do mais elevado outeiro, estão os restos de uma forte muralha, pelo que a este monte se dá o nome de *Cabeça Murada*. D'este ponto se gosa uma formosa e dilatada vista, abrangendo algumas villas, muitas aldeias, montes e valles.

A uns 200 metros d'esta muralha, se veem as ruinas de um castello, e os alicerces de pequenas casas, e vasos cheios de cinzas. Diz-se que aqui se tem achado moedas mouriscas.

—

É natural d'esta freguezia, Manoel de Castro Pereira, mas o solar da sua nobre e an-

tiga familia, é em Villarinho da Castanheira. Tinha varias propriedades por todas estas terras. Foi um cavalheiro de não vulgar intelligencia. Organisou, armou e equipou, á sua custa, um excellente esquadrão de cavallaria, do qual o nomeou capitão, o principe regente (depois D. João VI) em 1801, durante a curta guerra que tivemos com a França e Hespanha, e que terminou pelo tratado de paz, de Badajoz, de 6 de junho d'esse anno, deixando nós em refens á Hespanha a praça de Olivença, que lá ficou até hoje, contra todo o direito. (Vide *Olivença.*)

Estando por nosso embaixador em Paris, no anno de 1807, fez-se buonapartista, e, com o posto de coronel, fez a campanha da Russia, em 1812.

Foram-lhe confiscados todos os bens que tinha em Portugal, e elle, julgado como traidor; pelo que ficou em França até 1820, época em que a constituição lhe abriu as portas da patria, o riscou da lista dos traidores, e lhe restituiu as propriedades confiscadas.

Depois de 1834, exerceu varios empregos publicos, como governador civil de Braga e outros; e foi feito conselheiro d'estado. Depois, abandonou a politica, indo residir na cidade do Porto, onde falleceu (na rua das Virtudes) em 1866, legando a sua grande fortuna a seu sobrinho, o sr. Luiz de Castro Pereira, filho de seu irmão Dionizio de Castro Pereira, que fôra capitão-mór de Freixo de Numão.

—

É tambem natural d'esta freguezia, o rev.^mo sr. Antonio José Teixeira da Silva, digno e illustrado abbade da freguezia de Esmeriz, no concelho de Villa Nova de Famalicão.

VAL DA TORRE — Vide *Alpedrinha.*

VAL DE VARGO — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 75 kilometros ao O. de Beja, 150 ao S. E. de Lisboa, 205 fogos.

Em 1768, tinha 93.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo, e 60 de cevada de rendimento annual.

Fertil em cereaes, e cria muito gado, principalmente suino, que exporta.

Por decreto de 23 de maio de 1879, foi esta freguezia annexada á de Pias, no mesmo concelho.

VAL DE VEZ — Minho — E' o antigo nome da actual villa dos Arcos de Val de Vez.

Sem repetir nada do que disse no 1.º vol. pag. 235, col. 1.ª e seguintes, accrescento aqui o seguinte —

Tem actualmente só duas freguezias —

S. Payo, da qual o abbade era apresentado pela mitra, e tinha 280$000 réis de rendimento.

Em 1768, tinha 176 fogos.

O *Salvador*. Os viscondes de Villa Nova da Cerveira (depois marquezes de Ponte do Lima) apresentavam o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Em 1768, tinha 135 fogos.

O concelho dos Arcos de Val de Vez, é composto de 59 freguezias, todas no arcebispado de Braga. São — Aboim das Choças —Aguião—Alvora—Ázere — Cabana Maior — Cabreiro — Carralcova — Cendufe e Rio Cabrão — Couto — Eiras — Ermêllo — Extrêno — Gavieira — Giélla — Gondoriz — Grade — Guilhadezes — Jólda (Santa Maria Magdalena) — Jólda (S. Paio) — Lourêda — Mei — Miranda — Monte Redondo — Oliveira — Paçô — Padreiro (O Salvador) — Padreiro (Santa Christina) — Padroso — Parada — Portella — Prozello — Rio de Moinhos — Rio Frio — Sá — Sabbadim — Santar — Santos Cosme e Damião — S. Jorge — Senharei — Sistêllo — Soajo (ou Suajo) — Souto — Tabaçô — Távora (Santa Maria — Távora (S. Vicente) — Valle — Villa Fonce Vilella — e as duas da Villa. Todas com 8:500 fogos.

A sua comarca é formada só pelo concelho — é de 1.ª classe, e pertence ao districto da Relação do Porto.

Pela nova divisão judicial, tem quatro julgados — Aboim das Choças — Soajo — Távora — e a Villa.

Pertence á 3.ª divisão militar.

Tem estação telegraphica municipal.

Fica sobre a estrada que vae de Braga a Monsão.

O rio Vez, que lhe dá o nome, a cerca, quasi por todos os lados.

—

Suppõe-se, com bons fundamentos, que esta villa teve principio na povoação de Guilhafonse (corrupção de Gil Affonses) que está sobranceira á villa, do lado do norte; estando alli a matriz primittiva, que era apenas uma ermida, que depois se mudou, ampliando-a, para o largo do Espirito Santo, onde hoje existe, conservando o seu antigo orago — O Salvador. A matriz que existiu em Guilhafonse, era antiquissima, com certeza, anterior á monarchia, e provavelmente do tempo dos gôdos. Talvez isso constasse de algum livro antigo, existente no archivo da camara, que era importantissimo, mas foi queimado em 1808, no tempo de Junot.

Os celebres arcos que deram á villa o seu actual nome, já não existem; porque uma *illustrada* vereação os mandou demolir, *para desempachar a praça*. Em frente d'esta praça esteve o magnifico pelourinho, dourado, o mais sumptuoso de toda a provincia do Minho, construido no meiado do seculo XVI. Os mesmos *illustrados* vereadores o desterraram para o sitio das *Pôldras de Vallêta*, na margem do Vez, onde ainda existe em perfeito estado.

A rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, doou em 1125, á Sé de Tuy, o *mosteiro d'Ázére, em Val de Vez.*

Para tudo o mais, veja-se o artigo *Arcos de Val de Vez*, e *Veiga de Val de Vez*.

VAL DE VILLA POUCA D'AGUIAR—Vide *Verêa de Bornes*.

VAL DE VILLARIÇA — Traz-os-Montes, proximo á Villa da Torre de Moncorvo. (Para evitarmos repetições, vide os artigos *Moncorvo, Sabôr* e *Santa Cruz de Villâriça* — que aqui só accrescento o que diz respeito ao valle.)

Segundo a tradição, existiu n'este valle uma grande cidade romana, no chão depois occupado pela hoje extincta villa de *Santa Cruz da Villariça*, e estendendo-se pela maior parte do valle: entretanto não existe um unico vestigio de tão remota antiguidade.

Tem 22 kilometros de comprido por dous de largo, e ha n'elle algumas povoações e boas quintas: é cercado de altos rochedos, e atravessado pela pequena ribeira da Villariça, que, nascendo em uma das gargantas da Serra de Bornes (ao N.) e junto á aldeia da *Burga*, ao fundo do valle, se junta ao rio Sabôr, proximo da sua foz.

O Douro, que passa proximo e ao sul do valle, o inunda, nas suas grandes enchentes, até uns 6 ou 7 kilometros de distancia; e, antes de se romper o famoso *Cachão do Salvador do Mundo* (vide *Pontos no Douro*) que fica muito abaixo, o cobria quasi totalmente. O limo e outras materias que alli deposita, são um optimo adubo, o qual combinado com o terreno *quaternario*, ou de *aluvião*, que constitue o sólo d'esta bacia, e a alta temperatura nas estiagens, subindo ás vezes a 40 graus R., concorrem para que este valle seja de uma feracidade espantosa, e para a optima qualidade de todos os seus fructos.

Todos os cereaes progridem aqui em maravilhosa abundancia. O seu azeite é do melhor do reino; os melões teem fama pela sua excellente qualidade. (Dizem que são *os mais deliciosos do mundo!*) Teem aqui nascido pés de milho grosso, com 14 maçarocas (*espigas*) todas perfeitas; e são vulgares os que se adornam com 4, 5, 6 e mais maçarocas — podendo calcular-se uma producção d'este cereal, em mais de 300 sementes!

O *linho de inverno*, (canhamo) attinge aqui uma altura extraordinaria, fornecendo no seculo XVIII, e em abundancia, a matéria prima para as então florescentes cordoarias de Moncorvo e Villa Nova de Foz Côa.

Ha tambem aqui bastantes colmeias, que produzem mel e cêra de boa qualidade. As suas ovelhas produzem muita lan, e queijos soffriveis.

A laranja, a maçan, o pêcego, a amendoa, a pêra, o figo e a uva prosperam aqui grandemente, e são de optimo gosto; e o vinho é magnifico.

Todavia, este valle, é muito falto d'agua — se a tivesse em abundancia, era incon-

testavelmente um dos mais ferteis do mundo.

Se houvesse mais patriotismo, ou se os governos d'este reino attendessem mais ao bem estar material dos povos, já ha muitos annos que machinas hydraulicas teriam para aqui conduzido as aguas do Sabôr, ou do Douro.

E' provavel que se dessem aqui muitos dos fructos e plantas dos trópicos, e, com certeza, o tabaco d'esta terra seria de optima qualidade, e abundantissimo.

—

Do bello livro do sr. visconde de *Villa-Maior* — «O Douro Illustrado» — extrahi o seguinte :

«Olhemos agora para o *Val de Villariça*, que nos está provocando a attenção. E' este valle uma excepção entre os demais que se abrem sobre o Douro. Todos os outros, a não ser o de *Jugueiros*, junto á Regua, e de *Touraes*, que lhe fica fronteiro, da parte de Lamego, são apenas estreitas gargantas, por onde as torrentes e os rios tributarios do Douro, lhe trazem as suas aguas. O Val da Villariça, pelo contrario, é uma larga e longa depressão, entre elevadas montanhas, tendo 22 kilometros de comprimento, em linha recta, de N. a S., e 2 kilometros na sua maior largura, junto á confluencia da ribeira (que lhe dá o nome) com o rio Sabôr, que vem correndo até alli, desde Bragança, sempre em apertado e fragoso leito.

«Este valle, deve ter sido, nas antigas eras do globo, um grande lago, que successivamente se foi terraplenando, á custa dos depositos que para o seu leito arrastaram as aguas vindas das montanhas.

Assim, o sólo da planicie, é todo de origem lacustre, onde se podem distinguir trez camadas de sedimentos : uma formada de cascalho e *calhaus rodados ;* outra extremamente argillosa — e a ultima, mais recente, e que se está formando em nossos dias, constitue os fertilissimos *nateiros* das tão gabadas courellas, da parte inferior da planicie.

«No fundo d'este valle, lá para o norte, ergue-se a *Serra de Bornes*, a que os antigos chamavam *Monte Mel*, e cuja altitude, no ponto em que se acha construida uma pyramide geodesica, é de 1:202 metros, acima do nivel do mar.» (Vide 1.° vol., pag. 421, col. 2.ª — *Bornes de Monte Mel, serra.*)

«N'uma das gargantas d'este monte, onde se acha a povoação da *Burga*, é que nasce a ribeira da Villariça, que desce, serpenteando caprichosamente, por toda a extensão do valle, até entrar nas aguas do Sabôr, não muito distante da foz d'este rio.

«Os campos da Villariça, formados pelos *nateiros* que as aguas depositam, na occasião de grandes enchentes, são de uma fertilidade espantosa, e, pela sua riqueza, consagrados exclusivamente á producção do canhamo, do feijão, do milho, e dos melões, que n'outro tempo não tinham rivaes. A terra, requer apenas uma lavoura superficial, e a sementeira, sem a minima adicção de estrume. Não é raro, crescer o canhamo á altura superior a dous metros, e o milho produzir dez e mais grossas espigas.

«E' curiosa a formação d'estes nateiros, que as aguas do Sabôr e Villariça, depositam em condições singulares. Estes dous cursos d'agua, já reunidos, entram no Douro, perpendicularmente, á curva que elle fórma á entrada da veiga, contornando o *Monte Meão*. Na época das grandes cheias a velocidade e o volume que levam as aguas do Douro, obstam á entráda das que vem da planicie. Estas, refluindo, estendem-se, como estagnadas, pela veiga, que, em grande parte, inundam, e parece reformarem o antigo lago. É então, que ellas forçadamente tranquillas e reprezadas, depõem lentamente os detrictos que das montanhas arrastaram em suspensão. Denomina-se alli *rebofa*, a este refluxo das aguas. Assentam e consolidam-se estes nateiros, quando, ao passo que o Douro continúa elevado, deixam de crescer, o Sabôr e a Villariça, escoando-se o excesso das suas aguas, na corrente d'aquelle. Porém, se a enchente do Douro começa a diminuir antes que baixem as aguas do Sabôr e Villariça, estas, não tendo já quem as repréze, correm impetuosamente, arrazam, em parte, a obra que tinham formado, cortando os nateiros e arrastando-os, ora de

uma, ora de outra margem, e deixam, em vez de um sólo eminentemente fertil, a areia árida e sáfara. Assim, a propriedade, n'estas terras, é extremamente contingente. Delimitam-se as courellas, só em largura, por que o comprimento fica à mercê do rio, e, como não podem subsistir os marcos, em terra tão inconstante, estão os predios representados n'um *tombo*, ao cuidado da camara municipal. Póde um proprietario, antes da *rebofa*, possuir muitos centenares de metros quadrados, de riquissima terra, e logo depois d'ella, achar-se unicamente senhor de um pobre e triste areal.

«São já hoje raras, as grandes rebofas, que produzem rapidas e profundas alterações no regimen do rio, e que antigamente se repetiam com frequencia. Attribue-se esta mudança, á destruição do grande penhasco que ainda no seculo passado obstava á navegação, acima da *Valleira*, e represava as aguas do Douro, concorrendo poderosamente para a demora das enchentes.

«Não são unicamente as terras de nateiro que dão valor a esta veiga: todas as da planicie, ainda mesmo aquellas onde já não chegam as cheias, são notaveis pela sua fertilidade, e n'ellas se cultivam os cereaes, sem interrupção. Nas orlas do campo, vemos muitos e bons olivêdos, e já por muita parte avultam os predios vinicolas, principalmente nas orlas da zona media do valle, na parte em que elle mais se dilata, e nas encostas dos valles contiguos, que se elevam para Villa Flor, e para as terras altas de Carrazêda de Anciães. Na entrada d'estes valles, lá vemos alvejar a povoação da *Horta*, que deve a sua fortuna á riqueza das suas vinhas; e mais acima, a povoação do *Nabo*, rica tambem, pelos seus olivaes e pelas suas vinhas, que vão já quasi tocar com as de Villa-Flôr.

«De todo o tempo, foi muito celebrado este Val da Villariça, e parece que, em remotas épocas, mais povoado do que hoje. Alli perto, sobre os rochedos graniticos que dominam a *quinta da Tarrincha*, ainda se encontram vestigios de construcções romanas, que nos não consta terem sido estudadas pelos nossos antiquarios. Por baixo d'este mesmo monte, do lado do sul, entre a Villariça e o Sabôr, está uma pequena capella, que chamam da *Derruida*, cujas paredes foram construidas com pedras de granito, e nas quaes ainda se podem lêr restos de inscripções romanas, sendo entre ellas, bem visivel, uma inscripção funebre, dedicada a *Lelia Roborina*.

«Este nome, faz-nos recordar que já no tempo dos romanos, a serra que domina Moncorvo, e cujos contrafortes assentam a sua base nas margens do Sabôr, era designada pelo nome de *Reboretum*, derivado da floresta de carvalhos que então a revestia, e cuja descendencia, apezar da incessante guerra que lhe fez o alvião dos estupidos mateiros, com o beneplacito das camaras municipaes, ainda parece protestar contra o vandalismo dos arboricidas dos nossos tempos; pois que, por toda aquella serra, constantemente os carvalhos rebentam das raizes decepadas, e a cobrem de verdura.

«A par dos vestigios das construcções romanas, que se encontram junto á Villariça, podemos ainda citar o resto de uma *via militar*, que naturalmente conduzia de *Augusta Emerita*, a *Asturica Augusta* (Merida, e Astorga) e seguia pela crista do Reborêdo, onde são ainda visiveis; bem como são alli patentes os vestigios da larga exploração das minas de ferro que abundam n'esta montanha, e que os romanos trabalharam, em grande escala.»

—

Não transcrevo o resto do artigo pertencente ao Val da Villariça, por já estar tudo dito em *Moncôrvo*, *Reborêdo*, *Reboreto*, e *Santa Cruz de Villariça*.

—

N'este valle acampou o nosso D. João 1.º, a 16 de março de 1386, no sitio por isso chamado *Eiras d'El-Rei*. (Para evitarmos repetições, vide no 1.º vol., pag. 296, col. 2.ª e seguintes.)

VALDIGEM — villa, Beira Alta, concelho, comarca, bispado, e 10 kilometros ao N. E. de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 268 fogos.

Em 1768, tinha 180.

Orago, S. Martinho, bispo.

Districto administrativo de Viseu.

A mitra, apresentava o vigario, collado, que tinha 150$000 reis de rendimento annual — isto, segundo o *Port. Sacro*. A *Historia ecclesiastica de Lamego* diz que o vigario era aprezentado pelo arcediago da Sé, ou *do Bago*, que tambem se intitulava *arcediago de Valdigem*, e recebia os dizimos d'esta freguezia. O vigario, segundo este livro, tinha 300$000 reis de rendimento annual. Isto é mais exacto.

E' terra fertil em cereaes, e muito abundante de optimo vinho, azeite e fructas — principalmente optimos melões. — O rio Douro, que passa 3 kilometros ao N. d'esta freguezia, a fornece de excellente peixe.

Era da corôa.

D. Affonso 1.º lhe deu foral, em Coimbra, no anno de 1182. (*Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 151, verso, col. 1.ª) D. Affonso 2.º confirmou este foral, em Santarem, no mez d'abril de 1217. (Maço 13, n.º 8, de *Foraes antigos*.) O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. (*Livro de Foraes novos da Beira*, fl. 62, col. 1.ª)

Foi a instancias de D. Soeiro Viegas, *principe de Lamego*, e do bispo d'esta cidade, D. Godinho (o de Boa Memoria) que D. Affonso 1.º deu foral aos *trinta povoadores de Baldigem*, com o foro á corôa, de *um moio de vinho*, um dito de pão *quartado* (trigo, centeio, milho miudo e cevada) um corazil, uma gallinha, um soldo, e uma fogaça de trigo, por cada um dos casaes; e todos elles juntos, 100 *afuzaes* de linho e 100 ovos; posto tudo á custa d'elles, foreiros, em Lamego, e medido pela teiga e quarta do celleiro; e cada casal devia pagar *condado e monte, et non rivulo*.

Em 1272, fez D. Silvestre de Lamego o seu testamento, no qual se lê — «It. Mando ipsi Ecclesiæ de Baldigem, pro meo Anniversario annuatim, in die S. Martini, unam Morabitinatam de pescanine, per meam vineam, que vocatur Anagaça. (Doc. da Sé de Lamego.)

A villa fica junto da serra de S. Domingos da Queimada, e sobre a margem direita do Varosa.

Comprehende esta freguezia, uma área espaçosa — uns 5 kilometros de N. a S., e a mesma distancia de E. a O.

A povoação, divide-se em trez grupos de casas — *Cimo de Villa, Amoreira*, e *Fundo de Villa.*

Os maiores proprietarios d'esta freguezia, são os herdeiros do padre Antonio Ferreira, fallecido em 1858. Ha n'esta terra boas quintas, pertencentes a individuos de outras localidades, entre ellas, as de *Val da Lagem*, do visconde da Varzea — a de Melchior Pereira Coutinho, de Lamego — a da *Bouça*, da familia Lacerda, de Canellas — a *dos Póços*, de Bernardo Pereira Leitão — outra *dos Póços*, dos Pachecos Pereiras, de Villar — a *do Torrão*, de Bernardo Pereira de Aragão, de Lamego—a de *Melres*, da familia Cunha Porto-Carreiro, da Bandeirinha (*o palacio das sereias*) do Porto. Esta quinta tornou-se tristemente celebre, desde que um terrivel desabamento, levou, com grande quantidade de terra e pedras, a casa da quinta, por occasião de uma grande cheia, fazendo recuar por momentos as aguas do Douro, que foram derrubar uns cedros que estavam no terreiro da quinta da Vaccaria, na margem direita do rio, e destruiram um grande estabelecimento de moagem que a opulenta familia *Ferreirinha*, da Règua, tinha no rio Córgo.

Tambem n'esta freguezia tiveram uma casa vinculada, os Bellezas de Andrade, de Villa Nova de Gaia.

Nos limites de Valdigem, e sobre o Varosa, ha uma optima ponte, de cantaria, de um só arco, mas de grande altura.

—

A villa de Valdigem foi por muitos seculos cabeça do concelho do seu nome, com paços municipaes, cadeia, pelourinho, e todas as justiças e vereadores competentes. Depois de 1834, sendo supprimido o tambem antigo concelho de Parada do Bispo, foi annexado a este, que por fim foi tambem sup-

primido, unindo-se ao de Lamego. (Vide *Parada do Bispo.*)

A egreja matriz é muito antiga, e nada tem de notavel.

Ha na freguezia seis ermidas.

1.ª — *N. Senhora da Conceição,* publica, com uma irmandade.

2.ª — *Santo André,* dos Falcões, de Braga.

3.ª — a da quinta do Torrão.

4.ª — a da quinta de Casaldronho.

5.ª — a da casa que foi dos Bellezas.

6.ª — a da casa de Melchior Pereira Coutinho.

Estas cinco ultimas, são particulares.

A de *S. Domingos da Queimada,* é nos limites da freguezia de Fontéllo, estando os marcos divisorios das duas freguezias mesmo no adro da ermida. (Vide *Fontèllo, Queimada,* e *Queimadella.*)

A montanha de S. Domingos é notavel pela sua abundancia de excellente granito, com o qual se construem a maior parte dos edificios de Lamego, Régua, e outras povoações.

Ha n'esta montanha algumas cavernas dignas de menção, principalmente a chamada *Mina,* que, segundo dizem, se prolonga até á ermida de S. Domingos, onde em tempos remotos existiu um posto fortificado, encontrando-se ainda hoje por estas proximidades, lanços de muralhas.

Nos limites d'esta freguezia, no leito do Varosa, ha um sitio pittoresco, denominado *Penêdo do Guincho,* que é um penhasco enorme, a prumo sobre o rio, que passa aqui profundo e medonho, junto dos *moinhos do Chocalho.*

—

Vive n'esta freguezia uma senhora digna de menção pelas suas virtudes. É a sr.ª D. Anna Benedicta Ferreira de Seabra, filha de Maximiano Ferreira da Silva, official do exercito realista, convencionado em Evora-Monte, e irman do estimavel cavalheiro, o sr. Antonio Ferreira Machado, da nobre e antiga familia dos Seabras, de S. Pedro do Sul, da qual foi membro distinctissimo, o doutor Alvaro Vaz Correia de Seabra, que a morte roubou á sciencia e á Religião, de que era extrenuo defensor, primando, sobre tudo, os seus escriptos, por um vigor logico de argumentação cerrada, que esmagava os adversarios.

Possuindo a sr.ª D. Anna Benedicta avultados rendimentos, longe de os dissipar em luxo e ostentação vaidosa, os emprega quasi exclusivamente no exercicio da caridade, penetrando no tugurio de todos os desvalidos. É o anjo dos pobres, que considera como seus filhos adoptivos, pelo que é geralmente amada e respeitada em toda a freguezia e circumvisinhas.

—

Tem aqui um grande casal, o nobilissimo e popular fidalgo de Lamégo, o sr. Melchior Pereira Coutinho de Vilhena e Menezes, tambem muito querido d'este pôvo.

É natural d'esta freguezia o illustrado e recto juiz de direito, o sr. doutor José Ferreira da Silva Fragateiro.

Tambem d'aqui era natural, o doutor José Guedes Themes Bahamonde e Prado, notavel pelo seu superior talento e vasta instrucção, e que a morte roubou tão cêdo, no inhospito clima de Benguella, para onde foi despachado juiz de direito.

—

Existe n'esta freguezia a sr.ª Dona Rosa Themes, nascida em 1815, e que ha mais de 50 annos não come, bebendo apenas, trez vezes ao dia, uma chicara de chá ou café, quasi sempre sem assucar, vomitando immediatamente, apenas o bebe, outro qualquer liquido. Não póde vêr a luz, e está muito magra, menos no rosto, que parece de quem tem saude perfeita. Cortam-lhe o cabêllo todos os annos; toma parte nas mais importantes conversas da familia, e a sua opinião é sempre muito attendida.

A familia, que é rica, não se poupou a despezas, e esgotou todos os recursos da medicina, sem poder obter o minimo alivio a esta infeliz senhora, que padece desde a edade de 15 annos.

Foi sempre virtuosissima e o povo d'estas terras a tem por santa.

Teem aqui vindo, de proposito, medicos distinctos para a examinar, não se atrevendo a classificar molestia tão incomprehensivel.

Principiou por aborrecer o alimento de carne, de qualquer qualidade e natureza, sustentando-se apenas de peixe e fructas, que todavia vomitava ao cabo de dous ou tres minutos, e assim viveu alguns annos, com apparencia de saude, para quem ignorasse os seus padecimentos.

Em 1827, foi atacada de uma febre aguda, e, quando convalescente, o facultativo que a tratava applicou-lhe um vesicatorio sobre o estomago, apoz o qual, se lhe contrahiram os nervos, ficando tolhida de pernas e braços, e como que formando um novêllo.

Desde então, começou para ella uma vida fenomenal. Nunca mais comeu cousa solida, e só bebe — como já disse — chá ou café. Nunca mais fez dejecções excrementicias: não póde fazer movimento algum senão com a cabeça, parecendo que a alma abandonou o resto do corpo. Conserva o rosto cheio, lizo e alvo, e está no perfeito gôzo das suas faculdades intellectuaes, exprimindo-se com voz clara, e com muito acêrto e discrição.

Contam-se d'ella cousas maravilhosas, parecendo que vê os objectos distantes, atravez dos corpos mais opácos e em posições inaccessiveis á vista de quem occupa o seu escuro aposento.

A doença d'esta senhora, é mais celebre ainda do que a da *estatica*, da Arrifana. (Vide 1.º vol., pag. 238 RR, col. 2.ª)

VALDO — port. ant. — *vadío* — que só se occupa de comer o alheio, sem trabalhar, não recuando mesmo ante o roubo, e até com mão armada.

VALDOZENDE — freguezia, Minho, concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa Verde (foi da comarca da Póvoa de Lanhoso, extincto concelho de Santa Martha de Bouro — em 1855, passou para a comarca de Villa-Verde, concelho d'Amares — depois passou para o concelho de Terras de Bouro, da mesma comarca de Villa Verde, que é a antiga de Pico de Regalados) 24 kilometros ao N. de Braga, 425 ao N. de Lisboa. 145 fogos.

Em 1768, tinha 102.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. Abbade cisterciense do mosteiro de Bouro, apresentava o abbade, que tinha rs. 350$000 de rendimento annual.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado, e nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

Posto ser de clima excessivo, é muito saudavel.

VALDREU — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi da comarca e concelho de Pico de Regalados, que vem a ser a actual de Villa Verde) 25 kilometros ao N. de Braga, 428 ao N. de Lisboa, 275 fogos.

Orago, S. Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mesma fertilidade e clima da freguezia antecedente.

O *Port. Sacro* não traz esta freguezia.

VALDUJO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros ao S. E. de Viseu, 360 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 85.

Orago, Nossa Senhora da Consolação.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O parocho tinha o titulo de cura, e era da apresentação alternativa do abbade de Santa Maria da villa de Moreira, dous annos — e um anno, do reitor de Santa Marinha, da mesma villa. Tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A freguezia é composta de trez aldeias — a da *Egreja*, onde está a matriz — a do *Cabêço* — e a da *Quintan*.

É terra fertil em cereaes, azeite, e vinho, que é o melhor d'este concelho.

A egreja parochial, é de fabrica humilde e de acanhadas dimensões — e na aldeia do Cabêço, ha uma ermida, bem conservada.

Tem por limitrophes, as freguezias de Cótimos, Cogulla, Moreira e Rabaçal.

O maior proprietario d'esta freguezia, actualmente, é o sr. Miguel d'Almeida Fra-

de, solteiro, e um dos 40 maiores contribuintes do concelho.

A esta freguezia está annexa a de *Moreirinhas*. (5.º vol., pag. 549, col. 2.ª) É por isso que em muitos documentos se dá a esta freguezia o nome de *Valdujo e Moreirinhas*.

Nas duas Beiras, e ainda no Alto Alemtejo, se dá o nome de *ujo*, ao *bufo*, áve de rapina noturna, bem conhecida; porisso o nome d'esta freguezia vem a ser *Val do Bufo*.

VALEDEIRA — port. ant. — valiosa, firme, sem cousa que duvida faça. — « *Em sá revora* valedeira. » (Doc. do mosteiro de Vairão, de 1292.)

VAL-FORMOSO — quinta, Extremadura, freguezia e concelho dos Olivaes. Está situada sobre a margem direita do Téjo. Comprehendia todo o terreno que vae, por um lado, quasi até ao *Telhal*, e pelo outro, parece que se estendia até *Cabo-Ruivo*. Varias quintas, do outro lado da estrada, pagavam fôro, ao mórgado de Val-Formoso. Ainda no fim do seculo XVI, parte era matto. Por uma provisão do rei D. Sebastião, se concedeu ao administrador d'este vinculo, licença para aforar a parte inculta, e esta comprehendia a *quinta da Mattinha* e as duas que se seguem.

A antiga casa de Val-Formoso, era no meio da quinta, e foi demolida por João Antonio Pereira de Lacerda (avô do actual sr. visconde de Juromenha) para levantar a nova casa, junto á estrada; e, por esta occasião, desappareceu a velha ermida gothica, que existia junto ás casas antigas: o que consta de uma vistoria que existe no cartorio do dito senhor visconde. Era dedicada á Santissima Virgem. (Não vem mencionada no *Sant. Mariano*, que deixou de fallar de grande numero de ermidas de N. Senhora.)

Os *Armazens da polvora* (hoje *Escola Pyrotechnica*) estão no fim d'esta quinta, junto ao Tejo.

Foi instituido o mórgado de Val-Formoso, por Martim Lourenço, no seu testamento, de 18 de agosto de 1398 — e foi seu 15.º e ultimo administrador, o actual referido sr. visconde.

O instituidor, mandou no testamento, lançar o seu corpo em uma sepultura que tinha mandado fazer em uma capella sua, da invocação de São Martinho, no mosteiro de Santo Agostinho (hoje quartel militar da *Graça*, em Lisboa) a qual mandou ornamentar com ricos paramentos e alfaias.

Ordenou, que no dia do seu enterro, os seus testamenteiros, peçam a todas as ordens religiosas de Lisbôa, ao cabido da Sé e ás freguezias com as suas cruzes, que acompanhem o seu funeral, e na dita capella, cantem as *horas dos finados*, e digam muitas missas por sua alma; e que, no mesmo dia, ou no seguinte, cantem cem missas, no referido mosteiro graciano, *e deem, por amor de Deus, duas mil libras da moeda corrente, aos pobres da cidade*. Que os mesmos suffragios tenham logar no outavario, trigessimo dia, e anniversario da sua morte.

Deixou mais, varios legados aos hospitaes e albergarias, de Lisboa, e estabeleceu uma missa quotidiana por sua alma e de seus ascendentes; e um officio annual, com seu responso, e para este encargo, manda dar, em cada anno, duas dobras de ouro, ao prior.

Instituiu mórgado, e chamou para a successão, a seu filho, Gil Martins, e seus successores em linha legitima.

Margarida Esteves, mulher do testador, sobreviveu a seu marido, e accrescentou outra missa quotidiana, ao encargo pio.

Em 1556, tendo apparecido em Cascaes a imagem de N. Senhora da Graça, foi esta conduzida em procissão, ao mosteiro dos agostinhos, que, desde então, se denominou convento de N. Senhora da Graça. Fizeram-se, préviamente, obras no mosteiro, e foi durante ellas, pelas quaes se alargou amplamente a egreja, que a capella de S. Martinho passou a chamar-se de Santo Christo, e posteriormente, do *Senhor dos Passos*, denominação que ainda hoje conserva, e cuja imagem é a de maior veneração dos habitantes de Lisboa. (4.º vol., pag. 240, col. 2.ª)

Os ossos de Martim Lourenço, ao que parece, tiveram por esta occasião (a das taes obras) a mesma sorte, dos do grande Affonso d'Albuquerque. (4.º vol., pag. 144, col. 2.ª, no fim, e pag. 143, col. 1.ª) — Foram removidos pelos frades, como constou de uma

vistoria requerida por um dos administradores, em um pleito, com os mesmos frades; e, em virtude da tal vistoria, se encontrou, ao pé das grades da capella-mór, mais para o lado do sul, uma campa raza, com esta inscripção:

SEPULTURA DE MARTIM LOURENÇO
E DE SUA MULHER, MARGARIDA ESTEVES,
E DE SEUS SUCCESSORES; QUE MANDARÃO AOS
ADMINISTRADORES DO SEU MÓRGADO
QUE FIZESSEM DIZER N'ESTA CASA, CADA DIA
DUAS MISSAS POR SUAS ALMAS

Ou por consentimento do administrador do vinculo, n'esse tempo, ou porque este não poude evitar a expoliação fradesca, as cousas ficaram no mesmo estado, como antes da demanda — isto é — continuou a expoliação.

—

No dia 26 de abril, de 1881, falleceu uma tia do sr. visconde de Juromenha. Eis o que a este respeito diz o jornal *A Nação:*

Está de nojo um dos nossos mais queridos e respeitaveis amigos, o ex.^mo sr. visconde de Juromenha.

No dia 26, pelas 9 horas e meia da noite, falleceu a ex.^ma sr.^a D. Maria do Carmo de Lemos Pereira de Lacerda, filha do ex.^mo sr. Antonio de Lemos Fereira de Lacerda Delgado, 1.º visconde e 1.º alcaide mór de Juromenha, 14.º senhor do mórgado de Valle Formoso, commendador das ordens de S. Bento de Aviz e da Torre Espada, tenente general dos reaes exercitos, etc., etc.

Não tinha ainda completado 78 annos, quando a morte a colheu de subito, levando-a, como piamente cremos, para o logar dos Bemaventurados, mas deixando mergulhados na mais excruciante dôr, seu irmão e sua sobrinha a ex.^ma sr.^a D. Maria de Sousa Pereira de Lacerda, a quem damos os mais sentidos pezames.

Á nobreza do seu nome reunia a finada muitas virtudes e uma não vulgar instrucção.

Respeitadores e admiradores de s. ex.^a, amigos intimos do nobre visconde de Juromenha, sentimos deveras esta morte; mas christãos devemos pagar á finada o tributo de christãos, orando e pedindo aos nossos leitores que orem pelo eterno descanço de s. ex.^a.

Viscondes de Juromenha, morgados de Val-Formoso

Antonio de Lemos Pereira de Lacerda Delgado — 1.º visconde e 1.º alcaide-mór de Juromenha, 14.º senhor do mórgado de Val-Formoso, commendador das ordens de São Bento de Aviz e da Torre e Espada — condecorado com a Granada de Ouro, pelas campanhas das guerras da Catalunha e Rossilhon — com a medalha n.º 5, da campanha da guerra peninsular — por Sua Magestade Britanica, com a de 6 batalhas — e por Sua Magestade Catholica, com a de Albuera e Victoria — inspector geral das ordenanças do reino — governador da torre de São Vicente de Belem — tenente general — secretario militar, durante toda a guerra da Peninsula, cargo em que desenvolveu os vastos conhecimentos de que era dotado, etc., etc.—

Succedeu na casa, a seu pae, em 17 de novembro de 1805. Nasceu a 2 de setembro de 1761 e morreu a 9 de agosto de 1828. Casára, a 4 de julho de 1802, com D. Maria da Luz Whilloughby da Silveira, nascida a 17 de outubro de 1787, e filha de Francisco Xavier Whillougby de Araujo, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de São Bento d'Aviz, major de cavallaria, e de D. Anna Leonor da Silveira,

Foi feito 1.º visconde de Juromenha, pelo principe regente (depois D. João VI) em 17 de dezembro de 1815.

Teve do seu casamento, oito filhos, que, por ordem de edades, são —

1.º — *Dona Maria do Carmo de Lemos Pereira de Lacerda*, nascida a 13 de julho de 1803, fallecida a 26 de abril de 1881.

2.º — *D. Maria da Penha de Lemos Pereira de Lacerda*, nascida a 14 de outubro de 1804. Casou a 18 de fevereiro de 1827, com Francisco Victor Perrin, marquez de Belluno, cavalleiro da ordem da Conceição, e da Legião d'Honra, em França. Foi capitão do estado-maior, e nasceu a 24 de outubro de 1796. Era 1.º filho de Claudio Victor Perrin, duque de Belluno, par e marechal de Fran-

ça, grão-cruz das ordens, do Santo Espirito, São Luiz e São Miguel, etc. — e de Josephina Muguet.

3.º — *Dona Maria Joanna de Lemos Pereira de Lacerda*, nascida a 17 de novembro de 1805. Casou duas vezes — a 1.ª, a 25 de abril de 1827, com Jacome Borel (enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do rei dos Paizes Baixos, em Portugal) fallecido em outubro de 1834. — 2.ª vez, casou, a 25 de março de 1835, com Eduardo Maria Artan do S. Martin, cavalleiro da ordem de Guilherme, capitão ajudante de campo, do principe Frederico de Orange.

4.º — *João Antonio*, actual visconde, e do qual adiante trato.

5.º — *Antonio de Lemos Pereira de Lacerda*, nascido a 7 de fevereiro de 1809, e fallecido em Paris, a 8 de janeiro de 1838.

6.º — *Guilherme de Lemos Pereira de Lacerda*, capitão de infanteria, da guarda real ingleza, nascido a 30 de novembro de 1812.

7.ª — *D. Maria da Luz*, nascida a 6 de setembro de 1814. Casou, a 30 de novembro de 1837, com Augusto de Souza da Silva Alcoforado, moço fidalgo, nascido a 14 de agosto de 1808, e 2.º filho de Rodrigo Xavier de Souza Alcoforado de Lencastre, moço fidalgo, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, major de cavallaria; e de D. Maria do Carmo d'Araujo Eça de Mello Henriques da Veiga, senhora da casa do *Corpo da Guarda*, no Porto, e do mórgado dos Ruivos, em Alcacer do Sal.

8.º — *Dona Maria Ephigenia*, nascida a 19 de dezembro de 1816.

—

Além d'estes oito filhos legitimos, teve um bastardo, que foi — *Jorge Pereira de Lacerda*, tenente do regimento de infanteria n.º 15, e morreu a 31 de agosto de 1813, na brecha de S. Sebastião da Biscaia.

Esta praça estava occupada pelos francezes. O exercito luso-anglo, deu-lhe varios assaltos, até que a tomou, com admiravel intrepidez, mas com a perda de 3:000 homens, no dito dia 31 de agosto de 1813. A guarnição, encerrou-se na cidadella, porém rendeu-se logo a 8 de setembro.

O actual visconde

João Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, 2.º visconde e 2.º alcaide-mór de Juromenha, 15.º senhor do mórgado de Val-Formoso, commendador da ordem de São Bento d'Aviz. Nasceu a 25 de maio de 1807. Casou a 16 de janeiro de 1837, com D. Carlota Emilia Ferreira Sarmento, nascida a 7 de janeiro de 1802, e fallecida em outubro de 1857. — Era filha de Manoel José Sarmento, fidalgo da casa real, do conselho de S. M., alcaide-mór de Alcacer do Sal, commendador da ordem de Christo e da de Carlos III, de Hespanha; conselheiro do Ultramar, official maior da secretaria do reino — fallecido a 8 de setembro de 1836. Era casado com D. Marianna Raymunda Ferreira da Silva Leitão, tambem já fallecida.

—

O senhor visconde de Juromenha, além de ser um perfeitissimo cavalheiro, e verdadeiro e impoluto fidalgo d'este reino, é um dos mais distinctos escriptores portuguezes da actualidade — sobre tudo, em historia e archeologia — pelo que as suas obras são muito estimadas por todos quantos presam as lettras. Pertence — e sempre pertenceu — ao partido legitimista, do qual é um dos mais nobres e esclarecidos campeões: mas, tão amavel e tolerante com os contrarios, que estes o estimam e respeitam como elle merece.

O sr. visconde de Juromenha, deixa obras que o immortalizam, e lhe dão um logar distinctissimo entre os escriptores d'esta terra.

VAL FORMOSO — pequeno rio, Algarve — (Vide *Faro.*)

VÁLGA ou VÁLEGA — freguezia, Douro, comarca, concelho, e 4 kilometros a S. E. de Ovar (foi da comarca de Oliveira de Azemeis, extincto concelho de Pereira Juzan) 36 kilometros ao S. do Porto, 288 ao N. de Lisboa, 1:120 fogos.

Em 1768, tinha 907.

Orago, Santa Maria (N. Senhora do Amparo.) [1]

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O cabido da Sé do Porto, apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual. (O cabido recebia duas terças dos dizimos.)

É uma das mais populosas, ferteis e ricas freguezias do districto administrativo de Aveiro.

Cria muito gado bovino, que exporta para Inglaterra e outros paizes.

O mar, que lhe fica proximo, ao O., e a formosa *Ria d'Ovar*, que lhe fica na extremidade (tambem O.) a fornecem de optimo peixe, e muita variedade de marisco.

É n'esta freguezia a aldeia da *Regedoura*, onde se fabríca a melhor têlha e tijôlo de Portugal. (Vide *Pardilhó*, e a 2.ª *Regedoura.*)

É atravessada por dous ribeiros, que a regam e fertilizam — um chamado *Rio Negro* (vide *Cucujães*) — e o outro se chamava antigamente *Foz do Conde da Feira*. Ambos desaguam na Ria de Ovar.

É povoação muito antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi primeiramente habitada.

O seu nome, vem do port. antigo — *Válego*, que (como *valegado*) significava *prêso*, *unido*, *compacto*, *atado*, etc.

A sua primeira egreja matriz, estava no logar do *Seixo Branco;* depois, foi mudada para o logar da *Espinha*, onde ainda hoje se chama *Adro Velho*, e ainda alli existem duas sepulturas, tendo uma a seguinte inscripção:

SEPULTURA DE BELCHIOR DE MACEDO,
FIDALGO DA CASA D'ELREI,
COMMENDADOR D'ESTA EGREJA DE VALLEGA.
FALLECEU EM 14 DO MEZ D'ABRIL,
DE 1575

A 3.ª matriz, foi mudada para o sitio actual, lançando-lhe a 1.ª pedra, o abbade Vicente José de Freitas, a 20 de novembro de 1746.

Em 18 de abril de 1787, sendo abbade, Domingos da Silva Chaves, um foguete que cahiu sobre a abobada, reduziu o templo a um montão de ruinas, em resultado do voraz incendio que fez desenvolver. Principiou logo a reedificação, porém ainda hoje não estão concluidas as obras. Mesmo assim, já é um dos melhores templos da comarca [1].

[1] O seu primeiro orago, era Santa Marinha.

—

Entre os dous ribeiros de que fallei, ha um sitio, por isso chamado *Entre-Aguas*. (Vide 6.° vol., pag. 478, col. 2.ª) Está aqui a bonita ermida de Nossa Senhora das Candeias (Purificação) vulgarmente chamada *Senhora d'Entre Aguas*. É templo muito antigo, mas ignora-se a data da sua fundação.

Eis o que com respeito a esta ermida diz frei Agostinho de Santa Maria, no tomo 5.°, pagina 54 do *Santuario Mariano*.

«Entre estas duas ribeiras, é fama e tradição constante, apparecêra a santa imagem; e porque appareceu entre ellas, lhe pozeram o titulo de *Senhora d'Entre as Aguas*. Dizem mais, que apparecêra dentro de uma barca, formada de pedra (!) da qual ainda hoje (1716) se conservam vestigios, e, por esta causa, os romeiros que vão buscar a esta milagrosa Senhora, tiram pós da mesma pedra, que bebem em suas enfermidades, em que experimentam as maravilhas d'aquella poderosa Senhora.

«Foi achada junto a uma fonte, onde ainda hoje, por memoria, se conserva uma cruz de pedra, em o sitio que chamam o *Portinho*, um quarto de legua distante do logar onde a egreja está fundada, que é junto ao mesmo rio d'Aveiro.

«Está com grande veneração, esta santa imagem, recolhida em um nicho de vidraças, em o meio do altar-mór. Tem trez palmos de altura — é de pedra — no braço esquerdo, tem o amoroso filho, Jesus, menino muito lindo; e, assim o menino como a mãe, teem ricas corôas de prata em suas cabeças. Tambem a adornam com vestidos.

«Festejam esta Senhora, em dia da sua Purificação, em 2 de fevereiro.

«A egreja, é formosa e grande. Tem trez

[1] A padroeira da 1.ª e 2.ª egreja matriz, era Santa Marinha. Quando se fez a actual egreja, é que mudou de padroeira.

altares. Não dão aquelles moradores noticia do tempo em que esta santa imagem alli appareceu; mas obra muitas maravilhas e milagres; e assim é servida de uma grande irmandade, que a festeja com grande liberalidade e devoção. [1]

«Tem muitos ornamentos, e alampada de prata, etc.»

—

O *Cathalogo dos bispos do Porto*, apezar de ser escripto por um dos seus bispos (D. Rodrigo da Cunha) é muito pouco exacto no numero de ermidas que dá a cada freguezia. Nomeia umas que nunca existiram; em outras, troca o nome do padroeiro; e finalmente em outras, troca o nome da freguezia onde estão edificadas.

N'esta freguezia, menciona 6 ermidas — 1.ª, *Nossa Senhora d'Entre Aguas* — 2.ª, *Nossa Senhora da Mâmoa* — 3.ª, *São Miguel, o Anjo* — 4.ª, *São Gonçalo* — 5.ª, *São João* — 6.ª, *São Bento.*

—

O actual abbade d'esta freguezia, é o sr. doutor Manoel Marques Pires, um dos melhores jurisconsultos da provincia do Douro, e um sacerdote exemplarissimo.

Nasceu na aldeia da Póvoa de Baixo, freguezia de S. Thiago de Beduido, a 25 de dezembro de 1819.

É filho de Manoel Marques Pires, e de D. Maria Valente da Conceição.

Matriculou-se no 1.º anno juridico, na Universidade de Coimbra, em 31 de outubro de 1838, e formou-se em 3 de julho de 1843. Tomou ordens de presbytero, nas temporas de julho de 1844. Frequentou o 6.º anno juridico, em 1844-1845, defendendo thezes, em 20 de novembro, e fazendo exame privado, a 5 de dezembro: recebeu o gráu de doutor, a 14 do dito mez, do anno de 1845. Foi estudante distincto.

Foi despachado abbade d'esta freguezia, por concurso synodal, em 3 de dezembro de 1856, e collado, a 28 de janeiro de 1857. É vigario da vara, do 3.º districto da comarca ecclesiastica da Feira; e foi eleito deputado, em setembro de 1870.

Foram abbades de Valga —

D. Diogo Lobo, prior-mór da ordem de S. Thiago, conselheiro de estado, e bispo eleito da Guarda. Falleceu a 27 de outubro de 1654. Está sepultado na ermida da Senhora d'Entre Aguas.

Sebastião de Moraes Ferreira, instituidor do vinculo da quinta da Bôa Vista, hoje do sr. Sebastião de Moraes Ferreira.

Frei Antonio de Souza Dias de Castro, monge benedictino, e doutor de capello, em theologia. Nasceu na cidade do Porto, e foi um varão de muito saber e virtudes. Era irmão de D. Vicente, arcebispo da Bahia, que foi presidente da camara dos deputados, em 1821. Falleceu a 16 de janeiro de 1830, sem deixar com que se lhe fazer o funeral, pois tudo quanto adquiriu, o repartia com os pobres. Era um verdadeiro padre do Evangelho, honra da sua classe.

—

Segundo a tradição, houve n'esta freguezia, em tempos de que não ha memoria, um hospicio de frades, que, segundo uns, eram benedictinos, e segundo outros, foi de agostinhos descalços.

Não pude averiguar o logar onde esteve este hospicio — se é que elle existiu.

VALENÇA, ou **VALENSA** — port. ant. — *fortaleza, poder, auctoridade, força.* Vem do latino *valeo. — Vobis dabo juvamen, auxilium, valensam, et defentionem.»* (Doc. de 1390.)

VALENÇA DO DOURO — villa. Beira Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira (foi do concelho de Tabuaço, comarca de Armamar) [1] 6 kilometros a O. de Ervedosa, 48 de Trancoso, 36 de Lamego; 340 ao N. de Lisboa. 150 fogos.

---

[1] Esta irmandade, foi erecta em 1650, e chegou a ser muito numerosa e rica; mas foi cahindo em decadencia, e por fim acabou ha muitos annos.

[1] Foi primeiramente da comarca de Pinhel, e, em 1704, passou para a de Trancozo, sendo até então cabeça do concelho do seu nome. Depois de 1834, foi supprimido, e passou a formar parte do concelho de Tabuaço, e por fim, passou para o de S. João da Pesqueira.

Em 1724 tinha 123 fogos.

Orago, S. Gonçalo d'Amarante.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O *Port. Sacro*, não traz esta freguezia, posto ser muito antiga.

O abbade do mosteiro de S. Pedro das Aguias, apresentava o cura, que tinha réis 60$000 de rendimento annual.

O mesmo abbade tinha jurisdicção ordinaria n'esta freguezia.

Já no principio d'este seculo, pertenceu ao juizo de fóra da Pesqueira.

Esta terra é pouco fertil em cereaes, mas produz optimo vinho de *factoria*, azeite, e fructas de bôa qualidade. O rio Douro, que a banha pelo N., e lhe dá o nome, a fornece de saboroso peixe, e lhe serve de via de communicação com a cidade do Porto, com a qual faz um bom commercio.

No termo d'esta villa, e que pertenceram ao seu concelho, estão as freguezias de Sarzedinho, e as duas unidas, Balça e Desejosa, que — como a de Valença — eram senhorio dos marquezes de Távora, cujo progenitor (o famoso D. Thedon) conquistára aos mouros, no principio do seculo XI, todo o vasto territorio que constitue hoje as comarcas de Sinfães, Rézende, Lamégo, S. João da Pesqueira e outras.

Tem feira a 25 de março.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 16 de maio de 1514. (*Liv. de foraes novos da Beira*, fl. 100 v., col. 2.ª)

Este foral, serve tambem para Balça, Casaes, e Desejosa. (Vide adiante, onde fallo do foral dado pelos frades.)

Tem minas de chumbo.

—

Esta villa é mais antiga do que a monarchia portugueza, com toda a certeza, do tempo dos árabes, e talvez do tempo dos gôdos. Ignora-se qual foi o seu primeiro nome: no seculo XIII, chamava-se *Perencia* (synonimo de *Mortandade*.) Assim se vê nomeada em um aforamento do mosteiro de S. Pedro das Aguias — que a fez povoar de novo, em 1269 — repartindo-a em 24 casaes, ou courellas.

A horrivel epidemia e *mortandade* que tinha exterminado os seus habitantes, lhe grangeou aquelle nome fatal e de máu agouro, que ainda hoje lhe não era improprio, attendendo ao pouco saudavel do seu clima.

O primeiro foral d'esta villa, lhe foi dado pelo referido mosteiro de S. Pedro das Aguias, em 1269, quando repartiu esta terra nos 24 casaes que já disse. Os monges se obrigaram n'este foral (ou *carta de aforamento*) a dar-lhes clerigo que lhes administrasse os sacramentos em Santa Maria do Rio Tôrto, trez vezes por anno, e lhes dissesse missa, de 15 em 15 dias.

—

Ha n'esta freguezia duas ermidas — uma dedicada a *Santo Antonio de Lisboa*, e outra, que era dedicada a N. Senhora da Assumpção, vulgarmente — *N. Senhora da Ribeira Velha* — hoje em ruinas, e na margem esquerda do Rio Tôrto, junto ás *Bateiras*, e na margem esquerda do Douro.

Eis — em resumo — o que, com respeito a esta ultima ermida, se lê no *Sant. Mar.*, tomo 7.º, pag. 375. (Note-se que este livro foi publicado em 1721.)

«O Sanctuario de N. Senhora da Ribeira Velha, está fundado em um alegre e fresco sitio, que é um val, ao qual dão o nome de *Terras de Limar*, passando o Rio Tôrto, proximo ao Douro (margem esquerda) e junto a uma quinta que foi de Nicolau Pereira, de Soutêllo.

«É um templo vasto, com altar-mór, e duas capellas lateraes no corpo da egreja; vendo-se nas suas paredes interiores grande numero de quadros, commemorando os muitos milagres da Padroeira. N'este sitio, se faz uma grande feira, a 25 de março, muitissimo concorrida, vindo então alli muitas procissões, de varios logares.

«Tem (teve !...) um ermitão, e tem, (teve) junto a ella, casa de residencia propria.

«Antigamente era esta egreja, a matriz de uma vasta freguezia, e aqui vinham de muito longe a enterrar-se defunctos — muitos de mais de trez leguas de distancia, por não haver então, por aquelles contornos, mais que duas freguezias — esta, e a de *Tabuêllo*, que dista trez leguas, a qual é hoje fregue-

zia do logar dos Pinheiros, termo da villa de Barcos.»

Até aqui o *Santuario Mariano.*

Esta ermida era em um deserto, e na occasião da feira e romaria, havia sempre aqui grandes desordens, ferimentos e mortes. O templo foi-se desmantelando, pelo que a imagem da padroeira foi removida para a egreja matriz, onde hoje se lhe faz a festa; e n'aquella localidade, a feira que se fazia á beira do rio (ou dos rios — Douro e Torto.) Hoje, poucos vestigios existem da ermida.

Cumpre-me agradecer n'este logar, a *delicadeza e benevolencia* do actual reverendo parocho d'esta freguezia; pois tendo lhe escripto a pedir-lhe ápenas o obsequio de me dizer se Tabuéllo era alguma aldeia da sua parochia, não se dignou responder-me! Não saberá escrever? — Talvez........

—

Todos sabem que desde 1834 até 1858 — e em algumas partes, até muito mais tarde — uma alcateia de ladrões e assassinos, naturaes de Taboaço, Valença do Douro, Moimenta da Beira, S. João da Pesqueira, São Cosmado, Tarouca, Mondim, Midões, Villa Nova de Foz-Côa e outras localidades, roubando e matando impunemente a quem lhes parecia, sem temor das auctoridades (que muitas vezes, eram mesmo instigadores d'esses crimes) causaram n'esta parte da Beira, uma verdadeira época de terror, não se julgando os habitantes pacificos, em segurança, nem pelas suas vidas, nem pelos seus haveres.

Malvados que desde 1828 até 1834 tinham perseguido os liberaes, com a mais requintada crueldade, se tornaram n'este ultimo anno truculentos perseguidores dos realistas, e mesmo de muitos que, sem terem opinião politica definida, tinham dinheiro ou cousa que o valesse, para satisfazerem a insaciavel cobiça d'aquelles vadios ociosos, devassos e malvados.

A estupida, absurda e escandalosa lei das *indemnisações*, de 1 de agosto de 1835, datada do palacio do Ramalhão, assignada pela sr.ª D. Maria II, e referendada pelo então ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, veio ainda aggravar mais as desgraças d'aquelles malfadados tempos. Muitos criminosos que estavam presos por ladrões, asssassinos, falsarios, e adulteros, saindo das cadeias em 1834, allegaram que estavam presos por liberaes, e vieram completar este quadro de horror, exigindo avultadissimas indeminisações de grande numero de proprietarios, muitos dos quaes nenhuma parte haviam tomado nas nossas dissenções politicas, e que, ou por justiça (quando os magistrados eram tão perversos como os *indemnisados*) ou á viva força, eram desaforadamente perseguidos, roubados e assassinados, sem que as auctoridades dessem as devidas providencias; até em muitas terras, fazendo parte — indirecta ou directamente — dos perseguidores!

Foi n'esta desgraçada época que se tornaram celebres pelos seus horrorosos e repetidos crimes, as hordas de bandidos commandadas pelo *Espadagão*, pelos *Marçaes*, pelo *Traquina*, pelo *Cavallaria*, pelos *Leaes*, pelos *Brandões*, pelo *Trancaria* e outros.

Felizmente, estas differentes quadrilhas, pretendendo cada uma para si o exclusivo de roubar e assassinar, se guerrearam encarniçadamente, matando-se uns aos outros. Tambem por fim, magistrados energicos e integerrimos, arrostando com enormes perigos, sentenciaram alguns dos malvados á forca, ou a degredo perpetuo para as costas da Africa; e, morrendo outros de differentes molestias, foram pouco a pouco deixando em paz esta desgraçada provincia.

Em varias partes d'esta obra, tenho mencionado alguns d'estes crimes. Aqui, só tratarei de alguns que ainda não ficaram relatados.

O Traquina, da Granja do Tédo

Appareceu um dia, no *Castanheiro do Sul*, junto a Valença do Douro, um homem de torvo aspecto, desconhecido na localidade, e armado de carabina; e entrando em uma taberna, perguntou a morada dos maiores facinoras d'aquelles sitios.

Era então a *época do terror*, e os roubos, com mão armada, os assassinatos e toda a qualidade de crimes, eram por alli frequentissimos.

Manoel dos Santos, homem valente e energico, era então regedor da parochia de Valença. Mandou chamar a sua casa o adventicio, fechou-se com elle em uma sala, e apontando-lhe um bacamarte, intimou-o para que immediatamente e sem rodeios, lhe dissesse quem era, d'onde vinha, e o que hia alli fazer. O malvado, sabendo com quem tratava, revelou tudo. Disse que foi alli mandado por Manoel Cardoso Pereira, o *Traquina*, da Granja do Tédo, avisar a *sua gente* (declarando o nome de todos os da quadrilha) para se reunirem na noite de 18 d'esse mez (janeiro de 1856) na villa da Granja, para hirem roubar a casa do rico proprietario, José Ignacio de Oliveira Rebello, etc.

O regedor, prendeu-o logo, pondo-o incommunicavel, officiando logo ao referido José Ignacio, para que se acautelasse.

Apezar da prisão do tal facinora, na noite aprazada, a casa de José Ignacio foi cercada pela quadrilha ; mas vendo-a toda illuminada e occupada por gente armada, retirou.

O honrado regedor, foi pessoalmente declarar tudo ao juiz de direito e agente do ministerio publico da comarca (S. João da Pesqueira) e tão secretas, rapidas, e acertadas foram as diligencias, que em poucos dias estava a ferros *quasi toda a quadrilha*, menos alguns que escaparam *pela malha*. Os presos, foram sentenciados a degredo para a Africa. Eram nada menos de 32!!!—*Ad perpetuam rei memoriam*, ponho-lhe aqui os nomes e naturalidades.—

1.º—*Manoel Cardozo Pereira*, o TRAQUINA, da Granja do Tédo, chefe da horda. Na audiencia de 17 de dezembro de 1857, respondendo ao interrogatorio, disse ter 48 annos.

2.º—*Francisco da Costa Carlos*, ferrador, da villa de Taboaço.

3.º—*João Rebello d'Andrade*, alfaiate, idem.

4.º—*Rodrigo Antonio d'Andrade*, da mesma villa.

5.º—*Geraldo Ignacio*, idem.

6.º—*Marcos Pinto*, da aldeia de Guedieiros, freguezia de Sendim.

7.º—*Antonio d'Andrade*, ferreiro, da mesma aldeia.

8.º—*Antonio Gonçalves da Eufrazia*, o FURACÃO, de Távora.

9.º—*Daniel Gonçalves*, da mesma villa.

10.º—*José Gomes Leal*, da freguezia da Louga, concelho de Tabuaço—filho de *Antonio Gomes Leal*—e irmão de *Justo Leal, Antonio Leal*, e *João Leal*—todos ladrões e assassinos, e todos tambem assassinados, como veremos adiante.

11.º—*Miguel Cardozo*, o RATÃO, tambem da freguezia da Louga.

12.º—*Manoel Joaquim*, idem. (Respondeu, em 1859, no tribunal de Mirandella, onde havia commettido varios crimes, de homicidio, incendio e roubo.)

13.º—*Manoel Joaquim*, o MATHILDE, da quinta do Pinheiro, freguezia da Granjinha, concelho de Tabuaço. (Este malvado, já tinha cumprido a sentença de cinco annos de calcêta, no Porto, por varios crimes.)

14.º—*Marcellino de Macêdo*, da Granja do Tédo.

15.º—*Manoel dos Santos*, o CACHANDRO, da freguezia do Castanheiro, concelho de S. João da Pesqueira. (Era moleiro, dezertor, e assassino.)

16.º—*José Antonio dos Santos*, o VAREIRO, da freguezia da Espinhosa, concelho de S. João da Pesqueira.

17.º—*José Bernardo Felix*, do logar de Vallongo, freguezia da Póvoa, concelho de Penedôuso. (Dezertor.)

18.º—*João Portella*, do mesmo logar. freguezia e concelho. (Respondeu no juizo de direito da comarca de Miranda do Douro, onde tinha commettido crimes mais graves (de salteador e assassino, e de fazer parte de uma quadrilha, que na noite de 10 de dezembro de 1859, assaltou a casa de José Mendes, do Prado de Gatão, assassinando alli duas pessoas.)

19.º—*Francisco Baptista Sobral*, da freguezia do Pereiro, concelho de S. João da Pesqueira.

20.º—*Antonio Alexandre*, o CAFFÉ, da freguezia de Villarouco, do mesmo concelho.

21.º—*Manoel* (que por sobrenome não pérca) da mesma freguezia e concelho.

22.º—*José Manoel Nunes*, o ORELHA GATA, tambem de Villarouco.

23.º — *Antonio Ferrador*, da Senhora da Estrada.

24.º — *Antonio d'Andrade*, O PATULEIA, da villa de Ucanha, concelho de Mondim da Beira. Ferreiro.

25.º — *João da Praça*, ferrador, da villa de São Cosmado (Já tinha estado prêso por differentes roubos.)

26.º — *Bento Xisto*, caçador de perdizes, da villa de Moimenta da Beira.

27.º — *Antonio de Sá Mello Palhares*, da villa de Ucanha. (Este foi despronunciado.)

28.º — *Bernardo Caffé*, da villa da Granja do Tédo. (Tambem despronunciado.)

29.º — *Manoel da Costa Alipio*, da freguezia do Castanheiro, concelho da Pesqueira.

30.º — *Antonio d'Azevedo*, pedreiro, da mesma freguezia.

31.º — *José Pinto*, da villa de Leomil, concelho de Moimenta da Beira. (Respondeu no juizo de direito de Lamego, por crimes mais graves.)

32.º — *Antonio Joaquim*, O GRADIZ, da freguezia de Gradiz, concelho de Aguiar da Beira.

As testemunhas da accusação e da defeza, foram *cento e desesete!*

—

Ha n'este volumoso processo — que póde ver-se no cartorio do escrivão da Relação, Silva Pereira — cousas curiosas, de que farei resumido extracto.

Geraldo Ignacio (o 5.º reu) no interrogatorio de 8 de abril de 1856, disse — entre outras cousas — que achando-se reunidos 16 (que nomeou) em uma quinta, junto a Carrazêdo, na noite em que pretendiam assaltar a casa do referido José Ignacio de Oliveira Rebêllo, disse Francisco da Costa Carlos (o 2.º reu) a José Gomes Leal (10.º reu) «Então teu irmão João, não vem? — ao que o interrogado respondeu — «Não veio *por ser muito obrigado ao José Ignacio*, mas disse que nada descobrirá.»

Mais declarou que tencionavam matar o Santos, do Castanheiro (o 15.º reu) por ter denunciado os outros companheiros — o juiz de direito de Armamar — o doutor Germano Lopes Freire de Gouveia, de Goujoim, 1.º substituto do dito juiz de direito, [1] etc. — Tencionavam tambem roubar a *Fidalga do Sarzêdo*, e outros. Que o seu chefe, era o *Traquina*, e immediatos, o Francisco, ferrador, de Tabuaço, e o João da Praça, de São Cosmado.

O *Antonio da Eufrázia*, de Távora, disse no seu interrogatorio, que *arranchara* á tentativa de roubo, á casa do referido José Ignacio, porque o *Traquina* o induzira, ameaçando-o com a morte, se recusasse; e que annuiu, por temor, visto que o *Traquina* era muito capaz de o assassinar, por ser homem destemido, matador e ladrão.

Finalmente, para não enfadar o leitor, com este sudario de crimes e torpezas de toda a casta, direi, que todos os reus confessaram os crimes de que eram accusados, e outros desconhecidos; menos o *Traquina*, que negou tudo obstinadamente, mesmo na acareação com os seus co-reus, ou com as testemunhas da accusação.

O dito 1.º juiz de direito substituto, que quasi sempre estava em exercicio, trouxe por muito tempo a vida em risco, e duas vezes esteve a ponto de ser assassinado pelo *Traquina* — uma, nos arrabaldes de São Cosmado, outra na estrada de Armamar. Anno e meio andou escoltado, recolhendo sempre de dia a sua casa, que é no centro da villa de Goujoim, e lá mesmo se não julgava seguro, porque os assassinos tinham jurado alli mesmo o hirem matar.

Para se saber qual era a *moralidade* de certos magistrados d'aquelles tempos, de triste recordação, direi o seguinte.

[1] O juiz de direito, era o doutor Guilherme Germano Pinto da Fonseca Telles, de Arouca: e, tanto elle, como o seu 1.º substituto, em quanto occupou o logar, foram incansaveis no descobrimento e mais diligencias para o castigo dos criminosos. Ambos estes benemeritos magistrados falleceram bem novos — o 1.º, em Lisboa, no anno de 1878 — e o 2.º, em maio de 1879.

O *Traquina* foi preso, no Porto, a 2 de novembro de 1857, a bórdo da barca *Carolina* (prestes a seguir viagem para o Rio de Janeiro) *com passaporte legal, tirado no governo civil de Viseu, e visado no Porto!....*

Este monstro, já anteriormente havia commettido varios crimes, no julgado de São Cosmado, pelos quaes o pronunciou o dito substituto, Freire de Gouveia, sendo então juiz ordinario allí, *sendo o Traquina, regedor e escrivão do juiz eleito da sua freguezia, e escrivão de fazenda supplente do concelho, sem que o administrador d'elle, ousasse demittil-o!........*

Quiz obrigar o referido juiz ordinario a entregar-lhe o processo, que se lhe havia instaurado, pela tentativa de morte a um seu visinho (Antonio Verissimo) e, como o juiz se recusou, jurou assassinal-o. Isto foi em 1855.

Depois, quando foi denunciado pelo seu camarada — como vimos — foi á Granja do Tédo uma força de infanteria n.º 9, para o prender, mas elle fugiu, e mandou dizer ao official commandante, que se retirasse com a tropa: porque elle (*Traquina*) *queria hir almoçar!*

Retirado o destacamento, continuou o scelerado o passear por toda a parte, sem lhe importar com as auctoridades, pelo que o juiz de direito requisitou uma força permanente na séde da comarca, o que lhe foi concedido; porém, mais de 18 mezes, fez andar a tropa em constantes correrias, sem lhe ser possivel effectuar a prisão; e obrigando-o apenas, a homisiar-se no concelho de Rézende, e d'alli foi para Viseu, onde lhe concederam passaporte para o Brasil!

Quando já estava no Porto, para embarcar, encontrou alli o seu antigo *camarada*, *João Leal*, e foram para uma taberna, beber de sociedade. Depois de terem esgotado algumas *canécas* de vinho, cahiu o astuto Traquina, em contar tudo ao seu conviva, mostrar-lhe o passaporte, e dizer-lhe quando partia.

Chegado a casa, João Leal, foi revelar tudo ao juiz de direito substituto, Freire de Gouveia, o qual, *em menos de uma hora*, fez marchar para o Porto, Antonio da Trindade, um dos seus escrivães, com os competentes mandados de prisão, e um officio para o governador civil, para que este auxiliasse a captura. Recommendou a Trindade, pessoa da maior confiança, que fosse a toda a brida, (dando-lhe o juiz o seu proprio cavallo, e ordem para correr até o rebentar, e comprar logo outro e outro, seguindo, sem descanço, toda a noite, pois que o navio devia partir no dia seguinte.

O escrivão, sahiu de Armamar, pelas 3 horas da tarde, de 30 de outubro de 1857, chegando ao Porto no dia seguinte, pela uma hora da tarde, depois de ter feito uma jornada de 90 kilometros, e por caminhos então pessimos, em 22 horas!

Felizmente, o navio não pôde sahir no dia 31 de outubro, como o capitão tencionava. O escrivão, vestido com uniforme de official da guarda municipal, e uma bôa escolta, percorreu todas as hospedarias e tascas de Entre-Paredes, Batalha, e Ribeira, sem encontrar o *Traquina.*

No dia seguinte, deu-se ordem de não sahir navio nenhum, sem ser visitado pelo governador-civil. Nem era precisa tal ordem, porque a barra estava inaccessivel pelo mau tempo.

Passados dous dias, estando a barra franca, e a suspender o ferro a *Carolina*, foi a bórdo o governador civil e o Trindade, e lá acharam o criminoso, que foi logo (2 de novembro) conduzido para as cadeias da Relação.

Julgado em Armamar, foi degredado para a Africa, onde morreu.

Foi assim, que a comarca d'Armamar ficou livre da maior e mais temivel quadrilha de ladrões e assassinos, que, depois da quadrilha dos *Vasques*, e do *Cavallaria*, de Santo Adrião, infestaram esta parte da Beira Alta.

Os Leaes, de Longa

Houve na freguezia de Longa, contigua á da Granja do Tédo, uma familia, composta de sete homens vigorosos — pãe, e 6 filhos, todos perversos, ladrões e assassinos, dos quaes, só um dos filhos, matou 10 ou 11 pessoas!

O pae — Antonio Gomes Leal, por alcunha o *Trancaria*, era magro, fraca figura, e um cruel perseguidor dos liberaes, desde 1828, até 1834, *virando a casaca* n'este ultimo anno, e tornando-se implacavel perseguidor dos realistas. (Houve muitos assim !)

Os filhos legitimos, eram cinco — *Justo, Manoel, João, José* e *Antonio* — e um bastardo, chamado *José Antonio.*

O pae, *sendo ainda creança* (?) matou um pastor; e com a edade, cresceu em corpo e em malvadez.

Fez parte da quadrilha que assaltou e roubou a casa de Francisco Teixeira de Monte-Rei, suppliciando-o até que elle disse onde tinha o dinheiro.

A final, foi preso por uma *escolta*, commandada pelo tristemente célebre *Cavallaria*, de Santo Adrião (tão malvado como elle — Vide no 8.° vol., pag. 236, col. 1.ª — e pag. 595, col. 1.ª) e, ao passarem a ponte da villa da Granja do Tédo, deram-lhe uma descarga, e alli o deixaram morto.

O filho mais velho, Justo Gomes Leal, era negociante de bois, mas comprava-os fiados e nunca os pagava. Se os vendedores lhe pediam o dinheiro, espancava-os, chegando a assassinar alguns. Matou e roubou o abbade de Lacerda, de Louga, e outras muitas pessors, que assassinava por dinheiro, como os antigos *bravos*, de Veneza. Foi o terror d'estas terras !

Nomeava publicamente os individuos que havia de matar ! Entre o numero das suas indigitadas victimas, contavam-se os senhores — *Alexandre de Azevedo Menezes Pimentel*, de Riodades, no concelho da Pesqueira, cavalheiro respeitavel e verdadeiro pae da pobreza — Trez cavalheiros da freguezia de Távora, homens os mais energicos e respeitados da sua terra, que eram — *o abbade Moraes — Joaquim Antonio de Barros* (vide *Távora*, da Beira Alta) e *Miguel de Barros.*

Disse publicamente, o tal scelerado, que os havia de hir matar, mesmo á Távora, uma das mais desordeiras d'aquellas terras ; marcando até, o dia 25 de março, quando regressasse da romaria da Senhora da Ribeira Velha, de Valença.

Aos trez animosos cavalheiros indigitados, custava-lhes a crer tão grande ouzadía e perversidade ; mas, quando souberam que elle estava em Valença, com um irmão tão malvado como elle, trataram de pôr-se em guarda.

Reuniram-se, armados de excellentes carabinas, bem carregadas, em uma casa, contigua ao caminho que os Leaes haviam de seguir, de Valença para Távora, decididos a desfechar sobre os assassinos, apenas os avistassem ; mas não realisaram o seu intento, porque, n'esse mesmo dia, foi morto o Justo, ao lado do irmão, mesmo no meio do arraial da Senhora da Ribeira.

Foi assim :

Quando os romeiros viram chegar ao arraial o Justo, armado de uma carabina, dizendo que hia alli *de proposito para dar cabo da pelle de dous patifes*, tudo ficou aterrado, e muitos individuos abandonaram o arraial ; mas um rapaz de 18 annos, por nome *Victorino*, tanoeiro, da freguezia de Sarzedinho, proxima a Valença, e do mesmo concelho, vendo milhares de homens — *e homens do Alto Douro, todos valentões* — tremendo em frente de um só homem, resolveu, *elle só tambem*, libertar á sociedade de semelhante monstro, e com um tiro de carabina o estendeu morto.

Depois do tal *Cavallaria*, foi o Justo Leal o maior faccinora, nos valles do Tédo e Távora.

Entre os muitos assassinatos que perpetrou, se conta o do *Espadagão*, de Sernancelhe, tenente da *guarda nacional* (!) d'aquelle concelho, e natural de Tabosa das Arnas — outro malvado, tão perverso como Justo Leal. Tinha sido voluntario realista, do batalhão de Lamego, e um cruel perseguidor dos liberaes, e, apenas capitularam as tropas realistas, em Evora-Monte, se declarou liberal, e foi feito tenente da guarda nacional, roubando, acutilando e fuzilando publicamente muitos realistas. Andava sempre armado de uma grande espada, que lhe adquiriu a alcunha de *Espadagão*. Era tal a sua monstruosa perversidade, que chegou a enterrar *ainda com vida* (!) algumas das suas victimas ; mas, por seu turno, foi tambem com vida enterrado, d'esta maneira :

O Justo Leal, o *Chico*, de Sequeiros, e outros, invadiram-lhe a casa, em que vivia, em Tabosa das Arnas; depois de lhe terem arrombado a porta, a machado, prenderam-o, fizeram-lhe varios ferimentos com o tal machado, e fazendo-se acompanhar pelo coveiro da freguezia, o levaram para o monte de Santo Estevam, sobranceiro a Tabosa, e alli obrigaram o coveiro a abrir uma sepultura, e enterraram vivo o tal *Espadagão*.

—

Manoel Gomes Leal, sendo apenas adolescente, era já turbulento, atrevido e malcreado. Em certo dia, desavindo-se com um soldado de infanteria n.º 9, o quiz assassinar, mas o soldado, com um tiro, lhe tirou a negregada vida.

—

João Leal, apezar de ser o menos cruel dos irmãos, era tambem mau e ladrão, e fez parte da quadrilha do *Traquina*. (Foi o tal que não quiz tomar parte no roubo de José Ignacio, da Granja do Tédo, *por ser muito obrigado áquelle senhor*).

Era ferrador em Longa, mas, depois, mudou para Tabuaço, onde, em uma noite que teve altercações, em certa taberna, com *Joaquim Bairrinhos*, e *Antonio de Carvalho*, ambos de Távora, estes o assassinaram.

—

José Gomes Leal, era tão malvado como o pae e os irmãos, e tambem foi da quadrilha do *Traquina*. Foi degredado por dois annos, para a Africa Oriental, e consta que morreu no degredo.

—

Antonio Gomes Leal, era o mais novo dos 5 irmãos legitimos, e um dos mais perversos.

Sendo aprendiz de ferrador, em Lamego (na Praça de Cima) deu trez facadas em um dos officiaes da sua loja, deixando-o perigosamente ferido. Foi preso, julgado, e sentenciado a degredo para a Africa, por cinco annos (attendendo á sua menoridade.)

Voltou do degredo, da edade de 20 annos, ainda peor do que para lá foi.

Provocava a todos, *dizendo que se déra muito bem na Africa, e desejava para lá voltar* — como effectivamente voltou, pouco depois.

Estava uma noite, em uma taberna de Tabuaço, a beber e jogar, com outro malvado, por alcunha *o Pancão*, official de diligencias (!) ladrão e assassino, que pertencêra á guerrilha (quadrilha) dos *Marçaes*, de Foz-Côa, e que tinha ajudado a assassinar barbaramente, em Varzeas de Trevões (ou do Douro) concelho da Pesqueira, a Manuel Antonio do Rio, excellente pessoa e rico proprietario, depois de o terem roubado.

Estando ambos a jogar, repito, deu o Pancão, um murro no Leal, e este lhe cravou uma faca no coração, deixando-o instantaneamente morto, e fugiu.

Passado algum tempo, deu um tiro em um regedor que tentava prendel-o, e lhe varou uma costella, mas não o matou.

Depois d'isto, assassinou um homem, na freguezia de Alvite, concelho de Moimenta da Beira.

Pôde ser agarrado, julgado e sentenciado a degredo para a Africa, por 15 annos; mas, no fim d'elles, regressou, de perfeita saude, e muito aceiado, dizendo que viéra á terra, só para matar certos individuos, que nomeou, e depois voltar á Africa, onde tinha deixado mulher e filhos; mas que o Estado, é que lhe havia de pagar a passagem.

Passeiava e folgava, como grande lord; mas, estando na *quinta do Retiro* (Alto Douro) onde tinha uma irman por caseira, desavéio-se com um rapaz, tambem da Longa, deu-lhe dous bofetões, e correu sobre elle, de pistola em punho, mas o rapaz o estendeu morto com um tiro de carabina. Foi isto, em 1873.

De modo que dos Leaes, de Longa, só hoje vive a tal irman, caseira, e já viuva; porque, o tal filho bastardo de Antonio Gomes Leal (o *Trancaria*) por nome *José Antonio*, tambem muito mau, e muito valente (tanto que até o proprio pae o temia), foi assassinado por *Manoel Agostinho*, tambem de Longa, *por ordem do proprio pae!*

—

Assim terminou esta familia de *tugues portuguezes* (*talis vita, fines ita*) e assim

terminarei eu tambem, estas paginas de sangue.

Para relatar todos os roubos, mortes, ferimentos e crimes de toda a casta, perpetrados na parte septentrional da Beira Alta, no decurso de 45 annos (desde 1828, até 1873) sería preciso uma obra mais volumosa do que todo este diccionario. Alguns d'esses crimes, já ficam relatados n'esta obra, e nas terras onde foram praticados, e para lá remetto o leitor.

Hoje esta região, goza uma paz relativa, porque os castigos foram rigorosos como vimos, e os proprios malvados se destruiram reciprocamente, menos os que as leis castigaram.

Talvez que alguns dos leitores achem extenso e *maçador* este artigo; mas julgo-o necessario para se saber a que estado de desmoralisação e impunidade chegou a Beira Alta, n'aquelles horriveis tempos, e quanto as auctoridades, umas por temor, outras (e bastantes!...) por connivencia, toleraram tantos crimes.

—

Em maio de 1876, vivia n'esta parochia, Maria Rosa, viuva de José Francisco, *nascida em 1765!* Andava desembaraçadamente, trabalhava, e estava em pleno uso das suas faculdades intellectuaes. (Não sei se ainda vive.)

E' dous annos mais velha do que D. João VI — e nasceu 17 annos antes de morrer o 1.º marquez do Pombal. E' contemporanea de sete reis — D. José 1.º — D. Maria 1.ª — D. João 6.º — D. Miguel 1.º — D. Maria 2.ª — D. Pedro 5.º — D. Luiz 1.º

—

Para a etymologia — vede a 1.ª *Valença.*

—

Fallando, no principio d'este artigo, em *Tabuêllo*, cumpre-me dar aos meus leitores mais amplas informações com respeito a esta antiquissima freguezia, que ha mais de 300 annos mudou de nome.

A paginas 58, col. 1.ª, do 7.º volume, mencionei a freguezia do *Pinheiro* ou *Pinheiros;* mas não tive então outros esclarecimentos com respeito a esta freguezia, senão os que se lêem no logar citado, que são bem poucos.

Depois, li no *Santuario Mariano*, o que se leu no principio d'este artigo, onde se falla em *Tabuêllo*, nome que se não encontra hoje (que eu saiba) em nenhum livro. Escrevi, como atraz fica dito, ao parocho da freguezia dos Pinheiros, que não quiz ter o *grande incommodo* de me responder, nem o *gravissimo* prejuizo de 25 reis, em uma estampilha. Vali-me pois da *Hist. Eccles. da cid. e bisp. de Lamego*, e, ainda mais, dos apreciaveis apontamentos do meu esclarecido amigo, o sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, no Porto, tantas vezes citado n'esta obra, e eis o que averiguei.

Com effeito — no seculo XIV, era a aldeia de *Tabuêllo* a séde da actual freguezia dos *Pinheiros*, que então se mudou para a villa d'este ultimo nome.

O rei D. Manoel, deu foral á villa dos Pinheiros (então chamada *Pinheiro*) em Lisboa, a 13 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, f. 95, col. 2.ª)

Pertenceu á collegiada da villa de Barcos (1.º vol., pag. 334, col. 1.ª) Depois, passou o padroado da egreja d'esta villa, ás freiras do Coração de Jesus (Estrella) de Lisboa.

Pelos fins do seculo XVII, se uniram as duas freguezias, de *Pinheiro ou Pinheiros*, e a de *Carrazêdo.* Aquella, tinha por orago, N. Senhora da Conceição, vulgarmente denominada *Nossa Senhora do Saboroso;* e a de Carrazêdo, Santa Eufemia, virgem e martyr, que, desde então, ficou sendo padroeira das duas freguezias.

Pinheiros e Carrazêdo, são as unicas povoações da actual freguezia, e ambas estão situadas, sobre a margem direita do Tédo, do qual distam um kilometro, aproximadamente, e dous, uma da outra povoação.

A freguezia de Pinheiros, confina, pelo S. E., com a da Granja do Tédo — a N. E., com a de Barcos, e Santa Leocadia — a E., com a de Val de Figueira — e a O., com o rio Tédo — tendo em frente (tanto Pinheiros como Carrazêdo) na margem esquerda d'este rio, as freguezias de Goujoim e São Cosmado.

Ambas as povoações que compõem esta

freguezia, são pequenas, pobres e insignificantes, e estão situadas em terreno alto e agreste, no meio de um enorme estendal de rochas graniticas.

O territorio circumjacente, produz *vinho de pasto*, azeite, milho, centeio, mas tudo em diminuta quantidade. Cria algum gado lanigero, e ha por aqui bastante caça.

No alto da montanha, entre Pinheiros e Barcos, se vê ainda hoje a antiquissima ermida de *Nossa Senhora do Saboroso*, matriz, não só da antiquissima freguezia de *Tabuêllo*, (Pinheiros) como de outras muitas povoações, até muitas leguas de distancia, pois, como vimos no principio d'este artigo, da freguezia de Nossa Senhora da Ribeira (hoje Valença do Douro) até Tabuêllo (18 kilometros) não havia outra parochia intermediaria.

Depois que a villa de Barcos erigiu, no centro da povoação, a sua bella matriz, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, o cura de Pinheiros, era obrigado a hir celebrar os officios divinos, na velha ermida da Senhora de Saboroso.

Pinheiros, tem decahido muito da sua antiga importancia. Foi villa e *honra*, e teve um pequeno castello, que, ainda em meiados d'este seculo, conservava uma torre bastante alta, e ameiada. Estava, porém, fendida e inclinada, ameaçando as casas contiguas; foi demolida, e de tal monumento apenas hoje restam tenues vestigios.

Os habitantes da pequena villa de Pinheiros, foram sempre, muito religiosos pacificos, e trabalhadores; mas os de Carrazêdo, eram vádios, dosordeiros e turbulentos, sendo por isso, e durante muitos annos, considerada esta povoação, como um covil de assassinos e salteadores.

São tão pobres as duas povoações que constituem esta freguezia, que, mesmo depois de unidas, nunca, pela sua pobreza, tiveram parocho collado, mas sómente, curas amoviveis. Hoje, nem isto tem!

No espiritual, estão annexas á freguezia da Granja do Tédo, e o parocho d'esta villa, alli vae ministrar os sacramentos e dizer a missa conventual; pois, tão grande é a falta de clerigos na diocese de Lamego, que os prelados teem annexado differentes parochias e auctorisado alguns parochos, para nos domingos e dias santificados, poderem dizer duas missas.

E' por estas razões, que o parocho da Granja do Tédo, depois de dizer missa na sua egreja, vae, no mesmo dia celebrar o mesmo sacrificio a Pinheiros, que lhe fica a distancia de cinco kilometros, pelo menos.

O parocho da villa de Goujoim, que é proxima, tem annexa á sua freguezia, a de *Santo Adrião*, e celebra tambem duas missas, nos domingos e dias santos, uma na sua egreja, outra na de Santo Adrião, que fica tambem a 5 kilometros da sua residencia, e na margem esquerda do Tédo, hindo de Goujoim para o rio Douro.

Do *monte do Crasto* (antigo castello romano) sobranceiro á villa de Goujoim, se avistava o castello de Pinheiros, mettendo-se de permeio a medonha garganta do rio Tédo. Em tempo de guerra — e ainda, desde 1807 até 1812, aquelles dous pontos se communicavam, de noite, entre si, por meio de fachos (que eram os telegraphos d'aquelle tempo) e assim, com facilidade e rapidez, davam, de um para outro ponto, signal de alarme, apenas presentiam a aproximação do inimigo.

No sopé da ingreme encosta onde estanceia a antiga villa e honra de Pinheiros, se vê, contigua ao rio Tédo, uma pequena povoação, denominada *Ribeira de Goujoim*, porque, posto esteja na margem direita do rio, pertence á freguezia de Goujoim, pouco menos distante do que a de Pinheiros, e situada na margem opposta.

A aldeia da Ribeira de Goujoim, está em sitio muito fundo e abafado, mas, por isso mesmo, quente, fertil e mimoso. Tem bonitos campos, bons pomares de laranjeiras, e de outras arvores fructiferas, e bellas videiras, que produzem optimo vinho.

VALENÇA DO MINHO — villa, Minho, cabeça do concelho e da comarca (de 2.ª classe) do seu nome, pertencente ao districto judicial da Relação do Porto, e á 3.ª divisão militar. E' praça de guerra de 1.ª classe. 13 kilometros ao N. E. de Villa Nova da Cerveira — 24, ao N. E. de Caminha — 30, ao N. O.

dos Arcos de Val de Vez — 32, ao N. O. de Ponte do Lima — 44, ao N. N. E. de Vianna do Minho — 60, ao N. O. de Braga — 108, ao N. do Porto — 430, ao N. de Lisboa — 650 fogos.

Em 1768, tinha 315.

Tem duas freguezias — Santa Maria dos Anjos (ou N. Senhora da Assumpção) e Santo Estevam.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O mestre-escola da collegiada de Santo Estevam d'esta villa, apresentava o cura da freguezia de Santa Maria dos Anjos, que tinha 60$000 réis de congrua.

Em 1768, tinha 147 fogos.

O cabido da mesma collegiada, apresentava o cura da freguezia de Santo Estevam, que tinha 40$000 réis de congrua.

Em 1768, tinha 168 fogos.

Esta egreja de Santo Estevam, e collegiada, tinha 13 beneficios — a saber — *chantre*, que era o presidente, e tinha 130$000 réis —thezoureiro-mór (2.ª dignidade) com réis 600$000 de rendimento — *mestre-escola* (3.ª dignidade) com 220$000 réis — *so-chantre* (4.ª dignidade) com 130$000 réis — 8 *conegos*, com 60$000 réis cada um — e o 9.º *conego* (que em 1768 era bispo de Constantina) com 600$000 réis de renda.

Estes *conegos*, eram da apresentação da Sé Apostolica, com *mitra plena*, excepto o chantre, e o so-chantre, o conego-sachristão e o mestre-escola, que eram da apresentação *in solidum*, da *mitra plena*.

Este concelho é composto de 17 freguezias, todas do arcebispado de Braga, e com 4:150 fogos — são: —Arão —Boivão — Cerdal — Cristéllo Côvo (ou Segadães) — Fontoura — Friestas — Gandara — Ganfei — Gondomil — Sanfins — Silva (Santa Eulalia) — Silva (São Julião) — Tayão — Torre (ou S. Pedro da Torre) — Verdoéjo — e as duas da villa.

—

A sua comarca, comprehende os concelhos de Valença e de Villa Nova da Cerveira, este com 2:400 fogos — total — 6:550.

Antigamente tinha tambem o concelho de Coura, que hoje é cabeça de comarca, de 3.ª classe.

—

Pela nova divisão judicial, tem quatro julgados, são — Gondomil — Ganfei — Valença — e Villa Nova da Cerveira.

—

Tem alfandega da raia, de 2.ª classe, com delegações, em Villa Nova da Cerveira — Monsão — Melgaço — e Britéllo — todas na raia — isto é — sobre a margem esquerda do rio Minho.

Tem estação telegraphica (de serviço completo, por um decreto de setembro de 1870.)

E' aqui o 24.ª estação do caminho de ferro do Minho (*terminus*) ainda em construcção.

D. Affonso II lhe deu foral, em Guimarães, a 11 de agosto de 1217. (*Maço 12 de foraes antigos*, n.º 3, fl. 51 col. 1.ª — *Livro 3.º dos Bens proprios d'El-Rei*, fl. 31. Este foral, foi confirmado por D. Affonso III, em Guimarães, a 11 de agosto de 1262 [1] — O rei D. Manoel, lhe deu foral novo, em Lisbôa, no 1.º de junho de 1512. (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 101, col. 1.ª)

Teve tambem uma sentença, para que as mercadorias que vem da Galliza não entrem senão pela alfandega de Monsão. E' datada de 19 de dezembro de 1533. (*Livro das sentenças a favor da corôa*, fl. 10, col. 1.ª)

Não é preciso dizer que esta sentença caducou ha mais de 160 annos.

—

Tinha voto nas nossas antigas côrtes, com assento no decimo banco.

—

Tem por armas — escudo azul, com as Quinas no centro, e aos lados — na parte superior, dous crescentes, de prata, com as pontas para baixo — e na inferior, duas estrellas, tambem de prata.

---

[1] J. A. d'Almeida (*Dicc. abrev.*, 3.º vol., pag. 143) diz que foi em 1300 — D. Affonso III, morreu em Lisboa, a 16 de fevereiro de 1279, e em 1300 já D. Diniz era rei, havia 21 annos. A causa d'este anachronismo, foi confundir aquelle escriptor, a *era* de Cesar — que é mais antiga 38 annos — com o anno de Jesus Christo.

—

O seu antigo foral, lhe foi dado, não só por D. Affonso II, mas tambem por sua mulher, a rainha D. Urraca, filha de D. Affonso VIII, de Castella, e por seus filhos — D. Sancho (depois 2.º) D. Affonso (depois 3.º) e D. Leonor, que depois foi rainha de Dinamarca, por casar com o rei Valdemaro III.

Não sei a razão porque não assignou seu 3.º filho, D. Fernando (*o de Sérpa*) que casou em Castella, com D. Sancha Fernandes de Lára, filha do conde de Lára, sendo este infante (D. Fernando) mais velho do que D. Leonor.

Confirmaram este foral, e o assignaram tambem, D. Estevam, arcebispo de Braga — D. Martinho, bispo do Porto — D. Pedro, bispo de Coimbra — D. Soeiro, bispo de Lisboa — D. Soeiro, bispo d'Evora — D. Pelayo (ou Pelagio) bispo de Lamégo — D. Bartholomeu, bispo de Viseu — D. Martinho, bispo de Idanha a Velha — e varios officiaes da casa real.

—

Segundo consta da *Chronica* do rei D. Fernando (cap. 57) foi n'esta villa que existiu a 3.ª casa da moeda, que houve em Portugal. (A 1.ª, foi na cidade do Porto — e a 2.ª, em Lisboa.) As casas que hoje pertencem aos herdeiros de José Teixeira Leite Sampaio, situadas na praça do Visconde de Guaratiba, diz a tradição, que era onde se cunhava a moeda.

—

Foi, por muitos annos, praça do bravo regimento de infanteria n.º 21, que d'aqui sahiu em 1828. Pertencia á *divisão do norte*, e fazia brigada com infanteria n.º 9, e caçadores n.º 7. — Esta brigada, commandada pelo brigadeiro inglez sir Manley Power — assim como a pertencente á *divisão do sul*, composta de infanteria 11 e 23, e caçadores n.º 11, commandada pelo coronel Thomaz Guilherme Stubbs (tambem inglez) distinguiram-se em toda a guerra peninsular, pela sua intrepidez e disciplina, e, sobre tudo, a 24 de junho de 1813, na batalha de Victoria, [1] uma das mais sanguinolentas de toda a guerra, pois que os francezes, commandados pelo imbecil José Buonaparte, perderam 6:000 homens, toda a sua artilheria, thesouro e bagagens, e tudo quanto haviam roubado em Portugal e Hespanha, fugindo Buonaparte, á toda a brida, em um veloz cavallo.

Esta gloriosa victoria, obrigou os francezes a retirar para França, onde entraram logo no 1.º de julho.

O general em chefe dos alliados, (marechal general Wellington) tinha manobrado tão bem com o nosso exercito, que evitou a juncção ao grosso do exercito inimigo, de quatro exercitos, a saber — o do norte, commandado por Clausel — o de Portugal, por o general Reille — o do centro, por Droux — e o da Andaluzia, por Gazon.

Posto que José Buonaparte (que o irmão alcunhára de *rei de Hespanha*) fosse o chefe ostensivo do exercito jacobino, quem o commandava, era o marechal Jourdan, que tinha envidado todos os seus esforços e sciencia militar, para fazer uma retirada airosa para França; mas, faltando-lhe o apoio dos quatro exercitos que mencionei, viu-se constrangido a acceitar batalha junto aos muros de Victoria, onde, como vimos, foi aniquilado; o que lhe não aconteceria, se conseguisse a juncção, que nos seria fatal.

Wellington, publicou uma ordem do dia, na qual fez os maiores, mas os mais bem merecidos elogios, aos regimentos de infanteria 9, 11, 21 e 23; e aos batalhões de caçadores n.º 7 e 11; não só pela sua heroica bravura n'esta homerica batalha, mas tambem pela sua valentia e disciplina, nas de Fuentes d'Onôr, Badajoz, Albuhera, Arroyo de los Molinos, Ciudad Rodrigo, Salamanca, e outras.

O governo portuguez pela ordem do exercito, de 13 de março de 1814, premiou a bravura d'estes seis corpos, dando-lhes novas bandeiras, com as honrosissimas legendas, em letras d'ouro, que diziam — para os quatro regimentos de infanteria —

---

[1] A cidade e praça de Victoria, é capital de Alava, e uma das Vascongadas.

JULGAREIS QUAL É MAIS EXCELLENTE
SE SER DO MUNDO REI, OU DE TAL GENTE,

E aos dous batalhões de caçadores

DISTINCTOS VÓS SOIS NA LUSA HISTORIA
COM OS LOUROS QUE COLHESTES NA VICTORIA

—

O batalhão de caçadores n.º 7, como os da mesma arma, n.ºs 8 e 9, tinham formado a bravissima LEAL LEGIÃO LUSITANA;

Os governadores do reino, por proposta do marechal Beresford, ordenaram, por portaria de 20 de abril de 1811, a creação de mais seis batalhões de caçadores, de n.º 7 a 12 (porque então só tinhamos de n.º 1 a 6) para o que foi dissolvida a *Leal Legião lusitana*, que, como vimos, formou os trez batalhões de caçadores, 7, 8 e 9.

Caçadores n.º 7, entrou na acção de Victoria, com a força de 497 praças, sendo commandado pelo tenente coronel irlandez, O'Toole, que tinha succedido ao bravo tenente coronel, João Paes de Sande e Castro.

—

Nas batalhas anteriores á de Victoria, a brigada de infanteria 9 e 21, e caçadores n.º 7, tinha sido commandada pelo brigadeiro portuguez Champlinaud, natural da freguezia de S. Miguel de Fontoura, d'este concelho de Valença.

E' precizo notar que o batalhão, não é o actual. Aquelle pertenceu sempre ao exercito realista, esteve emigrado em Hespanha, desde março de 1827, até julho de 1828, com as tropas do marquez de Chaves, e foi um dos convencionados em Evora-Monte, mas já dividido em trez batalhões. (Até esta divisão, e durante o governo do sr. D. Miguel, tinha 8 companhias, e se denominava *Regimento de Caçadores do Minho*).

O actual batalhão de caçadores n.º 7, é creação do governo liberal, e é um dos corpos mais bem disciplinados do exercito portuguez, graças aos excellentes commandantes que quasi sempre tem tido.

Club fluvial valenciano

Foi fundado em 29 de junho de 1882, por varios cavalheiros d'esta praça.

Illuminação

Em 1857, a camara d'esta villa, comprou á de Lisbôa 30 lampiões, dos que tinham servido para azeite de purgueira, e os collocou em logares competentes, principiando a illuminação da villa, no 1.º de janeiro de 1858.

Egrejas matrizes

Santa Maria dos Anjos — Foi fundada em 1276, como consta de uma inscripção que está no cunhal do sul, e diz —

VIII DIAS ANDADOS DO MEZ DE JULHO,
FUI FUNDADA.
ERA DE M. CCC. XIIII.

Vem a ser 27 de junho do anno de J. C., de 1276.

Os frades benedictinos, do mosteiro de Ganfei, deram avultadas esmolas para esta construcção. E' de uma só nave, e nada tem de notavel senão o frontispicio e a porta principal, denotando a sua antiguidade. Foi sagrada.

O mestre-escola da collegiada de Santo Estevam, intitulava-se abbade d'esta parochia, por ser annexa ao seu beneficio; e por isso apresentava o cura, por carta annual. Desde a extincção dos dizimos, passou o parocho a intitular-se *reitor* — e, desde 2 de março de 1859, *abbade*.

Ha n'esta egreja duas irmandades — a *das Almas*, instituida em 1671, com o fundo de 5:518$399 reis = e a *de Santo Antonio*, instituida em 1737, com o fundo de 2:731$888 réis.

—

Santo Estevam — é um templo elegante, de trez naves. Foi fundado em 1378, no reinado de D. Fernando [1].

---

[1] José Avellino d'Almeida, diz que foi no reinado de D. João I. — E' êrro. — Em 1378, reinava D. Fernando. D. João I foi feito regente (ou se fez elle a si mesmo) em 1383, e foi acclamado rei, em 1385. D. Fernando tinha fallecido a 22 de outubro de 1383.

Tem tido varias reparações, sendo a ultima, em 1792, concedendo para esta obra, a rainha D. Maria I [1] o *real d'agua*, por dés annos.

Ha n'esta egreja as seguintes irmandades—

1.ª — *Sacramento* — Tem de fundo, réis 2:873$680.

2.ª — *São Pedro* — Muito antiga. Tem de fundo, 2:436$981 réis.

3.ª — *Chagas* — Tambem muito antiga. Tem de fundo, 669$730 réis. Diz-se que é a mais antiga irmandade d'esta parochia.

4.ª — *N. Senhora do Rosario* — Instituida em 1742. Tem de fundo, 1:216$714 réis.

Os fundos d'estas irmandades, foram copiados do dito *Diccionario abreviado*, que sahiu á luz em 1866. Não sei se actualmente teem diminuido ou augmentado os rendimentos.

—

A primeira egreja de Santo Estevam, era muito pequena. Em 1392, houve um grande scisma na Egreja Catholica. — Em Avinhão, residia o *antipapa* Clemente VII, ao qual obedecia quasi toda a Hespanha — Em Roma, estava o verdadeiro Papa, Urbano VI, ao qual os portuguezes obedeciam. Dezenove conegos da Sé de Tuy que não quizeram reconhecer o antipapa, [2] emigraram para esta villa. D. João I, permittiu a estes conegos, que se desmembrassem do cabido de Tuy, e se reunissem em corporação, na egreja de Santo Estevam; o que foi auctorisado pelos arcebispos de S. Thiago de Compostella, e de Braga. Assim se conservaram os conegos, recebendo as rendas que a Sé de Tuy tinha em Portugal, e que lhe tinham sido dadas pelo rei suevo Theodomiro; doação que a rainha Dona Thereza e seu filho D. Affonso Henriques, depois confirmaram. Os bispos de Tuy, D. João Ramires de Gusmão, e D. João Fernandes Sotto-Maior, fulminaram censuras contra os conegos dissidentes, que, apezar d'isso, continuaram a receber as taes rendas.

—

O pontifice, e o rei D. João I, quando fallecia algum d'estes conegos, nomeavam outro; até que, o infante D. Pedro, regente do reino na menoridade de seu sobrinho, D. Affonso V, por uma bulla de Eugenio IV, desannexou esta comarca, da jurisdicção de Tuy, em 1444.

Depois, esta comarca uniu-se ao bispado de Ceuta, que o papa Nicolau V, fez immediata á Sé Apostolica; e, em 1493, Alexandre VI, a fez suffraganea da Sé de Braga, que n'esse tempo tinha a administração de Oli-

---

[1] Vou extrahindo (resumidamente) estes apontamentos, do *Diccionario abreviado*, do fallecido José Avellino de Almeida, natural d'esta praça. Vou porém rectificando alguns anachronismos, procedidos do auctor confundir a *era de Cesar* com o *anno de Jesus Christo*.

Tambem não foi D. Maria I que, em 1792, estava demente (ou *como tal foi julgada*) mas o principe regente, seu filho — depois (1816) rei, D. João VI — que concedeu para esta reconstrucção, o tal *real d'agua*.

[2] José Avellino do Almeida, diz que eram 19 os capitulares dissidentes, porém Sandoval (*Iglesia de Tuy*, pag. 174) diz que eram 20, e nomeia-os — são os seguintes —

1.º, *João Alonso*, sub-chantre da Sé de Tuy, e vigario administrador das egrejas e mosteiros que a mesma Sé tinha em Portugal — 2.º, *Gonçalo Martins* — 3.º, *João Rodrigues de Felgueiras*, estes dous, conegos e vigarios geraes, nas partes de Portugal — 4.º, *Alvaro Alonso*, arcediago de Villa Nova da Cerveira — 5.º, *Rodrigo Soares*, arcediago da Labruja — 6.º, *Rodrigo Estevam* — 7.º, *João Domingues* — 8.º, *Gomes Martins* — 9.º, *Domingos Estevam* — 10.º, *Lourenço Correia* — 11.º, *Gonçalo Vasques* — 12.º, *Martim Alonso* — 13.º, *João Doningues* — 14.º, *João Fernando* — 15.º, *João Alonso* — 16.º, *Gonçalo Velasques* — 17.º, *Afonso Gonçalves* — 18.º, *João Estevam* — 19.º, *Domingos Alvares* — 20.º, *Alvaro Garcia Gomes*.

—

Sendo bispo de Tuy, D. João Ramires de Gusmão, eleito em 1391, é que teve logar o scisma que soffreu a Egreja Romana, pelas pretenções de João de Bolonha, Gregorio de Arimino e D. Pedro de Luna (julgados papas intrusos, no Concilio Constanciense, até que foi proclamado verdadeiro pontifice Martinho V, em 1417). Succedeu que nos trez annos do dito scisma, se subtrahiram muitos subditos, á obediencia dos seus prelados, sob pretexto do tal scisma. Foi então que, como vimos, se recusaram a obedecer ao seu prelado, os conegos capitulares de Tuy.

vença, que D. Affonso V lhe havia dado em 1472.

No tempo do arcebispo de Braga, D. Diogo de Souza, e do bispo de Ceuta, D. Henrique (20 de setemdro de 1512) se trocou Olivença por Valença, e o rei D. Manoel, deu ao arcebispo de Braga a jurisdicção temporal; o que tudo foi confirmado por o papa Leão X, em 1513.

Julgo necessario dar mais amplos detalhes com respeito á instituição d'esta collegiada, e são os seguintes —

Negada pelos ditos capitulares e socios, a obediencia ao seu prelado, o bispo de Tuy, elegeram por seu superior ao conego Thoribio, a quem todos obedeceram, durante a sua vida; màs por morte d'elle, se submetteram e sujeitaram ao arcebispo de S. Thiago de Compostella, que não teve duvida em admittil-os; do que se seguiram muitos pleitos, e requerimentos em Roma, até que o papa restituiu tudo ao estado antigo, adjudicando, por um breve, as egrejas e mosteiros da comarca de Valença, á Sé de Tuy, a que pertenciam.

Depois, estas mesmas egrejas e mosteiros, situados entre os rios Minho e Lima, se annexaram ao bispado e egreja de Ceuta, em tempo do papa Eugenio IV (1431 a 1447) a instancias do nosso rei D. Affonso V, que allegou não ter Ceuta (Africa) territorio e precizar d'este, que, sendo do seu reino, tinha bispo de fóra d'elle.

Era Ceuta suffraganea de Braga; e, como álem das referidas egrejas d'entre Minho e Lima, se lhe adjudicaram as da comarca de Riba-Côa, na Beira Baixa, que eram antigamente do bispado de Ciudad Rodrigo, e as de Olivença, no Alemtejo, que eram do bispado de Badajoz; e, como succedesse que a egreja de Braga entrasse na posse da administração do disricto de Olivença, fez uma troca, no tempo do arcebispo D. Diogo de Souza, com o bispo de Ceuta, D. Henrique, em 1512, dando-lhe Olivença por Valença e sua comarca; o que foi confirmado pelo papa Leão X, em 1513 — e, como legitima senhora da mesmacomarca, tomou posse d'ella, pela pessoa do seu provisor, João de Coimbra, em 154; ficando desde então, todo o districto de Valença sujeito á Sé de Braga, que fez d'elle uma comarca ecclesiastica, cuja cabeça foi a villa de Valença, onde fixou a residencia de um vigario-geral, pôsto pello arcebispo primaz, e com jurisdicção em 32 egrejas.

Na *Historia da Egreja de Tuy*, pelo dito Sandovall (pag. 180 e 181) se diz —*Del tiempo, en que Valencia con su destrito, era del Obispado de Ceuta, hallè una escritura de apeo de herdades, que esta Iglesia tiene en Portugal: es del Monasterio de Tomino, hecha a tres de Março, año 1504: dice assi — « Juan Albares, Maestrescola de Africa, Sé de Tanger, Provizor Geral en espiritual y temporal, en el Obispado de Ceuta,* entre Limia y Miño, *por lo Reverendo en Cristo, Padre Señor D. Diego Ortis de Villegas, por merced de Dios e da Santa Iglesia de Roma, Obispo de Ceuta, Primaz en Africa,* etc., etc.

Os conegos de Santo Estevam, tinham grandes rendas, e apresentavam um avultadissimo numero de egrejas.

Entre estes conegos, se contam muitos varões illustres por seu saber e virtudes, e por seu amor á patria e ao throno dos nossos reis, pelo que mereceram d'estes muitos favores, especialmente de D. Manoel.

Quando em 1640 foi acclamado o duque de Bragança por legitimo rei de Portugal, estes conegos se quotizaram voluntariamente, dando metade das suas rendas, para ajuda das despezas da guerra. Este donativo montou a muitos mil crusados.

Os acontecimentos politicos, teem reduzido muito os rendimentos d'esta collegiada, que hoje apenas tem o indispensavel para a sua sustentação.

Ainda no côro, se conserva a cathedra episcopal, onde sè sentaram oito bispos, e por isso a esta egreja se deu o titulo de *Sé de Valença.* Eis a relação d'estes bispos — D. frei Antonio — D. Justo Valdino — D. Martinho — D. João — D. Fernando — D. João Ferraz — D. Diogo Ortiz de Vilhegas — D. frei Henrique.

Quando para aqui vieram os taes 19 (ou 20) conegos, pertencia esta comarca (d'Entre Minho e Lima) ao bispado de Tuy, e foi por isso que elles elegeram para seu prelado, a

Turibio, ao qual obedeceram todos os parochos e religiosos da dita comarca. João, successor d'este na prelazia, creou muitas prebendas, e entre ellas, os arcediagos de Villa Nova da Cerveira e Labruja, que hoje são da Sé de Braga. Este mesmo prelado, applicou para o cabido de Valença, as rendas que o bispo e conegos de Tuy, tinham em Portugal, e que comprehendiam 230 freguezias.

Quando D. Affonso V conquistou a cidade africana de Ceuta (14 de agosto de 1415) creou alli, por auctoridade do papa Eugenio IV, o 1.º bispo; mas, faltando-lhe as rendas sufficientes, foram-lhe dadas as que o bispo de Tuy tinha na provincia do Minho, e assentou a sua cathedra n'esta collegiada, com o titulo de *bispo de Ceuta, primaz d'Africa*. Este (D. frei Antonio) passou depois a bispo da Guarda, e lhe succederam os sete que ficam referidos.

Quando fallecia algum d'estes bispos, reputava-se a comarca, em sé vaga, e o cabido apresentava *vigario sede-vacante*.

Pela distancia, porém, que havia de Valença a Ceuta, não se podendo bem dirigir os negocios ecclesiasticos, é que se fez a troca de Olivença por Valença. N'esse tempo, tinha a collegiada 32 prebendas, com suas tercenarías.

Usam estes conegos, de murça com capéllo, forrado de vermelho, e manto, por serem filhos de uma cathedral, como os de Braga, que se opposeram a isto inutilmente.

Por breve do papa Pio VII, lhes foi concedido trazer meias vermelhas, faxa da mesma côr, e cordão verde no chapeu. Este breve, custou-lhes 600$000 réis!

Com a extincção dos dizimos em 1834, acabaram de facto a maior parte das collegiadas de Portugal; porque as rendas que tinham além dos dizimos, não chegavam para a sua sustentação. D'esta ficou apenas um só conego, que, com os coreiros, a quem pagava, não deixou acabar o nome de collegiada.

Por carta regia, de 3 de dezembro de 1862, se decretou:

1.º A insigne collegiada de Santo Estevam, da villa de Valença do Minho, será conservada, com todos os bens, honras e prerogativas, que civil e canonicamente lhe pertencerem.

2.º O seu pessoal, constará do parocho da freguezia; de sete beneficiados, que, com aquelle, constituirão corporação capitular; e de um thesoureiro menor e mestre de ceremonias.

3.º O parocho, será presidente da collegiada, tanto no espiritual, como na mêsa collegial.

4.º Um dos beneficiados terá o titulo de chantre.

5.º O thesoureiro menor, e mestre de ceremonias, exercerá tambem as funcções que competem aos thesoureiros e sachristães.

6.º Os rendimentos da massa capitular, serão divididos em dez porções eguaes — e d'esta, pertencerá uma a cada um dos membros do cabido — uma á fabrica — e a ultima, ao thesoureiro-menor e mestre de ceremonias.

7.º Sempre que o rendimento annual divisivel da massa capitular, fôr maior do que um conto de reis, do excesso far-se-ha uma repartição especial, dividindo-o em duas partes eguaes; e d'estas, subdividir-se-ha uma, em 8 porções tambem eguaes, para o presidente e beneficiados da collegiada; e a outra, será entregue, como receita, á administração do seminario diocesano, para as respectivas despezas.

8.º As apresentações em beneficios da collegiada, serão feitas — a do presidente, em conformidade do decreto de dous de janeiro do anno corrente — as dos beneficiados, nos termos da lei de 16 de junho de 1848, artigo 11.º, e seu § unico.

9.º O provimento do logar de thesoureiro-mór, será sempre vitalicio, e só poderá recahir em presbyteros, ou ordinandos e ser-lhes-ha applicado, o que a respeito dos thesoureiros parochiaes vitalicios prescreve o decreto de 2 de dezembro de 1861.

10.º Os beneficiados que forem presbyteros, serão coadjutores ordinarios, e officiaes do presidente da collegiada, como parocho da respectiva freguezia, nos termos do artigo 5.º da lei de 16 de junho de 1848.

—

A torre d'esta egreja de Santo Estevam, foi edificada em 1792, mas, tão mal construida, que cahiu n'esse mesmo anno. A actual, foi construida em 1807, e n'ella está o relogio da villa, que principiou a funccionar, no 1.º de novembro de 1857.

Antigamente, os freguezes das duas parochias d'esta villa, podiam escolher aquella a que queriam pertencer; e, quando era casa nova, que se não tinha dado ao rol, ficava pertencendo áquella cujo parocho primeiro entrasse com a cruz, em 2.ª feira de Paschoa.

Esta *mastigada*, como é facil de suppor, dava causa a grandes questões, o que, sabido pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, veio a esta villa, e estabeleceu uma concordata entre ambos os parochos, no anno de 1724, dividindo as casas entre ambas as freguezias; assim como assentaram que cada freguez pagasse ao seu parocho, o dizimo de todas as propriedades que tivesse nos suburbios da povoação, até á margem do Minho; não entrando n'esta concordata as terras mixtas e confinantes com as freguezias proximas, as quaes pagavam meios dizimos.

Ermidas publicas das duas freguezias

1.ª — *Nossa Senhora da Piedade.* — Contigua á egreja matriz de Nossa Senhora dos Anjos, e apenas separada d'ella, por um portão de ferro, que lhe veda a communicação. Pertence ao mórgado de Santa Luzia, extra-muros da praça. Foi fundada por um tal Sancho Pires mas não se sabe quando. (O *Santuario Mariano*, não falla d'esta ermida.)

—

2.ª — *Nossa Senhora da Saude* — Vide *Urgeira*.

—

3.ª — *Bom Jesus* — Esta ermida, que hoje está sob a protecção do governo, pertenceu antigamente á freguezia de Cristêllo-Côvo (Segadães) e só depois que se construiu a obra da *Coroada* (1700) é que passou a ser do cabido de Santo Estevam.

Em 1767, os *conegos* a cederam á irmandade de Nossa Senhora do Carmo, composta de militares do regimento de infanteria n.º 21, que muito engrandeceu este templosinho. Sahindo o regimento d'esta villa, em 1828, ficou a administração da ermida a cargo do governador da praça. Em 1842, veio para aqui, de quartel, o batalhão de caçadores n.º 7, que tomou conta da irmandade e regimento da ermida. Sahindo este batalhão para a cidade da Guarda, em 1846, tornou a ermida a ser administrada pelo governador da praça. Com estas alternativas, se foram... *desencaminhando* os varios objectos de prata, e as excellentes alfaias da ermida, que está hoje falta de tudo, e na maior miseria. Se não fosse a devoção do povo da villa, estaria hoje este elegante templo, reduzido a um montão de ruinas! Todavia, é aqui que se fazem as duas melhores festividades da villa = *Nossa Senhora das Dores* e *Santa Rita* — mas pedindo-se tudo emprestado, ou alugado!

Em 1865, Victorino Antonio Ferraz de Araujo, mandou, á sua custa, pintar e dourar todo o altar-mór e tribuna; encarnar as imagens do padroeiro e de Santo Antonio; deu um excellente relicario de prata, para n'elle se expôr o SS. Sacramento; e cortinas de damasco vermelho, para o camarim, arco cruzeiro e portadas da capella-mór, no que gastou uma grande quantidade de dinheiro.

Houve aqui antigamente a irmandade de Nossa Senhora da Lapa, que chegou a ser muito rica, mas que se extinguiu, porque os ultimos irmãos *esbanjaram* as alfaias e dinheiros da irmandade, que, tomadas as contas, ficou o liquido reduzido a 600$000 reis, que passaram para a Misericordia de Monsão, sob a clausula de reverterem para o hospital da Caridade d'esta praça, logo que elle se fundasse, o que se realisou.

—

4.ª — *Senhor do Encontro* — Está aqui a irmandade de S. Sebastião, que veio da sua antiga ermida, que já não existe, como veremos adiante.

—

5.ª — *Nossa Senhora da Assumpção* — vulgó, *Senhora do Fáro*. (Vide *Monte do Fáro*, no 5.º vol., pag. 477, col. 1.ª)

Segundo a tradição, foi aqui a primeira residencia dos monges benedictinos de Garifei.

—

6.ª — *Misericordia* — E' fundação do principio do seculo XVI, tem apenas 95 palmos de comprimento, desde o altar-mór até á porta principal, e 26 de largura.

Nada tem de notavel. O fundo da sua irmandade, é de 5 contos de réis.

7.ª — *Capella do Passo* — Estava na Praça Municipal. A camara determinou a sua demolição, para se dar principio ás obras dos novos paços do concelho. Principiou esta demolição a 9 de outubro de 1882.

—

Extra-muros da praça, ha a linda ermida de Santa Luzia, propriedade do sr. Tristão de Araujo Bacellar. Faz-se á padroeira, uma esplendida festa, no seu dia, (13 de dezembro) sempre concorridissima, porque o povo dos arredores tem grande devoção com Santa Luzia.

Ermidas que já não existem

1.ª — *São Sebastião, martyr* — estava fundada junto á fonte, ainda hoje chamada *de São Sebastião*, ao N., na raiz da rampa que volta para E.

Foi mandada construir pelo rei D. Manoel, em cumprimento do voto que fez, por causa da grande peste que houve em Portugal, no anno de 1505.

O rei prometteu, se o flagello cessasse, mandar construir á sua custa, nos arrabaldes de todas as cidades e villas do reino, uma ermida, dedicada a S. Sebastião, advogado contra a peste, o que cumpriu em muitas localidades. [1]

Em 1777, se principiou a demolição de varios predios, para a construcção da *Obra coroada*, e, depois de estarem alguns annos paradas as obras, se continuaram em 1810, arrazando-se então muitas casas e fazendas que havia em toda a esplanada (perdendo bastantes familias avultadas sommas com estas expropriações, que o governo prometteu pagar, mas que nunca pagou.) Foi tambem então arrazada a ermida de São Sebastião, que nunca mais se reconstruiu; e tambem, por essa occasião, se arrazou a egreja matriz da freguezia de *Cristêllo-Côvo*, que era situada onde hoje está a *horta regimental*, e que se mudou (a matriz) para a aldeia de Segadães, onde hoje existe.

Consta que a *Fonte de Cristêllo*, que foi modernamente reconstruida, pertencia aos grandes passaes do abbade de Cristêllo; e que as casas, hoje pertencentes aos herdeiros das *senhoras Lagôas*, sitas na rua da Trindade, eram a residencia do dito abbade, e que toda esta rua pertencia á sua freguezia.

A imagem do padroeiro d'esta ermida (S. Sebastião) e a sua irmandade, foram para a ermida do Senhor do Encontro, e ainda lá existem. O fundo d'esta irmandade, é de 1:837$700 reis.

—

2.ª — *São Lazaro* — (vulgó, *dos Gafos*) situada na rampa, mesmo em frente do caminho que vae para a Boa Vista. Era uma antiquissima *gafaría*, como se fundaram muitas até ao seculo XVI, nos arrabaldes de grande numero de cidades e villas de Portugal. Foi tambem demolida, para ampliar a esplanada da praça.

3.ª — *São Vicente* — Era no logar onde hoje existe a casa de campo de José Manoel Lopes da Silva, nos Fiães. Era uma grande ermida, possuindo boas e vastas propriedades, das quaes, a maior parte é hoje possuida pelos herdeiros de José Antonio da Silva Veiga, e Manoel Luiz Gomes.

Esta ermida e o seu patrimonio, foram antigamente senhorio dos Mourões, de Ganfei. Foi demolida pelo mesmo tempo das antecedentes.

—

4.ª — *São João Baptista* — Existiu no chão das casas que hoje pertencem a Manoel da Silva Ferreira, e que ficam no es-

[1] Vou extrahindo estas noticias do *Diccionario abreviado*, de José Avellino de Almeida; mas outros escriptores dizem que estas obras foram mandadas fazer por D. João 4.º, e por seu filho, D. Affonso 6.º — Vide 2.º vol., pag. 449, col. 2.ª

paço que olha para a rua, ainda chamada *de São João.*

—

5.ª — *São João de Deos* — Vide adiante, quando trato dos frades d'esta denominação.

—

Fundação e antiguidade de Valença do Minho

Na minha humilde opinião, é impossivel marcar a época da fundação d'esta villa, e declarar o nome do seu fundador.

Vimos no 3.º volume, pag. 257, col. 1.ª, quando tratei da freguezia da Gandara, d'este concelho, o que diz Faria e Sousa (*Epitome de las historias*, pag. 15, ultimo periodo.)

Para esclarecer mais os meus leitores, traduzirei litteralmente, o que diz este escriptor. E' o seguinte:

«Em tanto que Ulysses sahia da nossa provincia pelo Téjo, entrava n'ella Diomedes, pelo Minho, limite da parte do norte (como a do sul é o Douro) d'aquella terra fertilissima que dos nomes d'estes rios fazendo seu, por o de Entre Douro e Minho é célebre e famosa em Hespanha, e ainda no mundo; memorada de todos os geographos, com elegantes encomios. Alli, quasi onde havia desembarcado, fundou uma cidade, que foi chamada TIDE, em memoria de seu filho *Tideo*: e seus companheiros, *na margem da Galliza*, outra, que com o proprio nome se chamou *Menor* (*Tide Menor*) para se differençar da primeira, que pereceu, com ser Maior, consumindo-a o tempo; em quanto a segunda com o proprio, se fazia mais illustre, e é hoje cabeça de bispado, conservando com o nome de *Tuy*, o de *Tide*, com pouca corrupção.»

«D'estes grêgos e dos gallos, que depois vieram a ser povoadores d'esta terra, se chamou ella *Grecia*, ou *Gallecia*: e, não sendo Galliza mais que um nome corrupto, ou composto de dous tão illustres, quasi é hoje (sem razão) abatimento de seus naturaes, a sua propria gloria.»

—

Vimos no 9.º volume — na palavra *Tuide*, que o Argote diz que *na margem esquerda do rio Minho,* existiu um antiquissimo castello, *no mesmo sitio onde hoje é a praça de Valênça, ou muito proximo a ella, chamado Castello de Tuy.*

Vimos na palavra *Tuy*, ou *Tyde*, que, de um grande numero de documentos antigos, consta que *Tuy*, *Tyde*, ou *Tuyde*, era um antiquissimo castello da Lusitania, construido *sobre um elevado monte*, SOBRANCEIRO Á MARGEM ESQUERDA DO RIO MINHO.[1] Para não cançar mais o leitor, com repetições, remetto-o para o artigo *Tuy*, ou *Tyde*, do 9.º volume.

—

Na *Divisão dos condados d'Entre o Douro e Minho,* feita no reinado de D. Fernando Magno, de Castella e Leão, pelos annos de 1026, se menciona o *Castello de Tuy, que está nas margens do rio Minho, da parte de Portugal, e ao qual tambem se dá o nome de Valença.*

Floriam do Campo (*Hist. de Hespanha*, Livro 1.º, cap. 42) diz que *entre os rios Minho e Lima*, havia *antigamente uma povoação, chamada Tyde — isto é — Tuy, e que d'esta povoação sahiram os que povoaram nas margens do mesmo rio, e fundaram, a cidade de Tuy, em Galliza,* que *ainda hoje permanece.* Cita em abono d'esta asserção, varios auctores antigos.

—

Diz-se que por a tal Tuy portugueza ser fundada antes da gallega, se veio a denominar *Tuy a Velha.* Seria. O que eu não encontrei em escriptor nenhum, é a data da mudança do seu primeiro nome, nem qual o que immediatamente o substituiu. Pretendem alguns, que foi o nome de *Valença,* derivado do latino *valeo*, como fica dito na primeira *Valença.* Outros dizem que se chamou

[1] Se estes documentos dissessem simplesmente Lusitania, tanto o tal castello podia ser na Galliza, como em Portugal, porque a Lusitania dos romanos — como temos visto em varios logares d'esta obra — comprehendia tambem a Galliza, e grande parte da Extremadura hespanhola.

Valença do Cid, o que é um disparate, ligando uma palavra latina (ou *alatinada*) com outra árabe (*cid* em àrabe, significa *senhor*) e os mouros só invadiram a nossa Peninsula, mais de 400 annos depois da total expulsão dos romanos.

Estou persuadido que o primeiro nome que teve esta povoação, depois de *Tuy* (se é que se chamou *Tuy*, o que de modo nenhum é *ponto de fé*) foi *Valença* simplesmente.

O que é certissimo, é que, depois se chamou *Contrasta* — e é um forte argumento em prova de que, em tempos remotissimos, já aqui havia um castello, torre, ou fortaleza, que defrontava com o castello da Tuy gallega; porque *Contrasta* vem do antigo portuguez *Contra*, que significava — *Em frente*; como se póde vêr em Viterbo.

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa (*As cidades e villas da monarchia portugueza*, vol. 3.º, pag. 118) diz que o nome de *Contrasta, talvez* proviesse de dous vocabulos latinos — *contra-castra*, por estar fundada defronte e em opposição a Tuy.

Com o devido respeito a tão illustrado archeologo, não concordo com a sua *supposição*: acho mais verosimil que venha de *Contra*. Além de ser uma interpretação *forçada*, a que lhe dá o sr. Vilhena, devemos notar que *Castra*, na antiga architetura militar, era *o arraíal de todo o exercito, com suas quatro portas, cada uma em seu lado, cercado de fosso e valle.*

A vir d'aqui a etymologia, devia então ser *Contra Castrum*, porque *Castrum*, era o *pequeno arraial, construido só para uma legião* — e não podia ser outra cousa o castello de Contrasta. (*Castello*, é diminutivo de *Castrum.*)

O doutor Emilio Hübner (*Noticias arch. de Portugal*, pag. 85) que visitou Portugal em 1870, *a vol d'oiseau*, e que por isso, em grande parte das suas noticias, se viu obrigado a *curar por informações* diz: «A terceira estrada de Braga, é geralmente conhecida, na parte comprehendida até á fronteira portugueza, isto é, até á segunda *estação de Tude* (*Tuy*); *a parte que ficava em territorio hespanhol, é completamente desconhecida.*[1] Conhecem-se seis ou oito lapides milliares d'esta estrada; a quadragesima segunda, com o nome de Claudio, existe em Valença do Minho, povoação que defronta com Tuy (*Tude, está exactamente a 43 milhas de Bracara.*)

A lapide a que allude este distinctissimo archeologo, diz:

TI. CLAVDIVS CAESAR
AVG. GERMANICVS
PONTIFEX MAX. IMP. V
CŌS. III. TRIB. POTEST.
III. P. P. BRACA XLII.

Aqui Hübner não é exacto—ou quer por força que *Tude* seja a actual Tuy.

Vemos da 5.ª linha d'esta inscripção que o tal marco milliar, estava a 42 milhas de Braga, e não a 43, como elle diz. Se a actual Tuy está a 43 milhas de Braga, é certo que este marco estava uma milha ao sul da cidade gallega. Pretendendo provar que *Tude* é Tuy, só prova que é *Tuide*, em Portugal.

Vímos a pag. 404 do 3.º volume d'esta obra, que este 3.º itinerario, de Braga a Astorga, é — 1.º, Braga — 2.º, Limia (Ponte do Lima) — 3.º, Tude — e terminou em terras de Portugal; porque *Burbida*, já é na Galliza, e ao N. de Tuy. Vê-se pois que n'esse tempo (41 annos antes de J. C.) ou Tuy não existia, ou era povoação tão insignificante, que o itinerario a não mencionou.

Tambem se engana, quando diz que é completamente desconhecida a parte da via militar (esta 3.ª) que ficava em terreno hespanhol. Não é tal — eis aqui as povoações por onde alli passava — *Burbida, Turoqua, Aquis Celenis, Pria, Asseconia, Brevis, Marciae, Luco Angusti, Timalino, Ponte Neviae, Uttaris, Bergido, Interamnio Flavio*, e, finalmente, o seu *terminus—Asturica* (Astorga).

O mesmo Hübner, no livro citado, e a pag. 106, diz que na parede da arcada do mercado, está (1871) uma inscripção, coberta de tinta d'oleo e retocada, que diz:

---

[1] O sublinhado é meu.

DIS. MANIBVS
ALLVQVI. ANDERGI. F.
AETVRAE. ARQVI. F.
MACR. ALLVQUI. F. CL.
VTIMONI ALLVQVI. F. C. VI.
EN. IIIII VIVICI. FAC. C.

O fim da 5.ª linha, e a maior parte da 6.ª, são illegiveis: acha-se alli apenas o nome de um 3.º filho. É claro que esta lapide era do tumulo de conjuges, com dous filhos.

—

Hübner, traz, com respeito a esta inscripção, uma longa tirada; e, para a evitar ao leitor, remetto-o para o logar citado.

—

E' certo que em frente da Tuy actual, existiu uma torre ou castello, sobre a margem esquerda do Minho, de construcção tão antiga, que se ignora a sua data; mas, onde era o logar exacto d'essa fortaleza, ou o que quer que era?—IGNORA-SE!—Seria na aldeia de *Tuidé*, freguezia da Gandara, proxima a Valença? — Seria em S. Pedro da Torre? — No Monte do Fáro? — (Vide adiante, onde fallo do *Itinerario* de Antonino Pio.)

José Avellino d'Almeida, diz, *sem sombra de duvida* — «O centro da povoação era no logar chamado hoje *das Lojas*, nome que lhe proveio de ser *alli onde existiam as lojas de tecidos e de generos alimenticios.*»

Então se aqui existiam as taes *lojas*, onde era a povoação que se utilisava do conteudo n'ellas? — Na minha opinião, *lojas*, aqui, não significa o que diz este escriptor, mas é corrupção de *logo*, que no portuguez antigo, significava *logar*, *morada*, *residencia*, etc. — Como tão visinhos dos gallegos, não admira que em vez de *Logo*, escrevessem *Lojo*, que tem a mesma pronuncia; e de *Lojos* para *Lojas*, era facil a corrupção.

Eu possuo um manuscripto antigo, de auctor anonymo, que — se fôr verdadeiro — derrama bastante luz n'esta questão. Diz elle — «O castello de Tuy, que depois se chamou Contrasta, e por fim VALLENÇA, era no alto do monte, onde não havia mais edificio algum além da fortaleza, e só *dentro d'ella* estavam algumas casas para quarteis da sua guarnição. O povo, ou aldeia, estava na raiz do monte, em um pequeno *valle*, pelo que se chamava *Vallença*; e, em razão da proximidade do castello, que, em caso de necessidade, lhe servia de refugio, se lhe dava o nome de *Vallença de Contrasta.*»

Não diz o manuscripto qual era o monte onde estava o castello, nem o *valle* onde existia a povoação; e, quanto a estes dous pontos, ficamos na mesma duvida.

O monte, tanto podia ser onde hoje existe a villa, como o do Fáro; e a povoação talvez fosse a actual e bonita aldeia da *Urgeira*, que fica ao sopé do monte onde hoje vemos a villa e praça de Valença.

Deixemos, pois, estes tempos de duvidas e hypotheses, e vamos aos em que ha mais probabilidade de certeza.

O legendario *Viriato Herminio*, vencedor dos romanos em centenares de sanguinolentos combates, surprezas, e batalhas campaes, como vimos na palavra *Póvoa Velha*, fôra assassinado á traição, no anno do mundo 3861 (143 antes de J. C.) mas os lusitanos, apezar da falta de tão bravo chefe, continuaram a bater-se tenazmente contra os romanos.

Pelos annos do mundo 3867 (137 antes de J. C.) era consul das Hespanhas, o patricio romano Decio Junio Bruto, que, do Sul, atravessou com o seu exercito a nossa provincia do Minho, na intenção de fazer a guerra aos *callaicos* (gallegos) mas, como habil general, não quiz deixar na sua rectaguarda um povo belicoso por inimigo; pelo que assentou pazes com os lusitanos, que, no anno seguinte (136 antes de J. C.) — talvez mesmo a pedido do consul — mandaram uma das suas *legiões* tomar conta do velho castello de *Tuy* (o lusitano) reparando-o e guarnecendo-o, ou, segundo outros escriptores, construindo-o de novo; dando assim principio á actual praça, que, como ficava fronteira a uma fortaleza inimiga, tomou o nome de *Contrasta*, como vimos. [1]

A duvida do sr. I. de Vilhena Barbosa, por o Itinerario de Antonino Pio, descrevendo a

---

[1] D. Jeronymo Contador de Argote (*De Antiquitatibus conventos bracaraugustani*,

via militar que de Braga hia a Astorga, não mencionar nenhuma povoação entre Ponte do Lima e Tuy; não colhe.

Nada menos de QUATRO vias militares romanas se dirigiam de Braga a *Asturicam* (Astorga) e, se não nomeiam Valença, é por duas razões — 1.ª, porque ella não tinha então

---

livro 4.º, pag. 178) põe em duvida — ou, mais propriamente, nega — que esta villa fosse fundada por soldados de Viriato; por que, diz elle — «Trez povoações temos em Hespanha, chamadas Valença, que deduzem a sua origem e fundação, dos soldados que militaram com Viriato — a saber — *Valença de Aragão,* cidade mui nobre, que cede a poucas de Hespanha, no esplendor e a nenhuma, na amenidade — *Valença de Alcantara,* assim chamada, em razão de ficar perto da villa de Alcantara — e *Valença,* a que vulgarmente chamamos do Minho, por estar assentada nas margens d'aquelle rio, em um logar alto e fronteiro á cidade de Tuy.

«A prova d'esta origem e fundação, se tira do Epitome de Tito Livio, que a relata por estas palavras — *O consul Junio Bruto, deu em Hespanha, campos e a cidade que se chamou Valença, aos soldados que militaram com Viriato.* — Os nossos escriptores, pois, e hespanhoes, se dividem em diversos pareceres, a respeito de assentarem, que Valença era esta; e cada uma das povoações acima referidas, tem seus patronos, que pretendem ser a de que falla o Epitome de T. Livio; porém, inutilmente se cançam em querer applicar aquellas palavras a Valença do Minho, pois o contrario se convence, da chronologia, etc., etc.»

A pag. 400, do 1.º tomo das suas *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga,* publicada dous annos antes da obra citada, tinha dito — «*Valencia* era uma cidade de Hespanha, edificada pelos soldados de Viriato, como consta do *Epitome* de Tito Livio, que no livro 55, diz assim — *Junius Brutus Consul in Hispania, iis, qui sub Viriato militaverant, agros, oppidumque dedid, quod Valentia vocatum est.*»

E continúa Argote a negar que esta Valença seja a do Minho.

Morales, diz que Junio Bruto, deu, não aos soldados de Viriato, mas ás tropas romanas que pelejaram contra elles, o territorio onde fundaram Valença.

O que é certo, é ser tradição constante, que a nossa Valença do Minho, foi fundada por soldados de Viriato, e que o Argote se engana, attribuindo a estes a fundação de qualquer das Valenças de Hespanha; e em sustentar que ha duvidas entre os escriptores hespanhoes sobre este ponto.

Abrindo o livro intitulado *Poblacion general de España,* pelo chronista Rodrigo Mendes da Silva, e publicado em 1675, vemos a paginas 39, verso, o seguinte:

«*Villa de Valencia de D. João*.......... su fundacion es antigua, sin mas memoria que Griegos, y Celtas; poblando esta Region, años ducientos y setenta y seis antes de nuestra salud; podriam cimentarla, chamando-se COYACA, a quien Almançor, Rey de Cordova, destruyó, año 996. Passó varias fortunas, hasta 1170, quando el Rey D. Fernando 2.º, de Leõ, la pobló de nuevo, etc., etc.»

A paginas 142, diz o mesmo chronista:

«*Villa de Valencia — llamada de Miño* — .... *Fundaronla segun mas cierta opinion, los soldados viejos que militavan en las vanderas de Viriato,* a quien Decio Junio Bruto, Consul Romano, en la ulterior España, año 136, antes de nuestra redempcion, dió este sitio, reconciliandose con ellos, que la mayor gloria es trocar dominio de hazienda, a possession de agenas voluntades. ALGUNOS LO ATRIBUYEN, CON ENGAÑO, A VALENCIA DEL CID, nombrandose en sus principios *Contrasta.* Estando arruinada, la pobló nuevamente, el Rey Don Sancho 1.º, de Portugal, año 1200; aquien su hijo, Don Alonso 2.º, aumentó con grandes fueros, el año de 1217. etc., etc.»

A paginas 159, verso, da mesma obra, se lê:

«*Ciudad de Valencia*................ *Fundóla Romo, Rey de España, años del mundo criado 2641, antes de la humana* Redempcion 1320, dandole su nombre — *Roma* — interpretado del Griego, *Fuerte* y Valiente, en Hebreo, *Lança;* aviendo quien explique, *Teta,* aludiendo a la loba que crió á Romulo y Remo. Despues se apellidó *Epidropolis* (ciudad sobre agua) a causa de 30.000 poços y fuentes nativos contados de Escolano. etc.»

Vemos, pois, que os escriptores hespanhoes todos attribuem a fundação da nossa Valença do Minho, aos taes soldados de Viriato, e não que elles fundassem nenhuma das duas Valenças de Hespanha. E' pois muito provavel que fossem antigos lusitanos, dos que serviram o grande Viriato, que fundassem esta villa, pelo tempo que fica referido.

esse nome — 2.ª, porque n'aquelle Itinerario, só se mencionam povoações, e Valença, não era então mais do que um castello.

Esta duvida do sr. Vilhena Barbosa, não serve senão de confirmar dous factos que até agora me pareceram mais ou menos duvidosos — 1.º, que a cidade de Tuy, da Galliza, não existia ainda quando se fez aquelle Itinerario, por que — apezar do que diz o sr. Barbosa — não se menciona alli nenhuma povoação com o nome de Tuy — 2.º, porque me induz a acreditar como certo, que a primittiva Valença, foi no logar onde hoje vemos a aldeia de *Tuide*, na freguezia da Gandara, proximo a Valença; porque na 3.ª via militar, de Braga a Astorga, o itinerario é este — *Bracara* (Braga) *Limia* (Ponte do Lima) e TUDE (Tuide.) — Veja-se no 3.º vol., pag. 404.

O *Itinerario* de Antonino Pio (ou attribuido a este imperador, e com certeza feito no seu tempo) é um documento digno de todo o credito, por ser official.

Nem a variante de *Tude* para *Tuide*, é objecto da menor duvida. Todos sabem que os nossos avós (e ainda actualmente quasi todos os habitantes do norte de Portugal) diziam *fruito*, por fructo — *conduito*, por conducto — etc. — Até o nosso L. de Camões, escrevia —

«Éstavas, linda Ignez, posta em socêgo,
«De teus annos gozando o doce *fruito*.

Depois de *Tude*, o Itinerario atravessa o rio Minho, e passando por o local do Tuy actual sem o mencionar, *salta* a *Burbida*, povoação que fica alguns kilometros aó N. de Tuy.

Qualquer que fosse a situação da antiga Valença (que eu estou convencido ter sido em Tuide) é provavel que fosse totalmente destruida, sem d'ella ficarem vestigios, ou durante as encarniçadas guerras dos romanos com os carthaginezes; pelas repetidas guerras com os leonezes; ou pelas frequentes invasões dos nórmandos e gascões, terriveis piratas, que durante muitos seculos devastaram as nossas costas e as margens dos nossos rios; principalmente desde o Minho, como temos visto em differentes logares d'esta obra.[1] O que é certo, é que, tanto do tempo dos gôdos, como dos árabes (um espaço de mais de 500 annos) em nenhum livro se faz menção de Contrasta ou Valença.

—

D. Luiz Caetano de Lima (*Geographia historica*, tomo 2.º, pag. 31) depois de ter referido a tradição dos taes *veteranos de Viriato*, diz —

«Outros pretendem, que fosse fundada (Valença) por el-rei D. Sancho I, pois que dando-lhe foral, el-rei D. Affonso II, em agosto de 1217, diz que, já el-rei seu pae lhe tinha passado outra carta semelhante.[2] Porém, o dar-se foral a uma terra, não é argumento infallivel de que não fosse edificada muitos annos antes; assim o podia ser a villa de Valença, e tornal-a el-rei D. Sancho a povoar de novo, pela haverem arruinado os

---

[1] Desde o seculo x, estes piratas, que eram christãos, de nossos inimigos se tornaram nossos alliados, combatendo por nós contra os musulmanos, fundando castellos e povoações (muitas das quaes ainda conservam nomes nórmandos) e, finalmente, adoptando a Lusitania por patria, cá ficaram quasi todos, formando com os lusitanos um só povo. O appellido *Gasco* de que usam algumas familias nobres d'este reino, é uma prova do que acabo de dizer.

[2] Franklin não falla em foral nenhum, dado a esta villa por D. Sancho I.

lionezes.[1] Brévemente se tornou a despovoar a dita villa, ou por causa da guerra, ou por algum outro desastre; de sorte que el-rei D. Affonso III, lhe pôz novos moradores, declarando que já em outro tempo lhe mudára o nome de *Contrasta*, pelo de *Valença*, o qual lhe dão ainda, os povos alli visinhos, chamando-lhe *Valença de Contrasta.» Quando iterum fecimus populari ipsam villam, mutavimus sibi nomen de Contrasta et possuimus sit nomen Valenciam.* (Carta de confirmação de foral, dada por D. Affonso III.)

—

Foi tambem D. Affonso III que, achando a povoação quasi destruida e abandonada, por causa das guerras com os leonezes, a mandou reedificar, em 1262, cercando a de fortes e duplicadas muralhas, que depois, com a invenção da polvora, soffreram varias modificações. (Adiante tratarei d'estas fortificações, no § *Valença militar.*)

—

No antigo regimen, foi esta villa cabêça de uma ouvidoria. Era a mais pequena de toda a provincia, pois comprehendia apenas trez villas—*Caminha, Valença,* e *Valladares* — e dous coutos — *Fiães*, e *Paderne.*

Não sei a razão porque não comprehendia a villa de Villa Nova da Cerveira, que fica entre Caminha e Valença.

Os nossos reis, desde D. Sancho I, até D. João IV, concederam a esta villa muitos privilegios e isenções, com o fim de atrahirem para aqui povoadores; e, com effeito, desde o ultimo quartel do seculo XIII, principiou a ter grande desenvolvimento; e hoje, muito maior teria se não estivesse o povo *encurralado* em um inutil cinto de muralhas, que, em vista do progresso e grande potencia destruidora da moderna artilheria, em poucas horas seria tudo completamente arrazado.

Tambem é, não só vexatorio, mas até ridiculo, que, gozando os portuguezes de uma paz octaviana, ha 35 annos, se prohiba a entrada e sahida franca, a toda a hora do dia e da noite, como se estivessemos em guerra com alguma nação estrangeira.

Antigamente, fechavam-se TODAS as portas exteriores da praça, ao toque de recolher. Depois d'esse toque, só por *graça especial* do governador, e mediante um seu competente *passe*, é que se podia entrar ou sahir. Ha alguns annos, porém, fica aberta a porta da *Coroada*, e um postigo da porta da *Gabiarra*, para a communicação com o chamado caes, na margem do rio.

Em outubro de 1882, mandou o ministro da guerra, que ficasse aberto, de noite, o postigo das *portas do Sol*, por ser caminho mais curto, entre a estação do caminho de ferro, e o centro da villa.

Seria mais judicioso não se fechar porta nenhuma, senão em caso de guerra.

Os hespanhoes, (fallemos francamente) teem, n'este ponto, muito mais juizo do que nós, pois teem vendido, ou applicado a diversos usos, as suas fortalezas da margem direita do Minho, que hoje estão, na maior parte, convertidas em bons predios particulares.

Titulares de Valença

Foi o titulo de marquezado, *com a circumstancia de ser o primeiro de todo o reino*, dado por D. Affonso V, ao 2.º conde d'Ourem, D. Affonso, primogenito do primeiro duque de Bragança, a 11 de outubro de 1451 (6.º vol., pag. 324, col. 2.ª).[1]

[1] Antigamente, ao acto de dar foral a qualquer terra, dizia-se sempre *povoar*. Isto tem causado bastantes enganos e confusões em muitos escriptores; assim como as datas dos foraes, que, antes do reinado de D. João I, quasi todos designam a *era de Cesar*, 38 annos mais antiga do que a de J. C. (Só desde o anno de 1420, é que em todos os documentos publicos se principiou a contar pelo anno do nascimento de J. C.)

[1] O 1.º marquez de Valença, D. Affonso, morreu em vida do duque seu pae, sem tomar estado; mas deixou um filho bastardo, chamado D. Affonso de Portugal, ao qual D. João II obrigou a seguir a vida ecclesiastica (dizem que, para o corrigir *das verduras da mocidade.*) Este D. Affonso foi bispo d'Evora, e teve um filho, tambem bastardo, D. Francisco de Portugal, (cuja mãe foi

Com o tempo, entrou o senhorio d'esta villa, na casa dos marquezes de Villa Real (Noronhas) onde permaneceu até á morte do ultimo marquez, e de seu filho, o duque de Caminha, que, com seus cumplices, foram degolados por traidores á patria, na praça do Rocio, de Lisboa, a 29 de agosto de 1641. (4.° vol. pag. 113 col. 1.ª) Então o senhorio de Valença e todos os mais d'estes traidores e de seus cumplices, passaram para a corôa, e de tudo isto formou D. João IV, a *casa do infantado.*

D. João V, querendo compensar ao 1.° conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, as pretenções que tinha á fazenda real, em razão do Estado de Pernambuco, lhe fez mercê do titulo de marquez de Valença.

Foi 2.° marquez, o filho do 1.°, D. Affonso de Portugal, que morreu na batalha de Alcacer-Kibir, em 1578 — Succedeu-lhe D. José Miguel João de Portugal, conde de Vimioso, escriptor distinctissimo, e 3.° marquez, que morreu sem successão. Esteve este titulo sem ser renovado, mais de 250 annos, até que no reinado de D. João V, foi dado ao 11.° conde de Vimioso, descendente dos antigos marquezes, e é o seguinte —

Foi 4.° marquez de Valença, e 11.° conde de Vimioso, D. Affonso Miguel de Portugal e Castro, gentil-homem da Camara de D. Maria I, grão-cruz da ordem de Christo, governador e capitão-general da Bahia, deputado á Junta dos Trez Estados, e presidente da Junta do Tabaco. Nasceu a 8 de maio de 1748, e morreu a 22 de dezembro de 1802. Casára, a 20 de junho de 1778, com D. Maria Telles da Silva, dama da ordem de Santa Isabel, 3.ª filha dos 3.ºs marquezes de Alegrête, nascida a 2 de setembro de 1758, e fallecida a 27 de novembro de 1824.

Nasceram d'este matrimonio, cinco filhos, que foram (por ordem das edades) —

1.° — *D. José Bernardino,* seu successor.

2.° — *D. Maria Francisca,* marqueza de Aguiar, por casar com seu tio, D. Fernando José de Portugal, 1.° conde e 2.° marquez d'Aguiar.

3.° — *D. Eugenia Francisca,* fallecida em 1810.

4.° — *D. Maria Luiza,* fallecida a 16 de outubro de 1835.

5.° — *D. Manoel Francisco de Portugal e Castro,* governador e capitão general de Minas-Geraes, e da Ilha da Madeira, e vice-rei da India. Falleceu em 12 de julho de 1854.

D. José Bernardino de Portugal e Castro, 5.° marquez de Valença; 12.° conde de Vimioso; *1.° marquez de Portugal;* [1] par do reino, em 1826; gentil-homem da camara de sua magestade; conselheiro e ministro de estado honorario; grã-cruz da ordem da Conceição; commendador da de Christo; brigadeiro do exercito; ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, em 1826. Nasceu, a 20 de maio de 1780. Casou, a 19 de junho de 1813, com D. Maria José de Noronha, 2.ª filha dos primeiros condes de Peniche, D. Caetano de Noronha, e D. Maria José Juliana Lourenço d'Almeida, dama da ordem de Santa Isabel, ambos já fallecidos.

Por fallecimento do 5.° marquez de Va-

Philippa de Macedo, filha de João Gonçalves de Macedo e Isabel Gomes Rebello) ao qual, o rei D. Manoel fez conde de Vimioso, em 2 de fevereiro de 1516. — D. João V renovou o titulo de marquez de Valença, na pessoa de D. Francisco de Portugal (outro) 8.° conde de Vimioso, por carta de 10 de março de 1716. O 5.° e ultimo marquez de Valença, e 12.° conde de Vimioso, foi D. José Bernardino de Portugal e Castro.

O 13.° e ultimo conde de Vimioso, foi seu filho, D. Fransisco de Paula de Portugal e Castro, fallecido em 9 de julho de 1864, deixando viuva a condessa de Vimioso, condessa viuva, de Belmonte, dama da rainha D. Maria I, e filha dos 2.ºs marquezes de Bellas.

Sua filha, a sr.ª D. Maria José de Portugal e Castro, casou com o sr. D. Francisco de Souza Coutinho, filho e herdeiro dos condes do Redondo; é a actual representante do 1.° marquez que houve em Portugal, e, portanto, um dos nobilissimos ramos dos duques de Bragança. E' por isso, que esta familia goza as *honras de parente.* (Vide no 8.° vol., pag. 87, col. 2.ª, e *Vimioso.)*

[1] Todos os marquezes de Valença se intitulavam *primeiros marquezes de Portugal,* por ser este marquezado o primeiro que se creou n'este reino.

lença, ainda se não renovou este titulo, apezar de ter deixado quatro filhos e duas filhas.

São — por ordem de edades —

1.º — *D. Francisco de Paula de Portugal e Castro,* 13.º conde de Vimioso. Vide esta ultima palavra.

2.º — *D. Maria das Dores,* nascida a 22 de agosto de 1819. Casou a 24 de setembro de 1834, com D. Rodrigo de Menezes (Louzan.)

3.º — *D. Maria do Carmo,* nascida a 28 de abril de 1821. Casou com D. Francisco de Souza (Rio Pardo.)

4.º — *D. Affonso,* nascido a 15 de outubro de 1823.

5.º — *D. Caetano,* nascido a 22 de novembro de 1824.

6.º — *D. Pedro,* nascido a 16 de abril de 1830, e fallecido a 25 de agosto de 1878.

O seu nome era — D. Pedro de Portugal e Castro, e foi bacharel, formado em direito pela Universidade de Coimbra.

Casou em 27 de setembro de 1853, com D. Maria Carlota de Bragança, 4.ª duqueza de Lafões, 6.ª marqueza de Arronches, 8.ª condessa de Miranda (do Corvo) e 34.ª senhora da casa de Souza, fallecida em 1865.

D'este casamento houve trez filhos e uma filha —

1.º — D. Caetano de Bragança.

2.º — D. José de Bragança.

3.º — D. Segismundo de Bragança.

4.º — D. Anna de Bragança, casada com o sr. conde de Bertiandos.

D. Pedro de Portugal e Castro, era um cavalheiro muito illustrado, affavel, exemplarissimo marido, pae, e cidadão, pelo que foi geralmente amado e respeitado de quantos o conheciam, sendo a sua morte muito sentida por todos elles.

Pertencia ao partido legitimista; mas, sobremaneira tolerante, tratava com egual defferencia os seus conhecidos, qualquer que fosse o partido a que pertencessem.

Valença militar

Como vimos no principio d'este artigo, é praça de guerra de 1.ª classe, e a 3.ª em cathegoria (a 1.ª é *Elvas;* e a 2.ª *Peniche* — e são hoje as unicas que merecem tal designação.)

Eis as fortificações que constituiam a defeza d'esta praça, em 1734. (*Geogr. hist.,* tomo 2.º, pag. 33.)

«Uma *Obra coroada,* no outeiro do Bom Jesus, com trez baluartes, removidos para a campanha, e dous meios baluartes, junto do fosso da praça, tudo de fábrica de pedra e cal, seus cunhaes e cordão de cantaría, estrada de ronda e segundos *rampardos.*

«Defronte da porta que fica a um lado d'esta obra, tem um revelim para sua defensa; e do outro lado, outro revelim, com suas contraguardas.

«O corpo da praça, consta de sete baluartes, de pedra e cal, que átam com a muralha antiga, a que se fizeram algumas cortinas de novo.

«Como estas muralhas fossem muito altas e se profundassem os fossos, se lhe accrescentaram trez baluartes, a cavalleiro, uns dentro dos outros; e dous d'elles, com faces e flancos baixos e altos.

«Em roda, tem trez revelins, dous que cobrem as portas, e flanqueiam os arredores, que são fundos; e o 3.º, que defende a ponte que lhe fica de fóra, e varre uma baixa que se estende até ao rio.

«Em uma cortina grande, tem uma *tenaz* da fábrica de Mr. de Vauban; e em outra, um *barbête* ou *falsa-braga,* [1] com angulo saliente, que cobre o fosso.»

—

Estas fortificações, teem sido augmentadas, com algumas obras novas, e o seu estado actual, é o seguinte. (*Dicc. abrev.,* de J. A. d'Almeida, 3.º vol., pag. 168.)

«*Fortificação permanente, abaluartada,* construida n'uma collina, ou eminencia, na margem esquerda do rio Minho, comprehendendo sete baluartes, conhecidos pelos nomes *da Lápa, da Esperança, do Fáro, de S. Francisco, do Soccôrro, do Carmo,* e *de S. João.*

---

[1] Em termo de fortificação, *barbête* ou *barbêta,* é a plataforma sem espaldar — *Falsa-braga,* é o segundo muro que defende o fosso.

« *Grande Obra exterior.* — Como adiccionamento, tem a praça uma *Grande Obra*, denominada *Corôa*, ou *Coroada*, cujo recinto contém trez baluartes, e dous meios baluartes; estes, teem os nomes *de S. José*, e *de Santo Antonio* = e aquelles, os de *Santa Anna, S. Jeronymo* e *Santa Barbara.*

O perimetro total da praça, e da *Coroada*, abrange dés baluartes e dous meios ditos, sendo todos pouco espaçosos, principalmente o do Soccôrro e o da Lápa; resentindo-se de serem os lados do polygono em que a fortificação está inscripta, de pequenas dimensões, estando o seu complemento, entre os limites de 146 metros e 56 centimetros — e 219 metros e 78 centimetros.

« *Relevo* — O relevo, ou altura da praça e da *Coroada*, sobre o plano do fosso, é pouco elevado (está entre os limites de 6^m,16 — e 14^m,52) sendo, portanto, susceptivel de escalada e surpresas.

« *Falsas-bragas* — Tanto a praça, como a Coroada, são contornadas, na maior parte do seu recinto, por umas obras que teem a indicada denominação (Falsas-bragas) as quaes consistem n'um segundo recinto, parallelo ao primeiro e á elle inferior. Estas obras são reprovadas por muitos auctores de fortificação, porque, álem d'outros inconvenientes, facilitam a escalada.

« *Fossos* — Todo o perimetro da praça e da Coroada, é cercado de fossos, com profundidade e largura proporcionaes ao relevo.

« *Revelins* ou *Meias-luas* — Todas as sahidas da praça e da Coroada, [1] estão cobertas com revelins, [2] os quaes não preenchem efficazmente o seu fim, por terem dimensões muito restrictas, e pouco flanqueamento.

« Na frente da cortina da Coroada, que liga o baluarte de Santa Anna ao de S. Jeronymo, existe um revelim, com um reducto interior, incompleto.

[1] Fallando-se tantas vezes n'este artigo em *Coroada*, noto, a quem o não souber, que *Corôa*, em termo de fortificação, consta de um baluarte no centro, e dous meios baluartes nas extremidades.

[2] *Revelim*, é a obra sobre a contraescarpa.

« *Estrada coberta* — Ha em volta da praça e da coroada, um caminho, ou estrada coberta, com as competentes praças d'armas, salientes e reintrantes, e respectivas esplanadas, mais ou menos razantes e fixantes; havendo nos pontos convenientes, para tornar o seu accesso mais difficil e perigoso, algumas lunetas, com canhoneiras e séteiras.

« *Portas* — Tem a praça quatro sahidas, e a Coroada, uma, que communica com o revelim, tendo este tambem uma porta, cujo egresso é para a campanha. Todas as sahidas tem o nome de portas, denominadas do *Meio* (estas communicam o corpo da praça com a Coroada) *da Villa, da Gabiarra,* [1] *do Sol,* e *da Coroada.* As sahidas, que deviam ter o nome de portas, são — o *Sol*, as *do Meio*, e as *da Coroada* — segundo as regras da arte de fortificação, por estar o seu sólo de nivel com o da campanha, que é uma das condições a que devem satisfazer — e as outras sahidas, propriamente fallando — deviam chamar-se *poternas*, ou *portas-falsas*, poisque o seu sólo vae em rampa, ou plano inclinado, terminar no fosso.

« Na frente das chamadas *portas do sol*, ha uma obra, que em fortificação tem o nome de *Cófre*.

« *Pontes* — Nas portas do Meio e nas da Coroada, ha pontes permanentes, ou *dormentes* e levadiças. Estas são de máu systema de construcção, porque é necessario empregar grande força motriz, para se levantarem. Actualmente, com grande difficuldade se levantavam, porque, não só as correntes de ferro, como os eixos sobre que giram estas, e as pontes, estão muito oxidadas, ou ferrugentas, o que tem augmentado consideravelmente o attricto, ou fricção. Este estado é devido á falta d'uso de se levantarem; e tambem, no nosso entender, á sua má construcção.

« *Frente mais fraca da praça* — Entende-

[1] Supponho que *Gabiarra*, é corrupção de *Gabarra*, barco grande, de fundo chato. Esta porta, que está ao norte da praça, é a que dá sahida para o caes e margem esquerda do Minho.

mos (salvo melhor juizo) que a frente ou *tenalha* [1] mais fraca d'esta fortificação, é a da Coroada, comprehendida entre os angulos salientes, ou flanqueados, dos baluartes de Santa Anna e de São Jeronymo.[2]

« *Meios de remediar o fraco da praça* — Julgâmos que seria necessario acabar de construir o revelim e respectivo reducto, a que se deu principio, na frente da cortina da Coroada, que une os ditos baluartes, de Santa Anna e São Jeronymo; arrazar os comoros da *Costa da Ervilha*, e com a terra d'alli extrahida, formar as esplanadas na frente mais fraca. Porém estes trabalhos conduziriam a avultadas despezas. Lembrâmos pois, que se guarnêça o parapeito da estrada coberta, da apontada tenalha mais fraca, com uma bôa palliçada, ou estacada, sendo as estacas collocadas de modo que por entre ellas se possa fazer fogo de fuzil. »

Deixo de transcrever mais alguns periodos, por os achar pouco importantes e maçadores, e só copio o seguinte —

« *Agua* — Todas as fontes que a fornecem á guarnição e aos habitantes da praça, estão situadas álem das esplanadas (salvo erro, são cinco) á excepção de uma que ha no fosso de uma das frentes, ou tenalhas da fortificação; frente comprehendida entre os angulos flanqueados dos baluartes de S. João e da Lápa. Em um logar central da praça, junto ao armazem do trem, existe um poço de cantaria, de bella construcção, com a profundidade de mais de 18 metros, e bocal proporcional, sendo abundante d'agua potavel, em caso de necessidade. O referido pôço, esteve por muito tempo obstruido, mas actualmente acha-se limpo; limpeza que se levou a effeito com pouco dispendio, e foi-lhe adaptada para extracção de agua, uma bomba hydraulica, para a compra da qual, concorreram — a instancias de alguem — a camara municipal e a irmandade da Misericordia, no que, no nosso entender, fizeram um bom serviço. »

—

Ha na praça alguns quarteis militares, que apenas poderão alojar uma guarnição de 1:200 praças, o maximo, e todos em más condições de commodidade e salubridade. As latrinas militares, álem de estarem pessimamente situadas, não teem portas, algumas d'ellas, e estão no mais lamentavel estado de sordidez, exhalando um cheiro pestifero.

Tambem está mal situado o hospital militar, e apenas poderá receber de 30 a 40 doentes.

Ha o edificio que foi pádaria militar, quasi todo desmantelado.

Diversos armazens ou arrecadações de material de guerra, onde se guardam os *reparos* das peças, que *quasi todas estão desmanteladas, e estendidas no chão!*

O paiol da polvora, denominado *geral*, é abobadado, não se podendo asseverar que seja á prova de bomba. Está tambem pessimamente localisado, na góla do baluarte de S. Jeronymo, que faz parte da frente mais fraca, e, provavelmente, o primeiro que seria atacado, em caso de assedio. Tem pára-raios; mas se, por qualquer descuido ou fatalidade, houvesse explosão, estando, como está, proximo a um dos quarteis e a muitos edificios particulares, os seus effeitos seriam horrivelmente desastrosos; de maneira que o povo vive em continuo sebresalto. Ainda em 15 de junho de 1878, cahiu um raio bem proximo d'este paiol, e foi indizivel o terror que causou a todos os habitantes da praça. Tem-se por muitas vezes sollicitado um outro paiol fóra da praça, ficando n'este, apenas a polvora indispensavel para as salvas; mas os ministros da guerra dos varios corrilhos, teem desattendido tão urgentes recla-

---

[1] Em termo de fortificação, *tenalha*, é uma obra semelhante á *Córnea* — e *tenalhão*, ou *lunêta*, é a obra em testa das faces da *meia lua*.

[2] E' não só prohibido, mas até considerado *crime d'alta traição*, publicar a parte fraca de uma praça de guerra; porque póde facilitar o assalto ao inimigo J. A. de Álmeida, não devia divulgar semelhante cousa: eu porém, não commetto crime, visto já estar o tal *fraco* publicado ha 16 annos, em um livro que tanto podem ler os nacionaes traidores, como os estrangeiros inimigos — já não é segredo para ninguem.

mações, preferindo gastar centenas de contos em paradas e outras futilidades.

Em frente da góla do baluarte de S. João, ha um outro paiol, tambem cercado de casas particulares.

Ha ainda mais alguns paióes chamados *provisorios*, mas o unico de serviço, é o que está na góla do baluarte de Santa Anna. Os dos baluartes da Esperança, do Soccôrro, e de S. João, e os construidos sob os terraplenos dos revelins, estão arruinados.

Ruinas — A acção destruidora do tempo, e o desleixo d'aquelles a quem compete a conservação e reparos das nossas praças de guerra, junto com a vegetação das parietarias, desenvolvida pelas muralhas de revestimento, hão-de, mais dia, menos dia, reduzir tudo isto a um montão de entulho. As canhoneiras, estão quasi todas em pessimo estado : os parapeitos, banquêtas e plataformas, acham-se em más condições ; nas esplanadas, ha caminhos, chamados de *pé pôsto*, que se consentiram, sem ser pelos logares ordinarios ; o que muito tem concorrido para a destruição das esplanadas e dos parapeitos da estrada coberta.

«*Prisões* — Existem trez, debaixo dos terraplenos das cortinas, das portas do Meio, do Sol, e da Coroada, prisões que mais parecem jaulas de féras, do que casas destinadas para reclusão de homens, pela sua hediondez, falta d'ar, e este mephitico. »

« *Artilhamento* — O que ora existe, é deficiente e irregular : já se fez sentir a quem competia. » [1]

« *Guarnição actual* (1866) — Compõe-se do batalhão de caçadores n.º 7, quasi sempre com diminuta força ; [1] de um destacamento de artilheria, de *dezeseis homens* ; de uma companhia de veteranos ; e de 5 ou 6 soldados do batalhão de sapadores. A enumerada guarnição, *não chega, para, ao menos, haver uma sentinella em cada baluarte*, para lhe conservar a policia e limpeza ! (Alguns baluartes, principalmente o da Lapa, estão tão immundos e ascorosos, que causam nauseas a quem por alli transita ! »)

J. A. d'Almeida, não exagera, antes diminue, as irregularidades, decadencia e immundicie d'esta praça. Vi e examinei tudo, no mesmo anno em que elle publicou o seu diccionario, e confesso que aquillo causa não só desanimo, mas até nôjo !

Que differença entre esta praça e a de Peniche ! — Não sei de quem é a culpa de tal abandono ; mas, o que é verdade incontestavel, é que, tanto o castello, ou cidadella, de Peniche, como o seu forte de Cabanas, e o cinto de baluartes que defendem a praça do lado do isthmo, (E.) estão no mais bello estado de conservação e limpesa, sem que nas suas muralhas se veja a mais insignificante parietaria. O seu paiol principal, posto estar dentro da praça, é n'um sitio completamente isolado ; de maneira que, ainda que uma explosão o faça hir pelos ares,

---

[1] As boccas de fogo, são — peças de bronze, de calibre 3, a 30, 33 — de ferro, de differentes calibres, 38 — obuzes de 7 polegadas, 10 — um pedreiro de 9 polegadas — morteiros de 9 a 12 polegadas, 8 — arcabuzes de muralha, 5 — total, 95 ; a maior parte inuteis !..... Menos 49 do que Peniche, que tem 144, quasi todas em bom estado, menos as de ferro, que, pela maior parte, não servem senão para derreter.

Em julho de 1875, chegaram á praça de Valença — uma bateria completa de *peças estriadas*, de montanha, de 8 centimetros, com os competentes arreios — e uma divisão de peças de campanha, do mesmo calibre e systema.

Póde dizer-se que é a unica artilheria em estado de prestar bons serviços, em caso de necessidade.

[1] Eu estive em Valença, n'aquelle anno de 1866, e vi formado o batalhão. Tive a curiosidade de lhe contar as praças — eram ao todo — 70 ! Disseram-me que ás vezes nem tantas tinha.

nada teem a temer, nem a guarnição, nem os habitantes da villa.

Estado-maior da praça — Um *governador* (que é sempre, um general de brigada) — um *ajudante de campo* — um *tenente-rei* (com o pôsto de coronel) um *major da praça* — um *ajudante da praça* — um *commandante do presidio e da companhia de veteranos* (tenente) — um *inspector do material de artilheria* (capitão) — um *almoxarife* (2.º tenente) — o *engenheiro da 4.ª divisão militar*, que reside na praça (capitão) — um *cazerneiro* (2.º tenente, *sem accesso.*) — Todos estes individuos, vencem annualmente, nada menos de 6:466$300 réis ! = Isto, sem contar o soldo e o pret da guarnição. Vê-se que o Estado, gasta em cada anno com esta praça, mais do que ella vale.

Em Portugal, os *estados-maiores*, em toda a qualidade de estabelecimentos e repartições publicas, deitam tudo a perder !.... Podiamos exportar estados-maiores, para todos os reinos da Europa, e ainda cá ficavam estados-maiores para dar e vender.

Mosteiros

1.º — *Frades de São João de Deus* — (hospitaleiros) — Occupava toda a área da actual *hospedaria militar*, e casas do Ferreira, formando um espaçoso claustro quadrado. Este edificio, não era sómente occupado pelos frades ; estava tambem alli o hospital militar, e uma capella. Estes frades, não podiam ser senão filhos de familias nobres, e não eram obrigados a ordenar-se. Tinham prior e capellão ; e o seu dever consistia unicamente em serem os enfermeiros do hospital.

Este edificio, foi destruido por uma explosão do paiol da polvora, pelas tropas francezas de Soult, em abril de 1809. Os frades, passaram os doentes para o edificio onde hoje está o hospital militar; mas, pouco tempo se demoraram alli os frades, em razão da reforma do seu instituto. Entre este mosteiro e a muralha, havia a *Fonte das Barracas*. Esta fonte, foi depois mudada para fóra das muralhas, e lá existe.

2.º — *Freiras de Santa Clara* (franciscanas) — fundado por Fernão Caramena e sua filha, D. Leonor Caramena, que foi abbadessa perpétua d'este mosteiro. Era tão rico, que chegou a ter 70 freiras. Estas foram transferidas (bem como as de Monsão) para Braga, estando primeiramente no collegio de São Paulo, que tinha sido dos jesuitas ; e mais tarde, se reuniram ás freiras dos Remedios, da mesma cidade.

Estas freiras, sahiram de Valença, a 16 de julho de 1769.

O templo d'este mosteiro, era de magestosa architectura, como attestavam as suas reliquias. As paredes, eram cobertas de asulejos, onde se viam representadas varias passagens da vida de Jesus Christo, e de S. Francisco. A tribuna, os altares lateraes, e os dous pulpitos, cuja primorosa talha ainda promove a admiração dos visitantes da egreja do supprimido mosteiro de Mosteiró, em Cerdal, lá estão ao desamparo, servindo de residencia de corujas e morcêgos. O orgam, depois da suppressão das ordens religiosas, foi tirado do seu logar, e depositado em casa de um lavrador da freguezia do Cerdal, e depois, vendido pelo governo, por menos do que havia custado qualquer dos seus registos !

A egreja e edificio do mosteiro das freiras teem soffrido varias transformações. Parte do mosteiro, serviu de quartel militar ; e parte foi destinado para trens de praça ; e parte, para hospital militar. O regimento de artilheria de Valença (depois n.º 4) tomou conta da egreja, e a conservou com o maximo aceio, em quanto aqui esteve ; fazendo n'ella sumptuosas festas a Santa Barbara, patrona dos artilheiros. Depois, foi desaderessada e abandonada, a tal ponto, que apenas servia para n'ella se guardarem utencilios militares de somenos valia. Seu grande zimborio, cahiu ; o tecto desabou ; as paredes, racharam, e tudo ficou em ruinas. Quasi a mesma sorte teve a parte que servira de quartel.

Por baixo da rua da Trindade, em frente do cunhal da parede do sul, do hospital da

Caridade,, foi em 1865, por occasião do empedramento da rua, entulhada uma abobada que dava passagem ás freiras, para a outra parte do seu mosteiro, onde tinham a horta, hoje occupada pelo assento militar e secretaria do engenheiro. No actual logar do assento, estava o celleiro das freiras, dormitorios, claustro, cosinha, etc., comprehendendo o sólo onde hoje está parte da egreja de Santo Estevam, hospital militar, trem, terreiro junto (agora transformado em jardim) e a parte do hospital da Caridade, onde está a cosinha, galeria, etc.

Hospital da Caridade

Em 1825, sendo provedor da Misericordia, Francisco Xavier Calheiros, brigadeiro e governador d'esta praça, alcançou de D. João VI, a concessão do terreno e paredes da egreja e edificio junto, que fôra das freiras, e do qual logo tomaram posse os mesarios. Em seguida, o provedor Joaquim de Barros, conego da collegiada d'esta villa, offereceu, em 1826, a quantia de 150 mil réis, para se dar principio ás obras do novo hospital. Não podendo, porém, levar-se a effeito a obra, porque de novo se achava aquelle edificio occupado militarmente, foi necessario obter, com bastante difficuldade, nova concessão regia, que foi passada em 1835. Sendo provedor (1836) o doutor Matheus José de Almeida, escreveu ao seu patricio e amigo, Joaquim Antonio Ferreira, barão de Guaratiba, residente no Rio de Janeiro, pedindo-lhe uma esmola para as obras do hospital. Em razão d'este pedido, a 6 de agosto de 1838, recebeu a Misericordia, 1:600$000 réis, que o barão offereceu para esta fundação. N'este mesmo mez se deu principio ás obras.

Em 18 de junho de 1840, chegou a segunda esmola do dito barão, que foram 400$000 réis.

Em 1837, já o Reverendo Antonio José Pires Rio, vigario da freguezia de villa Mean, no concelho de Villa Nova da Cerveira, tinha dado ao hospital, um praso, que rende annualmente 50 alqueires de milho grôsso; e em dinheiro, 40$995 réis.

Em 1840, já se achava transformado em hospital o antigo quartel, contendo duas enfermarias — no andar superior, a dos homens — no inferior, a das mulheres — e nos baixos, ficou sendo deposito de lenhas, palhas e outros objectos.

A egreja, ficou no mesmo lamentavel estado, por não haver meios para a sua restauração, que era dispendiosissima.

As rendas, apenas chegavam para a sustentação de 4 doentes; e ainda assim, era necessario recorrer á caridade publica.

Os habitantes da villa e arredores, concorreram para estas obras, não só com dinheiro, mas tambem com roupas, madeiras e outros generos.

Os primeiros dous doentes, entraram no hospital, no dia 26 de dezembro de 1840.

Ainda, pela terceira vez, o caritativo barão de Guaratiba, mandou para este hospital, a avultada esmola de dous contos de réis; mesmo sem lhe ser sollicitada.

Seu sobrinho, tambem chamado Joaquim Antonio Ferreira, tem, por varias vezes, dado avultadas esmolas para este estabelecimento. Póde pois dizer-se, que a estes dous cavalheiros deve o hospital da Caridade, de Valença, a sua fundação e engrandecimento. Hoje (1882) o fundo do hospital, monta á importantissima quantia de réis 93:539$775; e o seu movimento, é de 300 a 340 doentes por anno. A sua receita é de 5:500$000 réis, e a despeza, 4:575$660 réis

Em vista do estado prospero do hospital, ampliou-se este em 1856, comprehendendo então o chão da egreja, aproveitando os seus materiaes, e se construiram novas enfermarias. Em 1866, se concluiram todas as obras menos a capella. É um estabelecimento administrado com o maximo zêlo, consciencia e desinteresse.

Apezar de alguns erros que se notam na construcção e divisão d'este edificio, referentes ao fim a que é applicado, os doentes são aqui tratados com a maior sollicitude e carinho.

Paços do concelho

Antigamente eram na sala, junto á cadeia civil; e a sua secretaria, na outra sala con-

tigua, e cujo pavimento se firmava na arcaria que ainda existe, e que volta para o norte, mudou-se para onde agora está, em 19 de janeiro de 1835. Este edificio pertenceu ao arcebispo de Braga, e era a residencia do vigario-geral da comarca ecclesiastica de Valença.

A parte onde hoje se fazem as audiencias do juiz de direito, era a prisão dos ecclesiasticos, onde havia um altar, em que celebravam missa os sacerdotes não suspensos.

A sala em que hoje a camara faz as suas sessões, era onde o vigario-geral dava audiencia. O que medeia entre estas duas salas, era a habitação do dito vigario-geral. O andar superior, foi acrescimo que se fez depois, para servir de secretaria da administração do concelho — e a sala contigua, para testemunhas, e deliberações do jury, nas audiencias geraes. Todas estas divisões são acanhadissimas, para o fim a que foram destinadas, e tanto que ha annos, foi precizo alugar a casa que está defronte da cadeia civil, e para alli se mudou a administração, recebedoria, e secretaria da fazenda. [1]

Entre as casas de Antonio José Fragoso e as das senhoras Almeidas, havia um pardieiro, onde, em tempos remotos, se faziam as sessões da camara. O amplo portal, que ainda ha uns 20 annos alli se via, indicava ter pertencido a uma casa nobre.

Debaixo da arcada dos antigos paços do concelho, está uma lapide, encontrada pelo fallecido doutor, Matheus José de Almeida, nos alicerces da capella-mór, da antiga egreja de Cristéllo Côvo, que se demoliu para a construcção de obras de defeza, e foi aqui collocada pelo mesmo doutor, que lia assim a inscripção da tal lapide:

DIS MANIBUS ALLUQUIO ANDERG
DEJURAE AR QUI F. C. Y. VI. E.
VII. ICC. VI. VIC. P. F. FAC. C.

Semelhante inscripção — ao menos para mim — é inintelligivel.

Ahi proximo, junto ao cruseiro, chamado *da Praça*, está um marco milliario, servindo de pelourinho, e tem esta inscripção:

TI. CLAUDIUS CAESAR AUG. GERMA.
NICUS PONTIFEX MAX. IMP. V. COR.
III. TRIB. POTEST. III. P. P. BRACA XLII.

(Tiberio Claudio, cesar augusto, germanico, pontifice maximo, 5 vezes imperador, tres vezes consul, tres vezes tribuno, pae da patria. D'aqui a Braga, 42 mil passos.)

Este marco foi achado no logar das *Lojas*, extramuros da villa: e é uma prova de que passava aqui a 3.ª via militar dos romanos, de Braga para Astorga, como vimos quando fallei do *Itinerario* do imperador Antonino Pio; e tambem prova que a *Tude* d'aquelle Itinerario, era a velha Valença e não a actual Tuy. Dá tambem visos de verdade, á tradição que diz ser a antiga Valença no local onde hoje vemos o logar das *Lojas*.

O tal *Cruseiro da Praça*, esteve antigamente na rua de S. João, no sitio onde se vêem as casas que foram do fallecido José Antonio da Silva Veiga, e antes d'este, pertenceram a um negociante, de alcunha *o Cifra*. Este foi que as mandou construir, e por essa occasião, obteve licença para mudar o cruseiro para o sitio actual.

Praça da hortaliça

Foi concluida já n'este anno de 1882. É coberta de zinco, assente em varões de ferro, collocados sobre columnatas de granito, que sustentam a grade que a cérca e fecha. Até agora, estavam os generos em barracas de páu, immundas e escalavradas. Por falta de logar, porém, em razão da villa estar cercada por um cinto de velhas muralhas, o local d'esta praça, é acanhado e em má situação.

[1] Ha ideia de construir-se um amplo edificio, para tribunal das audiencias; cadeia; casa para as sessões da camara municipal e suas dependencias; administração do concelho; e repartição de fazenda. — Por falta de meios, não se tem podido até agora levar a effeito esta ideia.

Cemiterio publico

Foi escolhido o logar, e cercado de sébe, em 1849, e benzido em janeiro de 1850; depois, entregue á junta de parochia.

Foi o primeiro que se construiu no districto administrativo de Vianna do Castello.

Hoje está cercado de muros, com portão de ferro; e n'elle se vêem já, alguns jazigos de bôa cantaria, estatuas de marmore, e algumas capellas particulares, de bonita construcção.

Ha uma circumstancia curiosa — a primeira pessôa que se enterrou n'este cemiterio, foi uma gallêga — e no da cidade de Tuy, o primeiro sepultado, foi um portuguez.

Jardim publico

Foi principiado em 1871. É situado extramuros da praça, no crusamento das estradas de Monsão e Vianna, que conduzem a Valença. Ainda apenas está cercado de grades de madeira, mas os seus melhoramentos vão progredindo. Ainda ha poucos mezes se collocaram n'elle portões de ferro, e se restaurou o corêto, que ficou elegante. (Note-se que eu estou escrevendo este artigo, em 1882.)

Assembléa valenciana

Foi fundada, em 20 de março de 1851. Tem gabinete de leitura, bilhar, sala de jôgo de vasa, e outras para bailes. No 1.º de janeiro d'este anno, contava 77 socios.

Os seus fundos, são diminutos, todavia, devido á bôa vontade das ultimas direcções, possue a mobilia precisa, e indispensaveis utensilios, para proporcionar aos socios e suas familias, noites de agradaveis reuniões.

Associação artistica valenciana

Foi fundada em 26 de maio de 1864, e tem por fim, prestar — dentro dos limites dos seus haveres — meios de sustentação, aos socios impossibilitados de trabalharem por edade avançada, molestia, ou desastre; e ministrar soccorros aos doentes.

Presentemente, soccorre os socios, com 120 réis diarios, no caso de doença; e 60 réis, no caso de impossibilidade permanente de trabalhar. Não póde fazer mais, porque os seus recursos são, por emquanto, muito limitados.

As ultimas direcções, muito teem concorrido para a sua prosperidade; e a conclusão do theatro, hoje transformado em abundante fonte de receita, bem como a creação da *caixa economica*, e outras receitas creadas pela actual direcção, dentro em pouco, facultará os meios indispensaveis, para alargar a orbita dos soccorros aos seus associados.

Alguns apontamentos dignos de nota, pertencentes a esta praça

Cêrco de 1847.

O general de brigada, José Victorino Damazio (nascido em 1807, e fallecido em Lisboa, a 18 de outubro de 1875) era republicano. Em abril de 1847, foi mandado pela Junta do Porto, tomar a praça de Valença, occupada por tropas cabralinas. Marchou com a sua columna na direcção ordenada, e pôz cêrco á praça, construindo á pressa, algumas trincheiras em volta das muralhas. A guarnição, desprevenida, estava falta de mantimentos, e em diminuta força, pelo que estava a ponto de se render aos populares.

Já o governo cabralino tinha implorado a protecção da *quadrupla alliança*, pelo que as duas brigadas castelhanas, commandadas por Lersundi e Fuente Pitta, e pertencentes á divisão do general Concha, atravessaram o rio Minho, e vieram em soccorro de Valença. Os sitiados, quizeram ajudar os hespanhoes, no levantamento do cêrco, offerecendo a sua artilheria para a destruição dos *patuleias;* mas os dous chefes castelhanos, com verdadeiro *rompante hespanhol*, despresaram tal offerecimento, entendendo que, para derrotar *um punhado de paizanos*, bastava a sua presença.

Sahiram pois da praça todos orgulhosos, levando os soldados as armas em *mão di-*

reita, e com a semceremonia de quem fazia um passeio militar, e assim foram direitos aos populares.

J. V. Damazio, deixou-os chegar a tiro de pistola, e só então, deu a voz de *fogo!* Ao estrondo de tão rude como inesperado ataque, os castelhanos *rasgaram* a fugir para dentro das muralhas, deixando no campo bastantes mortos e feridos.

Então a artilheria da praça, destruiu os fracos intrincheiramentos dos sitiantes, que se viram obrigados a retirar.

Este combate, teve logar no dia de *Corpus Christe,* a 3 de junho de 1847. O cêrco tinha principiado no 1.º de maio. Os corpos hespanhoes que soffreram maiores perdas, foram os regimentos de *Bourbon* e *America.*

Esta praça tinha sido occupada por forças cabralistas da marinha, em 3 de dezembro de 1846. Esta gente, pertencia aos navios do cruzeiro do Porto, e era commandada pelo capitão de fragata Francisco Soares Franco (feito visconde de Soares Franco em 20 de outubro de 1862) e tinha retirado para Vigo, por temor da esquadra da Junta — que ainda então não tinha sido tomada á traição, pelas esquadras estrangeiras combinadas.

Era governador da praça, o brigadeiro José Maria de Souza, cabralista, que cedeu o governo d'ella a Soares Franco.

Tambem estavam n'esta praça, o conselheiro Reis, com poderes *discripcionarios* do governo cabralino — José da Silva Mendes Leal, hoje embaixador em Paris — alguns empregados publicos e paizanos, que formaram uma companhia de voluntarios (que pouco mais fizeram do que barulho, vexames e despezas.)

Inauguração dos trabalhos do caminho de ferro de Valença

Teve logar esta *ceremonia*, no dia 12 de agosto de 1875. Foi um dia de festa, e parece até que a natureza vestia as mais esplendidas galas para saudar este grande commettimento do progresso. De manhã nada houve de notavel; apenas o sr. Cardoso Avelino visitou os quarteis e o hospital, sendo acompanhado por diversos cavalheiros.

Á tarde, pelas 4 horas, sahiu o sr. Cardoso Avelino acompanhado do que havia de mais grado n'esta terra em direcção ao sitio de Val de Flores, onde se elevava um elegante pavilhão, que guardava os objectos proprios para o acto a que se ia proceder. As ruas do transito achavam-se por esta occasião embandeiradas, e das janellas pendiam cobertores de damasco.

Proximo do local indicado, quando o ministro passava por umas propriedades do distincto agricultor o sr. Ascencio José dos Santos, os jornaleiros d'este senhor, que se encontravam infileirados junto a cestos, que continham productos agricolas, como para significar que aquella festa era do trabalho, ergueram vivas ao ministro, e uma jornaleira foi offerecer-lhe um ramo de flores campestres, que sua ex.ª agradeceu e acceitou. Entrou depois o ministro no pavilhão, no qual se demorou alguns minutos, sendo aqui recebido pelo illustre presidente do municipio, após o que partiu com o sequito até ao local denominado Souto de Magros, onde se verificou a ceremonia. Terminada esta, abraçou elle o presidente da camara, o ex.ᵐᵒ sr. Gaspar Leite Ribeiro, e o vereador Domingos Pereira do Valle, dizendo-lhes n'esta occasião: «Está inaugurada a 5.ª secção do vosso caminho de ferro.»

Depois seguiram até além um pouco da egreja de Christello Côvo, onde terminava a terraplenagem, e ahi sua ex.ª recommendou actividade ao empresario hespanhol, licitante d'este ramo, e disse aos operarios «que trabalhassem, pois trabalhavam para gloria do seu paiz». Voltou em seguida o cortejo para o pavilhão, e ahi o escrivão da camara procedeu á leitura da acta, relativa ao acontecimento, que estava escripta n'um livro ricamente encadernado de veludo carmezim, onde assignaram o ministro, o governador civil, o presidente da camara, vereadores, auctoridades e demais convidados.

Inauguração do lanço da via ferrea, comprehendido entre Segadães (Cristêllo-Côvo) e a praça de Valença.

Em um domingo, 6 de agosto de 1882, foi

aberta á exploração a estação de Valença, no caminho de ferro do Minho.

O comboyo especial, a que chamam tambem explorador, sahiu do Porto ás 8 horas e 20 da manhã, e n'elle seguiram os engenheiros chefes de exploração e do movimento e varios outros engenheiros, sendo todos esperados em S. Pedro da Torre pelas auctoridades civis e militares, diversas pessoas de distincção, muito povo e a banda de caçadores 7.

D'alli partiram todos para Valença, cuja estação estava garridamente embandeirada, subindo ao ar por essa occasião grande quantidade de foguetes.

Antiguidades

Quando no fim do anno de 1878, se faziam umas escavações, para a construcção dos alicerces das novas casas no bairro de São Felix, se encontrou restos de uma antiquissima muralha, provavelmente obra romana, pois se acharam aqui duas medalhas de bronze, com a effigie de imperadores romanos. Uma d'ellas, representa no reverso uma figura de pé, talvez a Victoria; e na outra lê-se claramente—*septimus*—

Padaria militar

Era na travessa da Freitoria, e foi supprimida em novembro de 1878, transferindo-se para Vianna.

Fabricava bom pão, de trigo e milho, na importancia de 500 a 600$000 réis mensaes, que, mais ou menos, se espalhavam por este concelho, na compra de cereaes e lenha, o que foi um sensivel prejuizo para os povos.

Escola municipal de instrucção secundaria

Fo inaugurado este estabelecimento de civilisação, no dia dés de outubro de 1881, devido aos esforços colligados, da Mêsa da Santa Casa da Misericordia, e da camara municipal d'esta villa.

São nove as disciplinas que se ensinam n'este estabelecimento de educação, e oito os mestres com que se abriu a escola.

Vem a ser —

Disciplinas	Horas	Professores	Mensalidades
Portuguez......	8—9 ½	Manoel Vieira da Cunha.	Gratis
Francez.......	1—2 ½	A. Augusto Soares.....	»
Desenho.......	3—4 »	José Antonio d'Abreu...	»
Arithmetica ...		Francisco Antonio Vaz..	1$200
Latim.........	10-11 »	Francisco X. Pereira de Magalhães..........	1$500
Geographia....	11-11 »	Albino José Rodrigues..	»
Iutroducção...	11 ½ 1	Dr. Augusto Domingues d'Araujo..........	»
Philosophia ...	1-2 ½	Manoel Vieira da Cunha.	»
Mathematica..	8-9 »	Albino José Rodrigues..	.

O desenho é ás terças e sextas—e mathematica, segundas quartas e sabbados.

Todas as mais aulas são diarias, excepto ás quintas feiras, que são sempre feriadas.

N.B. Quem frequentar trez disciplinas, terá abatimento de ¼ das mensalidades.

Porém introducção, philosophia e mathematica (5.° e 6.° anno) serão pagos separadamente e sem abatimento algum.

As mensalidades são pagas adiantadas.

Jacobinos

No dia 10 de abril de 1809, entrou n'esta praça uma columna de tropas francezas, da divisão de Soult. Apezar de se demorarem só até ao dia 17, deixaram uma triste memoria da sua passagem.

Por meio de uma explosão de polvora, arrazaram a abobada das portas do Sol, obra magestosa, e a mais nobre entrada d'esta praça.

A grande e ampla abobada do centro, estava ao nivel da rua de S. João, e d'alli, hia em linha recta, dar por cima do parapeito da estrada coberta que lhe ficava em frente, e voltava para o sul.

A abobada, tinha aos lados, abobadas, como hoje, porém maiores, e serviam para guarda de presos. De ordinario, uma estava sempre vazia, e quando aqui vinha alguma companhia de saltimbancos, era n'ella que construia o seu theatro. Serviu tambem muitos annos, para escola régia, de primeiras lettras.

Foram mandados para esta praça, em 1810, os engenheiros Maximiano e Azevedo, para se reedificarem estas portas e aperfeiçoar as rampas em volta. Foi por esta occasião que estes engenheiros mandaram arrazar os predios que havia dentro dos limites da explanada.

A explosão das portas do Sol, fez desmoronar muitas casas proximas, entrando n'este numero o mosteiro de S. João de Deus, como vimos em outro logar.

Hospital militar antigo

Nas casas da rua Direita, que são hoje dos herdeiros de Alexandre Pinto de Souza, consta ter sido ahi o antigo hospital militar d'esta praça.

Outro hospital antigo

As casas pequenas, contiguas á Misericordia, e que fazem parte do prazo da casa do Pôço, occupadas actualmente pelo sr. Manoel Leite Ribeiro e Silva, eram um hospital onde o administrador da tal casa do Poço, tinha obrigação de sustentar sete camas para doentes pobres.

Quinta das Carlas

Consta de documentos antiquissimos, pertencentes á casa de Santa Luzia, arrabaldes d'esta praça, que o terreno onde a primittiva Valença se fundou (das portas do Meio até a Gabiarra) era uma propriedade d'aquella casa, chamada *Quinta das Carlas.*

Antigo caes

Dizem alguns mergulhadores, que proximo ao *Caes* chamado do *Vapôr,* lá muito no fundo, ha evidentes indicios de um antiquissimo caes; existindo ainda, argolas chumbadas em pedras; escadas ainda perfeitas; uma cruz já quebrada, e outros signaes que provam que, em outras eras, a margem do rio era mais ampla do que a actual.

Outras antiguidades

Diz a tradição, que ao subir os alicerces junto ás casas do governador, appareceram duas cobras enroscadas, e o povo, em memoria d'este facto as gravou em uma pedra, collocando esta na parede do mesmo armazem.

A pedra, lá está na parede do nascente, mas não tem analogia com o facto, o que é certissimo, é denotar grande antiguidade, em vista do seu genero de esculptura, que parece obra romana.

Pela parte de cima d'esta pedra, se vê outra onde está gravado um Crucifixo, e no quadro em volta, esta inscripção —

O MUI NOBRE REI DOM JOHAM,
MANDOU FAZER ESTA OBRA. E.
CCCCXXX

Vê-se que este edificio foi mandado fazer por D. João I, em 1430.

A era de 1658, que se vê na verga da porta de baixo, talvez se refira á abertura da mesma porta, ou a alguma reconstrucção.

—

Na abobada das portas da Gabiarra, á esquerda de quem sáe, junto ao cunhal do oculo, está uma pequena porta, hoje tapada de pedra e cal. Esta porta dá para uma extensa escada de pedra lavrada, que alguns ousados teem querido descer, mas retrocedem por causa da falta de ar respiravel: Diz-se que estas escadas vão dar a uma estrada subterranea que segue até fóra das muralhas.

Querem outros, que estas escadas davam serviço para uma cisterna, onde estava, em um nicho, o santo que se vê hoje debaixo da arcada da antiga *Principal.*

—

Nas primeiras portas da Coroada, ao sahir da praça, se vê por baixo das armas de Portugal, esta inscripção —

PELOS ANNOS DE XPO DE MDCC.
IMPERANDO NA MONARCHIA
LUSITANA, D. PEDRO II, NOSSO
SENHOR, E SENDO REGENTE DAS
ARMAS DESTA PROVINCIA
D. JOÃO DE SOUZA, FOI ESTA
OBRA ERECTA.

Numeração das portas da villa

Em janeiro de 1866, concluio-se a numeração das portas (*janellas* (!) e *postigos* (!!!) —das casas d'esta villa.

Tambem então se concluiram os letreiros indicativos das ruas, dando a algumas nomes modernos. Conservou-se a antiga denominação ás ruas de —*Parada velha*—*Trindade*—*São João*—*Castello*—*Oliveira*—e *Direita.*

Mudou-se o nome ás seguintes—*Terreiro das Freiras*, que se mudou para *Visconde de Guaratiba*—*Rua das Freiras*, hoje *de São Francisco*—*do Engenho*, hoje *da Collegiada*—*do Meio* hoje *do Hospital*—*Travessa da Praça*, hoje rua *de Santo Estevam*—*Largo do Corpo da Guarda*, hoje *de D. Pedro V*—*Rua das Velhas*, hoje *de S. Christovam*—*Eirado da Feira*, hoje *Largo do Eirado*—*Campo da Parada*, hoje *Campo de Marte*—*Rua de Cima*, hoje *da Coroada*—*Rua do Bom Jesus*, hoje *do Calvario*—

—

Na fachada do E., das casas do governador, ha no andar debaixo uma porta, em cuja verga se lê—

AULA REAL DE ARTILHERIA.
1785.

Eis a explicação d'este letreiro—

Foi governador d'esta praça, um allemão, chamado *João Victoria Miron de Sabione*, que estava ao serviço de Portugal. Foi elle que cuidou mais seriamente no artilhamento de Valença. Estabeleceu uma escola de de mathemathica, na sala, para a qual dava entrada a tal porta, e ahi, elle mesmo, leccionava os officiaes e cadetes do regimento de artilheria de Valença (depois, n.º 4.) Este corpo, foi aqui creado, debaixo da sua direcção. Até essa época só havia os trez primeiros regimentos de artilheria.

Uma filha de Miron, substituia seu pae na escola, quando elle não podia.

Miron, como era protestante, e morreu n'esta seita, não teve sepultura sagrada. Jaz no paiol da polvora da Coroada, á direita, depois de entrar o portão. Na pedra da sua sepultura, se lê—

AQUI JAZ, JOÃO VICTORIA
MIRON DE SABIONE,
TENENTE-GENERAL DOS REAES
EXERCITOS E GOVERNADOR
QUE FOI D'ESTA PRAÇA
DE VALENÇA DO MINHO.
FALLECIDO EM 21 DE MAIO
DE 1810, EDADE DE 84 ANNOS.

A par d'esta sepultura, para o lado do O., está enterrada D. Julia, filha de Miron, que tambem era protestante.

D. Maria (outra filha de Miron) baptizou-se para casar em Caminha, com um tal *Caravella*, de quem não houve descendencia.

D. Julia era uma senhora muito instruida, e tinha licença régia para leccionar mathematica, no impedimento de seu pae.

Para-raios do paiol da polvora da Coroada

Este paiol tem trez pára-raios, alli collocados em 3 de novembro de 1864. Depois é que se collocou o do paiol do açougue.

Vapor

No dia 8 de setembro de 1855, principiaram as carreiras do vapor chamado *Rio Minho*, entre Caminha e Valença. Foi mal succedida esta tentativa, de uma companhia de capitalistas, porque a receita não chegava para a despeza. Em vista de tal resultado, os accionistas venderam o vapor, a *Pedro Pôpa*, da freguezia de Seixas. Cessaram pois as carreiras, desde 2 de março de 1858, até 22 de julho de 1860.

Pedro Pôpa, teve a sorte da empreza precedente, pelo que retirou o vapor, em 21 de janeiro de 1863, tornando a cessar esta carreira.

Depois, o fallecido commendador Sebastião da Silva Neves, comprou um vapor velho, que empregou nas mesmas carreiras, mas que poucas fez, pois, no fim de 1864, ou principio de 1865, hindo de Caminha para Valença, não pôde passar de Seixas, tendo os passageiros de fazer a jornada por terra, em trens que Silva Neves, com a sua proverbial honradez, aprompiou immediatamente, pelo preço que os passageiros tinham pago no vapor, sem

lhes augmentar cousa alguma. O proprietario foi tão feliz que nada perdeu da compra do barco, pois só a machina lhe deu o custo d'elle, lucrando ainda o preço da venda das madeiras e mais aprestes, quando mandou desfazer o vapor. [1]

Jornaes politicos

Tem havido em Valença, os seguintes jornaes —

1.º — *A Razão* — principiou a publicar-se no dia 17 de novembro de 1854. Era bi-semanal, sahindo ás terças e sextas feiras. Desde o 1.º de janeiro de 1855, porem, publicou-se nas terças, quintas e sabbados. Passado algum tempo o administrador do jornal fez bancarrôta; suspendendo-se a publicação.

Alguns accionistas, tomaram então conta da administração do jornal, e o continuaram, sob a denominação de —

2.º — *Voz do Minho*, que poucos annos durou.

3.º — *Correio do Norte* — Principiou a publicar-se, no 1.º de janeiro de 1864, sendo seu proprietario e primeiro redactor, o sr. José Maria Verissimo de Moraes; era bi-semanal, e terminou a sua publicação, em 12 de novembro de 1865.

4.º — *O Noticioso* — propriedade do mesmo sr. José Maria Verissimo de Moraes, e bi-semanal. É seu redactor, o mesmo distincto cavalheiro, e seu filho, o sr. Ladislau de Moraes, bacharel em direito, pela Universidade de Coimbra, que é tambem director do jornal, e mancebo muito illustrado.

O Noticioso, é, sem contestação, um dos mais bem redigidos jornaes de provincia, tratando todas as questões com a maxima cordura e imparcialidade, sem jámais *descambar* para o insulto ou baixeza, como uma grande parte de jornaes politicos da actualidade. Além d'isso, justifica plenamente o seu titulo, pois é sempre *noticioso*.

5.º — *O Valenciano* — principiou a publicação, no dia 9 de fevereiro, de 1879. É propriedade do sr. Guilherme José da Silva, e tambem muito bem redigido.

Não tróco com este jornal, porque principiou a publicar-se seis annos depois de principiar a publicação d'este diccionario, e do *Valenciano*, apenas vi o numero 201, correspondente ao dia 9 de fevereiro de 1882, 3.º anniversario d'esta publicação.

Traz uma bonita lithographia com a vista de Valença, tirada do baluarte de Sant'Anna.

Este numero, foi-me dado pelo seu proprietario, o que muito lhe agradeço. Está muito bem escripto, e d'elle extrahi algumas noticias que se leem n'este artigo.

Feiras e mercados

Ha em Valença, duas feiras em cada mez — a 5 e 18 — todos os domingos, um mercado muito concorrido, que principiou a 7 de abril de 1850.

Assedios

Além do de 1847, feito pelas forças populares, a esta praça, e que já fica mencionado, teem havido mais os seguintes, no presente seculo — (Não incluo n'este numero, o bombardeamento que os francezes lhe fizeram em 1809, assestando a sua artilheria, na fronteira cidade de Tuy.)

1.º

1828 — O regimento de infanteria n.º 21, de guarnição n'esta praça, e os dous destacamentos de artilheria e artifices engenheiros, tinham adherido á revolta de 16 de maio d'aquelle anno, feita na cidade do Porto, contra o sr. D. Miguel I, e que tão fataes resultados se lhe seguiram (7.º vol., pag. 324, col. 2.ª e seguintes.)

O regimento 21, dirigiu-se ao Porto, deixando aqui um destacamento.

Na manhan de 13 de junho do mesmo an-

[1] Uma das duas estimabilissimas filhas do tão honrado cavalheiro, como valente e destemido portuguez, S. da Silva Neves, casou com o sr. Doutor Abilio Guerra Junqueiro, um dos mais distinctos prosadores, e dos mais elegantes poetas da actualidade. Foi secretario geral do governo civil de Vianna: mas, sendo eleito deputado, optou por uma cadeira em São Bento.

no, as ordenanças de Melgaço, Monsão e outras; sob o commando do sargento-mór das de Monsão, Antonio Luiz Pereira Alves da Guerra, aggregando-se-lhes tambem alguns apresentados que não tinham querido unir-se aos revoltosos, e parte do regimento de milicias dos Arcos, commandado pelo capitão Caetano Pereira de Castro Godinho, se aproximaram á praça.

N'este mesmo dia, parte da guarnição, que vinha a ser — o destacamento do 21, e a *guarda civica,* fizeram uma sortida sobre *Tuido,* onde se encontraram com os taes ordenanças, havendo combate, tendo a guarnição de retirar para dentro da praça, fechando então o cêrco as forças legitimistas, havendo diariamente fogo, até ao dia 23, entre os dous partidos.

Na noite d'este dia, o destacamento do 21, commandado pelo seu major, Leite, que por doente não tinha acompanhado o regimento, fizeram dentro da praça a acclamação do sr. D. Miguel, como rei legitimo de Portugal. Foram logo presos — o tenente-rei, que servia de governador, Antonio d'Azevedo e Cunha — o tenente-coronel, Thomaz Antonio Rebôcho, que ficára por commandante da força do seu regimento 21 — o capitão do mesmo, Manoel Antonio Pereira — o juiz de fóra, José da Gama Araujo e Azevedo — o major de engenheiros, João Antonio d'Almeida Cibrão — o capitão, commandante da tal *guarda civica,* bacharel José Bernardo Gançalves Ferreira Pinto da Cunha — e, finalmente, todos os officiaes, sargentos e quasi todos os individuos que formavam a guarda civica.

2.º

1834 — No dia 31 de março de 1834 (segunda feira de Paschoa) á tarde, governando esta praça, pelo sr. D. Miguel, o brigadeiro João Joaquim Pereira da Silva, e guarnecendo-a o bravo regimento de milicias de Basto, commandado pelo seu coronel, Francisco de Magalhães Araujo Pimentel, o almirante Carlos Napier, que havia desembarcado em Caminha, e tomado Vianna, e Ponte do Lima, á testa das forças da marinha, voluntarios, e o regimento de milicias de Vianna, commandado pelo coronel João Feio de Magalhães Coutinho (feito barão da Torre, em 13 de agosto de 1847, e visconde do mesmo titulo, em 3 de agosto de 1870) que se tinha passado para os liberaes (por ver o caso mal parado...) pozeram cêrco a esta praça, havendo algum fogo entre os sitiantes e sitiados, vendo-se estes obrigados a capitular, logo a 3 de abril.

Houve n'este cêrco um episodio burlesco — foi este —

No 1.º de abril, reuniram-se aos liberaes as forças christinas, commandadas pelo capitão D. Pedro Pinheiro e Cardeñas; mas, apenas estes *heroes* ouviram troar os canhões, e zunir a metralha e bala raza, exclamaram «*Demonio! Que fuerte está el castillo!*» — E sem attenderem a mais considerações, *rasgaram* a fugir para Tuy, d'onde tinham vindo, sem que se tornasse a saber o que era feito de taes *valentes* e do seu *intrépido* commandante.

3.º

1837 — 17 de julho — Governava esta praça, o major da mesma, depois marechal de campo, reformado, Joaquim Pereira d'Eça, na ausencia do governador, Antonio Vicente de Queiroz (barão da Ponte de Santa Maria, desde 23 de setembro de 1835, e que depois — 10 de março de 1842 — foi feito conde do mesmo titulo) que estava em Braga.

Esta praça, com toda a sua guarnição, tomou parte na revolta dos marechaes Saldanha e Villa-Flor (duque da Terceira) que pretendiam restabelecer a *carta.*

A guarda nacional de Lisboa, tinha-se revoltado a 9 e 10 de setembro de 1836, contra a carta de 26, que foi destruida, e proclamada a constituição de 1822, que a sr.ª D. Maria II foi obrigada a jurar.

A 4 de novembro, os *cartistas* tentam uma restauração, que deu em resultado, a mor-

te do ministro da carta, Agostinho José Freire, no Alto da Pampulha. A revolta soccumbiu, e a rainha é novamente obrigada a ratificar o juramento que havia feito.

Em julho de 1837, tentam novamente, Saldanha e Villa-Flor, restabelecer a carta, pondo-se á frente de alguns corpos do exercito.

O batalhão de caçadores n.º 4, revolta-se, no mesmo sentido, na villa da Ponte da Barca. O barão de Leiria, poz-se á testa d'esta força, á qual se reuniram alguns *voluntarios da rainha*, que estavam em Braga, e parte do 9 de infanteria. [1]

A 17 do dito mez de julho, entrou esta gente em Valença, perseguida pelo barão de Almargem, (Marianno José Barroso) que logo no mesmo dia lhe poz cêrco, rompendo o fogo sobre os sitiantes, no dia 31 d'aquelle mez, ao meio dia, com uma *salva* de 21 tiros de bala.

Continuou o assedio, até á noite de 7 de setembro do mesmo anno, retirando-se os sitiantes pela estrada de Vianna, em direcção ao Porto.

Houve durante este cêrco, muito fogo, de parte a parte, porque os setembristas tinham collocado quatro baterias em diversos pontos, com cujo fogo maltrataram a maior parte das casas, ardendo algumas completamente.

Estas baterias estavam — 1.ª, nas *Chorentas* — 2.ª, na *Rapozeira*, para bater o barco da passagem para Tuy — 3.ª, em *Arão* — e a 4.ª, no *Forno da Cal*.

Deve porém confessar-se que as derrocadas feitas pela artilheria dos setembristas, deu causa a que, na reparação dos edificios, a villa ficasse muito mais elegante do que d'antes era.

O resultado final d'esta guerra civil, foi fatal aos cartistas, como vimos a paginas 259, col. 2.ª, do 8.º volume.

As tropas setembristas que então cercaram esta praça, foram — infanteria n.º 9 e caçadores n.º 3 (batalhões provisorios) infanteria n.º 13, um esquadrão de cavallaria, uma bateria de artilheria, uma força da guarda municipal do Porto, e alguns batalhões de voluntarios — todos, mandados proceder a este cêrco, por Francisco José Pereira (que pouco antes — 10 de maio de 37 — tinha sido feito barão de Villar Torpim) que era então commandante da 3.ª divisão militar, com quartel-general no Porto.

Depois de levantado o cêrco, o general cartista, barão de Leiria, foi unir-se a Saldanha e Villa Flor, para hirem todos ser derrotados em Ruivães. (8.º vol., pag. 259, col. 2.ª).

4.º

E' o que já fica mencionado em outro logar d'este artigo, e que teve logar em junho de 1847.

Conde das Galveias

Na guerra dos 27 annos, ou da *Restauração*, estando esta praça em poder dos castelhanos, foi tomada e restituida á corôa portugueza, pelo famoso 1.º conde das Galveias, D. Diniz de Mello e Castro. (3.º vol., pag. 256, col. 1.ª)

Valença, appellido

Valença, é tambem um appellido nobre, em Portugal, tomado d'esta praça. As armas dos Valenças, são — em campo azul, torre d'ouro, sobre contrachefe de ondas de prata e azul — êlmo de prata, aberto; e por timbre, um galgo négro, carregado de 4 faxas d'ouro.

Outros do mesmo appellido, uzam das armas seguintes — em campo de prata, as Quinas de Portugal; orla de prata, carregada de quatro castellos e quatro leões, cada um com sua cruz de ouro,

---

[1] Era commandante de caçadores n.º 4, o major José de Figueiredo Frazão, e não querendo annuir, foi preso pelos seus subordinados. Frazão, foi feito visconde do Sardoal, em 17 de abril de 1866, e falleceu no posto de general de divisão, a 20 de janeiro de 1878. Seu filho, o sr. José de Figueiredo Pimenta Avellar Frazão, foi feito visconde do Sardoal, a 6 de agosto de 1878.

Martyres valencianos

Em 23 de abril, do anno 204, imperando Marco Aurelio, foram martyrisados em Valença do Minho, *São Felix*, e seus companheiros, *Fortunato*, e *Aquileu*.

Residencia antiga do abbade de Cristêllo-Côvo, em Valença

As casas que actualmente pertencem aos herdeiros das *senhoras Lagôas*, na rua da Trindade, eram a residencia do tal abbade, e toda aquella rua era da parochia de Cristêllo-Côvo.

A fonte ainda hoje chamada *de Cristêllo*, e ha poucos annos restaurada, pertencia ao referido abbade.

A villa

Valença do Minho, como quasi todas as nossas antigas praças de guerra, *entallada* entre vetustas e quasi inuteis muralhas, sem poder ultrapassar o seu ambito, para não invadir as esplanadas, em vista de uma lei obsoleta (a qual em muitas terras tem sido justamente despresada) [1] tem circumscripto a povoação a uma pequena área, pelo que as suas ruas são estreitas, e quasi todas tortuosas; e suas praças, ou largos, summamente acanhados. Tem todavia bons edificios, mas nenhum notavel, a não ser pela sua antiguidade, e que já fica mencionado n'este artigo.

Como suas muralhas dominam a campanha, de todos os seus baluartes se desfructa um panorama encantador; sobre tudo do baluarte do *Soccôrro*, vendo-se ao sopé (N.) o formoso Minho, espraiando-se por extensas veigas, que rega e fertiliza; e na margem opposta, sobre uma collina sempre verde, a velha mas bonita cidade de Tuy, seus arrabaldes e muitas aldeias gallegas — ao S. O., a freguezia d'Arão e outras mais — mais ao longe, entre E. e S., serras alcantiladas, mas pittorescas, formando uma extensa cordilheira, correndo parallela ao rio, desde Castella até ás praias do Oceano, e formando um angulo quasi recto, com a famosa serra d'Arga, o *Medulio* dos romanos — Ao E., a freguezia de Ganfei, com o seu venerando mosteiro, com os seus doze seculos de existencia, e hoje propriedade particular do sr. Torres e Silva — Ao O., as freguezias de S. Pedro da Torre, Chamosinhos, Campos, Roboréda, etc., vendo-se o rio Minho e ambas as suas margens formosissimas, até quasi á sua foz; e as novas estradas, á Mac-Adam, e a de ferro, cortando veigas fertilissimas e sempre verdes. Finalmente, todos os arrabaldes de Valença, e mesmo todo o territorio do seu concelho, são summamente ferteis, saudaveis, formosos e apraziveis; produzindo com abundancia, toda a qualidade de generos agricolas do nosso paiz.

O mar e o rio, a fornecem de optimo peixe, distinguindo-se o famoso salmão; a bella *truta marisca*; o saboroso savel; a apreciada lampreia; e o *sôlho* delicioso.

Cria grande quantidade de gado, de toda a qualidade; e nos seus montes ha muita caça, do chão e do ar.

Valencianos illustres

Frei Matheus da Assumpção, monge benedictino, geral da sua ordem, confessor regio, e exerceu outros cargos honorificos: foi um dos mais famosos oradores sagrados, no reinado do Sr. D. Miguel I, ao qual foi sempre dedicado. Expulso do seu mosteiro, em 1834, e temendo o punhal dos assassinos que então aterravam este reino, fugiu para Roma, onde falleceu, em 1837.

Era filho de Vicente da Silva Cerqueira Brandão, cavalleiro professo na ordem de Christo.

Tinha professado no mosteiro de Ganfei,

---

[1] Em Villa Nova da Cerveira e em Caminha, já as antigas muralhas foram arrombadas, para a passagem de novas estradas, e do caminho de ferro, e parte das mesmas muralhas, cedidas pelo ministerio da guerra ás respectivas camaras municipaes. Em outras muitas antigas praças de guerra, suas portas e muros da circumvalação, se foram desmantelando, o que facilitou seus habitantes a poderem estender os seus edificios, ampliando e aformoseando as suas terras.

da sua ordem, fazendo-se o acto da sua profissão, com o maximo esplendor e sumptuosidade.

—

Era socio livre, da Academia Real de Sciencias de Lisboa — censor do tribunal da Nunciatura — deputado da junta do melhoramento temporal das ordens religiosas, etc.

Escreveu e publicou varios folhetos, em defeza da legitimidade, e um livro intitulado *Reflexões sobre a conspiração de 1817*, que fulminou, por entender que *era o primeiro assopro da hydra* revolucionaria — e uma traducção das *Revoluções de Portugal.*

Frei Matheus, a uma agradavel presença, e a um rosto formoso, reunia um comportamento ainda mais formoso. Era attencioso para com todos, esmoler, da mais rigida e intransigente rectidão, e sollicito protector de seus irmãos — um dos quaes, o padre Antonio da Silva Cerqueira Brandão, bacharel em direito, pela Universidade de Coimbra, foi vigario geral de Valença.

O sr. D. Miguel, estimava e respeitava tanto a frei Matheus, que, em 1828, depois da sua acclamação como rei de Portugal, o mandou em missão diplomatica, a Vienna d'Austria, onde travou conhecimento com os principaes homens politicos d'aquelle imperio, pelos quaes foi muito considerado.

O sr. D. Miguel, muito desejou fazêl-o bispo, o que não levou a effeito, por não haver vagaturas.

Ainda vive em Valença (agosto de 1882) uma sua irman, a sr.ª D. Escolastica Justina Cerqueira Brandão, assistente em casa de seu cunhado, o sr. João Ferreira de Magalhães e Souza.

A vida d'este virtuoso monge, foi resumida de um artigo, publicado no «Noticioso» de Valença, de 25 de abril de 1882, pelo sr. M. J. da Cunha Brandão.

Note-se que este cavalheiro, é liberal; o que facilmente se collige do seu artigo.

—

Joaquim Antonio Ferreira, baptisado na egreja parochial do Santa Maria dos Anjos. Era filho de Manoel Gonçalves, e Joanna Francisca Gonçalves, naturaes d'esta praça, onde eram geralmente estimados pela sua probidade e bons costumes.

Na sua adolescencia, principiou Ferreira a sua carreira commercial, como caixeiro do negociante de Valença, José Ayres de Almeida, com loja no largo hoje chamado do *Visconde de Guaratiba.*

Passados alguns annos, foi para o Rio de Janeiro, entrando como caixeiro, em uma respeitavel casa commercial, onde, pelo seu bom comportamento, em breve passou a 1.º caixeiro, e depois a socio.

Seu antigo *patrão* era-lhe tão cordialmente affeiçoado, que por seu fallecimento, e não tendo herdeiros, lhe testou toda a sua riqueza collossal.

Em 1844, o sr. D. Pedro II, do Brasil, o fez *barão de Guaratiba*, e depois, o elevou a visconde do mesmo titulo, *em attenção aos muitos actos de philantropia, praticados pelo novo titular.*

Por seu testamento, datado de 26 de junho de 1852, legou uma grande parte da sua fortuna a casas de beneficencia do Rio de Janeiro, e outras povoações brasileiras; deu *carta de alforria* a alguns dos seus escravos, e, além d'isso, 15$000 réis mensaes. Pelos escravos fallecidos no seu serviço, mandou se rezassem 50 missas; e que, no dia do seu fallecimento, se distribuissem avultadas esmolas pelos pobres, e familias honestas necessitadas.

Ao hospital d'esta praça, legou 300 acções do Banco de Portugal, de 100$000 réis cada uma, e 15:953$558 réis em inscripções e titulos de divida portugueza. A' confraria do Santissimo Sacramento, da egreja onde fôra baptisado, deixou 2:000$000 réis fortes. Além d'isto, deixou grande numero de legados pios — isto, alem do que já tinha dado ao hospital de Caridade d'esta villa, como vimos no logar competente.

E' este o mais illustre varão que Valença tem produzido. Filho de paes humildes, sem jámais se envergonhar da sua origem, soube crear para o seu nome um brazão nobilissimo, e de maior valia do que muitos de grandes fidalgos, que só os devem ás faça-

olhas (quando não á rapina) de seus avós. O nome do Visconde de Guaratiba, será abençoado, de geração em geração, por todos os valencianos, a quem deixou um monumento immorredouro do seu nome e da sua caridade, que Deus lhe recompensará na Gloria.

Instituiu por herdeiros, seus sobrinhos, os srs. — commendador, Joaquim José Ferreira, filho de Anna Maria Gonçalves Ferreira, irman do testador, e Rodrigo Pereira Felicio, casado com Maria Benta Ferreira Felicio, sobrinha do visconde.

Este caritativo valenciano, falleceu no Rio de Janeiro, a 11 de março de 1859.

Seus sobrinhos e herdeiros, pagaram immediata e integralmente todos os legados de seu tio.

—

N'esta praça residem uma sobrinha e uma bis-sobrinha do Visconde de Guaratiba: aquella é a sr.ª D. Maria José Ferreira Pereira, viuva de Manuel Carlos Pereira; esta é a sr.ª D. Maria das Neves Ferreira, casada com o sr. Antonio Luiz Affonso Salgueiro.

A sr.ª D. Maria das Neves é filha de D. Maria Perpetua Ferreira (sobrinha legitima do visconde, fallecida em dezembro de 1873) e do tenente Manuel da Silva Ferreira.

—

Adriano Mauricio Guilherme Ferreri — Nasceu a 3 de maio de 1798. Era filho de Agostinho Brandão de Castro, capitão de infanteria n.º 21, e neto de Francisco Ferreri, commandante do mesmo regimento.

Sentou praça de cadete, n'aquelle corpo, passando depois para artilheria n.º 4, que, como o 21, tinha a sua praça n'esta villa.

Em 1812, ainda estudante de preparatorios, foi mandado apresentar no seu regimento, de artilheria, que fazia parte da divisão do general inglez Trant; e em 1814, foi feito 2.º tenente do seu regimento.

Em 1815, matriculou-se na *Academia Real de Marinha*, que o principe regente (depois D. João VI) tinha instituido no collegio da Cotovia (que fôra dos Jesuitas, e que é — desde 1837 — a *Escola Polytechnica*) por alvará régio de 5 de agosto de 1799.

Em março de 1820, passou a 1.º tenente, e declarando-se liberal, serviu de adjunto ao quartel-mestre-general do exercito do *Governo Provisorio*.

Fizeram parte d'este governo trez coroneis — *Antonio da Silveira Pinto da Fonseca* (que em 1823 foi feito visconde de Canellas) irmão do bravo e leal Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, 2.º conde de Amarante e 1.º marquez de Chaves — *Sebastião Diogo Valente de Brito Cabreira* (pae do 1.º barão da Batalha) — e *Bernardo Correia de Castro Sepulveda*. O 1.º, como presidente; o 2.º, como vice-presidente: e o ultimo como membro do tal governo.

Frequentou depois, a *Academia Real de Fortificação*, fundada pela rainha D. Mria I, por alvará régio, de 2 de janeiro de 1790, no palacio do Calhariz, e que foi substituida pela *Escola do Exercito*, em 1835.

Com a queda da constituição, em 1823, foi *desligado*, posição que correspondia ao que hoje se chama *inactividade*.

Foi feito capitão, em 1826; e tendo adherido á revolta de 16 de maio de 1828, contra a legitimidade, teve de fugir para a Galliza, onde entrou com os restos das tropas rebeldes, a 9 de julho d'esse anno.

Da Galliza, passou á Inglaterra e de lá a Paris, onde frequentou a *Sorbonne*, passando depois á Terceira, fazendo parte das forças que invadiram Portugal, em 8 de julho de 1832, fazendo toda a guerra do cêrco do Porto; portou-se sempre como intrepido militar.

Foi promovido a major, em 13 de novembro de 1833, e a tenente-coronel de artilheria n.º 2, em 1836.

Promovido a coronel de artilheria, foi nomeado chefe da 1.ª divisão do ministerio da guerra, e, pouco depois, feito director da Escola do Exercito. Em 1847, foi promovido a general de brigada, e, por decreto de 18 de junho de 1849, nomeado ministro da guerra, logar que exerceu até 27 de abril de 1851.

Foi promovido a marechal de campo, em 1857, e nomeado ministro da marinha em março de 1859, commissão em que falleceu no dia 14 de março de 1860.

Como official do exercito, e nas diversas commissões em que foi empregado, foi sempre um verdadeiro homem de bem; sollicito no cumprimento dos seus deveres, activo, intelligente e justiceiro.

—

Francisco Xavier da Silva Pereira — Nasceu a 14 de março de 1793, e era filho do coronel, Francisco Xavier da Silva Pereira, e de D. Antonia José de Abreu.

Rebentando no Porto a gloriosa revolução contra o ominoso jugo do execrando Junot, em 19 de junho de 1808, Silva Pereira, que apenas contava 15 annos, se alistou logo, como voluntario, em um batalhão que seu pae organizára; mas depois, passou para a *Leal Legião Lusitana*, no posto de alferes, a que foi promovido em 16 de setembro do mesmo anno, e, em novembro de 1809, a tenente da mesma legião.

Fez toda a guerra da Peninsula, portando-se sempre como militar valente, e pela sua bravura, na batalha de Nivelle (França) em 10 de novembro de 1813, foi promovido a capitão, *por distincção*, logo no dia immediato.

Foi agraciado por D. Carlos IV, de Hespanha, com as medalhas de Albuera e Victoria, e pelo governo portuguez, com a medalha da guerra peninsular, algarismo numero 6, que era a maior distincção estabelecida para os militares que durante uma guerra de seis annos, tantas vezes derrotaram os exercitos do monstro côrso, levando-os de vencida até Paris.

Na madrugada de 24 de agosto de 1820, revolucionaram-se, na cidade do Porto, contra o jugo britannico, os regimentos de artilheria n.º 4, infanteria n.ºs 6 e 18, milicias do Porto e Maia, Guarda Real da Policia; e no Campo de Santo Ovidio proclamaram a Constituição.

Silva Pereira, uniu-se aos sublevados, e serviu ás ordens do coronel Castro e Sepulveda, membro do *Governo Provisorio*.

Em 1823, com a queda da Constituição, foi *desligado*, e n'esta classe esteve até março de 1826, sendo então collocado no posto de major graduado, no batalhão de caçadores n.º 1. Em dezembro do mesmo anno, passou a major effectivo, e commandante de caçadores n.º 12; fazendo a guerra contra as forças realistas do general marquez de Chaves, desde janeiro até 8 de março de 1827, dia em que os legitimistas tiveram de emigrar por ter vindo em soccôrro dos liberaes o general Clinton, com uma divisão de 8:000 inglezes.

Uniu-se, com o seu batalhão, aos revoltosos de 16 de maio de 1828, que foram derrotados em toda a parte, perdendo mais de 5:000 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros.

E' esta uma das *paginas negras*, na vida de Silva Pereira, e de muitos outros chefes liberaes; pois vendo a sua causa irremissivelmente perdida, abandonou o seu batalhão, que havia induzido á revolta, e na noite de 2 para 3 de junho, elle, a *junta*, os generaes Saldanha, Villa-Flor, Stubbs, e outros; Palmella, e todos os chefes da revolta, fogem para bórdo do vapor inglez *Belfast* (que poucos dias antes tinha trazido para o Porto os principaes instigadores da revolta) e vão para a Inglaterra, deixando no mais completo abandono as tropas que tinham, com as suas promessas fallazes, arrastado á rebelião, e que se viram obrigadas a fugir para a Galliza, sem chefes e na maior desordem, acossados por duas divisões realistas, e tendo contra elles os povos do Minho. Grande parte dos soldados, ou desertavam, ou se apresentavam aos realistas, e o batalhão de caçadores n.º 6, commandado por sargentos, se apresentou completo, sendo as suas praças divididas pelos batalhões de caçadores n.ºs 1, 4, 7 e 8, que se tinham conservado fieis ao sr. D. Miguel I. [1]

---

[1] Caçadores n.ºs 1, 4 e 7, tinham estado emigrados na Hespanha, porque pertenciam á divisão do marquez de Chaves (e ainda o estavam quando teve logar a revolta do Porto) e caçadores n.º 8, que tinha ficado em Portugal, prestou juramento de obediencia ao governo realista, e foi um dos seus mais bravos e fieis defensores.

N'este cobarde abandono, só um homem se portou como militar leal e valente, que sempre foi. Fallo do distinctissimo coronel de cavallaria, Rodrigo Pinto Bizarro Pimentel d'Almeida Carvalhaes, depois barão da Ribeira de Sabrosa, o mais nobre caracter de todo o partido liberal, que não abandonou um só momento os seus soldados, participando com elles de todos os incommodos e perigos de tão desastrosa retirada, e tomando o commando dos fugitivos, posto do maior perigo em tão triste conjunctura. Entrou com elles na Portella do Homem, a 9 de julho; e d'alli, no mesmo dia, passaram para a povoação de *Lóbios*, na Galliza.

Muitos officiaes e soldados recolhem depois ao reino, para gozarem o indulto concedido pelo sr. D. Miguel. Os mais compromettidos, embarcam para a Inglaterra, Madeira, França e Terceira.

O general realista, visconde de S. João da Pesqueira, manda, a 10 de julho, um dos seus ajudantes d'ordens, com um officio ás auctoridades hespanholas, para lhe serem entregues todos os objectos do Estado, levados pelos fugitivos, que tudo se recebeu em deploravel estado.

O general realista Póvoas, á frente da sua divisão, entra no Porto, no mesmo dia 3 de julho, quando ainda no Douro estava fundeado o Belfast.

Esta desgraçada guerra, que teve tão fataes consequencias, apenas durou 48 dias. (Vide no 7.º vol, pag. 328, col. 2.ª, até pag. 336.)

Tornemos a Silva Pereira.

Chegado á Inglaterra, parte d'alli, em agosto do mesmo anno, para a ilha da Madeira, onde o coronel José Lucio Travassos Valdez (depois, 1.º barão, 1.º visconde e 1.º conde do Bomfim) era governador pelos liberaes. Em 22 de agosto do dito mez, o coronel realista José Antonio de Azevedo Lemos, com a sua brigada, entra na ilha, e Valdez e outros officiaes (incluindo Silva Pereira) fogem para bórdo de um navio inglez, e d'alli se dirigem a Londres.

Em janeiro de 1829, acompanha Silva Pereira o general Saldanha, que, com alguns outros emigrados, pretendem desembarcar na Terceira, onde dominava o partido liberal; o que não conseguem, porque o *cruzeiro* inglez lh'o não consente. Aportou a Brest, demorando-se na França até setembro d'esse anno

Sendo encarregado de reunir as praças de pret, emigradas, organizou, em Ostende, o batalhão de caçadores n.º 12, com o qual partiu para os Açores, desembarcando na Terceira, a 20 de janeiro de 1830, passando, em agosto d'este anno, para commandante do batalhão de caçadores n.º 5, o mais bravo do exercito liberal, com o qual desembarcou em Arenosa de Pampelido, a 8 de julho de 1832.

Fez a guerra do cêrco do Porto, sendo ferido logo na primeira acção que os liberaes tiveram com os realistas, em Ponte Ferreira, a 22 de julho d'esse anno.

Pela sua bravura, nos differentes combates que houve n'esta guerra, foi promovido a tenente coronel, em 23 de agosto de 1832; a official de Torre e Espada, em outubro; e coronel graduado, a 22 de novembro; encarregado do cammando da 2.ª brigada, da 1.ª divisão, em 2 de março de 1833 — condecorado com o habito da Conceição, em abril; e promovido a coronel effectivo, em julho; e pouco depois, agraciado com a commenda de S. Bento d'Aviz.

Em agosto do mesmo anno, foi para Lisbôa, com o seu batalhão; e logo em setembro, foi feito commendador da Torre e Espada. Em 17 de outubro de 1835, foi feito *barão das Antas* — em 13 de outubro de 1836, visconde — e em 4 de abril de 1838, conde, do mesmo titulo.

O titulo de barão, visconde e conde *das Antas*, não é porque tenha qualquer propriedade d'este nome, mas porque, em 17 de novembro de 1832, com o seu batalhão de caçadores n.º 5, tomou o insignificante reducto do monte das Antas, nos arrabaldes do Porto.

Terminando a guerra civil, foi nomeado governador da praça d'Elvas, e depois, da de Setubal.

Em 24 de julho de 1834, foi feito general de brigada.

Em 1835, a causa liberal de Hespanha estava em perigo, porque a dos legitimistas ganhava terreno, e o seu exercito, commandado por Carlos V, estava senhor de quasi todas as provincias Vascongadas. O governo portuguez, manda em auxilio dos christinos uma divisão de 6:000 homens, commandada por o brigadeiro Victorino José d'Almeida Serrão, feito 1.º (e unico) barão do Valle, em 9 de outubro d'esse mesmo anno de 1835.

O bravissimo capitão general realista Zumalacárregui, grande de Hespanha de 1.ª classe, conde Zumalacarregui e duque de Victoria, zombava, não só dos christinos, mas de todas as forças que a *quadrupla alliança* lançou em Hespanha contra elle. [1]

O governo portuguez, attribuindo a Serrão as nenhumas vantagens que obtinha a divisão auxiliar, o demittiu, dando o commando a Silva Pereira, que, apezar do seu incontestavel valor, pouco pôde fazer, mesmo depois da morte de Zumalacarregui. Mesmo assim, foi agraciado pelo governo hespanhol, com as gran-cruzes de Isabel a Catholica e de São Fernando; encarregado do commando geral das *Merindades de Castella* (vide *Merindade*) do vice-reinado de Navarra, do commando das Vascongadas, e do commando em chefe das forças d'Alava.

Silva Pereira, abandonando precipitadamente as suas posições do Ebro, em setembro de 1837, acossado pelo general realista Zariategui, retira para Portugal, entrando em Traz os Montes, a 15 do mesmo mez. (Para evitarmos repetições, vide a pag. 259, col. 2.ª, do 8.º volume.)

Ainda n'esse anno foi encarregado do commando das forças de observação nas provincias do Norte, e, eleito deputado, tomou assento nas côrtes constituintes.

Em 1838 foi nomeado commandante da 3.ª divisão militar, em 1839 senador e em 1840 inspector da arma de infanteria.

Quando foi proclamada a Carta Constitucional no Porto, em janeiro de 1842, o conde das Antas protestou contra esta restauração, sendo então escolhido para commandar a *divisão de operações* da Estremadura, que tinha por fim hostilisar este movimento; pouco depois, pela adhesão da soberana ao movimento, foi encarregado de dissolver as forças e guardas nacionaes armadas pelo *ministerio do Entrudo*, commissão que desèmpenhou com summa prudencia e acérto.

Por carta regia de 3 de maio do mesmo anno foi nomeado par do reino, e em julho governador geral da India, sendo promovido a tenente general.

Em 1843, pretextando falta de saude, pediu a exoneração e regressou ao paiz, tomando assento na camara, onde votou sempre em opposição ao partido cartista.

Por decreto de 11 de julho de 1844 foi nomeado vogal do supremo tribunal de justiça militar, e em 1846 commandante da 1.ª divisão militar, pelo ministerio Palmella.

Transferido para a 3.ª divisão em agosto do mesmo anno e encarregado do commando de todas as forças nas provincias do Norte, o conde das Antas, por occasião do golpe d'estado de 6 d'outubro, pôz-se á frente do movimento revolucionario, assumindo a presidencia da junta que no Porto se organisou sob a designação de « Junta Provisoria do Governo supremo do reino, em nome da nação e da rainha. »

Partindo depois com uma forte columna em direcção á capital, chega a Santarem, onde toma posições. Sabendo do desastre occorrido em Torres Vedras ao conde de Bomfim, retira para o Porto.

Em fevereiro de 1847 partiu para o Minho contra o conde de Casal, então senhor do castello de Vianna.

Regressando ao Porto, o conde das Antas embarcou a 30 de maio com uma divisão de tropas escolhidas que devia seguir para Lisboa, mas logo ao sair da barra, ás 5 horas

---

[1] Zumalacarregui, quando sitiava a praça de Bilbáo, foi levemente ferido por uma balla de fuzil, na barriga de uma perna; mas o cirurgião envenenou-lhe a ferida, e fugiu para os christinos, mas foi prezo, já perto das tropas liberaes, e fuzilado. O general talvez escapasse se lhe amputassem a perna; perém, oppondo-se á operação, morreu da gangrena que a ferida lhe originou.

da manhan do dia 31, foi intimado a sustar o movimento e a ancorar debaixo do fogo da esquadra ingleza, por sir Maitland, seu commandante.

O general protestou, mas cercado por forças superiores, teve de render-se, sendo levado prisioneiro para S. Julião da Barra, onde entrou a 4 de julho, saindo porém depois em resultado da *convenção de Gramido*, sendo restituido ao posto e honras, de que havia sido exauctorado pelo governo de Lisboa.

Viveu os ultimos 5 annos afastado da politica, no remanso do lar e já soffrendo da doença que lhe minou a existencia, dulcificada agora pelos extremos dos intimos, sobretudo da esposa, a exm.ª sr.ª D. Maria Theotonia da Guerra e Sousa (com quem casára em 1845), filha do chefe de divisão graduado, Gaudencio Guerra e de D. Maria Bernardo de Ravago Santo Estevão.

O conde das Antas falleceu em Lisboa a 19 de maio de 1852.

—

Era o 2.º filho, e teve sete irmãos, que, por ordem das edades, foram —

1.º — *D. Ignacia Carolina*, nascida em 1792.

2.º — *José Joaquim da Silva Pereira* — nascido a 22 de agosto de 1795. Casou com D. Maria Eduarda Huet Bacellar, filha de Duarte Claudio Huet Bacellar Souto-Maior, fidalgo da casa real, e senhor do morgado do Paraizo, e de sua 2.ª mulher D. Custodia Luiza Bacellar. Foram seus filhos —

A *sr.ª D. Maria José da Silva Pereira*, nascida a 31 de dezembro de 1826, e casada com o sr. doutor Francisco Joaquim de Castro Mattoso Corte-Real, ajudante do procurador-régio da Relação do Porto — e — o *sr. José Eduardo da Silva Pereira*, nascido a 8 de julho de 1833.

José Joaquim da Silva Pereira, foi tenente-coronel do exercito, e reformado em coronel, sendo despachado general de brigada, na mesma classe, e deputado ás côrtes, em 1837. Falleceu na villa da Feira, onde residia.

3.º — *Antonio Julio da Silva Pereira*, nascido a 25 de outubro de 1797. Foi sub-chefe da contadoria do thesouro, e falleceu em Lisbôa, a 22 de novembro de 1852.

4.º — *D. Anna Peregrina*, nascida em 1798. E' fallecida.

5.º — *Joaquim Narcizo da Silva Pereira*, nascido a 22 de outubro de 1799, e foi official do exercito. E' fallecido.

6.º — *Frederico Guilherme da Silva Pereira*, nascido a 28 de abril de 1806. Foi juiz de direito em Lisbôa. Casou com D. Anna Candida dos Reis, 2.ª filha de Maximo José dos Reis, capitão-mór de Cintra, e irman do tristemente celebre *Domingos Joaquim dos Reis*, um dos assassinos dos lentes e conegos, no *Cartaxinho*. (Vide *Condeixa a Velha*, e no 7.º vol., pag. 506, col. 2.ª)

7.º — *Adriano Augusto da Silva Pereira*, nascido a 20 de abril de 1808.

—

Estanislau Xavier da Assumpção e Almeida — Nasceu a 16 de maio de 1822, em uma casa contigua ao Sanctuario do Bom Jesus, d'esta praça. Era filho do major Evaristo Simpliciano d'Almeida e de D. Francisca Luiza da Silva.

Sentou praça, em infanteria n.º 14, em 1839, e foi despachado alferes, em 1847 — ajudante de caçadores n.º 5, no mesmo anno; e tenente graduado, em abril de 1851. Em fevereiro de 1852, passou, ainda como ajudante, para o regimento de infanteria n.º 2; e, ainda como ajudante, foi transferido para infanteria n.º 11, em 1855.

Em 1858, tornou para infanteria n.º 2 — Tenente effectivo, em 3 de junho de 1859; e no mesmo anno passou a capitão, por se ter offerecido para fazer parte do batalhão de Cabo-Verde, contando a antiguidade, para todos os effeitos, desde 1860, por ter feito parte da expedição que foi a Angola, reprimir a revolta de alguns *sobas* africanos.

Desembarcou em Loanda, a 7 de agosto d'esse anno de 1860, e em 1861 foi nomeado chefe da secção militar da secretaria do governo geral, commissão que exerceu até outubro de 1863, sendo então nomeado governador das ilhas de S. Thomé e Principe.

Tal foi o seu zêlo e energia n'esta commissão, que teve seis portarias de louvor, do governo da metropole, e foi feito commendador da ordem de Christo, em 1865,

regressando ao reino n'esse mesmo anno, e foi collocado em caçadores n.º 5.

Em 1867, voltou, já no posto de major, a governar as ilhas de S. Thomé e Principe, até março de 1869, sendo então nomeado governador das ilhas de Solôr e Timor, na Oceania — onde não chegou a hir; vindo para Lisbôa, onde esteve até março de 1870, por ser transferido para governador de Benguella, tomando conta do seu novo cargo, a 14 de abril. Depois, passou a governador de Mossamedes; e, tendo concluido o prazo da lei, no Ultramar, foi exonerado e regressou a Portugal, em janeiro de 1872.

Em Benguella, recebeu uma commissão, composta dos mais distinctos cavalheiros de S. Thomé, que lhe offereceram uma *espada d'honra*, em demonstração de reconhecimento da intelligencia, zêlo e probidade com que gerira os negocios d'aquella ilha, durante o seu governo.

Em 1874, foi mandado servir, em caçadores n.º 6, passando, em dezembro de 1876, a caçadores n.º 9.

Foi feito tenente coronel, em 13 de setembro de 1876, e outra vez nomeado governador de S. Thomé e Principe, onde esteve até setembro de 1879; comportando-se com a mesma honradez e actividade, como o fizera nos dous antecedentes governos d'estas ilhas.

Em janeiro de 1880, no mesmo posto de tenente coronel, foi fazer serviço em infanteria n.º 1, e, mezes depois, nomeado chefe da 2.ª repartição da direcção da administração militar, commissão que exerceu, até 7 de dezembro de 1881, data em que (sendo já coronel, desde setembro d'este anno) foi feito commandante do regimento de infanteria n.º 8, de guarnição em Braga; mas não chegou a tomar conta d'este commando, por ter fallecido em Belem, depois de uma demorada doença, a 15 de março de 1882, com 59 annos de edade.

Além de commendador da ordem de Christo, teve a medalha de prata, commemorativa da expedição a Angola — os habitos da Conceição, e Aviz — a medalha de prata, de bons serviços e comportamento exemplar — a commenda de Aviz; e finalmente, por decreto de 30 de janeiro de 1879, teve carta de conselho.

Já se vê, pois, que foi um dos filhos d'esta praça, que mais a enobreceu pelos seus serviços á patria, pela sua rigida probidade, e porque nunca manchou a sua espada em sangue portuguez.

—

Não menciono n'este artigo, *José Joaquim Champalimaud*, por que não nasceu em Valença, mas na freguezia de S. Miguel de Fontoura — nem *Antonio Vicente de Queiroz* (conde da Ponte de Santa Maria) porque é natural da freguezia da Gandara, d'este concelho, e não, como muitos julgam, nascido em Valença.

—

O sr. M. J. da Cunha Brandão, publicou no «Noticioso» umas *ephemerides*, de tão subida valia, para a historia d'esta praça, que não devo privar os leitores do seu conhecimento, pelo que as copio, com a devida venia do seu illustrado auctor —

Curiosidades

EPHEMERIDES RELATIVAS A VALENÇA

Deliberando colleccionar o maior numero possivel, já conseguimos apurar as seguintes:

136. Antes de Christo. — Presume-se ter sido n'esta data ou — melhor diremos — por esta epocha, que se construiram no pequeno padrasto fronteiro a Tyde as primeiras casas de habitação. Pouco depois os romanos levantaram um *castrum* no referido padrasto, sendo conhecido pelo nome de *Castrum Tydis* (fallam d'elle diversos geographos antigos) e a povoação incipiente que a circumdava pelo de *Valentia* sem duvida em attenção á sua excellente posição, que a devia tornar quasi inexpugnavel n'esse tempo.

Valentia pouco prosperou: e, pela invasão dos barbaros do norte sobre o meio dia da Europa, decahiu totalmente. Em epocha, que não está precisamente determinada, reedificou-se a povoação com o nome de *Con-*

trasta, que conservou até ao reinado de D. Affonso III.

1200. Anno do nascimento. — D. Sancho I manda povoar Contrasta, isto é, augmentar o numero de moradores, concedendo-lhes certas regalias, etc. Da medida tomada pelo monarcha, a quem a historia justamente cognomina « Povoador » infere-se que Contrasta já merecia certa consideração.

1255 — D. Affonso II concede foral a Contrasta. Tem a data de 11 de agosto do referido anno.

1262 — D. Affonso III manda cercar Contrasta de muralhas: desde então começa a ser chamada Valença, nome (Valencia) que havia tido no tempo dos romanos, como vimos.

1300 — D. Diniz confirma o foral dado por seu avô a Valença.

1314 — Fundação da egreja de Santa Maria dos Anjos. Em 1834 passou a curato e em 1859 a abbadia.

1378 — Fundação da egreja de Santo Estevão.

1440 — O territorio que constituia a comarca de Valença deixa de portencer ao bispado de Tuy e passa a fazer parte do de Ceuta (Breve do papa Eugenio IV a requerimento de D. Affonso V.)

1451 — Outubro 11. D. Affonso, conde de Ourem, primogenito do 1.º duque de Bragança, é elevado a marquez de Valença.

1464 — Agosto 19. Morre o primeiro marquez de Valença. Está sepultado na collegiada de Ourem.

1472 — D. Affonso V eleva a conde de Valença a D. Henrique de Menezes, filho do 3.º conde de Vianna, D. Duarte de Menezes. D. Henrique foi tambem conde de Loulé, capitão perpetuo de Alcacer-Ceguer e Arzilla e alferes mór do referido monarcha. O ultimo conde de Valença foi D. Miguel de Menezes, 2.º duque de Caminha, decapitado em Lisboa aos 29 de agosto de 1641.

1502 — El-rei D. Manuel passa em Valença em direcção a Santiago de Compostella.

1572 — O territorio da comarca de Valença, pertencente ao bispado de Ceuta, passa por bulla de Leão X a fazer parte do arcebispado de Braga, por troca com Olivença.

1643 — Os hespanhoes tentam assaltar a praça de Valença, cuja população e guarnição correm pressurosas ás muralhas, alarmadas pelos toques a rebate dos sinos da villa e mosteiro de Ganfey. São repellidos.

1646 — Os habitantes de Valença representam em côrtes contra as violencias e extorsões commettidas pela guarnição da praça.

1647 — O conde de Castello Melhor, commandante do exercito de operações no Minho (guerra da restauração), estabelece o seu quartel general em Valença e tenta tomar Tuy.

1657 — O general hespanhol D. Vicente Gonzaga tenta tomar a praça de Valença com 30:000 homens. A praça resistiu com 200 homens, commandados por dois alferes.

1664 — Os hespanhoes, que haviam conseguido entrar na praça, são expulsos por D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede.

1671 — É instituida a irmandade das Almas de Santa Maria.

1680 — É achado na margem esquerda do Minho, no sitio dos Arinhos, o marco miliario, actualmente existente em frente da porta do hospital militar.

1700 — Principia a construcção da obra coroa, vulgarmente *Coroada*.

1769 — Sahem d'esta villa as freiras de Santa Clara.

1771 — Nasce em S. Miguel de Fontoura o general José José Joaquim Champalimaud. Morreu a 5 de maio de 1825, em Elvas, onde era governador.

1778 — Nasce em Valença o dr. fr. Matheus Brandão, orador sagrado muito distincto e escriptor. Morreu em Roma em 1837.

1792 — Reedificação da egreja de Santo Estevão. É a actual.

1792 — Nasce nas Antas (extra-muros d'esta praça) o conde do mesmo titulo, que não lhe foi dado pelo facto de nascer nas Antas em Valença, mas sim pela maneira brilhante porque o valente general atacou a posição das Antas (proximo ao Porto) em 24 de março de 1833. Ha aqui apenas coincidencia de nomes.

1794 — Agosto 3. Nasce o conde de Santa Maria, Antonio Vicente de Queiroz.

1795 — Nasce n'esta praça Joaquim Pereira d'Eça, marechal de campo, fallecido em janeiro de 1874.

1798 — Nasce Adriano Ferreri, que foi general e ministro.

1809 — Fevereiro 15. Tentativa de Soult para passar o Minho entre Valença e Caminha.

1809 — Abril 10. Entram os francezes em Valença. Demoram-se até 17.

1814 — Regressa a Valença, onde lhe é feita uma recepção enthusiastica, o regimento d'infanteria n.º 21. Este bravo regimento acabava de fazer a campanha da peninsula com muita distincção.

1825 — A Santa Casa da Misericordia, por proposta do seu provedor o brigadeiro Calheiros, resolve construir um hospital, o que por então se não levou a execução.

1828 — Cerco de Valença, desde 13 a 23 de junho, pelo capitão-mór das milicias de Monsão Antonio Luiz Pereira Alvarez da Guerra.

1833 — O batalhão de voluntarios realistas de Valença, juntamente com a companhia de voluntarios realistas do Valle de Besteiros, repelle brilhantemente um ataque das tropas liberaes na estrada do Bomfim, no Porto. O commandante d'estas forças era o tenente coronel do regimento de milicias de Vianna, Francisco de Sousa Pereira de Amorim.

1834 — Napier (visconde de S. Vicente) toma Valença por capitulação, a 3 d'abril, ou segundo outros a 31 de março. Napier, ao serviço de D. Pedro, havia sahido de Lisboa em 17 de março com um vapor e duas corvetas. Desembarcou em Caminha; no dia 28 tomava Vianna, no dia immediato Ponte do Lima, e em seguida marchou sobre Valença.

1834 — A freguezia de Santo Estevão é annexada á de Santa Maria dos Anjos.

1837 — Os setembristas, commandados pelo barão do Almargem, cercam os cartistas em Valença. Estes eram commandados pelo coronel barão de Leiria.

1838 — Agosto. Inaugura-se a construcção do hospital civil.

1840 — Dezembro 26. Entram os dois primeiros doentes no hospital.

1844 — Caçadores n.º 7 (pela organisação do exercito de 1838 tivera o n.º 28) é mandado para Valença.

1846 — N'este anno sahe o referido batalhão para a Guarda.

1847 — Incendio do assento ou padaria militar. Assedio de Valença pelas tropas liberaes.

1849 — Março 17 — Entra em Valença Carlos Alberto. Principia a construcção do cemiterio, que acaba no anno immediato.

1850 — Abril 7 — Realisa-se em Valença o primeiro mercado semanal aos domingos.

1851 — Março 20 — Fundação da Assembleia Valenciana.

1852 — Morre em Lisboa o conde das Antas.

1854 — Sahe á luz o 1.º numero da *Razão*, depois *Voz do Minho*. Durou desde 17 de novembro a 12 de novembro de 1866.

1855 — Inaugurou-se uma carreira a vapor no rio Minho entre Caminha e Valença. Durou até 1863.

1855 — Artilheria n.º 3 sahe de Valença para Vianna, onde chegou no dia 11.

1857 — Novembro 1 — Principia a funccionar o relogio de Santo Estevão.

1858 — Caçadores n.º 7 regressa a Valença, vindo de Guimarães. Voltou a esta cidade em 1862.

1858 — Inaugura-se a illuminação publica da villa com 30 candieiros.

1859 — Março 11 — Morre no Rio de Janeiro o visconde de Guaratiba.

1860 — Morre n'esta praça o seu governador Peito de Carvalho.

1860 — Morre em Lisboa Adriano Ferreri, então ministro da marinha.

1863 — Caçadores 7 volta de Guimarães a Valença.

1864 — Maio 8 — E' instituida a Associação Artistica. Novembro 9 — Collocam-se os para-raios no paiol da Coroada. Tambem n'este anno (1 de janeiro) saiu o 1.º numero do *Correio do Norte*.

1868 — Fevereiro 9 — Morre em Lisboa o conde de Santa Maria.

1870 — Principia a publicar-se em Valença o jornal *O Noticioso*.

1872 — Julho 29 — Sahe caçadores n.º 7

para o Porto, onde chega em 3 d'agosto. Voltou no mesmo anno.

1873 — O mesmo batalhão marcha para Vianna, regressando a Valença no mesmo anno.

1874 — Chegou a esta praça o ministro das obras publicas Cardoso Avelino.

1875 — Agosto 11 — O mesmo ministro chega a Valença, e no dia immediato teve logar a inauguração do caminho de ferro.

1877 — Julho 2 — Benção da capella do cemiterio.

1878 — Caçadores 7 parte para Guimarães a 29 de dezembro. Regressou a esta praça em novembro de 1879.

1878 — Setembro 22 — Chega pela primeira vez a S. Pedro uma machina de serviço no caminho de ferro.

1879 — E' aberta á exploração a via ferrea entre Caminha e S. Pedro (janeiro 15).

1879 — Junho 2 — E' aberta á exploração a parte comprehendida entre S. Pedro e Segadães.

1880 — Passa em Valença o gran-duque Constantino, tio do actual czar. — Principia a publicar-se o jornal o *Valenciano*.

1882 — Maio 8 — Festeja-se o primeiro centenario do obito do marquez de Pombal.

1882 — Junho 29 — Organisa-se definitivamente o *Club Fluvial* Valenciano.

1882 — Agosto 6 — E' aberto á exploração o penultimo lanço da via ferrea do Minho, comprehendido entre Segadães e a estação definitiva de Valença.

VALEZIM — villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Céa, (foi da comarca de Gouveia, extincto concelho de Loriga) 72 kilometros de Coimbra, 250 a E. de Lisboa, 215 fogos.

Em 1768, tinha 166. (Segundo o padre Carvalho, em 1705, tinha 250. Adiante dou a causa de ter diminuido a população.)

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O prior de São Romão de Céa, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O rei D. Manoel, lhe deu foral, em Lisboa, à 24 de março de 1514. (*L. de foraes novos da Beira*, fl. 60 v. col. 1.ª — e fl. 89 v. col. 2.ª, *in fine*.) O foral dá-lhe o nome de *Valazim*.

As parochias limitrophes, são — Loriga, ao S. — São Romão de Céa, ao N. — ao E., a serra da Estrella — e a O., Villa Cova a Coelheira.

Até ao principio d'este seculo, foi cabeça do concelho do seu nome, com justiças, auctoridades e empregados que lhe competia — sendo, dous juizes ordinarios, trez vereadores, um procurador do concelho, um escrivão da camara, um juiz dos orphãos com seu escrivão, um escrivão do judicial e notas, um inquiridor, um distribuidor, um contador, um alcaide, e uma companhia de ordenanças, com seu capitão e respectivos officiaes.

Pertencia á provedoria da Guarda.

O padre Carvalho, tratando d'esta villa, na sua *Chorographia*, diz o seguinte —

« No bispado de Coimbra, uma légua da villa de São Romão, ao sueste, na descida da Serra da Estrella, para o poente, está fundada a villa de *Vallazim*, que foi dos marquezes de Gouveia, e hoje (1708) é da corôa. »

« Tem 250 visinhos, os mais d'elles mercadores de pannos de vára (saragoças e bureis) que se fabricam n'esta terra. »

« E' gente mui briosa, *especialmente as mulheres, por serem mui formosas.* »

« Consta de uma parochia, dedicada a *Nossa Senhora da Assumpção*, curato annexo á egreja de Nossa Senhora do Soccôrro, da villa de São Romão, por esta villa de Vallazim ser antigamente do seu termo. »

« Tem mais uma ermida de São Sebastião — outra do Santissimo, no meio da villa. » (Esta ermida, serve actualmente — 1882 — de matriz da freguezia.)

« A matriz, está no caminho que vae para a villa de Loriga, junto de uma ribeira que passa perto de Vallazim, e se mette no rio Alva — e tem mais, além da dita ribeira, uma ermida do São Domingos »

—

Pertenceram aos marquezes de Gouveia (depois, duques d'Aveiro, até 1759) mórdo-

mos móres, condes de Portalegre, e alcaides-móres de Assumar — esta villa de Valezim e muitas outras, nas ábas da Serra da Estrêlla, como Villa Cóva a Coelheira, São Romão de Cêa, Gouveia, Celorico da Beira, e outras terras.

No archivo da camara de Gouveia, estão registadas as doações feitas por muitos dos nossos reis, a contar de D. Manoel I, aos ditos condes e marquezes, descendentes de D. João da Silva, que foi aio e depois escrivão da puridade, e valido do dito rei.

No competente livro do registo da referida camara, se leem muitos documentos de grande valia historica, cuja transcripção aqui, seria muito longa e enfadonha: limitar-me-hei a copiar o seguinte —

«Eu El-Rei (D. Sebastião) Faço saber aos que este alvará virem, que Eu respeito aos muitos serviços de D. Alvaro da Silva, conde de Portalegre, Meu muito amado sobrinho, mórdomo-mór da Minha casa, e a seus merecimentos, e aos muitos serviços d'aquelle que d'elle descende; e por Me elle pedir, houvesse por bem, que Dona Philippa da Silva, sua neta, casasse com Dom João da Silva, embaixador do Serenissimo Rei de Castella, Meu tio, que Me tambem enviou pedir; e por outros respeitos, Me praz e hei por bem de fazer mercê, por fallecimento do dito conde, á dita Dona Philippa da Silva, sua neta, das villas de *Gouveia, Celorico, São Romão, Vallazim, e Villa-Cova,* que estão na comarca da Beira; e do gado das villas de São Nicolau, e São Vicente de Cabo-Verde; e assim, das alcaidarias-móres, da cidade de *Portalegre*, e do logar de *Assumar*, e da dizima nova, do pescado, dos logares de São Jôão (da Foz do Douro) de *Leça* e de *Mattosinhos*, sem embargo da *lei mental*, em contrario, que, por esta vez, Hei por derrogada, em todos os paragraphos d'ella: tudo assim, e da maneira que o dito conde o possue e lhe pertence, por Minhas doações, para a dita Dona Philippa, sua neta, o haver por fallecimento do dito conde, seu avô, e todos os seus descendentes, segundo a fórma da dita lei mental, e para sua guarda e Minha lembrança, lhe mandei dar este alvará..................................

«Lopo Soares o fez, em Lisboa, a 8 de julho de 1577.»

Tudo isto, e ainda outros muitos senhorios, perdeu D. José Mascarenhas, duque de Aveiro, pela sentença de 12 de janeiro de 1759, assim como a vida, no patibulo, com os seus infelizes companheiros, os Tavoras, em 13 do dito mez e anno. (Vide *Chão Salgado.*)

Os primogenitos dos duques de Aveiro, eram marquezes de Gouveia. O ultimo (filho do ultimo duque de Aveiro) foi D. Martinho Mascarenhas, que tinha 5 annos, quando seu pae (depois de soffrer as mais horrorosas torturas, para declarar os seus cumplices) foi despedaçado e morto, no caes de Belem, por ordem do ferocissimo Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.º conde de Oeiras e 1.º marquez de Pombal.

Apezar dos seus 5 annos, foi o marquez de Gouveia preso em um dos antros do forte da Junqueira, onde estéve 18 annos, sahindo no fim d'elles (1777) quando D. Maria I subiu ao throno, por morte de seu pae o imbecil D. José I, e Pombal deixou de ser ministro.

Não tinha o infeliz mancebo, nada de seu, porque tudo quanto possuia seu pae, tinha sido sequestrado. A *piedosa* D. Maria I, nada lhe restituiu, e nem ao menos se dignou responder ao requerimento commovente que ao desgraçado havia feito Paschoal José de Mello, nem lhe foi restituido o titulo de marquez de Gouveia.

D. Martinho sahiu do carcere, apenas coberto com uns ascorosos andrajos, não tendo

mais que a pelle e os ossos. Os frades de Mafra o levaram para o seu mosteiro, onde o vestiram decentemente e sustentaram por algum tempo. Depois esteve alguns annos em casa do seu parente, conde do Sabugal, que residia no seu palacio da *Rocha do conde de Obidos*, em Lisboa.

Passado algum tempo, o marquez de Alorna o fez capitão de um regimento. Por fim D. João VI, lhe deu, *por esmola*, uma mesada.

O ultimo descendente em linha recta masculina, dos duques de Aveiro, morreu em 1804, com 50 annos de edade, em uma pobre casa, da rua de *Buénos-Aires*, em Lisboa.

Custa a comprehender como em Portugal houvesse um monstro que condemnasse a 18 annos de prisão, uma innocente creança de 5 annos, e como houvesse um rei que auctorisasse tão grande ferocidade! E o mais é que, se D. José I não morresse em 1777, e o seu truculento 1.º ministro não fosse destituido dos seus empregos, o ultimo marquez de Gouveia, e ultima vergontea dos duques de Aveiro, de certo morreria de fome e miseria em uma das horriveis cavernas do forte da Junqueira.

D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, e da familia dos marquezes de Gouveia, em attenção á sua casa ser senhora da *dizema nova*, do pescado de S. João da Foz do Douro, mandou, em 1535, collocar no rio Douro (onde depois esteve uma cruz de ferro) em frente da *Cantareira*, proximo á barra, um monumento de pedra, para guia dos navegantes; como o prova a inscripção que se lê em uma grande lapide, encontrada alli, pelos mergulhadores empregados nas obras da barra, em 1868.

Ainda hoje (agosto de 1882) se vê a dita lápide, encostada ao barracão das obras, na extremidade N. O. do *Passeio Alegre*, junto á casa do *Salva-Vidas*; assim como alguns bocados das columnas que pertenceram ao monumento.

Eis a inscripção da tal lápide —

MICHAEL SILVIUS, EPISCOP.
VISEUS. NAVIGANTIUM SALUTIS
CAUSA, TURRIS II FECIT ET
IIII COLUMNAS POSSUIT.
ANNO MDXXXV.

(D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, mandou fazer duas torres, e pôr aqui estas quatro columnas, para salvação dos navegantes — no anno de 1535.)

Eis aqui a explicação d'esta lápide, o que tem feito scismar a muitos antiquarios, pelo facto de um bispo de Viseu mandar fazer aqui esta obra.

—

Tornemos a Valezim.

Vimos no principio d'este artigo, que a freguezia, tinha em 1705 — 250 fogos, e d'ahi a 63 annos (1768) apenas contava 166 — menos 84! Vou explicar esta diminuição.

Desde longa data, até aos principios do seculo XVII, foram alli importantes, a industria e o commercio do *panno de váras* (saragoças e bureis) que se vendiam em grande quantidade, nas feiras do Minho e Traz-os-Montes; mas, tanto os fabricantes como os vendedores, roubavam os compradores (como actualmente fazem os francezes) dando ás têas maior numero de varas do que ellas tinham.

Durou esta fraude muito tempo, até que os consumidores, deixaram de comprar estes pannos, e, ainda por cima, queixaram-se ao papa, de tão escandaloso roubo. Paulo V, em vista d'esta queixa, expediu uma carta de excommunhão contra os ladrões. [1]

[1] Não julgo muito digna de credito esta tradição, a ser verdade ter a povoação em 1705 — 250 fogos, ou, antes d'isso, tinha muito maior numero d'elles, visto que o papa Paulo V, foi elevado ao throno pontificio em 1605, e falleceu em 1621, e d'ahi a um seculo ainda aqui havia 250 fogos, e d'ahi a 63 annos (1768) já não havia senão 166, como vimos no principio d'este artigo.

Em vista d'isto, o fabrico e commercio dos referidos pannos, foi quasi completamente abandonado, e a povoação foi consideravelmente decahindo, por causa da *excommunhão paulina*; mas ainda ha outro ponderoso motivo para a decadencia d'este povo — é a falta de bôas vias de communicação — pois as que ha, são ainda do tempo dos gôdos (ou talvez, dos romanos) mas, em tal estado, que apenas hoje servem para peões, ou para bêstas, e não para carros.

Tambem tem contribuido para esta decadencia a destruição dos castanheiros, cujo fructo era uma das principaes producções de Valezim. Hoje, apenas alli se produz centeio, lan, algum milho, vinho e excellentes queijos (os melhores da Serra da Estrella) por haver aqui grandes rebanhos de ovelhas.

—

Valezim, é, incontestavelmente, povoação muito antiga, mas não se sabe a data da sua fundação, nem o nome do seu fundador. E' porém tradição, que foi fundada pelos mouros, que, sendo expulsos de Loriga (povoação limitrophe) se vieram estabelecer n'este *valle*, exclamando «*N'este val sim!*» — e que d'aqui lhe veio o nome. (Visto isso, os taes mouros, fallavam portuguez.....)

Tambem a tradição diz que o grande *Viriato Herminio*, nasceu n'esta freguezia, e que fundou aqui duas fortalezas, no alto de dous montes. E' certo que ao N., está o outeiro, ainda hoje chamado *Monte do Crasto* — e ao S., o *Cabeço do Castello* — e em ambos estes montes, ha vestigios de antiquissimas construcções, e alli se teem achado tijolos, e moedas romanas. (Vide *Póvoa Velha.*)

Diz o padre Carvalho, que as mulheres de Valezim eram muito formosas (no seu tempo....) Hoje, como nas outras terras, *ha alli de tudo.* [1]

Os homens d'esta terra, são, no geral, robustos, sóbrios e valentes, e bem mostram descender dos bravos e indomitos *pesures*, ou *herminios*. Nas varias luctas que teem sustentado contra os povos visinhos, foram quasi sempre vencedores. Não ha muitos annos, que trez pastores de Valezim, sustentaram, a pau e á pedra, uma renhida lucta, durante toda a noite do Natal, contra os moradores do Rosmaninhal (concelho de Idanha a Nova) muitas leguas distante de Valezim, ferindo bastantes contrarios, e sahindo todos trez vencedores e são e salvos.

São eminentes no jogo do páu, que aprendem desde a infancia, e que é a sua ordinaria distracção e o seu orgulho: apenas temem as armas de fogo.

Os habitantes d'esta parochia, são quasi todos pastores, ou lavradores; mas teve sempre familias nobres, e d'estas ainda hoje (1882) aqui vive a familia *Castello-Branco*, que possue os dous melhores edificios da povoação, sendo um d'elles brazonado, e da qual (familia) teem sahido varios homens illustres pelas armas, ou pelas lettras, entre elles, o sr. conselheiro José de Freitas Teixeira Spinola Castello-Branco, marechal de campo de engenharia e lente jubilado, da escola polytechnica, da qual foi director. Reside em Lisboa, e tem escripto varias obras sobre mathematica. E' irmão do contra almirante, o sr. Joaquim Pedro Castello-Branco, governador do porto da Ilha da Madeira, pae do sr. Eduardo Ernesto Castello-Branco, capitão de artilheria, e casado com sua prima, filha e herdeira de seu tio, o marechal.

São actuaes representantes d'esta nobre familia, os filhos do fallecido João de Freitas Mendonça Castello-Branco, bacharel formado em mathematica, e que, alem d'outros cargos publicos que exerceu, foi deputado ás cortes em 1865. Éra filho do juiz de fóra, o doutor Mauricio de Castello-Branco, um dos deputados ás cortes de 1820.

Tenho a honra de conhecer apenas um dos filhos de João de Freitas Mendonça Castello-Branco — é o sr. Joaquim Pedro de Freitas Castello-Branco, distincto agronomo do districto da Guarda, e um dos membros da expedição scientifica, á Serra da Estrella, em agosto de 1881.

[1] Vide no 2.º vol. pag. 221, col. 2.ª — e pag. 223, col. 2.ª

Depois que esta povoação entrou no periodo da sua decadencia, muitos habitantes teem emigrado para diversos pontos do reino, e em maior numero, para as cidades de Lisboa e Covilhan.

O seu clima é frio, mas saudavel, o terreno delicioso, pelo que os seus campos são em socalcos, guardados por grossas paredes de granito, pedra abundantissima na serra da Estrella e seus contornos.

A egreja matriz, é um templo espaçoso e venerando pela sua antiguidade, mas hoje está em ruinas. Serve de matriz, a ermida do Santissimo Sacramento, templo elegante, e solidamente construido, situado no centro da povoação.

Tem altar-mór, e dous lateraes no corpo da egreja, todos de rica talha dourada.

Ha tambem a ermida de S. Sebastião, ao qual se faz a festa principal da freguezia—e a de S. Domingos, ambas publicas—e a particular, pertencente á familia Castello-Branco.

—

Montou-se aqui, em 1876, uma fabrica de lanificios (saragoças) junto da villa, na margem direita da ribeira de Valezim, servindo-lhe de motor a agua da mesma ribeira. Está fechada desde 1877. Era propriedade do fallecido doutor, João de Freitas Castello-Branco.

Ainda n'esta villa havia, em 1860, seis presbyteros e sete bachareis formados; em quanto que hoje conta apenas dois dos primeiros e trez dos segundos.

Como recordação de melhores tempos, ainda hoje se denomina *Passeio dos Padres*, um vistoso e pittoresco sitio, a uns 100 metros da villa, no caminho de S. Romão. Ha memoria de se verem alli passeiar simultaneamente DESESETE presbyteros, todos d'aqui!

—

Os pastores de Valezim, apezar de quasi todos analphabetos, são muito industriosos. Fabricam, com bastante perfeição, cajados, *cucharras* (colheres de cabo largo e curto) feitas de pontas de carneiro ou de boi, por vezes, muito ornamentadas; copos e merendeiras, de pontas de boi; e pifanos de páu, ou dos ossos das pernas (tibias) das betardas.

N'esta villa, como em todas as povoações da Beira-Baixa, o instrumento favorito das mulheres, é o *adúfe*, especie de pandeiro, quadrado, e que se toca com ambas as mãos, tendo pelle por ambos os lados.

—

No dia 21 de maio de 1879, pelas 3 horas da tarde, desabou sobre esta freguezia uma medonha trovoada, que, por espaço de trez quartos d'hora, despediu tanta quantidade de pedra, *do tamanho d'ovos de gallinha, que tomou a altura de mais de um metro.* Causou gravissimos estragos. O arvoredo ficou esfolhado, como em dezembro—as cearas, ficaram pizadas—as hortaliças e outras plantas, destruidas—os terrenos escalavrados—tudo aniquilado e completamente perdido.

A *Lapa dos Dinheiros*, povação a 2 kilometros d'esta, ficou tambem arrazada, por tão espantosa tempestade.[1]

VALHELHAS — ou **VALLELHAS** — villa, Beira Baixa, bispado, districto administrativo, concelho, comarca, e 18 kilometros da Guarda (foi cabeça do concelho do seu nome, com 1:200 fogos, supprimido em 1836) 310 kilometros ao E. de Lisboa.

150 fogos.

Em 1768, tinha 65.

Orago, Santa Maria Maior.

O padroado real apresentava o prior, que tinha 90$000 réis de rendimento annual.

E' povoação antiquissima, existindo ja no tempo dos romanos. Despovoou-se com as guerras da edade media, e D. Sancho I e seus filhos a mandaram povoar, em 1187, dando-lhe foral, com grandes privilegios, em julho de 1188, que foi confirmado por seu filho, D. Affonso II, em Santarem, no mez de outubro de 1217. O rei D. Manoel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 20 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, folhas 87, col. 2.ª) Este foral, serve tambem para *Barrellas*, *Famalicão*, *Outeiro* e *Serzêdo*.

---

1 A maior parte d'este artigo, foi redigido pelo meu esclarecido amigo, o sr. doutor, Pedro Augusto Ferreira, abbade da Miragaia, no Porto; pelo que lhe dou os meus cordeaes agradecimentos—pedindo-lhe perdão dos varios córtes que me vi obrigado a fazer.

No foral antigo, declara D. Sancho I, que tinha dado esta villa *de juro e herdade* a Dom Gomes Ramires, mestre da Ordem do Templo, e aos seu frades; os quaes d'aqui fizeram uma commenda, e aqui construiram uma casa, em que alguns d'elles residiram temporariamente. Em 1197, fez o mesmo soberano, ao mestre da mesma ordem, D. Lopo Fernandes, nova doação de Idanha a-Velha — e em 1199, lhe doou a grande *herdade da Açafa* (que foi villa no termo de Rodam) nas duas margens do Tejo (vide *Rodam).* Esta doação foi feita *pelo amor de Deus*, pelos grandes serviços que os templarios fizeram á patria, e em troca das egrejas do Mogadouro e Penas-Royas—e para que os cavalleiros as povoassem (a *Açafa*) e aforassem, como bem lhes parecesse. Os templarios já tinham cedido á corôa, os castellos do Mogadouro e Penas-Royas, e por esta doação lhe cederam tambem as egrejas.

Pela extincção da ordem do Templo, em 1311, esteve a commenda de Valhelhas em poder da corôa, até 1319, passando então para a nova ordem de Christo, que o rei D. Diniz havia instituido. E' por isso que o rei, como grão-mestre d'esta ordem e da de S. Thiago, apresentava o parocho, pelo tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens.

Vallêlha, no portuguez antigo, significava pequeno valle — depois, se corrompeu em *Valhêlhas.*

—

Teve um mosteiro de frades franciscanos, fundado em 1680, por D. Rodrigo de Castro, senhor de Valhelhas, e seu neto e herdeiro, D. Diogo de Castro, com frades que vieram da cidade da Guarda.

Chegou a ter 25 frades, no principio do seculo XVIII. Na sua egreja se venerava a imagem do Bom Jesus, que um pastor achou em uma lapa da serra. Esta imagem foi removida para a egreja matriz, e ainda se festeja alli, na dominga da S.S. Trindade, havendo então uma boa feira e concorridissima romaria. Do mosteiro, ainda hoje (1882) existe uma grande parte: fica a 4 kilometros da villa, na estrada que vae para Famalicão. Chama-se *Mosteiro do Bom Jesus de Valhêlhas.* A egreja conserva-se em bom estado, e faz-se alli uma festa no dia de S. Miguel.

—

A villa, está na margem esquerda do Zêzere, em sitio fundo, e quasi ao nivel do rio, entre altas ribanceiras que pendem quasi a prumo, dos contrafortes da Serra da Estrella sobre o rio; mas o povoado está em um pequeno valle (d'onde lhe provém o nome) e que é uma especie de insua, rodeado de bellos campos com agradavel perspectiva.

A villa é de humilde apparencia, e revela ter decahido bastante da sua primittiva prosperidade; mas é provavel que o caminho de ferro da Beira, que lhe passa a poucos kilometros de distancia, lhe dê uma nova vida.

Pelo centro da villa, passa a velha estrada de Manteigas para a Guarda. Os seus mais notaveis edificios, são a egreja matriz, no centro da povoação, e as ruinas do seu antigo castello. O pelourinho é formado por uma columna de granito, oitavada, e com seus ornatos na cúpula. Foi feito em 1555, data que n'elle está gravada.

—

A egreja, é um templo regular, muito antigo, bastante pobre e maltratado. Tem altar-mór, e dous lateraes no corpo da egreja, todos de velha e desgraciosa talha dourada. Tem um pulpito de granito, com ornatos em relevo, bastante tôscos, e serapintados com côres vivas, que os tornam ainda mais toscos. E'muito baixo, e assenta em uma columneta de pedra, em uma das faces tem esta inscripção —

ANNO DOMINI ERECTUM
1674.

Na rectaguarda da capella-mór, se ergue um antiquissimo campanario, para o qual se sóbe, pelo lado do rio, por toscos degraus de pedra : tudo esburacado, em ruinas, e coberto de musgo. As pedras oscillam, quando dobram os sinos, mas são tão grossas, e bem travadas, que ainda não cahiram. Tem dous sinos, um com a data de 1778 — outro com a de 1797 — um relogio — e na verga da pequena casa onde está a fabrica d'elle, a data de 1789.

No angulo do N., d'este campanario, estão as armas dos Castros, bastardos (os das seis arnellas) e o mesmo brazão está no cimo do rectabulo do altar-mór, da egreja matriz; o que prova que estes Castros possuiam no seculo xvii, o senhorio de Valhelhas, e a alcaidaria-mór do seu castello.

Sobre a porta lateral da egreja, do lado do sul, está gravada uma inscripção latina que diz —

MENSE MARCII MILESIMO
DUCENTESIMO HAEC ECCLESIA
FUIT SACRATA.

(Esta egreja, foi sagrada, no mez de março de 1200.)

Esta data, deve ser do anno do Nascimento de Jesus Christo; e não da era de Cesar, que então correspondia ao anno de 1162, época em que esta terra estava despovoada.

—

A nova estrada districtal, a Mac-Adam, da Guarda a Manteigas, por Valhêlhas, na parte já construida, afastou-se, em algumas partes, do leito da antiga, que tinha declives de 20 a 30 % — e a nova apenas os tem de 5 %.

—

As freguezias confinantes, são — na margem esquerda do Zêzere — *Sameiro*, a 15 kilometros — *Val da Amoreira*, a 8 — *Famalicão*, a 6 — *Gonçalo*, a 7 — e na margem direita do rio — *Verdêlhos*, a 7 — *Sargédo*, a 7 — e *Aldeia do Matto*, a cinco.

—

Segundo a tradição, em tempos remotos, existiu um mosteiro de frades benedictinos (ou agostinianos) a O. da villa, no sitio das *Vinhas*. E' certo que alli se encontram claros vestigios de uma antiga construcção, como tijollos, pedras *apparelhadas*, e outros objectos. Outros dizem que nas *Vinhas* é que os templarios tinham a sua casa de residencia, e que os vestigios que alli apparecem, são restos da tal casa. Parece-me mais provavel que esta casa fosse a que Manoel Pinto Pereira reconstruiu em 1693, como vimos atraz.

—

Ha n'esta freguezia as seguintes ermidas:

1.ª — *São Sebastião*, construida em 1577, e hoje tão arruinada, que a imagem do padroeiro foi removida para a matriz.

2.ª — *Corpo Santo*, que dizem ter sido a capella da Misericordia (cujo hospital ha muitos annos não existe, nem d'elle ha o minimo vestigio.) No altar-mór, que é elegante, está uma imagem muito antiga e tosca, de Jesus Christo, semelhante a uma de Santa Maria Maior (padroeira da freguezia) que está na matriz, e parecem ambas, obra do mesmo artista. Na capella-mór d'este velho templo, se lê esta inscripção —

PER ME REGES REGNANT.

Esta ermida teve magnificos paramentos, e alfaias de grande valor, do que só resta uma cazulla de velludo vermelho, bordado a matiz, dadiva de uma das condessas de Castello-Melhor.

Teve um Sacrario de pedra, de excellente esculptura, que foi destruido pelas hordas ferozes de Bonaparte, durante a guerra peninsular.

3.ª — *Bom Jesus*, que foi egreja do mosteiro, como já se disse.

4.ª — *São Miguel archanjo.*

5.ª — *S. Pedro apostolo.*

6.ª — *Santa Margarida.* Ambas estas ermidas, estão desmantelladas, e as suas imagens foram removidas para a egreja matriz.

—

Perto da egreja ha uma casa de pouca apparencia, mas denotando ter pertencido a uma familia distincta. E' brazonada, e sobre o escudo se lê esta inscripção —

MANUEL PINTO PEREIRA, FILHO DO
SARGENTO MAOR MEL. DA CA. BORGES.
MANDADA FAZER ESTA OBRA 1693 AS.

Isto, na face do edificio que olha para o sul, e que tem uma janella com lavores esquisitos e a data de 1335 — do outro lado se vê em uma pedra, já muito carcomida pelo tempo, a data de 1337.

Quer-me parecer que este edificio foi a casa de residencia dos templarios, e que as datas de 1335 e 1337, são da da era de Cesar, correspondentes aos annos 1297 e 1299

de Jesus Christo. Depois — em 1693 — o tal Manoel Pinto Pereira, reconstruiu a antiga casa, como se vê da inscripção.

—

O velho castello estava no tope de uma collina, sobranceira e contigua á povoação. Foi demolido, empregando-se os seus materiaes em outras construcções, e hoje apenas resta, *para memoria*, um resto da torre de menagem, de uns 15 metros de altura; mas a face, do lado do rio, já desabou. Consta ser obra dos templarios.

Ainda pelos annos de 1755, havia em volta da torre da menagem uma cinta de muralhas, e dentro d'ellas algumas casas, que tudo foi destruido pelo terremoto do 1.º de novembro d'esse anno. O que resta d'este venerando monumento, está litteralmente revestido de uma *esteira*, ou *tapete* de formosas heras: a não ser esta planta, já nada existiria de pé.

—

Nos principios do seculo XVIII, eram senhores d'esta villa os condes de Castello-Melhor.

Teve Misericordia e hospital, que já não existe.

Emquanto a villa foi séde de concelho, tinha juiz ordinario, vereadores, escrivão da camara, procuradores do concelho, juiz dos orphãos e seu escrivão, e dous escrivães do judicial e notas.

O seu termo comprehendia, além de Valhelhas, cinco freguezias — *Famalicão, Gonçalo, Val de Moreira* (ou da Amoreira) que, como a villa, começaram a formar parte do concelho e comarca da Guarda — *Sarzêdo*, que passou para a comarca e concelho da Covilhan — e *Sameiro*, que passou para o concelho de Manteigas, comarca de Gouveia.

A freguezia de Sameiro, pertencia á ordem de Malta; todas as mais, foram dos templarios, e vieram (1319) a constituir uma commenda da ordem de Christo.

Junto á villa, ha, sobre o Zêzere, uma ponte, de pedra, de quatro arcos.

O povoado está na margem esquerda do Zêzere, na confluencia da ribeira de Famalicão, que desce da serra, e passa junto da aldeia que lhe dá o nome.

—

Não ha actualmente n'esta villa, um unico sacerdote, além do Rev.º parocho, que não é d'aqui natural.

Nasceu em Valhelhas, o sr. *José Augusto Soares Ribeiro de Castro*, bacharel formado em direito, e distincto advogado nos auditorios da Guarda.

Foi aqui construida em 1866, uma fabrica de papel, da qual era motor a agua do Zêzere. Não trabalha actualmente.

—

As principaes producções agricolas d'esta freguezia, são — milho, feijão, batatas, castanhas, vinho, azeite, fructas, centeio e legumes. O Zêzere a fornece de optimo peixe, e é abundante em gado, principalmente miudo, e caça de toda a qualidade.

—

Esta villa soffreu muito, durante a guerra peninsular, pois que os francezes roubaram da egreja matriz e da capella do Corpo Santo, uma custodia, d'ouro — dous calices, um de ouro e outro de prata — varios paramentos, bordados, uns a ouro e outros a matiz, e tudo o mais que lhes fez conta.

Tambem saquearam as casas de varios habitantes da villa, na qual praticaram toda a casta de barbaridades, como tinham de costume estas hordas de truculentos salteadores e assassinos, que o inferno vomitou sobre a Peninsula hispanica, para castigo dos nossos peccados.

A maior parte d'este artigo, como o antecedente, devo-o á amisade e benevolencia do sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, esclarecido abbade de Miragaia, no Porto.

VAL FREICHOSO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, 145 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 48.

Orago, São Lourenço.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 260$000 réis de rendimento.

Fertil. Gado e caça.

VALLA DE CAVALLEIROS—Ribeira, Douro, na freguezia da villa d'Ançan, comarca e concelho de Cantanhêde.

No supprimido concelho de Ançan, ha para admirar duas nascentes de agua — a *Fonte de Ançan* e a *Gruta de Portunhos* : a primeira, porque bróta de um rochedo, de um jacto, e em tanta abundancia, que logo fórma uma copiosa ribeira, cujas aguas, ainda que salobras, pelo carbonato de cal que trazem em dissolução (em consequencia das enormes massas d'esta pedra, que atravessam) é util para a irrigação, e para mótor de 18 moinhos de cereaes, e de um lagar de azeite, que ha desde a sua nascente, até proximo da *quinta do Rol*, dos senhores Pintos Bastos, da Vista-Alegre.[1] A segunda, porque sáe de um buraco, ou orificio, insondavel, existente no centro de uma extensa galeria subterranea. Sécca quasi todos os estios, e suppõe-se ser a mesma nascente que a primeira, e que só repucha quando o canal subterraneo não pode conduzir toda a massa d'egua.

A ribeira, formada por estas duas nascentes, pelas aguas da *Pena*, pelos celebres *Olhos da Loureira* (proximos á villa) pellas aguas de *Val Travêsso*, ou Valla de Cavalleiros, formada de pequenas nascentes, ao O. do lagar de *Cárquere*, e ao S. de *Enxofães*, e da nascente mais consideravel, ao pé do logar da *Ferraria*, denominada *Olho de Mourêllos*, que n'ella entra, abaixo de *Mascarenha*, no *Parisol*, correndo de N. a S., vae desaguar na *Valla de Fórnos*, abaixo do logar de *Lavarrábos*, no sitio do *Caldeirão*.

Já por vezes tem chegado barcos carregados de sal até á referida *quinta do Rol*, que fica na *Varzea de Ançan* ; e muitas vezes— de inverno — alli se teem carregado barcos, com oito pipas de vinho da Bairrada para a Figueira da Foz.

Esta ribeira, produz algum peixe miudo, enguias, sôlhos, trutas, barbos, e *ruivacos* (um peixe do tamanho de camarões, que se come cosido, tendo por môlho, apenas sumo de limão — se se lhe deitar azeite, não se póde comer — É baratissimo, porque sobe em cardumes pela agua das vallas, e basta pôr um cesto com a bocca contra a corrente, para se apanharem centos e centos.)

Na Valla de Cavalleiros ha bastantes ameijoas.

VALLADA — freguezia, Extremadura, concelho e comarca do Cartaxo (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Santarem) situada perto da margem direita do Tejo, 65 kilometros a N. E. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 214.[1]

E' no patriarchado. Districto administrativo de Lisboa.

O padroado real, apresentava o vigario, que tinha 200$000 de rendimento annual.

Feira a 24 de agosto, trez dias.

Foi commenda da ordem de Christo.

Na aldeia de *Porto de Muge*, d'esta freguezia, ha uma antiga ermida, dedicada a São João Baptista.

Esta freguezia, como todas as do *Riba-Tejo*, soffreram muito com as inundações do inverno de 1876, principalmente no mez de dezembro.

Foi no dia 7, ás 9 horas da manhã, que a agua do Tejo tocou o maximo de $7^{m},80$ de altura, galgando em muitos pontos o capêllo do dique de Vallada, produzindo-lhe quatro arrombamentos. Estes deram-se, um no sitio das *Cinco Oliveiras*, junto áquella povoação, e que produziu a inundação n'este ponto; outro á *Casa Nova*, levando comsigo o deposito de ferramentas que alli estava estabelecido; outro á *Serrada do Padre*; e finalmente o ultimo á *Tapadinha*. D'estes trez ultimos arrombamentos resultou a inundação completa dos campos.

Salvou-se toda a gente, e gado, e alguns cereaes.

Os lavradores mais prejudicados foram : o sr. João Ignacio da Costa, que conta ter per-

[1] O doutor F. da F. Henriques, no seu *Aquilegio medicinal*, attribue ás aguas da Fonte d'Ançan, a virtude, de *facilitar os partos* (*!*) e curar os achaques de dôr de pedra: e á fonte do Rol, virtudes laxantes.

[1] Segundo a *Historia de Santarem edificada*, tomo 2.°, pag. 294, em 1738 tinha 252 visinhos, incluindo a povoação de *Porto de Muge*.

dido uns 200 moios de trigo, 80 de cevada e 35 de fava, calculando os seus prejuizos em 14 contos de réis; e o sr. João Augusto Seabra, 10 moios de trigo e 20 de fava.

Na noite de 8 para 9 começou o rio a descer, e á uma hora da tarde d'este ultimo dia marcava a escala 6^{m},56. No dia seguinte, marcava ás 2 horas e meia da tarde, 4^{m},67,

Algumas casas, construidas de adôbos, desabaram.

Dizem os homens antigos de Vallada que esta cheia foi muito superior á que houve em 1823, que até agora era considerada a primeira.

Os soccorros foram promptos, tanto por parte do governo, como de varios particulares.

De Lisboa, logo que se teve noticia das proporções que o Tejo hia tomando, partiram para aquelle ponto, o sr. João Guedes de Quinhones, (engenheiro chefe de secção, em commissão na direcção das obras do Tejo e seus afluentes) e o sr. D. Antonio d'Almeida, ao qual, ha muito tempo, está confiada a direcção d'aquellas obras.

O sr. Quinhones, conservou se alli durante o tempo em que a sua vida corria mais risco; e tanto este cavalheiro, como o sr. D. Antonio d'Almeida, prestaram relevantes serviços ao povo de Vallada, em tão calamitosa conjuntura, e são dignos de especial menção e louvor, pela actividade e zelo que mostraram, no cumprimento das ordens que constantemente recebiam do governo.

A gente que não poude fugir a tempo, subiu aos telhados, d'onde foi salva, em barcos.

De Lisboa, foram os vapores do sr. Bournay, e os rebocadores do Arsenal, *Operario* e *Toiro*, para salvarem os inundados. Este ultimo vapor, levou a reboque um lanchão, carregado de mantimentos, vinho, bolacha, bacalhau, azeite e aguardente, para 3:600 rações.

Depois partiram os vapores, *Leão, Tigre, Progresso, Tejo, Alcantara* e *Pescador*. N'este ultimo, é que foi o sr. D. Antonio d'Almeida, e o 1.º tenente da armada, o sr. Freitas, ajudante do superintendente do Arsenal.

Os vapores Pescador e Progresso, foram por conta da *Companhia das Lezirias*, que soffreu grandes prejuizos.

As perdas em cereaes e outros fructos, assim como em mobilias, roupas e outros objectos; em casas demolidas, ou prejudicadas, mais ou menos, e nos campos, montaram a muitos contos de réis; e em todo o Riba-Tejo, em perto de um milhão de cruzados!

Marquezes de Vallada, condes de Caparica.

O primeiro conde de Caparica (feito a 10 de maio de 1793) e 1.º marquez de Vallada (feito a 17 de dezembro de 1813) foi —

D. Francisco Menezes da Silveira e Castro, 14.º senhor do mórgado da Patameira (instituido em 1447) 12.º senhor do mórgado de Caparica (instituido em 25 de agosto de 1449) par do reino, em 1826 — veador da rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon (mulher de D. João VI) e seu estribeiro mór, e mordomo-mór — grão-cruz da ordem de São Bento de Aviz—8.º) commendador de Vallada (commenda instituida a 7 de abril, de 1573) da ordem de Christo — Cavalleiro da insigne ordem do Tozão d'Ouro, em Hespanha — membro do governo do reino, pelo fallecimento de D. João VI — encarregado de acompanhar á côrte de Madrid, as infantas D. Maria Isabel, que foi rainha de Castella, e D. Maria Francisca, as quaes sahiram do Rio de Janeiro, em 3 de julho de 1816, para Cadix, a bordo da náu de guerra portugueza, *São Sebastião.*

Succedeu na casa, a seu pae, a 12 de maio de 1780.

Nasceu a 10 de março de 1754, e falleceu a 22 de julho de 1834.

Casou duas vezes — a 1.ª a 16 de julho de 1776, com D. Anna Thereza de Almeida, dama da ordem de Santa Isabel; nascida a 28 de março de 1760, e fallecida, no Rio de Janeiro, a 18 de dezembro de 1815. Era filha dos 2.^{os} marquezes do Lavradio.

Casou 2.ª vez em junho de 1816, com D. Francisca d'Almeida, filha dos 3.^{os} marquezes do Lavradio, nascida no 1.º de setembro de 1792, e já fallecida.

Filhos do 1.º matrimonio
(por ordem de edades)

1.º — *D. Marianna*, condessa de Castro-Marim, nascida em 10 de outubro de 1784, e já fallecida.

2.º — *D. Luiza*, condessa de Lumiares, nascida a 15 de julho de 1789, e tambem já fallecida.

3.º — *D. Maria Barbara*, dama da rainha D. Maria I, e fallecida freira professa no mosteiro de N. Senhora da Conceição, de Arroios.

4.º — *D. Francisca Quintina*, condessa de Paraty (no Brasil.) Nasceu a 31 de outubro de 1793.

5.º — *D. Maria Roza de Menezes*, condessa de Avintes e marqueza do Lavradio.

Nasceu a 6 de abril de 1798, e ficou viuva em 1874 (vide *Torres Vedras*.) Falleceu a 16 de abril de 1879.

Filhos do 2.º matrimonio

D. José de Menezes da Silveira e Castro, 2.º marquez de Vallada, 2.º conde de Caparica, 13.º senhor do mórgado de Caparica, 15.º do mórgado de Patameira.

Nasceu a 13 de fevereiro de 1826.

É do conselho de S. M., par do reino, official-mór da casa real; grão-cruz da ordem da Conceição; grão-cruz e bailio da ordem Hospitaleira e Soberana de S. João de Jerusalem; commendador da ordem de Christo; e da antiga e esclarecida ordem de S. Thiago, do merito scientifico, litterario e artistico, etc.

—

A freguezia de Vallada, como todas as do Riba-Tejo, é fertilissima em todos os fructos agricolas do nosso paiz; cria grande cópia de gado bovino (os celebrados *touros do Riba-Tejo*) e é abundante de peixe do Tejo, e do mar, que lhe vem por este rio.

Os homens d'aqui (campinos) são valentes e trabalhadores, mas, no geral, bastante turbulentos: As mulheres, teem fama de formosas, e são espertas, desenvoltas e trabalhadoras.

VALLADARES — freguezia, Douro, comarca e concelho de Baião (foi da extincta comarca de Soalhães, e do mesmo concelho de Baião), 65 kilometros ao E. N. E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa. 200 fogos.

Em 1768, tinha 120.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os descendentes de João da Costa Athaide, apresentavam o abbade, que tinha 700 mil réis de rendimento annual. (O Catalogo dos bispos do Porto — pag. 430, col. 1.ª — diz — rende *largos* 300$000 réis.) Segundo a mesma obra, tem as ermidas do *Salvador* e *Nossa Senhora de Estozende*.

É povoação muito antiga, mas ignora-se a data da sua fundação e o nome do seu fundador.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, e o Douro, que lhe fica proximo (ao sul) a fornece de optimo peixe; e pelo mesmo rio lhe vem peixe do mar — servindo-lhe tambem de via de communicação, com a cidade do Porto, com a qual faz grande negocio de exportação e importação.

Tambem lhe passa a pouca distancia o caminho de ferro do Douro.

VALLADARES — freguezia, Douro, concelho de Villa Nova de Gaia, comarca, districto administractivo, bispado e 5 kilometros ao S. do Porto, 328 kilometros (pelo caminho de ferro) ao N. de Lisboa, e 335 pela estrada ordinaria. Tem 450 fogos.

Em 1768, tinha 114.

Orago, o Salvador.

As religiosas de *Corpus Christi* (dominicanas) de Villa Nova de Gaia, apresentavam o cura, que tinha 80$000 réis de rendimento annual. O «Catologo dos bispos do Porto» diz que o cura tinha 140$000 réis de rendimento. (É mais provavel isto; pois que o *Port. Sacro*, diminue quasi sempre o rendimento dos parochos.)

É n'esta freguezia a 38.ª estação do caminho de ferro do norte, vindo de Lisboa, e a 22.ª vindo do Entroncamento. É á 2.ª (a 1.ª é nas *Devezas*) hindo do Porto para Lisboa.

No domingo 5 de julho de 1874, foi benzida a nova capella-mór, da egreja matriz, em construcção, d'esta freguezia. E no domin-

go, 4 de julho de 1875, se benzeu a nova egreja, assistindo ao acto, o bispo da diocese.

Em 11 de março d'este ultimo anno (1875) se tinham collocado os sinos, na torre da nova egreja. N'esse dia, o presidente da commissão promotora, deu um jantar aos operarios,

Posto que de architectura singela, é um templo muito bello e elegante, e uma das melhores egrejas ruraes do bispado.

E' terra fertilissima em todos os generos agricolas do nosso paiz; cria muito gado bovino, que exporta (quasi todo para Inglaterra) é abundante de peixe do Douro e do mar, que lhe fica a 3 kilometros ao O. — e é freguezia muito rica, pelo constante negocio que faz com a cidade do Porto, diariamente. Além d'isso, muitos dos seus habitantes são artistas, empregados nas obras e estabelecimentos industriaes d'aquella cidade.

VALLADARES — villa, Minho, comarca e concelho de Monsão (foi da mesma comarca, mas capital do concelho do seu nome, supprimido pelo ominoso decreto da regencia, em 24 de outubro de 1855) 65 kilometros ao N. de Braga, 500 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768. tinha 105.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa do infantado, apresentava o abbade, que tinha 205$000 réis de rendimento annual.

D. João I lhe deu carta de foral, em Lisboa, no 1.° de julho de 1317. D. João II, a confirmou, em Santarem, a 12 de julho de 1487; e n'esta carta de confirmação, vem incerta a de foral. (*L.° 21 da Chancellaria de D. João II*, folhas 141 vs.—Veja-se tambem um documento, na gaveta 15.ª, maço 5, n.° 11.)

O rei D. Manoel lhe deu foral novo em Lisboa, no 1.° de junho de 1512. (*L.° de foraes novos do Minho,* folhas 103 vs., col. 1.ª).

É uma das mais antigas povoações da provincia do Minho, e, com toda a certeza, do tempo dos gôdos.

Mesmo como concelho, é dos principios da nossa monarchia, e que devia ser conservado, não só pela sua importancia, mas — e sobre tudo — pela sua antiguidade. Não o entenderam assim os ministros do sr. D. Fernando (então regente) e, *para commodidade dos povos* (!) o suprimiram.

Emquanto foi concelho, tinha juiz ordinario, trez vereadores, procurador do concelho, escrivão da camara, almotacés, quatro escrivães do publico, judicial e notas, meirinho, juiz dos orphãos com seu escrivão privativo, distribuidor, inquisidor e contador — tudo de nomeação régia. Tinha tambem escrivão das sizas, capitão-mór, sargento-mór, e quatro companhias de ordenanças.

A villa está situada em um formoso valle (do qual lhe procede o nome) com bellos arrabaldes, e cercada de quintas muito ferteis. Tem alguns palacetes, denotando a nobreza da povoação: finalmente, é uma das mais bonitas villas do Minho, onde quasi todas são bonitas.

Ao sul d'esta pittoresca povoacão, se eleva um outeiro, chamado de *Nossa Senhora da Graça*, e no tópe d'elle, está a formosa ermida da Senhora que lhe dá o nome. É muito antiga, com um adro ou alpendre, cercado de magnificas paredes, com columnas na entrada e em todos os quatro lados.

Do alto d'este outeiro, se avista — a E., a villa de Melgaço (a 9 kilometros de distancia) com o seu vetusto castello, e cercada de seus velhos muros, quintas e casas de campo — ao O., as villas de Monsão, e Valença, e a cidade gallega de Tuy; 30 kilometros do rio Minho, até á sua foz em Caminha — ao N., varios montes e aldeias, tanto de Portugal como da Galliza — e ao S., planicies e serras. Finalmente, é um formosissimo panorama.

A capella de Nossa Senhora da Graça, está perfeitamente conservada, e a sua padroeira é objecto de grande devoção, não só do povo da freguezia, mas das circumvisinhas, principalmente das de Sá e Badim (O *Santuario Mariano* não menciona esta ermida, apezar de já existir muitos seculos antes da publicação d'aquella obra.)

A villa, tem Misericordia e seu hospital.

—

Foi solar dos *Marinhos*, que deram o no-

me a uma pequena freguezia, hoje annexa a esta.

Marinho, é um appellido nobre em Portugal, tomado do nome proprio de homem, ou de alcunha. O primeiro que n'este reino se acha com tal appellido, é um fidalgo gallego, chamado *D. Affonso Paes Marinho*, que fez o seu solar em Marinhos. Os Marinhos de Ponte do Lima, e outras familias do mesmo appellido, procedem d'aquelle D. Affonso.

Como este tronco lançou muitos ramos, uns adoptaram por armas, uma sereia, com cabellos d'ouro (alludindo ao appellido) — outros, cinco flores de liz, de prata em campo verde — outros, trez ondas, de azul e prata—outros, cinco meias flores de liz, d'ouro.

Isto, segundo alguns heraldicos; mas, nos manuscriptos da casa Palmella, dando a mesma procedencia a esta familia, diz-se que o brazão d'armas dos Marinhos, é — em campo de prata, 4 faxas azues ondeadas — élmo de prata aberto, e por timbre, uma sereia, com cabellos d'ouro — Mas os da *freguezia de Marinho, termo de Valladares*, uzam — em campo verde, 5 flores de liz, de prata, em aspa, e por baixo d'ellas, 3 faxas de ondas de azul e prata — outros em campo de prata, 3 ondas de azul, em faxa — outros finalmente, em campo azul, 5 meias flores de liz, d'ouro, em aspa. Mas todos, têem por timbre, uma sereia.

—

Valladares, é tambem um appellido nobre d'este reino. Não se sabe se o deu a esta villa, ou se o tomou d'ella: o que se sabe, é que eram seus donatarios. O primeiro que consta ter tomado o appellido de Valladares, foi *D. Soeiro Arias de Valladares*, que se achou em duas batalhas que, no mesmo dia, tiveram os portuguezes, commandados pelo famoso D. Gonçado Mendes da Maia—o *Lidador*—contra os mouros, perto da cidade Beja, em 1169. (Para evitarmos repetições, vide no 3.º vol., pag. 347, col. 2.—*Maia*, e *Retorta*.)

De *Dom Lourenço Soares de Valladáres*, procedem quasi todos os reis da Europa, por sua bisneta a rainha de Castella, D. Beatriz, mulher de D. João I, filha de D. Leonor Telles de Menezes, mulher do nosso D. Fernando I.

Teem os Valladares por armas — escudo esquartellado — no 1.º e 4.º, de azul, um leão de prata, lampassado de púrpura—2.º e 3.º, escaquetado de prata e púrpura, de 6 peças, em faxa, e 6 em palla—élmo de prata, aberto, e por timbre, um leão de prata, com a cabeça escaquetada de púrpura e prata.

Alguns Valladares usam as armas dos Sotto-Maiores.

Condes de Valladares.

O primeiro conde de Valladares, foi *Dom Miguel Luiz de Menezes*, Commendador de S. Julião do Monte-Negro, e da Granja de Loares; filho de D. Carlos de Noronha e de D. Antonia de Menezes, filha natural de D. Miguel de Menezes, 6.º marquez de Villa-Real, e 1.º duque de Caminha. D. Miguel teve aquelle titulo e outras rendas (em 20 de junho de 1702) por ajuste com o rei D. Pedro II, pelo direito que tinha a casa de Villa-Real, depois do castigo do marquez d'esta ultima villa, e de seu filho, o duque de Caminha (4.º vol., pag. 113 col. 1.ª).

2.º *conde de Valladares* — foi Dom Carlos de Noronha (filho do 1.º conde) — gentil-homem da camara do rei D. João V, e fallecido em 8 de fevereiro de 1731.

3.º *conde* — Dom Miguel Luiz de Menezes (filho do 2.º conde) deputado da junta dos Trez Estados, casado com D. Marianna de Castello-Branco, filha do 2.º marquez de Alegrête.

A varonia d'esta casa é a mesma dos condes de Linhares, da qual se separou um ramo na pessoa de D. Carlos de Noronha, presidente da Mesa da Consciencia e Ordens, e filho de D. Antonio de Menezes, alcaide-mór de Viseu; e neto de D. Pedro de Menezes, que era filho do 1.º conde de Linhares. Este conde de Linhares era filho segundo de D. Pedro de Menezes, 1.º marquez de Villa-Real.

Pertencem tambem a esta nobilissima familia, os marquezes de Angeja e condes de Peniche — condes dos Arcos, e outras esclarecidas familias; assim como os senhores da *quinta da Prelada*, nos arrabaldes do

Porto. (As pessoas que desejarem saber a origem dos Noronhas portuguezes, vejam no 7.° vol., pag. 669, col. 1.ª e 2.ª.)

Cumpre-me aqui rectificar um erro que escapôu na palavra *Prelada*. Henrique II, de Castella, era irmão bastardo, assassino e successor de D. Pedro I, *o Cruel* (ou *Cru*) e não como digo no logar citado.

Foi 8.° *conde de Valladares*, D. Pedro Antonio de Noronha (vide 9.° vol., pag. 621, col. 2.ª e seguintes) gentil-homem da camara de D. Maria I, grão-cruz da ordem da Conceição; commendador da de Christo; chefe de divisão, da armada real; ajudante d'ordens do infante almirante. Foi, em 1822, a Madrid, conduzir a princeza D. Maria Thereza, e seu filho o infante D. Sebastião. Nasceu no 1.° de agosto de 1778, e falleceu a 4 de agosto de 1827. Tinha casado a 24 de julho de 1810, com D. Maria Helena da Cunha, dama da rainha D. Maria I, e nascida a 29 de outubro de 1777, e fallecida a 26 de maio de 1827. (Seu marido apenas lhe sobreviveu 70 dias!) Era filha dos 3.os condes de Povolide.

Tiveram trez filhos —

1.° — *D. José*, do qual adiante trato.

2.° — *D. Francisco Antonio de Noronha*, nascido a 4 de outubro de 1812, e casado com a marqueza de Vagos.

3.° — D. Maria Francisca, dama da rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon, viuva de D. João VI — D. Maria Francisca, nasceu no 1.° de maio de 1820.

9.° *conde de Valladares* — Dom José Antonio Abranches de Castello-Branco, commendador da ordem de Christo, nascido a 11 de fevereiro de 1813 — succedeu a seu tio, o marquez de Torres Novas.

O 9.° conde, falleceu em 24 de junho de 1873. Pertenceu sempre ao partido legitimista, e era um cavalheiro afavel, bom, caritativo e tolerante; pelo que foi sempre amado e respeitado de todos quantos o conheceram.

E' actual representante d'esta nobilissima casa, o sr. D. Francisco Antonio de Noronha Castello-Branco, que não tem querido a renovação do titulo, pelo governo liberal.

Brazão d'armas dos condes de Valladares

São as mesmas dos marquezes de Villa Real e duques de Caminha — isto é — escudo esquartelado das armas dos Noronhas — no 1.° e 4.°, as armas de Portugal, com o signal de bastardia — no 2.° e 3.°, as armas de Castella, e no centro o escudo dos Menezes, de Tarouca (que é, o escudo repartido em 6 — no 1.°, o estoque, em campo d'ouro — no 2.°, 4 barras de púrpura, em campo d'ouro — no 3.° dous lobos, em campo d'ouro = e na ordem de baixo, as barras e lobos, e no meio d'este escudo, o annel dos Menezes)

Este escudo, ainda hoje se vê no palacio que foi dos duques de Caminha, em Leiria — e ainda ha dous annos se via na *porta de Vianna*, da villa de Caminha, que ficava ao sul, e foi demolida para ampliar a povoação. As armas de Portugal, estavam á direita, e as do tal duque, á esquerda.

—

O territorio d'esta freguezia e seu termo, como todos os que estanceiam sobre a margem esquerda do rio Minho, é fertilissimo em todos os generos agricolas; cria gado de toda a qualidade; nos seus montes, ha abundancia de caça; o rio a fornece de optimo peixe — incluindo salmões, lampreias e saveis — e é tambem muito abundante de peixe do mar, que lhe vem pelo dito rio.

Gil Rodrigues de Valladares

Vimos que D. Soeiro Arias de Valladares, foi senhor d'esta villa, e contemporaneo de D. Affonso Henriques.

Era filho de D. Arias Nunes e de D. Examena Nunes.

Teve (D. Soeiro) por filho, D. Rodrigo (ou Ruy) Paes de Valladares, do conselho de D. Sancho I, e seu mordomo-mór; alcaide-mór de Coimbra. Do seu segundo matrimonio, com D. Thereza Gil de Almeida, teve — en-

tre outros filhos — o famoso *São Frei Gil*, que antes de professar se chamou *D. Gil Rodrigues de Valladares*. (Para evitarmos repetições, vide no artigo Santarem (8.º vol., pag. 480, col. 1.ª — anno de 1265 — e pag. 540, col. 2.ª.)

José Avellino d'Almeida, foi mal informado em quasi tudo quanto disse com respeito a São Frei Gil no seu *Diccionario abreviado*, 3.º vol., pag. 173, col. 2.ª. e pag. 174, col. 1.ª — A verdade, é como se lê nos logares citados do «Port. Ant. e Moderno.»

D. Lourenço Soares de Valladares

Já dissemos que d'este cavalheiro, procedem quasi todas as casas reinantes da Europa. Foi bisneto de D. Soeiro Arias de Valladares, tronco d'esta nobilissima familia, em Portugal, como já fica dito.

D. Lourenço foi fronteiro-mór da *Ribeira do Minho*, em tempo de D. Affonso II, D. Sancho II, e D. Affonso III. — Foi um dos mais bravos e fieis guerreiros do seu tempo, e teve numerosa descendencia.

Os Abreus

Entraram no senhorio de Valladares (diz J. A. d'Almeida, no seu *Dicc. abrev.*) os Abreus — sendo o 1.º —

«*Vasco Gomes d'Abreu*, senhor da casa, torre e couto de Abreu, em Merufe, alcaide-mór de Lapella, Melgaço e Castro-Laboreiro, em tempo de D. Pedro I, e de seu filho, D. Fernando I. (Vide 5.º vol., pag. 194, col. 1.ª e 2.ª) Nas guerras que houve entre Portugal e Castella (por causa das pretenções de D. João 1.º de Castella, com o fundamento de ser casado com D. Beatriz, filha de D. Leonor Telles de Menezes) este Abreu, não quiz entregar ao nosso D. João I, em 1385, o castello de Melgaço. onde então se achava, pelo que o rei portuguez lhe tirou o senhorio de Valladares e outros.

Vasco Gomes d'Abreu, era parente de D. Aldonça de Vasconcellos, mãe da rainha D. Leonôr Telles de Menezes, e, por isso, seu partidario.

Correias, de Farelães

Perdido o senhorio de Valladares, pelos Abreus, D. João I o deu, em 1388, a Affonso Vasques Correia, descendente do valoroso D. Soeiro Paes Correia. (Vide 7.º vol., pag. 526, col. 1.ª) [1]

Depois—não sei porque titulo—passou o senhorio d'esta villa, para os Noronhas, marquezes de Villa-Real, de Traz-os-Montes.

Havia apenas sete mezes, que tinhamos sacudido o ominoso jugo de Castella, quando D. Sebastião de Mattos e Noronha, arcebispo de Braga, seduziu D. Luiz de Menezes, marquez de Villa Real, tão rico em pergaminhos, como pobre de intelligencia e patriotismo, para levarem a effeito o assassinio de D. João IV, e entregarem o reino ao *Diabo do Meio-dia*. O marquez, que era tão estupido como ambicioso, facilmente annuiu, e fez mais, arrastou á tentativa de regicidio, seu filho, D. Miguel de Noronha, duque de Caminha. [2]

Do mesmo modo, e sob as mais lisongeiras promessas, de um brilhante futuro, arrastou e arcebispo a seu sobrinho, Ruy de Mattos de Noronha, conde de Armamar, mancebo falto de experiencia — a D. Agostinho Manoel de Vasconcellos, cavalleiro da ordem de Christo, e um dos primeiros fidalgos d'aquelle tempo, e homem de basta intelligencia, mas pobre, e ao qual o arcebispo prometteu uma brilhante posição.

Alem d'estes, ainda o prelado (a quem D. João IV havia feito seu conselheiro e cober-

---

[1] Os leitores, provavelmente, se hão de aborrecêr de tantas citações; mas se eu assim não fizesse, tinha de repetir em muitos logares, o que havia dito no primeiro.

[2] O duque oppoz-se ao principio, tenazmente, a tão criminosa tentativa, notando ao pae as tristes consequencias de semelhante projecto, mesmo que o crime se realisasse; mas o marquez, tanto instou, que o filho, mais por obediencia do que por vontade, tomou o partido dos conspiradores.

to de honras e dignidades) seduziu outros individuos.

Não se sabe com certeza, quando e como se descobriu a conjuração (Vide 1.º vol., pag. 445, col. 1.ª e 2.ª) O que é certo, é que o rei foi informado de tudo, sabendo até o dia em que se havia de perpetrar o regicidio (5 de agosto de 1641.)

Andou tudo com tanta pericia e segredo, que no dia 28 de julho, foram prezos QUARENTA E NOVE dos conjurados. Um d'elles—*Pedro Baéça* (ou *Béça*) posto a tormentos, descobriu todo o plano da conspiração. Era pôr fogo a Lisboa, por varias partes, e no meio da confusão que o incendio forçosamente causaria, asssassinar o rei, a rainha, o principe e os infantes, e acclamar D. Philippe II.

Os presos foram encerrados em differentes logares, e do respectivo processo consta que o crime foi plenamente provado.

D. João IV (que era um *pobre homem*, como seu neto, D. João VI) quiz perdoar aos traidores, porém a rainha D. Luiza de Gusmão, o conselho de estado, e os grandes do reino (apesar de parentes dos principaes conjurados) se oppozeram tenazmente ao perdão.

D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, e um dos mais fieis vassallos do rei, e ainda outros padres e frades, fizeram as maiores diligencias para subtrahir ao castigo o duque de Caminha, dando como razão, que o seu crime não era tão grave nem tão plenamente provado como o dos seus cumplices; que era um joven dotado de bizarras prendas, recem-casado, e unico successor da opulentissima casa de Villa-Real.

D. Rodrigo da Cunha, implorou o perdão d'este mancebo infeliz, á rainha D. Luiza de Gusmão, que lhe respondeu — *O mais que posso fazer-lhe, é não dizer a ninguem que me fez semelhante pedido.* (Para evitarmos outras repetições, vide no vol. 9.º, pag. 229, col. 2.ª e seguinte.)

No dia 29 de agosto (31 dias depois da prisão dos traidores) via-se na praça do Rocio, de Lisboa, do lado do O., em frente da egreja do hospital de *Todos os Santos* (proximo ao quarteirão occidental da praça, construido depois do terramoto de 1755, e que pertence á nobilissima casa dos senhores duques de Cadaval, uma morada de casas e, na sua frente, uma platafórma, elevada á altura do primeiro andar das ditas casas, e n'ella 4 cadeiras — uma, sobre 3 degraus — outra, sobre dous — outra, sobre um, e a 4.ª sobre o pavimento.

Cada uma das cadeiras estava encostada a um póste — tudo coberto de panno preto.

Na vespera, os reus haviam recebido os soccorros da religião, e confessando o crime, se mostraram arrependidos.

Pelo meio-dia, subiu ao fatal theatro, o o marquez de Villa-Real, vestido de baeta preta, roçagante, acompanhado de alguns dos seus criados, e de uns poucos de irmãos da Misericordia (da qual n'aquelle anno era provedor o reu) e alguns padres. Sentou-se na cadeira dos dous degraus — que lhe tinha sido indicada — e alli foi degolado. — Subiu o duque de Caminha, que fôi degolado na cadeira de trez degraus — Depois, o conde de Armamar, na de um degrau — e Agostinho Manoel de Vasconcellos, no que estava no pavimento. Apenas os tres primeiros foram degolados, se cobriram os cadaveres com um panno de seda preta; mas quando morreu o ultimo, se descobriram todos os quatro e se exposeram ao publico, que rompeu em vivas ao rei, á rainha e á casa de Bragança.

Os corpos dos quatro reus, alli ficaram até á meia noute, sendo então levados, *na tumba da Misericordia*, á egreja de Nossa Senhora dos Remedios, dos carmelitas descalços, onde foram enterrados sem pompa.

Assim acabou a casa dos marquezes de Villa-Real, uma das maiores do reino, pela origem e pela riqueza, sem deixar descendentes, pois que o duque seu filho, tambem ainda não tinha successão.

Os que desejarem saber a origem da familia dos Noronhas, vejam no 4.º vol., pag. 440, col. 2.ª e seguinte.

D. Miguel de Noronha, tinha sido feito duque de Caminha, por D. Philippe IV. Este mesmo usurpador, depois de degolado o duque, fez duqueza de Caminha, a D. Maria Beatriz de Menezes e Noronha, casada com

D. Pedro Porto-Carrero, 8.º conde de Medilim (Hespanha) e irman do traidor. Este titulo, foi dado á familia d'esta senhora, *in perpetuum* (devia dizer, *in partibus*) e as honras de grande de Hespanha, de 1.ª classe.

No mesmo dia e logar, foram enforcados *Pedro Baeça*, *Belchior Correia da Fonseca*, *Diogo de Brito Nabo*, e *Manoel Valente*.

No dia 9 de setembro do mesmo anno, e pelo mesmo crime, foram enforcados em frente do Limoeiro, *Christovam Cogominho*, e *Antonio Correia*.

N'esta conspiração, entravam alguns judeus, a quem se tinha promettido *liberdade de culto*.

O arcebispo de Braga, foi condemnado a prisão perpetua (em attencção á sua dignidade) e morreu em um carcere da torre de S. Julião da Barra, verdadeiramente arrependido do seu crime, e pediu que o enterrassem no adro de qualquer egreja, sem inscripção alguma, *para que d'elle não ficasse memoria.*

D. Francisco de Castro, inquisidor geral, reu do mesmo crime, foi sentenciado a prisão perpetua, mas, passados, annos, foi perdoado.

Muitos dos prezos, foram julgados innocentes, e postos em liberdade; outros morreram nas prisões.

Notemos que D. João IV, tinha nomeado conselheiros de estado, entre outros, ao arcebispo de Braga, ao inquisidor geral, e ao marquez de Villa-Real.

—

Os reus d'alta traição, foram exautorados de todos os seus titulos, fóros, preeminencias e dignidades, e seus bens foram sequestrados para a corôa, formando-se então com estes bens e rendas, a grande *Casa do Infantado*, da qual foi primeiro possuidor, o infante D. Pedro, filho do rei, e depois D. Pedro II.

—

O marquez de Villa-Real, tinha 52 annos — seu filho, 27 — o conde de Armamar, 24 — D. Agostinho Manoel de Vasconcellos 58. Este ultimo, era homem muito instruido, deixando impressas varias obras — entre ellas — *Vida de Don Duarte de Menezes, tercero conde de Viana, y successos notables de Portugal en su tiempo* — *Sucession del Filipe segundo en la corona de Portugal* (impressa em Madrid, no anno de 1639)—*Vida y acciones del rey Don Joan segundo, decimo tercio de Portugal*, tambem impressa em Madrid, no anno de 1639—*Manifesto na acclamação de El-Rei D. João IV*, Lisboa, na imprensa de Manoel da Silva, 1641.

Vê-se que este homem era castelhano, até nos escriptos, posto que no ultimo se fingia portuguez.

E' n'esta freguezia, o mórgado do Hospital, tão nobre como antigo, e solar dos Queirozes Machados de Vasconcellos. Ha n'elles o fôro de fidalgo da casa real.

Foi seu ultimo mórgado, Estevam de Queiroz Machado e Vasconcellos, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de São Bento de Aviz, tenente coronel de infanteria e governador de Melgaço.

É actual representante d'esta esclarecida familia, o sr. Joaquim de Queiroz Machado e Vasconcellos, feito barão do Hospital, em 30 de julho de 1855.

VALLADARES — freguezia, Beira Alta, comarca de São Pedro do Sul, concelho de Vousella, 24 kilometros ao N. de Viseu, 295 ao N. de Lisboa. 295 fogos

Orago, Nossa Senhora do O' (Espectação) Bispado e districto administrativo de Viseu.

Pôsto ser uma freguezia mais antiga que a monarchia portugueza, não vem no *Port. Sacro e Profano!*

É em *Terra de Alafões* (ou *Lafões.*)

—

Os mais antigos documentos que achei d'esta freguezia, são — 1.º do anno de 1139. Então, D. Affonso Henriques, querendo *fazer graça e mercê*, a D. João Peculiar, bispo do Porto, fez doação do Couto de Valladares (que depois se chamou *Couto de Baixo*) ao mosteiro de S. Christovam de Alafões, e ao seu prior, João Cerita.

2.º — de 1155. N'esse anno, D. Odorio, bispo de Viseu, e seu cabido, demittiram ao

referido mosteiro de S. Christovam, todos os direitos episcopaes que tinham na *grijó* (egrejola, ou egrejinha) de Valladares.

3.º—Em 1161, o rei D. Affonso Henriques deu ao abbade D. Miguel, e a todos os seus frades, *qui Ordinini Sancti Benedicti tenent, et tenebunt*, o couto da Trapa e Paçô (chamado *Couto de Cima.*)

N'estes dous coutos— Valladares, e Trapa e Paçô — os abbades do tal mosteiro de S. Christovam, exerciam a jurisdicção episcopal, sem contradicção dos bispos de Vizeu.

O abbade da *eccliziola* (grijó, vulgarmente) de Valladares, *doou*, ou, mais propriamente, *vendeu* — ao abbade D. Miguel e aos seus frades, *pelo muito amor que lhes tinha et pro eo quod dedistis mihi XX numus aureos* — e D. Odorio, bispo de Viseu e seu cabido, cedeu ao mosteiro, todo o direito que podiam ter nos fructos, rendas e obvenções da dita egreja, declarando, que fazem esta doação e cedencia «*pro remedio animarum nostrarum, et pro eo* quod dedistis nobis hunam Luram mensalem obtimam, apretiatam in trijinta morabttinis : et etiam insuper semper in anno pro Censura hunam Libram Cerae, per pesum de Alafões, etc., etc.» *Facta carta testamenti III, Idus Decembris E M.C. LXIII* (Era de 1163— isto é — anno de J. C. 1125.)

Assignaram e deram o seu consentimento, 17 capitulares, não se achando outra dignidade mais do que o arcediago, que se chamava *Pelagio*.

—

É em vista d'estas doações e cedencias, que o abbade do mosteiro de S. Christovam de Lafões tinha jurisdicção *quasi episcopal*, no couto e freguezia de Valladares, e apresentava o seu parocho — abbade secular —

—

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do paiz. Cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes e bosques ha abundancia de madeira e lenha, e muita caça.

VALLADEIRA — logar do Alemtejo, termo da villa do Redondo e em um dos melhores sitios da serra d'Ossa.

Foi aqui construido o mosteiro de S. Paulo, tão antigo, que se ignora a data da sua fundação, e o nome do seu fundador.

Nos seus principios, não era propriamente um mosteiro, na rigorosa acepção da palavra. Era um retiro de anachorêtas, que, á semelhança dos da serra da Arrabida, no Cabo do Espichel, viviam em grutas ou cabanas, espalhadas pela serra.

Em 1182, *D. Fernandanes* (Fernando Annes) com seu capellão, Rogerio, e outros cavalleiros, depois de um rude combate que tiveram com os mouros, junto a Evora, decidiram deixar o mundo, e entregarem-se á oração e penitencia. Vieram para esta serra, onde encontraram os antigos anachorêtas, que convidaram a viver juntos, ao que elles anquiram.

Fundou então Fernandanes uma ermida, e cellas pequenas contiguas, no sitio chamado *Valladeira*, que era um dos menos agrestes da serra. O bispo d'Evora, lhes concedeu um sacerdote, para coadjuvar o capellão, na administração dos sacramentos, e para dizer missas, e assistir aos mais officios divinos.

Divulgou-se a fama das virtudes d'estes ascetas, e o povo d'aquelles contornos alli concorria a confessar-se, ouvir missas e sermões, e a dar avultadas esmolas aos anachoretas. Alem d'isso, varios individuos, desprezando as glorias do mundo, se reuniram aos religiosos da Valladeira.

Em 1386, com as esmolas dos fieis, que tinham guardado, e com donativos de D. João I, se construiu, um pouco acima da antiga ermida, uma boa egreja e um mosteiro, com os seus competentes claustros, dormitorios, e mais officinas.

Um dos principaes fundadores do novo mosteiro, foi Gonçalo Vasques, cavalleiro muito rico e de rara virtude, que, com Gil Martins, deão d'Evora, para aqui vieram residir.

Sem serem frades professos, seguiam a regra de S. Paulo, 1.º eremita.

Em 1575, o pontifice Gregorio XIII, approvou este instituto, tornando-o em verdadeiro convento de eremitas da ordem de São Paulo.

Fez-se então uma nova reforma e profissão

dos eremitas, e fundou-se uma magnifica egreja, e o vasto dormitorio do sul, tudo com muita solidez e elegancia, gastando-se n'estas obras, muitos mil cruzados. Construiu-se pouco depois um outro dormitorio, sobre a casa *De profundis*, com uma fonte que levava a agua a todas as officinas, e n'elle se fez a sala da bibliotheca, que chegou a ser importantissima. Construiu-se ainda outro dormitorio, que remata a parede da capella-mór da egreja, com varandas guardadas por grades de ferro, e com quatro capellas.

A sachristia, que era sumptuosa, estava adornáda com riquissimos quadros dos melhores pintores d'esse tempo, custosos caixões dourados, e grandes espelhos. Ha aqui uma formosa e rica ermida do Senhor dos Passos; e o pavimento da sachristia, é de pedras de marmore preto e branco, em xadrez, tendo no centro uma grande mesa de marmore preto, vindo das pedreiras de Montes Claros, e tão bello como o melhor de Italia.

Em um dos dormitorios, ha uma vasta quadra, onde se admiravam, em quadros a oleo, os retratos dos papas, monarchas e bemfeitores que favoreceram este convento. Era n'esta sala que se faziam as eleições. No dormitorio de noviciado, havia uma linda capella de Nossa Senhora da Conceição, na qual em todos os sabbados do anno, se cantava uma missa á padroeira — e outra capella, dedicada a Nossa Senhora da Piedade.

A cêrca, que era vasta, comprehendia um ameno bosque, jardim, hortas, pomares, campos, e fontes, de optima agua, que alli rebentam em abundancia.

Em frente do mosteiro, estavam as hospedarias, onde os frades recebiam, gratuitamente, todos os hospedes ou romeiros que hiam visitar o mosteiro.

Era casa capitular, e aqui residia o geral da ordem. Tinha em 1834, sessenta frades, incluindo os *leigos*, e muitos creados.

As suas rendas, regulavam por 200 moios (12 mil alqueires de pão!)

Em 1834, foi saqueado este mosteiro, levando-lhe os ladrões os melhores livros, as mais ricas alfaias, e os mais custosos paramentos.

O edificio foi vendido, e é hoje uma propriedade particular.

VALLADO — quinta, Beira Alta, na freguezia de Espadanêdo, comarca e concelho de Sinfães.

Fica esta quinta, sobre a margem esquerda do Douro, e perto da direita do Paiva, na sua confluente com aquelle — e em frente (ao S.) da freguezia d'Alpendurada.

Barões do Vallado
(d'esta quinta.)

Manoel Luiz Correia, 1.° barão do Vallado, feito em 21 de janeiro de 1837. Era commendador da ordem da Torre e Espada, cavalleiro das da Conceição e Aviz, condecorado com a granada de ouro, pelas campanhas das guerras da Catalunha e Rossillon, com a cruz d'ouro, n.° 4, das campanhas da guerra peninsular, e com a medalha de commando na batalha de Nive. Nasceu a 2 de dezembro de 1772. Casou com D. Maria Magdalena Pinto Tameirão, nascida a 22 de julho de 1780, e filha de Manoel Teixeira de Novaes, e de D. Anna Margarida Pinto de Novaes Tameirão. Todos já fallecidos.

—

Raymundo Correia Pinto Tameirão, 2.° barão do Vallado, filho unico do 1.° — nasceu a 21 de maio de 1807. Casou com D. Isabel Julia Teixeira, filha de Custodio Teixeira Pinto Basto, do Porto.

Obteve o titulo, a 17 de setembro de 1851.

—

Augusto Correia Pinto Tameirão, 3.° barão do Vallado, filho do 2.° — obteve o titulo, em 9 de agosto de 1855.

—

O 1.° barão do Vallado, era filho de José Luiz Correia, que falleceu a 30 de março de 1823, e de D. Josefa Maria do Nascimento Correia, filha de Antonio José Correia, e de D. Anna Ferreira. Já fallecidos.

VALLADO — freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alcobaça (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho da Pederneira) 105 kilometros ao N. de Lisboa, 275 fogos.

Orago, S. Sebastião.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, nem d'esta terra pude obter mais informações.

VALLADO — (costa do) — Douro, na comarca d'Aveiro (extincta comarca d'Esgueira.) Foi villa, e solar dos *Costus*, de que procedem os condes de Soure, os senhores de Pancas, os mórgados de Villarinho e outras familias illustres d'este reino.

VALLARIÇA, ou **VILLARIÇA** — Vide *Azinhoso, Moncôrvo, Sabôr, Santa Cruz da Villariça*, e *Val da Villariça*.

VALLE — freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira (até 24 de outubro de 1855, foi do concelho de Fermedo — então supprimido — e da comarca de Arouca — mas, antes de 1834, tinha sido do mesmo concelho de Fermedo, comarca da Feira) 24 kilometros ao O. de Arouca, 12 ao N. O. de Oliveira de Azemeis, 11 ao N. E. da villa da Feira, 11 ao S. O. do rio Douro, 15 ao O. da villa de Sobrado de Paiva, 26 ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa. 296 fogos.

Em 1768, tinha 179.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação.)

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro, d'onde dista 70 kilometros ao N. E.

O *Port. Sacro*, diz que o real padroado apresentava o vigario, que tinha 90$000 réis de rendimento annual. E' êrro. Esta parochia, era vigariaria, unida ao collegio jesuita, de S. Lourenço, da cidade do Porto, que apresentava o vigario, o qual tinha 200$000 réis de renda annual, além dos passaes. Pela suppressão da Companhia de Jesus, em 1759, passou o padroado d'esta égreja, para a Universidade de Coimbra, a qual apresentava o reitor (porque então passou a reitoria) o qual não podia ser aqui parocho, sem ser formado em qualquer faculdade, pela mesma Universidade. Depois — em 1854 — passaram os parochos da freguezia a denominarem-se abbades — O primeiro, foi Manoel José Gonçalves Tavares, que morreu abbade em Louroza (para onde tinha sido mudado a seu requerimento) em 1881. O 2.º abbade — o actual — é o Rev.º sr. Domingos Soares d'Azevedo, um dos parochos mais illustrados da comarca da Feira, irmão do não menos illustrado presbytero, o Rv.^mo sr. João Soares de Azevedo, abbade da freguezia de Romariz (no mesmo concelho) e vigario da vara, do 4.º districto da comarca ecclesiastica da Feira, primos do auctor d'esta obra.

No logar de Oliveira, d'esta freguezia, ha a antiga ermida de S. Thomé, apostolo. E' pequena, e está em pessimo estado; porque um lavrador do logar de Arilhe, da mesma freguezia, está possuindo um bom campo, patrimonio da ermida, com a obrigação de a reparar; mas só cuida em empregar os rendimentos do tal campo em sua propria utilidade.

No logar da Paradella, d'esta freguezia, existiu até ha poucos annos, um oratorio particular, da familia Soares d'Azevedo, mas foi vendido o seu altar, por um dos seus possuidores, e o oratorio, está hoje reduzido a um velho quarto.

E' d'esta familia que procede o auctor d'esta obra, e os dous referidos parochos.

Vide *Carvalhal*, aldeia — a pag. 133, col. 2.ª do 2.º volume, e *Paradella*, a 1.ª de pag. 469, col. 1.ª do 6.º volume.

E' terra muito fertil. Gado e caça.

Aqui falleceu, em 1845, o padre Bernardo da Conceição, que tinha nascido na aldeia de Tanhel, freguezia de Fermêdo, em 1740.

A Companhia de Jesus, tinha junto á egreja matriz (e só separada d'ella pelo caminho) um hospicio, e grande quinta annexa, chamada *dos Passaes*, nome que ainda conserva. Na extremidade S. O. da quinta mandaram os jesuitas construir uma casa, para residencia do parocho, e lhe annexaram alguns campos e um matto, para passaes do mesmo. E' aqui onde reside actualmente o abbade da freguezia.

A *quinta dos Passaes*, que comprehende vastos e ferteis campos (com abundancia de agua para beber e regar) mattos e pinhal, tudo cercado de parede, comprehendendo no seu ambito a residencia e passaes novos, e que antigamente, como vimos, pertenceu ao hospicio dos jesuitas, era, d'esde 1759,

arrendada a varios caseiros. Depois, foi tudo (menos a residencia parochial e passaes novos) emprazado pela Universidade, a uma familia muito distincta, de appellido Castro, que a possuiu muitos annos. O chefe d'esta familia, levou-a para o Brazil, para onde foi despachado juiz de fóra, deixando a quinta entregue a uma irman, de nome D. Michaela de Castro (vulgarmente, *D. Michaela dos Passaes*, por alli ter sido nascida e creada.) Era uma bôa e simples senhora, pelo que os creados, abusando da bondade d'ella, a roubavam, e cultivavam mal os campos, de módo que a âma não tinha com que pagar a renda á Universidade; e assim foram hindo as cousas, até 1826. N'este anno, morreu o reitor—Manoel José da Conceição, irmão de centenario padre Bernardo, de quem já fallei—e veio substituil-o, o bacharel em theologia, Antonio José de Souza Ribeiro, que apenas tinha ordens menores, natural da villa de Agueda, e de uma familia de alcunha *os Cabaços*. Foi á custa dos rendimentos parochiaes d'esta freguezia, que elle tomou ordens de sub-diacono, diacono e presbytero, e disse a sua primeira missa.

Soube este *exemplarissimo e caridoso* padre, que a quinta dos Passaes devia alguns annos de renda á Universidade, e tentou uma acção de commisso contra os Castros, que já então eram brazileiros naturalisados, por estarem n'aquelle imperio quando se declarou independente. Foram os Castros citados por editos, a que não responderam, pelo que a quinta foi entregue ao denunciante, com a mesma renda de 30$000 reis annuaes, quando podia e devia render mais de 200$000 reis.

O *Cabaços*, pôz logo fora da quinta a infeliz D. Michaela, que morreu de miseria, depois de ter, por alguns annos, vivido da caridade publica, sem que o denunciante se lembrasse nunca de lhe dar a mais insignificante esmola. (Não commento, que não é precizo....)

Em 1828, transformou-se o Cabaços em um furibundo realista, e offerecendo-se para testemunha, nos processos contra os liberaes, foi a principal contra o infeliz Bernardo Francisco Pinheiro, levando com o seu requerimento—em grande parte falso—á forca, no dia 7 de maio de 1829, aquelle desgraçado!—Vide, no 7.° vol., pag. 328, col. 2.ª—e 9.° vol., pag. 452, col. 1.ª

Bernardo Francisco Pinheiro, era com effeito liberal, e annuiu á revolta de 16 de maio de 1828; mas, nem foi perseguidor de realistas, nem mesmo prestou grandes serviços aos liberaes. A unica cousa que fez a favor d'estes, foi marchar com as suas ordenanças, até Carvoeiro, na margem esquerda do Douro, na intenção de passar para o norte, e alli acclamar a *rainha e carta* (como então se dizia) mas, sabendo alli—em Carvoeiro—da derrota dos liberaes, desde a Cruz dos Merouços até ao Porto, e que elles fugiam, os principaes para a Inglaterra, e os outros para a Galliza, mandou debandar a sua guerrilha, e metteu-se em casa.

Já se vê que isto foi um acto insignificantissimo, mas o Cabaços e *outro*, que não nomeio,[1] tal juramento fizeram, que o infeliz foi comprehendido no numero dos que tiveram sentença de forca. Que bom ministro de J. C., foi aquelle padre!...

Continuemos com as infamias, que não pararam no que fica dito.

O Cabaços, em 1834, fugiu para as margens do Vouga, com justo receio da merecida vingança.

Havia então n'esta freguezia um despre-

[1] Não o nomeio, porque seus filhos não podem ser responsaveis pelas infamias do pae, muito mais, sendo elles—como são—verdadeiros homens de bem—e certamente se envergonhariam se lhe nomeasse o pae. Note-se que os filhos são, não só liberaes, mas até republicanos, e o pae tambem em 1834 se fez um grande liberal!....

sivel tamanqueiro, que durante o reinado do sr. D. Miguel, foi guerrilha e feroz perseguidor de liberaes; mas em 1834, transformou-se em liberal façanhudo, sentou praça em um tristemente celebre *batalhão de voluntarios das Quatro Villas*, composto pela maior parte, de assassinos e ladrões; e que só se organisou para matar e roubar, porque os liberaes já a esse tempo não precizavam de gente.

Este tamanqueiro—chamado *Antonio José Baptista Roballo* — para dar uma prova do seu *incontestavel* liberalismo, juntando-se com outro, tão bom como elle, em uma noite de junho de 1834, foi-se ás cruzes de pedra, do Calvario da freguezia, e deitou tudo por terra! Por esta *façanha,* foi logo feito 2.º sargento do tal *batalhão* (que merecia mais o nome de *quadrilha.*)

Mas isto ainda era pouco. Principiou a dizer que sua mãe era filha bastarda do tal Castro, legitimo possuidor da *quinta dos Passaes*, e sem mais documentos, do que um mandado de sequestro, nullo, porque nem estava assignado pelo corregedor da comarca (então ainda havia corregedores) tomou posse da quinta, e mandou vender em leilão toda a mobilia, vinho, cereaes, legumes, etc., que achou em casa, e embolsou o dinheiro!

Ainda era viva a infeliz D. Michaela, que devia ser contemplada com alguma cousa, visto ser a unica parenta legitima dos Castros, em Portugal; mas o tamanqueiro, posto chamar-lhe *tia*, deixou-a andar a mendigar, e por fim, a morrer de fóme. (Era digno do Cabaços, e este digno d'aquelle — *Ejusdem furfuris*.

Fez-se, o tamanqueiro, escrivão do juiz de paz, e como tal, praticou toda a qualidade de ladroeiras e patifarias; porque n'aquelle tempo, os inventarios eram processados nos juizos de paz, e era nos inventarios que elle commettia mais ladroeiras.

Apezar de ser um miseravel covarde, como então era a *época do terror*, foi por alguns annos temido dos lavradores pacificos d'aquelles sitios; mas, nem todos o temiam — por exemplo — um dia, vinha de uma taberna, tocando viola, e encontrou no seu caminho um alfaiate velho, que tinha sido sargento da sua companhia de guerrilhas miguelistas — e disse-lhe — «Ah, seu caipira! Vossê tem a pouca vergonha de olhar para mim? Se o torno a encontrar, *acabo-lhe com a casta.*» — O alfaiate não respondeu uma unica palavra, mas fez melhor — com um varapau que trazia, atirou-lhe uma pancada, que o *valentão* amparou com a viola, que ficou feita em cavacos, e depois o bom do alfaiate — apezar de ser velho, e o tamanqueiro novo — deu n'este uma bôa toza. Este alfaiate, chamava-se *Domingos Correia.*

Já se sabe, apenas tomou posse da quinta, foi logo installar-se com uma concubina e filhos, nas casas da quinta; e posto ter a egreja a 15 ou 20 passos, nunca foi á missa, nem se confessou, nem consentia que a amazia o fizesse.

Desde que levou a tunda que lhe deu o alfaiate, ficou com tanto mêdo, que andava sempre armado de carabina, pistolas e punhal; e mandou chapear de ferro todas as janellas que ficavam ao nivel do adro da matriz.

Isto durou oito annos.

Em 1842, o Cabaços, tratou de revindicar o que — bem ou mal — era seu, o que lhe foi summamente facil, porque o juiz de direito da Feira, era um magistrado honradissimo, e a cauza — *segundo a lei* — era justa.

O intruso, foi expulso, e tudo quanto tinha em casa — que pouco valia — foi penhorado, pelas custas e rendimentos, ficando o tamanqueiro reduzido á miseria, porque então já nem era escrivão de paz.

Passados annos, veio a morrer pobrissimo, tendo apenas uma miseravel taberna, a 10 ou 12 kilometros do Valle, na freguezia de Canêdo, onde tambem tinha sido escrivão do juiz eleito, mas que fôra demittido, por ladrão.

Mas o Cabaços não era homem que se contentasse com a quinta e os moveis do tamanqueiro: obteve uma sentença com *trato successivo*, contra o tamanqueiro, protestando que, em quanto o seu antagonista fosse vivo, lhe havia de fazer penhora no

que tivesse, por mais insignificante que fosse, ainda que as custas importassem no decuplo do que valessem os objectos penhorados.

Fez mais — Mandou citar todos os que compraram a mobilia, e fructos da quinta, no leilão illegal de 1834, por quantias exorbitantes, que lhe pagaram! — Basta dizer que — um pobre lavrador de Lourêdo, chamado Manoel Ferreira Grillo, que tinha arrematado por 600 reis umas poucas de abóboras, foi citado por VINTE E QUATRO MIL REIS!... O homem era um furioso demandista, e oppôz-se á exigencia judaica do padre; mas decahiu, e alem de pagar os 24$000 reis, pagou de custas, o quadruplo d'esta quantia.

O Cabaços vendeu a quinta, que é hoje propriedade de um cirurgião.

Terminarei este sudario de patifarias, dizendo que o Cabaços, nos ultimos annos da sua vida (elle já morreu ha 10 ou 12) se fez um famoso galopim eleitoral cabralista.

Já vêem os meus leitores, que eu tive razão quando atraz disse que o Cabaços era digno do tamanqueiro, e este digno d'aquelle.

—

Houve em tempos remotos, n'esta freguezia, uma ermida dedicada a Santa Christina, da qual apenas resta a memoria, e o nome de *Santa Christina*, á aldeia onde ella existiu. Tambem n'esta aldeia houve um forno de cozer telha e tijolo, do qual apenas existem vestigios.

Nasceu e morreu n'esta aldeia, *José Francisco Antonio Correia*, o maior proprietario da freguezia, e capitão de ordenanças, que falleceu com 65 annos de edade, a 18 de fevereiro de 1848.

Foi o homem mais generoso e caritativo d'estas terras. Ao pé d'elle não havia pobreza nem miseria; porque soccorria a todos que precizavam recorrer á sua caridade. Se ardia a casa de qualquer pobre, mandava-lh'a immediatamente reconstruir e mobilar, melhor do que estava antes do incendio.

Seguiu sempre o partido legitimista até aos seus ultimos momentos, e era uma especie de Silveira, do concelho de Fermedo. Se quizesse fazer uma revolta, todos os homens validos o seguiriam; porque, alem das suas optimas qualidades que referi, era tambem um cavalheiro de forças herculeas e grande coragem, que só empregou em fazer bem.

Como capitão de ordenanças, fez toda a guerra do cêrco do Porto; mas em 1834, recolheu-se a sua casa, e apenas teve de fugir d'ella, n'um dia em que foi invadida por uma alcateia de voluntarios das *Quatro Villas*, commandados pelo seu alferes, — hoje *visconde!*... [1] que a pretexto de *procurarem armas e cartuxos* (que não acharam) fizeram *mão baixa* em tudo quanto lhes agradou, quebrando e destruindo o que lhes pareceu.

Esta *gente*, porém, não era da freguezia, mas de outras distantes.

Além d'este *saque*, nada mais soffreu; e ainda hoje é lembrado com sincera saudade de quantos o conheceram e estimaram, o *capitão Santa Christina*. [2]

—

No adro d'esta egreja, está enterrado meu virtuoso pae, o sr. José Mathias Barbosa Leal, tenente quartel-mestre do batalhão de caçadores n.º 3, convencionado em Evora-Monte, e assassinado pelos liberaes, a

---

[1] O antigo alferes, e moderno visconde, levava umas botas escalavradas, e *forneceu-se* em Santa Christina de umas novas, que alli achou, pertencentes ao capitão Correia — Hia a pé, e sahiu de lá montado n'um cavallo, que *conquistou* ao mesmo capitão. Devia aqui pôr por extenso o nome d'este... *conquistador*, mas não o faço, por caridade christan; e porque é filho de paes honradissimos, e irmão de um magistrado honesto, probo e intelligente. Teve mais 6 irmãos (que já morreram) todos verdadeiros homens de bem. («Vede da natureza o desconcerto!»)

Por esta mesma occasião, o tal *sr. alferes* e a sua quadrilha deram saque á residencia do doutor Peres Galvão, abbade de S. Miguel do Matto, e lhe *liquidaram* uma boa mula e o mais que lhes fez conta.

[2] Foi enterrado na egreja matriz, com o seu fardamento, banda e espada, e com as honras militares, dando a policia da freguezia, as tres descargas do estylo, e pegando ao caixão, quatro capitães (um d'elles, liberal.) Assistiu a camara municipal, o administrador do concelho, juiz ordinario e quasi todos os empregados publicos.

17 de junho de 1834; apezar de nunca offender nenhum, antes foi um desvelado protector de alguns, durante o reinado do sr. D. Miguel, livrando-os do homisio, ou da cadeia, depois de ter promovido as suas justificações. (Vide *Vimieiro*, villa, do concelho d'Arraiolos.)

—

Esta freguezia, como outras muitas, é uma prova da disparatada divisão territorial da nossa terra. Como vimos no principio d'este artigo, fica distante 50 kilometros da cidade de Aveiro, e não tem alli negocio algum a tratar, a não ser os da sua dependencia do districto administrativo, ao qual pertence — tendo o do Porto, apenas a distancia de 30 kilometros, onde tem todos os seus negocios, tanto da importação, como de exportação; e para onde tem, além de uma boa e nova estrada á Mac-Adam, a via fluvial do Douro, por onde faz as suas principaes transacções.

Mais uma prova da estulticia da *divisão judicial*, feita pelo decreto de 24 de outubro de 1855, no qual se diz (com certeza por ironia) que a divisão que então se fez, foi *para commodidade dos povos*, (!!!) se vê na freguezia immediata (Louredo) no 4.º vol., pag. 451, col. 2.ª — Veja-se tambem o 2.º *Entre Ambos os Rios*, que ainda tem uma divisão judicial e administrativa, mais.... CURIOSA.

Esta freguezia é atravessada pela nova estrada de Arouca ao Porto; pelo rio *Inha*, e por varios regatos que a regam e fertilizam, e cujas aguas servem de motor a grande numero de moinhos de cereaes. Vide *Inha*.

—

Comprehende 24 aldeias, que são — 1.ª *Serralva* — 2.ª *Pecegueiro* (ambas meieiras de Canedo) [1] — 3.ª *Saguffo*, um só morador, 4.ª *Valle*, onde está a egreja matriz, — 5.ª *Costa-Má* — 6.ª *Marmorinha* — 7.ª *Louredinhó* — 8.ª *Póvoa* — 9.ª *Pena* — 10.ª *Santa-Christina* — 11.ª *Pena d'Alem* — 12.ª *Carvalhas* — 13.ª *Ramalhal* — 14.ª *Moutinhas* — 15.ª *Areial* — 16.ª *Cedofeita* — 17.ª *Arilha* — 18.ª *Quinta* — 19.ª *Torre* [1] — 20.ª *Paradella* — 21.ª *Chan* (estas trez *meieiras* da freguezia de S. Miguel do Matto, que é de outra comarca e differente concelho!) — 22.ª *Carvalhal*, uma só casa e 15 da freguezia de Romariz — 23.ª *Oliveira*, 15 casas, e trez da freguezia de Romariz — 24.ª *Ponte-de-Santa Ovaia*.

—

O cemiterio parochial, foi construido ha poucos annos, em um campo proximo á egreja. Foi um local pessimamente escolhido, por ser contra todas as indicações da hygiene, tendo um optimo logar, no sitio do Calvario, junto a Louredinho, que além de ser em um alto, e ao N. da freguezia, custava muito menos a expropriação, por ser matto.

—

A casa e pequena quinta da unica casa do Carvalhal que é d'esta freguezia, pertence ao auctor d'esta obra.

—

Desde o principio da monarchia, que Fermêdo — antes de ser concelho — era couto, dos condes da Feira. O couto de Fermêdo, comprehendia a freguezia d'este nome — e as de Mançores, Escariz (em parte) São Miguel do Matto, Valle, Romariz (em parte) e Lourêdo.

Depois de constituido o concelho, comprehendeu estas sete freguezias, na sua totalidade, e a de S. Silvestre de Duas Egrejas, hoje annexa á de Romariz.

Supprimido o concelho, pelo decreto de 24 de outubro de 1855, passou a freguezia do Valle, e a de Romariz, e sua annexa,

[1] Ainda por estas terras existe o absurdo anachronismo das povoações pertencentes simultaneamente a duas freguezias — *meieiras* — o que causa bastante transtorno, e ás vezes, desaguisados aos povos, e até entre os dous parochos. Com tantos e tão repetidos *arredondamentos*, ainda se não acabou com esta antigualha!

[1] Tem este nome, porque em tempos remotos, houve aqui uma torre, pertencente á familia *Albergaria*, á qual se uniu depois a dos Soares d'Azevedo, de Paradella. Ainda ha claros vestigios da tal torre, ao E. N. E. do logar, e proximo á aldeia de Cedofeita.

para o concelho da Feira, e as outras cinco para o de Arouca.

N'esta *acertada* divisão, arremeçaram para Arouca, a freguezia mais distante da séde do concelho d'este nome (Louredo) e mais proxima do que nenhuma outra do extincto concelho de Fermêdo, da séde do da Feira!—

Tinha o concelho de Fermêdo, uma companhia de ordenanças, da qual foi ultimo commandante, o referido *capitão de Santa Christina.*

Valle, é um appellido nobre de Portugal. O 1.º *Valle,* que o conde D. Pedro nomeia, no seu *Livro de Linhagens,* é Lôpo Fernandes do Valle. Os Valles, trazem por armas —em campo de purpura, 3 espadas de prata, com guarnição d'ouro, em palla, com as pontas para baixo—êlmo de prata aberto; e por timbre, as 3 espadas, atadas em roquête, com fita de purpura, e as pontas firmadas no virol do êlmo.

VALLE—quinta, Minho, na aldeia de Moimenta, freguezia de Cavêz, concelho de Cabeceiras de Basto.

E' uma rica propriedade, com excellente casa de habitação—jardim, hortas, pomares e terras de pão. E' seu actual proprietario, o sr. *Manoel Joaquim Alves Machado,* feito visconde de «Alves Machado» a 15 de maio de 1879. E' um opulento capitalista, do Porto, e cavalheiro que goza da estima geral, pelas suas bellas qualidades, sendo uma das principaes, a CARIDADE, que exerce em grande escala, e sem ostentação.

—

Era mais proprio, darem-lhe o titulo de *visconde do Valle,* mas não poude ser, porque, em 9 de outubro de 1835, tinha sido feito *barão do Valle,* Victorino José d'Almeida Serrão.

—

Ha ainda mais titulares do *Valle,* são—

Valle do Estevam—barão, em 28 de novembro de 1881, o sr. Albino de Oliveira Guimarães.

Valle da Gama—foi visconde d'este titulo, feito a 19 de junho de 1867, Ignacio da Cruz Guerreiro, que falleceu em Cintra, a 31 de julho de 1877.

VALLE—Vide *Valle de S. Thiago.*

VALLE—freg., Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 12 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1768, tinha 193.

Orago, S. Cosme e S. Damião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 900$000 reis de rendimento annual.

VALLE—freguezia, Minho, na mesma comarca, concelho, arcebispado e districto administrativo—e nas mesmas distancias.

Orago, São Martinho, bispo.

A mesa arcebispal de Braga, apresentava o vigario, collado, que tinha 80$000 reis de rendimento annual.

Ambas estas freguezias são muito ferteis.

VALLE—Vide *Val de Santarem.*

VALLE—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros ao N. O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 355 fogos.

Em 1768, tinha 300.

Orago, São Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O padroado real, apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

Muito fertil em todos os generos agricolas, gado, caça e peixe do Vez e do mar.

VALLES—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Alfandega da Fé, comarca da Torre de Moncorvo, 150 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1768, tinha 51.

Orago, a Santa Cruz.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de Sambade, apresentava o vigario, que tinha 16$000 réis de congrua e o pé de altar.

Pouco fertil—Muito gado e caça.

VALLES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Val de Paços, 105 kilametros a N. E. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768. tinha 50.

Orago, São Nicolau.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A mitra, apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé de altar.

Pouco fertil. Muito gado e caça.

VALLÕES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (foi da extincta comarca de Pico de Regalados, supprimido concelho de Aboim da Nóbrega) 24 kilometros ao N. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 47.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento annual.

Terra fertil. Grande abundancia de gado, de toda a qualidade, e muita caça grossa e miuda.

VALLONGO, ou **VALLE-LONGO** — freguezia, Beira Baixa (no Riba-Côa) comarca e concelho do Sabugal. (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Villa Maior) 120 kilometros ao S. E. de Lamêgo, 330 a E. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, Nossa Senhora das Neves. (O *Port. Sacro* diz que é Nossa Senhora da Conceição.) [1]

Bispado de Pinhel (foi do de Lamego) districto administrativo da Guarda.

O vigario da Nave do Sabugal, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé de altar; ao todo 50$000 réis.

Esta freguezia, como outras muitas do Riba-Côa, veio para a coróa portugueza, em 1282, em dote da rainha Santa Isabel, que n'esse anno casou com o nosso rei D. Diniz.

Emquanto foi dos reis de Aragão, pertencia ao bispado de Ciudad de Rodrigo, depois passou para o bispado de Lamego; e quando, em 1770, se creou o bispado de Pinhel, ficou fazendo parte da diocese d'este nome.

VALLONGO — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho, districto administrativo, arcebispado e 24 kilometros de Evora. 50 fogos.

Em 1768, tinha, 80.

Orago, São Vicente, martyr.

A mitra, apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 60 de cevada, de renda annual.

Fertil — Gado e caça.

VALLONGO — freguezia, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho d'Aviz, 65 kil. d'Evora, 135 a S. E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 70 — Orago, São Saturnino. Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Portalegre.

O rei, pelo tribunal da Mesa da Consciencia, apresentava o capellão, curado, que tinha de renda annual, 80 alqueires de trigo, 90 de cevada e 15$000 réis em dinheiro.

Fertil em cereaes, gado, colmeias e caça.

VALLONGO — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho da Fronteira, 70 kilometros d'Evora, 140 ao E. de Lisboa, 63 fogos.

Orago, S. Saturnino.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Muito fertil em cereaes, fructas, legumes e hortaliças. Muito gado de toda a qualidade e caça.

O *Port. Sacro*, não traz esta freguezia, nem d'ella pude obter mais informações.

VALLONGO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Alijó, concelho de Murça, 115 kilometros a N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 59.

Orago, São Gonçalo d'Amarante.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A collegiada de Guimarães, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua.

Fertil, bom vinho, gado e caça.

VALLONGO — Villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, comarca, districto administrativo, bispado e 12 kilometros ao N. E. do Porto, 312 ao N. de Lisboa, 850 fogos.

Orago, S. Mamede.

As freiras do mosteiro de São Bento da Ave-Maria, da cidade do Porto, apresentavam o reitor, que tinha 13$000 réis de con-

---

[1] E, com effeito, o seu antigo orago foi Nossa Senhora da Conceição.

grua e o pé de altar, ao todo, 200$000 réis.

O concelho de Vallongo, é composto de 5 freguezias, todas do bispado do Porto, e com 2:300 fogos. São — Alfêna, Asmes, Campo, [1] Sobrado, e Vallongo.

E' a 4.ª estação do caminho de ferro do Douro.

E' povoação muito antiga, como freguezia; mas a elevação á cathegoria de villa, foi depois de 1834.

Era no seculo passado, e ainda no principio d'este, do concelho de Aguiar do Souza, e comarca de Penafiel.

No foral da Maia, se dá a esta freguezia, a denominação de *Vallongo da Estrada*, para a differençar da aldeia de *Vallongo Jusão* (corrupto vocabulo, *Vallongo Suzão* — que é o contrario de *Jusão* — Vide *Jussãa.*) Esta aldeia, é na mesma freguezia.

O *Catalogo dos Bispos do Porto* (pag. 409, col. 1.ª) diz que ha n'esta freguezia, as ermidas de — *Nossa Senhora das Neves* — *Santa Justa* — *São Bartholomeu* — e *Santo Antão.*

E' uma das mais ricas e ferteis freguezias ruraes do bispado do Porto, com cuja cidade faz grande e valioso commercio, sobre tudo, em pão de trigo, biscoitos e pedras de lousa.

Está situada a villa, em uma planicie, ao sopé da Serra de Vallongo, famosa pelos numerosissimos vestigios de custosos e profundos trabalhos de lavra de minas de ouro e prata, feitos pelos arabes. Ainda ha aqui grandes minas de antimonio, carvão fossil, ardosias (lousas) que são as melhores de Portugal; todas em lavra activa.

A lavra das lousas, merece especial menção, e adiante tratarei d'esse objecto.

No alto da serra, ha um poço (provavelmente de antiga mineração) que sécca no inverno, e que no verão abunda em agua, com a qual se regam varias propriedades.

Na *Serra do Raio*, se vê grande quantidade de seixo miudo, espalhado pelo monte. Segundo a tradição, dá-se-lhe este nome, porque, em tempos remotissimos, cahiu aqui um raio que triturou todo este seixo.

Passava por esta freguezia a via militar romana, de Braga para Lisboa. Atravessava-se o Douro, em barcos, para o sul, no sitio de Crestuma, e perto da villa da Feira, hia entroncar na de *Calle* (Gaia) que hia a Talabrica, Conimbriga, (Condeixa a Velha) e Lisboa.

—

A egreja matriz é um templo magestoso, amplo, e sumptuosamente decorado, para o que concorreram, não sómente a confraria de Jesus, como varios devotos.

O fallecido bemfeitor, *Manoel Alves de Oliveira Queiroz*, natural d'esta villa, mandou em sua vida, dourar o altar do SS. Sacramento, e por sua morte, deixou a esta egreja —

3:000$000 réis para o douramento da capella-mór, 2:200$000 réis para dous lausperennes e 1:000$000 para um orgão.

Os altares das Almas, Senhora e Santo Antonio, foram dourados á custa dos bemfeitores, não só da villa como do Porto, e para o de Santo Antonio só o sr. Antonio Alves d'Oliveira Zina, deu a quantia de réis 100$000.

O de Jesus foi dourado á custa da confraria do mesmo nome; e o de S. João, pelos benemeritos bemfeitores os srs. Manoel Alves Saldanha e João Alves Saldanha.

Antes de tudo isto, já o sr. commendador José Alves Saldanha tinha dispendido em grades de ferro para o atrio da egreja réis 1:073$165, para um pallio 1:200$000 réis e para o cemiterio 200$000 réis; sendo pois este o primeiro iniciador das obras de ornato d'aquelle sumptuoso templo.

Tambem aqui cabe o louvor ao sr. Manoel Alves Saldanha pelos beneficios feitos á egreja no valor excedente a 800$000 reis.

Actos de tanta caridade e abnegação são dignos de que os seus conterraneos da villa de Vallongo dediquem á familia Saldanha o maior amor e respeito, porque tarde se encontrarão cidadãos tão caritativos, e que te-

---

[1] Campo, ou S. Martinho do Campo — antigamente *S. Martinho de Vallongo*, é povoação antiquissima, pois já existia em 897 de J. C. — Vide no 8.º volume, pag. 392, col. 2.ª.

nham tanto a peito os melhoramentos da sua freguezia.

O orgam, foi mandado vir de Inglaterra, por intermedio do sr. João Moreira da Costa Lima, do Porto, e custou 1:700$000 réis — sendo um conto de réis, do legado do dito Oliveira Queiroz, e 700$000 réis pela junta de parochia.

Foi inaugurado, em um domingo, 6 de fevereiro de 1881. E' um dos melhores orgãos do paiz.

—

No monte de Santa Justa — na serra de Vallongo — está a formosa ermida da mesma santa, á qual se faz em todos os annos, uma esplendida festividade, sempre concorridissima. Fica proxima á linha ferrea, e tanto na vespera da festa, como no dia, ha comboios de ida e volta, a preços reduzidos, da linha ferrea do Douro, para a estação de Vallongo.

Ermida de N. Sr.ª das Chans

Segundo memorias do tempo, conservadas por tradição, assim como se vê no *Sant. Mar.* (tomo 5.°, pag. 91) e na *Chorographia*, do padre Carvalho (tomo 1.°, pag. 374) — a origem d'esta ermida, é a seguinte:

Em 1625, um navio portuguez que regressava a este reino, soffreu tão grande tormenta, que estava a ponto de submergir-se. Os navegantes recorreram á protecção da S. S. Virgem, e um d'elles, chamado Thomé Antonio, natural de Campanhan, prometteu mandar construir uma ermida, dedicada á Senhora, se chegasse a salvamento. Ouvida a sua prece, cumpriu Thomé o seu voto; pois, apenas desembarcou, na cidade do Porto, foi procurar sitio adequado ao seu intento, e que fosse perto da sua freguezia. Escolheu um planalto, na serra de Vallongo, chamado *as Chans*, e alli se erigiu a ermida.

Os povos d'estes sitios — principalmente os pescadores e navegantes, tinham com esta Senhora grande devoção, e lhe faziam uma sumptuosa festa annual.

O fundador, em memoria da tormenta que esteve a ponto de o sepultar no abysmo do mar, e aos seus companheiros mandou fazer e collocar na ermida, um lindo navio, com a competente inscripção.

Louzeiras

A exploração da louza, é exclusiva do concelho de Vallongo. [1]

. . . .

«Excluindo a fabrica do *Gallinheiro*, que merece uma menção á parte, a extracção da lousa faz-se em cinco ou seis pedreiras, nas freguezias de Vallongo e São Martinho do Campo, empregando ao todo, 58 homens. D'estas, a maior, é a da *Companhia Actividade*, que por si só, emprega 12 homens.

«Tomando a collecta da companhia por base (pois todos as mais louseiras, estão excluidas da *matriz industrial)* procurámos orçar a producção total. Essa collecta, de 28$416 réis, representando 8,5 por 100 de rendimento, ou 330$000 réis, sendo liquido, 15 por cento do producto bruto, attingimos a cifra de 2:200$000 réis, que dividida pelos 12 operarios, dá a cada um, 180$000 réis — e aos 58 totaes, a somma de 10 contos de réis, approximadamente. Tal seria o producto total, excluida sempre a exploração da do Gallinheiro.

«Mas, além das 5 ou 6 officinas de extracção, ha em Vallongo 20 officinas de serra-

---

[1] Entre as freguezias de S. Pedro do Paraizo, e S. João Baptista da Raiva, ambas do concelho do Castello de Paiva, passa o ribeiro de Folgoso, que desagua no Arda. Este ribeiro, é atravessado diagonalmente, pela zona carbonifera de Paiva (2.° vol. pag. 185, col. 1.ª) e em ambas as suas margens ha uma abundante pedreira de louzas, em nada inferiores ás de Vallongo; mas sendo estas louzeiras propriedade de um lavrador da aldeia de Girellá, construiu sobre a pedreira, uns lameiros, que a cobriram, depois de se ter extrahido d'ella muitas toneladas de louzas, que se exportaram para differentes localidades.

Uma empreza que comprasse esta louseira e a explorasse convenientemente, auferiria um optimo resultado, visto que, além do consumo para o interior do paiz, o teria prompto para a cidade do Porto, da qual apenas dista uns 30 kilometros, fazendo-se a viagem pelo rio Douro, que fica apenas a 2 kilometros de distancia

ção, em que o trabalho de serra e plaina é todo braçal, e occupa de 80 a 100 operarios, vencendo o jornal medio de 300 réis.

«Nos ultimos trez annos, a industria fomentada pelas construcções industriaes do Porto, que lhe pediam principalmente placas de cobertura, tem decahido, já pela conclusão das obras do caminho de ferro, já pela preferencia dada á telha franceza, que ultimamente se tem introduzido. Que a lousa seja ou não preferida á telha, na cobertura dos edificios, é fora de duvida que a sua applicação em tanques, em ladrilhos, em infinitas peças de mobilia e adornos domesticos, póde, com vantagem, substituir a madeira e o marmore, dando um valor economico aos inexgotaveis bancos naturaes do concelho.

«E' para este fim, que a companhia ingleza *Vallongo stals and marbles, quarries*, tem dirigido os seus esforços. Fundada em 1865, constitue hoje uma exploração, já importante. A lavra dos bancos de louza, a *ceu aberto*, occupa 55 homens, 24 mulheres e 18 creanças, com os salarios respectivos, de 220 a 360, os primeiros — 120 a 140, os segundos — e 80 a 120 réis, as terceiras.

«As officinas de preparação consistem n'um systema de construcções abarracadas, contendo, uma machina motriz, de vapor, 4 plainas e trez serras mechanicas. O vapor move tambem um guindaste elevador; e as varias regiões do estabelecimento são communicadas por uma rede de pequenos trameways. Collocada na encosta fronteira da villa de Vallongo, e tendo de permeio a estação do caminho de ferro do Douro, que passa no talweg do valle, as condições de transporte, são favoraveis, por isso que as cargas são todas descendentes, e a linha ferrea põe a fabrica em communicação rapida e economica com os mercados.

«Além das officinas de preparação de louza; além da machina, cuja força é de 12 cavallos; a installação abrange uma ferraria, com 2 forjas, um torno mechanico e uma machina de furar, tocadas a braço. Tem uma carpinteria propria. As machinas que preparam a lousa, são typos inglezes, importados, ou reproduzidos aqui, sob a direcção do chefe da fabrica, Francis Ennor, inglez de nação, mas domiciliado ha muitos annos em Portugal, para onde veio como engenheiro mechanico. [1]

«A preparação na fabrica, attingiu, até 1878, o maximo de capacidade productora dos apparelhos — isto é — 3:000 toneladas. De então para cá, baixou a 1:600, das quaes são, 1:200, em pranchas; e 400, em chapas para tectos. O valor medio da tonelada, é de 8$000 réis. A qualidade da louza, é confessadamente excellente, e os productos do Gallinheiro destinam-se quasi exclusivamente á exportação. Em 1880, exportaram 24 tanques, da capacidade de 4:000 litros, com destino á Dinamarca; e verificando as estatisticas da Alfandega do Porto, encontraremos, em 1880, o seguinte, na classe 13.ª, e na especie louza —

	kil.	rs.
Para o Brazil	25:600	338$000
Para a Dinamarca....	23:500	36$000
Para a Grã-Bretanha.	851:362	1:324$500
Para a Russia.......	14:000	21$500
Somma...	914:462	1:720$000

«Um ensaio que a fabrica do Gallinheiro iniciou e póde vir a ter uma importancia consideravel, é o polimento ou o envernisamento da louza, para chaminés. Não se póde, por emquanto, apresentar o resultado industrial d'essa officina, em que trabalha um operario inglez, mas não ha causa nem motivo racional, para que, dada a incontestavel boa qualidade da materia prima, o resultado não seja satisfactorio.»

Tudo quanto acaba de ler-se com respeito ás louzeiras de Vallongo, é litteralmente copiado do *Relatorio apresentado ao ex.mo sr. Governador Civil do districto do Porto, etc. pela sub-commissão encarregada das visitas aos estabelecimentos industriaes* — publicado em 1881, e que o sr. doutor José

[1] Ennor, que era um velho octogenario, morreu em dezembro de 1882.

Moreira da Fonseca, actual governador civil do Porto, teve a benevolencia de me enviar, o que eu muito lhe agradeço.

—

1.º barão e 1.º visconde de Vallongo.

Luiz Pinto de Mendonça Arraes, do conselho de S. M.; official da ordem da Torre e Espada; condecorado com a cruz d'ouro, n.º 6, das campanhas da guerra peninsular; e por S. M. C., com a medalha da batalha de Albuera; brigadeiro do exercito.

Foi feito 1.º barão de Vallongo, a 28 de setembro de 1835 — e 1.º visconde do mesmo titulo, em 10 de março de 1842.

Sendo commandante do regimento de infanteria n.º 23, em 1828, reuniu-se com um batalhão ás tropas revolucionadas no Porto, a 16 de maio d'esse anno; e retirou-se com ellas para a Galliza, d'onde passou á Inglaterra, e de lá á Ilha Terceira.

Quando, com o sr. D. Pedro e o seu exercito desembarcou nas praias de — *Arenosa de Pampellido* (e não nas do *Mindèllo*, que ficam 6 kilometros ao N., e que ninguem sabe por que — se teima em dizer geralmente, que foi o logar do desembarque) quando alli desembarcou, repito, era commandante do batalhão denominado de *voluntarios da rainha*, e n'esse posto serviu, durante o cêrco do Porto. Foi nomeado prefeito da provincia occidental dos Açores, em 15 de julho de 1833, e governador civil, em 15 de setembro de 183 — commandante interino da 6.ª e 7.ª divisão militar.

Nasceu a 9 de julho de 1787 — e é fallecido.

Foi 6.º filho de Luiz Bernardo Pinto da Mendonça Figueiredo, mórgado de Nossa Senhora das Preces, em Cèa, e senhor da quinta de Pinhanços; fidalgo da C. R., cavalleiro da ordem de Christo, e desembargador da Relação do Porto — fallecido em 4 de março de 1831.

De sua mulher, D. Anna Leonor Nogueira de Abreu Abranches Homem Pessoa (fallecida a 11 de dezembro de 1802) teve QUINZE filhos, sendo 9 varões e 6 femeas.

Este titulo não se renovou até hoje.

VALLONGO — freguezia, Beira Alta, no bispado de Viseu.

Orago, Santo Amaro.

O abbade de Val-Bom, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé de altar.

360 kilometros ao N. de Lisboa, 70 de Viseu.

Em 1768, tinha 46 visinhos.

Não encontro esta freguezia em livro nenhum moderno, e só no *Portugal Sacro*, tomo 2.º pag. 271.

VALLONGO DOS AZEITES — Villa, Beira Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira (foi da extincta comarca de Tabuaço, supprimido concelho de Trevões) 48 kilometros de Lamêgo, 340 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 56.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Penella, apsesentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento annual.

E' povoação muito antiga, mas nunca teve foral — novo ou velho — e foi cabeça de um concelho (ha muitos annos supprimido) com camara municipal, e seu escrivão — e juiz ordinario, e juiz dos orphãos, cada um com seu escrivão — e uma companhia de ordenanças, commandada por o respectivo capitão — e mais empregados publicos, respectivos a um concelho.

Está a freguezia situada em uma baixa, ou ladeira, que desce para o Rio Tôrto.

Produz muito e bom azeite, e algum vinho de optima qualidade; pão, castanhas e alguma fructa. E' abundante de caça.

A villa, é pequena (uma pobre aldeía) e nada tem de notavel. Era dos marquezes de Marialva.

Deve o seu nome e *sobrenome*, a estar situada em um valle, e á abundancia do azeite que produz.

VALLONGO DO VOUGA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Agueda (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho

do Vouga) 48 kilometros ao N. de Coimbra, 250 ao N. de Lisboa, 594 fogos.

Em 1768, tinha 661.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo e bispado de Aveiro.

Os duques de Lafões, marquezes de Arronches, apresentavam o reitor, que tinha réis 300$000 de rendimento annual.

Pertencem a esta freguezia, duas povoações que foram villas, e cabeças de coutos, ambas com foral novo, dado pelo rei D. Manoel — são *Aguieira*, e *Brunhido* (vide estas duas palavras.)

E' terra muito fertil, em todos os generos agricolas — cria muito gado, de toda a qualidade; colmeias, e caça. Peixe do Vouga e do mar.

Foi senhor donatario da extincta villa da Aguieira, D. Manoel de Azevedo e Athaide, ao qual se pagavam os fóros, e rações, da villa e termo.

—

N'esta freguezia, nasceu a 8 de novembro de 1777, e falleceu no Porto, em 1862, *José Joaquim Rodrigues de Bastos*, fidalgo da C. R.; conselheiro de estado honorario; cavalleiro da ordem de Christo; e bacharel formado em direito, pela Universidade de Coimbra. Foi advogado de numero, na Relação do Porto; depois, juiz de fóra d'Eixo; e, depois de exercer outros cargos da magistratura, chegou a desembargador do paço. Foi deputado ás côrtes em 1821. Em 1827, foi intendente geral da policia da côrte e reino. Depois de exercer ainda varios cargos importantes, abandonou a politica, e todos os empregos publicos, entregando-se ao cultivo das lettras, sendo um dos mais distinctos escriptores religiosos d'este seculo.

Escreveu varias obras de incontestavel merecimento, que se publicaram com geral louvor — entre ellas.

Meditações e discursos religiosos. Tem tido oito edições! Foi adoptada nas aulas de Portugal, e foi traduzida em francez, por M.me J. da Silva, em 1845. — A 1.ª edição, em Portugal, foi publicada em 1842.

Collecção de pensamentos e maximas. Foi publicada a 1.ª edição, em 1845. Teve quatro edições — alem de uma no Brasil.

A Virgem da Polonia. Tem tido cinco edições. A 1.ª foi em 1847.

O Medico do Dezerto. Teve, até agora, duas edições. A 1.ª, foi em 1857.

Os Dous Artistas, ou Albano e Virginia. Teve trez edições. A 1.ª foi em 1853.

Biographia da Serenissima Senhora Infanta, D. Isabel Maria. É um opusculo de 20 pag. in-4.º. — Sahiu anonymo.

As repetidas edições das obras d'este escriptor illustre, provam a grande acceitação que tiveram, e continuam a ter.

—

Na povoação da Aguieira, nasceu, a 5 de setembro de 1794, e falleceu em Lisboa, no 1.º de maio de 1856, *Agostinho Pacheco.* Era fidalgo da C. R., bacharel formado em direito, pela Universidade de Coimbra, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de N. Senhora da Conceição. Foi *sub-prefeito* do districto d'Aveiro; contador-geral da fazenda, no districto do Porto; senador, eleito pelos districtos de Viseu e Aveiro, na legislatura de 1839 a 1841; mas tomou assento na camara dos senadores, pelo districto de Aveiro, por ser o da sua naturalidade.

Foi um cidadão prestante, e um verdadeiro homem de bem.

Ermida de N. Senhora da Nazareth

É na aldeia do *Béco de Baixo*, d'esta freguezia. Foi fundada esta ermida, á custa e por devoção de Domingos Teixeira Rebêllo, d'esta freguezia, pelos annos de 1600. [1]

Foi esta Senhora objecto de grande devoção, dos povos d'estas terras.

Ermida de N. Senhora da Paz (vulgarmente, Senhora do Béco)

É na aldeia do *Béco de Cima*, a pouca distancia da antecedente, mas já na freguezia de Macinhata do Vouga, do mesmo concelho.

---

[1] Seu filho, Antonio Teixeira Rebello, fundou tambem, á sua custa, em 1631, uma ermida, dedicada a N. Senhora do Bom-Successo, no logar do Couto da Aguada.

Existia aqui uma edicula antiquissima, dedicada a N. Senhora da Paz, que, com o decorrer de muitos annos, estava arruinada. Pelos annos de 1570, o parocho de Macinhata, resolveu construir um novo templo, mais amplo e elegante, o que levou a effeito, á custa de avultadas esmolas e offertas dos fieis.

Fez-se pois o novo templo, com capella-mór e seu altar, e dous lateraes no corpo da egreja. E como esta ermida é a muita distancia da egreja matriz, n'ella (na ermida) se diz missa e se administram os sacramentos ao povo do logar.

Mandou tambem o referido parocho, construir algumas casas para acolheita dos romeiros — que aqui concorriam em grande numero, em todo o decurso do anno — e uma casa, para residencia do eremitão.

Visconde da Aguieira

... Sr. — No seu excellente Diccionario, de que sou assignante, fallando ainda de Sever, a fl. 362, deparei com a noticia *do meu fallecimento*, com a qual me não desanimei, porque me senti com vida.

O nome é exactamente o meu, mas não sou de Sever, nem irmão do dr. Guilherme Telles, sou tio d'elle, e de seu irmão fallecido João de Figueiredo Pacheco Telles de Araujo. A minha naturalidade, e residencia é em Aguieira, pequena villa antiga, da freguezia de Vallongo, concelho d'Agueda, districto d'Aveiro.

Se v. quizer, como é de crer, desfazer o equivoco, tem a melhor occasião quando tractar de Vallongo do Vouga, e, n'este caso, com indicação de v.... eu lhe darei alguns esclarecimentos ou qualquer noticia, de que poderá aproveitar-se.

Fico esperando as suas instrucções a tal respeito.

Tenho muita honra em assignar-me

De v. ...

Respitoso cr.º e att.º ven.ºr

Aguieira, 9 de junho de 1882.

(Agueda). *Visconde de Aguieira.* [1]

---

[1] Com esta carta, do esclarecido titular, fica rectificado o engano de paginas 362, col. 1.ª do 9.º volume.

—

Joaquim Alvaro Telles de Figueiredo Pacheco, 1.º visconde de Aguieira, fidalgo cavalleiro da casa real, por alvará de 4 d'outubro de 1863, senhor da casa d'Aguieira, bacharel formado na faculdade de direito pela universidade de Coimbra, antigo administrador do concelho d'Agueda (cargo que exerceu durante nove annos seguidos), procurador á junta geral do districto d'Aveiro em 1863, (sendo-o egualmente no quatriennio corrente), presidente da camara municipal do concelho d'Agueda em seis annos consecutivos, e deputado ás côrtes pelo circulo d'Agueda e Albergaria a Velha na legislatura de 1879. Nasceu a 16 de abril de 1816. Casou a 22 de setembro de 1850 em primeiras nupcias com sua prima D. Maria Mascarenhas Telles de Mancellos Pacheco, filha de Joaquim Mascarenhas Telles de Mancellos Pacheco e de sua mulher D. Maria Carolina Bandeira da Gama, da Torre-Deita, concelho de Viseu, fallecendo sem descendencia a 7 de novembro de 1851.

Passou a segundas nupcias em 29 de abril de 1868 com D. Maria Ignez Caldeira Pinto Geraldes de Bourbon, que nasceu a 22 de dezembro de 1842, filha dos 1.ºs viscondes da Borralha, Francisco Caldeira Pinto Leitão d'Albuquerque, já fallecido, e de sua mulher D. Ignez de Vera Geraldes de Mello e Bourbon, da casa dos marquezes da Graciosa. Não tem descendencia.

Foram seus paes:

José Agostinho de Figueiredo Pacheco Telles, fidalgo da casa real, bacharel formado em leis, proprietario da casa d'Aguieira e administrador do morgado de Louroza de Bésteiros e antigo monteiro-mór do concelho de Vouga e seu districto na comarca de Aveiro; o qual nasceu a 8 d'agosto de 1752 e falleceu a 5 de maio de 1817; — e *D. Maria Luiza de Magalhães*, que nasceu a 3 de abril de 1758 e falleceu a 8 de maio de 1821.

Foram seus irmãos (do visconde) —

1.º *Agostinho Pacheco Telles de Figueiredo*, que nasceu a 15 de setembro de 1794 e falleceu em Lisboa a 1 de maio de 1856. Tendo acompanhado o exercito liberal para a emigração depois do ataque do Marnel, no

dia 29 de junho de 1828, voltou em 1833. Foi fidalgo da casa real, bacharel formado em direito, commendador da Ordem de Christo, cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, por decreto de 3 de maio de 1835, sub-perfeito do districto d'Aveiro em 1835, contador geral da fazenda do districto do Porto, por ducreto de 1 de junho de 1838, emprego que exerceu por espaço de 7 annos, deputado ás côrtes pelo Douro, por procuração de 3 d'agosto de 1836, senador eleito pelos districtos de Viseu e de Aveiro, na legislatura de 1839 a 1841. Em todos os cargos publicos que exerceu, se distinguiu pela sua rectidão e inconcussa probidade.

2.° *D. Emilia Carlota de Figueiredo Pacheco Telles*, que nasceu a 8 de setembro de 1796 e falleceu a 8 de dezembro de 1861.

3.° *D. Engracia Ludovina de Figueiredo Pacheco Telles*, que nasceu a 30 de novembro de 1798, e morreu a 3 de janeiro de 1858.

4.° *D. Maria Candida de Figueiredo Pacheco*, que nasceu a 19 d'abril de 1800 e é fallecida. Foi casada com João Francisco de Araujo Pacheco, capitão-mór de Sever do Vouga, que tambem falleceu, e de quem teve os seguintes filhos:

> *João de Figueiredo Pacheco d'Araujo*, bacharel formado em direito, já fallecido; *Guilherme Telles d'Araujo Pacheco*, bacharel formado em medicina, actual medico do partido da camara, de Valença do Minho e *D. Mathilde Maxima de Figueiredo.*

5.° *Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Telles*, nascido a 18 d'abril de 1802. Foi fidalgo da casa real, bacharel formado em direito, juiz de fóra da Figueira da Foz (decreto de 2 de junho de 1828), ultimo juiz de fóra de Torres Vedras (9.° vol., pag. 684, col. 2.ª) juiz de direito de Monte-Mór-o-Velho (decreto de 22 de setembro de 1835), da Figueira da Foz (decreto de 20 de junho de 1838), e de Midões por decreto de 7 de janeiro de 1842 — logar este que exerceu com incrivel intrepidez, desprezando as ameaças dos malfeitores, até que ás 10 horas e meia da noite de 28 de agosto de 1842, vindo de casa do visconde de Midões, ao entrar a porta da casa da sua residencia, recebeu dois tiros de espingarda, que o prostraram por terra. Foram-lhe logo prestados os soccorros da medicina e da religião, confessou-se, sacramentou-se, e em seguida fez testamento nuncupativo, em que instituiu por universal herdeiro a seu irmão João Baptista de Figueiredo Pacheco Telles, e deixou um legado a seu sobrinho e afilhado o bacharel Guilherme Telles de Figueiredo Pacheco, e varias esmolas a seus creados, dirigindo tudo com admiravel placidez. Declarou que fôra victima do seu dever, ao qual, ainda prevendo a morte, não fôra capaz de faltar, e despediu-se dos amigos e pessoas que cercavam o leito, fallando-lhes com o maximo acerto até o ultimo momento de vida, que apenas durou duas horas. (Vide *Varzea da Candoza*).

6.° *D. Anna Casimira de Figueiredo Pacheco Teltes.* Nasceu a 16 de setembro de 1803, falleceu a 15 de dezembro de 1877.

7.° *João Baptista de Figueiredo Pacheco Telles*, que nasceu a 7 de julho de 1805 e falleceu a 26 de setembro de 1849. Foi fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem de Christo, administrador do extincto concelho do Vouga, procurador á junta geral do districto d'Aveiro. Como administrador gosou de geraes sympathias dos povos seus administrados.

7.° *José Agostinho de Figueiredo Pacheco Telles*, que nasceu a 19 de abril de 1809. Foi fidalgo cavalleiro da casa real por alvará de 11 de março de 1867 e senhor do morgado de Louroza. Falleceu a 4 de janeiro de 1882.

9.° *D. Luiz Augusto de Figueiredo Pacheco Telles*, que nasceu a 28 de fevereiro de 1811 e morreu a 5 de julho de 1874.

O sr. visconde, é o 10.° e mais novo dos irmãos.

Os avós paternos do sr. visconde de Aguieira foram:

Nicolau Baptista de Figueiredo Tavora de Moraes, bacharel formado em leis, que nasceu a 21 de março de 1726, e *D. Joanna Josepha Telles Vidal Pacheco*, que nasecu em 1 de julho de 1730. Foram filhos d'estes:

1.° *João Baptista de Figueiredo Pacheco*

Telles, que nasceu a 6 de setembro de 1749 e falleceu a 18 d'abril de 1799. Foi bacharel formado em canones, e conego da Sé de Viseu.

2.º *Silvestre de Moraes Baptista de Figueiredo.* Nasceu a 6 de abril de 1752. Foi casado com D. Luiza Candida d'Oliva. Falleceu sem geração.

3.º *D. Joanna Josepha Telles de Figueiredo Pacheco.* Nasceu a 17 de abril de 1754 e falleceu a 29 de junho de 1828.

4.º *Agostinho José de Figueiredo.* Nasceu a 8 de agosto de 1756 e falleceu a 28 de julho de 1797. Foi bacharel formado em canones e conego da Sé d'Evora.

5.º *José Agostinho de Figueiredo Pacheco Telles,* pae do actual visconde d'Aguieira.

6.º *D. Luiza Clara Baptista de Figueiredo,* que falleceu a 8 de maio de 1836.

7.º *Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Telles.* Falleceu a 27 de março de 1811.

8.º *D. Maria Margarida de Figueiredo,* fallecida a 23 de junho de 1806.

Nicolau Baptista de Figueiredo Tavora de Moraes, de quem acima se fallou, avô do sr. visconde d'Aguieira, era filho de Silvestre de Figueiredo Tavora de Moraes, nascido a a 25 de maio de 1691 e de D. Maria Thereza Baptista Pimenta, sendo este Silvestre de Figueiredo Tavora de Moraes filho de Simão Borges de Tavora e de D. Leonor de Sequeira e Figueiredo, e aquella D. Maria Thereza filha de Nicolau Baptista.

O sr. visconde d'Aguieira foi agraciado com este titulo em sua vida, por decreto de 19 de setembro e carta regia de 5 de dezembro de 1872.

O brazão d'armas d'esta familia foi concedido por alvará de 9 de junho de 1787, e é o seguinte:

Escudo esquartelado: no primeiro quartel, as armas dos Figueiredos (cinco folhas de figueira, nervadas e perfiladas d'ouro, em campo de purpura) — no segundo, as armas dos Telles (escudo esquartelado, no 1.º quartel, em campo de prata, um leão de púrpura, armado de azul — no 2.º, campo d'ouro, e assim os alternos) — no 3.º, as armas dos Pachecos (em campo d'ouro, duas caldeiras negras com 3 fachas, veiradas d'ouro e púrpura, e em cada encaixe das azas, 4 cabeças de serpes verdes) — no 4.º as armas dos Moraes (quartel partido em duas pallas—na 1.ª, em campo de púrpura, uma torre de prata — na 2.ª, em campo de prata, uma amoreira verde). Timbre, o dos Figueiredos (dois braços de leão de púrpura em aspa, cada um com uma folha de figueira na garra.

Eu tenho visto o timbre dos Figueiredos construido assim — duas esgalhas de figueira, da sua côr, tendo cada uma, na extremidade superior, uma folha da mesma arvore.

Acho isto mais conforme com o

«*Troncon* desagalhára,
Troncon desagalhei.»

(Vide *Figueiredo das Donas*).

=

O sr. visconde da Aguieira, é um dos mais nobres, illustrados e sympathicos cavalheiros do districto d'Aveiro, e por isso geralmente estimado e respeitado.

—

A casa da residencia do sr. visconde da Aguieira está construida com lindo gosto, havendo n'ella uma capella da invocação de *Nossa Senhora do Bom Despacho,* instituida em 31 de maio de 1735 e fundada pela bis-avó materna do sr. visconde, D. Maria Eufrazia Pacheco Telles, viuva, que na mesma se acha sepultada, segundo se lê na campa do respectivo jazigo. E' esta capella que se acha restaurada com lindo gosto, recommendavel por algumas ricas imagens que n'ella se veneram, e pela ornamentação e talha dourada da tribuna no estylo d'aquella epocha, e pelas pinturas do tecto, todo dividido em quadros, representando os passos do Senhor.

A quinta é espaçosa, com muita agua, e muito bem cultivada, tendo uma excellente posição, lançada em parte sobre uma collina sobranceira, com linda vista sobre os campos do Marnel.

—

Para mostrar a importancia que teve esta freguezia de Vallongo, especialmente a villa da Aguieira, devo dizer —

Ha na freguezia o logar do *Paço*, de Brunhido, que foi dos duques de Lafões, mas era donataria á corôa.

Estes bens foram doados por el-rei D. Diniz, a seu filho o infante D. Pedro, conde de Barcellos, o qual aqui residia em 1348. Hoje apenas resta o nome de *Paço*, e um logarejo ao pé da Arrancada. *(Hist. Gen. da Casa Real*, tomo 1.º, paginas 266).

Suppõe-se que o tal Paço era n'uma propriedade agora chamada *Quinta da Povoa*, hoje dos srs. viscondes da Aguieira; mas de semelhante paço não existe o minimo vestigio.

VALLONGUEIRAS — Vide *Val de Nogueira*.

VALLOURA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 95 kilometros ao N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 185 fogos.

Em 1768, tinha 102.

Orago, Santa Iria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de São Martinho de Bornes, apresentava o cura, que tinha 17$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Fertil. Gado e caça.

VALLUGÃES — Vide *Balugães*.

VAL-MAIOR — freguezia, Douro, concelho e 2 kilometros a E. N. E. d'Albergaria Velha, comarca d'Agueda, 18 kilometros a E. d'Aveiro, 54 ao N. de Coimbra, 255 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 151.

Orago, Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

O mosteiro de freiras de Jesus, d'Aveiro, apresentava o reitor, que tinha 300$000 rs. de rendimento annual.

Está situada sobre a margem esquerda do Cáima.

Minas do Braçal

São n'esta freguezia, as célebres minas de chumbo, do *Braçal*. O minerio, é lavado com as aguas do Cáima, o que é tão prejudicial á agricultura, que os outr'ora formosos e ferteis campos das suas margens, estão estereis e abandonados.

Em setembro de 1873, os povos d'estas terras reclamaram (depois de terem feito varios *meetings*, sendo o principal, na freguezia de Alcorobim). Foi então nomeada uma commissão de engenheiros de minas e louvados agricolas, com assistencia do delegado de saude, do districto administrativo, administrador do concelho, e outros individuos, para se conhecer do facto.

A commissão apresentou ao governo dous relatorios circumstanciados, que resolveram a questão.

Duas são as causas (segundo os relatorios) da esterilisação dos campos — Uma d'ellas, de natureza chimica, consiste em uma materia salina branca, que repassa e satura mais ou menos as terras que bordam a margem esquerda do Cáima, desde principalmente Porto de Rendo até ao Carneiro Velho, e parece que mais além ainda, isto é, já nas bordadas do Vouga.

Esta materia salina é uma mistura de sulphatos acidos, simples e dobrados, de alumina principalmente, de ferro, de cobre, de chromio, etc. Na bordada do rio a saturação das terras por estes saes é tal, que estes efflorescem á superficie, offerecendo a certa distancia a imagem de uma camada de geada.

Os habitantes de Valle Maior chamam a esta salinagem *veneno das minas*, e com rasão, porque a terra que a apresenta, ou não cria cousa alguma, ou offerece uma vegetação entanguida e que não chega á floração.

Os relatorios explicam a formação d'este *veneno*, originado dos sulphuretos metalicos que veem nos residuos da lavagem dos minerios, e que são lançados para o rio Cáima.

«Em resultado das analyses a que procedi pude convencer-me, que se as terras e as aguas de Valle Maior não fossem tão puras, ou antes tão pobres de cal como são effectivamente, estes sulphatos causticos de que fallo não se formariam; e as minas pouco ou nenhum prejuizo haveriam causado aos terrenos agricultados por esta causa chimica, que ameaça progredir até ás margens do Vouga.

Com effeito basta o contacto da cal com

uma terra salinada de Valle Maior completamente improductiva para lhe destruir o veneno, fazendo separar os oxidos metalicos, e convertendo em gesso o acido sulphurico.

O gesso, como se sabe, é até uma materia fertilisante; e os oxidos metalicos separados do acido sulphurico tornam-se em materias inertes.

—

A segunda causa de esterilisação, toda de natureza mechanica, é devida aos assoriamentos do rio. Segundo os relatorios da commissão, as areias e cascalhos que em varios sitios de Valle Maior tem esterilisado maiores ou menores extensões de terreno util, provém não sómente da lavra das minas, como tambem das vertentes do valle, em grande parte constituidas por greses esbroadiças.

A commissão votou por uma indemnisação dos prejuizos causados, e indica o processo como se deverá calcular e distribuir pelos queixosos.

Propoz além d'isso um certo numero de medidas, umas das quaes são tendentes a evitar a repetição do damno que as minas podem occasionar; e outras tem em vista remediar os males da esterilisação, reconduzindo as terras infectadas ao seu antigo estado de fertilidade.

—

Em 7 de março de 1876, partiu de Lisboa para Val-Maior, em commissão do governo, o agronomo, Mem Rodrigues de Vasconcellos, afim de proceder á caldeagem dos terrenos marginaes do Cáima, que estavam completamente estragados, em consequencia das infiltrações das aguas das minas do *Palhal*, *Braçal* e *Talhadella*.

—

No «Jornal da Noite» n.º 1:578, de 15 de março de 1876, se lê —

« *Secretaria da camara dos deputados.* —

« Representação de alguns moradores da freguezia de Val-Maior, concelho de Albergaria, districto de Aveiro, contra os prejuizos que soffrem seus campos marginaes da Ribeira do Cáima, ha oito annos, com a exploração e lavra das minas de Telhadella, Palhal, Carvalhal e Pena, sitas a montante d'esta freguezia, e os trabalhos e despezas a que a portaria de 10 de agosto passado os obriga sem indemnisação alguma.»

—

No «Districto de Aveiro» n.º 429, de 6 de março, do mesmo anno de 1876, se lê —

As minas da beira-Cáima
em relação aos campos marginaes
do Cáima e Vouga

Os estragos produzidos nos campos de Val-Maior pela lavra das minas de Telhadella, Palhal, Carvalhal, Pena e Coval da Mó, é assumpto, de que se tem occupado a imprensa e os tribunaes, e por que já se tem perguntado no parlamento; e apezar de tudo isso e não obstante o momento só da questão, ainda até hoje não teve solução alguma.

Para os que ainda ignoram os males dos campos, a sua importancia, e a marcha dos povos em face d'elles, historial-os-hei resumidamente.

Alguns annos apoz a exploração metalurgica das ribas do Cáima, principiou de sentir-se nos campos, a jusante das minas, o definhamento e morte primeiro do feijão, e depois do milho e de tudo que n'elles se cultivava. Coincidia isto com a morte do peixe, em que o rio abundava.

Se bem me recordo, foi pelos annos 1860 a 1862 que principiou a apparecer aquella molestia no feijão, e d'ahi em diante no milho e mais vegetaes. Principiou pelos campos mais proximos das minas, e que eram alagados pelas enchentes do Cáima. Com o correr dos annos foi invadindo e caminhando ate á foz do rio, na extensão de cinco kilometros approximadamente, e passou e continuou nos campos do Vouga, nos campos de Jafafe e Macinhata, que ficam abaixo da foz do Cáima.

Em 1866 estavam infectados todos os campos inundaveis do Cáima, e é de 1870 a esta parte que se tem manifestado, com bastante extensão já, nas margens do Vouga.

Desconheceu-se a principio a causa da esterilisação; mas a morte do peixe do rio e seu arrolamento para os areaes, quando as aguas vinham turvas com lama das minas,

a marcha da esterilisação, a comparação das lamas das minas e dos nateiros que as enchentes deixavam ficar nos campos, e mais circumstancias, trouxeram a convicção de que outra não era, senão a lavra das minas, a causa d'aquella esterilisação.

Convencidos d'esta verdade, procuraram os povos de Valle-Maior, quasi exclusivos proprietarios dos campos do Caima, chamar os representantes dos estabelecimentos mineiros a um accordo, para estes lhes pagarem os damnos causados, e os que de futuro se seguissem. Os concessionarios das minas, porém, recusaram-se a acceital-o, e os donos dos campos tiveram que pôr em juizo uma acção contra elles.

Como grande numero de vezes acontece, os concessionarios das minas procuraram illudir a questão com as chicanas, a que se prestam questões, como esta, entre muitos individuos, sendo uns dos contendores abastados e ricos e os outros mal remediados e quasi pobres.

Em vista d'isto, e conhecedora dos prejuizos causados, tambem a camara d'Albergaria Velha representou ao governo para que fossem tomadas providencias, tanto em relação aos males effectuados, como á continuação d'elles e sua marcha invasora. Foi em 1870 que a camara representou; e em setembro d'esse mesmo anno foi pelo governo nomeada uma commissão para estudar os prejuizos, averiguar as suas causas, e propor os meios de os remediar e prevenir.

Causas, que mais tarde discutirei, fizeram com que dos trabalhos d'esta commissão se não tirasse outro resultado mais, do que passar tempo, e ficar tudo no antigo estado ou peior.

A esterilisação seguindo sua marcha, e os povos, que do seu labôr colhiam a abastança e a riqueza, estavam agora reduzidos á miseria, porque nem o muito lidar nos seus campos os tornava productivos. N'este estado de cousas lembraram-se de convocar uma grande reunião para pedir novamente ao governo medidas energicas, contra os damnos que soffriam, e de que não eram culpados, e que por si não podiam remediar.

Era já em 1873; a reunião ou meeting estava annunciada para o ultimo domingo de setembro. O governo então, talvez melhor informado, nomeou nova commissão, e d'homens competentissimos, para vir estudar os males existentes, suas causas, seus remedios, sua prophylaxia, e o modo d'indemnisar os povos dos damnos anteriores.

A commissão reuniu-se em Albergaria, em outubro do mesmo anno; e em fevereiro seguinte, salvo erro, apresentou ao governo uma serie de medidas conducentes a remediar os males já effectuados, e que attribuia á lavra das minas; e a prevenir os futuros.

Apresentava a cal como meio de sanificar os campos e depurar as aguas e lamas das minas; aconselhava a construcção de muros de supporte e labyrintos para embaraçar a queda d'entulhos e aguas de lavagem dos minerios no rio, e por fim o pagamento d'indemnisação aos proprietarios dos campos.

Estamos em março de 1876, e de tudo isto apenas ha: uma portaria mandando intimar os representantes das minas para fazerem as construcções indicadas, os proprietarios dos campos para não deitarem ao rio as terras esterilisadas, e ultimamente um annuncio do governo civil d'Aveiro para o fornecimento de cal.

—

No mesmo jornal, continuou a tratar-se do mesmo objecto, em o numero correspondente a 20 de março do referido anno, pelo modo seguinte —

A commissão nomeada em setembro de 1870 para estudar os estragos dos campos de Valle-Maior, ou do Caima, era composta dos ex.^mos^ srs. Silverio Augusto Pereira da Silva, director das obras publicas d'Aveiro, João Ferreira Braga, engenheiro de minas, e Antonio Filippe da Silva, agronomo.

Algum tempo depois da sua nomeação reuniu-se em Albergaria, d'onde foi a inspeccionar os campos e minas, e recolher os elementos necessarios para o completo estudo. Foram recolhidas terras e aguas dos logares esterilisados e sãos, para da sua comparação se conhecer da causa da molestia. Conhecidas pela analyse as differenças entre as terras ferteis e estereis, procurar-se-iam

nas lamas e entulhos das minas os elementos communs; e investigando se d'outra parte poderiam vir, chegar-se-ia a conhecer, por exclusão ou directamente, que outra não era a origem do mal.

Encarregaram-se os dois commisssionados, Braga e Filippe da Silva, de mandar fazer as respectivas analyses, e para isso levaram os elementos recolhidos nos campos; e assentaram em elaborar o seu relatorio, conhecidos que fossem os resultados das analyses.

Decorreu porém muito tempo sem que os encarregados da analyse dessem signal de si; o ex.^{mo} sr. Silverio elaborou o seu relatorio, cançado talvez de perguntar aos collegas pelo resultado dos trabalhos, de que se haviam incumbido. As analyses nem se tinham feito, nem chegaram a fazer-se: a causa, não a sei; presumo-a, e talvez a minha presumpção seja a verdade. Mas vamos adeante.

No relatorio do ex.^{mo} director das obras publicas do districto, attribuia-se a esterilisação dos campos, na maior parte, á lavra das minas. Soccorrendo-se ao conhecimento que tinha d'aquelles campos antes e depois d'esterilisados, pela inspecção d'elles quando por ventura trabalhos d'outra ordem alli o chamavam, não hesitou em considerar os entulhos e finos da lavra e lavagem do minerio como a causa efficiente dos estragos.

Enviou o seu relatorio ao devido destino; e foi talvez o seu apparecimento que instigou o ex.^{mo} sr. Braga a elaborar tambem o seu. Mas que differença e desaccordo! ?

Bem ao contrario do que no primeiro se dizia, affirmava-se n'este que a esterilisação dos campos de Val-Maior era devida á *ignavia* de seus donos.

Em resumo, o raciocinio do ex.^{mo} sr. Braga era o seguinte: no inverno os campos são inundados pelas aguas, que descem em torrentes das serras; d'ahi arrastam muitos destroços e fragmentos metalicos e de rocha, em que abundam as serras proximas. O alveo do rio é estreito, e mais estreito o fizeram os proprietarios das terras confinantes d'uma e outra margem; por isso não basta a dar passagem ás aguas pluviaes, que se espalham nos campos; n'estes depositam-se pois, em virtude do seu peso especifico e do remanso das correntes, as areias mais grossas e tambem algumas finas, todas porém estereis. Os agricultores, seguindo antigos systemas de cultura e aragem, não sabem nem misturam e revolvem bem estes novos depositos com o subsolo; e d'ahi vem a esterilisação dos mesmos campos. Não se deve por tanto attribuir á lavra das minas; e até os mesmos proprietarios das minas deviam exigir dos campos indemnisação por estes terem estreitado o rio.

Ainda mais se affirma no mesmo relatorio: é que a lavra das minas é util á sanificação dos campos. O raciocinio, por onde o illustre commissionado pôde chegar a uma tal conclusão, é que eu não pude descortinar.

São estas duas das mais importantes conclusões, a que no citado relatorio se chegou. Analysal-as-hei, até onde chegarem meus escassos recursos.

Não eram só as areias que alli se depositavam; eram tambem os elementos que constituem o humos, e a terra verdadeiramente productiva. As mesmas areias eram precisas para a vegetação; tornando os nateiros mais permeaveis e soltos, e menos sujeitos ao desenvolvimento de vermes, concorriam para a fertilidade d'elles.

E actualmente o que se vê? Por bem definida linha se extrema o campo inundavel pelo rio, do que o não é. N'aquelle, sujeito apenas ás inundações d'algum pequeno ribeiro, conserva-se a antiga fertilidade; n'este brilham as areias ou negreja a terra, raro semeada d'alguma esteril gramma, cujas raizes ainda se vão encontrar lá no fundo, na antiga terra vegetal.

E que mudança tiveram as condições geologicas das serras, cujas vertentes se inclinam para o Caima? No volver dos seculos perderiam as suas camadas superiores humiferas, e não restarão d'ellas hoje mais que as rochas nuas e metallicas? Cessariam de produzir as urzes e tojo que d'annos a annos eram queimados, não só para não dar abrigo a feras, mas tambem para produzir tenras pastagens a gados? Nada d'isto: as serras conservam ainda elementos semelhan-

tes, e a sua producção é egual. O que se encontra a mais nas ribas do Caima são os estabelecimentos mineiros onde poderosas machinas e o lavor de centenares de braços arrancam continuamente das entranhas da terra milhares de metros cubicos de areias e cascalho e minerio, que tudo é lançado para o rio, ou depositado na sua beira, d'onde as aguas torrenciaes do inverno as arrastam para ir espalhar sobre os campos, e matar a sua vegetação.

Ainda as aguas d'esgoto e de lavagem vem augmentar a esterilidade das areias; augmentar não, que não é susceptivel d'augmento, mas damnificar mais as terras por onde passam. E bem conhecido era este facto dos lavradores, que, regando com agua turva do rio, levavam o estiolamento e morte aos sequiosos campos. Quando a esterilisação ainda não era completa, estavam os milhos condemnados a morrer á sêde para não morrer envenenados. Qual das mortes seria mais lastimosa?

Ora quem não quiz vêr tudo isto foi o ex.^mo^ sr. Braga. Esse só viu a *ignavia* dos donos dos campos, e a *utilidade* das minas.

Ainda chegou a mais: a escrever que eram os concessionarios das minas que tinham direito a accionar os proprietarios dos campos, mas nunca estes a pedir indemnisação áquelles!

Sou obrigado a confessar que para uma tal affirmação só ha uma resposta digna; e não duvidaria dar-lh'a, se tivesse a auctoridade de Victor Hugo.

Sinceramente estranho que o ex.^mo^ sr. Braga, que é homem de sciencia, e como tal havido, chegasse a escrever taes asserções sem ao menos ter visto o resultado das analyses, que deviam dar-lhe formal desmentido. Foi tatvez por causa d'este relatorio que os justos clamores dos proprietarios dos campos foram sempre desattendidos, e que se estenderam para as margens do Vouga os estragos, que então se limitavam aos campos do Caima.

A leviandade, e talvez parcialidade, do ex.^mo^ sr. Braga podia acarretar (e quem sabe o que virá a ser)? graves desaguisados, se os povos não tivessem o bom senso de se dirigir novamente aos poderes publicos para prover de remedio aos prejuizos, que soffrem. Com o seu relatorio illudiu a verdade, e occasionou a extensão do mal; aquillo que então podia ainda com pouco remediar-se, custa hoje muito mais trabalho e despeza, e o povo, o pobre povo, vae soffrendo não da propria *ignavia*, mas dos desconcertos de s. ex.ª»

—

Em consequencia da minha vida *nomada*, andando de terra em terra, procurando lenitivo aos meus padecimentos chronicos, tem-se-me desencaminhado alguns livros e papeis, e entre estes ultimos, o resto do artigo do «Districto d'Aveiro» com referencia a esta materia.

Mina de ferro

Em julho de 1876, foram reconhecidos como proprietarios legaes do descobrimento de uma mina de ferro, situada no *Alto da Arrota*, os srs. Patricio Luiz Ferreira Tavares Pereira da Silva, e João Domingos Lourenço da Silva.

Fabrica de papel

Principiaram as obras para o edificio d'esta fabrica, incontestavelmente, uma das melhores (se não a melhor) do seu genero, em Portugal, em maio de 1872.

São seus proprietarios, o commendador Manoel Luiz Ferreira Tavares e seu irmão, José Luiz Ferreira Tavares, opulentos capitalistas, de Albergaria Velha. [1]

Foi inaugurada em fevereiro de 1874.

---

[1] O sr. Manuel Luiz Ferreira Tavares, é pae do sr. Francisco Luiz Ferreira Tavares, feito *barão do Cruzeiro*, em 21 de outubro de 1875.

José Luiz Ferreira Tavares, um dos fundadores d'esta fabrica, e tio do referido barão, falleceu nos primeiros dias de agosto de 1877.

O sr. barão, é casado desde o principio de 1877, com a sr.ª Dona Rosa Joaquina Lebre, filha de uma das mais distinctas familias de Mogofôres, e senhora de esmeradissima educação e muito caritativa.

Está situada perto de Val-Maior, e a um kilometro da estrada real de Aveiro para Viseu; na margem direita do Caima, affluente do Vouga.

Na frente S. do edificio, é a casa de habitação, constando de *rez de chaussée* e 1.º andar, com 16 divisões.

Entrando no pateo, ao lado direito, estão dous salões — o 1.º, das machinas da fabricação do papel — o 2.º do acabamento do mesmo (dobrar, enfardar, etc.)

Ao lado esquerdo, estão, o escriptorio, e diversos armazens, e por cima, *sala das farrapeiras*, para escolha do trapo.

Ao fundo do pateo, estão as caldeiras e a chaminé.

O edificio do fundo, tem, no 1.º pavimento, diversas machinas, para barrella do trapo.

As turbinas, de motor hydraulico, e da força de 80 cavallos, assim como duas grandes bombas d'agua, tambem estão ao fundo do pateo: e no andar superior, estão os cylindros para triturar, lavar e branquear o trapo, reduzil-o a massa liquida, e d'alli seguir para a sala da fabricação do papel.

A traz d'este edificio, pelo lado de fóra, está um immenso tanque d'agua, ao nivel dos telhados, para alimentação dos cylindros; e de prevenção, para qualquer caso de incendio.

A machina a vapor, é de *systema* continuo. As caldeiras são da força de 30 cavallos nominaes.

Emprega 150 operarios, e trabalha de dia e de noite.

Produz 1:500 a 2:000 kilogrammas de papel, em 24 horas, segundo a qualidade e grossura d'elle.

Vende promptamente quanto papel possa fabricar, e qualquer encommenda, é satisfeita tambem promptamente.

As machinas, foram feitas em uma fabrica de Anguleme, a mais acreditada de França; mas, a maior parte do anno, a força propulsora, é a agua do Caima. O vapor só se emprega durante a estiagem.

Os seus productos, rivalizam com os melhores de França ou Inglaterra.

Tem uma machina de fabricar papel continuo.

O mestre e contramestre, são francezes.

O machinista, vence 600 réis diarios — os officiaes, 360 — operarios, 300 — mulheres e rapazes, de 120 a 140 réis.

Esta fabrica foi estabelecida para fabricar papel de *caruma* (agulha de pinheiro) por haver por estes sitios vastos pinheiraes. Depressa porém se reconheceu a impossibilidade de realisar este emprehendimento, em razão do alto prêço porque sahia a sóda caustica, o chlorurêto de cal, e outros ingredientes necessarios para reduzir a carúma a pasta. Hoje a unica materia prima, é o trapo; mesmo assim, o preço dos productos d'esta fabrica, é muito rasoavel, o que tem prestado bons serviços á imprensa.

Este estabelecimento, tem feito prosperar bastante a freguezia de Val-Maior.

—

Nos principios da nossa monarchia, era o povo d'esta freguezia, propenso ao roubo e aos assassinatos dos viandantes que transitavam por estas terras. (Vide no 1.º vol., pag. 50, col. 2.ª)

Hoje é povoada por gente pacifica, trabalhadora e morigerada.

O seu territorio — exceptuando as margens do Caima, pelo motivo que fica dito — é fertil em todos os generos agricolas; cria muito gado, tem bastante caça, e o Vouga e o mar, o fornecem de abundante e variado peixe.

VAL-MEÃO — quinta, Douro, nos arrabaldes de Coimbra. E' uma bella residencia, do opulento e dignissimo proprietario, o sr. doutor José Pessoa da Silva Pinheiro, que casou, em setembro de 1874, com a virtuosissima sr.ª D. Maria José Soares d'Albergaria, filha do fallecido Alexandre Luciano Soares d'Albergaria, (da nobre *casa do Buraco*, na freguezia do Couto de Cucujães, concelho de Oliveira de Azemeis) e irman do actual mórgado do Buraco, o sr. doutor, Alexandre Celestino Soares d'Albergaria. (Para evitarmos repetições, vide *Buraco*, *Couto de Cucujães*, e *Rôge)*.

VAL-PEDRE — freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Penafiel, 30 kilometros a E. N. E. do Porto, 440 ao N. de Lisboa, 188 fogos.

Em 1768, tinha 142.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O real padroado e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha réis 600$000 de rendimento annual.

O nome d'esta freguezia procede do seguinte — Um lavrador chamado *Pedro*, deu a uma antiquissima ermida, dedicada a S. Thiago, apostolo, para a sua fabrica, um campo, chamado *Val de Pedro*, immediato á ermida, que passados annos se transformou em egreja parochial, com o nome de *Val-Pedre*, alludindo ao tal campo.

Outros dizem que o tal campo, foi dado pelo referido Pedro, para passal do abbade.

Diz o *Catalogo dos bispos do Porto* (pag. 415) que tem uma ermida, dedicada a N. Senhora da Assumpção.

Quando escrevo alguma ermida, mencionada no tal *Catalogo*, cito sempre a pagina; porque esta obra érra muitas vezes: ou menciona ermidas que nunca existiram, ou deixa de mencionar outras — e, não poucas vezes — muda o nome do padroeiro!

Ao O. da freguezia, no monte que fica entre Santa Marinha da Figueira e esta parochia, existe em bom estado, um monumento chamado a *Cruz da Gésteira;* dando-se o mesmo nome, ao terreno em volta. Segundo a tradição, foi feito para marcar as leguas, o que parece confirmar a existencia do *Cruzeiro das Lampreas*, situado em um outro monte, da freguezia da Cabeça Santa, a 5 1/2 kimetros do da Gésteira.

Crê o povo, que este ultimo cruzeiro serve de *signal*, para que a uns tantos passos (distancia que se ignora, assim como a direcção que se deve dar a esses passos) se ache um riquissimo *thesouro encantado.*

Esta crendice, tem dado logar a varias escavações em volta do cruzeiro, a ponto de perigar a sua existencia; mas não se tem encontrado senão terra e pedra, como era de suppôr.

Ha n'esta freguezia, a nobre e antiga *quinta do Paço*, pertencente a um ramo do illustre appellido Porto-Carreiro.

Ao N. da povoação está o *monte do Crasto*, onde ainda ha claros vestigios de uma fortaleza, que se julga do tempo dos romanos.

VAL-PEREIRO. — Vide *Val de Pereiro.*

VAL-VERDE — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Chacim) 130 kilometros ao N. E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, N. Senhora da Encarnação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Alfandega da Fé, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Para se differençar das outras freguezias do mesmo nome, chamam a esta, *Val-Verde d'Alfandega da Fé.*

Diz José Avellino d'Almeida, no seu *Diccionario abreviado*, que ha n'esta freguezia uma fonte, que *só em dia de S. João, deita agua, que é remedio para sezões e outras doenças.* (!) Deitará....

Nasceu n'esta freguezia, o servo de Deus, *frei João Hortelão*, leigo, que morreu no mosteiro de S. Francisco de Salamanca.

Diz-se que fez muitos milagres durante a sua vida e ainda depois de morto.

VAL-VERDE — Vide *Marmellos.*

VAL-VERDE — aldeia, Beira Alta, na freguezia de Penajoia. Muito fertil, como todas as mais d'esta freguezia. Vide *Penajoia.*

VAL-VERDE — quinta, Alemtejo, nos arrabaldes e ao O. da cidade de Evora.

Era passal dos arcebispos e foi uma formosa propriedade; mas actualmente está em grande abandono.

—

Esta terra já era habitada desde os tempos pre-historicos, o que se prova pela existencia dos restos de dous *dolmens*, arruinados, perto um do outro, e no montado pertencente á mesma quinta.

As *mesas* desappareceram; provavelmente para serem empregadas na construcção da parede de algum matto, como tem acon-

tecido a muitos outros monumentos pre-celticos.

VAL-VERDE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 170 kilometros ao N. E. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 27.

Orago, São Sebastião, martyr.

(O *Port. Sacro,* diz que é S. Vicente, martyr.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Rebordãos, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé de altar.

E' terra pobre. Cria muito gado de toda a qualidade, e é abundante de caça.

VAL-VERDE — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 60.

Orago, S. Miguel Archanjo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O deão da Sé da Guarda, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento annual.

Terra pouco fertil. Muito gado e caça, de toda a qualidade.

VAL-VERDE — freguezia, Beira Baixa, concelho d'Aguiar da Beira, comarca de Trancoso, 35 kilometros de Viseu, 320 ao E. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1768, tinha 91.

Orago, São Pedro, martyr.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O vigario de S. Pedro de Coruche (da Beira Baixa) apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de rendimento annual.

A freguezia é unicamente formada pela aldeia do seu nome.

Fertil. Gado e caça.

Foi entre esta freguezia e a villa de Trancoso, que se deu a famosa batalha de que fallei no 9.º vol., pag. 715, col. 2.ª

VAL-VERDE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 120 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1768, tinha 44.

Orago N. Senhora da Espectação (ou do O')

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O vigario, collado, de S. Sebastião do Côbro, apresentava o vigario *ad nutum,* d'esta freguezia, que tinha 8$600 réis de congrua, e o pé de altar.

Terra pobre e pouco fertil. Gado e caça.

Para a differençar das outras do mesmo nome, chamam a esta freguezia *Val-Verde de Lamas de Orelhão.*

VAL-VERDE — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 90 kilometros de Viseu, 385 a E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 60.

Orago, N. Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O vigario de São Pedro, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 1$500 réis de congrua (!) e o pé d'altar.

Terra muito pobre e pouco fertil.

VAL-VERDE — aldeia, Beira Baixa, na freguezia de Quadrazaes, comarca e concelho do Sabugal. E' a ultima povoação portugueza por este lado, e terra de contrabandistas incorrigiveis e corajosos. Fica sobre a margem direita do Côa, que divide aqui Portugal da Hespanha.

O immortal condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, derrota junto a esta povoação, a 5 de outubro de 1385, um exercito de 30:000 castelhanos, commandados pelos grão-mestres das ordens de Castella, morrendo na acção os grão-mestres de S. Thiago e de Alcantara, e o conde de Niebla, castelhanos. O inimigo, fugiu em debandada, deixando ficar no campo da batalha, muitos mortos, feridos e prisioneiros, e a maior parte do seu trem de guerra, e bagagens.

O rei portuguez, D. João I, deu ao condestavel, em premio d'esta brilhante victoria, o titulo de conde de Barcellos.

D. Nuno Alvares Pereira, tinha reunido um corpo de 1:000 cavallos, 2:000 infantes e alguns bésteiros, e com esta pequena força emprehendeu a invasão de Castella. Mas

o condestavel, era um cavalleiro de altos brios e extremada generosidade, pelo que, com antecipação, preveniu os mestres de S. Thiago, D. Pedro Nunes de Godoy, e o de Alcantara, assim como o conde de Niebla, de que os hia procurar na sua propria terra.

E, com effeito, entrou 14 leguas com mão armada, por Castella, saqueando muitas povoações, e colhendo valiosos despojos.

Acudiram aquelles chefes, com outros grandes senhores de Castella, com os taes 30:000 homens, e vieram tomar o passo aos portuguezes, junto ao rio, por onde estes deviam passar.

Chegados os nossos á beira do rio, acharam-se entre as forças triplicadas dos castelhanos; mas com a maior bravura foram estes investidos, tendo de retirar para um monte proximo; mas ahi os foram atacar os portuguezes, fazendo-os desalojar; e seguindo-os, lhe deram segunda batalha em uma planicie, e a terceira, junto a Val-Verde, sendo sempre derrotados os castelhanos.

Diz a historia, que no mais acceso d'esta 3.ª batalha, desappareceu o condestavel, da frente dos seus guerreiros, e sendo procurado por um cavalleiro portuguez, foi dar com elle, em um sitio apartado, entre dous penedos, de joelhos, e com as mãos postas, orando.

Finda a principiada oração, foi muito alegre e animado continuar o combate, em que aniquilou terceira vez os castelhanos.

VAL-VERDE — nobre e antiga quinta, Minho, nos suburbios da villa dos Arcos de Val de Vez, freguezia de São Paio, da mesma villa.

Aqui residem actualmente, o sr. Lopo Antonio Saraiva Sampaio Souza de Menezes, e sua irman, a sr.ª Dona Anna Joaquina Saraiva de Menezes.

VAL-VERDE — logar, Beira Baixa, termo, e 6 kilometros da cidade de Castello-Branco; junto ao rio Ocreza.

E' um sitio fresco e agradavel, onde está construido o santuario de *N. Senhora de Val-Verde*. A imagem da padroeira, que é de pedra, e tem apenas 0m,35 de altura, appareceu em uma lapinha muito formosa, guarnecida pela Natureza de verdes e emaranhadas heras e outras trepadeiras.

Junto á lapinha onde foi achada a Senhora, no seculo XVI, se construiu um bom templo, com uma imagem da padroeira, de um metro de altura (mas a pequenina ficou na lapa) Este templo fica apenas a 50 passos do sitio da apparição.

Junto a esta egreja, estão as ruinas de um pequeno mosteiro, onde estiveram em congregação, alguns padres do instituto de S. Philippe Nery, que depois o abandonaram por ser em logar deserto.

Tem a casa da Senhora uma bôa cêrca, com pomar de varias fructas, ciprestes, pinheiros e outras arvores silvestres. Ha aqui duas fontes, uma dentro, outra fóra da cêrca.

Além d'isto, tem outras propriedades, que em 1711 rendiam 50$000 réis.

Tem casa de residencia do eremitão—que era sempre clerigo, apresentado pelo bispo, e que recebia metade do rendimento do sanctuario.

Foi esta Senhora, objecto de grande devoção, dos habitantes de Castello Branco, e dos logares de Salgueiros, Tinalhas, Cafide, e outras muitas terras d'estas immediações, que vinham aqui em frequentes romarias.

Não sei o estado actual d'este sanctuario.

VAL-VERDINHO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal (foi da comarca da Covilhan, extincto concelho de Sortêlha) — 30 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa.

Em 1768, tinha 18 fogos.

Orago, o Espirito Santo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

A casa de Penedôno, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia, foi supprimida, por pequena, e está annexa á de Sortêlha.

VAMBA ou WAMBA — rei — Vide *Idanha Velha*. — Muitos, teem escripto e sustentado, que o *abbade Wamba* de que trato no 2.º Briteiros (vol. 1.º, pag. 491, col. 2.ª) foi o famoso rei da Lusitania. E' êrro manifesto. O Wamba de Briteiros, é mais antigo. Este, com o santo Receswinto, abbade benedictino, do mosteiro de São Martinho de Sande (8.º vol., pag. 356, col. 2.ª e seguinte) assis-

tiram ao 10.º concilio toledano, convocado por o rei Receswindo, pelos annos 660, e falleceu pouco depois.

O outro Vamba, foi acclamado rei, e ungido, a 19 de setembro de 672. A ceremonia da uncção, teve logar na Sé de Tolêdo, com a maior magnificencia, e geral regosijo; pois foi o primeiro rei de Hespanha que se ungiu.

Consta que este rei, era natural de Idanha Velha (Beira Baixa).

Em 687, adoptou Ervigo, e abdicou n'elle a corôa, recolhendo-se a um mosteiro, onde terminou seus dias, em oração e penitencia. Consta que este mosteiro era o de Arlança (ou Pambliega) na Hespanha. Falleceu com fama de santo, pelos annos de 690 (a 20 de janeiro). Outros dizem que morreu a 6 de outubro de 688.

No 1.º volume do *Anno Historico*, a pag. 95, se diz que Vamba, rei, falleceu a 20 de janeiro de 672 — e no 3.º vol. da mesma obra, pag. 71, diz que elle foi ungido rei, a 19 de outubro de 672! *Aliquando dormitat Homerus.*

VANDALOS ou **WANDALOS** — povos barbaros e ferozes, da Germania sptentrional.—

Os hunos, e outros povos do Norte, tomaram e saquearam Roma, no anno 375 de J. C. —

No anno seguinte, os gôdos, unidos aos Vandalos, selingos, [1] alanos, suecos e outros, sahindo, em varias secções dos seus bosques e montanhas, desceram o Oder, sobre o Danubio, e o Ponto-Euxino, e se estabeleceram entre o Theiss e o Don. A maior parte d'estes barbaros, eram *ostrogôdos* (gôdos do Este) e *wisigôdos* (gôdos do Oeste.) Estavam separados pelo rio Dniester, mas tendo um unico chefe, que era Hermenerico, que tinha então 110 annos.

Os hunos foram atacar os gôdos, e os venceram. Hermenerico, perdendo a batalha se suicidou com a sua propria espada; e seu successor foi vencido e morto.

Então os ostrogôdos se uniram aos hunos (376) e os wisigôdos foram procurar asylo nas terras do imperio romano.

Valente, imperador do Oriente, desde 364, permittiu aos wisigôdos o estabelecerem-se ao Sul do Danubio, nas duas Mesias, sob a condição de abraçarem o arianismo, entregarem as armas, e dar como refens uma parte de seus filhos, que foram espalhados pela Asia-Menor.

Os barbaros tudo prometteram, porém, em breve exasperados pelas violencias dos officiaes e exactores imperiaes, se revoltaram, lançando-se sobre a Traia. Valente lhe deu batalha (sem esperar o soccorro de seu collega Graciano) proximo á cidade de Andrinopla (378) soffrendo uma derrota ainda mais completa e desastrosa para os romanos, do que a de Cannes, dada por Annibal, contra Paulo Emilio e Varrão, em 216. Apenas a terça parte do exercito romano escapou á carnificina. O imperador, gravemente ferido, foi levado para uma cabana, que os barbaros incendiaram, morrendo elle, entre as chammas.

Na Europa Occidental, corriam melhor os negocios dos romanos. O imperador Graciano, derrotou os germanos, 379, e chamando de Hespanha o filho do valoroso conde Theodosio, lhe deu o titulo de Augusto. Este joven e intrepido guerreiro, venceu os gôdos e vandalos, em differentes combates, obrigando-os a pedirem a paz, e consentiu em lhes dar terras na Tracia e na Mesia, sob a condição de defenderem a passagem do Danubio; e 40:000 d'estes barbaros foram admittidos nas fileiras do imperio. Mereceu por estas victorias o cognome de *Theodozio o Grande.*

Deixando de narrar outros acontecimentos que tiveram logar durante o imperio de Theodozio, alheios á historia dos vandalos e selingos — só direi — Este bravo e intelligente imperador, falleceu, como fiel catholico, em 395, tendo antes dividido o imperio, entre seus dous filhos, Arcadio e Honorio. A Arcadio, coube o imperio do Oriente, e a Honorio, o do Occidente.

O imperio do Occidente, não sobreviveu ao grande Theodozio, senão 81 annos, de vergonha e miseria. Uma verdadeira anarchia

---

[1] Os selingos eram uma tribu dos vandalos e tinham a mesma lingua e costumes.

Estelicon, aio e sôgro de Honorio, pretendeu que seu filho Eucherio fosse acclamado imperador — o que não conseguiu — mas deu causa a uma guerra civil, durante a qual os vandalos, suevos, alanos, etc., depois de terem saqueado Roma e destruido grande parte das Gallias, passaram os Pyreneus, e invadiram a nossa Peninsula. (Já então se achava a Italia occupada pelos ostrogôdos, e as Gallias, por algumas legiões dos mesmos, e pelos suevos e alanos.)

—

Não ha certeza do anno da invasão na Lusitania, pelos barbaros do Norte. A maior parte dos escriptores, porem, dizem que foi na era de Cesar 447, que é o anno 409 de J. C.

O *Codice de Sermonde*, uma das obras mais auctorisadas sobre a materia diz — *Alani et Vandali, et Suevi, Hispanias ingressi Æra 447 alii 4 Kalendas, alii 3 Idus Octobris memorant, die 3 feria, Honorio 8, et Theodosio Arcadii filio 3 consulibus.»* — Isto é —

«Os alanos. vandalos e suevos, entraram nas Hespanhas, na era 447 de Cesar. Dizem uns, que aos 4 das kalendas de outubro (28 de setembro) outros, que aos 3 dos idos de outubro (13 de outubro) em uma terça feira, sendo consules, a 8.ª vez, e Theodosio, filho de Arcadio.»

Vem a ser — a 28 de setembro ou a 13 de outubro, do anno 409, de J. C.

Isto é confirmado pelo bispo Idacio, na sua *Chorographia;* e note-se que este veridico escriptor vivia no tempo d'essa invasão, e foi testemunha da maior parte dos factos que relata.

(Idacio, era idolatra, e converteu-se ao catholicismo, no anno 362 de J. C., segundo o *Codice de* Alcobaça. Tomou ordens de presbytero, e veio a ser bispo de Lemica, antiga cidade da Galliza.

Parece que, emquanto uma parte dos vandalos, visigôdos e alanos, transpunham os Pyreneus, outra parte, invadiu a Lusitania, por mar, entrando a barra do Tejo; mas Lisbôa ficou livre das exacções dos barbaros, mediante um pequeno donativo, feito pelos lisbonenses. (Para evitarmos repetições, vide 4.º vol., pag. 108, col. 2.ª, e seguinte.)

Os reis vandalos que reinaram nas Hespanhas, foram — *Gunderico* (que era o seu chefe em 409) *Genserico, Humerico, Gutamundo, Isoris* e *Gamiel.*

—

Seria muito curiosa, mas longa, a historia dos vandalos e seus conterraneos, os selingos; mas requeria um livro especial, e não um artigo n'este diccionario.

Limitar-me-hei apenas, a dar um rapido resumo d'ella, por ordem chronologica, e é como se segue —

Annos de J. C.

409 — Os vandalos, visigodos, alanos, suevos, etc., invadiram a Lusitania, causando grandes devastações, tanto nos campos, como nas casas e monumentos. Alem d'isto houve um grandissimo transtorno nos usos e costumes dos indigenas, que, com a dominação romana, por espaço de mais de 200 annos, se tinham modificado e polido.

Os lusitanos e os romanos, opposeram uma tenaz resistencia áquellas hordas ferozes, porém o numero venceu a disciplina e a bravura, e os barbaros tornaram se dominadores d'esta terra, depois de terem exterminado grande parte dos seus habitantes. [1]

Pouco tempo depois, os mesmos barbaros, desavindos, se guerrearam ferozmente dando em resultado, não só a morte de mui-

---

[1] Trez reis commandavam as hordas dos invasores — a saber — *Gunderico*, os vandalos — *Ruplandiano*, os alanos — e *Hermenerico*, os suevos.

tos d'elles, como tambem dos latinos; e a destruição de muitos monumentos que haviam escapàdo da invasão.

Duraram estas guerras alguns annos, até que os invasores, foram pouco a pouco perdendo a sua ferocidade, e ligando-se por casamentos, com os indigenas, vieram a formar uma só familia. Houve então uma grande mudança nos usos, costumes, vestidos e é lingua dos peninsulares, que no fim de setenta annos de guerras, expulsaram os romanos.

As Hespanhas foram então divididas em dous reinos — dos gôdos, e dos suevos e vandalos — A estes ultimos, coube o vasto territorio comprehendido entre o rio Douro e a extremidade septentrional da Galliza, tendo Braga por capital.

Mas pouco podia durar uma juncção feita entre homens turbulentos e quasi selvagens. Os vandalos desavieram-se com os suevos, e estes, vencidos, desampararam Braga, que ficou em poder d'aquelles; mas em breve foram expulsos, com o soccôrro dos romanos; e a maior parte d'elles (os selingos), retirando para o sul, foram occupar a Betica, que lhe tinha tocado por sorte, e á qual deram o nome de *Wandaluzia*, que ainda hoje se conserva com pequena corrupção — *Andaluzia*.

Os invasores não tinham todos a mesma religião: uns eram idolatras, outros (a maior parte) eram herejes arianos. Não tinham pois o minimo respeito, nem aos templos, nem aos sacerdotes catholicos. Por toda a parte, sem distincção do sagrado ou profano, exerciam as maiores depredações. Não se viam senão incendios, egrejas demolidas, mosteiros arrazados, campos destruidos; e apenas se ouviam os prantos dos lusitanos emquanto os barbaros se não foram domesticando. Bispos, clerigos, frades, freiras, povo, abandonando casas e campos, tudo fugia ante a furia dos barbaros.

A divisão entre os invasores, tinha sido feita á sorte — aos vandalos, coube a Galliza oriental e do sertão — aos suevos a Galliza Occidental, situada nos fins do Occeano — e aos alanos, a Lusitania, e a provincia carthaginense — aos outros vandalos que se denominavam selingos, coube a Bética.

411 — Hunerico, rei dos suevos, era gentio. Os bracaros que se tinham refugiado nos seus castellos, vendo-se desamparados dos romanos, e que não podiam sustentar uma dilatada guerra contra os barbaros, n'este anno de 411, se entregaram aos suevos, e Hunerico fez de Braga a sua corte.

Os vandalos, visinhos dos suevos, do lado do norte, eram mais poderosos do que estes, e os expulsaram de Braga, obrigando-os a retirar para os *montes Narvasios* (que supponho ser a actual *serra de Barroso*) onde os vandalos os foram cercar. Acudiram os romanos em favor dos suevos, obrigando os vandalos a retirar, e abandonando Braga, sahindo para sempre do Norte da Lusitania.

418 — Os alanos romperam de novo contra os vandalos e selingos, em quanto os romanos colligados com os visigôdos, diligenciavam sustentar o dominio do imperio romano nas Hespanhas. Junto a Merida, se deu uma sanguinolenta batalha, perdendo Ataces, rei dos alanos, a vida, e o resto dos seus exercitos, foram procurar abrigo na Galliza e no littoral da Lusitania sptentrional. (Vide ne 2.º vol., pag. 320, col. 1.ª e seguintes.)

420 — Walia, rei dos gôdos, fez a guerra aos vandalos e selingos da Andaluzia; e os alanos por pouco tempo se acharam socegados.

Gunderico augmentava as suas tropas. Se as rebelliões dos romanos, n'estes desgraçados tempos, chamados da *anarchia*, ou do *baixo imperio*, eram continuas, os barbaros, tambem estavam em guerra permanente entre si.

Hermenerico, rei dos suevos, o menos barbaro dos principes invasores, admittiu os lusitanos a todas as honras, e deixou-lhes o livre exercicio da religião catholica; pelo que, conquistadores e conquistados, formaram um só povo.

423 — Gunderico, rei dos vandalos, querendo collocar sob o seu poder os alanos da Lusitania e os selingos da Andaluzia, rompeu a guerra com Hermenerico, mas este o venceu, obrigando a retirar com as suas tropas para as ilhas Baleares.

425 — Voltam os vandalos a Hespanha, e tomam Carthagena, que destruiram. Succedeu esta destruição, no primeiro anno do imperio de Valentiano, na olimpiada 301, segundo a relação de Idacio, que diz —

«Vandali Balearicas iresulas depraedantur deinde Cartagine Spartaria, et Hispali eversa, et Hispaniis depraedatis Mauritaniam invadunt.»

Arruinada Carthagena, tomou Gunderico tambem Sevilha, onde morreu repentinamente, succedendo-lhe seu irmão Genserico.

429 (maio) — Genserico, deixa e Hespanha, e, por convite do conde Bonifacio, que se tinha rebellado contra os romanos e porque se via perseguido por Theodoro, rei dos gôdos. O exercito dos vandalos, constava de 80:000 homens, entrando n'esta conta alguns alanos, que se lhe tinham reunido.

430 — Com a retirada dos vandalos para a Africa, ficaram em paz e muito poderosos os suevos, então em paz com os romanos.

Assim terminou o dominio dos vandalos, na Peninsula Iberica.

Os selingos, porém, que não tinham tomado parte nas guerras entre gôdos e vandalos, apesar de serem da raça d'estes ultimos, ficaram occupando a Bética, que continuou a chamar-se *Wandaluzia.*

VANDOMA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Paredes (foi do mesmo concelho mas da comarca de Penafiel.) 20 kilometros ao N. E. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768, tinha 87.

Orago, Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A esta freguezia está annexa a de S. Miguel de Cristéllo, que em 1757 tinha 57 fogos. Vê-se pois que, em 125 annos, só augmentaram *um fôgo*, estas duas freguezias — se é exacta a população que lhes dão os mappas.

Vide o 4.º Cristéllo. Tambem teve annexa, *Santa Eulalia de Paços.*

O padroado real, apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

É povoação muito antiga, pois, segundo o *Catalogo dos bispos do Porto*, (pag. 409, col. 2.ª) foi fundada pelos gascões — isto entre os annos 984 e 1025. (7.º volume, pag. 282 e seguinte d'este diccionario.)

Ha aqui vestigios de uma antiquissima cidade, cuja fundação se attribue aos gallos-celtas; mas não se sabe qual era o seu nome.

Consta por tradição, que Dom Nunego, bispo do Porto (um dos gascões) depois de ter levantado — ou reconstruido os muros do Porto, caminhou 20 kilometros para o N. E. da cidade, até Baltar [1] e no alto do monte, construiu uma fortaleza, da qual ainda ha vestigios, e á qual poz o nome de *Vendôme*. A egreja matriz, está na falda d'este monte.

Isto induz-me a crer que a *fortaleza*, cuja fundação se attribue a D. Nonego, não é mais que os restos da tal cidade, ou povoação celta, que talvez jé se chamasse *Vendôme.* O facto de trazer D. Nonêgo, bispo de Vendôme, uma imagem de Nossa Senhora de Vendôme, quando veio da França, e que mandou collocar em um nicho, do arco, por isso chamado *porta da Vendôme*, no largo da Sé, deu provavelmente causa a confundir-se o nome da povoação, com o da Senhora.

O que é certo (segundo o logar citado, do *Catalogo dos bispos do Porto*) é que o referido D. Nonego [2] fundou aqui um mosteiro

---

[1] *Baltar*, é a juncção de duas palavras celticas — *Balt*, agua — e *Aar*, corrente.— Vem a ser — Agua corrente, rêgo, ou arrôio. A etymologia do nome d'esta serra e da freguezia de Baltar, faz-nos crer na tradição da existencia da tal cidade — ou pelo menos, uma povoação mais ou menos importante, do tempo dos gallos-celtas.

Tambem é de origem gallo-celta a palavra *Vendôme*, cidade franceza no cantão de *Loir-et-Cher*, e que antigamente (no tempo dos romanos) se chamava *Vendocinum.* Fica a 40 kilometros de Blois, 90 a N. E. de Tours, e 174 de Paris. (Vide no 7.º vol., pag. 289, col. 1.ª.)

Alguns dos leitores, certamente se hão-de desgostar de tantas citações, ou *chamadas*; porem julgo que isso é preferivel a fastidiosas repetições.

[2] Segundo alguns escriptores, este mos-

de monges benedictinos,[1] que depois adoptou a reforma de S. Bernardo. Outros dizem que este mosteiro foi de conegos regrantes de Santo Agostinho (Cruzios.) Outros dizem que era de frades premonstatenses, francezes.

Em 1570, passou este convento (qualquer que fosse a sua ordem) a abbadia secular, annexa ao collegio de São Lourenço, da *Companhia de Jesus*, da cidade do Porto. Por extincção d'esta ordem ou instituto — passou á Universidade de Coimbra, que o vendeu aos frades gracianos (vulgo — Grillos) e que hoje é seminario diocesano. (7.º vol., pag. 297, col. 2.ª)

Vandôme, Paços (Paços de Ferreira) e Cristello, davam aos jesuitas, 240$000 réis por anno.

E' terra muito fertil em todos os fructos do nosso clima; exporta bastantes bois gordos para Inglaterra, e cria outras especies de gado.

VAPOR — O seu emprego como agente propulsor, foi ignorado dos nossos avós. (Vide *Vias ferreas*.)

O primeiro barco movido por vapor, foi norte-americano. Eis a sua historia —

Em 20 de agosto de 1807, uma multidão immensa achava-se agglomerada na margem occidental do Hudson, em NewYork, para assistir á mais audaciosa tentativa que o genio ou a loucura do homem poderia conceber n'aquella época.

Tratava-se de uma experiencia inverosimil. Um barco, construido para a navegação fluvial, devia, sem auxilio de vela nem de remo e contra a corrente, fazer a travessia de New-York a Albany, um trajecto de sessenta leguas.

Esta embarcação, que pouco differia dos nossos actuaes barcos a vapor, mas que, precisamente por causa d'isso, mudava todas as condições nauticas, adoptadas até então, chamava-se *Folie-Fulton*.

Era assim que a America acolhia então a invenção do homem de quem tanto se ufana, d'esse illustre Fulton que a Europa tambem havia desprezado, não obstante o feliz resultado do seu torpêdo e do barco mergulhador, nas radas de França e de Inglaterra.

Um só homem, o chanceller Livingston, tivera confiança no seu compatriota, e fôra, graças ao seu auxilio, que Fulton pudera construir o seu barco, a que deu o nome de *Clermont*, do nome da propriedade que o seu associado possuia nas margens de Hudson. Como temeram que lhes faltasse dinheiro para o ultimo momento, haviam offerecido o terço dos beneficios da empresa áquelle que lhes emprestasse o dinheiro que se julgasse necessario, mas ninguem acceitára tal offerta.

Tambem se não encontrou pessoa alguma que ousasse correr o risco de se confiar áquelle barco fantastico, que devia sem força motriz apparente navegar em um rio alteroso como o mar, e luctar contra a sua rapida corrente.

Alguns minutos mais, e o resultado ia pronunciar a sua sentença entre Fulton e os seus detractores; decidir se havia loucura ou concepção sublime n'aquelle espirito atormentado que luctava havia tantos annos.

A maioria dos assistentes, anciosos e profundamente commovidos, sentia vagamente que alguma coisa de grande e de mysterioso se podia revellar, mas alguns outros scepticos e incredulos, como os ha em toda a agglomeração de homens, chacoteavam a respeito da pretendida descoberta, riam-se e zombavam do espectaculo e dos espectadores

Os gritos e os remoques redobraram, quando se viu Fulton, só no convez do *Clermont*, dar o signal de partida a alguns operarios dedicados e intrepidos que se não viam, por estarem occultos com as amuradas do barco.

De repente um jacto de fumo saiu da chaminé do *Clermont*; engrossou rapidamente e transformou-se em uma nuvem negra; o navio move-se; as grandes rodas ferem a agua que espadana em escuma, e a proa,

---

teiro não foi sómente fundado por D. Nonego, bispo de Vendôme, em França, mas tambem por D. Moninho Viegas, *o Gasco*, e seu irmão D. Sisnando, bispo do Porto.

[1] Por isso, antigamente se dava a esta freguezia o nome de *Mosteiro da Vandôma*.

rasgando o Hudson, segue avante, deslisando por sobre as ondas.

Uma commoção electrica sacudiu a multidão, levantou-se um murmurio confuso, e de vinte mil peitos saiu o quer que fosse que alli havia de oppressivo e terrivel... depois estrugiram os *hurrahs* e os vivas, o enthusiasmo e o delirio universal tornaram-se patentes, levando ao coração de Fulton um momento de indizivel embriaguez, que recompensava dés annos de lucta e de soffrimento.

A travessia executou-se regularmente, como a tinha annunciado o programma afixado na vespera, mas foi acompanhada de incidentes, que facilmente se imaginarão, pensando no espectaculo surprehendente que devia apresentar aquella estranha embarcação, aos viajantes que passavam por perto.

A' noite, o effeito augmentou, e os habitantes das praias exultavam como os proprios marinheiros.

No regresso do Albany, Fulton foi mais feliz que á sua sahida de New-York — apresentou-se um viajante.

Como é natural, Fulton não tinha empregado para receber o dinheiro das passagens, nem para vender os bilhetes, e assim foi elle que recebeu do ousado passageiro, 6 dollars, pedidos pela passagem.

Fulton, olhava absorto, para aquelle dinheiro.

Oh! disse o grande inventor, erguendo os olhos em que brilhava a alegria — é esta a primeira receita do meu invento, e quizera para vos agradecer, offerecer-vos um calix de vinho do Porto; mas estou tão pobre, que não posso satisfazer esse desejo!

Este viajante, era o sabio francez Andrieux, a quem Fulton amou toda a sua vida, nunca se esquecendo que foi o primeiro passageiro do seu *Clermont*.

—

O primeiro barco movido a vapor que se viu no Tejo, foi no anno de 1816.

VAQUEIROS — freguezia, Algarve, comarca de Tavira, concelho d'Alcoutim. 54 kilometros a E. de Faro, 180 ao S. de Lisboa, 375 fogos.

Em 1768, tinha 41.[1]

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Fáro.

O bispo, apresentava o cura, que tinha 309 alqueires de trigo, e 106 de cevada.

Egreja ordinaria e pobre.

A freguezia é situada em um monte, rodeada de outros mais altos; e atravessada pela ribeira de Odeleite.

Muito fertil em cereaes, e grande abundancia de caça, e peixe do Guadiana, que lhe corre perto, ao sul, e do mar, que lhe vem pelo mesmo rio.

Proximo a esta aldeia, está a grande mina de cobre, em exploração. Vide *Cova dos Mouros*, e *Martin Longo*.

VAQUEIROS — freguezia, Extremadura, comarca, concelho, districto administrativo e 24 kilometros ao N. de Santarem, 10 de Torres-Novas, e 105 ao N. E. de Lisboa. 65 fogos.

Em 1768, tinha 80.

Orago, Santa Maria. (O *Port. Sacro*, diz que é o Espirito Santo).

Patriarchado de Lisboa.

O vigario de Cazével, apresentava o cura, que tinha de renda 60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, e 7$500 réis em dinheiro. (A *Historia de Santarem* — tomo 2.°, pag. 258 — diz que o cura era apresentado pelos freguezes.) Esteve annexa a Cazével.

Vaqueiros, é uma aldeia que foi grande e nobre, porque, em outros tempos, viviam aqui muitos fidalgos, como o provam as ruinas de varias casas brazonadas.

Junto ao logar de Vaqueiros — mas já no districto da freguezia de S. Vicente do Paúl (6.° vol., pag. 507, col. 1.ª — a ultima linha — e seguintes —) está uma grande quinta, dos descendentes de João Morato Roma, e n'ella a ermida de Nossa Senhora da Graça, ou das Mercês, que foi objecto de grande devoção, dos povos d'estes sitios.

---

[1] E' de certo engano do *Portugal Sacro*. Não podia esta freguezia (apezar da sua prosperidade) augmentar em 114 annos, mais de nove vezes a sua população.

Eis a historia (ou lenda) do apparecimento d'esta Senhora —

N'esta quinta está um monte alcantilado e n'elle uma gruta, ou lapa, natural, e sobre ella, um tronco de hera de grandes dimensões, e ao pé, um manancial d'agua, a que o povo dá o nome de *Fonte Santa*, por lhe attribuir virtudes medicinaes, e a qual bebem, na esperança de lhe curar as suas enfermidades.

Foi sobre esta fonte, e na referida lapa, que appareceu a imagem da S. S. Virgem, á qual se deu a invocação *da Graça*, e tambem *das Mercês*, e que foi levada para a ermida da quinta.

Aconteceu isto, em tempos remotos, de que não ha memoria.

A *Fonte Santa*, fica a O., e na retaguarda da ermida, e tem trez bicas, lançando copiosa agua, que serve para regar uma bôa parte da quinta.

—

E' terra fertil em todos os fructos do paiz, e o seu vinho é de superior qualidade.

VAR — Port. ant.— E' palavra hungara, e sigifica *cidade*, ou grande povoação. Na França ha *Var*, na Provença; no cantão de Nice; nas Bouches-du-Rhône, e em outras partes — Na Italia, ha tambem *Var*, nos Baixos Alpes; e nas praias do Mediterraneo.

Talvez (e é provavel) que de algumas d'estas origens, provenha o nome á villa de Ovar·

Vide no 6.º vol., pag. 364, col. 2.ª.

VARANCADA — Port. ant.— *varada*. Tambem se dizia *vangalada*. Era castigo muito usado no principio da nossa monarchia, contra os calumniadores. (Vide no 1.º vol., pag. 254, col. 2.ª)

VARATOJO — aldeia, Extremadura, na freguezia de São Pedro de Torres-Vedras, e 2 kilometros ao O. da villa d'este nome, [1] proximo á fortaleza e ermida de São Vicente, da qual fallei no artigo de Torres-Vedras.

Foi, em tempos mais felizes, uma povoação nobre e próspera, quando aqui havia varios palacios dos grandes do reino, dos quaes hoje apenas existe um, mas bastante arruinado. — (Para evitarmos repetições, vide no 9.º vol. pag. 676, col. 2.ª e seguintes).

Hoje está este logar reduzido a uma aldeia pequena e pobre, situada em um monte — por onde passavam as famosas *Linhas de Torres-Vedras* — tendo pelo sul, uma cordilheira de maior elevação, que chega até ao litoral = por onde corriam as ditas *Linhas* — e com extensas vistas para o O., e N. [1] —

É bastante fertil, e o seu vinho ainda pertence ao tão justamente elogiado, sob a denominação de *vinho de Torres*.

Nada mais notavel tem esta povoação além do seu mosteiro, do qual adiante trato — e da antiquissima —

ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO SOBREIRO

Segundo o *Santuario Mariano*, tomo 2.º pag. 68 — a imagem de Nossa Senhora do Sobreiro (ou Sovereiro) foi trazida a Portugal, pelos inglezes que em 1147 ajudaram D. Affonso Henriques a tirar Lisboa do poder dos mouros. Ignora-se a causa porque esconderam a santa imagem, na toca de um grande sobreiro, que então existia em uma brecha, que depois veio a fazer parte da cerca do mosteiro.

Quando, no seculo XV, D. Affonso V fundou este mosteiro, como adiante veremos, os frades acharam alli a Senhora, e lhe construiram uma edicula, junto ao mesmo sobreiro.

Em 1777, um devoto, cujo nome não pude saber, [2] construiu, á sua custa, no vesti-

---

[1] Do Varatojo, se vêem ainda hoje, em varios sitios da cordilheira, os restos — mais ou menos bem conservados — dos famosos reductos que tanto mêdo incutiram em Massena e nos seus soldados. E na mesma povoação, ainda existe (bem conservada, em partes) a calçada feita em 1809, para a conducção das tropas e material de guerra.

[1] No 9.º vol., pag. 654, col. 2.ª, disse que era a 3 kil. de distancia da villa, porque fui lá de carruagem, dando por isso uma grande volta, pela estrada que passa entre o Varatojo e o Paúl, por não haver para aquelle sitio outra estrada para trens.

[2] Estive no Varatojo, a 4 de outubro de 1875, dia da festa de São Francisco de Assis, patriarcha da ordem franciscana, e por-

bulo em frente da egreja do mosteiro, uma formosissima ermida á Senhora do Sobreiro, assim como umas bonitas escadas, com as paredes revestidas de azulejos, representando varias scenas da vida da SS. Virgem.

Em 1834, uns malvados, tão infames como estupidos, tiraram a picão, os olhos de quasi todas as figuras. (O mesmo fizeram outros que taes, n'aquelle anno, em outros muitos conventos e egrejas — até na da Graça, em Lisboa!... — Assim como elles estavam cegos pela descrença, pretendiam cegar as santas imagens!...)

A ermida é tambem revestida de formosos azulejos, até dous metros da sua altura, e egualmente com quadros da vida de Nossa Senhora.

A Senhora do Sobreiro, ainda hoje é objecto de grande devoção, dos povos d'estas terras, e particularmente dos habitantes do Varatôjo, que lhe fazem uma pomposa festa todos os annos.

O sobreiro, era a mais antiga e mais corpolenta arvore d'estes sitios; mas um raio a fendeu, pelos annos de 1850. Ainda na sua concavidade, está um tosco altar de alvenaria e cal, e alli diziam missa os frades, e faziam uma festa solemne, no anniversario do apparecimento da Senhora.

O mosteiro

No fim da col. 1.ª, pag. 500, e seguinte; e col. 1.ª da pag. 505, do 8.º volume, tratei do infeliz casamento (2.º) de D. Affonso V, de Portugal, com a princeza de Castella, D. Joanna — a *Excellente Senhora* — e para aquelles logares remetto os leitores. Aqui só tratarei d'este facto, no que respeita ao mosteiro do Varatôjo [1].

D. Affonso V tinha n'esta aldeia uma quinta e matta annexa, que, em 1470, deu aos frades franciscanos, para alli construirem um mosteiro, dando-lhes avultadas esmolas para esta fundação.

Vimos nos logares citados do 8.º volume a historia do segundo casamento d'este rei.

Perdida a batalha de Toro (maio de 1476) D. Affonso V vae a França pedir auxilio a Luiz XI, mas o rei francez, a rogo de D. Fernando de Aragão (marido da celebre Isabel, de Castella — vulgo — os *reis catholicos*) o conserva preso, por espaço de um anno.

Posto em liberdade, manda ordem a seu filho (D. João II) para se acclamar rei, decidido a abandonar o throno e hir em peregrinação aos logares santos da Palestina.

Esta acclamação (de D. João II) teve logar a 10 de novembro de 1477; mas, logo a 14, entra o pae pela barra de Lisboa, e D. João 2.º lhe entrega a corôa, regeitando o titulo de *rei do Algarve*, que o pae lhe offerecêra.

A guerra com os castelhanos e aragonezes, tinha continuado durante a prisão do rei portuguez, e só terminou pelo tratado de paz, celebrado entre os contendores, a 4 de setembro de 1479, pelo qual D. Affonso V renuncia os seus direitos á corôa de Castella, e a infeliz princeza D. Joanna, 2.ª espoza e sobrinha do rei portuguez, é mettida em um mosteiro de Santarem, com o titulo de *Excellente Senhora*, e alli morre em 1530, com 68 annos de edade, como vimos a pag. 505, col. 1.ª, do 8.º volume.

D. Affonso V, perdidas as suas esperanças de reinar em Portugal e Castella; vendo-se obrigado a separar-se da mulher que amava; e não tendo levado a effeito a sua projectada romaria a Jerusalem, resolve con-

---

tanto, dia solemne para este mosteiro. Os padres com quem alli fallei, não me souberam responder á maior parte das perguntas que lhes fiz, com respeito ao seu seminario. Disseram-me que o que melhor me pódia informar, andava missionando por outras terras! Fiquei *desapontado*.

[1] Supponho que a etymologia de Varatojo vem do antigo portuguez — *vára* — que significa madeira miuda, propria para arcos de pipa, sebes para carros, e outros usos. Antigamente, era este logar uma brenha, que só produzia aquella qualidade de madeira, e matto; e nada mais natural do que dizer o povo de Torres Vedras — «Vamos ao monte buscar *vara e tôjo*». — Dando assim origem á denominação de *Monte de Vara e Tojo*, que depois veio a ser o da povoação.

Isto é uma etymologia minha, que póde ser ou deixar de ser approvada pelos leitores.

sagrar o resto dos seus dias á oração e penitencia, no mosteiro do Varatojo.

Mas não teve a coragem de trocar os arminhos brilhantes da realeza, pelo humilde burel dos franciscanos; como não tivera animo de emprehender a longa e perigosa jornada á Palestina; limitou-se a fazer frequentes visitas aos frades, demorando-se entre elles, alguns dias, cada vez que aqui vinha.

Em 12 de julho de 1491, morre da queda de um cavallo, na Ribeira de Santarem, o principe D. Affonso, filho unico de D. João II, e da santa rainha D. Leonor (irman do duque de Beja, depois, D. Manuel I). Seus paes, consternados por morte tão tragica, foram encerrar-se alguns dias no seminario do Varatojo, para darem livre desafogo ás suas cruciantes maguas, e buscar alivio nas orações e mais exercicios de piedade.

—

Em 1680, um cavalleiro, que no seculo se chamára *Antonio da Fonseca Soares* (vide no 9.º vol., pag. 303, col. 1.ª) depois de ter professado no convento de São Francisco, da cidade de Evora, com o nome de *frei Antonio das Chagas*, veio terminar seus dias no mosteiro do Varatojo, a 20 de outubro de 1682, tendo apenas 51 annos de edade. Foi este santo e esclarecido religioso, que transformou este convento de franciscanos, no collegio, ou congregação de missionarios apostolicos, com beneplacito regio, e por uma bula do pápa Innocencio XI, successor de Clemente X, e antecessor de Alexandre VIII.

Ainda se conserva, com geral respeito dos habitantes d'este mosteiro, a cella humilde onde residiu nos dous ultimos annos da sua vida e onde falleceu frei Antonio das Chagas.

—

Em 1725, *D. Gaspar de Moscôso*, irmão do marquez de Gouveia, e valido de D. João V, abandona as grandezas tentadoras do mundo, e troca os ouropeis da côrte — onde era tão estimado — pelo habito dos missionarios varatojanos.

Ainda quando noviço, aqui o veiu visitar o monarcha, em 1728.

Em 1730, professa o illustre fidalgo, trocando os seus appellidos de familia, pelo humilde nome de *frei Gaspar da Encarnação*.

D. João V, deu mais uma prova da amisade que sempre dedicou a este virtuoso frade, vindo, em pessoa, assistir á sua profissão.

(Vol. 9.º, pag. 666).

—

D. frei José da Assumpção, filho de Valerio José e de Joanna Vieira, honestos lavradores da aldeia de Nariz (então da freguezia de Requeixo, supprimido concelho d'Eixo, e hoje concelho d'Aveiro) e chamado (D. frei José da Assumpção) ainda José Valerio, foi assistir a um sermão que na freguezia da Palhaça, do mesmo concelho de Aveiro — mas que então era do de Soza — prègou um missionario Varatojo, e tal impressão lhe causou este orador, que foi alli ouvir mais sermões d'este missionario e de outro seu companheiro, e da Palhaça veio decidido a ordenar-se, o que effectuou, tomando então o nome de José da Assumpção. Despedindo-se da familia se recolheu ao mosteiro do Varatojo, d'onde foi nomeado, em janeiro de 1833, bispo de Lamego. Falleceu nos arrabaldes de Lisboa, a 18 de outubro de 1841.

Depois de ter sido um optimo estudante e um musico excellente, tocando com perfeição, rebeca, guitarra, flauta e orgam, foi um bispo exemplarissimo — nos poucos mezes que exerceu a prelatura — e um escriptor eloquente e primoroso.

> Disse em Requeixo, que D. frei José alli tinha nascido, quando foi na aldeia de Nariz, quando ainda pertencia a Requeixo. Vide *Requeixo*.

—

Deu a santa casa do Varatojo, desde a sua fundação como seminario, sempre até 1834, virtuosissimos sacerdotes, que em todas as cinco partes do mundo brilharam pela sua vida exemplar, pelo seu zelo incansavel, na salvação das almas, e pela sua heroica abnegação em propagarem o catholicismo, a travez dos mais temiveis e variadissimos perigos. A sua humildade e simplicidade evangelica; a sua decizão inabalavel de deixarem tudo, para apostolarem pelas regiões mortiferas

da America, Africa e Oceania, além do perigo de serem martyrisados pelos selvagens d'aquelles sertões, torna estes missionarios dignos do mais profundo rospeito de todos quantos presam a Santa Religião de nossos paes.

Ainda actualmente, os padres que habitam este mosteiro, exercem com grande fructo, o mister de apostolos, por differentes terras de Portugal e no seu mosteiro, edificam o povo, com os seus sermões, com a sua vida de oração e penitencia, e com as suas constantes acções de piedade, e obras de caridade; pelo que são queridos, respeitados, visitados e consultados, por grande numero de catholicos.

—

Ainda em agosto de 1879, um correspondente de Torres Vedras, para o jornal lisbonense «A Esperança» dizia n'este periodico—

OS OBSCURANTISTAS

«Existe a dois kilometros d'esta villa (Torres Vedras) no logar do Varatojo, um edificio do antigo convento da ordem de S. Francisco, hoje habitado por padres missionarios, que só teem em mira a beneficencia.

«Estes padres praticam obras de tão subido merito e sublimes sentimentos, que não posso deixar de os patentear.

«O povo do Varatojo seria completamente rustico, posto que com raras excepções, se não houvesse no seu seio aquelles homens, cujo unico interesse é espalharem a luz de que tanto carecem os povos!

«Pedem com instancia aos paes, que mandem seus filhos á escola por elles estabelecida, onde gratuitamente se ensinam instrucção primaria e algumas materias da secundaria, fazendo-lhes seguir os verdadeiros deveres do bom christão.

«Não ficam ainda por aqui os seus rasgos humanitarios; ás horas da sua refeição os pobres da localidade e os transeuntes alli se dirigem, sendo-lhes então distribuida, com a verdadeira fraternidade, uma parte da sua parca refeição.

«Estes factos nunca poderão ser esquecidos. Não é isto lisonja da minha parte, mas sim fazer ver quanto util poderiam ser muitas d'estas santas casas no paiz.»

—

A egreja do mosteiro, posto não revelar grande magnificencia, está optimamente conservada, e ornada com o maximo aceio.

Teve excellentes paramentos e alfaias, parte das quaes foram roubadas pelos francezes em 1807, e o resto, pelos vandalos modernos, em 1834. (Pelos mesmos que picaram os olhos ás imagens de azulejo da capella de Nossa Senhora do Sobreiro!)

Tem uma vasta e rica sachristia, com optima credencia de *pau santo*, em toda a sua longitude. Ha aqui uma formosa mesa, com a base de marmore branco, e a mesa de marmore preto, obra de um religioso d'este seminario.

É digna de especial menção a bellissima imagem de Nossa Senhora das Graças (SS. Coração de Maria) feita na cidade do Porto, pelo distincto esculptor Lacerda, em 1871. Tem, incluindo o glôbo, 2^{m},50 d'alto.

No altar de Nossa Senhora das Dores, estão as reliquias de São Benedicto, romano, martyr. Vieram de Roma. É a ossada completa d'este santo, primorosamente coberta de cera.

Á esquerda da parte principal da egreja, estão, gravadas em marmore, as armas de D. João I, sustentadas por dous anjos — e á direita, a roda de navalhas, com que foi martyrisada Santa Catharina, cercada pelo cordão de São Francisco.

A mesma roda de navalhas, se vê reproduzida, em pintura, nos paineis do tecto da *crasta*, e nos do vestibulo. Sobre a porta, se lê a palavra

SILENCIO!

Sobre a janella do vestibulo, se lê, em porcellana, esta inscripção moderna —

DE PAUPERTATE NOSTRA
FRANGAMUS
PANEM.

Santas palavras, e apropriadissimas, como vimos no artigo da «Esperança».

Sobre a grade de ferro que fecha o vestibulo (portaria) está um quadro, de fórma

eliptica, envidraçado, com a imagem de São Francisco, adorando o Menino Jesus. É em meio relevo.

—

A cêrca é bastante extensa, posto que a matta constitua a sua maior parte. Tem terras de pão, hortas, grande pomar de optimas fructas, grande vinha, que produz o excellente vinho chamado *de Torres*; e tudo regado com abundancia de optima agua.

Na primeira fonte da cêrca, se lê esta inscripção—

ESTA FONTE MANDOU FAZER
O EX.^{mo} E R.^{mo} SR. DOM FREI JOÃO
DO NASCIMENTO, BISPO DO FUNCHAL
E FILHO D'ESTE SEMINARIO.
1742.

Na matta se admiram bastantes arvores seculares, e muitas mais havia em 1810, que, por consentimento pleno dos religiosos, foram então cortadas, para as obras das *Linhas*.

Por entre o frondoso arvoredo d'este bosque, ha varias capellinhas, e da parte culminante d'elle — onde está outra capella, se goza um vasto panorama, discobrindo-se varias povoações, planicies, montes, e o mar.

—

Os frades varatojanos, constituiam, por si mesmo, provincia regular.

—

Os liberaes venderam tudo isto, ao snr. João Feyo de Magalhães Coutinho, feito barão da Torre, em 13 de agosto de 1847, e visconde do mesmo titulo, em 3 de agosto de 1870.

O comprador vendeu este mosteiro e suas dependencias, ao Rev.^{mo} Sr. padre frei Joaquim do Espirito Santo, que fôra religioso d'este seminario, e que reside aqui com outros companheiros e familiares.

—

Quando escrevi o artigo de Torres-Vedras e na 2.ª col. da pag. 696, entre a relação dos varões illustres d'esta villa, mencionei o doutor, padre Manuel Agostinho Madeira Torres, prior da freguezia de Santa Maria do Castello, da mesma villa, esclarecido auctor da ***Memoria historica e economica da villa e termo de Torres-Vedras***, livro que tanto me servio para escrever o respectivo artigo; tive grande pezar por não saber os nomes dos não menos esclarecidos, e louvavelmente modestos editores e anotadores, que tanta luz derramaram na obra com as suas inapreciaveis notas. O Sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, no Porto, tantas vezes citado n'este diccionario, que tanto tem enriquicido com os seus curiosissimos artigos, esteve no principio do anno de 1882 em Torres Vedras e no Varatojo, e alli, teve a curiosidade de investigar, e conseguiu saber os nomes dos sábios anotadores, e teve a benevolencia de m'o dizer — são —

Doutor, José Eduardo Cesar, da quinta da Marinha, proxima ao Varatojo.

Doutor de capêllo, padre José Antonio da Gama Leal, natural de Torres Vedras.

Ambos fallecidos.

Já que os seus nomes não foram incluidos no logar competente, os menciono aqui, para se não perder a memoria de tão benemeritos cavalheiros.

Ao meu illustradissimo amigo, doutor Pedro Augusto Ferreira, dou os devidos agradecimentos por obsequio de tanta valía.

—

VARGA — port. ant. — certa armadilha para caçar peixe — O mesmo que *avarga*. Significa tambem varzea, veiga, planicie.

VARGEM — Quinta magnifica, Extremadura, na freguezia do Lavradio, concelho do Barreiro, comarca de Aldeia-Gallega-do-Riba-Tejo — 16 kilometros a E. S. E. de Lisboa, e perto da 2.ª estação do caminho de ferro do Sul e Sueste.

Na formosa capella da casa d'esta quinta disse a sua 1.ª missa, o Em.^{mo} Cardeal Patriarcha de Lisboa, D. Ignacio do Nascimento de Moraes Cardoso. (4.° vol., pag. 282, col. 1.ª) [1]

Pertence esta formosa e rica propriedade aos herdeiros de Antonio Maria Cardoso de

---

[1] Este prelado exemplarissimo, falleceu a 23 de fevereiro d'este anno de 1883.

Albuquerque, que aqui falleceu, a 8 de abril de 1875. Foi um cavalheiro honestissimo, caritativo, e fervoroso catholico. Era filho do dezembargador, Domingos José Cardozo e de D. Margarida da Cunha Saraiva de Albuquerque; pessoas tambem de grande illustração e virtude.

VÁRGEM — Nós confundimos muitas vezes (e principalmente os habitantes do Sul do reino) *Várgem* com *Várzea* — que, em todo o caso, tem a mesma significação — isto é — *veiga*, ou *planicie cultivada*: por isso todas as *vargens*, procurem-se em *Varzea*.

Tambem antigamente *varga*, era synonimo de *varzea*, como vimos na palavra *varga*.

VARIZ — freguezia de Traz os Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 30 kilometros de Miranda do Douro, 450 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 33.

Orago, Santo Antão, abbade.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O padroado real, apaesentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

Terra pouco fertil e pobre.

VARLÈTE — Port. ant. — moço da camara.

É corrupção do francez *valet*.

No *Codigo Alf.* — livro 1.º, tit. 51, § 52 — se lê — «E se fôr beesteiro, ou *barlete*, ou homem de pee, ou page *cortar-lhe-ham a orelha direita*».

Os marceneiros, esculptores e carpinteiros seguram as madeiras ao banco, com um instrumento chamado *barrilête*, que tem a mesma origem. Dão-lhe este nome, porque os ajudam nos seus trabalhos, servindo-lhes de creado.

VAROSA, ou BAROSA — rio, Beira Alta. — Vide *Barosa*.

Além do que fica dito, na palavra *Barosa*, accrescento aqui o que se lê a pag. 137 do formoso livro do sr. visconde de Villa-Maior, e ao qual deu o titulo de — «O Douro Illustrado».

«Na margem esquerda do Douro, desde o rio *Mil Lôbos*[1] até ao *Varosa*, numerosas quintas povoam as encostas com as suas vistosas casinhas, no meio de continuo vinhêdo matizado com arvores de variadas especies. Comtudo, a qualidade dos vinhos d'este territorio, é muito diversa d'aquella que dá tanta reputação ao vinho das regiões que até aqui temos percorrido. Não se produzem alli vinhos generosos como os do Alto-Douro; mas podem fazer-se vinhos finos e delicados, de mais vasto e salutar consummo.

No meio do magnifico e gracioso panorama que por todos os lados nos cérca, ao trespassar a magestosa ponte[2], a vista, ao principio distrahida e incerta pela multiplicidade dos objectos, acaba por se fixar na elegante e galharda povoação da Régua, que assentada na margem direita, e reclinada sobre uma viçosa collina, se está mirando nas aguas tranquillas, que o Douro aqui lhe offerece.

«Nenhuma das terras que este rio banha, desde a sua origem até aqui — sem mesmo exceptuar Zamora — apresenta um aspecto mais agradavel do que esta, a cujo cáes aportamos. A alvura, a elegancia, a grandeza e disposição das suas casas e officinas, fazem logo presentir uma povoação, rica e commercial, o que nos confirma tambem o movimento incessante que notamos no rio, no cáes e pelas ruas. É uma terra de fisionomia inteiramente moderna, principalmente na parte mais proxima do rio. Está é propriamente a Régua, que se uniu por uma longa rua, em declive, com a antiga villa do *Pêso da Régua*.

«Ignora-se a época precisa da fundação do Peso da Regua: suspeitam alguns, que data do reinado de D. Sancho I, entre os annos de 1202, a 1207; porque então se começaram a povoar alguns logares do concelho de Penaguião, que mais tarde se consti-

---

[1] Tomo a liberdade de notar ao sr. Visconde, que este pequeno rio, se denomina *Temí-Lobos*, e não *Mil-Lobos*. É aquelle o nome que no Douro e Beira-Alta lhe dá toda a gente (Vide *Temi-Lobos*).

[2] É a ponte de que fallo no 2.º vol., pag. 481, col. 1.ª

tuiu, e a quem el-rei D. Manuel deu foral em Evora, aos 15 de dezembro de 1519.»

Continua o sr. Visconde a tratar das grandezas da Régua, que não copio, por não pertencer a este artigo.

Quanto ao que elle diz com respeito á antiguidade do Peso da Régua, vide no 6.º vol. d'este diccionraio, pag. 698, col. 2.ª e seguintes. Veja-se tambem *Martha de Penaguião (santa)* — *Penaguião*, e *Santa Martha de Penaguião.*

VÁRZEA — freguezia, Traz-os-Montes, no bispado de Miranda (Bragança).

Orago, São Miguel, archanjo.

O abbade de Meixêdo, apresentava o cura, que tinha 7$000 réis de congrua e o pé de altar.

54 kilometros de Miranda do Douro, e 480 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 39 fogos.

Não acho esta freguezia em nenhum livro moderno.

VÁRZEA — freguezia, Douro, comarca, concelho e 8 kilometros ao O. da villa de Arouca, 54 kilometros a O. de Lamego, 15 ao S. do rio Douro, 40 ao S. E. do Porto, 290 ao N. de Lisbôa.

80 fogos.

Em 1768, tinha 48.

Orago, o Salvador do Mundo.

Bispado da Lamego, districto administrativo de Aveiro, *d'onde dista 75 kilometros*, a E. N. E. ! —

A madre abbadessa do mosteiro cisterciense de Arouca, apresentava o reitor, que tinha 50$000 de congrua, segundo o *Portugal Sacro*; mas, segundo a *Historia Ecclesiastica de Lamego*, tinha 80$000 réis.

Tem duas capellas publicas — São Pedro Fins, e São Payo — e uma particular, dedicada a Santo Antonio.

Era commenda da ordem de Christo.

Esta freguezia está formosamente situada na extremidade occidental do bello e fertilissimo *Val de Arouca*, passando-lhe pelo S. e a uns 600 metros da egreja matriz, o rio *Arda*, e parallela a elle, a poucos metros ao S., a nova estrada á Mac-Adam, de Arouca a Oliveira de Azemeis.

É n'esta freguezia a antiquissima aldeia de *Cella* (proxima e ao S. da egreja) e que em tempos remotos foi villa, com o nome de *Saélla*. (Vide vol. 2.º, pag. 231, col. 1.ª)

A egreja matriz denota muita antiguidade, mas ignora-se a data da sua fundação e o nome do seu fundador; ha porém bons fundamentos para julgar que é obra das religiosas do real mosteiro da villa. Pela sua architectura, parece ser construcção do seculo XIII, o que induz a acreditar na tradição, que attribue esta obra á rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I (vide *Arouca*).

Ainda conserva vestigios das fendas que lhe causou o terramoto do 1.º de novembro de 1755.

E' pequena e baixa, mas está muito bem conservada, e o seu interior é digno de attenção, por os seus trez altares, todos novos e de talha dourada. O altar-mór, foi mandado fazer e dourar, á sua custa, em 1853, pelo fallecido e honradissimo proprietario, Bento Leite Cabral Tavares Castello-Branco, d'aqui natural, e visinho da egreja. Era irmão do morgado de Eiriz, tambem já fallecido. (Vide o 2.º *Eiriz.*) Os altares lateraes do corpo da egreja, foram feitos e dourados pelo mesmo tempo, e á custa dos fieis.

A casa do referido Bento Leite, é uma das mais distinctas do Val de Arouca, e hoje propriedade de seus filhos (do tal Bento) os srs. João Leite Cabral Tavares Castello-Branco, — e Joaquim Leite Cabral Tavares Castello-Branco, cavalheiros tão honrados como o foi seu virtuoso pae. Chama-se a casa d'estes cavalheiros, *Vinha do Souto de Cima.*

Proximo á casa d'estes senhores, está a tambem nobre e antiga casa da *Vinha do Souto de Baixo*, que foi da fallecida [1] D. Luciana Laurinda Libania d'Almeida Brandão, viuva do capitão de Malta, Manoel Joaquim de Souza Brandão (irmão do ultimo bispo de Pinhel, Dom Leonardo Brandão, do qual adiante trato — ambos naturaes d'esta freguezia.) Esta casa é hoje do mórgado d'Avan-

[1] Esta virtuosissima e respeitavel senhora, morreu na sua casa da Varzea, a 20 de dezembro de 1874, nomeando seu herdeiro universal, a seu sobrinho, o sr. mórgado d'Avanca, como se diz no texto.

ca, o sr. Antonio Thomaz de Sá Abreu Freire Valente, sobrinho materno d'aquella senhora, que era irman do senhor Fernando Antonio d'Almeida Tavares e Oliveira, bacharel formado em direito e theologia, e feito visconde de Baçar (aldeia, da freguezia de Castellões, concelho de Macieira de Cambra) em 28 de janeiro de 1871. [1]

Na mesma data, foi feito visconde do mesmo titulo, o sr. José Maria de Abreu Freire, hoje juiz de direito d'Evora — este irmão é aquelle tio do sr. Morgado d'Avanca.

Mórgados d'Avanca

O actual e ultimo morgado d'Avanca, é, como vimos, o sr. *Antonio Thomaz de Sá Abreu Freire Valente.* Seus avós paternos, foram — *João de Minho Rézende* e D. Anna Joaquina de Abreu Freire, que tiveram os seguintes filhos —

1.º — *João de Rézende Valente de Sá Abreu,* fallecido com 68 annos de edade, a 12 de novembro de 1856. Era pae do actual mórgado, do qual adiante trato.

2.º — *Antonio de Pinho Rézende Abreu,* fallecido a 13 de maio de 1868. Era casado com D. Brites de Pina Botelho e Abreu, natural da villa de Penamacôr, e fallecida a 20 de setembro de 1876.

Sentou praça de cadête no batalhão de caçadores n.º 11 (então de quartel na villa da Feira) e foi despachado alferes, a 15 de dezembro de 1814 — tenente de caçadores n.º 4, a 22 de junho de 1821 — capitão, a 23 de novembro de 1831 — major, no 1.º de janeiro de 1834 — tenente-coronel de caçadores n.º 8, a 7 de março de 1834.

Era tenente do batalhão de caçadores n.º 4, quando este corpo, commandado pelo, então tenente-coronel, José da Rosa e Souza, acclamou em Castro-Marim, sua praça, o sr. D. Miguel I, a 8 de outubro de 1826.

[1] Falleceu na sua casa de Baçar, com 90 annos de edade, no dia 28 de outubro de 1882. Fez parte da camara constituinte, em 1820. Foi juiz de fóra de Castello de Vide, e depois de Vouzella. Pertenceu sempre ao partido liberal.

Rézende não tomou parte n'esta acclamação e revolta, porque estava servindo de ajudante de milicias de Idanha; pelo que, nem foi, como o seu batalhão, da divisão do marquez de Chaves (tenente general Silveira) nem esteve (como *nós*) emigrado em Hespanha, desde 7 de março de 1827, até 5 de agosto de 1828. [1]

O regimento de milicias em que servia, em 1828 (como todos os mais milicianos portuguezes) tomaram logo o partido do sr. D. Miguel — è Rézende, despachado capitão, em 1831, passou para a 1.ª linha, sendo um soldado fiel ao partido realista até á convenção d'Evora-Monte.

Em 1846, adheriu á revolta chamada da *Maria da Fonte*, e a *Junta* do Porto lhe deu o commando do regimento de Infanteria n.º 6, emprego que exerceu até á *convenção de Gramido*, de triste recordação.

Teve os seguintes filhos — os senhores —

1.º — *Augusto de Mina Rézende d'Abreu Freire,* hoje viuvo, e sem filhos.

2.º — *João Antonio de Pina Rézende de Abreu Freire,* solteiro.

3.º — *Padre Caetano de Pina Abreu Sá Freire,* actual abbade da freguezia de Pardilhó, no concelho de Estarrêja.

4.º — *Fernando de Mina Rézende Abreu Freire* — casado com a sr.ª D. Maria do Rosario de Souza e Abreu; da qual teve já trez filhos, que

[1] *Estivemos* emigrados em Hespanha, 517 dias. Nunca pude entender a razão porque o sr. D. Miguel, depois de chegar a Lisboa, em 22 de fevereiro de 1828, nos deixou ainda ficar emigrados CENTO E SESSENTA E CINCO DIAS — tanto que as tropas com que debelou os revoltosos de 16 de maio de 1828, eram córpos que tinham ficado em Portugal, ao serviço dos liberaes, e que se tinham apresentado ao rei; ajudadas por alguns batalhões de *Voluntarios Realistas*, recentemente organisados; alguns regimentos de milicias; e guerrilhas (na maxima parte, indisciplinados, mal armados e ladrões.) Quanto a mim, já principiava a ser atraiçoado o sr. D. Miguel...

são — *D. Luciana, Antonio, e Miguel.*

5.º — *D. Maria Lucia,* a unica fallecida, de todos os cinco irmãos.

3.º — *José de Rézende Abreu Freire.* Falleceu em setembro de 1869. Foi casado com D. Maria Valente de Abreu Freire, fallecida a 8 de dezembro de 1874. Tiveram os filhos seguintes —

1.º — O *padre João de Rézende de Abreu Freire,* que falleceu prior da freguezia de S. Miguel d'Alfama, bairro oriental de Lisbôa.

2.º — *D. Maria José,* que ainda está solteira.

3.º — *D. Anna,* idem.

4.º — *D. Luciana,* fallecida.

5.º — *D. Margarida,*

6.º — *D. Joanna,* fallecida.

7.º — *D. Joaquina.*

8.º — *D. Maria Custodia.*

9.º — *José Maria,* fallecido quando era estudante

—

O avô materno do actual morgado foi —

O *doutor Thomaz Antonio d'Almeida Tavares e Oliveira.* Teve os filhos seguintes —

1.º — *D. Luciana Laurinda Libania d'Almeida Brandão,* viuva do capitão da Malta, d'esta freguezia da Varzea, e da qual já fallei.

2.º — *D. Margarida Michelina d'Almeida d'Abreu Freire,* mãe do actual mórgado.

3.º — O *doutor Fernando Antonio d'Almeida Abreu Freire,* 1.º visconde de Baçar, do qual já tratei.

4.º — O *doutor Rodrigo Celestino d'Almeida Tavares e Oliveira* — fallecido.

Paes do actual mórgado —

O referido *João de Rèzende Valente de Sá Abreu,* do qual já fallei — casado com D. Margarida Michelina d'Almeida Abreu Freire, da illustre casa de Baçar, em Cambra, falecida em 24 de outubro de 1854, com 64 annos de edade.

Foram seus filhos — por ordem de edades —

1.º — *D. Anna Amalia,* que falleceu de pouca edade.

2.º — *D. Luciana Laurinda d'Abreu Freire e Almeida,* que ainda se conserva solteira.

3.º — O *doutor Thomaz Antonio de Sá Abreu Freire Valente,* fallecido a 26 de agosto de 1855. Era formado em direito, pela Universidade de Coimbra.

Tomando parte na revolução de maio de 1846, foi nomeado tenente coronel do batalhão de Voluntarios Realistas d'Estarreja.

Como era o primeiro filho varão, succederia a seu pae no mórgado da *Quinta de S. José — Casa do Outeiro de Paredes* — na freguezia d'Avanca.

Este cavalheiro, um dos mais nobres e sympathicos caracteres da comarca d'Estarreja, ainda hoje é lembrado com saudade por todos quantos o conheceram. Verdadeiro portuguez, coração de pomba, e de uma adoravel affabilidade: uma tisica de laringe o roubou ao amor dos seus e á amisade dos estranhos. [1]

4.º — *D. Maria José d'Abreu Freire,* fallecida a 5 de agosto de 1838, na edade de 18 annos incompletos, sem descendentes, pois era casada havia muito pouco tempo, com seu primo, o sr. doutor José Maria de Lemos d'Almeida Valente, actual juiz de direito da co-

---

[1] D'este distinctissimo cavalheiro, e meu verdadeiro amigo, falla o sr. Camillo Castello Branco, a pag, 273 do seu formoso romance «A Brazileira de Prazins.»

marca d'Abrantes, e da illustre casa *da Areia*, na mesma freguezia d'Avanca.

Este cavalheiro, passou depois a segundas nupcias, com a sr.ª D. Brisida Soares d'Albergaria, da esclarecida casa do Buraco, freguezia do Couto de Cucujães, da qual tambem ficou viuvo e seus filhos.

E' actualmente casado em terceiras nupcias, com uma filha de Bernardo da Costa Pinto Basto, d'Oliveira de Azemeis.

5.º — *Antonio*, actual mórgado, e do qual adiante trato.

6.º — O *doutor José Maria d'Abreu Freire*, 2.º visconde de Baçar, formado em direito, pela Universidade de Coimbra, e actual juiz de direito da comarca d'Evora. Ainda se conserva solteiro.

7.º — O *doutor Rodrigo Celestino d'Almeida Abreu Freire*, fallecido a 18 de setembro de 1863.

8.º — *D. Anna Amalia d'Abreu Freire*, fallecida a 20 de abril de 1858.

O actual mórgado

O sr. *Antonio Thomaz de Sá Abreu Freire Valente*, tem por esposa, a sr.ª *D. Joanna d'Abreu Freire*, sua prima, e da distinctissima familia Abreu Freire. Teem já cinco filhos, que são — por ordem de edades — *José Maria, D. Maria José, D. Maria da Conceição, Abel*, e *D. Bella Augusta*.

—

Ainda que hoje, nem o mórgado de Avanca, nem qualquer dos seus irmãos, use, como vimos, do appellido *Rézende*, são geralmente conhecidos por os *Rézendes d'Avanca*.

Para o brazão d'armas dos Rézendes, vide 8.º volume, pag. 162, col. 1.ª

—

Todos os membros d'esta esclarecida familia — tanto os do *Outeiro de Paredes*, e *da Areia*, d'Avanca; como os de *Baçar* da freguezia de Castellões, concelho de Macieira de Cambra, são geralmente conhecidos pela nobreza do seu caracter, e geralmente respeitados e estimados pelas suas excellentes qualidades.

O ultimo bispo de Pinhel

D. Leonardo Brandão — nasceu a 12 de outubro de 1767, na casa da *Tulha*, do logar do Sobral, d'esta freguezia. Era filho do capitão Manoel Brandão, e de sua mulher, D. Angelica Margarida d'Almeida e Souza, da referida casa da *Vinha do Souto*.[1]

Seus paes (de D. Leonardo) tiveram onze filhos, sendo elle o 7.º na ordem de edades.

Desde creança foi inclinado ao estado ecclesiastico, e entrou na Congregação do Oratorio, cujo instituto professou, no mosteiro de Nossa Senhora de Assumpção, da cidade de Braga; onde recebeu o gráu de mestre.

Dedicou-se logo ás missões e percorreu evangelisando, com grande proveito dos fieis, varios pontos do paiz.

Passou depois a Lisboa, residiu como hospede na casa do Espirito Santo, pertencente á sua corporação, d'onde foi chamado ao paço para confessor da rainha D. Carlota Joaquina e de sua filha, a infanta D. Maria d'Assumpção.

Em 1824 nomeou-o el-rei D. João VI para um dos bispados do ultramar, dignidade que elle recusou. Oito annos mais tarde, isto é, em 1832, tendo de prover-se de prelado a diocese de Pinhel, vaga por fallecimento de D. Bernardo Bernardino Beltrão, recahiu a escolha do principe reinante no P. Leonardo Brandão, que n'aquelle mesmo anno, ou nos principios do seguinte, foi confirmado pela Santa Sé.

Achando-se em 1833 o sr. D. Miguel em Braga, alli chamou o novo bispo de Pinhel,

---

[1] A casa da Tulha, fica ao S. E. da egreja matriz — e a da Vinha do Souto, ao S. O., mas ambas a poucos metros de distancia da mesma egreja.

o qual, em seguida, andou visitando e administrando o Sacramento da Confirmação por differenres terras do Alto Minho. Nos fins d'esse mesmo anno fez a entrada solemne na sua diocese; mas apenas decorridos cinco mezes, teve de retirar-se ante a invasão liberal, refugiando-se na terra da sua naturalidade, onde, bem como nos concelhos de Cambra e Paiva, por espaço de quasi cinco annos, andou vagueando, sempre homisiado e perseguido.

Durante aquella calamitosa epoca levantava elle altares nas casas, que lhe davam asylo, e alli celebrava ou mandava celebrar missa, fazendo tambem a occultas algumas ordenações de presbytero e outras ordens.

Ferido por uma grave doença, veio a cahir no leito, em casa de seu irmão Damaso de Souza Brandão, na Tulha; e nem ao menos poderam ser-lhe prestados os soccorros da medicina, com receio de que fosse descoberto o seu homisio, e abreviada talvez a sua existencia, por algum acto violento do partido dominante.

No dia 28 de abril de 1838 soou emfim para D. Leonardo Brandão a sua ultima hora, vindo a morte libertal-o do estado attribulado, em que por tanto tempo vivêra. A sua familia teve de fazer conduzir os restos mortaes do venerando prelado, de noite e ás escondidas, á egreja de Varzea, onde se lhe deu sepultura, e ainda actualmente jaz.

Foi D. Leonardo Brandão mui versado nas sciencias ecclesiasticas, com especial predilecção pela Theologia Mystica; escreveu e publicou em 1823 uma obrinha cheia de uncção, intitulada *Ramalhete de myrra composto dos mais ternos pensamentos e maviosos suspiros da Mãe de Deus afflicta, para contemplar as suas Sete Dôres* — Antes d'este, havia dado á luz, anonymo, um outro escrioto sob o titulo de *Communhão perfeita.*

—

A reguezia da Varzea, como todas as d'este formoso valle, é fertilissima em todos os fructos do nosso paiz, sobre tudo na parte que é regada pelo Arda (só a casa da Vinha do Souto, tem um campo, que produz, termo medio, 560 alqueires de milho grosso — além do vinho, linho, feijões e hortaliças — o que é rarissimo por estas terras, em que as propriedades estão muito divididas.)

Cria-se aqui muito gado bovino, para a lavoura e exportação (chamado *gado arouquez)* e o proximo rio a fornece de algum peixe, de optima qualidade, mas em pequena quantidade, em razão do pessimo systema de pesca aqui adoptado, que pescando peixe de todos os tamanhos — ainda os mais miudos — extermina-o.

Nos montes do sul da freguezia, ha bastantes perdizes e alguns coelhos e lebres.

VÁRZEA ou VARGEM — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e bispado d'Elvas 70 kilometros d'Evora, 180 a E. de Lisboa, 185 fogos. Orago, S. Braz.

Districto administractivo de Portalegre.

Não vem no *Port. Sacro* (ao menos com este nome, ou no de *Vargem)* nem d'esta freguezia me foi possivel obter outros esclarecimentos.

VÁRZEA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Louzada) 30 kilometros ao E. N. E. de Braga, 360 ao N. Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 105.

Orago, S. Jorge.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O Dom Abbade, benedictino, do mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, apresentava o vigario, que tinha 80$000 de rendimento annual.

Fertil — Gado e caça.

VÁRZEA-COVA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe (foi do concelho de Celorico de Basto, comarca de Cabeceiras de Basto) 40 kilometros a N.E de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768 tinha 54 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Apresentação).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O vigario, collado, de Santa Maria Maior, do Outeiro, apresentava o vigario *ad nutum*, que tinha 60$000 réis de rendimento annual.

Terra fertil e rica, como se póde julgar

pelo accrescimo da sua população, visto que augmentou duas terças partes desde 1768.

Engorda-se aqui muito gado bovino, que vae para a Inglaterra e outras localidades.

VÁRZEA DE ABRUNHAES — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho, bispado, e 3 kilometros de Lamego, 340 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768 tinha 106 fogos.

Orago, São Pedro, apostolo.

Districto administrativo de Viseu.

O thesoureiro-mór da Sé de Lamego, apresentava o cura, que tinha 7$000 réis de congrua e o pé de altar — ao todo, uns 55$000 réis.

É povoação muito antiga, pois já existia como parochia, em 1258, sendo então, da *Ordem militar de soldados* (?). Foi villa.

Os dizimos eram para o thesoureiro-mór, padroeiro d'esta egreja.

Ha na freguezia, 5 ermidas—*Santo André* —*S. Sebastião* — *Santo Aleixo* — uma particular na *Quinta do Prado*—e outra, tambem particular, dos herdeiros de Bernardo José, de Tarouca.

Fertil. Gado e caça.

Esta freguezia, é titulo de viscondado.

O primeiro visconde da Varzea, foi Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, feito por D. João VI, a 3 de julho de 1823.

Era conselheiro de estado do mesmo soberano—commendador das ordens de Christo e Torre Espada — marechal de campo — foi quartel-mestre-general da divisão dos *Voluntarios Reaes d'El-Rei,* [1] em 1816—ajudante general das tropas da côrte e provincia do Rio de Janeiro, em 1818—governador e capitão-general do Maranhão, em 1819 — governador das armas da Beira-Baixa, em 1825.

Era sobrinho do 1.º conde de Amarante, e primo e cunhado do bravo e fidelissimo 2.º conde de Amarante e 1.º marquez de Chaves. Tambem era primo do marechal Saldanha, do visconde de Canellas, etc.

Succedeu na casa a sua mãe.—Casou com sua prima, D. Marianna da Silveira Pinto da Fonseca, filha do 1.º conde d'Amarante.

Falleceu em maio de 1830.

Teve os filhos seguintes:

1.º—*João da Silveira Pinto da Fonseca* — commendador do ordem de Christo, e official de cavallaria. Casou, a 24 de maio de 1836, com D. Maria Antonia Táveira de Souza e Menezes, *nascida a 24 de maio de 1820*; filha de José Táveira Pimentel de Carvalho e Menezes, senhor do morgado de Guiães, em Villa Real de Traz-os-Montes; fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, coronel de milicias, da mesma villa; e de D. Anna de Souza Alvin Lira de Menezes, sua sobrinha (do dito José Táveira).

2.º—*Francisco da Silveira Pinto da Fonseca* — tambem official de cavallaria. Casou, a 7 de janeiro de 1838, com sua prima, D. Maria da Soledade da Silveira Pinto da Fonseca, filha natural, legitimada, do 1.º marquez de Chaves.

3.º— *Pedro da Silveira Pinto da Fonseca.*

4.º—*Antonio da Silveira Pinto da Fonseca.*

5.º—*D. Maria Maximina.*

—

O 1.º visconde da Varzea, era filho unico de João da Silveira Pinto da Fonseca (filho 2.º de Bernardo Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, moço fidalgo, senhor das honras de Nogueira e S. Cypriano, e de D. Francisca Pereira Pinto Coutinho de Vilhena).

João do Silveira Pinto da Fonseca, era moço fidalgo; cavalleiro da ordem de Christo; marechal de campo; governador das armas da Beira — casado com D. Isabel Rita da Camara de Figueiredo e Castro, filha e herdeira de João Correia da Silva e Lacerda, fidalgo da casa real; cavalleiro da ordem de Christo; e de sua mulher, D. Dorothea Clara Moreira de Figueiredo.

—

O 2.º visconde da Varzea (feito a 8 de novembro de 1843) é o dito João da Silveira, filho primogenito do 1.º visconde.

VÁRZEA (ou *Vargea*) **DE ALEMQUER** — freguezia, Extremadura, na villa, comarca e concelho de Alemquer — actualmente annexa á da Triana, da mesma villa, como fica dito no 1.º volume, pag. 106, col. 2.ª, para

---

[1] É pleonasmo. Se eram *reaes*, já se sabe que eram *d'El-Rei.*

onde remetto o leitor, para não haver desagradavel repetição.

Ainda existe a egreja que foi matriz da freguezia da Varzea d'Alemquer; e alli se admiram dous bellos quadros, a oleo, um representando a *Crucifixão*, original de *Quintino Metrys*, nascido em Flandres, em 1450, e fallecido em 1529 — o outro, representa a *coroação de Jesus Christo*. É obra do celebre pintor *Jercnymo Bosch*, nascido em *Bois-le-Duc* (antigamente *Herzogen-Busch*) nos Paizes-Baixos (Hollanda). Estes dous quadros, foram dados á egreja, em 1545, por *Damião de Góes*, quando voltou da sua ultima viagem a Flandres.

VÁRZEA DA ALIVIADA (vulgo, da *Alviada*) — freguezia, Douro, na comarca e concelho do Marco de Canavezes (foi da comarca e concelho de Soalhães), 48 kilometros a E.N.E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 36 fogos.

Orago, São Martinho, bispo.

Bispado e distr.° administrativo do Porto.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

Está ha muitos annos annexa á freguezia da Varzea da Ovelha. (Vide *Varzea da Ovelha e Aliviada.*)

VÁRZEA DA AMEIXOEIRA (ou *de Santa Svzana*)—Vide a 1.ª *Ameixoeira.*

VÁRZEA D'ANÇAN—vasta campina, Douro, na freguezia da villa d'Ançan, comarca e concelho de Cantanhêde, bispado, districto administrativo e 12 kilometros ao O.N.O. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa.

Os marquezes do Louriçal eram padroeiros da egreja d'esta freguezia, e apresentavam o prior, que tinha 700$000 réis de rendimento annual.

Tem hoje a parochia, 370 fogos. Em 1768, tinha 218.

A Varzea d'Ançan, estende-se ao S. do logar da Loureira.

Pelos fins da ultima metade do XVIII seculo, houve n'esta varzea grandes sementeiras de arrôz, que já se não cultivava em 1780, por causa da horrivel epidemia que se desenvolveu na povoação da Granja e em outras d'estes sitios, e que se attribuiu (com bons fundamentos) á cultura do arrôz, pelos miasmas deleterios que exalavam as aguas estagnadas n'este logar.

VARZEA DE AYRÓ—Vide *Varzea, freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras.*

VÁRZEA DA CANDOZA — aldeia, Douro, na freguezia da Candoza, comarca e concelho da Tábua. (Vide *Candoza.*)

Esta aldeia, tornou-se celebre nos annaes do crime, por se ligar com a historia do tristemente famoso salteador e assassino, *João Victor da Silva Brandão*, de Midões. (Vide esta ultima palavra.)

Muitos assignantes se me teem queixado por eu, no artigo *Midões* (o 3.°—a pag. 209, col. 2.ª, do 5.° volume) não ter mencionado os principaes crimes do scellerado *João Brandão*, limitando me a fallar apenas, no assassinato do infeliz padre José da Annunciação Portugal. Em vista d'estas queixas, e para satisfazer a exigencia d'aquelles cavalheiros, faço aqui uma abreviada resenha dos assassinios d'este monstro. Quanto aos incendios e roubos, é difficil—senão impossivel—relatal-os todos, em vista do seu grande numero: basta dizer, que, de um pobre e réles ferreiro, chegou a ser um rico proprietario, só com a parte que lhe tocava, depois da repartição pelos seus dignos camaradas.

—

João Brandão nasceu em Midões, no anno de 1827. Era filho do ferreiro Manoel Brandão, homem de caracter violento e feroz. Seus irmãos, primos e sobrinhos, tão malvados como elle, formavam a horda de assassinos que o reconhecia por chefe. Manoel Brandão, deixou o officio de ferreiro, porque o de salteador lhe rendia muito mais.

Accusado de varios espancamentos e assassinatos, em 1827, ficou impune, pela decidida protecção de *um grande fidalgo* (!!!), que era tambem decidido liberal, e que, apezar d'esta qualidade, e de estar então *no seu tempo*, não pôde livral-o da acção da justiça, mas apenas, *pôr pedra por cima*, no processo.

Pouco depois, teve logar a revolução liberal, no Porto, a 16 de maio de 1828.

O tal fidalgo, tomou n'ella uma parte importante, e vencidos os revoltosos, o fidalgo

e o seu protegido tiveram de andar homisiados, por espaço de seis annos.

A 27 de maio de 1834, tem logar a *convenção d'Evora-Monte.* Chegára a época do triumpho de Manoel Brandão, que, com seus sobrinhos, Antonio, e José Brandão, e outros facinoras que se lhes aggregaram, formou uma guerrilha, que foi o terror dos povos da Beira, principalmente nas povoações de Avô, Villa-Cóva, Cója, Folques, Arganil, e Góes. Muitas casas ficaram completamente varridas, e o seu contheudo era descaradamente transportado, á vista de todos, em carros e cavalgaduras, sendo depois dividido pelos bandidos, cabendo ao chefe a melhor parte dos roubos.

Não se contentavam estes salteadores em roubar, muitas vezes assassinavam familias inteiras, depois de roubadas. Isto nas ruas e praças publicas das villas, publicamente, á hora do dia. Algumas das suas victimas foram por elles arrebatadas, sem jámais se saber o fim que tiveram, nem onde foram enterradas. Violavam donzellas, devastavam os campos, e incendiavam as casas, depois de as terem saqueado. Apossavam-se de bens de raiz, uns, por cartas de venda que, sob pena de morte, obrigavam a assignar aos legitimos proprietarios — outros, mesmo sem titulo algum. *Muitas d'estas propriedades assim roubadas, ainda actualmente estão pacificamente possuidas por aquelles malvados, ou por seus herdeiros !!!*

Faziam requisições de fructos de toda a qualidade, e gados de toda a especie; e ai d'aquelles que não satisfizessem immediatamente!

O mais escandaloso, é que *as auctoridades d'esse tempo, toleravam tantos e tão monstruosos crimes, e não poucas vezes tomavam parte n'elles!...* [1]

Já que os poderes da terra, nem castigavam, nem previniam tantas e tão grandes atrocidades, a Divina Providencia dispôz as cousas de modo que os mesmos facinoras se castigaram reciprocamente.

Desavindos nas partilhas, os bandidos, fortes pela escandalosissima impunidade, todos querem ser chefes, e dividindo-se em bandos, formaram varias quadrilhas, sendo uma das mais notaveis pelos seus crimes, a do famigerado *Caca.* [1]

Depois de divididos, Manoel Brandão assassinou o alferes da Varzea, e se apoderou de uma bôa propriedade que pertencia á sua victima, cuja familia fugiu, para escapar á morte.

Além de muitos e grandes roubos, conhecidos em toda a Beira, apossou-se de varias terras da familia Martins, da Pôvoa de Midões.

José Brandão, assassinou um desgraçado padre octogenario, em Villa-Mean, na margem direita do Mondêgo, e lhe usurpou uma propriedade.

Antonio Brandão, assassinou o vigario do Ervedal, e toda a sua familia, roubando-a em seguida.

Achando ainda poucas todas estas atrocidades, os bandidos fizeram espalhar por toda a Beira, o boato de que os legitimistas da provincia se queriam revoltar. Com este pretexto, reuniram-se as tres quadrilhas dos Brandões—Manoel, José e Antonio—e *acam-*

---

[1] *Arsenio de Chatenay* (pseudonimo do sr. Antonio da Cunho Azevedo Lemos Castello-Branco, das *Varzeas de Trevões,* no seu romance LA VENDETA, OU SALDO DE CONTAS, publicado em 1880, relata algumas d'estas atrocidades, e a quadra de terror e horrores, que soffreu a Beira-Alta, desde 1834, até 1869.

[1] Este malvado, de uns 30 annos de edade, era bôa figura, grandes forças, coragem a toda a prova, e um dos mais destros atiradores do seu tempo. Perseguido, em 1840, pelo povo de Lagares, concelho de Oliveira do Hospital, então comarca de Midões, e hoje da de Tábua, morreu queimado, com mais sete companheiros, dentro da casa de um lagar, preferindo esta horrivel morte, a cahir em poder do povo e da tropa que os perseguia.

No tal romance *La Vendêta,* se torna o *Caca* (o auctor, *por causa da euphonia,* chama-lhe *Caco*—que era o nome do legendario ladrão, da antiguidade; de mais a mais, era uma alcunha bem applicada, porque o *Caca,* só em uma unica letra se differençava do antigo salteador) um verdadeiro heroe de romance, fazendo-o convertido, e capitão de um navio mercante, sua propriedade.

param 12 dias na margem esquerda do Alva, lançando contribuições forçadas a todos os povos d'aquelles sitios.

Foi n'essa occasião, que, entre outras, assaltaram a opulentissima casa do *Porto da Balsa*, d'onde levaram grandes riquezas, em dinheiro, joias, e obras d'arte.

O governo, acreditando (ou fingindo acreditar.....) na revolta legitimista, auctorisou Antonio Brandão a formar um batalhão de voluntarios (de assassinos e ladrões) para conter em respeito os povos da Beira; mas foram tantas as queixas feitas pelos liberaes honrados, muitos d'elles de grande representação, que o ministro da guerra, viu-se obrigado a dissolver o tal chamado batalhão — que não era mais do que uma quadrilha de salteadores e assassinos — dissolvendo tambem a *guarda nacional de Midões*, que, em grande parte, era formada por individuos tão malvados como os *soldados* do batalhão.

Os filhos de Manoel Brandão, foram crescendo, e mostrando tão ferozes instinctos como seu digno pae. Os dous mais velhos—*Manoel Rodrigues Brandão*, e *Roque Brandão*, já formavam parte da quadrilha do pae, e os dous mais novos—*Antonio* e *João*—já davam tambem optimas esperanças ao seu progenitor.

Chegamos em fim á época de

João Brandão

Tendo apenas 12 annos de edade, provou que sabia fazer bôas pontarias, assassinando, *para experiencia*, com um tiro de bacamarte, um inoffensivo cabreiro da serra da Estrella, proximo a Gouveia, merecendo os elogios de seu pae e irmãos!—Já então, revelava intelligencia muito superior á dos seus parentes.

Os quatro irmãos, sendo eguaes em ferocidade, differiam no modo de praticar os crimes—*Manoel*, era hypocrita, pranteando as suas victimas—*Roque*, ria sempre, escarnecendo dos que havia assassinado—*Antonio*, praticava os crimes com a maior indifferença, como se fosse um acto naturalissimo. Era um criminoso indolente—*João*, era um malvado sem entranhas, praticando o crime por gôsto, e regosijando-se com os actos mais crueis e monstruosos.

Estavam as cousas n'estas circumstancias, quando, em 1848, o infeliz doutor Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Telles, [1] foi nomeado juiz de direito da então comarca de Midões. Era um nobilissimo caracter, e um magistrado activo, energico e intelligente, que pretendeu livrar a Beira de tão ferozes malfeitores.

Manoel e João Brandão, o esperaram uma noite, mesmo quasi á porta da sua habitação (d'elle juiz), e quando sahia de casa do Visconde de Midões, o assassinaram com dous tiros. (Note-se que João Brandão tinha apenas 15 annos!)

Foram ambos pronunciados, por este e outros crimes, assim como outros malvados da sua quadrilha.

Manoel Brandão Junior, pôde ser prêso, e remettido para a cadeia de Viseu, mas pouco tempo alli esteve; porque foi despronunciado por falta de provas.

Uma escolta de infanteria n.º 14, andou, *com grande espalhafato......* em busca dos outros criminosos, que não encontrou, como era de esperar, em vista da publicidade de tal diligencia.

N'este tempo, estavam desavindos Manoel Brandão, pae, e seus filhos, com os sobrinhos d'aquelle—Antonio e José Brandão, e principalmente com o filho do José, Manoel Rodrigues da Silva Brandão (o *Manoelzinho*) que João Brandão assassinou cobardemente em 1845 (como veremos adiante), porque os primos e tios auxiliavam então as auctoridades nas buscas aos seus parentes e antigos *camaradas*. (Desgraçadas auctoridades, que acceitavam o apoio de taes facinorosos!......) [2]

Foi este o terceiro assassinato perpetrado por João Brandão.

---

[1] Este dignissimo magistrado era irmão do actual sr. visconde da Aguieira. Vide *Vallongo do Vouga*, onde vem este cobarde assassinato narrado circumstanciadamente.

[2] Os irmãos de Manoel Brandão, pae—eram José Joaquim Brandão, e Antonio Brandão, aquelle pae e este tio do *Manoelzinho*.

O *Manoelzinho,* tinha sido prêso, no 1.º de abril de 1844, por uma escolta de cavallaria, que descia pela estrada de Viseu, quando elle; o bacharel José Lopes de Moraes; o *Cascão*, de Mórtágua e outros, caminhavam pela mesma estrada, regressando de uma conferencia que tinha havido na noite antecedente, na aldeia de *Sulla* (falda oriental do Bussaco) com Jayme Garcia Mascarenhas, e outros populares.

Esta conferencia, tinha por fim annuir á revolta de cavallaria n.º 4, caçadores n.º 1 e infanteria n.º 12, commandados pelo conde do Bom-Fim, que projectava reunir mais tropas, e marchar com ellas sobre Lisboa, para destruir o ministerio cabralista, e proclamar a constituição de 1820. O resto do exercito, porém, não quiz annuir, e Bom-Fim teve de retirar com a sua gente para a Beira-Baixa, e mettendo-se na praça d'Almeida, ahi capitula a 28 d'abril d'esse anno de 1844. Bom-Fim e os officiaes que o seguiam, emigraram para a Hespanha.

A cavallaria não vinha encarregada de effectuar semelhantes prisões, que fez por meras suspeitas; nem o governo cabralista ainda sabia, nem podia saber, de tal conferencia. O que é certo, é que os presos foram para a cadeia de Coimbra, de lá para o Limoeiro, e de Lisboa para o Ilheu da Ilha da Madeira.

Terminada esta pequena guerra civil, regressou o *Manoelzinho,* do Ilheu da Madeira. João Brandão o esperou, atraz do muro de um pardieiro proximo a Midões, e o assassinou cobardemente, com um tiro. Esta morte, teve por causa, não só a desavença que existia entre esta familia de tugs, como a politica—*Manoelzinho* e seus irmãos, eram setembristas, e João Brandão, o pae e os irmãos, eram cabralistas.

—

Desenrolando este sudario de infamias e atrocidades, que causam horror a todo o homem que tiver honra e coração, é com o maior asco e repugnancia que tenho de affirmar a tolerancia — e, o que é ainda mais ascoroso — a conivencia das auctoridades, *militares, administrativas* e *judiciaes,* em todas estas atrocidades, premiando até, com empregos de confiança e elogios, os perpetradores de tantos e tão horrendos crimes! Houve mesmo jornaes politicos, tão infames, que tomaram a defeza dos Brandões, pretendendo converter os seus hediondos crimes, em actos meritorios, como serviços prestados á patria!!!

Nunca Portugal desceu a tamanha immoralidade!......

—

Em 1844, vencida a revolta do conde do Bom-Fim, João Brandão e a sua horda, que andavam fugidos por causa do assassinato do juiz de direito,[1] se declaram strenuos defensores do partido da rainha, e regressaram a suas casas, com o maior cynismo e descaramento, sem que as auctoridades tratassem (nem mesmo fingissem tratar) de os perseguir.

Mas não parou n'isto a infamia das auctoridades d'esse tempo, de horrivel recordação. O governo nomeou José Brandão (irmão do João) administrador do concelho de Midões. (Já nem me canço a pôr pontos de admiração, á vista de tantas e tamanhas immoralidades.)—Ainda mais—Em abril de 1846, o Saldanha toma o partido da côrte, e do seu velho amigo, Antonio Bernardo da Costa Cabral (já feito conde de Thomar, desde 8 de setembro de 1845). Esta revolta, teve o resultado que vimos no 8.º volume, pag. 335, col. 1.ª e seguintes.

Quando Saldanha estava na villa de Santa Comba-Dão, se lhe apresentou João Brandão, e os da sua horda, offerecendo os seus serviços áquelle general, — *que os acceitou*......

Por essa occasião formou-se o tristemente célebre batalhão de *voluntarios de S. João d'Areias*, e João Brandão é nomeado *capi-*

---

[1] Mesmo emquanto andavam fugidos, fizeram cinco mortes, como veremos adiante.

tão da 1.ª companhia! (Não é preciso dizer-se de que qualidade eram os seus soldados......)

—

Em 1849, vivia na freguezia de S. Pedro da Folhadosa, concelho de Cêa, a viuva do morgado d'alli, mulher bastante rica, mas que, depois do fallecimento de seu marido, adoptára uma vida escandalosa. Tinha uma filha unica, que era a legitima successora do vinculo.

Esta viuva, era filha de Estanislau Pinto de Abranches e Pina, da Varzea de Meruge, cavalheiro honradissimo, e que tinha sido capitão do batalhão de Voluntarios Realistas de Cêa. Vendo elle os desregramentos de sua filha, quiz tirar-lhe do seu poder, para a subtrahir aos maus exemplos maternos, a filha referida.

João Brandão, vivia n'esse tempo, como principe, á custa de immensos e valiosos roubos; e lembrou-se de se *nobilitar* por um casamento com uma mulher, que fosse nobre e rica, na esperança de fazer esquecer a sua antiga profissão de ferreiro. Era elle um homem de bôa apparencia, com 22 annos, incompletos, de edade, e com maneiras de cavalheiro.

O doutor Vicente de Paula Correia de Sá e Moura, que foi exercer o logar de juiz de direito de Midões, em seguida á morte do seu antecessor, Figueiredo Pacheco, e que falleceu juiz da Relação, do Porto, foi meu patricio e verdadeiro amigo.

Muitas vezes me fallou em João Brandão, e me deu muitos esclarecimentos para a biographia d'este monstro.

Dizia-me elle, que, quem fallasse com João Brandão, e ignorasse a sua procedencia, nunca diria que tinha sido um reles ferreiro; porquanto os seus modos, a sua apparencia, e os termos polidos de que usava, pareciam mais de um cavalheiro de bôa familia e illustrado, do que de um homem do povo.

Lembrou-se pois o malvado, de casar com a filha da tal viuva, e obteve o consentimento d'esta. Seu pae, que soube d'este projectado casamento, fez todas as diligencias para obstar a tão monstruoso enlace; mas quando tratava d'este negocio, é assassinado, em pleno dia, a 8 de janeiro de 1850, no caminho de Villa Pouca, quando com o escrivão Passos sahia de Lourosa, freguezia do concelho de Oliveira do Hospital.

João Brandão soubera d'estas diligencias do infeliz ancião, porque a filha lhe mandou, por seu amante, aviso para Midões.

A victima, tinha-se hospedado na casa do seu amigo Tristão Lopes da Cunha Carvalho Castello-Branco, de Lourosa, onde jantou, sahindo depois, sem a minima desconfiança; mas a pouca distancia da quinta do seu amigo, foi cobardemente assassinado por João Brandão e pelos *soldados* da sua companhia, todos fardados e armados, que alli o estavam esperando.

Horrorisa a narração de tantas e tamanhas atrocidades, e é repugnantissimo o comportamento das auctoridades d'aquellas terras, em semelhante época; mas é preciso que se saiba tudo, para se poder julgar, com conhecimento de causa, o grau de degradação a que chegaram os encarregados de manterem a ordem, o socêgo e a moralidade publica n'aquella parte da Beira-Alta (hoje quasi toda pertencendo, pela nova *e bella* divisão geographica, á provincia do Douro).

João Brandão, confessou, com o mais desaforado orgulho, este crime, a toda a gente, como se praticasse uma façanha em favor da patria e da liberdade: dizendo que a sua victima—que era realista—fôra por elle encontrada, commandando uma guerrilha por elle organisada, para derrubar o partido liberal, acclamando o Sr. D. Miguel.

O administrador do concelho de Avô (concelho extincto por decreto de 24 de outubro de 1855) prestou-se infamemente a esta horrivel comedia, escrevendo um officio antedatado, requisitando de João Brandão uma força, da sua companhia para bater a tal

guerrilha miguelista, do Estanislau, da Varzea Meruge — guerrilha que só existia na perversa imaginação d'estes dous malvados.

Não é preciso dizer, que quando o tal administrador escreveu aquelle nojento officio, já o infeliz Estanislau estava morto havia dias.

Os administradores dos concelhos de Midões, Oliveira do Hospital, e Tábua, foram tão infames como o de Avô. Um d'elles teve a impudencia de escrever um officio fingido escripto pouco antes do assassinato, no qual se lia — «Reclamo immediatamente a força da sua companhia (a do João Brandão) por não haver tempo de officiar ao commandante do batalhão, para o trazer todo.»

Vê-se pois que a força publica, estava toda, ou na mão dos Brandões, ou de auctoridades tão perversas como elles; o que trazia em constante terror, todos os habitantes pacificos, que julgavam — com razão — a sua vida á mercê do primeiro bandido que se lembrasse de lh'a tirar.

Debalde todos os jornaes da opposição — e mesmo *alguns* do governo — gritaram contra tantos e tão repetidos crimes, sempre impunes: elles continuavam sempre.

Logo a 28 de janeiro do dito anno de 1850, na camara dos pares, o nobre conde do Lavradio (irmão do marquez do mesmo titulo — ambos já fallecidos) interpellou o governo, sobre a urgencia do prompto castigo do assassinato do Estanislau, e outros, dizendo que *todas as auctoridades da terra, eram irmãos, ou parentes proximos, ou amigos dos criminosos.* Que dous *vereadores da camara de Midões, eram irmãos de João Brandão — o administrador do concelho, seu primo — e os escrivães da camara e do concelho, uns eram seus irmãos, outros seus primos, etc.*

No dia seguinte, o mesmo conde de Lavradio, tornou a interpellar o governo, sobre a mesma materia. Respondeu-lhe o presidente do conselho de ministros, conde de Thomar[1] com o leitura das participações das auctoridades d'aquellas desgraçadas terras, que bem devemos imaginar o que diziam.

O governador civil de Coimbra, fez então causa commum com taes auctoridades e com os crimes dos Brandões! — O conde de Thomar, leu as seguintes partes telegraphicas:

1.ª Um boletim do tal governador civil, dando parte do apparecimento de *uma guerrilha,* DE SEIS HOMENS (!) *commandada pelo Estanislau, que se dispersou depois da morte d'este.*

2.ª Um officio do mesmo governador civil, ampliando a parte telegraphica, segundo o qual, a *guerrilha miguelista,* resistira á *força publica,* mandada em sua perseguição, *havendo fogo de parte a parte,* retirando os guerrilhas, depois de deixarem morto no campo, o seu chefe, duas espingardas e um bornal com cartuxos. (É impossivel que esta auctoridade acreditasse tão absurda e miseravel impostura; mas escreveu-a!...)

3.ª Um officio (*confidencial!*) do commandante da respectiva divisão militar, confirmando aquelles nojentos telegrammas, e dando outras informações, inventadas pelos protectores dos malvados.

Não foi só o conde do Lavradio, outros pares tomaram parte na discussão, distinguindo-se o conde da Taipa, pela violencia com que atacou as auctoridades coniventes em tantos crimes. Disse que não acreditava em nada do contheudo em semelhantes participações, e que *estava prompto a apostar quanto possuia, em como tal guerrilha nunca existiu, senão na imaginação dos Brandões e seus adeptos.* Que o que sabia, era, que n'aquella malfadada provincia se tinham commettido os mais atrozes crimes, desde 1833, sem que a justiça tivesse processado, nem castigado os criminosos. Que calculava

[1] Depois da sua expulsão do ministerio, em 1846, tornára a entrar para elle, em 1849, por influencia do Saldanha, que disse nas cortes — «Antes quero todos os Cabraes na camara dos deputados, do que um só da Junta do Porto.» — D'ahi a menos de dous annos, eram os da Junta seus amigos fieis, por o terem livrado da *entaladella* de 1851, tornando-o de vencido e emigrado na Galliza, em vencedor e dictador. O que é a politica!...

em TREZENTOS, o numero d'estes crimes. Referiu parte do que fica atraz relatado, dizendo — «Não se póde entrar no conhecimento da verdade, emquanto não fôr para aquellas terras, uma força militar, que proteja as auctoridades, para que estas possam castigar os chefes dos bandos de malfeitores, e povoar com elles a costa da Africa.»

Disse que era preciso, além da tropa de linha, mandar para alli, magistrados alheios á terra, que protegidos pela força militar, podessem fazer justiça desassombradamente.

Não sei se o sr. D. Fernando Coburgo, então commandante em chefe do exercito, acreditou na patranha da tal guerrilha miguelista, ou se fingiu acreditar, o que é certo, é que elle mandou elogiar o assassino e salteador João Brandão, *pelo inapreciavel serviço que havia prestado á patria dispersando a guerrilha do Estanislau.* (!!!)

Eram estes, e outros semelhantes os *castigos* infligidos a tão truculentos malvados!

O marechal Saldanha, vencedor pela ajuda e protecção dos *patuleias,* que o tinham chamado da Galliza, para onde tinha fugido, e lhe deram o commando do exercito, faz-se dictador e ministro da guerra, em maio de 1853, escolhendo para ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães. Era Saldanha um dedicado e poderosissimo amigo, que tinha na côrte, o execrando João Brandão e a sua quadrilha. Uma prova incontestavel d'essa amisade, e da ascorosa degradação a que tinham chegado as cousas n'aquelles infelizes tempos, de horrivel memoria, é a seguinte portaria:

«Manda sua magestade a rainha pelos ministerios da guerra e do reino, que as auctoridades militares e administrativas dos districtos de Coimbra, Vizeu e Guarda, a quem o capitão do extincto batalhão nacional de Midões, João Victor da Silva Brandão, apresentar esta portaria, lhe prestem o auxilio que por elle fôr exigido, para a execução d'uma ordem do serviço nacional e real. — Esta auctorisação durará pelo espaço de 3 mezes da data da presente, depois do qual prazo, para ter validade, deverá ser renovada. — Palacio das Necessidades, 10 de setembro de 1853. Duque de Saldanha. — Rodrigo da Fonseca Magalhães.»

—

Em 20 de março de 1858, o sr. dr. Antonio Luiz de Souza Henriques Secco, dirigiu um relatorio ao então ministro, duque de Loulé, no qual, entre outras cousas, se lia:

«Juizes de direito houve em Midões, a quem um septuagenario chefe de assassinos, e seus filhos, subiam a escada, com a mesma liberdade, como se fosse sua propria. Apresentavam-lhe requerimentos, ou autos, intimavam-lhe os despachos, ou sentenças desejadas, que eram lavradas ao sabor dos assassinos. De delegados do procurador regio, mesmo em Arganil, sei eu, que das janellas do seu domicilio, trocavam com os assassinos que passavam, ou os hiam sollicitar, palavras de deshonrosa confraternidade e gracêjo, do que os mesmos assassinos muito se pagavam, para que o publico ficasse conhecendo, qual o seu alto valimento, etc.»

—

Não era só com estranhos que João Brandão exercia as suas vinganças e crueldades: nas continuas desavenças com seus irmãos — e até com seu proprio pae — se aggrediam como inimigos implacaveis, dando tiros, uns nos outros.

O ferreiro da Varzea da Candoza

João Nunes, o tal ferreiro, fôra amigo e companheiro de João Brandão e da sua quadrilha. Nas desavenças com os tios e primos, d'este, Nunes separa-se d'elle, e declara-se *patuleia*. N'umas eleições que houve em 1854 o ferreiro toma o partido da opposição, *pelo que é preso* por João Brandão!

Como é de prever, foi solto pouco depois.

João Nunes, era perverso e corajoso, e jurou publicamente vingar-se de João Brandão, e este, fez protesto de assassinar aquelle, porque era o unico homem que temia, e que ousava resistir-lhe.

A 5 de novembro d'esse mesmo anno de 1854, sob pretexto do ferreiro estar pronunciado por varios crimes (o que era certo)

João Brandão reune varios cabos de policia, e um bom numero dos seus *camaradas* — tendo já em seu poder, os *mandados de prisão, dados pelo juiz de direito*...— e com uma força de 200 homens, muitos d'elles, dos famosos assassinos de Midões e visinhanças, sendo os mais perversos, o *Juliana*, o *Anjinho*, o *Venta-Larga*, o *Palaio*, o *Medas*, e o *Grazina* — todos salteadores da mais feroz especie.

Cinco dias andaram em correrias por differentes povoações, espancando, no transito, todas as pessoas que encontravam, por lhes não darem noticias do ferreiro.

No 5.º dia (9) uma fracção d'estes canibaes, surprehendeu o ferreiro, no logar de Moura, e não se atrevendo a prendel-o de *cara a cara*, escondidos atraz de um vallado, lhe deram uma descarga, á traição, atravessando-lhe um braço, com uma bala.

Vendo o ferreiro que era temeridade resistir, fugiu na direcção da Portella do Alqueive, caminho de Arganil. Os malvados seguem-n'o, mas anoitecendo, perderam-lhe a pista.

O ferreiro muda então de rumo, e dirige-se a casa de Antonio Quaresma, sapateiro, no logar da freguezia da *Bem-Feita* (concelho de Arganil) e d'alli mandou chamar dous barbeiros — *José da Fonseca*, e *José Pedro*, de Moura — para lhe pensarem a ferida da bala, e outros ferimentos de menos importancia.

Pelas 8 e meia horas da noite, do mesmo dia 9, chega João Brandão, com parte dos seus, a casa do seu amigo Albano Antonio, da dita aldeia da Bem-Feita, onde apparece o tal barbeiro Fonseca, denunciando o paradeiro do ferido.

João Brandão, colloca dous facinorosos a uma porta da casa do Quaresma, para que o ferreiro não podesse fugir (resistir era impossivel, porque já nem os dedos podia mover) e volta para casa do tal Albano, onde mandou preparar uma lauta ceia, de gallinhas, frangos, chouriços, etc., para elle e toda a sua sucia.

Depois de cearem, e sendo mais de meia noite, entram em casa do sapateiro, e João Brandão foi o primeiro que atirou contra o ferreiro, á *queima-roupa*. O feroz *Anjinho* lhe atravessa a garganta, com outra bala; e todos os mais tomam parte n'este ignobil assassinato, descarregando as suas espingardas no já cadaver do ferreiro.

Os ferimentos foram tantos (a maior parte d'elles mortaes) que nem os peritos os poderam contar, porque o ferreiro estava varado por uma grande quantidade de balas, desde a cabeça até aos pés. Não transcrevo o que disseram os taes peritos, no auto de exame e corpo de delicto, porque é uma relação extensa e sem importancia, em vista do que acaba de lêr-se: basta dizer que o cadaver do ferreiro, estava reduzido a uma massa informe.

Como vimos, a Bem-Feita é no concelho e comarca de Arganil, cujas auctoridades administrativas e judiciaes — *por excepção* — não pertenciam ao rol dos amigos e decididos protectores dos Brandões: mas a villa de Avô, que ainda então era cabeça de concelho — como vimos n'este artigo — tinha por administrador — como tambem vimos — um dos mais cynicos partidarios dos Brandões, com o qual João Brandão se entendeu maravilhosamente.

Era pois necessario fazer acreditar que o assassinio tinha sido perpetrado no concelho de Avô. Para isto, João Brandão, disse ao traidor barbeiro — «José, vae buscar a tua egua.» — Veio logo esta, e o cadaver foi posto sobre ella, atravessado, e apertado com arrôcho e sobre-carga, e marcham todos os malvados, para a *Cruz d'Anseriz*, que então era do tal concelho de Avô, comarca de Midões. (Hoje, é comarca e concelho de Arganil.) Chegados allí, dão fortes descargas, na intenção de fazer suppor, que a morte tinha sido feita n'aquelle logar.

Para requinte de ferocidade, Miguel Nunes, irmão do ferreiro, que João Brandão levava preso, foi por elle obrigado a segurar o cadaver da victima, durante o trajecto. E não parou aqui o cynismo d'estes monstros — por todo o caminho, hiam apregoando — *Quem quer marran fresca?!*

Ainda mais — depois d'isto, como João Brandão dispunha da força, e da protecção — e connivencia... das auctoridades, prendeu por essa occasião, em differentes povoações, todos os que alli julgava seus inimigos, e espancou outros.

Deu-se n'este caso outra infamia das auctoridades, similhante á que haviam praticado 12 annos antes, por occasião do assassinio do juiz de direito. Foi assim —

O administrador do concelho da Tábua, intimo amigo dos Brandões, officiou ao governador civil de Coimbra, dizendo que o ferreiro fôra morto por ter resistido tenazmente, contra a *diligencia* (!!!) que o hia prender, por ordem e com o *mandado* judicial. Para corroborar esta nojenta mentira, aproveitou-se de um officio, que obrigou a escrever ao regedor da Povoa de Midões, no qual este teve de dizer que foi o commandante da *diligencia* (quando no dia 5 (o do assassinato) estava a 30 kilometros de distancia do sitio onde o crime foi perpetrado!)

—

Apesar de tudo, João Brandão foi pronunciado por este crime, correndo o processo em Arganil, porque, apesar da estrategia do malvado, provou-se que o crime fôra commettido dentro dos limites da sua comarca.

É então que o escandalo toca a meta da ultima degradação! O reu, apresenta-se alegre e orgulhoso! Espera-o á porta do tribunal, uma banda de musica, encarregada de tocar um hymno *ad hoc*, dedicado á corrupção e á immoralidade.

Muitos figurões, acompanhados dos seus lacaios, com librés de grande gala, alli esperam o malvado, para lhe darem os parabens. O jury — como todos já esperavam — declara o reu innocente. O seu advogado tinha dito com a maior desfaçatez — «*Estamos em uma época da maior perversão da sociedade* (até aqui disse a verdade) *a não ser isso, ninguem attribuiria crime tão horrendo* A UM CAVALHEIRO DE TÃO RARAS QUALIDADES.»

É até onde póde chegar o desafôro!...

—

Nas audiencias de Tábua, João Brandão, confessa o crime da morte do ferreiro da Varzea da Candoza, com a maior sem-ceremonia, acompanhando a sua ignobil narração, de gestos significativos, imitando um actor consummado.

Quando o juiz de direito lhe perguntou pela parte que havia tomado n'aquelle crime, respondeu, com o maior desembaraço—

«Eu conto como foi. Chegámos á casa onde estava occulto, e pedimos brandamente ao dono da casa, que nos abrisse a porta. O homem, lastimava-se e não queria abrir. Dissemos-lhe que nos désse ao menos uma luz (porque ao recebel-a, entrariamos, forçando a porta.) A final, abriu.

«Atravessámos um palheiro, no qual a palha estava arrumada para os lados, deixando caminho pelo centro. No fim, havia uma porta que abria para fóra. Abrimol'a, eu e mais dous que hiam ao meu lado, e vimos o ferreiro, sentado, a curar um braço que tinha ferido. Mal nos avistou, ficou espantado, e lançou mão da faca, que era a sua arma favorita. Ouvi então dous tiros — *pum! pum!* — e vi cahir o ferreiro de joelhos, com a cabeça dentro de um cortiço de batatas. Eu apontei-lhe a carabina (*faz o gesto de apontar, alongando o pé esquerdo e collocando-se em posição*) e gritei-lhe — *Ó só alma do diabo! Renda-se, ou morre já.* Então o irmão, pediu de joelhos que o não matassem, e eu disse-lhe que levantasse o ferreiro e que lhe tirasse a faca — e elle assim o fez; mas, quando foi levantal-o, encontrou-o morto.»

De tudo quanto fica dito, vemos, não só o grau de prevaricação e immoralidade a que tinham chegado n'aquelles infelizes tempos, muitas pessoas da Beira-Alta, com o livramento com que contava este ignobil facinoroso, pelo cynismo com que alardeava os seus crimes, adulterando os factos a seu bel-prazer, e com o maior sangue frio. Tambem admiramos a facilidade e tal ou qual elegancia, com que se exprimia um homem que principiara por um reles ferreiro a sua negregada vida.

Mas d'esta vez enganou-se, felizmente para a sociedade. Nem o juiz de direito, nem o agente do ministerio publico, nem os jurados da comarca da Tábua, eram as auctori-

dades de Midões, Arganil, e Avô; nem o antigo administrador da Tabua, e, como veremos, justiça foi feita.

Ultimo crime de João Brandão

Com uma carta de recommendação, do sr. *Manoel Firmino de Almeida Maia*, proprietario e redactor do jornal *O Campeão das Provincias*, de Aveiro, para João Brandão, chegou o padre José da Annunciação Portugal, procurador do sr. visconde de Almeidinha, em março de 1866, á aldeia da Varzea da Candoza (residencia do João Brandão) hindo hospedar-se em casa de D. Rosa Candida da Nazareth e Oliveira, agora residente em Coimbra, e n'aquelle tempo amasia de João Brandão.

Hia o padre Portugal áquella terra, para, por ordem do seu constituinte, vender varias propriedades e rendas que este cavalheiro por alli tinha.

João Brandão, tornou-se *intimo amigo* e inseparavel companheiro do padre, ajudando-o na avalição das propriedades, e na recepção do producto das vendas; e até a encartuxar o dinheiro. O padre tinha no *seu amigo* a mais plena confiança, pelo que lhe disse que tencionava partir para Aveiro, no 1.º de abril d'aquelle anno de 1866.

Entre varias propriedades do sr. visconde se comprehendiam certos bens, que estavam no seu vinculo, mas que a egreja da Candoza desfructava, e a cuja posse se oppunha o povo da freguezia.

João Brandão, comprou estes bens ao padre, por 180$000 réis, passando-lhe por elles um documento, que só seria válido, se o povo lhe consentisse a sua pacifica posse.

A 29 de março, partiu João Brandão para a villa de Avô, dizendo que ia alli assistir ás Endoenças, e passou por Villa-Chan (torcendo caminho) para fallar com um tal *Mattos*, que era um dos mais ferozes do bando do malvado, que lhe chamava a *sua faca de matto.*

—

Em casa da tal D. Rosa, havia dous cães— um d'elles, tão bravo, que accommettia toda gente, *sem mesmo respeitar o João Brandão, apesar de ser frequente visita da casa.*

Na noite de 30 para 31 de março, em que foi assassinado e roubado o padre Portugal, *os taes cães não deram um unico latido...*

João Brandão, que era astuciosissimo, tomou *as mais exageradas* precauções, e planeou de antemão o que lhe pareceu uma bem combinada defeza, para não ser arguido de auctor ou cumplice d'este assassinio. Em Avô, diligenciou reter as pessoas que estavam em casa do seu amigo, Bernardo da Costa (onde o malvado se hospedára) para não sahirem n'aquella noite a divertir-se com o fim de ter testemunhas que jurassem ter elle passado alli aquella noite.

Em vista d'isto, João Brandão, só foi pronunciado como *mandante.*

O monstro temia-se, com razão, do juiz de direito e delegado da Tábua, e andava escondido.

Uma noite, que estava em casa do parocho da freguezia de Louroza, concelho de Oliveira do Hospital, mas da comarca de Tábua, vendo a casa cercada, fugiu por uma janella, offerecendo dinheiro aos cabos de policia que o cercavam, mas sendo immediatamente preso pelo sr. Luiz Pereira Abranches, administrador do concelho de Oliveira do Hospital, e que foi o primeiro que entrou na residencia, lançando-se a João Brandão, e, luctando com elle, corpo a corpo, conseguiu tirar-lhe um revolver, que tres dias antes lhe tinha emprestado Antonio Quintino de Sousa Doria.

O governo, á força de representações de muitos proprietarios pacificos, e de repetidas interpellações de pares e deputados, viu-se obrigado a providenciar sobre os repetidos crimes dos Bradões e seus cumplices e protectores, e uma das suas primeiras providencias, foi supprimir a comarca de Midões, e pouco depois, até o concelho, encorporando tudo no concelho e comarca da Tábua — que até então, era um concelho da comarca de Midões — ou, para fallar com mais propriedade

— transferiu para a Tábua, a séde da comarca de Midões.

Em maio de 1866, era juiz de direito d'esta comarca, o doutor *João Vasco Leão*, e delegado do procurador regio, o doutor *José Gonçalves da Costa Ventura.* Foram estes os que instauraram o processo, do João Brandão e seus cumplices.

O primeiro despacho de pronuncia, foi lavrado a 19 de maio do mesmo anno, de 1866. Consta dos autos, a seguinte declaração do juiz de direito — *Algumas testemunhas deposeram timidamente, e visivelmente se conhecia, que se achavam impressionadas pelas ameaças e terror, espalhado pelos querellados, segundo o que do mesmo summario consta.*

João Brandão — como fica dito — foi pronunciado como *mandante*, e como executores do crime, foram pronunciados — seu irmão *Antonio Brandão* — o tal *Mattos* de Villa Cham — e o *Brito*, de Penalva. Estes trez, eram os mascarados que tinham sido vistos perto da Varzea da Candoza, na noite do assassinato e roubo do padre Portugal.

Os vestigios do crime foram — uma bala, extrahida do cadaver do assassinado — a púa, com que se tinha feito o buraco na porta — a lanterna e grizêta, achadas perto do logar onde se commetteu o crime — e o rewolver encontrado ao reu João Brandão, quando foi prêso.

Apurou-se que o crime fôra assim perpetrado.

Na referida noite de 30 para 31 de março de 1866, trez homens mascarados, entraram no pateo da casa do sr. visconde d'Almeidinha, na Varzea da Candoza, e na qual morava então, a tal D. Rosa Candida da Nazareth e Oliveira, solteira, de 38 annos de edade e proprietaria. Os trez mascarados, fizeram em uma das portas da sala um rombo de um palmo quadrado, pelo qual abriram a porta, depois do que, se dirigiram, alumiados por uma lanterna, para o quarto onde dormia o padre Portugal, e, tendo-lhe apontado duas espingardas, pediram-lhe o dinheiro que no dia antecedente havia recebido da venda de uma propriedade, a João Brandão — *trez contos de réis*

O infeliz, respondeu que já tinha mandado o dinheiro para a cidade de Aveiro; porém um dos malvados, foi á cama proxima, procurou o collête do padre, e tirou do bolso do mesmo collête a chave da papeleira, e alli achou uma sacca, onde estava algum dinheiro, e disse ao padre, que apresentasse o resto. O desgraçado, disse que lh'o hia mostrar, e sentou-se na cama; porém os outros dous mascarados, que se tinham conservado á porta, com as armas apontadas para elle, temendo-o, porque era um homem de grandes forças e animo resoluto, desfecharam contra elle. Uma das espingardas, não pegou fogo, e o tiro da outra, feriu a victima, no terço inferior do antebraço esquerdo, com dous ferimentos de *zagalotes*, e com outros dous, na parte media lateral do thorax, e ainda outro, no lado direito do peito.

Pelos exames a que se procedeu, em vida do padre, e depois da sua morte, que se verificou no dia 31, ás 7 horas da noite, se conheceu que os dous projectis que lhe feriram o braço, tinham atravessado a massa muscular, sem tocar no humero, entrando no thorax, pelo lado esquerdo; tinha ficado no pulmão direito, uma das balas, sahindo a outra pelo peito direito, depois de perfurar os pulmões, e foi bater na cabeceira do leito, onde deixou vestigios.

Ao ruido do tiro, acudiu D. Rosa, gritando pelas creadas, e encontrou o padre Portugal, em pé, na sala immediata ao quarto d'elle, bradando por soccôrro.

A estes gritos, acudiram muitas pessoas do logar, e n'esse mesmo dia 31, se apresentou descaradamente João Brandão, que tinha hido na vespera para Avô, *assistir aos officios da Semana Santa.* (Que tal era o devoto!....)

Antes de morrer, e no acto de se lhe fazer o primeiro exame, disse a victima, que não conhecêra os assassinos: consta porém dos autos, que referira em particular, ao sr. *José Maria das Neves Rebello Velloso*, então digno administrador do concelho de Tábua, as suspeitas que tinha de João Brandão e companheiros; *pedindo que d'esta sua declaração se não fizesse uso, perante o po-*

der judicial. (Este honradissimo ecclesiastico, tinha apenas *suspeitas*, ainda que bem fundadas; mas não queria que, *só por ellas,* fossem punidos os criminosos.)

—

João Brandão, era de estatura regular, magro; de cabeça pequenina e redonda; olhos pretos, vivos; de expressão altiva; nariz longo e aquilino; testa espaçosa, mas cahida para traz; cabellos negros; barba preta, crescida até lhe cahir no peito; mãos e pés pequenos.

Na audiencia do seu julgamento, apresentou-se todo vestido de preto, sobrecasaca, manta preta formando laço no peito, seguro por um alfinete d'ouro; botas de polimento; não trazia luvas — idade 39 annos.

Ao entrar, saudou o juiz e circumstantes, com sorriso affavel, dando á physionomia um ar de benevolencia.

A sala da audiencia, que é vasta, estava litteralmente cheia de espectadores, e todas as suas avenidas guardadas por sentinellas.

O reu sentou-se entre quatro soldados de caçadores, com os sabres-bayonetas nas bôccas das armas.

Presidiu a este julgamento, o integerrimo e energico doutor, o sr. Manuel Celestino Emygdio; e como agente do ministerio publico, o não menos digno doutor, o sr. João Thomaz Dias Urbano, ambos nomeados *ad hoc*, para este julgamento.

Como determina a lei, nos casos de crimes gravissimos — os jurados eram de trez comarcas.

E' de justiça, dar aqui os nomes d'estes nove cavalheiros, que, superiores ao temor da vingança dos reus; aos empenhos dos seus protectores; e a todas as mais considerações; tendo em vista sómente a imparcialidade, a justiça e a equidade, livraram, com o seu *veredictum,* estas terras, de semelhantes monstros. São os seguintes senhores:

Da Tábua — Cesar Augusto Figueiredo Costa — Agostinho Vaz Pato Abreu e Castro — Bartholomeu da Costa e Ornellas.

De Coimbra — Doutor Luiz Leite Pereira Jardim — doutor Urbano Henriques — doutor Elysiario Vaz Preto Casal — Joaquim da Costa Monteiro.

De Santa Comba-Dão — João Gomes de Leão — Francisco Rodrigues Neves.

João Brandão, tinha requerido a *separação do processo*, por isso, foi o unico julgado n'esta audiencia.

O jury, deu, por unanimidade, provado o crime com as suas circumstancias aggravantes, e por não provadas as attenuantes.

O juiz, impoz ao reu o maximo da pena comminada na nossa actual legislação — *degredo perpetuo, com trabalhos publicos.*

—

Assistiram a esta audiencia, entre outros cavalheiros, o sr. dr. *Trony*, como advogado do reu, que em um brilhante discurso, procurou (debalde) provar a innocencia do reu, com os depoimentos das testemunhas de defeza. *

—

E' tambem justissimo, mencionar aqui os cavalheiros, que mais ou menos ostensivamente concorreram para o desenlace das horriveis tragedias que por tantos annos encheram esta parte do reino, de crimes monstruosos de toda a casta, de sangue, lagrimas e horrores.

João Brandão, um dos maiores facinorosos de que ha memoria nos annaes do crime, teve *sempre*, apezar da sua ferocidade, geralmente conhecida, strenuos protectores, sendo d'este numero, *personagens altamente collocados!* Alguns jornaes, tomaram a defeza d'este monstro, já publicando as suas correspondencias, e annotando-as encomiasticamente; já publicando artigos da sua propria lavra (d'elles jornaes) elogiando a *probidade, nobreza e cavalheirismo do monstro!.....* E' por isso que os homens de bem que se distinguiram n'esta crusada contra o o crime, a immoralidade, e a criminosissima tolerancia, são dignos do respeito geral, das pessoas honradas.

Eis a relação dos cavalheiros que mais se distinguiram, pugnando pela moralidade publica e pela justiça.

1.° — D. Francisco de Almeida Portugal, conde do Lavradio, par do reino.

2.° — D. Gastão da Camara Coutinho Perei-

ra de Sande, conde da Taipa, par do reino.

Ambos estes nobilissimos fidalgos, interpellaram por varias vezes o governo, por causa dos crimes frequentes, da Beira, pedindo severo castigo contra os facinorosos e seus protectores.

3.° — Joaquim Martins de Carvalho, proprietario e 1.° redactor do jornal conimbricense então denominado *Observador*, e actualmente *Conimbricense*. Este cavalheiro, por espaço de VINTE E DOUS ANNOS, pediu o mesmo que pediam os dous fidalgos nomeados: publicando por muitas vezes, artigos energicos contra as auctoridades que protegiam os scelerados.

4.° — Conselheiro Antonio Luiz de Souza Henriques Sêcco, lente da Universidade, e que sendo em 1858, secretario geral, servindo de governador civil, de Coimbra, dirigiu ao governo o relatorio de que já fallei.

5.° — Luiz Pereira Abranches, administrador do concelho de Oliveira do Hospital (na occasião da morte do infeliz padre Portugal) e que teve a coragem de agarrar o malvado, e desarmal-o, como fica dito.

6.° — Doutor João Vasco Ferreira Leão, em 1866, juiz de direito da comarca de Tábua, que instaurou o processo, e pronunciou os reus.

7.° — Doutor José Gonçalves da Costa Ventura, delegado do procurador regio, da mesma comarca, que cumpriu com sollicitude, os deveres do seu cargo, n'aquella espinhosa conjunctura.

8.° — Doutor Manuel Celestino Emygdio, juiz e presidente da audiencia do julgamento; commissão que desempenhou com a mais louvavel integridade.

9.° — Doutor João Thomaz Dias Urbano, agente do ministerio publico, na mesma audiencia, que, como o juiz, cumpriu os deveres que lhe impunha o seu cargo; e que na sua, tão brilhante como energica *oração*, provou evidentemente a culpabilidade do reu.

Relação dos assassinatos perpetrados por João Brandão (os que constam)

1.° — 1840 — O cabreiro da Serra da Estrella, proximo á villa de Gouveia.

2.° — 1842 — O doutor, Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Telles, então juiz de direito de Midões.

3.° — » — João Antonio Madeira.

4.° — » — Luciano da Cruz, cabo de esquadra do destacamento que o procurava.

5.° — » — José Simões.

6.° — » — Daniel Antonio Vaz.

7.° — » — Manuel Francisco de Santo Amaro.

Estes cinco ultimos, foram mortos no tiroteio, pelo João Brandão e parentes, contra a escolta que os procurava em 1842, quando elles andavam a monte, pela morte do juiz de direito.

8.° — 1845 — Manuel Rodrigues da Silva Brandão — o *Manuelzinho* — primo de João Brandão. Foi assassinado cobardemente, proximo a Midões, como fica dito.

9.° — 1847 — Um pobre homem da freguezia de N. Senhora da Purificação de *Curvellos*, concelho do Carregal, comarca de Santa Comba-Dão.

10.° — » — Um primo de Francisco Coelho, administrador do concelho de Nellas. Foi este assassinato commettido no logar de Pindéllo, freguezia de Senhorim, concelho de Nellas.

11.° — 1849 — Estanislau Xavier de Pina, da freguezia da Varzea de Meruge, extincto concelho do Ervedal, hoje concelho de Oliveira do Hospital, comarca da Tá-

boa. Este infeliz era avô da que depois foi mulher de João Brandão, como vimos no logar competente d'este artigo.

12.º— » —Um individuo dos Fiaes, concelho do Carregal.

13.º—1851—Francisco Elysio da Silva Brandão, primo de João Brandão. De todos os Brandões, este era o menos cruel, e mais bem comportado—relativamente.

14.º—1852—Um individuo, de appellido Guimarães, do logar de Cabris, concelho do Carregal.

15.º—1854—(5 de outubro) — João Nunes (o ferreiro da Varzea da Candosa.

16.º—1866—[1] O padre José da Assumpção Portugal.

—

Os meus leitores de bôa-fé, de certo julgam que justiça foi feita, e que, estando o malvado na Africa, os seus protectores do reino o tinham abandonado completamente á sorte merecida, e que João Brandão, acorrentado a outro facinoroso, era, no degredo, empregado em trabalhos. Que illusão! O monstro, foi tratado em Loanda com as maiores attenções, como se fosse um grande senhor, nunca andou á grilhêta, como devia andar, se se cumprisse a justissima sentença; e teve sempre plenissima liberdade, gozando em paz o fructo dos seus numerosos roubos.

No degrêdo, andava por onde queria e melhor lhe convinha. Sabendo que o clima de Mossamedes era mais saudavel do que outro qualquer da costa d'Africa, e que alli havia terrenos uberrimos que se podiam cultivar facil e vantajosamente, foi para aquella nossa colonia, onde estabeleceu a sua faustosa residencia, e fundou um grande estabelecimento de distilação de aguardente.

Julgando-se em Mossamedes nos seus felizes tempos dos annos de 1840 a 1866, quiz ser tratado como grande senhor, e senhor despotico da terra.

Isto desagradou ao governador, que pretendeu mandar-lhe lançar os ferros, e obrigal-o a trabalhar nas obras publicas, como determinava a sentença, que desde o principio do degredo devia ser cumprida. Foi porém avisado a tempo, e fugiu para o *Bihé*, no interior.

Eis o que a similhante respeito se lê no illustrado jornal valenciano *O Noticioso*, de 30 de novembro de 1880.

«Os jornaes teem dado a noticia de ter fallecido no dia 20 de setembro passdo, a trinta kilometros de Catumbella, na propriedade do sr. Coimbra Vianna, o famigerado terror da Beira, João Brandão, que para alli se refugiára desde que fugira de Benguella.

«Muitas pessoas ha que não acreditam em tal fallecimento, e suppõem que a noticia fôra espalhada de proposito para encobrir uma nova fuga que aquelle malvado planeou para vir ao reino.

«Disse-se tambem, ha tempo, que João Brandão possuia valiosas propriedades que tinha comprado na Africa, que negociava com os productos d'ellas e que dispunha de muitos meios. O dinheiro, como é sabido, faz com que muita gente deixe de cumprir com os seus deveres, e por isso póde muito bem ser que a noticia do fallecimento seja um embuste para encobrir e facilitar o regresso á patria d'aquelle perverso.

«Augmentam ainda estas suspeitas a circumstancia de ter chegado ha pouco d'Africa um sobrinho de João Brandão, trazendo volumosa bagagem e outros objectos, alguns dos quaes pertenciam áquelle celebre condemnado. Todas estas circumstancias devem pôr de sobre aviso o governo e as auctoridades da Beira, para obstar a que, no caso de não ser verdade tal fallecimento, não tenhamos a lamentar novos crimes.»

—

Parece que, com effeito, morreu em Bihé, aquelle horrivel facinoroso, em setembro de

---

[1] E' provavel que nos 12 annos que decorreram de 1854 a 1866, o monstro commettesse mais assassinatos, mas não pude obter esclarecimentos a este respeito.

Note-se que João Brandão, era cobarde, como são quasi todos os assassinos. Ou matava á falsa fé, ou juntava um grande numero de malvados, para assassinar um unico homem.

1880, ficando a humanidade livre de similhante monstro. Segundo uma parte official do governador de Mossamedes, foi achado o seu cadaver, no Bihé, e a cabeça (que lhe devia ser cortada em vida) lhe foi cortada depois de morto, e enviada para Loanda, como prova do seu fallecimento.

—

Resumi quanto me foi possivel, esta narração, despresando muitos artigos de jornaes (apezar de interessantes) com respeito a esta maldita *raça de tigres* : mesmo assim, sahiu bastante longo, do que peço desculpa aos assignantes, que m'o não exigiram. A'quelles que repetidas vezes m'o tem pedido, peço desculpa da exiguidade do artigo ; lembrando-lhes que a negra historia dos Brandões e seus *camaradas*, exigia um livro especial, e não o artigo de um diccionario, que tem de tratar de tantas e tão variadas materias.

VÁRZEA DE CARVOEIRO — aldeia, Douro, na comarca, concelho e 14 kilometros ao N.E. da Feira — e na freguezia de São Pedro do Canêdo.

Esta aldeia é muito mais antiga do que a monarchia portugueza, e foi parochia, que já existia como tal, em 897. Para evitarmos repetições, vide no 2.º vol., pag, 87, columna 2.ª.

Hoje dá-se a esta aldeia, o nome de *Varzea do Canêdo.*

VARZEA DE CAVALLEIROS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Certan, 65 kilometros ao N. do Crato, 190 a E. de Lisboa, 370 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo. É no patriarchado (por ser do grão-priorado do Crato, que, no espiritual, está annexo áquelle) districto administrativo de Castello-Branco.

O *Portugal Sacro*, não traz esta freguezia.

Houve aqui uma batalha, dada por D. Affonso III (quando ainda era infante regente) contra o rei de Castella, que pretendia repôr no throno, o nosso D. Sancho II. — N'esta batalha, D. João Pires Amaya, cavalleiro portuguez, de sete lançadas, matou sete leonezes.

O rei de Castella, em vista das razões que lhe apresentaram os nossos bispos, approva os *factos consummados*, e retira para Hespanha. Para evitarmos repetições, vide no 8.º vol., pag. 72, nota da col. 1.ª.

Foi d'esta batalha, em que os portuguezes ficaram vencedores, e na qual muito se distinguiram os *cavalleiros* das ordens militares, que á terra (que só se denominava *Varzea)* se lhe deu o *sobrenome dos Cavalleiros.*

Muito fertil em cereaes ; montados, e caça, grossa e miuda.

VARZEA DE CAVALLOS — aldeia, Beira-Alta, freguezia de Lobão, comarca e concelho de Tondella. N'esta aldeia nasceu, em novembro de 1732, José de Seabra da Silva, o celebre ministro de D. José I e de sua filha, D. Maria I — Vide o 2.º *Lobão* e *Torre de Vilella.*

VARZEA DE COSELHAS — logar, Douro, suburbios de Coimbra.

Os arrabaldes de Coimbra são afamados pela sua muita formosura.

Os viçosos campos, pomares e bosques silvestres das margens do Mondego; os montes e valles por toda a parte verdejantes; a agua rebentando em fontes ou correndo em ribeiros; tudo isto são justos titulos para essa fama.

A formosa e fertil varzea, ou ribeira de Coselhas, perto de Cellas, onde existe a ermida de Santa Comba.

A ermida, segundo a tradição, foi construida no mesmo logar onde soffreu o martyrio uma formosa e santa virgem, chamada *Comba*, corrupção de *Colomba*, pomba.

Diz-se que esta virgem viera ter alli, fugida aos requestos de um individuo romano ou arabe, muito poderoso ; e, recusando lhe a mão de esposa, apesar das vantajosas e tentadoras promessas que lhe foram feitas por esse individuo, ao deparar com ella embrenhada n'uma densa sêlva que havia n'aquelle sitio, foi mandada, ali mesmo, crucificar.

Os restos mortaes da santa, permaneceram por muito tempo em uma ermida, que se construiu no mesmo sitio, mas depois foram trasladados para Coimbra.

A actual capella não é a primitiva, é reedificação d'aquella, e feita em 1612 ; está em estado de ruina.

A Fonte da Santa tambem está desmantelada. Fica n'uma propriedade do sr. visconde da Bahia.

VARZEA DO DOURO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes (foi da extincta comarca de Soalhães, supprimido concelho de Bem-Viver) 35 kilometros a E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos. Em 1768, tinha 96.

Orago, São Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa, a mitra, o mosteiro de conegos de Santo Agostinho (cruzios) de Villa-Bôa do Bispo, e o mosteiro de S. João de Alpendurada, apresentavam o abbade, que tinha 320$000 réis de rendimento annual.

Fica esta freguezia, no concavo de um monte, com duas bellas casas no alto, sendo a encosta bem cultivada e abundante de *arvores de vinho* (arvores sustentando videiras.) O Douro principia aqui a ter um grande declive, até Entre-os-Rios.

O territorio d'esta freguezia, é incontestavelmente habitado desde tempos remotissimos — talvez desde tempos pre-historicos, porque na margem opposta do Douro (esquerda) e a pouca distancia da extremidade meridional d'esta freguezia (que chega até a margem direita do mesmo rio) está o dolmen singular de que fallei no vol. 2.º, pag. 185, col. 2.ª, ultimo periodo.

Vê se a pag. 79, das *Noticias archeologicas de Portugal*, do doutor Emilio Hübner, publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 1871, que n'esta freguezia foi achada uma lapide romana, transcripta por João Pedro Ribeiro, que diz —

TAMEOBRIGO
POTITVS
CVMELL
VOTVM
PATRIS
S. L. M.

Tambem junto ao mosteiro de Alpendurada, que fica pouco acima d'esta freguezia, se teem encontrado outras lapides, com inscripções romanas.

Já vimos que em *Thuias*, tambem proximo a esta freguezia da Varzea, ha inscripções romanas.

É isto uma prova de que no tempo dos romanos, já essa freguezia era habitada.

É terra fertil em todos os fructos do nosso clima; cria muito gado, de toda a qualidade; é abastecida de excellente peixe do Douro, e do mar, que lhe vem por este rio, e tambem por elle, faz muito commercio, de importação e exportação, com a cidade do Porto.

A quinta da Varzea do Douro, que dá o titulo de barão, ao sr. José Garcez Pinto de Madureira, é uma linda vivenda, n'um pequeno valle, mesmo sobre a direita do Douro. Os que desejarem saber mais amplas noticias sobre esta distincta familia, *Madureira*, vejam no 5.º vol., pag. 546, col. 2.ª e seguinte.

VARZEA DE GÓES — freguezia, Douro, concelho de Góes, comarca de Arganil, 30 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa. 330 fogos. Em 1768, tinha 192.

Orago, São Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Os condes de Villa Nova (de Portimão) apresentavam o vigario, que tinha 60$000 de rendimento annual.

A esta freguezia está annexa ha mais de 150 annos, a antiga freguezia da *Chapinheira* — por isso, se diz vulgarmente — *Varzea de Góes e Chapinheira.*

Chapinheira, é corrupção de *Sapinheira* ou *Sapineira*, e significa o mesmo que *Abetureira* (vide esta palavra) ou bosque de *abétos*, ou *pinheiros alvares*. É antigo gallicismo, provavelmente introduzido na Lusitania pelos gallos-celtas, pelos nórmandos, ou pelos gascões. Vem do francez *sapin* (abéto.)

Os italianos dão a esta arvore, o nome de *sapino*; e é d'aqui que provém a palavra portugueza — *chapim* (especie de calçado) — porque em Italia se faziam tamancos de *sapino*.

É n'esta freguezia da Varzea de Góes, a *quinta da Costeira,* do sr. Antonio Maria Barata. Em julho de 1877, andando a concertar o tijolo do pavimento da capella d'esta quinta, acharam grande porção de peças de 8$000 réis, debaixo de uma pedra.

A egreja matriz, foi restaurada em setembro de 1881, á custa do povo, dando o governo 1:000$000 réis do cofre das bullas, para a ajuda d'estas obras.

Fertil. Gado, de toda a qualidade, e caça.

VARZEA DE LAFÕES — freguezia, Beira Alta, comarca de Vousella, conselho de São Pedro do Sul, 18 kilometros ao N.O. de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 250 fogos. Em 1768, tinha 129.

Orago, Nossa Senhora da Espectação, ou do Ó. (O *Portugal Sacro,* diz que é S. Sebastião, martyr.)

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Os senhores da casa da Trófa (Lemos) apresentavam o abbade, que tinha 480$000 réis de rendimento annual.

É n'esta freguezia a antiquissima villa do Banho, que foi cabeça do couto do seu nome.

Para cabal conhecimento das cousas d'esta freguezia, é indispensavel ver o 3.º *Banho,* na col. 1.ª e seguintes, do 1.º volume, pag. 317.

A quinta e castello da Cavallaria, (d'esta parochia) de que fallo no logar citado do 1.º volume, e a cujo castello se dá o nome de *Paço de Vilharigues,* era tambem coutada. Vide *Paço de Vilharigues* [1]

No dia 10 de setembro de 1876, falleceu, na sua residencia, o abbade d'esta freguezia, o reverendissimo *José dos Santos Amaral.*

Era homem caridoso, e de uma prudencia e paciencia inexcediveis; o abbade modelo, a quem pessoas de todas as classes tributavam homenagem, e ligavam justa consideração; emfim o homem de um raro tacto para conviver pacificamente com uma freguezia inteira (o que não é trivial), sem menosprezar o rico ou o pobre, e sem dirigir um vilipendio, uma palavra pesada, ou uma censura a ninguem.

O seu funeral foi singelo e despido de pompa, porque — vivo — assim o recommendára: não era affecto ás vaidades mundanas.

Os seus parochianos, presentes a estes actos funebres — manifestavam, chorando, o seu sentimento, a sua magua, e a sua profunda pena — pelo seu pastor, que muito lhes valéra em muitos revezes, afflicções, e necessidades.

Na vespera do seu ultimo dia, ainda chamou o seu confessor, para perdoar-lhe algumas culpas, se é que as tinha; depois, experimentando se podia engulir uma particula sagrada, murmurou, triste: — Não póde ser!... Póde haver perigo!

Os olhos d'aquelle martyr de tantas dôres — já vidrentos, denunciavam a proximidade do seu momento final.

Á uma hora e tres quartos da tarde, expirou tranquillo e socegado, como um justo.

A sua sepultura é em frente da porta principal da Egreja.

Esta freguezia, é povoada desde tempos mui remotos. O que vulgarmente se chama hoje *Terra de Lafões* (a comarca de Vouzella) tinha no seculo x a denominação de *Terra de Alahoveinis, Alahobeinis, Alahoem, Alaphoen, e Alafoii.* (Vide *Lafões, ou Alafões.*)

Na *Benedictina Lusitana* (trat. 1.º, cap. VIII) está uma doação, feita por Sancho Ortiz, em 865, na qual diz que seu irmão, Paio Ortiz, lhe dera a *villa de Ortiz* «pro parte mea de Monasterio S. Christophori de Alafois, Ordinis Nigrorum S. Benedicti.»

Mesmo como parochia, já esta freguezia de Varzea é antiquissima, pois em 1070, Ximena Garcia, fez doação a Alvito Sandezi, da *oitava parte da egreja de Santa Maria da Varzea* «in territorio *Alahoveinis.* A doadora fez esta doação» pro qui liberasti me

---

[1] A quinta da Cavallaria, é hoje propriedade do sr. João Correia de Oliveira, de Vousella, que restaurou a casa e melhorou muito a quinta. Os antigos senhores da casa da Cavallaria e paço de Vilharigues, é que punham as justiças do couto do Banho, do qual eram senhores.

de manu de Joanne Arias, *qui me volebat concubare sine mea voluntate.*

Esta carta de doação, foi feita no 1.º de maio da era de MCVIII (20 d'abril de 1070) «*Regnante Adfonsus Princeps, in Galicia; in Bracara, Petrus, Episcopus; in Columbria, Sisnandus, Alvazir. Mandante Aalhoveinis Piniolo Garcias.*» O sacerdote Sindéa, a escreveu e assignou.

Ha porém n'esta carta de doação, ou anachronismos, ou erro de copia. D. Affonso, só reinou em Portugal e na Galliza, em 1071 (era de Cesar MCIX) depois de vencer e aprisionar seu irmão, o infeliz D. Garcia, ao qual o vencedor mandou arrancar os olhos, e encerrar no *Castillo de Luna*, onde morreu. (Vide *Alfaiates.*)

D. Pedro, tambem só foi eleito bispo de Braga, em julho da era de Cesar, 1109 (1071 de J. C.) — Em ambos os casos, o anachronismo é apenas de um anno.

—

É n'esta freguezia a ermida de *Nossa Senhora da Nazareth*.

Segundo o *Santuario Mariano* (tomo 5.º, pag. 273) a origem d'esta ermida, é como se segue.

No districto d'esta freguezia, se vê *uma grande pedra*. Em uma ponta da mesma, que está toda ôca, ou varada, pela parte inferior, se achou uma imagem da SS. Virgem, pelos annos de 1610, e á qual o povo principiou a dar o titulo de Nossa Senhora da Nazareth, e lhe construiu uma ermida, no ambito da qual, ficou a pedra onde a Senhora apparecêra. Instituiu-se-lhe uma irmandade, para cuidar do templosinho, e fazer a festa á sua padroeira.

Do *Santuario Mariano*, collige-se que do penedo onde appareceu a imagem da Senhora, manou antigamente petroleo.

A ermida actual, não é a primitiva. Esta é pequena, e está junto ao penedo da apparição, mas não o continha. Depois é que se construiu a que agora existe, mais ampla, servindo o tal penêdo de docel ao altar da Senhora. A antiga, porém, não se demoliu, mas ficou ao pé da nova, (a 17 metros de distancia.) Ambas são em sitio êrmo e solitario, junto ao rio Vouga, que lhe passa proximo.

Perto das ermidas, rebenta de umas fragas, uma copiosa fonte de optima agua potavel, á qual o povo attribue grandes virtudes medicinaes.

Esta Senhora da Nazareth, foi objecto de grande devoção, dos habitantes d'estas terras, que lhe faziam muitas romarias, e offereciam grandes esmolas.

Tinha um eremitão, apresentado e pago pela irmandadé, e que servia tambem de *andador*, e de avisar os irmãos, para as precisas reuniões.

VARZEA DO MARÃO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 54 kilometros a E. N.E. de Braga, 54 ao N.E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 95 fogos. Em 1768, tinha 37.

Orago, São João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Os conegos regrantes de Santo Agostinho (Cruzios) do convento de *Caramos*, apresentavam o cura, que tinha 10$000 réis de congrua, e o pé de altar.

É terra pobre, muito fria, e pouco fertil. Cria bastante gado, e é abundante de caça, grossa e miuda.

VARZEA DE MERUGE [1] — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Céa (foi da comarca de Gouveia, extincto concelho do Ervedal) 70 kilometros de Coimbra, 290 ao E. de Lisboa, 110 fogos. Em 1768, tinha 35. Orago, São Thiago, apostolo. Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

El-Rei, pelo tribunal da Mesa da Consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento annual. O prior, apresentava os curas das freguezias de Torrozêllo, e Carrozêllo.

Era natural d'esta freguezia, o infeliz capitão de voluntarios realistas de Céa, Esta-

[1] O *Portugal Sacro*, quando trata d'esta freguezia, dá-lhe o nome de *Varzea de Merugem*, mas á freguezia de *Meruge*, do concelho de Oliveira do Hospital, que é proxima, chama-lhe *Maruja*. Não sei a causa d'esta differença de nomes.

nislau Pinto de Abranches e Pina, assassinado cobardemente pelo facinoroso João Brandão, a 8 de janeiro de 1850.

Esta freguezia, como todas as mais d'estes sitios, soffreu muito, durante os 35 annos de terror, em que as quadrilhas dos dous negregados ramos dos Brandões, assolavam esta parte da Beira Alta.

Vide *Midões*, do concelho de Tábua, e *Varzea da Candoza.*

É terra fertil em todos os generos agricolas, cria muito gado, principalmente miudo, e ha por aqui abundancia de caça, grossa e miuda, do chão e do ar.

A egreja matriz era antiquissima, mas a sua abobada cahiu em 1810 e nunca mais se reedificou. Depois lhe demoliram a capella-mor. As paredes do corpo da egreja foram arrazadas até á altura de 2 metros e o seu ambito está servindo de cemiterio parochial.

Ainda existe o portico da velha egreja. É de architectura gothica e revela grande antiguidade.

Está servindo de matriz a ermida de S. Sebastião.

Foi commenda da ordem de Aviz e os meus priores (até 1834) só podiam ser freires d'aquella ordem.

Tinha dous curatos da apresentação do prior — Carragozéllo (ou Carragozella) que no fim do seculo XVIII se tornou freguezia independente, e Torrozello, que o é desde 1836.

Parte do E. com Torrozéllo — O. com Meruge — N. com Santa Eulalia de Cêa — e S. com Folhadosa.

Compõe-se de trez aldeias — *Varzea de Cima*, onde está a matriz provisoria — *Varzea de Baixo*, com uma ermida de S. Simão — *Arcozello*, com a ermida de Nossa Senhora do Ó, ou da Graça.

Todas as trez ermidas d'está freguezia, são muito antigas, mas não se sabe quando ou por quem foram fundadas.

Tem alguns edificios particulares que denotam grande antiguidade; apezar das recentes reparações.

A freguezia é situada em um valle (do que lhe provêm o nome) e cortada por um rio, denominado *Ribeira Furtada*, por ser tirado do rio Alva, nas alturas de N. Senhora do Desterro; e cortado n'esta freguezia por duas informes pontes, uma na Varzea de Cima e outra na Varzea de Baixo.

As margens d'este rio, planas e bem cultivadas, são muito formosas e de grande fertilidade, sobre tudo, em vinho, azeite, milho, trigo, centeio e legumes. O seu clima é excessivo, porém muito saudavel.

—

Agradeço ao rev. sr. José Maria dos Santos, digno prior d'esta freguezia, as informações que me deu para este artigo. Ainda bem que não fez como os outros seus collegas do concelho de Cêa, a quem pedi o mesmo obsequio e que nem se dignaram responder-me.

VARZEA DE MOURÕES — logar, Alemtejo, 2 kilometros ao N. de Castello de Vide, na folha da Ameixoeira. Este sitio foi habitado nos tempos pre-historicos, e ainda aqui se veem os restos de um dolmen pre-celtico.

VARZEA DA OVELHA E ALIVIADA (vulgo, *Alviada*) [1] — freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 54 kilometros ao N.E. do Porto, 365 ao N. de Lisboa, 360 fogos. Em 1768, tinha a Varzea da Ovelha 150 fogos; e Aliviada, 36 — ao todo, 186. — O orago da Varzea, é Santo André, apostolo — e o de Aliviada, é S. Martinho, bispo. Bispado e districto administrativo do Porto.

Os duques de Lafões, apresentavam o abbade de Varzea, que tinha 750$000 réis de rendimento annual, mas o *Catalogo dos bispos do Porto,* diz que são 350$000 réis — e a mitra apresentava o abbade da Aliviada, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

Estas duas freguezias, estão unidas, desde o fim do seculo passado.

A egreja matriz é muito antiga; mas não se sabe quando ou por quem foi fundada.

Ha n'esta freguezia a *casa da Cava*, da familia Pereira, cujo actual representante é o sr. José de Vasconcellos Bandeira de Lemos, feito 1.º visconde de Leiria, a 20 de

[1] O *Catalogo dos bispos do Porto*, dá-lhe o nome de *Labiada.*

outubro de 1862. É filho da sr.ª D. Maria Benedicta de Vasconcellos e Lemos, feita baroneza de Leiria, em 27 de abril de 1842. Era filha natural, legitimada, de outro José de Vasconcellos Bandeira de Lemos, feito 1.º barão de Leiria, no 1.º de outubro de 1835 [1]. Era commendador das ordens de Torre e Espada, São Bento de Aviz e Conceição — condecorado com a cruz de prata pelas campanhas da guerra peninsular; e com a Estrella d'Ouro, pela do Rio da Prata; e por S. M. Catholica, com a da batalha da Victoria— deputado ás cortes, em 1834 e 1836 — tenente general do exercito. Nasceu em fevereiro de 1795, e é fallecido. (Não é preciso dizer que nem elle, nem seus descendentes, teem na cidade de Leiria, senão o titulo.)

Era filho de Ignacio de Vasconcellos Bandeira de Lemos, cadete de artilheria, proprietario do officio do almoxarifado da casa de Bragança, na villa de Barcellos, onde exerceu os cargos da vereação. Fallecido a 29 de junho de 1835. Era casado com D. Anna Joaquina de Souza e Vasconcellos, tambem já fallecida.

Foram filhos d'este matrimonio —

1.º *D. Maria Benedicta,* que casou com Francisco Maximo de Villas-Bôas Palmeiro. (Era tia da baroneza de Leiria, do mesmo nome.)

2.º *Antonio de Vasconcellos Bandeira de Lemos.*

3.º *José de V. B. de Lemos,* o dito 1.º barão de Leiria.

4.º *D. Luiza Leonor.*

Todos já fallecidos.

—

No districto da antiga freguezia da Aliviada, ha a antiga e nobre *casa de São Martinho,* da illustre familia *Cunha.*

O *Catalogo dos bispos do Porto* (pag. 424) diz que no districto da Varzea ha trez ermidas — *Nossa Senhora de Valladares — Santa Marinha — e São Lourenço.* Quando se publicou este livro (1623) ainda estas duas freguezias estavam separadas, e o estiveram ainda, mais de 150 annos,

[1] Obteve este titulo como premio da ignobil carnificina de Leiria, em 15 de janeiro de 1834. (Vide no 8.º vol., pag. 335, col. 2.ª, e a nota 2.ª da mesma columna.)

VARZEA DE SANTAREM — freguezia, Extremadura, concelho, comarca, e districto administrativo e 8 kilometros ao N. de Santarem, 83 ao N.E. de Lisboa, 311 fogos. Em 1740, tinha 150 — e em 1768, tinha 190. — Orago, Nossa Senhora da Conceição (ou Nossa Senhora da Varzea.) É no patriarchado.

O prior da freguezia de São Martinho, de Santarem, apresentava o cura, que (segundo o *Portugal Sacro*) tinha 60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, mosto, dous cantaros de azeite e 3$600 réis em dinheiro, que lhe pagava o commendador, mórgado da Oliveira — mas aqui ha trapalhada — a verdade é esta — A collegiada da parochial egreja de S. Martinho, de Santarem, recebeu os dizimos d'esta freguezia, até 1833, e apresentava o cura, ao qual pagava os generos, e que, além d'isso, recebia o pé de altar — e o tal mórgado de Oliveira é que lhe dava os 3$600 réis em dinheiro.

Hoje o parocho da Varzea, tem o titulo de prior, e recebe dos parochianos, 150 mil réis de congrua e o pé do altar.

—

O povo d'esta freguezia, além do que habita os logares da *Varzea, Outeiro, e Villa-Gateira* (ou *Vil-Gateira*) está espalhado por varios outros logares, casaes e quintas, em uma superficie de 25 kilometros quadrados, aproximadamente; recortada por montes ou cabeços mais ou menos elevados, e por *varzeas,* regadas por alguns ribeiros e regatos, de optima agua potavel, que rega e fertiliza esta terra, em parte, coberta de olivaes, vinhas e pomares de excellentes fructas, e o resto, são terras de pão, pelo que é esta uma das mais ricas e ferteis freguezias do districto administrativo de Santarem, como o prova o progressivo augmento da sua população.

A egreja matriz, está na extremidade NE. da freguezia, em logar alto, com bellas e extensas vistas. Segundo a tradição, foi originariamente, uma ermida, dedicada ao archanjo S. Miguel (vulgarmente, *das Almas.*)

Se isto é verdadeiro—e não ha motivo algum para deixar de lhe dar credito—foi em tempos tão remotos, que nem no archivo da egreja ha memoria de tal origem[1] Tambem se ignora quando foi construida a tal ermida de S. Miguel, e quando foi elevada a egreja matriz.

Na capella mór, existe uma campa raza, com esta inscripção—

ESTA SEPVL
TVRA QVEEIS
HE DO PADR
E IOAM LVIS
ELE PEDE A
QVEM PARA
ELA OLHAR
OM HUM PA
DRE NOSO O
QUEIRA AIV
DAR 1646

É um templo vasto, pois mede, de comprimento, desde o arco cruseiro até á porta da frente 25m,5 — e de largura, 6m,2 — A capella-mór, tem de comprimento 5m,5 e de largura 4m,6.

Sobre a porta principal, está o côro, assente sobre duas columnas de cantaria lavrada, com capiteis de ordem corynthia.

O retabulo da capella mór e o throno são de talha dourada.

Além do altar-mór tem quatro no corpo da egreja, sendo um, a capella do SS. Sacramento.

Em um dos altares lateraes, está a imagem de Nossa Senhora da Graça. É de pedra e denota grande antiguidade, e julga-se pertencer á antiga egreja matriz.

É um templo muito bem conservado, ornado com grande aceio, e com todos os paramentos e alfayas necessarias para o culto divino; tudo devido ao zelo e esmolas dos parochianos, pois é esta freguezia uma das mais religiosas do districto administrativo de Santarem: concorrendo para isto o seu encommendado prior, o rev. sr. padre Antonio de Carvalho, um parocho muito illustrado e sollicito no cumprimento dos seus deveres.

A antiga egreja parochial, era no centro da povoação, e a uns 100 metros do logar de *Pero Filho*, em uma *Varzea*, que deu o titulo á padroeira e á freguezia.

Estava edificada junto a um ribeiro, que no inverno, havendo grandes chuvas, inundava o templo. Sendo roubada e profanada pelos francezes, em 1810, ficou desde então servindo de egreja matriz, a antiga capella no sitio do *Outeiro.*

O antigo templo, depois de profanado, foi demolido, ha poucos annos, e os seus materiaes, empregados no adro da actual egreja.

Este adro serve de cemiterio parochial. É todo murado, e com duas entradas. D'elle se gosa um formoso panorama.

Havia n'esta freguezia, duas confrarias — a de Nossa Senhora da Conceição, e a das Almas — que deixaram de existir, desde 1810. Hoje só aqui ha a irmandade do SS. Sacramento, que tem compromisso com muitos confrades, e muito prospera.

As principaes povoações d'esta freguezia, são — *Varzea* (hoje denominada *Pero Filho*) *Alcobacinha, Aramênha, Arroteias, Graínho, Outeiro, e Villa-Gateira* (ou *Vil-Gateira*) todas com 191 fogos. As quintas, granjas e casaes, teem 120 fogos, ao todo 311, como se disse no principio d'este artigo.

Tem as quintas seguintes:

Amendoeira, Granja, Freixo, Laranjeira, São Martinho, Mafárra,[1] *Mata-o-Demo,* (!) *Narciza, Moxo, Pimenteira, Poço, Rosario,* e *Quintinha.*

Havia n'esta freguezia, dez ermidas, com diversas invocações. Todas foram profanadas pelos soldados de Massena, em 1810. Hoje apenas existem trez — uma publica, e duas particulares — são —

1.ª — publica — *Santo Antonio de Lisboa*, no logar de Villa-Gateira. É objecto de grande devoção dos habitantes d'este logar, que no dia proprio (13 de junho) lhe fazem uma

---

[1] O archivo da egreja d'esta freguezia, foi destruido em 1810, pelas hordas do general jacobino, Massena, e os papeis que hoje alli existem, são todos posteriores áquella data.

[1] Mafarra é corrupção do substantivo árabe *Mahfarra*, que significa *cóva*. Outros pretendem ser corrupção de *Mafalda*. Veja adiante.

explendida festa. É uma boa ermida, com seu optimo alpendre.

2.ª —particular — *Nossa Senhora da Piedade*, na quinta da Amendoeira, pertencente ao sr. Pedro de Souza Canavarro. É junto ao logar de Pêro Filho. A imagem da padroeira, é de barro. A ermida é muito pequena, mas está bem conservada.

3.ª — particular — *Nossa Senhora da Conceição*, no logar de Araménha. Pertence ao reverendo padre Antonio Fragoso de Rhodes, prior collado d'esta freguezia. A ermida, tem tambem um bom alpendre. Está bem conservada.

Manuel de Sampaio Freire de Andrade de Souza Cirne

Tinha aqui varias propriedades, que hoje são dos seus herdeiros, um cavalheiro de Santarem, que por esquecimento não foi na descripção d'aquella cidade, é —

O conselheiro *Manoel de Sampaio Freire de Andrade de Souza Cirne*, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, desembargador aposentado, com as honras de conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

Nasceu em Santarem, a 24 de fevereiro de 1790, e falleceu na mesma cidade, a 5 de outubro de 1680.

Era filho do desembargador e conselheiro João de Sampaio Freire de Andrade, e de D. Barbara Gertrudes Tavares de Souza Cirne.

Tomou o grau de doutor, em 3 de julho de 1813. Entrou para a magistratura, como corregedor do crime, do bairro de Belem, (logar a que era annexo o de provedor de Oeiras) por despacho de 7 de setembro de 1815. Foi nomeado desembargador da Relação do Porto, em portaria de 16 de junho de 1821. Em 1829, foi mandado servir na *Casa da Suppliciação*, de Lisboa, emprego que exerceu até 23 de julho de 1833. No dia seguinte, entrando na capital a columna do duque da Terceira, não se quiz apresentar aos liberaes, mas não retirou de Lisboa, onde foi — pelo seu bom comportamento — sempre respeitado dos seus inimigos politicos apesar da sua dedicação ao partido legitimista.

Sendo desembargador da Relação do Porto, foi nomeado membro da alçada (de execranda memoria) para o julgamento dos crimes politicos, commissão a que honrosamente se soube eximir, pelo que se tornou respeitavel tanto aos realistas honrados e leaes, como aos seus adversarios; estimando indistinctamente uns e outros, tendo verdadeiros amigos, parentes e condiscipulos em ambos os campos.

Entre os liberaes seus condiscipulos se contavam, o marquez de Sá da Bandeira, (seu patricio); o conde do Bom-Fim o 1.º conde de Fornos de Algodres (João Maria d'Abreu Castello-Branco, fallecido em 1878); o conselheiro Elias da Cunha Pessôa; seu primo, Manoel Ignacio de Sampaio e Pina, feito 1.º visconde da Lançada, a 10 de janeiro de 1849; e outros que seguiram o partido liberal; além dos que se dedicaram á legitimidade.

Em setembro de 1836, por fallecimento de seu tio materno, Manoel Euzebio Tavares de Souza Cirne (que tinha sido tenente coronel, commandante do batalhão de Voluntarios Realistas, de Santarem) herdou o mórgado dos Cirnes, vindo residir então, para a terra da sua naturalidade.

Pela morte de outro seu tio, tambem materno, o padre Antonio Philippe Tavares de Souza Cirne, bacharel formado em canones, e cónego de Santa Maria de Alcáçova, herdou o resto da casa dos Cirnes.

Casou, em Santarem, com a sr.ª D. Maria Guilhermina de Barros Sampaio Cirne, esposa virtuosa e exemplarissima.

Teve d'este matrimonio, trez filhos—dous que falleceram na infancia, e o sr. Guilherme de Sampaio Freire de Andrade de Souza Cirne, fidalgo cavalleiro da casa real hoje representante d'esta illustre casa, nascido em 1849, e casado com a sr.ª D. Amelia da Conceição Holbeche de Oliveira Granate. Ha d'este casamento (até hoje) cinco filhos.

—

O artigo que acaba de lêr-se, com respeito á freguezia de Várzea de Santarem, assim como o de *Villa-Gateira* (que ficará para esta palavra, para não fazer mais extenso este artigo) devo-os ao meu illustrado e presadissimo amigo, o sr. Paulo Maria da Costa Barros, da quinta da Laranjeira, em Santarem; pelo que lhe dou os meus cordiaes agradecimentos.

Se todos os cavalheiros amantes das terras que lhes foram bérço, imitassem o sr. Costa Barros, este diccionario seria mais extenso, porém bem mais perfeito. Honra pois a este meu esclarecido amigo e distinctissimo cavalheiro.

Esta freguezia, é a mais rica, da comarca de Santarem.

As doze quintas que ficam mencionadas, são todas optimas.

A da *Granja*, da qual é hoje proprietario, o sr. Manoel Nicolau d'Abreu Castello-Branco, 3.º conde de Fornos d'Algodres, que costuma residir aqui por muitas vezes, e grandes temporadas, é uma vivenda magnifica.

A da *Mafárra*, era do Estado, que, incluida nos *proprios nacionaes*, foi vendida, ha poucos annos, e hoje é propriedade particular.

Diz o povo d'aqui, que n'esta quinta viveu e morreu, uma *princeza*, D. Mafalda.

É verdade que na capella da quinta está um tumulo, onde existe o cadaver de um individuo (homem ou mulher) mas a inscrição está tão apagada, que apenas se póde lêr — *Mafalda.* — Não se sabe se o cadaver é d'essa mulher, ou de pessoa que lhe pertencesse: de princeza, certamente não é, porque não ha princeza nem infanta (legitima ou bastarda) que se chamasse Mafalda, desde D. Affonso II, inclusivé, até aos nossos dias.

Só tivemos duas filhas de reis, que se chamassem Mafaldas — a 1.ª filha de D. Affonso Henriques, que foi enterrada em Coimbra — a 2.ª, filha de D. Sancho I, é a rainha Santa Mafalda, que morreu no mosteiro de Arouca, e lá está sepultada.

Póde no tal tumulo da quinta de Mafárra, estar o cadaver de alguma senhora que se chamou Mafalda; mas, com certeza, não era filha de nenhum dos nossos reis.

Tambem não acredito que Mafárra seja corrupção de Mafalda. Na minha opinião, é, como já disse, corrupção de *Mahfara* — a cova; porque, effectivamente, esta quinta está em uma baixa.

VÁRZEA DA SERRA — freguezia, Beira-Alta, concelho de Tarouca, comarca, bispado e 15 kilometros de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1724, tinha 105, e em 1768, 116.

Orago, S. Martinho, bispo.

Districto administrativo de Viseu.

O abbade de Lalim, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar — ao todo, uns 50$000 réis.

Ha n'esta freguezia, as ermidas de *Santa Barbara*, e a de São Sebastião.

Foi villa. Nunca teve foral, antigo ou moderno, mas tinha grandes privilegios, pois era uma das dés *beetrias* d'este reino.

> *Beetrias*, *behetrias*, *béatrias*, ou *byatrias* (pois de todos estes modos se costumava escrever esta palavra) significava a terra cujo povo podia escolher livremente, e todas as vezes que quizesse, o senhorio que mais lhe agradasse, despedindo o antecedente, se lhe não fazia conta.
>
> Em alguns documentos antigos, se vê escripto *benefactorias*, como synonymo de *beetrias.*
>
> Oihenet, nas suas *Noticias de Vasconia*, 48 fim, diz que *behetria*, vem de *Beretiriac*, que quer dizer — *Cidades suas*, ou de *direito proprio.* Ou tambem *Bet Iriac*, que significa *pequena cidade* situada em logar baixo e remoto; e principalmente internada nos montes asperos, em que se usava construir fortificações, para sua defeza; ficando a povoação na encosta do monte, ao abrigo

d'essas fortificações, ou castellos.

Segundo outros, *Castella*, onde muito se usaram essas *behetrias*, tomou o nome, dos *castellos* que a defendiam.

Em Portugal, porém, *beetria*, significava sómente o povo livre, que podia mudar de senhor, quando quizesse.

As *beetrias*, acabaram em Portugal, durante a usurpação de D. Philippe II, de Castella.

Do que eram as beetrias e seus privilegios, já usados no principio da nossa monarchia, e em que differiam dos *coutos* e *honras*, se póde ver a erudita e larga *Memoria*, de José Anastacio de Figueiredo, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo 1.º, 98 fim.

VARZEA DE TAVARES — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Mangualde (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Tavares) 45 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1768, tinha 150.

Orago, *Nossa Senhora do Sobreiro*, ou *da Varzea*.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade das Chans de Tavares, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Não me foi possivel obter mais esclarecimentos com respeito a esta freguezia.

VARZEA E CRUJÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 15 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos. (Varzea 60 e Crujães 30.)

Orago de Varzea, é S. Bento; e o de Crujães, Santa Comba (Bettencourt diz que o orago d'estas duas freguezias reunidas, é Santa Catharina, mas em todos os mais livros, diz-se que é S. Bento e Santa Comba.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do convento do Salvador, de Villar de Frades (os *bons homens de Villar*) apresentava o cura de Varzea, que tinha réis 50$000 de rendimento annual.

Esta freguezia, em 1768, tinha 27 fogos e a de Crujães 22. — Vide *Crujães*.

—

Varzea, foi couto, do mosteiro de Villar dos Frades (loyos.)

Para evitarmos repetições, é indispensavel ver *Ayró, serra*, e o 1.º *Ayró*, freguezia, e *Ayró e Varzea*.

Pelos annos de 570, fundou aqui um mosteiro de monges benedictinos, o famoso *São Martinho de Dume*. (Vide 2.º volume, pag. 490, col. 1.ª e seguintes.) Nos seus principios, era este mosteiro *duplex* (de frades e freiras.)

Com a invasão dos mouros, em 716, foi abandonado o mosteiro, e assim esteve por mais de tres seculos, até que *Dom Soeiro Guedes da Varzea*, neto de D. Arnaldo de Bayão, e pae de Nuno Soares Velho, o reedificou (só para frades) pelos annos de 1110. [1]

Ha n'esta freguezia, vestigios de uma antiquissima torre, de alguns castellos, e de muralhas; o que induz a acreditar que existiu aqui, em tempos remotissimos, uma grande povoação, provavelmente romana.

Tambem n'esta freguezia está o paço, quinta e casa solar dos Villas-Boas, tudo em ruinas.

Consta que viveu e falleceu n'esta freguezia, Gonçalo Gil d'Ayró, e sua mulher D. Urraca Annes, sepultados na sua capella, na egreja de Villar de Frades.

VÁRZEAS DE TROVÕES, ou **VÁRZEAS DO DOURO**, e tambem **VARZEAS DO BISPO, VARGEAS DO BISPO** — freguezia (foi villa) comarca e concelho de S. João da Pesqueira (foi antigamente da comarca de Pinhel, e depois da de Trancoso) 40 kilome-

---

[1] Tanto D. Arnaldo de Bayão, como seus filhos e netos, fundaram na Beira-Alta, Minho e Traz-os-Montes, grande numero de mosteiros, todos de monges benedictinos, muitos dos quaes (mosteiros) passaram depois para a ordem de *Cister* (bernardos) que era uma reforma dos benedictinos.

tros de Lamego, 350 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1724, tinha 81.

Orago, o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O *Port. Sac. e Prof.* não traz esta freguezia.

O bispo da diocese, apresentava o parocho (que primeiramente era cura, depois vigario, e por fim reitor) que tinha 80$000 rs. de rendimento annual.

E' povoação muito antiga.

Está a povoação situada em uma planicie (que lhe dá o nome) em logar baixo, junto á ribeira de Gallegos, que é aqui atravessada por uma ponte de pedra. [1]

Foi cabeça de um antigo couto do seu nome, com juiz, vereador, procurador, etc., e teve uma companhia de ordenanças, com seu capitão e alferes.

Foi do termo de Trovões (d'onde dista 3 kilometros) e da qual se separou quando obteve o titulo de villa da corôa, quando Trovões foi dada aos condes da Vidigueira, descendentes do grande D. Vasco da Gama.

Fica a 6 kilometros de distancia, da villa de Paredes da Beira, e 3 da Espinhosa.

Este couto, era dos bispos de Lamégo (e por isso, um dos seus nomes é *Várzeas do Bispo*). Constava este couto de 22 casaes, foreiros ao senhor do couto.

Estava unida a Trovões, que, como vimos, no logar competente, era tambem dos mesmos bispos — e estes dous coutos (Trovões e Varzeas) foram dados pelos nossos primeiros reis, aos bispos de Lamego.

No anno de 1300, reinado de D. Diniz I, se fez inquirição d'estas terras, o que consta de um documento do carterio da Sé de Lamego. Por ella se vê que estes dous coutos tinham sido dos *Bragançães*, em tempos antigos.

Varzeas, não era só do termo, mas tambem da freguezia de Trovões, o que era incommodo para o povo d'aquella povoação, pelo que em 1708, sendo bispo de Lamego o famoso D. Thomaz de Almeida (que depois foi bispo do Porto, e por fim, 1.° patriarcha de Lisboa — 4.° vol., pag. 276, col. 1.ª) lhe requereram os povos da Varzea, para fazerem uma egreja onde podessem ouvir missa, e satisfazer aos mais preceitos da Egreja; o que lhes foi concedido.

Construiram pois uma egreja, dedicada ao Espirito Santo, junto á ribeira de Gallegos; mas como a povoação se foi estendendo para o alto, edificaram uma nova matriz, quasi no fim da rua, na sua parte mais elevada. A antiga egreja ficou reduzida a capella, dedicada a S. Sebastião.

Pelos annos de 1760, sendo bispo de Lamego, D. Frei Feliciano de Nossa Senhora (freire conventual da ordem de Christo, em Thomar, e natural da villa d'Obidos) lhe requereu o povo de Vargas, para esta povoação se constituir em parochia independente; o que o prelado não só concedeu, mas até mandou fazer á sua custa a capella-mór e a sachristia, e deixou dinheiro para se fazer a tribuna, e uma avultada esmola para a construcção do corpo da nova egreja e respectiva torre dos sinos: de maneira que o povo só veio a concorrer com o carreto dos materiaes. Assim se conseguiu edificar um dos melhores templos do bispado.

Este virtuoso prelado, deu paramentos e vasos sagrados, para muitas egrejas do seu bispado; e continuamente dava grandes esmolas, para sustento e vestuario dos pobres. Visitava com frequencia a sua diocese, acudindo, por todos os módos, ás necessidades dos seus diocesanos.

Falleceu, em edade avançada, no dia 15 de abril de 1771.

No alto do monte, indo para o logar e freguezia do Castanheiro — do mesmo concelho — está a antiga ermida dos santos mar-

---

[1] A *ribeira de Gallegos*, nasce em uns grandes pantanos ou marneis, junto á villa de Paredes da Beira. Recebe logo alli alguns regatos, passa junto á villa de *Trovões*, sendo alli atravessada por uma boa ponte de cantaria, e depois vem regar esta freguezia de Varzeas. Suas aguas servem de motor a muitos moinhos, e morre no rio Torto, nos fins do termo de Trovões.

tyres *Abdon* e *Senen*, que se festejam a 30 de julho.

Nas casas dos successores de Manoel Rebello de Souza Azevedo, ha um oratorio particular. Fallecendo este individuo em 1779, e acabando, por este facto, o breve de licença para alli se dizerem missas, e não sendo renovado, deixou de alli se celebrarem os officios divinos.

É pequeno o termo d'este extincto couto, porque o de Trovões o rodeia de trez lados, deixando-o apenas estender por dous *braços*, ao E. e N. até ao Rio Tôrto, e até ao alto da serra do Castanheiro, correndo esses dous braços por uma extenção de 4 kilometros.

Um d'estes braços é cheio de matagaes, (até ao rio) onde ha porcos montezes e caça miuda — o outro, comprehende soutos e terras de pão, lameiros, hortas, etc.

É terra muito abundante de azeite, centeio, milho, sumagre, algum vinho, castanhas e outras fructas.

É este territorio muito abrigado, mas abafadiço e pouco saudavel.

A maior parte das suas hortas e pomares, fertilissimos junto á ribeira de Gallegos, estão fóra dos limites d'esta freguezia, e já na de Trovões.

—

Ha n'esta freguezia e na de Trovões, abundantes minas de chumbo, ou *galêna argentifera*, das mais importantes de Portugal.

—

Aqui reside (em um bello palacete, que foi de seu avô materno, Joaquim de Azeveco) o sr. Antonio da Cunha d'Azevedo e Lemos Castello-Branco, nascido em Lourosa da Serra da Estrella, concelho de Oliveira do Hospital, a 14 de agosto de 1827.

É 3.º filho do sr. Tristão Lopes de Carvalho da Cunha Brandão Castello Branco, fidalgo da casa-real, senhor dos mórgados, de *Lourosa*— da serra — *Sameice*, concelho de Cêa — e *Moimenta da Serra*, concelho de Gouveia — (tudo na serra da Estrella) senhor donatario das egrejas de Orjães e Verdêlhos, e seus oitavos — e de sua mulher, a sr.ª D. Maria Amalia de Azevedo e Lemos de Souza Carvalho e Alvim, 9.ª neta dos srs. do couto e honra de Azevedo, por seu avô paterno, Paulo da Costa Aguiar de Azevedo e Távora, 1.º mórgado da antiga e illustre casa das Varzeas de Trovões; da mesma familia do sr. Antonio de Lemos Carvalho de Souza e Alvim, senhor da nobre *casa do Ribeiro*, concelho de Sernancêlha, pae da esposa do sr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, de Farejinhas, concelho de Castro-Daire.

É um ramo legitimo — por varonia — dos Lemos, senhores da Trófa ; assim como é, tambem por varonia, procedente do mesmo tronco, o sr. Ruy Lopes de Souza Alvim e Lemos de Carvalho e Vasconcellos, de Santar, concelho de Nellas. (Vide 8.º vol. pag. 443, col. 1.ª)

O dito Antonio de Lemos, senhor da casa do Ribeiro, casou com D. Maria José de Azevedo, senhora da casa dos Azevedos, de Paredes da Beira, d'esta das Varzeas de Trovões, e seus vinculos.

Todas estas familias, procedem da nobre e antiquissima casa dos Azevedos, na freguezia da Lama, concelho de Barcellos, de que foi ultimo representante legitimo, o fallecido 1.º visconde e 1.º conde de Azevedo, (para evitarmos repetições, vide *Bayão*, *Fiscal*, a 1.ª *Lama* e *Tapada*.)

—

O sr. Antonio da Cunha de Azevedo Lemos Castello-Branco, é bacharel formado em direito, pela Universidade de Coimbra (em 1851) sendo sempre um estudante distinctissimo.

A 4 de junho de 1859, casou, em Viseu, com a sr.ª D. Maria Innocencia de Bayma Forte Gato, gentilissima dama, de uma esmerada educação, e de tão nobre ascendencia, como seu marido.

D'este matrimonio, ha — até esta data (agosto de 1882) trez filhos e duas filhas.

Ambos estes conjuges, são membros da antiga nobreza de Portugal. Elle, pelos *Cunhas*, senhores de Pombeiro da Beira-Alta (hoje Douro) de cuja familia, é hoje principal representante o sr. D. Antonio de Castello-Branco, conde de Pombeiro e marquez de Bellas — e tambem procede dos marquezes de Távora (pelo mesmo ramo d'onde procede o sr. José Augusto Pinto da Cunha

Saavedra, de Provezende, e seu primo o sr. barão de Saavedra, 2.º d'este titulo). — Sua esposa (e elle tambem) descendem da referida illustre casa dos Azevedos, do Minho.

—

O sr. doutor Antonio da Cunha, sob o pseudonymo de *Arsenio de Chatenay* tem publicado alguns romances *realistas* (mesmo *ultra-realistas*) no estylo de Zolá.

O seu romance menos realista, e que póde ser lido pela donzella mais pudibunda, denomina-se LA VENDETTA, OU O SALDO DE CONTAS. N'elle descreve (*romantizados*) alguns dos crimes que pelo longo espaço de 35 annos, cobriram esta parte da Beira-Alta, de lagrimas, sangue, roubos, incendios, devastações e horrores.

Apezar do seu *realismo*, o sr. Antonio da Cunha, é um cavalheiro respeitavel, e adornado de todas as qualidades que distinguem um verdadeiro fidalgo portuguez. Custa por isso a acreditar, que elle escreva e publique, livros que suas innocentes e interessantissimas filhas não podem ler! [1]

Está no mesmo caso (ainda que as producções são de differente genero) do portuense Alexandre Garrett, com as suas VIAGENS A LEIXÕES (ou *Passeios a Leixões*, não me lembra já bem o titulo d'este apontuado de... inconveniencias).

VÁRZENA — villa antiquissima de Traz-os-Montes, no termo de Chaves, onde se fundou a egreja de S. Salvador e S. Julião, nas margens do Tâmega, para o serviço e sustentação da qual, varios fidalgos e senhoras, concorreram com esmolas que deram ao bispo D. Pedro, no anno de 1087, como consta do *Livro Fidei*, do cartorio archidiocesano.

Supponho que a antiga *Várzena*, é a actual freguezia de *Villar de Nantes*.

VARZIÉLLA — (Vide as duas *Braziellas*, no 1.º vol., pag. 488, col. 1.ª)

VARZIELLA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Louzada) 30 kilometros a E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 165 fogos.

Em 1768, tinha 156.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O Dom Abbade benedictino do mosteiro de Pombeiro (de Riba-Visella) apresentava o vigario, que tinha 120$000 réis de rendimento annual.

É n'esta freguezia o sanctuario de *Nossa Senhora do Amparo*, ou da *Pedra-Maria*.

Está em um pequeno outeiro, entre o mosteiro de monges bentos, de Pombeiro, e o de cruzíos, de Coramôs.

Foi achada a imagem da Padroeira, pelos annos de 1450, sobre um grande penédo que estava entre outros de menores dimensões. Dando-se parte ao vigario d'este apparecimento, veio elle, com muito povo, buscar a santa imagem, que conduziu para a egreja, em procissão, em quanto lhe construiam ermida propria, no logar em que tinha sido encontrada.

Feita a ermida, collocaram no seu altar-mór a referida imagem.

O povo d'estas terras, principiou logo a ter grande devoção com a Senhora do Amparo, trazendo-lhe muitas offertas e esmolas, com que se pôde ampliar e adornar a pequena ermida, transformando-se em uma ampla egreja, que ainda tornou, por mais de uma vez, a ser ampliada, para poder conter os devotos que a ella concorriam.

Desejando o povo de Varziélla constituir-se em freguezia independente, requereu ao arcebispo, e lhe foi concedido.

Creem as mulheres que criam filhos, que, hindo a esta egreja, e comendo de umas hervas que estão na sua rectaguarda, se lhes augmenta o leite; pelo que veem de muito longe em busca d'este remedio.

Em tempos de mais fé, vinham aqui muitas procissões de varias freguezias, em todo o decurso do anno; mas a sua principal festa, é a 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Assumpção.

Até 1833, os dizimos d'esta freguezia eram dos monges do dito convento de Pombeiro.

---

[1] Pertencem ao numero de taes obras chamadas *livros para homens*. Para maior escandalo, são *illustrados* com as gravuras mais obscenas.

É terra muito fertil, em todos os generos agricolas. Gado e caça. O seu clima, é saluberrimo, pelo que se vêem aqui muitos individuos de edade avançada. Em 1712, era aqui vigario, o padre Gaspar Pereira de Sampaio, de 90 annos de edade, e que parochiava havia 50 annos, por ter n'elle renunciado um tio do mesmo nome, que, depois de ser vigario 70 annos, morreu de mais de 100 de edade.

Não ha memoria de ter cahido aqui nenhum raio, ainda nas maiores trovoadas, e cahindo nas freguezias proximas. (Para a etymologia, ver a 1.ª *Varziella*).

VARZIELLAS—freguezia, Beira Alta, concelho de Frades, comarca de Vouzella (foi da comarca de Tondella, extincto concelho de S. João do Monte) 24 kilometros ao N. de Vizeu, 275 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 53.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. João do Monte, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

Muito fertil. Gado e caça.

VARZIELLAS, ou **VARGIELLAS** — trez boas quintas, Beira Alta, na freguezia, e concelho de S. João da Pesqueira, e sobre a margem esquerda do Douro.

Descendo esta margem, se encontra a aldeia de *Arnozêllo*, da mesma freguezia, e de cuja aldeia tomaram os nomes os temiveis *pontos* do Douro, chamados *Cannaes de Arnozêllo*, e *Cadão de Arnozêllo* (7.º vol., pag. 199, col. 2.ª). É uma extensa *galeira* de grande declive, em que as aguas correm com estrepitoso ruido ; e logo abaixo, se vê a antiga *quinta de Arnozêllo*, hoje em grande decadencia, mas cujo vinho gozou excellente reputação.

Adiante de Arnozêllo, estão as trez quintas *das Varziellas*, cujo sólo e exposição dominante, a E., fazem as suas condições eguaes ás melhores do Alto-Douro.

A 1.ª *quinta de Cima*, é dos srs. condes da Azambuja (herdada pela sr.ª condessa, de seu pae, o famoso *Ferreirinha, da Régua*, Antonio Bernardo Ferreira). Produzia antes do *phyloxera vastatrix*, 70 a 80 pipas de excellente vinho de feitoria e embarque.

2.ª *quinta do Meio*, pertencente a uma senhora da Pesqueira — cujo nome ignoro — Produzia 50 pipas de optimo vinho de embarque.

3.ª *quinta da Gallêga*, ou *Varziellas de Baixo*, do sr. Antonio Bernardo de Brito e Cunha, do Porto. Produzia 40 pipas de muito bom vinho.

Mais adiante, no ponto em que, perto do Douro, se reunem os valles *Villarouco* e da Pesqueira, está a *quinta Nova do Cachão*, fundada em 1845, pelo fallecido (e fallido) Antonio de Almeida Coutinho e Lemos, *barão do Seixo*, que póde produzir de 70 a 80 pipas de vinho, para exportação. (Vide o 1.º *Seixo*).

VARZIM DE JUSÃO — era o antigo nome da actual, formosa e grande villa da *Póvoa de Varzim*.

VASCÃO — rio — Algarve. Nasce na serra do *Malhão*, no sitio de *Val d'Éguas*. Corre pela extremidade N. da freguezia do Ameixial — Divide o Algarve do Alemtejo (por este lado). São seus tributarios os pequenos rios — ou ribeiras — dos *Cravaes*, *Alganduro*, *Val da Rosa*, *Córte Pinheiro*, *Taipas*, *Almeixares*, e *Vascanito*.

Com 54 kilometros de curso, desagúa na direita do Guadiana, entre Mértola e Alcoutim — no sitio de *Fonte do Almesse*, [1] freguezia de Alcoutim.

Rega muitas propriedades, e suas águas servem de motor a grande numero de moinhos.

Com os grandes temporaes do inverno de 1876 para 1877, desde a foz d'este rio, até ao *Barranco da Ferreira*, na distancia de mais de 20 kilometros, todas as fazendas marginaes do Guadiana soffreram prejuizos, avaliados em mais de 60 contos de réis. Terras

---

1 *Almesse*, é corrupção do árabe *Almasnâa*, de que nós fizemos *Almácega e Almesse*. Significa *tanque pequeno, onde cáe a agua da chuva, ou de qualquer machina hydraulica.*

outr'ora povoadas de arvoredo, ficaram nuas, e reduzidas a estereis e profundos areaes.

Mais de mil proprietarios soffreram grandes perdas, ficando muitos reduzidos á miseria.

Nas immediações da villa d'Alcoutim, mais de 60 prédios ficaram arrazados.

VASCO DA GAMA — (*o Pimpão*). — Tanto se tem fallado com respeito a este navio, que julgo dever dar aqui algumas noticias e esclarecimentos aos que ignorarem o que elle é e o que vale.

Diga-se o que se disser, e por maiores que sejam os defeitos da sua construcção, e a sua má sorte nas poucas e pequenas viagens que tem feito, é certo que é o unico navio de combate que possue a nossa marinha de guerra.

Quasi todas as nações cultas do globo tinham navios couraçados, e Portugal ainda não tinha nenhum, até 1876, anno em que chegou a este reino o famoso *Pimpão!*

Disse-se ha pouco tempo, que o governo da *Sublime Porta*, propôz ao nosso, a compra do *Pimpão*, offerecendo por elle 600 contos de réis. Não sei se é verdade, porque não ha d'isso (que me conste) noticia official.

O *Pimpão* é um navio de ferro, medindo duzentos pés de comprimento entre perpendiculares, quarenta pés de bocca, vinte e cinco pés de pontal, duas mil quatrocentas e vinte e duas toneladas de deslocamento, mil quatrocentas e sessenta e tres toneladas de capacidade, cinco mil oitocentos e sessenta e seis pés quadrados de área da secção média, 17,6 de calado de agua a vante e 19 a ré.

É um bom navio da classe dos arietes, com reducto central onde monta duas peças de grosso calibre, podendo atirar em caça directa.

A marcha do navio obtem-se por meio de duas helices, cada qual movida por sua machina de vapor independente, dando a força total de quinhentos cavallos nominaes e trez mil e duzentos effectivos, podendo alcançar a velocidade de treze milhas e dois decimos.

Tem o navio duas quilhas lateraes e dois fundos distanciados um de outro dois pés e meio; esse espaço é dividido em trinta e oito repartimentos estanques, e que se podem encher de agua do mar quando se queira immergir mais o navio.

Superiormente ao duplo fundo o casco do navio é protegido por uma facha ou cinta couraçada n'uma largura de dez pés. Esta couraça tem nove pollegadas de grossura no sitio das caldeiras, e decresce para os extremos da prôa e pôpa até quatro pollegadas. Todo o convez é couraçado com chapa de pollegada e meia.

No plano da coberta e um pouco a vante do centro do navio, eleva-se um reducto, ou torre octogonal, que vem até tres pés acima da tolda. Este reducto é defendido por uma couraça de dez pollegadas nas faces de vante, e de oito pollegadas nas de ré.

É n'esse reducto e a coberto de uma tal couraça que estão collocadas duas grandes peças de aço, de carregar pela culatra, systema Krupp, do calibre de vinte e seis centimetros e do peso de dezoito toneladas cada uma, e medindo cinco metros e dois decimetros.

D'esta succinta noticia conclue-se facilmente que o *Pimpão* é um magnifico navio, que está a par de qualquer outro da sua classe, e que com as suas duas peças Krupps e o seu esporão, está no caso de combater, como poderão hoje fazel-o todos os navios das outras marinhas, que têem pimpões maiores, mas não os têem melhores e mais bem construidos.

—

Antes do *Pimpão*, tivemos uma nau de guerra (construida de madeira, e de vella) tambem *por fim* chamada *Vasco da Gama.* [1]

Desde creança, me lembra vêr esta montanha de madeira, no dique do Arsenal da Marinha (parece-me que a sua construcção principiou am 1822) até que, finalmente, no dia 3 de setembro de 1842 (*si rite recordor*)

---

[1] O seu primeiro nome, foi *Vasco da Gama* — Depois, em 1828, foi *chrismada* com o titulo de *Dom Miguel I* — e em 1834, se lhe tornou a dar o seu primeiro nome.

foi este navio lançado á agua com grande pompa.

Esteve portanto, 20 annos no estaleiro, e era construido de madeira de tão ma qualidade, que, mesmo antes de sahir do dique, teve por varias vezes de ser remendado!

Fez apenas uma viagem. Foi ao Rio de Janeiro, chegando alli em tal estado, que se gastaram 120 contos de réis no seu concerto: quantia generosamente dada por muitos portuguezes estabelecidos n'aquella cidade. Hoje está reduzido a *pontão!*... [1]

Peço aos meus leitores, que desejarem mais amplos conhecimentos com respeito á nossa marinha de guerra, desde D. Affonso Henriques, que vejam o que eu disse no 4.º vol. pag. 351 e seguintes.

VASCÕES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Coura (foi do mesmo concelho mas da comarca de Valença), 48 kilometros ao N. O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 58. Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os herdeiros de Pedro Vieira da Silva Telles, de Lisboa, apresentavam o abbade, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

Foi aqui o solar de um ramo dos Caldas. (Adiante fallarei d'esta familia).

Este territorio é povoado desde os tempos prehistoricos, o que se prova plenamente, pela existencia de 8 dolmens, que um cavalheiro de Paredes de Coura aqui descobriu ha poucos annos, no sitio da *Lameira*. [2]

«Fizeram-se escavações em dous monticulos, e verificámos que os mesmos, cobriam dolmens regularissimos, como o d'Ancora (Lapa dos Mouros) faltando-lhes em todos, as pedras que formavam o tecto, de certo por lhe terem sido roubadas. Teem a entrada formada por um renque de pedras, de um e de outro lado, e uma formidavel pedra ao fundo, com disposição egual á de Ancora».

Vemos pois que este investigador, confunde tambem *dolmen* com *mâmoa*, monumento de fórma e applicação differente, e até de época diversa, como se vê da nota a este artigo.

Nem os dolmens teem uma ou mais lagens

---

[1] Tenho idêa de que foram ha pouco tempo postos em leilão os seus materiaes, *para lenha*.

[2] O que diz respeito a estes monumentos pre-historicos, é resumido de um artigo que o patriotico explorador da *Citania*, de Briteiros, e meu esclarecido amigo, o sr. doutor Martins Sarmento, de Guimarães, publicou no n.º 21 do notavel semanario viannense «Pero Gallego».

Com o devido respeito áquelle distinctissimo archeologo, direi que elle (na minha humilde opinião) confunde *mâmoa* — a que dá o nome de *mamôa*, que não contesto — com *dolmen*, que entendo ser um monumento de fórma muito diversa, e de applicação differente.

O *dolmen*, ou *dolmin* (mêsa de pedra) têm, com effeito, a fórma de uma *mêsa*, sustentada por esteios perpendiculares, cujo numero varia, segundo a maior ou menor amplitude da lagem horisontal que sustentam; e, quanto a mim, servia para se immolarem as victimas, nos sacrificios — o que nos induz a acreditar, a posição levemente inclinada da pedra superior. (Até em algumas d'estas pedras — não em todas — tenho visto um *rêgo*, que partindo do centro, desce para a parte mais baixa, provavelmente, por onde se escoava o sangue dos animaes sacrificados).

Mâmoa, ou *tumuli*, tem a fórma de uma *caixa* (e não de *mêsa*). O seu pavimento, é feito de uma, ou mais pedras, unidas, e as *paredes*, são construidas de lagens perpendiculares, *cortadas* todas da mesma altura, tanto na parte superior, como na inferior, acertando sobre ellas a *tampa*, tambem construida de uma ou mais lagens; e tudo isto coberto com um monte de terra, de maior ou menor volume, formando um cone, mais ou menos *achatado* — o que não acontece nos *dolmens*, que nunca foram cobertos.

Mais — Todos os dolmens que tenho visto, estão em logares que foram, ou ainda são, centros de mattos, e quasi sempre, em planicies — ao passo que as mâmoas que tenho examinado, TODAS estão em elevações.

Na palavra *Vasconcos*, veremos que archeologos de grande fama, snstentam que as mâmoas, são monumentos mais modernos do que os dolmens, e já da *edade de ferro*; por isso eu sublinhei a palavra *cortadas*.

por pavimento, mas a terra sobre que foram construidos, e os *esteios* que sustentam a *mesa* são de comprimentos desiguaes, estando mais ou menos enterrados, até formarem na parte superior uma superficie horisontal nivelada, para sobre elles se poder assentar a *mesa*, ou lagem superior: porque os constructores dos dolmens ainda não conheciam o ferro, e tinham de se sujeitar á indicada operação (de enterrar mais ou menos as pedras perpendiculares) para obterem uma superficie egual na parte superior. E até na opinião de archeologos de grande nomeada, a religião dos constructores dos dolmens, mandava que todas as pedras de que elles eram construidos, fossem lagens formadas pela Natureza, sem a minima obra d'arte, nem *quebradella*. Como sahiam da pedreira, assim eram empregadas.

Está averiguado que as *antas* (megalythos — isto é — pedras erguidas) e os *dolmens* são da *edade da pedra*, e portanto, anterior ás *mâmoas*, que são já da *edade do ferro e do bronze*; apresentando claros vestigios de instrumentos de ferro — o que se não dá com os *dolmens* e *antas*.

Tenho visto que alguns escriptores, fundados na tradição do povo ignorante, que attribue aos mouros a construcção de todos os monumentos pre-celtas, druidicos, romanos

---

Os dolmens não apresentam o minimo vestigio de instrumentos de ferro.

Finalmente — os nomes de *dolmen, mâmoa, carn, anta*, etc., foram impostos pelos modernos archeologos, arbitrariamente, por que nós ignoramos os que os seus constructores lhes deram.

Julgo ter aqui logar, uma rectificação — ou, mais propriamente, uma explicação. —

No n.º 11 do «Pero Gallego» diz o sr. doutor Martins Sarmento — «No seu *Portugal Antigo e Moderuo*, o...... Pinho Leal, *gaba-se* (o sublinhado é meu) de a ter descoberto (um dolmen em Goutinhães, a que o povo d'alli, dá o nome de *Lapa dos Mouros*) e ninguem póde levar-lhe a mal esta *vaidade* (ainda é meu o sublinhado) reflectindo que um monumento antigo, se desconhecido dos archeologos, é pouco mais ou menos, como se não existisse».

Respondo ao meu illustradissimo amigo, e esclarecido archeologo.

Terei muitos defeitos (e qual é o homem que não tenha alguns?) mas ninguem—com justiça — me póde accusar de *gabaróla* e de orgulhoso.

Conheço a minha insufficiencia em archeologia (como em tudo o mais) e seria rematadamente estupido, se me gabasse, ou tivesse vaidade do pouco que tenho feito!

O meu amigo, foi injusto a este respeito, pois que eu jámais me *gabei* da tal descoberta. O que eu disse (e ahi está o 3.º vol., pag. 306, col. 1.ª, para o provar) foi o seguinte —

«No sitio da *Barrosa*, ha um cerrado (tambem da tal casa do *Côvo*) chamado *Matta da Lapa*. No centro d'este cerrado, está um *dolmen* (*celtico* ou *pre-celtico*) dos mais bem conservados que tenho visto. O povo lhe chama *Lapa dos Mouros*, e é d'este engano que ao cerrado provem o nome de *Matta da Lapa*.

«Apezar da facilidade que ha em achar este *dolmen*, que está em um sitio plano, e proximo da estação de Goutinhães, no caminho de ferro do Minho, e do logar da Lagarteira, nenhum archeologo, antigo ou moderno, o viu, nem falla n'elle; antes *todos* dizem que na provincia do Minho, ha *só dous dolmens* — um no monte da *Polvoreira* (proximo ás Caldas de Visella) e outro no monte da *Pedeira*, perto de Pombeiro.»

Já vê o sr. doutor Sarmento, que ninguem póde colligir d'estes dous periodos, que eu me vanglorie de similhante achado — nem para isso tinha a minima razão. Disseram em Goutinhães — «Ha na *Matta da Barrosa*, uma *lapa*, feita pelos mouros.» — Fui vel-a, e achei um dolmen. Que motivo tinha eu para me gabar? Nenhum.

Continua a dizer o sr. Sarmento —

«O primeiro desengano, veio com a «Lapa dos Mouros» cuja gravura, feita sobre um desenho do nosso amigo Cezario Pinto, appareceu, ha annos, no «Boletim dos architectos e archeologos portuguezes».

Permitta-me o meu nobre amigo que lhe diga — Sete ou oito annos antes do sr. Cezario Pinto mandar o desenho d'esta antigualha, para o museu archeologico do Carmo, já lá existia (e ainda existe) um desenho da mesma, colororido e encaixilhado, feito por mim, e copiado do natural: assim como outro desenho meu, de um notabilissimo dolmen que existe na aldeia do Castello de Paiva (2.º vol. pag. 185, col. 2.ª, ultimo periodo).

Se não sou orgulhoso, ou vaidoso, tambem não gosto — mesmo nada — de ver que se dá a outro, o logar que só a mim exclusivamente deve pertencer.

e gôdos, dizem que os mouros foram os constructores dos dolmens. É um erro manifesto. *Todos* os monumentos chamados pre celticos, são muito anteriores (mais de 2:500 annos) á invasão dos mouros na nossa Peninsula.

Tambem é erro dizer-se que o famoso dolmen alcunhado *Lapa dos Mouros*, é na freguezia d'Ancora, quando elle existe na de Gontinhães. Ainda até ha poucos annos, o rio Ancora, dividia o concelho de Vianna do de Caminha. A freguezia de Gontinhães, era (como ainda hoje) do concelho de Caminha, e a de Ancora — que fica na margem opposta (esquerda) do rio que lhe dá o nome, era do de Vianna. Gontinhães é na margem direita (N.) do Ancora.

A formosissima e grande aldeia da *Lagarteira* — na freguezia de Gontinhães, é uma concorrida praia de banhos; mas ninguem diz — *banhos da Lagarteira*, ou *de Gontinhães* — todos dizem, *banhos d'Ancora*. A razão d'sto, é porque Ancora, como parochia, é muito mais antiga do que Gontinhães, que era uma aldeia da freguezia de Ancora, da qual foi desmembrada, para se constituir em freguezia independente, ha alguns seculos (Vide *Gontinhães* e *Lagarteira*.)

—

Tornemos a *Vascões*.

O sitio da *Lameira*, onde appareceram os 8 monumentos pre-celtas, é — como o seu nome indica — um pantano, que não sécca, nem com as maiores estiagens.

«No sitio chamado *Lameira do Salgueirinho*, diz a tradição, estar submergida uma cidade, e ahi, *na noite de S. João, ouve-se tocar, debaixo da terra, um sino d'ouro.*» (!)

É uma imitação da lenda da *Pateira de Fermentellos*. (3.º vol. pag. 147, col. 2.ª).

Conta-se que um d'estes maniacos, que sonham com *minas encantadas*, levou da *Lameira do Salgueirinho*, para sua casa um sápo (!) e que só se desenganou que elle não era uma *moira encantada*, quando o nojento animalejo morreu de fóme.

A existencia dos monumentos pre-historicos n'este sitio, induz-nos a acreditar que, em tempos remotissimos de que não ha memoria, este terreno era enchuto, como o resto da freguezia, pois não ha exemplo de que o *povo dos dolmens* os construissem em pantanos.

—

Disse no principio d'este artigo, que os herdeiros de Pedro Vieira da Silva Telles, de Lisboa, eram os padroeiros da egreja de Vascões. Este padroado, pertencia á familia Silva Telles, procedente de Gabriel Pereira de Castro, descendente dos Caldas, que, como vimos, fizeram aqui o seu solar. (Ainda existem bastantes familias no Minho, descendentes dos Caldas, e que usam do seu appellido).

D. Garcia Rodrigues de Caldas, rico homem de Hespanha, e tronco dos Caldas portuguezes, veio para este reino, em 1368, no reinado de D. Fernando I, fugido á vingança do fratricida e usurpador Henrique II, de Castella, por ter seguido as partes do rei legitimo, D. Pedro I, *o Cru*.

D. Henrique, depois II, era irmão bastardo de D. Pedro I, e homem turbulento, e votava odio implacavel a seu irmão legitimo. Reunindo muitos descontentes, a quem D. Pedro tinha indisposto com as suas crueldades, e grande numero de outros, tão turbulentos como elle, revoltou-se contra o rei, fazendo-lhe crua guerra.

Em um combate, vieram a braços os dous irmãos, e D. Pedro deitou por terra o bastardo; mas D. Fernando Peres de Andrade, partidario de D. Henrique, acudiu-lhe, dizendo — «*Eu não tiro rei, nem ponho rei, mas acudo pelo sr. D. Henrique*». Este, levantando-se, com uma adaga, assassinou, á traição, o rei legitimo, e lhe usurpou a corôa.

Sentado no throno, perseguiu encarniçadamente os partidarios do rei legitimo, muitos dos quaes fugiram para

Portugal, sendo d'este numero, D. Garcia Rodrigues de Caldas.

(Foi tambem pelo mesmo motivo, que para cá fugiu o tristemente celebre fidalgo gallego, D. João Fernandes Andeiro, que o nosso D. Fernando I fez conde de Ourem, e que depois — a 6 de dezembro de 1383 — foi assassinado pelo *Mestre d'Aviz* (D. João I).

Muitos fidalgos fugiram então para este reino, e por cá ficaram, e d'elles procedem muitas das familias nobres de Portugal.

D. Garcia Rodrigues de Caldas, abandonando os seus dominios em Hespanha, veio para este reino com os soldados que poude angariar, e offereceu os seus serviços a D. Fernando I, que os acceitou.

O rei portuguez disputa a D. Henrique o throno usurpado, e alliando-se com o rei de Aragão, e com o rei moiro de Granada (1369). invade Castella, chegando algumas cidades a acclamal-o rei legitimo d'aquelle reino; mas vendo que a guerra se prolongava, sem vantagem para elle, fez as pazes com o seu adversario, e a guerra terminou pelo tratado d'Evora, assignado a 31 de março d'esse anno de 1369.

D. Garcia, fizera relevantes serviços ao nosso rei, n'esta curta guerra, pelo que D. Fernando lhe fez muitas mercês, sendo uma d'ellas o senhorio d'esta terra, que D. Garcia povoou com os seus soldados; e, como elles eram *vascões*, ou *vasconços*, ficou a esta freguezia o nome de *Terra dos Vascões*. (Vide *Vasconços*).

Casou com D. Leonor de Souza Magalhães, filha de Ruy Gonçalves de Magalhães e Souza, rico-homem portuguez, da qual teve numerosa descendencia.

Construiu uma egreja, para matriz da nova freguezia, e dotou-a de bôas rendas, para o seu culto e conservação.

Foi tambem senhor das quintas de *Jolda, Campos, e Santa Ovaia de Redemoinhos* — e foi padroeiro de varias egrejas.

Os muitos ramos procedentes de D. Garcia Rodrigues Caldas, formam um comprídissimo *autem genuit*, cuja aborrecidissima leitura poupo aos meus leitores; mas se algum d'elles desejar desenvencilhal-a, póde ver o *Diccionario Abreviado de Chorographia, Topographia, e Archeologia, das Cidades, Villas e Aldeias de Portugal*, por José Avellino d'Almeida, 3.º volume, pagina 181 até 188.

—

Esta freguezia, como todas as mais do Alto-Minho, é fertilissima em todos os generos agricolas; cria muito gado; é abundante de caça, e de peixe dos rios Coura e Minho, e do mar, que lhe vem pelos mesmos rios, e pelo caminho de ferro.

VASCONÇOS — são na Peninsula Hispanica, os descendentes dos *Iberos*.

Antes das invasões celticas, estacionavam os Iberos, em grande parte da Europa occidental.

Pelos annos do mundo 3:969 (44 antes de J. C.) imperando Julio Cesar, appareceram os Iberos, na nossa Peninsula, de envolta com os celtas e outros povos. É por esta razão que depois se lhes deu o nome de *Celtiberos*.

Estes Iberos, vindo das Gallias, onde occupavam uma grande parte, atravessaram os Pyreneus, e invadiram as Hespanhas.

Tambem eram Iberos, os que habitavam *Aquitania* (hoje Gascunha e Guienna (França).

Pretendem alguns escriptores, que os *Ligures* (ou *Liguros*) e os habitantes das grandes ilhas do Mediterraneo, tambem são da raça iberica.

Os Iberos, Ligures e outros barbaros, foram tambem os primeiros habitadores da Italia, e, juntos com os Iberos insulares, formavam uma grande nação, que foi desmembrada (e extincta, em grande parte) pelas invasões dos *Arianos*, que eram celtas, ou greco-latinos.

Depois, tiveram egual sorte,
a maior parte dos celtas.

Varios auctores, julgam que os antigos *Vasconços* (os Iberos) são os constructores dos monumentos megalithicos, a que hoje se dão os nomes de *dolmens, antas, carns,* e *mâmoas.*

O sabio archeelogo, *Le Hon,* sustenta que — nos tempos pre-historicos, *um povo de craneo arredondado* (brachycephalo) e de pequena estatura, habitava o occidente e o sudoeste da Europa.

Nas mais antigas *Memorias,* consta que ao sul da Europa, viviam uns povos com o nome de Iberos, que hoje são os *Bascos* ou *Euskaldunaç* (Eukaros) habitando as vertentes e valles dos Pyreneus occidentaes. (Na lingua euskara, não se encontram vestigios das linguas *eranicas*).

Na primitiva raça do resto da Europa, é ainda hoje representada, ao norte, pela população *finnica,* conservando caracteres indeleveis da raça *ourgo-tartara.*

As raças de que as duas populações *basca* e *finnica,* são vestigios, occupavam toda a Europa e serviam-se de instrumentos de *pedra polida.* Estas raças, porém, são differentes das arianas. O povo chegado na época da pedra polida, é o denominado *povo dos dolmens.*

Os *tumuli* (mâmoas) e as *cidades lacustres,* são restos tambem d'estes primeiros vagabundos, vindos da Asia.

Examinando a *zona* dos monumentos megalithicos deixados no seu precurso, vê-se que o *povo dos dolmens,* invadiu a Europa pela Criméa, marchando d'alli para o norte, pela Silesia, passando para os litoraes do Mar do Norte e depois para o Oceano. Occupou a *Armorica* (Bretanha) onde fez longa residencia — e passou á Inglaterra, pelas ilhas Anglo-Nórmandas, durando seculos estas divagações.

Vestigios de outras migrações secundarias, se acham nos Pyreneus, na França central, na Suissa, na Corsega, nas Hespanhas, e outras partes.

Suppõe-se que as mâmoas, ou *tumuli* são construcções mais modernas que os *dolmens,* porque n'estes apenas se têem encontrado instrumentos de pedra, ao passo que nos tumuli, se teem achado objectos de ferro e de bronze.

Uma tribu do povo dos dolmens, passou o isthmo de Suez e estendeu-se pelo norte do continente africano.

O archeologo Desor, quando viajou pelo Sahará, viu muitos dolmens nas vertentes do Atlas. *(L'homme fossile en Europe,* par Le Hon. Paris, 1867).

O sabio Weinhold diz —

»A que povo pertencem estes monumentos?» — (Os dolmens).

«Nas regiões onde se encontram, habitaram — e ainda habitam — os Iberos, Celtas, Romanos, Germanicos, Slavos; todos — exceptuando os Iberos — ramos da raça caucasiana, á qual o *Hunenvolk* não pertence, em vista da estructura do craneo; e porque, antes das emigrações ne Europa, já conheciam o ferro e o bronze.

«Os *Hunenvolks* eram aborigenes europeus. (*Europaisches urvolk.*)

«Abstrahindo das primitivas familias do S. E. da Europa, restam para a solução, dous grandes povos — Iberos, e Finnicos.

«Tive, em outro tempo, os Finnicos, como constructores dos dolmens. Retiro agora esta opinião. Uma extensão finnica, em todo o occidente da Europa, devia deixar testemunhos historicos, e é opposta á sabida extensão dos Iberos.»

Os *Bascos,* ou *Vasconços,* descendentes dos *Iberos,* foram os primitivos habitadores da Peninsula Hispanica, nos tempos historicos.

Suppõe Weinhold, que os *Iberos,* anteriores aos *Celtas,* nas Hespanhas, foram os constructores dos *dolmens.*

O sr. Gabriel Pereira, illustre archeologo contemporaneo, diz, no seu livrinho — *Dolmens ou Antas, dos arredores d'Evora,* a pag. 17.

«Os povos dos dolmens, não são aborigenes europeus — vieram da Asia, seguindo o caminho que mais tarde as migrações indo-germanicas seguiram tambem.»

«O ramo d'este povo, que estacionou na Iberia, differia, em grau de civilisaçao, dos que estacionaram na Bretanha. Ahi, apparecem, em grande numero, os dolmens, os

alinhamentos de menhirs, os cromlechs, etc. Ahi se encontram as grandes galerias, as pedras lavradas, por exemplo — o célebre dolmen de Gavr'innis. Na Peninsula Iberica, existem apenas, os dolmens de tôsca e uniforme construcção, e alguns *roulers*.

«Este povo (o dos dolmens) que deixou monumentos por quasi toda a Peninsula, parece ter estacionado principalmente na sua metade meridional. Os dolmens, são raros no norte da Peninsula. No paiz vasconço, ainda hoje habitado por descendentes de Iberos, não ha dolmens. Os Vasconços, resistiram sempre a todas as invasões e influencias estranhas, e ainda hoje conservam o seu antiquissimo idioma.»

G. de Humboldt, escrevia em 1820. [1]

«*Os povos iberos não podem considerar-se habitadores primitivos da Peninsula. Muitos testemunhos demonstram que existiam aqui diversas raças pre-historicas* »

«Duas emigrações celticas, entraram na Peninsula — *kimrica* e *gaelica* — e de ambas restam vestigios, nas designações bocativas.»

—

O sr. Gabriel Pereira, a pag. 27, do seu livro — DOLMENS OU ANTAS — diz —

Os povos ibericos

Os Iberos occupavam a Peninsula Hispanica, antes das invasões celticas. Eram tidos pelos geographos antigos por *autochtones*, ou indigenas da Iberia, o que equivale a dizer, que era tão longa a duração do seu estabelecimento n'este paiz, que as tradições das primitivas migrações, estavam completamente obliteradas. Em certos pontos, esta raça, gozava alguma civilisação; e quando os arianos e phenicios entraram com ella em contacto, não recusou as relações, mas não substituiu aos seus costumes e ao seu idioma, os costumes e os idiomas das raças invasoras. Uma tribu ibera, consentiu em erguer as suas rudes moradas, junto a uma cidade grêga, elevando, comtudo, uma muralha, entre as duas povoações.

Não havia na raça iberica espirito de nacionalidade: vivia subdividida em tribus, sem communicação entre si. Depois das invasões celticas, formidaveis tempestades, que vieram pela primeira vez, segundo a historia, fartar de sangue e de ruinas o sólo da Iberia, as tribus dos selvágens, barulhadas na convulsão, conservaram-se — umas isoladas, outras confederaram-se, outras, em fim, alliaram se — allianças de selvagens guerreiros, com as hordas das raças invasoras.

Os romanos, que por tanto tempo passearam pela Hispania as suas legiões victoriosas, que no tempo dos imperadores tantos esforços fizeram para, por meios suaves, attrahir os Iberos, pelas colonias, pelas regalias, pelo desenvolvimento do commercio e da instrucção; não conseguiram ter aqui alliados fieis. Não conseguiram mesmo, que o conhecimento da lingua latina se vulgarizasse.

Nas moedas, ha n'uma face a inscripção latina, ou phenicia, ou grêga; e na outra, a iberica.

Deu soldados valentes e aguerridos, aos generaes carthaginezes, e aos romanos, seus contrarios. Que eram valentes, soffredores, terriveis na lucta sem esmorecerem nos revezes, mostram só as campanhas immortaes de Viriato e Sertorio; mostram-n'o os cêrros escalvados da Cantabria, onde tantas vezes rojaram no pó as aguias dos Consules, e dos Cesares.

«Tão amigos da liberdade, diz Strabão, que, depois da derrota, os paes matam os filhos, e os filhos matam os paes, para não soffrerem a escravidão. Tão selvagens, que mesmo crucificados, e quasi moribundos, ainda entoam os seus cantos de guerra.»

Os representantes actuaes d'esta raça, são os *Bascos*, que occupam os pendores e valles, dos Pyrenneus Occidentaes; divididos entre si, com dialectos — uns, sob o dominio francez — outros, sob o hespanhol.

São conhecidos estes povos sob differentes designações. Elles designam-se, em ge-

[1] Hoje, com os progressos feitos pelas sciencias, as conclusões d'este sabio philologo, soffrem algumas alterações.

ral, com o nome *euskaldunac*; e o seu idioma é o *euskaro*.

Bascos, Basques, Biscaynhos, e Vasconços, designam o mesmo povo.

Em Alava, Viscaya, Guipuzcoa (Hespanha) — em Labourt e Soule (França) encontram-se muito condensados. Segundo Mahn,[1] o seu numero actual, é de 800:000.

Conservam ainda dialectos mui distinctos — sendo principaes, os de Viscaya, Guipuzcoa e Soule.

Não teem litteratura propria; mas ha obras impressas em basco.

As classes superiores, conhecem geralmente as linguas, franceza, ou hespanhola.

Regem-se ainda por leis, ou *costumes* antigos, a que chamam *fuéros*.[2]

Os Iberos, antes das invasões celtas, occupavam grande parte da Europa Occidental.

Linguas celticas

As linguas celticas, pertencem á familia indo-germanica, ou *oriana*. Comprehende dous ramos — *Gael* ou *Gaedhelic* — e *Kymri*. Segundo estudos recentes, o Gael, póde tomar-se como dialecto *sanscrito* — e o kymri, como dialecto *zend*.

Desde o principio dos tempos historicos, já os povos celticos occupavam o centro e o occidente da Europa.

Nos escriptores antigos, apparecem os Celtas, sob os trez nomes diversos — *Celtici* (e *Celtae*) — *Galatae*, e *Galli*. Segundo Zeuss, as duas ultimas denominações, traduzem-se por — *pugnaces, armati*.

Os *Iberos* que se uniram aos invasores celtos, formaram o povo denominado *Celtiberico* — Era o mais bravo e independente de todos os da Peninsula, e foi o mais fiel alliado do grande Viriato.

—

Apezar d'este artigo hir já bastante longo, é todavia resumidissimo, pois que a materia, dava para um volumoso livro.

Póde dizer-se que a archeologia pre-historica, nasceu n'este seculo; porém, as opiniões dos archeologos variam em muitos pontos, e, pela maior parte, esta sciencia é fundada em hypotheses, e tarde, ou nunca, se adoptará uma opinião geralmente admittida.

Vide *Anta, Carn, Dolmen, Druidas*, e *Mâmoa*.

VÁSCOVEIRO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 75 kilometros de Viseu, 360 ao E. de Lisboa, 100 fogos. Em 1768, tinha 61. Orago, N. Senhora da Assumpção. Bispado de Pinhel (foi do de Viseu) districto administrativo da Guarda.

O vigario de Santo André, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Pouco fertil. Bastante gado e muita caça, grossa e miuda.

O nome d'esta freguezia virá de *Vaz, coveiro?* Parece.

VÁSO NA CABEÇA — Vide *Luto* — e suas notas.

VASSAL — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Val de Paços (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Chaves, da qual este concelho fazia parte) 105 kilometros a N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 170 fogos. Em 1768, tinha 91. Orago, N. Senhora da Expectação — ou do Ó. (O *Port. Sacro*, diz que é N. Senhora do Rosario). Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O cabido da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de rendimento annual.

O *Port. Sacro e Profano*, dá a esta freguezia o nome de *Vaçal*; e julgo que é menos errado do que *Vassal*.

Nesta mesma provincia, e no concelho de Bragança, ha a freguezia de *Baçal*, que si-

---

[1] *Denkmaeler der baskischen sprache*, von dr. Mahn. Berlin, 1857.

[2] Os *fuéros* das Vascongadas, foram muito reduzidos pelos governos liberaes de Hespanha, e isto tem dado origem a varias revoluções. Os Vasconços teem razão, para pugnar pelos seus *fuéros*. Não foram conquistados; uniram-se voluntariamente a Castella, sob a condição de lhes serem conservados *todos* os seus antigos privilegios.

gnifica *logar plantado de sebôlas — sebolal.*

Fertil. Gado e caça.

VASSALARIA — port. ant. — predios rusticos, que constavam de 10 ou 12 casaes, cada um, com sua junta de bois, ou de *vaccas* — e de *vacca* é que se deriva a palávra, porque *Vassalaria* é corrupção de *Baccalaria.*

Os que tinham o dominio util de qualquer d'estes casaes, se denominavam *baccalarios*, titulo então mais honrado, do que o de simples lavrador ou colono d'esses predios. Eram isentos de cargos civis.

Os reis e os mosteiros, foram *direitos senhorios* das *baccalarias.*

VASSALLO — No antigo portuguez, significava, fidalgo, aulico, ministros e seus assessores. Era, portanto, um titulo d'honra. Hoje, diz-se *subdito* — isto é — o que reconhece um soberano por seu chefe.

Na baixa latinidade se dava o honroso titulo de *vassus*, ao soldado forte e generoso, e é de *vassus* que se deriva a palavra *vassallo.*

Dos antigos vassallos, escolhiam os nossos primeiros reis, os *infanções*, e os *ricos-homens.*

Quando a um individuo qualquer, o rei dava o titulo de vassallo, consignava-lhe logo esta renda, em dinheiro ou em cereaes (e muitas vezes, em ambas as cousas) para sustentar o lusimento d'aquelle *pôsto.* A esta renda, se chamava *moradía.*

Até ao reinado de D. Pedro I, só podia ter o titulo de vassallo, o filho, neto, ou bisneto de fidalgo de linhagem. Desde o rei D. Fernando até D. Manuel I, se ampliou o titulo de vassallo, aos *acontiados*, limitando-se aos *lanceiros*, de maneira que podiam ter as honras e privilegios de vassallos, os *officiaes mechanicos* e os lavradores, que formavam parte da milicia da reino. Dava-se-lhes tambem o nome de *cavalleiros peões.*

D. Affonso V, precisando de muita gente para as guerras da Africa e de Castella, e para remunerar os que n'ellas se tinham distinguido, admittiu muitos populares para a lista dos vassallos, apezar da forte opposição dos nobres, que não queriam que tal honra fosse concedida senão a fidalgos.

Seu filho, D. João II, requerido nas côrtes d'Evora (1481, primeiro do seu reinado) para que fizesse certo numero de vassallos, homens fidalgos, ordenou que houvesse 4:000 vassallos, nobres, com a designação de *vassallos de el-rei*, como sempre até alli se uzára; não podendo estes ser vassallos de outro qualquer senhor, ou rico-homem. Dois mil eram de cavallaria, denominados *Lanças de homens d'armas*, e tinham todos os antigos privilegios dos vassallos, e 2$500 réis de *contia.* Os outros 2:000, eram chamados *Piqueiros de pé*, e tendo os mesmos privilegios, não recebiam *contia.* Tanto uns como outros tinham obrigação de estar sempre promptos, *á primeira voz*, com armas e cavallos.

Esta qualidade de vassallos, terminou no reinado de D. João III.

Havia ainda outros individuos, denominados *Vassallos das lanças*, que viviam em terras *jugadeiras.* Não eram fidalgos de linhagem, nem gozavam outros privilegios, senão serem escusos das *jugadas*, em 30 alqueires de trigo, pelo *Assento*, de 7 de dezembro de 1487.

VÁU — freguezia, Extremadura, concelho e 6 kilometros d'Obidos, comarca das Caldas da Rainha, 95 kilometros a N. O. de Lisboa. 85 fogos. Em 1768, tinha 92. Orago, N. Senhora da Piedade. Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, de renda annual.

Esta freguezia, foi annexada á do Sobral da Lagôa, em fevereiro de 1879. (Vide *Sobral da Lagôa*).

A povoação do *Vau*, fica a 2 e meio kilometros ao N. da *Amoreira*, e 4 da famosa *Lagôa de Obidos*, junto da qual — para o lado do Vau — ha um grande paúl, denominado *Pôça d'Albufeira*, completamente inundado no inverno, pescando-se alli bastante peixe, e caçando-se tambem varias áves aquaticas, ou pallustres, como *galeirões, adens, caimões*, etc.

Veio aqui por algumas vezes, divertir-se com caçadas e pescaria, D. Maria I, e fez presente d'este paúl aos moradores do logar do Vau, por uma sua provisão régia;

podendo elles, não só pescarem e caçarem, ou aproveitarem este terreno, como melhor lhes conviesse, como tambem apascentarem alli os seus gados, quando estivesse livre das aguas.

É d'este paúl, que se póde passar a *vau*, no inverno, que parece provir o nome á povoação.

Comprehende esta freguezia, onze casaes, todos de bôa terra, e a excellente *quinta do Bom-Successo*, junto á Lagôa d'Obidos, da qual é actual proprietario, o sr. Antonio Manuel da Cunha e Sá, residente na sua *quinta da Torre*, freguezia de S. Barnabé do Ervedal, concelho d'Aviz, comarca da Fronteira.

N'esta quinta, residiu D. Verissimo Monteiro, bispo de Pekim (China) e foi elle que construiu a casa, hoje muito melhorada pelo sr. Cunha e Sá.

Está n'esta quinta (com a porta para a rua) a bonita ermida de *N. Senhora do Bom Successo*, que deu o nome á quinta.

Antigamente vinham a esta ermida os *Cirios* de Peniche, do Nadadouro, de Val Bem-feito, e do Vau: hoje só aqui veem os dous ultimos.

Em outros tempos, era o terreno d'esta freguezia, inculto, e povoado de matto, carrascos, e outros arbustos silvestres; e quando se principiou a povoar, ficou pertencendo á freguezia (hoje supprimida) de S. João de *Mocharro*, extra-muros da villa d'Obidos (6.º vol., pag. 185, col. 1.ª) cuja egreja está hoje reduzida a ermida, dedicada a *N. Senhora do Monte do Carmo, e S. Vicente*.

Principiou a povoar-se esta terra, e, como é muito fertil, foi pouco a pouco augmentando a povoação. Construiu-se então uma pequena ermida, da invocação de Santo Antonio de Lisboa, a qual, passados alguns annos, foi restaurada e ampliada, pintando o retabulo da capella-mór a famosa Josefa de Ayala (*Joséfa d'Obidos*).

Passou depois a pertencer a povoação do Vau, á freguezia da *Amoreira* (a 3.ª da col. 2.ª, de pag. 201, do 1.º volume) que ficava mais perto do que a de S. João Baptista de Mocharro; mas, ainda assim, o caminho a percorrer para hir á egreja matriz, era pessimo, sobre tudo no inverno, e tinha de passar-se por mattas perigosas — principalmente para mulheres, por causa da solidão, o que deu causa a alguns factos *summamente desagradaveis*....

Pelos annos de 1740, D. João V foi aos banhos das *Caldas da Rainha*, com seus filhos, D. José, principe do Brasil (e depois, rei, 1.º do nome) e os infantes, D. Carlos, D. Pedro, [1] e D. Alexandre, resolveram fazer uma caçada e pescaria, á Lagôa d'Obidos e á *Pôça da Albufeira*. [2]

Eram do logar do Vau, os remadores das *bateiras*, em que conduziram a familia real, acontecendo ter chovido bastante, alguns dias antes, e estar inundada a Pôça da Albufeira, a ponto de por ella se poder navegar facilmente.

Os remadores aproveitaram esta occasião para pedirem ao infante D. Pedro (que foi o que os tratou com mais familiaridade) que a sua terra se constituisse em freguezia independente da da Amoreira.

O infante prometteu-lhes interessar-se a favor da sua pretenção, pedindo a D. Thomaz d'Almeida, 1.º cardeal-patriarcha de Lisboa (4.º vol., pag. 276, col. 1.ª) que concedesse a requerida desannexação, ao que o prelado facilmente annuiu.

Prejudicava isto nos seus interesses ao padre João Teixeira Monteiro, cura-parocho da Amoreira, que, com embargos e toda a qualidade de obstaculos a que poude recorrer, tentou annullar a decisão do prelado, obrigando os do Vau a grandes incommodos e despezas; porque o padre Arcenio Caetano, o canteiro Manuel Pereira, do So-

---

[1] O infante D. Pedro, designado no texto, era o 4.º filho varão, de D. João V, e não o primogenito do mesmo nome, e que foi principe do Brasil. Este, morreu de 2 annos e 10 dias de edade, pois nascêra a 19 de outubro de 1712, e falleceu a 29 de outubro de 1714, succedendo-lhe no principado do Brasil, e depois na corôa, o filho segundo, D. José.

[2] Albufeira, é corrupção do substantivo árabe *Albuhera*, que nós pronunciâmos *Albufeira* — substituindo o *h aspirado*, por *f*. — É diminutivo de *Bahron* — o mar — vindo pois a significar — *pequeno mar*, ou *lagôa*.

bral de Logôa, e outros, do Vau, amigos do cura da Amoreira, coadjuvaram este na sua tenaz opposição.

Os pretendentes, porém, tinham a seu favor a protecção do infante D. Pedro, e a bôa vontade e energia do padre José Alves, descendente do primeiro habitante do Vau, e um sacerdote exemplarissimo pelas suas virtudes e sabedoria, pelo que as chicanas terminaram e a parochia constituiu-se.

O cardeal-patriarcha, mandou levantar as paredes para a nova egreja matriz, em redor da ermidinha de Santo Antonio e N. Senhora da Piedade, ficando esta a ser orago da nova freguezia.

Quando o cura da Amoreira recebeu de Lisboa uma carta em que se lhe participava que todas as tricas tinham terminado, e que a parochia estava definitivamente constituida, teve tão grande pezar, que adoeceu, morrendo ao cabo de 22 dias!

O tal padre Arcenio Caetano, parcial do cura da Amoreira, pelo desgôsto de ser supplantado pelos seus conterraneos, vendeu tudo quanto tinha no Vau, e foi viver para Lisboa; mas tendo de voltar ao Vau, para terminar os seus negocios, embarcou em uma falúa do Riba-Tejo, que, virando-se, lhe causou a morte, proximo a Sacavem.

O canteiro Manuel Pereira, do Sobral — outro oppositor á pretenção dos do Vau, tendo hido á festa de N. Senhora do Bom-Successo, na 1.ª oitava do Espirito Santo, dia em que o cirio de Peniche ainda alli vinha em romaria, quando já o Vau era parochia independente, em quanto o novo parocho dizia a missa da festa, estava o canteiro, no adro, ridiculisando a parochia e os freguezes. Outros canteiros que andavam de rixa com elle, e com outros que o acompanhavam, estimulados pelos insultos de que eram objecto, vieram ás mãos com os provocadores, resultando tão graves ferimentos ao do Sobral n'esta desordem, que apenas viveu trez dias, sendo o primeiro individuo que o novo parocho do Vau teve de confessar e sacramentar, e o primeiro que estreiou a tumba da freguezia do Vau.

Estas trez mortes, todas desastrosas, attribuiu o povo do Vau a castigo das traficancias que praticaram aquelles individuos, para obstarem a que se erigisse a freguezia de N. Senhora da Piedade. Talvez tivessem razão.

—

Muitos são os milagres attribuidos á padroeira d'esta freguezia, do que resultaram varias romagens, esmolas e offertas á Santissima Virgem.

—

Conservou-se freguezia independente, por espaço de 129 annos (desde 1750, até 1879) sendo em fevereiro d'este ultimo anno — como vimos no principio do presente artigo — annexada á do *Sobral da Alagôa*, que, como vimos, tambem tinha feito parte da supprimida freguezia de S. João Baptista de Mocharros, extra-muros d'Obidos.

A freguezia do Sobral da Alagôa, tambem tinha sido creada de novo, em 1837, isto é, 87 annos depois da do Vau, como vimos no volume 9.º, pag. 416, col. 2.ª.

Todos sabem o que na lingua portugueza significa a palavra *Váu*. Na antiga lingua Gauleza, significava *cidade, castello, logar fortificado*, etc.

Na França e na Suissa, ha muitas povoações cujo nome principia por *Vau*, com a mesma significação — por exemplo — *Vau-le-Court, Vau-Cluse, Vau-Coleurs, Vau-de-Mont, Vau-Girard, Vau-Vert*, etc.

VEÁDE ou **VIÁDE** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 45 kilometros ao N. E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Em 1768, tinha 242. Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação—Candeias) arcebispado e districto administrativo de Braga.

O commendador de Malta, de Celorico de Basto, apresentava o reitor, collado, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Viade, *Bade* e *Biéco*, no antigo portuguez significava *Beato*, e, não só era adjectivo, mas tambem nome proprio de homem.

São Beato, presbytero, floresceu nas Asturias, pelos fins do seculo VIII, e foi o confutador da heresia do monothelitas, em Hespanha.

Terra fertil. Muito gado e caça. Grande exportação de bois gordos, para a Inglaterra.

VEÁDE ou **VIÁDE** — Freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Monte-Alegre, 60 kilometros ao N. E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 190 fogos. Em 1768, tinha 185. Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção). Arcebispado de Braga, districto admnistrativo de Villa-Real.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

O *Port. Sacro* dá a esta freguezia o nome de *Veáda de Baixo.*

Fertil. Gado de toda a qualidade, e muita caça.

VEADOR ou **VEDOR**—O primeiro individuo que se encontra em Portugal com esta denominação, é João Gonçalves, no reinado de D. Fernando I.

Estes veadores ou vedores, ora se diziam *veadores da fazenda d'el-rei,* ora da fazenda do reino.

Depois de passados muitos annos é que se lhes deu a denominação de mórdomos, e se sujeitaram á obediencia do *mórdomo-mór,* emprego ainda usado, porém é mais de honra, do que de trabalho e de interesse.

Desde D. Affonso Henriques até D. Fernando, ao simples védor se dava o nome de *dapifer,* e ao primeiro (o a que depois se chamou mordomo-mór) o de *dapifer da curia.* Tambem se dizia *Villicus Curiae.* Com esta ultima denominação, se via D. Ermigio em um documento do mosteiro de Alpendurada, do anno de 1131.

Tinham a seu cargo a direcção da fazenda do rei, ou do estado, e tambem o officio de *trinchante* da casa real.

No reinado de D. João I, se deu aos *paceiros-móres,* (superintendentes das obras dos paços reaes, em todo o reino—havendo em cada paço, um d'estes *paceiros*) tambem a denominação de *Veadores da casa d'el-rei.* O 1.º que se acha com este titulo é *Affonso Gonçalves,* alojado no castello de Lisboa, onde então eram os paços reaes.

Por um *regimento* de D. Philippe II, datado de 12 de novembro de 1585, se mudou o nome de *veador da casa d'el-rei,* no de *provedor das obras.*

Os que desejarem mais amplos esclarecimentos com respeito a estes empregos, vejam a *Geographia historica,* de D. Luiz Caetano de Lima, tomo I, pag. 277, 289, 498, 515 e 520.

VEATODOS ou **VIATODOS** — Freguezia, Minho, comarca, concelho e 10 kilometros ao S. de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 215 fogos. Em 1768, tinha 151. Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Apresentação.) Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra, apresentava o reitor, que tinha 160$000 réis de rendimento annual.

Foi commenda da ordem de Christo.

Na noite de 18 para 19 de abril de 1881, os ladrões sacrilegos, arrombaram a porta lateral da egreja matriz d'esta freguezia, e entrando n'ella, arrombaram as caixas das esmolas, e roubaram o seu contheudo, assim como bastantes objectos pertencentes ao culto divino; tudo, no valor de 200$000 réis.

Pertenceu Veatodos, em tempos antigos, ao julgado de Vermoim, que comprehendia a *Honra de Farellães,* solar dos Correias. (Vide *Correias da rua Chan,* no artigo *Porto* a pag. 526, col. 1.ª) É povoação muito antiga, assim como a Honra de Farellães, ou *Fralães,* que foi couto da casa de Bragança. Vide *Fralães* e *Pérre.*

Segundo alguns antiquarios, a antiquissima villa (hoje reduzida a aldeia, assim como tambem foi supprimida a freguezia de Farellães) foi fundada por um *patricio* romano chamado *Elio Faya* ou *Saya.*

Isto collige-se apenas, dos restos de uma inscripção, gravada em uma pedra quebrada que hoje fórma o 3.º degrau da capella de Santa Maria de *Vêatodos*—(Vê-a-todos.)

Eram notaveis os privilegios do solar dos senhores de Farellães!

No 1.º de janeiro de cada anno, se juntavam os *vassallos* dos Correias, e o *senhor,* sentado em uma cadeira debaixo de um carvalho, mandava arrimar ao mesmo a vara do juiz velho, e entre todos os presentes, escolhia o que julgava mais digno, e lh'a entregava (a vara) tomando-lhe juramento, de

que faria justiça recta, em todo o decurso d'aquelle anno. Passava-lhe *carta de ouvir*, sellada com o sello das suas armas. Sem mais formalidades, ficava feito *juiz ordinario e dos orphãos*, e este, depois, com o povo, elegia os vereadores e mais empregados do couto.

Depois d'isto, vinham umas *fogaças*, pagas por alguns caseiros do senhor, das aldeias de *Camposinhos* e da freguezia de Veatodos, que eram comidas por todos os presentes, dando-lhes o senhor bastante vinho, com que aquella sucia se alegrava. (Já se vê que, desde tempos immemoriaes, é costume haver *comezainas* em occasião de eleições. «Nada debaixo do sol, é novo...»)

A primeira imagem da padroeira, era tão antiga, e estava em tal estado, que o visitador a mandou enterrar, e que se fizesse uma nova; mas uma mulher, visinha da egreja, não consentiu, levando a imagem para sua casa, onde a conservou, com muita devoção.

A nova imagem tem um metro d'altura.

A egreja matriz, é sagrada, como se vê das varias cruzes que a cercam nas paredes interiores.

Muito fertil. Gado e caça.

VEDRO—Port. ant.—velho. *Tempo de Vedro*, quer dizer, de tempos immemoriaes. «*De ló comaro a suso, per si a parede, foi fundada de tempo vedro.*» Doc. de Alpendurada, de 1285 e 1300.)

Vem do antigo latim *vetus*, depois *veterus*.

Tambem era synonimo de *Védo* (vedação)—tapume, ou comoro que cerca uma propriedade. Vem do latino *véto*.

VEGA ou **VEGADA**—port. ant.—Vez. Em uma doação do bispo de Lamego e seu cabido, feita no anno de 1361, se emprega a palavra *vegada*, por *vez*. Em uma sentença da cidade da Guarda, do anno de 1399, se diz—«*Por estes presentes escriptos, amoéste a primeira, segunda e terceira* vegadas *todos* aquelles, etc.

VEIGA—(ribeira da)—Vide o 2.º *Val-de-Porco*.

VEIGA—É um appellido nobre de Portugal procedente de varias origens. O primeiro que acho com elle, é D. João Esteves da Veiga, tomando-o do logar da *Veiga de Santa Maria*, a 6 kilometros de Braga. Teve o titulo de *rico-homem*, e foi senhor de Salvaterra de Magos, e do conselho de D. João I.

Era filho de Leonardo Esteves de Napóles, cavalleiro nobilissimo, que ficou n'este reino depois da batalha do Sallado (30 de outubro de 1340) por ser partidario de nosso rei D. Affonso IV.

Os Veigas d'este ramo, trazem por armas—em campo de purpura, uma aguia d'ouro armada de prata—élmo de aço, aberto, e por timbre, a aguia do escudo.

Outro ramo de familia d'este appellido, é o que procede de D. Vasco Lourenço da Veiga, filho de D. Lourenço Vicente de Lemos, arcebispo de Braga [1].

Estes trazem por armas as que se acham descriptas no 4.º vol., pag. 463, col. 1.ª

Os manuscriptos da casa Palmella, dão aos Veigas as armas seguintes:

Em campo de púrpura, cruz de prata, firmada, cantonada de uma flor de liz de ouro

---

[1] Este vulto legendario do seculo XIV, nasceu no casal da *Charrua*, freguezia e concelho de Lourinhã. Um ardente desejo de instruir-se, o levou a frequentar as universidades de Montpelier, Tolosa, Paris, e Bolonha. Voltando a Portugal, no reinado de D. Fernando I, foi feito arcebispo de Braga, prelatura que exerceu com a maior dignidade e intelligencia, mostrando quanto aproveitara em sciencia com a distincção dos seus grandes estudos.

Foi este prelado que convenceu o rei D. Fernando a seguir as partes do legitimo papa, Urbano VI, no grande schisma que então affligiu a christandade.

Nas desordens e conflictos de 1383, foi um dos primeiros que acclamou rei de Portugal ao Mestre d'Aviz (em Coimbra) pelo que, e pelos seus relevantissimos serviços posteriores, D. João I, em grande parte, lhe deveu o throno, e Portugal a liberdade.

Na gloriosa batalha d'Aljubarrota (14 de agosto de 1385) foi um dos mais intrepidos batalhadores, levando uma cutilada na face cuja cicatriz lhe durou toda a vida, e d'ella se gloriava, por ser um testemunho de ter arriscado a vida, em defeza do seu rei natural e da patria.

Em todas as conjuncturas d'esta guerra, mostrou-se sempre um verdadeiro amigo do nosso D. João I, um leal e bravo portu-

—élmo de prata, aberto, e por timbre, uma aguia de purpura.

Outro ramo d'esta familia (diz Villas-Bôas) traz por armas — escudo esquartelado— no 1.º, de purpura, aguia d'ouro, armada de prata — no 2.º e 3.º, de prata, a cruz de S. Jorge (de purpura) cantonada de uma flôr de liz, azul — no 4.º, de prata, 3 flores de liz, azues, em roquete.

Veiga de Napoles, é tambem um appellido nobilissimo d'este reino, onde um ramo da familia dos Veigas, se enlaçou com a dos Napoles, e usa das seguintes armas — Em campo de prata, 9 flores de liz, de purpura, em 3 pallas — élmo de prata, aberto; e por timbre, uma das flores de liz, do escudo.

Os *Napoles*, são tambem nobilissimos (os legitimos — porque ha *Napoles de contrabando*...)

Eis a sua origem, em Portugal:

No reinado de D. Affonso IV (1325-1357) veio de Napoles para Portugal, Estevam de Napoles, filho do Infante D. João de Napoles, pondo-se ao serviço do dito rei. Tomou parte, com distincção, na famosa *batalha do Sallado*, pelo que D. Affonso lhe deu o fôro de seu vassallo, e os senhorios das villas de Cêa e Penella, da cidade de Coimbra, e de toda a *Veiga de Santa Maria*; pelo que, muitos dos seus descendentes, tomaram o appellido de *Veiga*.

Casou com D. Margarida Annes, filha do 1.º conde de Ourem, D. João Affonso Tello do Menezes, tio de D. Leonor Telles de Menezes. (6.º vol., pag. 331, col. 2.ª)

Os d'este appellido, trazem por armas — escudo esquartelado—no 1.º e 4.º, de purpura, aguia d'ouro — no 2.º e 3.º, de azul, tres flores de liz, de ouro, em roquete—élmo de prata aberto—e por timbre, uma das aguias do escudo.

VEIGA DE LILLA — Freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Val de Paços (foi da comarca de Chaves, extincto concelho de Carrazedo de Monte-Negro) 120 kilometros ao E. N. E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 90 fogos. Em 1768, tinha 61. Orago, Santa Maria (Nossa Senhora das Neves). Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. Pedro de Lilla (a fréguezia seguinte) apresentava o vigario, que tinha 40$000 de rendimento annual.

O antigo nome d'esta freguezia, era *São Pedro dos Valles*.

No sitio do Carril (em tempos antigos, chamado *Val Saudavel*) entre as aldeias dos *Valles* e *Deimãos*, está a antiquissima ermida de *Nossa Senhora da Assumpção*, que é um templo vasto, podendo ser matriz de uma grande parochia. O tecto, é apainelado, dividido em setenta e dous quadros, representando scenas da vida da SS. Virgem. Foi tudo restaurado no principio do seculo XVIII. Diz-se que a primitiva egreja já existia no tempo dos godos.

Teve uma grande irmandade, cujos estatutos foram approvados pelo cardeal D. Verissimo d'Alencastre, sendo arcebispo de Braga.

Foi este templo muito concorrido de romagens, em todo o decurso do anno, quando o povo tinha mais fé.

---

guez, e um sabio conselheiro do rei; que dizia muitas vezes— «O condestavel D. Nuno Alvares Pereira e o arcebispo D. Lourenço, são os meus dous olhos.»

Enriqueceu a Sé de Braga com preciosos ornamentos, e foi summamente caritativo, pelo que era adorado pelos portuguezes em geral, e especialmente pelos seus diocesanos, que o tinham (e muitos ainda o teem) por santo.

Fez grandes obras na sua egreja cathedral e n'ella mandou fazer a sua sepultura, em capella particular, onde jaz.

Depois de uma vida santa e agitadissima, falleceu no seu paço archiepiscopal, a 28 de abril de 1397.

Era tão amigo de sua avó, Lourença Vicenta (por alcunha a *Longa da Fonte*) que d'ella tomou o sobrenome, tendo-se-lhe no baptismo, a pedido d'ella, dado o primeiro nome.

Em 1663, quando D. João d'Austria, filho bastardo de D. Philippe IV, de Castella, invadiu Portugal, pelo Alemtejo, tomando-nos a cidade d'Evora, o povo de Braga recorreu á protecção do seu querido arcebispo, e no dia 4 de junho d'aquelle anno, foi tirado da sua sepultura, achando-se tão incorrupto e *fresco*, como se n'aquella hora tivesse fallecido. Vide *Lourinhã*.

Tem a Padroeira, algumas propriedades, casa de residencia para o eremitão, com um pequeno quintal.

Este eremitão (que era apresentado pelo parocho da freguezia) tinha obrigação de pedir esmolas por varias comarcas do arcebispado, tratar do aceio do templo, e fazer, á sua custa, uma festa, no dia 2 de fevereiro de cada anno, a Nossa Senhora da Purificação (Candeias) dando para ella a competente cêra; e em todo o anno, azeitê para a lampada.

O sitio em que está o templo, é muito agradavel, e regado por uma fonte perenne de bôa agua potavel, e no centro de um souto de azinheiros. Alli proximo, passa um ribeiro, que torna o sitio fresco, e delicioso.

VEIGA DE LILLA — Freguezia, Traz-os Montes, comarca e concelho de Val de Paços (como a antecedente, foi da comarca de Chaves, concelho extincto de Carrazedo de Monte-Negro) 105 kilometros a E.N.E. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 155 fogos. Em 1768, tinha 52. Orago, S. Pedro, apostolo. Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

Tanto esta freguezia, como a antecedente do mesmo nome, constituiam a antiga parochia denominada *São Pedro dos Valles.*

Em tempos de que não pude adquirir noticia, separou-se a primeira, constituindo freguezia independente, e tomando por padroeira, Nossa Senhora das Neves, que o era de uma antiquissima ermida que havia alli e que foi erecta em matriz.

Ambas estas freguezias são ferteis em todos os generos agricolas, criam muito gado, de toda a qualidade, e teem abundancia de caça.

VEIGA DE MIRA—Formosa e fertil planicie, Minho, sobre a esquerda do rio Minho, e que se estende pelas freguezias de São Pedro da Torre, Cristello-Côvo (Segadães) e Arão, junto á praça de Valença.

Este terreno é, em grande parte, pantanoso, pelo que, em 1878, foi bastante difficil e muito dispendiosa a construcção da nova estrada real, de 1.ª classe, de Lisboa ao Porto, Vianna, Valença, etc. desde Campos, até perto da referida praça.

Teve de construir-se n'esta veiga, uma extensa ponte—a principal obra d'arte, desde Seixas para Valença — Para se achar uma base solida, para assento dos seus pilares, que são dous, teve de profundar-se o sólo, em um, até 15 metros, e em outro, até 20, abaixo da superficie. (Vide *Arão.*)

VEIGA DE PENSO -- Vide *Paço d'Ançariz.*

VEIGA DE SANTA EUPHEMIA—Vide *Vilar da Veiga.*

VEIGAS—Vide *Quintanilha.*

VEIRINHOS — Logar, Extremadura, pertencente á freguezia da villa do Louriçal, comarca e concelho do Pombal. N'este logar existe a antiga ermida de *Nossa Senhora dos Remedios*, que foi objecto de grande devoção, dos povos d'estas terras. Em outro tempo havia aqui missa em todos os domingos e dias santos, que era sempre muito concorrida.

VEIRIZ—Vide *Beiriz.*

VEIROS—e mais antigo—**VEEIROS, VARIUM, VAIROS, VARUS, VAYRUS, VAYUS** e **VEYRUS**— port. ant. — pelles delicadas e preciosas (martas zebelinas, arminhos, etc.) que vinham para Portugal, da Hungria, da Esclavonia, e de outras nações. Serviam (e ainda servem) para guarnecer vestidos, capotes, carapuças, barretes, etc.

A esta guarnição, ou forro, se dava vulgarmente o nome de *pena.* Só fidalgos de alta estirpe, podiam usar d'estas pelles. «*Nom traga sobre si* (quem não fór de sangue real, ou muito nobre) *pena de veeiros, nem de grizés* (pelles de côr parda) *nem de erminhos.*» (Cod. Alf. liv. v, tit. 43, §§ 2.º)

Veiros, em armaría, é uma risca *colubrada* lançada em faxa, e dando depois, a uma parte e á outra, as côres que o brazão declara. (*Nobiliarchia port.* cap. 27, folhas 229.)

VEIROS—freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros a O. S. O. de Estarrêja, 40 kilometros ao S. do Porto, 290 ao N. de Lisboa, 620 fogos.

Em 1768, tinha 87. [1]

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

O reitor da freguezia de S. Thiago de Beduído, apresentava o cura, que tinha reis 100$000 de rendimento annual.

O *Catalogo dos bispos do Porto* (pag. 387, col. 2.ª) diz que ha n'esta freguezia a ermida de Santa Luiza, e que a egreja matriz *foi de novo levantada.* (1623.)

Pertence á vasta circumscripção territorial, denominada antigamente, *Terra de Santa Maria,* e hoje, *Terra da Feira.*

Segundo a tradição, foi, em tempos antigos, villa e cabeça de um couto, comprehendendo o que actualmente pertence a esta freguezia, e á da Murtosa, de que então formava parte, e da qual se separou no principio do seculo XVII. Acho fundamento a esta tradição, por ainda hoje se dár á freguezia de que fez parte, a denominação de *Murtosa de Veiros*; do que se conclue que Veiros era povoação mais antiga (ou, pelo menos, de maior importancia) do que a Murtosa.

A povoação d'esta freguezia, é, na sua maxima parte, composta de pescadores e *artes correlativas.* Vide *Murtosa de Veiros,* pois o que disse alli, pode applicar-se a todos os respeitos, á freguezia de Veiros.

Para a etymologia, vide o 1.º *Veiros*

VEIROS — villa, Alemtejo, comarca de Elvas, concelho de Monforte (foi até 24 de outubro de 1855, cabeça do pequeno concelho do seu nome — tinha apenas 600 fogos — pertencente á comarca da Fronteira) 30 kilometros d'Evora, 138 ao E. de Lisboa—300 fogos. [2]

Em 1768, tinha 303.

Orago, O Salvador.

Bispado d'Elvas, districto administrativo e 40 kilometros de Portalegre.

O rei, pelo tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens, apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 20$000 reis em dinheiro, de rendimento annual.

E' uma das muitas povoações de Portugal, que datam — pelo menos — do tempo dos romanos.

Fica 15 kilometros ao N. de Extremôz, 16 ao N. de Bórba, 19 de Villa Viçosa, e 19 da Fronteira, 36 a E. d'Aviz.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Santarem, a 2 de novembro do 1510. (*L.º de foraes novos do Alemtejo*, fl. 50, col. 2.ª)

Não teve foral velho. Foi commenda de Aviz.

O seu brazão d'armas, é um escudo de prata, sem mais divisa.

A villa está fundada em uma elevação, passando-lhe ao sopé, a ribeira de *Anha-Loura—Anna Loura*—abundante de peixe.

Esta ribeira, é notavel pela abundancia das suas nascentes, que, mesmo durante a estiagem, servem de motor a muitas dezenas de moinhos e azenhas; regando e tornando fertilissimas as veigas por onde passa.

No seu termo correm os pequenos rios *Almuro* e *Souzel.*

E' atravessada junto á villa, por uma soffrivel ponte de pedra, de tres arcos.

Segundo o padre Carvalho, foi construida pelos romanos.

Os gôdos a occuparam, desde o principio do 5.º seculo, até 816, que foi tomada pelos arabes. O nosso D. Affonso II, a resgatou do poder d'estes, em 1217.

O seu castello — cuja fundação se attribue aos romanos — foi reedificado por D. Lourenço Affonso, 9.º mestre da ordem de Aviz, durante o reinado de D. Diniz. Tinha sete torres, e castello, com quatro portas, e no centro d'elle, a torre de menagem, que foi das mais altas e fortes de Portugal.

As suas muralhas e algumas das torres, ainda estão menos mal conservadas.

Os marquezes d'Abrantes, eram alcaides-móres de Veiros. [1]

---

[1] Aqui, ha certamente engano do *Port. Sacro.* Esta parochia não podia augmentar mais de *300 por cento* em 114 annos.

[2] O sr. F. X. Franco, no *Alm. de Lembr.* de 1876, pag. 280, dá lhe 3:000 fogos. Só lhe accrescentou uma cifra!

[1] Depois, passou a alcaidaria para os condes de Villa Nova de Portimão, titulo hoje extincto.

Perto dos Olivaes, termina a serra d'Ayres (que principia na freguezia de S. Aleixo) e, marchando para o O., perde em Veiros o seu primeiro nome, e toma o de *Serra de Santo Antão*. (Vide *Ayres, serra*.)

Varios dos nossos reis lhe concederam grandes privilegios, e tinha voto em côrtes, com assento no banco 12.º

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, sobre tudo, em trigo, que exporta em grande quantidade. Produz bastante azeite e vinho, e nos seus *montados* se cria grande quantidade de gado, principalmente suino, que tambem se exporta em grande numero. E' terra muito saudavel. Muita caça.

Os moradores d'esta villa, têem (dá-se-lhes) a alcunha de *tronchos*, a qual, segundo a tradição, procede do seguinte facto.

Quando D. João d'Austria, general castelhano, e filho bastardo de D. Philippe IV, foi derrotado, na gloriosa batalha do *Ameixial*, a 8 de junho de 1663, e fugiu em debandada, com o resto do seu numeroso exercito, para Castella, chegando á villa de Veiros, pasmou de ver como uma povoação pequena se preparava para lhe impedir a entrada. Mandou intimar os seus defensores, para que se rendessem, — responderam que preferiam morrer sob as ruinas das suas casas.

D. João d'Austria, que, como temos visto em varios logares d'esta obra, só era valente contra povoações indefezas, fazendo mais gala da sua crueldade do que do seu valor; e mais empenho em roubar, do que em vencer, entrou á força, depois de breve lucta, na villa, passando os seus soldados sobre os cadaveres mutilados dos habitantes, cortando as orelhas ás mulheres e creanças que haviam escapado do combate. Saquearam a povoação, incendiaram os archivos da camara, e na sua retirada, fizeram ir pelos ares, com uma explosão de polvora, a magestosa torre de menagem.

Todos sabem que *tronchar*, significa *cortar orelhas ou caudas*, e que *troncho* significa *cortado rente* — é pois da ignobil e cobarde barbaridade de D. João d'Austria e dos seus castelhanos, que proveio aos veirenses, a alcunha, tão honrosa para elles, como a de *tripeiros* para os portuenses.

—

A egreja matriz, é um bom templo, com duas torres, tudo de cantaria, mas bastante antiga e de architectura simples. Fica proximo ao castello.

Na praça da villa ainda se conserva a *casa da camara*, edificio muito antigo, pequeno e asseiado, em frente do qual está o pelourinho, insignia da autonomia de Veiros.

A villa é pequena, e não se vê aqui um unico monumento romano ou arabe, álem de uma sepultura que está em frente da porta principal da egreja da Senhora de *Mileu* (da qual adiante trato.)

O seu melhor edificio, é o palacete dos srs. Coutinhos. A casa do ultimo capitão-mór de Veiros, tambem é de bôa apparencia.

Os condes da Louzam, têem aqui, mas do outro lado da ribeira, uma bôa herdade.

Tem Misericordia — pobre.

Nota-se n'esta terra, a lamentavel falta de um medico e de uma pharmacia (pelo menos, assim acontecia no fim do anno de 1876.) A villa mais proxima é Estremôz, que, como vimos, fica a 15 kilometros; de maneira que, quando aqui adoece alguem, tem de se hir chamar o medico a Estremôz. Chega elle, receita, e hade voltar-se a Estremôz, buscar o medicamento — isto é — tem de percorrer-se nada menos de 60 kilometros de hidas e vindas; e quando chega o remedio, já o doente está são — ou tem morrido. (Ao menos, se morre da doença, *não morre da cura*, o que muitas vezes acontece.....) [1]

—

Ha n'esta freguezia, cinco ermidas — *São Sebastião* — *São Bento* — *Santa Catharina* — *São Thiago* — e a legendaria —

---

[1] Isto era em 1876: hoje (1883) já tem medico e boticario permanentes, como se vê adiante.

Ermida de Nossa Senhora de Mileu,
ou de *Mil-Um*

E' uma bôa egreja — talvez do seculo XIII, ou XVI — de cantaria lavrada, com duas torres, e consta que foi a matriz primitiva da freguezia. Fica a uns 70 metros ao N. da villa.

Em frente da sua porta principal, existem duas campas, em uma das quaes, ainda pode lêr-se —

SEXTUS BUCIUS
SENAT. ROM.
H. S. E.

(Aqui está sepultado, Sexto Bucio, senador romano.)

Com certeza, falta o principio d'esta inscripção, que devia ter na 1.ª linha, a fórmula usada D. M. S. — depois o individuo que mandou fazer a obra — e na ultima linha, o costumado S. T. T. L.

A outra campa, que está partida, e com as letras completamente apagadas, consta que teve gravados alguns textos da Biblia, e palavras dos *Psalmos*, de David ; mas não se sabe quem alli foi sepultado.

A pouca distancia do templo, está outra campa, onde se diz terem sido sepultados *Fernão* (ou *Pêro*) *Esteves — o Barbadão* e sua mulher, *Mafaldiannes* (Mafalda Annes) paes da célebre *Ignez Pires — Ignez Péres*, ou *Ignez Fernandes* — pois com estes trez nomes a tenho visto nomear. (Adiante fallarei d'ella e do pae.)

—

Eis a lenda da *Senhora de Mileu.*

Em tempos de que não ha memoria, e, provavelmente, do principio da nossa monarchia, foi achado (não consta por quem) sobre um pinheiro, a imagem da S. S. Virgem, á qual o povo principiou a dar o titulo de *Nossa Senhora do Pinhal.*

Resgatada já esta terra do poder dos arabes, foi a villa accomettida por DOZE MIL MOUROS (!) quando aqui não havia, para lhes fazer frente, mais do que DOZE cavalleiros christãos. N'esta conjunctura lhes appareceu a S. S. Virgem, e lhes disse — «PARA MIL EU!» — Outros pretendem que ella disse — «A'vante, christãos, para cada MIL mouros, UM de vós.» — Os christãos, animados pela S. S. Virgem, derrotaram os mouros, *não escapando nenhum,* e dos christãos, só um foi ferido !...

Por esta razão, se mudou a invocação de *Nossa Senhora do Pinhal,* para *Santa Maria de Mil-Eu,* ou *Santa Maria de Mil-Um.*

Ja no 5.° vol., pag. 230, col. 2.ª, tratei da palavra *Mileu, Milreu, etc.*

No 7.° vol., pag. 417, col. 1.ª, sob a palavra *Povoa de Mileu,* tratei de outra egreja, tambem da invocação de *N. Senhora de Mileu,* templo antiquissimo. Alli dei a significação da palavra *Mileu.*

O conego Antonio de Sequeira e Albuquerque, que escreveu nos fins do seculo XVII, a *Historia da egreja de Mileu,* proximo á cidade da Guarda (a tal da *Póvoa de Mileu*) deriva esta palavra, do arabe *Milleu,* que, segundo elle, significa *Milagre.* (E' uma etymologia como qualquer outra....)

Deixemos pois os da *Povoa de Mileu* e os de *Veiros,* com os seus *Mil-Eus,* ou *Mil-Uns,* que não offendem ninguem ; pois que, é muito melhor acreditar em milagres, do que ser descrente.

Diz o *Santuario Mariano* (tomo 7.°, pag. 610.) «Festeja-se esta Senhora, a 8 de setembro, dia da sua Natividade ; e correm as despezas por conta da Misericordia, por ser ella a que administra as rendas da Senhora, para o que, alcançaram uma procissão real — e dizem que, só em trigo, tem a Senhora *sete môios,* ou, SETE MOIOS EM SEMEADURA. Esta renda da Senhora, se gasta hoje com os pobres ; *mas não sei se se administra com recta justiça esta renda, pois estando a Senhora em primeiro logar, e muito pobre, com ella se gasta muito pouco ; porque se lhe falta até com missas que se lhe costumavam di-*

zer nos sabbados, e a sua festa parece que já não é com muita grandeza, e não sei se será por culpa dos administradores.

Quando frei Agostinho de Santa Maria, dizia isto em 1721, o que se dirá hoje? Antigamente, o povo da villa, fazia outra festa a esta Senhora, nas oitavas da Paschoa da Ressurreição.

O castello — a casa de Bragança — o Barbadão

No antiquissimo castello de Veiros, nasceu em 1370, D. Affonso, filho bastardo do mestre d'Aviz, depois D. João I.

Eis a genealogia d'este D. Affonso, que foi o 1.º duque de Bragança, e 9.º conde de Barcellos.

Ha pontos ainda bastante obscuros na historia de Portugal; e mais obscuros se tornam em vista das diversas opiniões de varios escriptores.

Um d'estes pontos, é a *historia* (a verdadeira historia) *genealogica da Serenissima Casa de Bragança.* Seguirei as opiniões dos escriptores que julgo mais dignos de credito.

D. Pedro I, havia mais de dous annos que estava viuvo de sua 2.º mulher, a infeliz D. Ignez de Castro (2.º vol., pag. 321, col. 2.ª, ultimo periodo e seguintes) quando tomou amores com uma *senhora nobre* e muito formosa, chamada *Thereza Lourenço*, da qual nasceu, a 15 de abril de 1358, o infante D. João, que seu pae fez mestre d'Aviz, e que, por fallecimento de seu irmão D. Fernando I, veio a ser rei de Portugal, sob o nome de D. João I [1].

Vimos no principio d'este artigo, que Veiros era uma commenda da ordem de Aviz.

Os commendadores d'esta ordem, residiram por muitas vezes, e grandes temporadas, nos paços do castello, do qual tambem eram alcaides-móres.

O infante D. João, gostava muito de Veiros, e aqui residiu algumas vezes, sendo, come costumava dizer-se, o *idolo* d'este povo.

Em 1368, estava aqui o infante, quando vio *Ignez Peres*, formosa filha de *Pero Esteves* e de *Mafalda Annes, ricos lavradores* d'esta villa.

Principiam as duvidas mais serias! — Despresando a calumniosa historia do tal *sapateiro judeu*, chamado *Mem da Guarda*, de que já tratei no 2.º volume, pag. 160, col. 1.ª e seguintes — e no 3.º volume, pag. 338, col. 2.ª restam ainda outras duvidas.

Dizem uns, que os paes de Ignez Peres não eram *ricos*, mas *pobres* lavradores, e Pero Esteves, um carpinteiro e simples *bésteiro de garrucha*, e por consequencia *pião*. Outros (talvez no intuito de darem mais nobres ascendentes á casa de Bragança) dizem que Pero Esteves, era de nobre ascendencia. Tambem ha duvidas sobre o primeiro nome d'este progenitor dos duques de Bragança, pois, uns lhe chamam *Pêro* (parece-me que é o verdadeiro), outros *Fernão*, ou *Fernando.* Dizem uns que a mulher se chamava *Maria Annes* (ou *Mariannes*) e outros — com mais fundamento — dizem que o seu nome foi *Mafalda Annes* (*Mafaldiannes*) [1].

Tambem á filha, uns dão o nome de *Ignez Pires*, outros de *Ignez Fernandes*, e outros ainda de *Ignez Peres.* É provavel que tivesse um, ou ambos, os dous ultimos sobrenomes, pois eram patronimicos de seu pae — que, ou se chamava *Pêro* ou *Fernão* (se é que não foi *Fernandes Esteves*). (Vide a nota).

Deixo pois a resolução d'estas duvidas, a quem fôr mais competente, e julgar que vale a pena proceder a mais serias investigações.

---

[1] Muitos escriptores sustentam que Thereza Lourenço era tão pobre de nobreza, como rica de formosura; pois não passava de filha de uma tendeira (outros dizem *regateira*) da Ribeira-Velha, em Lisboa. Ou fosse fidalga ou regateira, o que é incontestavel é que seu filho, foi um dos melhores reis d'este reino, e o mais amado pelos portuguezes, que lhe deram a antonomazia, bem merecida, de «D. João de Bôa Memoria».

[1] Ha todas as razões para acreditar que o pae de Ignez — ou D. Ignez — foi o doutor Pero Esteves Marques. Para evitarmos repetições, veja-se o que fica dito no 2.º volume, pag. 160, col. 2.ª, ultimo periodo e seguintes.

O que é verdade, é que — em 1369, D. Fernando I, de Portugal, disputou a corôa a D. Henrique II de Castella, irmão bastardo, assassino e successor de D. Pedro I, o *Cruel*, —e que, alliado-se com o rei de Aragão, e com o rei mouro de Granada, fez a guerra ao castelhano, mas guerra de pouca duração pois, principiando no fim de janeiro, terminou pelo tratado d'Evora, de 31 de março do mesmo anno; desistindo o rei portuguez da sua pretenção.

Pero Esteves fôra obrigado a hir á guerra na hoste dos cavalleiros d'Aviz, de que D. João era chefe; mas este, em vez de acudir á chamada de seu irmão D. Fernando, deixou-se ficar em Veiros, e, de combinação com o seu velho ayo, Fernão Martins, e tendo de antemão preparado umas ricas *andas* (especie de liteira) raptaram Ignez, de noite, levando-a para o castello d'Aviz.

Ou ella fosse filha do doutor *Pero Esteves Marques* e de *D. Izabel Pinheiro*, da mesma familia dos condes de Oriola, barões de Alvito (*condes-barões*) hoje marquezes de Alvito — ou do mestre carpinteiro, *Pêro Esteves*, de Veiros, *bésteiro de garrucha*, e de sua mulher *Mafaldiannes* — ou, finalmente do sapateiro, judeu e gallego, *Mem da Guarda* — o que é certo, é que o pae de Ignez, vendo esta barregan (mesmo a pezar de o ser de um infante) teve tal desgosto, que nunca mais fez a barba, pelo que lhe ficou a alcunha de *Barbadão*. Já se vê que, fidalgo ou plebeu, era um homem de bem, que presava a sua honra. [1]

Ignez teve do *Mestre* dous filhos, que este reconheceu.

D. Affonso [2] que foi 9.º conde de Barcellos, por casar com D. Beatriz Pereira, filha unica do 8.º conde de Barcellos, o grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira — e que depois, seu irmão (legitimo) o infante regente D. Pedro, fez 1.º duque de Bragança, em 1442.

D. Beatriz, que casou com o inglez, conde de Arondel, dos quaes descenderam varios lords da Gran-Bretanha, Escocia, Irlanda e Estados Unidos da America.

Ignez Peres, morreu commendadeira de Santos, na fórma do costume de então, com as amantes dos reis que passavam á *3.ª secção*, ou á *disponibilidade*.

Ignez, teve dous irmãos — *Gil*, que não sei que caminho levou — *João Affonso Barbadão, homem bôo*, morador em Veiros, que falleceu aqui, em 1432, deixando por testamento «*Ao prioll, meu abade, de abadengo, 10 réis*». (Doc. da Graça, de Coimbra).

(*Abadengo* era o legado pio, esmola, agradecimento ou reconhêcença, que se dava em vida, ou por testamento, ao parocho ou ao confessor. — Tambem se dava o nome de *abadengo* á apresentação n'uma abbadia, isto é, ao direito de ser abbade em qualquer egreja.)

Tratemos agora da origem da casa de Bragança, pela parte da sua 1.ª duqueza, D. Beatriz Pereira.

D. Gonçalo Pereira, da familia dos condes da Feira, a mais nobre de Portugal, n'esse tempo, e que foi 34.º arcebispo de Braga, teve de D. Thereza Peres Villarinho (castelhana) a D. Antonio (ou Alvaro) Gonçalves Pereira, que foi prior do Crato, e teve de varias mulheres, nada menos de TRINTA E DOUS filhos.

Uma das mães d'esta extensa prole, teve de D. Antonio, o grande D. Nuno Alvares Pereira, ao qual D. João I deveu a corôa, e Portugal a independencia, como temos visto em varios logares d'esta obra.

O referido arcebispo de Braga, progenitor dos reis bragantinos de Portugal, de todos os monarchas europeus (menos o da Turquia) e do imperador do Brazil, era filho segundo do conde D. Gonçalo Pereira, e irmão de D. Vasco Pereira, progenitor dos condes da Feira.

Foi creado no paço do rei D. Diniz. Fez

[1] Consta que o *Barbadão*, em desafronta da deshonra que lhe causara o *Mestre*, decidira assassinal-o, e sabendo que este havia de passar em Aldeia-Gallega do Riba-Tejo, em caminho para Monte-Mór-Novo, o esperou, disparando-lhe um tiro de bésta, que o errou. Parece que então fizeram as pazes; mas o *Barbadão*, nem assim, quiz tornar a ver a filha.

[2] Nascido nos paços do castello de Veiros, em 1370.

os seus estudos, com muita distincção, na Universidade de Salamanca. Vindo para Portugal, foi deão da Sé, do Porto. Foi eleito bispo de Evora, mas não confirmado. O papa João XII, o fez bispo de Lisbôa, a 21 de agosto de 1322, e arcebispo de Braga, em 1326, e aqui falleceu, a 6 de março de 1348.

Foi um dos prelados mais sabios do seu tempo. Mandou fazer valiosas obras, e enriqueceu com preciosos ornamentos a Sé de Braga. Era liberalissimo.

Nas guerras entre Portugal e Castella, em 1328, entrou em Portugal, pela provincia do Minho, D. João de Castro, governador da Galliza, com grande força militar, roubando e destruindo os logares abertos; e, quando voltava para a sua terra, carregado de despojos, lhe sahiu o valoroso arcebispo, com a pouca gente que á pressa poude reunir, e derrotou os gallegos, morrendo o seu chefe e 300 soldados, e tomando-lhes a maior parte dos roubos.

Concorreu poderosamente, para se acabarem as contendas entre D. Affonso IV, e seu filho, o infante (depois rei) D. Pedro, por causa do assassinato de D. Ignez de Castro.

Foi um dos mais intrepidos guerreiros da gloriosa batalha do Sallado, em 30 de outubro de 1340.

Jaz na Sé Cathedral de Braga, em uma nobre capella, que elle mesmo mandou construir para seu jazigo, que é contiguo á porta travessa.

Era tão decidido patriota, que no seu testamento ordenou que — *se algum dia a mitra archiepiscopal de Braga, fosse cingida por prelado castelhano, fosse arrazada sobre as cinzas do testador, a capella onde está o seu tumulo.*

—

Duas palavras, com respeito ao chronista do rei D. Manoel, e auctor da tal *lenda*, ou satyra, de *Mem da Guarda* — o famoso *Damião de Goes.*

A paginas 97, col. 2.ª, do 1.º volume, dei uma rapida biographia d'este illustrado escriptor. Disse alli, que alguns sustentam ter sido assassinado por ordem da Inquisição; mas, segundo a *Bibliotheca Sousana*, de D. Manoel Caetano de Souza, quem metteu, subreticiamente a tal satyra do *Mem da Guarda*, no gabinete de D. João III, foi um familiar do conde da Portella, que, vestido de frade, alli poude entrar.

Este conde da Portella, como Damião de Góes, era inimigo de D. Antonio de Athayde, 1.º conde da Castanheira, grande valido de D. João III [1].

O 2.º conde da Castanheira, que herdára de seu pae, o odio a Damião de Goes, o mandou *moer com saccos de areia*, pelos seus creados, mesmo no pateo da casa do pobre velho, (que tinha — 1573 — setenta e dous annos.)

—

N'uma occasião em que D. João III, veio a esta villa, acompanhado pelo duque de Bragança D. Jayme, este conduziu o monarcha á egreja de N. Sr.ª de Mileu, e lhe disse: — «Aqui está enterrado o homem mais honrado da *nossa* geração, pois que, vendo sua unica filha deshonrada, nunca mais a quiz ver, nem fazer a barba.»

O ducado de Bragança é um dos mais antigos da nossa peninsula, e mesmo na Italia ainda até ao tempo d'este ducado não havia nenhum. [2]

O 1.º duque de Bragança, do seu primeiro casamento com D. Brites Pereira, condessa de Barcellos, teve trez filhos—

1.º — *D. Affonso*, conde de Ourem e mar-

---

[1] D. Anna de Athayde, ultima condessa da Castanheira, morreu sem deixar filhos, pelos annos de 1650, passando a sua casa, por herança, aos marquezes de Cascaes, e d'elles, aos marquezes de Niza, condes da Vidigueira, que chegou a ser uma das maiores casas d'este reino, e que o ultimo marquez de Niza, dissipou. Hoje, é quasi tudo, da mulher e filhos, do doutor José Maria Eugenio d'Almeida.

[2] É erro dizerem alguns escriptores, que o ducado de Bragança foi o primeiro que houve em Portugal. Vinte e sete annos antes (1415) já D. João I tinha feito duque de Coimbra, seu 3.º filho, o infante D. Pedro, e pouco depois, mas ainda em 1415, fez duque de Viseu, seu 4.º filho, o famoso infante D. Henrique. E pois D. Pedro, o 1.º duque que houve em Portugal.

quez de Valença) do Minho) que, como vimos na descripção d'esta praça, foi o 1.º marquez que houve em Portugal.

2.º — *D. Fernando*, que foi 2.º duque de Bragança.

3.º — *D. Isabel*, infanta de Portugal, que casou com seu tio, o infante D. João, filho legitimo de D. João I.

Por morte de sua 1.ª mulher, D. Brites, casou com D. Constança de Noronha, filha de D. Affonso, conde de Gijon, da qual não teve filhos.

Até ao duque de Bragança, D. João II, que foi rei de Portugal, 4.º do nome, houve oito duques d'este titulo. (Vol. 1.º. pag. 485. col. 2.ª)

O 1.º duque de Bragança, além do seu ducado, que comprehendia uma grande parte da provincia de Traz-os-Montes, e do condado de Barcellos, que herdou de sua 1.ª mulher, foi senhor das villas de Chaves e Guimarães, com seus termos; toda a terra de Penafiel, Basto, Montalegre, Castello da Piconha, Portêllo, Barroso, e outras muitas propriedades e rendas, na provincia de Entre-o-Douro e Minho.

D. Affonso, foi sempre o filho querido de seu pae, pelo muito que com elle se parecia, e merecia-o, porque foi um principe de rara prudencia, amante das armas e das lettras, amando tanto os sabios distinctos, como os intrepidos guerreiros.

Na companhia de seu pae, e dos infantes D. Henrique e D. Pedro, seus irmãos, na jornada da Africa e tomada de Ceuta — em 14 de agosto de 1415 — distinguiu-se pela sua bravura, assim como os outros infantes, pelo que o rei os armou, a todos trez, cavalleiros, na praça conquistada, logo no dia 25 do mesmo mez e anno; e deu a D. Affonso, por armas, as *Quinas* de Portugal, postas em aspa vermelha. Depois, os seus descendentes, accrescentaram a estas armas, os sete castellos, que são a orla da casa de Bragança.

As primeiras armas d'esta casa, uzava-as o duque D. Affonso, não direitas, mas inclinadas, em signal de bastardia.

Seus irmãos, de quem foi extremoso amigo, o amavam e respeitavam como pae. Por fallecimento de seu pae, teve, porém, alguns desgostos com seu irmão D. Pedro, por este acceitar a regencia do reino, na menoridade de D. Affonso V, seu sobrinho (d'ambos) contra o disposto no testamento do rei D. Duarte, seu irmão, pae de D. Affonso V, que nomeara regente, a rainha D. Leonor, sua mulher.

O 1.º duque de Bragança fundou a collegiada de Barcellos, construiu os muros e torre da mesma villa; e engrandeceu e defendeu os seus extensos estados, com grande numero de fortalezas.

Em Guimarães, mandou construir uns famosos paços, hoje em ruinas, nos quaes se recolheu sua 2.ª mulher, desde que ficou viuva.

Installou a confraria da nobilissima ordem de S. Thiago, e logo depois, a de S. João Baptista, na villa de Chaves.

Desde a gloriosa batalha e brilhante victoria de Aljubarrota (14 de agosto de 1385) sempre o 1.º duque de Bragança — ainda só conde de Barcellos — acompanhou seu pae em todas as conjuncturas, e foi um dos seus mais distinctos capitães e intrepidos guerreiros.

Falleceu nas casas do seu castello de Chaves, em dezembro de 1461, com 91 annos de edade.

Foi enterrado na capella-mór da egreja matriz d'esta villa, em sepultura raza.

Quando os claustraes se transferiram para o mosteiro da Veiga, a duqueza de Bragança, D. Catharina, filha do infante D. Duarte, e mulher do duque D. João I, mandou construir alli, um bom mausoleu para o 1.º duque, cujas cinzas se trasladaram então do seu primeiro jazigo.

Quando os franciscanos da provincia de Piedade, substituiram os claustraes, e se mudaram para o novo mosteiro de S. Francisco, cujas obras principiaram em 1637, foram segunda vez trasladados os ossos do 1.º duque de Bragança, para a capella-mór da sua egreja, onde seu 7.º neto, D. João II de Bragança e D. João IV de Portugal, lhe mandou construir, do lado do evangelho, o formoso mausoleu que ainda alli se vê, com a seguinte inscripção —

AQUI JAZ D. AFFONSO, FILHO DE D. JOÃO PRIMEIRO, DE GLORIOSA MEMORIA, PRIMEIRO DUQUE DE BRAGANÇA.

D. Affonso, 1.º duque de Bragança, foi um perfeito cavalleiro nos campos da batalha, e ninguem o excedia em coragem e sangue frio.

Fez muitas viagens, das quaes tirou muita instrucção; e do seu amor ao estudo, foram provas, a livraria que creou, no seu palacio, e os varios objectos de antiguidade e raridade, que colligiu no reino e fóra d'elle dos quaes fez um excellente museu, que foi o primeiro de Portugal.

Este homem, que em toda a sua vida tinha dado exemplos de bravura, sciencia e cavalheirismo, degenerou com a velhice, pois na edade de 78 annos, tornou-se perante o rei seu sobrinho, D. Affonso V, inimigo e calumniador do infante D. Pedro, seu irmão tio e sogro do rei, e que ainda havia 6 annos lhe tinha dado o ducado de Bragança. intrigas que deram em resultado, a morte ingloria e desastrosa do infeliz infante, nos campos de Alfarrobeira, a 24 kilometros de Lisboa, a 20 de março de 1449. (Vide *Alfarrobeira.*)

—

O auctor da *Hist. Gen. da Casa Real Port.* diz, com respeito ao escudo das armas da casa de Bragança — «O duque D. Affonso, como tinha estabelecido uma nova casa, ordenou o escudo das suas armas, na fórma seguinte—Em campo de prata, uma aspa de vermelho, com cinco escudos das armas reaes, sem orladura; e por timbre, um meio cavallo branco com trez lançadas em sangue, no pescoço, bridado d'ouro, com cabeçada e redeas vermelhas, na fórma que fica estampado.

«Este escudo, formou-o depois de se ter achado na gloriosa expedição de Ceuta, como memoria do perigo em que se achára.»

«Porém este, era o mesmo timbre antigo dos Pereiras, que tomou, por ser casado com a sr.ª D. Brites Pereira, cujos ascendentes o trouxeram, em memoria da valorosa acção do conde D. Rodrigo Forjaz, *o Bom*, quando nos campos de Santarem, em serviço d'el-rei D. Garcia de Portugal e Galliza, prendendo a el-rei D. Sancho, seu irmão, hia em um cavallo branco, o qual na batalha recebeu trez lançadas no pescoço, que chegando ao peito, deram com elle morto, em terra.»

O timbre do cavallo branco, foi mais tarde substituido pelo do dragão alado; porém o escudo d'armas, permaneceu sem alteração,

Quando D. João II, duque de Bragança, foi acclamado rei, tomou por armas, as de Portugal, como lhe competia, por serem as *armas reaes*; mas as do ducado de Bragança, continuaram sempre a ser as antigas.

Ainda hoje em alguns paços do concelho e outros edificios de que eram senhores os duques de Bragança, se veem as suas armas mas simplesmente as Quinas, em aspa, encimadas de uma corôa ducal. Assim se vêem na fachada principal da casa da camara, da villa de Sobrado, capital do concelho do Castello de Paiva — edificio construido já n'este seculo—e em outras mais.

A *Serenissima Casa de Bragança*, foi uma das mais opulentas da Europa, e os seus duques, tinham um estado como qualquer monarcha reinante. Apesar de já bastante desfalcada, ainda esta casa e a do Cadaval, são as maiores do reino.

—

Depois de escripto tudo quanto acaba de ler-se com respeito a Veiros, recebi uma carta do rev.mo sr. padre João Ribeiro de Souza, natural de Extremoz, e digno prior d'esta villa, contendo algumas noticias de que não quero privar o leitor: São as seguintes—

A egreja de Nossa Senhora de Mileu, conserva-se no melhor estado de aceio, e as suas rendas estão encorporadas nos bens do hospital da Misericordia da villa, a beneficio dos enfermos pobres. E' a meza da Santa Casa, que administra estas rendas, e cuida na conservação e limpeza da egreja da Senhora, que tem missa obrigatoria em todos os sabbados, paga pela dita meza, que tambem paga ao sachristão, o qual tem casa de residencia annexa, e cuida da ornamentação do templo.

A casa da camara conserva-se em bom estado, e estão ali estabelecidas as aulas de instrucção primaria e de musica.

O pelourinho, que ainda existe na praça, é uma columna quadrada, de marmore branco, com uma esphera da mesma materia, no tôpo, e uma escadaria em volta da baze. Nada tem de notavel.

Na villa, já ha medico, com residencia permanente, e botica com pharmaceutico, habilitado com o respectivo curso.

O ultimo capitão-mór—Antonio Joaquim de Sousa—falleceu, mas deixou numerosa descendencia.

O ramal do caminho de ferro de Extremoz, dista 16 kilometros d'esta villa, que tem para elle uma boa estrada moderna.

Os habitantes de Veiros, são quasi todos agricultores.

Os campos d'este territorio são ferteis em cereaes, pastagens e olivedos. Ha poucas vinhas.

Os gados dos principaes lavradores—Conde da Praia, Córtes, Sousa Zuzarte, e Sousa Maldonado. são das melhores raças; e os seus cavallos, com a marca de S. M., são conhecidos em todo o paiz, pelas suas optimas qualidades.

A povoação é saluberrima, sendo a media dos fallecimentos, de 2 % e sendo os nascimentos $^1/_3$ superior em numero, aos obitos; pelo que o numero dos habitantes cresce sensivelmente.

Teem-se aqui feito muitos melhoramentos. Já n'este anno de 1882, se concluiu uma nova fonte, de excellente agua potável, no sitio do *Poço Novo*.

A egreja matriz, é um bello e rico edificio de trez naves, com oito altares, sendo o altar-mór, de rica talha dourada, e muito elegante. Tem quatro columnas de marmore branco, de ordem dorica—um vasto côro, com grades tambem de marmore branco.

No pavimento, ha muitas sepulturas com epitaphios de differentes épocas, sendo um d'elles, da éra de 1300 (1262 de J. C.) por onde se prova que a fundação d'esta egreja, é muito antiga ; mas não como se vê actualmente: pois tem tido grandes reconstrucções e melhoramentos, mandado fazer pelos cavalleiros da ordem d'Aviz, a quem pertence.

As inscripções das campas d'esta egreja, são, pela sua maior parte, de cavalleiros de Aviz, aqui sepultados, e o resto, de pessoas nobres d'esta villa.

Unida á egreja, e communicando com ella por uma porta, está a capella-jazigo da familia Galvão Coutinho, e alli se vê um tumulo, tendo sobre a tampa, a estatua d'um membro d'esta familia, com a antiga armadura de cavalleiro, e outras campas, com diversos e extensos epitaphios, de individuos d'esta familia, da qual foi representante, Luiz Coutinho d'Albergaria Freire, fallecido ha pouco tempo, e que, em 2 de março de 1853, foi feito visconde de Monforte. (Por não poder ser visconde de Veiros, por haver outro do mesmo titulo.) E' hoje representado por sua filha, esposa do sr. Antonio Borges de Medeiros Dias da Camara e Souza, 2.º visconde da Praia, feito em 30 de setembro de 1875 (em duas vidas) e conde do mesmo titulo, a 8 de julho de 1881. Este cavalheiro, tem aqui uma vasta e rica herdade, na *Quinta do Leão.*

Esta capella, está no mais cruel abandono, apesar de estarem alli os ossos dos ascendentes da sr.ª condessa da Praia, e apesar da casa d'esta senhora ser uma das maiores da provincia, e mesmo do reino!

O estado policial de Veiros, é que não condiz com o progresso da villa. O systema de centralisação adoptado pelo novo governo, deixando povoações como esta, entregues a si mesmo, e apenas com um regedor de parochia, sem força alguma material (e ás vezes nem moral) e sempre obrigado a contemporisar, ou *capitular* com o povo, faz d'esta auctoridade um magistrado *in nominè*

Dá isto em resultado, serem as propriedades invadidas por todas as formas e maneiras. Nos campos, torna-se impossivel a conservação dos arvorédos novos, ao alcance dos gados, que tudo devastam e destroem. Nos terrenos baldíos, e logradouros communs, entram promiscuamente os gados de todas as especies, quando pelos accordãos da camara, só devem alli entrar alguns. As

ruas da villa, são constantemente invadidas por bandos de porcos, que as enchem de immundicies.

A justiça d'esta terra, é denominada, com muita razão, *justiça de compadres*.

Os que trabalham na cultura das terras, apenas colhem o que os ratoneiros lhes deixam!

Viscondes de Veiros

José Leite de Sousa, fidalgo da casa real, do conselho d'el-rei D. José I, commendador da ordem de Christo, governador e capitão-general de Mazagão em 1752, governador da Torre do Outão, na foz do Sádo, tenente-general do exercito, etc.—nasceo em Santarem, a 26 de agosto de 1686, e morreu a 11 de agosto de 1766.

Casára — a 20 de março de 1724, com D. Maria Antonia Verissima Pereira de Foyos Ferrão Castello-Branco, nascida a 7 de janeiro de 1708, e fallecida a 4 de fevereiro de 1766. Era filha e herdeira, de Antonio Pereira de Foyos, senhor do mórgado da Ameixoeira, moço fidalgo, commendador da ordem de Christo, e sobrinho e herdeiro do secretario de estado, Mendo de Foyos Pereira — e de sua mulher (a de Antonio Pereira) D. Florisbella Maria Antonia Ursula Ferrão Castello Branco, morgada de Santo Antonio do Tojal.

Foram seus filhos:

1.º, *Fernão*—2.º, *João* — 3.º, *D. Anna Victoria*— 4.º, *D. Florisbella Antonia* — 5.º, *D. Francisca Leonor*—6.º *D. Maria Magdalena* — 7.º, *Joaquim*, frade loyo — 8.º, *D. Maria Perpétua*—9.º, *D. Maria Antonia*—10.º, *José Joaquim*—11.º *D. Verissima Maxima*—12.º, *D. Gertrudes*—13.º, *D. Rita Joséfa*—14.º, *D. Constança Eugenia* —15.º, *D. Maria Perpétua*—16.º *D. Brites*—17.º *D. Isabel Antonia* —18.º, *D. Theresa Fortunata*—19.º *José Vicente*—20.º *Francisco*, 1.º visconde, que é o seguinte:

1.º visconde—*Francisco de Paula Leite de Souza*, do conselho de D. Maria I, grão-cruz da ordem de Aviz, commendador das de Christo e Torre-Espada, conselheiro de guerra, tenente general do exercito portuguez. Nasceu em Santarem, a 7 de março de 1747 e morreu a 6 de julho de 1833.

Sentou praça de cadete, no *regimento de cavallaria do Caes*, em 1762, e no anno seguinte, passou, em guarda marinha, para a Armada Real, onde seguiu os postos, até ao de capitão-tenente, hindo então (1774) para a India, na nau de guerra, *Nossa Senhora da Madre de Deus*, da qual era commandante, o capitão de mar e guerra, Sanches de Brito.

Na Africa, distinguiu-se no ataque á praça de Argel, em 1784, sendo então capitão-tenente da nau Bom Successo, da esquadra do coronel de mar e guerra, Bernardo Ramires Esquivel, que depois foi feito 1.º visconde de Extremoz.

Em 1792, foi a Napoles, por capitão de bandeira da nau *Rainha de Portugal*, da expedição do almirante Sanches de Brito.

Achou-se, como commandante da nau *Princeza da Beira*, na divisão naval que em 1794 cruzou o canal de Inglaterra, unida á de lord Howe.

Em 1797, foi pacificar as ilhas de S. Thomé e Principe.

Em 10 de setembro de 1798, entrou a barra de Lisboa, por commandante de uma das maiores frotas, que do Brasil vieram a Portugal, pois, álem dos vasos de guerra, comprehendía 122 navios mercantes.

Sendo chefe de esquadra, regressou para o exercito, em maio de 1799, no posto de marechal de campo.

Foi governador da *Torre* (castello) do Outão, em Setubal.

Em 1807, foi feito tenente-general, e governador da praça d'Elvas.

Foi o primeiro general portuguez que se bateu em campo, com as tropas de Bonaparte, commandadas por Loison.

Em 1808, foi feito governador das armas, do Alemtejo — e em 1814, das da côrte e provincia da Extremadura.

Por duas vezes, serviu de commandante em chefe interino do exercito, na ausencia do marechal-general, marquez de Campo-Maior.

—

Casára, a 6 de novembro de 1816, com

D. Maria de Santo Antonio de Souza Freire Salema de Saldanha e Noronha, sua sobrinha, (filha de seu irmão Fernão e de D. Maria Rita de Souza Freire Salema Saldanha.)

D. Maria de S. Antonio, nascèu no 1.º de junho de 1787, e morreu a 28 de dezembro de 1820.

Foi feito visconde (em duas vidas) a 11 de março de 1822 — e foi general do exercito legitimista. (Vide *Palacio e quinta de Santo Antonio das Aguas-Ferreas*, no 7.º vol., pag. 501, col. 1.ª)

Teve duas filhas —

1.ª *D. Maria Rita Leite de Souza Freire Salema de Saldanha e Noronha*, feita viscondessa de Veiros, a 8 de agosto de 1840.

Nasceu a 31 de agosto de 1817. Casou, a 20 de janeiro de 1836, com João de Mello e Souza da Cunha Sotto-Maior, que teve o titulo de visconde de Veiros, em 7 de dezembro de 1842. (Foram pois estes conjuges, os 2.ºs viscondes de Veiros.)

João de Mello, era o 5.º senhor do prazo de Santo Antonio das Aguas-Ferreas, da cidade do Porto. Moço fidalgo e commendador da ordem de Christo. Nasceu a 14 de julho de 1793. (Successor de José de Souza e Mello, senhor do dito prazo e das quintas da Senhora da Penha de França e seu padroado, no concelho de Bouças, e de São Martinho de Fornêllo, em Vairão; fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, vice-provedor da extincta Companhia dos Vinhos do Alto Douro.)

João de Mello, era filho de Joaquim Cardozo de Souza e Mello, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Aviz, governador do castello de Mattosinhos, major de cavallaria — e de D. Bernarda Rita da Cunha Sotto-Maior.

Teve uma unica filha, que é a snr.ª D. Maria de Santo Antonio.

—

2.ª — *D. Joaquina da Madre de Deus*, recolhida no mosteiro das Commendadeiras de Santos, da ordem de São Thiago (Lisboa) nascida a 23 de dezembro de 1820.

Em setembro de 1878, foi feito 3.º visconde de Veiros, o sr. *José Leite de Souza Mello da Cunha Sotto Maior*.

—

O 1.º visconde de Veiros, não nasceu na villa d'este nome, nem alli teve, em tempo algum, a mais insignificante propriedade.

E' tradição n'esta familia, que o titulo lhe foi dado para memoria da sublime acção de lealdade praticada por um de seus ascendentes — e foi a seguinte —

Um individuo (*não se lhe sabe o nome...*) era veador de D. João, Mestre d'Aviz, e, estando este, em certa occasião, merendando no seu castello de Veiros, lhe foi servido *leite*, que, por uma causa qualquer tinha uma côr azulada. O Mestre, vivia, com razão, receioso de sua cunhada, a rainha D. Leonor Telles de Menezes, que poucos dias antes quizera mandal-o assassinar, em Evora, e agora, temeu que o quizesse envenenar. Vendo o *leite* com aquella côr extranha, disse ao tal veador que visse se podia examinar a causa de tal circumstancia. O veador, tomando o vaso que continha o *leite*, bebeu todo este, dizendo ao Mestre — *O que isto seja, não sei; mas, se é mal, melhor é, senhor, que o vejaes vós em mim, do que eu em vós.* Com effeito, o *leite* estava envenenado, e o veador, poucas horas teve de vida. D'ahi por diante, quando se fallava n'este homem, se dizia sempre — *o do leite* — e esta alcunha, foi por seus descendentes tomada como honroso appellido.

Isto é bonito — tem apenas o inconveniente de ser uma patranha — pelo menos, quanto á segunda parte.

Nos manuscriptos da casa Palmella, quasi sempre dignos do maior credito, se lê —

«*Leite* — appellido nobre em Portugal, tomado de alcunha, imposta a *Alvaro Pires*, *em tempo de el rei D. Affonso IV* seu brazão d'armas, é incompleto, a saber — em campo verde, trez flores de liz d'ouro, em roquete — êlmo de... timbre, uma das flores de liz, das armas.» [1]

«Outros do mesmo appellido, uzam — em campo azul, trez flores de liz, de ouro, em roquete — êlmo.... timbre, uma pomba da

---

[1] Estas são as armas dos actuaes viscondes de Veiros.

sua côr (branca) em acção de voar, com um ramo de ouro no bico.»

No 6.º vol., desde a col. 1.ª de pag. 86 até á col. 1.ª de pag. 96, se encontra uma extensa descripção com respeito a esta familia. Aqui, só accrescento—

Leite Pereira, — da familia dos *Leites*, passou um ramo para a cidade do Porto, que se aparentou com os *Pereiras*, de *Campo-Bello*, cuja ascendencia se vê no logar citado do 6.º volume.

Os *Leites Pereiras*, têem brazão d'armas completo, e é — escudo exquartelado — no 1.º e 4.º, as armas primeiras dos Leites, viscondes de Veiros — e no 2.º e 3.º, de púrpura, uma cruz, de prata, floreada e vazia do campo — élmo de aço, aberto, e por timbre, a cruz das armas, entre duas flores de liz, verdes.

Outros Pereiras Leites — trazem por armas — escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, as armas primeiras, dos Leites — e no 2.º e 3.º de verde, cruz potentea, de púrpura e vazia de prata — êlmo de aço aberto; e por timbre, a cruz das armas, entre duas flores de liz d'ouro.

—

Em 1838, imprimiu-se em Lisboa um livro, intitulado, — «Memoria genealogica e biographica, dos tres tenentes generaes Leites, da casa de São Thomé de Alfama.» — Como este diccionario não é exclusivamente genealogico, só em resumo, posso mencionar as familias nobres d'este reino. Os leitores que desejarem saber mais circumstanciadamente o que respeita á esclarecida familia dos Leites, consultem o livro indicado.

A familia dos Leites (dos legitimos Leites, bem entendido) é muito numerosa, e os seus ramos, se acham espalhados por todas as provincias d'este reino.

Consta que os Leites portuguezes, procedem de trez irmãos gascões ou nórmandos que em 1093 vieram para este reino, com o conde D. Henrique. Um, fez o seu solar na quinta de Barrozão, em Cabeceiras de Basto — O 2.º estabeleceu-se na Galliza — O 3.º, fez o seu solar em Santarem, e foi ascendente dos mórgados da Senhora da Esperança, com capella propria, na egreja de S. Nicolau d'esta cidade; este mórgado, foi instituido a 25 de março de 1488, por D. Branca Annes Cavalleira, mulher de Diogo Vaz Caminha.

E' d'estes Leites, de Santarem, que descendem os viscondes de Veiros.

VEIRÓZ — grande e formosa quinta, e magnifico palacête, Beira Alta, proximo á villa do Banho, na freguezia da Varzea de Lafões, concelho de São Pedro do Sul.

Fica esta propriedade, na falda de uma aprazivel collina, e sobre a margem direita do rio Vouga. São seus actuaes proprietarios, os srs. *José Correia de Lacerda*, e sua esposa, *D. Maria Amelia da Cunha*, ricos proprietarios, e uma das mais distinctas e sympathicas familias da comarca de Vousella.

VÊIZA — port. ant. — Toda e qualquer hortaliça, e principalmente, toda a variedade de couves. Ainda nas provincias do norte, se dá ás couves o nome de *Berças* (vêrças) corrupção de *Veizas*.

VÊLA — port. antigo — vigia, sentinella, vedêta. Dáva-se ordinariamente esta denominação, aos lavradores e camponezes, que deviam vigiar e guarnecer os castellos dos seus territorios, em tempo de guerra. Vem do verbo *velar*, que significa vigiar, e tambem passar a noite sem dormir. E' tambem nome proprio d'homem.

VÉLA ou VÉLLA — freguezia, Beira Baixa, bispado, districto administrativo, comarca, concelho, e 15 kilometros ao S. da Guarda, 330 a E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 164.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

O chantre da sé da Guarda, apresentava o vigario, que tinha 30$000 reis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, e foi villa, com o nome de *Veela*.

D. Affonso 3.º, lhe deu foral, em Cêtte, a 25 de agosto 1255. (*Livro 2.º de Doações de D. Affonso 3.º, fl. 56 fim*—e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 122 v., col. 2.ª — e *Gavêta* 11, *Maço* 11, n.º 36, § 25.)

Esta aprazivel povoação, está situada na extremidade de um valle profundo, que se abre para o sul, e na falda da serra de Santo Antão, um dos ramos da Estrélla.

Perto da aldeia, principia a bella, extensa e fertil bacia, chamada *Cóva da Beira*, atravessada pelo rio Zêzere, que, pouco abaixo, sáe de entre as serras proximas á antiga villa de Valhêlhas, e se extende em frente das villas de Belmonte, Caría, Teixoso, Covilhan, Fundão e outras povoações, até perto do Tejo, onde o Zêzere desagúa.

O clima d'esta freguezia, pela sua exposição ao sul, é amêno e fertil, produzindo todos os fructos agricolas do nosso paiz, e, principalmente, optimo vinho, excellente azeite, cereaes de toda a especie, muita castanha, magnificas fructas, de carôço e pevide, distinguindo-se pela sua superfina qualidade, as famosas *pèras de Vela.*

Do valle de Vela, e do do Mondêgo (que fica ao N. da Guarda) se abastece a cidade d'este nome ; e muitas familias d'ella, aqui teem bellas casas de campo e bôas quintas, para onde muitas se retiram no inverno, fugindo ao frio excessivo da cidade.

Merecem especial menção, as quintas dos senhores *Póvoas* e *Saraivas*, da Guarda, ambas muito abundantes d'água, fructas, arvorêdos, bellos jardins, povoados de plantas exoticas, e lindas flores.

A dos *Saraivas*, tem um elegante e magestoso chafariz, construido de finissima pedra, de primorosa esculptura, e uma das mais sumptuosas obras, d'este genero, em todo o reino. Está assente, ao cimo de uma espaçosa escadaria, com a frente para o jardim, lançando trez abundantes jôrros d'agua, sobre uma taça, da qual vae repuchar um outro que está no centro do jardim.

Foi filho 2.º d'està casa, Francisco Saraiva da Costa Pereira de Refogos, barão de Ruivoz, general do exercito liberal, e do qual já tratei no 8.º volume, a pag. 260, col. 1.ª

E' hoje senhor d'esta rica e sumptuosa propriedade, o filho de um sobrinho do 1.º barão de Ruivóz, o sr. *Mendo Saraiva da Costa Pereira de Refogos Mascarenhas Lobo,* cavalheiro dedicado ao partido legitimista, e filho do honradissimo *sr. Francisco Lobo Mascarenhas*, da casa de *Mouraz*, junto a Tondella.

Por morte de seu *tio-avô*, o 1.º barão (e unico até hoje) de Ruivoz, o governo quiz dár ao sr. Mendo Saraiva o titulo de visconde de Ruivoz, que elle regeitou, por ser dado pelos liberaes.

—

A dos *Póvoas*, é tambem uma magnifica propriedade, e aqui passou os ultimos annos da sua vida, e aqui falleceu, o famoso general Povoas. Eis a sua rapida biographia e a de seu páe e irmãos.

Antonio Manoel das Povoas de Brito Marecos, fidalgo da casa real, e ouvidor no Brazil, herdou a casa de seu irmão mais velho, que falleceu sem geração. Casou com D. Marianna Victoria de Castro Souza e Almada, irman de Luiz Freire da Fonseca Coutinho, senhor de uma grande casa, em Portalegre, e desembargador do paço. Teve sete filhos, que, por ordem de edades, foram —

1.º — *Manoel Francisco das Póvoas e Brito* — Nasceu a 23 de agosto de 1772. Foi bacharel, formado em direito, pela Universidade de Coimbra, e morreu solteiro.

2.º — *Alvaro*, do qual adiante trato.

3.º — *Antonio das Póvoas de Brito Coutinho* — Nasceu a 22 de maio de 1776. Foi bacharel em direito e mathematica, pela mesma Universidade. Sentou praça de cadête, no regimento de cavallaria n.º 11, em 1796 — foi alferes, em 1797 ; tenente, em 1798; capitão, em 1808 ; major, em 1812 ; tenente coronel, em 1816 ; coronel, a 18 de dezembro de 1820 ; brigadeiro, a 14 de dezembro de 1831 ; marechal de campo a 14 de novembro de 1833. Foi ajudante d'ordens do Sr. D. Miguel 1.º, e cavalleiro da Torre e Espada. Seguiu sempre o partido legitimista, e convencionou em Evora-Monte. Falleceu no estado de solteiro, em *Véla* (n'esta quinta) a 11 de dezembro de 1843.

4.º *Francisco de Mello Povoas.* Nasceu no 1.º de junho de 1777. Fez os seus estudos na cidade da Guarda. Sentou praça de cadête, em cavallaria n.º 11, em 1797, e foi despachado alferes, em 1798, em cujo pôsto fez a maior parte das campanhas da guerra peninsular ; mas, adoecendo em 1812, veio para esta quinta, onde falleceu no mesmo anno.

5.º — *D. Bernardina.* Nasceu a 26 de novembro de 1778. Entrou, de tenra edade,

no convento de Lorvão, onde era abbadessa D.ª Maria Archangela, sua tia paterna, e alli falleceu muito nova.

6.º — *Pedro das Póvoas e Brito da Fonseca Coutinho.* Nasceu a 29 de junho de 1782. Formou-se em canones, na Universidade de Coimbra, e foi conego da Sé da Guarda, tendo ainda apenas ordens menores. Succedeu na casa, a seu irmão Alvaro, e morreu solteiro, em 20 de setembro de 1860, herdando a casa, sua sobrinha, D. Maria Isabel, filha de sua irman, a seguinte:

7.º — *D. Maria Augusta de Mello e Póvoas,* nascida a 14 de setembro de 1796. Foi educada por sua tia paterna, a referida D. Maria Archangela, no mosteiro de Lorvão, d'onde sahiu, para casar (como casou) com seu primo em 2.º grau, Antonio Ferreira Ferrão Castello-Branco Ilharco, senhor das casas de Sortêlha e S. Thiago de Côa. D'este matrimonio nasceram duas filhas.

1.ª — *D. Maria Isabel,* da qual adiante fallo —

2.ª — *D. Marianna,* que morreu solteira, em 1874.

Esta sr.ª *D. Maria Isabel Ferreira e Póvoas,* senhora actual da quinta de Véla, é casada com o sr. Antonio de Mendonça Falcão da Cunha e Póvoas, seu primo, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, deputado ás cortes, em 1868, e filho 2.º, da casa de Pinhanços e Girabôlhos, no concelho de Cêa. (Vide no 7.º vol., pag. 43, col. 1.ª — Alli trato da esclarecida familia Mendonça Falcão.)

O tenente general Póvoas

Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas, nasceu na cidade da Guarda, a 7 de setembro de 1773. Fez acto do 1.º e 2.º anno de direito, na Universidade de Coimbra; mas, sentando praça de cadête, em cavallaria n.º 11, a 28 de setembro de 1792, passou a formar-se em mathematica, concluindo os seus estudos e obtendo a formatura, em 1796. Foi um estudante distinctissimo, conseguindo sempre os primeiros prémios, nos annos em que não houve perdão d'acto.

Em setembro d'esse mesmo anno de 1796, foi despachado capitão de uma companhia de cavallaria, que organizou á sua custa, e da qual eram seus irmãos, um tenente e outro alferes.

Foi promovido a major, em 1803 — a tenente coronel, em 1809 — a coronel, em 1812 — servindo estes postos em cavallaria n.º 7, que havia sido encarregado de organizar. Foi despachado brigadeiro, em 1815 — marechal de campo, a 13 de maio de 1820 — tenente general, a 26 de outubro de 1832.

Como seu pae e irmãos, teve foro de fidalgo da casa real — foi commendador das ordens de Torre e Espada e de Christo, e senhor das commendas, de Mirandella e Santa Maria, da Covilhan — foi cavalleiro da ordem de S. Bento d'Aviz, e condecorado com a cruz d'ouro, da guerra peninsular, que fez com muita distincção [1] — com a medalha da *Fidelidade ao rei e á patria* (vulgarmente, *medalha da guerra da poeira)* — com a da *Real Efigie* (do sr. D. Miguel 1.º) e teve ainda outras condecorações.

Entre varias commissões de que foi encarregado, exerceu as de inspector-geral da arma de cavallaria, e das ordenanças.

O general Póvoas, adquiriu a sua maior fama, d'esde 1828, como commandante de uma divisão realista, sendo ainda marechal de campo. Eis a rapida historia d'este homem celebre, durante o triste periodo das nossas guerras civis.

O sr. D. Miguel, desembarca no caes de Belem (Lisbôa) a 22 de fevereiro de 1828. As tropas que sempre se lhe tinham conservado fieis, desde 1823 — e principalmente, desde a morte de seu pae, D. João VI, em 1826 — estavam emigradas em Hespanha, tendo por chefe, o bravo e fidelissimo general Silveira, conde de Amarante, e que o sr. D. Miguel fez, em 1828, marquez de Chaves.

---

[1] Foi um dos officiaes portuguezes que Junot mandou para a França com a divisão portugueza em 1808; mas, vindo para Portugal com o general francez Soult, em 1809, fugiu, vindo encorporar-se ao exercito alliado.

Era regente do reino, a sr.ª infanta D. Isabel Maria, que, para vencer os realistas, em 1826, tinha ás suas ordens, alem de mais de metade das tropas portuguezas, uma divisão ingleza, de 6 000 homens, commandados pelo general *Cliton*.

O sr. D. Miguel, sendo ainda regente, despede as tropas inglezas, que embarcaram para a Gran-Bretanha, a 25 de abril de 1828.

O exercito portuguez, liberal, e que em 1826 e 1827, tinha combatido contra os partidarios do então infante, é todo admittido e continúa no serviço[1]. Deu isto em resultado, que a maior parte d'estas tropas, se revoltou no Porto, a 16 de maio de 1828, depois de terem jurado fidelidade ao governo realista.

Apézar d'isto, o sr. D. Miguel, que já devia ter juizo, pois não era uma creança, mas um homem de 26 annos e meio, em logar de mandar logo regressar ao reino as tropas emigradas, preferiu ficar reduzido aos poucos corpos que se conservaram fieis; aos *soldados das baixas*, que mandou reunir; aos regimentos de milicias; a alguns batalhões de Voluntarios Realistas, organizados á pressa; e ás ordenanças — corpos de guerrilhas, quasi todos cobardes, mal armados, indisciplinadissimos e ratoneiros; gente que mais estorvava do que ajudava á 1.ª e 2.ª linha[1].

Entregou o commando das tropas realistas, ao marechal de campo Póvoas (que tambem *não era emigrado)* e este marchou contra os revoltosos.

Os tristes resultados d'esta guerra, já ficam extensamente relatados no 7.º volume, desde a 2.ª columna de pag. 324 e segintes. Como alli vimos, o general Povoas distinguiu-se, não só pelo seu valor e sciencia militar, como pela rigorosa disciplina e bom comportamento que fez guardar aos seus soldados, na entrada e residencia na cidade revoltada, onde não houve um unico insulto, nem o mais insignificante desgosto.

---

[1] Foi uma das primeiras tolices (se não uma das primeiras traições...) do governo do sr. D. Miguel, que de maneira nenhuma se devia confiar em tropas que sempre até então tinham feito guerra encarniçada aos seus partidarios. Devia *licenciar* o exercito liberal; mandar pôr-lhes as armas a bom recado; passar os officiaes, á classe a que então se dava a denominação de *desligados* (uma especie de *disponibilidade*) — e mandar recolher immediatamente os seus subditos leaes, que estavam em Hespanha.

Se fizesse isto, não havia, com certeza, a revolta de 16 de maio — não havia emigrados liberaes — e não havia a curta mas desastrosissima guerra de 1828, que tanto sangue, *todo portuguez*, tantas desgraças e tantas lagrimas nos veio a custar!

[1] Julgo curioso, e mesmo necessario, para a historia das nossas guerras civis d'este seculo, consignar aqui as trez secções em que estava dividido o exercito portuguez em 1828.

Corpos realistas emigrados na Hespanha desde março de 1827 e que só regressaram a Portugal em agosto de 1828.

Infanteria — 5, 11, 14, 17, 24, e numerosos contingentes de 7, 9, 21 e de outros corpos.
Caçadores — 1, 4, e 7.
Cavallaria — 2, e a maior parte de 6, 9, 11 e 12
Artilheria — 3 (quasi todo) e um contingente do n.º 2.
Milicias — alguns regimentos.

Adheriram á revolução de 16 de maio de 1828.

Infanteria — 3, 6, 9, 10, 15, 18, e a maior parte de 21 e 23.
Caçadores — 2, 3, 6, 9, 10, metade do 11 e o n.º 12.
Caçadores 5, que estava na Ilha Terceira, tambem se revoltou quando soube da revolta do Porto.
Cavallaria — 10 e parte do 6, 9, 11 e 12.
Artilheria — n.º 4
Milicias — de Coimbra, Figueira, Feira, Porto e Maia.

Em 1829, foi Póvoas nomeado general das armas da Beira-Alta; e, em 1832, commandante da 2.ª divisão do exercito de operações, em frente do Porto. N'este posto, a sua mais notavel façanha, foi a victoria de Souto Redondo, a 7 de agosto de 1832. Deve porem confessar-se, que o triumpho não foi devido ao general, mas á bravura dos seus soldados, e á disciplina admiravel, e ao heroico sangue frio, do bravo coronel, Antonio José Doutel, e do seu regimento — infanteria de Bragança (n.º 24.)

Se não existissem as rivalidades (*rivalidades?*...) fataes, entre Póvoas e Santa Martha, os realistas teriam entrado, quasi sem combate, na cidade do Porto. Para evitarmos repetições, vide o logar citado, do 7.º vol., e *Souto Redondo.*

Póvoas, foi nomeado, em 20 de dezembro de 1833, commandante em chefe do exercito realista, em substituição do caduco e bebedo Macdonell.

Voluntarios — alguns córpos em organisação.

Corpos do exercito liberal que em 1828 prestaram obediencia ao Senhor D. Miguel e combateram os revoltosos.

Infanteria — 1, 2, 4, a maior parte do 7, 8, 12, 13, 16, 19, 20 e 22.

Caçadores — 1, 8, parte do 11 e dois batalhões provisorios formados dos soldados que estavam com baixa e a que os outros chamavam *boticarios.*

Cavallaria — 1, 3, 4, 5, 7, 8 e parte do 6, 9, 11 e 12.

Artilheria — 1, quasi todo, o 2 e o n.º 3.

A guarda real da policia (infanteria e cavallaria) de Lisboa e Porto e a maior parte dos regimentos de milicias, tinham se declarado, logo em fevereiro de 1828, partidarios do Senhor D. Miguel; assim como a maior parte dos regimentos de milicias.

Tambem já em maio de 1828 havia alguns batalhões de voluntarios realistas organisados.

Quando os revoltosos retiram do Porto para a Galliza, grande numero de praças de pret se foram aprezentando ás auctoridades realistas, para se utilisarem do indulto régio. Caçadores n.º 6, aprezentou-se completo, mas foi distribuido depois pelos batalhões de caçadores n.º 1, 4, 7 e 8.

Em razão do mau plano e pessimo resultado da batalha d'Almoster, dada a 18 de fevereiro de 1834, o sr. D. Miguel exonerou o general Póvoas do commando em chefe do exercito, logo no dia immediato á acção (19) sendo substituido pelo general José Antonio d'Azevedo e Lemos.

Na ordem do dia que exonerou Póvoas, lia-se que a exoneração era — *pelo requerer, em razão do seu estado physico e* MORAL.....

Desde esta data, nada mais fez o general Póvoas digno de nota, senão entregar-se aos liberaes, em Santarem, antes de terminar a guerra...

Note-se que, desde a batalha de *Souto Redondo* (7 de agosto de 1832) em que Póvoas mandou postar toda a sua cavallaria na povoação dos Carvalhos, a 10 kilometros do Porto, *com ordem terminante de não deixar avançar as tropas do seu commando, para alem d'aquella povoação, obrigando-as a retirar empregando, em caso de necessidade, as espadas da cavallaria* — o exercito realista principiou (e talvez com razão, como o prova a sua entrega aos liberaes) a desconfiar de semelhante chefe.

As tropas realistas, corriam em perseguição dos liberaes, e, se não é a ordem do general, com certeza entravam no Porto, de envolta com estes. (Vide o que eu digo em *Souto Redondo.*)

A batalha de Almoster, acabou de perder, completamente, a pouca confiança que os realistas tinham n'elle; com effeito, esta acção, tão mal dirigida como o foram as de Ponte Ferreira, pelo Santa Martha (que tambem depois se entregou aos liberaes, antes do fim da guerra) as de 25 de julho e 29 de setembro, em frente do Porto; de 5 de setembro, e 10 e 11 de outubro, em Lisbôa — e depois, a da Aceisseira, dada em 16 de maio de 1834, pelo general Guedes — mostraram bem, que os realistas tinham ainda mais a temer dos seus generaes, do que dos do sr. D. Pedro.

Já na provecta edade de 74 annos, tornou a apparecer na scena politica, organizando no principio do anno de 1847, uma força popular, com a qual se apresentou á *Junta do Porto.*

Falleceu na sua quinta de *Véla*, com 79 annos de edade, e no estado de solteiro, a 29 de novembro de 1852.

Eis, em poucas palavras, os factos principaes da vida d'este homem notavel, que ainda no ultimo quartel da vida, praticou um acto digno de louvor, qual foi a recusa que fez do titulo de *Conde de Vela*, que o governo *patuleia* lhe quiz dar; reiterando a mesma recuza, quando depois o governo da sr.ª D. Maria II lhe fez egual offerecimento.

—

Seu patricio e condiscipulo, amigo e quasi da mesma edade, creado e educado como elle, em Véla, foi Francisco Saraiva da Costa Refogos, que veiu a ser *barão de Ruivoz* (8.º vol. pag. 260, col. 1.ª) e foi tambem general, mas do exercito do sr. D. Pedro.

—

Tornemos a Véla.

A egreja parochial, está edificada ao fundo da povoação, mas dominando as terras da ribeira que lhe corre ao sopé. E' um espaçoso e bello templo, com uma formosa capella do S. S. Sacramento, denotando pela sua architectura, mais antiguidade do que o resto da egreja, com a qual communica por um arco ogival. A' entrada d'esta capella, está uma sepultura com brazão d'armas, e com uma inscripção, da qual hoje apenas póde lêr-se, o anno, que é 1662. Por baixo d'esta capella, ha um vasto carneiro subterraneo. Na egreja, ha ainda outras sepulturas brazonadas, com datas anteriores ao seculo XVII — e, fóra da porta principal, estão outras duas sepulturas, mais modernas do que as antecedentes.

Em frente da porta lateral, no atrio, que serve de cemiterio da freguezia, está uma elegante urna funeraria, de marmore, que cobre a sepultura dos dous irmãos, generaes, Alvaro e Antonio Póvoas.

—

Póvoas, é um appellido nobre de Portugal, que parece tomado de alguma das villas e innumeras aldeias d'este nome. Frei Manoel de Santo Antonio, não nos diz quem primeiro d'elle usou, e só diz que se acham d'este appellido, dous escudos d'armas, sem que qualquer d'elles seja propriamente seu, pois um, é o dos *Proenças*, e outro dos *Privados*.

Nos manuscriptos da Bibliotheca Publica, porém, se acham as armas dos *Póvoas*, assim construidas — em campo de púrpura um crescente de prata, entre trez flores de liz, de ouro — timbre, meio leão, d'ouro, lampassado de pùrpura, com colleira do mesmo.

Outros *Povoas*, trazem por armas — em campo de púrpura, quatro coticas, d'ouro, em palla — e o timbre antecedente.

Vela, vella, velo e *vello*, é port. ant. — significa *velha e velho*. (Doc. das religiosas benedictinas do Porto, do anno de 1305.) *Vella e Vello* pronunciava-se com os *ll molhados* (como os hespanhoes) — vinha a ter a mesma pronuncia que hoje lhe damos.

Vella, é tambem appellido nobre portuguez; mas não se sabe quem d'elle primeiro uzou, e só se acha a descripção das suas armas, que é — em campo de vêrde uma laranja de prata, carregada de uma aguia negra, e nos 4 cantos do escudo, uma *vélla* de prata, com a luz d'ouro.

Vella, é tambem nome proprio d'homem.

VELLÊDA — Já no 1.º vol., (pag. 277, col. 2.ª) disse o que significava a palavra Vellêda. Tudo quanto alli se lê, o extrahi, da 10.ª edição do bello livro, intitulado *Les mythologies de tous les peuples*, de M.me Laure Bernard; obra publicada em Paris, no anno de 1873, e que tem sempre merecido a geral estimação dos homens de sciencia. Para mostrar, porém, que não sigo a maxima dos discipulos de Aristoteles; mas que desejo dar aos meus leitores, o maior numero de explicações sobre qualquer objecto, copio aqui uma carta que me escreveu o meu esclarecido amigo, e illustre escriptor, o sr Simão Rodrigues Ferreira, auctor das *Antiguidades do Porto*. Eis a carta (da qual só copiei o que diz respeito ás *Vellêdas* —

«Tenha paciencia com as Avellêdas, e pela ultima vez.» (O sr. R. Ferreira, já me tinha fallado n'isto, em outra occasião.)

«A sua etymologia e *paridade*, dar se-ha em França, mas nunca em Portugal.

«Michelet, no 1.º volume da sua *Hist. da*

edade media, fallando das sacerdotizas dos germanos, e da sua influencia civil e politica, diz—(traducção)—«Entraram em França no 2.º seculo. Cesar, havia destruido o governo nacional das Gallias; mas, depois da victoria, serviu-se d'estes povos guerreiros, para destruir a republica. A *legião Aluete* era toda de gallos, e estes, occuparam elevados cargos, no governo d'este imperador e no de Augusto. Quando, no segundo seculo, se quiz estabelecer nas Gallias o governo nacional, os romanos chamaram os germanos, para vencerem os gallos. *Com os germanos vieram as Vellêdas.*» —Não duvido que em França deixassem o seu nome a algumas localidades; mas a Historia nos diz, que elles não passaram os Pyreneus, para a Hespanha, nem eram sacerdotizas do druidismo; porque a religião dos druidas, era muito differente da dos germanos, pois n'estes, o culto vulgar era o *Odinismo* e outras divindades escandinavas: e, quando no 5.º seculo, os *barbaros* invadiram a Peninsula Hispanica, já vinham christãos, ainda que uma parte d'elles, eram arianos.»

N'este ponto, está enganado o sr. R Ferreira. As differentes raças do Norte, que invadiram Roma, depois as Gallias, e por fim as Hespanhas, seguiam diversos cultos, mas nem um só dos invasores era catholico. Uns, eram herejes arianos — e os outros seguiam differentes religiões, sendo uma grande parte d'elles idolatras. Uma prova d'isto, são as crueldades e devastações que praticavam nos nossos templos e mosteiros.

«Assim, antes do 2.º seculo, não havia em França Vellêdos.»

Nem eu disse semelhante cousa. Mas, o que agora digo, é que, então, não só não havia Velledas, mas nem havia *França*. Clodion, rei dos francos, que, em 419, occupou todo o territorio das Gallias, que se estende ao norte de Somme, é que, em 428, deu a este paiz o nome de *França* (terra dos francos) que depois se estendeu a toda a vasta extensão das Gallias.

«Nem vieram para a Hespanha, estas sacerdotizas, com os suevos, vandalos, visigodos, etc, *já christãos*, nem as chronicas o dizem. Se então viessem, a sua *doutrina sanguinaria*, havia de ser fulminada pelos concilios d'esse tempo.»

Como queria V. Ex.ª que houvesse n'aquelle tempo concilios, estando a Lusitania sob o jugo cruel e despotico dos reis gôdos, suevos, e alanos, todos herejes truculentos? O primeiro concilio que houve nas Hespanhas, depois da dominação gothica, foi o *lucense*, em 568, quatro annos depois de se ter convertido ao catholicismo, o rei suevo, Theodomiro.

Eu julgo — mas não affirmo — que os lusitanos, então quasi selvagens, confundiam os nomes das sacerdotizas dos romanos, com as dos druidas, dando, por vezes, ás *Vellêdas*, o nome de *Vestaes*.

«Sem ser pertinaz, fico com a minha opinião; porque não quero implantar em Portugal, o que — a existir — só existiu em França.»

Pois fique com a sua opinião, que eu fico com a minha, e ratifico o que disse na palavra *Avellêda*, ou *Vellêda*.

Até já houve um assignante que queria que eu dissesse n'este diccionario, que *Avellêda*, vinha do latim *Ave oh Leda*, e que foram os romanos que o deram á actual freguezia de Avelleda, do concelho de Braga, pela sua formosa situação, pois quando alli chegaram, exclamaram encantados — *Ave ou leda* — (Salve ó alegre!)

Então, tambem seriam os romanos que deram o mesmo nome, ás outras freguezias de Avellédas, a varias aldeias, e á quinta do sr. Manoel Pedro Guedes, de que fallei no 6.º vol., pag. 580, col. 2.ª?

Estas e outras semelhantes questões não podem discutir-se n'esta obra, só deviam ser tratadas em um livro especial; pelo que, ponho ponto final n'este artigo.

VELOCIDADES — um cavallo a *toda a brida*, póde correr 20 kilometros por hora.

Um homem, andando de dia e de noite, sem a minima interrupção (se o podesse fazer) gastaria 400 dias para dar uma volta ao nosso globo.

Uma locomotiva, empregando a maxima velocidade, gastaria 30 dias, para dar a mesma volta.

O vento que infuna bem as velas de um navio, percorre 20:000 metros por hora — O que move as velas de um moinho, 25:000 metros. — Vento impetuoso, 80:000 metros — Grande furacão, 100:000 metros (ou 1:666 metros e 40 centimetros por minuto.)

O som, percorre 6 kilometros por minuto.

A electricidade, anda mil kilometros por minuto.

A luz do sol, gasta 8 minutos para chegar á Terra — isto é — 204:000:000 kilometros. Uma balla de artilheria, gastaria 18 annos, para percorrer a mesma distancia!

A luz da estrella mais proxima da terra, não póde cá chegar, em menos de 5 annos! De maneira que, se, por um motivo qualquer, uma estrella se apagasse, vêl'a-hiamos ainda 5 annos. Deus criou outras estrellas, que estão mais de 100:000 vezes mais distantes de nós do que aquellas, de modo que a sua luz, só cá chegará, d'aqui a 500:000 annos.

A luz da lua, chega-nos cá, em quarenta segundos.

A terra, gasta, na sua revolução á roda do sol, um minuto, para percorrer 2:480 kilometros.

No seu movimento em volta do *eixo*, para produzir a noite e o dia, anda 1875 kilometros por hora.

VELOSA ou VELLOSA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 320 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 75.

Orago, Nossa Senhora dos Prazeres. Bispado e districto administrativo da Guarda.

O real padroado, apresentava o prior, collado, que tinha 170$000 reis de rendimento annual.

Vellosa e velloso, significa mulher ou homem coberto de péllos, cabelludo.

Ignora-se o primittivo nome d'esta freguezia. O actual, que tem mais de 500 annos, segundo os manuscriptos da casa Palmella, teve a seguinte origem.

Temos visto em alguns logares d'esta obra, que o nosso rei D. Fernando, disputou a corôa de Castella, ao fratricida D. Henrique II — Alguns fidalgos castelhanos, partidarios do assassinado D. Pedro I, *o Cru*, uniram-se ao rei portuguez, ajudando-o n'esta guerra, que, felizmente, foi de curta duração, pois terminou pelo tratado de paz, d'Evora, feito a 31 de março de 1369.

Os castelhanos que seguiram o partido do nosso D. Fernando, temendo (e com razão) uma cruel vingança e horrivel castigo, da parte de D. Henrique II, ficaram em Portugal, e o rei lhe concedeu varias honras e bôas propriedades e senhorios. (Entre os fidalgos castelhanos que cá ficaram então, conta-se o tristemente celebre gallego, *D. João Fernandes Andeiro*, que D. Fernando — ou sua mulher — fez conde de Ourem, e que o Mestre d'Aviz assassinou, nos paços do Limoeiro, de Lisboa, a 6 de dezembro de 1383.)

D. Antonio Velloso, fidalgo gallego, descendente do famoso conde, D. Rodrigo Velloso, senhor da Ribeira e Cabreira, em Hespanha, foi tambem um dos que então ficaram em Portugal.

D. Fernando lhe deu esta freguezia — á qual elle deu o fôro de villa, e lhe chamou *Vellosa*, nome que até hoje tem conservado.

Um dos senhores de Ribeira e Cabreira, foi alcunhado o *Velloso*, por ser muito cabelludo, e seus descendentes, tomaram a alcunha, por appellido.

Os Vellosos, trazem por armas — em

campo de purpura, um castello de prata, e 3 flores de liz, de ouro em chefe. O castello está sobre um monte da sua côr, com porta, frestas e lavrado de négro, e junto d'elle, um açôr, armado d'ouro, com uma perdiz nas garras. Timbre, o açôr do escudo, com a perdiz nas garras do pé direito.

Os reis de Portugal, nunca confirmaram o titulo de villa, a esta freguezia, que foi, e é, sempre considerada como aldeia.

Não se confunda com *Avellosa,* que significa, terra onde ha muitas *avelleiras.*

VENADE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Caminha (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Vianna) 12 kilometros a O. de Villa Nova da Cerveira, 30 a O. da praça de Valença, 20 ao N. de Vianna do Minho, 30 ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisbôa, 240 fogos.

Em 1768, tinha 158.

Orago, Santa Eulalia. Districto administrativo de Vianna, arcebispado de Braga.

A casa do infantado, apresentava o abbade, que tinha 150$000 reis de rendimento.

Eram senhores donatarios d'esta freguezia, os marquezes de Villa-Real. O ultimo marquez d'este titulo, deu este senhorio a seu filho, 1.º e unico duque de Caminha; mas perdendo ambos a vida no patibulo em Lisbôa — por traidores — a 29 de agosto de 1641, todos os seus bens e os dos seus cumplices, formaram a casa do infantado, que veio a ser a donataria d'esta freguezia.

Consta que a primeira padroeira d'esta egreja, foi uma lavradora d'aqui, a qual convidando a duqueza de Caminha para comadre, lhe deu, por a honra de acceitar o convite, o padroado da sua egreja.

E' uma das mais ricas e ferteis parochias da comarca de Caminha, e abundantissima de optimas aguas, estando, de mais a mais, sobre a margem esquerda do rio Coura, que a abastece do seu peixe, do do rio Minho, e do do mar, que lhe vem pelo mesmo rio.

As suas veigas, são cortadas pela nova estrada, que de Caminha se dirige a Melgaço, por Paredes de Coura.

A egreja matriz está em bonita situação, no centro da freguezia. E' de tres naves, e está muito bem conservada e ornada. E' muito antiga, mas não consta por quem ou quando foi construida.

Ha n'esta freguezia duas bonitas capellas particulares — a do Senhor do Soccôrro, e a do palacête do sr. barão de S. Roque. Este palacete, é o de uma quinta do dito barão, que é a mais bonita d'estes sitios, pela sua optima posição, na proximidade da nova estrada de que fallei. E' cercada de altos muros, com extensas latadas, excellente eira de cantaria, e um magnifico pombal. O seu proprietario, aqui vem passar o verão com a sua familia, pelo que o palacête se conserva com o maximo luxo. Seu pae, o 2.º barão de S. Roque, deu n'este palacête um sumptuoso jantar, a seu primo, o fallecido arcebispo de Gôa, primaz das Indias, D. José Maria Torres.

A *quinta do Vallinho,* com a sua capella moderna, de abobada, em forma pyramidal, mandada fazer por Pedro da Rocha Pitta, em 1873, e que era então seu possuidor. Hoje pertence ao sr. doutor, João Xavier Torres e Silva, que não tem cuidado com esta capella, antes a tem tratado com o maior desprezo, o que, se continuar, brevemente a transformará em ruinas. A quinta é bastante extensa, mas o seu terreno é árido e por isso pouco fertil.

Os temporaes do inverno de 1876-1877, causaram graves prejuizos a esta freguezia, que foram avaliados do seguinte módo —

Em paredes cahidas......	800$000
Em vinhedos............	1:000$000
Em terras lavradias.....	1:224$300
Somma..........	3:024$300

Em 1860, uma mulher d'esta freguezia, chamada Emilia, teve 4 crianças de um parto, que todas nasceram vivas e foram baptizadas.

VENARIOS — Vide *Barrarios.*

VENDA — freguezia, Algarve, comarca, concelho e 12 kilometros de Fáro, 240 ao S. de Lisbôa, 95 fogos.

Em 1768, tinha 111.

Orago, S. João Baptista. Bispado do Algarve, districto administrativo de Fáro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 90$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia, está espalhada por casaes, ao O. de Fáro, na extremidade do *Barrocal* Tem bôas terras para cultura de cereaes; algumas oliveiras, com bom lagar de azeite; e figueiras.

Tem apenas 3 kilometros de comprimento, por 3 de largura, entre Faro e Loulé, ficando a maior parte, com a egreja de Almancil (São Lourenço) no concelho de Loulé, e o resto em Fáro; por isso, foi dividida por ambos estes concelhos, creando-se uma nova freguezia, pertencente toda ao concelho de Loulé, com o nome de *São Lourenço dos Mattos*, ou de *Almancil.*

Ficou pois supprimida a freguezia da Venda, por disposição da Junta Geral do Districto, em 1836.

VENDA — port. ant. — Dava-se este nome, ao laudemio que se pagava da fazenda aforada, quando se vendia.

Em 1251, D. Pedro Gonçalves, bispo de Vizeu, e o seu cabido, deram foral aos moradores do seu couto, da mesma cidade, e n'elle permittem, que possam vender as suas propriedades, mas, a quem lhes pague o seu laudemio «Et qui dent nobis nostram *vendam.*» (Doc. da Sé de Viseu.)

Em um documento de S. Thiago, de Coimbra, de 1356, se diz — «E se algum caseiro, quizer vender, que nós ajamos a *venda.*»

VENDA DO CÊPO — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Trancoso, a 50 kilometros de Viseu.

Tinha por orago, S. Thiago, apostolo. 300 kilometros ao N. de Lisbôa.

Em 1768, tinha 31 moradores — e o povo, apresentava o cura, que tinha 6$000 reis de congrua, e o pé de altar, que era insignificantissimo.

Esta freguezia, foi supprimida, no fim do seculo passado, por não haver parocho que a quizesse *curar.*

VENDA DA CRUZ — Vide *Pelariga.*

VENDA DO DUQUE — logar, Extremadura, entre Val de Pereiro e Evora-Monte, 149 kilometros a S. E. de Lisbôa. E' uma das estações do caminho de ferro no ramal da Casa-Branca a Extremôz. Não sei a que freguezia pertence.

E' notavel que, tendo eu perguntado em varias estações dos caminhos de ferro portuguezes, a que freguezia pertencem, na maior parte d'estas estações, os seus habitantes não m'o sabem dizer. Que catholicos! .... Tem um dolmen; o que prova ser este sitio povoado d'esde tempos remotissimos.

VENDA DOS MOINHOS — Logar, Douro, na freguezia do Espinhal, concelho de Penella. — No dia 19 de maio de 1876, houve por estes sitios uma horrenda trovoada, chovendo torrencialmente, na *Guia do Avellar*, e na Venda dos Moinhos, onde não ficou nem um bocado de terra, pois que a inundação tudo arrastou. Morreram uns poucos de rebanhos de gado miudo, bôis e porcos; e algumas casas ficaram arrazadas até aos alicerces.

Morreu um homem, uma mulher, e duas creanças. Diz um correspondente do Espinhal —

«Todos quantos estavam dentro d'esta fabrica iam tambem morrendo, por se não contar com tão grande inundação, em razão de não termos visto chover.

A agua vinha toda junta e fazia ondas como no mar. Vi uma serra de agua do feitio de uma onda, que não tinha menos de nove metros da altura. Era um diluvio.

Nós fugimos para um monte, e outros para as vinhas.

Se por acaso fosse de noute não te tornava a ver. Chegou-me a agua á cama, mas felizmente salvei tudo, porque gritei á gente que me acudisse, e foi tudo tirado de uma vez só, já na agua.

Homens antigos não se lembram de ver tal cousa em tempo algum.

Esperavamos que a fabrica ficasse prompta por estes quinze dias; mas agora terá demora. Em consequencia d'esta inundação ha aqui muito que fazer. O prejuizo n'ella está calculado em tres contos de reis.»

Vide *Espinhal.*

VENDA DO PINHEIRO — grande e formosa aldeia, Extremadura, na freguezia de S. Miguel do Milharado, comarca e concelho

de Mafra. 29 kilometros ao N. O. de Lisbôa, 26 ao S. de Torres Vedras.

Tem uma grande e formosa capella, de Santo Antonio, de Lisbôa, ao qual se faz uma bôa festa no seu dia (13 de junho) havendo então aqui, uma grande feira, sempre muito concorrida, principalmente de gado bovino.

Era aqui a 9.ª estação do célebre caminho de ferro Larmanjat, de Lisbôa a Torres Vedras.

(Vide *Miguel do Milharado — São —*)

VENDA NOVA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Ruivães) 60 kilometros a N. E. de Braga, 415 ao N. de Lisbôa. 75 fogos.

Orago, São Simão. Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Não vem no *Port. Sacro e Profano* (pelo menos com este nome) nem de tal freguezia posso dar informações. Escrevi ao parocho da freguezia, pedindo-lhe humildemente apontamentos para ella ; mas o *patriotico* ecclesiastico, *imitando tantos outros seus collegas, tão patrioticos como elle*, não se dignou responder-me. (Talvez não quizesse gastar os 25 reis na estampilha !...)

VENDADA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 60 kilometros de Vizeu, 335 a E. de Lisbôa, 50 fogos.

Orago, Santa Luzia, bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Esteve algum tempo annexa a Manigôto.

E' povoação muito antiga. D. Affonso III, lhe deu foral, em Lisbôa, a 4 de outubro de 1276. (*Livro 1.º de Doações de D. Affonso* III, fl. 140, col. 2.ª)

Este foral, lhe dá o nome de *Póvoa de Vendada em Souto Redondo.*

Não vem tambem no *Port. Sacr. e Prof.*—e com ella aconteceu-me exactamente, como com a antecedente! Ha parochos muito..... *dignos !*

VENDAS NOVAS — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte-Mór-Novo (foi do mesmo concelho, mas da comarca d'Arraiólos) 50 kilometros d'Evora, 65 ao S. E. de Lisbôa. 310 fogos.

Em 1768, tinha 55, (aqui ha provavelmente engano do *Port. Sacro.* Parece-me que em 114 annos, não podia augmentar 255 fogos na sua população)

Orago, Santo Antonio, de Lisbôa. Arcebispado e districto administrativo d'Évora.

A mitra, apresentava o cura, que tinha 160 alqueires de trigo e 80 de cevada, de rendimento annual.

Tem estação telegraphica.

É aqui a 8.ª estação do caminho de ferro do Sueste, que dista da principal (Barreiro) 57 kilometros.

É terra muito fertil em cereaes.

Proximo á povoação, está estabelecido o *Polygono das Vendas Novas* — ou *campo de instrucção e manobras.* Foi inaugurado a 6 de setembro de 1860, e construido sob a direcção do coronel José Marcellino da Costa Monteiro.

Consta de trez baterias — uma para tiros de *recochete* — outra, para tiros de morteiro — outra para tiros de peças e obuzes de grosso calibre. Alem d'isto, tem uma *carreira,* para tiros d'artilheria. Vidè o 1.º Tancos.

—

O dia 9 de novembro de 1725, foi de geral alegria, para a cidade de Lisboa, e pouco depois, para todo o reino. Foi então que se publicaram na côrte, o ajuste de dous casamentos — o do principe do Brazil, D. José, [1] com a princeza D. Marianna Victoria, filha

---

[1] Era o 3.º filho dos reis D. João V e D. Marianna d'Austria, filha do imperador Leopoldo I — O 1.º, foi D. Maria Barbara, da qual fallo no texto — o 2.º, foi o principe do Brazil, D. Pedro, que morreu de 2 annos e 10 dias ; pois nascendo a 19 de outubro de 1712, falleceu a 29 de outubro de 1714. Foi por isso, que D. José foi principe do Brazil, e depois rei.

de D. Philippe V de Hespanha [1] e o da infanta, D. Maria Barbora (nascida a 4 de dezembro de 1711) com o principe das Asturias, D. Fernando, tambem filho de D. Philippe V. — Celebrou se esta noticia na Basilica Patriarchal, e em todas as egrejas, com *Te Deum laudamus*, e com trez noites de luminarias. Na corte de Madrid, houve as mesmas festas.

Estes dous casamentos, effectuaram-se em 1728.

Foi então, que a povoação das Vendas Novas (esta) foi theatro de uma scena do maior esplendor.

D. João V, tinha por contemporaneo e rival, o faustoso Luiz XIV, de França.

O rei portuguez queria egualar — se não exceder — o francez, em riqueza e magnificencia (e, com effeito, D. João V, foi cognominado *o Magnifico*.).

Teve logar aqui, a tróca das duas princezas, e futuras noivas — junto ás margens do Cáia, como sempre foi costume, em semelhantes conjuncturas.

Não ha memoria de uma ceremonia tão deslumbrante!

N'esta povoação, mandou o rei portuguez construir um palacio, que ainda existe.

O estado da casa real, constou de 10 coches, 8 berlindas, 29 *estufas*, 2 caleças, e 141 séges — 353 *urcos*, ou *frizões*, 468 cavallos e mullas — aquelles para os coches, e estas para as seges, e creados da cavallariça — 673 cavallos de sella, e 316 muares das *galeras*, *carros de matto*, liteiras etc. — Só para o serviço dos coches e cavalgaduras, eram mais de 900 creados — isto é — 190 vehiculos, de todas as especies então usadas, e 1:810 cavalgaduras!

Alem d'isto, havia os coches e suas cavalgaduras, da creadagem dos fidalgos que hiam na comitiva, do patriarcha (que era então, D. Thomaz d'Almeida — vide 4.º vol., pag. 276, col. 1.ª) de 12 conegos, e outros ecclesiasticos.

Na volta para Lisboa, o rei e o seu sequito, embarcaram em Aldeia Gallega do Riba-Tejo — a familia real, no seu riquissimo bergantim (que ainda existe, em um barracão, no caes de Alcantara) e os fidalgos, padres e mais comitiva, em 320 barcos. No caes de Belem, onde desembarcaram todos, tinha-se construido uma magestosa *linguela*, adornada de riquissimas e vistosas tapeçarias, vasos de flores naturaes, mastros, bandeiras, e outros varios e magnificos ornamentos.

Ainda hoje é n'esta povoação das Vendas Novas, lembrada, com justo orgulho, esta esplendorosa festa.

—

Ha em Portugal, mais de 80 aldeias com o nome de *Vendas-Novas*. Não menciono nenhuma d'ellas, por não me constar que tenha cousa digna de nota.

VENDAVAL — ABRÊGO — ou ALOUÇO — port. ant. — vento sul. Vide *Ociente.*

VENDAVIZES — Vide *Bandavizes*.

VENTES — port. ant. — Vendo, considerando, reflectindo, etc.

VENTOS — Vide *Ociente*.

VENTOSA — freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Póvoa de Lanhoso, 24 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 83.

Orago, S. Martinho, bispo. Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 450$000 reis de rendimento annual.

Para o mais que diz respeito a esta freguezia, vide *Caniçada e Soengas*, pois está nas mesmas circumstancias.

VENTOSA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vousella, 18 kilometros ao O. de Viseu, 290 ao N. de Lisbôa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 127.

Orago, Santa Maria (N. Senhora da Purificação — Candeias.) Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado, apresentava o vigario, que tinha 40$000 reis de rendimento.

---

[1] D. José, nasceu a 6 de junho de 1713 — foi acclamado rei, no 1.º de agosto de 1750, e falleceu a 22 de fevereiro de 1777. Com a sua morte, terminou o *reinado* do 1.º marquez do Pombal.

É uma povoação tão antiga, que já era freguezia em 1134. Vide *Foramontãos.*

O real padroado, apresentava esta egreja, porque os reis eram grão-mestres da ordem de Christo.

Esta freguezia, tinha sido uma commenda dos templarios, que em 1319 passou á ordem de Christo, e ficou annexa á egreja matriz de S. Thiago, de Santarem (hoje supprimida) e que tambem era da ordem de Christo, porque, D. João III, *como governador e perpetuo administrador* da mesma ordem, e por sua carta regia, feita em Evora, a 26 de agosto de 1535, deu á dita egreja de S. Thiago (que fôra dos templarios) esta commenda, em troca da de Cardigo, que vagara por fallecimento do seu ultimo commendador, D. frei Nuno Furtado. Fez commendador da referida commenda da egreja de S. Thiago, a André Telles de Menezes, fidalgo da sua casa, e cavalleiro professo da ordem de Christo, com a obrigação de pagar annualmente, 12$000 rs. ao vigario de S. Thiago, e dar em troca, ao rei, as duas commendas, de São Gião, de Cambra, hoje, São Julião de Cambra, n'este mesmo concelho de Vonsella, e a de *Santa Maria da Ventosa* (esta) «*que são das cincoenta commendas,* das egrejas *do meu padroado; para eu d'ellas prover a quem houver por bem.*» — Diz a carta regia d'esta tróca.

Vê-se pois, que esta egreja foi dos templarios, e depois, dos cavalleiros de Christo, e uma das suas commendas.

Fertil. Muito gado e caça.

No logar de *Sacorêlhe,* d'esta freguezia, reside *José Correia da Silva,* que possue uma receita, pela qual prepara um remedio, QUE CURA A HYDROPHOBÍA, proveniente de mordedura de animaes atacados d'esta terrivel molestia; e isto, tanto em gente como em animaes, antes e depois de terem soffrido o primeiro accesso.

Este remedio, tem sido applicado ha mais de 30 annos, *sem falhar uma unica vez.*

VENTOSA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alemquer (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Aldeia Gallega da Merceana) 54 kilometros ao N. E. de Lisbôa, 460 fogos.

Em 1768, tinha 207.

Orago Nossa Senhora das Virtudes. Patriarchado e districto administrativo de Lisbôa.

A rainha, apresentava o prior, que tinha 700$000 reis de rendimento annual, segundo o *Port. Sacro;* mas a verdade é que este beneficio rendia mais de 1:200$000 reis.

A egreja matriz, na aldeia da Ventosa, está situada em uma elevação, a egual distancia dos logares da Atalaia e Labrujeira Foi da casa das rainhas. Em outros tempos (porque esta freguezia é antiquissima) tinha sido annexa á freguezia de S. Thiago, de Alemquer, e então, os dizimos distribuiam-se — um terço, para a mitra patriarchal — um terço, para o prior da Ventosa — e do outro terço, duas terças partes eram para o mosteiro d'Alcobaça, e o resto para o prior de São Thiago, d'Alemquer. Esta repartição, foi arbitrada por D. Jorge da Costa, arcebispo de Lisbôa (o famoso *cardeal de Alpedrinha* — vide Alpedrinha, e no 4.º vol., pag. 273, col. 1.ª) em 1475.

Segundo a *Chorographia Port.,* do padre Carvalho, a freguezia em 1707 tinha os seguintes logares :

	Fogos
1.º — Ventosa (provavelmente Atalaia)	25
2.º — Quentes, ou A dos Quentes....	30
3.º — Labrujeira	40
4.º — Penêdos	30
5.º — Pena Firme da Ventosa.......	20
Somma....	145

Se esta conta está exacta, a freguezia augmentou em 61 annos, 62 fogos — visto que, como vimos, já em 1768, tinha 207.

Hoje tem onze aldeias, são :

	Fogos
1.ª — Labrujeira..................	143
2.ª — Penêdo	64
3.ª — Pena Firme..................	37
4.ª — Atalaia	50
5.ª — Cortegana...................	16
6.ª — Penunzinhos.................	25
7.ª — Freixial de Cima............	20
8.ª — Villa Chan..................	44
9.ª — Casaes Gallegos.............	14
10.ª — Parreiras..................	7
11.ª — Quentes — ou A Quentes.....	40
Somma....	460

A decima predial d'esta freguezia, importa annualmente, em 20 CONTOS DE RÉIS!

—

A primittiva egreja matriz, era de uma data remotissima; a actual, feita sobre os alicerces e com os materiaes da antiga, é construcção do meiado do seculo XVI. Na hombreira de uma das portas, está gravado a era 1235 (1197 de J. C.) E' talvez a data da fundação, ou reconstrucção da egreja antiga.

E' certo que esta egreja, foi fundação dos templarios, ou pelo menos, foi do seu padroado; o que se prova pelas cruzes d'esta ordem, que se veem servindo de lages no pavimento do alpendre, á entrada da actual egreja, que provavelmente foram campas da primitiva.

O interior do templo, é de architectura singela. D'ambos os lados, pesadas columnas, e arcos gothicos, separam as naves do corpo principal. Está decentemente tratado; mas não tanto como exigem os seus grandes rendimentos.

Esta egreja, foi restaurada em 1882 com ajuda de um valioso subsidio, concedido, no tempo do sr. Sebastião José de Carvalho, feito 1.º visconde de Chancelleiros, em 13 de setembro de 1865 — filho de Manoel Antonio de Carvalho, que foi 1.º barão do mesmo titulo, feito em 23 de maio de 1840. O sr. visconde, é um rico proprietario d'esta freguezia — e que então era ministro.

No pavimento da egreja, ha diversas campas com inscripções umas ilegiveis, e outras, pertencentes a individuos hoje desconhecidos, pelo que as não copio.

Houve entre os seus priores, alguns clerigos notaveis sendo um dos principaes —

D. Joaquim de Santa Anna Carvalho, natural de Setubal, onde nasceu em 1775. Foi eremita de São Paulo, da Congregação da Serra d'Ossa, e doutor em theologia, pela Universidade de Coimbra. Foi depois, freire conventual da ordem de Christo, e eleito bispo do Algarve, em 1819, resignando o bispado, em 1823. Falleceu em Lisbôa, a 2 de janeiro de 1833. (Para evitarmos repetições, vide no 9.º vol., pag. 328, col. 1.ª)

Logares d'esta freguezia

Labrujeira — o mais importante logar da freguezia — tem uma ermida de Santo Antonio de Lisbôa — tem mercado no 4.º domingo de cada mez, e feira annual, em 13 de junho de cada anno.

Penedos — tem uma ermida de São José.

Pena Firme — a de N. Senhora do Amparo.

Atalaia — a grande do Espirito Santo, onde se acha o S. S. Sacramento, por não haver sacrario na egreja parochial, em razão de estar em sitio êrmo. E' atravessada pela nova estrada do Sobral, Villa Verde dos Francos e Cadaval.

Quintas da freguezia

1.ª — *Casal da Egreja* — propriedade assim chamada, por ter sido pertença da egreja. E' uma antiquissima propriedade, e as suas casas, junto á egreja, estão em ruinas. A quinta, que estava reduzida a uma vasta charneca, vê-se hoje coberta de vinhas mandadas plantar pelo seu actual proprietario, o dito sr. viscònde de Chancelleiros.

2.ª — *Quinta do Rocio* — do mesmo Visconde.

3.ª — *Q. da Saude* — do mesmo.

4.ª — *Q. do Porto Franco* — idem.

5.ª — *Q. da Bichina* — do sr. visconde de Fonte Arcada.

6.ª — *Q. da Barreira* — do sr. Luiz Ribeiro da Costa.

7.ª — *Q. Velha* — do sr. José Antonio de Oliveira Montaury.

8.ª — *Q. do Coelho* — do sr. Joaquim Maximo Lopes de Carvalho.

9.ª — *Q. do Valle* — do mesmo.

10.ª — *Q. de Santo Antonio* — do sr. José Ferreira d'Azevedo.

11.ª — *Q. do Gambôa* — do sr. João Carlos Mauricio d'Aguiar.

12.ª — *Q. do Val de Riacho* — do sr. Raphael Francisco.

13.ª — *Q. do Bréjo* — do sr. José Pires Monteiro Bandeira.

14.ª *Q. da Ribeira* — do sr. José Pacheco de Souza.

15.ª — *Q. da Verderêna* — do sr. Antonio Maria Velloso.

16.ª — *Q. do Pipalête* — do sr. Antonio Joaquim da Costa Senior.

17.ª — *Q. do Monte d'Ouro* — do sr. Ezequiel de Paula de Sá Prégo.

Casaes

1.º — *Casal do Marco* — da sr.ª D. Maria Clara Pereira de Castro.

2.º — *C. da Piedade* — do sr. Antonio Rebello.

3.º — *C. dos Moinhos* — do sr. José Marques.

4.º — *C. da Canna* — do sr. Luiz Ribeiro da Costa.

5.º — *Cêrca do Gama e dos Silveiras* — do sr. Gaspar Casimiro dos Santos Cruz.

—

Temos visto em differentes logares d'esta obra, que a ordem dos templarios foi supprimida em Portugal, em 1311, reinando D. Diniz — e que — em 1319, passaram a maior parte das suas propriedades e rendas, para o nova ordem de Christo, que D. Diniz instituira, para que os immensos bens dos templarios não fossem para Roma, como pretendiam os pontifices Clemente V e João XXII.

Não sei porque titulo, já a commenda de Alemquer — que comprehendia esta freguezia da Ventosa — não era dos templarios, no reinado de D. Sancho I, pois que este rei a deu a sua 3.ª filha, a infanta D Sancha, que a possuiu até ao seu fallecimento, que teve logar a 13 de março de 1229.

Esta senhora, que terminou os seus dias, freira professa, no mosteiro de Lorvão, era filha de D. Sancho I, e da rainha D. Dulce, filha de Raymundo Berengario, 5.º do nome, conde de Barcelona, e de sua mulher, D. Petronilla, rainha de Aragão.

D. Sancha, foi beatificada em 1705, pelo papa Clemente XI.

Vagou esta commenda para a corôa, em cuja posse esteve 24 annos, até que D. Affonso III a deu, em 1253, a sua 2.ª mulher, D. Brites, filha de D. Affonso X, de Castella.

D'esde então, ficou pertencendo o senhorio d'esta freguezia, á chamada *Casa das Rainhas*, até 1834, anno em que foi supprimida.

Associação protectora de meninas pobres

A sr.ª viscondessa de Chancelleiros, fundou n'esta freguezia, a 30 de junho de 1874, um bello estabelecimento de caridade, com a denominação que serve de epigraphe a este §., e de cuja direcção, é secretaria uma dama estrangeira, a senhora baroneza de Lebzeltern. Tem bastantes socios, de ambos os sexos, e foi construida logo uma casa para a escola.

Actos d'esta natureza, não se elogiam, porque não ha palavras condignas, que possam exprimir o seu merecimento. Permittisse a Divina Providencia, que os capitalistas tivessem o caridoso pensamento de estabelecerem eguaes casas.

A maior parte d'este artigo, foi extrahido do livro intitulado «Alemquer e seu concelho» do sr. Guilherme João Carlos Henriques — e o que vae d'aqui por diante, são apontamentos que teve a bondade de me enviar o ex.mo sr. Joaquim Maximo Lopes de Carvalho. N'estes apontamentos, notam-se differenças nos nomes de alguns cavalheiros, e de algumas quintas. Lá deslindem isto, os dous escriptores.

«Segundo a tradição, o nome da aldeia da Labrujeira deriva-se do seguinte — Havia, onde hoje existe esta aldeia, um só casal, cujo casaleiro dizia a quem por alli passava, e lhe perguntava a sua occupação — *Lavro geiras.*»

Com perdão do sr. Carvalho, direi que isto é uma das taes etymologias muito vulga-

res que o nosso povo costuma arranjar.

Ha em Portugal trez freguezias e varias povoações, serras e outros sitios, com o nome de *Labruja, Labrugia, Labrujeira Labrujó.* Todos estes nomes se derivam do adjectivo *Labrusco*, que significa, *agreste, bravio*, ou *inculto*—e aquelles nomes vêem a significar—sitio agreste; inculto, ou mal cultivado; que tambem se póde entender por *charneca.*

«Ha na Labrujeira, uma bonita ermida de Santo Antonio, onde se fazem tres festas annuaes, e alli se diz missa em todos os domingos e dias santificados, paga pelo povo.

«Tem mais, este logar, duas ermidas particulares — uma, dedicada a *N. Senhora das Dores*, na casa em que reside o sr. João Eduardo Nobre Freire — outra, de *N. Senhora da Assumpção*, na *quinta do Coêlho*, da sr.ª D. Marianna Josefa Perestrello da Costa e Cruz.

«Ha n'este logar, tres quintas. —

«1.ª, e principal, é do sr. Joaquim Maximo Lopes de Carvalho, e chama-se *Quinta do Valle.* (O seu proprietario, é um cavalheiro muito intelligente, e que por cinco annos exerceu o logar de director da quinta regional de Cintra.)

«2.ª — A dita *Quinta do Coelho*, cujo nome lhe provem, por ter sido construida por Antonio Coelho da Gama, em 1561. Já disse a quem pertence.

«3.ª — *Quinta de Santo Antonio*, do sr. José Ferreira d'Azevedo.

«Ha aqui duas pontes — uma na estrada que vae da Labrujeira para Olhalvo, chamada, *da Prezada*, que foi construida á custa do dito sr. Lopes de Carvalho, e do sr. Manoel Joaquim d'Azevedo — outra, na estrada que vae para a Atalaia, chamada, *do Ferreiro.* Foi construida tambem á custa do sr. Lopes de Carvalho.

«Soffreu muito esta aldeia, com a invasão franceza, porque os jacobinos destruiram muitas cearas, e incendiaram grande numero de casas.

«O seu terreno é muito fertil, e produz magnifico vinho.

VENTOSA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, 50 kilometros ao N. de Lisbôa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 275.

Orago, S. Mamede. Patriarchado e districto administrativo de Lisbôa.

O prior da freguezia de S. Thiago, de Torres Vedras, apresentava o cura, que tinha, 64 alqueires de trigo, 30 almudes de vinho, e 7$000 reis em dinheiro — segundo o *Port. Sacro*; mas a verdade é, que o cura, tinha 64 alqueires de trigo, 120 de cevada, 30 almudes de vinho, e 57$000 em dinheiro. (*Descrip. hist. e econ. da villa e termo de Torres-Vedras*, pag. 103, nota C.)

A egreja matriz, é muito antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi construida. E' de trez naves, sustentadas por columnas muito bem lavradas. Tem altar-mór, e seis lateraes, no corpo da egreja.

Ha no districto d'esta freguezia, duas ermidas; mas a citada obra, não declara a quem são dedicadas.

Terra muito fertil, rica e prospera, como acabamos de ver do seu numero de fogos, que, em 114 annos, quasi tem duplicado.

No dia 21 de agosto de 1808, teve logar a batalha e gloriosa victoria do *Vimieiro*, ou *Vimeiro.* (Vide *Torres Vedras*, e *Vimieiro.*) O jacobino Crenier, brigadeiro de Buonaparte, com a sua brigada, se fez forte, em um *viso*, d'esta freguezia; mas não pôde resistir ao arrojo indomavel do exercito luso-anglo, que atacou os francezes, á *bayoneta callada*, pondo-os em completa derrota.

No mesmo dia, e quasi á mesma hora, foi derrotado outro brigadeiro jacobino — Solignac — (vide Alcoentre, e no 7.º vol, pag. 355, col. 2.ª) na estrada da Lourinhan, pouco distante d'esta freguezia.

VENTOSA—freguezia, Alemtejo, bispado, comarca, concelho, e 9 kilometros de Elvas, 180 ao E. de Lisbôa.

Em 1768, tinha 62 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Ventosa, districto administrativo de Portalegre.

A mitra, apresentava o cura, que tinha

220 alqueires de trigo e 100 de cevada, de rendimento annual.

E' terra muito fertil, sobretudo, em cereaes. Gado e caça.

Esta freguezia, foi supprimida no fim do seculo passado, ou principio d'este, e não sei a qual se annexou.

VENTOSA DO BAIRRO — freguezia, (foi villa) comarca da Anadía, concelho e 4 kilometros ao N. O. da Mealhada (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Cantanhêde.) 36 ao N. O. de Coímbra, 220 ao N. de Lisbôa, 260 fogos.

Em 1768, tinha 154.

Orago, N. Senhora da Assumpção. Bispado de Coimbra, districto administrativo de Avéiro.

O papa, o bispo-conde, e o prior do Salvador, de Coimbra, apresentavam alternativamente o prior (com quatro mezes cada um!) que tinha 400$000 reis de rendimento annual.

E' terra fertil, em todos os fructos do nosso clima, e o seu vinho já pertence ao classificado como *vinho da Bairrada.*

E' povoação antiquissima, talvez do tempo dos romanos, e com certeza, já era habitada no tempo dos gôdos.

Cahindo este territorio, como toda a nossa Peninsula, em poder dos árabes, desde 713 até 716, assim esteve, até 750, em cujo anno, D. Affonso I.º, de Leão, ajudado por seu irmão D. Frucio, entrou na Lusitania por Traz-os-Montes, recuperando Braga, Chaves, Viseu, Agueda, e a parte septentrional da Bairrada, que em breve tornou a cahir em poder dos mouros.

Pelos annos de 840, D. Affonso III, *o Casto*, de Leão, deu á Sé de Compostella, uma vasta extensão de territorio na Bairrada, e as povoações de *Viaster* (Veadores) com sua egreja — *Creixomir* (Treixomil?) — aldeia e egreja de S. Lourenço, perto do Cértoma (São Lourenço do Bairro?) — e o terço da aldeia de Travazólo (Travassô?) entre o Agueda e o Vouga.

D. Fernando, *o Magno*, rei de Castella e Leão, tomou Coimbra aos mouros, em 1064.

(Para evitarmos repetições, é preciso ver, *Coimbra, Lorvão, Monte-Mór Velho.*)

Em 1065, o mesmo D. Fernando Magno, confirmou a doação que D. Affonso, *o Casto*, havia feito á Sé de Compostella, dizendo na respectiva carta, que resgatára pouco antes este territorio, do poder dos serracenos.

Por este tempo, varios senhores e mosteiros, fizeram justificação da propriedade de bens que tinham possuido antes da restauração, para que, pelo *direito de conquista*, não fossem essas propriedades cahir ás mãos dos conquistadores, ou ao fisco.

Foi então, que o mosteiro de Vaccariça, provou pertencerem-lhe as povoações de *Moçárros*, com a sua egreja—*Villar de Correixe*, com a sua egreja — *Sangalhos* — *Barrô* (da Aguada?), com a sua egreja—*Morangaus* (Morangal?) — *Tamengos* — *Horta* — *Ventosa*, (esta) — *Cepins*, e outras mais. (Vide *Monsarros*, ou *Villa Nova de Monsarós.*)

Pelos annos de 1112, se levantou, entre o bispo de Coimbra, D. Gonçalo, e tres frades da Vaccariça, uma renhida questão, sobre a propriedade do padroado d'esta egreja da Ventosa. Transigiram a final, e por uma composição, o bispo, emprazou aos tres frades, em sua vida, e mediante a decima parte do rendimento para a mitra, o tal padroado: o que só teria effeito durante a vida dos taes frades, vagando para a Sé, por morte do ultimo.

VENTOCELLES—aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia da Granja, concelho das Boticas. (Vide a 3.ª Granja, da 1.ª col., da pag. 319, do 3.º volume.)

Fica 18 kilometros ao S. de Montalegre, a cuja comarca pertence, e 3 a E. das Boticas. Pertencia á commenda de Eiró, cujos dizimos rendiam 230$000 réis, e em fóros e propinas, 50$000 réis.

A freguezia da Granja, compõe-se apenas de duas povoações — *Granja*, séde da parochia — e esta de Ventocelles.

Na Granja, tem uma ermida particular, dedicada a Santa Barbara, e pertencente ao sr. Sebastião de Miranda, descendente da nobre e antiga casa do *Cerrado*, de Montalegre, d'onde é natural; (mas residente em Villa Pouca de Aguiar, por ser alli secretario da camara municipal) e a sua irmã, a sr.ª D. Maria Ignacia, residente em Braga, e viuva

do doutor Thomaz d'Araujo Lobo, de Cabeceiras de Basto.

A freguezia, está situada na margem direita do rio *Térva*, e ao sul da *serra de Leiranco*, formando parte do valle, chamado *Ribeira de Térva.*

O seu terreno, abrigado do norte pela serra, e exposto ao meio dia, é, pela sua baixa e plana posição, e pela sua abundancia de aguas, que se despenham da serra, muito productivo, sobre tudo, em milho grôço, feijão, aboboras, hortaliças, vinho verde, fructas de varias qualidades, e castanhas.

José dos Santos Moura, abbade de Caires, e vigario da vara da comarca ecclesiastica de Amares.

VENTOZELLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 210 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 101 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção. (O *Portugal Sacro*, diz que é Nossa Senhora da Annunciação.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O padroado real, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de rendimento annual.

Pouco fertil. Gado e caça.

VENTOZELLO—Extensa, magnifica e fertil quinta, Beira Alta, na freguezia de Ervedosa, comarca e concelho de S. João da Pesqueira. (3.° vol., pag. 50, col. 1.°)

Fica sobre a margem esquerda do rio Douro, e é composta de vastos vinhêdos e mattas, que occupam muitos kilometros quadrados.

Pertence ao sr. Antonio Teixeira de Souza e Silva Alcoforado Magalhães e Lacerda, moço fidalgo, com exercicio na casa real e cavalleiro da ordem de Malta; conhecido, geralmente, pela denominação de *Fidalgo do Pôço*, de Lamego.

É filho 2.° do fallecido 1.° (e unico) visconde do Peso da Régua, Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, tenente general que foi, do exercito legitimista — e de D. Maria Antonia Thereza Clara Alcoforado de Carvalho e Napoles.

É neto paterno de Antonio Teixeira de Magalhães e Lacerda, fidalgo cavalleiro, e senhor dos mórgados da *Calçada* e *Celleiros* — e de sua mulher, D. Anna Thereza Pereira Pinto de Azevedo Sotto-Maior.

Neto materno do barão de Villa Pouca (d'Aguiar), Rodrigo de Souza da Silva Alcoforado, moço fidalgo com exercicio no paço, do conselho de sua magestade, alcaide-mór, commendador da ordem de Christo, e tenente general — e de D. Maria José de Carvalho e Napoles.

Casou com sua sobrinha, a sr.ª D. Maria dos Prazeres Carvalho e Napoles, filha de Manoel de Carvalho Rebello e Menezes, fidalgo da casa real e desembargador dos aggravos da Casa da Supplicação—e de D. Maria do Carmo de Souza Teixeira de Carvalho e Napoles. Neta paterna de Diogo Lopes de Carvalho, fidalgo da casa real — e de D. Catharina Thereza de Vasconcellos Abreu e Mello: e materna dos ditos viscondes do Peso da Régua.

O sr. Antonio Teixeira de Souza (*o Fidalgo do Pôço*), tem quatro filhos e duas filhas, que são, os srs:

1.° — *Manoel de Carvalho Rebello*, viuvo de D. Maria da Purificação Cirne, da nobilissima casa dos Cirnes, do Pôço das Patas, da cidade do Porto. É formado em direito, pela Universidade de Coimbra, e advogado nos audictorios da dita cidade do Porto.

2.° — *Antonio Alfredo de Carvalho Teixeira*, formado em direito, pela Universidade de Coimbra, e advogado em Lisboa—solteiro.

3.° — *Diogo Ruy Lopes de Carvalho*, solteiro, residente no palacete de seus paes, em Lamego.

4.° — *Francisco Teixeira*, tambem solteiro, residente no mesmo palacete.

5.° — *D. Maria do Carmo de Carvalho Teixeira Mimoso*, viuva de Bernardo Mimoso da Costa Pereira Alpoim, coronel de voluntarios realistas de Lamego, com exercicio no batalhão de caçadores n.° 7, convencionado em Evora-Monte.

6.° — *D. Philomena*, casada com um filho do sr. João Baptista Pereira da Rocha, feito 2.° visconde d'Alpendurada, a 9 de agosto

de 1865, e 1.º conde do mesmo titulo, a 28 de maio de 1882.

—

O *Fidalgo do Pôço*, foi coronel das milicias de Lamego até 1834, e pertence ao partido legitimista. É cavalheiro de nobilissimo caracter, e por isso, é estimado e respeitado por todos quantos o conhecem, qualquer que seja o partido a que pertençam.

VÉR—antigamente VEER—julgo ser corrupção do substantivo germanico *Wehr*, que quer dizer — *Guerra*. Talvez que os gôdos tivessem qualquer batalha com os lusitanos, em algum dos logares assim chamados, e lhe pozessem aquelle nome.

See, é tambem um substantivo germanico, que significa *lago*, ou *pequeno mar* — e tambem *agua*. É provavel que a palavra *Sevêr*, que teem algumas das nossas povoações, provenha da juncção das palavras *See* e *Wehr*, que vem a ser—*Batalha nas Aguas* (ou proximo de algum rio) ou *Batalha das Aguas* — que tambem se póde entender por *Aguas Turbulentas*.

Parece que *Veer*, foi appellido em Portugal porque na *charóla* da Sé de Lisboa, está uma campa com a seguinte inscripção:

AQUI JAZ PERO ESTEVES DE VEER,
ESCRIVÃO DO CONDE D. MARTIM GIL,
E MORREU, SEIS DIAS ANDADOS DE MARÇO,
ERA DE MIL DUZENTOS E QUARENTA E SETE.

—

Ha duas observações a fazer n'esta inscripção — a primeira é que, referindo-se á *era* de 1247, que é o *anno* 1209 de J.-C., a orthographia não é, com certeza, do seculo XIII — e devia ser gravada uns 300 annos depois — a segunda, é que — talvez que *Veer*, aqui, não designe appellido, mas logar da naturalidade do individuo sepultado. N'este caso, o homem era da aldeia de *Vér* — a seguinte — porque a freguezia de *Vêr* (S. João de) da qual tambem logo vou tratar, nunca se escreveu com dois *ee* — porque então, vinha a ser *Vér*, e não *Vêr*.

VÉR, ou **VEER** — aldeia, Douro, na freguezia, e 2:500 metros ao N.E. de Escariz, no concelho de Arouca. (3.º vol., pag. 55, col. 1.ª)

Está esta aldeia situada em um valle, levemente ondulado, cercado de montes de pouca elevação, por todos os lados, menos pelo S.E., onde se eleva o notavel *monte do Castêllo*, onde se teem encontrado antiguidades romanas e pre-celtas. (2.º vol., pag. 168, col. 2.ª)

O territorio d'esta aldeia é bastante fertil, e abundante d'aguas, que descem do *monte do Curúto* (2.º vol., pag. 450, col. 2.ª) correndo-lhe tambem pelo S.E., o *ribeiro de Vér*, que divide os campos e mattos d'esta aldeia, do monte do Castêllo, e da freguezia de Mançôres.

É incontestavel, que este logar é povoado desde os tempos pre-historicos, pois que proximo a elle (ao O.N.O.) ha varias *mâmoas*, e no monte de *Borralhoso*, que tambem lhe fica proximo, mas ao N.O., existe um dolmen. Vide *Borralhoso*.

Ha aqui uma antiquissima ermida, dedicada ao archanjo São Miguel, ao qual se faz todos os annos, no seu dia (29 de setembro) uma bonita festa, vindo a procissão da egreja matriz.

Esta aldeia, é tristemente celebre, pelo facto seguinte:

Durante o reinado do sr. D. Miguel, era escrivão e tabellião do julgado de Fermêdo (ao qual a freguezia de Escariz pertenceu até 24 de outubro de 1855) *Antonio Joaquim Pinheiro de Castro* (*o Giesta*) que não era natural d'este concelho.

Até ao fim do anno de 1833, foi um furibundo realista, perseguindo todos os proprietarios, *que o não compravam*, chamando-lhes *malhados*, extorquindo-lhes grande numero de carradas de milho, e de forragens, sob colôr de irem para o exercito realista que cercava o Porto; mas ficando com mais de metade d'estes generos.

Os lavradores que lhe não davam promptamente tudo quanto o *Giesta* exigia, eram maltratados com pancadas e prêsos.

Note-se que um irmão d'elle, cujo nome ignoro, official de ordenanças, e conhecido pela designação de *Capitão Giesta*, foi empregado pelo governo realista, no deposito dos carros e bagagens, em Villa Nova de

Gaia, durante o cêrco, e taes *habilidades* praticou, que foi d'alli expulso, e demittido de capitão da *Bicha*.

Tornemos ao tal Pinheiro.

Quando no principio do anno de 1834, viu o caso mal parado, e que os liberaes tinham toda a probabilidade de ficar vencedores, agremia uns 50 vádios e ratoneiros (os mesmos que até alli lhe tinham ajudado a roubar os lavradores), e fórma com elles uma guerrilha, a que dá o titulo de *Companhia Franca de Fermêdo*, e foi apresentar-se aos liberaes — quando já não precisavam d'elle, e aos quaes nunca prestou o minimo serviço, e só serviu para lhes desacreditar o partido —A sua primeira façanha em Villa Nova de Gaia, foi arrombar as casas dos proprietarios (quasi todos liberaes) que as tinham abandonado por causa da guerra, e roubar-lhes todos os moveis e roupas que encontrou e lhe faziam conta, e mandar parte d'esses objectos para casa, e o resto vendel-o descaradamente, em leilão, como *cousa conquistada*, e sob o falsissimo pretexto de pertencerem a realistas.

Covarde, como todos os malvados, e apezar de ainda haverem varios combates entre realistas e liberaes, até abril de 1834, por aquellas terras, nem elle, nem os seus, entraram em nenhum, pondo-se, sempre a tempo, fóra do alcance das balas.

Finalmente, no fim de maio de 1834, terminou a guerra civil. O Pinheiro e a sua quadrilha, vieram para Fermêdo, e principiou n'esta desgraçada terra o *reinado do terrôr*. Os assassinatos, os roubos e as desordens de toda a casta, tudo se praticava com a maior impunidade, e nem — ao menos *pró* fórma — se procedia a autos de corpo de delicto. As auctoridades, se ostensivamente não animavam os malvados, o faziam em segredo (muitas vezes bem transparente) e não punham cobro a tão grande numero de atrocidades.

Este estado de cousas, durou tres longos annos, e só terminou pela causa seguinte:

Em Cabeçaes, pequena e insignificante villa, capital do concelho (hoje supprimido) de Fermêdo, ha, de tempos immemoriaes, um grande mercado, nos dias 13 de cada mez' mas nenhum dos habitantes das freguezias circumvisinhas (a não serem os de Milheiroz de Poiares, porque uma grande parte da quadrilha do Pinheiro, era d'esta freguezia) vinham a semelhante mercado, porque, com razão, temiam ser espancados, roubados ou mortos por aquella alcateia de assassinos e ladrões. Mas tambem ninguem da freguezia do Fermêdo (mesmo lavradores inoffensivos e declarados realistas — que eram a maxima parte d'elles), se atrevia a hir tratar dos seus negocios a outras feiras, porque o povo os considerava a todos malvados, e, á voz terrivel de, SÃO DE CABEÇAES!, eram furiosamente espancados, se não podiam fugir a tempo. Era o caso de se dizer: — *Pagar o justo pelo peccador.*

Já se vê, que este estado de cousas não era favoravel ao povo de outras freguezias, que precisava fazer as suas transacções (sobretudo, em gado bovino e têas de linho) na feira de Cabeçaes; e era desastroso para a freguezia de Fermêdo.

Até as outras sete freguezias do concelho, estavam contra a de Fermêdo! Vide a 1.ª *Villa Sêcca.*

Finalmente — alguns individuos (e eu fui um d'elles) resolveram pôr fim a estas desgraçadas desordens, o que conseguiram, depois de muitas conferencias e combinações entre ambas as partes. D'alli em diante, houve mais socego.

—

Quando o tal Pinheiro veio do Porto, com a sua alcateia, em maio de 1834, vivia em Vér, d'onde era natural, um alfaiate, chamado José Joaquim, muito valente, e de maus figados, que tinha sido cabo de ordenanças.

Este homem, era uma boa acquisição para a quadrilha, pelo que o Pinheiro o *mandou intimar*, para hir a Cabeçaes receber armamento e correame, e *sentar praça* (!) na chamada *Companhia franca;* mas o alfaiate respondeu ao *citote*: — «Diga ao Pinheiro, que eu não quero ser soldado de uma companhia de matadores e ladrões.» — O Pinheiro tornou a mandal-o avisar, para que viesse *sentar praça*, aliás que o mandaria assassi-

nar. O alfaiate, respondeu ao portador: — «Diga a esse patife, que antes d'elle me mandar matar, o mato eu a elle.»

Desde então, a morte do alfaiate ficou terminantemente *decretada.*

Mas o alfaiate, não se aterra: foge de casa, é verdade, mas andava sempre bem armado.

Principiou a *montaria,* a que a victima escapou por muitas vezes. Uma noite, que elle estava em uma taberna, sem desconfiança, e não tendo a espingarda ao alcance da mão, um dos espiões do Pinheiro, amigo fingido do alfaiate, se atirou a elle, á *falsa fé,* dando-lhe a voz de preso; mas o alfaiate, que tinha uma força herculea, solta-se do espião, e tirando um punhal do bolso, lh'o crava tão profundamente na cabeça, que a morte foi instantanea.

A raiva do Pinheiro, subiu ao ultimo ponto com a morte do seu emissario, e empregou todos os meios de que pôde dispôr, para haver ás mãos o alfaiate; mas este conseguiu por muito tempo escapar das ciladas dos seus perseguidores.

Decorrem alguns mezes, até que José Joaquim, atraiçoado por um taberneiro, é surprehendido em casa d'este, no principio da NOITE DE *13* PARA *14* DE ABRIL, de 1837 (peço aos meus leitores que fixem bem esta data na memoria) pelo Pinheiro, acompanhado de uns QUARENTA scelerados.

O alfaiate é agarrado por grande parte d'estes malvados, que lhe prendem os braços atraz das costas, e o levam, ora de pé, ora arrastado, para uma taberna, da aldeia do Cruzeiro d'Escariz, onde se põem todos a beber, na mais completa orgía, gabando-se da sua *heroica façanha.*

O Pinheiro, offerecia vinho á sua victima, dizendo-lhe: — «Come e bebe o que quizeres; aos sentenciados á morte dá-se-lhes o que elles querem, e tu vaes já ser fuzilado.»

O taberneiro, que era um bom homem, e sua mulher, deitaram-se aos pés do capataz d'aquelles canibaes, pedindo lhe o perdão (*o perdão!...*) do desgraçado, mas só tiveram como resposta, a ameaça de lhes fazerem o mesmo.

D'alli, arrastaram o infeliz para o souto de sobreiros, onde se faz a feira da villa de Cabeçaes, e mandaram ajoelhar o alfaiate; mas este respondeu: — «Eu só ajoelho a Deus e á Virgem Maria: não ajoelho a ladrões e matadores.» — Os malvados, recuam alguns passos, e lhe dão uma descarga, ferindo-o em varias partes. A victima cáe então de joelhos, e diz-lhes: — «Ah, cães, que ainda me não matastes!» — Então o Pinheiro carrega novamente a espingarda, e chegando-se ao pé do alfaiate, lhe dá um tiro, atravessando-lhe os ouvidos!!! — ERAM 11 HORAS DA NOITE.

Praticado este acto de ferocidade, e da mais ignobil cobardia, deixam ficar a victima, e foram para uma taberna da villa, gabar-se d'aquelle assassinato, e contando, entre gargalhadas, todas as peripecias da prisão e morte do infeliz.

Na fórma do costume d'aquelles tempos de horrivel memoria, nem o juiz, nem o administrador do concelho (então chamava-se provedor) nem outra qualquer auctoridade, quiz saber d'aquelle crime, que julgaram a cousa mais natural d'este mundo!

Pelo meio dia de 14, o abbade da freguezia, foi com algumas pessoas que levavam o esquife, para sepultar o desgraçado; mas o Pinheiro, *que era genro do abbade,* e a sua malta, correram o parocho e os seus, e *o cadaver esteve todo o dia, é a maior parte da noite estendido de bruços, insepulto, e exposto ao escarneo e insulto dos seus assassinos.* (Ainda peço aos meus leitores, que reparem bem n'estas circumstancias.)

Só na madrugada do dia 15, é que o abbade, e alguns homens corajosos, foram, em segredo, buscar o cadaver, e dar-lhe sepultura christan.

—

São passados 9 annos, e rebenta a revolução chamada da *Maria da Fonte.*

O Pinheiro, vê que torna o tempo do seu antigo *reinado,* e declara-se *patuleia!* Já se sabe—fez tão bons serviços á *Junta,* em 1846 e 1847, como tinha feito aos liberaes em 1834 — desacreditando-a com as suas patifarias.

Todos os ricos de avançada edade, eram (segundo o Pinheiro) *cabralistas* — e lhes exigia, *sob pena de morte,* avultadas quantias, *para fardar, armar, e equipar a sua*

tropa — quantias que embolsava com o mais requintado descaramento.

Aos lavradores que estavam em edade de poder pegar em armas, mandava-lhes pôr em casa, espingardas e correias, que a junta lhe tinha mandado. A pobre gente, hia ter com o *senhor capitão,* e comprava a dinheiro o direito de poder cuidar das suas terras.

Se não tinham dinheiro para dar, e recusavam pegar em armas, eram presos.

Um dia, passando eu pela villa, vi na cadeia, nada menos de 15 lavradores pacificos. Perguntei-lhes a causa da sua prisão, e soube que era por não quererem dar ao Pinheiro as quantias que elle exigia. Mandei chamar o carcereiro, e fiz pôr toda aquella gente na rua. Eu não tinha emprego nenhum, nem o minimo direito de dar ordens; mas tambem, que direito tinha o Pinheiro (que nem ao menos era cabo de policia) para mandar prender e soltar quem queria?

O Pinheiro, por isto, jurou fazer-me como tinha feito ao alfaiate de Vér; mas eu andava sempre bem armado e bem escoltado.

Note-se que o Pinheiro não trabalhava só *por sua conta.* Havia tres *figurões* tão bons como elle, mas ainda mais cobardes, que tudo punham e dispunham *de traz da cortina,* e o Pinheiro, *acceitava* com prazer, o papel de instrumento desprezivel d'elles, porque mettia no bolso todo o dinheiro que roubava.

Dois d'esses *figurões* (que eram irmãos) já morreram. O outro ainda vive — é um bacharel, e tão patife, que foi expulso de Agente do Ministerio Publico, por ladrão, e ainda tem (ha mais de 30 annos) duas querellas em aberto, na Relação do Porto, por os roubos que fez á fazenda publica e a particulares — querellas que um tio, conego da Sé do Porto (já fallecido) pôde abafar. Não nomeio este patife, em attenção a seus filhos, que são homens de bem.

Os reitores de *Escariz, Mançores,* e *Valle,* tres freguezias do então concelho de Fermêdo, que não quizeram dar ao Pinheiro as quantias que elle lhes exigia, e que, demais a mais, gritaram contra a ladroeira, foram presos, e remettidos para as cadeias da Relação, pelo crime (imaginario, bem entendido) de *cabralistas,* e nas ruas da cidade, por milagre escaparam de ser assassinados; mas não escaparam de grandes insultos. (Toda esta patifaria foi tramada pelos taes tres figurões, e executada pelo Pinheiro.)

Finalmente, por onze mezes, teve o concelho de Fermêdo, uma amostra de *republica,* na acepção que o povo dá a esta palavra.

Justiça de Deus

O Pinheiro, tinha casa em Cabeçaes, onde residia sua mulher e cinco filhas, todas já mulheres; mas nunca apparecia em sua casa, residindo na taberna de uma sua concubina.

Na noite de 22 para 23 de maio de 1849 (12 annos, e dez dias, hora por hora, depois do assassinio do alfaiate!) e a poucos passos do sitio onde o Pinheiro tinha perpetrado o crime, pelas 11 horas, recolhia-se o Pinheiro á taberna da amazia, quando dois tiros quebravam o silencio de uma bella noite de maio, e quatro balas de fusil, vararam o corpo do malvado, deixando-o instantaneamente morto, sem poder dizer mais uma unica palavra, e apenas deu um ronco medonho.

Ao estrondo dos tiros, acordaram os visinhos, houve gritos d'*aqui d'el rei,* gritou a amante do Pinheiro, gritaram a mulher e as filhas d'elle, e houve grande balburdia. A mulher quiz levar o cadaver para sua casa, mas o regedor de parochia, oppôz-se, dizendo que se não podia mexer no cadaver, an-

tes de se proceder a auto de exame e corpo de delicto.

Eu estava nomeado Sub-Delegado do Procurador Regio, desde 11 de janeiro. O juiz, mandou a minha casa um official de diligencias, *avisar-me* para me apresentar na villa, para se proceder ao auto de corpo de delicto. — Eu respondi, que ainda não tinha prestado juramento, nem tomado posse — o que era verdade. Em hidas e vindas, do tribunal para minha casa, e d'esta para o tribunal, recusando-me eu sempre á exigencia do juiz, passou todo o dia 24, e o cadaver esteve todo aquelle tempo, *deitado de bruços, atravessado na estrada,* [1] *exactamente como estivera o alfaiate.*

A' noite, o juiz, com um Agente do Ministerio Publico, que elle nomeou *ad hoc*, procedeu ao auto. Mas ninguem tinha visto, nem havia o menor indicio, e ninguem ficou culpado.

Os assassinos, eram dois malvados que tinham sido da sua quadrilha; e um d'elles, até era primo da mulher do Pinheiro, que pela manhã se apresentou no logar do crime, a ajudar a fazer a choradeira, e até a viuva o fez seu procurador; mas, como era de esperar, o crime ficou impune, por absoluta falta de provas.

Os *responsos* que teve o Pinheiro, em todo o tempo que esteve estendido na rua, foram semelhantes aos que elle e os seus haviam feito ao alfaiate; apenas com a differença de que, á excepção da familia, ninguem via n'aquelle assassinato, senão o cadaver de um ladrão e assassino; e todos se regosijavam de ver a terra livre de semelhante patife.

Esqueceu-me dizer que, emquanto eu não tomava posse, exercia o meu logar, um Sub-Delegado interino, que se escondeu para não assistir ao auto.

Os cirurgiões, tambem não appareciam, e o auto teve de ser feito com a assistencia de dois curandeiros.

Um dos assassinos, tinha perpetrado outro crime de morte, dois annos antes (em junho de 1847) e andava á solta, sem processo; mas, quando eu tomei posse, despresando todas as ameaças de morte feitas por elle e os seus, consegui prendel-o, querellar d'elle, e dar o competente libello accusatorio. Foi julgado, e sentenciado a degredo perpêtuo para a costa occidental da Africa, mas chegando a Angola, só viveu 11 dias. Depois de estar sentenciado, e vendo que o castigo não podia ser aggravado, é que declarou que tinha ajudado a assassinar o Pinheiro.

Já me não lembra o nome d'este malvado, só me lembra que tinha a alcunha de *Girio.*

Foi elle que contou, a quem o queria ouvir, como ajudou a matar o Pinheiro. «Dêmos os tiros ao mesmo tempo (dizia elle) e tão certos, que eu disse ao *José da Anna* (o tal primo da mulher do Pinheiro) — a tua espingarda não pegou! — Elle teimava que sim, e, com effeito, examinámos as duas espingardas, e ambas estavam descarregadas e ainda quentes.»

O *José da Anna*, ainda vive (setembro de 1882) mas muito velho, muito doente e muito miseravel, despresado e odiado por todos quantos o conhecem.

—

Desde que mataram o Pinheiro — e como vimos — ha já mais de 33 annos, não tornou a haver em todas as sete freguezias que constituem o antigo concelho de Fermêdo, nem um unico assassinato — o que era frequente, em quanto aquelle diabo foi vivo, pois era o promotor e instigador de todas as desordens que alli aconteciam.

Terminarei este, já bastante longo artigo, fallando de mim. Não é por vangloria, mas para completar este quadro de horrores.

Tomei posse do logar de Sub-Delegado do Procurador Regio, em junho de 1849, e declarei immediatamente guerra sem tréguas, a todos os assassinos e ladrões do meu julgado. Elles, juraram assassinar-me, e por duas vezes o pretenderam fazer, disparando-me tiros; mas Deus protegeu-me, e eu

---

[1] Deram-lhe os tiros, quando elle, da rua, chamava a taberneira, para lhe abrir a porta. Os tiros, foram dados de um quintal fronteiro, e elle cahiu de bruços, com a cara virada para a porta, e os pés para o meio da rua.

consegui exterminar os que ainda restavam. (Porque, antes d'isso, já alguns tinham morrido ás mãos dos seus proprios cumplices.)

Ainda a justiça divina.

Um dos mais crueis sicarios do Pinheiro, e que pôde escapar ao castigo dos homens, não escapou ao castigo de Deus. — Os ultimos dez ou doze annos, da sua triste vida, passou-os cégo, desgraçado, tratado com desprêzo por todos, e abandonado das suas tres filhas, que o deixaram morrer ao desamparo, e na mais horrivel miseria!

—

Repito aqui, o que disse nos artigos, *Valença do Douro*, e *Varzea da Candosa*.—Ainda que os leitores da actualidade se desgostem á vista de quadros tão repugnantes, é preciso que as gerações por vir, saibam o que se passou em Portugal no 2.º quartel (e ainda no principio do 3.º) do seculo XIX.

Aqui não ha politica, ha apenas a simples narração de factos, que por tantos annos enlutaram os corações de todos os bons portuguezes, qualquer que fosse a sua opinião em politica. Liberaes sinceros, gritaram bem alto, e por varias vezes, nas duas casas do senado legislativo, contra tantos crimes, e contra a protecção e impunidade, que os malvados achavam nas respectivas auctoridades. Entre os cavalheiros que mais se distinguiram n'esta santa cruzada da civilisação, mencionarei—os deputados Macario de Castro, e Franzini, e o par, conde da Taipa. Ainda mais alguns pares e deputados, fallaram a este respeito, mas não me lembro agora dos seus nomes.

VÊR—(S. João de)—Já tratei d'esta freguezia, do Douro, no concelho da Feira, a paginas 418, col. 1.ª, do 3.º volume; mas, sendo-me moralmente impossivel deixar passar, sem honrosa mensão, factos que enobrecem os filhos d'esta terra, copio aqui o *communicado*, que o Rev.^mo Sr. Manoel dos Santos Loureiro, dignissimo abbade d'esta freguezia, fez publicar, no n.º 1047, do jornal *A Palavra*, de 28 de janeiro de 1876.—É o seguinte:

Communicado

N'uma época em que a imprensa periodica adquiriu um desenvolvimento e importancia extraordinarios, e em que por isso todas as cousas, quer boas quer más, são trazidas a lume, corre a todo o homem de consciencia o dever de não deixar no esquecimento aquellas acções que, pelo seu valor, engrandecem quem as pratica, e são incitamento e exemplo para todos os corações generosos.

No numero d'estas, entra sem duvida a que ha pouco praticou o ex.^mo sr. Antonio Ferreira da Silva, e que passo a narrar.

Tendo vindo ha mezes este senhor, do imperio do Brazil, a dar um passeio pela Europa e visitar seus bons paes, que moram no logar de Albergaria, d'esta freguezia de S. João de Ver, e tendo assistido por essa occasião a um baptisado, prometteu arranjar para a sua egreja um conto de réis fraco, por meio de subscripção, uma parte do qual seria para a acquisição d'um palio novo, e outra para ser applicada em obras e embellesamentos de que a mesma egreja carece. Não se esqueceu o sr. Antonio Ferreira da Silva da sua promessa, antes foi muito além do que tinha promettido, porquanto sem pedir cousa alguma, e do seu bolso, acaba de mandar do imperio do Brazil, a quantia de 510$000 réis, fortes, para ser applicada na fórma supra-indicada.

Acções d'estas exaltam quem as pratica e são boa prova de respeito pela casa do Senhor, pois é o templo o palacio do Deus vivo, onde elle quer receber as adorações e sacrificios do seu povo. «Eu escolhi e sanctifiquei este logar—dizia o mesmo Deus ao rei Salomão, depois de completa a fabrica d'aquelle grande templo de Jerusalem, o mais rico e maravilhoso que jámais ha visto o mundo—afim de que o meu nome ahi seja sempre glorificado, afim de que os meus olhos e o meu coração ahi permaneçam sempre para receberem com agrado as adorações do meu povo.»

Em vista d'isto, facil será comprehender a gratidão que, tanto a mim como aos meus parochianos, nos trasborda do coração e se acha indelevelmente gravada em nossas almas pelo beneficio que recebemos do ex.^mo sr. Antonio Ferreira da Silva, que, entregue ao labutar commercial nas longinquas pla-

gas de Sancta Cruz, não se esquece da humilde egreja da terra que o viu nascer. Fique pois bem patente o nosso eterno reconhecimento pelo generoso bemfeitor e consigne-se o seu nome para exemplo e edificação dos seus compatriotas, e n'este empenho me auxiliará v., sr. redactor, dando publicidade no seu jornal a estas despretenciosas mas sinceras phrases.

Residencia de S. João de Vêr, 8 de janeiro de 1876.

Manoel dos Santos Loureiro.

VERA CRUZ—ou OUTEIRO DA FORCA— monte, Beira Baixa, proximo á villa de Gouveia.

Em tempos antigos, foi n'este outeiro construida uma fôrca, onde eram justiçados os criminosos.

Hoje, vê-se alli uma ermida, dedicada a *Nossa Senhora da Vera-Cruz*, e que deu o nome moderno a este outeiro. [1]

Deu causa á construcção d'esta ermida, o facto seguinte:

Pelos fins do seculo XV, ou principios do XVI, uns judeus que então residiam na villa, roubaram, de noite, da egreja matriz de São Pedro, uma imagem da Santissima Virgem, e a dependuraram na fôrca d'este outeiro.

No dia seguinte, o povo, afflicto e aterrado, viu este sacrilego espectaculo, e accudindo o parocho de São Pedro, foi a Santa Imagem tirada d'aquelle logar, e levada em procissão, para a egreja d'onde tinha sido roubada. [2]

O povo, não contente com isto, tratou logo de construir á Senhora, junto ao logar do desacato, uma bonita ermida, onde foi collocada a santa imagem, sob a denominação de *Nossa Senhora da Vera Cruz*, porque a ermida foi edificada junto á fôrca, que foi então transformada em uma Cruz, simbolo da nossa redempção, e que ainda existe.

O famoso padre Balthazar Telles, jesuita, diz na sua *Chronica da Companhia de Jesus*, parte 2.ª, livro 4.º, capitulo 43, que sob a protecção d'esta Senhora, se creára o apostolico varão, padre Ignacio Martins, natural de Gouveia, onde nasceu, pelos annos de 1512, e auctor da celebrada *Cartilha do Padre Ignacio*. Foi tambem jesuita, e distincto orador sagrado.

O Padre Ignacio, assistiu, desde menino, na ermida da Senhora da Vera Cruz, á qual em toda a vida teve grande devoção, procurando para o seu culto, obter valiosas esmolas, com que comprou ricos ornatos, frontaes e outras alfaias e paramentos.

O padre Alonso de Andrade, no tomo 5.º dos seus *Varões Illustres*, traz a vida do padre Ignacio, onde diz que esta casa da Senhora da Vera Cruz, era um dos grandes santuarios de Portugal.

A imagem d'esta Senhora, já quando estava na egreja matriz de S. Pedro, era objecto de um fervoroso culto, do povo de Gouveia e arredores.

Ainda existe, em bom estado, a ermida da *Senhora da Vera Cruz* — mais vulgarmente — da *Santa Cruz*, e n'ella se faz uma bonita solemnidade, no dia da *Invenção da Santa Cruz* (3 de maio).

Tem apenas o altar-mór, com retabulo de bella talha dourada, apezar de bastante antiga.

N'este altar, está a imagem de *Nossa Senhora das Boas Novas*.

Na rectaguarda do altar, é que está a tal cruz, feita com madeira da antiga fôrca. É de tábua, pintada a óleo. (Não consta que na fôrca do outeiro se enforcasse pessoa alguma.)

Vê-se pois que a ermida mudou de padroeiro, e que é agora dedicada á Santa Cruz, e a Nossa Senhora das Boas Novas.

---

[1] Tambem se diz — *Senhora da Santa Cruz*. A ermida está na raiz do *Monte da Fôrca* — tambem chamado *do Castello*, e na *praça da Biqueira* (na rua do mesmo nome) e já dentro da villa. Suppõe-se que no tal monte existiu um castello, mas não ha d'elle o minimo vestigio.

[2] O que frei Agostinho de Santa Maria (*Sant. Mar.*, tomo 4.º, pag. 507) nos não diz, é que castigo tiveram os taes sacrilegos judeus. Alexandre Herculano, no seu livro *Do Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, diz que quem enforcou a santa imagem, foram os *christãos velhos*, para attribuirem o crime aos judeus, que foram queimados vivos. Este escriptor porém, ora exagera, ora se engana em muitos logares d'aquelle livro, e por isso convém não acreditar em tudo.

Vimos que o povo dá ao *Monte da Fôrca*, tambem o nome de *Cabêço do Castello*. Não ha prova nenhuma (apenas méra supposição—como vimos) de que existisse aqui uma fortaleza de qualquer especie, nem por esta denominação se deve entender que aqui existiu; porque, todos sabem que os nossos avós, davam a um monte, proprio para a construcção de uma torre ou fortaleza, pela sua elevada posição, de facil defeza, a denominação de *Crasto*, ou *Castello*, como temos visto em varios logares d'esta obra.

VERA CRUZ DO MARMELAL—freguezia, Alemtejo, concelho de Portél, comarca de Evora (foi do mesmo concelho mas da comarca de Monsarás) 36 kilometros ao S. E. de Évora, 26 ao N. E. de Cuba, 39 ao N. E. de Beja, 28 ao O. da raia, 145 ao S. E. de Lisboa. 200 fogos.

Em 1768, tinha 115.

Orago, a Vera Cruz (ou Santa Cruz).

Arcebispado e districto administrativo d'Evora.

O commendador de Malta, apresentava o prior, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

É povoação muito antiga, mas não se sabe quando e por quem foi fundada. O que consta é que o nome antigo da actual villa de Portel, foi *Marmellar*, e que foi povoação mourisca, que abandonada pelos arabes, em 1170 a povoaram alguns portuguezes, dando-lhe o nome que hoje tem. Passados tempos, se separou da povoação do Portél, formando parochia independente.

Na chronica de D. Affonso III, diz-se que este monarcha, deu licença (em 1257) ao concelho d'Evora, para que podesse dar ao seu vassallo, D. João Pires d'Aboim, e a sua mulher D. Marinha Affonso, e a seus filhos, uma mui dilatada herdade — *onde já havia o mosteiro da Vera Cruz do Marmellar*. (Para evitarmos repetições, vide o que digo no 7.º vol., pag. 241, col. 2.ª) [1]

[1] Tem aqui logar uma reetificação — Não sei como no logar citado do 7.º vol. (talvez por distracção) disse que o grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, foi amigo e companheiro do *rei lavrador* (D. Diniz) quando todo o mundo sabe, que o foi de D. João I.

A egreja matriz, é um rico templo, que foi a egreja do antigo mosteiro.

Ainda aqui existe o soberbo palacio que foi dos bailios da ordem de Malta, senhores d'esta freguezia.

É terra fertil em todos os generos agricolas, e pevoação muito próspera.

Fazem-se aqui duas grandes feiras annuaes — uma, no 1.º de maio — outra, a 14 de setembro — ambas famosas em todo o Alemtejo, e concorridissimas.

Não confundir com *Marmellal*, ou *Marmellar*, que é outra freguezia, tambem do Alemtejo, mas do concelho da Vidigueira, comarca de Cuba no bispado de Beja.

VERAL — aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de *Fiães do Tamega*. (3.º vol., pag. 185, col. 1.ª).

Disse em Fiães do Tâmega, que esta freguezia não vinha na *Port. Sacro e Profano*, e é verdade. Nem podia vir, pois só foi creada 71 annos depois da publicação d'aquelle livro, isto é, em 1839, por influencia e a requerimento de Antonio Gonçalves, de Fiães do Tâmega, e de Francisco Gonçalves Sanches, do Veral.

Comprehende só estas duas aldeias — *Fiães*, foi então desmembrada da freguezia de *Curros* — e *Veral*, da de *Canêdo*.

Fica esta nova freguezia, 6 kilometros a S. O. da capital do seu concelho (*Boticas*) e 29 ao S. de Montalegre, a cuja comarca pertence.

O parocho, cuja dotação official é de 100$000 réis, tem obrigação de dizer missa — um dia sanctificado, em Fiães, outro em Veral, alternativamente.

Em Fiães, ha uma capella publica, de um só altar, dedicada a Santa Suzana.

Em Veral ha tambem a ermida publica, dedicada a São Martinho, bispo, com tres altares. É aqui que está o S. S. Sacramento, e serve de egreja parochial.

É a unica freguezia d'este reino, que tendo por orago Santa Maria, não tem egreja propria; por isso, o povo da aldeia do Veral, pretende que a sua capella de Santa Suzana, se denomine de Santa Maria.

Fica esta freguezia, situada em terreno accidentado — mesmo bastante montanhoso — na margem direita do Tâmega. É fertil em milho, centeio, vinho, azeite (de optima qualidade) castanhas, fructas de arvores silvestres — sobreiros e carvalhos — cortiça, carvão vegetal (na serra de Santa Comba) e outros generos agricolas.

Fabrica-se aqui, muita aguardente de medronhos, dos quaes ha grande abundancia na mencionada serra de Santa Comba. Ha tambem muitas colmeias.

VERÃO — (Santo) freguezia, Douro, comarca e concelho de Monte-Mór-Velho, bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mitra, apresentava o vigario, que tinha 120 mil réis de rendimento annual.

O seu actual orago, é S. Martinho, bispo — O antigo era *Santo Verão* (Varão) que deu o nome á villa.

Esta freguezia, em 1768, tinha 128 fogos.

É a actual freguezia de Santo Varão, que fica descripta no 8.º vol., pag. 612, col. 1.ª — Repeti-a aqui, por causa da má collocação que tem no *Port. Sacro* e *Profano*

VERDALLEIRA—grande quinta da Extremadura, na freguezia de Santo Estevam, da villa d'Alemquer.

«É formada de terras, algum tempo denominadas *da Companhia*, e é um exemplo de quanto o emprego judicioso de capital na agricultura, póde fazer; oxalá que este reino possuisse bastantes homens dotados dos sentimentos do proprietario d'esta quinta.

«Ainda em 1868, não havia n'este sitio senão terras mal cultivadas, ou incultas, sem uma casa ou arvore, nem mesmo um tapume que estorvasse o gado de estragar as mesquinhas cearas.

«Hoje mudou o quadro. Bellas vinhas, tudo tapado em redor, boa casa de habitação, adegas, olivaes novos; em fim, uma combinação do util e do agradavel; do bello e do productivo.»

(*Alemquer e seu concelho* — por G. J. Carlos Henriques, pag. 219.)

Parece-me que Verdalleira, é uma palavra composta — *Verdal-Leira* — isto é — *Leira Verde*.

VERDÊLHA — logar, Extremadura, na freguezia, de Alverca, comarca e concelho de Villa Franca ne Xira, e sobre a margem direita do Tejo — na circumscripção denominada *Riba-Tejo*.

A opulentissima casa dos conde de Farrobo, entre grande numero de vastas e riquissimas propriedades, que possuiam em varias localidades d'este reino, eram tambem senhores de uma grande marinha, denominada, do *Quintella* (appellido dos condes de Farrobo) n'este logar da Verdelha.

Esta marinha, foi penhorada aos condes, a requerimento de Adelbert Wellington Browunlow, conde de Browunlow e arrematada em praça, a 17 de julho de 1876. Andava arrendada por 100$000 réis annuaes. É hoje de Alfredo Gonçalves Franco.

VERDÊLHA—aldeia, Extremadura na freguezia de Via Longa, concelho dos Olivaes. (Vide *Romeira de Cima* e *Via-Longa*).

—

Junto ao logar de Verdelha, e a pouca distancia da povoação de *Via-Longa* (e no districto d'esta freguezia) está o mosteiro de Nossa Senhora do Amparo, um dos primeiros que teve a recoléta *provincia* de Santo Antonio, e por essa razão, denominado *Casa-Nova*.

Foi seu fundador (em 1550) o 1.º conde de Idanha Nova, D. Pedro d'Alcaçova Carneiro, vedor da fazenda, de D. João III, pela grande devoção que seu tio, D. Fernando d'Alcaçova, tinha dedicado á ordem dos recoletos de Santo Antonio (capuchos.)

Este mosteiro, tinha sido antigamente de observantes, que o abandonaram (não se sabe pelo que) de módo que o edificio estava em ruinas, quando o conde de Idanha Nova tomou posse d'elle, e teve de o reedificar, *á fundamentis*. Sobre o alpendre da nova egreja d'este mosteiro, está gravada a seguinte inscripção —

ESTE CONVENTO, DA ORDEM DE SÃO FRANCISCO, DA PROVINCIA DE SANTO ANTONIO. FUNDOU E ACABOU, DOM PEDRO DE ALCÁÇOVA CARNEIRO, CONDE E SENHOR DA IDANHA A NOVA, DO CONSELHO DE ESTADO, E VEADOR DA FAZENDA, POR MANDADO DE

DOM FERNANDO DE ALCÁÇOVA,
SEU TIO, IRMÃO DE SUA MÃE,
QUE O PERFILHOU NA HORA DA
MORTE, E O NOMEOU POR SEU
UNIVERSAL HERDEIRO. ANNO DE
1546.

Foi este fidalgo, senhor de quasi todas as terras circumferentes, e nomeadamente, da aldeia de Vardêlha, onde fundou em 1533, uma boa quinta, que depois passou (no principio do seculo XVIII) para Diogo de Souza e Vasconcellos, e sua mulher, Dona Mécia Maria de Távora. A data da fundação d'esta propriedade, consta de uma tarjêta que está em uma das hombreiras do portal que vae para a sala nobre.

Este Diogo de Souza e Vasconcellos e a dita sua mulher, são os progenitores dos condes, e depois marquezes, de Castello-Melhor. Esta quinta está hoje em grande decadencia, e a sua grande casa em ruinas.

No seculo passado, eram padroeiros do mosteiro, os filhos de Gonçalo da Costa Menezes, herdeiros da casa de D. Antonio de Alcaçova, descendente do fundador.

A festa de Nossa Senhora do Amparo, fazia-se — no tempo dos frades — a 2 de julho, dia da visitação da S. S. Virgem, a sua prima, Santa Izabel.

—

Sendo extinctas as ordens religiosas, em 1834, a fallecida condessa da Louzan, requereu a posse do mosteiro de N. Senhora do Amparo, como representante dos fundadores; mas o governo desattendeu-a; e, pondo a egreja, mosteiro e cêrca, em praça, foi vendido tudo a quem mais deu! É hoje propriedade de J. Francisco Moxo, da Verdêlha.

A egreja está profanada, e convertida em palheiro, o edificio do mosteiro, está transformado em abegoaria, deposito de cereaes, e outras officinas de lavoura. (Vide *Via Longa*). [1]

—

Consta que n'este logar da Verdelha, nasceu o famoso D. Frei Bartholomeu dos Martyres arcebispo de Braga. (4.º vol. pag. 325; col. 2.ª.) Ainda existe a casa em que nasceu este santo prelado.

VERDÊLHO — grande aldeia, Extremadura, na freguezia d'*Achête*. (1.º vol., pag. 23, col. 2.ª, no fim.)

É a principal povoação da freguezia, pois, tendo esta 400 fogos, [1] Verdêlho tem mais de 200. Em 1800, não havia aqui nem uma só casa. Era uma quinta, cujo dono morreu sem deixar herdeiros, ficando a propriedade abandonada, e em breve se tornou baldia. A camara municipal de Santarem, cedeu este terreno á freguezia de Achête, para o povoar. A junta de parochia, cedeu gratuitamente a todos quantos aqui quizessem vir morar, terreno para uma casa e quintal. Em menos de trinta annos, teem-se construido mais de 120 casas, terreas, todas com o seu competente quintal, e a povoação continúa crescendo consideravelmente. Já aqui passa um ramal da estrada que sáe da Póvoa de Gallégos.

—

Se os nossos governos tivessem attendido com mais criterio, e amor ás nossas cousas, já ha muito tempo tinham destruido todas as ridiculas formalidades e absurdas pêias, que difficultam a povoação e cultura dos vastos terrenos incultos, e inuteis, por improductivos, que occupam uma vastissima área no nosso continente, comprehendendo nada menos de QUATRO MILHÕES TREZENTOS E QUATORZE MIL HECTARES. (Vide 4.º vol., pag. 491, col. 1.ª e 2.ª) isto, sem comprehenderem 72:000 hectares de médões de areias na costa maritima — e 45:613 de terrenos encharcados, como tambem se póde vêr no logar citado do 4.º volume.

Se se tivesse facilitado a povoação e cultura dos nossos extensissimos baldios, pondo em execução a lei previdente de 1794 — se se tivesse promovido a plantação de eucaliptos, e outras arvores que crescem e prosperam na areia — se se tivesse procurado

[1] Na egreja d'este mosteiro, existia o Santo Crucifixo que o pae de Santo Antonio levava, quando hia para a forca.

[1] Quando descrevi esta freguezia no 1.º volume, disse — por mal informado — que ella tinha 296 fogos, quando a verdade é ter 400.

tornar enchutos todos os pantanos em que a despeza não excedesse muito o juro do dinheiro empregado n'essas obras — se, em vez de difficultar (quasi impossibilitar!) o aforamento dos baldios, se fizesse uma lei, que, mediante um pequeno fôro, facultasse ao povo, a cultura e a construcção de povoações n'esses vastos e inuteis desertos; o governo auferiria d'ahi um bom rendimento, e não veriamos sahirem annualmente tantos milhares de emigrantes, que, na maxima parte, vão fazer serviços pesadissimos e morrer de febre amarella, no Brazil, e de lepra nas ilhas de Sandwich. Em vez das esterelisadoras areias do litoral invadirem os campos das immediações, os arvoredos obstariam a essa invasão, como vemos nos pinheiraes de Leiria, Ovar, Camarido e outros. Os pantanos, em vez de serem fócos de miasmas deleterios de toda a qualidade, e a causa permanente de febres intermitentes, tornar-se-hiam feracissimos e salutiferos campos, produzindo toda a casta de cereaes e legumes; e o povo bemdiria o governo que tomasse tão acertadas providencias.

—

O verdadeiro nome da padroeira d'esta freguezia, é Nossa Senhora da Purificação (Candeias) e o patriarcha é que apresentava o vigario, que, segundo o *Port. Sacro*, tinha 40$000 réis de rendimento annual.

A *Hist. de Santarem edificada* (tomo 2.º, pag. 261, diz que é vigariaria, da apresentação do cabido da Sé Oriental (Lisboa) e era dada por concurso synodal — e tinha então (1739) 221 fogos — mas, em 1768, já tinha 275, segundo o *Port. Sacro.*

Diz a referida *Historia de Santarem*, que a freguezia de Achête, tem annexas as aldeias de *Fonte da Pedra*, *Comeiras*, *Dovagar*, *Dom Fernando* e *Verdêlho*. (Como vimos, Verdêlho, não era então verdadeiramente uma *aldeia*, mas uma *herdade*.)

VERDÊLHOS — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Covilhan (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Valhêlhas) 24 kilometros da Guarda, 265 ao E. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768, tinha 54.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O capitão mór de Gonçalo, apresentava o prior, collado, que tinha 160$000 réis de rendimento annual.

Clima excessivo, mas terra muito fertil em todos os fructos agricolas, e abundante de gado, colmeias, e caça, grossa e miuda.

VERDEMILHO — aldeia, Douro, na freguezia de Aradas, bispado,[1] districto administrativo, comarca, concelho, e 2 kilometros ao S. d'Aveiro.

Como o logar de Verdemilho é hoje o principal da freguezia, por estar proximo á nova egreja parochial, dá-se agora geralmente á freguezia, a denominação de *Verdemilho.*

O antigo nome d'esta aldeia, era *Villa de Milho*, e é este que lhe dão os foraes de Ilhavo (a cujo concelho então pertencia) tanto o que o rei D. Diniz lhe deu em Coimbra, a 13 de outubro de 1296, como o que lhe deu o rei D. Manoel, em Lisbôa, a 8 de março de 1514. Servia pois o foral d'Ilhavo tambem para a aldeia de *Sá*, e a esta da *Villa do Milho*, que em tempos antigos, foi julgado, e cabeça de um couto, supprimido ha mais de 200 annos.

Vimos no 1.º vol, pag. 225, col. 2.ª, que a pequena villa d'Arádas, teve foral, dado pelos conegos regrantes de Santa Cruz, de

---

[1] No momento que estou descrevendo esta aldeia (setembro da 1882) foram supprimidos em Portugal, cinco bispados, sendo Aveiro um dos que teve esta infeliz sorte, que deu um profundo golpe á cidade, e causou graves incommodos aos diocesanos, porque Aveiro era ponto muito central para o bispado, e os povos teem agora de precorrer longas distancias para as suas novas dioceses (Coimbra e Porto.) Mas... manda quem póde!... Os outros bispados supprimidos, foram — Castello Branco, Elvas, Leiria e Pinhel e priorado do Crato e a prelezia de Thomar.

Pela mesma razão que dei no 4.º vol., pag. 444, col. 1.ª, continúo a dar ás povoações os seus antigos bispados. No fim da obra, darei um mappa com a organisação dos novos bispados, assim como das comarcas supprimidas ou creadas de novo, durante esta publicação.

Coimbra, em 1219; e é por isso que os foraes d'Ilhavo não comprehendem esta villa.

Os cruzios a possuiram por doação que lhe fez d'ella, em 1181, o seu primeiro donatario, Jacob Mendes.

O antiquissimo concelho d'Aradas, foi supprimido por decreto de 6 de novembro de 1836.

Ainda ha poucos annos se viam as ruinas dos paços do concelho, onde hoje é a entrada da quinta do senhor Manoel José Ferreira do Amaral.

A primittiva egreja matriz d'Aradas, que, como vimos no logar citado do 1.º volume, já existia em 979, foi construida no tempo dos gôdos, e, apesar das frequentes reparações, estava bastante arruinada pela sua vetustez. Além d'isso, era situada no logar das *Ribas*, assim chamado, por estar junto a um dos ramaes da famosa *ria d'Aveiro*, e na extremidade da freguezia.

Em vista de todas estas circumstancias, o povo resolveu construir nova egreja matriz, em um ponto mais central, e foi escolhido o sitio do *Outeirinho do Bom Successo*, que fica no meio da freguezia e junto a Verdemilho, entre Aveiro e Ilhavo.

Esta freguezia é composta de quatro logares — *Arádas*, *Bom-Successo*, *Quinta do Picado*, e *Verdemilho*.

A actual egreja, que é um templo elegante, muito claro e formoso, está deliciosamente situada, em uma planicie levemente ondulada, e foi construida em 1855, tendo contiguo (ao N. E.) um bonito cemiterio, tambem construido em 1855.

O terreno d'esta freguezia, é feracissimo em todos os generos agricolas do nosso clima, e sobretudo, em opulentos campos de milho.

É um encanto, percorrer esta frequezia, e ainda a immediata (ao O. S. O.) de Ilhavo, até a *Vista-Alegre*, que fica sobre a margem esquerda da *ria* — principalmente nos mezes de julho, agosto e setembro, quando os milharaes (mesmo os de sequeiro) se apresentam ricos de suas fortes e veridentes folhas, robustos caules, e grandes e bellas maçarocas (espigas) produzindo uma farta colheita aos sollicitos lavradores.

Consta que ao O. de Verdemilho, e nas praias da ria, teve logar a primeira sementeira de arroz, n'este reino; mas, em 1770, o marquez do Pombal, mandou arrazar os pantanos que produziam esta graminia, por causa das febres paludosas que originavam. (*Mem. para a hist. de agricultura em Portugal*, no tomo 1.º das *Memorias da Academia.*)

A povoação de Verdemilho, é notavel, pelo seguinte:

A Nathercia, de Camões [1]

D. Affonso III, teve de sua 2.ª mulher, D. Brites, filha de D. Affonso X, de Castella, sete filhos legitimos, que foram (por ordem de edades):

1.º — *D. Branca*, abbadessa de Lorvão, e das Huelgas, de Burgos.
2.º — *D. Fernando*, que morreu menino.
3.º — *D. Diniz*, que foi rei, 1.º do nome.
4.º — *D. Affonso*, casado com D. Violantê, filha do infante D. Manoel, filho de D. Fernando III, de Castella. [2]
5.º — *D. Sancha*, que falleceu creança.
6.º — *D. Maria*, idem.
7.º — *D. Vicente*, idem.

—

Teve nove filhos bastardos, de differentes mulheres — foram:

1.º — *D. Fernando*, cavalleiro templario.
2.º — *D. Affonso Diniz*, tronco dos Souzas, condes de Miranda, e outras casas illustres do mesmo appellido.
3.º — *D. Martim Affonso*, tronco dos Souzas, condes do Prado, e outros.
4.º — *D. Gil Affonso.*
5.º — *D. Leonor.*
6.º — *D. Urraca.*
7.º — *D. Leonor.*

---

[1] *Nathercia*, é anagramma de *Catherina*.

[2] Este infante D. Affonso, disputou a corôa a seu irmão D. Diniz, com o fundamento (bastante plausivel) de que era filho adulterino, pois havia nascido em vida de sua madrasta, D. Mathilde, condessa de Bolonha; em quanto que D. Affonso nascêra depois da morte d'esta senhora.

8.º—*D. Pedro Affonso*, conego de Santa Cruz, de Coimbra.

9.º—*D. Rodrigo Affonso*, conego do mesmo mosteiro, e prior de Santa Maria de Alcáçova, de Santarem.

D. Affonso Diniz (o 2.º dos filhos bastardos) tinha por mãe, *D. Maria Peres Enxára.*

Casou (D. Affonso) com D. Maria Ribeiro, filha de D. Constança Mendo de Souza — e foi seu descendente, Diogo Lopes de Souza, do qual foi filho primogenito —

Alvaro de Souza, veador da casa da rainha D. Catharina, mulher de D. João III. — Em 1516, casou com D. Philippa d'Athaide, dama do paço da mesma rainha, e filha de Christovam Correia, commendador (da ordem de S. Thiago) da villa de Alvallade, no Alemtejo. D'este casamento, nasceram varios filhos, e entre estes, *D. Catharina d'Athaide*, que Luiz de Camões immortalizou com as suas poesias, dedicadas a *Nathercia*, anagramma de *Catherina.*

Por fallecimento da 1.ª mulher de Alvaro de Souza, passou a segundas nupcias, com D. Genebra Ribeiro, e viviam em Coimbra.

Foi durante este 2.º casamento, segundo uns, que Camões frequentava a Universidade, e que viu e amou D. Catharina; mas a opinião mais seguida, é que estes amores principiaram em Lisboa, onde D. Catharina era dama da rainha D. Catharina, por herança de sua mãe.

Estes amores, causaram graves desgostos e incommodos ao poeta. (Para evitarmos repetições, vide 4.º volume, pag. 306, col. 1.ª)

—

O pae e familia de D. Catharina d'Athaide, obrigaram-a a casar, ahi pelos annos de 1548 (tendo ella 28 annos de edade) com Ruy Borges Pereira de Miranda, filho de Antonio Borges de Miranda, senhor de *Carvalhaes, Ilhavo Verdemilho*, e de sua mulher, D. Antonia de Berrêdo, ex-amante de D. João III. [1]

[1] D. João III, apezar de ser cognominado o *Piedoso*, teve algumas amantes; mas não sei que tivesse filhos bastardos, além de *D. Duarte*, que foi arcebispo de Braga e prior de Santa Cruz, de Coimbra.

D. Catharina, e seu marido, foram residir para os seus dominios de Verdemilho, mas não chegou a viver tres annos, depois do seu casamento, pois falleceu aqui, a 28 de setembro de 1551, tendo, pouco mais ou menos, 30 annos de edade. Foi sepultada na egreja de S. Domingos, d'Aveiro, onde ainda existe o seu modesto tumulo, com o competente epitaphio.

—

O senhorio de Verdemilho, Ilhavo e Carvalhaes, veio depois a passar para os *condes-barões* d'Alvito, e por fim, para os condes de Carvalhaes, pela maneira seguinte:

Uma filha de André Pereira de Miranda, casou, no tempo de D. Philippe III, com Christovam d'Almada, provedor da Casa da India, levando em dote aquelles tres senhorios.

D. Ignez d'Alencastre, descendente directa de Christovam d'Almada e de sua mulher, e herdeira d'elles, nos referidos senhorios, casou com D. Vasco Lobo, barão d'Alvito e conde de Orióla, e foram 3.ºs avós de José Maria d'Almada Castro de Noronha Lobo, feito 1.º conde de Carvalhaes, por D. João VI, em 1824, e que veio a ser o 13.º senhor de Verdemilho, Ilhavo e Carvalhaes, senhorio que D. Affonso V deu aos Mirandas, em 26 de dezembro de 1464.

(Vide *Villa Franca d'Azeitão.*)

Ermida de Nossa Senhora da Lomba ou da Conceição

Fica a uns dois kilometros ao N. E. de Ilhavo, e a mesma distancia ao S. d'Aveiro, em uma *lomba*, no logar de Verdemilho.

Eis o que o *Sant. Mar.* (tomo 4.º, pag. 382) diz, com respeito á Senhora da Lomba:

«Está esta ermida em um logar que se chama Verdemilho. Ha n'elle um cabeço, ou lomba de terra, em o qual se affirma (por constante tradição) que apparecêra, *ha muitos annos*, [1] uma imagem de Nossa Senhora, á qual, por se lhe não saber a invocação, lhe deram o nome do logar e sitio levantado, em que apparecêra, invocando-a *Nossa Senhora*

[1] Este livro, foi publicado em 1712.

da Lomba, titulo tambem de que vemos usar algumas familias de Portugal.

«É o sitio em que esta milagrosa Senhora appareceu, muito fresco e agradavel; porque está cercado de loureiros. Fica alguma cousa afastado do logar, para a parte do Occidente, e fica-lhe o mar á vista, em distancia de quasi uma legua, e pouco distantes, as marinhas em que se faz o sal.

«Ignora-se, não só o tempo em que esta sagrada imagem appareceu; mas o modo—que seria muito prodigioso e notavel: que *a incuria e descuido da nossa nação é tanta, que nunca faz memoria das cousas que eram muito dignas d'ella, e assim, sempre os escriptores encontram materia para o sentimento e para a censura.*

«É esta santa imagem, de esculptura de madeira, estofada, e de grande formosura. Está sentada em uma cadeira, e terá quatro palmos de estatura.

....

«Festejam a esta Senhora, em 8 de setembro, dia da sua Natividade. Está collocada no altar-mór. A egreja é muito linda, e com bastante capacidade para o concurso da gente que concorre a venerar esta Senhora. Fica-lhe defronte, um formoso cruzeiro de pedra. É annexa esta ermida, á parochia de São Pedro das Arádas, logar do mesmo termo d'Ilhavo.»

Esta capella, está actualmente profanada e *servindo de palheiro!*

Ermida de S. João Baptista

Fica a pouca distancia da antecedente. É do povo, que n'ella ouve missa. Ainda está bem conservada.

Fronteira a esta ermida, está a casa do conselheiro Joaquim José de Queiroz e Almeida, um elegante palacête, mas hoje em ruinas.

Ermida de S. Thomé

É muito bonita, e está dentro de uma propriedade particular. É romaria concorridissima.

Ermida de Nossa Senhora das Dores

É um dos mais notaveis sanctuarios do districto administrativo de Aveiro. Alli se vêem representados, em figuras de tamanho quasi natural, os *passos* da paixão de Jesus Christo. As imagens, ainda que não primam pela perfeição da sua esculptura, dão causa á admiração e á grande concorrencia de povo que vem aqui em romaria, no dia proprio da Senhora, em que se lhe faz uma sumptuosa festividade.

A ermida e a grande quinta que lhe fica contigua, pertencem aos senhores viscondes de Almeidinha.

O 1.º barão de Almeidinha [1] foi José Osorio do Amaral Sarmento, feito a 4 de março de 1840.

Em 20 de dezembro de 1865, foi feito visconde do mesmo titulo, o sr. João Carlos do Amaral Osorio (o actual) filho do 1.º barão de Almeidinha. (Vide *Varzea de Candosa.*)

O Dr. Manoel Mendes Barbuda e Vasconcellos

Nasceu em Verdemilho, no anno de 1607. Era filho de Manoel Barbuda e Vasconcellos, e de D. Joanna Manoel de Loureiro. Falleceu n'esta mesma aldeia, a 30 de março de 1670.

Foi magistrado e poeta gongorico.

Formou-se em direito, pela Universidade de Coimbra. Foi juiz de fóra de Caminha; ouvidor, em Valença do Minho; e provedor em Lamego.

Escreveu e publicou, as obras seguintes:

Virginidos ou vida da Virgem Senhora Nossa. Poema heroico, de 20 cantos, em oitava rima, dedicado á rainha D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV.—Dois volumes, em 4.ª pequeno, impressos em 1667.

É obra de bastante estimação e pouco vulgar.

Silva panegyrica, ao nascimento da Serenissima Princeza, filha do principe D. Pedro, etc.—Um vol. em 4.º, impresso em 1667.

---

[1] Almeidinha, é uma aldeia, da Beira Alta, na freguezia de S. Julião, da villa de Mangualde. (Vide 1.º vol., pag. 148, col. 1.ª)

É livro hoje rarissimo (nem a litteratura portugueza perde muito com a raridade).

O Dr. Joaquim José de Queiroz
e Almeida

Nasceu na aldeia das Quintans, freguezia da Oliveirinha, d'este mesmo concelho de Aveiro, a 9 de janeiro de 1774. Era filho de José Marcellino Prospero de Queiroz e de D. Joaquina Leonor d'Almeida. Formou-se em direito, na Universidade de Coimbra.

Em 1820, declarou se liberal. Em 1828, sendo desembargador da Relação, do Porto, proclamou a *rainha e carta*, na praça do commercio d'Aveiro, no mesmo dia 16 de maio em que se fez a infeliz revolta do Porto, que foi aniquilada.

O doutor Queiroz, teve pois de fugir para o estrangeiro, e foi um dos que em Portugal teve sentença de morte de garrote, *por liberal*, em 25 de novembro de 1829, sendo seu defensor, o doutor Antonio Cyro Pinto Osorio—sentença que se não executou; por estar ausente.

Vide no 7.º vol., pag. 333, col. 2.ª, o ultimo periodo.

Vide tambem o que, com respeito a estas sentenças — que tinham mais de ridiculas do que de sanguinarias — o que eu disse no mesmo 7.º volume, pag. 335, col. 2.º

Regressando a Portugal, foi reintegrado no logar de desembargador da Relação do Porto, e depois presidente do mesmo tribunal, e feito fidalgo da casa real, e cavalleiro professo na ordem de Christo.

Em 1846, tomou parte activa na guerra civil, como partidario dos Cabraes, pelo que a *Junta do Porto*, o demittiu de presidente da Relação, por *decreto* de 13 de outubro do mesmo anno.

Tornou a occupar o seu logar de presidente da Relação, em julho de 1847, e a 18 de dezembro d'este mesmo anno, foi nomeado ministro da justiça, emprego que exerceu até 21 de fevereiro de 1848.

Foi por varias vezes eleito deputado ás côrtes.

Falleceu, com 76 annos de edade, na sua casa de Verdemilho, a 16 de abril de 1850, e está sepultado no respectivo cemiterio parochial.

—

É seu filho, o sr. doutor José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, actual juiz da Relação de Lisboa — e é filho d'este magistrado, o sr. José Maria Eça de Queiroz, bacharel em direito, pela Universidade de Coimbra, actual consul de 1.ª classe, em Bristol. É um escriptor publico distinctissimo, e tanto elle como seu pae, são cavalheiros de muita illustração, e geralmente estimados pela sua honradez e probidade.

VERDIZÉLLOS — portuguez antigo — galhetas.

VERDÔÉJO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Valença, 62 kilometros ao N. O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768, tinha 114 fogos.

Orago, Santa Marinha, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O padroado real apresentava o vigario, que tinha 40$000 rs. de rendimento annual.

Fertil. Gado e caça. São notaveis, pela sua grandeza, as nozes d'esta freguezia, ás quaes se dá o nome de *nogões*.

Na exposição de Philadelphia, de 1876, foi premiado o sr. padre Antonio Luiz Gomes, d'esta freguezia, o qual, entre outros objectos, expôz alli, *nogões* de admiravel tamanho, sendo estes que obtiveram o premío.

N'esta freguezia, e junto á estrada que de Valença se dirige a Monsão, está a ermidinha do *Senhor da Telheira*, cuja imagem é todos os annos esplendidamente festejada, havendo na vespera illuminação, fogo de artificio, musica, etc. — e no dia, concorridissimo arraial.

VERDOÊJO — insua (ilha) do rio Minho na freguezia de São Fins (ou Sânfins) do mesmo concelho de Valença.

Produz muito pão, e grande quantidade de herva para pasto de gado.

Na mesma freguezia, ha outra insua, tão fertil como a de *Verdoêjo*, chamada *Lagos de Rei*.

VERÊA—portuguez antigo—significa—*estrada, carreira, caminho,* de pouca largura. Hoje diz-se *Verêda.*

VERÊA, ou **VEREIA**—freguezia, Minho, concelho e contigua a Villa Nova da Cerveira (ao N.E.). Vide o 1.º *Lobêlhe.*

VERÊA DE BÓRNES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 90 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1768, tinha 194 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Natividade.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Foi uma aldeia, pertencente á freguezia de S. Martinho de Bornes (contigua) da qual se desmembrou, tornando-se parochia independente, mas vigariaria filial de Bornes, cujo reitor, apresentava o vigario, collado, que tinha 80$000 rs. de rendimento annual.

Verêa de Bornes—significa—*Verêda dos Falcões*—porque—*Verêa,* como vimos, significa *Verêda,* e *Bornes,* é o plural de *Borni,* que significa *falcão.* [1]

No Minho e em Traz-os-Montes, dizem *Brêia,* o que é êrro, procedido do vicio patrio, de mudarem alli o *v* em *b.*—Tambem é êrro, escrever-se *Vrea,* como vemos na maior parte dos diccionarios chorographicos e geographicos. Nos papeis antigos, diz-se *Urea.*

—

É n'esta freguezia, onde o general escocez, Reynaldo Macdonell foi cobardemente assassinado pelos soldados cabralistas do general Vinhaes, no 1.º de fevereiro de 1847. (Vide no 8.º vol., pag. 283, col. 1.ª no fim e seguintes—*e principalmente a pag. 287, col. 1.ª e 2.ª*)

—

Esta freguezia, está, toda, situada no extenso *Valle de Villa Pouca d'Aguiar,* e o seu territorio é muito fertil em todos os generos agricolas. O seu clima, apezar de excessivo, é muito saudavel.

A egreja matriz, está separada da povoação principal (Verêa) tendo apenas algumas casas proximas; mas a residencia do parocho, é na aldeia de Eiriz, que é a povoação menos distante da egreja.

O melhor edificio d'esta freguezia, è a bella casa do sr. Francisco Antonio de Madureira e Castro, que tem unida uma extensa e fertilissima quinta. Este distincto cavalheiro, que a uma antiga e nobre ascendencia, junta as qualidades mais sympathicas e apreciaveis, é o actual presidente da camara municipal de Villa Pouca d'Aguiar.

—

A egreja parochial, principiada para ser construida de tres naves, apenas mostra vestigios dos seus amplos e robustos fundamentos; e ficou reduzida á nave central! Por estas circumstancias, suppõe alguem, que foi principiada para egreja de algum mosteiro, o que não parece provavel, por não haver contiguo a ella outro algum edificio. A opinião mais seguida—e mais verosimil—è que—sendo antigamente concorridissima e famosa em toda a provincia a magnifica festa de Nossa Senhora da Natividade, com as esmolas e offertas dos romeiros se deu principio a um sumptuoso templo, que se não pôde concluir.

Está pobre de alfaias, e nada tem de notavel, além da summa perfeição da esculptura de algumas imagens, sobre tudo a de *Nossa Senhora da Agonia,* que é um primor da arte.

Contiguas á egreja, estão as capellas do Senhor dos Passos e do Santo Christo; e fóra do adro, em frente da porta principal da egreja, està a do Senhor do Horto.

Junto á egreja está em construcção um cemiterio parochial.

Ha n'esta freguezia, varias ermidas, pouco notaveis; menos a de N. Senhora do Lorêto, na aldeia de Sabroso, que é um templosinho muito interessante. É perfeitamente quadrada, tendo sómente portas lateraes. É toda de abobada de cantaria, com um ele-

[1] *Borne,* é tambem palavra franceza, e significa marco, limite, medida, etc.—Na França, ha tambem a povoação de *Born* (Lot-et-Garonne) a 30 kilometros ao N. de Ville-Neuve-d'Angen.

gante zimborio, sendo as suas paredes interiores, bem como o tecto, revestidas com quadros, representando varios factos da vida da S. S. Virgem.

As paredes da todos os quatro lados, estão coroadas com as estátuas dos 12 apóstolos; e em cada um dos angulos, uma de N. Senhora, symbolisando a *Turris Davidica.*

Tem um só altar, onde se admira a belíssima imagem da Senhora do Lorêto. Dos lados, tinha em nichos, as imagens dos apostolos e dos evangelistas; mas hoje apenas restam alguns, e mutilados. Não me consta que haja em Portugal, outro templo de egual estylo architectonico.

Apezar de todas estas maravilhas, este templo está em completo e reprehensivel abandono!

É tradição constante na freguezia, que um individuo natural de Sabrôso, chamado Antonio Machado, fôra para a Italia, d'onde regressou a esta freguezia com ordens de presbytero, e que, em cumprimento de um voto, mandou construir esta ermida, onde foi sepultado, em uma campa raza, onde se gravou esta inscripção —

SUB TUUM PRAESIDIUM
HIC ESPETABO, DONEC VENIAT IMUTATIO MEA.

O *Sant. Mariano,* não menciona esta interessante ermida.

Foi construida em 1751, pelo architecto Diogo Lopes, hespanhol; o que consta de uma inscripção que está na parede interior.

Proximo a esta ermida, se veem algumas sepulturas, cavadas na rocha, o que nos leva a crer que esta terra foi habitada pelos mouros, e que era aqui o seu *almocabar.*

—

O formoso valle onde esta freguezia é situada, é atravessado pelo meio, pela estrada de Villa Real a Chaves, a qual forma uma extensa linha recta, desde perto de Bornes, até á referida aldeia de Sabroso, d'esta freguezia.

—

Na descida da *Portella de Sabroso,* e no sitio chamado *as Pias,* termina o concelho de Villa Pouca d'Aguiar, e principia o de Chaves.

São Martinho de Bórnes

Como vimos, d'esta freguezia foi desmembrada a da Verêa de Bornes, que ficou sendo filial d'aquella, até 1834.

Bórnes, dista de Villa Pouca d'Aguiar 5 kilometros (ao N.) O seu territorio é bastante extenso, ficando-lhe na parte montuosa as povoações de *Tinhella de Baixo, Tinhella de Cima, Ballugas,* [1] e *Lagoa.* N'estas povoações, cujo clima é frigidissimo, só se côlhe centeio, bolota e algum milho, grosso e miudo. Seus habitantes são, em geral, pouco abastados.

Na parte da freguezia situada no extenso e aprazivel valle, ao N. de Villa Pouca, e atravessado pela estrada de Chaves, estão as bonitas aldeias de *Villa-Mean, Reborde-chão, Lago-Bom,* e *Bórnes* — sendo esta ultima, que dá o nome á freguezia.

Este valle é fertilissimo em quasi todos os generos agricolas, principalmente, em milho grosso e castanhas.

Estas aldeias, teem bons predios, e ricos proprietarios, distinguindo-se Bórnes, que mais parece villa do que aldeia.

Ao O. de Bórnes, e a pouca distancia, é o magnifico estabelecimento thermal das *Pedras Salgadas,* que já fica descripto no logar competente, e que foi principiado em 1871. Tem já boas casas de habitação para os banhistas e uma hospedaria.

Foi ultimamamente (1875) vendido pelos herdeiros do seu primeiro proprietario, Manoel Ignacio Pinto Saraiva, de Villa-Real, e pelo doutor Henrique Ferreira Botelho, de Villa-Pouca, a Thomaz Antonio das Neves, e irmão, e Ferreira Guimarães e irmãos, da cidade do Porto, por 30:000$000 réis.

Passa junto ás thermas, a estrada municipal das Boticas de Barrozo.

---

[1] *Balugas* e *balegões,* é portuguez antigo. Significa *borzeguins,* especie de calçado de que usavam os nossos antepassados.

—

A egreja matriz, de S. Martinho, fica a uns 500 metros da povoação principal (Bórnes) na encosta da serra que corre do S. ao E. da aldeia, d'onde, pela sua elevada posição, se descobre um vasto horisonte, que termina a O. e N. pelas serras de Barroso; e a E. e N. E., pela immensa cadeia de serranias da Galliza, projecções da serra de Senabria.

—

Esta egreja, foi fundada no principio do seculo XII, de cuja antiguidade ainda conserva muitos vestigios.

Foi sagrada pelo famoso S. Geraldo, arcebispo de Braga (1109) na occasião em que, andando de visita á sua archi-diocese, veio de Barroso aqui, praticar esta ceremonia; e aqui terminou a sua visita e a sua vida, como adiante se dirá.

É de uma só nave. O seu retabulo, é de talha dourada, e de primorosa escultura, bem conservada. Alem do altar-mór, tem dous lateraes no corpo da egreja.

Foi commenda da ordem de Christo, e apresentava as egrejas de N. Senhora da Natividade, da Varêa de Bórnes, e de Santa Iria, de Valloura.

Vê-se no archivo d'esta egreja, que em 1569, era reitor d'ella, *Manoel Lourenço de Guadalupe*, fallecido em 1594. É o livro mais antigo que existe n'esta freguezia, com respeito aos seus parochos. Desde então até hoje tem havido os seguintes —

2.º — *Antonio Nabo de Pina* — de 1594 a 1616.

3.º — *João de Fontoura* — 1616 e 1639.

4.º — *João de Souza* (de Villa Pouca de Aguiar) — de 1639 a 1656.

5.º — *João de Fontoura Camêllo* — de 1656 a 1660.

6.º — *Duarte Pinto Ribeiro* — de 1660 a 1679.

7.º — *Pedro Meirelles d'Andrade* — de 1679 a 1685.

8.º — *Francisco Ferreira* — de 1685 a 1717. — Foram no tempo d'este parocho, mandadas demolir as capellas do Espirito Santo, e São Sebastião, de que falla o padre Carvalho, na sua chorographia. Reedificou-se então a parte da parede da egreja, do lado do norte. A este parocho foi prohibido, *sob pena de excommunhão*, deixar fazer os officios de defunctos nas ermidas da freguezia.

9.º — *Manoel de Souza Botelho* (natural de São João da Pesqueira) — de 1717 a 1754. Este parocho, foi nomeado, em 1735, visitador dá 2.ª parte da comarca de Villa-Real.

Foi no seu tempo levantado o arco cruzeiro, por ser de acanhadas proporções, e reedificada a capella-mór, que estava em ruinas. Foi então que se fez e dourou o retabulo do altar-mór.

A este parocho, foram concedidos dous coadjuctores — o que continuou até a extincção das commendas, em 1834.

No seu tempo, hia-se perdendo o costume, antiquissimo, de virem as freguezias filiaes d'esta, no dia de São Martinho, bispo, á egreja matriz, *offerecer-se* ao santo padroeiro. Em 1720, o abbade de São Clemente de Basto, Sebastião Pinto de Carvalho, então visitador, auctorisou o parocho de Bornes, a condemnar *em cincoenta réis*, os que deixassem de cumprir esta antiga obrigação; assim como a trazerem ao parocho, *um quarto* de castanhas.

10.º — *Manoel da Silva Nunes* — de 1754 a 1784.

11.º — *José da Silva* (natural de S. João da Pesqueira) de 1784 a 1800.

Foi no seu tempo feita de novo a parte da casa da residencia parochial, que fica para E.

Deixou perder o costume de pagar ao parocho, cada um dos fregezes das egrejas filiaes, em dia de S. Martinho, o tal quarto de castanhas.

Comprou junto ao passal um souto para ser encorporado n'elle. Seus herdeiros, oppozeram-se com uma demanda, provando que a propriedade era sua, e venceram. Assim se perdeu para o passal o dito souto.

12.º — *Antonio Corrêa Botelho* — de 1800 a 1805. (Era natural de Villa-Real, e alli falleceu, sendo sepultado na egreja de S. Diniz).

Continuou e concluiu a parte da casa da residencia parochial.

13.º — *Antonio Gomes Rôxo*, (natural da fre-

guezia de Santa Maria Magdalena de Negrões, na Terra de Barrozo) — de 1806 a 1836.

Foi no seu tempo — por alvará de D. João VI, 27 de julho, de 1824 — desannexada d'esta freguezia, para formar parochia independente, a aldeia da Lagôa, com o titulo de *freguezia da Santo Antonio da Alagôa*, com o fundamento (verdadeiro) de ficar distante da sua antiga matriz, cinco kilometros de máu caminho. Ao novo cura, fei assignado no mesmo alvará, a congrua annual de 60$000 réis em dinheiro; 60 alqueires de centeio; 25 almudes de vinho ; 3 alqueires de trigo — *para hostias* — 3 almudes de azeite para a alampada do S. S. Sacramento; 3 arrateis de cêra; dous arrateis de sabão ; e 3$000 para a fábrica : tudo pago pelo rendimento da commenda de São Martinho de Bornes.

O cura, era subordinado ao parocho da matriz, e apresentado, annualmente, pelo tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens ; não podendo gastar mais de 1:000 réis da fábrica, sem ordem do mesmo tribunal.

O parocho de Bornes, considerava o tal cura, como um mero capellão, pelo que houve queixa ao rei, que mandou, em 1828, declarar que o cura da Lagôa, era um parocho independente, como outro qualquer.

Foi seu primeiro e unico parocho, José Joaquim de Macedo. Sendo extinctas as commendas, e portanto o rendimento d'este parocho, foi a freguezia supprimida em 1834, tornando a Lagôa a ser uma aldeia da parochia de Bornes.

—

O tal reitor de Bornes, 13.º parocho d'esta freguezia, Antonio Gomes Rôxo, e um sobrinho, tambem padre, tomaram parte na revolta de 16 de maio de 1828, pelo que foram presos para as cadeias da Relação do Porto, onde estiveram desde 1829 até 1834. Regressou para aqui, em 1834, e aqui falleceu, em 1836.

No seu tempo, se construiram as paredes do cemiterio parochial.

14.º — *Luiz da Veiga e Souza*, freire de Christo, natural de Sabroza — desde 1837 até 1857.

Apenas aqui residiu 5 a 6 mezes, retirando-se para Sabrosa, onde falleceu n'aquelle ultimo anno.

No seu tempo, foi forrado e pintado o tecto da egreja.

N'estes vinte annos de ausencia do parocho, muito se deteriorou a egreja, e muito mais a residencia parochial, que desabou parte d'ella e o resto ficou em ruinas.

15.º — *Antonio dos Santos Lopes* — natural da villa de Montalegre — de 1857 a 1871.

Como a residencia estava inhabitavel, foi residir para a povoação de Bórnes, o que ainda mais arruinou a egreja e a residencia.

16.º — O rev.^mo sr. Manoel Henrique da Silva Machado — natural da freguezia de Villarinho das Paranheiras — desde 5 de fevereiro de 1872, e é o parocho actual — um dos mais illustrados d'esta comarca, e varias vezes citado com louvor n'esta obra, pelos preciosos esclarecimentos que tem tido a generosidade de me mandar, para varias terras, pelo que lhe dou os mais sinceros agradecimentos.

Honra a este esclarecido sacerdote, que não quiz imitar a muitos dos seus collegas a quem escrevi, e que nem se dignaram responder-me.

É pois este dignissimo parocho que tem promovido as precisas reparações na egreja e a reconstrucção da residencia parochial, que elle habita — e o termo das obras do cemiterio, que ja está servindo, desde 6 de janeiro de 1875, dia em que foi benzido. Vae tambem construir-se a respectiva torre dos sinos, um dos quaes, foi fundido em 1874, e é o maior do concelho.

—

Ha n'esta egreja a irmandade Nossa Senhora do Rosario, da qual são irmãos quasi todos os habitantes da freguezia, que teem de 7 annos para cima; e ainda pessoas de outras parochias. Esta irmandade, manda fazer por cada irmão que fallece, um officio de defuntos e dizer 7 missas pela sua alma.

—

Perto da egreja, com porta para o seu ádro, e contigua á residencia do rev.º parocho, está a capella de S. Geraldo.

É a seguinte, a origem d'esta capella:

Quando em 1109, o santo arcebispo de Braga — depois, S. Geraldo — veio sagrar esta egreja, como disse no principio d'este artigo, aqui terminou os seus dias, na residencia parochial. Passados annos, e depois da canonisação do São Geraldo, o povo da freguezia construiu uma capella magnifica. na parte da residencia onde o santo fallecêra, e lh'a dedicou. [1]

Ignora-se o anno d'esta construcção, mas é evidente a sua muita antiguidade. Esta circumstancia induz até acreditar que o povo não esperou pela canonisação do santo prelado, para lhe dedicar este templosinho; mas isto é pouco provavel, pois não é licito erguer templos ou altares a pessoa alguma, antes de estar canonisada.

O retabulo do altar-mór d'esta capella, é de primorosa talha, mas o seu douramento está bastante damnificado, em razão da sua grande antiguidade.

No corpo da egreja, tinha dous altares lateraes (ou cousa que pretendia sêl-o) de uma construcção extravagante, cada um com uma imagem da S. S. Virgem, ambas de uma esculptura grutesca e quasi indecente, e além d'isso, muito carunchosas. Foram retiradas e os taes *altares* demolidos, em 1872, e a capella reparada.

Ainda no seculo XVIII existia n'esta capella, o caixão, de pedra, em que, segundo a tradição, foram depositados os intestinos de S. Geraldo; porque se vê em um capitulo de visita, que em 1722, o visitador, doutor Matheus Pereira Pacheco, abbade de S. Thiago de Priscos, mandára que se cobrisse o tal caixão, de madeira, de fórma que podessem n'elle revestir-se os sacerdotes que alli tivessem de dizer missa. Ignora-se o que foi feito d'este caixão, pois d'elle não ha outra memoria, além da tradição, e do que consta da tal visita.

Na rectaguarda da capella, existiu por muito tempo, uma amoreira, que, segundo a lenda, deu fructo quando adoeceu S. Geraldo, apesar de ser em dezembro, porque o santo pedira amoras. É por isto que, ainda hoje, os devotos cercam as reliquias do santo, de varias qualidades de fructas, e com as mesmas ornam os frizos do seu altar, na capella, da Sé primaz (Braga) que lhe é dedicada — no dia da sua festa, a 5 de dezembro.

Tambem no ádro da egreja matriz de Bórnes se vê ainda uma amoreira secular, em memoria do tal *desejo* do santo.

—

Subindo a serra, ao sul da capella, e pouco distante d'esta, está a *Fonte de S. Geraldo*, que, pela sua architectura, mostra ser tão antiga como o templosinho. A sua agua é de excellente qualidade, e diz a lenda, que principiou a brotar quando o santo adoeceu. Crê o povo que esta agua é remedio efficaz contra as *sesões*, pelo que a veem procurar de longe, hindo tambem resar ao santo, na sua capella, porque se diz que elle morreu de sesões.

Logo que o santo falleceu, foi o seu corpo mandado transportar para Braga, por seu mórdômo, D. Bernardo (depois, bispo de Coimbra) e mais familiares, sendo coadjuvados por uma dona rica e nobre, chamada Cassandra, que lhes deu gente bastante para os acompanhar até ao rio Tâmega.

—

A uns 600 metros da egreja matriz, está a ermida do SS. Sacramento, no centro da povoação de Bórnes, restaurada com elegancia e magnificencia, ha uns 20 annos. Tem ricos paramentos, vasos sagrados, e mais objectos pertencentes ao culto divino. Tem altar-mór, e quatro lateraes no corpo da egreja. É n'esta bonita capella que está o S.S. Sacramento, e d'alli é administrado aos enfermos, em razão da egreja estar em logar bastante remoto.

A despeza feita com a sua illuminação e fabrica, é tirada dos rendimentos da capella.

—

[1] Os que desejarem mais amplas informações com respeito a S. Geraldo, vejam no 1.º vol., pag. 441 e 445 — 3.º vol., pag. 353 — 5.º vol., pag. 559 e 577, 8.º pag. 622, col. 1.ª, pr.

Ha n'esta freguezia a aldeia de *Tinhela de Baixo* — antigamente *Tinéla*, que tem foral, dado por D. Affonso III, em dezembro de 1257 (*Livro 2.º de Doações de D. Affonso III*, folhas 20 verso; *Maço 9 de foraes antigos*, n.º 8, fl. 14; *Livros de Foraes antigos de leitura nova*, fl. 108, col. 1.ª) O foral lhe dá o nome de *Tinéla.* [1]

Este foral determina que «*cada casal é obrigado a fazer de fôro a El-Rei, huu ferro de arado, ou quarenta Reaes por elle, o que monta a 640 Reaes.* [2] *Disseram os moradores da dita aldeia, por seu juramento, que sabiam e ouviram dizer a seus paes, que estes ferros se não deviam; soomente que o pay de diogo dazevedo, e o dito diogo dazevedo, inovaram o dito tributo dizendo, que no dito logar se lavrava ferro, que se tirava hi perto, em outra aldeia, e que d'este lavrar de ferro se devia pagar o dito fôro. E disseram os ditos moradores, que era verdade que na dita aldeia se achavam* escoryaes, *porque parecia na dita aldeia se lavrar já ferro antigamente.*»

—

Junto á egreja matriz, existem vestigios de fortificações romanas, e teem alli apparecido (assim como na *Quinta da Cabana*) moedas, com efigies de varios imperadores.

Perto da povoação de Bórnes, teem apparecido algumas sepulturas, cavadas na rocha, o que induz a acreditar que são restos de um cemiterio (*almocabar*) mourisco.

—

Na *Benedictina Lusitana*, de frei Leão de São Thomaz — na *Descripção de Portugal*, de Duarte Nunes de Leão — e em outros auctores, se diz que Bórnes, é em Barroso. É êrro. O rio Tâmega, que dista d'esta freguezia 10 kilometros, divide o concelho de Villa Pouca d'Aguiar, do de Boticas de Barroso.

[1] Tenho as minhas duvidas com respeito a este foral. Não tenho a certeza d'elle pertencer a esta aldeia, ou á freguezia de *Tinhella*, concelho de Val de Passos: entretanto, o esclarecido abbade de S. Martinho de Bórnes, diz que pertence a esta aldeia de Tinhela de Baixo.

[2] Vinha portanto a ter a aldeia, n'esse tempo, 16 casaes.

VERÊA DE JALLES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho d'Alfarella de Jalles), 95 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1768, tinha 40 fogos. [1]

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Trez Minas, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

Terra de clima excessivo e pouco fertil. Algum vinho (*verde*), porém muito ordinario. Bastante gado de toda a qualidade, e muita caça na serra da *Quintan.*

Vide *Alfarella de Jalles*, e *Trez Minas.*

VEREAR — portuguez antigo — fazer justiça; governar no respectivo concelho, cidade ou villa, com equidade.

VERÊDE — portuguez antigo — pomar. Vem do latino *Viridiarium.* Em 903, doou o padre Adulfo, a D. Ansur e a sua mulher, D. Ejeuva (vide *Arouca*) a sua egreja de S. João de Lozim, nas margens do Tâmega, a qual havia fundado «*In casali, quos fuit de Patre meo, Prudenzo, quos edificavi de Verede.*» (Doc. do real mosteiro de Arouca.) Vide 4.º vol., pag. 506, col. 2.ª

VERGÁDA — Vide *Abaregada.*

VERIM — aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de Villarêlho da Raia, comarca e concelho de Chaves.

Ha n'esta aldeia, uma nascente de aguas mineraes — *alcalino-gazosas* — muito diureticas; porém, as que se vendem nas boticas, com o nome de *Agua de Verim*, são (ou deviam ser...) de outro Verim hespanhol, que está em frente d'este, e cujas aguas mineraes, sendo da mesma natureza, são todavia mais efficazes.

O Verim portuguez, fica proximo á fregue-

[1] Ha certamente êrro no *Portugal Sacro.* Em 114 annos, não podia a população augmentar nove vezes. E' provavel que em 1768 tivesse 240 fogos, e que o 2 ficasse no tinteiro—ou no caixotim dos compositores.

zia de *Lama d'Arcos* e *Villa Frade*, do mesmo concelho de Chaves.

As aguas mineraes do *Verim gallêgo*, em frente de Lama d'Arcos, e as mais famosas, ficam mencionadas na pag. 453, col. 1.ª do 9.º vol., sob a palavra *Souzas*, que é a aldeia onde ellas nascem.

O doutor em medicina, Francisco Tavares, nas suas *Instrucções e Cautellas Praticas*, etc., publicadas em 1810, não menciona estas aguas — mencionando as de Chaves, de menos fama.

Uma amostra das aguas do Verim portuguez, foi á *Exposição universal de Paris*, de 1867, e eis o que consta do respectivo *Relatorio*. (Traducção.)—

Nascentes Alcalinas de Villarêlho da Raia.

Estas aguas, tiraram o seu nome, de um pequeno logar, proximo ás nascentes, e quasi na fronteira de Hespanha. São frias, tendo uma temperatura de 16° 4 c. A agua é limpida, com um gôsto azêdo e alcalino, como as aguas de Vichy, e sólta uma consideravel quantidade de acido carbonico livre. Deixam no leito do rêgo por onde correm, um deposito branco, de incrustações salinas, que é uma mistura de carbonato de cal, de magnézia, de sóda, de ferro, etc.

A mineralisação das Aguas de Villarêlho da Raia (*Verim*) é mais fraca do que das de Vidago.

Um kilogramma d'esta agua, contém 1 gr. 900 de principios fixos, que são da mesma natureza da agua de Vidago.

VERIM—freguezia, Minho, concelho e comarca da Póvoa de Lanhoso (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de São João de Rei), 12 kilometros a N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

É terra muito fertil, cria muito gado — principalmente bovino, que exporta — e nos seus montes, ha bastante caça e colmeias.

VERMÊLHA — freguezia, Extremadura, comarca d'Alemquer, concelho do Cadaval, 70 kilometros ao N.E. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768, tinha 89 fogos.

Orago, São Simão.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O Sacro Collegio Patriarchal, e os beneficiados de Santa Maria, d'Obidos, apresentavam o cura, que tinha de rendimento annual, 60 alqueires de trigo, 30 de cevada, e duas pipas de vinho.

Não pude obter mais informações com respeito a esta freguezia. Escrevi ao rev.º parocho, mas não se dignou responder-me. (Já nem ponho pontos de admiração.)

VERMIL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 59 fogos.

Orago, São Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de São João de Brito, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de rendimento annual.

VERMIOSA — freguezia, Beira-Baixa, comarca de Pinhel, concelho da Figueira de Castello-Rodrigo (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso), 95 kilometros de Lamego, 380 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 142 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

Fertil. Gado e caça.

VERMOÍL — freguezia, Extremadura, comarca e concelho do Pombal, 18 kilometros de Leiria, 155 ao N.E. de Lisboa, (pelo caminho de ferro, 162) 600 fogos.

Em 1768, tinha 491 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

A mitra, apresentava o cura, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Isto, segundo o *Portugal Sacro*. O *Couseiro* (pag. 169) diz que tem de *ordinaria*, 20 alqueires de trigo; 25 almudes de môsto;

5$000 réis em dinheiro; algumas *amentas* perpetuas, de um alqueire de trigo, e outras voluntarias, de alqueire, e de meio alqueire; e as *falhas* da freguezia; as offertas da egreja, e as das ermidas—o que tudo importava em mais de 360$000 réis.

É aqui a 6.ª estação do caminho de ferro do norte, desde o Entroncamento; e a 22.ª, desde Lisboa.

A Sé de Leiria, era obrigada aos reparos e mais despezas da capella-mór, sacristia, e residencia do parocho — e os freguezes, ao corpo da egreja (matriz).

A egreja é muito antiga, mas não se sabe por quem nem quando foi construida. Estando muito arruinada, se reedificou, terminando as obras, em 1656.

Tem uma *confraria de defunctos*, chamada *d'Alcamem*, com o respectivo compromisso, feito em 1465. O juiz d'esta confraria tinha jurisdicção para impôr *penas* (multas) até 50 réis, sem appellação nem aggravo.

Houve aqui um hospital, junto da egreja matriz, logo abaixo das casas do cura. Constava de duas casinhas, juntas, e um *chouso* (pequeno campo, tapado sobre si) e outra fazenda, da qual anda de posse, a fábrica da egreja, e n'ella se despende a renda. Não se sabe quem fundou este pequeno hospital, nem quando; assim como se ignora quando e por auctoridade de quem foi extincto, e porque titulo as suas rendas se annexaram á fábrica da egreja.

Ermidas d'esta freguezia.

1.ª — *São João Baptista*, no logar da Arranha de Cima.

2.ª — *Santo Eloy*, na ribeira, entre os moinhos.

3.ª — *São Francisco*, no logar das Meirinhas.

4.ª — *Santo Elias*, no logar de Carnide.

5.º — *Santa Maria Magdalena*, perto do logar dos Claros.

Todas estas ermidas, foram construidas para d'ellas se administrarem os sacramentos aos moradores das aldeias onde são situadas, os quaes são obrigados á sua fabrica.

6.ª — *Santo Antonio*, está logo abaixo da antecedente.

Foi mandada fazer pelo famoso *João de Barros*, o celebrado auctor das *Décadas da India*. [1] Obrigou á fábrica d'esta ermida a sua quinta, que está proxima, mas já no bispado de Coimbra.

João de Barros, falleceu n'esta quinta, em 1571, e foi sepultado na sua ermida de Santo Antonio.

Em 1610, o bispo de Viseu, D. Jorge de Athaide, abbade commendatario do mosteiro d'Alcobaça, lhe fez trasladar os ossos, para a capella-mór da egreja matriz da dita villa (que o mesmo bispo tinha mandado concluir) por ter sido João de Barros, seu padrinho do baptismo. (Vide *Discursos politicos*, de Manoel Severim de Faria, chantre da Sé d'Evora.) A quinta é hoje propriedade da familia *Barbas*.

Ainda nas casas d'esta quinta, se conserva o retrato de João de Barros.

—

Corre n'esta freguezia o pequeno rio, tambem chamado de *Vermoil*, que réga e fertiliza uma formosa ribeira, muito productiva.

É terra fertil em cereaes, vinho, legumes, fructas, linho e outros generos agricolas.

VERMOIM — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768, tinha 103 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

---

[1] João de Barros, nasceu na cidade de Viseu. Era fidalgo da casa real, e foi capitão da fortaleza e conquista de S. Jorge da Mina. Além das Décadas, escreveu muitas outras obras sobre varios assumptos, todas de grande valia, e hoje rarissimas. Vide *Viseu*.

O prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de renda annual.

É notavel esta freguezia, por ter sido d'aqui arcediago, o padre *Pedro Julião*, prior-mór da collegiada de Guimarães, abbade commendatario do mosteiro de Pedroso, e finalmente, em 1276, pontifice romano, com o nome de João XXI. (4.º vol., pag. 303, col. 2.ª)

—

É povoação antiquissima, pois já existia, pelo menos, no tempo dos romanos, e era defendida por um castello, fundado pelo conde D. Vermuiz Forjaz, tronco da nobilissima familia Pereira Forjaz, cujo ramo principal foram os condes da Feira. Foi do conde D. Vermuiz que esta povoação tomou o nome.

Junto ao rio Ave, e no districto d'esta freguezia, ainda existe a *quinta da Pereira*, que, em 1096, era de D. Gonçalo Rodrigues, que, do nome d'esta quinta se appellidou *Pereira*, e d'elle descende o famoso conde D. Gonçalo Pereira. D. Gonçalo Rodrigues descendia do conde D. Vermuiz.

Foi julgado, cuja capital era Villa Nova de Famalicão — e era um dos arcediagados da Sé de Braga.

—

Em 977, reinando D. Ramiro III, o feroz Al-Mançor, kalifa de Córdova, invadindo a parte occidental da Lusitania, «*Caminó con su acustrumbrada fiereza distruiendo, aniquilando y desasiendo todas las ciudades y pueblos de estas regiones, tomando a Coimbra, Vizeo, Braga, y otras poblaciones, apoderóse de la ciudad de Tuy, y llegó a Santiago*, etc.» (Gandara, chronista-mór de Galliza, nas suas *Armas y Triunfos de Galliza*, liv. 2.º, cap. 8.º, pag. 160.)

O Monge de Silos, escriptor quasi contemporaneo d'Al-Mançor (*Bergauz Ant. de Esp.*, tomo 2.º, App. sec. 2, n.º 68) diz que aquelle truculento chefe musulmano, destruira cidades e castellos, arrazára casas, egrejas e mosteiros, e *despovoára tudo*. «*Devastavit quidem Civitates, Castella, omnemque terram depopulavit, usquequo pervenit ad partes occidentalis Hispaniæ et Gallaeciæ civitatem, etc.... Ecclesias, Monasteria, Palatia fregit, utque igne cremavit.*»

Em 998, o conde D. Forjaz Vermuiz (ou Vermuiz Forjaz — que é o mesmo — pois de ambos os modos tenho visto escrever o nome d'este heroe lusitano) [1] fez frente aos mouros com a sua hoste, dando tempo que se lhe reunissem outros chefes christãos, entre elles, o conde D. Garcia Fernandes, e D. Bermudo, rei de Navarra, e assim, poderam aniquilar completamente os mouros, sendo mortalmente ferido Al-Mançor. Esta sanguinolenta batalha foi dada nas planicies de Alcantanazor, junto a Osma, nas margens do Douro, e perto dos rios *Abion*, e *Uzero*.

Vermoim, como todas as mais povoações d'esta parte do Minho, ficou destruida, e fugitivos os habitantes que poderam escapar ao furor dos mouros.

—

Pouco depois d'esta desastrosa invazão, e logo no 2.º anno do reinado de D. Ramiro, *Gumdarèdo*, chefe (outros dizem, rei) dos normandos, desembarcou com a sua horda, em uma das praias do Minho, e saquearam e destruiram todas as povoações que estanceavam entre os rios Minho e Lima.

Diz a *Historia dos Gôdos* (*Chron. Gothor.*, in *Monarch. Lusit.*, tomo 3.º, pag. 271), que os Nórmandos (Normões ou Lórmanos—pois todos estes nomes lhes dão as nossas historias) chegaram ao castello de Vermoim, no territorio de Barcellos (*Venerunt Lormanes ad Castellum Vermudii, quod est in Provincia Bracharensi*), praticando as atrocidades do seu costume. E diz D. frei Prudencio de Sandoval, bispo de Tuy (Igles de Tuy, pag. 49 v.), que os nórmandos destruiram então esta cidade, que esteve *146* annos deserta.

—

D. Jeronymo Contador de Argote, nas suas *Memorias de Braga* (L.º 4.º, pag. 484), diz que Gondarêdo e os seus nórmandos, por

[1] Este conde, era filho do conde *D. Vermudo Forjaz*, pelo que usava o patronimico e o appellido de seu pae. (Vermuiz, é patronimico de Vermudo—Veremudo ou Bermudo.) A Historia não nos diz (que eu sáiba) o nome do baptismo do conde.

tres annos occuparam o territorio situado entre os rios, Minho e Lima, devastando todas as terras até ao Douro.

Tendo despojado estas infelizes povoações, e opulentos com a preza, se preparavam para regressarem á França; mas, o conde D. Gonçalo Sanches, á frente de um exercito de christãos, marchou contra os invazores, deu-lhes batalha, derrota-os, queima-lhe toda a armada (100 navios), mata Gundarêdo, toma-lhes todas as suas bagagens, e captiva os que não morreram no combate.

Diz o mesmo escriptor — fundando-se na auctoridade da *Chronica dos Gôdos*, que os *Normanos* tornaram a invadir estas terras no *anno de mil e desasseis*, e chegaram ao castello de Vermoim, sendo então, conde d'aquelle districto, *Alvito Nanes.*

Aqui ha anachronismo, causado pela confusão entre a era de Cesar e o anno de J.-C.

Argote, diz, na pag. 484 da obra citada, que a invasão de Gundarêdo, fôra no *anno de 968*— não póde ser—Todos os escriptores dizem que esta invasão teve logar no reinado de D. Ramiro III — entre 967 e 982—e Argote diz que os Nórmanos tornaram em 1016 — isto é—48 annos depois da 1.ª invasão.

Quer-me parecer que ambas estas invasões se reduzem a uma unica, e que 1016 é a era de Cesar, que vem a ser o anno de J.-C. 978—havendo apenas differença de um anno, como fica dito no principio da rapida descripção d'esta invasão.

Tanto os mouros, como depois os nórmandos, prevaleciam-se das desuniões e turbulencias dos christãos, durante a menoridade de D. Ramiro III (que foi acclamado rei, tendo apenas cinco annos) e a ambição de D. Bermudo II, que pretendia e disputava a corôa; desuniões que só terminaram por morte de D. Ramiro, em 982, tendo apenas 20 annos de edade.

—

Vê-se pois que Vermoim é uma povoação legendaria, e da qual fallam as mais antigas historias da Peninsula Hispanica.

—

No antigo julgado de Vermuim, fundou, no anno de 1032, Arias de Brito, o mosteiro de Santa Maria de Oliveira, de conegos regulares de Santo Agostinho (cruzios), fazendo-lhe valiosas doações, e fazendo-o povoar de frades, e dando-lhes por superior, um servo de Deus, por nome D. Antão.

Dom Soeiro (outros dizem Sesnando) Ocriz, neto do fundador, reparou e ampliou o edificio do mosteiro.

A sua egreja é muito bonita, e foi sagrada.

Foi aqui prior, ou commendatario, Dom Fernando Annes Coelho, que foi sepultado n'este mosteiro, e morreu com opinião de santo. Era irmão de Pedro Annes Coelho, que, com sua mulher, D. Margarida Esteves Teixeira, fizeram doação ao mosteiro, de tres casaes que tinham em Vieira (do Minho) com a obrigação de uma missa quotidiana, e de terem sempre os frades, uma alampada accesa, diante da imagem de Nossa Senhora da Oliveira.

Em 1599, entraram n'esta casa os conegos de Santa Cruz, de Coimbra, por breve do papa Clemente VIII, e por seu 1.º prior triennal, entrou então, D. Bernardo da Piedade.

Em 1712, não tinha senão dois religiosos, e os rendimentos da casa, eram applicados *in perpetuum*, para o real mosteiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, que tambem era de cruzios.

Foram estes frades, que, em 1692, mandaram levantar a capella-mór, fazendo-lhe um novo arco de pedra lavrada.

—

É n'esta freguezia, a nobre e antiquissima casa da *Brêia* (corrupção de *Veréa*), do sr. Francisco Ignacio de Aguiar Pimenta Carneiro.

Em 23 de dezembro de 1873, pelas 8 horas da noite, e por descuido de uma criada, se desenvolveu um pavoroso incendio n'esta casa, reduzindo-a a cinzas, com todos os moveis, incluindo mais de 50 carros de pão,

(2:000 alqueires) dois cavallos, uma grande porção de aguardente e azeite. Apenas se salvou a familia da casa, que teve de pedir asylo, comida e vestuario, em casa de um amigo!

O prejuizo, foi superior a dez contos de rs.

Pouco depois, esteve a esposa do sr. Pimenta Carneiro, e a do sr. visconde de Santa Luzia (José Joaquim Machado Ferraz) filhas do interdicto conselheiro, Felix de Magalhães, a ponto de soffrerem um grande roubo, que montava a muitos contos de réis, praticado por um tal *Pereira de Castro*, e por *Soledade de Jesus*, governante do interdicto, contra os quaes, os queixosos o o Ministerio Publico, deram querella — aquelle, pelo crime de roubo, com a circumstancia aggravante de carcere privado, em que tinha o interdicto — e esta, como receptadora. Foi presa em Villa Real, e deu entrada na cadeia de Lisboa, bem como o seu cumplice. Pôde pois haver-se todo, ou quasi todo o roubo.

Este facto, deu muito que fallar em Lisboa e nas provincias.

VERMOIM — freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 10 kilometros ao N. do Porto, 200 fogos.

Em 1768, tinha 102 fogos.

Orago, São Romão.

Dista de Lisboa, 324 kilometros (ao norte).

Bispado e distr.º administrativo do Porto.

A mitra, e o papa, apresentavam alternativamente o abbade, collado, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Ha muitos mezes que escrevi ao R.mo Abbade d'esta freguezia, e debalde tenho esperado até hoje pela resposta; não tendo portanto que dizer mais nada d'esta freguezia, por não ter podido obter esclarecimentos de outra parte.

N'esta difficuldade, recorri ao meu velho amigo, o R.mo Sr. João Vieira Neves Castro da Cruz, distincto escriptor catholico, natural da freguezia de Milheiros, d'este mesmo concelho, e que já por varias vezes me tem valido n'estas afflicções (porque são verdadeiras afflicções, termos de escrever de qualquer localidade, e não ter d'ella nenhuma noticia)

Não foi baldada a minha supplica, e eis o que diz o R.mo Sr. Padre Castro da Cruz.

No logar da *Agra da Portella*, d'esta freguezia, houve em tempos remotos um mosteiro duplex, da ordem de S. Bento, pequeno e de poucos rendimentos, e cujas religiosas, com as suas rendas, foram para o real mosteiro de Arouca, da ordem de S. Bernardo, que era uma reforma da benedictina. Ainda no sitio onde existiu o mosteiro, ha claros vestigios do velho edificio.

Ha um documento do seculo XI, que falla d'este mosteiro. É um processo da questão que teve *Dom Oseredo Tructesindes*, filho de *Dona Unisca Mendes*, padroeira de Leça do Bailio e Vermoim (este) contra um tal *Ranimiro*, procurador de *Flaviano*. Tem a data de 30 de dezembro, de 1016. Lê-se n'elle o seguinte:

«Não ha duvida, que houve demanda entre Oseredo Tructesindes, em seu nome, dos frades e das freiras que com elle habitavam, nos mosteiros de Leça e do Vermoim; allegando que Trastemiro fizera doação a seus avós, de tudo quanto tinha em Pedroiços.»

D'este documento se deduz, que no anno de 1016, havia o mosteiro de Vermuim, certamente annexo ao de Leça do Bailio, que fica em distancia de cinco kilometros; e é provavel que já existisse muitos annos antes d'esta demanda. Talvez a sua fundação fosse da mesma data da do de Leça — isto é — do anno 900 de J.-C., pouco mais ou menos.

No citado documento, que é escripto no latim barbaro d'aquelle tempo, *Vermoim* vem como nome de *Vermundi*. É provavel que o fundador do mosteiro se chamasse *Vermudo* ou *Veremudo*, nome muito vulgar na Lusitania, desde a invasão dos gôdos; e d'elle tomou o nome a freguezia.

A aldeia de Pedroiços, a que o tal documento dá o nome de *Petrouzo*, é na freguezia de Aguas Santas, tambem d'este concelho.

Vermoim, tem uma boa residencia parochial, mas está carecendo de promptos reparos.

A egreja matriz, é pequena e muito pobre.

Tem um cemiterio, construido em 1880.

Faz-se aqui uma pomposa festividade a S. João Baptista, no dia proprio (24 de junho) com arraial concorridissimo.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, e ha aqui muitos tamanqueiros e *colhereiros* (feitores de colheres de páu).

Vulgarmente, dá-se a esta freguezia a denominação de *São Romão de Baixo*, para a distinguir de *São Romão d'Alem*, ou *de Cima* (São Romão de Coronado).

—

O papa, o bispo do Porto, e o abbade d'este Vermoim, apresentavam, alternativamente, o abbade de S. Maméde de Coronádo, hoje concelho de Santo Thyrso.

Dava-se entre os abbades de Vermoim e o de S. Mamede de Coronádo, um caso curiosissimo — uma *costumeira* digna de ficar em memoria: era a seguinte —

No dia de S. Mamêde (17 de agosto) hia o abbade de Vermoim, a Coronádo, assistir á missa, *com todos os seus criados, cavalgaduras, gados* (e não sei se tambem com os seus porcos, gatos, gallinhas.....) e a tudo isto tinha o abbade de Coronádo, de dar de jantar!

O abbade de Coronádo, offerecia ao de Vermoim (que estava revestido de sobrepeliz e estola) sete varas de bragal, [1] que este media, e acceitava, voltando com isto para a sua freguezia.

Ainda em 1706, havia esta especie de fôro, segundo a *Corographia*, do padre Carvalho.

Não se sabe quando cessou semelhante extravagancia; mas parece que foi no principio d'este seculo, porque, na freguezia de Coronádo, ainda vivem individuos, que se lembram de hir alli o abbade de Vermoim, no dia da festa do orago; mas, já não levando o seu *estado-maior*. Hia o abbade só, e assistia á missa, de sobrepeliz e estola; jantava e hia-se embora. As taes varas de *bragal*, eram medidas em outro qualquer dia, e levadas ao seu destino, por um criado do offerente.

VERMOIM — aldeia, Douro, na freguezia de Pindéllo, comarca e concelho de Oliveira d'Azemeis. Passa aqui a estrada real, n.º 60, que sáe de Oliveira d'Azemeis, e passa pelo Côvo, Vermoim, e Penhão. Foi principiada em 1878.

VERRÍDE —villa, Douro, comarca, concelho, e 4 kilometros ao S. de Monte-Mór-Velho (foi cabeça de concelho, da comarca de Soure), 30 kilometros a O. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 210 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e distr.º administrativo de Coimbra.

O mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis de rendimento annual.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 23 de agosto de 1514. (*L.º de foraes novos da Extremadura*, fl. 94 v., col. 1.ª)

É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos, com o nome de *Ulmar*. (Vide o 1.º *Ulmar*.)

Tem annexa, ha muitos annos, a tambem antiga freguezia da *Abrunheira*.

Verríde era um antigo couto do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Depois, passou a ser cabeça de concelho, que foi supprimido, por decreto de 31 de dezembro de 1853 passando para Monte-Mór-Velho, Verride, Villa Nova da Barca, e Revelles — e para o concelho de Soure, Samuel, Vinha da Rainha, Gésteira, e Brunhoz. Tinha pois o concelho de Verride, sete freguezias, com uns 1:600 fogos.

A este concelho se annexaram, pelos decretos de 7 de outubro e 5 de novembro de 1844, dois pequenos e antigos concelhos — de *Samuel*, que foi da casa ducal d'Aveiro, até 1759, passando então para a corôa; (foram os duques de Aveiro que lhe deram foral, em 1714)— e *Urmar*. Vide *Samuel*.

Estes tres concelhos — *Verride, Samuel* e *Urmar*, em 1836, pela divisão territorial que então se fez, ficaram formando um unico

---

[1] Bragal, é portuguez antigo. Dava se este nome a 7 varas de panno de linho grosso, atravessado com muitos cordões. Hoje, ainda nas provincia do norte se dá o nome de bragal, á roupa branca que possue qualquer casa ou individuo.

No texto diz-se 7 varas de bragal, porque em outras partes, o bragal constava de 8 varas.

concelho, com a séde na *Abrunheira*, que era uma das principaes povoações d'elle. Em 1844 (como fica dito) é que a séde do concelho se mudou para Verride, annexando-se-lhe tambem a *Ereira* e seus campos (que antigamente — em parte — pertenciam aos concelhos de Monte-Mór-Velho e Maiorca) e que formam uma ilha, cercada pelas aguas do Mondêgo, e da *Valla Real*, de Monte-Mór. Foi supprimido em 1853, como vimos no principio d'este artigo.

—

A villa está fundada em um alto, e fronteira á de Monte-Mór Velho (medeando o famoso *Campo de Coimbra*) e perto das margens do Mondêgo.

—

A tradição dá uma origem ao actual nome d'esta villa, fundada no facto seguinte:

Certo capitão, chegando ao alto do monte de *Ulmar*, olhou para Monte-Mór, e disse aos seus soldados—«*Vêr?—Ide.*» (Se isto foi verdade, o que eu não creio, o tal capitão, antes queria *mandar* do que *hir*. Era prudente....) Desde então, o seu antigo nome se mudou em *Verride*. Pois mudaria.

Os d'esta villa, abonam esta tradição com a inscripção de uma lapide sepulchral, que está embebida na parede da egreja matriz, para onde a trouxeram do alto do monte que olha para Monte-Mór, onde foi achada.

Eis a inscripção —

C ÆM.
EQ. QU. ABB. IUS.
IN MATTAI
DIC.
VER. IDE.
EX HOC SVBL. LOC.
JVGVL
PER. VIRG. GRAT.
VID. REDIV.
S. T. T. L.

Não entendo esta inscripção—além de estar evidentemente incompleta, pois lhe falta, pelo menos, a primeira linha — D. M. S. — e a penultima — H. S. E. — como era a fórmula de todas as inscripções sepulchraes (e esta é incontestavelmente uma d'ellas), tem quasi todas as palavras em breve; e eu não me quero deitar a adivinhar. A 5.ª linha, que de proposito puz em letras maiores do que as outras, são provavelmente duas abreviaturas que podem dizer muita cousa.

—

Os montes d'esta freguezia, são formados de carbonato de cal (pedra calcaria) de que ha abundantes pedreiras.

Devido á sua formação calcaria, é o territorio d'esta freguezia, muito fertil em todos os generos agricolas; o Mondego e o mar, que lhe fica a pouca distancia (ao O.) fornecem a povoação de bastante e optimo peixe.

O Mondego, passa entre Verride e a Ereira, e banha parte d'este territorio, que tambem é regado pelo rio Soure; que desagúa a 2 kilometros de distancia da villa, e logo abaixo da *Ladroeira* (ou *Casal do Rio*) entre a *Costa d'Arnes* e o monte do *Merujal*, proximo á *Valla Real d'Alfaréllos*, que desagúa no Mondego, junto do rio Soure. O rio *Louriçal*, tambem rêga parte d'esta freguezia.

Apezar de toda esta abundancia d'aguas —que são mais prejudiciaes do que proveitosas, por diminuirem muito no verão, e trasbordarem no inverno — é a terra falta de agua, quando ella é mais necessaria, e a potavel é de má qualidade.

A egreja matriz é muito antiga, mas a sua reconstrucção data do seculo XVI, e foi feita pelos seus padroeiros, os cruzios de Coimbra.

É um bom templo, restaurado em 1868, sendo então levantadas as paredes do corpo da egreja, e o seu tecto estucado. Actualmente (outubro de 1882) ainda alli andam obras, que constam do alteamento das paredes da capella-mór, estucamento do tecto e *escaiolamento* das paredes. Concluido isto, fica uma egreja muito linda e aceiadissima.

Capellas e ermidas d'esta freguezia

1.ª—*Capella de Nossa Senhora dos Remedios.*—Tem entrada pelo corpo da egreja matriz, e está hoje a cargo da junta de parochia.

Foi mandada construir pelo doutor Manoel Pinto da Silva e por sua mulher, D. Paula Martins Pereira, em 1680, para cabeça de um vinculo que então instituiram n'esta fre-

guezia. É de abobada, e está em perfeito estado de conservação.

2.ª—*Capella do Santissimo Sacramento*—tambem com entrada pelo corpo da egreja matriz. Segundo a data que está gravada no lado direito do seu arco, foi construida em 1543. Está magnificamente dourada e decorada.

3.ª—*Capella das Bemdictas Almas*—como as antecedentes, está tambem na egreja matriz, fronteira á de Nossa Senhora dos Remedios. Está a cargo da confraria das Almas. Tem n'um dos cunhaes exteriores, a data de 1677: foi provavelmente então fundada, ou reconstruida. É de abobada, e está muito bem conservada.

4.ª—*Ermida de S. Sebastião.*—Está ao E. do logar, e não se sabe quando ou por quem foi construida, ou mandada fundar. É vasta, e está optimamente conservada, praticando-se n'ella os actos religiosos. Parece fundação do seculo passado.

5.ª—*Ermida de S. Pedro.*—Está ao S. da povoação. Sobre a porta principal, se lê—1624—provavelmente, é a data da sua construcção, ou reedificação.

Está muito bem conservada e aberta ao culto divino.

Tanto esta, como a antecedente, estão a cargo da junta de parochia.

No archivo da mesma junta existe um documento, do qual consta que esta ermida foi fundada pelo reverendo doutor João Rodrigues Pinto, d'Abrunheira.

Houve n'ella uma irmandade, denominada *dos Clerigos*, instituida pelo fundador da ermida, que foi um dos seus primeiros confrades. Falleceu em 1695.

O seu primeiro orago, foi São Payo; porém, ha muitos annos—não se sabe porque motivo—é que se mudou para São Pedro.

6.ª—*Ermida do Senhor Jesus do Adro.*—Está no centro da povoação, e parece obra do seculo passado. Apezar de se conservar em bom estado, um dos reverendos parochos antecessores do actual, deixou-a profanar, e foi cedida, para *casa de ensaios*, a uma philarmonica que ha n'esta freguezia.

7.ª—*Ermida de Nossa Senhora do Rosario.*—Está no centro da povoação. Não se sabe quando nem por quem foi fundada, mas, segundo se deprehende de um antigo documento, do anno de 1567, já então existia, e pertencia a um hospital, denominado do *Nome de Jesus*. Actualmente é da confraria das Almas, que n'ella celebra as suas sessões.

É vasta e tem campanario e boa sachristia.

Está em optimo estado de conservação, e serve actualmente de matriz, emquanto duram as obras da egreja parochial.

Lê-se no *Santuario Marianno* (tomo 4.º, pag. 707) que a padroeira se festejava com grande pompa, nas 1.as domingas de maio, e de outubro. N'esse tempo (1712) em todos os sabbados da quaresma, havia aqui sermões, de tarde, muito concorridos.

8.ª—*Ermida de Santo Antonio* (particular)—na *quinta do Cardal*, hoje propriedade do Sr. Joaquim Antonio Teixeira Barbosa, residente em Lisboa. Tem serventia para a rua publica, e celebram-se n'ella os actos religiosos. Está reclamando urgentes reparos.

Foi fundada pela familia Macedo, que existiu n'esta freguezia, cujos bens pertencem hoje ao referido Barbosa.

E' antiga, mas ignora-se a data da sua fundação.

9.ª—*Ermida de Nossa Senhora da Assumpção*—na quinta *d'Almiara*, do mesmo sr. Barbosa. Apezar do seu bom estado de conservação, está profanada, servindo de armazem de madeiras, deposito de fructas e outros generos, e foi por algum tempo casa de officina de carpinteiro.

Foi fundada pelos conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra—aos quaes pertenceu esta quinta.

10.ª—*Ermida de Santo Antonio*—no logar da *Ereira*. (Hereira?) Foi mandada construir pelos moradores d'esta aldeia, em 1866, concluindo-se toda a obra em 1872. E' exclusivamente dos seus fundadores.

—

Foi natural d'esta freguezia, Fernando Luiz de Souza Barradas, o qual, fallecendo, pelos annos de 1840, deixou todos os seus haveres a seu sobrinho materno, Jeronymo

Pereira Vasconcellos, marechal de campo, reformado, feito 1.º barão da Ponte da Barca, em 14 de outubro de 1845, e visconde do mesmo titulo, em 12 de outubro de 1847. Era filho do desembargador, Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, da cidade de Ouro Preto (Brasil), e de D. Maria do Carmo de Souza Barradas, tambem brasileira, e natural da cidade de Marianna.

O dito 1.º visconde, veio para Verride, pouco depois da morte de seu tio e doador. Em dezembro de 1872, foi residir para a Figueira da Foz, onde falleceu a 21 de janeiro de 1875 (e não em Verride, como eu disse no 7.º vol., pag. 165, col. 1.ª, guiado pelo que disseram varios jornaes d'esse anno).

E' 2.º visconde da Ponte da Barca, feito em 11 de março de 1875, o Sr. Fernando Pereira de Vasconcellos, filho do 1.º visconde.

—

Pedi ao Rv.^mo^ Sr. José Simões Cantante, illustrado e benemerito prior de Verride, varias informações sobre diversos objectos relativos á sua freguezia, ao que este esclarecido cavalheiro promptamente satisfez, pelo que lhe dou os mais sinceros agradecimentos; com muito mais razão, porque, NEM A DECIMA PARTE dos reverendos parochos a quem me dirijo para o mesmo fim, se dignam responder-me.

Ainda outra vez, agradecidissimo, sr. Prior de Verride.

VÊRSAS — portuguez antigo — hortaliças em geral, e em especial, *couves*. Nas provincias do norte, dá-se o nome de *bêrças*, unicamente ás *couves gallegas*.

VERTÚDE—portuguez antigo—valor, fortaleza, valentia, etc.

VESSADÁ — vide *Vessadélla*.

VESSADÉLLA — portuguez antigo — acto de lavrar e semear qualquer campo — porque a qualquer campo, prado ou lameiro, se dava o nome de *Vessada*, se a sua extensão era tal que occupasse duas ou tres juntas de bois, para o lavrarem em um dia.

Hoje, dá-se o nome de *vessada* (no Minho, *bessada*) a qualquer porção de terra cultivada, sem differença de tamanho.

Vessadélla, é tambem a designação d'uma vessada muito pequena; porque *ella*, é um antigo diminutivo da lingua portugueza, v. gr. — gandara, *gandarella* — porta, *portella* — parada, *paradella* — cóva, *covella*, etc.

VESTÁL — Virgem consagrada á deusa Vésta. Segundo a mythologia, Vésta era filha de *Saturno* e de *Ops*, ou *Cybele*. Tinha dois templos em Roma; um, fundado pelo seu primeiro rei, Rómulo, e outro por Numa Pompilio, sabino, e segundo rei de Roma. Foi este rei que consagrou a Vésta sete virgens para cada templo, ás quaes deu o nome de *Vestaes*. Guardavam a mais rigorosa castidade, e eram obrigadas á conservação do fogo sagrado, perpetuamente accêso, o qual se renovava todos os annos, nas *kalendas* de março, por meio dos raios do sol. Se uma vestal faltava a qualquer d'estas duas obrigações, era enterrada viva.

Eram sustentadas á custa do estado, e tinham muitos e grandes privilegios; sendo os principaes — quando sahiam do templo, eram precedidas por um *lictor*, como se pertencessem à familia real — podiam testar, mesmo em vida de seus paes — se um criminoso, por maior que fosse o seu crime, podesse tocar o vestido de uma vestal, estava perdoado — etc.

Os romanos, fundaram templos e mosteiros, dedicados a Vésta, em varios paizes do seu vasto imperio. Em Portugal, está provado que houve um templo e mosteiro de virgens vestaes, em *Chéllas*, o qual, depois, se transformou em mosteiro de freiras cruzias (*conegas regrantes de Santo Agostinho*). Vide *Chellas*.

A ultima freira do mosteiro de Chéllas, falleceu a 13 de junho de 1878; e hoje o mosteiro, está convertido em *seminario ou collegio das missões ultramarinas;* mas as obras para o seu novo destino ainda não estão concluidas.

Estou convencido que um edificio romano que se admira em Cetobriga (*Troia*) e que fica quasi na extremidade sul, proximo ao esteiro, foi um mosteiro de vestaes. E' o monumento mais importante, e menos des-

truido, de todos quantos alli vi — que não são muitos, por emquanto. [1]

Desde tempos remotissimos existem communidades de homens e de mulheres, dedicados a uma divindade qualquer.

Na China e no Japão, ha os *bonzos* — os *tharapeutas*, os *essenios* e outros, eram tambem congregações religiosas.

Nas Gallias, havia *druidissas*, ou *druzas* — na Grecia, as *vestaes* (virgens consagradas á deusa *Vesta*, que symbolisava o fogo, religião instituida na Persia, por Zoroasto) e outras muitas, incluindo as sacerdotizas de Paphos, na ilha de Chypre, consagradas a Venus, e celebres pela sua ascoroza devassidão.

O sabino Numa Pompilio, 2.º rei de Roma, fundou, no anno 39 da fundação d'esta cidade (715 antes de J.-C.), um convento de vestaes romanas. Eram estas sacerdotizas, obrigadas á mais rigorosa castidade e a conservarem no seu templo, o *fogo sagrado* sempre accêzo, o qual se renovava todos os annos, nas kalendas de março, por meio dos raios do sol. Se as vestaes faltavam a qualquer d'estas obrigações, eram enterradas vivas. [2]

—

Em Portugal, houve—

Em Cintra, um mosteiro de virgens, consagradas á deusa *Cêa* [3] e sujeitas ás do convento d'Evora, dedicado á deusa *Falas*.

Em *Chellas*, houve, com certeza, um convento de vestaes, como vimos nas palavras *Chellas* e *Val de Chellas*. Eram tambem sujeitas ao mosteiro de vestaes, d'Evora.

Muitos escriptores antigos, dizem que o mosteiro dedicado a Vésta, em Chellas, foi fundado por Ulysses, quando reedificou Lisboa, e que uma sua irmã, fôra a primeira superiora d'este mosteiro. Hoje, como todos sabem, a vinda do rei d'Ithaca a Lisboa, é tida por fabulosa; mas, o que não é fabula, é a existencia do convento de vestaes em Chellas, porque ha d'isso provas evidentes.

No *Perú* (America) tambem havia conventos de sacerdotes e sacerdotizas do Fôgo.

No principio do seculo XVI, acharam os portuguezes, no Brasil, um mosteiro de virgens, consagradas ao *Sol*. Este astro, foi (e é ainda em algumas partes) considerado um deus, e o symbolisavam pelo fôgo.

VESTEARÍA ou **VESTIARIA**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alcobaça, 105 kilometros ao N.E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768 tinha 91 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Ajuda.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O Dom Abbade do mosteiro cisterciense, d'Alcobaça, apresentava o vigario, collado, que tinha de rendimento annual—60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, e 6$000 rs. em dinheiro.

E' terra fertil.

Não pude saber a etymologia d'esta palavra (*Vestiaria*) nem d'esta parochia pude obter outras informações. Mandei uma circular ao parocho, mas não me respondeu.

VESUVIO — grande quinta do Alto-Douro — antigamente, chamada *Quinta das Figueiras*, Beira Baixa, nos limites da freguezia de Freixo de Numão, concelho de S. João da Pesqueira.

Esta quinta, e a *do Paúl* na Gollegan (Extremadura) são as maiores, mais ricas e mais bem conservadas e cultivadas, de todo o reino.

A quinta do Vesuvio, era um terreno que, na sua maxima parte, pertencia aos condes da Lapa, e se chamava *quinta das Figueiras* (e é o nome que os povos d'aqui ainda dão á quinta.)

---

[1] Os templos e cellas das vestaes, era tudo de fórma circular, e é o que se nota no edificio de Cetobriga. Isto induz a acreditar que, com effeito, era dedicado á deusa Vésta.

[2] *Rhea Sylvia*, filha de Nomitor, rei d'Alba, era vestal, mas, apezar d'isso, teve Romulo e Remulo. Seu tio Amulio, successor de Numitor, não a mandou enterrar viva, mas afogar no rio Tibre.

[3] Céa, era o nome da ultima amante do poeta Anacreonte, natural de *Téos*, cidade da Ionia, e que morreu engasgado, com um bago d'uvas de Coryntho, aos 85 annos de edade (no anno 280 da fundação de Roma), estando a cantar com Céa e outros amigos. Eu supponho que os gregos divinisaram a amante de Anacreonte.

E' hoje propriedade da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, prima e viuva de Antonio Bernardo Ferreira — o legendario *Ferreirinha da Régua*. E' mãe da sr.ª condessa da Azambuja, e do sr. Antonio Bernardo Ferreira, residente no seu palacio da Trindade, do Porto. Depois de viuva do seu primeiro marido, o *Ferreirinha*, casou com F. J. da Silva Torres, do qual tambem já é viuva.

O *Ferreirinha* comprou a quinta das Figueiras aos condes da Lapa, e varias propriedades contiguas, a diversos possuidores, para fundar a actual quinta.

Principiaram as magnificas obras que hoje se admiram, em 1820. E o seu fundador lhe pôz o nome fantasioso de quinta do Vesuvio. (Tambem, d'ahi a uns 16 ou 17 annos, comprou um bonito barco a vapôr, a que deu o nome de *Quinta do Vesuvio*. Foi, provavelmente, alguma recordação agradavel das suas viagens pela Italia.)

Até então, a quinta era destinada á cultura de cereaes — principalmente centeio — tinha varias oliveiras, e grande numero de figueiras, que deram á propriedade o seu antigo nome. Hoje já alli não ha figueiras.

O Ferreirinha, um dos maiores capitalistas de Portugal, no seu tempo,[1] resolveu transformar a velha propriedade, na mais sumptuosa quinta d'este reino, e o levou a effeito ; pois só passados quarenta e seis annos (1866) é que o fallecido doutor José Maria Eugenio de Almeida, comprou, por 400 e tantos contos de reis, ao marquez de Niza, a quinta do Paúl. (3.º vol., pag. 297, col. 2.ª)

Negociante de vinhos, em larga escala, e muito conhecedor da viticultura, quiz que a sua quinta produzisse vinho de 1.ª qualidade, e em grande quantidade, visto que a constituição geologica do terreno (schistoso) a isso se prestava, em grande parte, maravilhosamente.

Principiaram as obras com grande actividade, e com alguns centenares de operarios, mas, apezar d'isto, só terminaram em 1833 — e, ainda, em 1850, a sua viuva adquiriu novos terrenos contiguos, que reuniu, e a que deu o nome de *Quinta Nova*. Fica junto ao grande olival da parte mais alta da quinta, ao S. O.

Pelos annos de 1872, ou 1873, ainda a sr.ª D. Antonia Adelaide, lhe juntou a propriedade do Monte do Espinho, que desce até á margem esquerda do Douro, e á qual deu o nome de *quinta da Alegria*, plantando n'ella alguns centenares de videiras, de castas escolhidas.

A superficie cultivada da quinta, é superior a 300 hectares. Da base do Monte de Espinho, á ribeira da Téja, ao longo do rio Douro, mede trez kilometros — e d'este rio á cumeada do olival de que já fallei, tem 2:500 metros, na sua maior largura. Toda a quinta, tem 12 kilometros de circumferencia.

Diz o sr. visconde de Villa-Maior, no seu esplendido livro «O Douro Illustrado» pag. 95 — fallando d'esta vasta propriedade — «A constituição geologica, não é identica em tão accidentado terreno. Os granitos, d'este lado do rio, cercam a quinta do Vesuvio, penetrando ainda n'ella, em varios pontos. Ao O., nos limites da propriedade, e á esquerda da Téja, é granitico o *monte da Cabreira*, que do Douro sóbe para o elevado sêrro em que estão as ruinas do antigo castello de Numão.

«E' tambem granitico, o *Monte da Picanceira*, já dentro do prédio ; e estas rachas, vão sem descontinuar, pelo lado do S., constituindo os andares superiores dos montes que sóbem a direita da Téja, para Freixo de Numão.

«A base da quinta, que o Douro banha, a não ser na extrema do O., é formada pelos schistos do *periodo siluriano*, cujas camadas seguem a direcção E. S. E., para O. N. O., com inclinação de 45º, aproximadamente, para o S. O.

«As encostas do *Monte do Raio*, dos *Trez-*

[1] A sua *fortuna*, calculava-se em DÉS MILHÕES DE CRUSADOS, que, a 6 % de juro ao anno, lhe davam um rendimento annual, de 240 contos — mensal de 20 contos ; e diario de 666$666 réis e 2/3! Morreu em Paris, com uma indigestão de ôstras, em 1844, sem que os seus milhões lhe podessem salvar a vida.

Castellos, do *Pombal*, e de *Espinho*, pertencem a esta formação.

«Do lado do S., entre os montes do Olival e da Picanceira, encontram-se os *mica-shistos*.

«Na margem do Douro, as terras mais baixas, sujeitas ás inundações, são de aluvião recente.

«É, portanto, o solo aravel d'esta propriedade, formado, na maxima parte da sua superficie, pela desagregação dos schistos argillosos silurianos, tendo alem d'isso, uma porção de terreno selicioso, proveniente da decomposição dos granitos.

«As analyses d'estes terrenos, cujos resultados, adiante se encontrarão, pódem dar ideia da sua composição.

«E' especialmente destinado este prédio, á producção do vinho generoso, do azeite, e da amendoa. São estes os productos que d'alli se exportam, sendo os outros geralmente consumidos na quinta.

«A producção media, é avaliada em 300 pipas de vinho fino, de 30 a 40 de azeite, e em 200 arrobas de amendoa.[1]

«O que avulta n'esta quinta é incontestavelmente a vinha, que cobre a maior parte dos valles e quebradas.

«A plantação primittiva, foi de 600:000 bacéllos, e ainda hoje não será por certo menor o numero das cêpas existentes, e occupando cêrca de 140 hectares.

«Para tão grande quantidade de vinha, é muito limitada a producção; mas consta que ella já em outros tempos chegou a produzir 600 pipas de vinho.[2]

«A edade actual das cêpas (1876) que orça por meio seculo, e o esgotamento do sólo, ao qual nada se restitue, no systema agricola do paiz do Douro, explicam bem a diminuição do producto.» (E ainda mais o fez diminuir o *phyloxera vastatrix*.)

«Um dos montes mais altos, está coberto de olivêdo, extremamente cerrado, e álem d'isto, muitas oliveiras se acham dissiminadas pela vinha.

«As amendoeiras, espalhadas em tão extensa área, não avultam á nossa vista; veem-se apenas seguidas, bordando os caminhos interiores, e só n'uma das encostas, para o lado da Téja, e nas escarpas inferiores, proximas ao rio, é que a sua plantação é mais compacta.

«Quando ha poucos annos a sericultura começou a receber n'este paiz um certo impulso, com a exportação do casúlo, fizeram-se alli bastantes plantações de amoreiras, e, modernamente, se creou tambem um pomar de laranjeiras.

«As terras destinadas á producção dos cereaes, são poucas. Ao longo do rio (Douro) e na parte onde chegam as inundações, estão alguns hectares de pastos, de terras de nateiro, em que se cultiva o milho e o feijão; e outras, onde existem denços cannaviaes, hoje tão necessarios á região vinicula, para suprir a falta de madeira, para supportes da vinha.

«As arvores fructiferas e silvestres, não são numerosas, acham-se muito dissiminadas.

«Para bem admnistrar um predio d'aquella extensão, era indispensavel dividil-o em *cantões*, nos quaes os trabalhos se podessem fazer simultaneamente, sem confusão, evitando, principalmente, a grande accumulação dos trabalhadores, n'um ponto. Foi isto o que se fez, dividindo a quinta em tres *cantões*, cada um com a sua esquadra, ou rancho de trabalhadores, que alli teem alojamentos separados, a que chamam *cardênhas*.

«Na plantação primittiva da vinha, na sua constante renovação, nas operações da sua cultura annual, e nas do fabrico do vinho, seguiram-se e seguem-se ainda aqui, os methodos do Alto-Douro, que descrevemos resumidamente, nas generalidades sobre este paiz.»

. . . .

«As officinas na quinta do Vesuvio correspondem á grandeza de tão notavel predio; e pódem apresentar-se como modelo das que

---

[1] Isto era em 1876, quando o sr. visconde escreveu o seu livro; hoje o maldito philoxera, tem destruido grande parte das vinhas de ambas as margens do Douro.

[2] Aliás, 900 a 1:000. Vide 6.º vol., pag. 182, col. 1.ª

se usam no paiz do Douro — as que são particularmente destinadas a recolher o vinho.

«Os lagares e adégas do vinho, constituem um só, mas grande, edificio isolado, cuja disposição interior já fizemos conhecer.

«O engenho, fabrica, ou lagar de azeite, com as suas dependencias, e uma adéga subterranea em que está a frasqueira, para guarda das amostras dos vinhos, formam um grupo de edificios separados, e distantes do primeiro. Tanto uns, como os outros, estão situados no prolongamento do caminho que corre parallelo ao rio (Douro) e assentes sobre o declive da encosta. Esta circumstancia permitte que as differentes partes das officinas, estejam dispostas da maneira mais accommodada ás operações a que se destinam. Assim, os lagares em que se faz o vinho, ficando superiores a adéga em que elle se recolhe, permittem que o liquido corra naturalmente para os toneis, sem mais trabalho do que o necessario para dirigir e regular o seu curso, pelos cannaes a esse fim dispostos. Da mesma fórma, a azeitona, entrando pela parte superior da casa do engenho soffre successivamente as operações de moenda e pressão da massa, de módo que o azeite sáe pela parte inferior, para o armazem que fica immediato, evitando-se d'este módo o transporte de massas consideraveis.

«O moinho do azeite, é posto em movimento por meio de uma grande róda hydraulica, que trabalha á custa da agua que um canal traz da Téja. Este cannal, é uma das obras de mais vulto e maior utilidade que se podem observar na quinta do Vesuvio.

«Tem elle uma extensão superior a um kilometro, praticado quasi todo em rocha viva, de durissimo granito, ao longo da aspera encósta e através dos rochedos, que desde aquella officina vão até á torrente da Téja, e na altura necessaria para colher as aguas, com a queda sufficiente para pôr em movimento a roda hydraulica.

«Póde visitar-se todo este cannal, seguindo um passeio que o acompanha de uma a outra extremidade, com a largura bastante para permittir aos visitantes uma agradavel e curiosa excursão, em que se pódem admirar, na estação propria, as caprichosas quédas, os arrojados saltos e repuchos espumosos que a Téja faz, entre os penhascos do seu atormentado leito, antes de entrar no Douro, que alli a recebe, bramindo furioso, ao entrar no estreito corredor das alcantiladas rochas que precedem o *ponto de Arnozello*.

«Em frente do Vesuvio, está a *quinta da Coelheira*, que pertence ao sr. Lereno, do concelho de Carrazeda de Anciães, perfeitamente situada n'um outeiro, de mediana elevação, que domina o rio, abrigada do norte pelas encostas que sobem para Villarinho da Castanheira e terras altas de Anceães; disfructando todas as condições naturaes, propicias á vinha. Produz de 30 a 40 pipas de vinho fino, que tem excellente reputação.

—

Por esta quinta, vae passar o caminho de ferro do Douro, que da cidade do Porto se dirige á estação *terminus*, em Portugal, no logar da Barca d'Alva. Está orçado o custo kilometrico d'esta secção, em 44:480$000 réis.

Supponho que se quer aqui construir uma estação, que se denominará *do Vesuvio.* [1]

—

Peço desculpa aos meus leitores, de me estender tanto na descripção da quinta do Vesuvio, mas esta bella e magnifica propriedade, tudo merece.

VETONES — povos da antiga Lusitania, a cujo paiz servia de divisão o rio Douro; sendo na margem opposta, o paiz dos *astures*, e cuja capital era *Vetonia*, que ficava per-

---

[1] A não ser o costume que teem os engenheiros do caminho de ferro do Douro, de darem ás estações, nome de povos que ficam em frente, na margem opposta, como fizeram em *Arégos*, *Mollêdo*, *e Porto de Rei* — não sei como o caminho de ferro hade passar por esta quinta, a não ser por uma ponte que se construa no Douro, passando o caminho de ferro para a margem esquerda, e, por conseguinte, para a Beira Baixa; o que não seria muito difficil, porque o rio aqui fórma uma estreita garganta.

to da actual villa de Freixo de Espada á Cinta. O paiz dos vetones, pertence hoje á Galliza.

VÊZ — pequeno rio, Minho. — Nasce no Val de Pôldras, freguezia de S. João de Sistêllo — passa pela villa dos Arcos de Val de Vez, e desagúa no Lima, proximo a S. Pedro do Souto, 5 kilometros abaixo da villa dos Arcos, depois de ter recebido, por ambas as margens, alguns regatos e ribeiros.

O seu antigo nome era *Vice.*

Em fevereiro de 1879, houve por estes sitios um grande temporal. O rio Vez, adquiriu uma corrente temerosa, e trasbordando muito fóra do seu leito, causou grandes prejuizos nas suas margens. Destruiu algumas pontes, e arrastou na sua corrente, arvores, traves, barcos, e tudo quanto encontrava no seu caminho. A estrada de *Lamélla,* pôsto ser defendida por um muro de suporte, de grande altura, foi inundada. A *Estrada Alta, Fonte do Piôlho* e campos proximos, ficou tudo coberto d'agua. A *rua de Lira,* na villa dos Arcos, ficou transformada em um rio, que chegou até ao *Caffé Arcoense!*

Ao tempo em que o *rio Vez* estava no maior grau do seu furor, destruindo tudo a quanto pôde chegar, foi que (a 13 de fevereiro de 1879) foi feito seu visconde — do *rio Vez* — o sr. Boaventura Gonçalves Roque. Foi uma compensação!....

VIADE — está em *Veade.*

VIA GLORIA — freguezia, Alemtejo, comarca de Almodóvar, concelho de Mértola (foi da comarca e concelho de Mértola) 120 kilometros ao O. de Beja, 215 ao S. de Lisbôa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 91.

Orago, São Bartholomeu, apostolo. Bispado e districto administrativo de Béja.

O rei, pelo tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens, apresentava o capellão, curado, que tinha de rendimento annual, 120 alqueires de trigo, 90 de cevada, 10$000 reis em dinheiro.

Fertil em todos os generos agricolas, gado, caça, e peixe do Guadiana, que lhe fica proximo, e do mar, que lhe vem, fresco, pelo mesmo rio.

VIA LONGA — freguezia, Extremadura. Concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado 3 kilometros ao N. O. d'Alverca, e 16 kilometros ao N. de Lisbôa. 410 fogos.

Em 1768, tinha 305.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O povo apresentava o cura, que tinha 150$000 reis de rendimento annual.

A povoação de Via-Longa, está situada em uma elevação, a distancia de 5 kilometros de S. Julião do Tojal.

Consta que o seu 1.º nome, foi *Villa Longa.*

E' povoação muito antiga. Em 1390, ainda não era parochia, e os seus habitantes construiram uma ermida, e pediram licença, ao arcebispo de Lisbôa, D. João Annes (4.º vol., pag. 271 col. 2.ª) para terem n'ella um capellão que lhes dissesse missa e administrasse os sacramentos; porque a sua egreja matriz, era — e ainda foi por muito tempo — a de Santo André, de Lisbôa, que lhe ficava a 18 kilometros de distancia, e para hirem a ella, tinham de atravessar varias freguezias!

> D. João Annes, foi feito bispo de Lisbôa em 1383, e primeiro arcebispo, em 1394. Já se vê, que, quando deu a tal licença aos moradores de Via Longa, era apenas bispo.

O prelado, concedeu-lhes o que pediam, mas *sem prejuizo dos direitos parochiaes do prior de Santo André.*

Em 1440, tornou este povo a representar ao seu prelado, os grandes vexames que soffria, por ter a egreja matriz a tão grande distancia. Governava então o cabido, em *séde vacante,* por estar desterrado o arcebispo, D. Pedro de Noronha, por ter seguido o partido da rainha D. Leonor, viuva do rei D. Duarte, contra o infante D. Pedro, duque de Coimbra, na questão da regencia do reino, durante a menoridade de D. Affonso V. (Vide no 4.º vol., pag. 272, col. 1.ª, no fim, e 2.ª)

O cabido, concedeu-lhes um cura, na ermida, mas sob condição de só receber metade dos rendimentos parochiaes, entregando a outra metade ao prior de Santo André, que ficou com o direito da apresen-

tação do parocho; mas este oppoz-se a esta decisão, e houve uma longa demanda. Por fim, venceu o povo, que ficou com o direito de apresentar o seu parocho, sendo este apenas obrigado a dar ao de Santo André, 8$000 reis annuaes.

Tornada freguezia independente, o povo ampliou a sua antiga ermida, que é a actual egreja matriz.

E' n'esta freguezia, o mosteiro de Nossa Senhora do Amparo, que já fica descripto na 2.ª *Verdêlha.*

Mosteiro de N. Senhora dos Poderes

Dona Brites de Castello-Branco, era filha herdeira de Heitor Mendes Valente, senhor e alcaide-mór da villa de Terêna, e de D. Mecia Paes de Castello-Branco,

Foi dama da infanta D. Isabel, mulher do infante D. Duarte, filho do rei Dom Manoel.

Casou com Dom Antonio da Silveira Henriques, primo do conde de Portalegre, e que, pelo seu casamento, veio a ser senhor e alcaide-mór de Terêna.

Dona Brites, herdou de seus paes uma propriedade, chamada *quinta de Via Longa*, na qual elles tinham mandado fazer um oratorio, onde D. Brites orava frequentemente.

Decidiram D. Brites e seu marido, fundarem na tal quinta um recolhimento de terceiras franciscanas. Pediu ella, a sua exoneração de dama da infanta, para se dedicar exclusivamente a este estabelecimento; o que lhe foi concedido.

Impetrou licença do papa Pio IV, para esta obra, dedicada a *N. Senhora da Encarnação;* porém o pontifice, dando-lhe a pedida licença por um breve de 1561, mandou que o recolhimento fosse dedicado a *N. Senhora dos Poderes.*

Obtida tambem a licença da rainha D. Catharina, viuva de D. João III, e regente do reino, na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião, principiaram as obras, logo em 1561.

A rainha, e a dita infanta D. Isabel, mandaram fazer, á sua custa, a capella-mór da egreja do recolhimento.

D. Antonio da Silveira falleceu n'este anno de 1561, durante a construcção do recolhimento, deixando-lhe todos os seus bens. O conde de Portalegre, impugnou o testamento de seu primo, havendo uma questão judicial, que foi decidida a favor do recolhimento.

Terminaram as obras, e foi inaugurado o recolhimento, dizendo-se a primeira missa na sua egreja, a 15 de agosto de 1563.

Consta que a imagem da padroeira foi dada pela duqueza de Parma, a infanta portugueza D. Maria, filha do infante D. Duarte, a sua irman, a rainha D. Catharina, mulher de D. João III, e que esta a deu á fundadora.

Conservou-se como recolhimento, até 1576, em cujo anno, por auctoridade do papa Gregorio XIII, passou a convento de freiras de Santa Clara (franciscanas) em cuja ordem professaram as recolhidas, bem como a fundadora, sua mãe, cinco sobrinhas e uma cunhada, que todas estavam no recolhimento.

A fundadora, doou ao mosteiro todos os seus bens, por sua morte, que teve logar alguns annos depois, tendo ella sido sempre a sua 1.ª abbadessa.

Apezar de algumas reedificações parciaes, estava o mosteiro ameaçando ruina imminente, pelo que, por uma portaria de 24 de outubro de 1838, foram as freiras transferidas para o mosteiro de Nossa Senhora da Annunciada, do logar de Sub-Serra, de freiras *claristas,* (da mesma ordem) da villa da Castanheira, do Riba-Tejo. (Vol. 2.º, pag. 160 col. 1.ª e 9.º vol., pag. 461, col. 2.ª)

O edificio do antigo mosteiro, ficando em completo abandono, hia cahindo aos pedaços. Em 1844, as freiras de Sub-Serra, foram-lhe vendendo as madeiras, telha, pedra etc., ficando de pé apenas a egreja; mas, em 1854, tendo a camara municipal reformado as calçadas de Via-Longa, e tendo obtido licença para se utilisar da pedra que restava d'este mosteiro, quando se derrubou uma parede que pelo E. fazia encontro com a parede da egreja, cahiu a abobada d'esta, ficando tudo um montão de ruinas.

As religiosas, já então tinham aforado ao padre José da Expectação a casa da residencia dos seus capellães—outra casa, com um bocado da cêrca, a José Ribeiro Podre

— e o resto da cêrca, a João Martins de Freitas, que fôra creado (hortelão) das mesmas freiras.

Em 1873, ou 1874, o governo pôz em praça, a venda do terreno em que tinha sido edificado o templo e o mosteiro, e o resto da pedra que ainda existia. Foi tudo arrematado por João Antunes Pombo, que n'aquelle chão construiu uma abegoaria e loja de ferrador.

Hoje, debalde o viajante procurará em Via-Longa, vestigio do historico mosteiro de N. Senhora dos Poderes!

—

Agradeço ao rev.mo sr. Antonio Nunes de Moraes, dignissimo prior de Via-Longa, os esclarecimentos que — a meu pedido — teve a bondade de me mandar, com respeito ao fim que levou este mosteiro: não fez como a maior parte dos seus collegas, a quem tenho pedido informações, e que teem tido a *delicadeza* de me não darem resposta.

Honra pois ao actual senhor Prior de Via-Longa.

—

Pretendem alguns escriptores, que no logar da Verdêlha, d'esta freguezia, nasceu o famoso arcebispo de Braga, D. Frei Bartholomeu dos Martyres. (Vide a 2.ª *Verdêlha.*)

—

E' n'esta freguezia, o tristemente célebre logar da *Alfarrobeira*, onde, a 20 de março de 1449, foi morto o infante D. Pedro, filho de D. João I, e tio e sogro de D. Affonso V. (1.º vol., pag. 115 col. 2.ª) Vide tambem o 1.º *Pombulinho.*

—

Ha em Via-Longa, duas quintas de muita valia — são —

Quinta da Alfarrobeira, na aldeia d'este nome. Pertence á nobilissima casa dos duques de Cadaval. Tem grande numero de frondosas arvores, e um grande e formoso palacio, com magnifica ermida. A' entrada d'este palacio, se admira um bellissimo vaso de pórfido.

Junto a esta quinta, passa a ribeira da Alfarrobeira, junto da qual, é o sitio do *Arraial*, onde se deu a desastrosa batalha que relatei no logar citado do 1.º volume.

Quinta dos duques de Loulé, chamada de Via-Longa. Tem tambem um optimo palacio, uma rica ermida, dedicada a Nossa Senhora da Graça, e bellas ruas do bosque.

Este palacio foi construido com grande magnificencia, no gosto moderno, pelo cardeal patriarcha de Lisbôa, D. José Francisco Miguel Antonio de Mendonça (4.º vol., pag. 278, col. 2.ª) pelos annos de 1800.

VIAMONTE — Vide *Ayamonte.*

VIANNA DO ALEMTEJO — Villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, na comarca, districto administrativo, arcebispado, e 30 kilometros ao S. O. d'Évora, 12 ao N. d'Alvito, 42 ao N. de Beja, 43 ao S. de Monte-Mor-Novo, 105 ao S. E. de Lisbôa (pelo caminho de ferro, 110) 550 fogos.

Em 1768, tinha 469.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

O provedor das capellas de D. Affonso IV, apresentava o reitor, que tinha 250$000 reis de rendimento annual.

O seu concelho é composto de 3 freguezias — Alcáçovas, e Vianna, no arcebispado d'Evora, e Aguiar, no bispado de Béja — todos, com 950 fogos.

E' aqui a 12.ª estação do caminho de ferro do sueste, contando da estação do Barreiro.

Segundo a nova divisão judicial, é um dos quatro julgados da comarca d'Evora (Sé) Arrayolos, e São Manços.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 17.º

Teve por armas — em campo azul, um leão rompente, de oiro, collocado no centro do escudo, entre dous escudetes de prata, esquartelados por uma cruz de púrpura, um de cada lado — tendo sobre o leão, um *signo de Salomão*, e por baixo d'elle (leão) outro signo, ambos de púrpura.

O padre Carvalho, na sua *Corographia portugueza*, diz que Dom Gil Martins a povoou e lhe deu foral, pelos annos de 1180, e que o rei D. Diniz lhe concedeu a cathegoria de villa, e lhe deu foral, em 1313, com os privilegios do de Santarem; mas Franklin, não falla em semelhantes foraes, e só traz o que lhe deu o rei D. Manoel, em Lisbôa, a 25 de dezembro de 1517. *(L.º de foraes novos do Alemtejo*, folhas 101 v.º col. 1.ª) Este

foral, dá-lhe o nome de Vianna d'Alvito; mas, em outros documentos se chama *Vianna de a par de Alvito.*

—

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, nas suas *Cidades e villas da monarchia portugueza,* (3.º vol., pag. 126), conta de outro modo, a repovoação d'esta villa.

Diz este illustre escriptor—

«A memoria mais antiga, que se encontra d'esta terra, é que — achando-se em ruinas e abandonada, a mandou reconstruir e povoar, Dom Gil Martins, que lhe deu o seu primeiro foral. Este D. Gil Martins, *viveu nos principios do seculo* XIII, *reinando D. Affonso II,* e foi avô de D. Martim Gil, conde de Barcellos, e alferes-mór d'el-rei D. Diniz.

«Pelos annos de 1313, el-rei D. Diniz a fez villa, concedendo-lhe novo foral, com muitos privilegios, um dos quaes determinava, que não poderiam residir n'ella fidalgos, sem licença da camara.

N'esta época era senhor de Vianna, o conde D. Martim Gil, acima mencionado. Por sua morte, fez D. Diniz doação d'este senhorio, a seu filho e herdeiro, o infante D. Affonso, com a condição de o não poder doar, senão á infanta sua mulher, ou a algum filho seu. Por isto se vê que a villa de Vianna, era tida por este sobêrano em muita consideração, ou pelas suas rendas, ou pela importancia do seu castello.»

Senhores de Vianna

O meu velho e esclarecido amigo, o sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, no Porto, diz que «esta villa foi povoada por D. Gil Martins, e sua mulher, D. Maria Annes, e que depois — em 1269 — estes fizeram uma composição com D. Martinho, bispo d'Evora, sobre os dizimos da egreja de *Foxim,* (?) em que a Sé teria sómente a 4.ª parte dos dizimos de Vianna; a qual, por fallecimento dos seus povoadores, passou para seu filho, D. Martim Gil de Souza, conde de Barcellos. Por morte d'este, vagou para a corôa, e o rei D. Diniz a fez villa, em 1313, dando-lhe por termo, Alvito, Villa Nova, Villa Ruiva, e *Malcabron* (terra de que hoje não ha memoria). E aos seus moradores deu 1:000 libras para ajuda da construcção de 400 braças de muralha, o que se não effectuou senão passados annos, mandando-lhe o dito D. Diniz, construir o castello.

D. Affonso IV, instituindo as dez capellanias na Sé de Lisboa (ás quaes se dá o nome de *Capellas de D. Affonso IV*), applicou para ellas (no seu testamento, feito em Leiria, a 13 de fevereiro de 1345) a maior parte dos dizimos de Vianna do Alemtejo, assim divididos—formavam-se 16 montes—9, para as taes capellas—4, para a Sé d'Evora—e 3, para o reitor d'esta villa. Das 9 partes das capellas, se tiravam nove *quarteiros,* para certo fidalgo.

«O rei D. Fernando I, estando em Juromenha, deu a villa de Vianna (esta) em titulo de condado, a D. João Affonso, em 30 de março de 1368, dando este, para as taes capellas, a sua *quinta das Cachoeiras,* com outras fazendas. [1]

«Já, em 17 de outubro de 1314, o rei D. Diniz tinha dado esta villa a seu filho D. Affonso, depois rei, 4.º do nome.»

D. Affonso V, deu o senhorio d'esta villa, a D. João, irmão de D. Fernando II, duque de Bragança, em troca de metade da sua *Quinta das Ilhas,* no termo de Mafra, e que fôra da duqueza sua mãe, e que, por este contracto, ficou pertencendo ás ditas *capellas de D. Affonso IV.*

Condes de Vianna

Foi 2.º conde de Vianna, D. Pedro de Menezes (filho do 1.º) que falleceu a 21 de setembro de 1437. Foi casado com quatro mulheres, mas de nenhuma d'ellas teve filho varão. Teve porém um filho bastardo, que foi o famosissimo—

---

[1] Souza, no seu *Agiologio Lusitano* (tomo 4.º, pag. 338, col. 2.ª), diz que este 1.º conde de Vianna, tomando em 1383 o partido de D. João I, de Castella, contra o mestre de Aviz, foi por esta razão assassinado em 1384, pelos moradores da sua villa de Penella.

D. Duarte de Menezes, 3.º conde de Vianna, cuja mãe foi Isabel Domingues, por alcunha *a Bexigueira*. Para evitarmos uma extensa repetição, veja se no 8.º vol., pag. 496, col. 1.ª — anno de 1464.

D. José de Menezes, 4.º conde de Vianna, foi 2.º filho do 1.º marquez de Marialva, e conde de Cantanhêde, D. Antonio Luiz de Menezes, terror dos castelhanos, durante a guerra da restauração.

Foi D. Pedro II, que fez conde a D. José de Menezes, seu estribeiro-mór, e alcaide-mór de Vianna, em fevereiro de 1692, e em attenção de ser descendente do 1.º conde.

Este 4.º conde, falleceu em 13 de setembro de 1713, sem deixar descendencia legitima.

Este titulo, está actualmente extincto.

—

A villa assenta na encosta da serra do seu nome, que abriga a povoação pelo lado do sul, ficando exposta ao vento norte, o que a torna fria, mas salubre, e como abunda em optimas aguas potaveis e de irrigação, o seu territorio é fertilissimo em todos os generos agricolas do paiz, principalmente cereaes, vinho, azeite e fructas.

Os arrabaldes da villa são sobremodo aprazíveis, pelas hortas, pomares, olivedos, vinhas, arvoredos silvestres, e fontes que comprehendem. No seu termo ha abundancia de caça; e nos montes que circumdam a villa, ha pedreiras de marmores finissimos, de muito diversas qualidades, d'onde tem hido bastantes para as officinas de Lisboa. Uma parte d'aquella preciosa collecção de marmores portuguezes, que figurou nas exposições de Londres e Paris, e que, pela sua belleza, attrahiu a attenção dos visitantes, foi d'aqui extrahida, pelo fallecido engenheiro, e sympathico cavalheiro francez, mr. Dejeant, irmão do proprietario do *Hotel Club*, do Bom-Successo, em Belem.

—

O padre Carvalho, na sua *Corographia portugueza*, fundando-se no que diz Rodrigo Mendes da Silva, *Poblacion general de España*, pretende que esta villa seja fundação dos gallos-celtas, 300 annos antes de J.-C., que lhe deram o nome de *Vienne*,[1] em memoria da sua terra natal. Outros escriptores seguem esta opinião; porém note-se que Rodrigo Mendes da Silva, não marca a época d'esta fundação, e só diz — *Su fundacion se atribuye à Celtas-Galos, algunos siglos antes de la venida de Christo.*

É certo, porem, que, ainda que esta povoação não fosse fundada pelos gallos-celtas, é incontestavelmente muito antiga, e já no tempo dos gôdos tinha o nome actual.

Côrtes em Vianna d'Apar de Alvito

Apezar dos chronistas de D. João II (Ruy de Pina, e Garcia de Rezende) não mencionarem convocação alguma de côrtes, n'esta villa, durante o reinado de D. João II, é certissimo que ellas aqui tiveram logar em 1482, e foram as 73.ªˢ d'este reino. Principiaram em Evora, no anno de 1481, e terminaram aqui, por causa da terrivel peste que então fez grande numero de victimas, sendo uma d'ellas D. Affonso V (pae de D. João II), o qual morreu d'ella, em Cintra, a 28 de agosto de 1481.

N'este mesmo anno, convocou D. João II côrtes em Evora, mas, como a epidemia alli causava grandes estragos, as fez mudar para esta villa.

Para evitarmos repetições, os que desejarem saber o que se legislou nos *194* capitulos d'estas côrtes, e a sua grande importancia, vejam no 2.º vol., pag. 396, col. 1.ª

---

[1] Não fallando em Vienna d'Austria, que não vem para este caso, pois nunca pertenceu ás Gallias, ha em França (que eu saiba) *duas* povoações com o nome de Vienne — a cidade de Vienne, do Isére, sobre a margem esquerda do Rhone, a 35 kilometros ao S. de Lyon — outra no Maine. Ha tambem na França alguns rios com o nome de Vienne. — Não sei a qual das duas cidades alludem os escriptores portuguezes e hespanhoes, dando-a como patria dos fundadores das Viannas portuguezas.

E talvez que não fossem os gallos-celtas, mas os povos do Norte, que lhe deram o nome, em memoria da sua Vienna, capital da Germania — hoje *Vienna d'Austria*.

A villa

Quem viaja no caminho de ferro do sueste, atravessa uma vastissima planicie—pela maior parte inculta!—entre as estações de Monte-Mór-Novo, até Beja. N'este precurso de muitos kilometros, se encontra um extenso, basto e formoso olival, que occulta completamente a pequena mas formosa villa de Vianna, que — como quasi todas as povoações alemtejanas — é composta de bonitas casas, cuidadosamente caiadas, e alegres; porém, não fallando nos edificios publicos de que adiante trato, não tem a povoação edificios dignos de especial menção, ainda que bastantes d'elles sejam elegantes e bem construidos.

As suas ruas, são quasi todas direitas, e muito alegres, com extensas e bonitas vistas para o lado do norte. Para o sul, apenas se vê a serra que serve de abrigo á povoação.

Dá-se porém n'esta villa uma circumstancia de mais valia do que se tivesse sumptuosos palacios ou jardins magnificos.—E' a boa indole dos seus habitantes, pela maior parte, francos, sinceros e hospitaleiros, tratando com a maior benignidade os estranhos que por aqui passam, ou veem aqui fazer a sua residencia.

Egreja matriz

Foi mandada construir pelo rei D. Diniz, nos primeiros annos do XIV seculo, e consta que o seu primeiro orago foi Santo Aleixo. Foi reconstruida durante os reinados de D. João II e D. Manoel, e suppõe-se que n'essa occasião se lhe mudou o orago para o actual.

E' um templo claro e espaçoso, de tres naves, e muito elegante, de estylo *manoelino*, ou gothico moderno. Tem altar-mór, e seis no corpo da egreja. As suas janellas, como as da egreja da Batalha e outras, eram ornadas com magnificas pinturas em vidro: hoje só uma das janellas conserva os seus primitivos vidros, onde se admira um formoso retrato de S. Pedro, muito bem conservado.

A capella do Santissimo Sacramento, que está do lado da Epistola, foi construida em 1851, á custa de um legado do benemerito padre Luiz Antonio da Cruz, natural de Vianna, e que foi parocho d'esta freguezia.

A egreja está encostada á muralha do S.E., que circumda parte da povoação.

O castello

Já vimos que foi mandado construir pelo rei D. Diniz, em 1300, pouco mais ou menos. E' muito provavel que aproveitasse para esta construcção os materiaes de alguma antiquissima fortaleza, romana, gothica, ou arabe. E' de fórma pentagona irregular, coroado de ameias, e tendo nos angulos, torreões circulares, cobertos de abobada conica. Está ainda perfeitamente conservado.

—

Dentro do recinto do castello, está a egreja da Misericordia e edificios annexos.

Tambem no mesmo ambito era o cemiterio parochial; mas, em 1871, por medida hygienica, muito acertada, foi mudado para fóra da villa.

Convento do Bom Jesus

E' de freiras *jeronymas*, unico em Portugal d'esta ordem. Foi fundado por *Soror Brites da Columna*, [1] residente n'esta villa, em 1553 (no mesmo anno em que na India falleceu S. Francisco Xavier), concluindo-se todas as obras em 1560. Era então arcebispo d'Evora, o infante D. Henrique (depois cardeal rei), que tambem deu avultadas esmolas para esta fundação. O edificio do mosteiro, que está no Rocio arborisado, á entrada da villa, é vasto e muito bem conservado, e a sua egreja è magnifica, conservando-a as religiosas no maximo aceio.

Ainda é habitado por algumas freiras, meninas do côro, educandas, recolhidas e creadas.

---

[1] Em um velho manuscripto que possuo, se diz que Brites Rodovalho (depois soror Brites da Columna) fundou este mosteiro em umas suas casas, com esmolas dos fieis, do cardeal D. Henrique, e principalmente, por uma avultada esmola, dada pelo corregedor, Antonio Correia, e por sua mulher, D. Maria da Fonceca.

Estas virtuosissimas religiosas exercem em alto gráu a caridade christã, tornando-se a providencia dos pobres da villa e immediações.

As primeiras religiosas que habitaram este mosteiro, foram — além da fundadora (*Soror Brites da Columna*) — Leonor das Chagas — Brites do Presépio — Catharina de Christo — Sebastianna da Madre de Deus — Helena da Conceição — Antonia do Monte Calvario — Brites de Santa Paula — Maria do Espirito Santo — Isabel de S. Jeronymo — e Ignez da Cruz.

Na capella de Nossa Senhora da Conceição, da egreja d'este mosteiro, se lia no seculo passado, esta inscripção:

ESTA CAPELLA DE NOSSA SENHORA
DA CONCEIÇÃO, É DO DOUTOR
JORGE CARDIM, DESEMBARGADOR
DOS AGGRAVOS, EM LISBÔA,
E DE DONA CATHARINA DE
ANDRADE, SUA MULHER, QUE
TIVERAM DÉS FILHOS, NOVE
RELIGIOSOS E UM DA ORDEM
DE CHRISTO — TREZ DA COMPANHIA
DE JESUS — TREZ RELIGIOSAS DE
SANTA CLARA — E DUAS NESTE
CONVENTO, ORNADA EM 1643.

Convento de Jesus

Foi de religiosos terceiros regulares de Jesus, da ordem de São Francisco — ou 3.ª da Penitencia.

Foi fundado em 1528, por Isabel Cardoza e seu marido, Manoel Fernandes Rodovalho. Estes piedosos conjuges mandaram construir umas casas para asylo de mulheres pobres e desvalidas, dando-lhe a denominação de *Recolhimento de beatas*, e impondo-lhes a regra de S. Francisco.

N'este recolhimento viveu algum tempo D. Brites Rodovalho, filha dos fundadores, e fundadora do mosteiro de freiras do Bom Jesus (o antecedente) e que, depois de professa jeronyma, se chamou Soror Brites da Columna, como vimos.

Este recolhimento foi mudado, em 1580, para a rua do Pôço Novo, para umas casas da mesma D. Brites Rodovalho, onde hoje reside a familia do fallecido medico Souza.

Os frades da terceira ordem da Penitencia, tomaram posse (por consentimento e cessão de D. Brites, já então professa) do edificio do antigo recolhimento, e á custa de esmolas dos fieis, construiram o seu novo mosteiro e bonita egreja, sendo a maior bemfeitora, D. Luiza Cabral, ascendente da familia dos mórgados d'este appellido, a qual concorreu com uma avultadissima esmola, para esta construcção; pelo que, em 1590, lhe deram os frades o padroado da capella-mór da egreja.

Em 1622, Rodrigo Proença, instituiu n'esta egreja uma capella, á qual deu grandes rendas, sob a condição de serem empregadas em soccorrer os pobres, as viuvas e orphãos desamparados, e outras quaesquer pessoas que precizassem d'estes soccorros.

N'este mosteiro residiu algum tempo, até 1774, D. frei Caetano Brandão, arcebispo de Braga (4.º vol., pag. 454, col. 2.ª), antes de ser nomeado bispo do Pará, sendo para aqui mandado pelos seus superiores, para se restabelecer, em razão da salubridade d'esta terra.

Expulsos dos seus mosteiros, em 1834, os religiosos dos mosteiros portuguezes, esteve este de Vianna alguns annos deserto e abandonado, em risco de arruinar-se. Felizmente, hoje acha-se reconstruido, adaptando-se ao piedoso fim a que o destinou uma caritativa associação de Senhoras, e por iniciativa do benemerito doutor (medico) Antonio José de Souza, fallecido ha dois ou tres annos. A este prestantissimo cavalheiro, deve a villa de Vianna muitos e importantes beneficios.

Esta associação, mantem no edificio que foi mosteiro de franciscanos, um *Asylo de infancia desvalida, do sexo feminino*, regido por quatro *irmãs hospitaleiras*, das Trinas do Mocambo, de Lisboa, e uma Créche, que está aberta durante a época dos trabalhos agricolas.

As Créches

Estas instituições de caridade são modernas. As primeiras foram fundadas em Paris,

em 1844. O fim d'estes estabelecimentos, é recolher os filhos das mulheres, que sahem todos os dias para o trabalho em pontos distantes, o que as obriga á ausencia do domicilio durante a maior parte do dia. Por este modo evita-se, que as creanças fiquem abandonadas em casa ou entregues a outras de pouca mais edade, sem os soccorros alimenticios e hygienicos de que necessitam.

Em 1866, havia 18 creches em Paris e 57 nas provincias. Recebem-se n'estes asylos, creanças da edade de 15 dias até 2 ou 3 annos, e sem molestias. Exige-se ás mães bom procedimento, que venham á créche 2 vezes por dia amamentar os filhos, até ao tempo do desmame, e paguem a quota diaria de 10 a 20 centimos (18 a 36 réis) por cada dia que tiverem as creanças depositadas na créche.

Suscitaram-se algumas duvidas sobre a utilidade e fins humanitarios d'estas instituições, tanto no campo da moral, como no campo da hygiene. O governo francez, para esclarecer o assumpto, consultou, em 1870, a academia de medicina de Paris, que deu um voto favoravel ás créches, prescrevendo os preceitos mais convenientes para o bom regimen d'estes estabelecimentos.

Em Portugal, funccionam apenas 5 créches, duas em Lisboa, uma no Porto, fundada em 1856, esta de Vianna, fundada em 1866, e a da freguezia do Couto de Cucujães, concelho de Oliveira d'Azemeis, fundada exclusivamente, e sem ajuda de mais ninguem, pela Sr.ª Viscondessa da Gandarinha, no seu proprio palacio do mesmo nome do seu titulo. (Vide no 3.º vol., pag. 258, col. 1.ª, no fim.)

Ha ainda outra qualidade de estabelecimentos de caridade, que tambem são verdadeiras créches, — são os *Albergues nocturnos*, destinados a dar acolheita ás pessoas que, por falta de habitação, não teem onde passar a noite. D'estes — que eu saiba — ha em Portugal apenas dous — um, fundado em Lisboa, em 13 de novembro de 1881 — outro, no Porto, inaugurado no dia 31 de outubro de 1882.

Tornemos a Vianna.

Outros estabelecimentos de caridade

Não ha n'este reino outra villa, com tantas casas de beneficencia publica como esta de Vianna.

Além do asylo e da créche, estabelecidos no mosteiro franciscano, ha mais os seguintes:

A *Misericordia*, fundada no principio do seculo XIV, pela rainha Santa Izabel, mulher de D. Diniz. Além do seu hospital, com a competente pharmacia, tem uma *albergaria* antiquissima — subsidia o medico do partido municipal, e fornece medicamentos aos doentes pobres, nos seus domicilios.

O benemerito padre *Luiz Antonio da Cruz*, do qual já fallei, no § *Egreja matriz*, mandou, por testamento, fundar um *Instituto de caridade*, com asylo para creanças do sexo feminino, de 3 até 7 annos de edade — escola de instrucção primaria para meninas — capella annexa, com respectivo capellão — aula publica de portuguez, latim e francez. Mais. — Deixou ao seminario archidiocesano d'Evora, um importantissimo legado, sob a condição de serem favorecidos por elle, todos os estudantes pobres de Vianna, que se destinassem á vida ecclesiastica, durante os seus estudos no mesmo seminario.

O mesmo caritativo padre Cruz, legou a varios individuos, o usofructo de valiosas propriedades, revertendo por morte dos doados, para o referido *Instituto*, o qual, apenas possuia um rendimento designado pelo testador, ficando obrigado a fundar um albergue, ou asylo, para velhos impossibilitados de trabalharem.

Na semana santa, ainda por disposição testamentaria do padre Cruz, este Instituto é obrigado a vestir 12 pobres — 6 de cada sexo — e seis creanças desvalidas: o que a direcção tem até hoje cumprido religiosamente. Tambem fornece, em todo o decurso do anno, dietas aos doentes pobres, soccorridos pela Misericordia.

Se o povo d'esta villa bemdiz a memoria d'este santo ecclesiastico, que foi seu patricio e pastor, e cujas adoraveis virtudes serão perpetuamente lembradas aqui, o premio d'ellas, já o beneficente padre Cruz está recebendo da divina Misericordia, pois não só foi o instituidor de tantas obras de

caridade, como deu um salutar exemplo para ser imitado. E, com effeito:

Em 6 de junho de 1875, falleceu o rico morgado, Francisco de Mello Cabral e Souza, deixando para legados pios, a quantia de 600$000 réis, para do juro se vestir um pobre, no anniversario da sua morte, e o resto ser applicado em obras de caridade.

Em abril de 1880, falleceu Manuel Lopes, mandando que depois da sua morte, fossem vendidos *todos os seus bens*, e depois de cumpridos alguns legados, fosse o resto entregue ao hospital da Misericordia.

—

Ha n'esta villa.

Uma escola official de instrucção primaria, para o sexo masculino.

Um soffrivel *theatro*, construido em 1843, por uma sociedade.

Algumas *olarias* de louça de barro vermelho e vidrado, de boa qualidade, que se exporta.

As avenidas da villa são de optimas estradas á Mac-Adam.

Paços do concelho

É bom edificio, e um dos mais importantes da villa. Estão n'elle todas as repartições publicas do concelho, e a cadeia civil. N'esta casa, existe uma antiga fonte, vinda, por um aqueducto subterraneo, de uma das torres do castello. A agua é de excellente qualidade e foi muito abundante até ha poucos annos; porém actualmente (talvez por descuido nos concertos do aqueducto) tem diminuido em quantidade.

Factos historicos

Além dos que já ficam referidos, temos mais os seguintes:

Nas côrtes convocadas em Evora, por D. João II, em 1490 (foram as 11.ª d'Evora, e as 75.ª de Portugal) se tinha decidido o casamento do principe D. Affonso, filho unico do rei, com a infanta D. Izabel de Castella, filha e herdeira dos reis de Hespanha. Para as despezas feitas com as festas d'este casamento, offereceram os povos, 100:000 cruzados (40 contos de réis.)

Tratou-se immediatamente do casamento, principiando as grandes festas d'elle, em Evora; mas, como alli grassasse então uma epidemia, sahiu da cidade toda a familia real e a côrte, para os arrabaldes, mas logo depois, decidiu o rei que as festas continuassem em Vianna, onde todos entraram, no meio do mais estrondoso regosijo publico, e das mais esplendorosas festas, a 10 de janeiro de 1491, e aqui se conservaram até ao fim do mez, regressando a Evora, porque tinha cessado a epidemia.

Mal diria o rei, a rainha e o povo, que estas brilhantes festas, dentro em seis mezes se transformariam em lagrimas e lucto; porque o principe morreu, da queda de um cavallo, na Ribeira de Santarem, logo a 12 de julho do mesmo anno!

Em 25 de outubro de 1495, morre em Alvôr, D. João II, e succede-lhe na corôa, seu cunhado, D. Manuel, duque de Beja — que, em outubro de 1497, casou com a viuva do principe D. Affonso; pelo que, foi jurado em Toledo principe herdeiro de Castella, em 28 de abril de 1498. Mas, D. Izabel morre de parto, em Zaragoça, dando á luz o principe D. Miguel da Paz, herdeiro de Portugal e Hespanha; que morreu creança, perdendo por isso, o rei portuguez, a esperança de ser *imperador da Peninsula Hispanica*.

Ficando viuvo, casou com sua cunhada, D. Maria, tambem filha dos reis catholicos, da qual teve 10 filhos.

1.º — D. João, depois rei, terceiro no nome.

2.º — D. Izabel, que casou com o imperador Carlos V.

3.º — D. Brites, que foi duqueza de Saboia.

4.º — D. Luiz, duque de Beja, e pae do infeliz D. Antonio, prior do Crato.

5.º — D. Fernando, duque da Guarda.

6.º — D. Affonso, cardeal.

7.º — D. Henrique — o tristemente *cardeal-rei.*

8.º — D. Duarte, duque de Guimarães.

9.º — D. Maria, que morreu creança.

10.º — D. Antonio, que tambem morreu de pouca edade.

Ficando viuvo d'esta segunda mulher, tornou a casar com D. Leonor, filha de Philippe I de Castella, e ainda d'este terceiro anniversario, teve dois filhos.

D. Carlos, que morreu menino.

D. Maria, senhora de Vizeu e Torres Vedras.

Vindo ao todo a ter 13 filhos legitimos. Não teve (que conste) nenhum bastardo.

Apezar de tão grande descendencia, terminou esta dynastia em seu bisneto, o rei D. Sebastião, o que deu causa ao nosso horrivel captiveiro de 60 annos.

—

Em 28 de outubro de 1846, houve aqui uma pequena batalha, entre as tropas populares e as cabralistas.

—

Em 15 de abril de 1482, estando D. João II n'esta villa, d'aqui datou a carta de nomeação de vedor da fazenda, a D. Pedro de Castro, dada n'aquelle dia.

—

Ainda em 29 de outubro de 1490, aqui esteve D. João II, e d'esta villa, datou, do dia referido, a carta de nomeação de mórdomo-mór do principe D. Affonso, a favor de D. João de Menezes, irmão do conde de Cantanhede.

—

Tambem em 7 de janeiro de 1374, aqui tinha estado D. Fernando I, e n'este dia, por carta aqui passada, separou do termo de Lamego o concelho de Panoyas, como se póde vêr na *Monarch. Luz.*, tomo VIII, pag. 188.

—

O 1.º juiz de fóra que teve esta villa foi Manuel Pereira Peres, em 1683.

—

Em 1714, se descobriram n'esta villa, as ruinas de um antiquissimo aqueducto, com todos os indicios de ser obra romana.

—

Em 2 de janeiro de 1573 (sexta feira) aqui dormiu o rei D. Sebastião, hindo d'Evora para Beja.

—

Estando n'esta villa, D. Affonso V, em 22 de abril de 1449, n'esse dia, e a instancias do 1.º duque de Bragança, passou uma carta de privilegio a Manuel Ananias, boticario, vindo de Ceuta, e a todos e quaesquer boticarios que o desejassem, para se estabelecerem em Portugal.

—

Em 6 de outubro de 1531, estando n'esta villa o cardeal infante D. Affonso, ultimo bispo d'Evora, concedeu a ermida de S. Thomé, d'esta cidade, ao convento do Carmo da mesma, a instancia de D. Frei Balthazar Limpo, que depois foi arcebispo de Braga.

—

Em 6 de julho de 1743, se acharam aqui quatro lapides romanas, com as seguintes inscripções. —

1.ª

HIS LOPENCAS SELSAS
FLORENTIR. D. D.

2.ª

D. M. S.
MUSA VIXIT
ANN. LX. LIVIA
LIBERATOS ET.
H. S. E. S. T. T. T.

3.ª

D. M. S.
DIENITAS
VIXIT ANN.
X XI CHRISERO
MARITUS POSUIT
H. S. E. S. T. T. T.

4.ª

D. M. S.
PERENIA MARTH.
POR EVA
MOR XXXI

Estas quatro inscripções, foram as que frei Francisco d'Oliveira publicou na *Gazeta*.

Em 1745, o mesmo frade, achou ainda outra inscripção romana, do theor seguinte:

D. M. S.
MARIA EUPREI
AQUA I FAT. C.
CONCESSERUNT.
VIVERE A.
NIS XXXX I LAN.
ERNEVENTI MO.
DESTUS CONIV.
GI. SVE POSUIT.

O manuscripto antigo, d'onde extrahi estas cinco inscripções, era de tão má lettra, que algumas palavras foram mais *adivinhadas* do que *copiadas*, e mesmo assim não res-

pondo pela sua fidelidade. Esta 5.ª, principalmente, é impossivel que não esteja errada em varias partes.

Na 1.ª linha, além das tres iniciaes D. M. S. (Deuses manes sacros) tinha mais um U, que não escrevi, por achar que era erro, pois não se vê em mais nenhum monumento romano.

Na 2.ª linha EUPREI, ninguem sabe o que quer dizer, assim como as cinco ultimas lettras da 3.ª linha.

Na 4.ª linha a ultima lettra (A) devia ter mais um N, para formar a primeira syllaba de ANNIS que termina na sexta linha — e n'esta, as ultimas lettras LAN., estão certamente erradas, pois deviam ser BEN, para formarem com a primeira palavra seguinte — BENEMERENTI.

Fiz a diligencia por explicar tudo, e julgo que não sou a mais obrigado [1].

Minas

Não me consta que n'este concelho hajam mais minas metalicas, do que uma de cobre, manifestada em abril de 1876.

Santuario de Nossa Senhora d'Ayres

Cousa de quatro tiros de mosquete (diz o *Sant. Mar.*, tomo VI, pag. 286) ao N. de Vianna, fica esta magestosa ermida, que mais merece o nome de egreja. Está no centro de uma formosa planicie, constante de alegres e ferteis terras cultivadas, e que pela sua salubridade e amenidade, se lhe deu, em tempos remotissimos, o nome de *Aer*, que significa *Ar*. Suppõe-se que por ser palavra latina, que deram os romanos esta denominação, como quem diz *Ar puro*.

Foi em todos os tempos, a senhora d'Ayres, objecto de grande devoção, não só dos habitantes de Vianna, mas de todos os alemtejanos, que aqui concorriam em repetidas romarias, em todo o decurso do anno, havendo occasiões em que se reuniam mais de DOZE MIL ROMEIROS; principalmente no quarto domingo de setembro, dia em que ha n'este sitio uma grande feira de toda a qualidade de gado, e grande quantidade de mercadorias de differentes especies; havendo tambem no mesmo dia grande festa de egreja, ainda actualmente muito concorrida de romeiros e feirantes.

Para que nenhum dos meus leitores me chame *milagreiro*, vou copiar fielmente, o que diz frei Agostinho de Santa Maria, no logar citado, do seu *Santuario Marianno*, com respeito a este santuario.

«Havia n'aquelle districto, uma herdade de um lavrador rico, o qual tinha um curral, onde recolhia os seus bois, no mesmo sitio em que hoje se vê a egreja. Ficava a casa do lavrador distante, como cousa de 100 passos, e tinha esta herdade o nome de *Vaqueiros*.

«Reparavam em algumas noites, os creados do lavrador, em que, deixando fechada a porta do curral, viam os bois de noite, pastando na herdade, e pela manhã os achavam recolhidos, e a porta do curral fechada, sem poderem saber quem fosse o que lhes fazia esta, que tinham por travessura.

«Fizeram queixa a seu amo, que se resolveu a ir dormir uma noite, junto á porta do curral, para saber quem obrava estas cousas. N'esta noite, lhe appareceu Nossa Senhora, em sonhos, e lhe disse que era ella a que abria a porta e soltava os bois, para irem pastar, sem fazerem damno ás searas. Que lhe fizesse n'aquelle sitio uma casa, porque era vontade de Deus, que n'ella fosse louvada, e Seu Santissimo Filho; e que ella o ajudaria.

«Não se póde crer, o exessivo goso do lavrador, que, sollicito em dar á execução, o que a Senhora lhe ordenava, tratou logo de juntar materiaes para dar principio á egreja: e, sendo-lhe necessario dinheiro para começar a obra, vendeu para isso alguns bois, que, levando-os o comprador, se não achavam menos na manada.

«Deu principio o lavrador á obra, em um sitio que ficava distante do curral, julgando-o por mais oportuno; porém a Senhora, que havia elegido o do seu apparecimento,

[1] Na egreja matriz, ha muitas campas com inscripções de varias pessoas, mas, como nenhuma d'ellas é notavel por armas, lettras ou virtudes, não as copio.

dispoz que tudo o que se havia obrado no primeiro dia, se achasse desfeito no segundo, e, continuando a edificação em o segundo e terceiro, em a mesma paragem, lhe succedeu o mesmo que na primeira vez; com que desistindo do seu parecer, se resolveu em edificar a egreja, no mesmo logar em que a Senhora lhe havia apparecido. E fez-se em tal fórma, que a capella-mór se fabricou no mesmo logar aonde estava a porta do curral.

«Fabricou-se a egreja, que tem bastante capacidade, com tres altares, ou capellas, a maior e duas colateraes. No meio do retabulo do altar-mór, está collocada a sagrada imagem da Senhora, recolhida em um tabernaculo de vidraça, e com muita veneração.

«A egreja, está muito bem ornada, e pintado o tecto, que é de abobada; e as paredes azulejadas todas, de alto a baixo.

«Tem uma sachristia muito boa, tambem fabricada de abobada, e ao redor de toda a egreja, um *taboleiro* labrilhado; e, encostadas á egreja, cinco casas de romagem, que são poucas para a muita gente que no verão concorre de todo o Alemtejo; onde veem muitos povos unidos em varios dias, a fazer á Senhora a sua festa especial de cada um.

«Além d'estas casas, tem outras que servem ao eremitão.

«Junto á egreja, tem uma formosa e copiosa fonte, de excellente agua, a qual cahe por uma bica, em um tanque de pedra lavrada, e d'esta corre para uma pia em que bebem as bêstas — e d'esta pia, se encaminha a agua a outro tanque triangular, que serve para regar uma vistosa alameda de choupos, dispostos á linha, em seis ruas, cada uma do comprimento de uma grande carreira de cavallo; que faz aquelle sitio mui alegre, vistoso e agradavel.

«Uns devotos da Senhora, compozeram varios sonetos, para gravar — um, na fonte milagrosa, que a Senhora alli quiz brotasse, não só para alivio e refrigerio dos corpos; mas, para remedio e saude das enfermidades.

«N'este anno de 1702, intentaram de o gravar, e duvidavam qual dos que se haviam feito seria; e, como eram dous os escolhidos para este effeito, os quero lançar aqui ambos, em louvor de Nossa Senhora, que é a fonte da graça, e de toda a consolação, como lhe chama Santo Ephrem — *Fons gratiae et totius consolationis.*

SONETO 1.º

Fonte, cuja corrente não se ouvia
Lá no valle onde tendes nascimento,
E aqui, com doce som, com passo lento,
Encheis todo este prado de alegria.

Já que soaes, correndo noite e dia,
E sois honra do liquido elemento,
Porque gozaes, com brando movimento,
Dos ARES da SANTISSIMA MARIA.

Correi em seu louvor, tão copiosa
Que logrem estes álamos sombrios,
Vosso puro crystal, prodigamente.

Correi, que em seu louvor, fonte ditosa,
Ainda que se sequem mares, rios,
Nunca se hade seccar vossa corrente.

SONETO 2.º

Suspende embarga o passo, oh peregrino
Aqui, onde a ventura te depara,
Para a sêde do corpo a fonte clara,
E para a da alma, um poço crystalino.

D'este crystal, o liquido destino,
Um alento, a teu ardor prepara,
D'esta agua viva, a maravilha rara,
Vida te offerece em extasi divino.

Oh, não prosigas, bebe affectuoso,
Da Rainha do Ceu, celestes ARES,
Do poço celestial, licor precioso.

Verás, como apesar de teus pezares,
Te concede a Senhora, venturoso
Graças a montes e mercês a mares.

—

«Tambem se diz um epigramma, em dous disticos, em louvor da Senhora d'Ayres (em que se declara, com segunda tradição, que o lavrador rompendo a terra, a descobrira em o mesmo logar onde hoje vemos a egreja)

para se descrever no portado da mesma egreja, que é na maneira que se segue. —

HINC MAURO EXPULSO, DUM TERRA SULCAT ARATOR,
INVENIT EFFIGIEM, QUAM VETUS ARA TENET.
OH FELIX TELLUS, FOECUNDIOR OMNIBUS UNCS:
PLUS TIBI DAT SULCUS, QUIAM SEGES ULLA DEDIT.

Esta inscripção foi composta pelo padre Antonio Francisco, jesuita em 1690.

TRADUCÇÃO

Expulsos os mouros d'estas terras, quando um lavrador arava o seu campo, encontrou a imagem que se vê no antigo altar. Oh, feliz terra, mais fecunda do que nenhuma outra! Um só rego, te deu mais do que ceara ou colheita alguma dará em tempo algum.

—

«Não consta do anno, nem do dia, em que a Senhora appareceu, ou foi achada do lavrador, e menos, onde esteve collocada no tempo em que se lhe edificou a egreja. Podia bem ser, a tivesse em sua casa e a bom recado, como joia merecedora de toda a estimação.

«É esta santa imagem, de excellente esculptura, e parece fabrica de artifices mais que humanos. É estofada e tem de alto, palmo e meio. Está na fórma em que se costumam fabricar as imagens da *Senhora da Piedade*, com o Santissimo filho defunto, em seus braços, e com uma representação d'aquelle passo, muito devota. Ignora-se de que materia seja, porque é muito pesada, e de peso que excede o da pedra. Refere-se que, querendo um clerigo examinar de que materia fosse, com um canivete, lhe saltara este fóra das mãos, ficando bem assustado e pesaroso, da sua imprudente curiosidade; e se conhece o logar onde quiz examinar a materia, que se vê, em fórma triangular, de côr azul e branca.

«Não constando nada, do tempo do apparecimento da Senhora, consta, e se vê junto á capella da Senhora; uma sepultura na qual se veem abertas estas lettras. —

ESTA CAPELLA E SEPULTURA,
É DE MARTIM VAQUEIRO,
FUNDADOR D'ESTA CASA, DA
NOBRE E ANTIGA GERAÇÃO
DOS VAQUEIROS

«E por baixo, uma cruz do habito da ordem de Christo, como se vê, e não tem a era, nem o dia em que morreu.

«Vê-se pois, que o fundador, era cavalleiro da ordem de Christo.

Até aqui o *Santuario Mariano*. Não transcrevo o resto do artigo, por ser de pouca ou nenhuma importancia.

Quanto aos factos milagrosos que refere o auctor do livro, cada um lhe dê o credito que julgue merecerem, que eu faço o mesmo.

Em 6 de julho de 1743, se acharam aqui, varias inscripções, que o padre frei Francisco de Oliveira, dominicano, fez publicar na *Gazeta* de 30 de janeiro de 1744.

Este mesmo religioso, achou n'este logar, em 1745, outra inscripção que fez publicar no 1.º tomo do *Diccionario*, como elle proprio diz, nas suas *Memorias da villa de Vianna do Alemtejo*, e que existiu manuscriptos no *Codice* 104, na *Bibliotheca municipal do Porto.*

No mesmo *Codice* se encontra tambem, um manuscripto do mesmo auctor, datado do anno de 1742, contendo curiosos apontamentos para a historia da villa de Cuba.

Este frade, era natural da cidade de Beja, mas tinha familia em Cuba, e alli residiu muitos annos.

Viannenses illustres

1.º — *Padre Antonio Francisco Cardim*, fallecido em Macau (China) no anno de 1659. Escreveu e publicou-se —

Elogios e ramalhete de flores, borrifado com sangue dos religiosos da Companhia de Jesus, a quem os tyrannos do Imperio do Japão, tiraram as vidas, por odio da Fé Catholica. Com o catalogo de todos os religiosos e seculares, que por odio da mesma Fé, foram mortos n'aquelle imperio até ao anno de 1640.

Foi publicado em Lisboa, no anno de 1650. Tem muitas estampas, representando varios supplicios dos martyres.

No fim da obra, e como appendice d'ella, traz uma *Relação de quatro embaixadores*

portuguezes, da cidade de Macau, com 57 christãos da sua companhia, degolados todos pela Fé.

É livro raro e muito estimado.

—

2.º — *Padre João da Fonseca*, da Companhia de Jesus, fallecido no seu collegio de Santo Antão, de Lisboa, em outubro de 1701.

Foi mestre de philosophia, e reitor do noviciado, em Lisboa, e afamado theologo, o que ainda hoje provam os seus escriptos, estimados pela elegancia e correcção de linguagem.

Escreveu e publicou muitas obras, sendo as principaes —

Norte espiritual da vida christã, etc.

Espelho de penitentes.

Escola da doutrina christã.

Guia de enfermos, muribundos e agonizantes.

Instrucção espiritual.

Alivio dos queixosos, na morte dos que amaram em vida.

Antidoto da alma, para medicina de exemplos.

Sylva moral e historia, etc.

Satisfação dos aggravos, e confusão de vingativos.

Todos estes livros são de muito merecimento, e pouco vulgares.

—

3.º — *D. Joanna da Gama*, filha de Manuel Gasco e D. Philippa da Gama, pessoas de muita nobreza e virtudes, tambem naturaes d'esta villa.

Morreu em Evora, a 21 de setembro de 1586. Não se sabe a data do seu nascimento, nem o nome do individuo que foi seu marido, e que falleceu 18 mezes depois do seu casamento.

Ficando viuva, na flor da edade, e sem filhos, não quiz contrahir segundas nupcias, para se dedicar exclusivamente ao serviço de Deus.

Fundou na cidade d'Evora, um recolhimento, a que deu o titulo de *Salvador do Mundo*, onde se recolheu com algumas companheiras, sendo as principaes, *D. Catharina d'Aguiar*, e *D. Brites Cordeira.* Adoptaram a regra de S. Francisco.

O cardeal D. Henrique, arcebispo d'Evora (*o cardeal-rei*) mandou demolir o edificio do recolhimento, para dar maior extensão ao collegio dos jesuitas, ordenando ás recolhidas que fossem residir em suas casas, até se lhes fundar novo recolhimento; o que jamais se effectuou.

D. Joanna foi viver para uma casa sua, na rua de S. Pedro, da mesma cidade d'Evora, onde falleceu, e foi sepultada na egreja da Misericordia, em sepultura propria, da qual hoje não ha vestigio.

Escreveu um pequeno livro, que intitulou (ou o editor intitulou) *Ditos da freyra. Ditos diversos, por hua freyra, dà terceira regra. Dos quaes se cõnte sentenças muy notaveys, e auisos necessarios. Com licença.*

Diz o sr. Ricardo Pinto de Mattos, no seu *Manual bibliographico portuguez*, pag. 288.

«Desde muito que em portuguez corria um livro rarissimo, conhecido pelo titulo de *Ditos da Freira*, attribuido a Joanna da Gama. Parece que o livro fôra algumas vezes reimpresso; mas isso não obstou a que fosse muito raro, a ponto de que, nem Barbosa Machado, nem o colleccionador do catalogo da Academia, nem I. Francisco da Silva, lograram vel-o sequer, mencionando-o todos, com o titulo menos exacto.

> «No leilão da livraria de Manuel Antonio Figueira, em 1871, havia só um exemplar d'este livro raro, comprado pelo conde de Azevedo, por 23$100 réis.»

O fallecido conde d'Azevedo, com aquelle amor á propagação das lettras, que todos lhe conhecemos, franqueou o original que tão caro havia comprado, para se reproduzir em uma nova edição, tornando-se assim mais vulgar.

Este livro foi publicado pela livraria internacional de Ernesto Chardron, editor, em 1872, com o titulo de *Ditos da freyra* (*D. Joanna da Gama*) conforme a edição quinhentista. Revistos por Tito de Noronha.

Noto porém aos meus leitores que D. Joanna da Gama, nunca foi freira professa, e apenas *beata, terceira franciscana*, como o prova o seu testamento, que existe transcripto, no

Livro das Mercearias, do archivo da Misericordia d'Evora. No tal documento, diz a testadora...... *Como eu Joanna da gama, beata, por não fazer profissão e estar sempre em posse da minha fazenda,* etc.

—

4.º — *Thomazia Nunes.* Faz d'ella honrosa menção, o *Theatro Heroico.*

—

5.º — *Manuel Luiz Loureiro.* Nascido a 9 de janeiro de 1639, e baptisado a 16 do dito mez e anno. Falleceu a 9 de abril de 1712.

Escreveu. — *Extracto mistico — Ditos de philosophos antigos,* etc. — Não se chegou a imprimir nada d'isto, e existiu (e não sei se ainda existe) na livraria dos condes de Soure.

—

6.º — *O desembargador dos aggravos, Jorge Cardim,* que de 10 filhos que teve, 7 foram religiosos e duas religiosas, como vimos na descripção do convento de freiras jeronymas.

—

7.º — *O doutor em medicina, Antonio José de Souza,* fundador do *Asylo da infancia desvalida,* do sexo feminino, e de uma *Créche,* a segunda de Portugal, como vimos quando tratei do edificio que foi mosteiro de religiosos da terceira ordem de S. Francisco.

—

8.º — *O padre Luiz Antonio da Cruz,* fundador de outro instituto de caridade, com asylo para creanças do sexo feminino, e de uma escola de instrucção primaria, para meninas — e aula publica de portuguez, latim e francez, como vimos quando tratei dos *estabelecimentos de caridade* d'esta villa.

Em quanto em Vianna existirem corações agradecidos, a memoria d'estes dois homens verdadeiramente illustres, será sempre abençoada e nunca esquecida; pois são mais dignos da gratidão do povo, do que todos os que illustraram a sua terra por escriptos, ainda que de bastante curiosidade e merecimento.

Ambos já falleceram, e na Patria Celestial estão recebendo o premio das virtudes que, m tão alto grau, exerceram na terra.

—

Ainda n'esta villa teem nascido outros varões, notaveis pelas suas virtudes e por algumas publicações de alguma valia. Não os menciono, por não fazer este artigo ainda mais extenso.

—

Mais uma vez, tenho de agradecer ao meu esclarecido amigo, o rev.mo sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, os preciosos apontamentos que me deu com respeito a Vianna do Alemtejo, e com ajuda dos quaes ficou este artigo mais completo e interessante.

VIANNA DO CASTELLO — Cidade, Minho, cabeça do districto administrativo, da comarca e do concelho do seu nome, no arcebispado de Braga. É comarca de 1.ª classe, do districto judicial da Relação do Porto. Pela nova divisão judicial, tem quatro julgados: *Darque, Portozêllo, Vianna do Castello* e *Villa de Punhe.* Pertence á 3.ª divisão militar. O seu castello é classificado como fortaleza de 2.ª classe. É uma das 18 capitanias dos portos, departamento do Norte, alfandega maritima de 2.ª classe, com delegações em Caminha e Espozende. Possue estação telegraphica de 1.ª classe. É actualmente quartel de infanteria n.º 3 e artilheria n.º 3.

Fica 56 kilometros ao N. do Porto, 35 ao O. de Braga, 18 ao S. de Caminha, 30 ao S. de Villa Nova da Cerveira, 48 ao S. da praça de Valença, 360 ao N. de Lisboa.

A cidade tem duas freguezias:

Nossa Senhora da Assumpção (Santa Maria Maior) com 1:360 fogos. Em 1768 tinha 146. O parocho era arcipreste da collegiada, e da apresentação, *in solidum,* da Meza Arcebispal de Braga, e tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Nossa Senhora de Monserrate, com 900 fogos. Em 1768 tinha 679. O parocho era conego prior da collegiada, e da apresentação da Mesa Arcebispal de Braga, e tinha réis 200$000 de rendimento annual.

O districto administrativo comprehende 10 concelhos, que são — Arcos de Val de Vez, Caminha, Coura, Melgaço, Monsão, Ponte da Barca, Ponte do Lima, Valença do Mi-

nho, Vianna (esta) e Villa Nova da Cerveira, todos com 71:000 fogos.

A sua comarca é composta só do seu concelho com 10:700 fogos.

O concelho comprehende 40 freguezias, que são — Afife, Alvarães, Amonde, Anha, Areosa, Capareiros, Cardiellos, Carrêço, Carvoeiro, Castello de Neiva, Darque, Deão, Deuchriste, Freixieiro, Geraz do Lima (Santa Maria), Geraz do Lima (Santa Leocadia), Lanhezes, Mazarefes, Méadella, Meixedo, Montaria, Moreira do Geraz, Mujães, Neiva, Nogueira e S. Claudio, Outeiro, Pérre, Portella Suzan, Portozêllo, Serreleis, Soutêllo, Sub-Portella, Torre, Villa de Punhe, Villa Franca, Villa Fria, Villa Mou, Villar de Murtêda e as duas da cidade.

Foraes

O 1.º foral de *Vianna da Foz do Lima*, foi-lhe dado, em Guimarães, por D. Affonso III, a 18 de junho de 1258. (*L.º 1.º de doações de D. Affonso III,* folhas 32, col. 1.ª — *Livro 3.º dos bens proprios d'el-rei,* folhas 13 verso).

O mesmo soberano lhe deu outro foral, tambem em Guimarães, no anno de 1262 (*L.º 1.º de doações de D. Affonso III,* folhas 62 verso, col. 2.ª e no *Livro 3.º dos bens proprios d'el-rei,* folhas 25).

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. (*L.º de foraes novos do Minho,* folhas 79 verso, col. 2.ª)

Veja-se a verba posta n'este foral, a folhas 99 *in fine*, em data de 29 de agosto de 1516.

Todos estes foraes concediam grandes privilegios a Vianna.

O rei D. Sebastião lhe outhorgou o titulo de NOTAVEL, em 26 de março de 1563.

Tinha voto em côrtes, com assento no 5.º banco.

Tem por armas, escudo de prata, coroado, com uma nau d'ouro, á vela, sobre ondas azues, tendo na vela do mastro grande as armas de Portugal, e na prôa uma ancora.

Foi elevada á cathegoria de cidade, por decreto de 20 de janeiro de 1848. Foi participado á camara municipal, em officio do governador civil, de 27 do dito mez e anno.

A cidade

Está vantajosamente situada sobre a margem direita do Lima e proximo da foz d'este formosissimo rio.

Tem uma vista surprehendente sobre as duas margens, sempre cobertas de verdura e orladas de frondoso arvoredo, alternado de bonitas povoações, magnificos edificios, e poeticas egrejas e ermidas. De qualquer ponto da cidade se descobre uma vasta extensão do Occeano Atlantico; porém, o panorama que se gosa do alto de Santa Luzia é sobremaneira dilatado e admiravel.

Ao longo da margem direita do rio, tem um bello caes de cantaria, construido ha poucos annos, e que é um agradavel passeio até á barra, e muito mais agradavel será, quando (como está projectado) a camara d'alli remover o ignobil mercado do peixe, que, além do cheiro pestilente que espalha pelo ambiente, obriga a ouvir com frequencia as phrases obscenas que os peixeiros e as regateiras costumam proferir.

Junto ao caes e entre a parte occidental da cidade e o castello, existe o passeio publico, construido depois de 1834, e que se vae mudar em mercado de peixe.

A uns 400 metros ao N. do castello (do qual trato em artigo especial) se vê a formosa egreja de Nossa Senhora da Agonia, com o seu vasto e bonito adro, ficando-lhe ao S. e E. o extenso *Campo da Agonia,* onde se faz uma das maiores e mais importantes feiras da provincia, como adeante se verá. Ao N. N. O. d'este campo e sobre o cume de um monte, com 680 metros de elevação sobre o mar, alveja a historica ermida de Santa Luzia (8.º vol., pag. 420, col. 2.ª no fim e seguintes).

Ao Campo da Agonia, no rumo do N., se seguem as freguezias da Areosa, Carrêço, Afife, Ancora, Gontinhães, Molledo, Cristêllo, Villarelho e Caminha, sempre á beiramar, todas atravessadas pela bella estrada real á macdam e pelo caminho de ferro, constituindo um passeio encantador, e le-

vemente ondulado, sempre por terrenos ferteis, e bonitas egrejas e povoações, como vimos quando descrevi estas freguezias.

É pois o Campo da Agonia o mais bello sitio de Vianna e passeio predilecto dos seus habitantes e dos *touristes.*

Fallando a verdade, com risco de desagradar aos viannenses, direi que o interior da cidade pouco interesse póde inspirar ao viajante. Tem ruas bastante compridas, é verdade, mas todas estreitas, e quasi todas tortas. Seus largos ou praças, são pequenos e muito irregulares; os seus *hoteis* são insignificantes (e caros) para uma cidade capital de um districto administrativo, praça de guerra e quartel de dois regimentos do exercito. Exceptuando uma fabrica de moagem e serragem, na margem esquerda do rio, não ha na cidade uma unica fabrica movida por vapor.

Vianna do Castello, que quando era *Vianna Cabeça do Lima, Vianna do Lima* ou *Vianna do Minho*, foi uma povoação importantissima pelo seu commercio, está actualmente quasi reduzida ao movimento commercial de duas casas inglezas, de importação de bacalhau, pertencentes aos negociantes, os srs. *Hunt Murat* e *Noble & Teage,* que importam annualmente mais de 300 contos de réis de bacalhau, quantia superior em valor a todos os mais generos importados por esta barra.

É porém natural que o caminho de ferro do Minho e o estabelecimento de uma das suas principaes estações aqui, façam recuperar a Vianna a sua antiga prosperidade.

Deve porém dizer-se, em abono da verdade, que o assento da cidade é um sitio formosissimo, e os seus arrabaldes são summamente encantadores.

Está assente a poucos metros de sua barra, abrigada do N. pelo monte de Santa Luzia e outros — projecções da grande *serra d'Arga* — e do S., por uma cadeia de collinas, cobertas de densos pinheiraes, e cercada de extensos, ferteis e bem cultivados campos, cobertos de perenne verdura.

Vianna militar

Foi esta povoação cercada de muralhas, construidas no seculo XIV. Principiava a circumvalação na *Porta da Ribeira*, seguindo pela rua do Caes, Victoria, arco de S. Crispim, rua do Caxuxo, direita ao *Eirado* (hoje casa dos srs. Malheiros Reimões), voltando d'ahi á *Praça da Herva*, e terminando na da Picota.

Tinha cinco portas, de *S. Thiago* ao norte, de *S. João* e *Senhora da Victoria* ao sul, de *S. Pedro* a E. e *S. Philippe* ao O. Hoje, apenas leves vestigios d'estas muralhas se divisam na praça da Herva e na rua dos Fornos. Ainda porém existe o arco de S. Crispim. (Porta de S. Philippe).

Todas estas portas — menos a de S. Thiago — tinham ao pé ermidas dedicadas, a da porta de S. Philippe aos Santos Crispim e Crispiniano, e as outras aos santos da sua invocação.

O castello

Desejando D. Affonso III defender a barra do Lima, porto da sua nova povoação, das surpresas dos invasores, os viannenses se obrigaram, em 1253, a construir á sua custa uma forte torre, a que deram o nome de *Roqueta,* [1] concorrendo para esta obra, assim como para o cinto de muralhas da villa (e a defendel-as em tempo de guerra) todo o povo de Vianna, pelo que o mesmo soberano lhe concedeu muitos e valiosos privilegios.

Em 1498, passando por esta villa o rei D. Manuel, para ser jurado em Toledo herdeiro de Castella, visitou a Roqueta, mandando alli levantar uma alta torre, guarnecida de artilheria, para defeza da barra, e ainda alli se vêem as armas do *Rei venturoso* (e ingrato).

Em 1592, o usurpador Philippe II mandou accrescentar e fechar o castello com as competentes cortinas, defendido por cinco baluartes e dois revelins, e cercado de fossos.

---

[1] Chama-se castello *roqueiro* ao que é construido sobre uma rocha (roca) e supponho que a esta torre, por ser construida sobre algum recife chamado *Roquêta* (pequena rocha) se lhe deve o nome que já tinha o recife. Roquêta corresponde ao francez *Rochelle.*

Ainda estas obras não estavam concluidas quando teve logar a feliz acclamação de D. João IV, no 1.º de dezembro de 1640, sendo então governador d'este castello, por D. Philippe IV, o castelhano D. Bernardino Polanco e Santilhana.

Não se querendo render, os viannenses levantaram contra a fortaleza tres reductos, um na bôcca da barra, outro na Ribeira e o terceiro junto á ermida de Nossa Senhora da Conceição. Os castelhanos, aterrados com estes preparativos, capitularam logo a 20 de dezembro, sendo immediatamente substituidas as armas de Castella pelas de Portugal.

Quatorze annos depois, foram concluidas todas as obras d'esta fortaleza, como consta de uma inscripção que está sobre a porta principal, e que diz:

FEZ ESTA OBRA NOS ANNOS
DE 1650 ATÉ 1654 GOVERNANDO
AS ARMAS D'ESTA PROVINCIA
DE ENTRE DOURO E MINHO
DOM DIOGO DE LIMA NONO
VISCONDE DE VILLA NOVA DA
CERVEIRA

O meu generoso e esclarecido amigo, o sr. Doutor Pedro Augusto Ferreira, ao qual esta obra tanto deve, publicou no *Commercio Portuguez* uns curiosissimos e importantissimos artigos com respeito a Vianna do Castello, e, tratando d'esta fortaleza, diz:

«Junto á base de uma das cortinas da muralha, que dá para uma porta por onde se vae para o castello ou fortim da barra, na foz do Lima, se vê uma grande pedra quadrangular, embutida no muro sem saliencia nem lavores, com a inscripção seguinte em caracteres latinos, bem gravados e bem visiveis, mas que hoje com difficuldade se lêem, por terem abreviaturas e estarem cobertos de musgo bastante alto.

«Em portuguez, e, pondo de parte as abreviaturas, diz o seguinte:

«*Por mandado de Sua Magestade, seja notorio ás embarcações portuguezas, que passarem por esta fortaleza, que nem á entrada n'este porto, nem á saida d'elle me devem salario, propina nem direito algum, nem a ella, nem ás pessoas, que n'ella servem; e ás embarcações estrangeiras seja notorio, que por entrada não me devem tambem cousa alguma, e á saida ande* (sic) *pagar um cruzado por cada embarcaçam, e nenhuma outra cousa mais. Lisboa XIX de Novembro de M.D.LVII.*

«É uma inscripção importante para a historia d'esta cidade, e nenhum dos livros que consultamos a menciona, nem mesmo o *Diccionario Chorographico* de J. A. d'Almeida, sendo o seu auctor natural de Vianna!

«Prova ella claramente as franquias que os nossos reis concederam a esta cidade, emquanto que outras praças maritimas, como mostraremos quando fallarmos do castello da Foz do Douro, eram uma grande peia para a navegação e commercio.

«Este castello (de Vianna) foi importante ainda no seculo passado; é espaçoso, tem no centro um bonito largo e quarteis, assenta todo em rocha firme, e as cortinas S. e O. são banhadas pelo oceano; mas está completamente desguarnecido, — é dominado por pontos muito proximos, e em frente da poderosa artilheria moderna voaria como um castello de cartas ao sopro de uma creança.

«Tem hoje apenas o valor das suas tradições.

«Ainda por occasião da ultima guerra civil ou da Junta do Porto (1847) a elle se acolheu uma pequena força que não adheriu á revolução, e n'elle se sustentou mezes contra forças muito superiores, em quanto teve munições e viveres. E a rainha, a sr.ª D. Maria II, em premio da valentia dos sitiados, que se lhe conservaram fieis, elevou a villa á cathegoria de cidade, e lhe deu o nome de Vianna *do Castello*, para memoria do facto, que logo desenvolveremos.»

Foi em 1654 que se construiu o baluarte de S. Pedro, voltado ao N. e o terrapleno do sul.

Foram estas as primeiras obras que a *fazenda real* mandou á sua custa fazer no castello; todas as antecedentes tinham sido feitas á custa da camara de Vianna.

Esta fortaleza pode conter 3:000 homens de guarnição, com os competentes quarteis, casa para residencia do governador, egreja, casa d'armas, paiol, etc.

Em 1700, sendo governador das armas da provincia d'Entre o Douro e Minho, D. João de Sousa, se construiram os revelins exteriores.

Os ultimos melhoramentos são devidos ao general David Calder, em 1799.

Tinham os pescadores, ao tempo da primeira obra de fortificação, construido uma pequena ermida, dedicada a Santa Catharina, na foz do rio, com o respectivo capellão; mas, com as obras mandadas fazer por D. Philippe II, ficou dentro dos muros, e os pescadores privados de irem álli fazer as suas orações a toda a vez e hora que quizessem, do que se queixaram áquelle usurpador, que (grande milagre!...) mandou que se lhes pagasse o damno, determinando que a egreja ficasse annexa ao castello, e que tivesse por orago S. Thiago, padroeiro da Hespanha; mandando-lhes construir uma ermida, dedicada á mesma Santa Catharina, fóra dos muros da fartaleza, e é a que ainda existe.

No meio da barra está um fortim semicircular, que pode jogar terrivel artilheria para o mar, sem receber damno, pela sua pequena elevação ao nivel das aguas. Serve de registo.

Familias nobres de Vianna, em 1883

São muitas as familias nobres que em Vianna tiveram casa, e posto que vamos dar uma noticia genealogica das que ainda hoje teem representação, não deixaremos comtudo de mencionar as outras, porque de todas se encontram memorias, se não em seus descendentes, por se acharem extinctas, ao menos nos brazões d'armas que se vêem em muitas capellas das egrejas d'esta terra, e em casas nobres, d'onde a contar da extincção dos morgados, vão desapparecendo, ao passo que por venda estas casas passam para possuidores estranhos.

Relacionando-as pela letra alphabetica, existem ou existiam em Vianna as seguintes familias nobres:

Abreus Limas

Senhores da casa e quinta do Ameal, situada no fim da rua da Bandeira em Vianna, em frente da capella de S. Vicente.

É esta familia um ramo dos antigos srs. de Regallados e descende de

1.º — Pedro Gomes de Abreu, senhor de Regallados, do qual se faz menção a pag. 14 do 7.º volume d'este *Diccionario* na palavra *Pico de Regallados*, onde se diz que tivera de D. Catharina d'Eça, abbadessa de Lorvão, 6 filhos e filhas.

Um d'esses filhos foi:

2.º — Antonio d'Abreu de Lima, que do senhorio de seu pae ficou com a quinta do Paço d'Atães, no concelho de Regallados, e casou em segundas nupcias com D. Brites Velho Barreto, de quem entre outros filhos teve a

3.º — Leonel d'Abreu de Lima, senhor do Paço d'Atães, que casou em Vianna com D. Maria Carneiro Jacome e teve, além d'outros filhos, a

4.º — Antonio d'Abreu de Lima, senhor do Paço d'Atães, que casando com D. Joanna de Mello Alvim e Grado, natural de Vianna, da antiga casa da Carreira, hoje conhecida pela do Camarido, teve entre outros filhos a Leonel de Lima d'Abreu, fidalgo da casa de Sua Magestade, senhor do Paço d'Atães, e fundador da capella de Nossa Senhora do Bom Despacho, com sua mulher D. Anna Carmena de Barbosa, viuva de Manuel Pereira Barreto e Fagundes.

Esta capella, que está nos claustros da Misericordia em Vianna, tem o brazão partido em pala, com as armas dos Abreus e Limas e a seguinte inscripção:

CAPELLA Q MANDOV FAZER LIONEL DE LI
MA ABREV FIDALGO DA CAZA DE SVA MAG.
COM HVA MISSA COTEDIANA POR SI E SVA M. DO
NA ANNA CARMENA DE BARBOZA P. Q DEIXOV
JVRO A ESTA SANTA CAZA.

Fallecendo sem filhos legitimos este Leonel de Lima Abreu, succedeu no Paço d'Atães seu irmão

5.º — Pedro Gomes d'Abreu, que foi tambem senhor da casa do Ameal e teve de Catharina Cerqueira um filho natural, chamado

6.º — Antonio de Lima d'Abreu, que sen-

do legitimado por seu pae, foi fidalgo da casa real, senhor do Paço d'Atães e casa do Ameal, e casou duas vezes; a primeira com D. Anna da Rocha Portocarreiro, de quem teve uma unica filha chamada D. Joanna, que casou com Lourenço Ferreira Brandão, de quem descende a familia da casa de Santo Isidoro, em S. Salvador da Torre.

A segunda vez casou com D. Maria de Mello de Lima e entre outros filhos teve a

7.º — Pedro Gomes d'Abreu, que foi fidalgo da casa real, senhor do Paço d'Atães, casa do Ameal e capella do Bom Despacho e casou com D. Francisca de Barros Rego, de quem, entre outros nasceu

8.º — Antonio de Lima e Abreu, fidalgo da casa real, senhor dos Morgados, que casou em Braga com D. Antonia Joaquina Pereira da Silva, senhora herdeira da casa dos Travessos, chamada hoje dos Limas, e entre outros filhos teve a

9.º — Pedro Gomes d'Abreu, senhor de toda a casa de seus paes, fidalgo da casa real, que casou com D. Anna Gertrudes Malheiro, da casa da Torre de Refoijos, em Ponte do Lima, da qual se falla n'este *Diccionario*, na palavra *Refoijos*, a pag. 100 do 8.º volume, e teve a

10.º — Leonel d'Abreu de Lima, actual senhor do morgado d'Atães, casa do Ameal e outras, fidalgo da casa real, o qual, servindo como capitão de voluntarios realistas na guerra civil, foi prisioneiro dos liberaes.

Ultimamente nomeado sargento-mór de Vianna, não chegou a exercer este cargo.

Vive hoje na sua casa do Ameal com suas irmãs D. Maria, D. Francisca e D. Anna e estão todos solteiros.

Abreus Pereiras Cyrnes

Senhores do Paço de Lanhezes (condes d'Almada).

Já n'este *Diccionario* se tratou d'esta familia, a pag. 135 do volume 4.º e nas palavras *Paço de Lanhezes*, volume 6.º, pag. 382 e *Pombalinho*, a pag. 145 do 7.º volume.

Aqui só accrescentaremos que pertenceu a esta familia e foi irmão de José Pereira de Brito e Abreu, o Dr. Sebastião Pereira de Castro, fidalgo da casa real, desembargador do Paço, procommissario geral da Bulla da Santa Cruzada, que fez as vezes de 1.º Ministro no tempo de D. João V e principios do reinado de D. José, e pelos seus grandes serviços alcançou para a casa de seu irmão duas commendas, a alcaidaria-mór de Ferreira e o senhorio de Lindoso, que mais tarde, por decreto de 29 d'Abril de 1793, foi transferido para a freguezia de Lanhezes, onde esta familia tem o seu Paço, e que foi creada villa em remuneração dos valiosos serviços de seu sobrinho e filho natural do dito José Pereira de Brito, o dr. José Ricalde Pereira de Castro, tambem desembargador do Paço e chanceller-mór do reino.

O primeiro senhor de Lindoso d'esta familia foi Francisco d'Abreu Pereira Cyrne, filho legitimo do referido José Pereira de Brito e Abreu, do qual se falla n'este *Diccionario*, na palavra *Paço de Lanhezes*, a pag. 382 do 6.º volume, e irmão de D. Catharina Josepha Pereira Cyrne, mulher de Joaquim Pereira da Silva Bezerra Fagundes, senhor dos morgados dos Pereiras Fagundes e capella de S. Roque em Vianna, e de D. Marianna Pereira Cyrne de Castro, mulher de João de Barros de Barbosa d'Abreu e Lima, senhor da casa da Carcaveira, em Ponte do Lima.

Abreus Tavoras

Senhores da casa da Carreira (viscondes da Carreira).

Esta familia tem a mesma origem dos Abreus Limas da casa do Ameal e como esta descende de

1.º — Pedro Gomes d'Abreu, senhor de Regallados, por um dos seis filhos e filhas que a pag. 14 do 7.º volume d'este *Diccionario* se diz tivera de D. Catharina d'Eça, abbadessa de Lorvão.

Foi elle:

2.º — Ruy Gomes d'Abreu, que casou com D. Ignez Brandão, filha de Fernão Brandão, commendador de S. João de Cabanas e Santa Christina d'Affife, do qual se fallará ao tratarmos dos Brandões Castros e de sua mulher D. Catharina Fagundes e teve entre outros filhos a

3.º — Diogo Gomes d'Abreu, que a 15 de Novembro de 1611 instituiu o morgado e capella de S. Lourenço de Lapella, em Monsão, e casou com D. Catharina Malheiro, de quem teve, além d'outros filhos a

4.º — João Gomes d'Abreu, senhor do morgado de Lapella, que casou com D. Angela Burgueira, de quem, entre outros, nasceu:

5.º — O Dr. Diogo Gomes d'Abreu e Lima, fidalgo da casa real, senhor do morgado de Lapella e da casa da rua de Sant'Anna, em Vianna, a que mais tarde se deu o nome de casa da Carreira. Foi juiz de fora em Ponte do Lima e casando com D. Anna Lopes de Castro, da casa de Calheiros, teve duas filhas, uma que falleceu menina, e a que succedeu na casa chamada

6.º — D. Archangela d'Abreu de Lima, que foi senhora do morgado de Lapella e casa da Carreira e casou em Vianna com o seu parente Luiz Alvares de Tavora, fidalgo da casa real, commendador na ordem de Christo, da commenda de Santo Apolinario de Villa Verde em Traz-os-Montes, mestre de campo de auxiliares na comarca de Barcellos e senhor da casa do Outeiro na Ponte da Barca, o qual falleceu a 2 de Outubro de 1707 e era bisneto do celebre Alvaro Rodrigues de Tavora, chamado o Viannez, que foi capitão de naus da India em 1592 e pelos seus serviços 1.º commendador de Santo Apolinario de Villa Verde.

Devemos notar aqui que o magestoso palacio da Carreira, de architectura manuelina, não é obra d'aquella época, como muitos têem dito, mas construcção do seculo XVII, posterior ao enlace d'este ramo dos Abreus com os Tavoras, como o attestam os emblemas heraldicos d'estas familias que se vêem nos arcos dos dois portaes da fachada principal.

Do casamento de D. Archangela com o commendador Luiz Alvares de Tavora, houve muitos filhos, entre os quaes foi um

7.º — Diogo Gomes d'Abreu e Lima, que foi commendador de Christo, senhor das casas de seus paes, mestre de campo de auxiliares e fidalgo da casa real. Sendo capitão de infanteria, foi prisioneiro na batalha de Almança, na guerra de Carlos III, e deixou de usar o appellido Tavora, em virtude da sentença que condemnou ao supplicio a familia do marquez de Tavora e prohibiu o uso d'este nome n'este reino.

Casou duas vezes, a primeira com D. Anna Maria Pereira de Sotto-Maior, da casa de Barbeita, de quem teve filhos, que não chegaram a succeder na casa, e a segunda á hora da morte com D. Isabel Gonçalves, de quem havia tido um filho chamado

8.º — João Gomes d'Abreu e Lima, que foi senhor da casa da Carreira, Lapella e Outeiro, commendador de Christo e fidalgo da casa real e casou com D. Maria Josepha de Queiroz Gayoso, de quem teve a

9.º — Diogo Gomes d'Abreu e Lima, senhor da casa da Carreira, Lapella e Outeiro, commendador na Ordem de Christo, fidalgo da casa real, 2.º visconde da Carreira, em verificação de vida concedida a seu irmão Luiz Antonio d'Abreu e Lima, 1.º visconde e 1.º conde da Carreira. (Veja-se a nota 2 a pag. 589 do 7.º volume d'este *Diccionario*, onde se encontram as datas das concessões d'estes titulos).

Casou Diogo Gomes, 2.º visconde da Carreira, com D. Maria José d'Alpuim da Silva, senhora do Morgado da Boa Vista na Villa da Barca e teve filhos a Alvaro Bravo, que falleceu demente, Luiz Bravo d'Abreu e Lima, que foi senhor da casa da Carreira, 3.º visconde, com grandeza, d'este titulo, e falleceu sem geração, tendo casado com D. Amalia Augusta de Faria Schiappa Robym, e

10.º — D. Maria José d'Abreu e Lima, senhora de toda a casa da Carreira, por morte de seu irmão o 3.º visconde da Carreira, que está viuva de Antonio de Faria da Costa Pereira Barreto Villas Boas, senhor da casa d'Agrella, na Barca, morgado do mosteiro de Victorino das Donas e outros, fidalgo da casa real, commendador de Nossa Senhora da Conceição, de quem teve dois filhos que falleceram e duas filhas que vivem e estão casadas na casa da Carreira, em companhia de sua mãe, a mais velha, D. Maria Luiza, com Bento Malheiro Pereira Pitta de Vasconcellos, e a segunda, D. Joanna, com José da Cunha Guedes de Brito.

Agorretas

Senhores do Paço d'Anha e d'uma casa nobre na rua de S. Sebastião em Vianna.

Descende esta familia de

1.º — Lucas d'Agorreta, ou Gorreta, como escreviam outros, que vindo a Portugal serviu em Africa; d'elle foi filho

2.º — João d'Agorreta, que depois de ter servido em Marzagão como capitão, foi a França, onde casou.

3.º — Miguel d'Agorreta, seu filho, viveu em Vianna e aqui casou com Maria Ferreira, tendo além d'outros filhos a

4.º — João d'Agorreta Ferreira, que foi mordomo do Castello de Vianna, administrador da artilheria do Porto e fornecedor de mantimentos da provincia do Minho no tempo de Filippe IV. Fundou a capella de Santo Antonio em 1640, na casa do Paço d'Anha, que instituiu em morgado, e na qual dizem que estivera o sr. D. Antonio, prior do Crato, antes de embarcar para França; e casou com Catharina da Rocha, de quem não houve geração, tendo porém de Maria Carvalho um filho natural chamado

5.º — João d'Agorreta Ferreira, que foi senhor do morgado do Paço d'Anha, e casando com D. Ignez de Miranda Pereira, entre outros filhos teve

6.º — Filippe Pereira d'Agorreta, senhor do morgado e familiar do Santo Officio, que casou com D. Joanna Baptista Velloso d'Azevedo, da villa da Barca, de quem foi filho

7.º — Gregorio d'Agorreta Pereira Velloso de Miranda, senhor do morgado, que casou com D. Maria Josepha Alves da Torre, e teve, entre outros filhos, a

8.º — Antonio José de Agorreta Pereira de Miranda Velloso, senhor do morgado do Paço d'Anha, que em 1778 casou com D. Maria Barbara Felicissima de Sousa Godinho, natural de Pombal, e entre outros filhos teve a D. Anna Augusta d'Agorreta Pereira de Miranda, mãe do laureado poeta Antonio Pereira da Cunha, e a

9.º — Candido d'Agorreta Pereira de Miranda Velloso, que por fallecimento de dois seus irmãos veio a ser senhor da casa do Paço d'Anha e casou com D. Maria Augusta de Sá Coutinho, de Ponte do Lima, irmã do 1.º visconde d'Aurora, de quem teve alguns filhos, que falleceram, á excepção de

10.º — D. Maria Augusta d'Agorretá, que é senhora do Paço d'Anha e mais casa de seus paes e tias.

Alcamins

Familia que vivia em Vianna no seculo passado e que hoje aqui não tem representação. Exerceu cargos militares n'esta terra e na America.

Alpoins Silvas

Senhores do Paço de Villa Fria, de que é actual senhor Jeronymo d'Alpoim da Silva e Menezes.

O outro ramo dos Alpoins, senhores de Merece, por alliança com os Regos, é representado por D. Jeronyma Thereza d'Alpoim da Silva, que está viuva de seu primo Severino d'Alpoim da Silva e Menezes.

Araujos Azevedos

Condes da Barca, senhores que foram da casa do largo de Santo Homem Bom, hoje reduzida a armazem de bacalhau da casa ingleza Hunt Roope Teage and C.ª

Um dos ascendentes dos actuaes representantes d'esta familia foi

1.º — Fernão Velho d'Araujo, neto d'outro Fernão Velho d'Araujo e de sua mulher D. Leonor d'Azevedo, que casou em Vianna com D. Anna Nunes Bezerra, de quem entre os filhos que teve mencionaremos dois, o mais velho Paio d'Araujo d'Azevedo, em quem seguimos este ramo, e o outro Tristão d'Araujo d'Azevedo, de quem vem os Azevedos da Torre da Passagem, representados hoje pelo visconde da Torre das Donas.

2.º — Paio d'Araujo d'Azevedo, casou na villa da Barca com D. Anna Gomes Pimenta e entre outros filhos teve a

3.º — Fernão Velho d'Araujo, que tambem casou na Barca com D. Catharina da Costa Velloso, e teve filhos, dos quaes um foi

4.º — João d'Araujo d'Azevedo, que casando com Catharina Pereira, filha bastarda de Antonio Pereira, vigario de Cabana-maior e instituidor do morgado das Choças, teve dois filhos, que foram Fernão Pereira d'Araujo d'Azevedo, em quem continuamos este ramo, e Antonio d'Araujo d'Azevedo, tenente general de infanteria, fidalgo da casa real, que succedeu a seu irmão no morgado das Choças, por lhe não ficar geração legitima, e que casou em Vianna com D. Luiza Maria d'Araujo Bandeira, de quem teve a Luiz d'Araujo d'Azevedo, que foi senhor do morgado das Choças, e de sua primeira mulher D. Clara de Magalhães e Abreu teve a D. Marqueza d'Araujo e Azevedo, senhora que foi do morgado das Choças, e casou com o seu primo Antonio Pereira Pinto d'Araujo Fagundes, abaixo mencionado com o n.º 7.

5.º — Fernão Pereira d'Araujo e Azevedo, foi senhor do morgado das Choças e teve filho bastardo legitimado a

6.º — Tristão Pereira Pinto d'Azevedo, que, seguindo a magistratura, foi provedor em Guimarães, e casou com D. Violante Pereira Pinto, senhora da casa de Sá, em Ponte do Lima, de quem teve entre outros filhos a

7.º — Antonio Pereira Pinto d'Araujo Fagundes, senhor da casa de Sá, que casou com a sua prima D. Marqueza d'Araujo e Azevedo, senhora do morgado das Choças, que fica acima mencionada no n.º 4, e teve alem d'outros filhos Antonio d'Araujo d'Azevedo, 1.º conde da Barca, senhor de toda a casa de seus paes, do qual falla este *Diccionario*, na palavra *Ponte da Barca*, a pag. 166 do 7.º volume; Antonio Fernando, abbade de Lobrigos, D. prior da collegiada de Barcellos e inspector das Obras Publicas no Minho, que teve uma filha, casada na casa da Tapada com D. Luiz d'Azevedo Sá Coutinho, senhor de S. João de Rei; João Antonio, de quem tambem se falla a pag. 166 do 7.º volume d'este *Diccionario;* D. Rosa d'Araujo e Azevedo, que foi viscondessa de Midões pelo seu casamento; e

8.º — Francisco Antonio d'Araujo e Azevedo, de quem tambem falla este *Diccionario* a pag. 166 do 7.º volume, que foi senhor da casa da Quinta Fresca na freguezia da Meadella, fidalgo da casa real, do conselho d'el-rei, brigadeiro dos reaes exercitos, commendador de Christo e capitão general dos Açores, onde morreu, tendo casado com D. Francisca Antonia de Sá Sotto-Maior, de quem foi segundo marido e da qual teve um filho e uma filha. Esta foi D. Marqueza, que casou com Luiz Borges Teixeira, de quem ha geração, e o filho foi

9.º — Antonio d'Araujo Pereira Pinto d'Azevedo, que por testamento de seu tio João succedeu no direito ao titulo de conde da Barca e mais mercês que haviam sido do mesmo conde, e por esse motivo, sendo ainda muito novo, assentou praça em capitão e falleceu na sua casa da Quinta Fresca, sendo tenente coronel de infanteria reformado.

Foi tambem senhor da casa de Santo Homem Bom, em Vianna, e por morte de seu tio João, succedeu ao conde da Barca, senhor dos morgados das Choças, casa de Sá e Prova, na Ponte da Barca.

Casou com D. Anna dos Prazeres Calheiros de Magalhães Barreto, e deixou quatro filhas; a mais velha, D. Maria Philomena, que está viuva de Antonio Pimenta da Gama, a segunda, D. Marqueza, que ficou com os prasos da casa, está casada com o bacharel José Mimoso de Barros e Alpoim, filho segundo da casa da Carcaveira; a terceira, D. Francisca, que está casada com João Marinho Gomes d'Abreu; e a quarta, D. Anna, solteira.

Azevedos

Viscondes da Torre das Donas, senhores da casa da Torre da Passagem, hoje mais conhecida pela Torre das Donas.

Um dos ascendentes d'esta familia foi

1.º — Fernão Velho d'Araujo, em quem tambem começamos o titulo dos Araujos Azevedos, do conde da Barca, e que ali se diz casara em Vianna com D. Anna Nunes Bezerra.

D'um seu filho descendem os Araujos do conde da Barca e d'outro os Azevedos da Torre das Donas.

Foi este

2.º — Fernão Velho d'Araujo, que casou

com D. Isabel d'Araujo da Gama, e entre outros filhos teve

3.º — Fernão Velho d'Araujo e Azevedo, que casando com D. Ignez d'Amorim d'Antas, teve muitos filhos e entre elles

4.º — Gaspar d'Araujo e Azevedo, que foi o primeiro senhor da Torre da Passagem em Victorino das Donas, capitão de infanteria, em remuneração dos serviços que fez no Brazil, cavalleiro de Christo e fidalgo da casa real por alvará de 1647. Casou tres vezes e de sua segunda mulher D. Francisca Barbosa teve a

5.º — Amaro d'Azevedo e Vasconcellos, fidalgo da casa real, senhor da Torre da Passagem, capitão de infanteria, que casou com D. Suzanna Bezerra e teve entre outros filhos a

6.º — Gaspar d'Araujo Azevedo, senhor da Torre da Passagem, fidalgo da casa real, que casou com D. Paula da Gama e teve entre outros filhos a

7.º — Amaro José d'Azevedo e Vasconcellos, fidalgo da casa real, senhor da Torre da Passagem, casado que foi com D. Venancia de Sousa, de quem entre outros nasceu

8.º — Joaquim José d'Azevedo Araujo e Gama, [1] fidalgo da casa real, senhor da Torre da Passagem, que casou com D. Francisca Angelica de Barros, da casa do Quintal, em Geraz do Lima, e d'elles nasceu entre outros

9.º — Amaro d'Azevedo de Vasconcellos Araujo e Gama, fidalgo da casa real, senhor da Torre da Passagem, que casou em Sepões, com D. Rita Josepha d'Araujo, senhora da casa da Castanheira, de quem nasceu além d'outros

10.º — Joaquim d'Azevedo d'Araujo e Gama, fidalgo da casa real, senhor das casas de seus paes, que casando em Coura com D. Maria Luiza Pereira da Cunha de Barbosa, da casa de Montalães e outras, teve entre outros filhos a

11.º — João d'Azevedo Araujo e Gama, fidalgo da casa real, senhor da casa da Torre da Passagem, da casa da Lameira, em Cerdal, junto a Valença e outras.

Casou com D. Maria Rita d'Oliveira Almada, senhora da casa da Barrosa, junto a Villa Verde, e d'ella teve filho unico a

12.º — Joaquim d'Azevedo d'Araujo e Gama, bacharel formado em direito, fidalgo da casa real, 1.º visconde da Torre das Donas, ex-governador civil de Vianna, que está casado com sua prima D. Maria Emilia do Rego, irmã de José de Barros Lima d'Azevedo do Rego Barreto, do qual se fallará nos Barros Limas, n.º 5, e não tem geração.

Pertence tambem a esta familia, por ser filho reconhecido de João d'Azevedo, e por tanto irmão do visconde das Donas, o Dr. Manuel d'Azevedo d'Araujo e Gama, lente cathedratico da faculdade de theologia, na Universidade de Coimbra.

Bandeiras

Tambem em Vianna vivia no seculo passado, na rua da Bandeira, esta familia, que se uniu á dos Velhos Fonsecas pelo casamento de Antonio Luiz Bandeira, coronel de infanteria paga e cavalleiro de Christo, cujo pae fôra vedor geral da provincia do Minho, com D. Maria da Fonseca, que era neta paterna de Martim Velho da Fonseca, sargento-mór de Vianna, cujos ascendentes deram n'esta terra o nome á Rua de Martim Velho, onde tinham a sua casa nobre, e de sua mulher D. Gracia da Rocha Fagundes, que foram tambem quintos avôs do 1.º conde d'Azevedo, do qual falla este *Diccionario* a pag. 513 do 7.º volume.

Barros Limas

Senhor da casa dos Barros, na rua da Bandeira.

Deu origem em Vianna a esta familia o

1.º — Dr. Gonçalo de Barros, que casou com D. Marianna de Lima e como diz um manuscripto do seculo passado «foi excellente medico e fez cousas grandes, porque doutorou de capello tres filhos, formou de bacharel a dois, metteu seis filhas freiras em S. Bento e fez uma casa nobre.»

[1] Falleceu em Vianna, a 30 d'agosto de 1883. (V. Victorino das Donas).

2.º — O Dr. Bento de Barros Lima, seu filho, foi fidalgo da casa real, desembargador da Supplicação, conselheiro da fazenda, alcaide-mór de Villa do Conde, cavalleiro de Christo e senhor da casa dos Barros.

Casou em 1755 com D. Maria Josepha d'Azevedo d'Araujo e Gama, irmã de Joaquim José d'Azevedo, mencionado com o n.º 8 nos Azevedos do Visconde da Torre das Donas, e teve dois filhos, que foram José de Barros Lima d'Azevedo Araujo e Gama, em quem se continua este ramo, e o dr. Gonçalo de Barros Lima, do qual se fallará ao tratarmos dos Figueiredos da Guerra.

3.º — José de Barros Lima d'Azevedo Araujo e Gama, foi senhor da casa dos Barros, fidalgo da casa real, alcaide-mór de Villa do Conde, por alvará de 23 de outubro de 1782, e commandante d'uma brigada de ordenança no Minho, na guerra peninsular.

Casou com sua prima D. Maria Rosa d'Azevedo, irmã de Joaquim d'Azevedo, que nos Azevedos da Torre das Donas se menciona com o n.º 10, e teve a

4.º — Bento de Barros Lima, senhor da casa, fidalgo da casa real, coronel graduado das milicias de Vianna, que nasceu em 1801 e casou em 1825 com D. Maria Emilia do Rego Barreto, filha primogenita do general Luiz do Rego Barreto, 1.º visconde de Geraz de Lima e de sua 1.ª mulher D. Luiza Maria Ruseleben, e teve entre outros filhos a

5.ª — José de Barros Lima d'Azevedo do Rego Barreto e a D. Maria Emilia do Rego, viscondessa da Torre das Donas.

O dito José de Barros é o actual representante d'esta familia e está casado com D. Catharina Candida Furtado de Mendonça, de quem tem filhos e filhas, alguns dos quaes já estão casados.

Bezerras

Senhores do Couto de Paredes, na Meadella e da casa de S. Gil de Perre, hoje representados pela sr.ª marqueza de Terena e Monfalim, que tambem è viscondessa de S. Gil de Perre. Da genealogia d'esta senhora já este *Diccionario* se occupou nas palavras *Meadella*, vol. 5.º, pag. 147, *Perre*, vol. 6.º, pag. 695, *Porto*, vol. 7.º, pag. 496 e *Terena*, vol. 9.º, pag. 548.

Bottos

Familia que hoje não tem representação propria, mas se acha ligada a algumas familias de Vianna sem usarem d'este appellido. D'ella ha memoria na egreja matriz, na capella de Nossa Senhora dos Desamparados, padroeira dos artistas d'esta terra, outr'ora chamada de S. Bartholomeu, onde se vê o seu brazão d'armas, que tambem está misturado com outros appellidos nos brazões de duas casas n'esta cidade, uma situada na praça da Rainha e pertencente a familia estranha do seu fundador e a outra na rua da Bandeira, pertencente á familia Bertiandos.

Brandões Castros

Senhores do morgado e capella de S. Bernardo.

Foi tronco d'esta familia

1.º — Fernão Brandão, filho de João Sanches e de sua mulher D. Isabel Brandão, natural do Porto, o qual, depois de ter servido em Africa, nas tomadas de Çafim e Azamor, veiu para Vianna e aqui casou com D. Catharina Fagundes.

Foi commendador de S. João de Cabanas e Santa Christina d'Affife e instituiu um morgado na capella de S. Bernardo, que com sua mulher fundou em 1547, dentro da capella dos Clerigos, na matriz de Vianna, na qual sobre o arco tem dois brazões d'armas, o dos Brandões e o dos Fagundes, com a inscripção seguinte:

ESTA C. MANDOV FASER FERNÃ BR-
ÃDÃ E SVA MOLHER C. FAGVDES.
1547

Um dos seus filhos foi:

2.º — Miguel Brandão de Mesquita, senhor do morgado, que casou duas vezes, a 1.ª com D. Maria Gomes, de quem, entre outros filhos, teve a João Brandão de Mesquita, em quem seguimos este ramo, e a 2.ª com D. Maria Barreto, bisneta de João Velho, o *Ve-*

lho, e d'este 2.º casamento descendem os Brandões Barretos, de que adeante nos havemos de occupar.

3.º — João Brandão de Mesquita, foi senhor do morgado de S. Bernardo, casou com D. Gracia Maciel Garcia, e entre outros filhos teve a

4.º — Miguel Brandão de Mesquita, senhor do morgado, que casou em Vianna com D. Maria Malheiro Quesado, e por falta de geração de seus filhos varões, entrou n'esta casa a varonia de Castros, por sua filha

5.º — D. Margarida Antonia Malheiro Brandão, que casou com Diogo de Sousa e Castro, e teve, além d'outros filhos, a

6.º — João Brandão de Castro, que veiu a succeder nos morgados de S. Bernardo e dos Macieis, instituido este em 1530, por Thiago Pires Maciel, filho do alcaide-mór de Villa Nova da Cerveira.

Casou com a sua prima D. Marianna Antonia Brandão de Castro e teve, entre outros filhos, a

7.º — José Caetano Brandão de Castro, senhor da casa, que casou com D. Benta Marcelina Maciel Caminha da Rocha, senhora da quinta da Granja, em Santa Martha de Portozello e d'outras de quem nasceu o actual representante d'esta antiga e nobre familia.

8.º — João Brandão de Castro, que está viuvo de sua prima D. Maria Emilia de Magalhães, e vive com suas irmãs, D. Marianna e D. Maria Clara.

Brandões Barretos

Senhores do paço de Santa Leocadia, de Geraz do Lima.

Descende esta familia, como se diz no n.º 2 dos Brandões Castros, do 2.º casamento de

1.º — Miguel Brandão de Mesquita, com D. Maria Barreto, bisneta pela varonia de João Velho, o *Velho*, do qual fallaremos no appellido dos Velhos.

Seu filho

2.º — Vasco Brandão Velho Barreto, casou com D. Maria Caminha e teve a

3.º — Antonio Brandão Barreto, que casou com a sua parenta D. Ignez Barreto, filha de Miguel Correia Pinto e de sua mulher D. Anna Gago Barreto, e teve além d'outros filhos a

4.º — Vasco Brandão Barreto, senhor do Paço de Santa Leocadia, de Geraz do Lima, instituido em morgado por sua 3.ª avó materna, D. Anna Gago Barreto. Foi fidalgo da casa real, e em 1706 era sargento-mór de infanteria paga, de Vianna. Casou com D. Catharina da Rocha Soares, e entre outros muitos filhos teve a

5.º — Pedro Pinto Lobo Brandão, que serviu na guerra de Carlos III, e em 1713 era sargento-mór de infanteria paga, de Vianna e senhor da casa de seu pae. Casou com D. Anna Maria Rosa de Sotto-Maior, e entre outros filhos teve a Vasco Brandão Barreto de Sotto-Maior, que foi senhor da casa e poz questão com a irmandade dos marcantes de Vianna, por causa do jazigo de seu 7.º avô João Velho, o *Velho*, como havemos de dizer ao tratarmos dos Velhos; e

6.º — D. Maria Dionizia Brandão Barreto de Sotto-Maior, que casou com Antonio José de Mello e Sousa, senhor do morgado dos Torneiros, em Braga, de quem entre outros filhos teve a

7.º — Francisco José de Sousa Lobo Brandão, que foi senhor da casa e casou com D. Emerencianna Clara Rosa Tenebros, e d'estes é neto o actual senhor do Paço de Santa Leocadia e mais casa de seus ascendentes, Francisco de Sousa Lobo Brandão, que a 22 de janeiro do corrente anno (1883) casou em Vianna com a sua parenta D. Maria José Monteverde da Cunha Lobo, filha do Dr. João Luiz Monteverde da Cunha Lobo.

Brochados

D'esta familia, que veiu para Vianna no principio do seculo passado, foram os vedores geraes d'esta provincia, Antonio José Pinto Brochado e Manuel Pinto Brochado; este ultimo fez em 1730 a casa nobre do Assento, na Portella, hoje padaria militar, fallecendo em 1775, e sua mulher D. Brizida Pinto, em 1764. Sua filha D. Maria Josepha Pinto Brochado, não tendo successão, legou por sua morte, em 1796, ao hospital da caridade, a

sua casa da Portella; mas o estado apropriou-se d'ella e ainda a retém hoje sem a ter pago.

A esta familia pertenceu a excellente quinta e matta das Corredouras, em S. Salvador da Torre, que legaram aos religiosos dominicos, e o pinhal dos Cruzios, em Santa Luzia, hoje junto á quinta de Valverde, de Antonio Emilio Correia de Sá Brandão.

Caldas

Senhores do morgado do Paço da Estrella, em Santa Martha, unido aos Pintos, senhores do morgado da Boa Vista, dos quaes fallaremos no logar competente.

Calheiros

Senhores do Paço de Calheiros.

Já d'esta familia tratou este *Diccionario*, na palavra *Paço de Calheiros*, vol. 6.º, pag. 381, mas como a noticia genealogica que alli se dá não está exacta, vamos aqui dar uma nova noticia d'esta familia, que para a não estender muito principiaremos a deduzil-a de

1.º — Garcia Lopes Calheiros, que sendo escrivão da camara de Vianna, pelos annos de 1610, veiu a succeder na casa do paço de Calheiros, por falta de geração de seu tio materno, Diogo Lopes.

Casou com D. Genébra Jacome Fagundes e teve tres filhos, que foram Francisco Lopes Calheiros, em quem seguimos este ramo, Balthazar Jacome Fagundes, morto na pendencia de Calheiros, e D. Anna Lopes de Castro, casada na casa dos viscondes da Carreira, como se disse nos *Abreus Tavoras*, n.º 5.

2.º — Francisco Lopes Calheiros foi senhor da casa, casou com D. Marianna Fajardo da Cunha e teve duas filhas: a mais velha, D. Genebra, foi senhora da casa e tendo casado com Francisco de Mello Pereira, filho de Maltez Lopo de Mello, quiz annullar o casamento por sentença que foi dada a favor do marido, e indo este á casa de Calheiros buscar sua mulher, deu origem a um conflicto grave, de que resultou ser morto Francisco de Mello, dois seus irmãos e um creado, e por parte dos Calheiros Balthazar Jacome Fagundes. Seguiu-se devassa ácerca d'esta pendencia, que veiu a terminar pelo 2.º casamento de D. Genebra com Luiz de Mello, irmão de seu 1.º marido, de quem tambem não teve filhos.

A filha 2.ª foi

3.º — D. Victoria Fajardo da Cunha Calheiros, que casou duas vezes, a 1.ª com João Velho Barreto, mestre de campo de auxiliares, senhor do morgado d'Ancede, de quem foi filho Francisco Jacome Lopes de Calheiros, e a 2.ª vez com Guilherme Rubim de Lima, de quem tambem teve filhos.

4.º — Francisco Jacome Lopes de Calheiros, foi senhor do morgado e casa do Paço de Calheiros, que elle reedificou, e d'outros; fidalgo da casa real, mestre de campo de auxiliares, e casou com D. Maria de Benevides Pereira, de quem entre outros nasceu

5.º — Pedro Lopes Calheiros e Benevides, senhor do paço de Calheiros e outros morgados, fidalgo da casa real, que casou com D. Maria Quiteria de Lira Manuel de Menezes, e foram estes os avós de Antonio Lopes Calheiros de Menezes e bisavós de Sebastião Lopes Calheiros de Menezes, e não Diogo Lopes Calheiros, como se diz a pag. 381 do volume 6.º d'este *Diccionario*.

Teve o dito Pedro Lopes um filho e uma filha. Esta, chamada D. Maria Rosa Ermelinda de Lira e Menezes, casou com Manuel Teixeira Pimentel de Carvalho e Taveira, senhor da casa dos Taveiras, em Villa Real e Lamego, e teve geração, que é a dos viscondes de Guiaens e da Varzea.

O filho foi

6.º — Francisco Lopes de Calheiros Menezes e Benevides, fidalgo da casa real, senhor do Paço de Calheiros, coronel de milicias de Villa do Conde, que casou com D. Maria Thereza de Barbosa Falcão Marinho de Sotto-Maior, de quem nasceram onze filhos e filhas, um dos quaes foi Antonio Lopes, de quem se falla no 6.º volume d'este *Diccionario*, a pag. 381, e o mais velho foi

7.º — Pedro Lopes Calheiros de Menezes, que succedeu na casa, foi fidalgo da casa real, ajudante d'ordens da inspecção geral

de cavallaria do reino na guerra peninsular, com patente de major, e casou com D. Angela Jacome do Lago Moscoso, irmã da 1.ª marqueza de Terena, de quem teve, entre outros, Francisco Lopes Calheiros de Menezes, em quem seguimos este ramo, Pedro Jacome de Calheiros e Menezes, que foi juiz de fóra na villa da Praia, na ilha Terceira, e regressando a Portugal, foi em 1834 nomeado auditor do exercito, em cujo cargo se aposentou e falleceu em 1882, deixando de sua mulher D. Maria Rosa Malheiro de Sousa e Menezes, um filho, Francisco Lopes Calheiros de Menezes, que vive em Vianna e está casado com D. Joaquina da Conceição de Abreu Bacellar, da qual tem uma unica filha chamada D. Maria Anna.

O par do reino Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes, que é ministro d'estado honorario, coronel d'estado maior, do conselho de Sua Magestade, grã-cruz de Carlos III e da ordem da corôa d'Italia, e do qual se falla no volume 6.º, a pag. 381 d'este *Diccionario*, tambem é irmão do mencionado Pedro Jacome, e está casado com D. Maria Emilia da Silveira Pinto da Fonseca, sua parenta e viuva do 1.º conde da Costa.

8.º — Francisco Lopes Calheiros de Menezes, foi senhor do paço de Calheiros e mais morgados d'esta casa, fidalgo da casa real, e casou com D. Maria Emilia Falcão Cotta, dos Falcões de Braga, de quem nasceu Francisco Lopes de Calheiros e Menezes, senhor do paço de Calheiros, que casou no Porto em 1882 com D. Maria da Gloria Alves Guimarães.

Calheiros Bezerras

Senhores da casa da Torre, em Santa Maria de Geraz.

Pertenceu a esta familia o arcebispo de Lacedemonia, D. Antonio Caetano Maçiel Calheiros, que nasceu em Vianna a 25 de julho de 1738. Seu irmão, Francisco José Calheiros d'Araujo, foi cavalleiro na ordem de Christo, capitão de infanteria, fidalgo da casa real, e casou com D. Rosa Maria Barbara da Cunha, de quem entre outros filhos teve a Francisco Xavier Calheiros Bezerra d'Araujo, que foi brigadeiro e governador da praça de Valença e senhor da quinta de Santa Maria de Geraz, na qual succedeu seu irmão Manuel José Calheiros Bezerra, que foi fidalgo da casa real, commendador na Ordem de Christo e desembargador da Relação do Porto antes do governo liberal, e casou com D. Sebastianna Maria de Menezes e Noronha, da casa d'Ois do Bairro, de quem entre outros nasceu Francisco Xavier Calheiros de Noronha, que vive na sua casa da Torre, em Santa Maria de Geraz de Lima, perto de Vianna, com a sua mulher D. Joaquina Werneck de Vasconcellos, de quem tem dois filhos, José Calheiros e D. Sebastianna.

Caminhas

Familia que se alliou a muitas das que tem ainda representação em Vianna. D'ella ha memoria na capella dos reis magos, em S. Domingos, d'esta terra, pertencente aos Vellosos Barretos, representados pela familia Pamplonas Rangeis, senhores do morgado de Beire, que depois tiveram o titulo de visconde.

Campener

Deu origem a esta familia o negociante hollandez Guilherme de Campener, natural de Antuerpia, que vindo para Vianna, no reinado dos Philippes, aqui casou com D. Francisca de Lima (senhora da quinta do Barco, em Victorino das Donas), filha de Manuel d'Abreu.

Fundaram em 1647 a capella do Santo Christo, na egreja do convento do Carmo, onde tem o seu brazão d'armas, e instituiram em morgado a quinta do Barco, a 3 de fevereiro de 1653.

Tem tambem esta familia casa em Vianna no largo de Santo Homem Bom, onde fazia a sua residencia, e é seu representante Francisco d'Abreu Lima Pereira Coutinho, senhor do paço de Victorino das Donas.

Cavalcantis

Familia que se extinguiu em Vianna, onde possuia fortuna, conservando algumas propriedades o seu appellido. Vivia no largo de

Santo Homem Bom, junto ao arco chamado de Cavalcanti, demolido ao tempo da extincção de tal familia n'esta terra. Alguns d'este ramo passaram ao Brazil, onde existem.

Cerveiras

Esta familia, que vivia no Campo de Santo Antonio, e estava aparentada, além d'outras, com os Brandões Castros, está extincta pelo fallecimento de Rodrigo Antonio de Cerveira, que pelos annos de 1820 era escrivão da camara de Vianna.

Coelhos

Senhores da casa do campo da Feira.

Tem esta familia o morgado de Fonte de Gatos, na Ponte da Barca, a casa de Leiras, em Caminha, a quinta da Boa Viagem, na freguezia da Areosa, a pouca distancia de Vianna, e outras; e é seu representante João Coelho de Castro Villas Boas e Sá, bacharel formado em direito, que foi coronel de voluntarios realistas de Vianna, e está viuvo de D. Maria José de Couros e Vasconcellos, senhora que foi do morgado de S. Bento, em Ponte do Lima.

Teve muitas filhas e dois filhos, que todos casaram, sendo d'estes o mais velho João Coelho de Castro, que vive na quinta da Boa Viagem, casado com D. Anna Malheiro Pereira Pitta de Vasconcellos, de quem tem muitos filhos.

Da genealogia d'esta familia, trata este *Diccionario*, a pag. 383 do 6.º volume.

Costas Barros

Senhores d'uma casa nobre na rua de S. Pedro, onde se vê o brazão d'armas partido em pala, com as armas dos Costas Barros e que é notavel por uma magnifica janella manuelina, cuja estampa foi publicada no n.º 10 do jornal *Pero Gallego*.

É representante d'esta familia Antonio Felix Mancio da Costa Barros, filho de Manuel Felix Mancio da Costa Barros, e sua mulher D. Thomasia Clara Barbosa de Magalhães e Menezes.

Costas Regos

Familia que tinha o padroado da capella-mór do convento de Santo Antonio, de Vianna, onde tem grandioso sarcophago, com as armas dos Costas Regos, e o corpo em pedra vestido d'armas brancas de Antonio Martins da Costa, cavalleiro professo na Ordem de Christo, fundador d'esta capella, que falleceu a 23 de Junho de 1615.

Pertencia a esta familia o morgado do mosteiro de Victorino das Donas, a casa d'Agrella, na Ponte da Barca, e outras mais, que todas estão unidas á da Carreira, pelo casamento do fallecido commendador Antonio de Faria da Costa Pereira Barreto Villas Boas, com D. Maria José d'Abreu e Lima, senhora da casa da Carreira, pelo fallecimento de seu irmão Luiz Bravo d'Abreu e Lima, 3.º visconde, com grandeza, da Carreira e senhor d'esta casa.

Cunhas (Pereiras)

Senhores da casa da Torre da Cunha e Parque de Portuzello, em Santa Martha.

Para a genealogia d'esta familia, que é representada pelo conhecido poeta Antonio Pereira da Cunha, veja-se este *Diccionario*, nas palavras *Paredes*, vol. 6.º, pag. 484, *Portuzello*, vol. 7.º, pag. 588, e *Torre da Cunha*, vol. 9.º, pag. 601.

Cunhas Lobos

Senhores da quinta das Torres, no castello de Neiva.

É representante d'esta familia Manuel Joaquim da Cunha Sotto-Maior, que vive solteiro, e de avançada edade, na sua casa do Castello.

Sua irmã D. Ursula, que passou a assignar-se D. Thereza de Jesus da Cunha Lobo, casou a 24 de julho de 1820 com o Dr. Luiz Vital Monteverde, que então era juiz de fóra, em Caminha, e falleceu juiz da Relação do Porto. D'estes é filho João Luiz Monteverde da Cunha Lobo, bacharel formado em direito, que casou no Porto com D. Maria Emilia Gonçalves, de quem tem dois filhos e quatro

filhas, e d'estas, a mais velha, D. Maria José, está casada com o seu parente Francisco de Sousa Lobo Brandão, como se diz nos Brandões Barretos.

Cunhas Sottos-Maiores

Senhores do magestoso palacio dos Cunhas, na rua da Bandeira.

Este magnifico palacio, que ainda está incompleto, foi fundado pelo brigadeiro de cavallaria Sebastião da Cunha, e por elle instituido em morgado, com outros bens, e unido aos vinculos já instituidos pelos seus ascendentes.

Seu irmão, Pedro da Cunha Sotto-Maior, foi senhor do morgado do Bellinho e outros, fidalgo da casa real e commendador de Troviscoso na Ordem de Christo, e casou em Lisboa com D. Martha Eugenia de Figueiredo, senhora da casa de Rebellos, de quem nasceu entre outros o chanceller-mór da Bahia, Manuel Antonio da Cunha Sotto-Maior, que casou com D. Vicencia Luiza Pereira de Sotto-Maior, que entre outros filhos teve a Pedro da Cunha Sotto-Maior Rebello, que foi sargento-mór de infanteria, ajudante das ordens do general Bernardim Freire, fidalgo da casa real, senhor dos morgados, e casou com D. Clara Maxima Pacheco Pamplona de Tovar e Menezes, de quem nasceu Gonçalo da Cunha Sotto-Maior, fidalgo da casa real, actual senhor do palacio dos Cunhas, da Bandeira, morgados de Bellinho e outros, que está casado com D. Maria Adelaide Pereira Caldas de Barros e tem uma unica filha, D. Ignacia da Cunha Sotto-Maior de Faria e Silva, que a 4 de fevereiro do corrente anno de 1883 casou, na sua capella da casa de Bellinho, com o bacharel em direito, José Bernardino d'Abreu Gouveia, de Vizeu.

Figueiredos da Guerra

Senhores da casa da Via-Sacra.

Esta bonita casa de campo está situada á cancella d'Areosa, proximo á capella de Nossa Senhora da Agonia, e da sua extensa varanda gosa-se uma ampla vista sobre o Oceano.

Tem uma grande quinta e matta, e o seu jardim, outr'ora franqueado ao publico e notavel pela sua cascata com louça da India e numerosas estatuetas, está completamente arruinado.

Foi seu fundador, nos fins do seculo passado, o Dr. Gonçalo de Barros Lima, filho segundo da casa dos Barros Limas, como se disse ao tratarmos d'esta familia, no n.º 2.

Gonçalo de Barros, seguindo a magistratura, foi juiz de fóra em Evora, fidalgo da casa real, cavalleiro na Ordem de Christo, e depois, abandonando a carreira judicial, veio para a sua terra, casou com a sua prima D. Maria Engracia d'Azevedo, irmã do 1.º visconde de S. Paio dos Arcos, e fez a sua casa da Via Sacra.

Teve um filho e uma filha. O filho, Gonçalo de Barros Lima d'Azevedo, casou com D. Maria Emilia da Cunha Sotto-Maior, senhora da casa da Seara, junto a Ponte do Lima, de quem ha geração; e a filha, D. Marianna Benedicta de Barros e Azevedo, ficou com a casa da Via Sacra, e casou em 1833 com Joaquim José da Conceição de Figueiredo da Guerra, doutor em canones, juiz de fóra na Barca e em Vianna, e pelo sr. D. Miguel I agraciado com as commendas da Conceição e Christo e com a medalha d'ouro da sua real effigie.

Entrou pois por este casamento na casa da Via Sacra a varonia dos Figueiredos da Guerra, de Condeixa a Nova, a cuja familia pertencia o dr. Joaquim de Figueiredo, do qual existem dois filhos e uma filha.

O mais velho, Gonçalo de Barros Figueiredo, está casado com D. Maria Nazareth Mimoso da Costa Alpuim, de quem tem uma unica filha, D. Maria Anna de Barros Figueiredo da Guerra.

O segundo, Luiz de Figueiredo da Guerra, é bacharel formado em direito, e está casado com D. Maria Rosa Cerveira, de quem tem uma filha chamada D. Maria Engracia.

A filha, D. Maria da Conceição de Figueiredo da Guerra, ficou com a casa da Via Sacra, e está casada com o major reformado

José Monteiro de Vasconcellos Mourão, do qual já se deu uma noticia genealogica, a pag. 383 do 6.º volume d'este *Diccionario*, e tem muitos filhos e filhas.

Fagundes

Uma das mais antigas familias de Vianna, representada em muitas casas.

Em varias capellas, fundadas no seculo XVI, na egreja matriz, vêem-se os brazões d'armas d'esta familia, e poucas são as casas nobres do Minho, que por João Alvares Fagundes, descobridor, no seculo XVI, do Banco da Terra Nova, chamado do Bacalhau, e por sua irmã D. Catharina Alvares Fagundes, não tenham sangue dos Fagundes.

Franças

Familia que no tempo da guerra de Carlos III exerceu altos cargos militares, e que tinha a sua casa nobre na rua das Rosas. Unindo-se á de Couto de Paredes, por um casamento entre primos co-irmãos, representa-a hoje a sr.ª marqueza de Terena e Monfalim.

Furtados Mendonças

Senhores da quinta da Preguiça em Santa Martha.

Esta familia veiu d'Angola, nos principios d'este seculo, e fez a sua residencia na quinta da Preguiça, que era de seus passados. Hoje é representada por Luiz Candido d'Antas Furtado de Mendonça, que é casado com D. Anna Pereira Velloso Barreto, de quem ha geração.

Tambem pertencem a esta familia e são irmãos de Luiz Candido:

1.º — O Dr. João Candido Furtado d'Antas, que é juiz de direito, e está casado, e com filhos.

2.º — D. Carlota, viuva do desembargador da Relação de Goa, João Caetano da Silva Campos.

3.º — D. Anna, viuva de José Francisco Pereira, de quem é filha D. Sophia Candida Furtado d'Antas, mulher de José Alfredo da Camara Leme, conservador na comarca de Vianna.

4.º — D. Catharina, mulher de José de Barros, como se diz no n.º 5 dos Barros Limas.

Gouveas Coutinhos

Familia que se acha extincta, mas da qual se vê ainda o brazão na casa da Argaçosa, cabeça de morgado d'esta familia.

Jacomes do Lago

Familia que se uniu á do Couto de Paredes e por isso representada pela sr.ª marqueza de Terena. Ha memoria d'esta familia na egreja do convento de S. Domingos, onde em um magnifico altar e sarcophago, com o brazão esquartelado dos appellidos Jacomes Lagos e a seguinte inscripção:

ESTA CAP. E SEP. HE DO D R IACOME DO
LAGO CAVAL. DO HABITO DE XPO DESẼ-
BARGADOR DA CA DA SUPPÇÃO
HE IVIS DAS 4 ORDẼS MILITARES N R D PORTU-
GAL F A. 4. DE MARÇO DE 1614 DEXO NESTE
ALTAR 3 M REZA-
DAS CADA S. EO DOS CARTAS E CESTAS FRAS 4
MISAS CANTA-
DAS NAS 4 FS DO ANO E F. DE N SRA CON S
RESPOSOS
E MS. D OBRIGÃ. 6 MIL RES CADA NO DESMLA ALEM
DESTA CPA ESTETVIO OVTRA COM OBRIGÃ D 30 M.
CADA NO 3 MIL RS DESMOLA OS DIRAM NESTE
M. ALTAR [1]

Lunas

Familia que unindo-se á dos Barbosas, foi progenitora do infeliz secretario d'estado Mi-

---

[1] Quer dizer: — Esta capella e sepultura é do Dr. Balthazar Jacome do Lago, cavalleiro do habito de Christo, desembargador da Casa da Supplicação, e juiz das quatro ordens militares, n'este reino de Portugal. Falleceu a 4 de março de 1614. Deixou n'este altar, tres missas rezadas, cada semana, aos domingos, quartas e sextas feiras; quatro missas cantadas, nas quatro festas do anno, e festas de Nossa Senhora, com seus responsos e missas de obrigação; 6$000 réis cada anno, de esmola. Alem d'esta capella instituiu outra, com obrigação de trinta missas, cada anno, de 3$000 réis de esmola, e se dirão n'este mesmo altar.

guel de Vasconcellos, cujos avós paternos e seu pae eram de Vianna e senhores da casa da rua do Poço, fronteira á matriz d'esta terra.

Magalhães

Senhores d'uma casa nobre na rua da Piedade, da qual ha pouco, por estar alheada, se tirou o brazão, que era esquartelado com os appellidos Pereiras, Magalhães, Paços e Figueirôas. Alliada aos Caldas, só existe geração d'este ramo, porque o principal se acha extincto.

Malheiros Reimões

Senhores do palacio da Praça, na rua 8 de maio.

Pertenceu a esta nobre familia o bispo d'Angola e depois do Rio de Janeiro, D. fr. Antonio do Desterro Malheiro, que teve 14 irmãos e irmãs, casando uma d'estas, D. Susanna, na casa dos Falcões de Braga, com Manuel Falcão Cotta, fidalgo da casa real, de quem ha representação.

Seu irmão mais velho foi

1.º — Gaspar Malheiro Reimão, mestre de campo de auxiliares, fidalgo da casa real e senhor dos morgados de seus passados, que casou com D. Maria Telles de Menezes, de quem nasceu entre outros

2.º — Ventura Malheiro Reimão Marinho Lobato, que succedeu na casa e casou com sua prima D. Margarida Luiza Pereira Ferraz Sarmento, de quem nasceu

3.º — Gaspar Malheiro Reimão Marinho Lobato, senhor dos morgados, que casou com D. Clara Josepha Lobo de Sotto-Maior, senhora do morgado da Pedreira, S. Chrispim e mais bens, e teve um filho e uma filha. Esta, chamada D. Margarida, casou com o brigadeiro de engenheria José Carlos Mardel, de quem não houve geração.

O filho,

4.º — Ventura Malheiro Reimão Marinho Lobato Lobo, foi senhor de toda a casa, casou com D. Thereza Victoria Calheiros de Menezes, irmã de Pedro Lopes Calheiros de Menezes, mencionado com o n.º 7, nos Calheiros do paço de Calheiros, e teve duas filhas, uma que falleceu de pouca edade, e a outra foi

5.º — D. Clara Carolina Malheiro Lobato Lobo Telles de Menezes, que nasceu em 1800, e é a actual senhora de toda a grande casa de seu pae. Casou com seu tio materno José Lopes Calheiros de Menezes, fidalgo da casa real, capitão de cavallaria, e teve além d'outros filhos, que não deixaram successão, D. Clara Carolina das Dôres Malheiro, que está casada com o capitão de infanteria José Maria Pereira de Castro, fidalgo da casa real, de quem tem filhos, e

6.º — Ventura Malheiro Reimão Telles de Menezes, moço fidalgo com exercicio, por alvará de D. João VI, que assistiu em 1877 ao casamento do sr. D. Miguel e falleceu em Vianna em 1882, deixando dois filhos e duas filhas de sua mulher D. Maria Candida do Patrocinio de Sá Pinto Mendonça, irmã de Camillo de Sá Pinto, senhor da casa da torre de Lanhellas.

Marinhos Gomes

Descende esta familia do casamento de D. Margarida Marinho, filha de D. Vasco Marinho, com Lopo Malheiro, moço da camara d'el-rei D. Manuel, cavalleiro fidalgo da sua casa e 1.º commendador de Troviscoso, na Ordem de Christo.

Tinha esta familia morgado, do qual foi ultimamente administrador Francisco Marinho Gomes d'Abreu, que de sua mulher D. Catharina de Sena Cardoso Pinto, teve quatro filhos, dos quaes o mais velho, Antonio Marinho Gomes d'Abreu, está casado com D. Joanna Pereira Pimenta de Castro, da casa de Pias.

Marinhos Pachecos

Descende esta familia de D. Vasco Marinho, pelo casamento de sua 2.ª filha D. Joanna Marinha com Lançarote Falcão, fidalgo gallego, que passando a Portugal pelos annos de 1489, ao serviço d'el-rei D. Manuel, foi fidalgo de sua casa e 1.º commendador de Santa Maria dos Anjos, de Monsão, na Ordem de Christo.

D'estes foi 3.º neto o Dr. Pedro Marinho Falcão, juiz de fóra de Villa Real, que casou com D. Maria Brandão de Vasconcellos, da Villa dos Arcos, de quem teve alem d'outros a Francisco Pacheco Marinho Brandão de Castro, fidalgo da casa real, senhor da quinta dos Marinhos, em Lanhezes, que casou com sua prima D. Marianna Luiza Pereira de Castro, de quem nasceu entre outros D. Maria Xavier de Castro, casada que foi com Gabriel Pereira de Castro, de Valença, e Pedro José Marinho Brandão de Castro, senhor da casa dos Marinhos, fidalgo da casa real por alvará de 13 de setembro de 1714, cavalleiro na Ordem de Christo, com tença em remuneração dos serviços prestados por seu pae e tambem por seu avô materno, o capitão Amaro Rebello da Gama.

Casou o dito Pedro José Marinho com D. Luiza Velho Soares d'Albergaria, natural de Vianna, e d'estes foi filho Pedro Marinho Brandão de Castro, que casando com D. Luiza Maria do Rego Bezerra de Mesquita Brandão, teve, entre outros, a Francisco Pacheco Marinho Brandão de Castro, senhor da casa dos Marinhos, e, por sua mãe, do praso de Cardiellos, que pertenceu aos seus ascendentes Mendes Aranhas, e d'outros hoje unidos á casa dos Pereiras Fagundes, pelo casamento de sua filha D. Leonarda Maria do Carmo, com Antonio Pereira Cyrne da Silva Bezerra Fagundes, como se diz nos Pereiras Fagundes.

Mellos Alvins Pintos.

Condes do Camarido.

Tem esta familia casa nobre em Vianna, a qual era antigamente conhecida pela casa da Carreira, antes d'este nome ser adoptado pela casa dos viscondes d'este titulo. Hoje é conhecida pela casa dos Camaridos.

Representa esta familia, e tem direito aos titulos de condessa do Camarido e Bobadella, D. Maria Isabel Freire d'Andrade e Castro, senhora das grandes casas do Camarido, Bobadella e outras; que vive em Lisboa, viuva de seu tio Bernardino Freire de Andrade, sem geração.

Pedras Palacios

Esta familia que vivia na rua da Piedade, em casa propria, nos fins do seculo passado mudou a sua residencia para o Campo do Forno (Praça da Rainha), em virtude d'uma subrogação.

Teve morgado, de que foi senhor no principio d'este seculo Balthazar da Cunha Pedra Palacio, sargento-mór de Vianna, que falleceu sem geração, assim como seus irmãos e irmãs, alguns dos quaes succederam no morgado, que, á morte da ultima sua irmã, passou para a familia dos Quesados, por se julgarem ser os parentes mais proximos dos Pedras Palacios.

Pelos annos de 1860 veiu porém do Pará Aniceto Constantino Pimenta, que mostrou melhor direito a este morgado e está senhor d'esta casa, como representante dos Pedras Palacios, por um ramo 2.º d'esta familia, que tendo ido para o Brazil exercer cargos militares alli permaneceu.

Peixotos Cyrnes

Familia que por casamento se uniu aos Abreus Pereiras, da casa do paço de Lanhezes, e da qual a representação está nos condes d'Almada.

Pereiras Fagundes Bezerras

Senhores dos morgados da Bandeira e da capella de S. Roque.

Tem esta familia morgado instituido em Vianna no seculo XVI, e descende de

1.º — Pedro Gomes Pereira do Lago, que sendo dos Pereiras Lagos, do solar do Sopegal, em Monsão, veiu viver para Vianna nos principios do seculo XV [1] e aqui casou com

---

[1] Consta isto de uma carta de provisão, passada em Setubal a 28 de março de 1496, que existe no *foral grande* da camara de Vianna, a folhas 40 e 40 verso, (Tombo da camara) na qual o rei D. Manuel o trata por escudeiro fidalgo de sua casa e lhe faz a *graça e mercê* de o nomear *alcaide das saccas*, da villa de *Vianna de Caminha* e seu termo.

Catharina Alvares Fagundes, viuva de Ayres Pinto. Era esta senhora irmã do celebre João Alvares Fagundes, que com gente de Vianna descobriu o Banco da Terra Nova do Bacalhau, onde teve fortificações de que foi senhor, assim como o foram tambem seus descendentes, até que Portugal perdeu estas terras; e ambos foram filhos de Alvaro Rodrigues Fagundes.

Do 1.º matrimonio de Catharina Alvares Fagundes, descende a casa de Bertiandos, porque tendo ella de seu 1.º marido Ayres Pinto, uma filha chamada Leonor Pinto, casou esta com Martim Fernandes do Castello, irmão de Antonio Fernandes do Caes, e d'este casamento nasceu Ignez Pinto, que estando viuva de Lopo Pereira, de quem foi 2.ª mulher, instituiu em 1566 os dois morgados de Bertiandos, a favor de dois de seus filhos, vindo estes morgados a reunirem-se em 1792, pelo casamento de Damião Pereira da Silva de Sousa e Menezes, senhor do 1.º dos morgados de Bertiandos, com sua prima D. Maria Angelina Pereira da Silva Forjaz e Monte Negro, herdeira do 2.º morgado tambem de Bertiandos.

Do 2.º matrimonio com Pedro Gomes Pereira do Lago, teve Catharina Alvares Fagundes, entre outros filhos, a Gonçalo Pereira do Lago, em quem continuamos esta familia, e a D. Anna Pereira do Lago, que casou com Antonio Fernandes do Caes, escudeiro fidalgo, padroeiro do mosteiro de S. Bento em Vianna, fundado em 1545, irmão de Martim Fernandes do Castello, o de Bertiandos, e d'este casamento houve onze filhos, dos quaes um foi Fernão Rodrigues Pereira, que casou com D. Branca Leitão de Barbosa e Brito, natural de Pinhel, filha do alcaide mór de Castello-Bom; e outro, Gonçalo Pereira do Lago, que casou com D. Ignez de Miranda; e d'ambos estes casamentos houve geração na casa da capella de S. Roque, que, como se verá, se reuniu á da Bandeira.

2.º — Gonçalo Pereira do Lago, casou com Leonor Gomes da Silva e d'estes, entre outros, nasceu

3.º — D. Catharina Alvares Pereira, mulher do seu parente Simão Fagundes, que foi cavalleiro fidalgo e com sua mulher mandou edificar na Misericordia de Vianna a capella de Nossa Senhora, que é hoje a de Santo Antonio, para lhe servir de jazigo e a seus descendentes.

Simão Fagundes foi filho de Alvaro Gonçalves Raymundo, que tambem era cavalleiro fidalgo e de sua mulher Margarida Fagundes, e neto por seu pae de Gonçalo Martins Caldeira e Margarida Rodrigues Raymundo, que passou a segundas nupcias com Fernão Gonçalves Bezerra, senhor da quinta de Paredes, na Meadella, que é solar de Bezerras.

Na capella de Simão Fagundes succedeu seu filho

4.º — Gonçalo Pereira Fagundes, que, como seu pae e avô, era cavalleiro fidalgo e foi o instituidor d'um morgado chamado da Bandeira, juntamente com sua mulher D. Maria de Barbosa da Rocha, por testamento de mão commum, feito a 25 de setembro de 1594, com a obrigação do morgado se appellidar Fagundes.

Era D. Maria de Barbosa da Rocha, filha de Martim Barbosa da Rocha, cavalleiro fidalgo e de D. Leonor Gomes Barreto, sua 2.ª mulher, filha esta de Alvaro Velho e Lucrecia Lobo Barreto, senhora do praso de Varaes, que lhe fez seu cunhado Fernão Velho, commendatario de S. Claudio e de S. Pedro de Varaes, d'onde se intitulava abbade-reitor.

D'este praso, do qual durante a vida do commendatario Fernão Velho, nunca se pagou fôro, por uma quitação que este havia dado, faz menção o padre Carvalho na sua *Corographia*, quando trata de S. Miguel de Azevedo, dizendo pertencer a Ascencio Pereira da Silva, que era o senhor dos morgados da Bandeira, ao tempo em que elle escrevia a sua obra.

5.º — Gonçalo Pereira da Silva, 3.º filho de Gonçalo Pereira Fagundes, foi senhor dos morgados dos Pereiras e Fagundes por morte de dois seus irmãos, Martim Pereira, que morreu em Lisboa, sendo juiz do crime, e Manuel, que não deixaram successão.

Casou com a sua parenta D. Sebastianna Leitão Pereira do Lago, morgada de S. Ro-

que—Bezerras—filha de Roque Pereira Bezerra, senhor da capella e morgados de S. Roque e de sua mulher D. Anna Pereira do Lago, filha de Gonçalo Pereira do Lago e sua mulher D. Ignez de Miranda, dos quaes acima se fez menção, sendo a referida D. Sebastianna neta paterna de Manuel de Xisto Bezerra, senhor da capella de S. Roque e seus morgados, instituidos, um por testamento feito a 16 de novembro de 1595, e outro por escriptura de 13 de junho de 1598, e de sua mulher D. Anna Pereira Leitão, filha dos tambem acima mencionados Fernão Rodrigues Pereira e D. Branca Leitão de Barbosa e Brito.

Um dos filhos de Gonçalo Pereira da Silva foi Ascencio Pereira, de quem o padre Carvalho faz menção na sua *Chorographia*, e que por morte de seu irmão mais velho, Manuel, foi senhor dos morgados da Bandeira —Pereiras Fagundes—dos de S. Roque—Bezerras—e 1.º dos Pereiras Machados, instituido este, em 1656, por o seu parente Francisco Pereira Machado.

Ascencio Pereira não foi casado, mas teve de Eulalia de Araujo uma filha natural, chamada D. Anna Pereira da Silva, que foi legitimada por S. M. D. Pedro II e por breve de S. Santidade Innocencio XII do anno de 1700, e succedeu nos morgados e prasos de seu pae.

Casou esta senhora com o seu parente Matheus Pereira de Castro, fidalgo e cavalleiro na Ordem de Christo, capitão-mór de Monsão e senhor do morgado do Sopegal, mas não teve filhos.

Além de Ascensio Pereira e d'outros irmãos que militaram e deixaram os seus serviços militares para serem remunerados, aos senhores d'esta casa, foi tambem filho de Gonçalo Pereira da Silva

6.º—Manuel da Silva Pereira, que seguindo a vida militar, assentou praça a 23 de maio de 1662 e fez a campanha da acclamação até ao posto de capitão de infanteria. Serviu depois na guerra de Carlos III como sargento-mór de infanteria, e sendo promovido a tenente do mestre de campo general, ficou prisioneiro na batalha de Almança, a 25 de abril de 1707, d'onde passou a França, e d'ahi, recolhendo á sua patria, teve o habito de Christo e com o posto de coronel de infanteria o governo da praça de Valença do Minho, onde falleceu em 1726.

Não casou, mas teve dois filhos legitimados, que foram Manuel da Silva Pereira, que sendo capitão de cavallaria serviu com seu pae na guerra de Carlos III, e foi morto n'uma noite, sahindo a acudir a uma fingida bulha que fizeram á porta de sua casa, e

7.º—Felix Pereira da Silva Bezerra Fagundes, a quem seu pae, o governador de Valença, nomeou a mercê do habito de Christo, que tinha, e todos os serviços militares que havia feito, pedindo a Sua Magestade D. João V os remunerasse n'elle seu filho, concedendo-lhe tambem o habito de Christo, tendo em attenção que elle governador havia gasto quasi tudo que possuira no real serviço. (Testamento de Manuel da Silva Pereira, coronel e governador de Valença, feito a 11 de novembro de 1726, em Valença).

Felix Pereira, filho 2.º do governador de Valença, foi legitimado por breve de Sua Santidade Clemente XI, e por carta regia de 12 de junho de 1714, registada no livro 2.º dos registos geraes, a folha 240, e no livro da camara de Vianna, a folha 126, e succedeu nos morgados da Bandeira, S. Roque e mais bens d'estas casas, a sua prima D. Anna (filha do já mencionado seu tio Ascensio Pereira), da qual ficou herdeiro por testamento de 22 de agosto de 1729.

Casou por escriptura dotal de 25 de novembro de 1729, feita em Vianna, com a sua parenta, da casa de Pias, em Monsão, D. Isabel Pereira de Castro, filha de Manuel Pereira de Castro, senhor do morgado de Pias, capitão-mór de Monsão, cavalleiro de Christo e fidalgo da casa real, e de sua mulher e parenta D. Maria Magdalena de Lançoes e Andrada, da casa do Sopegal, e d'aquelle casamento houve um unico filho, que foi

8.º—Joaquim Pereira da Silva Bezerra Fagundes, que foi senhor de toda a casa de seus paes, tenente coronel de infanteria, governador do forte do Cão, em Ancora, e casou por escriptura dotal, feita no Paço de Lanhezes a 13 de dezembro de 1752, com D.

Catharina Thereza Pereira Cyrne de Castro, irmã de Francisco d'Abreu Pereira Cyrne, senhor do Paço de Lanhezes, alcaide-mór de Ferreira, senhor de Lindoso, senhorio que depois foi transferido para a freguezia de Lanhezes, onde tinha o seu solar, e que foi creada Villa por a rainha D. Maria I, em 1793, governador do castello de Vianna, commendador na Ordem de Christo e moço fidalgo da casa real, dos quaes tambem foi irmão natural o desembargador do paço, José Ricalde Pereira de Castro, que no tempo d'el-rei D. José e D. Maria I exerceu os mais altos cargos do Estado. (Vide este *Diccionario*, na palavra *Paço de Lanhezes*).

Do matrimonio de Joaquim Pereira da Silva, com D. Catharina Cyrne, nasceram dois filhos e quatro filhas. D'estas, só deixou descendencia D. Anna Guilhermina Pereira Cyrne de Castro, que casou com o seu primo Manuel Pereira Pimenta de Castro, senhor da casa de Pias, fidalgo da casa real, e teve entre outros a Joaquim Pereira Pimenta de Castro, que por morte de seu irmão mais velho foi senhor de todos os morgados da casa de Pias, uma das mais nobres e ricas do Alto Minho, e que hoje é representada por seu filho Caetano Firmino Pereira Pimenta de Castro.

Felix Pereira da Silva Bezerra Fagundes, primeiro filho de Joaquim Pereira da Silva, foi senhor dos morgados e da casa de seus paes e ajudante do governador das armas da provincia do Minho, com o posto de tenente coronel de infanteria. Morreu coronel reformado, deixando de sua mulher D. Maria d'Araujo, um unico filho, chamado Manuel Pereira, que morreu sem descendencia a 22 de abril de 1823, na villa da Lavaneza, na provincia de Leão (Hespanha), pelo que passaram os morgados a seu tio

9.º — José Pereira Cyrne de Castro da Silva Bezerra Fagundes, filho do sobredito governador do forte do Cam. Foi monteiro-mór de Vianna e voluntario realista, e casou com D. Maria Ludovina Pereira de Castro, de quem nasceu o actual representante d'esta casa e familia

10.º — Antonio Pereira Cyrne da Silva Bezerra Fagundes, que é senhor dos morgados da Bandeira (Pereiras e Fagundes) e dos de S. Roque (Bezerras), e pelo seu casamento senhor, além d'outras terras, do praso, casa e quinta d'Arcellos, em S. Lourenço do Matto; do da Barageira, em Affife; do praso, casa e quinta de Cardiellos, que pertenceram aos ascendentes de sua mulher, Mendes Aranhas, onde viviam pelos annos de 1600, e do praso do Rego, em Lanhezes.

Casou a 11 de agosto de 1852, na sua capella de S. Roque, com D. Leonarda Maria do Carmo Pacheco Marinho Brandão de Castro, filha legitimada e herdeira de Francisco Pacheco Marinho Brandão de Castro, senhor, além d'outras terras, dos prasos e casas referidas e tenente de infanteria na guerra peninsular, e houve d'este casamento oito filhos, dos quaes o mais velho, José Pereira, é formado em direito.

Pimentas da Gama

Senhores do praso de Balthazares, em Affife. Já se deu a noticia genealogica d'esta familia, a pag. 383 do vol. 6.º d'este *Diccionario*.

Pintos

Senhores do morgado da Boa Vista, em Santa Martha, de que foi ultimo administrador José Pinto d'Araujo Correia, fidalgo da casa real, major de infanteria n.º 19, commendador na Ordem de Christo, de S. Pedro de Lomar, e alcaide-mór de Caminha, por decreto de 14 de novembro de 1820, em remuneração dos serviços prestados por seu irmão, a quem succedeu no morgado (Sebastião Pinto, que foi um dos chefes da expedição a Montevideu, e na volta para o Rio de Janeiro morreu afogado, em 1818, no naufragio da nau *Maria Thereza*.)

Pittas

Tambem viveram em Vianna alguns ramos d'esta familia dos Pittas, de Caminha, que hoje aqui não têem representação, mas possuem bens. O representante d'esta familia e senhor da casa dos Pittas, de Caminha, Rodrigo de Castro Menezes Pitta, par do rei-

no, juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, acaba de fallecer (março de 1883) n'aquella villa, ficando seu successor seu irmão, o general barão de Proença.

Portos Pedrosos

Familia extincta pela morte de Felix de Andrade Rubym do Porto Pedroso, senhor do morgado dos Portos Pedrosos, instituido no seculo XVI, com capella de Nossa Senhora do Pé da Cruz, na matriz de Vianna, e do qual era cabeça a casa nobre da rua da Bandeira, onde se vê ainda o brazão dos Pedrosos. Foi casado com D. Maria do Carmo de Brito Amorim da Gama Lobo, senhora dos morgados dos Britos, dos Arcos, Villar de Mouròs, junto a Caminha, e outros, e não teve filhos.

Quezados

Senhores do morgado dos Quezados, na rua da Bandeira, e além d'outros muitos bens, da quinta de Santa Margarida, em Deão.

Pertenceu a esta familia o grande Dr. Marçal Quezado Jacome, que foi lente de prima de leis e desembargador do paço, e hoje está extincta, pelo fallecimento, em 1862, de D. Maria Xavier Quezado de Villas Boas, que, não tendo successão do seu parente José Lobo da Cunha Barreto, de quem estava viuva, deixou a sua fortuna a D. Maria Angelina Quezado Villas Boas, filha natural de seu irmão José Maria Quezado, a qual casou com Joaquim d'Azevedo d'Araujo e Gama, e ambos já falleceram sem geração.

Regos Barretos

Condes de Geraz de Lima, padroeiros que foram da capella do capitulo do convento de Santo Antonio de Vianna.

Tinha esta familia morgado, do qual foi um dos administradores, no seculo passado, Antonio do Rego Barreto, fidalgo da casa real, cavalleiro de Christo, sargento-mór de infanteria, e em 1775 ajudante d'ordens do conde de Bobabella, no governo das armas do Minho.

E d'este foi filho legitimado Luiz do Rego Barreto, 1.º visconde de Geraz do Lima, do conselho d'el-rei, tenente general reformado, commendador na Ordem de Christo, governador e capitão general de Pernambuco, fidalgo da casa real, que falleceu em Vianna a 7 de setembro de 1840 e foi sepultado na capella de Nossa Senhora da Agonia.

Casou em primeiras nupcias com D. Luiza Maria de Ruseleben, e teve duas filhas, a mais velha, D. Maria Emilia, que casou com Bento de Barros Lima, como se diz no n.º 4 dos Barros Limas, e a 2.ª, D. Ignacia Candida, que casou a 26 de maio de 1823 com Rodrigo da Fonseca Magalhães, ministro e secretario d'estado, fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem da Torre e Espada, deputado ás côrtes em varias legislaturas, e teve filho unico a Luiz do Rego Barreto da Fonseca Magalhães, que foi 1.º marido da actual condessa de Geraz de Lima e deixou successão, sendo o seu filho mais velho conde de Geraz de Lima.

Ricaldes

Familia que de Hespanha passou a Portugal e adquiriu parte do padroado da egreja de Lanhezes, na qual tem um tumulo alto, com as suas armas, pertencente hoje, pelo ramo dos Abreus Pereiras Cyrnes, representantes dos Ricaldes, aos condes d'Almada. N'elle está sepultada D. Maria Francisca d'Abreu Pereira Cyrne Peixoto, 2.ª condessa d'Almada, fallecida em Vianna a 9 de setembro de 1860.

Rochas Paes

Senhores que foram do morgado do Hospital Velho, em Vianna, onde tinham obrigação de dar pousada aos pobres peregrinos que passassem por esta terra.

É actual representante d'esta familia Gaspar da Rocha Paes de Barros Cação, que vive na sua casa de Belinho, e está viuvo de D. Josepha Werneck de Vasconcellos, de quem tem dois filhos e duas filhas, todos solteiros.

Rôchas Paris

Familia que no seculo XVII se tornou notavel na pessoa de Francisco da Rocha Paris, o *Cavallão*, que, segundo uma tradição e noticias manuscriptas, foi encarregado de tratar negocios importantes junto da côrte de Inglaterra.

D'esta familia se encontra memoria na egreja de Monserrate, e na capella de S. Francisco, em S. Domingos, de Vianna, onde se vê, na parede do lado do Evangelho, um brazão esquartellado com os appellidos Rochas Peixotos Paris Maciel, e por cima do capacete, como timbre, a cruz de S. Thiago.

Por baixo do brazão, em uma lapide, tem a seguinte inscripção:

1610
ESTA CAPELA DA INVOC
ÃO DO GLORIOSO P. CERA
PHICO SAO FRC.º HE DE F
RC.º DA ROCHA PARIS CA
PITAO DE INFANTERIA PO
R SVA MAIESTADE CAVALL
EIRO FIDALGO DE SVA CASA
PROFESO DO ABITO D S TIAGO E DE SVA
M MA FRS PEIXOTA FALESEO DI
A DE S IMº BAVTISTA DE 609 E NA
SEO DIA DA ENCARNASÃO DE N
SNOR DE 546 E ELE DIA DA SOR
EISÃO DE XPO DE 544 E FALCEO

....

Pertence a esta esclarecida familia o sr. Alberto Feio da Rocha Paris, feito visconde da Torre (de Soutello) em 14 de junho de 1883. (Vide o 2.º Soutello, da col. 2.ª pag., 441, do 9.º volume).

Rournat

Oriunda da França, passou esta familia a Vianna e unindo-se aos Sás Sottos-Maiores, hoje tem d'ella representação os Coelhos de Vianna.

Rubys

Familia que de Amsterdam veiu para Vianna, onde se alliou a algumas d'esta terra, e adquiriu o padroado do convento de S. Francisco do Monte, fazendo junto á egreja do mesmo, uma casa, chamada da Hospedaria, onde se vê um brazão d'armas, com um letreiro por baixo, que diz:

ESTA CASA MANDOV FAZER
SEBASTIÃO PINTO ROBIN SOTTO MAYOR
FIDALGO DA CAZA REAL, CORONEL DE IN
FANTARIA DO REGIMENTO DE VALENÇA,
PADROEIRO D'ESTE CONVENTO

Este Sebastião Pinto, que a pag. 51 d'este volume, na palavra Val de Flores, se diz ser capitão de cavallos, foi posteriormente brigadeiro de infanteria, governador de Valença, senhor da casa dos Rubins, na rua da Bandeira, em Vianna, e da quinta de Val de Flores, da qual no logar citado se dá uma larga noticia, assim como dos ascendentes do mesmo Sebastião Pinto Rubim, que casou com D. Anna Francisca Bezerra.

Sua filha, D. Maria Casimira Rubym Pinto de Barros, succedeu em toda a casa de seus paes, e casando em Braga com Gaspar José da Costa Pereira de Gouveia, do qual foi 1.ª mulher, teve por successora em toda a casa dos Rubins a D. Maria Ignacia Pinto Rubim da Costa Pereira, que casou na casa das Hortas, em Braga, com João de Faria Machado de Gusmão Abreu e Lima, e teve entre outros filhos a Sebastião de Faria Machado, que, sendo senhor da casa dos Rubyns, por sua mãe, emprazou por um grande fôro a quinta de Val de Flores a Gaspar Augusto d'Amorim Felgueiras.

Casou o dito Sebastião de Faria com D. Anna Augusta de Sousa Gomes, e d'estes é filha a actual representante dos Rubyns, D. Maria Ignacia de Faria Machado Rubym, mulher de seu primo José Borges de Faria Pacheco Pereira, da casa de Infias, em Braga, bacharel formado em direito, o qual, por direito de opção, em arrematação judicial, rehouve a mesma quinta de Val de Flores, dos Rubyns, da qual por seu casamento era directo senhor.

Sás Sottos-Maiores

Senhores da torre de Lanhellas e d'uma casa ameiada na praça da Rainha, em Vianna, que indica muita antiguidade.

Tinha esta casa tambem uma bonita tor-

re, que o seu actual possuidor, Camillo de Sá Pinto, derrubou para lhe accrescentar o salão.

Para a genealogia d'esta familia veja-se este *Diccionario*, nas palavras *Lanhellas*, pag. 45 do 4.º vol., e *Torre de Lanhellas*, vol. 9.º, pag. 605.

Sousas Menezes

Senhores d'uma casa nobre na rua de S. Sebastião, onde se vê ainda o brazão dos Sousas Arronches, com o annel de Menezes, e na qual nasceu o chronista da provincia da Conceição, Fr. Pedro de Jesus Maria José, que pertencia a esta nobre familia, extincta pelo fallecimento de Antonio de Sousa Araujo e Menezes, fidalgo da casa do principe regente, que, tendo casado, em Vianna, a 3 d'agosto de 1803, com D. Josepha Pereira Cyrne de Castro, não deixou successão.

Teixeira Macieis

Senhores da casa do largo de S. Domingos.

Esta bonita casa, na qual se vê esquartelado o brazão dos Teixeiras Barbosas Macieis, foi instituida em morgado com a quinta d'Ancora e outros bens, pelo Dr. João Barbosa Teixeira Maciel, cavalleiro professo na Ordem de Christo, que foi provedor-mór e ouvidor geral da Bahia, pelos annos de 1710.

Era ultimamente senhor d'este morgado João Barbosa Teixeira Maciel, que estando viuvo de D. Candida Carolina Homem Pimentel Leite de Magalhães, falleceu sem geração, em novembro de 1880, succedendo-lhe em toda a casa sua irmã D. Maria da Natividade Barbosa Teixeira Maciel.

Tourinhos

Familia que no seculo XVI deu nome á rua que ainda hoje se chama do Tourinho, e que se alliou a muitas familias nobres de Vianna, vindo para aqui do logar do Tourim, freguezia do Amonde.

Pertenceu a esta familia Pedro do Campo Tourinho, a quem pelos seus serviços el-rei D. João III fez mercê de juro e herdade do senhorio da capitania de Porto Seguro, no Brazil, com jurisdicção civel e crime, e hoje não tem representação propria em Vianna.

Velhos

D'esta familia, que se uniu aos Barretos, foi tronco o celebre João Velho, o *Velho*, que vivia em Vianna pelos annos de 1463 e prestou tantos serviços á sua terra, que a gente de Vianna, emquanto elle foi vivo, sempre o escolheu para ser o seu representante em côrtes.

Foi valido da casa de Bragança e padroeiro de Nogueira e Perre, direito que ficou aos seus descendentes, que todos tinham voto na apresentação do parocho de Perre.

Foi sepultado este varão illustre em um sarcophago do lado do Evangelho do altar principal da capella dos Mareantes, na matriz de Vianna, onde tinha a inscripção em letra gothica, que dizia:

«Aqui jaz João Velho, o qual houve uma provisão, por onde esta villa tornou a ser d'el-rei realenga.»

Allude ao facto de D. Affonso V ter dado o senhorio de Vianna ao conde d'este titulo e de João Velho ter conseguido que por morte d'elle voltasse este senhorio para sempre á corôa, e não mais fosse dado a qualquer outro fidalgo, conforme a regalia do foral de D. Affonso III.

Este tumulo, sendo desfeito em 1780, pela irmandade dos Mareantes, que fazia obras na sua capella, deu logar a uma demanda que lhe moveu Vasco Brandão Barreto de Sotto-Maior, 7.º neto de João Velho, e seu representante, terminando por uma composição que foi julgada por sentença, e da qual existe o processo.

Esta familia de Velhos Barretos, aparentou-se com quasi todas as casas nobres de Vianna, e até se extendeu a muitas d'esta provincia e de fóra, occorrendo-nos as seguintes familias com sangue de João Velho:

A casa do Ameal; dos Calheiros, e por estes a dos condes da Guarda; Malheiros Reymões; Ferrazes Gouvêas, de Barcellos; casa d'Agrella, unida hoje á da Carreira; Pereiras Fagundes, de Vianna; Brandões Barretos, do Paço de Santa Leocadia, de Geraz do Lima; Cunhas Lobos, do castello de Neiva; Alpuins, pela casa de Merece; Perestrellos, pela casa de Sinde; Barões de Pombeiro; Viscondes de Pindella; Regos Barretos, hoje representados pelos Barros Limas, de Vianna, e filhos da condessa de Geraz de Lima; Pamplonas Rangeis, visconde de Beire, e por este, os condes de Resende e do Covo; Ferros Ponce de Leão; Wernecks; Viscondes d'Aurora e da Torre das Donas; Figueiredos da Guerra, de Vianna; Abreus, do paço de Victorino das Donas.

Vellosos Barretos

Esta familia tinha morgado em Santa Martha, e pertencia-lhe a capella dos Reis Magos, em S. Domingos de Vianna, de que se falla no appellido Caminhas, e na qual se vê o brazão esquartelado com os appellidos Caminhas Macieis Barros Regos.

Era herdeira d'esta casa, nos fins do seculo passado, D. Antonia Ignacia Velloso Barreto de Miranda Correia e Araujo, que falleceu em 1828, tendo sido casada com José Pamplona Carneiro Rangel, moço fidalgo da casa real, senhor do morgado de Beire e coronel de infanteria, de quem foi filho o 1.º visconde de Beire, que deixou successão nas casas dos condes de Resende e do Covo.

Wernecks

Deu origem a esta familia, em Vianna, o hollandez Gaspar Werneck, que casou com D. Maria de Magalhães.

Teve esta familia morgado com capella, na Misericordia de Vianna, do qual foi ultimo administrador seu 5.º neto Balthazar Werneck Ribeiro d'Aguilar e Vasconcellos, viuvo de D. Marianna Rita de Noronha Menezes Pitta, que falleceu sem geração em 1879, e deixou o seu palacete da rua da Carreira a suas tres irmãs solteiras, D. Luiza, D. Ignacia e D. Anna.

Balthazar Werneck era tambem irmão de D. Josepha e D. Joaquina Werneck, das quaes se falla nos appellidos Calheiros Bezerras e Paes da Rocha, e foi bom poeta.

Algumas das suas poesias estão ineditas e outras acham-se publicadas em diversas folhas litterarias.

Viannas

Familia que no seculo XVII instituiu a capella de Nossa Senhora do Loreto, na egreja de Monserrate, com tumulo alto de estylo normando. Sem representação propria actualmente.[1]

Vieiras Guedes

Vivia esta familia na rua dos Manjovos e tornou-se distincta nas armas.

No tempo da guerra de Carlos III era seu chefe Fernando Vieira Guedes, sargento-mór de infanteria paga, que foi ajudante de sala dos generaes conde d'Alva e marquez d'Angeja.

Seu filho, Antonio Vieira Guedes, seguiu tambem as armas, foi cavalleiro de Christo, e falleceu em 1776, sendo coronel de infanteria. Foi casado com D. Anna Rosa Campello, de quem entre outros filhos teve a Fernando Antonio Vieira Guedes, que, seguindo tambem as armas, foi como seu pae coronel de infanteria e falleceu em 1792, tendo sido casado com sua prima D. Anna Josepha de Sá Gondim.

Hoje em Vianna não tem representação esta familia.

Villas Boas

Familia que no seculo XVI se achava ligada á dos Bottos Rochas e Reimondos, e

---

[1] *Vianna* é appellido nobre d'este reino, tomado d'esta Vianna. As armas dos Viannas, são — em campo d'ouro, uma aguia da sua côr.

que hoje tem representação, pela quinta da Boa Viagem, na Areosa, nos Coelhos de Vianna.

—

O artigo pertencente ás familias nobres de Vianna, devo-o á obsequiosidade do meu presadissimo e esclarecido amigo, o sr. Dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, pelo que me confesso summamente obrigado a este illustrado cavalheiro.

Origem de Vianna

A actual cidade de Vianna do Lima, é uma povoação moderna, pois conta apenas 330 annos de existencia, como vimos em *Britonia do Lima* e *Santa Luzia* (Monte), vol. 8.º, pag. 420, col. 1.ª, no fim. Mas isto não quer dizer, que junto á foz do rio, e talvez que mesmo no assento da actual Vianna, não existisse uma povoação, mais ou menos importante, em tempos remotissimos, ainda que d'essa povoação não nos restem hoje os menores vestigios.

Eis o que com respeito á fundação d'esta cidade me diz o meu erudito amigo, o sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, tantas vezes citado n'esta obra, em carta de 15 d'abril de 1877:

«Segundo a opinião de varios escriptores, foi Vianna fundada com o nome de *Calpe* no anno 2806 da creação do mundo — 1156 annos antes da vinda de Christo, por Diomedes, filho de Tydeu, rei da Etolia na Grecia, poucos annos depois da destruição de Troya. Errando aquelle valente capitão com muitos dos seus em vida aventurosa pelos mares, entrou a foz do Lima, e convidado pela amenidade do rio e das suas margens, fundou aqui a velha *Calpe*.

«Caetano de Souza Brandão, no seu *Jardim Politico*, narra isto mesmo nos versos seguintes:

Diomedes, capitão, heroe valente,
A Troya deixa em cinzas convertida,
E sulcando do mar prata fingida,
Esquece o fogo em liquida corrente.
Navega o estreito, aporta felizmente
Onde onda de crystal bate esquecida;
Calpe edifica, povoação luzida,
Que hoje em *Vianna* luz mais excellente.
Oh! da fortuna casual portento,
Com quem fórte Diomedes tanto alcança;
Sobre o *Lethes* fundando novo assento,
Sobre o rio fundou do esquecimento
O grande capitão sua lembrança.

«Dizem mais que a primitiva *Calpe* já contava sete seculos de existencia quando pelos annos 3603 da creação do mundo os celtas e turdetanos, invadindo a parte occidental da peninsula, feriram entre si grande batalha nas margens do Lima, e que invocando os celtas a protecção dos habitantes de *Calpe*, estes os receberam generosamente e os penhoraram, tanto que os dous povos em breve se confundiram e identificaram, e para melhor resistirem ás aggressões dos turdetanos, transferiram para o monte, hoje denominado — de Santa Luzia, proximo e muito mais defensavel, a primitiva *Calpe*, dando-lhe os celtas o nome de Vianna, em memoria da sua cidade de Vienna, em França.

«Querem outros que o nome de Vianna seja modificação de *Biduana*, por ter sido a nova cidade feita com grande rapidez, por assim dizer — em dous dias.

«Mas a opinião geralmente seguida é que a nova cidade tomou o nome de Vianna de um templo de Diana, que existia no local para onde a transferiram.

«Pelos annos 3827 da creação do mundo, foi esta cidade, já então florescente, conquistada pelos romanos, e em memoria do feito o seu conquistador Decio Juno Bruto, lhe impoz o nome de *Brutonia*, depois *Britonia* que Ptelomeu denomina *Bretoleum* e outros *Britonium*, cidade famosa sob o dominio do povo rei, e tanto que teve presidentes, um dos quaes fez martyrisar os santos Theophilo, Revocata e Saturnino, e chegou a ser cidade episcopal, [1] mas soffreu muito, como todas as terras da peninsula, nas luctas com os godos, alanos, suevos e

---

[1] Diz D. Rodrigo da Cunha, que assistira á consagração da egreja de Compostela um bispo d'esta cidade por nome Theodomiro ou Theodosindo.

arabes, sendo tomada e saqueada differentes vezes, e arrasada até aos fundamentos pelo sanguinario Almançor. Os infelizes habitantes de Britonia que escaparam ao massacre, foram habitar o sitio denominado as *Povoanças*, e por essa occasião fundaram um templo no local que hoje occupa a egreja matriz da freguezia da Areosa, com a invocação de Santa Maria de Vianna, que com o tempo se denominou Santa Maria *da Vinea, da Vinha* e *da Vinda.*

«Deram principio á nova povoação (tambem denominada Vianna) pelos annos 983 de Jesus Christo, e em breve se estendeu até á foz do Lima, desde as *Povoanças* até á freguezia da Meadella; mas no anno 997 foi tambem destruida pelo barbaro Almançor, e os habitantes que sobreviveram passaram a habitar o *Atric*, aproximadamente o sitio onde hoje se vê a capella de Santa Catharina, n'esta cidade.

«Desenvolveu-se lentamente a nova povoação, e quando em 1253 alli esteve D. Affonso III, já ella explorava com vantagem o commercio maritimo, o que determinou el-rei a construir um forte castello para o proteger, dando-lhe ao mesmo tempo foral.

«Sobre a porta do antigo castello se gravou a *modesta* inscripção:

TODO O MUNDO ME TEMERÁ E SÓ O TEMPO ME VENCERÁ...

«O foral existe no archivo da camara e diz entre outras cousas o seguinte:

Volo facere populum...

«Ou em vulgar:

Quero crear uma povoação no sitio denominado Atrio, na foz do Lima, e essa povoação de novo se chamará Vianna...

«D. Affonso III foi por tanto quem determinou a existencia d'esta cidade no local que hoje occupa, antigo Atrio, ou simples bairro de pescadores, impondo-lhe de novo o nome de *Vianna.*

«Descendo do monte para a planicie, perdeu os assomos guerreiros que por bom preço pagára, e á sombra do seu foral em breve se desenvolveu, explorando o mar e o Lima, e a riqueza dos seus campos; mas foi no reinado de D. Manoel que attingiu o maior grau de esplendor, quando a vida do paiz se concentrou nas terras do litoral com a conquista e exploração das nossas possessões ultramarinas. E tanto se distinguiu Vianna n'essa lucta de gigantes, que lhe foi dado por brazão *um navio á vela*, com as armas reaes na véla grande, e uma ancora na prôa.

«Fr. Luiz de Souza, na vida do arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres, diz o seguinte:

«Vianna, villa das mais insignes d'este reino, terra cheia de gente rica, e muito nobre, de grande tacto e commercio, por uma parte com as conquistas de Portugal, ilhas e terras novas do Brazil; por outra com a França e Flandres, Inglaterra e Allemanha, d'onde e para onde recebia (1560) muitos generos de mercadorias, e despedia outros; para os quaes traziam os moradores no mar grande numero de naus e caravelas, com grossas despezas, a que respondiam eguaes retornos, e proveitos, que tinham a villa florentissima, e em estado de uma nova Lisboa...»

«E em outro logar accrescenta:

«Mas nenhum commercio lhe tem montado tanto como o das terras novas do Brazil, que vai em tamanho crescimento, que ao tempo que isto escreviamos (1619) traziam no mar 70 navios de toda a sorte, com que a terra está massiça de riqueza, por que se estendem os proveitos a todos, succedendo nos mais dos navios serem armadores e marinhagem tudo da mesma terra.»

«Datam ainda d'esse periodo de esplendor, alguns dos edificios de Vianna, ornamentados no estylo manuelino, de que é padrão o grandioso convento dos Jeronymos em Belem.

«Visitando D. Manoel em 1502 esta villa, mandou restaurar o castello de D. Affonso III; é d'esse tempo ainda a parte do actual, denominada *Roqueta*, onde se veem as armas reaes e a esphera armillar, divisa d'aquelle rei.

«Taes eram n'esse tempo os recursos da villa, que os seus habitantes generosamente fizeram á sua custa todas as obras de defeza, ordenadas por D. Manoel, e este os remunerou confirmando e ampliando as isempções e privilegios do foral de D. Affonso III; deu-lhes o brazão das suas armas, entregou á camara a jurisdicção de capitão-mór da villa e seu termo, e lhe permittiu prover todos os officios d'ella. Decahiu, porém, muito Vianna do seu antigo esplendor, apezar da sua vantajosa posição geographica. Determinaram essa decadencia varias causas, nomeadamente a obstrucção da barra, a dominação philippina, a occupação de Pernambuco pelos hollandezes e a extincção dos dizimos e das ordens religiosas; graças, porém, á sua excellente situação, aos recentes melhoramentos materiaes, á libertação do solo e ás magnificas estradas a *mac-adam* que a ligam a todo o paiz, Vianna vae recobrando nova vida, e o caminho de ferro do Porto a Valença, já aberto á circulação até Barcellos, muito poderosamente contribuirá para rehaver a sua antiga prosperidade.

—

Rodrigo Mendes da Silva, na sua *Poblacion General de Espana*, publicada em 1675, diz no capitulo CXXIII, a pag. 141:

«La famosa Villa de Viana, que llaman de Foz de Lima, por estar plantada en las corrientes, y desaguaderos deste rio, dista de Braga seis leguas, es puerto maritimo, capaz de muchas embarcaciones, cenida de fuertes muros, inexpugnable fortaleza, guarnecida, y artillada, sumptuosos edificios, magnificos Templos, rica de tratos, fertil de pescado, y demás regalos.

«Es cabeça de corregimento, que alcança seis Villas, otros tantos Concejos, tres Iuzgados (casi lo mismo) com preeminencia de Voto en Cortes.

«Habitanla tres mil vezinos, nobleza; *pero gente algo inquieta*, [1] e vna Parrochia, Iglesia Colegial, levantada, año 1490, a instancia de Don Iusto Valdino, Obispo de Ceuta, que consta de Arcipreste, Dignidad principal, Tezorero, seis Canonigos, tres conventos de Frayles, vno de Monjas, Casa de Misericordia, y bueno Hospital.

«*Fundaronla Celtas, y Griegos 996 años antes de nuestra Redempcion*, nombrandola Viana, en memoria de la Francesa suya. Aviendo quen diga, sobre las ruinas de la antigua Bretonia, que fue, segun mas cierta opinion, Mondoñedo, en Galicia. [1]

«Corriendo tiempos, se vino a arruinar, sin quedar memoria, ni vestigio della, y poblóla nuevamente el-Rey Don Alonso III de Portugal, año 1260, a quien algunos atrybuen su origen, siendo segunda reedificacion.

«Gozó silla Obispal asta el año 610 [2] vnió a Tuy, despues encorporada al Arçobispado de Braga.

«El-Rei Don Pedro dió titulo de conde desta Villa a D. Juan Alonso: tambien su hijo, Don Fernando, [3] a Don Juan Alonso Telles de Meneses. Vltimamente, D. Alonso Quinto, a Don Duarte de Meneses, nó permanece.»

O auctor enganou-se. Os condes eram de Vianna do Alemtejo e não d'esta. Vide adiante.

—

D. Luiz Caetano de Lima, na sua *Geographia Historica*, tomo 2.º, pag. 13, diz (em resumo):

Vianna (esta) foi fundada por D. Affonso III, pelos annos de 1253, declarando que queria fazer uma povoação, no logar chamado

---

[1] Bem sei!... O auctor era um judeu, natural de Celorico da Beira, e portuguez renegado, que foi viver e morrer em Madrid, onde o usurpador Philippe III o fez chronista *destos reynos* (Hespanha e Portugal). Os viannenses, como vimos, foram dos primeiros que em 1640 sacudiram o detestado e detestavel jugo castelhano. É por isso que Rodrigo Mendes da Silva os acha *gente algo inquieta*.

[1] Já vimos o que a semelhante respeito eu disse em *Britonia do Lima* e na 1.ª *Santa Luzia*.

[2] O bispo era de Britonia e não de Vianna.

[3] D. Fernanno I de Portugal.

Atruim, e *pôr-lhe de novo o nome de Vianna.* [1]

É defendida (além dos seus muros de circumvalação) pela parte do mar, com as seguintes fortificações: (Note-se que o livro foi publicado em 1736).

O castello de S. Thiago, sobre a barra, com cinco baluartes, dois revelins e seu fosso aquatico, aberto em rocha viva, que é obra de Philippe II.

Em frente da mesma barra, na extremidade de um caes, tem tambem uma plataforma meia circular, para defeza da entrada.

Divide-se esta villa em differentes bairros, a saber: o que está dentro dos muros, o *bairro da Bandeira*, o *da Carreira*, o *de Monserrate*, o *de São Bom Homem*, o *do Postigo*, o *de São Bento* e o *Campo do Forno*.

Todos estes bairros são de tal modo povoados que passam de 3:000 visinhos, repartidos por duas parochias. Estas são: a egreja de Nossa Senhora da Assumpção, situada dentro dos muros e erigida em collegiada, pelo papa Sixto IV, entre os annos de 1483 e 1490, [2] á instancia de D. Balduino, bispo de Ceuta, a cuja mitra se deram as egrejas que se haviam desannexado da cathedral de Tuy, antes de passarem aos arcebispos de Braga. [3]

A dita collegiada é hoje egreja matriz, em logar da egreja de S. Salvador, que o fôra muitos annos antes que se murasse a villa.

A outra parochia é de Nossa Senhora de Monserrate, que fica já fóra dos muros.

....

[1] Porque a povoação, fundada no monte de Santa Luzia, com o povo fugido de Britonia, já se chamava *Vianna*. (Para a etymologia, vide Vianna do Alemtejo.)

[2] É engano do auctor. Sixto IV foi elevado ao papado, em 1471, e falleceu em 1484, succedendo-lhe, n'este ultimo anno, Innocencio VIII. Devia dizer — *entre os annos de 1471 e 1484.*

[3] O rio Lima dividia antigamente o arcebispado de Braga do bispado de Tuy. Todo o vasto territorio comprehendido entre os rios Lima e Minho, foi do bispado gallego até 1440, passando então para o bispado de Ceuta (Africa) e em 1512 é que foi encorporado no arcebispado de Braga. (Vide Braga).

É Vianna porto de mar, e a sua barra foi tão capaz em outro tempo, que por ella entravam as maiores embarcações; porém hoje está muito entupida de areias, de sorte que só dá logar a navios pequenos, que, pela maior parte, navegam para o norte, especialmente para a Inglaterra.

O seu commercio foi muito grande, no principio do seculo passado, pois chegou a ter 70 navios de alto bordo, pertencentes todos a negociantes de Vianna, e foi talvez esta a rasão de tomar uma nau por armas.

Está hoje a villa de Vianna encorporada na corôa, sendo que antigamente foi de alguns senhores particulares.

El-rei D. Pedro I a erigiu em titulo de condado, a favor de D. João Affonso Tello de Menezes, progenitor dos marquezes de Villa Real e duque de Caminha.

No tempo de D. João I, houve um D. Pedro de Menezes, conde de Vianna e Villa Real, capitão de Ceuta e 1.º almirante, depois dos Passanhas.

D. Affonso V fez tambem conde de Vianna ao famoso D. Duarte de Menezes, 1.º capitão de Alcacer-Cequer (Africa) e seu alferes-mór. [1]

Houve antigamente outra povoação com o nome de Vianna, conforme mostram as palavras que já citâmos, do foral de D. Affonso III.

Esta povoação estava assentada mais ao norte, no alto de um monte, onde hoje se vê a egreja de Santa Luzia, e commummente se attribue a sua fundação aos gallos-celtas, uns 300 annos antes de J. C., accrescentando que *elles lhe pozeram o nome de Vianna, em memoria de Vianna, de França, d'onde eram naturaes.*

Esta etymologia ou derivação, não nos parece muito provavel, porque a haver de seguir-se, sem mais fundamento, a semelhança dos nomes, tambem se diria que os moradores de Vianna, do Delfinado, fundaram Vianna, d'Austria; Vianna, na parte meri-

[1] Adeante verei se posso deslindar esta trapalhada dos condes de Vianna do Lima e de Vianna do Alemtejo.

dional da Hollanda; Vianna, no reino de Navarra; e, finalmente, Vianna, no ducado de Bar, sobre o rio Aisne.

(Esqueceu ao auctor mencionar a nossa villa de Vianna d'Alvito).

É Vianna cabeça de correição e assento de um corregedor, de um provedor, e de um juiz de fóra.

O governo particular da villa, se compõe de tres vereadores, um procurador do concelho e outros ministros. Costuma ser a praça d'armas, onde reside o mestre-de-campo-general, que governa esta provincia.

Até aqui a *Geographia Historica*.

—

Em um manuscripto intitulado *Livro das Carregações*, de Gaspar Caminha Barreto, refere este, em relação aos annos de 1621, 1622 e 1623, as exportações de assucar e outros generos coloniaes que se fizeram d'esta villa para Dunquerque, Ruão, Callais, Amsterdam, Amburgo e Veneza, e de cobre, ferro, panno de linho, cordas, ferragens, e muitos outros objectos, para o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

—

Attendendo ao engrandecimento de Vianna, em resultado da sua prosperidade, o rei D. Sebastião lhe concedeu o titulo de NOTAVEL, a 26 de março de 1563.

—

Desde o meiado do seculo XIII, até ao reinado de D. Manoel, as pescarias eram a principal e quasi unica industria dos habitantes de Vianna e Darque; mas, desde que D. Vasco da Gama descobriu o caminho da India por mar (1497), Pedro Alvares Cabral descobriu o Brazil, em 1500, e outros arrojados navegadores portuguezes (antes e depois d'aquelles) adquiriram para este reino esse grande numero de ilhas que povoam o Oceano, na Europa, Asia, Africa, America e Oceania, a maior parte das quaes ainda possuimos, e um vastissimo territorio na costa oriental e occidental da Africa, e alguns *presidios* no interior d'esta região, os viannenses, abandonando a industria da pesca, e a maior parte das suas navegações e negocios com as cidades maritimas da Europa, se arrojaram a mais longinquas e productivas viagens, na America, Africa e Asia, e foi então que o rio Lima, em frente de Vianna, se viu coberto de navios, dos seus habitantes, e o seu porto um emporio de grande quantidade de generos de todas as procedencias, que exportavam em grande escala, para differentes terras do Minho e para o estrangeiro. Tambem muitos navios sahiam d'este porto para os Bancos da Terra Nova, empregando-se na pesca do bacalhau, o que lhes produzia um avantajado lucro, e grande movimento commercial.

A decadencia d'esta povoação principiou no fim do seculo XVI, com a ominosa dominação dos Philippes, que lançaram pesadissimos tributos sobre a navegação.

Tambem durante os tristes sessenta annos que estivemos sugeitos a estes tres usurpadores, e á insaciavel rapacidade castelhana, os hollandezes invadiram varias das nossas possessões do Brazil, apossando-se de algumas d'ellas. Tudo isto causou immensos prejuizos aos viannenses e a paralisação — em grande parte — do seu commercio.

A diuturna guerra da Restauração (1640-1668) tambem concorreu poderosamente para a decadencia de Vianna, decadencia que progrediu durante os reinados de D. João IV, D. Affonso VI, D. Pedro II, e ainda parte do de D. João V.

Em 1715, descobrem-se no Brazil as ricas minas d'ouro e diamantes (*diamantoides*), o que fez engrandecer e prosperar com rapidez a civilisação, o commercio e a população d'aquelle estado.

O commercio de Portugal com o Brazil fez então reviver a até então decadente industria dos viannenses, que continuou a prosperar no reinado de D. José I, época em que a navegação se estendeu, além dos paizes mencionados, á Suecia, á Russia e outros portos.

Porém o destino tinha marcado no seu livro fatal, nova serie de calamidades, não só a Vianna, mas a todo o reino.

As invasões das hordas buonapartistas, desde 1807 a 1811, que roubaram, incendiaram e devastaram a maior parte das povoações portuguezas; a abertura dos portos

do Brazil ao commercio das nações estrangeiras, e a separação d'aquella nossa riquissima colonia da mãe patria, deram um golpe profundo no commercio portuguez em geral, e no de Vianna em particular.

Como se fossem poucas todas estas calamidades, as areias foram pouco a pouco obstruindo a barra de Vianna, a ponto de não permittirem a entrada de navios de grandes lotações, circumscrevendo o movimento commercial ao que vimos no principio d'este artigo.

—

Vimos em diversos escriptores, a origem de Vianna do Lima e a etymologia do seu nome, com mais ou menos variantes. Vejamos agora o que diz um dos seus mais illustrados filhos e meu presado amigo, o sr. Dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, que em varios livros e innumeros artigos de jornaes tem immortalisado o seu nome e honrado a sua terra.

Sendo ainda estudante de direito, na Universidade de Coimbra, publicou, em 1878, um curiosissimo livrinho, sob o titulo *Esboço historico de Vianna do Castello*, e em 1879 a sua *Guia do caminho de ferro do Minho, de Nine a Valença*. Já em 1877 havia publicado o seu livrinho intitulado *Celtiberos*. Todas estas obras revelam profundos conhecimentos archeologicos e historicos e um entranhado amor á formosa povoação que lhe foi berço.

Com expressa auctorisação do seu esclarecido auctor, resumirei dos seus escriptos o que julgar necessario para a confecção d'este artigo, não tocando nos pontos em que elle concorda com o que fica dito, para evitar fastidiosas repetições.

Celtiberos

Nos tempos primitivos, é provavel que a peninsula hispanica fosse povoada por duas migrações successivas, vindas da Asia, por vias oppostas — a dos *iberos* e a dos *celtas*, segundo Haekel, *Histoire de la creation*, table XV, pag. 319 e 674.

D'estes dois povos se formou a raça *celtiberica*, que os romanos acharam na Peninsula, quando a invadiram; mas foram os phenicios que estabeleceram colonias n'esta vasta região. [1]

Foram pois os celtiberos, que, protegidos pelas colonias phenicias e romanas, deixando a sua vida vagabunda, principiaram a edificar grupos de choupanas, construidas de pedras toscas, e cercadas de um fosso ou valla, para os defender dos animaes ferozes e das tribus inimigas.

São estas edificações as mais antigas que se teem descoberto no monte de *Santa Luzia*, como vimos no vol. 8.º, pág. 421 e seguintes.

Calpe

Pelos seculos XI ou XII antes de J. C. [2] aportavam os gregos ás margens do rio Lima, onde fundaram, junto á sua foz, uma povoação, á qual, attendendo á pressa com

---

[1] Com o devido respeito ao meu esclarecido amigo, dir-lhe-hei: — Segundo a maior parte dos escriptores que tratam da materia, os primeiros habitantes provaveis (*aborigenes*) das Hespanhas, foram os *chaldeus*, que vieram do Oriente, pelos annos do mundo 1792 (2212 antes de J. C.)

Depois, pelos annos do mundo 1900 (2104 antes de J. C.) vieram os babylonios, que se ligaram e confundiram com os chaldeus, (que eram da mesma raça) e só desde então é que se chamaram iberos, por habitarem nas margens do rio Ebro, dando a este territorio o nome de Iberia, hoje Andaluzia. Parece que o nome de iberos lhe provem do rei *Ibero*, que era babylonio.

No anno do mundo 2632 (1372 antes de J. C.) foi a Lusitania invadida pelos gregos, que, não vindo *em som de guerra*, ou como conquistadores, se encorporaram com os iberos.

Pelos annos do mundo 3009 (995 antes de J. C.) houve na Peninsula uma horrorosa secca, que durou 26 annos. A maior parte do povo emigrou para as Gallias; mas, passada a secca, regressaram com os *celtas* francezes, formando-se então a raça denominada *gallo-celta*.

Os phenicios só aportaram á Lusitania, no anno do mundo 3050 (954 antes de J. C.) e em 3412 (592 antes de J. C.) é que vieram os *carthaginezes*, que tambem eram phenicios.

[2] Aliás XIV.

que foi feita, deram o nome de *Calpe*, que significa *pressa, galope*.

«Extincta Troia, Diomedes appulit oris
Lethes, erexit urbem cognomine Calpe
Postque Viannam sic dixere Coloni.

....

In ripa Lethes Diomedes condidit urbem
Nomine Calpem, nunc pulchra Vianna tenet:
Tyde hinc; atque Argua Calpe.......»

(*Rufus Festus Avienus*, poeta godo, do 4.º seculo.)

Consta que ainda em 1710 se dava aos pescadores do Lima a denominação de *Calleyros*, corrupção de *Calpeiros*.

Ainda hoje, em Vianna, existe a *rua dos Calleiros*, que se suppõe ter a sua origem n'aquelle nome.

Vianna antiga

Os gregos e celtas viviam promiscuamente na cidade de *Calpe* (o assento da Vianna actual) [1] mas, como era situada em uma planicie, sujeita ás surpresas dos inimigos, resolveram mudal-a para sitio de mais facil defeza.

Escolheram o sitio mais alto, do monte que lhes ficava sobranceiro, que é uma projecção da *serra d'Arga*, da qual tantas vezes se tem fallado n'esta obra. É o cabeço onde hoje se vê a ermida de Santa Luzia.

Cingiram o ambito da nova povoação com tres cintos de fortes muralhas parallelas, das quaes ainda ha claros vestigios, como vimos no artigo *Santa Luzia*, e são as construcções mais antigas d'este monte.

Segundo a *Benedictina Lusitana*, de Frei Thomaz, o *Compendio de Historia*, de João Castellão Pereira, e outros auctores, esta mudança teve logar no anno do mundo 3708 (296 antes de J. C.) Vide adeante, quando fallo de Diomedes.

Datando a fundação da primitiva Calpe, do anno 359 antes de J. C., vieram os seus fundadores a residir alli apenas 63 annos, antes de se mudarem para o alto.

Segundo a maior parte dos escriptores que tratam d'esta terra, [1] os habitantes da nova povoação lhe deram o nome de *Vianna*, em memoria da cidade de Vianna (Delfinado) nas margens do Rhodano. (Vide no artigo *Vianna do Alemtejo*, o que se diz com respeito a esta palavra.)

Alguns auctores, porém, sustentam que, tendo os *Gallos Celtas* sahido da sua patria no anno do mundo 2988 (1016 antes de J. C.) não era provavel que d'ahi a 657 annos ainda conservassem tão viva memoria da sua patria. [2]

Segundo estes, *Vianna* é corrupção de *Diana*, e deu-se este nome á nova povoação, por haver n'este sitio um famoso templo, dedicado áquella divindade mythologica. [3]

---

[1] Que significa a palavra *Calpe?* Ignora-se. Todos sabem que *Calpe* é um monte da Europa, no reino da Hespanha (hoje praça de guerra ingleza de *Gibraltar*), fronteiro ao monte *Abyla*, na Africa. A estes dois montes chamavam os antigos as *Columnas d'Hercules*. Entre os dois montes se communica o Atlantico com o Mediterraneo, pelo *Estreito de Gibraltar*, corrupção de *Gib-al-Tarik* (monte de Tarik). Seriam os iberos (actuaes andaluzes) que deram o nome de *Calpe* ao monte da antiga *Betica?*

Notemos que *Cal* é um adjectivo grego, que significa *Bello*, como *Calta*, na mesma lingua, significa *Bella-Margem*.

Call, na lingua celta, quer dizer *Gallo* ou *Gaulez;* e *Pen*, na mesma lingua, significa *Cabeço, Cume, Elevação*, etc. *Calpen* vem portanto a significar *Monte* (ou *Cabeço*) *dos celtas*. É escolher.

Pinho Leal.

[1] R. M. da Silva, *Poblacion General de Espana*. — Cuvarruvias, *Thesouro da lingua castelhana*. — Jorge Cardoso, *Agiologio Lusitano*, e outros.

[2] Aqui ha um anachronismo de 21 annos. Os *Gallos-Celtas* vieram para a Lusitania, no anno do mundo 3009 (995 antes de J. C.)

[3] Estou persuadido que esta etymologia apenas se funda na semelhança do nome. Nem em Santa Luzia, nem junto á foz do Lima, existe o minimo vestigio de semelhante templo, nem a tradição de ter alli existido. É muito mais verosimil a primeira etymologia. Veja-se o que digo adiante, com respeito á etymologia d'esta palavra.

Ainda ha outras etymologias, que se não mencionam por disparatadas.

A velha cidade de Vianna (qualquer que fosse a sua etymologia) existiu por mais de 22 seculos, no alto do monte, até que D. Affonso III a fez mudar para o sitio actual. [1]

Ainda muitos dos antigos escriptores attribuem a *Diomedes* a fundação de Calpe, o qual se diz tambem que foi o fundador da *Tuy da Lusitania* (vide *Valença do Minho*).

Rufo Festo Aviena diz:

«........ Protendit latius arva
Ociani Vianna solo, quae glauca recumbit
Hispaniae Oceano: *Tyde* hinc, atque Argua Calpe
Hinc Hispanus ager, tellus hinc.» [2]

—

Consta que o consul romano, Decio Junio Bruto, pelos annos 136 antes de J. C., atacou a povoação fortificada de Vianna pelos dois castellos que a defendiam, um do lado do norte, construido no sitio onde ainda hoje conserva o nome de *Crasto*, e o outro ao sul, cujas ruinas se vêem ainda, junto á ermida de Santa Luzia.

Depois de obstinada resistencia, não tiveram os viannenses remedio senão capitular, mas com todas as honras da guerra, como diz o poeta de Vianna:

«Victis Gallecis, Decius cognomine Brutus
Obsedit Romanorum dux inclitus urbem,
Quam Galli Celtae semper dixere Viannam.
Fortiter armatis Romanis illa risistit;
Sed tandem.........................»

Avieno diz:

«Sed tandem manibus Decii Bruti excidit altis,
Ille sus cognomine ductus tuné Brutonia dixit:
Magna Viannae armis oppressae gloria semper.»

Ruinas

Emquanto nas chronicas e documentos da edade media se lê o nome de *Brutonia* corrompido em *Brutonium*, *Britonium*, *Britonia*, *Britinia*, *Betonica* e *Bretoleum*, parece que o de Vianna fôra completamente esquecido, mas não é assim. Flavio Dextro (Martyr. Rom.) diz:

«Anno Domini 260 octavo Kal. febr. VIANNAE, prope Tudem civitatem, passi sunt San-

---

[1] Não se pense porém que com a mudança para o alto, ficou a planicie completamente deshabitada. Sempre aqui ficaram algumas casas, povoadas por pescadores, que só em caso de perigo se recolhiam á nova povoação.

[2] Diomedes, era filho de Tydes, o rei de Etolia, na Grecia. Passava, no cerco de Troia, pelo mais bravo dos gregos, depois de Achilles e Ajax. Protegido por Pallas. feriu a Marte e Venus, em um combate (diz a mythologia). Depois da tomada de Troia, irritado pelas infidelidades de sua mulher, Egiale, passou á Apulia, onde fundou a cidade de *Argos*, capital da Argolida, e hoje uma aldeia da Moréa, sobre Planizza.

Diz-se que fôra morto por Enéas, na Italia, e que seus companheiros tiveram tanta pena, que foram convertidos em garças.

Houve outro Diomedes, que foi rei da Thracia, que sustentava seus cavallos de carne humana, e que foi morto por Hercules.

Sègundo os escriptores antigos (e, porventura, sonhadores) foi o primeiro d'estes Diomedes o fundador dos dois Tuys (portuguez e gallego) da povoação de *Calpè*, na foz do Lima, e do *Calle*, na foz do Douro.

Se isto fosse verdade, a fundação de Calpe, datará do anno do mundo 2810 (1184 antes de J. C.) que foi quando Troia foi destruida — ou poucos annos depois — e não no anno do mundo 3708 (296 antes de J. C.) como se diz nas obras citadas n'este artigo.

Na minha opinião, a vinda de Diomedes á Lusitania, e, por consequencia, a fundação por elle dos dois Tuys, de Calpe e de Calle, ou não passa de fabula, ou então foi um outro Diomedes muito mais moderno e tambem grego. (A gente é que se vê *grega* com as historias e patranhas dos escriptores antigos).

Pinho Leal.

cti Martyres Theophilus, Saturninus et Revocata virgo sub Julio Minervio.» [1]

E ainda:

«Prope Tudem in Gallecia in oppido VIANNENSE Sancti Pontifices Maximilianus et Valentinus clarent.»

(Vol. 8.º, pag. 629, col. 2.ª — pag. 630, col. 1.ª e pag. 631, col. 2.ª Veja-se tambem no 1.º vol., pag. 495, col. 2.ª)

—

Alguns escriptores dizem que os tres ultimos martyres foram mortos por não quererem sacrificar-se aos *deuses* do templo de Diana, e que alli mesmo foram martyrisados. [2]

Dizem outros, que os bispos Maximiliano e Valentim padeceram martyrio, a 29 de outubro do anno 424, *na mesma cidade* onde ostentavam as suas virtudes — *in oppidum Viannense.* [3]

—

Rufo Avieno, natural d'estes sitios, e que viveu no quarto seculo, diz tambem que Diomedes edificou a cidade de *Calpe, onde agora está a formosa Vianna.*

Marco Maximo diz:

«Episcopatus Viannensis in Gallecia reducitur ad Tudensem anno 610.»

Castellão é de parecer que os seus bispos mudaram de domicilio por causa das frequentes correrias dos piratas, na foz do Lima, e se estabeleceram na cidade de Bretonia, que estava dentro da sua jurisdicção. [1]

—

Nada pude obter com certeza do occorrido durante o dominio dos suevos, com respeito a Vianna; a chronica é obscura e confusa.

Desde 716 até 739, que Vianna esteve sob o jugo musulmano, foi uma quadra de terriveis provações para estas terras. No interior, os sarracenos praticavam toda a qualidade de devastações e crueldades; no litoral, as repetidas *saltadas* dos nórmandos, deixavam tambem um rasto de sangue e lagrimas por onde passavam.

Em 739, Dom Favilla, successor do immortal D. Pelayo, morreu despedaçado por um urso, n'uma caçada; mas por este tempo, já os kalifas se tinham tornado independentes nos seus kalifados, sendo o primeiro a subtrahir-se da auctoridade do soberano commum, *Al-Boacem-Ibem-Alhamar*, alcaide de Coimbra e sobrinho de Tarik.

---

[1] É erro. No anno 260 de J. C., imperando Marco Aurelio, um exercito africano invadiu a Lusitania, e em Britonia martyrisaram os santos Saturnino, Theophilo e Revocata. Não foram pois os romanos, como alguns escriptores pretendem.

O *Martyrologio Romano*, e Luitprando, dizem que alguns d'estes martyres foram assassinados em Pádua, quando iam para Cesarea, da Capadocia; porém quasi todos os escriptores portuguezes sustentam, com bom fundamento, que foi em Britonia.

Pinho Leal.

[2] Eu não quero crêr na existencia do tal templo de Diana, em Britonia: quanto mais, vimos na nota antecedente que não foram os romanos que assassinaram estes tres martyres, mas os mouros africanos, que se importavam tanto com Diana, como com toda a grande sucia de deuses (machos e femeas) dos romanos.

Pinho Leal.

[3] Isto não se pode tomar a serio!

Todos sabem que desde o anno 306, em que foi feito imperador Constantino Magno, que se fez christão (a rogos de sua mãe Santa Helena), gozou toda a christandade uma profunda paz religiosa, e a liberdade do culto christão; não havendo portanto mais martyres, até ao anno 407, em que a Lusitania foi invadida e occupada pelos *barbaros do norte.*

Em 424, era imperador Honorio, e reinava n'esta parte da Lusitania o suevo Hermenerico, quando os suevos, godos, alanos, etc., já se tinham ligado com os lusitanos pelos laços do casamento e já se não perseguiam os christãos.

Nem estes martyrios tiveram logar *in oppido Viannense*, mas na velha Britonia. Custa-me tambem a acreditar que n'esta cidade houvesse *dois bispos* ao mesmo tempo.

Pinho Leal.

[1] Entendo que nem em Calpe, nem na Vianna do monte de Santa Luzia, houve bispos em tempo algum. Talvez habitassem temporariamente em qualquer d'estas *cidades*, mas o seu titulo foi sempre *bispos de Britonia.*

Pinho Leal.

Foi esta circumstancia que deu folga aos soffrimentos dos christãos, que da defensiva tomaram a offensiva.

Elevado ao throno D. Affonso I (cunhado de D. Favila e filho de D. Pedro, duque de Byscaia e Navarra, descendente do santo rei Ricaredo), entrou pela Galliza, acompanhado de seu irmão, D. Frucia, e resgatou Chaves, Braga, Vizeu, Agueda e outras povoações.

Os capitães christãos, foram-se estabelecendo na provincia d'Entre o Douro e Minho, e d'aqui faziam constante guerra aos mouros, e seus nomes, castellos, torres e almenaras, passaram aos vindouros como solares das principaes familias illustres d'esta provincia.

D. Pelayo Vermudes, conde de Tuy, descendo o rio Lima, conquistou toda esta região até ao Oceano.

O truculento *hajib* [1] Almançor, aproveitando-se das dissensões entre D. Ramiro III e D. Bermudo, filho de D. Ordonho, e ajudado pelo traidor conde Vella, entrou n'esta provincia, derrotou o hajib de Braga, arrazando o famoso mosteiro de S. Martinho de Dume e foi pôr cerco a Britonia, que, depois de tenaz resistencia, cahiu em poder d'Almançor, no anno de 997, e este transformou a velha cidade em um montão de ruinas.

Retirados os mouros, voltaram os infelizes britonicos, que haviam escapado ás atrocidades de Almançor; mas vendo o misero estado da sua cidade, resolveram fundar uma nova povoação, na formosa planicie que se estende entre o monte e o mar, com os materiaes de Britonia, [1] e á qual deram o nome de *Povoança* (hoje *Povoença*).

Trataram logo de erigir um templo á SS. Virgem, sob a invocação de *Santa Maria de Vianna*, ou da *Vinha*, (*Vinea non praebet nomen, sed nota Viena* — Castellão Pereira) nome que se estendeu a toda a povoação.

Vianna moderna

A villa de *Povoança* foi crescendo e prosperando pelo seu commercio e navegação, formando uma nova povoação na foz do Lima, no sitio chamado *Atrio*, povoação que prestou grandes serviços ao nosso primeiro rei, que a fez *couto* e a deu a D. Pelayo, bispo de Tuy, e aos seus successores. Depois, o nosso D. Affonso III, a permutou com D. Gil, bispo de Tuy, dando-lhe por este couto os padroados de *Sá Riba Lima* (hoje *Santa Maria de Sá*, no concelho de Ponte de Lima), *Fife* (hoje *Affife*), *Balthazares* (hoje *Ancora*) e *Villa-Mou* (hoje *S. Martinho de Villa-Mou*) d'este concelho de Vianna, ficando outra vez do padroado real.

Pelo decorrer dos annos, appareceu a egreja de S. Salvador, de Vianna, encorporada no bispado de Tuy, pois vemos documentos por onde consta, que, sendo prelado d'esta diocese, D. João Fernandes Sotto-Maior, (no reinado do nosso D. Diniz) se uniu, para sempre, á corôa de Portugal.

D. João I deu ao primeiro bispo de Ceuta a comarca de Valença e com ella o padroado da egreja de S. Salvador, de Vianna; sendo porém incommodo aos bispos de Ceuta visitar esta comarca, e aos arcebispos de Braga o irem a Olivença, que era da sua diocese, trocaram os padroados, em 5 de agosto de 1514, sendo arcebispo de Braga D. Rodrigo de Sousa.

Em 1253, tendo o nosso D. Affonso III feito as pazes com o rei de Castella, D. Af-

---

[1] *Hajib*, *agi*, *haji* ou *haggi*, é um titulo honroso entre os arabes, e significa peregrino. Dão este titulo aos que teem ido a Mecca e visitado o tumulo de Mafoma. O titulo de hajib é anteposto ao nome proprio, vgr. o que até alli se chamava *Ali*, toma o nome de *Agib-Ali*. A palavra *agib*, deriva-se do verbo surdo *hajja*, que significa *visitar os logares sagrados*, *peregrinar*.

O nome proprio do hajib de que se falla no texto, era *Mohamet-Ibne-Aben-Hanur-Almançor*. Era emir de *Hiscem*, rei de Cordova, mas Mohamet governava despoticamente, era rei de facto.

Pinho Leal.

[1] Este facto está em opposição ao que dizem a maior parte dos escriptores, que pretendem que os fugitivos de Britonia foram construir a sua nova povoação no monte de Santa Luzia, o que me parece mais admissivel. Vide *Santa Luzia*.

fonso X., pelo casamento do rei portuguez com D. Brites, filha do castelhano (apesar de ainda ser viva sua primeira e legitima mulher, a condessa de Bolonha, D. Mathilde), resolveu ir em peregrinação a S. Thiago da Galliza, e, passando pela povoação do *Atrio*, e vendo a sua importancia, lhe concedeu o titulo de villa, e lhe deu o seu primeiro foral, datado de Guimarães, no 1.º de junho de 1258 (como vimos no principio d'este artigo), concedendo-lhe privilegios de muita valia, e n'este foral diz o soberano:

«Quero fazer *povoação* o logar que se chama *Atrio*, na foz do Lima. A esta povoação, *de novo chamarei Vianna.*»

No mesmo foral se lê:

«Eu, D. Affonso III, rei de Portugal e conde de Bolonha, [1] faço saber, que concedo aos habitantes de Vianna, quanto possuo, e posso por direito vir a ter, na mesma villa e seu termo, emquanto que os seus nobres estiverem a favor dos Infanções, em todo o meu reino: e isto, para não terem outro Senhor, senão a mim, minha mulher e filhos, segundo o direito hereditario, para sempre, etc.»

A este appello do rei, de toda a parte do reino concorreram habitantes, que, em reconhecimento dos privilegios concedidos á povoação, se obrigaram a pagar annualmente *1:100 maravedis velhos* (50$185 réis), levantar, á sua custa, os muros de cantaria, e defender a villa das aggressões dos inimigos.

Pequeno e acanhado foi o plano da antiga villa, como vimos no principio d'este artigo.

Os normandos

Reinava Carlos Magno em França (de 768 a 814) [1] quando os nórmandos principiaram a assolar as costas occidentaes do seu vasto imperio.

Nos ultimos annos da sua vida os viu chegar impunemente até ás terras do centro, subindo os rios, saqueando tudo, e desapparecerem com a mesma rapidez com que appareciam.

Em 853 reinava D. Ramiro II, quando pela primeira vez os *homens do Norte* (*nort-*

---

[1] O titulo de *conde de Bolonha*, de que, ainda usava em 1258, era não só um disparate, mas uma descarada basofia. Elle só era conde de Bolonha, por ter casado com a condessa D. Mathilde, casamento que elle havia — *de seu motu proprio* — annullado havia cinco annos, perdendo o titulo — ainda que honorifico — de semelhante condado.

[1] Carlos Magno foi um grande rei, um insigne legislador, mas tambem um usurpador.

Por fallecimento de *Carloman*, ultimo rei de França, da raça merovingiana, Carlos Magno se apoderou dos seus estados, que pertenciam aos sobrinhos do rei fallecido (771).

Sustentou por 32 annos (772 a 804) a guerra contra os saxonios, sempre vencidos, mas revoltando-se constantemente, apesar dos meios crueis que Carlos Magno empregava para os submetter e obrigar a abraçar o christianismo. Witikind, seu chefe, consentiu em se fazer christão, e os saxonios se submetteram ao jugo francez.

Didier, rei dos lombardos, invadiu os *Estados Pontificios*. Carlos Magno, corre em soccorro do papa, cerca Didier, em Pavia, sua capital, e a toma, fazendo o rei prisioneiro. Assim terminou o reino lombardo, e Carlos Magno tomou o titulo de *rei de Italia*, e como tal se fez sagrar em Milão.

Como aqui se não escreve a historia de França, limitar-me-hei a dizer que Carlos Magno foi o fundador da dynastia *carlovingiana*, submetteu a Peninsula até ao Ebro (778), combateu os bretões, os arabes, os lombardos (que tinham chamado os gregos em seu soccorro), os thuringios e os bavaros, cujo paiz foi encorporado ao imperio dos francos, e os *avares*, colonia de tartaros, nas margens do Danubio e de Theiss, que se tornou tributaria. No anno 800, Carlos Magno, *imperador do Occidente*, e senhor de um imperio quasi tão vasto como tinha sido o romano, foi coroado imperador pelo pontifice Leão III, no dia de Natal d'este ultimo anno.

Depois de 43 annos de batalhas e victorias, morreu este vulto legendario, em *Aix-la-Chapelle*, a 28 de janeiro de 814, com 71 annos de edade.

Tinha feito reconhecer seu filho Luiz por seu successor, com o titulo de imperador, e seu neto rei de Italia.

Pinho Leal.

mans) appareceram nas costas da Galliza. Achando n'estas terras muito que saquear, repetiam com frequencia as suas invasões, e até tentando estabelecer-se em algumas localidades.

Quando D. Affonso Henriques guerreava sua mãe, D. Thereza e os seus alliados, encontrou nos pantanos do Lima uma povoação de homens do mar, que pareciam alli plantados pelas ondas do Occeano, que devassavam.

Sua linguagem era o bretão, aspero e barbaro, como o dos conquistadores da Inglaterra, em 1024.

É d'elles que a *Chronica dos Godos* falla, quando diz:

«Era de 1054, a 23 de setembro,[1] vieram os *Lormanes* a Castello Vermoim, no districto de Braga.»

Muito differentes eram então as condições dos habitantes christãos do occidente da Peninsula, e dos sarracenos hespanhoes e africanos. Aquelles, possuiam pequenos barcos costeiros, estes, navios armados, com que tentavam expedições militares, correndo as costas de Portugal e Galliza, roubando, incendiando, captivando e assassinando, a ponto de que o bispo de Compostella mandou, em 1116, construir galés para defender os seus portos, atrahindo os normandos para o litoral gallego, para ajudarem o povo contra os mouros.

Como, em 1093, Portugal se tornasse independente do reino de Leão, os normandos tinham formado uma pequena povoação junto á foz do Lima, e foi esta povoação que D. Affonso Henriques coutou.

—

A existencia dos normandos na provincia do Minho (diz o sr. Theophilo Braga — *Epop. da raça mosarabe*, pag. 102 a 103, e *Mon. hist.*, tomo 1.º, pag. 9, col. 1.ª) é attestada pela lenda do ferreiro de Veland, e pelo glossario das palavras scandinavas.

Ha um facto, que vem confirmar a nossa opinião, da origem normanda de Vianna.

Quando Al-Mançor fez a ultima entrada n'estas terras, a sua vingança foi terrivel; e como não encontrasse na nova povoação de *Povoança*, gente em quem cevasse o seu odio, não quiz deixar de pé a villa, arrazando-a completamente. (*Antiguidades de Lethes*, liv. 2.º, cap. 2.º, n.º 265).

Não degeneraram os viannenses, pelo tempo adiante, das tradições dos seus antepassados, pois foram os novos reis do mar.

A Matriz de Santa Maria Maior

Concluidas as obras de defeza da villa, cuidaram os viannenses de erigir um templo, dentro dos muros.[1] Não faltaram donativos; mas, sendo insufficientes os particulares, se pediu ao infante regente, D. Pedro, (o da Alfarrobeira) algum subsidio para estas obras, ao que elle annuiu, construindo-se então a sachristia e uma das torres, na qual se collocaram os sinos e as armas da villa, em 1440.

D. Justo Balduino, bispo de Ceuta, obteve licença do papa Xisto IV, em 26 de maio de 1483, para crear no novo templo uma collegiada de seis conegos, tendo um d'elles o titulo de arcipreste.

Em 1538, visitando o cardeal D. Henrique (depois rei) esta collegiada, lhe deu mais dois conegos.

Foi sómente durante a construcção do novo templo, que a velha egreja das Almas serviu de matriz, ficando-lhe por isso a denominação de *Matriz Velha*, e não porque fosse erecta n'ella a collegiada.

Esta egreja velha (*S. Salvador das Almas*) foi a primeira parochia de Vianna, até se concluir o novo templo. Dava-se-lhe a denominação de *São Salvador do Atrio*, que, desde D. Affonso III, se começou a chamar Vianna, como fica dito. Este monarcha engrandeceu a villa, com terras que tirou á ordem de Malta, indemnisando esta com as terras das freguezias de Santa Maria e S.

---

1 12 de setembro de 1016 de J. C.

1 Principiou esta construcção em 1400, reinando D. João I, que contribuiu para as obras.

Vicente, de Távora, no concelho dos Arcos de Val de Vez. [1]

Primitivamente, esteve esta parochia reunida a *Santa Maria da Vinha*, hoje está annexa á matriz de Santa Maria Maior.

A egreja matriz tem tres naves, divididas por dez arcos eguaes, correspondendo-lhe outras tantas capellas.

A capella-mór foi do real padroado, e, depois de varias permutações, veio a ser (em 1514) do arcebispo de Braga. Visitando-a (em 1695) o arcebispo D. José de Menezes, e vendo-a em ruinas, a mandou levantar de novo, concluindo se estas obras no tempo do seu successor, Rodrigo de Moura Telles.

As duas capellas das naves, são, á direita a dos Mareantes, e á esquerda a dos Clerigos, ou do Senhor dos Passos.

A capella de Jesus dos Mareantes é uma das mais antigas da cidade, e privativa dos homens do mar, que entraram na posse d'ella, em 1506, como consta do documento existente no cartorio dos Mareantes, titulo n.º 376, que diz:

«Em nome de Deos, Amen. 1.º de maio de 1506, na dita villa de Viana de Foz do Lima, dentro da Collegiada Egreja da mesma, estando ahi o honrado Alvaro Pereira, escudeiro fidalgo e juiz ordinario na dita villa e seu termo.—Perante mim se reuniram Fernão Gonçalves e outros muitos mareantes e pescadores d'esta villa e arrabaldes, os quaes todos, por si, etc., determinaram fazer uma capella *acatada* (em frente) á egreja, da banda do *aquilão* (norte) a qual está começada; e que se digam varias missas, na ermida de Santa Catharina, etc.—Escudeiro, tabellião, Pedro do Rego.»

Possuiam os mareantes, antes d'esta, outra capella, como consta d'este documento:

«El-rei—(o usurpador Filippe III) Marquez de Castello-Rodrigo (vol. 2.º, pag. 187, col. 1.ª), do meu conselho e capitão-general no reino de Portugal. Por parte da confraria do nome de Jesus, da villa de Viana, me ha sido feita relação, que se tomou a sua egreja Parochia e enterro dos mareantes e ficou dentro do Castello que se fez na dita villa, e que mande a Alvaro Trancoso, meu cavalleiro, que fizesse o inventario e a avaliação dos ornamentos, retabulos e calices da dita egreja, ao tempo que ficou dentro do dito Castello. por pessoas de consciencia, que o entendessem e m'o enviassem. O que fez e veio a montar tudo 900 ducados, e que havendo-se visto o dito inventario no meu Conselho de guerra, os mandei remeter, *no mez de Agosto do anno passado, de 1601,* [1] e vos ordeno que de qualquer dinheiro mais prompto que houvesse, fizesseis pagar; e que, por não haver tido effeito, se lhe seguiu grande damno.

«Supplicando-me, seja servido de mandar que se lhes pague a dita quantia, d'aquillo que procedêsse das condemnações que o Doutor Praza fizer n'aquella terra, por ser cousa da Egreja, e não ter onde se enterrar, do que *Hei* querido adevertirvos, encarregarvos e mandarvos, como o faço, pois que vedes o que é justo o que por parte da dita confraria se me supplica, *Dei* ordem que se lhes dê satisfação, pagando-lhe o que justamente lhe devesse, á custa de multas e embargos que fizesse o dito Doutor Praza, e me pertencesse; que assim é minha vontade. Dada em Ventozela, a 19 de outubro de 1610.

«Eu El-Rei (pelo proprio punho)—Por mandado de el-rei nosso senhor, *Estevão de Ibarra.*»

(Cartorio dos mareantes, tit. n.º 245).

Começou esta capella a ser servida por provedores e escrivães, em 1447, exercendo aquelle primeiro cargo Luiz Velho.

Concederam os nossos reis a esta capella grandes privilegios, sendo os principaes:

Andarem armados (em caminho de seus barcos e pinaças de pesca) depois do sino corrido. (Carta de D. João III, de 16 de outubro de 1530).

---

[1] Estas duas freguezias, com Santar, Portella do Extremo, e com o couto de Aboim da Nóbrega, formavam uma rendosa commenda da ordem de Malta.

[1] Não entendo lá muito bem isto. A carta regia é datada de 19 de outubro de 1610. Então como o *anno passado* era 1601? Aqui ha de certo erro de copia.

Os provedores da villa não lhes exigirem contas. (Carta de D. Filippe II, de 2 de maio de 1590).

Não darem casa nem cama a soldados. (Carta de D. Filippe III, de 7 de janeiro de 1612).

E outros muitos, que seria longo enumerar.

Muitas questões houve, por causa d'estas prerogativas, e varias vezes tiveram os reis de intervir.

O documento seguinte, prova uma d'essas questões.

«D. João III, por graça de Deos, etc. Fazemos saber a vós, vereadores e procuradores do concelho, da nossa villa de Viana, que os mareantes e povos da villa, nos enviaram a aggravar, dizendo, terem elles antigamente uma capella e confraria, governada e administrada por elles, sob o nome de Bom Jesus; e vós a quereis governar pela governação geral da dita villa, vos pedem que lhes não seja tirada a confraria, visto serem elles os seus fundadores: *advertindo-vos* que não bulaes com a dita confraria, e deixeis livremente governar cada um. Mando que assim o cumpraes. Lisboa, 8 de julho de 1521.—Simão de Mattos, a fez.—Rei.»

Gosava tambem esta irmandade do privilegio de expedir bullas para fóra do reino, (Cartorio dos Mareantes, tit. n.º 89) o que lhe rendia importantes quantias.

No 1.º de junho de 1589, protestaram os mareantes, por causa do novo caminho que seguia a procissão de Corpus Christi, dizendo a D. Filippe II que se se lhes não usurpasse a ermida (agora dentro do castello), elles teriam visita da procissão, o que agora não acontecia. Attendeu D. Filippe a este protesto, mandando fazer a ermida de Santa Catharina, cujas obras se concluiram em 1604.

Na parede exterior d'esta ermida, se en contra o—talvez—mais antigo monumento de Vianna, a *lapide dos mareantes*, redigida em portuguez incorrecto. Diz: *Ave Jesus e Mãe Maria—mandou fazer os mareantes. Era de 1404* (1366 de J. C.)

É pois esta inscripção anterior á fundação da actual ermida. É provavel que pertencesse á primitiva, que ficou dentro do castello, e que foi para aqui mudada (a pedra) quando se construiu a nova.

Se nos demoramos na historia da ermida dos mareantes, é porque a prosperidade antiga de Vianna, assim como a sua decadencia, estão ligadas a esta confraria de *homens do mar*, que a tornaram rica e importante.

Capella do Espirito Santo ou irmandade de S. Pedro

Não é menos notavel do que a ermida de Santa Catharina, a do Espirito Santo, ou irmandade de S. Pedro, dos Clerigos, de antiquissima origem, pois nos consta que foi erecta na egreja de Santa Maria da Vinha, na freguezia da Areosa, e transferida depois para a *Egreja Velha*. Ahi residiu, até se levantar o novo templo, para o qual mudaram, depois de terem ajudado a fazer a parte esquerda do cruzeiro, que escolheram por ter mais espaçosas sachristias que a defrontam, e que é dos mareantes.

Foi esta confraria, no seu principio, de seculares; mas depois tornou-se privativa dos sacerdotes viannenses.

As casas annexas da capella, foram concluidas em 1808.

O padre João Castellão Pereira, que tão diligente foi nos negocios da sua terra, e que morreu a 3 de setembro de 1722, colleccionou n'um livro da irmandade todos os seus privilegios, sentenças, etc.

Está annexa a esta, a irmandade do Senhor dos Passos, cuja procissão se faz no 2.º domingo da quaresma.

Sobre este braço esquerdo do cruzeiro, se abre uma capella do Senhor da Canna Verde, que pertenceu á familia Brandão, notavel (a capella) pelos dois capiteis, feitos em 1547.

A capella do Sacramento é de excellente architectura e gosto moderno.

Merece tambem menção, a capella manuelina, onde jazem Pedro Pinto, o Velho, e sua mulher Brites Fernandes de Carvalho, instituidores do morgado da Carreira, hoje conde de Camarido (Freire de Andrade).

Concorreram as mais antigas familias e nobreza de Vianna, para a conclusão do templo, comprando ahi seus tumulos, entre os quaes ainda se notam os dos *Rochas, Cunhas, Britos, Brandões, Sousas, Fagundes, Bottos, Villas-Boas, Carvalhos*, e outros.

Apesar do aspecto vetusto do exterior do templo, o seu interior está perfeitamente conservado. O corpo do edificio é sustentado por dez amplos arcos ogivaes, aos quaes correspondem varias capellas, que somam VINTE ALTARES, todos com bastante luz.

O frontespicio é de cantaria bem lavrada, no estylo bisantino-romano. A porta principal abre-se sobre arcadas, sustentada por figuras, representando os apostolos, com as insignias do seu martyrio. O mais externo dos arcos é formado por mais de vinte anjos, tendo no meio o Salvador, com os braços abertos, mostrando as chagas. Aos lados, estão anjos com tubas e com rotulos, que dizem:

SURGET MORTUI; VENIT AD JUDICIUM

Duas torres, de magnifica cantaria e coroadas de ameias, terminam a fachada, de pesada construcção.

Na torre que fica ao norte, está o sino e relogio da camara, e um antigo monogramma da cidade. A do sul, reedificada em 1873, conserva as armas de D. Affonso V.

Varios incendios tem soffrido este templo; porém, o mais terrivel foi o de 1656, que devorou a sachristia principal, perdendo-se alfaias de grande valor.

Nossa Senhora da Agonia

Esta bonita e bem situada egreja, foi principiada em 1752, e concluida em 1755; sendo a sua capella-mór feita á custa de Bento José Alves, d'esta cidade, mas residente em Lisboa. Tem prosperado a irmandade d'esta egreja. Em 1768, levantou-se a alta e bella torre que domina o *Campo do Castello*, ou *Campo da Agonia*, onde se faz a grande feira annual, nos dias 18, 19 e 20 de agosto de cada anno, e que ordinariamente dura até setembro. É a melhor feira franca da provincia do Minho.

Em 1873, accrescentaram a egreja, deformando o risco primitivo, que era muito elegante.

Egreja de Monserrate

Foi construida em 1601, e tão boa ficou, que, visitando-a o arcebispo D. Affonso Furtado de Mondonça, em 1621, a instituiu em parochia, sem aggravo da irmandade da mesma egreja.

Tem a capella do SS. Sacramento.

Tem alguns quadros a oleo, de bastante merecimento, mas os melhores foram roubados.

Pelo correr do tempo, arruinando-se, transferiram a parochia para a egreja do mosteiro de Santa Cruz, vulgo S. Domingos, mas sob a antiga denominação de Nossa Senhora de Monserrate.

Ha pouco tempo, foi restaurada esta egreja, á custa da confraria que a possue, sob o nome de *Coração de Jesus* ou *Irmãs de Maria*.

Egreja das Almas

A matriz velha, ou S. Salvador das Almas, foi a primeira parochia de Vianna, até se fazer dentro dos muros o novo templo.

Cahiu em ruinas, em 1719, e o seu cura, o Dr. Domingos de Campos Soares, a reedificou. N'ella ha a irmandade de Nossa Senhora da Guia, instituida em 1620, com estatutos de 1632.

Primitivamente, esteve reunida a Santa Maria da Vinha, e hoje está annexa á matriz. Sua historia acha-se exposta na sachristia, em um quadro impresso. No adro ha varias campas e sepulturas rasas.

Ermidas

Havia antigamente muitas ermidas em Vianna; hoje só existem as seguintes:

Nossa Senhora da Purificação ou das Candeias, Nossa Senhora da Conceição, S. Roque, S. Vicente, Nossa Senhora do Resgate, e Nossa Senhora da Victoria.

As antigas, de que hoje apenas resta a memoria, eram:

Santa Clara, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Penha de França, S. Sebastião, Nossa Senhora da Soledade (*Via Sacra*, hoje casa Figueiredo), Nossa Senhora da Annunciada, Santos Reis Magos, S. Chrispim, Nossa Senhora da Assumpção, S. Mamede e Espirito Santo.

É notavel que, entre tantas ermidas, tanto das que ainda restam, como das que já não existem, não mencione *uma unica* o *Santuario Mariano*, que traz tantos centenares d'ellas, tanto do continente, como do ultramar!

Apenas a pag. 234 do 4.º volume trata da ermida de Nossa Senhora das Areias, que, posto ser proximo a Vianna (na foz do Lima, do lado do sul), é já na freguezia d'Anha.

D'esta ermida já se tratou a pag. 216 e 238 do 1.º volume e a pag. 169 do 6.º volume.

Santa Casa da Misericordia

A sua instituição data do anno de 1520, mas só dois annos depois é que principia a serie dos seus provedores, precedendo-os Gonçalo Rodrigues Cavalleiro.

Na provedoria de João Jacome de Lima fizeram-se as varandas sobre a praça, obra que deu logar a contendas com a casa fronteira, de Martinho Quesado Jacome, chamada do *Pateo*, hoje demolida, para o alargamento da rua da Carreira.

Por fim, venceu o pleito o provedor, mas, para vingança das offensas dos Quesados e seus parentes, mandou gravar na porta principal da egreja, aos pés da Virgem, este letreiro:

DA MIHI VIRTUTEM
CONTRA HOSTES TUOS

Como a egreja estivesse em ruinas, por ser muito antiga, se mandou demolir em 1714, sendo provedor Guilherme Robim Ferreira.

Fez o plano da nova egreja o coronel de engenheria Manuel Pinto de Villa-Lobos; mas, como as rendas fossem diminutas, concederam os viannenses os 20:000 cruzados que D. Pedro II pedíra emprestados para a conclusão das obras da praça de Monsão, governando as armas da provincia o conde da Atalaia, D. Luiz Manoel. Foram emprestados em 1704, e só se pagaram em 1719, por ordem de D. João V.

Em tres annos, e com este rendimento, se fez obra perfeita.

Durante as obras, viveram juntos os irmãos da Misericordia e os sacerdotes do Espirito Santo, mas em 1722 se separaram, como consta da escriptura existente no archivo dos Clerigos.

Sustenta esta Santa Casa, além do seu hospital, annexo, o recolhimento de S. Thiago.

O hospital velho, de S. Salvador, fundado por João Paes, em 1468, e hoje extincto, pertence actualmente ao sr. Gaspar da Rocha Paes, que extraordinariamente dá alimentação aos presos da cadeia, medico, remedios e mortalha aos pobres.

O edificio do hospital tem recebido modernamente bastantes melhoramentos.

A receita ordinaria d'este estabelecimento de caridade é de 4:340$700 réis, e a despeza é de 4:048$470 réis.

Merece especial menção a varanda d'este edificio, unica no estylo, concluida em 1589, e que devia fechar o templo, se o espaço o permittisse. Consta de dois andares, de cantaria, sustentados por cariatides e terminados em frontão, tendo no vertice um crucifixo, e nos acroterios as estatuas da SS. Virgem e de Santa Maria Magdalena. O templo é amplo e bem concluido.

Teve a irmandade da Misericordia grandes demandas com os mareantes, por causa da campainha com que iam aos seus enterros e de carregarem as tumbas aos hombros, allegando os mareantes que gosavam estes privilegios, visto serem mais antigos. Por sentença se decidiu que os mareantes iriam sem campainha e levariam seus leitos á mão. Em 1638, se fez uma convenção entre estas duas irmandades, sobre a admissão de mareantes na irmandade da Misericordia e os d'esta na dos Mareantes, sob pena da

multa de 80$000 réis, no caso de contravenção.

Edificios publicos

Védoria.—Está na rua de S. Sebastião, n.º 142, á esquina da rua das Vaccas. É uma construcção vasta, que pertence actualmente á companhia de veteranos. Foi esta casa edificada, em 1690, durante o reinado de D. Pedro II, sendo governador das armas D. João de Sousa, por isso as suas armas se veem na porta principal. Estas mesmas armas se vêem no revelim, á entrada do Castello.

Parece-nos que foi n'este governo que se reconstruiu o forte do *Porto da Vinha*, 3 kilometros ao O., e onde se diz que fôra o primeiro porto d'estes sitios.

—

Quartel de infanteria.—Na rua das Rosas, em frente da egreja de Nossa Senhora de Monserrate. Foi construido em 1790, governando as armas da provincia David Calder, então marechal de campo.

É um dos melhores edificios d'este genero, amplo e com todas as commodidades que se requerem para tal destino.

—

Casa do Assento, á Portella.—Era da familia (hoje extincta) Pinto Brochado, a qual, como fosse devedora á fazenda nacional, esta reclamou uma parte dos seus bens, sendo a outra vendida, em 1792, pelo testamenteiro de D. Thereza Feliciana Pinto Brochado, o padre Antonio José de Figueiredo, a Gonçalo de Barros Lima, para construir a casa que terminou em 1808. (N'esta época, já a *Casa do Assento* era padaria militar.)

—

A cadeia.—Termina pelo E. a casa da camara, é obra mais moderna do que esta, e feita, sendo superintendente da camara o corregedor Manuel Mexia Galvão (1698).

O rei D. Manuel mandou construir o edificio da camara, no Campo do Forno, para onde se mudou em 1502. Até então estava na Ribeira.

—

Alfandega.—Foi construida no reinado de D. João V, mas o seu armazem parece mais antigo, segundo indicam as armas reaes da porta principal, que são as de seu pae D. Pedro II.

O seu rendimento ordinario é de 187 contos de réis, annualmente.

Edificios particulares

Merecem especial menção os seguintes:

Palacio dos Távoras, hoje dos Abreus e Limas, na rua da Carreira.

Casa e excellente capella dos Malheiros Reimões, ao cimo da rua *Oito de Maio.*

O palacete do general Luiz do Rego, na praça hoje chamada de D. Fernando.

Palacete de Balthazar Werneck, na Carreira.

Casa de campo dos Figueiredos da Guerra, á Cancella da Areosa.

São notaveis, pela sua antiguidade, os seguintes edificios:

Casa dos Rochas Ribeiros Cyrnes, na rua da Bandeira.

Casa de Pero Gallego, na viella da Parenta.

Casa dos Costas Barros, na rua de S. Pedro.

Casa dos Regos Barretos, na rua de S. Sebastião.

Além dos edificios particulares que ficam designados, ha em Vianna muitas casas de boa apparencia e *confortaveis*, na sua maxima parte, construidas por individuos d'esta terra, que fizeram a sua *fortuna* no Brazil.

Chafarizes

Abundam em Vianna os chafarizes, mas ultimamente tem-se-lhes feito uma guerra de exterminio, escapando todavia o mais notavel, que é o do Campo do Forno (hoje *Praça da Rainha*), que fica em frente da

casa da camara. Segundo a data que n'elle está gravada, foi construido em 1554.

Porto, caes e pontes

O porto de Vianna é formado pela foz do rio Lima, a qual tem 90 metros de largura (em baixa-mar), entre o *Bugio*, na ponta do paredão do N., e o *Cabedello*, ou ponta do Sul. Na baixa-mar, tem 300 metros.

A barra abre ao S. O, e tem de profundidade 3 metros, nas maiores baixa mares.

Da ponta do N. sae uma restinga de pedras, que abrigam o cannal, e na qual ha duas estreitas passagens, a que dão o nome de *Portas*.

Está em 41°,42 O. de longitude, do meridiano de Lisboa.

No porto ha uma estação electro-semaphorica, estabelecida no terrapleno da *Roqueta*.

Do antigo e florescente porto, de que nos falla frei Luiz de Sousa,[1] resta apenas a tradição.

O *dique* ou *barra* que se construiu em 1859 até ao Bugio (pyramide que marca a entrada da barra), pouco melhorou a passagem, pois que o affluxo das areias mudou para o sul, sem que se tente impedir esta obstrucção da barra, e abrir de novo o caminho do progresso e riqueza para a cidade!

A doka, que anda em construcção, parece-nos um trabalho inutil, ou antes, um sorvedouro de dinheiro, sem proveito. Melhor fôra cannalisar o rio, entre dois extensos caes, desde a ponte do caminho de ferro, e ormar um ancoradouro seguro no Cabedéllo.

Nos invernos, as correntes do Lima causavam algumas inundações na povoação e arrabaldes. Com o fim de se evitarem grandes prejuizos, se construiu um caes de pedra, cuja obra teve principio em 1440.

Principiava no mosteiro de S. Bento, e devia terminar no fortim da barra, mas estava bem longe de ser o magnifico passeio que é privilegio da cidade.

Era um caes estreito e sinuoso, do qual já não restam vestigios, porque a moderna construcção entrou mais pelo leito do rio, fazendo desapparecer a antiga.

Por alvará de 26 de maio de 1630, concedeu D. Philippe IV para obras do caes 1:500 cruzados, do excesso das sizas.

D. Pedro II mandou construir um ancoradouro, no Cabedello, além do Lima, onde estivessem surtos, em maior profundidade, os navios que visitassem este porto.

Sendo grande a despeza, se lançou finta no Brazil, que era o mais interessado n'esta obra. Veio para a dirigir o coronel de engenheiros Miguel Lescol, chefe dos trabalhos no Minho.

D. João V continuou esta obra, concedendo aos viannenses, que o imposto da entrada e sahida das fazendas, d'este porto, fosse applicado para este melhoramento.

Ao francez Miguel Lescol, succedeu, em 1712, o seu patricio João Thomaz.

—

(Até aqui, o sr. Dr. Figueiredo da Guerra).

Ponte velha

Os primeiros passos dados para a construcção d'esta ponte, foram dados em 4 de fevereiro de 1807, porém as obras só principiaram em 1819, sob a direcção de Antonio Fernando d'Araujo e Azevedo.

Mas não abraçava todo o rio, terminava na ermida de S. Lourenço, que estava no meio do rio e se ligava com a margem esquerda por um pessimo caes de pedra.

Do lado do E., tinha esta inscripção:

AUSPICE
ANTONIO FERDINANDO ARAUJO
AZEVEDIO OPERIBUS PUBLICIS
IN PROVINCIA INTER AMNEM PROEFECTO
ET CURANTE CAITANO JOSEPHO
SEQUEIRA TEDIM JUDICE OPPIDI
FORANEO

[1] Em 1600, tinha Vianna, no mar, 70 navios. Hoje terá uns 3 de vella, de alto bordo, 7 costeiros, e uns 70 barcos de pesca. Annualmente, frequentam este porto, uns 160 navios, 100 nacionaes, 50 inglezes e 10 de diversos paizes.

e do lado do Occidente:

JOANNES VI
AUG. P. F. P. P.
UT FLUMINIS NAVIGATIONIS
PERICULA VIT ARENTUR ET FACILIOR
COMMEANTIBUS POTERET VIA
PONTEM LIGNEUM
CONSTRUI JUSSIT
A. D.
M.D.C.C.C.XIX

Era uma construcção de apparencia sobremaneira desagradavel e torta, muito inferior em segurança e alinhamento á ponte que atravessa o Coura, em Caminha.

Em 2 de fevereiro de 1880, uma cheia do Lima desmantelou este acervo de paus de pinheiro, podres e desgraciosamente conjunctados.

Morreu, sem deixar saudades.

Ponte do caminho de ferro

Em uma sexta-feira, 16 de junho de 1876, principiaram os trabalhos do caminho de ferro, dentro da cidade.

Começou a abrir-se a linha, a partir do campo de Santo Antonio para o rio, atravessando alguns quintaes, e a julgar pelo desenvolvimento que nos dois dias passados se deu aos trabalhos, devemos crer que em poucas semanas estará o terreno todo rompido e aberto desde a estação até ao rio.

Em março de 1877, principiaram os trabalhos da construcção da ponte metalica, mas a sua inauguração só se fez a 27 de junho do mesmo anno, em presença do presidente do conselho de ministros, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, e o ministro das obras publicas, Lourenço de Carvalho. Foi uma festa pomposa, effectuada no meio das maiores manifestações de regosijo, este ponto da via ferrea, que, atravessando o rio Lima, põe Vianna em communicação com o Porto, Aveiro, Coimbra, Santarem, Lisboa e outras muitas principaes povoações das provincias do Douro, Extremadura, Alemtejo e Algarve, pelo sul; Elvas e Badajoz, pelo este; com a provincia do Minho, pelo norte, desde Caminha, Villa Nova da Cerveira e Valença; e ainda com a Hespanha, por esta ultima villa, pela ponte metalica (tambem de dois taboleiros) que anda em construcção, sobre o rio Minho, entre Valença e Tuy.

O estaleiro de toda aquella grande fabrica installou-se em 3 de outubro de 1876; os pilares principiaram a assentar-se em 10 de março de 1877; e, apesar do inverno desastroso de 1876-1877, que assolou todo o paiz, os nove pilares e os dois pegões encontros em que se baseia a ponte, estavam terminados a 20 de agosto de 1877.

O grande taboleiro da ponte, que tem cerca de 550 metros, tinha corrido de lado a lado em 12 de março de 1878, e no dia 23 do corrente ficaram completamente montados os dois viaductos lateraes para a via ou taboleiro superior, porque, como sabem, a ponte tem dois taboleiros, para as locomotivas e para os peões.

Esta bella ponte é construcção da casa Eiffel, de Paris. Tem sómente nove pilares, estreitando consideravelmente o rio.

Foi a primeira ponte d'este systema (dois taboleiros) que se construiu em Portugal.

Presentemente (novembro de 1883) andam em construcção duas de egual systema, uma no Porto, outra em Valença do Minho.

—

Esta ponte é formada por um taboleiro de 563 metros de comprido, a dupla via, superior e inferior; e está um pouco acima do logar onde existiu a ponte velha.

Entre os dois ha a distancia de 6 metros e 975 centimetros.

O inferior é destinado á passagem dos comboyos e o superior ao serviço de pé e de viação ordinaria.

Do lado de Darque ha um viaducto de 83 metros, e do lado de Vianna, um outro do mesmo comprimento.

A distancia do estribo do lado de Darque ao eixo do 1.º pilar é de 47,75; seguem-se-lhe nove pilares com intervallo de eixo a eixo 58 metros e 44 centimetros e o ultimo intervallo de 47,74.

O taboleiro é formado por duas vigas de ferro batido, de 7 metros e 50 centimetros de altura, ligadas na parte superior e infe-

rior por solidas travessas e encrutadas por cruzetas de Santo André.

Ao taboleiro superior dão accesso duas rampas, uma do lado de Darque, com 215 metros de comprido, e a segunda do lado da cidade, com 135 metros.

A largura d'este taboleiro é de 6 metros e 65 centimetros, sendo: fechada empedrada, 5 metros e dois passeios de 825 centimetros cada um.

A via inferior tem de distancia entre as vigas 5 metros e 20 centimetros, e de largura inferior livre 4 metros e 80 centimetros.

A profundidade maxima de fundação foi de 22 metros, abaixo do zero hydrographico, e a minima é de 7 metros e 20 centimetros.

A altura do carril acima do zero hydrographico é de 9 metros e 62, e altura livre entre a agua e a chapa inferior das vigas na occasião das maximas cheias é de 4 metros.

O taboleiro foi montado sobre uma platafórma de 200 metros de extensão, e lançada por tres vezes por um systema de redotes proprio do constructor.

O pezo total da ponte eleva-se a 2,062:432 kilos. Os caixões pesavam de 300 a 400 toneladas.

O maior numero de operarios que trabalharam n'esta obra subiu a 300.

Assistiram aos trabalhos, como engenheiro representante, mr. Charles Nouguier, chefe do trabalho, mr. Ganjareuques, e engenheiro ajudante Sautter.

O custo das obras construidas pela casa G. Eiffel & C.ª, é de réis 322:940$259.

—

Dizem os *pessimistas*, que os engenheiros portuguezes, cheios de trabalho e responsabilidade, *a ajudaram a ver construir por uns francezes rudes e sem letras.*

Que os passeios do caminho de ferro são feitos de barro a fingir tijolo ou asphalto. Que é uma cousa muito bonita, tendo apenas o inconveniente de não servir senão para pardaes, moscas e outros bichinhos alados. Que a mais leve pégada humana faz tudo aquillo em cacos. Quem pensaria, o *sapientissimo* constructor de semelhante obra, que havia de passar alli? Os anjos? As sylphides? Os

Powers and dominions, deities of Heav'n

de que falla Satanaz a Milton?

Que poucos dias depois de abertos ao transito publico estes passeios lateraes, estavam, em grande parte, quebrados e afundidos.

Estação do caminho de ferro

No dia 25 de março de 1882, abriu-se ao publico o magestoso edificio d'esta estação, que substituiu o colossal mosteiro dos Cruzios.

Em agosto de 1877 foi demolido o mosteiro de S. Theotonio dos conegos regrantes de Santa Cruz, e arrazado parte do quintal da casa dos Camaridos, Mellos Alves Pintos, para dar logar á construcção da estação do caminho de ferro do Minho, n'esta cidade. Na ordem da grandeza, esta estação é a terceira do reino, mas pelo gosto da sua architectura, que lembra a egypciaca, e mestria da execução, é sem duvida a primeira do paiz, e quasi que diria da peninsula.

A fachada principal, que olha para o sul, está dividida em cinco partes: corpo central com andar nobre, duas alas, e pavilhões com as competentes sobrelojas.

Mede o edificio 70 metros de comprido sobre 15 de largo: a altura dos andares terreos é de 7 metros, desde a soleira até á cornija, e a do corpo central de 14; vinte e seis janellas e portas dão luz a este elegante frontespicio. As dez portas, cinco de cada lado, communicam para um corredor coberto e fechado por grades de ferro e columnas espaçadas por elegantes arcos, tambem de ferro fundido, dando facil accesso dos pavilhões para o atrio.

A construcção do corpo principal termina por um frontão de pequenas volutas, que remata por uma corôa real; dos lados estende uma balaustrada. Á maneira do rosaceo, sobresahe o relogio de grandes proporções e mostrador transparente, para de noite ser illuminado.

Os madeiramentos e soalhos são de Riga e pinho de Flandres; nas portas, janellas e mostrador do restaurante, empregou-se o acapú, uma especie de castanho do Amazonas.

O interior do edificio está magistralmente acabado, como se pode verificar nas salas d'espera de 1.ª e 2.ª classe, do magnifico atrio e restaurante, onde sobresahem sob um primoroso estuque a esmerada pintura e excellentes azulejos da Allemanha. Os candieiros são muito bonitos.

As accommodações do andar nobre são para o inspector, chefe da estação e demais empregados de serviço.

As restantes pertenças conjunctas ao edificio principal condizem com elle.

O custo d'este verdadeiro monumento orça por 60 contos de réis; o seu projecto é obra do distincto e intelligente engenheiro director d'esta secção, o sr. Alfredo Soares.

Dirigiu a construcção, como chefe dos trabalhos, o sr. Henrique Simões dos Reis, hoje no caminho de ferro de Mormugão, sendo empreiteiro o mestre d'obras Manuel Corbal, que se esmerou quanto pôde.

—

Este edificio está construido nas melhores condições, quasi no centro da cidade e em um dos seus locaes mais pittorescos.

Edificio dos passageiros

A orientação da sua frente, e sensivelmente de E. O.

Area occupada pelo mesmo, 1:036^m quadrados.

Comprimento total da frente occupada pelo edificio principal e edificios lateraes annexos, 106^m.

Area occupada pelos tres edificios, caes do lado da via, e espaço annexo do lado da cidade até á grade que o limita, 4:200^m quadrados.

Altura do edificio no corpo central, 13^m.

Dita nos corpos lateraes, 6^m,5.

O edificio principal compõe-se de 3 corpos, central e lateraes, ligados entre si por duas alas.

Simúla ter 2 pavimentos, terreo, e no corpo central o andar nobre, havendo comtudo sobre-lojas nos comprimentos que exigem menos pé direito, bem como amplos compartimentos para arrecadações, por cima do andar nobre, onde se acha o machinismo do relogio que funcciona na fachada principal.

Pavimento terreo — Corpo central compõe-se de «vestibulo de entrada» (17^m,44 $\times$6^m,25), «bilheteira» (4^m,50$\times$3^m,50), «telegrapho» (6^m,25$\times$3^m,575), «sala de conductores» (6^m,25$\times$3^m,045), gabinete do chefe da estação (6^m,25$\times$3^m,575) e caixa da escada que dá accesso ao pavimento superior.

Ala da direita (entrando) compõe-se de sala para recepção de bagagens» (12^m,36 $\times$9,72) e dois gabinetes ao fundo, sendo um para «bagagens retidas» (4^m,62$\times$2^m,94), e outro para «carregadores» (5^m,0$\times$2^m,94).

Corpo da direita — «Sahida de passageiros e entrega de bagagens» (13^m,24$\times$8^m,64).

Ala da esquerda (entrando) — Comprehende as salas de espera de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, sendo a 1.ª de 7^m,$\times$2^m,76, a 2.ª de 7^m,$\times$6^m,40 e a 3.ª de 9^m,72$\times$6^m,30.

Corpo da esquerda — Contem o restaurant com um gabinete reservado e cozinha.

As alas que ligam entre si os corpos central e lateraes são mais estreitas 3^m,50 do que esses corpos, o que faz que haja entre elles umas passagens de 3^m,50 de largura do lado da cidade, passagens que são cobertas por uma cobertura metalica, apoiada sobre columnas. Do lado da via ha uma marquise geral, egualmente apoiada sobre columnas, a qual cobre todo o caes de embarque e a via proxima.

—

Sobre-lojas — Destinadas a aposentos e arrecadações.

Pavimento superior — Sómente no corpo central, e é destinado a aposentos do chefe da estação e mais empregados.

Aos lados do edificio principal da estação de passageiros ha dois pequenos elegantes edificios, um para latrinas, outro para lampisteria.

—

Os pavimentos do andar superior e sobre-

lojas, as salas de espera e os differentes gabinetes do andar terreo são soalhados a madeira. A sala de recepção de bagagens, a de sahida de passageiros e entrega de bagagens, e a cozinha, bem como o passeio do lado da via, são asphaltados. O vestibulo de entrada e as passagens cobertas entre o corpo central e os corpos lateraes e o restaurant, tem o pavimento ladrilhado a mosaico.

—

A pedra da construcção é magnifico granito de Affife, de grão finissimo, e admiravelmente trabalhado. A madeira das portas e janellas é de fóra, de excellente qualidade, e foi adquirida por preço muito commodo.

—

A divisão interna do edificio está cuidadosamente estudada, havendo entre as differentes casas relações de áreas determinadas pelas regras estabelecidas para este genero de construcções, e contando-se com o futuro desenvolvimento da cidade, pelos melhoramentos introduzidos no porto e barra. O serviço deve fazer-se sem nenhuma confusão, achando-se separados o serviço de entrada e saida de passageiros, e tudo disposto por fórma que o passageiro é naturalmente levado ao seu destino sem necessitar interrogar os empregados.

—

Este esplendido edificio publico, é — no seu genero — o melhor do paiz (e talvez da Europa), e por isso, digno, a todos os respeitos, de ser visitado.

Inauguração do caminho de ferro, de Barcellos a Darque, em frente de Vianna [1]

Teve logar no domingo, 24 de fevereiro de 1878.

Eis o que, com respeito a esta inauguração, diz o excellente jornal portuense, *O Commercio Portuguez*, de 26 de fevereiro (dois dias depois d'esta inauguração).

«A barreira do Tamel, para ganhar a qual se precisava prefurar um monte na extensão de perto de um kilometro, foi transposta afinal definitivamente pelos comboios, entregando-se á exploração toda a extensão da linha, desde a margem do Cavado até á do Lima, entre as estações de Barcellos e a de Darque.

«Vinte e sete kilometros de linha ferrea, em que á vista do passageiro surgem os mais pittorescos specimens das paisagens da provincia do Minho: ao sahir da estação de Barcellos, a encosta da Silva, em que o horisonte se perde indefinidamente em longinquas cordilheiras, e da qual se avista Braga, o Bom Jesus e o monte Sameiro; ao desembocar do Tamel o valle do Neiva, que se contorna pela margem até Capareiros, disfructando-se a margem fronteira sob variadissimos aspectos, e finalmente o famoso valle do rio Lima, que logo ao sahir de Barrozellas começa a apparecer em toda a sua magestosa belleza, mostrando na margem direita o caprichoso recorte de alterosas montanhas, por cujas faldas e encostas se extende a mais viçosa vegetação e alvejam casaes sem conta.

«Fecha esta agradavel paisagem, de um lado, na margem esquerda, o monte denominado Faro d'Anha, e do outro a serra de Santa Luzia, coroada por uma ermida de grande nomeada.

«Nos 27 kilometros novamente entregues á exploração, tres estações se seguem á de Barcellos: Tamel, serventia de Ponte do Lima, quando se concluir a estrada de Barcellos áquella villa; Barrozellas, importante por ser o centro de um grande numero de povoações dispersas em torno, e pela proximidade da séde de uma concorridissima feira semanal; e Darque, onde affluem as estradas da margem esquerda do valle do Lima, testa de linha por dois mezes ainda, emquanto se não concluir a ponte do Lima, e durante o mesmo tempo serventia da cidade de Vianna do Castello.

«As obras d'arte mais notaveis são o tunel do Tamel, que tem 980 metros de com-

[1] Quando n'esta obra se tratou de *Darque* e *Barcellos*, ainda não existia o caminho de ferro do Minho, pelo que julgo bem cabida aqui a noticia d'esta inauguração.

primento, o de Santa Lucrecia com 200 metros de comprimento, o viaducto de Durrães, que mede proximamente 200 metros de comprimento, e a ponte sobre o rio Neiva, tramo metallico de 30 metros de abertura.

«O dia convidava ao passeio, e concorreu para que o comboio n.º 1, que sahiu do Porto ás 8 horas e 45 minutos da manhã, chegasse a Darque apinhado de viajantes.

«Nas novas estações, profusamente embandeiradas, a passagem do comboio era festejada pelos innumeros foguetes, que estrugiam nos ares e pelas acclamações dos camponezes, que em massas compactas invadiam a linha e saudavam freneticamente a chegada da locomotiva e de tão longo comboio.

«A estação de Darque sobretudo fazia um effeito surprehendente pelas *toilettes* das formosas damas de Vianna, e pelo matiz variegado dos trajes das camponezas dos arredores, que compunham uma como tapeçaria ondulante, extendendo-se sobre a plataforma, sobre os muros, sobre os outeiros.

«Um photographo de Barcellos tirou uma vista instantanea d'este bello quadro, bem como da estação de Barcellos e da ponte do Cavado, na occasião da passagem do comboyo.

«Os srs. Joaquim Simões Margiochi, director geral das obras publicas, João Joaquim de Mattos, ex-director da linha ferrea do Minho e actualmente vogal da junta consultiva de obras publicas, os directores da construcção e exploração dos caminhos de ferro do Minho e Douro, e mais engenheiros da construcção, partiram em comboyo especial ás 10 horas da manhã, e, depois de pararem em differentes pontos da linha para visitarem as obras principaes, chegaram a Darque perto da uma hora da tarde.

«Uma banda de musica, entrando na estação de Barcellos, acompanhou este comboyo, executando sempre hymnos e marchas festivas até á margem do Lima.

«Ás 5 horas e meia da tarde regressou este comboyo especial, chegando ao Porto ás 7 e 3 quartos.

«Todos os outros comboyos seguiram regularmente os horarios annunciados, apesar da extraordinaria concorrencia de passageiros.»

Outra etymologia da palavra Vianna

O escriptor Flores, diz na sua *España Sagrada*, tomo 7.º, pag. 200 e 201:

«O nome de Vianna, vem de *Diana*, como aconteceu a *Denia*, [1] pois que ambas foram fundadas pela mesma colonia, que tantos altares levantou á sua *Diosa. Confirma isto a etymologia da palavra Ariosa, ou Aradiosa, povoação onde aportaram os gregos-phocenses, na foz do Lima.* Estes, e os gallos-celtas, de commum accordo, fundaram no monte visinho uma cidade, da qual ainda se vêem vestigios.»

«Estas ruinas, que estão no alto do monte, são a velha Vianna. (*Antig. de Tuy*, por frei Prudencio Saldoval, Braga, 1610, pag. 45).

«E não era Britonia, que ficava em Mondoñedo, na Galliza.» (Flores, tomo XVIII, cap. 1.º)

Vejam o que aqui vae de erudição... *para nada!*

Vou expender a minha humilde opinião com respeito a tudo isto, pela ordem em que está redigido.

É caso de se dizer:

«*Força de consoante, a quanto obrigas!*»

Nós vimos no artigo *Vianna do Alemtejo*, a etymologia mais racional, e mais provavel, da palavra *Vianna*.

Pretender que esta palavra proceda da divindade mythologica *Diana*, só por se assemelhar na pronuncia, é uma d'aquellas etymologias *forçadas* que se dão a muitas povoações, não só de Portugal, mas tambem de varios outros paizes.

Não sei (nem me importa saber) a origem do nome *Denia*, da cidade hespanhola, nem tenho encontrado em um unico livro, que á Diana se chamasse *Denia. Diosa*, não é nome proprio, mas generico, e se d'aqui

---

[1] Porto maritimo de Hespanha, 18 leguas ao S. E. de Valencia, e 2 ao N. E. de Alicante.

procedesse o nome d'esta cidade (Vianna) vinha a ser *Cidade da Deosa*, e não o nome actual.

Diana, como todos sabem, era filha de Jupiter e de Latona (segundo a Fabula) e nasceu na ilha de *Délos*, pelo que tambem é conhecida com o nome de *Délia*, que nada se parece com *Vianna*.

Não sei como algum sonhador de etymologias se não lembrou de dizer (com tanto fundamento como se diz de Diana) que o nome d'esta povoação proceda de *Dione*, filha do Oceano e de Thetys, e mãe de Venus, que, por isso, esta (Venus) tambem se chamava *Dione* e *Dionea!*

Mais. — Todos sabem que nem os iberos, nem os celtas, nem os gallos-celtas, nem os phenicios, nem os carthaginezes (provaveis fundadores de Vianna, do monte de Santa Luzia) prestaram culto a Diana, que só foi uma divindade dos gregos, e depois dos romanos. Nem eu acredito que no referido monte, ou na foz do Lima, existisse em tempo algum, qualquer templo, dedicado a esta, ou a qualquer outra divindade.

A tal historia da *Ariosa* ou *Aradiosa*, não passa de uma *torcedella* geographica. Nem são palavras portuguezas, nem de outro qualquer paiz (que eu saiba).

O nome da freguezia contigua a Vianna, e á qual pertence o monte de Santa Luzia, foi sempre AREOSA, muito apropriado á sua posição, que é uma zona de terra — na sua maxima parte *areia* — sempre á beira-mar.

Quanto á tal *Aradiosa*, é melhor não fallarmos n'isso — a não querermos tambem dar a nossa *torcedella* — que não é de todo disparatada — dizendo que vem de *Ara Diosa*. — Altar da Deusa.

Ahi vão mais duas etymologias. (Deixem estar que por falta de etymologias não hade Vianna perder).

A freguezia da AREOSA, foi antigamente chamada Santa Maria da VINHA [1], e não é nenhum milagre, que *Vianna* seja corrupção de *Vinha*. Todos sabem que os habitantes das nossas povoações do norte, dizem — *Poárto, sêaja, freásca, vianha*, etc., por *Porto, seja, fresca, vinha*, etc. — e como os hespanhoes escrevem *ñ* por *nh*, e, portanto, escrevem *Viña*, ahi temos *Vinha* transformada em *Vianna*.

Mais. — Vimos no 3.º vol., pag. 332, col. 1.ª e 2.ª, que *Anna* é palavra phenicia, que significa *ádem*, ave aquatica [1], e *Ana*, palavra púnica (o mesmo que phenicia) e nome proprio d'homem ou de mulher. — *Vi*, é grego antigo de que os latinos fizeram *Vicus* (lago, rio) não podia dar-se a esta Vianna o nome de *Vi-Anna* ou *Vi-Ana* (como antigamente se escrevia) significando *Rio do Lago* ou *Rio d'Anna*?

(Esta etymologia vae por minha conta e risco).

Quanto a Britonia ser na margem do Lima, ou em Mondoñedo, vide o que eu disse a este respeito, na *Britonía do Lima*.

O sr. doutor Figueiredo da Guerra, diz a pag. 102 da sua *Vianna*:

«Com relação a Santa Maria da Vinha ou VINEA, accrescentaremos o que achámos n'uma escriptura do anno 1112.

«A Naustio, bispo de Tuy, succedeu um bispo chamado Affonso, que deu em paga de serviços, a um seu privado — Nunes Soares — a VILLA DE VINEA, entre os rios Ancora e Lima, etc.»

Isto corrobora a minha opinião — de que *Vinea* póde muito bem ser d'onde procede o nome de Vianna, dado á povoação de Santa Luzia, e que D. Affonso III mandou que se désse á cidade actual.

Uma curiosidade archeologica

A pag. 97 da sua *Vianna do Castello*, diz o sr. doutor Figueiredo da Guerra:

---

[1] E Santa Maria da Vinha é ainda hoje a padroeira d'esta freguezia.

[1] Segundo alguns escriptores, a palavra rio *Guadiana*, é trilingua, isto é, composta de tres palavras de idiomas diversos (portuguez, arabe e celta — *rio Wad, ana*) de modo que o seu conjuncto forma — *Rio, Rio, Rio!*

«Existe no *Pateo da Morte*, na rua da Bandeira, uma estatua de granito, que tem chamado a attenção dos amadores de antiguidades.

«Nada de notavel offerece, pelo lado artistico; está bastante deteriorada; cabeça truncada, pés rachiticos, e braços disformes: apenas symbolisa um facto historico.

«É tradição, que um antigo senhor d'aquella casa — Rocha — fôra ferido mortalmente no ventre, quando entrava no pateo, mas, animoso, com o escudo segurava as visceras, e com a dextra prostra aos pés o inimigo; e que n'esse logar jaziam ambos.

«O escudo que mostra de frente, tem esculpidas as armas dos Rochas [1], o que vem desvanecer o caracter fabuloso de antiguidade que lhe attribuem, [2] a não querer suppor o escudo lavrado em época muito mais moderna, o que todos rejeitam. Quem tiver algumas noções de heraldica, saberá que o appellido Rocha, é representado na armaria, por cinco vieiras, postas em santor, em campo vermelho, o que exactamente corresponde a este escudo [1].

«A vinda dos Rochas a Portugal, data dos primeiros tempos da monarchia. Vejamos.

Manuel de Faria e Sousa (*Europa Port.* tomo 3.º, parte 4.ª, cap. 8.º, n.º 13) affirma que *D. Arnaldo da Rocha, fue de los primeros nueve instituidores de los Templarios.*

«Frei Bernardo de Brito (*Mon. Lus.*, parte 3.ª, livro 9.º cap. 11.º) diz — que *Arnaldo da Rocha, era companheiro em Portugal, do Grão-Mestre Provincial d'este Reino, D. Gualdim Paes, de Thomar.*

«Antonio Villas-Boas e Sampaio, na sua *Nobiliarchia*, segue o mesmo erro que o padre Brandão e Brito, a respeito de A. da Rocha.

«Um e outro o fazem Templario, divirgindo, se foi dos primeiros nove da ordem principiada em 1119, se companheiro de Gualdim, já mestre do Templo, que creio não foi o primeiro em Portugal, mas um dos primeiros.

«E o doutor Alexandre Ferreira (*Mem. da Ord. Militar dos Templ.*, tomo 2.º, pag. 751, n.ºs 836, 840, 841):

> *Os Rochas, de origem franceza (do condado de Roche, em Borgonha — segundo Moreri) fizeram assento em Vianna, no arcebispado de Braga, d'onde sahiram os muitos que d'este appellido ha.*
>
> *Dos nove cavalleiros que fundaram esta Ordem, só de dous se sabe o nome, e são de origem franceza. É provavel que Arnaldo da Rocha, ainda que nascido em Portugal, se unisse aos oito cavalleiros, talvez parentes seus, principal-*

---

[1] Rocha (segundo os manuscriptos da casa Palmella) é appellido castelhano. Passou a este reino, na pessoa do doutor Pedro Fernandes da Rocha, que por desgostos veiu para Portugal. Sua filha casou em Guimarães, com João Fernandes da Ramada, e deixou successão. Villas Boas, porém, diz que veiu de França, e fez o seu solar em Vianna do Minho, e que já em 1126 se acha Arnaldo da Rocha, companheiro do mestre do Templo, D. Gualdim Paes. Os Rochas, trazem por armas — em campo de prata, aspa vermelha, firmada e carregada de cinco *vieiras* d'ouro, realçadas de azul, timbre, a aspa do escudo entre duas vieiras, uma em cada ponta da aspa, e outra no meio. Albergaria (folhas 166) diz que estas armas foram alcançadas na Galliza, por um portuguez, derrotando os mouros, que se tinham fortificado sobre uma *rocha*, em dia de Santo André, apostolo — e que estas armas lhe concedeu D. Affonso VII, de Leão, dando-lhe o appellido Rocha.

Pinho Leal.

[2] O doutor Emilio Hübner, nas *Not. Arch.*, pag. 104 e 105, e o seu traductor, o sr. Augusto Soromenho, meu mestre e amigo, cuja perda hoje deploramos, attribuem esta estatua ás remotissimas eras dos celtas e dos romanos, conforme a inscripção que lhe fantasmagoriam — «L (*luci*) S esti Clodomeni f (i) l (ii) Coroc (o) corocauci (Tit. Cla) udius (Ti.) f. sempron (ianus) contu (bernalis eius) et frater.»

Figueiredo da Guerra.

[1] Esta grutesca estatua (na minha opinião) é contemporanea das duas de que fallei no 4.º vol., pag. 55, na palavra *Lasenho*.

mente sendo borgonhezes, é fosse um dos nove, a quem esta Ordem deveu a gloria e principio. Demais, D. Gualdim, era natural de Braga[1] *a cinco leguas de Vianna, e é possivel que com elle passasse á Syria, e se fizesse cavalleiro templario.*

«Sabemos pela genealogia que Martim da Rocha, fidalgo francez, que se intitulava conde de Quinzal, veiu a Portugal em tempo de Affonso III, e foi tronco dos Rochas, e senhor de Torres Novas.

«*A arvore genealogica dos Rochas, existe na casa dos Rochas, hoje do sr. Gaspar Malheiro d'Azevedo Araujo e Gama.*

«Um seu neto — mr. de la Rocha (talvez D. João da Rocha) pelos reinados de D. Pedro ou de D. Fernando, fundou o solar de Vianna.

«D'estas citações concluimos, que é muito duvidosa a época, ou antes, o verdadeiro Rocha, que fundára em Vianna o solar; podendo-se sómente dizer, que foi durante a primeira dynastia.

«Sendo o *Pateo da Morte* o solar dos Rochas, e estando n'elle uma estatua com o mesmo escudo, que concluir? etc.»

—

No 2.º volume dos seus inapreciaveis *Narcoticos*, a pag. 101, diz o sr. Camillo Castello Branco, referindo-se ao que diz o sr. doutor Figueiredo da Guerra, com respeito a esta singular estatua — que me parece contemporanea das duas que existiram no *Outeiro Lesenho*, e estão hoje no jardim do palacio real da Ajuda (1.º vol., pag. 43, col. 2.ª — e 5.º vol., pag. 440, col. 1.ª, pr.):

«Não duvido que um Rocha fosse assassinado n'aquelle *Pateo da Morte;* mas a estatua não tem que ver com o successo. O caso verdadeiro, com quanto seja sandeu, é de todo incruento. O solar dos Rochas era, desde o seculo XIV, em S. Payo de Meixedo, no termo de Vianna, entre o monte d'Arga e a serra de Geraz, em uma antiquissima quinta chamada Portella, onde havia vestigios celtas e musulmanos, cisternas e estatuas romanas ou godas. (5.º vol., pag. 163, col. 1.ª — o 1.º Meixedo).

«Um clerigo d'esta casa, D. Affonso da Rocha, abbade de duas freguezias contiguas, de uma das quaes andava o padroado na familia, foi quem mandou abrir o seu escudo, no ventre da estatua, com uma perfeição relativa, que muito destaca das brutescas fórmas da figura. Em 1622, era senhor d'aquella casa solarenga, Francisco da Rocha, possuidor da estatua, que, só decorridos muitos annos, veiu para Vianna, quando alli os Rochas estabeleceram residencia.

«Um frei Manuel Correto, genealogico citado por frei Manuel de Santo Antonio, no seu *Thesouro da Nobreza*, conheceu o fidalgo que vivia fragueiramente *n'aquella terra asperissima e de grandes mattos.* Nunca elle sonhou que, passados 250 annos, viria lá do norte um sabio dizer aos portuguezes, que os Rochas punham vieiras na barriga da sua estatua romana, porque S. Thiago e as costas banhadas pelo oceano, explicam as conchas.

«Quanto á versão do sr. J. V., devemos presumir que Hübner não é responsavel pelos erros de syntaxe do seu traductor, que principia d'este feitio:

«Na região mais formosa do norte de Portugal, que se chama na divisão antiga, provincia de Entre Douro e Minho, parecem os antigos emigrantes celticos da peninsula iberica ou *Callaicos, terem* estabelecido suas vivendas, etc.»

Parecem : *terem* estabelecido?! Não sejamos todos... *callaicos.*

Correição de Vianna

No antigo regimen, tinha esta correição na sua dependencia, 9 villas, 11 concelhos e 13 coutos — eram:

---

[1] Aliás, de *Marecos*, hoje Amares, 10 kil. de Braga. Vide 1.º vol., pag. 192, col. 1.ª, no pr.

Villas — Arcos de Val de Vez, Monsão, Pico de Regalados, Ponte da Barca, Ponte do Lima, Prado, Souto da Ribeira do Homem, Vianna e Villa Nova da Cerveira.

Concelhos — Albergaria de Penella, Bouro, Coura, Entre Homem e Cávado, Geraz do Lima, Lindoso, Santa Martha de Bouro, Santo Estevam da Facha, Soajo, Souto de Rebordãos e Villa Garcia.

Coutos — Aboim da Nobrega, Azevedo, Baldreu, Bouro, Cervães (ou Villar de Areias) Freiriz, Luzio, Manhente, Nogueira, Queijada (unido com Boilhora) Sabariz, Sãofins e Souto.

—

Era pois Vianna, então, cabeça de correição, assento de um provedor, um corregedor, e um juiz de fóra. O governo particular da villa, se compunha de tres vereadores, um procurador do concelho e outros ministros e mais empregados publicos. Era praça d'armas, onde residia o *mestre de campo general*, que governava as armas da provincia.

Condes de Vianna

Tenho-me visto seriamente atrapalhado por causa d'estes condes! Uns escriptores, dizem que esta Vianna é a do Alemtejo, outros sustentam que é a do Minho.

O sr. doutor L. de Figueiredo da Guerra, diz que só o 1.º e 2.º condes, o foram da do Alemtejo, e que o 3.º (D. Duarte de Menezes) foi o *primeiro* conde de Vianna do Lima, e não o 3.º da de Alvito.

Revolvi toda a minha livraria (que não é muito pequena) e nenhum escriptor diz que Vianna é a dos condes, senão Rodrigo Mendes da Silva, que na sua *Poblacion general de España*, a folhas 141 verso, tratando de *Viana de Foz de Lima*, diz — «El-Rey D. Pedro dio titulo de Conde *desta Villa* a D. Juan Alonso: tambien su hijo Don Fernando a Don Juan Alonso Tellez de Meneses. Vltimamente Don Alonso Quinto a *D. Duarte de Menezes*, no permanece.»

O mesmo escriptor, fallando de Vianna do Alemtejo (folhas 133, verso) não diz que em tempo algum tivesse conde.

Nós vimos, quando n'esta obra tratei de Vianna do Alemtejo, que D. Fernando I, estando em Juromenha, deu a *villa de Vianna*, em titulo de condado, a D. João Affonso em 30 de março de 1368.

Se é verdade o que diz R. Mendes da Silva, a nomeação de conde, feita por D. Fernando I, a D. João Affonso, não foi mais do que a confirmação da nomeação de seu pae, D. Pedro I.

Nós vimos a pag. 498, col. 2.ª, d'esta obra, a inscripção do tumulo monumental de D. Duarte de Menezes, designado como *terceiro* conde de Vianna, sem dizer de qual.

Diz-me o sr. dr. Figueiredo da Guerra, em carta particular: — «A inscripção pelo seu estylo e orthographia, está-nos revelando que foi muito posteriormente gravada. E mais comprova esta nossa asserção, o fallar-se alli no — *tronco dos condes de Tarouca*. — Sabemos que o 1.º conde, foi agraciado 35 annos depois da morte de D. Duarte de Menezes — a 24 de abril de 1499. Ora *tronco dos condes*, revela já terem decorrido algumas gerações, até se gravar a lapide.

«Egual duvida tem D. Antonio Caetano de Souza (*Hist. Geneal.*, tomo 5.º, pag. 460) quando se refere ao epitaphio da irmã do nosso heroe, D. Leonor de Menezes, e diz — *parece que depois se lhe pôz este epitaphio*

«Para remate do meu argumento, lembro o que diz a *Hist. de Santarem edificada*, no tomo 2.º, de pag. 203 a 205. — Alli se diz que faltam alguns epitaphios na capella das Almas, em São Francisco, de Santarem, e que, *o cenotaphio de D. Duarte, não tem inscripção alguma*.»

Tem razão o meu esclarecido amigo. Vasconcellos, nos logares citados da *Hist. de Santarem*, diz claramente que *o tumulo de D. Duarte de Menezes não tem* (não tinha quando o auctor escreveu o seu livro) *inscripção alguma*. Foi evidentemente gravada depois de 1740, anno em que se publicou a *Hist. de Santarem edificada*. Mas ninguem se persuada que os condes de Tarouca distavam muito em parentesco, de D. Duarte de Menezes. O 1.º conde de Tarouca, foi D. João de Menezes (feito pelo rei D. Manuel, a 24 de abril de 1499) e era

5.º filho de D. Duarte. (Veja-se no 8.º vol., pag. 497, col. 1.ª, e 9.º vol., pag. 492, col. 1.ª *in fine*).

E' 8.º conde de Tarouca, e 4.º marquez de Penalva, o sr. Fernando Telles da Silva Caminha e Menezes (6.º vol., pag. 586, col. 2.ª)

Mas toda esta erudição nos deixa na duvida com respeito á villa que deu o titulo aos condes de Vianna.

Em 1817, publicou-se em Lisboa, na *officina* de Simão *Thaddeo* Ferreira, uma obra singular, intitulada *Retratos e elogios dos varões e donas que illustraram a nação portugueza*, etc, etc., — sem nome de auctor. Chamei-lhe *singular*, porque, além de não ter indice, nem ao menos tem numeração de folhas. (Tive de o numerar e fazer-lhe o indice, tudo manuscripto, aliaz, era-me difficil achar o que pretendia).

Quando este livro trata de D. Duarte de Menezes, diz, no fim do artigo, fallando do tumulo d'este heroe: — «N'elle não havia Epitafio; porém, quando *n'estes ultimos annos*, se mandou alargar e reformar a Capella, se lhe fez escrever na face da pedra, a seguinte letra.» (Copia o epitaphio que lemos no artigo *Santarem*).

Mas note o sr. doutor Figueiredo da Guerra, que o artigo d'esta obra, principia assim: — «*D. Duarte de Menezes*, illustre cavalleiro, e de mui distincto valor, *conde 3.º de Vianna*, etc.»

Finalmente — quer os primeiros condes de Vianna fossem da do Alemtejo, quer da do Minho, o que é certo, é que foram condes de Vianna:

1.º — D. João Affonso, por D. Fernando I, em 30 de março de 1368 [1].

2.º — D. Pedro de Menezes (filho do 1.º conde).

3.º — D. Duarte de Menezes, filho bastardo do 2.º conde e de Izabel Domingues, a *Bexigueira*.

[1] Segundo Rodrigo Mendes da Silva, o 1.º conde de Vianna foi João Affonso, feito por D. Pedro I, e o 2.º foi D. João Affonso Telles de Menezes, por D. Fernando I. Note-se porém que estes condes só os nomeia em Vianna do Minho, o que, em todo o caso, é erro.

4.º — D. José de Menezes, 2.º filho do 1.º marquez de Marialva e conde de Cantanhede. Falleceu em 13 de setembro de 1713, sem deixar descendencia legitima, pelo que o titulo ficou extincto. (Vide no artigo *Vianna do Alemtejo*, onde trato dos seus condes).

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, no 3.º vol., das suas *Cidades e Villas*, a pag. 135, tratando de *Vianna do Castello*, diz:

«D. João VI, sendo principe regente, creou conde de Vianna, em 13 de maio de 1810, a D. João Manuel de Menezes, irmão do quarto marquez de Tancos; e sendo rei, elevou-o a marquez do mesmo titulo, em 3 de julho de 1823. Ao presente (1862) é segundo marquez, e *segundo* conde de Vianna, seu filho, o senhor D. João Manuel de Menezes [1].»

Já vê o sr. doutor Figueiredo da Guerra, que o sr. Vilhena Barbosa, um dos mais esclarecidos escriptores contemporaneos, designando por *segundo* conde de Vianna do Castello a D. João Manuel de Menezes, não acredita que os outros o fossem d'esta Vianna, mas sim da de Alvito.

Mais — quando o mesmo illustrado escriptor, na mesma obra trata de Vianna do Alemtejo, não falla dos seus *tres* primeiros condes, mas diz (a pag. 127): — «Em fevereiro de 1692, fez mercê el-rei D. Pedro II, do titulo de conde de Vianna, a D. José de Menezes, seu estribeiro-mór, e alcaide-mór *da dita villa*, do qual não ficou successão.»

A pag. 148 (edição de 1755) das *Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal*, por D. Antonio Caetano de Souza, se lê: — «D. José de Menezes, foy Conde de Vianna, por mercê d'el-Rey D. Pedro II, feita no anno de 1690, de quem foy Estribeiro-Mór, e Gentil-Homem da sua Camara, do Conselho de Estado, e do Despacho, e que todos estes logares conservou depois,

[1] D. João Manuel de Menezes, foi agraciado com estes titulos, não só por ser descendente de D. Duarte de Menezes, mas tambem por ser almirante da esquadra que em 1821 conduziu do Brazil a este reino, a familia real portugueza. Segundo o sr. Vilhena Barbosa, este conde, era-o de Vianna do Minho.

no serviço d'el-Rey D. João V. e foi Commendador de Idanha a Nova e de Nossa Senhora do Loreto, de Juromenha, na Ordem de Aviz, Cavalleiro da dita Ordem, Alcaide-Mór da dita Villa, e da Idanha Nova, Donatario do Reguengo da Villa de Almada, que morreu a 30 de setembro de 1713, havendo casado com Dona Maria Rosa de Lencastre, que morreu no mesmo dia, do anno de 1715, filha dos segundos Condes das Sarzedas, sem successão.»

A pag. 703 da mesma obra, no capitulo denominado — TITULOS *que tiveram muitas familias que hoje existem, e que, ou se mudaram, ou se supprimiram*, diz: — «*Vianna do Minho* — Menezes: El Rey D. Affonso V, antes no filho segundo da Casa de Bragança [1].»

—

O *Almanach Burocratico* para 1876, já não traz titulares de nenhuma das Viannas.

—

O sr. doutor L. de Figueiredo da Guerra, publicou no jornal viannense *Aurora do Lima* dous folhetins (nos n.os 4:163 e 4:164, de 14 e 17 de setembro d'este anno de 1883) que, com a devida auctorisação do seu esclarecido auctor, passo a transcrever:

D. Duarte de Menezes

1.º e ultimo conde de Vianna

Este heroe das nossas guerras de Africa teve a mercê do condado de Vianna, por carta dada em Santarem, a 6 de julho de 1460:

«Queremos, escreve D. Affonso V, que d'aqui em diante se chame Conde de Vianna de Caminha, e lhe fazemos pura doação d'aqui em diante, em toda a sua vida, do senhorio e jurisdicção, mero e mixto imperio da dita villa e seu termo, alcaidaria e direitos d'ella, reservando para nós a correição e alçada. Fazemos-lhe mercê dos padroados que havemos nos mosteiros e egrejas da dita villa e termo, e lhe damos a alcaidaria das saccas, e sua escrivaninha.

E por esta carta havemos por revogadas quaesquer outras, bem como as cartas, capitulos de côrtes ou privilegios que por nós e nossos antecessores sejam dados á dita villa, ou outra promessa que nós aos moradores d'ella tenhamos dado, para que declarassemos e promettessemos o senhorio e jurisdicção da dita villa, não darmos a alguma outra pessoa, mas que sempre fosse da corôa dos nossos reinos: as quaes por esta carta havemos por annulladas e revogadas.

Outrosim lhe fazemos mercê em toda a sua vida da dizima do pescado, que nós havemos na dita villa, e de quaesquer outras pescarias que nós ahi havemos na villa e seu termo, do nosso direito de Nabão [1] e Malatosta [2], que os barcos de fóra pagam quando veem pescar aos mares e rio da dita villa; e do serviço real e novo dos Judeus que ora moram ou morarem na villa e seu termo, e todas as outras rendas, direitos, fóros, tributos, censos, emprazamentos, montes, fontes, rocios, portos e rios, reservando para nós a dizima de todas as outras cousas arrecadadas na alfandega da dita villa, sizas geraes e os direitos do arcebispo de Braga, que ahi tem certo tributo, pelo escambo que com elle fizemos.»

D. Duarte de Menezes era filho natural de D. Pedro de Menezes, 1.º capitão donatario da cidade de Ceuta, e 1.º conde de Villa Real, e que alguns historiadores chamam 2.º conde de Vianna.

Como no decurso d'esta biographia temos de fallar mui especialmente no condado de Vianna, vamos apresentar uma succinta no-

---

[1] Isto está pouco claro. Expliquemos. — Morrendo sem descendencia o conde D. José de Menezes, segundo filho do primeiro marquez de Marialva, ficou este titulo unido á corôa até 1692. Mas este condado é com certeza de Vianna do Alemtejo.

[1] Nabão é o tributo que pagavam os pescadores de fóra de pescarem nas costas do nosso termo, e consistia n'um peixe por cada barco de pesca.

[2] Malatosta ou Moltosta eram os tributos sobre os vinhos que embarcavam; todavia aqui designa o imposto sobre o peixe do rio.

ticia dos diversos individuos que apparecem como condes de Vianna, para d'este modo ficarem bem demonstrados os enganos e erros em que tem cahido todos os nossos escriptores quando tocam n'este assumpto.

El-rei D. Fernando I, quando, pouco tempo depois de subir ao throno, pretendeu a corôa de Castella, fez grandes concessões e graças aos fidalgos castelhanos, que se passaram ao seu serviço.

Assim a D. Alvaro Pires de Castro, irmão de D. Ignez de Castro, lhe deu o condado de Vianna, da foz do Lima, no dizer do A. da Historia Genealogica, por carta do 1.º de junho de 1371, e o fez tambem conde de Caminha, 1.º condestavel do reino, e em 1377 conde de Arrayolos; falleceu em 1383.

Cremos que aquelle condado foi o de Vianna da Galliza; se foi da nossa do Minho, nunca chegou a tomar posse d'ella; pois do archivo da camara não consta que n'esse reinado fossem violados seus privilegios.

N'aquella occasião fez D. Fernando egual graça a D. João Affonso Tello de Menezes, sobrinho de D. Leonor Telles, que foi o tronco dos condes e marquezes de Villa Real; e porque seguiu o partido de Castella, perdeu os titulos que gozava em Portugal. Depois da sua morte, a mulher e o filho D. Pedro de Menezes voltaram ao reino: este acompanhou el-rei na jornada de Africa, onde se distinguiu, e se intitulava conde (2.º) de Vianna, do Alemtejo, onde tinha os senhorios d'Alvito e Villa Nova. O que nos quer parecer é que D. Pedro tivera sómente o condado de Villa Real, e tão sómente nos ultimos tempos, como se deduz de um periodo da sua chronica, de Azurara (Ineditos da Academia, 1792, tomo 2.º pag. 522); «nunca a este D. Pedro quiz el-rei chamar conde, até este tempo, em que veiu de Cepta a este reino.»

El-rei D. Duarte nomeou-o alferes mór, e vindo a morrer em 1437, se enterrou em Santarem, no convento de Santo Agostinho.

Casou D. Pedro de Menezes com D. Margarida de Miranda, filha de João Rodrigues Portocarreiro, senhor de Villa Real, e d'ella teve duas filhas:

— D. Leonor de Menezes, que desposou D. Fernando, 3.º duque de Bragança, degolado por ordem de D. João II, e

— D. Brites de Menezes, casada com D. Fernando de Noronha, que por seu casamento foi por mercê de 7 de setembro de 1434 nomeado 2.º conde de Villa Real, que depois seguiremos.

D. Pedro de Menezes houve em Izabel Domingues Pecegueira um filho, D. Duarte de Menezes, que legitimou a 15 de março de 1424.

D. Duarte foi um estremado cavalleiro e seus serviços foram assaz importantes, que D. Affonso V o elevou a seu alferes mór, e pela carta transcripta gosou do titulo de conde de Vianna, terceiro, no dizer do seu chronista D. Agostinho Manuel: o que é um grave engano, como referimos.

Constando em Vianna o que o rei acabava de conceder, violando e postergando tão propositadamente seus privilegios, confirmados por todos os reis seus antecessores, resolveram o senado e povo censurar o monarcha com uma bem frisante queixa, despedindo logo dois procuradores para levarem o aggravo, acompanhando-o com os documentos comprovativos de que os viannenses nunca tinham tido senhorio particular e que a villa, por contracto com o seu fundador, era praso fateuzim da corôa, a quem pagavam pensão annual, e por isso era do principe, conforme a immunidade do foral de D. Affonso III.

No numero seguinte mostraremos a lição que os viannenses deram ao rei, que os vexava. Registre hoje a historia este facto olvidado.

Conheceu D. Affonso V a verdade e justiça do allegado pelos viannenses, mas porque não queria retirar a tão prestimoso vassallo a graça concedida, limitou-se a restringil-a em sua vida, voltando depois, como d'antes, á corôa, despachando a João Velho o Velho com a seguinte provisão, dada em Lisboa a 6 de setembro de 1460, que se encontra no archivo da camara, a folhas 51 do foral grande, e onde se lê, entre outros, este curioso periodo: «Como o dito D. Duarte por os serviços que a nós tem feito e seus gran-

des merecimentos o fizemos conde da dita villa, e tirar-lh'a agora não é coisa conveniente a nós de o fazer por alguns respeitos. A nós prouve que o dito D. Duarte haja a dita villa em sua vida e não mais, e logo agora para o trepassamento do dito D. Duarte, fazemos mercé ao dito principe, meu filho, da dita villa, direitos e jurisdicção, que nós em ella havemos, e de direito devemos de haver; e queremos que a haja depois do fallecimento do dito D. Duarte, como coisa sua, se elle vier a estado de rei: e d'ahi em diante sempre seja real, e da corôa dos nossos reinos, e jámais possa ser d'ella desapropriado, nem dada a alguma outra pessoa de qualquer estado ou condição que seja. Promettemos pela nossa fé real não dar logar ao dito D. Duarte que em sua vida possa a dita villa dar nem poer em outra pessoa nem escambar nem trocar por outra alguma cousa: e em caso que elle fazer quizesse, nós lhe não daremos logar a algum seu herdeiro que a possa haver: porque logo agora para então, queremos que seja do dito principe, meu filho, e depois realenga, e para sempre da corôa.»

Pouco mais de tres annos logrou D. Duarte o titulo, pois foi morto combatendo valorosamente em Benacofú, quando governava Alcacer Ceguer, a 20 de janeiro de 1464.

Tanto que em Vianna constou a morte de D. Duarte, mandaram logo seus procuradores á côrte para lembrar a el-rei o cumprimento da provisão, indo ao encontro d'elle a Evora, onde se mostrou bem lembrado, e passando a Olivença, os despediu a 15 de junho com a seguinte provisão, a folhas 13 verso do foral grande:

«Vimos a carta que nos mandastes, pela qual entre as outras cousas, em conclusão, nos enviastes pedir por mercé, que, pois a Deus prouvera levar para si o conde, que nos prouvesse guardarmos os privilegios dos antigos foraes, que dos reis nossos predecessores tinheis, e isso mesmo a carta que nós, em sua vida deramos, porque promettemos por seu fallecimento logo havermos por dada a dita villa ao principe meu amado e presado filho, e depois d'elle, por graça de Deus, vir a ser rei d'estes reinos: e se tornar á corôa d'elles, e não ser mais dada a pessoa alguma: a qual presente logo por vossa parte nos foi apresentada. E visto por nós tudo, e a grande obrigação que os reis e principes devem ter, manter e cumprir semelhantes cousas, e a justiça e a muita razão que em ello tendes: determinamos com os do nosso conselho, de vos mandar guardar em tudo a dita nossa carta, como n'ella é contheudo.»

E para maior segurança e mais publicidade, lhe pediram mandasse passar esta carta em pergaminho, com sello pendente; o que se fez estando o rei na cidade do Porto a 31 de dezembro de 1466.

Com menos verdade diz Rui de Pina na chronica de D. Duarte de Menezes (nos ineditos da academia, tomo 3.º, pag. 371): «D. Affonso V deu ao filho de D. Henrique de Menezes todas as mercês do pae, e ainda que ao diante lhe tirou a villa de Vianna de Caminha, lhe tornou a dar Valença, por requerimento do principe, seu filho.»

Já vimos qual a razão porque Vianna ficou ao principe D. João, depois 2.º do nome.

D. Antonio Caetano de Sousa, e anteriormente D. Agostinho Manuel de Vasconcellos escreveram o mesmo, e ha pouco o sr. Pinheiro Chagas, na sua Historia de Portugal, edição illustrada, tomo 3.º, pag. 405, nota 1.ª, repete o que affirmam aquelles escriptores.

Na occasião da morte de D. Duarte de Menezes estava el-rei em Ceuta, e consolando seu filho D. Henrique, lhe prometteu muitas mercês, e na referencia d'ellas não se menciona a da villa de Vianna: o que é plenamente comprovado pela carta de restricção de 6 de setembro de 1460, que trasladamos em parte.

Portanto o engano dos chronistas e historiadores em chamarem a D. Duarte de Menezes 3.º conde de Vianna do Minho, provém evidentemente de verem que seu pae e avô se intitulavam condes de Vianna, quando é certo que tal titulo nada tem de commum com a nossa Vianna, mas sim se refere á do Alemtejo.

Termino este, já bastante fastidioso artigo, transcrevendo o que se lê a paginas 258 e 259, da *Resenha das familias titulares do*

reino de Portugal, publicado em 1838, sem nome de auctor, mas que eu julgo serem dois, João Carlos Feo, e Manuel de Castro Ferreira de Mesquita:

Vianna — conde — (Manoel)

«*D. João Manuel de Menezes,* SEGUNDO conde de Vianna, commendador da Ordem de Christo, segundo tenente da armada real. Succedeu no condado a seu pae, a 20 de abril de 1831. Nasceu no Rio de Janeiro, a 25 de janeiro de 1810. Casou a 27 de janeiro de 1827, com D. Maria do Carmo da Cunha Quintella, que nasceu a 29 de outubro de 1814 — primeira filha dos quartos condes da Cunha.

Filhas

1.ª — *D. Anna.* Nasceu a 2 de agosto de 1829.

2.ª — *D. Maria Gertrudes.* Nasceu a 2 de dezembro de 1830. Falleceu a 15 de maio de 1852.

Seus paes

D. João Manuel de Menezes, 1.º marquez (creado a 3 de julho de 1821) e PRIMEIRO conde de Vianna [1], par do reino em 1826, gentil-homem da camara da rainha D. Maria I, grão-cruz da Ordem da Torre e Espada, commendador da de S. Bento d'Aviz, conselheiro do real conselho da marinha, major-general da armada real. Serviu com distincção em 1806, na esquadra do Estreito, do commando do chefe de divisão Luiz da Motta Féo. Foi commandante da fragata *Urania* (a unica embarcação que na viagem para o Brazil, em 1807, nunca desamparou a nau *Principe Real,* em que iam a rainha D. Maria I, seu augusto filho e netos). Achou-se na expedição do Rio da Prata, em 1817, como chefe da flotinha que obrava de accordo com o general Lecór; e, na volta de el-rei D. João VI para Portugal, em 1821, foi o almirante da frota que o conduziu a este reino. (Era filho terceiro dos terceiros marquezes de Tancos — vide Cêa). Nasceu a 27 de abril de 1783, e morreu a 20 de abril de 1831 — tendo casado a 7 de fevereiro de 1809, com D. Anna de Castello Branco, que nasceu a 9 de setembro de 1789, segunda filha dos primeiros marquezes de Bellas (vide Figueira). Falleceu a 13 de abril de 1855.

Filhos

1.º — *D. João,* actual conde.

2.º — *D. Maria Domingas.* Nasceu a 9 de abril de 1822.

Creação — *conde* — 13 de maio de 1810.

Residencia — palacio do largo do Rato, e actualmente em Paris.

—

Peço perdão aos meus leitores, por ser tão diffuso, com respeito a estes condes, e por fim, nada decidir de positivo.

Procedi a muitas investigações, e examinei grande numero de livros, sem poder apurar mais do que fica escripto.

Jornaes litterarios, politicos
e de annuncios que se teem publicado
n'esta cidade desde 1856

POLITICOS

1.º — *Aurora do Lima* — desde 15 de março de 1856, e ainda continúa.

É sustentado por varios cavalheiros pertencentes ao partido denominado *progressista,* sendo redactor principal o sr. doutor José Affonso Espregueira. Tem prelos proprios. É optimamente redigido; collaborado por cavalheiros illustradissimos, e um dos jornaes politicos mais serios e dignos da actualidade.

2.º — *O Viannense* — o 1.º numero, sahiu em março de 1858, e terminou em 31 de dezembro de 1868, com o seu n.º 1:620.

Tinha prelo proprio, e era custeado por varios cavalheiros, á frente dos quaes estava o sr. José Mendes Ribeiro, actual presidente

[1] Vê-se pois que este livro só considera condes de Vianna estes dois individuos, sem dizer de qual das Viannas. Não falla nos antigos condes de Vianna, porque só trata dos que existiam em 1838.

da camara municipal de Vianna (1883) e um dos 7:500 do Mindello.

3.º — *O Timbre* — durou poucos mezes.

4.º — *O Commercio de Vianna* — que depois se publicou sob o titulo de

5.º — *O Echo do Povo* — e desde o 1.º de outubro de 1883, tomou o nome de

6.º — O *Imparcial* — (este e o 1.º são os unicos periodicos que actualmente se publicam n'esta cidade). É seu redactor e proprietario o sr. José Maria Caldeira.

7.º — *O Districto de Vianna* — sahiram poucos numeros, haverá uns dez annos (em 1873, pouco mais ou menos). Era seu redactor, o sr. João Caetano da Silva Campos.

8.º — *O Diario de Vianna* — no prospecto, sahido em agosto de 1879, dava-se como seu redactor, o sr. Viriato Silva, brasileiro. Ficou no prospecto.

LITTERARIOS

9.º — *O Sillographo* — principiou em 1856, e sahiram poucos numeros. Era seu redactor, o sr. Bartholomeu da Silva Magalhães.

10.º — *A Briga* — principiou pelo mesmo tempo do antecedente, e teve egual sorte.

11.º — *Pero Gallego* — principiou a 26 de janeiro de 1882, e findou no n.º 36, que se publicou em novembro do mesmo anno. Era propriedade do sr. Domingos Pereira Gomes Rosa.

Este interessantissimo semanario, teve a sorte que teem tido quasi todos os jornaes litterarios e scientificos de Portugal.

Era redigido e collaborado por alguns dos mais sympathicos e esperançosos mancebos de Vianna, dirigidos por um d'elles, quasi adolescente, de 19 annos, o meu presadissimo amigo, o ex.mo sr. Alberto Feio da Rocha Páris, feito 2.º visconde da Torre (de Soutello) em 14 de junho de 1883. É sobrinho do sr. João Feio de Magalhães Coutinho, 1.º visconde da Torre, de Soutello, feito em 3 de agosto de 1870, sendo barão do mesmo titulo, desde 13 de agosto de 1847. (Veja-se no IX vol., 2.ª col. de pag. 441, o 2.º *Soutello)*.

ANNUNCIOS

12.º — O *Jornal de Annuncios* — principiou em outubro de 1868, e apenas publicou oito numeros. Era propriedade do sr. Domingos Pereira Gomes Rosa, livreiro, d'esta cidade.

13.º — *Vianna a Camões* — por occasião do *centenario de Camões* (10 de julho de 1880 — vide IV vol., pag. 306, col. 1.ª e seguintes) se publicou em Vianna um esplendido jornal (unico) por iniciativa da casa impressora do sr. André Joaquim Pereira — hoje de seu filho, o dito sr. Domingos Pereira Gomes Rosa.

Minas

Ha n'este concelho varias minas de differentes metaes. Tenho conhecimento das seguintes:

De ferro — no sitio de Nossa Senhora do Soccorro. Foi declarado seu descobridor legal, em dezembro de 1874, o sr. José Pereira Vianna.

—

Carvão de pedra. — Em janeiro de 1875, foram manifestadas na camara municipal — duas minas de *anthracite*, e outros metaes.

—

Estanho e outros metaes — manifestada em março de 1875.

—

Estanho — sete minas — antimonio, uma — *manganez*, uma.

Todas manifestadas em novembro de 1876.

—

Manganez — cinco minas — *estanho e outros metaes*, duas. — Todas manifestadas em dezembro de 1876.

—

No monte de Laborádes e suas immediações ha um vasto jazigo de *turfo*, do qual se aproveitam os povos d'estes sitios. Ficam estes jazigos a E. da freguezia d'Ancora, e ao N. O. da de Affife.

Factos historicos

ANNOS ANTES DO NASCIMENTO DE CHRISTO

1174 — Dizem alguns escriptores, que Diomedes, rei da Etolia (filho de Tydeo e

Defile, filho de Adrato, rei d'Argos) um dos heroes gregos, que tomaram e arrazaram Troia, depois de dez annos de cruentas batalhas, desgostoso pela infidelidade de sua mulher Egiale, abandonou o seu reino, e depois de andar divagando (pirateando) por espaço de outros dez annos pelo Mediterraneo, passou o Estreito entre *Calpe* e *Abyla* (hoje Estreito de Gibraltar) e percorrendo as costas da Lusitania, fundou *Calle* (Gaia, em frente do Porto) *Calpe*, na foz do Lima, e *Tuy* ou *Tyde*, na margem esquerda do rio Minho (Vide *Valença* [1]).

Pretendem pois os *diomedistas*, que o tal Diomedes da Etolia, entrou pela foz do Lima, no referido anno 1174 antes de Jesus Christo, e aqui fundou uma colonia a que deu o nome de *Calpe*.

Outros dizem que este facto teve logar no anno do mundo 2806 — 1156 antes de Jesus Christo. — Não póde ser. Nem o anno do mundo 2806 é o 1156 antes de Christo, mas o 1198, nem foi n'este anno que Diomedes aportou á Lusitania (se é que aportou, do que duvido [2]).

Se elle andou errante dez annos depois da destruição de Troia, só passou o Estreito de Gibraltar, no anno 1174 antes de Jesus Christo.

Mas, desde o anno 1372 (2632 do mundo) já cá estavam gregos, conduzidos por Baccho, filho de Semele — segundo diz o sr. J. L. Carreira de Mello, na sua *Historia chronologica de Portugal*, a pag. 12.

Vamos agora á palavra *Calpe*.

Pretendem alguns escriptores que a palavra *Calpe* é arabe e significa *montanha*. Duvido. Montanha em arabe, é *Jabal*. Calpe, é o nome grego de Gibraltar, a que os arabes deram o nome de *Jabal-Tarik* (monte de Tarik) desde que Tarik-ben-Zarea, por ordem de Muça, rei ou kalifa da Africa, invadiu a Peninsula hispanica em 713, e a conquistou no anno seguinte.

O que é certo, é que *Cal*, é palavra grega, e significa *Bello*, do substantivo *Call*, Belleza. *Calta*, é termo da mesma lingua, e quer dizer — *Bella Margem*.

Call, é tambem palavra celta, e quer dizer, *Gallo* ou *Gaulez*. *Cala* é um substantivo arabe, e significa *fortaleza, castello, fortificação*, etc.

Ptolomeo, na sua *Geographia de Hespanha*, dá á serra d'Arga o nome de *Promontorio Avaro*. Arga é uma projecção do *Medulio* dos romanos. Ha nas abas da serra d'Arga tres freguezias do seu nome. Vide *Arga*, monte, e *Argas*, freguezias [1].

Diz-se tambem que á *serra d'Arga* se chamou antigamente *Argua-Calpe*. Notemos porém que *ar* ou *aar*, é palavra celta, e significa *corrente d'agua*; e que *arg*, quer dizer *branco*, na lingua grega.

Inclino-me mais a que *Arga* seja corrupção do arabe *Argan*, fructo de certa arvore espinhosa da Africa (Marrocos) o qual (fructo) é semelhante á amendoa, e dá um azeite tão bom como o da oliveira. Os ara-

---

[1] A mythologia só nos falla de dois reis de nome Diomedes — um rei da Thracia (VI vol., pag. 148) que sustentava os seus cavallos com carne humana, e foi morto por Hercules, — outro, o heroe de quem se falla no texto. Mas este, segundo a mesma mythologia, nunca passou para o oeste do Mediterraneo. Depois da tomada de Troia, arribou á Italia e, na Apulia, fundou a cidade de Argos. Outros mythologos dizem que elle fundou a cidade de Argos, capital da Argolida, no Peloponeso, que é hoje uma aldeia da Moréa, sobre Planizza, na Grecia. Os da primeira versão dizem que elle foi vencido e morto por Enéas, na Italia, e que os seus companheiros tiveram tanta pena, que Pallas os converteu em graças. Já se vê que qualquer dos dois Diomedes, são entidades fabulosas.

[2] Duvido que fosse o Diomedes rei da Etolia, ou o outro rei da Thracia; mas não nego que um outro grego do mesmo nome, cá viesse em qualquer d'aquelles annos ou em outro, e fundasse no litoral da Lusitania, ou pouco distante d'elle, qualquer colonia ou pequena cidade (vide VII vol., pag. 271, col. 2.ª — IX vol., pag. 763 — X vol., pag. 121.

[1] Entendo que foram os celtas que pozeram o nome de *Medulio* á serra d'Arga. Medulio, é um districto da Gironda (França) hoje chamado *Medoc*, e fica entre Gironda e o mar. É celebre pelos seus optimos vinhos tintos e pelas suas excellentes ostras.

Vide *Medulio*.

bes africanos chamam-lhe *Lauz-el-barbar* (amendoa dos rusticos).

—

314 (anno do mundo 3690) — Florian del Campo, diz: «que n'este anno, os celtas, os turdulos e os andaluzes, marchando unidos (ou alliados) para o norte da Lusitania, fundaram colonias, ás quaes deram o nome de *Vianna,* em memoria da Vianna franceza.

(Por signal que os taes *andaluzes* só vieram ao mundo d'ahi a NOVECENTOS ANNOS! (Vide IX vol., pag. 463, col. 2.ª)

—

296 (anno do mundo 3708) — Os gallos-celtas, atravessando a Lusitania, chegaram ao rio que denominaram *Lethes.* Isto, segundo alguns escriptores [1].»

Aqui temos outro anachronismo de Florian del Campo. Este é de 699 annos! — Os gallos-celtas entraram na Lusitania no anno do mundo 3009 — 995 antes de Jesus Christo. — Ficamos pois ignorando em que anno os taes gallos-celtas chegaram a *Calpe* ou a *Vianna.*

—

135 (anno do mundo 3869). — Decio Junio Bruto, chegando ao rio Lima, lhe pôz o nome de *Lethes*; mas Estrabão diz que antes do anno 135 (antes de Jesus Christo) já o *Lima* se chamava *Lethes*. Vide *Leça do Bailio; Leça da Palmeira; Lima,* rio — e *Mattosinhos.*

Annos de Jesus Christo

260 — 6 de fevereiro. — Foram martyrisados n'esta Vianna (outros dizem que em Britonia do Lima) os santos Theophilo, Saturnino e Revocata — na 7.ª perseguição, sendo imperador Valeriano (*Ann. Hist.*, vol. I, pag. 164).

É mais provavel que isto acontecesse entre os annos 162 a 180, sendo imperador Marco Aurelio. Então os africanos é que martyrisaram os tres santos.

Foi durante o governo d'este grande imperador, que uma terrivel invasão de mauritanos rebeldes ao imperio romano, assolou a Lusitania, matando, roubando e incendiando tudo por onde passavam, apezar da heroica resistencia dos lusitanos. O imperador mandou para aqui novas legiões, que derrotaram os barbaros, obrigando-os a retirar para a Africa.

O *Martyrologio romano* e Luitprando, dizem que os tres santos foram martyrisados em Pádua, quando iam para Cesarea da Capadocia; mas a maior parte dos bons escriptores portuguezes dizem que foi em Britonia do Lima ou em Vianna (Vide *Britonia do Lima* e *Romarigães*).

Já antes d'estes martyres, tinha havido outros (e estes é que foram pelos romanos) nos annos 55, 66 e 254 (Veja-se no vol. I, pag. 495, col. 2.ª)

—

424 — Os bispos de Vianna estavam arriscados ao captiveiro, por causa das frequentes invasões dos piratas africanos, pelo que n'este anno foram estabeler-se em Britonia do Lima, que ficava mais distante da foz d'este rio, e era logar fortificado.

Flavio Dextro diz: — «In Gallecia in oppido viannensi Santi Pontifices, Maximilianus et Valentinus clarent.»

D. Rodrigo da Cunha diz que, além de florescerem aqui, eram tambem naturaes de Vianna.

Outros pretendem que em Vianna nunca houve bispos, e que os de Britonia abandonaram a cidade d'este nome, que era frequentemente invadida pelos piratas africanos, por estar na margem do Lima e muito proximo da sua foz, e que fugiram para a povoação de Vianna, que então estava no alto do monte de Santa Luzia, onde residi-

[1] É preciso notar que LIMAN em grego, significa *Porto* — e LIMNE na mesma lingua, quer dizer *Lago* ou *Lagoa* (Vorgien, *Dicc. Geogr. Universal*, pag. 906).

ram muitos annos, mas sempre intitulando-se *bispos de Britonia* [1].

—

564 — Theodomiro, rei dos suevos, sendo ariano, converte-se ao catholicismo, e logo em 568 convoca o 1.º *concilio lucense.*

—

569 — Dizem alguns escriptores, que n'este anno (o penultimo do seu reinado) Theodomiro *creou o bispado de Vianna.* Não é exacto. Supponho que em 569 é que os bispos de Britonia mudaram a sua residencia para a povoação de Vianna, no alto de Santa Luzia.

Nós vimos no vol. I, pag. 494, que no seculo IV, na divisão dos bispados da Lusitania, imperando Constantino Magno, já Britonia era cidade episcopal.

Isto mesmo se deprehende de uns apontamentos manuscriptos que o meu estudioso amigo, o sr. doutor Figueiredo da Guerra, teve a bondade de me mandar, nos quaes se lê : — «O bispado de Vianna, *foi erecto* na era de 607 (569 de Jesus Christo) pelo rei Theodomiro, durante o dominio dos suevos. TEVE MUITOS ANNOS a séde do bispado, até 572 de Jesus Christo, unindo-se *n'este anno* á sé de Tuy, como diz Marco Maximo : — (*Episcopatus Viannensis in Gallecia reducitur ad Tydensem, anno 610*).» — Este ultimo anno, é o da era hespanhola, então usada.

Vê se que — segundo diz o sr. doutor Guerra — tendo Vianna *por muitos annos* a cathegoria de bispado, já muitos annos antes havia aqui (ou em Britonia, que vinha a ser o mesmo) bispos, suffraganeos de Tuy, porque, de 569 a 572, vão apenas *tres* e não *muitos* annos.

Mais : — Nós vimos no logar citado do volume I, que no *anno cincoenta e cinco*, imperando Nero, foi martyrisado santo Aristobulo Zebedeu, *bispo de Britonia*, pae de S. Thiago e de S. João Evangelista.

Eu bem sei que é ponto contestado — e muito contestavel — a existencia de bispos na Lusitania (e mesmo de christãos) no meiado de seculo I de Jesus Christo; mas não se póde negar que Britonia tivesse bispos, desde os primeiros seculos da nossa era.

N'esse mesmo anno de 572, sendo rei dos suevos Ariamiro, filho de Theodomiro, teve logar o 2.º concilio braccarense, ao qual assistiu *Mailoc, bispo de Britonia.*

Em 633, convocou-se o 4.º concilio de Toledo, e a elle assistiu *Santo Izidoro, bispo de Britonia.*

Não sei como se hade dar credito a Marco Maximo, a não pretendermos que havia simultaneamente bispos em Britonia e na velha Vianna, distando uma da outra apenas duas leguas!...

O que me parece acreditavel é que em 572, o rei Ariamiro, e o concilio determinaram que o bispado de Britonia fosse suffraganeo do de Tuy.

—

716 — Muça e Tarif (ou Torik) capitães musulmanos, invadem a Lusitania, e apossando-se do paiz, incendeiam e arrazam todas as povoações que lhes resistem. Os britonienses fogem para um alto de facil defensão, e ahi fundam, ou reconstruem a velha cidade de Vianna, no logar a que os romanos deram o nome de *promontorio Avaro*, hoje Santa Luzia.

Os mouros occupando Britonia, e encantados com tão formoso e fertil paiz, ahi se estabelecem, augmentando a povoação, que durante o seu dominio chegou a ser muito florescente.

—

880 — D. Affonso Magno, rei de Castella e Leão, resgata Britonia e muitas outras terras, do poder dos mouros, e as povôa de christãos.

—

970 — Por este tempo, o truculento *Abou-Amer-al-Mansour* kalifa de Cordova, invade a Lusitania ; os britonienses se defenderam obstinadamente, mas tiveram de succumbir ao numero, e os que puderam escapar se foram unir aos outros christãos do alto do

[1] A notàvel cidade de Britonia, ficava a 10 kilometros de distancia da foz do Lima, no sitio onde hoje é a freguezia de Bretiandos (Vide no volume I, as duas primeiras *Britonias.*) Mais natural era, pois, que para fugirem aos piratas se internassem no paiz, do que fossem para a beira mar.

monte, hoje de Santa Luzia. Os mouros, arrazam a povoação, sem deixarem pedra sobre pedra, a ponto de não haver hoje o mais leve vestigio de semelhante cidade — que, em todo o caso, não devia ser muito vasta (Vide *Britonia do Lima* e *Santa Luzia*).

—

983 — Segundo J. A. d'Almeida — que era natural de Vianna — (*Dicc. Abrev.*, tomo 3.º, pag. 205) foi n'este anno que teve principio a cidade de Vianna. Eis em resumo, o que diz este escriptor :

«Teve principio esta nova povoação, no anno de 983, e pelo espaço de 14 annos se estendeu até á foz do Lima, occupando todo o territorio que dista das chamadas POVOANÇAS, até á freguezia de SANTA CHRISTINA DA MEADELLA. Esta nova povoação, já chamada VIANNA, foi novamente destruida pelo barbaro Al-Mançor, no anno de Jesus Christo 997. Depois da morte d'este barbaro, vieram de novo *dar principio* a uma nova habitação, a que chamavam ATRIO, onde hoje existe a ermida de Santa Catharina, etc.»

Este escriptor engana-se. Nem elle, nem outro qualquer, ainda até hoje pôde saber quando teve principio a primeira Vianna.

O que se sabe com certeza, é que ella já existia muitos annos (talvez muitos seculos) antes do nascimento de Jesus Christo, o que ainda hoje o attestam as suas ruinas, não só romanas, mas até algumas anteriores á occupação da Lusitania pelos romanos, como vimos na palavra *Santa Luzia*.

Não sei de qual Almançor falla J. A. de Almeida, houve muitos com esta antonomazia. Vimos que em 970, *Abou-Amer-al-Mansour*, arrazou a cidade de Britonia, e sabemos pela historia, que durante os annos 985, 986 e 987, outro *Almançor*, por nome *Mohamet-Ibne-Aben-Hamir*, emir de Cordova, sendo então rei *Hiscem*, fez repetidas entradas na Lusitania, saqueando e arrazando as povoações por onde passava, e matando ou captivando os seus habitantes; até que, em 998, foi ferido mortalmente e completamente desbaratado o seu exercito, junto a Osma. É muito provavel que em 997 destruisse a primeira Vianna, como destruiu outras muitas povoações da Galliza — que então, e muito depois, chegava até á margem direita do Douro, como temos visto em varios logares d'esta obra.

Eu supponho que os fugitivos de Britonia deram primeiro á povoação que foram fundar no alto de Santa Luzia, o nome da que abandonaram, o que foi causa de muitos escriptores julgarem que a Britonia das margens do Lima, a 10 kilometros da sua foz, e a do alto do monte eram uma e a mesma povoação. Só assim se podem entender algumas passagens dos escriptores antigos. Vaseo, diz : — *Britolensis Civitas est in Portugalia inter amni prope Vianam, quae dicitur de Caminha, quae Bracharensem agnovit Metropolitanum Episcopum.* Isto mesmo dizem outros muitos escriptores. Vê-se, pois, que a povoação de Caminha é mais antiga, ou, pelo menos, foi de maior importancia e fama, em tempos antigos, visto dizer-se então *Vianna de Caminha*.

O auctor do *Diccionario abreviado*, escreve tambem (pag. 204, vol. III) : — «Já dissemos que Bretonia florecera no mesmo sitio em que existiu a antiga Vianna, e que *não era mais que uma e unica cidade, que teve dois nomes, Vianna e Bretonia.*» Se os de Britonia não deram á povoação do alto do monte o nome da cidade abandonada — como eu julgo, — antes de lhe chamarem Vianna, — o que diz aquelle escriptor não merece credito, porque vimos em *Britonia do Lima*, *Santa Luzia*, e já n'este artigo, que Britonia (a primeira) estava fundada em uma ou em ambas, as margens do Lima distante do mar duas leguas a Vianna antiga, e que estava no alto do monte de Santa Luzia, como dizem quasi todos os escriptores dignos de credito, menos frei Bernardo de Brito, que na sua *Monarchia Lusitana*, diz : — «Vianna, é povoação moderna, renovada dos arruinados fundamentos da cidade que Ptolomeu chama BRETOLEUM, florecentissima, não só em tempo dos godos e romanos (devia dizer *dos romanos e godos*) mas ainda depois de serem os mouros lançados fóra d'esta terra ; e notou Vasco, por auctoridade do arcebispo D. Rodrigo, que teve egreja cathedral, e bispo, o qual se achou na consagração da egreja de S. Thiago de Compostella, e se chamava

Theodosinho (em outra parte, diz *Theodomino* [1]) e ser Vianna de Caminha a cidade de Bretoleum, *ou muito pegada com ella*, mostra o sitio que lhe dão os cosmographos, e dil'o claramente Diogo Mendes de Vasconcellos, em suas *Anotações*.»

Quando (em 1392) o beato frei Gonçalo Marinho, veiu fundar o mosteiro de S. Francisco do Monte, a 2 kilometros da cidade de Vianna, ainda esta povoação não era mais do que (segundo diz frei Martinho, chronista d'aquella ordem) — «Uma povoação pobre, composta de umas pequenas casinhas, que mais propriamente se podiam chamar choupanas, edificadas junto da foz do rio Lima, tres leguas da Insua [2], em que moravam pescadores e alguns mareantes.»

Diz o referido José Avelino de Almeida ser tradição constante, que o primeiro templo que fundaram aqui os christãos, foi no mesmo logar em que hoje está a egreja parochial da *Areosa*, com a invocação de *Santa Maria de Vianna*, que com o tempo se veiu a chamar *Santa Maria da Vinea*, ou da *Vinha* — e tambem da *Vinda*.

Outros escriptores sustentam que o primeiro assento de Vianna foi em Affife, no *monte Britonia*, hoje *Cividade*, e que por isso lhe chamaram *Vianna de Caminha*, mais tarde destruida por uma grande batalha que alli se deu, do que resultou mudar-se-lhe o nome para *Osseira*, pelos muitos ossos que ficaram no campo da batalha (vide no vol. I, pag. 28, col 1.ª).

Diz tambem o *Diccionario abreviado*, (pag. 206, vol. III) que o nome de *Vianna* — segundo a tradição — procede de uma notavel mulher assim chamada, a qual deu principio á povoação, e se vê ainda hoje representada em uma estatua de pedra, na rua do Caes.

Outros dizem que, perguntando certo rei de Hespanha a um homem que por aqui transitara, o que tinha visto, respondeu *Vi Anha*.

[1] O seu verdadeiro nome era *Theodozindo*.
[2] É o forte da Insua, no meio da foz do rio Minho.

Esta etymologia é das taes muito frequentes no nosso povo, e até em alguns escriptores de pouco criterio, que acreditam facilmente qualquer tradição, por mais disparatada que seja.

—

São tantas e tão contradictorias as noticias com respeito ao local e á fundação da primeira Vianna, que, para as reunir e analysar, seria preciso fazer um livro mais volumoso do que qualquer volume d'este diccionario. Recommendo aos meus leitores que quizerem profundar mais a questão, as *Memorias do arcebispado de Braga*, por D. Jeronymo, contador de Argote, tomo II, pag. 682 e seguintes — vol. III, pag. 20 e seguinte. — De *Antiquilalibus Conventus Bracarangustani*, pag. 325.

Segundo este distincto escriptor, quasi sempre exactissimo, das *Escripturas* de D. Affonso, o *Casto*, (800 a 824) consta que a sé e dignidade episcopal de Britonia, foram transferidas para Oviedo. E do concilio de Lugo (569) celebrado no tempo dos suevos, consta que tinha sido instituida a cadeira episcopal de Britonia, *entre os rios Lima e Minho*.

Como havemos de acreditar que já no tempo do imperador Constantino Magno (no III seculo do nascimento de Jesus Christo) havia bispos em Britonia?

E ainda mais! Como podemos dar credito aos que dizem que Santo Aristobulo Zebedeu, *bispo de Britonia*, foi martyrisado no anno 55?

Deixo esta questão para ser resolvida por quem se julgar mais competente.

—

1126 — N'este anno fazem assento na antiga Vianna (*Calpe* ou *Atrio*) os Rubins, fidalgos francezes.

—

1258 — 18 de junho. — D. Affonso III, estando em Guimarães, dá o primeiro foral a Vianna, e a cathegoria de villa, com grandes privilegios. Em 1262 dá-lhe ainda outro foral, tambem datado de Guimarães, augmentando-lhe os privilegios do primeiro.

Por esta occasião, pertencia o senhorio de Vianna a D. Gil, bispo de Tuy, e o rei lhe deu em troca d'este couto os padroados de *Sá de Riba Lima* (hoje Santa Maria de Sá, no concelho de Ponte do Lima) — *Tife* (hoje Afife) — Balthazares (hoje Ancora) — e *Villa-Mean* (hoje S. Payo de Villa-Mean, no concelho de Villa Nova da Cerveira) — ficando Vianna padroado real.

O rei disse: — «Volo facere populam in loco qui dicitur Atrium, in foce Limae, cui populae *de novo impono nomen* Vianna», etc.

A copia que tenho d'este segundo foral está com certeza errada na data, como demonstrarei depois de o copiar. É o seguinte: «Ego Alphonsus III, de Portugaliae Rex, et Boloniae Comes, et edo et concedo vobis habitatoribus de Vianna, quantum habeo, et de jure habere debeo, in ipsa villa, et suo termino, et quod nobiles stent pro infansonibus in toto meo regno; do etiam ut non habeatis alienum dominium, nisi me regem, et uxorem meam, et filios nostros jure hereditario in perpetuum, etc. — Facta rege maudant ex VIII junii EMCCCLXVI.»

Ora — nós sabemos que D. Affonso III, foi acclamado rei em 1248, e falleceu em 1279. — A era de Cesar 1366, corresponde ao anno de Christo 1328, e n'esta ultima data era rei de Portugal D. Affonso IV, neto de D. Affonso III. — Ha, pois, um anachronismo de 66 annos.

—

Reconhecidos os viannenses, pelos privilegios e regalias que D. Affonso III lhes concedera n'estes dois foraes, se obrigaram a pagar lhe cada anno — a elle e successores — 1:100 maravedis velhos, e fazerem á sua custa os muros de circumvalação, construidos de cantaria, defendidos com torres, e as precisas portas (que são as cinco que ficam mencionadas no principio d'este artigo).

—

1398 — Fundação do mosteiro de S. Francisco (frades capuchos) 2 kilometros ao N. de Vianna. Tem contigua uma linda matta com varias capellas e bonitas fontes.

Foi inteiramente reconstruido em 1584. (Vide o § em que trato dos mosteiros d'esta cidade).

—

1440 — Concluem-se as obras da egreja matriz (Santa Maria Maior) feitas á custa do povo, e de uma avultada esmola, dada por D. Affonso V, pelo que lhe foi cedida uma das torres, onde se collocou o relogio da camara e competentes sinos. Era então regente o infante D. Pedro, tio e sogro do rei, na menoridade d'este.

—

1459 — Nas côrtes de Lisboa de 1459, pediram os procuradores de Vianna a D. Affonso V, licença para tomarem qualquer nau que se achasse na sua barra, vindo para piratear, como acontecia com os normandos, bretões, gascões e outros piratas francezes.

O soberano deferiu a esta petição, o que enriqueceu os armadores de Vianna (quasi todos fidalgos) que fizeram grandes casas, muitas das quaes ainda hoje existem.

—

1483 — É creado o titulo de arcipreste para o parocho da matriz de Santa Maria Maior; titulo que ainda conserva; mas a collegiada foi supprimida em 1848.

—

1484 — 31 de agosto. — Morre em uma cisterna secca do castello de Palmella o bispo d'Evora, D. Garcia de Menezes, filho do famoso D. Duarte de Menezes, 3.º conde de Vianna.

D. Garcia era um dos mais illustres prelados de Portugal, tanto pelas lettras como pelas armas. Na batalha de Toro (maio de 1476) foi um valoroso capitão, e concorreu para que o principe D. João (depois rei, segundo do nome) ficasse victorioso, ao mesmo tempo que seu pae era derrotado. Foi por general de uma armada contra os turcos, quando estes tomaram a cidade de Otranto, na entrada do Golfo de Veneza; mas, quando alli chegou a esquadra portugueza, já os turcos tinham retirado. Praticou outras muitas acções de valor, como bravo guerreiro.

Tomando parte na conspiração do duque de Vizeu, D. Diogo, e d'outros fidalgos, contra D. João II, teve o fim que fica dito, no principio d'este paragrapho. (Vide nos loga-

res competentes *Lisbôa*, *Palmella* e *Setubal*, onde trato d'esta infeliz conspiração).

—

1502 — O rei D. Manuel visita Vianna e manda reedificar o forte da *Roquêta*. O povo, em reconhecimento d'isto, offereceu se para construir á sua custa os muros da villa, e defender esta contra os inimigos. O rei acceitou o offerecimento, e premiou a villa com grandes privilegios, liberdades e isenções, dando á camara o seu brazão e a jurisdicção da capitania-mór e alcaidaria-mór da villa e seu termo, assim como o provimento de todos os officios publicos, da mesma villa.

Isto diz J. A. d'Almeida; porem outros escriptores dizem que este offerecimento dos viannenses foi feito, não ao rei D. Manuel, mas a D. Affonso III. — Vide o anno 1258.

—

1502 — Ainda n'este mesmo anno foi fundado o mosteiro de Santa Anna e o seu magnifico templo, esmeradamente conservado ainda hoje (1883) por algumas, poucas, freiras que habitam o mosteiro, e pelas recolhidas.

—

1508 — D. Manuel I, funda a Santa Casa da Misericordia, dotando-a com rendas e privilegios. A sua egreja é uma das melhores da cidade, e a sua fachada exterior um dos mais bellos especimens da architectura manoelina, entre muitas que esta cidade offerece.

—

1512 — 1.º de junho — O mesmo soberano dá foral novo á então villa de Vianna, com todos os privilegios dos antigos, accrescentando outros.

—

1514 — 5 de agosto — D. João I deu ao 1.º bispo de Ceuta (Africa) a comarca de Valença do Minho, e com ella o padroado da egreja de São Salvador, de Vianna; mas, sendo incommodo aos bispos de Ceuta o irem visitar aquella comarca, e aos de Braga o irem a Olivença — que era então da sua diocese — n'aquelle anno e dia, sendo arcebispo de Braga D. Rodrigo de Sousa, rocaram os dois prelados, ficando o de Braga com o que era do de Ceuta, e este com o que pertencia áquelle.

—

1516 — 29 de agosto — Tendo-se desencaminhado o foral de 1512, o rei D. Manuel lhe deu outro n'esta data. Ainda n'este augmentou os fóros e regalias de Vianna, e um d'elles foi — na representação em côrtes. — Passou-a do 7.º banco para o 5.º

—

1531 — 5 de agosto — O arcebispo de Braga, D. Rodrigo da Cunha, lança a 1.ª pedra no edificio do mosteiro das Ursulinas (Santo Agostinho) nas vertentes do monte, para casa de educação. Alli se veneram as Santas Martyres viannenses.

—

1538 — O cardeal D. Henrique (depois rei) visita Vianna n'este anno — sendo então arcebispo de Braga; juntou mais dois conegos á collegiada da nova egreja de São Salvador, e para não haverem em Vianna duas egrejas do mesmo orago mudou-lhe a invocação para *Santa Maria Maior* — Nossa Senhora da Assumpção. — A antiga egreja de S. Salvador ficou extra-muros, quando a villa se fechou com um cinto de muralhas; e feitas estas, o povo fundou o bello templo que hoje serve de matriz principal da cidade. O infante D. Pedro, regente na menoridade de seu sobrinho D. Affonso V, juntou aos donativos dos fieis para esta construcção, algumas das suas rendas, construindo-se com ellas a torre do norte, onde estão os sinos e o relogio da cidade. Em attenção ao donativo do infante, foram postas no edificio as armas reaes. (Vide o anno 1440.)

—

1545 — 28 d'abril — N'este anno, trinta e sete homens nobres de Vianna (outros dizem que eram 42) fundaram para suas familias e descendentes o mosteiro de São Bento, sobre o rio Lima. A egreja foi concluida em 1549. É o mais espaçoso de todos os mosteiros da cidade. Hoje apenas poucas religiosas e algumas recolhidas seculares habitam este vasto edificio.

—

1546 — O famoso *Pero Gallego*, com alguns amigos e marinheiros, sahem de Vianna em uma caravella; durante dous annos andaram pirateando, e com o producto das suas rapinas contra os mouros e outros inimigos recolheram á patria ricos e honrados. Vide *Viannenses illustres.*

—

1550 — Dona Isabel de Mello, freira benedictina do convento de Victorino das Donas, veiu para o convento da sua ordem, em Vianna, novamente fundado, para o reger por tres triennios. Este mosteiro tinha sido construido por 42 habitantes illustres e ricos de Vianna, para alli terem as suas filhas e parentes.

O papa Paulo III auctorisou esta edificação e isentou o convento da jurisdicção do ordinario e do geral, ficando sujeito ao conservador — isto em 1549.

Os padroeiros quizeram vender logares do convento, para outras tomarem o habito, ao que se oppozeram os conservadores, por isso as freiras se sujeitaram ao ordinario; mas em vão, porque D. frei Bartholomeu dos Martyres fez com que Dona Genebra da Conceição continuasse a presidir ao convento, como abbadessa, por não ser parenta dos fundadores, emquanto durou a causa, que se decidira contra os padroeiros.

Este convento tinha quatro egrejas annexas.

—

1563 — 26 de março — A rainha Dona Catharina, viuva de D. João III e regente do reino na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião, concede a Vianna do Lima o titulo de NOTAVEL.

—

1563 — abril — D. frei Bartholomeu dos Martyres, com licença da rainha Dona Catharina, regente do reino na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião (licença que esta senhora déra ao santo arcebispo. em 1560) — e por consentimento pleno da camara de Vianna, pediu ao papa Pio IV auctorisação para fundar aqui o mosteiro de religiosos dominicanos. Todas estas licenças levaram tres annos a conseguir. pelo que só em abril de 1563 se lançou a 1.ª pedra n'aquelle edificio.

A egreja do mosteiro é actualmente matriz da freguezia de Monserrate.

No edificio do mosteiro, se estabeleceram as repartições do governo civil, administração do concelho, recebedoria, pagadoria, obras publicas, districtaes, fazenda e telegrapho. [1]

No côro da egreja estão guardadas as bandeiras que ao extincto regimento de infanteria n.º 9 concedeu o governo portuguez em 1814, em premio da sua bravura e disciplina na sangrenta batalha e gloriosissimo triumpho de Victoria (Hespanha) que teve logar a 24 de junho de 1813.

Eguaes bandeiras foram dadas aos regimentos de infanteria n.º 11, 21, e 23 — e aos batalhões de caçadores n.º 7 e 11.

Estas bandeiras tinham a honrosissima legenda, em letras de ouro — as de infanteria:

JULGAREIS QUAL É MAIS EXCELLENTE
SE SER DO MUNDO REI, OU DE TAL GENTE

as de caçadores:

DISTINCTOS VÓS SOIS NA LUSA HISTORIA
COM OS LOUROS QUE COLHESTES NA VICTORIA [2]

---

[1] É hoje moda dizer que os frades eram *inuteis*, *egoistas*, *estupidos*, *inimigos das luzes*, etc., etc., mas tambem é moda os *uteis*, *philantropicos*, *sabios e illustrados* utilisarem-se dos edificios que tiraram áquelles para alli estabelecerem as suas repartições publicas, os seus theatros, as suas praças de touros, fabricas, armazens e o mais de que se lembraram (quando por não terem applicação que lhes dar, nem quem lh'os compre — os não mandam demolir ou os não deixam derrocar pelo abandono.

Esses mosteiros, em quanto foram habitados pelos seus legitimos possuidores, eram não só academias gratuitas para o povo, asylo dos desenganados do mundo, hospedaria dos viajantes, recurso dos famintos; mas tambem *escolas de artes e officios*, o que provam os conventos que ainda existem de pé, attendendo ao primor da sua construcção.

[2] Por fallar d'estas bandeiras, lembra-me um facto *engraçado* das nossas desastrosas

—

Em uma cella d'este mosteiro passou os ultimos annos da sua vida o seu fundador, D. frei Bartholomeu dos Martyres, e aqui falleceu a 16 de julho de 1590.

No seu tumulo se gravou uma inscripção em latim, cuja traducção é:

«Aqui jaz D. frei Bartholomeu dos Martyres, natural de Lisbôa, [1] religioso da ordem de S. Domingos, primaz das Hespanhas, Adão tres vezes grande: o qual, tirado da cella para a cadeira e arcebispado de Braga, que, como elle dizia, foi o mesmo que do reino para a Cruz, resplandeceu entre os demais prelados, como o sol entre as menores estrellas, n'aquella graça de bem governar a Egreja. Amado dos Summos Pontifices, e estimado dos padres do concilio de Trento; conhecido e admirado da patria e do mundo, carregado d'annos, deixou, de bôa vontade, o arcebispado, e tornou-se para a cella d'este mosteiro, que tinha edificado; no qual passou o resto da sua vida, até que foi arrebatado, entre os osculos do Senhor. Ai! Verdadeiro pae dos pobres, amante da virtude, martyr em desejos, mestre da profissão, tocha ardente e resplandecente, espelho de raras virtudes episcopaes, e entre todos como a banha apartada da carne.

guerras civis. A senhora infanta D. Isabel Maria, regente do reino em nome de seu irmão, o sr. D. Pedro, deu em 1827 ao batalhão de caçadores n.º 8, uma bandeira *bordada pelas suas proprias mãos* (dizia o decreto) em premio da bravura com que se portára nos combates *contra os rebeldes*, que eram os *realistas* do general Silveira. Esta bandeira tinha por legenda — tambem em letras de ouro — os dois versos de Camões:

VENCEREI NÃO SÓ ESTES ADVERSARIOS,
MAS QUANTOS AO MEU REI FOREM CONTRARIOS.

D'ahi a um anno este batalhão *com a mesma bandeira* distinguiu-se pela sua bravura *contra os rebeldes*, que d'esta vez eram os *liberaes* da Juncta do Porto.

O que é o mundo! O que é a politica!

[1] Julgo que é erro. Consta que elle nasceu na aldeia de Verdêlha, freguezia de Via-Longa, no concelho dos Olivaes. Vide a 2.ª *Verdêlha* e Via Longa, n'este vol. a pag. 322, col. 1.ª

Morreu no anno do Senhor, de 1590, aos 16 de julho, com 76 annos de edade, 62 de religioso, e 32 de arcebispo. Descance em paz. Amen.»

Diz o sr. doutor Figueiredo da Guerra, que o latim d'este epitaphio está muito errado, devido ao pintor que o dourou. Em vez de 1590, tem 1500, e além d'isso, está truncado. Foi composto pelo doutor Jacome de Villas-Boas Quezado.

Este arcebispo nasceu em março de 1514.

Vide no 4.º vol., pag. 325, col. 2.ª—N'este logar disse que elle morreu a 16 de junho, porque assim o vi escripto em varios auctores. Não sei se é erro d'elles, se o tal pintor que decorou a inscripção errou a data.

—

1566 — 22 de janeiro — D. frei Bartholomeu dos Martyres, tendo chegado a Braga, de volta do concilio de Trento, e tomado posse da sua prelazia, no principio do anno de 1564, partiu para Vianna, no principio de janeiro de 1566, e se apresentou no seu mosteiro dominicano, que já estava habitado, mas não concluido. Ainda então não se havia principiado a egreja; o santo prelado lhe mandou logo abrir os alicerces e n'elles, por sua propria mão, lançou a 1.ª pedra, neste dia 22 de janeiro de 1566, com grande pompa.

Sahiu o prelado da egreja matriz em procissão com toda a clerezia da villa, camara, auctoridades e immensa multidão de povo, levando quatro religiosos dominicos, em um andor muito adornado, a pedra fundamental.

Acompanhavam a procissão musicas e danças, ao uso d'esse tempo.

Chegando ao novo mosteiro, disse o arcebispo missa de pontifical, prégou com a costumada unção, e, depois de proceder á benção da pedra e ás mais ceremonias do ritual, lançou-a nos alicerces da capella mór do templo, ao qual deu a invocação de *Sancta Cruz*, doando ao mosteiro, n'esse mesmo acto, uma reliquia do Santo Lenho.

—

1567 — O rei D. Sebastião (isto é — o Cardeal D. Henrique, depois rei, regente do reino em nome do seu sobrinho D. Sebas-

tião) reconstruiu e augmentou as obras de defeza do castello de Vianna.

—

1569 — N'este anno estabeleceu a camara de Vianna os preços seguintes, para a venda do peixe:

	Réis
Arratel de pescada fresca ou lanhada	5
Dito de congro	6
Dito de raia fresca	3 $1/2$
Dito de peixe sapo	6
Dito de rodovalho	14
Dito de *robalitos* e sôlhos	8
Dito de cação fresco ou lanhado	10
Dito de cação sêcco	8
Dito de badéjo fresco	5
Dito de ruivo	5
Dito de savel lanhado	8
Dito de *tamba*	6
Uma lagôsta bôa	15
Uma caranguejola	20
Uma aranha	20
Duas navalheiras	1 ceitil
Ouriços, 4, sendo grandes	1 ceitil
Caramujos cosidos, lamparões, mexilhões, e camarões, alqueire	8

—

1571 — 4 de agosto — disse-se a 1.ª missa na capella-mór da egreja do mosteiro de S. Domingos, por ser o dia d'este santo.

—

1574 — 8 de setembro — Chega ao porto de Vianna uma armada franceza composta de 8 navios, bem armados e guarnecidos de tropas aguerridas. O seu unico intento era saquear a villa, pela fama que tinha de ser muito rica.

Os viannenses tinham sabido a tempo o designio d'aquelles piratas, os quaes trataram de forçar a barra a todo o risco; mas foram briosamente rechaçados pela guarnição do castello e pelo povo da villa, soffrendo os ditos piratas tão grande destroço, que fugiram sem tornarem a querer tentar fortuna.

—

1580 — 4 de novembro — A camara de Vianna do Minho presta juramento de fidelidade ao usurpador Philippe II, nas mãos de D. Pedro de Castro e Andrade, conde de Lemos e marquez de Sarria.

—

1580 — 4 do dezembro — O usurpador Philippe II, tendo noticia de que D. Antonio, prior do Crato, depois da derrota de Alcantara em Lisboa, a 25 de agosto d'este anno, se tinha retirado para o Minho e estivera escondido em Vianna, ou suas immediações [1] e que embarcára para a França protegido pelos mareantes e pescadores viannenses, manda proceder a uma devaça pelo juiz de fóra Martim Leitão, pelo escrivão João Casado Jacome e por Francisco da Costa.

Teve logar a inquirição das testemunhas no dito dia 4 de dezembro. Ninguem ficou culpado.

1584 — É reconstruido o edificio do mosteiro de frades capuchos de S. Francisco, que se tinha edificado em 1398. As varias capellas e bonitas fontes da sua formosa matta tambem foram então restauradas.

—

1588 — Fundação do hospital da Misericordia.

—

1590 — 16 de julho — morre no seu convento de S. Domingos o virtuoso arcebispo D. frei Bartholomeu dos Martyres, que em 1582 tinha resignado o seu arcebispado, e se recolhera a este mosteiro onde exercia os mais humildes misteres, como o ultimo dos religiosos.

—

1592 — D. Philippe II manda ampliar as obras do castello e augmentar-lhe a sua artilheria. Já o cardeal D. Henrique, regente na menoridade de seu sobrinho, o rei D. Sebastião, tambem tinha mandado construir varias obras de defeza e ampliado outras.

—

1600 — N'este anno tinha a collegiada de Vianna as seguintes riquezas (além de grande quantidade de ornamentos perfeitamente

---

[1] D. Antonio estava escondido em uma casa de Vianna, que ainda existe, perto do *Arco da Cocheira* (antiga Porta da Villa) quando perseguido pelo feroz duque d'Alba.

acabados, custosas tellas, ricas sedas e brocados, alguns bordados a ouro fino).

Objectos de prata

Formosas alampadas	22
Castiçaes, tambem muito lindos	50
Outros de extraordinario tamanho	20
Calices (a maior parte dourados)	30
Galhêtas e competentes pratos	30
Gomis muito grandes e competentes bacias para servirem ao lavabo, nas missas solemnes	3
Cruzes grandes com hastes do mesmo metal—algumas douradas—e quasi todas de grande peso, além d'outras mais pequenas	10
Varas grandes do palio	14
Outras mais pequenas	8
Lanternas grandes	6
Cereaes com seus pedestaes	2
Cantaros grandes	2
Frontaes ricos	1
Custodias, primorosamente lavradas	5
Thuribulos	5
Navêtas	5
Caldeirinhas d'agua benta	3

Além d'isto, e ainda tudo de prata, havia mais—muitos vasos sagrados para o Viatico aos enfermos — outros para o lavatorio — oito missaes com pastas de velludo, guarnecidos de grossas laminas de prata — estantes, sacras, cruzes dos altares, reliquias de santos, corôas, diademas, insignias das santas imagens, campainhas e as peças de adorno dos 20 altares, *tudo de prata!* A capella do Santissimo tinha um frontal tambem de prata, de grande valia pela materia e pelo primor da arte: não sei se ainda existe.

—

1601 — Principia a construcção da egreja de Nossa Senhora de Monserrate, proxima á de S. Thiago e á raiz do monte de Santa Luzia.

—

1606 — 19 de junho — N'este dia falleceu em Lisboa o famosissimo doutor em Leis, Pedro Barbosa, e foi sepultado na egreja de S. Roque. tendo nascido em Caminha e rezidido em Vianna. Foi muitos annos lente de prima, na Universidade de Coimbra, desembargador do Paço, no reinado de D. Sebastião e do cardeal-rei, e chanceller-mór do reino. Philippe II o levou para Castella e o fez ministro do conselho de Portugal, n'aquella côrte. Compoz doutissimos e numerosos livros sobre direito civil e foi um dos mais insignes jurisconsultos do seu tempo, pelo que o cognominaram *Segundo Papiniano.*

—

1609 — No fim de 19 annos, n'este de 1609, se fez a trasladação dos restos mortaes de D. frei Bartholomeu dos Martyres para o mausuleu de marmore, onde jaz.

Por esta occasião concorreu a Vianna muita gente das provincias do norte e da Galliza; mais de 30:000 pessoas!

As festas foram taes, que nunca a villa presenceou outras tão pomposas nem antes nem depois. Veja-se a *Vida de D. Frei Bartholomeu dos Martyres*, por Frei Luiz de Souza.

—

1610 — 19 de julho — O rei D. Manuel tinha, por uma provisão datada de Valença do Minho em 19 de novembro de 1502, mandado expropriar um quintal no *arrabalde*, em frente de Ponte do Lima (!) o qual media 30 covados de largo e 23 *d'ancho*, terreno que se entremettia no chão dos estaleiros que ao tempo alli havia, pertencentes a Vianna. Tal era então a importancia d'esta villa e o movimento na construcção de navios. O mesmo D. Manuel concedeu para uso commum dos navios d'alto bordo, os rocios e praias, desde Gontim até Santa Catharina.

D. Philippe III, por carta regia do referido dia 19 de julho de 1610, confirmou as concessões do rei D. Manuel.

—

1612 — Funda-se o mosteiro de Santo Antonio dos Capuchos, da provincia da Conceição, á custa das esmolas do povo de Vianna.

—

1624 — Os viannenses soccorrem a Ba-

hia, atacada pelos inglezes. O auxilio que foi de Portugal era todo d'esta villa, que — honra lhe seja — á porfia se armou e offereceu para aquelle fim.

—

1631 — 5 de agosto (dia de Nossa Senhora das Neves) — O arcebispo de Braga, D. Rodrigo da Cunha, lança a primeira pedra no mosteiro de S. Theotonio (de cruzios, conegos regrantes de Santo Agostinho) em um sitio muito aprazivel, sobranceiro á cidade. Foi fundado pelo prior geral de Santa Cruz de Coimbra, D. Miguel de Santo Agostinho.

No mesmo dia, mas 500 annos antes (1131) se tinha principiado a fundação do sumptuoso mosteiro da mesma ordem, de Santa Cruz, em Coimbra.

Foi feita esta obra com as rendas de tres pequenos mosteiros, tambem cruzios, da provincia do Minho — S. Simão da Junqueira, Santa Maria de Mohia e S. Martinho do Crasto.

Vieram para aqui os frades em 1642.

—

1640 — 1.º de dezembro — Pelas 8 horas da manhã, 40 fidalgos e outros muitos individuos ajuramentados, decididos a libertar o reino do jugo oppressor dos usurpadores castelhanos, se dirigem aos paços reaes da Ribeira, onde residia a princeza Margarida, duqueza de Mantua, vice rainha regente em nome de Philippe IV, e ao signal combinado entre os conjurados (um tiro de pistola) atacaram inopinadamente a guarda castelhana, que desarmaram, e invadiram a sala dos tudescos e o forte, arrombando as portas interiores das casas do execrando Miguel de Vasconcellos, que atravessaram com uma bala, e o lançaram de uma janella ao Terreiro do Paço (hoje Praça do Commercio) onde o seu cadaver esteve todo aquelle dia e parte do seguinte, exposto aos desprezos, chufas e oprobrios da mais infima plebe.

Outros restauradores subiram aos quartos da regente, e na presença d'esta acclamaram D. João IV, duque de Bragança, como legitimo rei de Portugal. Ella tentou chegar a uma janella, para pedir soccorro ao povo, porém D. Carlos de Noronha a impediu, mandando-a recolher aos seus aposentos, para não dar logar a que se lhe perdesse o respeito. — «A mim? e como?» disse ella. — «Como, senhora?» respondeu D. Carlos; «obrigando V. A. a que, se não quizer entrar por aquella porta, saia por esta janella!....» A pobre mulher (que não era muito má) teve de ceder e assignar as ordens para a entrega do castello de S. Jorge e das outras fortalezas de Lisboa.

Este Miguel de Vasconcellos, secretario de estado de Philippe IV, tão castelhano e tão cruel perseguidor dos portuguezes como o mais cruel castelhano, era natural de Vianna do Minho. A sua casa estava em frente da matriz gothica, e tinha as janellas de columnas floreadas. É actualmente propriedade dos herdeiros de João Taveira Pimentel de Carvalho, commendador da ordem de Malta, e irmão de José Francisco Pimentel de Carvalho, feito 1.º visconde de Goiães em 26 de julho de 1850. Hoje (1883) é viscondessa de Goyães, feita em 10 de fevereiro de 1869, a sr.ª D. Maria Antonia Taveira de Sousa Lira e Menezes.

—

1640 — 20 de dezembro — Apenas em Vianna soou a noticia da gloriosa (e milagrosa!) revolução do 1.º de dezembro, todo o povo da villa e arrabaldes pegou em armas a avor da restauração.

O castello tinha uma numerosa guarnição hespanhola, commandada por D. Bernardino Golanco de Santilhana. Os viannenses lhe pozeram apertado cêrco, construindo um forte, para privar os sitiados de reforços ou auxilios por mar, e dois outros para os bombardearem por terra. Os castelhanos, vendo estes preparativos e a coragem dos portuguezes, pediram capitulação, que lhes foi concedida a 20 de dezembro, evacuando o castello no mesmo dia e recolhendo-se á Galliza.

—

1646 — outubro — Nos primeiros dias d'este mez saiu do Porto para Vianna uma caravella carregada de artilheria, destinada a guarnecer as praças da fronteira do Minho. Quando a caravella chegou ás alturas

de Fão e Espozende, dois corsarios francezes, de Dunquerque, lhe sahiram ao encontro e a tomaram, depois de brava resistencia dos portuguezes.

Apenas isto constou em Vianna, todos á porfia queriam ir vingar esta affronta ás armas portuguezas.

Em uma caravella portugueza e em um navio hamburguez se lançaram dois punhados de corajosos viannenses; e com tanta rapidez navegaram, que ainda poderam encontrar os francezes. Curto mas terrivel foi o combate, pondo os audaciosos viannenses em fuga os piratas, retomando-lhes a caravella, com toda a sua artilheria, e assim entraram victoriosos a barra de Vianna.

Ainda hoje, no archivo da camara d'esta cidade (*L.º dos Reg. da Camara de Vianna, de* 1641, folhas 220, verso) existem duas cartas de D. João IV (uma de 10 de outubro de 1646) elogiando este brilhante acto de bravura e patriotismo dos viannenses.

—

1652 — D. Diogo de Lima, 9.º visconde de Villa Nova da Cerveira, governador das armas na provincia de Entre o Douro e Minho, por ordem de D. João IV reedificou o castello de Vianna. Findaram as obras em 1654.

—

1670 — 23 de maio — Por alvará regio é creada uma *feira annual de cavallos e mais sorte de cavalgaduras, no dia de S. Thiago, no campo do mesmo santo, na villa de Vianna.*

—

1698 — Reinando D. Pedro II, se construiu a casa da camara e cadeia d'esta cidade. Duas lapides embutidas aos lados da porta principal dizem:

A do lado do poente:

ESTA OBRA SE FEZ
NO ANNO DE 1698, SE-
NDO SUPERENTEND-
ENTE DELLA

e a do lado do nascente:

O CORREGEDOR
D'ESTA COMARC
A O DOUTOR MANOEL
MEXIA GALVÃO

A differença unica é que por aquelle tempo a entrada para o senádo era feita pela parte do edificio que hoje está occupada com o oratorio, ficando assim o tribunal e a cadeia em estreita communicação, como era indispensavel, em razão da auctoridade que, pela nossa antiga organisação social, cabia aos juizes de fóra, presidentes perpetuos das assembléas municipaes. Hoje essa communicação está, como disse, occupada com o oratorio, dando entrada para o paço do conselho uma porta larga e apparatosa, aberta no frontão do edificio, onde, á época a que me tenho referido, estava uma alpendrada sustida por arcos ogivaes. Esta ultima innovação é obra das primeiras decadas d'este seculo.

O alvará regio de D. Pedro II é datado de 31 de maio de 1697, e foi passado a requerimento da camara, feito em 1696. O rei concedeu o levantamento de 3:750$000 réis do deposito dos sobejos das sizas. Deu esta quantia para expropriação de quatro moradas de casas, contiguas á cadeia velha, na importancia de 650$000 réis, e para demolição d'esta cadeia e construcção da nova.

Estas obras foram feitas por José Luiz Fiuza, que as entregou concluidas no fim do anno de 1700.

—

1714 — É reedificada a egreja da Misericordia.

—

1736 — setembro — É trasladado o cadaver do famoso D. Gonçalo Marinho para a sua nova sepultura do convento de S. Francisco do Monte, que havia fundado. Foi um bravo guerreiro no reinado de D. João I, distinguindo-se pela sua coragem no cêrco de Guimarães. Foi legado do Papa e fundador do dito mosteiro, e alli morreu com opinião de santo.

Na sua sepultura se gravou esta inscripção:

AQUI JAZEM OS OSSOS DO BEATO
E VENERAVEL FR. GONÇALO MARINHO,
VARÃO SANTO. EDIFICOU ESTE
CONVENTO, E OUTROS D'ESTA ORDEM.
FORÃO PARA AQUI TRASLADADOS
.... EM SETEMBRO DE 1736.

—

1752 a 1755 — No formoso e vasto *Campo da Agonia,* contiguo e ao norte do castello, se construiu a grande ermida octogona, de Nossa Senhora da Agonia, que deu o nome ao referido campo, no qual se faz uma das melhores feiras da provincia do Minho, que dura ordinariamente mais de 15 dias.

A festa da Senhora faz-se a 18, 19 e 20 de agosto, por occasião da referida feira.

Com as reparações que tem havido n'este templo, está desfigurada a sua fórma primitiva. É uma egreja de bonita e elegante architectura, clara e alegre, possuindo boas imagens e optimos quadros. Tem uma elevada torre, construida desde 1869 até 1871, onde foi assente um bom carrilhão.

D'esta torre se gosam largas e formosissimas vistas, e muito commodamente, subindo-se a uma varanda de pedra com grades de ferro, que circumda a dita torre na altura do pavimento, onde está o carrilhão.

Na capella môr se lêem as seguintes inscripções:

Do lado da Epistola:

SENDO JUIZ DA MESA DE DEVOÇÃO
NICOLAU JOÃO BARBOSA DA SILVA,
E ESCRIVÃO GONÇALO BARBOSA DE
ARAUJO LIMA, DESDE O ANNO
DE 1752, QUE TEVE PRINCIPIO,
ATÉ 1755, QUE SE BENZEU.

Do lado do Evangelho:

ESTA CAPELLA-MÓR, MANDOU
FAZER, POR SUA DEVOÇÃO
BENTO JOSE ALVES, NATURAL DESTA
VILLA, E ASSISTENTE EM LISBOA,
CONCORRENDO PARA TODO O
ORNATO DELLA E CORPO DA EGREJA.

—

1777 — 17 de outubro — Nasce em Vianna o tenente coronel Luiz do Rego Barreto, feito 1.º visconde de Geraz de Lima, em 27 de abril de 1835, e aqui falleceu, em 7 de julho de 1840.

Em 26 de agosto de 1868 foi feita condessa de Geraz do Lima Dona Julia Sophia Brandão da Fonseca Magalhães, e na mesma data, conde do mesmo titulo, Rodrigo Brandão da Fonseca Magalhães.

No bello palacio que foi do general Luiz do Rego (proximo ao Campo da Agonia) está hoje estabelecido o lyceu districtal.

—

1797 — 15 de março — Achando-se as costas de Portugal infestadas por piratas francezes, os negociantes de Vianna mandaram construir um vaso de guerra, completamente guarnecido, tripulado e artilhado, que offereceram ao principe regente (depois, D. João VI) para defeza da costa. O regente mandou que este navio se chamasse LEAL E INVICTA VIANNA.

Foi muito bem empregado o dinheiro, porque o *Leal e Invicta Vianna* prestou brilhantes serviços á patria, como um dos mais audazes navios da esquadra portugueza.

—

1799 — O tenente general David Calder manda construir os quarteis do castello.

Esta fortaleza soffreu muito desde 1846 a 1849, porém foi posteriormente reparada e hoje acha-se em bom estado. Junto aos quarteis estão o paiol da polvora, a capella, a casa d'armas, cisternas, carcere, armazens, a fonte e outros edificios.

Um terrapleno que se ergue do lado sul protege o fortim semi-circular que está no meio do porto. Este terrapleno tem ampla vista sobre o mar e a terra, e é occupado pelo serviço costeiro e semaphorico, e estação telegraphica. Uma longa *barra* de pedra defende o porto e o fortim da furia das ondas.

—

1805 — A barra de Vianna é dividida em tres canaes por varios rochedos denominados: *Barra Grande* ou do *Sul, Portas do Castellão* e *Portas.*

Apesar d'isto a entrada não é difficil para navios de pequeno lote.

A bocca do porto é apertada por um cabedéllo, que se estende do sul contra o norte [1] e que o tem obstruido bastante com areias. É porém guarnecido, de ambos os

[1] É notavel que TODOS os cabedéllos nas fozes dos nossos rios são do lado do sul! — Taes são os de Caminha, Vianna, Espozende, Villa do Conde, Porto, Aveiro, Figueira,

lados, por bons muros de cantaria, cuja construcção principiou ha mais de 160 annos. Esteve esta obra parada por muito tempo, até que continuou desde 1805 até 1807, tornando então a parar por causa da guerra da Peninsula. Recomeçaram as obras em 1815, mas não se concluiram. Só em 1857 continuaram e teem constantemente progredido, com grande utilidade da navegação.

Construiu-se um grande muro, que liga a terra firme com a *baliza* denominada *Bugio,* erguida sobre uns rochedos á entrada do porto.

Esta obra foi habilmente dirigida pelo distincto engenheiro hydraulico, o sr. Manoel Affonso Espergueira. As obras modernas custaram á nação, até ao fim de 1868, *cento e treze contos de réis*, approximadamente; mas a barra de Vianna melhorou muitissimo e promette um futuro lisongeiro ao commercio d'esta cidade.

Vae concluir-se a *caldeira* chamada *Dizima,* obra tambem de grande utilidade.

—

1807 — 6 de janeiro — Nasce na freguezia de Nossa Senhora de Monserrate José Avelino d'Almeida, professor regio na praça de Valença, onde falleceu. Publicou um optimo livro, em tres volumes, que intitulou: *Diccionario abreviado de chorographia, topographia e archeologia, das cidades, villas e aldeias de Portugal.* — Valença, typographia do sr. Verissimo de Moraes (proprietario do jornal *O Noticioso*) 1866.

É obra de grande merecimento, da qual muito tenho aproveitado para este meu diccionario. Custa-me a comprehender como nos confins septentrionaes d'este reino, sem uma bibliotheca onde podesse consultar os livros precisos, e tendo (como me dizem) apenas uma pequena e insignificante livraria, podesse concluir uma obra que, apesar de bastante deficiente (por isso que é *abreviada*) e attentas as circumstancias do benemerito auctor, é um livro que merece o bom credito de que sempre tem gosado e gosará.

—

1807 — 27 de novembro — A familia real portugueza embarca em Lisboa, e a 29 se fez de vela toda a esquadra para o Brazil, abandonando os portuguezes ao furor, insultos, crueldades e rapinas do fero Junot e seus soldados.

Foi n'esta tristissima conjunctura que o desembargador Gonçalo de Barros Lima, natural de Vianna, auxiliou com os seus navios (com os quaes commerciava em atanagens entre o nosso paiz e os portos de Hamburgo, Riga e Brazil) a fuga do principe regente e do seu sequito, e soccorreu o governo com emprestimos avultados, que *nunca lhe pagaram!...*

Pouco depois o mesmo desembargador pôde conseguir salvar a sua patria ao saque das hordas francezas.

Quando estes salteadores arregimentados fugiram, a gentalha de Vianna assaltou a casa do benemerito Barros Lima e destruiu o seu magnifico jardim, sob pretexto de que aquelle illustre viannense era jacobino!!!

Em Portugal é este muitas vezes o premio das acções patrioticas!...

—

1813 — 13 de novembro — Decreto do governo portuguez, concedendo ao antigo regimento de infanteria n.º 9, bandeiras de distincção, pela sua inimitavel bravura e rigorosa disciplina na BATALHA DE VICTORIA, em 21 de junho do mesmo anno de 1813.

—

1815 — 29 de janeiro — São benzidas na egreja matriz de Vianna, as bandeiras mencionadas no periodo antecedente, e no mesmo acto o regimento 9 presta juramento de fidelidade ás suas novas bandeiras. Por essa occasião o doutor José de Castello Branco, auditor da 8.ª brigada de infanteria, fez a este regimento um discurso patriotico e brilhantissimo.

O regimento tinha regressado em triumpho á sua praça de Vianna em 1814.

—

1819 — D. João VI manda construir a

Lisboa, Setubal, Villa Nova de Portimão, etc.

Não poude ainda saber a causa d'isto!...

Porque não haverá em Portugal nenhum cabedêllo do lado do Norte? Digam-n'o os geologos.

ponte de madeira que atravessava o Lima em frente de Vianna, e que o rio principiou e os engenheiros acabaram de demolir. Era uma pessima construcção, que deu logar a bastantes sinistros.

Em uma das columnas tinha a seguinte inscripção:

JOANNES VI, AUG. P. F. P. P.
UT FLUMINIS PERICULA NAVIGATIONIS
VITARENTUR, ET FACILIOR COMEATIBUS
PATERET VIA PONTEM LIGNEUM
CONSTRUI JUSSIT A. MDCCCXIX.

—

AUSPICE ANTONIO FERDINANDO
ARAUJO AZEVEDIQ, OPERIBUS PUBLICIS
IN PROVINCIA, INTER AMNEM
PERFECTO, ET CURANTE CAIETANO
JOSEPHO SEQUEIRA TEDIM JUDICE
OPPIDI FORANEO

Valia mais a inscripção do que a ponte!

—

1821 — 3 de julho — Desembarca em Lisboa D. João VI com a familia real, menos o principe D. Pedro, que ficou no Rio de Janeiro *como logar-tenente d'el-rei, no governo provisorio do reino do Brazil.*

N'este mesmo dia, mez e anno, foi creado 1.º marquez de Vianna (era PRIMEIRO conde do mesmo titulo, desde 13 de maio de 1810) [1] Dom João Manuel de Menezes, par do reino, em 1826; gentil homem da camara da rainha D. Maria I; grão cruz da Torre-Espada; commendador da de S. Bento d'Aviz; conselheiro do real conselho da marinha, e major-general da armada real.

Serviu com distincção em 1806, na esquadra do Estreito, do commando do chefe de divisão Luiz da Motta Feo. Foi commandante da fragata *Urania*, a unica embarcação que na viagem para o Brazil, em 1807, nunca desamparou a náu *Principe Real*, em que iam D. Maria I, seu filho e netos. Achou se na expedição do Rio da Prata, em 1817, como chefe da flotilha que obrava de accordo com o general Lecór. Na volta do rei para Portugal (sahiu do Rio de Janeiro a 26 de abril de 1821) foi almirante da frota que o conduziu a este reino.

Era o 1.º marquez de Vianna 3.º filho dos 3.ºs marquezes de Tancos.

Nasceu a 27 de abril de 1783, e falleceu a 20 de abril de 1831.

Casou a 7 de fevereiro de 1809 com D. Anna de Castello Branco, 2.ª filha dos 1.ºs marquezes de Bellas, nascida a 9 de setembro de 1789 e fallecida a 13 de abril de 1855.

Foi SEGUNDO conde e 2.º marquez de Vianna D. João Manoel de Menezes (filho do antecedente) commendador da ordem de Christo e 2.º tenente da armada real. Nasceu na capital do Brazil a 25 de janeiro de 1810. Casou em 27 de janeiro de 1827 com D. Maria do Carmo da Cunha Quintella, 1.ª filha dos 4.ºs condes da Cunha, nascida a 29 de outubro de 1814.

Tiveram duas filhas:

1.ª — *Dona Anna*, herdeira presumptiva, que nasceu a 2 de agosto de 1829.

2.ª — *Dona Maria Gertrudes*, que nasceu a 2 de dezembro de 1830 e falleceu a 16 de maio de 1852.

—

Eis aqui o que, relativamente aos condes e marquezes d'esta Vianna, diz a referida *Resenha das familias titulares.*

Não sei se ainda restarão algumas duvidas sobre os condes das duas Viannas portuguezas.

O que é certo é o seguinte:

Os marquezes de Vianna tinham um sumptuoso palacio no largo do Rato, em Lisboa, que foi vendido em praça publica no dia 20 de fevereiro de 1876. Foi comprado (adjudicado) pelo sr. Luiz Coutinho d'Albergaria Freire (feito visconde de Monforte em 2 de março de 1853) por 50:100$000 réis. Nos dias seguintes continuou o leilão das magnificas mobilias que ornavam este palacio principesco, sendo alguns objectos de grande valia, tanto pela materia como pela parte artistica. Vendeu-se tudo ou quasi tudo por preços muito inferiores ao seu valor. Apesar d'isso, o leilão de joias, ouro e prata produziu mais de 40 contos de réis. Um

---

[1] *Resenha das familias titulares do reino de Portugal*, por João Carlos Feo e Manuel de Castro Pereira de Mesquita. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1838.

pente foi arrematado por 1:280$000 réis; uma fita com brilhantes por 6:280$000 réis; uns pingentes por 4:000$000 réis; um bulle de prata por 374$000 réis; duas terrinas de prata por 1:383$400 réis; uns brincos por 1:230$000 réis; uma medalha por 800$000 réis; um *plateau* por 508$500 (113 libras); um centro de mesa por 164$250 réis.

—

1846 — 7 de agosto — Um pescador de Vianna, andando no mar a 3 leguas da costa, sentiu um enorme peso na sua rede. Cheio de jubilo entra pela barra com a sua rede carregadissima. Era um cetaceo que, tendo engolido uma grande parte da rede, que continha enorme quantidade de pescada e outros peixes, morreu suffocado. Foi preciso o auxilio de muitas juntas de bois para arrastarem para terra este monstro marinho. Tinha 40 palmos de comprido e 12 de circumferencia. A sua bocca immensa era guarnecida por OITO ORDENS DE DENTES, collocados symetricamente. Os intestinos deram 11 almudes de azeite e pesavam 41 arrobas, a pelle perto de 50, e o seu todo calculou-se em 260 arrobas!

Um naturalista classificou-o no genero *squalus*, e suppoz ser uma especie de *squalús maximus*. Outro disse que era um pequeno *cachalote* (da mesma familia dos 10 que em 21 de julho de 1877 o mar arrojou á costa entre a Torreira e o Furadouro). — Para evitarmos repetições, os que desejarem saber o que são estes mamiferos do mar vejam n'este diccionario o 9.º volume, pag. 618; porque, segundo a descripção que me fez um individuo que viu este peixe e os da Torreira, vinham todos a ser da mesma especie.

Um sujeito *humoristico*, que viu o tal peixe de Vianna, classificou-o de outra maneira — disse que aquella *avantesma* não era mais nem mênos do que o *chefe do partido devorista*, que n'esse tempo *dominava a situação*. Talvez fosse!

—

1846-1847.—São tantos e tão variados os modos de contar a historia dos cêrcos de Vianna, durante a guerra civil d'estes dous annos, que o escriptor imparcial não sabe a quem ha de dar credito, porque cada um conta o caso segundo o partido politico que segue.

No meio d'esta barafunda escolhi d'entre todos os escriptores do facto, unicamente os meus dois respeitaveis amigos, os srs. Doutor Pedro Augusto Ferreira (tantas vezes citado com louvor e gratidão n'esta obra) resumindo d'este esclarecido escriptor o contheudo em tres folhetins, que publicou no *Commercio Portuguez* — e o sr. Doutor Luiz de Figueiredo da Guerra, que tanto tem concorrido para que o artigo de Vianna — sua patria — seja o mais completo possivel, sem exceder os limites proprios de um diccionario, porque para se escrever a historia completa de Vianna, hoje chamada *do Castello*, seria precizo um livro mais volumoso do que qualquer dos d'esta obra.

Principiarei pelo que diz o sr. Abbade de Miragaya, reduzindo tudo aos mais estreitos limites que me fôr possivel:

—

«Quando em maio de 1846 a provincia do Minho se revoltou contra o governo dos Cabraes, á voz das mulheres da Povoa de Lanhoso, commandadas pela famosa *Maria da Fonte*, que deu o seu nome á guerra civil *da Patuleia*, [1] a villa de Vianna do Lima tambem se *pronunciou* pela causa do povo.

«Estava então aqui, um destacamento de infanteria n.º 3, commandado pelo tenente

---

[1] Muita gente, entendendo na sua consciencia que eu tenho obrigação de saber tudo, me tem escripto, perguntando quem era a *Maria da Fonte*, onde nasceu, onde residia, etc., etc., e eu sabia tanto como elles; porque lhe tinha ouvido dár differentes patrias, e varias edades e filiações.

Depois de ter escripto e publicado os artigos de *S. Thiago de Oliveira* e *Santa Maria de Verim*, freguezias do concelho da Povoa de Lanhoso, li no curiosissimo jornal da praça de Valença, *O Noticioso*, que a tal *Maria da Fonte* se chamava *Anna Maria Esteves*. Nasceu na dita freguezia de Oliveira a 12 de março de 1827 — casou com Antonio Joaquim Lopes, natural da freguezia de Verim (a referida) e alli residente, onde falleceu, com 47 annos, 8 mezes e 4 dias de edade, na noite de 7 para 8 de dezembro de 1874. — S. T. T. L.!

Jacintho Mendes de Oliveira, official brioso e destemido, que, não querendo annuir ao *movimento*, se recolheu ao castello com os seus soldados e com os veteranos.

«Os populares augmentavam de numero diariamente e assaltaram o castello, fazendo sobre elle um fogo continuado. O castello tinha algumas velhas bôcas de fogo, mas faltavam-lhe artilheiros: mesmo assim sustentava-se sem grande difficuldade. Infelizmente porém, estando o valente Pinotes na muralha, uma bala dos populares (outros dizem que dos seus mesmos soldados! . . .) varando-lhe a cabeça, o matou instantaneamente.

«Este facto cobriu de desanimo a pequena guarnição, o que, sendo sabido fóra deu coragem estranha aos populares, que no dia seguinte investiram como loucos contra o castello, tomando-o quasi sem resistencia; e, ebrios com a victoria, sem disciplina e dominados pela exaltação do momento, saquearam e desmantelaram tudo, e a fogo e ferro frio mataram e trucidaram parte da indefeza guarnição; e trucidal-a-hiam toda se não acudisse a irmandade da Misericordia incorporada com o seu capellão e a sua bandeira, intercedendo pelos pobres que restavam com vida, o que enfreou a populaça, sedenta de sangue (outubro de 1846, dia 23.)

«Ficou em seguida o castello abandonado, e guarneciam n'o apenas os veteranos, alli aquartelados, quando em principios de janeiro de 1847 chegou a Vianna com a sua divisão o Casal, vindo de Valença; poucos dias porém ahi se demorou. Constando-lhe que o general conde das Antas sahira do Porto com uma divisão para o norte, o Casal marchou, como em observação, ao longo da margem direita do Lima, deixando no castello uma guarnição formada por contingentes de diversos corpos do seu commando, e nomeou governador o capitão Malheiros, pertencente á nobre familia Malheiros, de Ponte do Lima.

«No dia 15 de fevereiro de 1847 entrou em Vianna o conde das Antas, formou a sua divisão no *Campo do Forno* (hoje de *D. Maria II*) em frente da casa da camara, e, sabendo que no castello estava uma guarnição cartista, escreveu ali mesmo, no sotão d'um barbeiro, uma mensagem que immediatamente enviou ao governador, convidando-o a unir-se-lhe, e a entregar-lhe o castello.

«O governador não annuiu, e poz se logo na defensiva, fazendo fogo sobre a povoação; o Antas não investiu com o castello, mesmo porque não levava artilheria; e sem demora (no dia 17) deixou Vianna e marchou para o sul, por constar que o duque de Saldanha partira com uma divisão sobre o Porto.

«O Casal, que vimos internar-se na margem direita do Lima, foi á Ponte da Barca e Valença, e, pouco depois de Antas se retirar, regressou a Vianna. Pediu-lhe logo o capitão Malheiros exoneração do governo do castello; o Casal não sabia o que resolvesse, quando se lhe apresentou o capitão d'artilheria 3, Francisco Maria Melquiades da Cruz Sobral [1] ido do Porto, onde ficou sob palavra quando se organisou a Junta, e que, desejando prestar serviços á causa da Rainha, se determinou a sair do Porto com varias praças de artilheria 3 (approximadamente 60) dirigindo-se a Vianna.

«A Junta (1846) sabendo que elle era partidario exaltado da politica opposta, collocou-o na 3.ª secção, mas sob fiança lhe permittiu o continuar a residir no Porto, onde estava o seu regimento (artilheria 3).

«O Casal immediatamente lhe deu o governo do castello, e com elle ficaram alli de guarnição, alem dos artilheiros que o acompanharam, 20 praças de infanteria 3, 20 de infanteria 13, 20 de infanteria 15, alguns caçadores do batalhão n.º 3 e approximadamente 50 veteranos, além das praças doentes que não poderam marchar com a divisão.

«Com estes contingentes ficaram os officiaes seguintes: de infanteria 3 os alferes Nunes, Carmo e Andrade, o tenente Fonseca, o capitão Cunha commandando os veteranos, e o cirurgião-mór Monteiro; de infanteria 13 o alferes Pimentel; de infanteria 15 o alferes Joaquim Thomaz; de caçadores 1 o tenente Valle; da 3.ª secção do exercito o capitão Meira, e por ajudante do cas-

---

[1] É hoje general de divisão reformado.

tello Custodio José de Castro, alferes de veteranos.

«Alli se demorou o Casal, até que, constando lhe que o Antas marchava sobre Vianna com uma grande divisão, mandando uma brigada pelo Norte e outra pelo sul do Lima para o envolver, o Casal deixou immediatamente Vianna e marchou para o nascente até ás proximidades do castello de Lindoso; d'alli, encostando-se á raia, seguiu até ás alturas de Chaves, e atravessando a provincia de Traz-os-Montes por Villa Real, passou o Douro na Regoa, e seguiu para Lamego, Arouca e Oliveira d'Azemeis, onde fez juncção com o Saldanha.

«O Antas não chegou a Vianna, mas mandou o barão d'Almargem bater e sitiar o castello com artilheria, ida do Porto, cerca de 2:000 baionetas, 25 cavallos e 30 artilheiros.

«Entrou o general barão d'Almargem ás nove e meia horas da noute do dia 14 de março em Vianna, e logo teve mortos e feridos.

«Sabendo o governador do castello que o inimigo se approximava, mandou de dia assestar dois morteiros, tomando por alvo o Campo do Forno, certo de que por ser um dos pontos mais centraes de Vianna, alli havia de cruzar a força. E não se enganou, pois logo que lhe disseram que o Almargem tinha entrado na villa, fez disparar os morteiros, e cahindo as granadas no dito campo, mataram e feriram algumas bagageiras e soldados que ao tempo ali se achavam.

«Sem demora os sitiantes tomaram posição; montaram duas baterias no monte de Santa Luzia, proximidades do convento das Ursulinas, ao norte de Vianna, a cavalleiro do castello, outra no Cabedello, ao sul, e outra a noroeste, junto a um forno de cal; ergueram muros, abriram vallados e estabeleceram linhas cerradas entre Vianna e o castello, cortando-lhe completamente as communicações com o exterior; e pelas onze horas e meia do dia 17 principiou o bombardeamento na bateria que montaram junto ás Ursulinas.

«Pela sua parte o governador do castello não descurava os multiplices deveres que o seu cargo lhe impunha, e durante o prolongado sitio se houve como um dos mais valentes, mais energicos, mais illustrados e mais briosos cabos de guerra, sendo para lamentar que por ultimo, na occasião mais critica, *para salvar-se a si, abandonasse como abandonou a guarnição!...*

«Depois de proclamar enthusiasticamente aos seus soldados, distribuiu convenientemente a artilheria do castello, construiram-se espaldões e travessos onde eram necessarios, tornou-se o fosso aquatico, aproveitando uma nascente que ha n'elle, conseguindo ao mesmo tempo um grande deposito d'agua potavel para abastecimento da guarnição, quando os sitiantes cortassem o encanamento da agua que vae para o castello. Os muros mais baixos foram guarnecidos de duplas paliçadas; reformaram-se os parapeitos que não cobriam os soldados, empregando cofragem de madeira, e pozeram-se as abobadas á prova de bomba por meio de palha, terra e estrume. As grandes reservas foram divididas em pequenos depositos, inutilisou-se tudo o que podia occasionar incendios, construiu-se um forte entrincheiramento reforçado com tres ordens de estacaria, pela parte de dentro da porta principal, regulou-se convenientemente o serviço da guarnição, e para maior estimulo denominou o governador o 1.º baluarte á direita da porta do castello, *bateria de D. Maria II*; o 2.º á esquerda *bateria de D. Fernando*; o 3.º *bateria do duque de Saldanha;* o 4.º *bateria do Principe Real;* e o 5.º *bateria de D. Pedro IV.*

«Os seus respectivos commandantes rivalisavam em vigilancia, ordem e aceio, e toda a guarnição até ao final desenlace mostrou-se superior a todo o elogio pela sua pontualidade no serviço, pela sua coragem e intrepidez e pela submissão aos seus commandantes, não havendo a registrar durante o longo e doloroso assedio um unico acto de indisciplina!...

«Os meios offensivos dos sitiantes augmentavam sempre. Só as baterias a cavalleiro do castello, servidas por dous morteiros, um obuz e tres caronadas, metteram dentro da praça no dia 4 de abril nada menos de cem projectis!...

«Todos os quarteis, casas e outras officinas do castello, tudo voou pelos ares, e em breve o campo interior parecia cavado para sementeira; tal era a intensidade e acção das bombas e granadas que choviam noite e dia sobre elle!...

«Um inimigo, porém, mais terrivel do que todo aquelle graniso de bombas e balas principiou a accommetter a briosa guarnição: a falta de viveres; porque o conde do Casal» quando se afastou de Vianna, prometteu regressar sem demora, e n'essa supposição deixou no castello viveres apenas para 20 ou 30 dias, em quanto que o assedio durou cerca de dois mezes!...[1]

«Imagine-se a fome e privações que a guarnição supportou!!...

«No dia 31 de março appareceu ao norte um vaso de guerra portuguez que seguido de mais dois fez raiar no coração dos defensores do castello as melhores esperanças. Correram todos ás muralhas com grande alvoroço e uma só voz se ouvia:

«Lá vem a nossa esquadra! agora sim... vamos a elles!»

«O brigue que vinha na frente fez um tiro de intelligencia que foi correspondido pelo castello, e logo o mais vivo combate se travou com as baterias do Cabedêlo e Forno da Cal, inimigas. A guarnição do castello, cheia de enthusiasmo, já se dispunha a chegar ás mãos com os sitiantes, mas o resto da esquadra não se moveu nem deu um tiro. Conservou-se de braços cruzados e quando bem lhe pareceu navegou para o sul!...

«O governador e officiaes ficaram espumando de raiva, sem poderem explicar semelhante facto que cobriu de desalento a guarnição, em quanto que os sitiantes cobraram novo animo; pois quando viram approximar-se a esquadra se prepararam para levantar o cerco, persuadidos de que o desembarque era combinado com as forças da rainha que se achavam em Valença.

«Tudo phantasmagoria!...

«Pouco depois cruzou tambem para o sul uma fragata de guerra que nem ao menos fez um tiro de signal!

«Vendo o governador que o cerco se prolongava e que por mais que instava por soccorro e munições de bôca, nada, absolutamente nada, recebia, reduziu o rancho a metade e depois a um quarto; e nos ultimos dias sustentou-se toda a guarnição quasi exclusivamente com *farellos e hervas* das muralhas e dos fossos — *soldados, officiaes e o proprio governador*, pois que por ordem d'este todos comiam do mesmo caldeiro; os soldados nas suas marmitas e — governador e officiaes em pequenas escudellas de pau, expressamente feitas e bem mal acabadas.

«Não cessava, porém, o governador de instar por soccorro e abastecimento, dirigindo-se ao consul inglez em Vianna, João Roberto, com quem estava d'accordo, e por intermedio d'este ao director do circulo; mas, como o castello ao sul e a oeste é cercado pelo mar, os sitiantes cerraram as suas linhas ao norte e nascente por fórma tal, que era difficilimo para os sitiados o corresponderem-se com o consul.

«Sendo já grande a anciedade do governador por noticias de fóra, offereceu-se-lhe o alferes Andrade para ir procurar o consul, e, alta noite, suspenso por uma corda, desceu da Roqueta, que é o forte que deita para a barra, no angulo sudoeste do castello, e lá foi com imminente risco de vida, por vezes *de gatinhas*, collado com o chão, mas com tanta felicidade que passou as linhas dos sitiantes e chegou a casa do consul sem ser apanhado. Entregou a correspondencia, e na noite seguinte pôde pela mesma fórma atravessar as linhas dos sitiantes e entrar no castello com a volumosa correspondencia que estava detida no consulado britannico.

«Passado outro periodo de anciedade sem communicações exteriores, alguem disse ao governador que mandasse a casa do consul um soldado da guarnição, afiançando-lhe que era homem intrepido de toda a confiança, e o mais apto para aquella missão, por ser natural de Vianna e conhecer por consequencia o terreno perfeitamente. Era o n.º 35 da 2.ª companhia de infanteria 3. Cha-

[1] De 14 de março até ao dia 6 de maio.

mou-o o governador; acceitou de boa vontade a incumbencia, e, guindado tambem, desceu pela Roqueta uma noite com officios importantes; marchou, e em breve se perdeu de vista; mas, em vez de cumprir como promettera, foi apresentar-se aos sitiantes, e não só lhes entregou os officios, mas revelou-lhes tudo o que se passava no castello! ..

«Mudou logo o inimigo a direcção dos seus fogos, escolhendo os pontos e as horas mais prejudiciaes á guarnição; redobrou de vigilancia e cerrou as linhas a ponto que não foi possivel transpol as outra vez.

«Como se tornasse extremamente critica a posição dos sitiados, offereceu se de novo ao governador o intrepido alferes Andrade para ir buscar a correspondencia que devia estar em casa do consul inglez, e entregar-lhe a do governador. E ainda d'esta vez a fortuna coroou tão difficil como arriscada empreza.

«Uma noite desceu tambem péla Roqueta e collado com a areia pôde lançar mão d'um barco de pesca que estava na praia, junto das linhas inimigas, e com elle atravessou o rio, atracou a um barco inglez (a escuna *Flora*) que se achava fundeado no Cabedêlo esperando licença para seguir com um carregamento de milho para Glasgow. Dirigindo-se ao capitão, que já conhecia, este no dia seguinte levou ao consul os officios do governador e lhe trouxe a correspondencia que se achava retida no consulado; na noite immediata o alferes Andrade atravessou outra vez o Lima no mesmo barco, e sem ser apercebido entrou no castello e entregou a correspondencia ao governador, pelo que este em uma ordem do dia muito o elogiou, e com razão.

«Vendo os sitiantes o barco solto, concluiram que alguem do castello se utilisára d'elle, e desde essa data removeram para longe os barcos todos; mas, passados dias, vendo o alferes Andrade que o *Flora* se dispunha a suspender ferro e seguir viagem, concebeu o projecto de sahir n'elle, e ir pessoalmente entregar officios do governador ao Duque de Saldanha ou ao barão de Sanhoane, commandante da 4.ª divisão militar, ao tempo ainda senhor da praça de Valença, ou ao consul geral de Portugal, em Vigo. E ainda d'esta vez o benemerito e audacioso alferes foi feliz, e mais feliz do que elle proprio esperava.

«Elle e um coronheiro do 9 de infanteria fizeram com fragmentos de taboas uma amassadeira de seis palmos de comprimento, quatro de largura e tres de borda, calafetaram-na com farrapos, brearam os farrapos com cotos de velas de cebo, e, sabendo que o *Flora* devia partir no dia 15 d'abril [1], na noite do dia 14, depois de receber do governador varios officios e instrucções oraes, desceu da Roqueta com a amassadeira, lançou-a á agua, metteu-se dentro d'ella, fez uma pequena evolução d'experiencia, e, posto que não sabia nadar, seguiu com fé rio acima, collado á margem norte e ao muro do caes até ficar *vis-à-vis* do *Flora*, que estava ancorado na margem sul, encostado ao paredão do Cabedêlo, a poucos metros de distancia do forte dos sitiantes; notando, porém, que a maré subia e que se tentasse atravessar em linha recta o Lima com tão esdruxulo barco, seria levado pela corrente para além das linhas inimigas, seguiu para oeste em direcção á barra até ao Bugio.

«D'alli se fez ao largo; descahindo, ganhou a outra margem e se approximou do *Flora*, sem ser apercebido dos sitiantes, porque a noite estava escura e fria, e um pequeno aguaceiro, tocado por vento nor-

1 Em 1846–1847 houve falta de cereaes na Inglaterra, e por isso differentes barcos d'aquella nação vieram comprar milho a Portugal. O *Flora* foi um dos que se dirigiram a Vianna, e já alli se achava antes do assedio. Com os transtornos da ordem publica tornou-se morosa a sahida, e por ultimo o governador fechou a barra; mas a instancias do ministro inglez, em Lisboa, o governo auctorisou a sahida do *Flora*; e quando no dia 13 de abril de 1847 um emissario do Almargem (era o commandante da artilheria de sitio, José Victorino Damazio) e o capitão do *Flora* foram ao castello mostrar a licença ao governador, o alferes Andrade, que muito calculadamente o acompanhou, pôde saber do capitão que tencionava partir no dia 15.

deste, tinha feito recolher á guarita a sentinella que costumava passear no alto do paredão do Cabedêlo. Além d'isso, a microscopica embarcação com os seus dois pequeninos remos, muito subtilmente agitados, não fazia ruido algum.

«O que parece impossivel, e que nós não acreditáramos, se não tivessemos dados de sobra para nos convencermos do facto, é que houvesse um homem tão temerario que, sem saber nadar, e sem outro estimulo além do desejo de ser util aos seus camaradas, tentasse em similhantes condições transpôr a foz do Lima, mesmo na bocca da barra!...

«Fez o nosso heroe, com a maior felicidade, a travessia para o Cabedêlo. Estavam, porém, junto do *Flora* outros barcos, e quando tractava de vêr se o distinguia, e procurava com a vista uma figura de mulher que elle tinha na prôa, a fragil amassadeira bateu em uma corrente e logo se afundiu, mas rapidamente o corajoso alferes se abraçou ao ferro, aliás seria victima, pois não sabia nadar.

«A amassadeira lá foi ao som da agua, e elle subiu pela corrente e ganhou a prôa do barco, que, por fortuna, era o *Flora*, não perdendo no naufragio a correspondencia porque a levava no seio. Atravessou com passo de ladrão o convez, para não ser apercebido da marinhagem; desceu á camara do capitão, que acordou e o recebeu bem, e lhe deu roupa enxuta, carne cosida, bolacha e cognac, cuidando o bom do alferes de devorar tudo, porque, além dos trabalhos que acabava de passar, ia extenuado com fome.

«Disse ao capitão que queria seguir com elle barra fóra até fugir ás vistas dos sitiantes e poder desembarcar em qualquer ponto da nossa costa ou da Galliza. O capitão concordou; mas indo no dia seguinte a Vianna dispôr a saída, voltou afflicto, dizendo ao alferes que encontrára na villa, em procissão, a amassadeira, levada pela corrente fóra e apanhada logo de manhã junto da ponte, e que os sitiantes, convencidos (não se enganavam) de que alguem fugira n'ella do castello para bordo do *Flora*, deram ordem para este não sair sem lhe passarem busca.

«O alferes, desesperado com tal noticia, chamou o secretario do consul inglez, que acompanhou o capitão e lhe disse:

«— Peço-lhe que diga ao sr. consul, que lhe incumbe fazer respeitar a bandeira ingleza; que se opponha formalmente a que eu seja capturado aqui, certo de que, apenas eu veja forças inimigas a bordo, subirei ao convez e bradarei com toda a força dos meus pulmões á guarnição do castello, que faça fogo sobre mim e sobre os que pretendam levar-me preso, até sermos todos despedaçados pela artilheria ou sepultados nas ondas. Que hei-de morrer aqui, vendendo a vida cara, e não em terra, ás mãos dos rebeldes. E póde estar certo d'isto, porque, se no castello ha falta de viveres, ha ainda abundancia de polvora e balas!—

«Seguiram outra vez para terra o secretario do consul e o capitão, e quando este regressou já ia mais animado.

«Os sitiantes vendo a opposição formal do consul inglez, desistiram da busca ordenada e no dia seguinte o *Flora* suspendeu ferro e navegou livremente para o norte; mas nas alturas de Ancora tomou para o sul, entrou a barra de Lisboa ás oito horas da manhã do dia 17, fundeou no Tejo, e logo o alferes desembarcou e foi entregar ao ministro da guerra a correspondencia.

«E ia elle galantemente vestido, com calças pretas, uma vestia de pelles e chapéo á maruja (sueste), breado e com aba descida sobre as costas, dado pelo capitão do *Flora*, por haver perdido o seu no naufragio da amassadeira.

«O ministro recebeu-o com *boas palavras*, e *com boas palavras* lhe disse que se apresentasse sem demora a SS. MM. Observou-lhe o alferes que não se atrevia a ir assim vestido ao paço, e que não podéra levar comsigo o uniforme...

«Accrescentou ainda, *com boas palavras*, o ministro — que fosse mesmo assim, para que SS. MM. vissem quanto estavam soffrendo os seus vassallos.

«E logo o alferes seguiu para o palacio das Necessidades, em companhia do falleci-

do Salvador de Oliveira Pinto da França, ajudante de ordens do general commandante da primeira divisão militar, visconde da Fonte Nova.

«Os archeiros ficaram estupefactos mirando e remirando a exotica *toilette* do intruso, mas deixaram-no passar, por ir com o ajudante Pinto da França, que seguiu para o interior do paço, deixando o alferes em uma das salas, na qual d'ahi a pouco entrou o allemão Dietz, professor dos principes, trazendo á direita o sr. D. Pedro (chorado rei D. Pedro V) e á esquerda o infante D. Luiz, (hoje el-rei, o sr. D. Luiz I), aos quaes o alferes beijou a mão. Disse-lhe o mestre dos principes:

«— SS. MM. estão acabando de almoçar; queira demorar-se um pouco.

«O sr. D. Luiz, com a curiosidade propria da sua tenra edade, vendo tão estranho hospede, perguntou-lhe:

«— Vós quem sois?

«— Um official do exercito de S. M. a rainha, lhe respondeu o alferes.

«— E de que regimento? accrescentou o sr. D. Pedro.

«— Do 3 de infanteria.

«Não se mostraram bem convencidos, mas não proseguiram com o dialogo. E logo o alferes foi introduzido na sala onde estava el-rei o sr. D. Fernando e a rainha, a sr.ª D Maria II. Pediram-lhes contasse o que se passava no castello; e quando o alferes pintou a fome com que luctava a guarnição, observou lhe a sr.ª D. Maria II:

«— Então esses soldados já não podem fazer serviço...

«— Effectivamente, accrescentou o alferes, estão muito extenuados de forças, e, exceptuando alguns mais robustos e vigorosos, já com difficuldade se movem!...

«As lagrimas borbulharam nos olhos da rainha, que logo se retirou; e o sr. D. Fernando promettendo providenciar convenientemente, despediu tambem, *com boas palavras*, o alferes que ficou em Lisboa servindo de alvo a todos com a sua engraçada *toilette*, sem uma camisa para mudar a que levava vestida, nem um ceitil para comer, vendo-se obrigado a acceitar o pão de amigos seus! Tão generosos foram para com elle, tanto os ministros como SS. MM.

«Passados oito dias, o ministro chamou-o e lhe disse:

«— Em virtude dos desgostos que se deram no castello de S. Jorge (referia-se á *revolução dos carrascos*) foi demittido o ajudante de ordens do governador, e vae o sr. alferes substituil-o. Queira apresentar-se immediatamente ao governador.

«— Mas não posso ir assim vestido... disse o alferes; o meu uniforme está em Vianna, e não tenho meios para comprar outro.

«— Então ainda lhe não deram dinheiro algum? accrescentou *como admirado* o bom do ministro.

«— Desde que cheguei a Lisboa nem sequer me perguntaram ainda se tinha que comer!...

«— Quantos mezes se lhe devem?

«— Cêrca de quatro.

«— Pois bem, accrescentou o ministro, tocando uma campainha; vae receber dois. O que equivalia a pouco mais do que um, taes eram os rebatimentos da epocha e o agio das notas.

«Estava presente o distinctissimo official, então commandante da guarda municipal, D. Carlos Mascarenhas, que, indignado com similhante miseria, chamou o alferes para um gabinete contiguo e lhe deu uma carta para o celebre alfaiate *Barão das Agulhas*, que tinha sempre bom sortimento de uniformes militares, e logo poz o seu deposito á disposição do alferes. Alli mesmo se uniformisou, voltando em seguida para o ministerio da guerra, onde ainda se achava D. Carlos Mascarenhas que, vendo-o sem banda, *lhe deu a sua* e uma espada de cavallaria. Assim uniformisado, e com a ordem para receber os magros cobres, marchou o alferes para o castello de S. Jorge, onde ficou como ajudante de ordens do governador.

«O governo entretanto fez sair um vapor [1]

---

[1] *Duque de Cornwals*, vapor mercante inglez ao serviço da nossa Rainha, a senhora D. Maria II.

com munições e viveres para Vianna, e encarregou de acompanhal-o o conselheiro Anthero Albano da Silveira Pinto, que ao tempo se achava em Lisboa.

—

«Quando em 1840 (se bem nos recordamos) surgiu entre Portugal e Hespanha o serio conflicto da *exigencia injusta* por causa da navegação do Douro, o nosso governo, imaginando Catilina ás portas de Roma, creou immediatamente (no papel...) um exercito que faria conter o da Russia em movimento contra a Turquia. Por essa occasião foi o sr. Anthero Albano da Silveira Pinto nomeado tenente do regimento de cavallaria nacional do Porto, e logo, como bom patriota, se armou e equipou, [1] mas nem teve uma unica formatura, porque as nuvens condensadas no horizonte se sumiram.

«Rebentando em 1846 a guerra civil, permaneceu o sr. Anthero fiel á rainha; desejando entrar na fileira, foi apresentar-se ao Casal, ao tempo, commandante de uma divisão de operações em Traz-os Montes, e se uniu como tenente (voluntario) ao regimento de cavallaria n.º 7 que fazia parte da divisão, mas pouco tempo serviu na fileira porque o Casal o occupou sempre em missões importantes, em cumprimento das quaes foi por vezes a Lisboa; achando-se alli quando o alferes Andrade foi no *Flora* solicitar viveres e munições para o castello, o governo o incumbiu de acompanhar o vapor *Duque de Cornwals*, no qual seguiu para Vianna com os viveres e munições, levando a reboque um lanchão para o desembarque, lanchão que se distanciou partindo as espias nas alturas do cabo da Roca, porque o novoeiro era denso e o mar muito agitado.

«Nas aguas do Porto encontrou a esquadra da rainha; seguindo as instrucções que levava, dirigiu-se ao commandante Soares Franco e lhe entregou os officios do governo. Mandou o Soares Franco com elle para auxiliarem o desembarque, a corveta *8 de julho* commandante Andrade, e o brigue *Douro*, commandante Lima, recommendado ao sr. Anthero que deixasse aquelles dous barcos nas alturas de Vianna e fosse com o vapor a Vigo, arranjar um pratico e lanchões para o desembarque, o que o sr. conselheiro cumpriu.

«Regressando ás aguas de Vianna com o pratico e dous lanchões, no dia 25 de abril, depois de conferenciar com os commandantes da corveta e do brigue, foi com este dar alguns bordos sobre a terra para reconhecerem as baterias do inimigo, pôrem de intelligencia o castello e marcarem as posições que o brigue e a corveta deveriam tomar no momento do desembarque, resolvendo em seguida tental-o n'essa noite por surpreza e sem darem um tiro, emquanto o inimigo não rompesse o fogo.

«Foi o sr. Anthero para bordo do *Cornwals*; apenas anoiteceu fez passar para os dous lanchões parte dos viveres e navegou no seu bote, com o pratico, para a barra, mas ainda iam longe da terra quando a corveta rompeu o fogo! Principiaram logo a jogar tambem as baterias dos sitiantes, o castello e o brigue, tornando-se o espectaculo imponente e medonho, e o desembarque impossivel, porque as balas crusavam sobre a barra em todas as direcções e a noite estava muito clara. Apenas o barco do pratico pôde largar junto da Roqueta o que levava, e logo se fez ao largo. O outro lanchão, tripulado por gente estranha e mercenaria, fugiu, e o sr. Anthero, em vista de similhante desordem recolheu-se a bordo do *Cornwals*, notando, ao passar pela corveta, que a artilheria d'ella fôra montada na direcção do castello. E não se enganou.

«Effectivamente a corveta, além de romper o fogo quando tudo estava em silencio, jogou sempre contra o castello!!...

«No dia seguinte, 26 d'abril, logo de manhã, fez a corveta signal para conferencia a bordo, e para ella seguiram o sr. Anthero e o commandante do brigue. Principiou este por estranhar ao commandante da corveta

---

[1] É primeiro bibliothecario do Porto, e já foi governador civil d'Aveiro e de Vianna, presidente da camara municipal de Villa Nova de Gaya, administrador do 2.º bairro do Porto, etc.

Reside no seu elegante palacete mourisco em S. Paio, na margem esquerda do Douro.

o haver rompido o fogo contra o estipulado na vespera, e o dirigil-o de fórma que cortou parte do maçame ao brigue. Defendeu-se o sr. Andrade com egual energia e muito *subtis* argumentos. O commandante do brigue vociferava, e o sr. Anthero não sabia como sahir da entalação, quando todos tres resolveram ir expôr o caso ao commandante da esquadra.

«Assim terminou a pendencia, e logo o sr. Anthero se dizpoz a ir para o *Cornwals*, mas oppoz-se o commandante da corveta, convidando-o a almoçar com elle. Bem quiz recusar-se o sr. Anthero, mas as instancias subiram de ponto e tomaram tal caracter que annuiu—*ou fingiu annuir*—e ficou passeando na camara em quanto se aprompptava o almoço; vindo, porém, ao tombadilho em um dos seus *descuidados* passeios, desceu rapidamente para o seu bote pelo cabo que o prendia á corveta — mandou remar com força para o vapor — fez-lhe signal para se approximar, e, saltando para elle, deixou a corveta e o brigue, navegou para o sul, e apenas topou a esquadra foi a bordo da fragata do commandante e expoz-lhe tudo.

«D'ahi a pouco approximaram-se o brigue e a corveta; aquelle parou, mas a corveta fez-se no bordo da terra, a panno largo, muito astutamente; entrou a barra do Porto sem que a esquadra tivesse tempo de mover-se, e foi entregar-se á junta!

«Como alguns officiaes d'ella se opposessem, foram detidos na camara, quando almoçavam e se fazia a manobra, e da camara foram levados para as cadeias da Relação!

«Depois de tantos incommodos, tanta despeza, tanto barulho e *tanta miseria*, tudo o que a faminta guarnição do castello recebeu na memoravel noite de 25 de abril, foi o seguinte: 7 quartos de vinho de 4½ almudes, 1 de azeite, 10 barricas de polvora, e 20 arrobas de bolacha!

«No dia 5 do mesmo mez o cahique de guerra *Mindello*, commandado pelo 2.º tenente da armada, Oliveira, mettêra tambem no castello um caixote com charutos (já então os soldados estavam a tres cigarros por dia) e dois barris com aguardente, trocando correspondencia e praticando o desembarque com toda a galhardia.

«Navegando do norte (Vigo) para o sul, apenas chegou á barra de Vianna, fez o signal de intelligencia, que foi correspondido pelo castello, e logo as baterias do Cabedêlo e Forno da Cal romperam vivo fogo sobre elle; mas sem fazer mais um tiro, nem se importar com o graniso dos projetis dos sitiantes, arreou um escaler, desembarcou junto da Roqueta, deixou os officios que levava, recebeu-os do governador, fez-se ao largo e navegou para o seu destino muito placidamente, como que deleitando-se com o ribombo da artilheria.

—

«Tornando-se cada vez mais critica a posição dos sitiados, cuidou o governador de vêr se podia salvar-se e salval-os em caso extremo, e com esse intuito, tanto instou por intermedio do director do circulo, que conseguiu que um vapor de guerra inglez (o *Jakall*) fosse fundear no Lima; e logo o governador escreveu ao capitão commandante, G. Westers, pouco mais ou menos n'estes termos:

«—Ill.mo sr. Dou-me os parabens pela entrada de v. s.ª n'este porto, e sinto não sei que bem, para a guarnição do meu commando por similhante successo. Se por ventura, apesar dos tractados e outras relações de amisade entre Portugal e a Grã-Bretanha, não fôr possivel a v. s.ª auxiliar-me com alguns recursos para que eu possa conservar-me por mais tempo n'esta posição, continuando a fazer um bom serviço á causa de S. M. a rainha a senhora D. Maria II, permitta-me v. s.ª ao menos que eu peça a sua valiosa protecção para estes valentes e fieis soldados, em caso extremo. Fallo por elles e não por mim, porque em nada tenho a vida em presença da honra e do dever.—

«—Ill.mo sr. (respondeu o commandante) Apesar das instrucções que recebi para conservar-me neutral, vendo a posição em que v. s.ª e os seus officiaes e soldados se acham, estou prompto a receber a bordo do vapor de S. M. britanica, *Jakall*, debaixo do meu commando, a v. s.ª e todos aquelles officiaes

e soldados que quizerem refugiar-se sob a bandeira britannica.—

«Á vista d'esta resposta, e affiançando o director do circulo que o *Jakall* se demoraria, redobraram os esforços do governador sobre a introducção de viveres no castello, mas nada conseguiu, posto que o director do circulo e o agente João da Agonia, cirurgião civil, chegaram a ter mantimentos comprados e tudo disposto para os mandarem uma noite, rio abaixo, para o castello.

«Participaram esta resolução ao governador, e este, satisfeitissimo, immediatamente respondeu, pedindo, ao mesmo tempo, informações com relação á estrada de Valença, no caso de falhar o embarque, para o que sollicitava tambem os meios indispensaveis, visto que o vapor tinha ancorado na margem sul, e era necessario atravessar o rio; mas, por fatalidade, os sitiantes descobriram o unico meio de communicação que restava, apossaram-se da correspondencia, e a crise subiu de ponto!

«Era realmente facil e curioso aquelle meio de se corresponderem os infelizes sitiados, a despeito de toda a vigilancia dos sitiantes, atravez do cerramento das linhas, em pleno sol e á vista d'elles.

«Parece incrivel, mas é verdade!

«Um 2.º sargento dos veteranos do castello tinha familia na cidade (ainda então villa) e uma cadellinha branca, pequena, felpuda, com algumas manchas pretas. Costumava a cadellinha ir varias vezes ao castello, e quando este se fechou, ficára ella na villa; um dia, porém, já depois que o alferes Andrade havia passado na amassadeira para bordo do *Flora*, e quando no castello era maior a anciedade por noticias, appareceu alli, como por encanto [1], a boa da cadellinha, saltando de contente; dirigindo-se ao amo, este, ao afagal-a, notou que levava no pescoço uma colleira escondida no pello, que era alto, e, apalpando a colleira, encontrou por dentro d'ella um bilhete da sua familia para elle.

«Foi geral e immenso o regosijo no castello, e logo o governador, aproveitando a discrição da cadellinha, prendeu-lhe á colleira, muito subtilmente, um officio, e com varios bilhetes mais, partiu, muito alegre, sahindo pelo mesmo cano por onde entrára. No dia seguinte, eil-a de volta com outros bilhetinhos, muito alegre e satisfeita, como se tivera consciencia dos relevantes serviços que prestava!

«Dias e dias andou em continuo vae-vem.

«Tão bons serviços prestava, que a officialidade da guarnição se cotisou em favor do veterano, dono d'ella, para que a tratasse o melhor possivel.

«Soube-se, porém, no acampamento inimigo, que os sitiados se correspondiam com a villa. Redobraram a vigilancia, mas não lhes era possivel descobrir o meio da communicação; até que por um presentimento fatal resolveram dar caça aos cães que atravessavam a esplanada, prenderam a pobre cadellinha ao regressar do castello, e, encontrando na colleira os bilhetinhos, vieram no conhecimento de tudo, e a mataram!

«E ella parecia adivinhar, porque n'essa fatidica viagem, antes de chegar ás linhas dos sitiantes, muitas vezes, contra o seu costume, parou, olhando para o castello, como despedindo-se d'elle pela ultima vez!...

«Morta a cadellinha mensageira, ficou o castello sem meio algum de communicação com o exterior, e como os soldados já andavam cobertos de bichos, rotos e mal calçados, tendo por unico alimento farellos e hervas, era impossivel sustentarem-se por mais tempo. Com o intuito de salvar-se e salval-os passou o governador um bilhetinho ao commandante do *Jakall*, quando, pela segunda e ultima vez foi ao castello diligenciar a sahida de barcos mercantes inglezes, que se achavam ancorados no Lima. Pedia-lhe o governador que lhe facilitasse o embarque; mas como obter a resposta? Chamou dois soldados que sabiam nadar, e convidou-os para irem a bordo do *Jakall*, ancorado na margem sul do Lima; prometteu-lhes interesses e o posto de 2.º sargento; mandou-

[1] Havia entrado por um cano de esgoto do castello, caminho que ella, provavelmente, já conhecia.

lhes fazer fatos proprios; organisou em duplicado um registo de signaes, de bordo para o castello, e do castello para bordo, e com uma carta para o commandante metteu tudo dentro de dois tubos de folha de Flandres, que entregou aos dois soldados. Pouco depois de escurecer lançaram-se ambos a nado, mas com tão pouca fortuna que, não podendo vencer a corrente, um a custo retrocedeu e ganhou a terra, e o mais animoso foi levado pela barra fóra!

«Mallograda esta tentativa de correspondencia, offereceram-se ao governador para irem a casa do consul inglez, o tenente Valle e o alferes Carmo.

«Na noute do dia 4 de maio, os dois officiaes, descendo da Roqueta, seguiram pela beira do rio, na vasante da maré, por entre os penedos, mettendo-se, por vezes, na agua até ao peito, levando signaes de convenção, para se indicar do rio — 1.º, que estavam salvos — 2.º, que o *Jakall* mudaria o ancoradouro do sul para o norte na vespera da sahida — 3.º, que era realisavel a fuga para Valença.

«No dia seguinte, esperado com a maior anciedade, foi o governador para as muralhas observar os signaes; fez-se o primeiro, mas nenhum dos outros se seguiu, nem os dois officiaes deram mais conta de si!

—

«O estado da guarnição era extremamente angustioso, e foi mister tomar uma resolução.

«Se o *Jakall* mudasse o ancoradouro, como o governador pedira, effectuado o embarque, faria saltar todo o lado norte do castello por meio de fornilhos, que já havia mandado preparar pelo fiel do deposito, assim como já havia dado as ordens convenientes para a inutilisação de todo o material de guerra; mas o *Jakall* não se movia, e por isso no dia 6 de maio o governador convocou a conselho a officialidade, expoz-lhes a critica situação em que se achavam, e a necessidade de adoptar um meio qualquer de sahir d'ella, lembrando-lhes, como mais honroso, tentarem abrir, por alguma fórma, caminho atravez dos sitiantes, e seguirem para a praça de Valença, ainda fiel á rainha.

«Todos os officiaes foram unisonos com o governador, e continuando este com a palavra, disse que não podiam seguir para Valença pelo littoral, porque o inimigo dominava a estrada, e em Caminha se achava uma força de populares que já haviam batido as forças mandadas de Valença [1] em soccorro do castello; que elle não conhecia bem o terreno, e por isso, se algum dos officiaes presentes soubesse de algum caminho pelo interior, quizesse indical-o.

«Os que eram d'aquelles sitios titubiaram, e os que eram estranhos nada disseram. Tomou então a palavra o cirurgião-mór Monteiro, indignado por similhante hesitação, e, em termos energicos, propoz que se tentasse a sahida e a passagem para Valença, qualquer que fosse o caminho e a sorte que os esperasse. No mesmo sentido e com egual energia fallou tambem o tenente Fonseca.

«Todo o conselho os apoiou, e logo o governador dispoz a sahida e a marcha.

«Ás oito horas e meia da noite d'esse mesmo dia formou a guarnição do castello, e, deixando os soldados doentes e os mais abatidos de forças, distribuiu os veteranos pelas muralhas, ordenando-lhes que continuassem, na fórma do costume, a bradar alerta, para illudir o inimigo; formou com o restante da força (approximadamente 200 homens) quatro pelotões, um de artilheria 3, commandado pelo sargento (alferes graduado) Joaquim de Mattos; outro de infanteria 3, commandado pelo tenente Fonseca; outro de infanteria 13, commandado pelo alferes Botelho Pimentel; e outro de infanteria 15, commandado pelo alferes Joaquim Thomaz, collocando na frente os artilheiros, em seguida infanteria 3, depois infanteria 13, e na rectaguarda infanteria 15.

«Ás nove horas e meia da noute começou o governador a fazer sahir a força. Mandou

---

[1] Era esta força commandada pelo major José Ricardo Peixoto, e foi batida por tropas da junta em Lanhelas, junto de Caminha, morrendo na refrega parte dos soldados, e outros afogados no Coura, ficando os restantes prisioneiros.

abrir na porta interior do castello, tapada a pedra e cal, uma fenda e depois o postigo, por onde passaram os soldados um a um, e d'alli, na mesma fórma, por um pranchão que lançaram sobre o fosso [1] para o recinto que fica entre o fosso e a porta principal, que não abriram, por terem os sitiantes em frente d'ella um forte piquete.

«D'aquelle recinto seguiram pela estrada coberta (ou contra-fosso) para o lado norte, e subiram pelo muro para o campo da Senhora da Agonia, onde formaram a nordeste do castello. Quando a força acabou de passar a porta interior do castello, o governador, que alli se postara com os seus dois ajudantes, o alferes Nunes e o tenente Cunha, cerrou a porta, correu o ferrolho, deu volta á chave e lançou-a (ou fez menção de a lançar) ao fosso aquatico, dizendo: — *Vamos lá com Deus!...*

«Isto tudo nos asseveraram testemunhas fidedignas. [2]

«Os quatro pelotões formaram na esplanada, como dissemos, e pararam esperando o governador, mas este não apparecia; pelo que o alferes Mattos, commandante da vanguarda, foi até ao ultimo pelotão perguntando pelo governador, e não o lobrigou nem pôde haver novas d'elle!

Debalde o procuraram tambem os commandantes dos outros pelotões!... Não podendo conservar-se por mais tempo assim parados, em campo aberto e a poucos passos do inimigo, o commandante do 1.º pelotão mandou avançar, e logo todos marcharam na direcção do templo da Senhora da Agonia.

«Apenas se approximaram das linhas, o inimigo deu rebate e concentrou-se sobre aquelle ponto, cruzando-se vivo fogo entre os sitiantes e os fugitivos, que, sem commando, extenuados de forças, e mal podendo atravessar os muros e vallados das linhas, muitos ficaram logo alli prisioneiros, e outros mais corajosos e mais felizes seguiram por onde poderam caminho da praça de Valença, que era o seu objectivo; mas só o tenente Mira com um pequeno grupo (8 a 10) alli chegou. Os restantes, perseguidos sem tregoas pelas tropas do Almargem e pelos populares das aldeias, foram apanhados desde Vianna até Caminha, dispersos pelas estradas, pelos montes e pelos campos, rotos, descalços e prostrados pela fome!

«Assim deram entrada em Vianna approximadamente 184 prisioneiros no dia seguinte; alli se conservaram tres dias e em seguida foram levados para o Porto, sendo mettidos nas cadeias da Relação os officiaes e officiaes inferiores, os artilheiros mandados para a Serra do Pilar, com grilheta, para os trabalhos de fortificação, e as praças de infanteria enfileiradas nos corpos da Junta.

«O governador, que ficara com os seus dois ajudantes encostado aos muros do castello, prevendo o triste desenlace do drama, e receando ser passado pelas armas se cahisse nas mãos do inimigo, apenas na fatal noute do dia 6 viu os seus, engajados em fogo com os sitiantes, estes concentrados nas proximidades do templo da Senhora da Agonia, e o resto das linhas abandonado, euvolto nas trevas da noute, tratou de salvar-se caminhando pela rua do Loureiro, em frente do castello, para a casa do consul inglez *n'essa mesma noute*, e na do dia 8 passou d'alli para bordo do *Jakall*, que no dia 11 deixou as aguas do Lima e navegou para o Porto. No dia 14 passou para o navio de guerra inglez *Poliphemus*, e n'elle seguiu viagem para Lisboa.

«No dia 19, o ex-governador, com os officiaes que o acompanharam, e o alferes Andrade, ao tempo, como dissemos, ajudante do governador do Castello de S. Jorge, foram apresentar-se a S. M. a rainha e ao sr. D. Fernando, commandante em chefe do exercito, que os receberam com muito agra-

[1] A ponte levadiça estava sem corretans e foi levada para o interior do castello no principio do cerco.

[2] Dois officiaes que fizeram parte das forças sitiadas, José Domingues d'Andrade e Joaquim Thomaz, ambos majores reformados quando eu escrevia estas linhas (março de 1877) e hoje (1884) ambos já fallecidos.

Pedro A. Ferreira.

do; e o ex-governador dirigiu a el-rei uma breve allocução n'estes termos:

«Perdoe V. M. o não apresentar n'este momento a V. M. como commandante em chefe do exercito, o relatorio da defeza do castello que me foi confiado, e que infelizmente apesar de todos os meus esforços e valor da guarnição, tive de abandonar na noute fatal de 6 do corrente, pois que, julgando ser a ultima da minha vida (!...) mandei inutilisar todos os esclarecimentos. Honro-me, porém, de depositar nas mãos de V. M. a bandeira e a chave da porta exterior do castello, como prova da minha fidelidade.»

«E logo entregou a S. M. uma chave e uma bandeira.

«O facto fez sensação; o ex-governador foi appellidado — 2.º Martim de Freitas — pela similhança do caso com o heroico procedimento do lendario governador do castello de Coimbra, e S. M. o agraciou com um posto de distincção e a commenda da ordem da Torre e Espada.

«No momento, a coisa passou; mas, com o tempo, fez-se a luz, e o quadro mudou muito.

«O desenlace foi triste, podendo e devendo ser outro.

—

«Fiquemos por aqui.

«A historia apreciará o facto convenientemente um dia.

«Em todo o caso a defeza do castello de Vianna em 1847 constitue uma das paginas mais importantes dos nossos fastos guerreiros contemporaneos.

«O ex-governador recebeu, como dissemos, um posto por distincção, e a commenda da ordem da Torre e Espada; toda a guarnição foi condecorada com a mesma ordem, e, para memoria d'aquelle feito de armas, S. M. a senhora D. Maria II elevou a villa á cathegoria de cidade, dando-lhe o nome de Vianna do Castello.

«Ao valente e temerario alferes Andrade, que tanto se distinguiu durante o assedio, e que tão relevantes serviços prestou, sempre com pasmosa felicidade e risco imminente de vida, nas mais apuradas circumstancias, apenas deram a condecoração commum a toda a guarnição (foi nomeado official porque já tinha o habito da ordem) — e nem sequer um posto d'accesso, melhoria de reforma ou uma pensão qualquer.

«Sendo tenente, requereu ao visconde de Fonte Nova, commandante da 1.ª divisão militar, um attestado dos serviços que prestou durante o cerco do castello de Vianna, passado pelo ex-governador, então major de Estado Maior d'artilheria.

«Vamos transcrever esse documento porque prova o que levamos dito.

«Resa assim: [1]

«Francisco Maria Melquiades da Cruz Sobral, major de Estado Maior por S. M. a Rainha, etc., etc.

«Em virtude do despacho retró, attesto que o sr. José Domingues de Andrade, tenente de infanteria n.º 6, sahiu do castello da barra de Vianna por tres vezes, a fim de ir buscar a correspondencia que me era dirigida, na qualidade de governador da fortaleza; sendo a ultima na noute do dia 14 de abril, em que lhe incumbi a importante missão de ir a Vigo, Valença, e ao quartel general de s. ex.ª o sr. duque de Saldanha, com officios sobre a urgentissima necessidade de viveres que havia. Apesar da opportunidade da maré para empregar os botes que se usam no rio, este official, pela falta de semelhante meio, teve o arrojo de passar o rio na noute do dia 14 referido, dentro de uma amassadeira, [2] com imminente risco de vida. Os seus serviços durante o tempo que esteve no castello o tornam credor de subida estima, e mesmo não ha expressões com que se encareçam. — Activo, corajoso e com a melhor vontade, mostrou sempre um zelo inexplicavel, e a

---

[1] Copiamos fielmente o original, reconhecido por um tabellião.

[2] Isto mesmo nos foi asseverado por outros officiaes da guarnição, mas, repetimos, custa a crêr que um homem, sem saber nadar, atravessasse em uma amassadeira o Lima, mesmo na pendente da barra, em noite escura, com mar picado por chuva e vento!...

mais decidida adhesão a S. M. a Rainha e á Carta Constitucional da Monarchia.

«Lisboa, 28 de maio de 1847.

«F. M. M. da Cruz Sobral, major de Estado Maior d'artilheria.»

«E a ordem do exercito que o nomeou official da Torre e Espada é do theor seguinte:

«N.º 55. Quartel General do Paço das Necessidades, em o 1.º de agosto de 1847.

«Ordem do exercito.

«Sua Magestade El-rei, como Commandante em chefe do exercito, manda publicar o seguinte:

«Por decreto de 18 de julho ultimo, foi o tenente do regimento de infanteria n.º 6, José Domingues de Andrade, nomeado official da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada de Valor, Lealdade e Merito, porque além da parte distincta que tomou na gloriosa defeza do castello de Vianna do Minho, desempenhou cabalmente arriscadas commissões fóra da fortaleza, dando novos testemunhos de intrepidez e energia.»

«A isto se reduz o que podemos apurar com relação ao cerco do castello de Vianna em 1847, e muito espontaneamente retiramos qualquer palavra que possa melindrar alguem.

P. A. Ferreira.»

—

1848 — 20 de janeiro — Por decreto d'esta data houve por bem S. M. a Rainha, a sr.ª D. Maria II, elevar á cathegoria de cidade a villa de Vianna da Foz do Lima, dando-lhe ao mesmo tempo o nome de *Vianna do Castello*, em attenção á heroicidade com que o seu castello defendera a causa da mesma soberana.

—

1848 — 28 de janeiro — Por decreto d'esta data foram agraciados com o habito da ordem de Christo os ecclesiasticos que no dia 23 de outubro de 1846, foram, com a cruz alçada, da egreja Matriz ao Castello, implorar da plebe enfurecida e sangui-sedenta, misericordia em favor de alguns empregados publicos que se tinham refugiado na Roqueta, salvando os ditos ecclesiasticos, por meio d'este acto de heroicidade christã, e com imminente risco da propria vida, muitas vidas.

A maior parte dos agraciados não acceitou a distincção, uns por modestia, outros para não pagarem os direitos de mercê.

—

1853 — 1.º de março — Nasce em Vianna o sr. Doutor Luiz de Figueiredo da Guerra. Formou-se em direito, na Universidade de Coimbra, em 12 de julho de 1879. Casou tambem em Coimbra, a 26 de agosto do mesmo anno de 1879, com a sr.ª D. Emilia Rosa Cerveira de Figueiredo, nascida a 22 de agosto de 1858, e ha d'este matrimonio ainda apenas uma filha, de nome Maria Engracia, nascida em Vianna a 6 de junho de 1880.

O sr. Doutor Figueiredo da Guerra exerce com muita distincção a advocacia em Vianna, e é tambem um escriptor publico illustradissimo, tendo até hoje dado á estampa os seguintes livros:

Apontamentos de geographia, em 1876.

Notas á Viagem á Terra Santa, do commendador de Malta, Taveira, em 1877.

Syllabario hebraico, em 1876.

Celtiberos, em 1877.

Esboço historico de Vianna, 1878.

Guia do caminho de ferro do Minho, em 1879.

Além d'estas obras, todas de muito merecimento, está escrevendo a segunda edição da sua *Historia de Vianna* e *Elementos de Heraldica*.

Tem publicado tambem varios artigos sobre historia, geographia e archeologia, em differentes semanarios de litteratura, pelo que foi nomeado socio correspondente da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*: é tambem associado do *Instituto de Coimbra*, na secção de Archeologia, e socio ordinario da *Sociedade de Geographia de Lisboa*.

Sobre as publicações do sr. Doutor Figueiredo da Guerra falla exhuberantemente o sr. Seabra d'Albuquerque na sua curiosa *Bibliographia da Imprensa da Universidade*, nos volumes dos annos de 1876 e 1877.

E não é só um escriptor primoroso e infatigavel, é tambem um caracter nobilissimo.

A este prestante cavalheiro devo não só

grande parte das noticias de Vianna, como preciosos apontamentos para outras terras do Minho.

É filho do Doutor em Canones, Joaquim José da Conceição de Figueiredo da Guerra, e da sr.ª D. Marianna Benedicta de Barros Lima e Azevedo, ambos já fallecidos.

Foi este cavalheiro juiz de fóra da Barca, nomeado em 1828, e depois (1830) de Vianna. Pelos seus relevantes serviços foi commendador das Ordens de Christo e Conceição (quando as commendas se não davam senão a quem as merecia) e condecorado com a medalha de ouro da *Real Effigie*, pelo sr. Dom Miguel I. Era filho do penultimo capitão-mór de Coimbra e irmão do ultimo, João Pedro de Figueiredo da Guerra Carneiro e Mello.

A familia do sr. Doutor Figueiredo da Guerra soffreu muito em 1834. Seu pae teve de fugir, em março d'esse anno; viveu homisiado algum tempo, e, além de perder o seu logar na magistratura, perdeu os seus bens paternos a titulo de *indemnisações*, em virtude da *carta de lei*, publicada em 7 de agosto de 1835, datada do palacio do Ramalhão, sanccionada pela sr.ª D. Maria II e referendada pelo ministro do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Que coincidencia! Rodrigo da Fonseca Magalhães, o auctor d'aquella lei execranda, era tio do sr. Doutor Figueiredo da Guerra!

—

1853 — 27 de junho — Nasce em Vianna o sr. Doutor José Pereira Cyrne de Castro da Silva Bezerra Fagundes. Formou-se em direito na Universidade de Coimbra a 22 de junho de 1877. Não exerce, porém, a advocacia, já porque, sob a direcção de seu pae, administra a sua opulenta casa e grande fortuna, já porque não quer acceitar nem exercer emprego algum.

É filho do venerando ancião, o sr. Antonio Pereira Cyrne da Silva Bezerra Fagundes, chefe do partido legitimista na provincia do Minho, senhor dos morgados da Bandeira e São Roque, e um dos mais respeitados e respeitaveis fidalgos d'esta provincia.

O sr. Doutor José Pereira, filho d'este cavalheiro e primeiro nomeado n'este paragrapho, tem ajudado muito o sr. Doutor Figueiredo da Guerra (segundo este mesmo senhor me informou) nas investigações genealogicas, com os seus vastos conhecimentos na materia, pois é geralmente conhecido como um dos primeiros genealogistas de Portugal, na actualidade; mas a sua modestia excede ainda os seus raros conhecimentos. A noticia com respeito ás *Familias nobres de Vianna, em 1883,* que se leu n'este artigo, e que eu disse dever ao sr. dr. F. da Guerra (porque a recebi escripta pela sua letra) pertence ao sr. Doutor Bezerra Fagundes, o que declaro por ordem do sr. Doutor Guerra, que, apenas leu o paragrapho, exigiu logo que eu fizesse esta rectificação, pois, como um verdadeiro sabio que é, não quer nem precisa aproveitar-se das locubrações alheias.

Honra pois ao sr. Doutor F. da Guerra; e ao sr. Doutor Bezerra Fagundes os meus cordiaes agradecimentos e o protesto da mais sincera amisade.

—

1863 — 6 de janeiro — Nasce em Vianna, na casa de seus paes, no Campo de Santo Antonio, o sr. Alberto Feio da Rocha Páris, esclarecido mancebo, que, ao sahir da adolescencia, em vez de se entregar aos prazeres proprios da sua curta idade, emprega as horas de ocio em instruir-se e instruir os outros com as suas valiosissimas publicações. Aos 18 annos de edade tomou a direcção litteraria, e foi o fundador e principal redactor do excellente semanario de litteratura *O Pêro Gallego*, publicação que n'outro reino faria a fortuna do seu edictor, e que em Portugal — n'esta terra adversa aos que estudam e desejam a propagação das boas doutrinas — apenas pôde durar 36 semanas. Mas, se os illustrados mancebos que tentaram e levaram ao cabo este bello emprehendimento, não poderam achar a devida protecção no publico, podem pelo menos dizer, como disse o nosso Camões:

...... amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.

Ou:

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha patria amei e a minha gente.

Hoje em dia (valha a verdade) nem sempre se dão titulos a nullidades, ou para *mascarar* nomes de triste recordação; ainda algumas vezes se conferem ao merecimento.

Por decreto de 14 de junho de 1883 foi dado o titulo de visconde da Torre (de Soutêllo) ao referido sr. Alberto Feio da Rocha Páris, em verificação de mais uma vida, concedida n'este titulo a seu bis-tio materno, o sr. João Feio de Magalhães Coutinho (vide 9.º vol., pag. 441, col. 2.ª, o ultimo *Soutêllo* d'esta pagina).

O sr. visconde da Torre, Alberto, é filho do sr. conselheiro Antonio Alberto da Rocha Páris, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, commendador da Ordem de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, deputado da nação em varias legislaturas pelos circulos de Melgaço, Monsão e Vianna, governador civil d'este districto desde junho de 1879 até março de 1881, cavalheiro distincto entre os mais respeitaveis d'esta provincia; — e de sua esposa, a sr.ª D. Maria José d'Araujo Azevedo Vasconcellos Feio, senhora da quinta de Santa Cruz, no concelho da Ponte do Lima, filha de José d'Araujo Azevedo Mello e Vasconcellos, capitão môr de Villa-Chan e Larim, senhor do morgado do Fundão, na Loureira, e de sua mulher D. Maria Guilhermina de Magalhães Sá Coutinho, irmã do dito 1.º barão e 1.º visconde da Torre, o sr. João Feio de Magalhães Coutinho, senhor do morgado de Santo Antonio, da Torre de Soutêllo, que está viuvo da sr.ª D. Marqueza d'Azevedo de Sá Coutinho, da illustre e antiquissima *Casa da Tapada*. (9.º vol., pag. 489, col 2.ª)

—

1866 — Terminam as obras do formoso caes de Vianna, no largo do Pombal, um dos seus melhores passeios sobre a margem direita do Lima.

—

1871 — 27 de março — Principiaram os trabalhos de esgoto da doka, que anda em construcção no porto d'esta cidade para abrigo dos navios que o frequentam.

O esgoto é feito por duas bombas a vapor, que extrahem 234:000 litros de agua por hora. É um grande melhoramento para o commercio de Vianna, se fôr executado segundo os preceitos da arte.

—

1872 — Tendo sido abandonada, pelo seu mau estado, a velha egreja matriz de Nossa Senhora de Monserrate — querendo até alguns individuos que ella fosse demolida — se transferiu a parochia para a egreja do mosteiro de S. Domingos.

Frei Alexandre da Expectação, porém, varão de muita virtude e geralmente estimado, pediu esmolas aos seus amigos, e com ellas, e com as de muitas outras pessoas que espontaneamente concorreram para este fim, se conseguiu restaurar a egreja. Em dezembro d'aquelle anno de 1872 já estavam as obras terminadas e a egreja aberta ao culto divino, mas a matriz continuou a ser a egreja de S. Domingos.

—

1876 — 7 de agosto — Principia a ser demolida para de novo ser levantada a fachada da egreja do mosteiro de Santo Antonio dos Capuchos, que ameaçava ruina.

—

1876 — 30 de novembro — Um horrivel temporal, que fustigou todo o reino, cahiu tambem n'este dia sobre Vianna e seus arredores, que assolou por espaço de cinco dias, causando incalculaveis prejuizos.

Desde as 2 até ás 6 horas da manhã do dia 1.º de dezembro, uma terrivel trovoada, acompanhada de vento furioso, atterrou toda a gente d'estes sitios.

A povoação de Darque, em frente da cidade, foi a que mais soffreu. Pelas 3 horas da madrugada d'este ultimo dia, um medonho furacão arrancou e quebrou um grande numero de pinheiros, arvores de fructo, vinhedos, telhados, etc. Na casa do sr. Carteado não só lhe levou os telhados, mas até o madeiramento. Cahiu uma faisca electrica na torre da egreja matriz, e todas as casas soffreram mais ou menos, inundadas por chuva verdadeiramente torrencial. Os seus habi-

tantes atterrados fugiram implorando a misericordia Divina. As estradas transformaram se em rios caudalosos, tornando se intransitaveis.

Por esta occasião abateu em tres partes a ponte de Caminha. A estrada de Vianna para Nine (hoje estação do caminho de ferro do Minho) ficou muito deteriorada. Parte do aterro que se andava construindo para dar accesso á ponte viaducto do caminho de ferro, na margem direita do Lima, submergiu-se com o impulso da furiosa corrente do rio. A ponte da Ariosa, pertencente ao mesmo caminho de ferro, e a ponte provisoria sobre o rio Cavado, tudo foi levado pela corrente. Só o prejuizo (para o empreiteiro) causado n'esta ponte, foi avaliado em perto de oito contos de réis! Finalmente grandes foram os prejuizos em muitas outras partes d'estas redondezas, e se calcularam em muitas dezenas de contos de réis.

—

1877 — abril — Lê-se no *Commercio Portuguez*, de 29 de abril d'este anno:

«N'esta data trabalha-se activamente na demolição das ruinas do hospicio de S. Theotonio (Cruzios). Nota-se que a egreja, o corpo central e frontão foram construidos com mais esmero e argamaça superior, emquanto que o restante do convento do lado occidental, isto é, a zona em que haviam de erguer-se os claustros, capellas particulares e outras officinas, é tudo menos solido.

«A causa d'esta differença foi talvez a grande interrupção de perto de cem annos que se deu na construcção d'aquellas obras, pois havendo principiado quando agonisava a negra occupação philippina (1630-1632) foram suspensas durante a guerra da independencia.

«Proseguiram depois no reinado de D. João V, mas não chegaram a concluir-se; comtudo alli celebraram os cruzios festas pomposas, e d'alli sahiu a primeira *procissão dos nús* que se fez em Vianna, á similhança da que fôra celebrada em Coimbra no meiado do seculo XV, e d'outras, muito anteriormente, na Lombardia.

«Estimaremos que na demolição se encontre e ponha a bom recato a lapide commemorativa da fundação, que, segundo dizem os chronistas, deve estar em um dos cunhaes da egreja com a inscripção seguinte:

SUB URBANO VIII
ET REGE NOSTRO PHILIPPO III

DONNUS RODRICUS A CUNHA HISPANIARUM
PRIMAS, ET DONNUS HIERONIMUS A CRUCE GENERALIS
CONGREGATIONIS SANCTAE CRUCIS, UNAM LAPIDEM

POSUIT.
A. D. 1630, 8, AUGUST:

P. A. Ferreira.»

—

1878 — 6 de dezembro — Na praia do *Castello de Neiva*, 6 kilometros ao sul de Vianna, appareceu morta uma enorme baleia. Os individuos que estavam na praia, vendo ao longe fluctuar nas ondas aquelle grande vulto, suppozeram ser o casco de algum navio que naufragasse em consequencia dos temporaes que houve n'essa época.

—

1879 — janeiro — Fallece em Vianna Balthazar Werneck Ribeiro d'Aguilar e Vasconcellos, varão respeitavel e respeitado por quantos o conheciam.

Entre outros legados deixou á Misericordia d'esta cidade 1:000$000 réis para fundo da creação e sustentação de um albergue, no qual haja sempre seis camas para recolher até seis peregrinos ou viajantes pobres; 2:500$000 réis ao Asylo das orphãs desamparadas, e 800$000 réis á Ordem Terceira do Carmo.

No ceu terá recebido o premio de tanta caridade.

1879 — 27 de fevereiro. — Aqui falleceu Sebastião da Silva Neves, um dos mais activos e intelligentes industriaes do Minho. Principiou pobre e chegou a ter por sua conta, um dos mais importantes estabelecimentos de *diligencias* de Portugal, pois contava mais de 400 optimos cavallos, grande numero de empregados, e muitas dezenas de carruagens, de varias denominações, e carros de recovagem. Os seus carros, não só cruzavam por todo o Minho e até á cidade do Porto, onde tinha uma sucursal, mas por toda a provincia de Traz os Montes, e pela Galliza, até ao Ferrol e Corunha.

Chegou a ser um grande capitalista e rico proprietario, legando uma fortuna superior a 200 contos de réis.

Era de estatura agigantada e robustissimo: pela bôa administração em que trazia os seus negocios, e pela sua energia e actividade, chegaria em breve a ser millionario, se a morte o não arrebatasse aos 55 annos de edade, pois tinha nascido em 1820.

Em todos os seus negocios, portava-se sempre como um perfeito cavalheiro, pelo que era geralmente estimado e respeitado.

Uma das suas sympathicas filhas, é esposa do meu estimavel e illustradissimo amigo, o sr. Doutor Abilio Guerra Junqueiro, primoroso poeta e elegantissimo escriptôr publico bem conhecido. Casou quando foi secretario geral do governo civil de Vianna, logar que abandonou quando foi eleito deputado para a actual legislatura (1883).

—

1880 — 16 de fevereiro. — Uma cheia do rio Lima arrebata a ponte de madeira, feita em 1819.

1881. — Reedifica-se a antiquissima capella de S. Vicente no fim da rua da Bandeira, no limite da cidade.

1881. — 26 de dezembro.—A Camara Municipal, porque pretende ajardinar a Praça do Pombal, transfere d'alli o mercado quotidiano, para o proximo largo do Principe, junto ao convento de S. Bento.

Procede-se ao alargamento da rua da Carreira, defronte da estação do caminho de ferro.

1882 — janeiro. — Principia a demolição do ultimo arco da porta da antiga muralha que fechava a villa. Denominava-se de S. Filippe e ultimamente de S. Chrispim, por cauza do nicho d'este santo que sobrepujava a dita porta, que dava sobre o rio, e onde havia um postigo.

27 de janeiro.—Morre o prestimoso cidadão Matheus Barbosa e Silva.

3 de março. — Fallece na avançada edade de 84 annos Pedro Lopes de Calheiros e Menezes, que em outubro de 1824 foi despachado Juiz de Fóra da Villa da Praia. Exerceu por muitos annos o cargo de Auditor do Exercito, reformando-se com honras de Juiz da Relação. Era um espirito culto e de uma rectidão pouco vulgar.

25 de março.—Franqueia-se ao publico o novo edificio da estação do caminho de ferro, que desde 1879 andava em construcção.

Abril.—Com o gradeamento fica concluido o novo passeio no largo do Pombal; n'esta mesma occasião prolonga-se a estrada para o Carmo em volta de S. Bento, e sob a ponte metalica. Este melhoramento facilitou o transito, independente das passagens de nivel da linha ferrea, que era perciso attravessar para sahir da cidade para as freguezias da parte oriental.

Poucos mezes depois a rua da Amargura e o seu prolongamento até ao cemiterio são alargadas, para communicarem, em estrada de circumvalação provisoria, com a projectada rua, do cemiterio ao Carmo.

1883 — março. — Abre-se a nova rua do Carmo.

19 d'abril.— É nomeado visconde da Carreira Bento Malheiro Pereira Pitta de Vasconcellos, governador civil substituto.

23 d'abril. — Morre D. Clara Carolina Malheiro Lobato Telles de Menezes, senhora cujas virtudes realçavam sobre o seu illustre nascimento.

Administrava a melhor caza, em bens, de todo o concelho de Vianna.—É de notar que n'este anno de 1883 falleceram tres grandes proprietarios do nosso concelho. Assim a

7 de maio — acaba seus dias o dr. João Coelho de Castro de Villas Boas e Sá, senhor de varios morgados e chefe de uma numerosa familia, que está espalhada por todo o reino.

Seu genio caritativo tornou a sua falta muito sensivel á pobreza d'estes sitios.

29 de maio.—Morre no vigor da edade, na sua quinta de Santa Maria de Geraz, Francisco Xavier de Calheiros e Noronha, possuidor de grossas rendas.

14 de junho. — Decreto concedendo mais uma vida no titulo de visconde da Torre ao sr. Alberto Feio da Rocha Paris.

30 d'agosto. —Victima de uma lesão cardiaca fallece na edade de 50 annos o visconde da Torre das Donas, e não seu 3.º avô,

como se diz em nota a pag. 343 d'este volume.

14 de setembro.—Fallece n'esta cidade o grande jurisconsulto dr. Sebastião Luiz da Silva Faria, residente em Caminha.

1884—3 de fevereiro.—Inaugura-se o novo theatro.

Dizem os intendedores que é um dos melhores da provincia e rivalisa com os das principaes cidades do reino. Tem 20 frizas, 21 camarotes na primeira ordem, 16 na segunda, e uma galeria que accommodará 260 espectadores, além d'uma espaçosa plateia.

Viannenses illustres

PRELADOS E DIGNIDADES ECCLESIASTICAS

D. Gil de Vianna, bispo da Guarda, confirmado pelo Papa Gregorio IX.

D. Gil de Vianna, sobrinho do antecedente e tambem bispo da mesma diocese, confirmado pelo Papa Pio II.

D. Lourenço Rodrigues, arcebispo de Lisboa.

D. Fr. Manuel de Jesus Maria, primeiro bispo de Nankin, na China.

D. Fr. Antonio do Desterro, da nobre familia Malheiros Reimões, de que se tracta n'este volume, a pag. 351.

Foi bispo d'Angola e do Rio de Janeiro.

D. Antonio Caetano Maciel Calheiros, arcebispo de Lacedemonia, do qual se fallou a pag. 347.

Rejeitaram a cadeira episcopal os seguintes:

Dr. Domingos Ribeiro Cyrne, eleito arcebispo de Goa. Posteriormente acceitou a mitra d'Elvas, mas falleceu antes de tomar posse.

Fr. Ambrosio de Santo Agostinho, bispo eleito de S. Thomé. Falleceu em 1717 no convento de Santo Antonio.

Dr. Marçal Quesado Jacome, o grande jurisconsulto que, depois de viuvo, foi bispo eleito de Portalegre. D'elle se falla a pag. 356 d'este volume.

—

O Dr. Fr. Antonio de Barros, nomeado inquizidor de Gôa, tomou posse a 5 d'outubro de 1593; exerceu aquelle logar durante 12 annos, e naufragando na sua vinda para o reino, tornou a Gôa, onde recebeu o habito de S. Francisco.

D. Francisco de Sousa foi, por mercê de D. João V, nomeado commissario geral da bulla n'este reino e seus dominios.

Fr. Antonio de S. Bento, filho de Gaspar Caminha Rego, o maior commerciante viannense do seculo XVII, foi geral da ordem de S. Bento.

Fr. Manoel de S. Bernardino foi provincial de Santo Antonio.

D. João da Assumpção, da familia dos Pittas Ortigueiras, foi geral dos Conegos de Santo Agostinho.

Fr. Ambrozio de Jesus foi provincial da Observancia de S. Francisco.

Fr. Manoel Lobato foi provincial da ordem do Carmo, no Brazil.

Fr. Manoel das Chagas foi eleito pelo Papa Clemente XI provincial da Conceição, e está sepultado no convento de Santo Antonio, d'esta cidade de Vianna.

Padre Manoel Barbosa, da familia Freitas, de Vianna, passou á India, onde foi provincial da Companhia de Jesus.

O *Padre Luiz da Grã* foi o primeiro noviço que em Portugal entrou na Companhia de Jesus, vivendo ainda Santo Ignacio de Loyola, e pelo seu talento o nomearam provincial para o Brazil.

Balthazar Vaz Fagundes, cuja virtude e caridade menciona D. Rodrigo da Cunha, foi deão de Braga, dignidade que renunciou em seu sobrinho —

Balthazar Fagundes.

O *Dr. Gaspar da Rocha Paes*, cuja familia se menciona a pag. 356 d'este volume, Vigario Geral do arcebispado de Braga. Foi sepultado sob as escadas do coro da igreja matriz de Vianna.

—

D'entre os antigos commendatarios do concelho de Vianna apontaremos os seguintes:

D. Affonso da Rocha, commendatario de S. Salvador da Torre.

D. Gomes Velho, do mosteiro de S. Claudio.

Vasco Velho Barreto, tambem do mesmo convento.

Fernão Velho Barreto, idem.

Fernão Brandão, commendatario de S. João de Cabanas.

Braz Brandão, idem. Era filho do antecedente e falleceu em 1590. A elle se faz referencia a pag. 344 d'este volume e adeante no topico dos *viannenses illustres nas armas*.

Jacome Rodrigues de Luna, commendador de S. João de Brito — foi o terceiro avô de Miguel de Vasconcellos, secretario d'Estado de Philippe III.

Pedro Gomes Pereira do Lago foi juiz da alfandega de Vianna no reinado de D. Manoel e commendatario de S. Salvador da Torre, como se disse a pag. 353.

Bento do Rego Barros foi commendador de Villa Franca.

D. Gomes Madriz foi commendatario do mosteiro de S. Romão de Neiva.

Não devemos omittir *Isabel de S. Francisco*, tão celebrada na Chronica da Conceição. Por iniciativa sua se fundou o Recolhimento dos Santos Martyres Viannenses, que depois se erigiu em *Convento de Ursullinas*. Falleceu a 11 de maio de 1745.

Viannenses illustres nas lettras

Sobresahiu entre todos o grande jurisconsulto dr. Pedro Barbosa, filho de Ruy Vaz Aranha e Gracia da Rocha, moradores no Campo do Forno, hoje Praça da Rainha. [1]

Não alcançamos o anno do seu nascimento, mas sabemos que foi collegial de S. Paulo, donde passou a reger uma cadeira na Universidade e depois ao Desembargo do Paço, onde incitou os seus collegas a acclamarem o Cardeal D. Henrique, posto que o seu estado ecclesiastico não promettia successão á corôa.

Sujeito o nosso reino a Castella e vindo D. Philippe I a Portugal, em tão alto conceito teve o douto viannense que o levou para a côrte de Madrid, onde foi tido como primeiro legista de toda a Hespanha, e o nomeou deputado do conselho d'estado de Portugal e em seguida Chanceller-mór d'este reino.

Pedro Barbosa reformou e accrescentou as nossas *Ordenações*, recopilando as leis dispersas que então vigoravam.

Entre varias allegações compoz 4 volumes sobre materia juridica e foram tão estimados que tiveram successivas edições, mas as suas obras completas só fôram publicadas no anno de 1737, em Colonia da Allemanha.

Em satisfação dos seus relevantes serviços fôram-lhe concedidas muitas mercês que, por não deixar successão, reverteram em favor de seu sobrinho o dr. Pedro Barbosa de Luna, Dezembargador dos Aggravos na casa da Supplicação e Corregedor do crime na côrte.

Falleceu Pedro Barbosa em Lisboa, a 15 de julho de 1606, e não em 1615, como refere o sr. Pinheiro Chagas na sua *Historia de Portugal*, volume 7.º pag. 209.

—

Em não menor conta foi tido o dr. *Marçal*, cognominado o *grande orador*.

Colleccionou as *Donationibus Regiis*, publicadas posteriormente por Manoel Antunes de Portugal, a quem emprestára o seu trabalho em manuscripto.

Marçal Quesado Jacome passou da Universidade ao Dezembargo do Paço. Perdendo a mulher e os seus 4 filhos, ordenou-se; exerceu varios logares e por ultimo foi reitor do Collegio de S. Pedro. Recusou uma mitra e falleceu a 15 de maio de 1656.

Sabia de memoria todo o direito do seu tempo. D'elle se fez já menção a pag. 356 d'este volume.

—

O *Padre Antonio Fagundes Jacome*, natural de Vianna do Minho, presbytero secular, escreveu o *Ramalhete de Myrra e memorial da paixão de Christo nosso Redemptor. Primeira parte.* Lisboa, por Antonio Alvares, 1630, 8.º.

Este livrinho em dialogo é raro e estima-

[1] Aproveitamos o ensejo para declarar que este insigne jurisconsulto Pedro Barbosa, nasceu effectivamente em Vianna e não em Caminha, como dizem alguns auctores, e nós, guiados por elles, dissemos tambem algures.

do pela pureza e elegancia da sua lingoagem.

Fr. Pedro de Jesus Maria José, nasceu em Vianna do Minho no anno de 1705; foi franciscano da provincia da Conceição e seu chronista. (Vide pag. 358 d'este volume, titulo *Sousa Menezes*).

Escreveu a *Chronica da Santa, e Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal...*—*a Mystica Cidade de Deos...*—*e a Corôa Sorafica meditada,*—3 obras ainda hoje muito estimadas.

Antonio Moniz de Carvalho, natural de Vianna do Minho, fidalgo da Casa Real, formado em direito, commendador da Ordem de Christo, etc.

Falleceu em Lisboa no anno de 1654 e escreveu as obras seguintes:

Memoria da jornada e successos que houve nas duas embaixadas que sua Magestade mandou aos reinos da Suecia e Dinamarca. Lisboa, por Domingos Lopes Rosa. 1642, 4.º de 24 pag.

Traducção de uma breve conclusão e apologia da justiça d'El Rei Nosso Senhor e dos motivos da sua feliz acclamação. Lisboa, 1641, 4.º de 12 folhas.

Sentimento da fé publica quebrantada em Allemanha por industria de Castella, na restauração da pessoa do Serenissimo Senhor Infante D. Duarte. Lisboa, 1641. 4.º de 8 pag.

Em castelhano escreveu:

Francia interesada con Portugal en la separacion de Castella... Paris, 1644, 4.º—Reimpressa em Barcellona no mesmo anno.

Esfuerzos de la razon para ser Portugal incluido en la paz general de la Christandade... Paris, 1647.

NA MAGISTRATURA

Dr. João Velho Barreto.

Dr. Rui Machado de Gouveia.

Dr. Rui Botto.

Dr. Pedro Barbosa de Luna, já referido.

Dr. Antonio Sanches Brandão, da familia *Brandões.*

Dr. Gaspar Barbosa.

Dr. Jacomo Quesado Villas Boas, irmão de *Marçal Quesado Jacome,* já referido.

Dr. Francisco Quesado de Carvalho e muitos outros que seria fastidioso enumerar, não esquecendo o

Dr. Sebastião Pereira de Castro e seu sobrinho.

Dr. José Ricalde Pereira de Castro, já referidos a pag. 339 d'este volume.

O *Dr. Gonçalo de Barros Lima* (vide pag. 344) nasceu a 12 de julho de 1708; tomou o grau de doutor em Leis no dia 30 de julho de 1732, passando logo em seguida a ler em varias cadeiras; na de Direito Romano esteve desde 1742 até 1753. Em 1750 teve as honras de Dezembargador da relação do Porto e posteriormente as da Casa da Supplicação. Em 1760 foi nomeado conservador da Junta do Commercio e, por ultimo, dezembargador da fazenda, sendo-lhe dado o titulo de conselheiro por alvará de 27 d'outubro de 1778. Teve tambem o fôro de fidalgo da Casa Real por alvará de 20 de novembro de 1758 e foi cavalleiro professo da Ordem de Christo.

Como galardão do seu talento e dos seus serviços foi-lhe dada a alcaidaria-mór de Villa do Conde, em 22 de setembro de 1778.

Aposentado em 1772, retirou-se á sua casa de Vianna, onde falleceu no dia 31 de maio de 1780.

—

Na Universidade occuparam logares distinctos os viannenses seguintes:

Dr. Fr. Antonio de S. Bento, Reitor em 1644.

Dr. Raphael Burgueira.

Dr. Francisco Pereira do Rego.

Dr. Hiacinto Rebello.

Dr. Miguel Fernandes d'Andrade e o

Dr. Caetano Correia de Seixas, fundador do convento do Desterro de Jesus Maria José (Carmelitas) de Vianna, em 1780, fallecendo 6 annos depois.

Escriptores

Além dos já mencionados, occorrem-nos ainda os seguintes:

EM MATERIAS RELIGIOSAS

Fr. Estevão Fagundes.
Fr. Gregorio de Figueirôa.
Padre Xavier de Mattos, jesuita e
Fr. Jeronymo de Jesus.

NA CIRURGIA

Ignacio Vaz Dantas.

NA MATHEMATICA

Manoel Pinto Villaslobos, coronel d'artilheria, engenheiro da provincia do Minho e mestre da aula de fortificação que D. Pedro II mandou abrir em Vianna.

EM ASSUMPTOS VARIOS

Fr. Manoel de Lima, auctor do *Agiologio Dominicano.*

O licenciado *Pedro Sanches Vianna.*

Fr. Manoel Homem.

João Gonçalves Ligaria, auctôr comico, e

João Barbosa e Silva, deputado por Vianna, fallecido a 16 de setembro de 1865.

NA HISTORIA

O *Padre João Castellão Pereira.* Foi o primeiro que escreveu em volume a historia da sua patria, intitulando-a *Epilogo de Noticias sobre Vianna e sua fundação.*

Falleceu a 2 de setembro de 1722.

Antonio Machado Villas Boas, ecclesiastico doutissimo. Honrou a Vianna, sua patria, escrevendo 2 volumes in-folio — *Antiguidades do Lethes e fundação da mui notavel villa de Vianna.* Datam de 1712 a 1715.

Esta obra de per si tornaria o seu nome inolvidavel, mas deixou-nos ainda duas interessantes *Memorias* e um 3.º volume sobre *Solares do Minho.*

Padre Pedro d'Almeida Couraça. Colleccionou em 1722, n'um pequeno livro, singulares apontamentos, a que deu o titulo *Fenix Vianneza* ou *Vianna renascida no Atrio.*

Antonio Lucio de Porto Pedroso, secular da casa d'estes appellidos (vide pag. 356) legou-nos extensissimas noticias no manuscripto, cujas copias correm muito adulteradas, e se intitula—*Memorias das pessoas que no meu tempo se distinguiram em nobresa, lettras e armas, e merecimentos, com que adquiriram a estimação universal da minha patria, a mui notavel villa de Vianna da Foz do Lima, até o prezente anno de 1756.*

Tinha instrucção varia e póde avaliar-se a importancia do seu *Diario*, em que registrou todos os acontecimentos contemporaneos desde a sua juventude até á idade de 81 annos. Falleceu em 1776.

O *Padre Luiz Lourenço Alves* é o auctor de um grosso volume que no catalogo da livraria do sr. Camillo Castello Branco tem o n.º 1885 e se intitula — *Miscellanea de obras varias e successos memoraveis.*

Falleceu em Vianna em 1790.

O frade capucho, Manoel do Bom Jesus.

Publicou em 1812 no *Jornal de Coimbra* uma interessante *Memoria sobre a villa de Vianna do Minho.* D'ella se têem servido varios escriptores contemporaneos.

José Caetano da Costa Correia escreveu—*Diario de acontecimentos de 1846 a 1847 em Vianna*, obra notavel pela imparcialidade do seu auctor, proprietario abastado, que vivia afastado das luctas politicas.

Falleceu na sua grande casa da rua da Piedade a 21 de março de 1879, com 66 annos de idade.

Manoel José Dias (Gaio).

Recopilou de Castellão e Couraça succintas noticias de Vianna com a epigraphe:

Resumo da historia antiga e moderna da muito notavel villa de Vianna, para uso do Padre Manoel José Dias. 1836,

Creio que accrescentou alguns capitulos até o seu tempo.

Foi muitos annos capellão do mosteiro de S. Bento até que falleceu em 24 de dezembro de 1877, com 73 annos de idade, tendo nascido na freguesia de Areosa.

NA POESIA

O licenciado Manoel Antunes Vianna.

Caetano de Sousa Brandão, da familia mencionada a pag. 344.

Dr. José Antonio de Brito.

Visconde da Carreira (Luiz Bravo) de quem já se fallou a pag. 340, e

Balthazar Werneck Ribeiro d'Aquilar e Vasconcellos, nosso chorado amigo, de quem já fizemos menção, e que falleceu a 16 de janeiro de 1879, deixando Vianna inteira coberta de luto e na nossa primeira sociedade um vacuo difficil de preencher.

NA MUZICA

Francisco de Sá Noronha, auctor de varias operas.

Foi um rabequista notavel e maestro. Deu com geral applauso beneficios em muitos dos primeiros theatros da Europa e da America.

Falleceu ha poucos annos.

NAS ARMAS

Diogo de Barros, adail-mór na batalha de Toro.

Antonio Fernandes do Rego, adail-mór d'Africa.

Bernardo de Barros, fronteiro-mór no reinado de D. Manoel.

Gastão Velho Barreto, que tanto se distinguiu na tomada de Azamor, a 3 de setembro de 1513.

Fernão Brandão, militou tambem na Africa, já referido a pag. 344.

Gaspar da Costa Rego, neto de Antonio Fernandes do Rego, governou muitos annos a cidade de Cochim e jaz na capella mór do convento de Santo Antonio de Vianna, onde mandou fazer uma formosa crypta, singular em toda a provincia.

Falleceu a 16 de setembro de 1630, tendo succedido na casa de *Victorinho* a seu tio Antonio Martins da Costa, padroeiro e fundador do Convento de Santo Antonio dos Capuchos, cabeça da provincia da Conceição.

Matheus Ferreira Villas-Boas, que obrou prodigios de valor na tomada da Bahia em 1638, e depois na guerra da acclamação.

Gregorio Correia Rebello, que tambem prestou relevantes serviços na guerra da restauração, bem como

Martim do Rego Barreto, que fundou e defendeu a fortaleza de Salvaterra.

NAS GUERRAS POSTERIORES

Manoel Gomes d'Abreu.

Sebastião da Cunha Sottomaior.

Manoel Coutinho d'Abreu.

Antonio Gomes d'Abreu, o *Tranca.*

Francisco d'Abreu Pereira.

Manoel da Silva Pereira.

Fernão de Villas-Boas, morto na batalha de Victoria, e

Sebastião Pinto Correia, que se afogou no naufragio da nau *Maria Theresa*, quando regressava da expedição a Montevideu com os *Voluntarios Reaes*, em 1818.

D'estes todos ha menção nas familias, a que pertenceram.

NO GOVERNO DA PROVINCIA

Diogo Alves Correia, o celebrado *Caramurú*, tendo naufragado na barra da Bahia, territorio então dos indios *Tupinambas*, soube fazer-se respeitar por estes a ponto de lhe serem offerecidas pelos chefes das tribus suas filhas. Uma d'estas foi, depois de baptisada, sua esposa, mudando o nome de Paraguassú no de Catharina, quando Thomé de Sousa, em 1549, fundou a cidade da Bahia. Segundo se lê em um velho manuscripto que temos prezente, realisou-se este baptismo na côrte de França, assistindo a elle Pedro Sardinha, que foi encarregado de communicar a D. João III a homenagem de Diogo Correia.

Falleceu em 1557 e jaz na igreja de Nossa Senhora da Graça, onde tem o epitaphio seguinte:

SEPULTURA DE CATHARINA
ALZ. SENHORA DESTA CAPITA-
NIA DA BAHIA, A QUAL ELLA
E SEU MARIDO DIOGO ALZ. COR-
REYA, NATURAL DE VIANNA,
DERÃO AOS SENHORES REYS DE POR-
TUGAL, E FES E DEU ESTA IGRE-
JA AO PATRIARCHA SÃO BENTO.
ERA DE 1582.

Pedro do Campo Tourinho, pelos serviços que prestou á corôa de Portugal, foi remu-

nerado por D. João III com a mercê de 50 leguas de largo, 10 de fundo e ilhas visinhas na Costa do Brazil, para elle e seus descendentes, de juro e herdade, com jurisdicção civel e crime, — o que formou a capitania de *Porto Seguro.* Alli abordou Pedro Alvares Cabral a primeira vez, quando descobriu a America, e lhe deu aquelle nome pelo seu excellente ancoradouro.

A carta d'esta concessão tem a data de 27 de maio de 1534.

Com Pedro Tourinho partiram de Vianna a sua familia, parentes e amigos, e encontraram grande opposição ao seu estabelecimento da parte dos indios *tupiniquins.*

Fallecendo Pedro Tourinho, succedeu-lhe na capitania seu filho Fernão do Campo, que morreu antes de receber a confirmação, vindo para passar o governo a sua irmã D. Leonor, em 1556, a qual, obtida auctorisação d'El-Rei, vendeu a capitania aos Duques de Aveiro, em 1559, em cuja familia houve o marquezado de Porto Seguro.

Pertenciam estes Tourinhos á familia mencionada a pag. 358.

Lourenço Peixoto Cyrne, governador do Rio Grande.

Roque de Barros Rego, governador de Cabo Verde.

Bento Maciel Parente, illustre pelo seu nascimento e ainda mais pelas suas acções. Recebeu de Philippe III, de juro e herdade, o senhorio e dominio das terras que ficam entre o rio Amazonas e o Iapoc ou Oyapok, que era mais conhecido pelo nome de *Vicente Pinzon.*

Além d'este governo, foi-lhe dada a capitania do Maranhão; como porém não tivesse filhos, legou tudo á corôa portugueza.

Estes 500 kilometros de costa no Cabo do Norte pretende-os ha muito a França, cujo direito nos impugnou, obstando á sua colonisação; mas o capitulo 8.º do tratado de Ultrecht, de 1713, nos reconheceu como legitimos senhores do mencionado territorio.

Já n'este seculo a França visa de novo arredondar a sua Guyana, e ainda ha poucos dias o barão de Marajó publicou em Lisboa um vehemente protesto sobre o territorio dos rios Oyapok e Arauary.

Gaspar de Puga Pinto. Por seu valor e merecimentos lhe conferiram boas tenças e lhe offereceram a alcaidaria-mór do Rio de Janeiro, em 1602. Voltando á patria, exerceu o cargo de vereador, no anno de 1609. D'elle descendem os Coelhos indicados a pag. 348.

Dr. Antonio Monteiro Maciel. Foi capitão e governador da Ilha de S. Thomé, e falleceu em 1683, legando á Misericordia de Vianna oitenta mil réis cada anno, somma importante n'aquelle tempo.

Jaz em moimento elevado na capella-mór da dita santa casa.

Antonio Martins da Costa, referido a pag. 348, militou na India, no reinado de D. Sebastião. Alli passou nada menos de 45 annos, obrando proezas em sitios e armadas.

Teve o governo da cidade de Cochim e varias commendas. Falleceu em 24 de junho de 1615, e não a 25 de julho do mesmo anno, como erradamente se lê no seu nobre jazigo no convento de Santo Antonio, de Vianna, de que foi generoso padroeiro.

Comprou o convento ou mosteiro de Victorinho das Donas, em 1605, e n'elle estabeleceu a sua residencia, como diremos no artigo *Victorinho das Donas.*

João da Cunha Sottomaior, da familia mencionada a pag. 349.

Ignacio da França Bezerra, da familia mencionada a pag. 350.

Bento Pereira Mendes, governador interino das Armas.

Sebastião Pinto Rubim Sottomaior, tambem exerceu o cargo de governador interino d'esta provincia, em 1767. (vide pag. 357).

Luiz do Rego Barreto, depois visconde do Geraz do Lima.

Este illustre general nasceu a 28 de outubro de 1777 e administrou o vinculo de seu pae, Antonio do Rego Barreto, a quem succedeu no 1.º de abril de 1789.

Assentou praça aos treze annos de idade no regimento de Vianna, depois infanteria n.º 9, onde foi reconhecido cadete em outubro de 1792, e, seguindo seus postos, era tenente em 1807.

Ao tempo da entrada do exercito francez de Junot achava-se Luiz do Rego vivendo no

remanço da vida particular; mal porém ouviu o grito de insurreição, poz-se á frente do movimento, acclamando em Vianna o principe regente, no dia 20 de junho de 1801. Nomeada uma Junta Provisoria, auxiliou-a com os seus conselhos, enfreando os anarchistas.

Foram premiados por ella aquelles importantes serviços, nomeando-o major de infanteria 9, e offereceu-lhe o corpo commercial de Vianna uma medalha d'ouro com a legenda *A patria agradecida.*

A *Junta Suprema* do Porto confirmou-lhe aquella patente e incumbiu-o de organisar em Vizeu o celebre batalhão de caçadores n.º 4, que commandou até o assalto de Castello Rodrigo e de S. Sebastião, onde lhe foi dado o commando da 3.ª brigada, e o conservou até 1815.

Brilhante é a pagina da sua vida militar, que decorreu entre aquellas duas datas, distinguindo-se nas acções de Santo Antonio do Cantaro, Mortagoa, Bussaco, Pombal, Redinha, Foz d'Arouce, Fuentes de Onôro, e assaltos das praças de Cidade Rodrigo e Badajoz.

Na batalha do Bussaco, a 27 de setembro de 1810, o batalhão de caçadores n.º 4, do commando de Luiz do Rego, teve conducta tão distincta e tal valor mostrou, que o marechal Beresford disse na parte official — que foi elle que supportou todo o fogo do inimigo, dando a Luiz do Rego o epitheto de *bravo.*

Lord Wellington elogiou-o igualmente em um officio dirigido ao governo, em 30 de aquelle mesmo mez.

E que diremos da coragem e bravura posteriores d'este valente soldado peninsular?

Salamanca, Victoria e os assedios de S. Sebastião e Badajoz o elevaram ao zenith da gloria, como soldado intrepido e official intelligente.

Leiam-se as ordens do exercito d'esses annos e as paginas frisantes dos srs. Claudio Chaby e Soriano, e todos se convencerão de que não exageramos.

Finda a guerra, Luiz do Rego voltou pobre á patria, encontrando arruinada a sua casa, que vendeu para pagar as suas dividas contrahidas durante a longa campanha. Passadas as primeiras expansões da victoria, o governo esqueceu e quasi que desprezou tão benemerito cidadão!...

Em 1816 resolveu partir para o Rio de Janeiro, onde D. João VI o recebeu muito bem, e por carta regia de 26 de abril de 1817 lhe confiou o governo geral de Pernambuco, provincia que já ao tempo se pronunciava pela republica, dando assim o primeiro passo para a separação da metropole.

As medidas energicas adoptadas por Luiz do Rego foram aproveitadas pelos invejosos para o accusarem e denegrirem á sua brilhante reputação.

Salvo, como por milagre, de varios attentados, reprimiu a revolução do norte e ao mesmo tempo adheriu ao grito liberal de 1820.

Cançado das injustiças e calumnias de que fôra alvo, retirou-se em 1821 para Portugal, não tardando em demonstrar a falsidade das accusações, perante as côrtes.

São dignos de leitura o *Elogio historico de Luiz do Rego Barreto*, publicado em Coimbra em 1822, e a *Memoria justificativa sobre a conducta do Marechal de Campo Luiz do Rego Barreto, durante o tempo em que foi governador de Pernambuco*, publicada em Lisboa no mesmo anno.

Em 1822 foi nomeado governador das armas da provincia do Minho, passando então a residir em Vianna, onde comprou o palacete de Gonçalo Pereira Caldas de Barros, no Campo da Penha, ainda hoje conhecido pela casa de Luiz do Rego.

Nomeado em 1823 general em chefe das forças das tres provincias do norte, dirigiu a campanha contra os partidarios de Silveira.

Preso e deportado em 1830, não pôde tomar parte na guerra civil.

Restabelecido o governo liberal, de novo foi encarregado do governo das armas na provincia do Minho, sendo destituido em setembro de 1836.

Vogal do Supremo Conselho de Guerra e Senador, foram as ultimas honras que gosou tão prestante cidadão, vindo a fallecer na sua casa de Vianna, a 7 de setembro de 1840, e

foi sepultado na capella de Nossa Senhora da Agonia.

Era do conselho de Sua Magestade, commendador das Ordens de Christo e da Torre e Espada, condecorado com a cruz d'ouro da guerra peninsular, com a medalha do commando n.º 7, e com varias distincções concedidas por Suas Magestades britanica e catholica.

Tinha a patente de tenente general.

Por decreto de 30 de maio de 1835 foi agraciado com o titulo de visconde de Geraz do Lima.

Da familia de Luiz do Rego já fizemos menção a pag. 356.

NO MAR

Fernão Martins da Costa, por alcunha o *Mourão*, obrou maravilhas no mar, principalmente contra os mouros, d'onde lhe proveiu o cognome, commandando uma esquadra que no reinado de D. João II foi á Africa.

João Velho o Velho, apenas indicado a pag. 358, sobrelevou-se entre todos os heroicos filhos de Vianna.

A fama das suas acções ainda não passou ás paginas da historia, mas é tempo de o salvarmos do esquecimento e de pagarmos tão justa divida.

Filiado na casa de D. Fernando I, segundo duque de Bragança, foi seu secretario, vedor e valido. Posteriormente passou ao serviço d'el-rei D. João II, sendo indigitado como uma das testemunhas que depozeram contra o duque, seu amo.

Em 1497 embarcou na flotilha que foi mandada ás costas da Guiné a descobrir o reino de Angola ou Congo, e n'esta empreza obrou façanhas taes que em galardão lhe foi concedido um mui particular escudo d'armas para elle e seus descendentes, — escudo que ainda se vê na sua casa e que os nobiliarios omittem.

Varias vezes foi escolhido para ir como procurador ás côrtes, já por Vianna, já por toda a provincia do Minho; por sua diligencia conseguiu deferimento a diversas petições dos povos que representava e subsidios para melhoramentos locaes, e obteve certos officios e liberdades para o senado viannense, pelo que Vianna o proclamou *Pae da Patria.*

Da sua dedicação e alta valia deu prova singular no requerimento de que foi encarregado para com el-rei D. Affonso V, de quem obteve provisão de 6 de setembro de 1460, restringindo a doação de conde de Vianna da Foz do Lima (*primeiro* e *ultimo*) a D. Duarte de Menezes, fazendo sentir ao desmemoriado monarcha, que acima da sua ignorancia estavam os privilegios de Vianna, generosamente concedidos pelo conde de Bolonha.

Mereceu a distincta honra de hospedar em sua casa, no dia 2 de novembro de 1502, el-rei D. Manuel, tornando-se por isso aquella habitação digna de ser considerada e conservada como um monumento nacional, tanto pelo facto historico que representa, como pela sua architectura civil medieval, em perfeito estado de conservação ainda hoje (1884).

Está o inclito João Velho sepultado na capella dos Mareantes, na egreja matriz. O seu jazigo foi tapado em 1780.

João Casado Maciel, acompanhou D. Vasco da Gama com um navio armado e tripulado á sua custa, quando foi ao mar Roxo queimar as galés do Grão Turco, sendo armado cavalleiro pelo proprio D. Vasco no Monte Sinai.

João Alvares Fagundes é outro heroe não menos lendario do que João Velho. A elle se deve a descoberta do Banco da Terra Nova, onde foi arribar, perdido da expedição dos Corte-Reaes.

Voltou alli de novo já com a donataria do Banco, em navios á sua custa e gente para o povoar, tomando posse effectiva da ilha, que depois seus descendentes abandonaram por inhospita e fria e com ella as grandes pescarias do bacalhau que os inglezes aproveitaram.

Fizemos leve menção d'este illustre navegante a pag. 350.

Pero Gallego era homem de elevados brios e altos pensamentos, posto que de pequeno corpo.

Aos 23 annos de idade reuniu 30 mancebos e, á occultas das suas familias, com elles embarcou em uma caravella, dirigindo-se ao mar alto em busca de aventuras, de gloria e de riquezas.

Na altura dos Açores encontraram e bateram os piratas argelinos, tomando-lhes o navio e armas e fazendo captivos os mouros, cujo espolio foram vender a Sagres, onde se lhe uniram novos companheiros. D'ali navegaram para o Mediterraneo, onde em continuas proesas e aventuras passaram mais de tres annos limpando aquelles mares das setias barbarescas, voltando á patria cançados de abater o crescente e ricos de despojos. No seu regresso uma tempestade os obrigou a arribar á bahia de Cadiz, onde estava surta a armada do celebre D. Pedro Navarro. O nosso Pero Gallego fundeou n'aquelle porto sem fazer os cumprimentos do estylo, e sendo admoestado pelo almirante castelhano para abater a bandeira portugueza e salvar a hespanhola, respondeu fazendo fogo sobre a nau capitanea, ferindo muita gente e o proprio almirante D. Pedro; e, antes que este viesse a si do espanto, o audaz viannense levantou ferro e se fez ao mar.

Tanto sentiu o almirante hespanhol esta affronta, que participou a occorrencia ao imperador Carlos V, e este trocou varias notas com o nosso rei D. João III, pedindo satisfação; mas Pero Gallego regressou a Vianna, onde viveu sem ser inquietado por semelhante occorrencia, até que por desgostos d'outra ordem se retirou á vida monastica.

Sobre as façanhas d'este heroico filho de Vianna escreveram o nosso Fr. Manuel Homem, Fr. Francisco de Santa Maria e Ferdinand Denis, esse vulto entre os sabios da França, tão amigo de Portugal e tão sincero e benemerito admirador das nossas glorias, — e, copiando aquelles illustrados escriptores, tambem ultimamente o *Diccionario Popular* fez honrosa menção do nosso Pero Gallego.

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, nosso mestre e amigo, descreveu nos seus primorosos folhetins, publicados no *Commercio do Porto*, em 1869, os amores e feitos do grande heroe. O sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, a quem devemos a maior parte d'este artigo, pelo que mais uma vez lhe protestamos a nossa gratidão, nos auctorisa para declararmos que no seu *Esboço historico de Vianna*, fallando de Pero Gallego, seguira a opinião commum, mas que, depois de consultar a *Dissertação Apologetica*, prologo aos *Fastos politicos da Luzitania* (Lisboa, 1745) de Ignacio Barbosa Machado, procurando obter base para a identidade e veracidade dos factos, reconsiderou e descreu completamente da tradição.

O acontecimento culminante de Pero Gallego (diz o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra) é o da Bahia de Cadiz, que Fr. Manuel Homem, na sua *Memoria das Armas Castelhanas* (Lisboa, 1655, cap. 8.º) refere ao anno de 1546, e, segundo assevera o douto academico, já a esse tempo Pedro Navarro jazia sob a lousa tumular, havendo decorrido nada menos de 21 annos!...

Na viella da *Parenta* existe ainda hoje (1884) em Vianna um casebre que apontam como havendo sido a casa de Pero Gallego, pelo facto de ter na padieira da porta d'entrada uma gâlé esculpida; e Balthazar Werneck compoz um poemeto em que celebra os feitos do lendario viannense.

Ahi fica lançada a duvida. Resolva-a quem poder e quizer.

Alvaro Rodrigues de Tavora, indicado a pag. 340, deixou de si fama immortal, que ainda se conserva viva no animo dos bons viannenses, seus compatriotas.

Desde o anno de 1575 se acham noticias d'elle nos nossos annaes maritimos.

Em 1575 armou á sua custa tres navios e pairou nas ilhas, varrendo os corsarios d'aquellas costas; em 1577 teve o commando da caravella *Victoria* e 50 cruzados para ajuda; e em 1578 foi em conserva da *Nau dos Resgates*, sendo-lhe dado por essa occasião o fôro de cavalleiro fidalgo.

Chegada a lastimosa epocha em que o nosso reino se uniu á Hespanha, Alvaro de Tavora pronunciou-se, como a maior parte dos fidalgos viannenses, em favor do partido de Castella. Gosou particular estimação dos regentes do reino, que o chamaram a Lisboa

para defender aquelle porto, e de volta ao Minho fez propaganda em favor de D. Philippe, pelo que esteve preso em Ponte do Lima.

Em 1584 foi nomeado capitão do galeão *S. Matheus*, que trouxe a bom recado ao Porto de Lisboa; em 1585 foi levar soccorro ao castello da Bahia de Arguim; em 1586 commandou a *Zabra Augusta*; em 1587 a nau *Santiago*; em 1588 levou a artilheria para Sagres, e em 1589 rebocou a nau franceza *Pelicano*, vigiando a armada ingleza.

Por todos estes serviços o proveram no commando da nau de viagem á India, *S. Pantaleão*, e sahiu em março de 1592, aportando a Cochim em dezembro d'aquelle mesmo anno. No seu regresso ao reino foi agraciado com a commenda de Santo Apollinario, licença para trazer o habito de ouro e com o almoxarifado da alfandega de Vianna.

Viveu na sua quinta da Boa Vista, onde tem busto em pedra com o brazão dos Tavoras, e falleceu a 2 de novembro de 1615.

Braz Soares d'Abreu embarcou no anno de 1639 com 73 soldados á sua custa; combateu brilhantemente os hollandezes que opprimiam o Brazil, e mais tarde foi um dos primeiros a expugnar o castello de Vianna.

Manuel Velho Barreto prestou relevantes serviços, sendo louvado em varias occasiões, principalmente quando almirante d'algumas armadas.

Pedro Gonçalves Rothêa, bem conhecido e respeitado n'este reino pelos seus afortunados successos na guerra da restauração.

Em 1644, indo a commandar uma nau para as nossas ilhas, teve de bater-se com um corsario de Dunquerque, e uma bala fez explosão no paiol, indo a sua nau pelos ares. Recolhido pelo pirata e mal curado das numerosas feridas, foi respeitosamente conduzido a Portugal, mas logo se finou.

NA DIPLOMACIA

Rodrigo da Rocha Villarinho, que jaz no baptisterio da egreja matriz, onde tem a sua figura em armas brancas, hoje occulta com o relogio da torre. Foi muito estimado e considerado por el-rei D. João III, tanto que o enviou como embaixador ao Papa Paulo III.

Antonio Moniz de Carvalho occupou o importante cargo de desembargador e secretario das embaixadas e publicou em Paris um estimado e curioso livro (no anno de 1644) que intitulou: *Francia interessada com Portugal na separação de Castella.*

Luiz Antonio d'Abreu e Lima, depois conde da Carreira, da familia Abreus Tavoras (pag. 340) nasceu em Vianna a 18 do outubro de 1785. Sentou praça de cadete no regimento de artilheria do Porto em 13 de novembro de 1805 e foi despachado capitão ajudante do governador-capitão-general de Angola em 23 de março de 1806, com o qual embarcou para a Africa, onde permaneceu até 1810.

Foi addido á legação portugueza do congresso de Vienna desde 10 de outubro de 1814 até agosto de 1815, data em que partiu para S. Petersburgo como ministro plenipotenciario Antonio de Saldanha da Gama, exercendo as funcções de secretario da legação. Esteve n'aquelle paiz 8 annos como encarregado de negocios; e como nosso enviado extraordinario e ministro plenipotenciario dos Paizes Baixos, alli residiu até outubro de 1830.

Recusou prestar juramento de fidelidade ao sr. D. Miguel em 1828, e, sendo demittido, não abandonou aquella côrte, — antes pelo contrario dirigiu uma nota ao governo, junto do qual se achava acreditado, declarando que *continuava a considerar-se ministro e representante do governo legitimo da sr.ª D. Maria II.* Este passo teve grande alcance politico.

Duas vezes foi a Londres, á sua custa, conferenciar com o marquez de Palmella sobre a restauração da sr.ª D. Maria II, em 1829 e 1830. Em 20 de março de 1830 foi transferido para Londres pela regencia da Terceira, exercendo tão importante cargo em occasião difficilima e melindrosa desde 6 de outubro d'aquelle anno até os fins de fevereiro de 1834.

Em 11 de janeiro de 1833 havia sido nomeado ministro plenipotenciario nas tres côrtes de Londres, Paris e Madrid, tomando

conta da legação em 7 de maio de 1834. Em seguida foi transferido para Roma; não chegou porém a sair de Paris senão em 7 de junho de 1840.

Por sua iniciativa junto da Santidade de Gregorio XVI terminou o scisma religioso que ameaçava Portugal, e, concluida a sua missão, voltou a Paris em outubro de 1841, onde residiu até maio de 1847.

Foi escolhido para aio de SS. AA., espinhosa missão, a que tentou subtrahir-se, mas não foi attendido. Acompanhou os principes nas suas viagens e os dirigiu, salvando-se com louvor de tanta responsabilidade.

Na digressão da familia real ás provincias do norte, em maio de 1852, Luiz Antonio visitou com ella a sua patria e mostrou minuciosamente aos infantes todas as bellezas de Vianna e dos seus arredores.

A pedido do sr. D. Luiz foi a Turim, em 1862, pedir a mão da sr.ª D. Maria Pia, e, concluida esta missão, retirou-se á vida particular, vindo a fallecer em 18 de fevereiro de 1871, em Lisboa.

Desposou em Paris, no anno de 1840, mademoiselle Anne Luise Danemark, mas não teve successão, e a esposa apenas lhe sobreviveu quatro annos, expirando a 19 de abril de 1875.

Honras não lhe faltaram. Entre outras muitas citaremos as seguintes:

Visconde da Carreira no 1.º de dezembro de 1834, e conde a 20 de agosto de 1862. Duas vezes foi nomeado ministro, mas de nenhuma d'ellas chegou a exercer o cargo. Foi a primeira no ministerio do conde de Bomfim, em 26 de novembro de 1839,—e a segunda em 6 de outubro de 1846.

Quando falleceu era marechal de campo reformado, — camareiro-mór de SS. MM., — conselheiro de estado effectivo, — gran-cruz d'Aviz e da Torre e Espada, e commendador da Conceição, — sendo além d'isso gran-cruz de muitas ordens estrangeiras.

Não se distinguiu o nobre conde sómente na diplomacia, mas tambem nas lettras. Escreveu numerosos opusculos em francez e portuguez sustentando o credito e os direitos de Portugal, e era socio correspondente da nossa Academia Real das Sciencias.

Coordenou a sua correspondencia official dirigida ao duque de Palmella, desde 1828 até 1834, e o governo se encarregou de a fazer publicar na Imprensa Nacional, mas com a morte do nobre conde foi recolhida toda a edição, talvez com receio de que os factos n'ella comprehendidos viessem dar maior realce ao seu merecimento; a viuva, porém, melindrada fez a publicação por sua conta, concluindo-a em 1874.

Era tambem o illustre conde um bom musico e distincto amador de bellas artes, e a natureza o dotou com uma physionomia agradavel e uma alma bondosa e caritativa.

José Barbosa e Silva nascido a 30 de outubro de 1828, foi addido á legação portugueza em Paris e depois encarregado de negocios na côrte ottomana, em Constantinopla, e deputado pelo circulo de Vianna em varias legislaturas.

Escreveu um romance que intitulou *Viver para soffrer*, e expirou a 16 de setembro de 1865.

Viannenses illustres contemporaneos

Sebastião Lopes Calheiros e Menezes, já indicado a pag 347, é ministro e secretario d'estado honorario, do conselho de sua magestade, par do reino, grão-cruz de Carlos III e da ordem da Corôa, de Italia, grande official da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro, commendador da ordem da Torre e Espada, e das de Christo, de S. Thiago da Espada, da Legião de Honra e da da Rosa, do Brazil,— e cavalleiro de S. Bento d'Aviz, condecorado com as medalhas de valor militar, de ouro, — de bons serviços, tambem de ouro, — e de comportamento exemplar.

Sentou praça a 26 de março de 1833, sendo promovido a alferes a 28 de julho de 1837; — formou-se em mathematica na Universidade de Coimbra; — concluiu o curso de Pontes e Calçadas em Paris, e tem a patente de coronel d'estado maior desde 21 de janeiro de 1876.

Entre outras importantes commissões desempenhou as seguintes:

Governador geral de Cabo Verde, Costa da Guiné e provincia de Angola, de 1861 a 1862; governador civil do Porto; e por ultimo director da Escola Polytechnica de Lisboa desde 1874.

Actualmente preside á commissão internacional de delimitação de fronteiras com a Hespanha.

O incidente Birnie é uma gloriosa pagina dos brios portuguezes, que será escripta em lettras de ouro na historia das nossas colonias.

Deixemos fallar o *Diario Illustrado* na biographia d'este brioso militar e honestissimo caracter:

«Finalmente Sebastião Calheiros se, como homem publico, tem sido util ao paiz, que serve com integridade e distincção, como homem particular, é um espirito alegre, um coração honesto e bom e uma consciencia pura e justissima.

A sua franqueza, que não conhece limites, cria-lhe as sympathias de quantos, sem distincção de côr politica, se acercam d'elle, porque é um verdadeiro amigo e um companheiro jovial e sincero».

Nasceu em Santa Maria de Geraz do Lima, na quinta de Louredo, a 24 de janeiro de 1816; — aqui fica rectificada a data do seu nascimento, que corre errada em varios documentos officiaes.

Nada diremos dos seus illustres progenitores, pois já estão mencionados a pag. 346 e 347 d'este volume.

O doutor *Antonio Bernardino de Menezes*, lente de Prima, decano e director da faculdade de Theologia na nossa Universidade de Coimbra, conego capitular da sé cathedral d'aquella cidade e pronotorio apostolico, nasceu em S. Thiago de Cepões a 17 de agosto de 1812, mas veiu de tenros annos para esta cidade de Vianna, onde cursou os primeiros estudos e que estimou sempre como verdadeira patria, estabelecendo n'ella a sua residencia.

É filho de Luiz Antonio de Menezes, fidalgo de nobre caracter e muito considerado. Ordenou-se em Roma, formando-se depois em Coimbra, onde se doutorou a 29 de outubro de 1851.

Leão XIII o agraciou em 24 de janeiro de 1881 com a dignidade de proto-notario apostolico, e em 1883 governou a Universidade de Coimbra na ausencia do seu reitor.

É um dos ornamentos da faculdade de Theologia, um ecclesiastico modesto, um professor bondoso, e um protector nato dos estudantes seus patricios que buscam seu paternal amparo.

A robustez dos membros sobreleva ainda a sympathica physionomia do venerando ancião, que Vianna inteira, sua patria adoptiva, estremece e adora!

A sua mão caritativa enchuga muitas lagrimas, mitiga muita fome e ampara muita miseria!...

Rara é a visita a Vianna que não distribua largas esmolas pelos asylos e hospitaes.

O ceu lhe pague em bençãos o muito que os viannenses lhe devem.

Manuel Affonso d'Espergueira, que é hoje um dos nossos mais distinctos engenheiros, nasceu em Vianna a 5 de junho de 1835.

É filho de D. Theresa Carolina Affonso, modelo de virtudes, e de Matheus Antonio dos Santos Barbosa, cavalleiro professo da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo; commendador da mesma ordem, presidente da camara em 1852, tenente de infanteria, major de milicias, e senhor do grande praso de Gil de Perne, que comprou ao conde de S. Paio. Tiveram 7 filhos, dos quaes hoje (1884) apenas vivem os seguintes:

Dr. José Affonso d'Espergueira, de quem depois fallaremos;

Dr. João Affonso d'Espergueira, bacharel formado em direito, commendador da ordem de Christo, antigo secretario geral do districto de Vianna, e governador civil do districto de Villa Real em 1879: e

Manuel Affonso d'Espergueira, director technico da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, capitão de infanteria em commissão, com o curso d'estado maior e com o de pontes e calçadas na escola central de Paris.

É tambem commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Antonio Pereira da Cunha, um dos nossos mais eruditos e maviosos poetas, nasceu na freguezia de Monserrate a 9 d'abril de 1819.

D'elle e de sua nobre familia se trata a pag. 348 d'este volume.

Foi duas vezes deputado ás côrtes por Vianna, uma em 1856, estreiando-se brilhantemente, e depois em 1860, sendo ambas as vezes eleito pelo partido legitimista, cujos principios professa e professou sempre.

Além de bom poeta, é um excellente romancista, dramaturgo e publicista notavel. Como prova, citaremos as suas producções seguintes:

O voto d'El-Rei, *As duas filhas*, *Brazia parda*, e a *Herança do Barbadão* (dramas).

Escreveu tambem um volume intitulado *Não!* em que revela o mais acrisolado patriotismo e combate a união iberica,—e em seguida publicou sobre o mesmo assumpto outro livro intitulado *Brios heroicos dos portuguezes.*

Publicou tambem um folheto com o titulo *Dom Miguel*, e depois outro folheto com o mesmo titulo è que obteve tres edições;—e ultimamente, em 1879, uma *Selecta*, que dedicou a seu filho Sebastião, tambem notavel poeta, festejado auctor do *Minho.*

Qui viget in foliis venit e radicibus humor.

Sebastião Pereira tambem nasceu em Vianna, a 9 de fevereiro de 1850, e sabemos que anda escrevendo um poema, *A Cidade Vermelha*, sobre a conquista de Granada pelos reis catholicos Fernando e Isabel,—trabalho primoroso, segundo nos affiança um nosso illustrado amigo, que já teve a honra de lêr algumas estancias.

O dr. *João Candido Furtado Dantas*, referido a pag. 350, bem como seu sobrinho *João Caetano da Silva Campos*, dedicam á poesia particular affeição, e teem publicado numerosos versos em differentes jornaes.

José Ernesto de Sousa Caldas, redactor da *Actualidade*, jornal do Porto, e inspector do sello n'aquelle districto, natural de Vianna, onde nasceu a 28 de novembro de 1842, é tambem bom poeta e jornalista de são criterio.

João Coelho de Sá Villas Boas merece especial menção pelo seu amor ao estudo da astronomia.

Tem um gabinete d'observação em nada inferior aos do ensino official.

Nasceu em Vianna a 15 de setembro de 1841, e d'elle se fallou a pag. 348.

Caetano Maria d'Amorim, alumno da Academia Polytechnica do Porto, nasceu em Vianna a 12 de setembro de 1859 e é um dos notaveis pianistas de Portugal. Dedica ao estudo da musica todo o tempo que póde furtar ao das sciencias exactas.

Alberto Feio, visconde d'Aurora (Alberto), publicou, ha annos, um drama *Os Preconceitos*, que mereceu da nossa imprensa grandes encomios.

Conventos de frades

S. FRANCISCO DO MONTE

O primeiro convento que se fundou em Vianna foi o da Observante Ordem de S. Francisco do Monte, a dois kilometros da cidade, na encosta do Monte de Santa Luzia, lado E. junto da fonte do *Myrto*, da qual provém o nome de *Myrtilense* á quinta do visconde da Carreira, Luiz Bravo,—nome escolhido por s. ex.ª—um dos poetas viannenses que formavam o alegre grupo, cujos nomes se recordam ainda com saudade nos salões da formosa princeza do Lima.

Deu principio á fundação d'este mosteiro o veneravel frei Gonçalo Marinho, no anno de 1392 e não no de 1398, como por lapso se disse a pag. 398.

O convento e a egreja são de modesta fabrica. A cerca, apesar de pequena, é um dos sitios mais adequados para meditação e das mais poeticas estancias que ha n'aquelles arredores. Uma frondente matta, que occupa a maior parte do terreno, dá lembranças do Bussaco.

A egreja, na sua nudez franciscana, está bem conservada; outro tanto não diremos do restante edificio. Reedificado em 1584, apenas teve pequenas reformas no meiado do seculo XVIII, sendo seu padroeiro o generoso coronel Sebastião Pinto.

Extinctas as ordens religiosas em 1834, vendeu-se, e o comprou o visconde da Carreira, cujos herdeiros actualmente o possuem.

A matta conserva-se no seu antigo estado; a egreja serve de jazigo de familia, e o convento de habitação ao caseiro que cultiva a parte lavradia da cerca.

Do seu fundador Gonçalo Marinho já se fallou a pag. 405.

Na egreja ainda hoje se celebram annualmente duas festas, — uma em maio, outra em dezembro.

S. DOMINGOS

Depois de varias tentativas do santo arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres para dotar Vianna com um instituto dominico, abriram-se os alicerces do convento em abril de 1563 e os da sua egreja em 1566. Vide pag. 400 e 401.

O edificio é amplo, bem como o templo, que desde 1836 serve de egreja parochial da freguezia de Monserrate, cuja matriz ameaçava ruinas.

Na capella-mór, em tumulo elevado, como se disse, jaz o santo fundador.

Em 19 de junho de 1877, por ordem do arcebispo D. João Chrysostomo, procedeu-se á abertura d'aquelle venerando tumulo, encontrando-se dentro d'elle um cofre de cedro, alguma coisa deteriorado, tendo tres aberturas com vidros de cristal.

Aberto o dito cofre, se achou bem conservada a ossada maior, — craneo, columna vertebral e tibias. Exhalava um agradavel cheiro, e todos de joelhos reconheceram aquellas preciosas reliquias, declarando em voz alta:

«*Esta é a ossada do sr. D. Frei Bartholomeu dos Martyres, cuja authenticidade aqui solemnemente juramos, por ninguem antes de nós aqui ter vindo*».

Resou-se então um responso, e findo elle se tornou a collocar a tampa do cofre de cedro, ficando este sellado até o dia seguinte, em que o arcebispo o foi vêr e examinar.

A cella do santo prelado foi destruida para accommodações da secretaria da administração do concelho, e o restante edificio applicaram-no para repartições publicas do modo seguinte:

No 2.º pavimento installaram as repartições do governo civil, da fazenda do districto, das obras publicas districtaes e da junta geral;

No 1.º a administração do concelho, repartição de fazenda, recebedoria, tribunal judicial e obras publicas;

No andar terreo a pagadoria, correios e telegraphos, escola primaria, detenções e armazens das obras publicas, alèm da sachristia principal.

A egreja está no maximo aceio, graças ao zelo do seu digno prior, o reverendissimo conego José Maria de Barros, que desde 1873 dedica todo o cuidado ao embellezamento e á conservação do magestoso templo.

Alli se celebram differentes festividades religiosas com toda a decencia, senão com pompa, taes são as de S. Gonçalo, Semana Santa, Ascenção, do Rosario e da padroeira Nossa Senhora de Monserrate.

Já se disse que no côro se vêem as bandeiras do extincto regimento de infanteria n.º 9, de Vianna, as unicas bandeiras que hoje (1884) restam da gloriosa campanha da peninsula. Foram alli collocadas em 1814.

Nas novas bandeiras que substituiram aquellas, por decreto de 13 de novembro de 1813, é que se poz a honrosa legenda, de que já se fez menção, e essas bandeiras são as que se acham no Collegio Militar, como se lê nos *Excerptos historicos* do sr. Claudio Chaby, vol. IV, pag. 734, onde se reproduzem em gravura.

Fica assim rectificado o que *alibi* se disse das mencionadas bandeiras.

A cerca d'este convento, comprada por Luiz do Rego, visconde de Geraz do Lima, vendeu-se ha annos ao negociante João Antonio de Magalhães, que cedeu parte d'ella para se abrir uma rua em volta do convento, e em outra parte edificou differentes predios, formando um bairro, quasi todo de casas pequenas, o que foi de grande utilidade para a gente maritima.

SANTO ANTONIO

Este convento dos capuchos foi muitos annos casa capitular e cabeça da Real Provincia da Conceição.

Data de 1612 (vide pag. 403) sendo seu padroeiro Antonio Martins da Costa, de quem já se fallou nos *varões illustres nas armas* e que deu 2:400$000 réis para as obras do dito convento, ficando completo e seguro.

Foi um dos melhores conventos da provincia, ainda hoje muito solido e com agradavel aspecto.

Grande parte da bella cerca, derrubados os seus magestosos carvalhos, foi aproveitada para cemiterio, em 1840; outra parte deram-na ao Hospicio da Caridade para o seu novo hospital, mas a linha ferrea cortou aquelle terreno inutilisando-o para o dito fim; — a parte restante foi annexa ao hospital militar, estabelecido, ha annos, no edificio.

O templo pertence ao municipio e serve de capella para os officios funebres. A sua fachada, estando em ruinas, foi demolida e feita de novo em 1876.

Festejam-se alli com grande pompa a Immaculada Conceição e Santo Antonio.

CARMO

Os carmelitas descalços deram principio ao seu convento no anno de 1621. Para a conclusão d'elle pediram a el-rei a pedra de uma torre da freguezia de Darque, torre pertencente á casa de Bragança, mas D. João IV, estimando em muito aquellas ruinas d'um antigo alcaçar, mandou avaliar a pedra e lhes deu o seu valor.

O templo é pequeno mas airoso, e a Ordem Terceira do Carmo, a quem o governo o cedeu depois de extinctas as ordens religiosas, o trata com todo o carinho e o conserva com decencia e mesmo com aceio, tornando-se por isso credora de justos emboras. Emprasou ella tambem parte do edificio e alli trata de estabelecer um hospital para os seus irmãos pobres, como logo diremos.

A casa, bastante deteriorada, e a cerca eram propriedade do fallecido conde de Porto Covo da Bandeira, hoje do seu irmão e herdeiro. O pomar e parte do lavradio andam em arrendamento, e uma pequena orla da quinta foi expropriada primeiramente para o caminho de ferro, e ha dois annos para a nova estrada-rua, da ponte á rua da Bandeira.

Nas aulas d'este convento frequentou os estudos o ministro e secretario d'estado Antonio Rodrigues Sampaio.

A Ordem Terceira celebra com todo o apparato e procissão a festividade da sua padroeira no dia proprio, sendo domingo, aliás transfere-se para o domingo immediato, indo na vespera a irmandade conduzir do convento a imagem processionalmente.

CRUZIOS

No dia 5 de agosto de 1631 o arcebispo D. Rodrigo da Cunha lançou a primeira pedra d'este convento, e não a 5 de agosto de 1531, como por erro typographico se lê a pag. 399.

Este magestoso edificio ficou incompleto. A vasta egreja ostentava as suas colossaes paredes apenas em meia altura; por isso o refeitorio servia de capella aos conegos regrantes, e depois alli se venerou a Senhora dos Remedios.

O convento foi totalmente arrasado, — e não com pequeno custo, em razão da extraordinaria solidez das suas argamassas, — no anno de 1876, para a estação do caminho de ferro (veja-se aquelle anno nos *factos historicos*) expropriando-se tambem para o mesmo fim parte da cerca, anteriormente concedida com o mosteiro ao regimento de infanteria n.º 3, estacionado em Vianna.

Na demolição não se encontrou a lapide inaugural por se não saber ao certo o ponto onde foi collocada. Deveria estar na soleira da porta principal.

Conventos de freiras

SANT'ANNA

Em janeiro de 1510 resolveu a camara de Vianna fazer um convento, e d'este accordam

se lavrou escriptura a 21 do dito mez e anno.

Foi confiada a construcção de uma pequena egreja, campanario e dormitorio, ao insigne mestre de pedraria que foi tambem o architecto da matriz de Caminha, segundo nos asseverou o illustrado sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra.

D'aquelle elegante templo nada resta hoje (1884) a não ser o campanario e o portal, que na reforma ou reconstrucção da egreja, em 1713, foi levado para a porta do terreiro, e no anno ultimo (1883) quando reedificaram o mirante por causa do alargamento da rua da Amargura, o collocaram no dito mirante.

O edificio occupa grande area de terreno com as suas diversss officinas e dependencias, mas tudo de acanhadas proporções. Grande parte da cerca está hoje occupada pelas agulhas da estação do caminho de ferro. Além da quinta possuem estas religiosas uma bôa matta contigua á cerca.

N'este convento habitam ainda hoje (março de 1884) 5 religiosas, 8 meninas do côro, 5 recolhidas e 10 criadas internas.

A madre abbadessa chama-se D. Rita de Cassia de S. José, natural d'Arouca, bem como duas outras freiras, suas irmãs.

Em 1876, este convento tinha 9 religiosas professas, e o seu rendimento, além do juro dos capitaes mutuados e pensões dos bens que hão de ser desamortisados, em juros de inscripções, regula por 618$000 réis.

As festas que celebram estas virtuosas senhoras são as seguintes: — a de S. Bento no dia 21 de março, e a sua trasladação no dia 21 de julho, — Semana Santa, — Santissimo Sacramento na 3.ª dominga depois da festa de Corpus Christi, — e na ultima dominga de julho a da sua padroeira Sant'Anna.

S. BENTO

A mais antiga provisão para a instituição d'este mosteiro data, como vimos no original, de 9 de dezembro de 1508, em que tres senhoras conseguiram licença para se reunirem em communidade; mas só em abril de 1545 alguns viannenses, a maior parte negociantes, resolveram levar a cabo aquella fundação, levantando um extenso dormitorio á beira do Lima, na sua margem direita e tão proximo d'elle que o rio, não contente de visitar as cellas, no inverno damnificava as paredes, pelo que em 1710 teve de ser todo reedificado, protegendo os muros com um revestimento de cantaria e accrescentaram-lhe por essa occasião um esvelto mirante.

A pequena cerca soffreu em 1878 um córte para a avenida da nova ponte do caminho de ferro, e a sachristia exterior foi demolida para a estrada real n.º 25, de Vianna a Lindoso, haverá dois annos.

O pessoal d'este convento está reduzido ao seguinte: — duas freiras professas, comprehendendo a madre abbadessa D. Rosa Candida da Conceição Bezerra, natural de Ponte do Lima; 10 meninas do côro, uma senhora recolhida e 12 criadas internas; total 25 pessoas.

Em 1876 ainda viviam 4 freiras professas. O seu rendimento excede 1:224$000 réis.

As principaes festas que n'este convento hoje se celebram são as seguintes: — a de S. Bento, em março, — a da sua trasladação, em julho, — Santissimo Sacramento — e Semana Santa.

Das sepulturas da antiga ermida de S. Bento, d'onde se transferiu o cruzeiro do Senhor da Boa Lembrança, fallaremos quando tratarmos das descobertas archeologicas.

URSULINAS

No sopé da parte sul do monte de Santa Luzia se levantou com esmolas, em 1726, uma capella dedicada aos Santos Martyres viannenses Theophilo, Revocata e Saturnino. Junto da ermida existia uma casa do ermitão, na qual se recolheram quatro ou cinco devotas por iniciativa da beata Isabel de S. Francisco.

A pedido do senado de Vianna, a rainha D. Maria I obteve do arcebispo de Braga a ermida e casas annexas, e a seu rogo o bispo-conde enviou de Val de Pereira algumas religiosas para irem ali fundar um collegio

de educação, segundo o instituto ursulino, no anno de 1778.

Feito o risco do novo convento, offereceu a camara metade das sobras das sisas, terreno e agua; mas a obra não chegou a concluir-se, ficando reduzida a limitado espaço, e as freiras alojadas em dormitorio terreo.

O sitio tem lindas vistas e é muito saudavel.

Fica assim rectificada a data de 5 d'agosto de 1531, pag. 399.

Conta dentro dos seus muros hoje, março de 1884, apenas dez pessoas, — uma unica freira, a madre D. Theresa Rita Maria das Chagas, natural de Ponte do Lima (a penultima religiosa falleceu no fim de janeiro d'este anno) — 4 meninas do côro e 5 criadas internas.

Em 1876 havia aqui tres religiosas ainda.

O rendimento d'este mosteiro consiste unicamente nos juros das inscripções, 229$890 réis!...

Com tão diminutas rendas mal podem alimentar-se e prover aos reparos e conservação do templo e do mosteiro; comtudo ainda por um esforço supremo fazem na sua egreja as festividades seguintes: — aos Santos Martyres Viannenses no dia 6 de fevereiro, que é de guarda em Vianna, por serem os padroeiros da cidade, — ás Chagas do Senhor, na primeira sexta feira da quaresma, — e a Santo Agostinho, doutor da egreja, no dia 28 de agosto.

Este mosteiro é tambem conhecido pelo nome de *Recolhimento dos Santos Martyres* e *Collegio das Chagas*.

Em tempos não muito remotos foi uma das nossas primeiras casas de educação, e hoje está prestes a fechar-se, — quando era mais necessaria!

Ao sr. Arcebispo Primaz muito instantemente pedimos em nome do ceu e da sociedade que mande para alli algumas religiosas para ampararem e continuarem tão santa instituição.

Oxalá que os nossos votos sejam attendidos.

CARMELITAS DE JESUS, MARIA E JOSÉ

A provisão de 13 de agosto de 1779 concedeu ao dr. Caetano Correia de Seixas a fundação d'um convento, á sua custa, para menos de 21 religiosas. Principiou a obra no fim da rua da Bandeira, em 1780, e em outubro d'aquelle mesmo anno foram de Coimbra cinco freiras para a instituição da communidade, mas só em 1785 se installou definitivamente o convento.

Hoje, março de 1884, vivem n'este mosteiro do *Desterro*, de Jesus, Maria e José, apenas tres freiras professas, todas tres irmãs e naturaes do Porto, d'onde foram para alli na occasião do cerco (1832). Como não teem numero sufficiente para a eleição de Prioresa, governa a Vigaria *in capite* D. Isabel do Coração de Jesus, e fazem todo o serviço do côro e da casa doze meninas, porque o instituto d'este convento não lhe permitte criadas.

As principaes festas são as do Santissimo Sacramento, — Santa Theresa de Jesus, — Nossa Senhora do Carmo, — Semana Santa, — S. João da Cruz, — e dos seus padroeiros, Jesus, Maria e José, no ultimo domingo de abril.

Em 1876 ainda aqui existiam 7 freiras.

O seu rendimento regula por 285$000 réis.

RECOLHIMENTO DE SANTIAGO

Esta casa remonta ao seculo XV, e o seu oratorio era em 1527 administrado por algumas freiras franciscanas, sob a vigilancia do senado viannense; mas com a entrada de Catharina da Rocha, no anno de 1559, por sua iniciativa se reformou em *Mosteiro*, de Santa Clara, que apenas subsistiu alguns annos, durante a vida das religiosas que professaram com a madre Catharina, sendo a falta de rendas proprias a causa de tão rapida decadencia.

O recolhimento estava muito reduzido, quando em 1663 a Misericordia o amparou e lhe deu nova vida e estatutos, beneficiando-o com o legado de 30 alqueires de milho que a Santa Casa recebera em 1639 para sustentar dez recolhidas em S. Thiago.

Devem-se as obras e melhoramentos, que alli se notam, a D. Domingas do Rosario, viuva do celebre engenheiro militar Miguel

de Lescolle, e a Gaspar Fagundes da Rocha. A Santa Casa apenas mandou fazer o côro.

Os ultimos reparos, feitos em os nossos dias, devem-se á caridosa e illustre sr.ª D. Maria do Carmo de Brito Amorim, viuva de Felix d'Andrade Roby Porto Pedroso, que tambem no seu testamento contemplou a dita instituição.

Em 1721 estava outra vez o recolhimento sem meios, por causa das demandas com a Misericordia, pelo que o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, por accordão de 27 de janeiro d'aquelle anno, creou de novo o recolhimento, admittindo n'elle até o numero de dez mulheres honradas (viuvas ou donzellas) de Vianna, sob a administração da Santa Casa.

Hoje (março de 1884) são doze as pensionadas, de numero, e duas *encostadas* apenas, sendo regente a sr.ª D. Theresa Ferreira.

As duas encostadas e mesmo as doze restantes vivem quasi exclusivamente do producto do seu trabalho, porque as rendas do estabelecimento são insignificantes.

Da egreja de S. Thiago sahiram tres confrarias, — a de Monserrate, — a de S. Chrispim — e a de Santa Clara.

Festas religiosas

D'entre as festividades religiosas que actualmente se fazem em Vianna com maior pompa, mencionaremos as seguintes:

Procissão de Passos na 2.ª dominga de quaresma, Corpo de Deus, e Assumpção, que sahem da egreja de Santa Maria Maior, matriz da cidade; — as do Santissimo Sacramento em ambas as freguezias de Vianna, e a de Nossa Senhora do Carmo, que sobreleva a todas.

Nas duas egrejas parochiaes se fazem tambem com todo o esplendor as festas proprias da Semana Santa, havendo todas as sextas feiras *Miserere* em S. Domingos, e *Stabat Mater*, aos sabbados, na matriz.

É tambem digna de vêr-se a festa da Ascenção em qualquer das duas mencionadas egrejas.

A festividade, porém, de Nossa Senhora da Agonia, a 20 de agosto, é sem duvida a mais concorrida do Alto Minho, por causa da feira que se effectua no grande campo ao sopé do sanctuario. Queima-se por essa occasião lindo fogo d'artificio, preso e solto, e uma brilhante illuminação guarnece o templo e o adro.

Vianna na actualidade

A cidade de Vianna está situada em formosa e vasta planicie que se estende entre a fóz do Lima e o monte de Santa Luzia, ramificação da serra do mesmo nome, que lhe fica ao norte com a attitude de 205 metros.

Occupa uma area de 875 hectares, divididos em duas freguezias, — a de Santa Maria Maior, matriz, erecta em 1262, na parte oriental, e a de Nossa Senhora de Monserrate, instituida em 1621, na parte occidental da povoação, onde se encontra o bairro da Ribeira.

Um caes de 1:300 metros, desde o fortim ao mosteiro de S. Bento, não só defende a cidade das invasões do Lima nas suas enchentes, mas offerece um lindo passeio, que recorda o Aterro, de Lisboa.

Limitada ao sul e norte por agua e monte, confina ao nascente com a freguezia da Meadella, sendo pontos terminaes as Azenhas do D. Prior, ribeiro do Amial e parte da cerca do convento de S. Francisco, onde um pouco acima prende com a freguezia da Ariosa, no alto do Monte de Santa Luzia. Pertence a esta parochia de Santa Maria Maior o grande bairro suburbano da *Abelheira*, que de per si podia formar uma boa freguezia.

Os limites do poente partem dos *Penedos Ruivos*, á beira mar, e seguem pela Veiga de Figueiredo, Pia dos Eidos e Mosqueiros, sobem pelo monte em linha recta ao cruzeiro de Santa Luzia, e d'ali aguas vertentes até o Penedo Grande, por cima do mosteiro de S. Francisco do Monte.

A linha divisoria das duas freguezias na parte central e urbana vae do Campo da Feira, no caes, pelas ruas do Salgueiro, Rubins e Pedro de Mello até o Chafariz dos Cruzios, e d'ali pelo meio da Quinta de Val-

verde, subindo a encosta, até á porta da capella de Santa Luzia.

—

Vianna, desde o reinado de D. Manuel, transpoz o recinto das suas antigas muralhas (construidas no reinado de D. Affonso III pelos viannenses e concluidas no reinado de D. Fernando) e se expandiu pelos bairros da Bandeira, Picota, Carreira e S. Sebastião.

Hoje, além do formoso passeio do seu caes, tem largas ruas que circumvallam a cidade e communicam a estação do caminho de ferro com a Praça da Rainha, que é a principal, onde se erguem os edificios da camara e da Misericordia e um bello chafariz, construcção do meiado do seculo XVI.

No aterro do *Caes da Dizima*, na Ribeira, se fez em 1846 um jardim publico, mas, como o sitio exposto ao mar, sobre a barra, o tornasse pouco frequentado, e como o projecto da doka houvesse de o absorver, a camara resolveu em 1881 mudar este jardim, transformando o aterro do Pombal em um passeio publico esplendido; e por não ter local para o mercado quotidiano, alargou a praça do Principe (largo de S. Bento) e para alli o transferiu.

Ás sextas feiras realisa-se o mercado semanal, e, porque é muita a affluencia de povo, estende-se pelo aterro, ao longo do mosteiro de S. Bento.

No dito mercado se vende excellente manteiga, chamada *de Vianna*, que provém das freguezias de Ancora, Affife e Carrêço, a 180 réis cada 459 grammas; — cereaes, legumes, hortaliça de varias qualidades, proveniente da fronteira parochia de Darque; — lenhas, pannos grossos de linho, peças de *riscado* para saias, gallinhas, ovos, fructas, etc.

—

A praça do peixe estava nas arcadas dos edificios do Campo da Feira, no caes, onde antigamente estiveram os açougues e o repeso; mas no anno ultimo (1883) a camara resolveu acabar com aquelle foco de infecção e a transferiu provisoriamente para um barracão de madeira, que levantou na alameda do jardim velho.

A feira de gado bovino e suino faz-se no Campo do Castello ou da Senhora da Agonia, ao cruzeiro de S. Roque.

No mesmo Campo se faz, desde 1772, nos dias 18, 19 e 20 de agosto, a grande feira chamada *da Agonia*, concorrendo alli por essa occasião muitos negociantes de Braga, Porto, Guimarães e Barcellos, expondo em longas filas de barracas de madeira as suas mercadorias e manufacturas. A feira de objectos agricolas limita-se aos dois primeiros dias — 18 e 19 — pois na noute d'este ultimo, queimado o fogo de artificio, debanda o povo (talvez mais de 10:000 pessoas) das freguezias do districto, depois de haverem mergulhado 4 a 6 vezes o corpo no mar, em cada um dos dois dias, tanto os homens como as mulheres, sem barracas nem abrigo algum, além dos seus andrajos.

Conserva-se o abarracamento até o fim de agosto.

A feira de cavalgaduras, instituida por alvará regio de 23 de maio de 1670, fazia-se antigamente no dia de Santiago, no *Campo da Penha*, hoje *Praça de D. Fernando.*

—

Vianna, desde 1867 a esta parte, tem sido completamente transformada com melhoramentos de reconhecida utilidade e bom gosto. Que o diga quem conheceu as impossiveis praças e acanhadas ruas, que, em vez de calçada, se tornavam no inverno pantanos e regatos, deposito de toda a especie de immundicie, onde se despejavam os enormes calleiros ou goteiras de medonho aspecto.

Desde a limpeza das ruas até o dedalo dos negocios e aguas municipaes, tudo foi completamente modificado, graças á dedicação, intelligencia e bom criterio do dr. José Affonso d'Espergueira, que durante muitos annos, salvas pequenas e lamentaveis interrupções, tem estado á frente do municipio.

Vianna poderia occupar hoje a vanguarda de todas as nossas povoações de 3.ª classe, se a politica se não antepozesse aos interesses publicos.

Affirmamos bem alto que a José d'Espergueira, modelo de amor e dedicação para com a sua terra natal, se devem os mais consideraveis melhoramentos de Vianna.

Nasceu s. ex.ª a 19 de fevereiro de 1832; formou-se em Phylosophia e Mathematica na Universidade de Coimbra e recusou sempre seguir a vida publica. É o redactor principal da *Aurora do Lima* e irmão de Manuel Affonso d'Espergueira, já mencionado. Ao seu genio trabalhador e espirito culto junta uma apreciavel modestia. Ainda ha pouco tempo (janeiro de 1882) o vimos passar da cadeira de presidente da camara para a de simples vereador, calando as repugnancias que podia ter, só para levar a cabo importantes obras, o que em parte conseguiu com a força dos seus argumentos, luctando contra a maioria da camara.

—

Publicam-se actualmente em Vianna tres jornaes, — a *Aurora do Lima,* o *Imparcial,* e, desde 30 de janeiro ultimo, a *Esperança,* jornal de annuncios, impresso, como o *Imparcial,* no Porto.

É mensal e distribuido *gratis.*

Os unicos prélos que actualmente (março de 1884) existem em Vianna, além dos da *Aurora do Lima,* pertencem a André Pereira & Filho (Domingos Pereira Gomes Rosa).

Estas machinas foram estabelecidas, como as da *Aurora do Lima,* ha 30 annos. Anteriormente não houve imprensa em Vianna; e, se em 1619 se compoz no convento de S. Domingos a vida do santo Arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres, veiu expressamente de Coimbra o impressor com os utensilios proprios.

Ha em Vianna actualmente duas lojas que vendem livros e se encarregam de os mandar vir do estrangeiro.

No Lyceu Nacional, creado por decreto de 20 de setembro de 1853, cursam os quatro annos 42 alumnos, divididos em 139 matriculas.

Tem gabinete de Physica e bibliotheca propria desde 1880.

O collegio unico de Vianna é o *Lisbonense,* para o sexo feminino, e desde muitos annos fornece a grande numero de meninas uma educação esmerada. Conta 20 alumnas internas e 30 externas.

Nas duas parochias da cidade ha seis escolas de ensino primario official, tres do sexo masculino e tres do feminino, sendo as primeiras frequentadas por 96 rapazes e as segundas por 61 meninas.

Ha tambem na cidade cinco escolas particulares, frequentadas por 125 alumnos. Uma d'ellas ensina algumas materias de instrucção secundaria e recolhe estudantes; as outras quatro pertencem ao sexo feminino e terão 68 alumnas.

Tambem nos asylos se ensina ás creanças instrucção primaria e algumas prendas, e grande numero de meninas desde a idade de cinco annos se occupa na aprendisagem das rendas de bilros em toda a cidade e nomeadamente no bairro da Ribeira.

—

O *Asylo de Infancia Desvalida,* inaugurado em 3 de março de 1854, deve a sua existencia quasi que exclusivamente á iniciativa do benemerito e prestante viannense, já fallecido, Manuel Antonio Vianna Pedra.

A casa foi construida com todas as condições que demanda um estabelecimento d'aquella ordem, e nada menos de oitenta creanças alli recebem a instrucção necessaria para proverem de futuro aos meios da sua subsistencia e poderem ser uteis á sociedade. Não tem internato. As meninas entram de manhã; fornece-lhes a casa duas comidas, e sahem ao fim da tarde.

É uma instituição adoravel!

Em outubro de 1883 o seu capital montava a 37 contos de réis; a sua receita annual excedia a dois contos, e a despeza orçava por 1:380$000 réis.

O *Asylo de Meninas Orphãs e Desamparadas,* instituido pela Associação das Filhas de Maria, deve a sua existencia a um grupo de senhoras, á frente das quaes estava a viscondessa da Torre das Donas, D. Maria de Barros do Rego Barreto.

Admitte meninas externas de todas as idades, e internas tambem, nas condições do seu estatuto, de 5 a 8 annos.

O seu capital é muito diminuto, por ser a sua fundação muito recente. Data apenas de 1877, e a sua direcção recorre ao santo obulo da caridade.

As quatro irmãs hospitaleiras, que dirigem este benefico estabelecimento, ensinam

a 20 meninas externas e 14 internas, além da instrucção primaria, costura e varias outras prendas, francez e inglez, com resignação e dedicação verdadeiramente evangelicas, pelo que a cidade profundamente as estima.

—

O *Hospicio de Velhos e Entrevados* de Nossa Senhora da Caridade foi instituido em 1780 pelo benemerito cidadão José da Costa Pimenta Jarro, natural de Cabaços, no concelho de Ponte do Lima, com esmolas que pediu na importancia de 187$200 réis, esmolas abençoadas, pois hoje o seu fundo se eleva a 42:000$000 réis, além de 36:000$000 réis já destinados para um novo edificio!...

Como deve sorrir lá no ceu tão benemerito fundador!

Em junho de 1883 albergava este hospicio 42 velhos invalidos, sendo 29 pertencentes ao sexo masculino e 13 ao sexo feminino.

—

O *Hospital da Misericordia* teve o seu principio no anno de 1588, com o nome de *Hospital de S. João de Deus*, e concluiu-se o seu edificio no anno seguinte, sendo provedor João Jacome de Luna.

Anteriormente existiam em Vianna dois hospitaes, que lhe foram annexos, — um de *Gafos* ou *Gafaria*, junto á capella de S. Vicente, que já no anno de 1535 a confraria da Misericordia administrava; — outro denominado *hospital velho, albergue de peregrinos*, para cujas obras D. Affonso V em 1459 deu 15$000 réis, e foi instituido com rendas, em 1468, por João Paes o Velho, ascendente do ultimo administrador, Gaspar da Rocha Paes Cação Barros de Brito, em cuja administração se extinguiram os vinculos de tão antiga e nobre casa e conjuntamente as rendas d'esta albergaria.

Desde 1869 o hospital da Misericordia tem realisado melhoramentos importantes com relação aos meios de que dispõe.

A sua receita no ultimo anno economico de 1882 a 1883 foi de 3:500$000 réis, e a despeza de 2:300$000 réis.

O seu movimento desde o 1.º de junho de 1882 a 31 de maio de 1883 foi o seguinte:

	Homens	Mulheres	Total
Existiam do anno anterior	6	19	25
Entraram	68	142	210
Sahiram curados	62	139	201
Falleceram	8	6	14
Ficaram existindo	4	16	20

O hospital tem 7 enfermarias com 63 camas montadas, e alguns quartos particulares. O seu pessoal interno consta apenas de quatro irmãs hospitaleiras e um criado. Auxiliam o serviço um enfermeiro e uma ajudante privativa das mulheres.

Ha annos que a Misericordia fundou um Banco Agricola e Industrial com a cifra de 29:151$600 réis, e rendeu n'estes ultimos annos tres e meio por cento.

—

A mesa da Ordem Terceira do Carmo resolveu crear um hospital para os seus irmãos pobres, em 1862. Obtida auctorisação para emprasar uma parte do convento do Carmo, por carta regia de 23 de junho do dito anno, sendo lavrada a escriptura em setembro de 1863, logo no principio de 1864 abriu o hospital, mas pouco depois se fechou. Pretende agora abril-o de novo em melhores condições de viavilidade.

Em tempo, D. Maria II concedeu á irmandade dos Mareantes licença para fundar tambem um hospital para maritimos, mas não passou de tentativa.

Do hospital militar já se tratou quando fallámos do convento de Santo Antonio.

—

Na *Assembléa Viannense* reunem-se todas as noites 50 a 60 individuos, proprietarios e empregados publicos, que encontram alli as commodidades precisas para passarem agradavelmente algumas horas, — dois bilhares, varias mesas de jogos licitos, e salão de baile, que se abre tres vezes no anno ás familias dos socios. Na ultima *soirée masquée*, de 25 de fevereiro, reuniram-se 87 senhoras!

No gabinete de leitura se encontram jornaes politicos, scientificos e illustrados, portuguezes e estrangeiros.

Foi esta associação instituida em 1848, e o numero de socios hoje se eleva a 134.

O *Club Democratico Viannense* conta 78 socios e data de 10 de setembro de 1880. Tem gabinete de leitura, bibliotheca e mesas de jogos licitos, e é frequentado ordinariamente por 20 a 30 individuos.

O *Club Militar Recreativo* destina-se á distracção e convivencia das familias dos officiaes, e data de 20 de janeiro de 1883. Reunem-se alli as familias dos socios nos dias santificados e de gala, comparecendo termo medio 20 senhoras e outros tantos officiaes ou cavalheiros das suas familias.

Está montado na casa da Vedoria.

Em 1883 tambem os Bombeiros Voluntarios abriram um club para tão sympathica agremiação e para os socios protectores.

No 1.º de dezembro ultimo (1883) alguns estudantes do Lyceu e outros mancebos talentosos inauguraram um *Gremio de Instrucção*, onde se reunem, distrahem e illustram, fazendo conferencias e pronunciando discursos. Por vezes abrem as suas portas ao publico.

—

A *Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Vianna* foi organisada em seguida ao pavoroso incendio da rua do Caes, em abril de 1881, e conta hoje (março de 1884) 31 socios activos e 116 protectores.

Os seus estatutos foram approvados em 25 de junho de 1881.

Possue um mãgnifico material, avaliado em 2:026$018 réis. A bomba, que é de grande força, monta em um *break* e foi construida em Leipsig, na casa Jauck.

Tem uma secção maritima, destinada a soccorrer naufragos, para a qual encommendaram no Havre por 9:000 francos um magnifico barco salva-vidas.

Ao seu commandante, o benemerito capitão de engenheria João José Pereira Dias, se deve a prosperidade, disciplina e bom credito d'esta humanitaria corporação.

O material de incendios, pertencente ao municipio, compõe-se de um carro d'aprestes e 4 bombas, — uma do systema Flaud, offerecida pelo secretario de estado Rodrigo da Fonseca Magalhães, — duas de systema inglez antigo, — e uma portatil.

O pessoal é actualmente de 26 praças.

A bomba da estação do caminho de ferro é magnifica, systema *Latestu*, manual e montada em carro.

Os 6 carregadores formam o seu pessoal.

—

A *Associação dos Artistas*, fundada em 1860, conta presentemente 656 socios, que, mediante uma leve quota, d'ella auferem consideraveis beneficios.

A Roda dos Expostos foi instituida em 1701, data em que a camara, obtida licença regia por alvará de 20 de fevereiro de 1699, resolveu dotar o seu vasto municipio com tão santa instituição.

Vianna tem 5 pharmacias, 4 cafés de 1.ª classe, um d'elles com bilhar, e duas philarmonicas.

O *Hotel Central*, na rua de Sant'Anna, hoje a primeira da cidade, montado no palacete da marqueza de Terena, é um dos melhores hoteis da provincia. Tem bons quartos, grande sala de mesa, onde já se serviram jantares de 60 talheres, sala de visitas, piano e jardim. Os preços variam de 1$000 a 1$500 réis diarios.

Assim fica rectificada a noticia de pagina 336.

Além d'este hotel ha em Vianna mais dois que lhe são inferiores, — o *Viannense*, na rua Grande, e o *Aguia d'Ouro* sobre as arcadas da antiga Praça do Peixe, com excellentes vistas sobre o Lima e o formoso passeio do caes.

—

Fallemos agora dos theatros viannenses.

O *Theatro da Caridade*, pertencente ao *Hospicio dos Velhos e Entrevados*, abriu pela primeira vez a sua platéa na noite de 7 de abril de 1806, com uma recita dada por uma companhia hespanhola. Tem limitadas dimensões, e por isso a *Companhia Fomentadora Viannense*, instituida em 1874 para dotar a cidade com varios melhoramentos de iniciativa sua, resolveu principiar pela construcção de um novo theatro, digno de Vianna.

Os socios installadores da mencionada companhia foram José Affonso d'Espergueira, conselheiro Antonio Alberto da Rocha Páris, Sebastião da Silva Neves e José Alves de Sousa Ferreira. Tem feito varias emissões no valor aproximado de 30:000$000 réis, e com ellas e com o producto de bazares e de offertas de varios portuguezes residentes no Brazil, tem custeado as despezas.

Começou a construcção do edificio em 15 de março de 1876. Tem de comprimento 48 metros sobre 21 de largura, na fachada sobre a rua das *Correias*. A platéa é semi circular, medindo o seu raio 6m,25 e a altura 11 metros. Tem tres ordens, a 1.ª com 20 frisas, a 2.ª com 21 camarotes, a 3.ª com 16 e uma galeria no centro.

Falta concluir o palco, que é amplo e deve rivalisar com os primeiros do nosso paiz.

Toda a sua fabrica é elegante e a ornamentação de bom gosto.

Na frente sobre a rua das Correias tem um grande salão para concertos e duas salas nos topos.

Inaugurou-se no dia 3 de fevereiro d'este anno (1884) com uma serie de bailes de mascaras que produziram avultada quantia. Deve estar prompto no fim d'este anno.

—

A comarca de Vianna, séde de um tribunal commercial, tem cinco officios e um tabellião de notas.

A sua area não coincide com a do concelho, pois deu em 1874 para a comarca de Caminha as freguezias de Freixieiro de Soutêllo, Affife e S. Pedro de Soutêllo.

Nunca o tribunal de Vianna lavrou sentença de morte que se cumprisse, mas, já depois de 1834, alli se cumpriram duas, lavradas pelo juiz dos Arcos de Val de Vez, pertencente áquelle districto: — a primeira das ditas execuções effectuou-se em uma forca erguida no caes, defronte da alfandega, no sitio do pelourinho, em 21 de setembro de 1838, na pessoa do infeliz Antonio Manuel Barreto, de 27 annos, natural do Couto de Capareiros, filho de José Faustino Borges e de Theresa Maria Barreto.

Era accusado de haver commettido um avultado roubo na estrada publica, de haver assassinado João Saraiva e de ter resistido á justiça.

O jury o condemnou a ser levado pelas ruas mais publicas de Vianna até o caes, e a morrer alli de morte natural na forca, e, depois de morto, lhe seriam decepadas a cabeça e as mãos, que ficariam expostas até que o tempo as consumisse, — a cabeça no mesmo caes e as mãos no logar do delicto, — e a pagar um conto e seiscentos mil réis, metade para Joaquina Moreira Novaes e a outra metade para os herdeiros do assassinado João Saraiva, — e mais duzentos mil réis para o thesouro publico.

Foi a sentença confirmada na Relação do Porto, em accordam de 28 de novembro de 1836, supprimindo a decepação da cabeça e mãos, o que o supremo tribunal confirmou por accordam de 9 de julho de 1837; e em portaria de 27 de agosto de 1838 se participou ao presidente da Relação do Porto que S. M., ouvido o conselho de ministros, não usara da sua real clemencia em favor do reu.

Foi effectivamente justiçado, mas ainda hoje é voz publica em Vianna que o infeliz Antonio Manuel Barreto *estava innocente!...*

—

A segunda e ultima execução teve logar no Campo do Castello, a 22 de março de 1843, sendo enforcado Jacintho José da Silva, de 37 annos, natural da freguezia de Giella, concelho dos Arcos de Val de Vez, casado com Antonia Maria, filho de João da Silva e de Maria Angelica.

Este infeliz foi accusado de haver assassinado Maria Gaya e com ella o feto que trazia no ventre, e um menino de tres annos de idade, filho de ambos!

Foi julgado em 2 de agosto de 1840, pelo juiz dos Arcos, e a sentença confirmada na Relação do Porto em 17 de fevereiro de 1841. Recorrendo o reu de revista, foi-lhe esta negada, e em portaria de 15 de fevereiro de 1843 se participou ao presidente da Relação que S. M. não se dignou usar da sua real clemencia em favor do reu.

Depois de 1834 foram justiçados ao norte do nosso paiz, na area da Relação do Porto,

mais quatorze infelizes,— quatro na cidade do Porto e dez em differentes terras, sendo o ultimo José Maria, o *Calcas*, em 19 de setembro de 1845, no campo do Tablado, em Chaves. [1]

Lancemos um veu sobre estas paginas de sangue e passemos a outro topico.

—

A guarnição de Vianna é feita pelo regimento de infanteria n.º 3, que, ha mais de 30 annos, alli estaciona, aquartelado em um bello edificio, mandado construir pela rainha a senhora D. Maria I, em 1790.

Dentro d'este quartel ha um nicho, onde se venera o *Senhor dos Quarteis*, imagem que durante a guerra peninsular acompanhou o heroico regimento de infanteria n.º 9, extincto em 1828, cujas gloriosas bandeiras se conservam na egreja do convento de S. Domingos, como já dissemos. Ao lado d'ellas cahiu mortalmente ferido na batalha da Victoria, a 21 de junho de 1813, o valente capitão Fernando de Villas-Boas, como em honrosa commemoração refere o sr. Claudio Chaby, a pag. 707, no 4.º volume dos seus *Excerptos Historicos da Guerra da Peninsula*.

No castello reside apenas um pequeno destacamento de 5 praças de artilheria n.º 3, para salvas e serviço dos signaes do porto.

O batalhão d'artilheria n.º 3 foi removido para Santarem, haverá 10 annos. Fica d'esta fórma rectificada a noticia de pag. 335.

No quartel da antiga *Vedoria*, na rua das *Vaccas*, estaciona uma secção da companhia de veteranos, de Valença, commandada por um sargento.

—

O movimento maritimo do Porto de Vianna, durante o ultimo anno de 1883, foi o seguinte:

Sahiram 172 navios, 105 para portos nacionaes, com a lotação de 8:974 metros cubicos e 682 pessoas de tripulação; 1 para a Allemanha, 2 para o Brazil, 9 para Inglaterra, 35 para a Hespanha, 1 para a Hollanda, 3 para a Noruega e 16 para diversos destinos, com o total de 18:790 metros cubicos e 1:157 pessoas de tripulação.

Pertenciam ás seguintes bandeiras: 119 portuguezes, 3 allemães, 1 francez, 13 hespanhoes, 25 inglezes, 9 norueguezes e 2 diversos.

D'estes 172 navios sahiram com carga 133 e em lastro 39.

O movimento por procedencias foi: 97 navios dos portos do nosso reino, 2 dos Estados Unidos, 2 de França, 28 de Inglaterra, 12 de Hespanha, 2 da Italia e 6 da Noruega, com uma lotação total de 15:990 metros cubicos e 985 pessoas de tripulação, pertencentes ás seguintes bandeiras: 99 portuguezes, 3 allemães, 1 francez, 12 hespanhoes, 27 inglezes e 7 norueguezes.

D'estes entraram com carga 125 e em lastro 24.

Rendeu a alfandega de Vianna
em 1882.................. 139:228$092
e em 1883.................. 157:882$861
e por tanto a mais no ultimo
anno, réis.................. 18:654$769

A maior parte d'este rendimento proveiu dos direitos sobre o bacalhau, assucar e petroleo.

Descobertas archeologicas

No alto do monte de Santa Luzia, detraz da capella, a 205 metros de altitude, era tradição haver existido, em tempos remotos, uma povoação, e alli se encontravam vestigios de muralhas.

No principio do mez de junho de 1877, antes da visita ás ruinas da Citania, o sr. conselheiro Joaquim Possidonio Narciso da Silva subiu o monte e procedeu a escavações que deram em resultado acharem-se varias casas arruinadas, de pequenas dimensões, a maior parte redondas. Tratou logo s. ex.ª de animar a exploração, para o que obteve da *Associação dos Archeologos e Architectos Por-*

---

[1] Póde vêr-se a relação completa nos n.os 523, 525, 526, 527 e 528 do *Dez de Março* de 1881, organisada e publicada pelo auctor d'estas linhas — *P. A. Ferreira*.

tuguezes, da qual é dignissimo presidente, uma importante quantia, pondo-se a descoberto uma pequena parte da antiga povoação. A isto se limitaram as descobertas de Vianna, que desfalleceram com a ausencia do illustre architecto e com a falta de meios.

Na pequena area das escavações, lado norte, a 0m,45 de profundidade, onde foi encontrado o piso da velha povoação, se exploraram onze casas, de 4 a 6 metros em diametro, encontrando-se alli por essa occasião algumas pequenas moedas romanas de cobre, de Cesar e Constantino, uma centena de pregos d'aquelle metal, tijolos, pedras redondas furadas e alguns fragmentos de ceramica e de vidro.

O perimetro das muralhas excede a um kilometro.

Ultimamente o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado archeologo tambem, e mais dois cavalheiros seus amigos, tiveram o pensamento de erigir uma confraria na capella de Santa Luzia, com o fim não só de venerarem aquella santa e martyr, mas de aformosearem o local, proteger as venerandas ruinas e construir uma estrada que facilmente conduza os devotos e forasteiros até o cimo do dito monte, por tantos titulos interessante.

Foi muito bem acceite pelo publico esta idéa.

Parte da empreza já se acha realisada, pois que a confraria, approvados os seus estatutos por alvará de 18 de fevereiro d'este anno (1884) tomou posse da capella no dia 3 do mez de março, e conta já cerca de 200 irmãos, comprehendendo muitos dos principaes cavalheiros de Vianna.

A mesa ficou assim composta: presidente, Luiz d'Andrade e Sousa; secretario, Luiz de Figueiredo da Guerra; thesoureiro, José da Cunha Guedes de Brito; vogaes, Antonio Pinto d'Araujo Correia, dr. José Alfredo da Camara Leme, João Coelho de Castro Villas-Boas e Manuel Joaquim Gonçalves d'Araujo, todos cavalheiros prestantissimos e benemeritos viannenses, animados do melhor desejo de realisarem as nobres e santas aspirações que os determinaram a erigir a mencionada confraria.

Fazemos votos por vêr em praso breve a capellinha transformada em um formoso sanctuario, aquellas ruinas devidamente exploradas e defendidas dos vandalos, e aquelle tão pittoresco monte convenientemente arborisado e embellezado.

Recebam ss. ex.as todos os nossos justos emboras.

A capella é antiquissima; data a ultima reconstrucção de 1664, e está a 195,59 metros de altitude (fica assim rectificada a altitude que se indicou a pag. 335). A sua latitude é de 41, 42, 0, e a longitude 0, 17, 9 E.

Do adro se gosa um surprehendente panorama sobre o valle do Lima, e o mar se perde de vista em dilatado horisonte.

—

Em agosto de 1881 publicou o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra no *Noticioso*, de Valença, curiosas noticias com relação a umas sepulturas que appareceram em Vianna, dentro da cidade, quando se principiou a preparação do terreno para o novo mercado no largo de S. Bento, nos primeiros dias d'aquelle mez.

Aquellas sepulturas eram contiguas, abertas em rocha, e estavam occultas sob o cruzeiro do Senhor da Boa Lembrança. Correspondiam ao local da primitiva capella de S. Bento e n'ellas se sepultaram as primeiras devotas já mencionadas, quando se tratou do mosteiro de S. Bento.

Aquella ermida, ao pé da egreja das Almas, servia de desembarcadouro na passagem do rio Lima, e por isso vivia n'ella um ermitão, frei Hieronymo, cujos restos (muito provavelmente quando se collocou n'aquelle sitio o cruzeiro, em 1647) foram trasladados para a egreja do convento, onde estão, sob a pia baptismal.

Industria local

Vianna não é propriamente cidade industrial, todavia a sua população, sobremaneira laboriosa, dá bons artistas: assim apresenta excellentes officinas de carruagens, marcenaria (uma das quaes, de Albano da Graça Pires Franco, estabelecida no Campo do cas-

tello, é movida a vapor), sapataria, de alfaiate, de cortumes, e de phosphoros.

A freguezia de Affife, além de ter pintores habeis, fornece estucadores verdadeiramente primorosos, bem conhecidos em todo Portugal.

Defronte da cidade, alem rio (em Darque) existe desde 1874 uma fabrica a vapor, de moagem e serraria de madeira (e em tempo tambem de distillação) pertencente aos negociantes João Antonio de Magalhães & Filho.

Em janeiro ultimo (1884) abriu-se junto á ponte, no cáes de Gontim, uma fabrica de fundição de ferro para panellas e potes, que em breve será augmentada com tôrno e serralheria.

Dos estalleiros de Vianna sahiam barcos velleiros e de afamada construcção, que se armavam em patachos, escunas e hiates; porém n'estes ultimos annos a carestia de jornaes e a falta de madeiras tem afugentado d'aqui os armadores. A decadencia da nossa marinha mercante faz-se sentir em todos os portos do reino.

Desde 1840 a 1860 construiram-se em Vianna 33 embarcações; desde 1860 a 1870 apenas 4; e de 1870 até hoje 6, com os nomes e arqueação seguintes:

Em 1870 o palhabote *Senhor das Areias* com 153,439 metros cubicos;

Em 1873 a escuna *Saudade* com 182,885 metros cubicos;

Em 1873 o palhabote *Industria* com 174,103 metros cubicos;

Em 1875 o patacho *Barboza II* com 177,177 metros cubicos;

Em 1881 o cahique *Rio Lima* com 78,564 metros cubicos;

Em 1881 o cahique *Vascão* com 54,889 metros cubicos.

Na pescaria empregam-se 70 barcos ou lanchas, incluindo as 14 da volante, com uma tripulação de 350 homens. O valor da dizima d'esse pescado regula por 500$000 réis annuaes.

A maior exportação consiste em madeira de pinho para Hespanha, e cereaes para os portos do reino; e a importação principal consiste em bacalhau da Terra Nova e da Noruega (2.842:383 kilogrammas annuaes), trigo americano, petroleo, carvão de pedra, enxofre, ferro e aço em barra.

O total dos valores das mercadorias importadas e exportadas pela barra de Vianna ascende a uma media annual de 800 contos, recebendo a Alfandega de direitos 130.

Fallemos agora de uma pequena industria, mas muito florescente; referimo-nos á renda de bilros. Apresenta duas variedades: rendas de linho e entremeios, cuja largura varia de $0^m,01$ a $0^m,36$, com os preços de 30 a 2$000 réis o metro.

Trabalham nas rendas 300 feitureiras, cujos jornaes medeiam de 20 a 100 réis diarios, empregando 18 a 288 bilros.

A linha uzada é a nacional e tambem a franceza.

Ha duas ou tres senhoras que compram estas rendas ás feitureiras, e as exportam, principalmente para o Brazil. Encommendam peças, escolhendo o gosto, e uma d'ellas, Thereza de Passos Sacadura, tem obtido nas exposições varios premios, e vende annualmente oito mil metros de renda, termo medio.

No concelho de Vianna, na freguezia de Lanhezes, ha olarias de telha, tijolo e vazos para flores.

O movimento da estação do Caminho de ferro de Vianna durante o anno de 1883 foi o seguinte:

Venderam-se bilhetes em numero de 39:019, e produziram a importancia de 12:474$500 réis.

O total das encommendas, bagagens e mercadorias attingiu a quantia de 21:739$550 réis.

Districto de Vianna

A superficie do districto de Vianna comprehende 225:288 hectares: o seu solo que constitue o alto Minho, é bastante accidentado, e proveniente da decomposição de granitos, na sua maxima parte.

Entre os rios Minho e Lima levanta-se a serra da Peneda, que mede 1,446 metros d'altitude, e são ramos seus as serras de Bulhosa, e de Arga, com a altitude de 816 metros.

Estas montanhas formam a divisoria entre as bacias d'aquelles dous rios. Da serra de Arga, que vem morrer sobre a foz do Minho, sahe um braço que se dirige para Vianna, e se denomina Serra de Santa Luzia, com a altitude de 552 metros na pyramide geodesica do *Penedo da Era.*

O districto de Vianna abrange uma população de 220 mil habitantes, dos quaes 40 mil, a parte mais laboriosa do Minho, se condensa nas margens do Lima, que em fertilidade rivalisam com o terreno mais fertil de todo o nosso paiz. Se n'alguns pontos a agricultura desfallece, é porque a emigração constante para o imperio do Brazil seduz e magnetiza os nossos simplorios lavradores, roubando nos os mais vigorosos braços.

A cultura estende se até ás encostas dos montes e aos plainos das serras: a parte improductora é diminuta. Os baldios ou maninhos, até aqui logradouro commum, começam hoje a ser divididos pelos povos das respectivas parochias, que os aproveitam, sementando-os com penisco e com tojo para estrumes.

É abundante em aguas, e fertil em milho, principalmente o concelho de Coura, vinho verde (o de Monção sobre todos é excellente), centeio, cevada, linho, cebolas, nabos e hortaliças; as aguas são aproveitadas para as moendas, lima dos prados e rega dos linhos, milhos e hortaliças.

A pequena cultura é a mais usada, porque a propriedade está muito dividida e sobrecarregada com foros, reminiscencias dos prazos e senhorios d'outras eras.

O gado que faz todo o serviço de lavoura é o bovino.

Os habitos e costumes da gente do campo surprehendem agradavelmente o viajante; os trajes são elegantes e de bonito effeito, principalmente os dos arredores de Vianna, como já tivemos occasião de ver na grande festa, feira e romagem da Senhora da Agonia.

Nos concelhos dos Arcos de Val de Vez e da Ponte da Barca, no meio das serras agrestes, existem povos de costumes patriarchaes, que constituem uma especie de pequenas republicas, cujas povoações mais importantes são Suajo e Castro Laboreiro, na serra da *Peneda,* concelho dos Arcos; e Britello, na serra *Amarella,* concelho da Barca.

—

Com relação á agricultura geral do paiz, a d'este districto, como de todos os do norte, é prospera, porque é progressiva, havendo terras que produzem no anno duas e ás vezes tres novidades; mas o solo vae-se esgotando bastante, por que lhe não lançam os adubos precisos para a maxima producção que exigem das terras, e tambem porque, apezar de se fazer muito uzo das aguas, estas não são aproveitadas como deviam ser, havendo tractos de terreno em que se dispende muito dinheiro para obter muito pouca quantidade de agua, e pelo contrario outros, em que a agua se perde, deteriorando os terrenos, sem que os lavradores queiram fazer a mais pequena despeza para os aproveitarem.

As principaes culturas do districto são as seguintes:

Cereaes. Milho em abundancia, principalmente no concelho de Coura, chamado *Celleiro do Minho.* Ha annos em que se exporta grande quantidade d'este genero, para o qual convergem os esforços dos nossos lavradores, que de ordinario são *colonos* e pagam as pensões em milho, avaliando se pela sua maior ou menor produção a fertilidade do anno.

Cultiva se tambem, mas em menor escala, o trigo e o centeio.

Vinha. Em todo o districto o vinhedo é atacado pelo *oidium* e *antrachnose,* posto que esta epidemia não seja tão vulgar. Nos concelhos de Monção e Arcos apparece tambem a *anguilecte,* e, por emquanto, só n'aquelle primeiro concelho ha uma nova molestia que não está bem definida, correspondendo a uma outra observada no Ribatejo, chamada *perneira.*

Leguminosas. Feijão em abundancia, que no geral é semeado pelo meio do milho; feijão de trepar, favas, tremoços e ervilhas.

Plantas tuberosas. Batata ordinaria de muitas variedades, e em pequena porção a batata doce.

Productos de hortas. Couve gallega, nabos, cebolas, alhos, tronchuda, murciana,

saboia, penca, couve flôr, broculos, cenouras, rabanos, repolhos, etc.

Plantas industriaes. Linho, canhamo.

Pomares de espinho. Larangeiras, limoeiros, limeiras e tangerineiras.

Pomares de caroço. Ceregeiras, ameixieiras, pecegueiros, damasqueiros, ginjeiras, e amendoeiras.

Pomares de pevide. Macieiras e pereiras de muitas variedades.

Prados. Naturaes e artificiaes produzem n'esta região herva mollar, aveia, trevo, cerradella, cevada, etc.

Mattas. Pinheiro silvestre e manso carvalho, e sobreiro.

Os castanheiros, que com seus troncos gigantescos orlavam as avenidas dos solares do Minho, produzindo muita castanha e formosa madeira para construcções, vão em pronunciada decadencia.

As florestas tendem a augmentar pela grande sementeira que se tem feito de pinhões nos baldios, principalmente nas freguezias onde as juntas de parochia os dividiram pelos seus moradores.

—

Com relação á industria pecuaria é este districto o 4.º do reino em densidade, sendo a especie bovina a mais importante, seguindo-se-lhe logo a especie suina e depois a ovina, estando em inferior escalla as especies cavallar, muar e asinina.

As raças bovinas são a barrozã, a gallega, e uma variedade importante, a *bragueza*, prestando-se hoje todas tres á engorda, mas sendo preferida a primeira.

O districto é mais recreador do que creador. Engordam o gado por gráus, havendo individuos que costumam *limpar* o gado magro; outros compram crias, conservando-as até aos primeiros trabalhos; outros levam ainda o gado até meia engorda, e finalmente outros (estes em menor numero) acabam de engordar o gado, já feito.

Do que deixamos dito se conclue que sobre a engorda de gado ha muitas e variadas transacções, já em casa dos lavradores, onde os *regatões* os procuram, já nas feiras, principalmente nas de maio.

E' esta a industria que melhor retribue as fadigas ao lavrador, e por isso não só os lavradores, mas até os proprietarios, dão *gado a ganho*.

Sae d'aqui muito para embarque, mas poucas vezes directamente, passando de ordinario das feiras reguladoras do districto, (é a principal a de Ponte do Lima), para as feiras de Villa do Conde, levando-o d'alli para os suburbios do Porto, onde completam a engorda.

Os preços porque se vendem os differentes gados variam com a epoca do anno, sendo costume dar melhor offerta nos *mezes das valias* (fins de fevereiro a maio). O premio maximo que sabemos obtivera uma junta de bois, foram sessenta moedas ou réis 288$000.

Como já dissemos, o serviço agricola é feito com gado bovino, especialmente com vaccas; e, apezar de não darem muito leite, a qualidade d'este é excellente.

Ha muitos annos que a manteiga do districto é apreciada e bem conhecida nos mercados de Lisboa e Porto, com o nome de *manteiga de Vianna*. O districto, nomeadamente os concelhos de Vianna e Caminha, podiam e deviam produzir mais e melhôr manteiga, que rivalisaria com a ingleza, se fosse convenientemente fabricada.

O districto produz bastantes animaes da especie suina, sendo a principal a beirôa, e está bastante espalhada tambem a raça branca ingleza. Muitos lavradores criam os porcos para os venderem aos recreadores, e esta industria, pela sua facilidade, tende a prosperar, porque este gado ingere bem as comidas frias, e engorda a ponto de alguns exemplares terem attingido o peso de 300 kilogrammas!

A especie ovina, abundante no districto, está muito descurada, dando apenas lã grossa, que se consome quasi toda na localidade em fatos para os lavradores. Uma ou outra rêz mais gorda vae para os talhos.

Das especies cavallar, muar e azinina, uma só, a segunda, fornece exemplares muito procurados em crias para a Hespanha, onde são bem pagas.

O penso do gado bovino para trabalho consiste, no inverno, em palha de milho e

herva; ao gado d'engorda costumam dar além da herva, raizes carnosas ou tuberosas, sal e farinha de milho, ministrada ordinariamente em agua.

Em algumas freguezias do concelho como na de Vianna, Affife e n'outras do districto, ha uma especie de *seguro de gado bovino*, formado por uma associação de lavradores que *por finta* pagam ao socio o valor do animal que morrer de molestia ou de desgraça, depois de verificada a morte pelo curador.

—

O conselho de agricultura resolveu pedir ás camaras do districto que nos seus orçamentos lançassem uma verba para premiar quem possuisse melhores reproductores nos seus concelhos.

O estabelecimento da quinta Regional, para que foi comprada no mez de fevereiro ultimo pela junta geral a bella quinta dos *Rubins*, sita entre Vianna e a freguezia da Meadella, e mencionada n'este Diccionario a pag. 51 e 357 d'este volume, deverá fornecer, na forma da lei, animaes reproductores de todas as especies.

Viação districtal

Antes de apresentarmos uma nota de todas as diversas estradas que recortam o alto Minho, daremos uma succinta noticia sobre a direcção das obras publicas d'este districto.

Á frente d'esta repartição, como director, está um distincto engenheiro, o major João Thomaz da Costa, e os serviços e obras do districto acham-se divididos em seis secções:

Secção do valle do Lima.
Secção do valle do Minho.
Secção de construcção em Coura.
Secção de estudos em Melgaço.
Secção de Hydraulica em Caminha.
Secção de Hydraulica em Vianna.

Cada secção tem um engenheiro, conductores, fiscaes e cantoneiros, em numero variavel.

O pessoal administrativo compõe-se de um pagador e seu proposto, dois amanuenses, ferramenteiro e guarda de secretaria.

Estradas reaes

E. R. n.º 1. Dos Arcos a Monção comprehende 34:966,0 metros.

Esta estrada segue pela margem direita do rio Vez, e depois de passar a Portella do Extremo, ponto divisorio entre os valles do Lima e do Minho, entronca no logar d'Agras com a E. R. n.º 2, que vae para Valença; mais acima, com a estrada municipal para Sago, no sitio das Cruzes de Mazedo; e junto ás portas do Sol em Monção com a E. R. n.º 23, que sahe de Caminha para Melgaço. Está concluida.

E. R. n.º 2. Das Agras (entroncamento da E. R. n.º 1) a Valença, e liga-se com a E. R. n.º 23 no pinhal das Poças, comprehendendo uma extensão de metros 9:621,0. Está em projecto.

E. R. n.º 3. Do Porto aos Arcos, vindo do districto de Braga. Comprehende no districto de Vianna, desde a Figueirinha (limite dos dois districtos) até á villa dos Arcos de Valdo Vez, metros 10:321,5.

Entronca n'esta, dentro da villa da Barca, a E. R. n.º 26, que vae de Ponte do Lima áquella villa, e atravessa sobre pontes os rios Lima e Vez, ligando-se com a E. R. n.º 1. Está concluida.

E. R. n.º 4. De Villa Nova de Famalicão a Caminha.

Atravessa o districto de Braga e comprehende no de Vianna, desde o Campo d'Enfias até Caminha, uma extensão de metros 36:534,0.

N'ella entroncam as estradas districtaes n.º 4, de Vianna a Villa Verde, no sitio da Ola, e a n.º 3, de Vianna a Ponte do Lima, em Darque. Atravessa o rio Lima sobre o taboleiro superior da ponte metalica, em Vianna, no fim da qual se reune com a E. R. n.º 25, de Vianna a Lindozo; acompanha a linha ferrea, passando o valle do rio Ancora, e termina em Caminha, na margem esquerda do rio Coura. Está toda concluida.

Ramal da E. R. n.º 4, á estação do Caminho de ferro de Barrozellas, logar da freguezia de Capareiros.

Deve partir da E. R. n.º 4, no sitio do Ga-

meleiro, e ligar com a E. districtal n.º 3, em Capareiros, perto da estação do caminho de ferro. Deve ter, quando concluida, a extensão de metros 8:387,5.

Está construida a parte entre a E. districtal e o poetico rio Neiva, na extensão de 3:300,0 metros.

E. R. n.º 23. De Caminha a Melgaço, medindo 79:946,0 metros. Passa a ponte de Caminha na foz do rio Coura e segue pela margem do rio Minho, atravessando Villa Nova da Cerveira. D'ella sahe a E. municipal para S. Julião da Silva, cruza com a E. R. n.º 24, ramal de Coura, e depois de ser atravessada pelas E. municipaes da Gandra e Segadães, e cruzar com a linha ferrea, passa em Valença, d'onde sae para Monção, cruzando a E. R. n.º 1, junto das portas do Sol, n'esta villa, e d'alli parte para Valladares e Melgaço, devendo seguir até S. Gregorio, fronteira da Galliza. Tem concluidos até Melgaço 70:256,0 metros.

E. R. n.º 24. Ramal de Coura. Comprehende uma extensão de metros 31:924,0.

Sae da estação do Caminho de ferro do Minho, em S. Pedro da Torre, passa na Portella de *S. Bento da Porta aberta*, termo divisorio das aguas do Minho e Coura, atravessa a villa de Paredes, cabeça do concelho de Coura, e d'ahi segue para a Portella do Extremo, onde entronca na E. R. n.º 1, dos Arcos a Monção.

Está construida até a Villa de Paredes de Coura, na extensão de 17:924,0 metros.

E. R. n.º 25. De Vianna a Lindoso; comprehende metros, 75:609,0.

Sae de Vianna ligando com a E. R. n.º 4, junto á ponte metallica; toca nas estradas municipaes para Outeiro e S. Lourenço, corta Lanhezes e Ponte do Lima, no largo da Alegria, onde entronca na E. R. n.º 30, que vem do Porto a Valença — cruza com a Estrada municipal que de Rendufe e Coura vae para os Arcos, entroncando na E. R. n.º 1, dos Arcos a Monção, na rua da Misericordia d'aquella villa; passa na Barca entroncando na E. R. n.º 3, do Porto aos Arcos, e segue para Lindoso, fronteira da Galliza.

Está concluida na extensão de 43:889,0 metros, até a Villa dos Arcos.

E. R. n.º 26. De Ponte do Lima á Ponte da Barca, comprehendendo uma extensão de metros 17:000,0.

Sae do Largo de Camões em Ponte do Lima, onde liga com a E. R. n.º 30, do Porto a Valença; passa em S. Martinho da Gandra, e termina na villa da Barca, onde entronca na E. R. n.º 3, do Porto aos Arcos. Está concluida.

E. R. n.º 27. De Ponte do Lima ao Pezo da Regua. Comprehende dentro do districto de Vianna 12:285,5 metros.

Entronca na E. R. n.º 30, em Ponte do Lima, e passa para o districto de Braga, na ponte dos Córvos, em que atravessa o rio Neiva.

E. R. n.º 30. Do Porto a Valença. Vem do districto de Braga, e comprehende no districto de Vianna uma extensão de metros 49:581,0.

Entra no districto de Vianna em S. Bento de Balugães, cruzando com a E. districtal n.º 4, de Vianna a Villa Verde, e com a n.º 3, de Vianna a Ponte do Lima; passa n'esta villa; entronca duas vezes com a E. R. n.º 25, de Vianna a Lindoso; atravessa a Portella da Labruge, ponto divisorio entre o Lima e o Coura; cruza com a E. districtal n.º 1; segue á Portella de *S. Bento da Porta Aberta*, termo divisorio do Coura e Minho; continua na E. R. n.º 24, que aproveita até ás proximidades de S. Bento de Lagôas, seguindo depois a entroncar junto a Valença, com a E. R. n.º 23, de Caminha a Melgaço. Está concluida.

Ramal de Melgaço a Castro Laboreiro, na distancia approximada de metros 20:000,0.

Este ramal foi mandado estudar pela Portaria de 21 de dezembro de 1881.

Total das novas Estradas Reaes a macadam que o governo tem mandado construir na área d'este districto de Vianna, desde 1857, data da construcção da 1.ª E. R:

Até 31 de dezembro de 1883—	296k047m,0.
Total dos metros que faltam a construir das E. R. acima mencionadas.............	90k118m,5.
Somma a extensão das referidas estradas..............	386k165m,5.

Custo da sua construcção até aquella data 1:192:916$640 réis.

N. B. Não se comprehende n'esta quantia o custo da E. R. n.º 4, primeira construida no districto, por isso que foi feita pela companhia Utilidade Publica.

Subsidio dado pelo governo á Junta Geral do Districto para as suas estradas, até 31 de dezembro de 1883, 80:937$821 réis.

Subsidio que tem dado o governo ás diversas camaras do districto para a sua viação municipal a mac-adam, até á referida data, 21:870$626 réis.

Total que o governo tem dispendido com a viação a mac-adam, pessoal technico, estudos e outros serviços na área do districto até á mesma data de 31 de dezembro de 1883, 1.416:132$101 réis.

Estradas districtaes em 31 de dezembro de 1883

Estrada D. n.º 1. De Caminha por Coura e Arcos de Val de Vez a Melgaço, na extensão de metros 90:131.

Deve atravessar a E. R. n.º 30, proximo á freguezia de Romarigães, no concelho de Coura.

Sae de Caminha pela margem esquerda do rio Coura; atravessa a villa de Paredes, d'onde seguirá para a villa dos Arcos, e depois pela margem esquerda do rio Vez, atè á Portella de Sistello, d'onde irá a Melgaço. Está construida até S. Martinho de Coura, n'uma extensão de 22:353 metros; em construcção de S. Martinho a Paredes, na extensão de 14:278 metros, e o resto por estudar.

E. D. n.º 2. De Caminha a Ponte do Lima, na extensão approximada de metros 25:268.

Deve partir da E. R. n.º 4, nas proximidades de Ancora. Nada ainda ha feito.

E. D. n. 3. De Vianna a Ponte do Lima, Parte da E. R. n.º 4, na freguezia de Darque, segue a margem esquerda do Lima e vae entrar no sitio de *Giestas* na E. R. n.º 30, que aproveita até Ponte do Lima. Comprehende 16:863 metros.

E. D. n.º 4. De Vianna a Villa Verde.

Sae da E. R. n.º 4, no sitio de *Ola*; — segue a margem direita do rio Neiva;—atravessa e E. R. n.º 30, em S. Bento de Balugães; — vae á villa de S. Julião do Freixo— e cruza com a E. R. n.º 27, no sitio da *Ponte dos Corvos*, continuando no districto de Braga até Villa Verde.

Comprehende no districto de Vianna metros 23:525.

A Junta Geral do Districto de Vianna, até 30 de setembro de 1883, tinha gasto no estudo das suas estradas, construcção, conservação e pessoal technico, comprehendendo o subsidio dado pelo governo, a quantia de réis 231:625$629.

Estradas municipaes

Segundo o plano geral das estradas municipaes do districto de Vianna, comprehenderão estas a extensão de 793:500 metros, e foram orçadas em 1.310:250$000 réis.

Na maior parte do concelho ainda não se principiaram e apenas ha alguns trabalhos nos de Ponte de Lima, Coura, Valença e Arcos de Valle de Vez.

No concelho de Vianna as estradas municipaes são as seguintes:

I. Da freguezia de S. Romão á ponte do rio Neiva. Concluida.

II. Da Meadella a Outeiro. Está concluido apenas o 1.º lanço, que chega á freguezia de Perre.

III. De 2.ª classe — de S. Salvador á E. Dist. de Ponte do Lima a Caminha. Acha-se construida até Meixedo (1.º e 2.º lanço).

IV. Da Passagem até Carvoeiro. Está em construcção o 3.º lanço, entre a Portella de *Deuchriste* e a ponte dos Reis Magos.

No concelho de Caminha ha as estradas seguintes:

I. De Seixas a Argella; já construida.

II. De Venade a Orbacem; ainda em estudos.

—

A receita do pelouro da viação do municipio de Vianna para 1884 é de 4:000$527 réis, e para o serviço de pessoas e cousas 4:455$760 réis.

As quantias pertencentes ao fundo para a viação municipal, que as camaras d'este districto tinham na caixa geral dos depositos no mez de janeiro ultimo, sommavam réis 19:608$279, a saber:

Arcos de Val de Vez........	6:474$284
Caminha....................	1:145$694
Melgaço....................	3:750$014
Monsão.....................	324$183
Ponte da Barca.............	1:000$000
Valença....................	615$370
Villa Nova da Cerveira.....	6:298$734

O contingente da contribuição predial do districto de Vianna, relativo ao anno de 1883, foi de 116 contos, pertencendo ao concelho de Vianna 28:319$460 réis.

Pelo decreto de 5 de junho de 1884, o contingente de recrutas para o nosso exercito foi de 553 e para a marinha 9, tocando ao concelho de Vianna 112 para o 1.º e 2 para o 2.º.

Rectificações e addições

A Roqueta era uma torre antiga edificada, segundo se julga, por D. Affonso III, e sobre a porta existia um famoso letreiro; D. Manuel mandou reedificar aquella torre, quando a visitou no anno de 1502; no reinado de D. Sebastião (1567) os viannenses levantaram os muros de um forte, aproveitando a Roqueta; mais tarde D. Filippe I de Portugal ampliou aquella obra, tornando-a uma fortaleza formidavel.

Os revelins exteriores datam dos fins do seculo XVII.

Assim ficam modificadas as noticias de pag. 336, e 361.

Como signal de gratidão a D. Affonso III os viannenses obrigaram-se a levantar á sua custa os muros da villa, mas só se concluiram no reinado de Fernando; por um alvará de D. Manuel se permittiu construir cazas encostadas aos muros, que desde então (1501) ficaram abafados pelas edificações; foi el-rei D. Manuel que mudou a casa da Camara do bairro da Ribeira (ao pé da porta da Ribeira) para o Campo do Forno, onde ainda hoje está.

Ignora-se desde quando Vianna uza do seu brazão; é tradição que a nau com a ancora á prôa, significa a chegada de S. Thiago áquelle porto, onde desembarcou quando veiu á peninsula.

A pag. 349 se deve lêr D. Emilia Roza Cerveira, em vez de D. Maria Roza Cerveira, e a pag. 360, quando se referem os annos que conta Vianna, leia-se 626 em vez de 330, pois que o primeiro foral data de 18 de junho de 1258.

A egreja Matriz é construcção romano-bysantino, do reinado de João I; as suas torres são obra posterior, uma das quaes mandou fazer o bispo de Ceuta D. Justo Baldino, que n'ella poz o seu escudo, e não monogramma, como se disse a pag. 374. O incendio de 1656 destruiu a sachristia principal e alfaias, mais horroroso porém foi o de 1806 que reduziu o templo a montão de ruinas; escaparam apenas a capella do Sacramento e a dos Mariantes; n'esta ultima existe um calix magnifico e uma antiga lapide que diz: «Esta capella mandou fazer os Mariantes. Era de 1502. Ave Jesus.»

A legenda do portal da Matriz apresentada a pag. 347 deve ler-se assim:

Surgete mortui: venite ad judicium.

O edificio da alfandega foi construido durante a regencia de D. João VI em 1806.

A familia dos Rubins, de procedencia flamenga, veiu estabelecer-se com negocio, em Vianna, durante o dominio hespanhol, como se disse a pag. 357, e não no anno de 1125, como fica referido a pag. 397.

A pag. 375 ler-se-ha João Jacome de Luna, do qual se falla tambem a pag. 428.

O porto de Vianna mede na preamar 300 metros, e não na baixa-már, como por engano se escreveu a pag. 377.

A inauguração da ponte metalica teve logar no dia 27 de junho de 1878 (vide pag. 378). A largura dos passeios do seu taboleiro superior é de 825 milimetros cada um (pag. 379).

O quintal expropriado para a estação do caminho de ferro pertencia aos Camaridos-Mellos-Alvins-Pintos.

No artigo que trata dos jornaes dever-se-ha fazer as seguintes correcções e addições:

Aurora do Lima, o primeiro jornal que se publicou em Vianna, sahiu pela primeira vez no sabbado 15 de dezembro de 1855.

O 2.º jornal politico foi o *Timbre*, que publicou o 1.º numero no dia 2 de julho de 1856, terminando a 21 de outubro d'aquelle mesmo anno.

O Viannense começou a publicar-se a 17 de março de 1858, e terminou com o numero 1673, em 11 de março de 1869.

O Commercio de Vianna principiou a sua publicação em agosto de 1870, e suspendeu com o n.º 113, em 2 de maio de 1871.

Do *Districto de Vianna*, boletim eleitoral, apenas sahiram 4 numeros em junho e julho de 1875.

O *Echo do Povo* data de 16 de junho de 1877 e terminou com o n.º 200, em junho de 1879.

O *Imparcial* não é a continuação do *Echo do Povo*, mas os redactores são os mesmos. Imprime-se no Porto.

Quatro são os jornaes que tem visto a luz da publicidade em Vianna:

O *Sillographo*, cujo primeiro numero foi distribuido no domingo 2 de novembro de 1856. Sahiram poucos numeros.

A *Briza* (e não a *Briga* como por erro typographico se lê a pag. 392) sahiu no dia 21 de junho de 1857 e findou a 29 de novembro do dito anno, contando 24 numeros, que formam um volume de 192 paginas.

A *Homenagem*, tambem de pequeno formato como os antecedentes, publicou-se (nos parece) em 1858, sahindo poucos numeros.

Além do *Jornal d'Annuncios*, mencionado a pag. 392, fundou se em janeiro ultimo a *Esperança*, que se imprime no Porto, e se distribue mensalmente.

A transcripção apresentada a pag. 398, não é propriamente do foral, mas a inscripção da lápide do Pateo da Camara, que termina assim:

...Facta rege maudante XVIII junii EMCCCLXVI

Em paga dos serviços offerecidos pelos viannenses, D. Affonso III deu ao senado a capitania e Alcaidaria-mór da mesma villa.

A pag. 430 deve corrigir-se:

José Barboza e Silva.

E a pag. 439:

Alberto Feio, Visconde da Torre, Alberto.

Por erro typographico se omittiu uma palavra no ultimo periodo da noticia do convento do Carmo, a pag. 441. — Deve emendar-se n'este sentido:

...? indo na vespera a irmandade conduzir procissionalmente do convento de freiras Carmelitas a imagem da Senhora.»

O Lyceu Nacional não está no palacio de Luiz do Rego, mas sim no dos Cunhas Sottomaiores, na rua da Bandeira.

A pag. 383 se falla de uma curiosidade archeologica, transcrevendo-se do *Esboço historico de Vianna* o capitulo que lhe é relativo; todavia posteriormente o A. modificou aquella doutrina n'um artigo, publicado no n.º 15 do *Pero Gallego:*

«A estatua da rua da Bandeira pertence ao grupo das Callaicas ou gallegas, especie de monumentos funerarios que nos deixaram as cohortes romanas acantonadas na Gallecia, nos primeiros annos da era christã.

A antiga Gallecia, ou Galliza, estendia-se até ao Douro; sómente n'esta se encontram as memorias supraditas, hoje em dia tão raras e apreciadas. Conhecemos apenas cinco, duas das quâes se acham em Lisboa no jardim botanico da Ajuda, e são as de Montealegre.

«A estatua de Vianna, como as outras congeneres, está mutilada na cabeça e pés; e o escudo transformado, pois nos meiados do seculo XV D. Affonso da Rocha, commendatario de S. Paio de Meixedo, onde estava a estatua, lhe mandou abrir o brazão dos Rochas; d'aqui porém o engano dos archeologos, a cujo erro não nos eximimos. No seculo XVII Francisco da Rocha Lobo transportou para Vianna a estatua, e a collocou no Pateo da sua caza, onde se conserva.

«Em 1878 tirámos para o Muzeu do Instituto de Coimbra um calco da inscripção

que se extende no saial e nas coxas da figura, e que é o seguinte:

L. SESTI CLODAME
NIS. FL. COROCCOROCAVCI
— VDIVS F. SEMRON —

CONTV —— | ——
FRAT—— | ——

A estatua mede, fóra da urna que lhe é extranha, e sobre que assenta, 1m,65.»

Movimento postal da estação de Vianna nos dois ultimos annos (1882 e 1883)

Cartas e bilhetes postaes *recebidos* na dita estação, média........	200:000	por anno
Jornaes impressos.....	230:000	»
Cartas e bilhetes postaes expedidos pela dita estação, média.......	210:000	»
Jornaes impressos.....	77:000	»

Não vai incluida n'esta nota a correspondencia *não franqueada* ou com *franquia insufficiente*.

La mort, toujours la mort!...

Falleceu no dia 28 de março ultimo o sr. dr. José Affonso d'Espregueira, um dos mais benemeritos cidadãos que Vianna produziu n'este seculo, e por nós já mencionado entre os *viannenses illustres contemporaneos*.

A *Aurora do Lima* de 31 de março, noticiando o passamento de s. ex.ª, dizia o seguinte:

....

«As ceremonias funebres começaram hoje pelas 9 horas da manhã.

«Grandioso e altamente contristador o aspecto lugubre de todo aquelle espectaculo.

«No templo, todo coberto de crepes, ornamentado com estatuas, e illuminado profusamente, erguia-se no sopé dos primeiros degraus da capella-mór a eça funeraria em que repousava o esquife.

«A multidão agglomerava-se no templo, silenciosa, divisando-se em todos os rostos os traços profundos de um intimo desgosto e da mais completa desolação ao dizerem o derradeiro adeus, ao prestarem a ultima homenagem ao que soubera ser sempre um dos mais prestimosos filhos d'esta terra, o cidadão benemerito, o trabalhador incansavel, que deixa o seu nome vinculado a uma grande parte dos emprehendimentos notaveis que mais tem contribuido para o progresso e desenvolvimento d'esta cidade.

«É por isso que Vianna inteira pranteia a sua morte, porque viu com ella o desapparecimento de um homem que, pelos seus alevantados merecimentos, se torna quasi insubstituivel e para sempre lembrado, pois jámais se apagará da memoria de todos os viannenses o nome sympathico d'este illustre conterraneo, que ainda não ha muito possuimos ufanos e que d'ora ávante relembraremos cheios de saudade.

«Vianna admirava-o e apreciava-o subidamente, e por isso concorreram a prestar-lhe as honras funebres as pessoas mais gradas d'esta terra, todos os partidos politicos, auctoridades civis e militares, vereadores da camara e todo o pessoal da mesma, direcções da Associação Commercial, Artistas Viannenses, Asylo da Infancia Desvalida, com todas as asyladas e pessoal interno, Companhia Fomentadora, Congregação da Caridade, irmandade de Nossa Senhora d'Agonia, muitos funccionarios das repartições publicas, membros da classe artistica, operarios do novo theatro, todo o pessoal typographico d'este jornal, etc.

«Findas as ceremonias funebres, foi o feretro conduzido da igreja de Santo Antonio á capella do cemiterio, com numerosissimo acompanhamento, pegando ao caixão seis amigos, que não quizeram entregar a mãos mercenarias esse piedoso encargo, os srs. Francisco Casimiro da Rocha Páris, dr. José Alfredo da Camara Leme, dr. Luiz Augusto de Amorim, Julio Carneiro Geraldes,

Manuel Joaquim Gonçalves d'Araujo e Eugenio Martins, pegando ás toalhas do caixão seis pobres asylados, e tomando a chave o superior da Congregação da Caridade, o sr. conselheiro Antonio Alberto da Rocha Páris.

«Chegado á capella, pronunciou o nosso bom amigo o sr. Francisco Casimiro da Rocha Páris, por entre soluços e lagrimas, sentidas palavras de adeus.»

«Seguidamente foram os restos mortaes encerrados no jazigo de familia do nosso dilecto amigo o sr. dr. José Alfredo da Camara Leme.

«O nosso presado amigo o sr. Manoel Affonso de Espergueira chegou a esta cidade ante-hontem no comboyo do correio.

«Não poude já abraçar seu estremecido irmão, que falleceu ás 8 horas e 40 minutos da noite de sexta-feira, 28 do corrente.

«Esteve hoje fechada a casa da camara municipal, como homenagem ao seu antigo presidente e para que todos os empregados podessem assistir aos officios funebres.

«Não houve trabalho nem hoje nem ante-hontem nas obras do novo theatro, de que era director o nosso chorado amigo o sr dr. Jose Espergueira.

«Partiu espontaneamente dos proprios operarios esta honrosa manifestação de sentimento.»

Á illustre familia do benemerito finado e a todos os bons viannenses, nomeadamente ao sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, seu amigo até á veneração, enviamos o nosso sentido pezame.

—

Em hora aziaga principiou este artigo. Depois de começado, não só baixou á sepultura um dos mais benemeritos viannenses n'elle inscriptos, mas o proprio auctor d'este diccionario, que principiou o artigo e não logrou concluir um nem o outro!

Falleceu o sr. Augusto Soares d'Azevedo Barbosa do Pinho Leal no dia 2 de janeiro ultimo, na casa em que residia desde 1880, em Lordello do Ouro, arrabaldes do Porto, contando 67 annos e 42 dias d'existencia, pois nasceu no dia 21 de novembro de 1816 na freguezia da Ajuda, concelho de Belem, ou na freguezia de S. Thiago de Penamacor, diocese da Guarda.

Elle *dizia* que nasceu na Ajuda; mas nos seus apontamentos biographicos *disse* que nasceu em S. Thiago de Penamacor, — e tenho certidão authentica do seu baptismo, extrahida dos livros findos d'esta ultima parochia, na qual se diz simplesmente que nasceu (sem se declarar onde) no dia 21 de novembro de 1816 e que fôra ali baptisado no dia 30 do dito mez e anno. Creio porêm que nasceu na Ajuda, como demonstrarei no *supplemento* a este diccionario, no artigo *Valle* (Santa Maria do) freguezia do concelho da Feira, onde tenciono publicar a sua biographia. Veja-se tambem n'este diccionario o artigo *Vimieiro*, concelho d'Arrayolos, naturalidade do pae.

Falleceu pobre como a maior parte dos grandes escriptores, deixando sem fortuna e expostos a viverem do seu trabalho quotidiano 2 filhos e 4 filhas; mas d'estas as duas que viviam com elle — D. Albertina e D. Augusta — a quem o finado entregou as suas pequenas economias (cerca de 400 mil rèis) como remuneração do muito que lhe haviam aturado nas suas longas doenças, quizeram pagar-lhe amor com amor (honra lhes seja!) e com aquelle donativo lhe fizeram um funeral pomposo, *de 1.ª classe.*

Foi o seu cadaver vestido com a farda d'alferes do extincto batalhão de caçadores 3 da Beira Baixa, em que militou e occupava aquelle posto na convenção d'Evora Monte [1]. Depois de conduzido em carro funebre, tirado por dûas parelhas, até á matriz de Lordello, que estava toda litteralmente

[1] Seu pae, José Mathias Barregosa, natural de *Vimieiro*, concelho d'Arrayolos, era ao tempo tenente quartel mestre do mesmo batalhão e foi barbaramente apunhalado nas reprezalias que se seguiram. Vide *Vimieiro.*

coberta de crepes, erguendo-se a meio um catafalco, teve ali exequias pomposas—e em seguida foi levado para o cemiterio d'aquella parochia, — mettido em caixão de chumbo com a farda e banda e com a medalha da *Sociedade dos Architectos e Archeologos Portuguezes*,—e ali ficou depositado na sepultura da familia do seu senhorio e amigo, o sr. Manoel Ferreira Leite de Carvalho — provisoriamente, pois espero em Deus salvar tão venerandas cinzas da solidão dos campos de Lordello do Ouro e vel-as transferidas para o cemiterio occidental portuense—ou d'Agramonte.

Os srs. Tavares Cardoso & Irmão, benemeritos editores d'este diccionario, muito generosamente se prestam a dar-lhe o mausoleu, e a camara municipal portuense, em sessão de 3 do corrente mez d'abril, depois de feito pelo seu dignissimo presidente, o sr. José Augusto Corrêa de Barros, um pomposo elogio á memoria do finado escriptor, concedeu gratuitamente o chão necessario para o mausoleu, a pedido da benemerita *Sociedade d'Instrucção do Porto*, mostrando-se as duas respeitaveis corporações dignas uma da outra e ambas crédoras de justissimos emboras.

O cadaver do meu bom amigo foi acompanhado desde a sua casa até á matriz de Lordello e d'ali até o respectivo cemiterio pela banda marcial de caçadores n.º 9 e por grande numero de visinhos e amigos do finado, sendo o mais obscuro de todos o humilde auctor d'estas linhas, que mal imaginava ter de succeder-lhe na continuação do seu querido diccionario,—tarefa muito superior ás minhas debeis forças, mas que farei por desempenhar consoante Deus for servido.

A morte do sr. Pinho Leal foi uma grande perda para as lettras patrias e quasi toda a imprensa periodica do nosso paiz lhe dedicou sentidas phrases. Como este artigo já vai muito longo, transcreverei apenas o que no mesmo dia do fallecimento disse o *Dez de Março*, que se publica de tarde, — e no dia seguinte o *Commercio Portuguez*. O primeiro abriu assim o seu noticiario:

«Falleceu hoje (2 de janeiro de 1884) pelas quatro e meia horas da manhã, na sua casa da rua de Serralves, n.º 393, freguezia de Lordello do Ouro, o sr. Pinho Leal, benemerito auctor do grande diccionario chorographico «*Portugal Antigo e Moderno*.

«Ainda no ultimo numero do *Districto da Guarda* fallando d'aquelle insigne cultor das lettras patrias, dizia o correspondente d'esta cidade o seguinte:

«Continua a residir em Lordello do Ouro, cercanias do Porto, o sr. Augusto Soares d'Azevedo Barbosa Pinho Leal, benemerito auctor do grande diccionario *Portugal Antigo e Moderno*, uma das obras de maior folego e de mais merecimento, que se tem escripto e publicado em Portugal n'este seculo. Estão completos 9 volumes e já se acha muito adiantado o 10.º e ultimo. Não se imagina o trabalho que tem tido o seu auctor; *ha quarenta e tantos annos*, para levar ao fim tão vasta como impertinente obra, mas deixa na litteratura nacional um padrão glorioso e *unico no seu genero*, que ha de immortalisar o seu nome.

«*Per aspera ad astra!*

«Parece incrivel que um homem só, sem um curso regular d'estudos, sem fortuna propria e sem subsidio do governo nem de pessoa ou corporação alguma, tivesse a coragem e a tenacidade precisas para levar tão longe o seu amor pelas lettras, deixando tudo e esquecendo tudo, inclusivamente os seus commodos, as suas precisões e da esposa e filhos, para n'este seculo d'egoismo, consagrar o melhor da sua vida,—*quarenta e tantos annos de fadigas e d'insomnias*, — ao estudo mais arido, mais fatigante e *dispendioso*, pois teve de comprar muitos livros *raros e caros* e de caminhar *annos seguidos* para as nossas bibliothecas publicas.

«Conta s. ex.ª 67 annos e está pobre e alquebrado de forças, mas muito satisfeito por ver prestes a concluir-se a publicação do seu tão querido como interessante diccionario.

«Parabens a s. ex.ª e á empreza editora.

«Quando em 1873, data em que principiou a publicação da obra, recebemos o prospecto: *Portugal Antigo e Moderno*, — diccionario geographico, estatistico, chronologico, heral-

lico, archeologico, historico, biographico e tymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias, se estas são notaveis por serem patria de homens celebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tivessem logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza ali existentes;—noticia de muitas cidades e outras povoações da Luzitania, de que apenas restam vestigios ou somente a tradição, —por Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal,» foi completo o nosso assombro!

«Occorreu-nos logo á mente o que algures disse Garrett: «Ha titulos que não têem livro, e livros que não têem titulo» — e com o perdão do sr. Pinho Leal e da empresa editora, convencemo-nos de que titulo tão vasto e tão complexo, depois da extincção das ordens religiosas, nunca teria livro, porque esse livro demandava *vidas* para se escrever, e a sua publicação sommas fabulosas, muito superiores aos recursos das nossas empresas editoras.

«Felizmente enganei-me! Ahi está o livro honrando o titulo, bem como o seu auctor e editores,—livro que todo o bom portuguez, amante do seu paiz e das lettras patrias, deve adquirir e ler.

«Realisaram o milagre os srs. Mattos Moreira & C.ª, [1] de Lisboa editando-o,—e o sr. Pinho Leal, escrevendo-o.

«*Sempre honor, nomen que tuum laudes que manebunt*!

«Mal imaginava o correspondente que estava escrevendo o necrologio do sr. Pinho Leal!

«Á sua desolada familia os nossos sentidos pezames.»

—

O *Commercio Portuguez*, sem contestação um dos primeiros jornaes do nosso paiz, dedicou-lhe a maior local do seu numero de 3 de janeiro ultimo. É textualmente o seguinte:

«Expirou hontem pelas 4 horas e meia da manhã, na rua de Serralves, n.º 393 em Lordello do Ouro, o sr. Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal, um dos mais erudictos homens de lettras d'este paiz e auctor do grande diccionario geographico em publicação, *Portugal Antigo e Moderno*, em que trabalhava aturadamente ha quarenta e tantos annos.

«O sr. Pinho Leal era um trabalhador infatigavel; espirito investigador como poucos consumiu grande parte da sua existencia em dotar o seu paiz com um livro preciosissimo, sob todos os pontos de vista util e instructivo, e que é um padrão de gloria tanto para o seu auctor como para as lettras patrias.

«Esse livro em cuja conclusão o extincto escriptor fazia consistir toda a sua felicidade, não ficou infelizmente concluido.

«O sr. Pinho Leal, apesar dos seus 67 annos de edade, trabalhava ainda com o vigor de um rapaz no 10.º e ultimo volume, a maior parte do qual está já publicado.

«Sentimos devéras a perda d'este notavel homem de lettras, tão modesto quanto erudicto, que consagrou a melhor parte dos seus dias ao estudo sério e consciencioso das coisas patrias, manuzeando com infatigavel paciencia velhos livros e documentos, de que podesse haver subsidios seguros para a historia das povoações mais importantes do paiz.

«Pinho Leal era um excentrico, sem ser um velho rabujento e intractavel. Os que o conheciam e apreciavam as qualidades brilhantissimas do seu caracter bondoso, amavam-n'o e respeitavam n'elle o homem de saber e o trabalhador modesto e consciencioso.

«Camillo Castello Branco refere-se a elle no seu excellente livro *Brazileira de Prazins*, e o nosso estimado e scintilante collaborador Julio Cezar Machado, em um bello artigo que lhe consagrou [1] e que foi já pu-

[1] Desde fins de 1883 constituem a empresa editora os srs. Tavares Cardoso & Irmão.

[1] Veja-se o *Diario Illustrado* de 11 de junho de 1878, onde se encontra o citado artigo e o retrato do sr. Pinho Leal.

Na *Correspondencia de Coimbra* de 5 de fevereiro de 1876, lhe dedicou o mesmo sr. Julio Cezar Machado outro esboceto biographico não menos interessante.

blicado no nosso jornal, dá-nos de Pinho Leal os seguintes traços biographicos que de novo reproduzimos:

«Perguntam-me onde elle nasceu?

«Para que estamos agora com este frio a tiral-o das fachas infantis?

«Basta dizer-vos que foi para a Bahia com sua familia em 1822 na esquadra portugueza...

«Que, em 1826, assentou praça em Castro Marim em caçadores 4.

«E que, quatro dias depois, emigrou para Hespanha com o batalhão.

«Em seguida: *s'en va-t'en guerre...*

«Campanha de 26 a 27!

«Emigração em Arnedo!

«Regresso para Lisboa em 1828!

«Estudou um anno no Collegio dos Nobres.

«Obteve passagem para a guarda real da policia do Porto, e licença para estudar mathematica na Academia da Marinha e commercio d'aquella cidade.

«Em 1833 é do regimento de caçadores da Beira Baixa.

«Ferido na batalha da Asseiceira, prendado com uma bala que lhe atravessou a perna esquerda, ficou prisioneiro do Villa-Flor na ultima batalha dada entre realistas e liberaes em maio de 1834, — no dia em que fizera dezesete annos.

«Vem para o castello de S. Jorge.

«É solto em junho, com todos os camaradas, pela convenção de Evora Monte.

«A este tempo iam escassos os haveres de seus paes.

«O moço, sem saber ao que tornar-se para ganhar a vida, fez-se mestre-escola.

«Ao fim de um anno, sentindo-se enfastiado d'aquella profissão, o que imaginam os leitores que elle se fez?

Fez-se pintor. — *Anch'io!*

«Porque desenhasse soffrivelmente, alcançou na Terra da Feira, para onde havia ido residir depois da Convenção, uma nomeada alguns furos abaixo da do Ticciano, porém bem boa; e conseguiu ganhar com que comprasse umas casitas e uma quintarola, que ainda possue na freguezia do Valle.

«Ao mesmo tempo acorda n'elle a ma[...]
de lêr, lêr...

«Em junho de 1840, andando a pinta[...]
egreja de Santa Eulalia, de Arouca, enco[...]
trou entre uns alfarrabios de abbade, o di[...]
logo de varia historia, de Mariz.

«—Se eu fizesse um diccionario?! Um di[...]
cionario geographico de Portugal?

«Ahi principia a idéa mãe.

«A vineta do escriptor...

«O sonhar e scismar na obra...

«A febre de composição!...

«*La furia!*

«Não quiz saber de politica durante u[...]
pouco de tempo.

«Em 1846 namorou-se da causa popul[...]

«Mais tarde, em resultado de desaven[...]
com os setembristas, armou, á sua cus[...]
perto de cem homens, e vão agarrar o Ma[...]
Donell, que estava na quinta de Linhar[...]
em Castello de Paiva, marchando d'ali pa[...]
as provincias do norte.

«De uma occasião, rompendo de façanh[...]
aprisiona o coronel Couceiro, de artilher[...]
que foi mais tarde ministro da guerra, l[...]
va-o ao Mac-Donell, e, por gentilesa, deix[...]
ir sem lhe tirar a espada.

«Cahindo depois prisioneiro dos cabral[...]
tas em Traz-os-Montes — na Regua, ao pa[...]
sar o Douro, mesmo no meio do rio, os ba[...]
queiros desarmam a escolta.

«Nomeado, mais tarde, subdelegado [...]
procurador regio no julgado de Ferme[...]
passa de capitão a curador dos orphãos, d[...]
pois de haver passado de pintor a capit[...]

«Compra livros.

«Cultiva a Reforma!

«Faz a côrte ás ordenações!

«Come o Pegas!...

«Bebe o Corrêa Telles!

«Coelho da Rocha é sua sobremeza; e L[...]
bão o seu café; o Codigo Penal o seu ch[...]
ruto!!!

«Entretanto o diccionario vivia já dem[...]
siado dentro d'elle, para consentir taes co[...]
correncias.

«Em 1860 encontramol-o administrad[...]
da casa do Covo, junto de Oliveira de A[...]
meis; e, em serviço d'essa casa, até maio [...]
1865, correndo todo o Minho.

«De repente,—resolução nova:
«Vem para Lisboa.
«Sempre haviam pensado, em todo este [te]mpo e por entre as agitações e barafunda [d']tal vida: os camaradas, que elle fizesse a [gu]erra... —os orphãos, que lhes curasse [a] causa... —e a casa do Covo, que, todos [os] desvelos, para elle constituissem em admi[ni]stral-a...
«É possivel, que fosse assim. Custa a crêr, [to]davia.
«O que elle andava fazendo, —para mim fóra de duvida —era o diccionario!
«O diccionario!»

«Assim nos pinta Julio Cezar Machado [e]sse caracter honestissimo, esse estrenuo e [in]fatigavel trabalhador que hoje vae desap[p]arecer para sempre nas brumas do sepul[ch]ro, deixando incompleta a sua obra que[r]ida.
«O sr. Pinho Leal, como todos os escripto[r]es de merito no nosso paiz, morreu pobre [e] deixa pobre a sua familia, a quem envia[m]os os nossos sentidissimos pezames.»
Depois de cruciantes padecimentos, que [s]upportou com a resignação d'um santo, ex[p]irou, tendo pedido e recebido todos os sa[c]ramentos da nossa igreja.
Paz á sua alma.

—

Por ultimo declaro em meu nome e do [m]eu antecessor que uma grande parte d'es[t]e artigo se deve ao sr. dr. Luiz de Figuei[r]edo da Guerra, um dos mais illustrados [v]iannenses contemporaneos, a quem beijo [a]s mãos agradecido, fazendo votos por que [o] ceu me depare muitos cyreneos, como [s]. ex.ª, pois de tudo necessito, e a todos pe[ç]o me auxiliem com as suas luzes e com [a]pontamentos para as diversas povoações [d]e que tenho a tratar.
E, como é humanamente impossivel es[c]rever-se uma obra d'estas sem se incorrer [e]m lapsos, *muito encarecidamente* peço a to[d]os me indiquem as rectificações que deva [f]azer, que eu de bom grado as publicarei [n]o texto ou no *Supplemento*.
Porto e Miragaya, 12 de abril de 1884.
O abbade, *Pedro Augusto Ferreira*.

VIANNA —monte ou casal da freguesia de Odeceixe, concelho d'Aljezur, comarca de Lagos, districto de Faro, no Algarve. Vide *Odeceixe*.

Comprehende mais esta freguesia os montes, casaes, ou aldeias seguintes: Canal, Maria Vinagre, Fonte Ferrenha, Montinho das Quartas, Clerigó, Azenha, Barrancão, Reguengo, Foz dos Mastros, Zambujeirinha, Galé de Cima, Galé de Baixo, Moinho Novo, Martins Esteves, Pégo Amarello, Crato, Pica Noz, Medronheiro, Corga, Moinho da Asneira e Carvalha.

—

Ao sul do nosso paiz, nomeadamente no Alemtejo, dá-se o nome de *montes* ao que nas provincias do norte denominamos *aldeias, logares, casaes, povos* ou *povoações*,— grupos de casas;—e tambem ali se dá o nome de *herdades* ao que nas provincias do norte denominamos *quintas*.

Todas as *herdades* teem *montes*, —maiores ou menores grupos de casas, em que habitam os caseiros, jornaleiros e pastores, e se recolhem os gados, os renovos e utensilios da lavoura. Parece que tomam aquella denominação do local que ordinariamente occupam, que é quasi sempre um dos pontos culminantes das herdades, a que pertencem;—mas nem todos os *montes* teem herdades, pois alguns já constituem povoações compactas, habitadas por familias differentes, mais ou menos abastadas e algumas absolutamente pobres, como succede nas povoações ou aldeias das nossas provincias do norte.

Tambem nas provincias do sul se dá o nome de *hortejos* no que ao norte denominamos *hortas, pomares* e *quintaes*, e que vem a ser a parte regadia das herdades, ordinariamente terreno vedado, onde cultivam legumes mais mimosos, flores e arvoredo fructifero.

A *herdade* propriamente dicta é a parte despovoada, quasi sempre aberta, arida e chã, das grandes propriedades ruraes, que por vezes medem muitos kilometros de circumferencia. Vide *Aldeia* no *Supplemento* a este diccionario.

VIÃO —quinta da freguesia de Palmella,

concelho de Setubal, indicada pelo sr. J. M. Baptista na sua *Chorographia Moderna*, 7.ª col. pag. 581.

Comprehende mais esta freguezia as quintas seguintes: Camarnal, Gloria, Oleiro, Alcaçovas, Queimada, Brejo, Pateo, Amoreira de Cima, Amoreira de Baixo, Varzea, Fonte da Talha, Galvão, Peixoto, Vista Alegre, Quinta Nova, d'Aires, da Feia, do Vianna, do Barradas, do Centeio, dos Acyprestes, das Machadas, dos Bonecos, e outras além de grande numero d'aldeias e casaes que podem ver-se na citada chorographia. Veja-se tambem *Palmella* n'este diccionario.

VIARIZ, VEARIZ ou **VARIZ** — freguezia do concelho e comarca de Baião, districto e bispado do Porto, provincia do Douro.

Orago S. Faustino; — fogos 139 e 525 almas, segundo o Mappa das dioceses, publicado em 1882.

O padre Carvalho na sua chorographia dá-lhe apenas 67 fogos — e o senso de 1862 — 130 fogos e 400 almas.

É abbadia e foi da apresentação da mitra.

O padre Carvalho diz que rendia 100:000 réis, o Portugal Sacro e Profano assigna-lhe 200:000 réis de rendimento, mas hoje rende mais de 350:000 réis.

—

As suas freguezias limitrophes são: — Loivos do Monte, Gestaçô, Valladares e Santa Marinha do Zezere, todas do mesmo concelho de Baião; — e comprehende as aldeias seguintes: Abezudes, Cabo, Geremil, Soutello, Sub-Igreja, Varzeas, Salgueiro, Outeiro, Nozilhães, Cimo de Villa, Residencia, Buruzende ou Bruzende, Viariz ou Veariz, Amoreira e Fura-Casas.

Producções principaes: milho, trigo, feijão, castanhas e lã, pois cria bastante gado lanigero. Tambem produz algum vinho, mas verde ou *de enforcado*, pouco e de qualidade inferior, por ser o terreno alto e frio.

É' banhada por um ribeiro que dá origem ao pequeno Rio Zezere, — rio que por seu turno dá o nome á freguezia de Santa Marinha do Zezere, limitrophe d'esta, e desagua na margem direita do Douro, junto da estação da Ermida, entre esta e a foz do rio Teixeira.

Esta freguezia não tem casas brazonadas, mas bons proprietarios, sendo hoje (abril de 1884) os principaes — José Ribeiro, morador na povoação das Amoreiras, e Alberto Pereira de Castro, residente em Nozilhães, um dos cavalheiros mais importantes do concelho, onde tem sido por vezes vereador e presidente da camara.

No alto d'esta freguezia ha um morro denominado *Castello de Mattos*, e n'elle avultam uns penhascos de granito, a que o povo dá, com o perdão dos leitores, o indecente nome de *Penedos Cornudos*, — talvez pela configuração d'elles. Eu não os visitei ainda, posto que tenho estanciado repetidas vezes n'aquelle concelho e em algumas das freguezias limitrophes, onde colhi a maior parte d'estes apontamentos; mas já estive na antiquissima povoação de *Moreira de Rei* (veja-se este nome n'este diccionario e no *Supplemento*) concelho de Trancoso, onde me surprehenderam dous penhascos, formados por grandes penedos sobrepostos, que bem mereciam aquelle nome. Descrevem cada um d'elles uma meia lua, com as pontas voltadas para o ar — e com tanta symetria e regularidade de formas que cheguei a desconfiar de que fossem obra de ciclopes ou gigantes!

Tambem nunca vi tão grande collecção de sepulturas abertas em rocha (granito duro e intractavel) como ali. Em um pequeno espaço, a meio da povoação, junto das ruinas do seu antigo castello e dos celebres penedos se contam ainda hoje mais de trinta.

No *Supplemento* darei circumstanciada noticia d'ellas e d'outras muitas velharias da localidade, que mereceu as honras de ser visitada por Alexandre Herculano!...

Desculpem a digressão a que me obrigaram os taes *Penedos C...*

—

A igreja matriz d'esta parochia é um templo humilde e pobre, posto que antigo, com um pequeno adro, que ainda hoje (1884) serve de cemiterio.

No reinado de D. João III (1521 a 1557) houve n'esta parochia uma quinta de Gonçalo Moniz, que elle, sem que o fosse, quiz fazer *honra*, chegando um bello dia a prohi-

bir ao porteiro d'el-rei o entrar n'ella, dizendo-lhe que, se o intentasse, lhe cortaria um pé.

Está situada esta freguezia na velha estrada de Baião para Mezão frio, que é ainda hoje (1884) a mesma, pois no concelho ainda não passaram do projecto as novas estradas a macadam; e dista esta parochia 10 kilometros de Mezão frio, para oeste,—16 $^1/_2$ da sede do concelho, para E. N. E.—6 da margem direita do Douro (estação da Ermida)—91 do Porto e 428 de Lisboa, pela linha ferrea.

Pertenceu esta freguezia á extincta comarca de Soalhães, e é povoação anterior á fundação da nossa monarchia.

De um documento do mosteiro de Pedroso consta que D. Egas Erótes, habitando entre o Douro e o Vouga, saiu ao encontro aos mouros que se achavam entre o Douro e o Lima, e que, expulsos estes, comprára no anno de 1053 a seu cunhado D. Froja Osorediz e a sua mulher Adosinda, irmã do comprador, a villa de Viariz «*pro uno Kavallo roudane*» avaliado em 200 soldos, «*et una almandra*» avaliada em 50 soldos, «*hum escravo*» em 100 soldos e «*hum vaso de prata*» em 30 soldos.

Almandra era colcha ou alcatifa de linho e lã.

VIARIZ DA POÇA e **VIARIZ DA SANTA** — aldeias da freguezia de Santo André da Campeã, concelho de Villa Real de Traz-os-Montes.

Comprehende mais aquella freguezia as povoações seguintes:—Chão Grande, Balsa, Vendas, Pereiro, Pepe, Unãosinho, Unão do Meio, Unão do Cabo, Seixo, Pereira, Estalagem Nova, Pousada, Parada, Cothurinho, Telhada e Montes ou Lomba-Meão.

Aquella freguesia está em terreno alto e aspero, no meio da serra do Marão, onde abundam as neves no inverno, mas terreno vistoso e de muito agradavel perspectiva.

Passava ali a antiga estrada do Porto para Villa Real de Traz-os-Montes, por Amarante e Ovelhinha do Marão, e por ali ficaram sepultados na neve muitos viandantes, almocreves e correios, pois a estrada se estendia cerca de quatro kilometros pela cumiada da serra. Mais tarde, aproximadamente em 1870, fez-se a nova estrada a macadam em substituição d'aquella, seguindo d'Amarante por Padronello e Campiã, para Villa Real,—estrada modelo, que muito honra os nossos engenheiros, pois apenas chega á Campiã, foge immediatamente da serra e desce pelo primeiro valle até Padronello com tão suave declive que tres cavallos tiravam a diligencia desde Padronello até o alto da escarpada montanha.

O caminho de ferro do Douro inutilisou aquella formosa estrada, toda em zig-zagues e muito digna de ver-se.

Vide *Campeã*.

VIAS FERREAS—ESTRADAS A MACADAM—RIOS E CANAES—TELEGRAPHOS CORREIOS E PHAROES—Conglobamos todos estes topicos pela intima ligação que os prende e para aproveitarmos o ensejo de registrar o que sobre tão importante assumpto hoje gosamos e vamos legar ás gerações por vir.

É innegavel que n'este ponto, bem como em outros muitos, havemos progredido consideravelmente desde o principio da segunda metade d'este seculo, mas ninguem póde calcular até onde irão os vindouros com a herança que de nós recebem, pois *uma civilisação produz outra civilisação,—e tanto mais assombrosa quanto maiores elementos herdar da civilisação anterior.*

Estamos certissimos de que, em praso não muito longo, elles rirão do nosso decantado progresso, como nós hoje rimos do que nos legaram nossos avós,—mas outros nos vingarão rindo d'elles.

Rira bien qui rira le dernier!...

—

A industria dos transportes, da locomoção e da facilidade de communicações é a industria mais importante da vida social. É para a riqueza publica o mesmo que a luz e o calor são para a vida das plantas, e é para o corpo social o mesmo que a circulação do sangue é para os animaes. Se o grau de perfeição zoologica se avalia pelo desenvolvimento e complicação do systema arterial e venoso, a riquesa e civilisação d'um paiz

tambem se podem avaliar pelo estado das suas communicações e dos seus meios de locomoção e transporte.

A livre circulação dos productos é a vida da industria, e os caminhos de ferro, as estradas, os canaes, os telegraphos e correios são o apparelho essencial d'essa circulação. Sem bons meios de transporte e de communicações não podem florescer as artes, nem o commercio e a agricultura; não ha certa ordem de confortos, não ha verdadeira acção governativa, nem vigoroso espirito publico.

A falta d'um bom systema de communicações é a maior desgraça de qualquer paiz, — uma perda geral para toda a sociedade.

É intima a relação entre o estado moral dos povos e o seu estado material. Os que possuem mais amplos meios de communicações e transporte são os mais ricos, mais felizes e mais civilisados. A Inglaterra, os Estados Unidos da America, a França a Allemanha, a Belgica e a Hollanda podem servir d'exemplo. São as nações que mais tem dispendido com os seus melhoramentos materiaes, mas por isso mesmo tambem são as nações mais civilisadas e mais florescentes do mundo.

Pelo contrario, as que mais regateiam com os seus melhoramentos materiaes são as menos florescentes, menos cultas e menos felizes, como succede ás antigas colonias hespanholas da America.

É tal a incuria e o desleixo dos seus governos n'este ponto, que ainda é frequente ver n'aquellas formosas regiões, tão ricas de gados, o transporte dos seus productos ser feito ás costas do homem. Assim conduzem das montanhas para as cidades e portos, por vezes bem distantes, as madeiras de construcção e as lenhas para combustivel; e pelo mesmo processo se transportam familias em longas viagens,—reduzindo o homem á condição de besta de carga! O mesmo succede em grande parte da Russia, da China, da India e da Africa, e por isso se conserva embrionaria a civilisação d'estes povos.

A actividade do trabalho, a vida dos campos, o movimento das cidades, a regularidade das transacções do commercio, a diffusão das luzes da sciencia, a economia das forças e do tempo, — tudo depende da facilidade de communicações.

Mas não é só isto. Este poderoso agente exerce tambem grande influencia na acção governativa, nas condições politicas dos povos, no equilibrio dos estados, na paz e na guerra. São exemplos eloquentes Roma na antiguidade — e a França, a Inglaterra e a Allemanha nos tempos modernos.

Por toda a parte por onde passaram as suas armas victoriosas, os romanos construiram magnificas e solidas estradas, que se citam como modelos, e de que existem ainda restos venerandos em muitos paizes, como succede em Portugal.

A Inglaterra é a nação que mais parece seguir as lições da antiga Roma. A Escocia, ainda ha um seculo paiz atrasadissimo, é hoje uma perola da civilisação britannica, e esta notavel transformação data da epocha em que abriu as mais bellas estradas atravez dos seus montes. Toda a Grã Bretanha offerece hoje o melhor e mais completo systema de viação. Na França a pacificação da Vendé foi a consequencia da construcção das estradas estrategicas de oeste,—e á sua magnifica rede d'estradas estrategicas deve em grande parte o imperio allemão a preponderancia que hoje tem na Europa.

O homem nem merecia o titulo de rei da creação sem a facilidade de se transportar a toda a parte do globo.

Finalmente o aperfeiçoamento dos meios de locomoção e de transporte liberta a sociedade dos serviços mais pesados, barateia os generos de primeira necessidade, minora as crises alimenticias e presta á humanidade beneficios valiosos, incalculaveis, immensos.

—

As vias de communicação dividem-se hoje em tres classes — caminhos de ferro, estradas ordinarias e vias aquaticas.

Os caminhos de ferro obram verdadeiros prodigios, dando movimento a logares ermos e vida a populações marasmadas. São o instrumento mais energico da civilisação e do progresso.

A viação accelerada é essencialmente politica, industrial, commercial e agricola. Re-

une duas condições que parecem incompativeis — a velocidade e a barateza — e se presta admiravelmente a toda a especie de transportes, — homens, gados, correspondencias e mercadorias. Não obstante todas estas vantagens da viação accelerada, não se pode prescindir de nenhuma das tres classes de meios de transporte em um bom systema geral de communicações.

A architectura foi antigamente o grande livro da humanidade e a expressão principal do seu desenvolvimento. Hoje são as linhas ferreas, as estradas e canaes o grande livro em que a posteridade tem de ler a historia da grandeza e civilisação dos povos. E se Portugal se ufana de possuir padrões gloriosos da sua grandeza e civilisação d'outras eras, tambem já lhe não faltam padrões gloriosos da moderna civilisação.

D. Affonso Henriques gravou a sua epocha no mosteiro d'Alcobaça; D. João I assignalou a sua na igreja da Batalha; D. Manoel no edificio dos Jeronymos; D. João V na basilica de Mafra e no soberbo aqueducto das Aguas-Livres;—nós empregámos em melhoramentos publicos, nos ultimos trinta annos, mais de *cem mil contos de réis!* — e não acabamos com *cincoenta mil* as obras que no momento já temos projectadas e estudadas, e algumas em via de construcção.

Demonstremos com dados officiaes:

Do interessante relatorio, apresentado á camara dos deputados pelo ministro das obras publicas, João Gualberto Barros e Cunha, na sessão de 1878, e por consequencia relativo ao anno economico de 1876 a 1877, extractamos o seguinte:

«Divide-se em dois grandes capitulos o trabalho que tenho a honra de pôr na vossa presença: um que vos mostrará tudo quanto se refere á historia do ministerio das obras publicas desde o seu começo (1852) até 30 de junho de 1877; — outro que tracta das obras a executar no presente e a emprehender no futuro.

«No primeiro capitulo vereis que dos emprestimos levantados com differentes denominações, depois de 1852 até 30 de junho ultimo, se applicou a obras de utilidade publica, no continente e ilhas adjacentes, a quantia de 98.013:206$111 réis.

«Subdividindo esta somma, teremos:

«No continente —

«Construcção d'estradas, incluiddo o pessoal technico e os estudos...	19.243:288$244
Conservação d'estradas...	2.647:953$709
Reparos d'estradas.......	719:466$120
Subsidios a districtos e municipios para estradas..	2.462:322$965
Diversas obras..........	7.730:413$944
Portos e rios...........	3.340:823$027
Pharóes.................	306:147$431
Trabalhos geodesicos.....	1.236:150$784
Correios.................	7.723:848$884
Telegraphos..............	2.880:729$039
Pinhaes e mattas.........	1.728:797$508
Ensino agricola e industrial	1.840:176$876
Subsidios a empresas de navegação, etc.........	1.099:137$400
Exposições nacionaes e universaes............	384:320$528
Despesas diversas........	1.424:139$261
Eventuaes...............	3.330:062$577
Caminhos de ferro.......	32.656:985$788
Administração superior e pessoal technico.......	2.680:280$371
	93.435:044$456
Nas ilhas adjacentes......	4.578:161$655
Réis...	98.013:206$111

Continua ainda o mesmo relatorio:

«Das sommas liquidas que os cofres do thesouro receberam de 1852 até 1874, por emprestimos consolidados no total de réis 72.000:000$000; — da divida fluctuante em 30 de junho de 1877, no total de 15.511:000$ réis, — das obrigações para os caminhos de ferro do Minho e Douro, 8.451:000$000 rs., — total 95.962:000$000 réis, tudo foi empregado nos melhoramentos do paiz; tudo foi convertido nas commodidades que elle usufrue; tudo foi entregue ás classes laboriosas, á agricultura, á industria, á navegação, ao progresso, ao bem-estar, em fim, do povo portuguez.

«Como consequencia d'estes factos a exportação nacional, que em 1867 era de 17 mil contos, se elevou em 1875 a 24 mil con-

tos; — e a nossa importação, que em 1867 foi de 26 mil contos, subiu a 38 mil contos em 1875.

«Os vinhos exportados em 1865, no valor de 7:465 contos, representam em 1875 a cifra de 11:238 contos; — os gados que em 1865 produziram apenas a verba de 594 contos, exportaram-se em 1875 por 2:098 contos;— os mineraes subiram de 1:400 contos a 2:700 contos;—as pescarias de 108 contos a 374 contos, e continua o progressivo augmento.

«No caminho de ferro do Norte e Leste a exploração de 502 kilometros produziu em 1871 a quantia de 604:516$000 réis,— e em 1876 a receita subiu a 1:093 contos.

«No Sul e Sueste os 312 kilometros que em 1873 a 1874 deram 390 contos, produziram em 1876 a 1877 a cifra de 411 contos.

«Os correios, que em 1870 a 1871 produziram 426:831$836 réis, attingiram no anno de 1876 a 1877 a somma de 504:591$747 rs., tendo soffrido grande diminuição as receitas, em virtude das convenções postaes e da reducção de portes.

«Os telegraphos produziram em 1867 a 1868 réis 51:233$000, e em 1877-1878, réis 81:645$000.

Prosegue ainda o mesmo relatorio:

«A rêde das estradas reaes no continente do reino deve ser aproximadamente de 5:593 kilometros (era isto no anno de 1877) dos quaes estavam construidos 3:431 em 30 de junho de 1877 e em construcção 303, faltando portanto para o acabamento da rêde auctorisar a construcção de 1:859, dos quaes foram remettidos ao ministerio até áquella data projectos na extensão de 300 kilometros, — havendo a despender com o acabamento da rêde 8:996 contos.

«Gastou-se com a construcção d'estradas de todas as ordens (2:492 kilometros d'estradas reaes, 520 de districtaes e 113 de municipaes) desde 1 de julho de 1852 até 30 de junho de 1870 a quantia de 13.244:377$128 réis. Não foi possivel separar até 1870 a despesa feita com as estradas reaes, por isso que só em 1867 se classificaram as estradas districtaes, e mais tarde as municipaes.[1]

«Desde 1 de julho de 1870 até 30 de junho de 1877 despenderam-se na construcção d'estradas reaes 4.640:591$404 réis, o que representa o custo medio kilometrico de réis 4:942$000 aproximadamente.»

O districto mais favorecido em relação á sua superficie foi até áquella data o do Porto, que por 1:000 hectares contava então (1877) 1:196 kilometros construidos. No artigo *Victoria* (N. Senhora de Victoria) daremos uma nota precisa do estado da viação a macadam no districto do Porto até 31 de dezembro de 1883.

Em relação á população o districto mais favorecido até 30 de junho de 1877 foi o de Portalegre, pois tinha n'aquella data 1:900 kilometros construidos, por 1:000 habitantes,— e o menos favorecido era o de Lisboa que tinha por 1:000 habitantes apenas 0:237 kilometros construidos n'aquella data.

Estradas districtaes

Continúa ainda o mencionado relatorio:

«Foram construidos á custa do estado 864:255, 3 metros (até 30 de junho de 1877) sendo o districto mais favorecido o de Lisboa,—e os menos favorecidos Vianna e Bragança.

Estradas municipaes

«Foram construidos á custa do estado (até áquella data) 151:901, 9 metros, sendo ainda o districto de Lisboa o mais favorecido.

«Concederam-se subsidios na importancia de 705:663$234 réis para a construcção de 1.552:834,0 metros, sendo a media por kilometro 455:079 reis.»

—

Poucas nações com a diminuta população e os tenues recursos do nosso paiz terão na segunda metade d'este seculo realisado tão importantes melhoramentos publicos de toda

[1] Hoje (1884) e desde alguns annos a esta parte, tambem temos estradas *vicinaes*, que ligam as reaes, districtaes ou municipaes com um ponto proximo qualquer.

a ordem, — graças ao nosso bom senso e á paz octaviana que fruimos desde 1847.

Se não afroixar a nossa marcha na senda do progresso, Portugal em pouco tempo bem merecerá o lisongeiro epitheto de *jardim á beira-mar plantado.*

O interessante relatorio do fallecido sr. Barros e Cunha é a synthese da maior parte d'aquelles melhoramentos até o fim do anno economico de 1876-1877; mas desde aquella data até hoje (abril de 1884) outros muitos se realisaram, como indicaremos d'algum modo com os poucos elementos que a *muito custo* podemos obter.

Caminhos de ferro

1.º

Construidos e já em exploração

Linha do norte, de Lisboa ao Porto na extenção de 337 kilometros. É o preço das passagens o seguinte: 1.ª classe 6$690 réis; — 2.ª 5$210; — 3$720.

Esta linha e a de leste foram as primeiras que se construiram em Portugal, de 1853 a 1868.[1] Com ellas fizemos a nossa aprendizagem — e bem cara nos ficou, principalmente na linha do norte!

O marquez de Salamanca foi o primeiro concessionario; depois formou uma companhia e lhe traspassou a concessão. Pelo contracto primitivo era a companhia obrigada a construir a linha com *via dupla*, — a fazer um ramal da estação de Valladares atè Sampaio, na margem erquerda do Douro, — e a levar a linha ao Porto, etc. — mas a companhia até hoje (1884) não fez a 2.ª via, nem o ramal, nem levou a linha além da estação de Gaya, — e, ao passo que se faziam novas acclarações, todas em favor da companhia, esta *exigia* sommas fabulosas, que o nosso governo foi forçado a pagar, porque, necessitando nós de levantar emprestimos nas praças extrangeiras, a companhia de tal sorte os difficultou, quando o nosso governo se mostrava pouco disposto a ceder ás suas exigencias, que passamos pela vergonha de nos protestarem *acintosamente* uma lettra!...

Tudo isto e *muito mais* devemos ao fallecido sr. marquez de Salamanca & C.ª — accrescendo tambem a coincidencia do *desapparecimento* do *Tirant lo Blanco* da nossa Bibliotheca Municipal Portuense, — livro rarissimo, avaliado em *muitos contos de reis!...*

Linha ferrea do Minho

Pela carta de lei de 2 de julho de 1867 fo o governo auctorisado a construir e explorar por sua conta as linhas ferreas do Porto por Braga e Vianna do Castello até á fronteira da Gallisa — e do Porto pelo valle de Sousa e proximidades de Penafiel até Pinhão, no alto-Douro.

Inaugurou-se a construcção d'estas duas linhas em 9 de julho de 1872, nas trincheiras de S. Roque, sendo ministro das obras publicas o sr. Antonio Cardoso Avelino, assistindo ao acto S. M. o sr. D. Luiz I, e inaugurou-se a exploração do primeiro troço da linha do Minho, do Porto até Braga, no dia 21 de maio de 1875.

Em 31 de dezembro de 1883 achava-se em exploração toda a linha do Minho, desde o Porto até Valença, e o ramal de Braga, na extenção de 145 kilometros, e foi o seu custo total — 7:200 contos.

Preço das passagens (viagem directa do Porto a Valença) — 1.ª classe 2$470 réis, — 2.ª 1$920, — 3.ª 1$370.

Ramal de Braga, na extenção de 15 kilometros, a partir da estação de Nine, na linha do Porto a Valença.

Preço das passagens — 1.ª classe 140 réis, — 2.ª 110, — 3.ª 70 réis.

Linha ferrea do Douro

Foi o governo auctorisado a construir esta linha pela mesma carta de lei de 2 de julho de 1867 que auctorisou a construcção da linha ferrea do Minho; teve com esta inau-

[1] Por decreto de 6 de maio de 1852 se abriu concurso publico para a construcção dos caminhos de ferro de Lisboa á fronteira de Hespanha e á cidade do Porto, e no dia 7 de maio de 1853 se inaugurou a construcção das mencionadas linhas ferreas, no 1.º lanço — de Lisboa a Santarem.

guração commum de trabalhos com a assistencia de S.S. M.M. e do ministro das obras publicas, Antonio Cardoso Avelino, no dia 9 de julho de 1872,—e inaugurou-se a exploração do primeiro troço, de Ermezinde a Penafiel, no dia 30 de julho de 1875.

Por carta de lei de 23 de junho de 1880 foi determinado o prolongamento d'esta linha desde o Pinhão até á Barca d'Alva, a entroncar na linha ferrea de Salamanca ao Douro,—e em 31 de dezembro de 1883 já se achava esta linha do Douro construida e em exploração desde o Porto até Tua, na extenção de 139 kilometros, comprehendendo 8kil.,5 em commum com a linha ferrea do Minho, desde o Porto até Ermezinde.

Preço total da sua construcção até Tua—7:540 contos.

Preço das passagens, do Porto até alli — 1.ª classe 2$640 rs.,—2.ª 2$050,—3.ª 1$470.

Trabalha-se activamente na continuação d'esta linha de Tua até á Barca d'Alva e Salamanca, por Boadilha, como logo mostraremos.

Linha ferrea de leste—do *Entroncamento* na linha do norte (de Lisboa ao Porto) até á estação d'Elvas, limite da fronteira portugueza na linha de Lisboa a Madrid por Badajoz e *Ciudad Rial*.

Extenção 159 kilometros;—preço das passagens: 1.ª classe 3$160 rs.,—2.ª 2$460,—3.ª 1$760 réis.

Linha ferrea de leste, de Lisboa a Madrid por Caceres e Valencia d'Alcantara.

Troço em territorio portuguez, da estação da *Torre das Vargens* (entroncamento na mencionada linha d'Elvas) até *Marvão*, fronteira de Portugal; na extenção de 65 kilometros.

Preço das passagens: — 1.ª classe 1$240 réis,— 2.ª 1$000,— 3.ª 720 [1].

Linha ferrea do sul, de Lisboa (margem esquerda do Tejo, estação do Barreiro) a Serpa, na extensão de 138 kilometros.

Preço das passagens, comprehendendo a do Tejo, em vapor,— 1.ª classe 3$650;— 2.ª 2$890;— 3.ª 2$070 réis.

Ramal de Beja a Casevel, — 1.º troço da linha do Algarve, na extensão de 47 kilometros.

Preço das passagens: — 1.ª classe 890; — 2.º 700; — 3.ª 500 réis.

Linha de sueste, da estação da Casa Branca (entroncamento na linha do *sul*) por Evora até Extremoz, — 78 kilometros

Preço das passagens: — 1.ª classe 1$470; — 2.ª 1$140; — 3.º 820 réis.

Ramal de Setubal, a partir da estação do Pinhal Novo, na linha de Lisboa a Serpa.

Extensão 13 kilometros;—preço das passagens:—1.ª classe 250;—2.ª 200;—3.ª 140.

Linha da Beira Alta—da Figueira, na foz do Mondego, a Villar Formoso, na raia, caminho de Salamanca.

Extensão — 253 kilometros; — preço das passagens—1.ª classe 5$030;—2.ª 3$910;—3.ª 2$700.

Logo que o *Syndicato portuense*, subsidiado pelo nosso governo, inaugure a exploração da continuação d'esta linha desde Villar Formoso, na raia, até Salamanca, na extensão de 113 kilometros, o que se espera ainda est'anno de 1884, poucas linhas ferreas portuguezas promettem melhor futuro.

O mesmo *syndicato* anda construindo a continuação da nossa linha do Douro, da Barca d'Alva a Salamanca na extensão de 166 kilometros, o que deve ser de grande vantagem para o nosso paiz, nomeadamente para o Porto; mas aquelles trabalhos correm morosos e talvez se não inaugure a exploração desde a Barca d'Alva a Salamanca antes de 1866, posto que o nosso governo, quando subsidiou o referido syndicato, concedendo-lhe, por Decreto de 30 de junho de 1882, a garantia do complemento de juro até seis por cento, lhe impoz a condição de que não abriria ao tranzito a continuação da linha da Beira Alta até Salamanca, antes de abrir ao tranzito a continuação da linha do Douro até Salamanca tambem.

Daria volumes a historia d'aquelle syndicato até hoje,—e quem sabe o que se seguirá ainda!...

---

[1] Este troço (bem como o restante da linha de Lisboa a Madrid por Caceres) foi aberto á circulação depois de 1877, e por consequencia não está comprehendido no relatorio do sr. Barros e Cunha.

Linha ferrea (via reduzida) *do Porto á Povoa e Villa Nova de Famalicão;* — kilometros 57; — preço das passagens — 1.ª classe 1$030; — 2.ª 630 (não tem 3.ª)

Esta linha é propriedade da *Companhia do Caminho de ferro do Porto á Povoa e Famalicão.*

Inaugurou o assentamento das suas linhas em agosto de 1875 — e a exploração d'ellas em 31 de outubro do mesmo anno—no 1.º lanço. Mais tarde levou a exploração até á Povoa de Varzim,—e, annos depois, até Famalicão.

Em 31 de dezembro de 1883 explorava 57 kilometros com 8 machinas locomotoras e 44 carros de diversas classes.

Capital da empreza 500:000$000 réis.

Os carros d'esta linha são elegantes e muito commodos. Entra-se para elles pelas plataformas, como nos americanos, e teem só duas bancadas parallelas e longitudinaes, ficando a meio passagem franca, formando um amplo corredor central na extensão de todo o comboyo, pois se passa, como passam os revisores, muito facilmente de uns para os outros carros, pelas plataformas.

Esta linha tem grande movimento durante a estação balnearia, porque lhe fica a meio a bella praia da Povoa de Varzim, que é uma das mais concorridas de Portugal.

(Vide *Povoa de Varzim*).

A empreza projecta levar a sua linha de Famalicão até Chaves, por Guimarães ou suas proximidades, com o que por certo muito lucrariam a empreza e o publico.

É uma formosa linha, muito bem administrada. O director da sua exploração na actualidade é o senhor J. P. d'Oliveira Martins, um dos nossos mais illustrados publicistas, — e é presidente da assembléa geral o sr. conde da Silva Monteiro, millionario e caracter nobilissimo, um dos portuenses mais estimado e considerado pela sua grande fortuna e pelo bom uso que sabe fazer d'ella [1].

Linha ferrea (via reduzida) da *estação da Trofa*, no caminho de ferro do Minho, a *Guimarães*, por Visella, na extensão de 33 kilometros.

É o preço das passagens: — 1.ª classe 630 réis; — 2.ª 350. Não tem 3.ª propriamente dita.

A primeira empreza concessionaria d'esta linha foi a companhia ingleza *The Minho District Rail Way Company* por decreto de 28 de dezembro de 1872.

Logo em 1873 deu principio á construcção e chegou a assentar alguns kilometros de linha; mas em 1874 traspassou a concessão á *Companhia do Caminho de ferro de Guimarães* que ultimou a construcção, tendo aberto os trabalhos em 1879. Inaugurou a exploração da Trofa até Vizella no dia 31 de dezembro de 1883 — e até Guimarães no dia 14 d'abril de 1884.

Emprega 5 machinas locomotoras e 80 carros de differentes qualidades, para mercadorias e passageiros.

O seu capital são 500 contos.

Guimarães, cidade rica e centro industrial muito importante em cortumes, cutelaria, fiação e tecidos de linho e algodão, — e Vizella, o primeiro estabelecimento thermal do nosso paiz, vão lucrar muito com esta linha ferrea, que por seu turno deve remunerar bem os sacrificios da empreza.

Todo o terreno que esta linha atravessa desde a Trofa até Guimarães é muito fertil e muito pittoresco, offerecendo paisagens variadissimas sobre modo interessantes. Vide *Villa Flor*, quinta.

Linha ferrea das Minas de S. Domingos, desde o porto de Pomarão, na margem esquerda do Guadiana, até ás minas. Comprehende a extensão de 17:400 metros, e emprega na exploração quatro machinas locomotoras, termo médio por dia.

A construcção d'esta linha principiou em 1861 — e a sua exploração em agosto de 1863.

---

[1] No artigo *Miragaya*, publicamos a biographia de s. ex.ª e uma descripção do seu palacete, hoje a casa mais luxuosa ao norte do nosso paiz, — e no artigo *Victoria*, freguesia do Porto, daremos a descripção da formosa quinta da *Lavandeira*, propriedade do mesmo sr. conde, hoje sem contestação a *primeira* dos arrabaldes do Porto. Rivalisa com os bellos parques de Cintra.

É propriedade dos opulentos concessionarios e exploradores d'aquellas minas, hoje (1884) as minas mais importantes do nosso paiz. Vide *Pomarão.*

Denominam-se de *S. Domingos,* por existir uma velha capellinha d'aquella invocação em um pequeno alto a meio do plató da montanha, onde appareceram aquelles jazigos de cobre. Os seus actuaes proprietarios, apesar de serem inglezes protestantes, transformaram a pequena capella em uma formosa egreja que lhes custou 30 contos de réis, com torre e sinos e um d'estes com relogio. Ao lado da egreja construiram um palacete que lhes custou trinta e tantos contos e uma bella povoação, bem arruada, para os operarios e mais empregados, que, antes de applicarem ao serviço e exploração das minas o grande numero de machinas a vapor que hoje empregam, chegaram a attingir o numero de duas mil pessoas, — além de mais de 1:000 cavalgaduras e d'alguns centos de carros tirados por bois.

Já ia em grande adiantamento a lavra quando viram que os jazigos mais fortes estavam exactamente sob o tracto do terreno occupado pela nova egreja, pelo palacete e povoação recentemente construida para os operarios e empregados, — e, resolvendo a empreza explorar a descoberto aquella zona metallurgica, — mandou demolir a egreja o palacete e todas as outras edificações e levantar outras de novo, a distancia.

Quando ali estivemos em 1879, já tudo estava removido, e da egreja apenas restava a torre, aprumada sobre a vasta cavidade da exploração a descoberto, além das cinco extensas galerias sotopostas, a 15 metros de profundidade umas das outras.

Tambem lá vimos ainda crestados do incendio, os fórnos d'alta pressão que a empreza mandára construir annos antes, para tratamento do minerio e que foram devorados por um medonho incendio na vespera do dia marcado para a sua inauguração, havendo custado cerca de 200 contos.

Tambem a empreza perdeu sommas importantes com o grande numero de casas e armazens que havia mandado construir á beira do rio Guadiana, em Pomarão, e que foram destruidos em 1875 pela cheia do Guadiana, a maior de que ali ha memoria, — cheia que derrubou as pontes de Merida e de Badajoz, pontes seculares e magestosas.

A empreza tem soffrido graves prejuizos, mas de tudo a compensa o lucro enorme que aufere com a grande extracção e exportação de minerio.

Já chegaram a ver-se ancorados *a um tempo* — 64 barcos de vela e vapor em Pomarão, attrahidos pelo grande movimento das minas. Veja-se no *Supplemento* a este diccionario *Minas de S. Domingos.*

Temos pois actualmente (abril de 1884) 1:366 kilometros de linhas ferreas (via larga) em exploração — e 90 kilometros de via reduzida — total 1:456 kilometros de linhas ferreas abertas ao tranzito publico.

Não comprehendemos n'este numero a linha ferrea das minas de S. Domingos, porque é privativa d'aquella empreza.

Rendimento das nossas linhas ferreas no anno de 1883

As linhas de norte e leste renderam 2.282:433$678 réis — ou 4.510$738 réis por kilometro.

As linhas de sul e sueste 465.363$225 réis — ou 1.455$226 por kilometro.

A linha do Minho rendeu 347.473$875 réis, — ou 2.396$578 réis por kilometro.

A linha do Douro rendeu 362.188$896 réis, — ou 2.764$800 réis por kilometro.

Esta linha que já n'aquelle anno rendeu mais do que a do Minho, muito mais renderia, se não militassem contra ella as 4 ponderosas circumstancias seguintes:

1.ª — Estar em exploração apenas até Tua, verdadeiro becco sem sahida. Deve augmentar consideravelmente o seu movimento logo que avance até Salamanca, o que se espera succederá em 1885 ou 1886; — e esse augmento será ainda maior depois de feito o porto de Leixões, já em via de construcção, como diremos adiante, no artigo *Victoria,* freguesia do Porto.

2.ª — Estarem, na parte aberta á exploração, quasi todas as suas estações isoladas dos povos circumvizinhos por medonhos barrancos.

3.ª — Ter sómente uma ponte, a da Regoa, sobre o Douro, achando-se por consequencia a linha separada da outra margem por um rio caudaloso e terrivel no inverno.

4.ª — Estar o Alto-Douro, centro e foco da riqueza das duas provincias — Beira e Traz os Montes — reduzido a uma charneca inculta pela maldita phylloxera, como detidamente mostraremos no artigo *Villarinho de Cottas*, uma das freguezias situadas n'aquella região do afamado *vinho do Porto*, que foi a gloria do nosso paiz e a inveja do mundo [1].

Vide — *Villarinho de Cottas.*

A linha da Beira Alta rendeu approximadamente 229.257$283 réis—ou 906$155 réis por kilometro.

O ramal de Caceres rendeu 91.495$380 réis — ou 1.270$769 réis por kilometro.

A linha do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicão (via reduzida) rendeu 65.748$671 réis—ou 1.153$485 réis por kilometro.

Linhas ferreas em construcção

De Tua, até á Barca d'Alva, terminus da linha do Douro — comprehendendo um total de 61kil,317m,80 divididos em 4 empreitadas para sua mais rapida construcção. — A 1.ª, da margem direita do Tua, até Riba Longa, na extensão de 2kil,580 metros, foi arrematada por 90:000$000; — a 2.ª desde Riba Longa até á quinta do Vezuvio, na extensão de 17kil,961 metros, foi arrematada por 1.093:000$000; — a 3.ª desde a quinta do Vezuvio até o ribeiro da Bulha, na extensão de 21kil,076m,80, foi arrematada por 1.095:000$000 — e a 4.ª desde o ribeiro da Bulha até á Barca d'Alva, na extensão de 19kil,700 metros, foi arrematada por 746 contos.

Custo total d'estas 4 tarefas, de Tua até á Barca d'Alva, 3:024 contos, (afora estudos, fiscalisação, etc.) o que junto aos 7:540 contos dispendidos com esta linha, do Porto até Tua, prefaz a importante somma de 10:564 contos.

E quanto não custará a continuação desde a Barca d'Alva até Salamanca?

O preço kilometrico, base da licitação de cada uma das ultimas 4 empreitadas, foi o seguinte: — para a 1.ª 39.442$000 réis; — para a 2.ª 64.840$000 réis; para a 3.ª 53.738$000 rèis; — para a 4.ª 37.212$000. Variaram muito os preços em harmonia com a variedade do terreno a cortar, — das difficuldades da construcção, — e do numero e importancia das differentes obras d'arte, que são as seguintes:

Viaducto do Tua (kilometro 130) 6 vãos, — 4 de 30 metros e 2 de 24. Extensão total 190,30. Sobrestructura metallica da fabrica da *Société Braine-le-Conte*, da Belgica.

Estação definitiva do Tua (kilometro 132) entroncamento do caminho de ferro em via de construcção, de Tua a Mirandella.

Viaducto de Riba-Longa (kilometro 133) —um tramo de 20 metros e 2 arcos de pedra com 10 metros de luz cada um. Extensão total 57m,20. Sobres estructura metallica da fabrica *Braine-le-Conte.*

Tunnel da Rapa (kilometro 133) — extensão 45 metros.

Tunnel da Valleira (kilometro 139) — extensão 700 metros [1].

Ponte do Douro (kilometro 142) para passagem da linha da margem direita para a esquerda d'aquelle rio, — 7 vãos, — 5 de 57 metros—e 2 de 45,—extensão total 412m,50. Sobrestructura metallica da fabrica *Braine-le-Conte.*

Estação de Vargellas (kilometro 145) 4.ª classe.

---

[1] Desde o principio d'este anno de 1884 até ao dia 7 do mez de abril, o rendimento da linha ferrea do Minho subiu a 75.572$591 réis, — menos 1.517$431 réis do que em igual periodo do anno anterior; — emquanto que a linha do Douro, — apesar de todos aquelles contras — rendeu 87.469$400 réis, — mais 3.380$640 réis do que em igual periodo do anno anterior.

[1] No dia 29 do corrente mez de abril se descarregaram do hiate inglez «Mizpah» surto no Douro, 1:200 caixas com a bagatella de vinte mil kilos de dinamite, destinados á perfuração d'este tunnel.

Tunnel de Vargellas (kilometro 146) — extensão 360 metros.

Viaducto de Vargellas (kilometro 147) — 3 tramos, — 2 de 20 metros e 1 de 25. Sobrestructura metallica da mesma fabrica *Braine-le-Conte.* Extensão total—85^m,40

Viaducto do Arnozelllo (kilometro 147)—4 tramos, 2 de 40 metros—e 2 de 32 metros. Extensão total 170 metros,—sobrestructura metallica da mesma fabrica *Braine-le-Conte.*

Tunneis do Pombal (kilometro 148)—1 de 55 metros e outro de 58.

Viaducto da Teja (kilometro 149)—4 arcos de pedra com o raio de 7^m,5—extensão total 89^m,70.

Viaducto de Murça (kilometro 154)—parte de taboleiro metallico—2 tramos de 32 metros — 1 de 40 — e 7 arcos de pedra com o raio de 5^m,0. Extensão da parte metallica 112^m,90—extensão da parte de pedra 93 metros,—total 205^m,90.

Sobrestructura metallica da fabrica *Sociètè anonyme de Hauts Fourneaux, Usines et Charbonages, de Sclessin* na Belgica.

Estação de Numão (kilometro 155) — 4.ª classe.

Viaducto de Gonçalo Joannes (kilometro 157) — 3 tramos, 2 de 28 metros e 1 de 35. Extensão total 104^m,20.

Sobrestructura metallica da mesma fabrica de Sclessin.

Tunnel das Fontaínhas (kilometro 159)—extensão 160 metros.

Tunnel de Valle do Nedo (kilometro 159) — extensão 60 metros.

Viaducto do Valle do Nedo (kilometro 159) — 3 tramos de 28 metros e 1 de 35. Extensão total 104^m,2. Sobrestructura metallica da mesma fabrica de Sclessin.

Tunnel do Salgueiral (kilometro 161) — extensão 60 metros.

Tunnel do Monte Meão (kilometro 161) — extensão 730 metros.

Tunnel da Veiga—(kilometro 162) — extensão 90 metros.

Viaducto do Pocinho (kilometro 163) — 3 tramos, — 2 de 28 metros e 1 de 35. Sobrestructura metallica da fabrica de Eclessin.

Estação do Pocinho (kilometro 164) — de 2.ª classe, Extensão total 104^m,20.

Deve ser uma das estações mais importantes de toda a linha, pois serve Villa Nova de Foscôa, distante 9 kilometros, na margem esquerda do Douro,—Moncorvo e valles do Sabor e da Villariça, na margem direita.

Viaducto de Canivães (kilometro 170) — 3 arcos com o raio de 7^m,5. Extensão total 64^m,20.

Estação de Foscôa (kilometro 173) — 4.ª classe. Ha-de ser o entroncamento da ligação do caminho de ferro do Douro com o da Beira Alta.

Viaducto do Côa (kilometro 173)—2 vãos de 28 metros e 1 de 35. Extensão total 104^m,2. Sobrestructura metallica da fabrica *Braine-le-Conte.*

Tunnel das Parissas (kilometro 179) — extensão 80 metros.

Viaducto d'Aguiar (kilometro 180) — 3 vãos, — 2 de 32 metros e 1 de 40. Extensão total 120^m,65. Sobrestructura metallica da fabrica *Braine-le-Conte.*

Estação d'Almendra (kilometro 184)—4.ª classe. Serve Almendra e Castello Melhor.

Tunnel da Setteira (kilometro 185)—extensão 80 metros.

Viaducto da Gricha (kilometro 187) — 3 vãos, 2 de 28 metros e 1 de 35. Extensão 109 metros. Sobrestructura da fabrica *Braine-le-Conte.*

Estação da Barca d'Alva (kilometro 192) na fronteira.

Serve Escalhão e Figueira de Castello Rodrigo na margem esquerda do Douro, — e Freixo d'Espada á Cinta, na margem direita.

Ponte metallica sobre o Agueda (kilometro 192)—em estudo.

—

Toda esta linha do Douro é uma continuidade d'obras d'arte, principalmente desde Cahide até á Barca d'Alva, tanto que na parte aberta á exploração trabalha sempre com os lampeões accesos, mesmo no verão e de dia, desde Penafiel até Tua. E da Barca d'Alva até Salamanca, principalmente até *Fuente de Santo Estevão,* entroncamento na linha da Beira Alta, um pouco além de Boadilha, as obras d'arte não são menos numerosas, como indicamos adeante.

O custo kilometrico das nossas linhas ferreas construidas até 1879, comprehendendo estudos, fiscalisação, expropriação, etc. foi o seguinte:

De Beja a Cazevel..........	12:676$105
D'Evora a Extremoz........	15:103$841
Das Vendas Novas a Evora...	23:698$986
Do Barreiro ás Vendas Novas	32:434$798
De Lisboa a Elvas [1]........	58:114$622
Do Entroncamento a Gaya [2].	62:415$356
Linha do Minho.............	43:925$750
Linha do Douro, até á Regoa.	61:240$003

Sendo pois a linha do Douro evidentemente a de mais difficil construcção entre todas as do nosso paiz, é para notar-se que o seu custo seja inferior ao da linha do norte, em 1:175$293 réis por kilometro; e, pelas informações extra-officiaes que pude colher, ainda será mais baixo o seu preço kilometrico na parte restante, desde a Regoa até á Barca d'Alva, que todos suppunham excedesse em custo a parte construida, desde o Porto até á estação da Regoa,—o que muito depõe a favor dos nossos engenheiros e contra a companhia concessionaria e constructora da linha do norte.

Tambem se vê da nota supra que de todas as nossas linhas ferreas o troço mais barato foi o de Beja a Cazevel, o que não admira, por ser aberto em terreno chão, sem uma unica obra d'arte, digna de mencionar-se.

—

Tambem hoje (abril de 1884) temos em construcção o complemento da nossa linha ferrea do Minho, desde a estação de Valença até á margem esquerda do rio, na extensão de 1k,5,—e a ponte sobre o Minho, tendente a ligar aquella nossa linha ferrea com as da Galiiza.

A ponte é internacional, construida a expensas dos governos portuguez e hespanhol, em partes eguaes, e foi adjudicada a sua construcção á fabrica de *Braine-le-Conte* pela quantia de 205:766$000 réis.

Esta ponte tem 5 tramos metallicos no leito do rio, 2 de 60 metros e 3 de 66,—e 2 marginaes de 15 metros cada um. Extensão total — 400 metros.

É de dous taboleiros,—o superior para a linha ferrea, — e o inferior para a estrada ordinaria.

—

Linha ferrea da Beira Baixa.— Parte da estação de Abrantes na linha de sueste; — segue por Castello Branco, Fundão e proximidades da Covilhã, — e termina perto da Guarda, na linha da Beira Alta.

Estão ainda incompletos os estudos, mas deve comprehender approximadamente 220 kilometros.

Foi adjudicada em 15 de novembro de 1883 á Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, garantindo-lhe o governo 5 1/2 por cento sobre a quantia de réis 35:800$000 por kilometro.

Deve estar concluida no praso de 4 annos a contar da approvação definitiva do contracto pelo governo.

Linha ferrea de Lisboa a Torres Vedras, com um ramal para Cintra, outro para a Merceana.

Foi adjudicada definitivamente em 10 de junho de 1882 ao sr. Henrique Burnay & C.ª e deve estar concluida no praso de 3 annos a contar d'aquella data. É de via larga, 1m,67 e comprehende 64 kilometros.

Linha de Torres Vedras á Figueira. Esta linha é continuação da de Lisboa a Torres Vedras; — toca em Alfarellos, na linha do norte e foi adjudicada á Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, em 10 de julho de 1882, garantindo-lhe o governo o complemento do rendimento liquido de 5 %.—É tambem de via larga—1m,67 e deve estar concluida no praso de 3 annos a contar da adjudicação definitiva. Ainda não estão completos os estudos, mas deve comprehender 140 kilometros, approximadamente.

Ramal de Vizeu á linha da Beira Alta, proximidades de Santa Comba Dão. É de via reduzida; — ainda não estão completos

[1] Pagou o governo de subsidio, réis 20:250$000 por kilometro á Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, que foi a concessionaria.

[2] Subsidio kilometrico pago pelo nosso governo á mesma companhia concessionaria 24:300$000 réis.

os estudos, — mas já foi adjudicado ao sr. Henry Burnry no dia 24 de dezembro de 1883 com a garantia de 5 1/2 por % sobre 22:885$000 réis por kilometro, e deve comprehender ao todo approximadamente 45 kilometros.

Ramal da Estação de Campanhã até á Alfandega do Porto.—O primeiro lanço desde o perfil *0* aos Guindaes, perfil 112, foi adjudicado ao sr. Alvaro Alão Pacheco em 17 de junho de 1881, por 150 contos de réis. A parte restante ainda se acha em estudos, mas todo o ramal deve medir approximadamente 4 kilometros.

Linha ferrea do Algarve, de Cazével a Faro, dando um ramal para Silves e Villa Nova de Portimão.

Por decreto de 17 de setembro de 1883 foi resolvido que se proceda á construcção e exploração d'esta linha por conta do governo, — e já se acham bastantemente desenvolvidos os trabalhos de construcção, a partir de Cazevel.

Ainda não se ultimaram os estudos, mas suppomos que toda a linha com o ramal deve comprehender approximadamente 150 kilometros.

A provincia do Algarve é lindissima, principalmente nos mezes de março, abril e maio, e será com certeza o *rendez vous* de todos os forasteiros de bom gosto, logo que esta linha se abra á exploração até o littoral.

Linha da estação de Tua a Mirandella.

Esta linha é de via reduzida. Os seus estudos ainda não estão completos, mas deve medir approximadamente 65 kilometros, e foi a sua construcção adjudicada ao conde da Foz por decreto de 23 de dezembro de 1883, sendo o preço da adjudicação o complemento do rendimento liquido de 5,5% do custo da linha, não podendo exceder 1.200$000 réis por kilometro, e comprehendendo na garantia o juro e a amortisação.

Deve estar concluida no praso de 2 annos, a contar da data em que fôr approvado pelo governo o projecto definitivo.

Esta linha é muito importante, porque não só vae servir Mirandella, uma das povoações mais centraes e de mais vida na provincia de Traz os-Montes, mas deve atravessar toda aquella provincia pelas proximidades de Macedo de Cavalleiros e de Bragança até á fronteira, a entroncar na linha de Zamora, em Hespanha.

Lamentamos pois que seja de via reduzida,—apenas de um metro de largura!...

A que demora e despeza de baldeação vae obrigar todas as mercadorias e generos que conduzir! Emquanto que, se fosse de via larga, como a do Douro e a de Zamora, os comboios de mercadorias passavam rapidamente d'ella para as outras linhas nos entroncamentos, e *vice versa,* — das linhas do Douro e de Zamora para ella, sem o grande contra e sobre cargo de despezas e demora com baldeações.

Ha economias que são verdadeiros desperdicios, e esta é uma das taes.

—

Tambem trazemos em construcção dentro da Hespanha a continuação da nossa linha da Beira Alta, desde a fronteira até Salamanca, na extensão de 113 kilometros — e da nossa linha do Douro desde a Barca d'Alva até Salamanca tambem, na extensão de 166 kilometros aproximadamente.

Esta linha entronca na da Beira Alta, de Villar Formoso a Salamanca, em Fuente de Santo Estevão (além de Boadilha) ponto distante de Salamanca 88 kilometros e da Barca d'Alva 78.

As povoações principaes em que toca ou de que se approxima desde a Barca d'Alva até ali são as seguintes:

Freigneda, Hinojosa, Lumbrales, Almêdo, Fuente Liante, Bugajo, Villa Viega, Villares de Yeltes, Retortillo Boada, e Fuente de Santo Estevão.

É difficil a sua construcção, pois desde a Barca d'Alva até ali comprehende as seguintes obras d'arte:

Ponte internacional na fronteira, sobre o rio Agueda; — 9 viaductos: das Almas, dos Riscos, dos Pollos, do Lugar, de Poyo Rubio, do Morgado, de Froia, de Camazas e de Yeltes; — e 13 tunneis: de Muelle, dos Riscos, de Purreira, da Barca d'Escalon; do Val de Lagas, do Arroyo del Lugar, dos Alamos, de Martim Gago, do Pico, de Poyo Valente, de Poyo Rubio, do Morgado e da Carretera

de Salamanca, medindo este ultimo 1:430 metros.

Foi concessionario d'aquellas obras o *Syndicato portuense,* a quem o nosso governo subsidiou, como já dissemos, attendendo á grande vantagem que da continuação d'aquellas nossas duas linhas até Salamanca deve resultar para o nosso paiz, nomeadamente para o Porto, a segunda cidade do reino, logo que esteja construido o *porto d'abrigo* em Leixões, tambem já arrematado e em via de construcção, — obra monumental de que adeante fallaremos, no artigo *Victoria*, Porto.

Além dos 1:456 kilometros de linhas ferreas já construidas, temos pois, em via de construcção approximadamente mais 450 kilometros n'esta data (abril de 1884) — e grande numero de kilometros projectados e em estudos.

Fallemos agora das nossas linhas congeneres:

Linhas ferreas americanas

Prestam grande serviço ao publico estas linhas e são de grande alcance pela belleza, commodidade e segurança que os seus carros offerecem, e pela regularidade e facilidade do transporte, pois em terreno pouco accidentado duas mulas tiram um carro com 50 a 60 passageiros, — e, adaptando-lhes o vapor, uma locomotora póde conduzir muitos carros a um tempo, como succede na linha americana do Porto (estação da Boa Vista) á Foz e Mattosinhos.

Este bello systema de viação foi introduzido no nosso paiz em 1860 e já hoje se acha bastantemente generalisado, como vão vêr:

Linha ferrea americana da Marinha Grande, de Pedreanes ao porto de S. Martinho. Foi esta a primeira.

Comprehende 36:600 metros, mais 1:194 de resguardo, — total 37:794.

O seu motor é o peso proprio nas descidas e gado bovino nas subidas, — annualmente 1:200 juntas de bois.

As suas carreiras são diarias e os seus comboios formados (termo medio) por 4 carros para mercadorias e 1 para passageiros, pois serve não só as mattas do governo mas o publico, sendo o preço das passagens 1.ª classe 370 réis, — 2.ª 300 réis. Não tem 3.ª

O percurso de um ao outro extremo da linha costuma gastar 7 horas.

Foi inaugurada a construcção d'esta linha em junho de 1860 — e a sua exploração no dia 1.º de dezembro de 1861.

—

Linha ferrea americana das minas do Braçal, da foz de Rio Mau, na margem direita do Vouga, um pouco a juzante da povoação de Pecegueiro, até á *Fundição de D. Fernando*, dependencia das minas, na extensão de 8:500 metros.

Esta linha foi subsidiada pelo governo com a cifra de 16 909$200 réis.

Inaugurou-se a construcção em 24 de outubro de 1864 — e a exploração no dia 6 de março de 1867.

Emprega 12 wagonetes, e o seu motor é gado bovino, — 4 juntas de bois por dia.

Veja-se n'este diccionario *Albergaria Velha* e *Valle Maior*, — e no Supplemento *Braçal*, onde daremos circumstanciada noticia d'estas importantes minas de chumbo e prata.

Linhas americanas de Lisboa

Pertencem á companhia *Carris de ferro de Lisboa*, sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

Inaugurou o primeiro troço das suas linhas, desde a estação do caminho de ferro até á rampa de Santos, em 18 de novembro de 1873, e em 31 de dezembro de 1883 explorava dentro e fóra de Lisboa, 38kil.644 metros de vias ferreas suas, que lhe custaram 254:230:920 réis.

Durante o referido anno, percorreram os seus carros 1.836:530 kilometros comprehendendo as carreiras para o largo da Estrella, para o Arco do Cego, e largo de Andaluz, feitas em carros apropriados sem trilhos de ferro.

O seu rendimento no dito anno foram 280.373$270 réis, apesar da nociva concorrencia dos carros da nova companhia Rip-

pert, contra a qual tem pendente uma acção em juizo, e do abatimento nas passagens directas entre Lisboa e Belem.

Em bilhetes pessoaes apurou 14.370$000 réis.

O seu dividendo foi de 4 por cento sobre o capital realisado — ou 2$280 réis por acção.

O seu capital social é de 2.000:000$000 réis; emittiu ainda apenas a 1.ª serie de mil contos, e d'esta realisou 570 contos somente.

Tem esta companhia uma caixa de soccorros pàra os seus empregados que temporariamente não possam fazer serviço. N'esta caixa lança o producto das multas impostas ao seu pessoal e o producto dos objectos achados nos carros e estações da companhia, tornadas propriedade d'ella, depois de cumpridas as formalidades da lei.

Durante o referido anno lançou na dita caixa 535$925 réis — e d'ella distribuiu soccorros na importancia de 341$590 réis.

Era o fundo da dicta caixa em 31 de dezembro de 1883 — 1.327$950 réis.

O relatorio d'aquelle anno avaliou os terrenos e edificios pertencentes á companhia em 230.421$029 réis;—as carruagens (113) em 88.780$065 réis;—os seus moveis, utensilios e ferramentas em 19.144$908 réis:—a despesa com as suas officinas, via e obras, em 98.570$217 réis;—a despesa para conservação do seu material fixo e circulante em 36.645$378 réis;—a despesa com o pelouro das cavallariças em 104 825$783 réis; —e o valor do gado, que emprega, em réis 103 971$062 réis; — comprehendendo 200 animaes existentes em 31 de dezembro de 1882 e 155 adquiridos durante o anno de 1883, ao preço medio de 111$151 réis, cada um.

Durante o mesmo anno soffreu o gado, por venda e morte, uma diminuição de 78 animaes,—e existiam 777 em 31 de dezembro de 1883.

Foram distribuidas ao gado durante o anno 268:494 rações, no valor de 79.779$819 réis.

Desde a sua fundação em 1873, até 31 de dezembro de 1883, havia esta empreza dispendido 786:687:204 reis.

O seu lucro durante o referido anno foram réis.......... 284.294$447
A despeza................ 246.684$696
Saldo.......... 37.609$751

Rendimento por kilometro-carro — réis 154.799.

E' prospero o estado d'esta companhia, apezar da nefasta concorrencia da companhia Ripert, que explora e deteriora as linhas americanas, sem dispender com ellas um ceitil!...

—

Linha ferrea americana do Porto (rua dos Inglezes, hoje do Infante D. Henrique) á Foz e Mattosinhos, na extensão de 11:968 metros.

E' propriedade da *Companhia dos carros americanos do Porto á Foz e Mattosinhos.* Inaugurou o assentamento das suas linhas em 1870 e a exploração em 9 de março de 1871, de Miragaya ao Passeio Alegre, na Foz.

Em 31 de dezembro de 1883 empregava 30 carros e 210 muares; e o seu movimento foi, em resumo, o seguinte:

Receita 58 981$525 reis,— menos oito contos do que no anno de 1881 a 1882.

Baixou de 120 a 100 réis o preço das passagens do Porto a Mattosinhos,—e de 80 a 60 réis o preço das passagens do Porto á Foz, pelo que augmentou consideravelmente o numero das passagens.

Além da linha do Porto á Foz e Mattosinhos, explora tambem o ramal da Alameda de Massarellos ao Jardim da Cordoaria.

Tendo a experiencia mostrado que as travessas de pinho duram apenas 3 annos, a companhia mandou substituil-as por *dormentes* de pedra, colhendo optimo resultado.

O seu activo foi calculado em 321.715$700 réis, — comprehendendo o gado em reis 24.220$347, — os carros e sobreselentes em 27.230$352 réis, — e as vias ferreas e seus accessorios em 292.636$704 réis, — além d'outras verbas menores.

Dispendeu com todo o seu pessoal réis

14.692$990; — vendeu durante o anno 771:405 bilhetes de differentes preços na importancia de 50.980$000 réis,—e deu a companhia de dividendo 4$000 réis por acção, ou 4 por cento.

Os seus actuaes directores,—reconduzidos ha muitos annos,—são os srs. Celestino Candido do Cruzeiro Seixas e João Claudio de Sousa, major reformado, cavalheiros de muito merecimento e directores zelozissimos.

Os primeiros concessionarios, fundadores d'esta empreza, foram os srs. Tavares Basto e Mello e Faro, ambos já fallecidos.

Companhia Carris de ferro do Porto

Explora esta companhia todas as linhas ferreas americanas dentro do Porto, desde a rua dos Inglezes até ao fim da rua do Costa Cabral, em frente do Hospital d'Alienados do Conde Ferreira,—desde a estação de Campanhã até á Rotunda ou praça da Boa Vista, onde tem a sua estação central, e d'ali á Foz e Mattosinhos, alem d'outros ramos dentro do Porto, na extensão total de 35:087 metros.

Inaugurou o assentamento das suas linhas em 14 de fevereiro de 1874 e a exploração em 14 d'agosto do mesmo anno.

Emprega 152 carros para passageiros e 12 wagonetes para mercadorias,—249 muares—e 7 machinas a vapor, que trabalham sómente *extra muros*, da sua estação da Boa Vista á Foz e Mattosinhos.

Esta companhia luctou com grandes difficuldades, porque no primeiro anno da sua exploração desabou-lhe a estação provisoria, perdendo o custo do edificio e bastantes muares na importancia de muitos contos de réis, — construiu leito proprio para o assentamento da sua linha desde a Fonte da Moura até á Foz, onde fez uma bella estação com restaurante, casa para assembléa e outras dependencias, — e ultimamente, em 1881 a 1882, construiu estrada sua para assentamento da linha desde a Foz até Mattosinhos, dispendendo com todas estas obras e com a sua estação central na Rotunda da Boa Vista muitos contos de réis; mas hoje vive bem e é prospero o seu estado.

Em 1883 vendeu 1.432:571 bilhetes de diversas classes na importancia de réis...	95.263$930
Apurou mais	32.635$593
Total da receita, réis..	127.899$523
Despeza..................	90.404$678
Saldo, réis.....	37.494$845

No relatorio d'aquelle anno (1883) foi calculado o seu activo em 664.480$979 réis e o seu passivo em egual somma. O seu dividendo foram 5$000 réis por acção, ou 5 p. c.

Linha americana de Coimbra

Pertence esta linha á empreza *Rail-Road Conimbricense*, — data a sua exploração de 15 de setembro de 1874, — comprehende cerca de 2 kilometros, desde a estação do caminho de ferro ao centro do bairro baixo (Praça de S. Bartholomeu)—emprega cinco carros para passageiros, quatro para mercadorias—e 12 muares.

Preço das passagens—80 réis.

Linha americana da Figueira

Esta linha pertence á Companhia Mineira e Industrial do Cabo Mondego.

Formou-se esta companhia em 1873, para explorar as minas de carvão de pedra e as fabricas de vidro, cal e productos ceramicos, pertencentes á mencionada empreza que promette grandes lucros, não só porque as minas de carvão, que é excellente, possuem jazigos importantes, mas porque a fabrica de vidros é a unica do nosso paiz que produz garrafas pretas;—e a facilidade e barateza com que obtem o combustivel muito contribuem para a prosperidade d'esta empreza.

O seu capital é de 300 contos, divididos em acções de 100$000 réis.

Vide *Cabo Mondego*.

Inaugurou o assentamento da sua linha em fevereiro de 1875, e a exploração em agosto do mesmo anno. Comprehende a extensão de 6:820 metros e emprega quatro carros para passageiros, 14 plataformas e zorras e 15 muares, termo medio.

Esta linha foi destinada para o serviço da empreza a que pertence e n'elle se emprega quasi exclusivamente, conduzindo material para as fabricas de vidros, cal e tijolo, e na conducção dos productos d'estas fabricas para a Figueira, mas tambem vende bilhetes de passagens. Presta bom serviço ao publico e tem bastante movimento nos mezes de agosto, setembro e outubro, ou durante a estação balnearia, pois a praia da Figueira —sob muitos aspectos a primeira do nosso paiz — é immensamente concorrida por banhistas e forasteiros não só do valle do Mondego, mas de Lisboa e d'outros pontos distantes, nomeadamente da Hespanha, depois que se inaugurou até Villar Formoso a linha ferrea da Beira; e esse movimento deve augmentar logo que se inaugure a continuação da mencionada linha até Salamanca, talvez em outubro d'este anno de 1884.

A Figueira tudo merece, pois é uma das mais formosas povoações de Portugal; e de passagem direi que foi elevada á cathegoria de cidade por decreto com data de 20 de setembro de 1882,—pouco depois de receber a visita de SS. MM. o sr. D. Luiz I, a rainha e principes (no dia 3 de agosto de 1882) quando foram inaugurar solemnemente a exploração da linha da Beira Alta.

—

Linha americana da Regoa a Villa Real de Traz-os-Montes, pertencente á *Companhia Transmontana*, fundada em 1874 com o capital de 200 contos.

Principiou o assentamento das suas linhas em abril de 1875;—inaugurou a exploração em 1876.—explorava 26 kilometros; — e liquidou em 1878. O seu motor eram mulas para os carros de passageiros e bois para os de mercadorias. Tambem possuia machinas a vapor, systema *Wintertur*, mas pouco partido tirou d'ellas por serem muito fortes os declives a vencer.

Linha ferrea americana de Braga

Em 1876 formou-se em Braga uma companhia com o fim de montar uma linha americana desde a estação do caminho de ferro até ao fundo da matta do sanctuario do Bom Jesus do Monte.

Em 20 de maio de 1877 inaugurou a exploração e liquidou em 31 de dezembro de 1882;—formou-se porém uma nova empreza intitulada *Companhia Carris e Ascensor do Bom Jesus*, que adquiriu as linhas já assentes e as explora desde janeiro de 1883, bem como o Ascensor do Bom Jesus, fundado pelo sr. Manuel Joaquim Gomes e inaugurado em 25 de março de 1882.

Comprehende a linha do ascensor 270 metros com o declive de 37% e 45%, e emprega 2 carros, presos por um cabo de ferro que os liga um ao outro.

O motor é o peso proprio e um deposito com agua. Trabalhando constantemente desde a sua inauguração até hoje (abril de 1884) ainda este engenhoso e tão simples machinismo não soffreu desarranjo algum.

A primeira companhia empregava muares somente;—a segunda emprega muares (23) mais 13 carros e 2 machinas a vapor, que trabalham *extra muros*, desde a cidade até o ascensor, a contar de 17 de junho de 1883.

A extensão total d'esta linha americana são 6:700 metros.

A companhia actual não só explora toda a linha e o ascensor, mas tambem possue trens de praça que aluga, servidos por 14 cavallos.

No relatorio da nova companhia relativo ao anno de 1883, o primeiro da sua existencia, figura o ascensor avaliado em 30 contos de réis e a sua estação em 1:384$465 réis.

A nova companhia substituiu os velhos carris por outros d'aço, systema Vignol, assentes em travessas de carvalho.

As duas machinas a vapor são do systema Wintertur, — pertenceram á *Companhia Transmontana*, que explorou algum tempo a linha da Regoa a Villa Real de Traz os-Montes,—e foram compradas á massa fallida por 4 contos de réis ambas. Fazem muito bom serviço.

A receita total durante o anno foram 20:126$871 réis, figurando n'esta somma a exploração da linha com réis 9:136$618—e a do elevador com 3:024$598 réis, deduzida

a percentagem que pagou ao sanctuario, na importancia de 534$599 réis.

A despesa total montou a 13:826$964 rs.; foi portanto o saldo em favor da empreza—6:299$707 réis.

Os accionistas de 10 acções teem o bonus de passe gratuito em toda a linha.

E' prospero o estado da companhia;—deu aos seus accionistas o dividendo de seis por cento.

Foram seus directores durante o referido anno os srs. Joaquim Dias Peixoto e Manuel Joaquim Gomes, cavalheiro de muito merecimento e industrial importante, a quem Braga deve a instituição do ascensor, *o primeiro do nosso paiz*, e a fundação da companhia de que nos havemos occupado, além d'outras emprezas, que muito recommendam a nossa terceira cidade.

—

O segundo ascensor montado no nosso paiz é o da calçada do Lavra, em Lisboa. Fez-se n'elle a primeira experiencia no dia 7 de abril de 1884,—experiencia que mereceu do jornal o *Economista* a descripção que se segue:

«Esta noite, pelas 7 e meia horas, realisou-se a primeira experiencia das ascenções pela calçada do Lavra. Com a chegada dos srs. Antonio dos Santos Beirão e Antonio Ignacio da Fonseca, directores, Raul Mesnier, engenheiro, e varios convidados entre damas e cavalheiros que logo entraram na carruagem que estacionava no fundo da calçada do Lavra; Illuminou-se logo a rampa em toda a sua extensão, por meio de archotes, e as carruagens ascendente e descendente, partiram ao som das palmas e dos *hourrahs*, de centenas de curiosos que estacionavam no largo da Annunciada.

«A subida effectuou-se não só sem o menor incidente, mas até com um bello resultado, realmente inesperado pelo proprio engenheiro, como este mesmo nos disse depois.

«Com effeito, nem o material fixo, como rails, roldanas, etc., nem o circulante, estão sufficientemente poidos para que os attrictos estejam reduzidos ao *minimum*.

«As peças que compõem o material são novas, e por isso ainda não adquiriram a facilidade de movimentos que é precisa para o completo bom exito das experiencias; e por estes motivos foi tanto mais para notar o admiravel resultado que se alcançou.

«O que é realmente phantastico é o cruzamento das duas carruagens caminhando na rampa, em sentido opposto, com rapidez verdadeiramente vertiginosa. E' claro que este cruzamento se faz sempre sem o menor perigo para os passageiros, por quanto as vidraças são todas gradeadas de largas redes de arame que não permittem que, por descuido alguem se lembre de deitar a cabeça ou um braço por ellas; e portanto apezar da pequena distancia em que se cruzam as carruagens, não ha o menor receio de desgraça pessoal.

«Fizeram-se quatro ascensões todas com o melhor resultado, e as carruagens chegavam sempre ao fundo da rampa saudadas por *bravos* enthusiasticos da multidão agglomerada no largo.

«Estas ascenções fizeram-se todas com grande regularidade, havendo apenas a notar a grande demora que ha entre a chegada e a partida. E' tal demora proveniente, como hontem dissemos, da insufficiencia da canalisação da agua que não permitte que o deposito que existe em cada uma das carruagens e que leva 3:500 litros, se encha com a rapidez desejada.

«Grandes louvores cabem por esta occasião á gerencia da companhia das aguas que, animada da melhor vontade, não só reduziu a 30 réis por metro cubico a agua destinada ao serviço da empreza, (o que afinal de contas é ainda caro) mas prometteu mudar a canalisação com a maior rapidez, devendo esta noite mesmo, começar essa obra.

«Independentemente da agua que,—como succede em Braga, no Bom Jesus onde é gratuita,—presta optimo serviço, a empreza está montando uma machina de vapor para auxiliar a acção da agua, ou mesmo substituil-a, quando ella por qualquer motivo não abunde ou mesmo chegue a faltar.

«Ouvimos varias pessoas manifestarem alguns receios de andar no ascensor, atten-

dendo á possibilidade de qualquer incidente, da ruptura do calabre, por exemplo. Não deve porém haver o menor receio, porque esse caso está previsto. O gancho de ferro que entra na calha e prende o calabre está ligado por uma forte molla a uma grande alavanca, na extremidade da qual existe um contra-peso de 80 kilogrammas.

«Se por qualquer eventualidade se quebrasse o calabre, soltava-se a molla, cahia o contra-peso, e o freio automatico, constituido por fortissimas braçadeiras de aço, apertava o eixo das rodas que parariam instantaneamente. Para evitar o *glissement*, existe sob as rodas que são denteadas uma cremalheira que acompanha os carris e que impossibilita o menor movimento logo que o freio automatico aperte o eixo.

«Por esta singela descripção pódem os nossos leitores imaginar quão bem disposto se acha todo o machinismo para evitar os menores incidentes, e que os ascensores teem entre nós um largo futuro pela grande facilidade que ha de, por meio d'elles e por modico preço, vencer o accidentado terreno da nossa capital.»

—

Linha americana da Povoa de Varzim a Villa do Conde, na extensão de 3 kilometros. Inaugurou-se a sua exploração no dia 22 de outubro de 1874; foram seus fundadores João Ferreira Dias Guimarães e João de Araujo Guimarães, do Porto, e hoje é propriedade de José Gallisa, desde 1882. Emprega 20 muares e 6 carros.

—

São estas hoje (abril de 1884) as linhas ferreas americanas do nosso paiz.

Comprehendem ao todo cerca de 150 kilometros, e todas foram construidas por emprezas particulares sem subsidio algum do governo, exceptuando apenas duas, — a da Marinha Grande que é do estado, — e a das minas do Braçal que (não sabemos bem por que bullas) foi subsidiada com a bagatella de 16:909$200 réis, como já dissemos algures e se lê no relatorio official do sr. Barros e Cunha.

Carruagens Ripert

Temos em Portugal duas companhias de carros, systema Ripert, de que faremos aqui menção por serem companhias importantes, que prestam valiosos serviços ao publico, e porque os seus carros, além de imitarem os americanos teem a rodagem exactamente com a largura das linhas americanas e talhada de fórma que trabalham perfeitamente sobre ellas e as exploram sem dispenderem com ellas um ceitil, pelo que as companhias americanas, vendo-se afrontadas e altamente prejudicadas pelos intrusos, tentaram contra elles acção que pende em juizo.

Os carros do novo systema tambem trabalham fóra dos *rails*, mas com muito maior difficuldade e grande incommodo para os passageiros, quando o leito das ruas é de parallepidedos, como succede em muitas do Porto.

Companhia Ripert Lisbonense

Esta companhia inaugurou a exploração em 1 de julho de 1882. O seu capital é de 480 contos, mas em 31 de julho de 1883 havia emittido apenas 120 e realisado 72.

Em 31 de dezembro de 1883 possuia 34 carruagens no valor de 26:791$784 réis, — e 320 animaes (30 cavallos e 290 mulas) no valor de 35:000$614 réis. — Durante o anno de 1883 dispendeu com a alimentação de todo o seu gado 35:659:833, sendo o numero das rações 107:259 — e o preço medio de cada uma 33$243 réis, em cevada, aveia, milho, fava, palha e feno.

Em 31 de dezembro de 1883 explorou as carreiras da rua Augusta ao Poço do Bispo, — do Poço do Bispo aos Olivaes, — do Rocio á Graça, — do Rocio a Algés, — do Rocio á Cruz Quebrada, — e do Terreiro do Paço ao Matadouro (além d'outras carreiras temporarias e extraordinarias) na extensão total de 104:615 metros, — sendo 14:986 sobre os carris da companhia americana — e 89:629 em ruas sem carris, prefazendo os seus carros durante aquelle anno o percurso de metros 679:418,490.

Foi a sua receita, réis........	87:762$528
Despeza, réis................	81:577$020
Saldo, réis..................	6:185$508
O que junto ao saldo de lucros e perdas do anno antecedente....................	1:500$000
Prefaz o saldo total de réis...	7:685$508

Dividiu 6 por cento sobre o capital realisado, e é prospero o estado economico d'esta empreza.

Companhia Ripert portuense

Inaugurou a exploração em 13 de julho de 1883;—emprega 18 carros e 100 cavallos todos normandos;—o seu capital é de 36 contos de réis;—explora todas as linhas americanas da companhia *Carris de ferro do Porto* (intra muros) e algumas ruas sem trilhos de ferro, mas, por motivos que não queremos expôr, está em liquidação.

Estradas ordinarias, a macadam

Póde dizer-se que este systema de viação foi introduzido no nosso paiz em 1852. Anteriormente apenas se haviam feito leves ensaios ou experiencias em pequenos lanços. E, para se avaliar a attenção que havemos prestado a este importante pelouro dos melhoramentos publicos, compare-se o extracto que fizemos do relatorio official do fallecido sr. Barros e Cunha, ao tempo ministro das obras publicas, com o mappa que vamos transcrever fielmente dos trabalhos de estatistica, publicados pela nossa benemerita Repartição Geodesica, relativos ao anno de 1881.

Do confronto d'estes dois documentos officiaes se vê que, desde 1852 até 30 de junho de 1877, ultimo anno a que se refere o relatorio do sr. Barros e Cunha, tinhamos construido 3:431 kilometros de estradas a macadam de 1.ª classe,—e, passados apenas 3 annos,—em 30 de junho de 1880—haviamos construido (desde 1852) nada menos de 7:451 kilometros d'estradas a macadam de 1.ª 2.ª e 3.ª classe, pertencendo á 1.ª 3:767 kilometros.

Districtos	Extensão construida					
	De estradas reaes kilometros	De estradas districtaes kilom.	De estradas municipaes kilom.	Total	Kilometros por 10:000 hectares	Kilometros por 10:000 habitantes
V. do Castello	238,6	35,0	31,5	305,1	13,6	14,3
Braga	345,4	65,7	110,2	521,3	19,4	15,8
Porto	286,4	147,9	147,5	581,8	25,2	12,3
Villa Real...	241,9	22,6	29,8	294,[illegible]	6 7	12,7
Bragança ...	127,3	48,1	51,4	226,8	3,4	12,9
Aveiro	120 5	206,3	241,6	568,4	19,7	21,0
Viseu.......	373,3	59,5	82,0	514,8	10,4	13,1
Guarda......	235 1	81,3	14,6	331,0	5,9	13,9
Coimbra.....	236,0	171,1	161,2	568 3	14,6	18,4
Cast.º Branco	300,0	23,6	115,2	438,8	6,6	14,4
Leiria.......	179 3	87,9	54,5	321,7	9,3	16,1
Santarem ...	213,8	108 4	102,4	424 6	6,2	18 6
Lisboa......	182,7	500 2	168,2	851,1	10 5	16,3
Portalegre...	191,9	37,7	159,7	389,3	6 2	36,0
Evora.......	189 8	38,0	134,3	362,1	5,1	31,5
Beja........	126,9	59,6	144,7	3[illegible]1,2	2 9	19,8
Faro	178,5	90,1	172,3	440,9	8,8	21,4
Somma...	3:767,4	1:783,0	1:894,1	7:441,5		
Media por districto	221,6	104,8	111,2	437,7	8,3	17,1

Refere-se este engenhoso e interessante mappa ao dia 30 de junho de 1880. D'elle se vê o estado da nossa viação a macadam n'aquella data e o que em favor d'ella fizemos desde 1852, ou em menos de 30 annos.

Bem quizera dar egual nota até 30 de junho ultimo (1883) mas não me foi possivel obtel-a das nossas repartições publicas, a despeito de todos os meus esforços; creio porém que desde 30 de junho de 1880 até 30 de junho de 1883 a nossa viação ordinaria não adiantou menos do que de 30 de junho de 1877 a 30 de junho de 1880,—e a sua progressão continua no mesmo pé,—graças ao nosso amor para com os melhoramentos publicos e á paz octaviana que felizmente gozamos desde 1847.

Passemos a outro topico.

Rios canaes e portos

É forçoso confessar que temos descurado bastante este importantissimo ramo dos melhoramentos publicos. Todas as nossas attenções, todos os nossos sacrificios e esforços teem convergido quasi exclusivamente para a viação ordinaria e accelerada, para os correios e telegraphos e para a instrucção publica, tanto primaria como secunda-

ria. Todavia alguma coisa havemos feito no pelouro que nos serve de epigraphe, pois desde 30 de junho de 1852 até 30 de junho de 1877 gastámos no continente, em portos e rios, 3.340:823$027 réis,—e nas ilhas adjacentes 2.424:028$928 réis, sendo a maior verba, 1.732:159$858 réis, empregada na doka de Ponta Delgada, o que tudo circumstanciadamente póde ver-se no citado relatorio do sr. Barros e Cunha.

As vias aquaticas ainda hoje em toda a parte teem valor e importancia particulares, pois nenhumas outras realisam o transporte em condições mais economicas, circumstancia muito attendivel em um páiz agricola e tão pouco povoado, como é o nosso.

Os rios e canaes são eminentemente proprios para o transporte dos productos do solo, tanto do reino mineral como vegetal. As pedras, os mineraes, os estrumes, os combustiveis, as madeiras e em geral os grandes e pesados volumes os procuram de preferencia e os fazem desejados; infelizmente, porem, o nosso paiz não se presta tanto a uma boa rede de vias de navegação como outros muitos do centro e norte da Europa e da America.

Se temos um extenso littoral maritimo, as nossas bacias hydrographicas são curtas, bastante declives e quasi todas parallelas entre si, em vez de irradiarem do centro para a circumferencia, como em França e na Inglaterra,—feliz disposição que permitte ligar os mares e pontos oppostos do seu perimetro por linhas aquaticas não interrompidas, cruzando-se no interior do páiz.

A area de Portugal é proximamente a quinta parte da area da França, mas a extensão naturalmente navegavel dos nossos rios não passa de 700 kilometros, em quanto que em França excede 6:000. Com relação á Inglaterra e Paizes Baixos a proporção é ainda mais desvantajosa para Portugal. O Sena, o Tamisa e o Escalda, muito menores em extensão do que o Tejo e o Douro, teem comparativamente muito maior leito de marés, assim como outros muitos rios do norte da Europa. No Sena as marés vão a 153 kilometros da sua foz; no Tejo a 88 sómente, —e no Douro apenas a 23!...

Em França uma grande parte do solo no coração do páiz não se eleva a mais de 200 a 300 metros sobre o Oceano, emquanto que em Portugal, mesmo junto da costa, se encontram altitudes de 300 a 400 metros e muito maiores no interior. Na Europa são poucos os pontos culminantes de partição das aguas dos canaes emprehendidos até hoje, que estejam a mais de 200 metros sobre o nivel do mar,—e na Ingtaterra e Paizes Baixos raros chegam a 100.

O Tejo e o Douro vem da elevada planura central da peninsula. O Douro passa em Tordesilhas a 400 metros sobre o nivel do mar, e o Tejo em Aranguez a 500 metros, o que dá para cada um d'estes nossos rios 0m,7 e 0m,9 de declive por kilometro, com muito pouca differença [1] — e uma grande parte d'este grande declive se acha accumulada no territorio portuguez [2].

O Rhodano apezar de ser o de mais queda entre os grandes rios da Europa, não tem abaixo de Leão declividade superior a 0m,56 por kilometro, com um producto d'agua de 400 metros cubicos, na estiagem, por segundo, emquanto que o Tejo e o Douro reunidos não dão 100; mas no Douro as cheias se elevam, em alguns pontos, a mais de 16 metros de altura.

O Tamega, entre Chaves e Amarante, tem uma declividade media de 3 metros por kilometro,—declividade maxima de quasi todos os canaes emprehendidos até o prezente.

O Douro, desde que entra no nosso paiz, junto da cidade de Miranda, não tem valle. O seu leito é quasi todo um corte profundo através d'altos montes de rocha durissima. O Tejo, acima d'Abrantes, apresenta o mesmo aspecto, — bem como o Guadiana para baixo de Olivença.

A grande queda dos nossos rios, — a estreitesa, fragosidade e pendor das suas mar-

---

[1] Boletim do Ministerio das Obras publicas, Commercio e Industria,—n.º 3 —março 1854—Lisboa, Imprensa Nacional.

[2] O declive do Douro, depois que entra em Portugal, é approximadamente de 1m,50 por kilometro. E este declive na estiagem se accumula nos rapidos ou *pontos* até mais de 8 metros por 100!...

gens, em muitos pontos quasi abruptas,—a falta de geleiros permanentes e de chuvas repartidas por todo o anno,—uma forte evaporação durante o estio e um terreno em grande parte arido e desarborisado—são condições pouco favoraveis á canalisação e ao regimen uniforme das aguas correntes.

Não poderemos pois jámais possuir tão completo systema de vias aquaticas, como outros paizes. Os nossos melhoramentos fluviaes hão-de ser por muito tempo isolados, em pequena escala e de uma importancia quasi puramente local; todavia de futuro talvez venham a ligar-se as nossas principaes bacias hydrographicas e a melhorar-se muito a navegação dos nossos rios.

Até hoje o espirito publico e as vistas dos nossos governos estiveram e estão ainda concentrados sobre a viação ordinaria e accelerada, que tem absorvido todos os nossos recursos; mas no momento em que se preste a devida attenção ás vias aquaticas e se volte para ellas, como bem merecem, o favor do publico e dos nossos governos, muito poderá fazer-se a bem d'este pelouro e da nação.

Já em consulta de 17 de janeiro de 1854 o Conselho d'Obras publicas e Minas, propunha ao nosso governo o seguinte:

Melhorar a navegação do Tejo, Douro, Guadiana e Mondego;—canalisar os rios Sado, Sorraia, Vouga, Sabor, Lima e Cavado;—construir canaes lateraes ao Tejo entre Villa Nova e Tancos—e ligar o Sado ao Tejo por meio d'um canal tambem. Esta ultima obra é sobre todas recommendavel, porque, sendo pouco extensa e de facil execução, é da maior importancia. Ligando dois grandes rios e dois excellentes portos nas visinhanças da capital, creava uma extensa linha de navegação não interrompida desde o interior do Alemtejo até á Beira.

O canal de juncção do Porto de Lisboa com o de Setubal, em relação ás vias aquaticas e como tronco d'ellas, terá a mesma importancia que tem os caminhos de ferro do norte e leste com relação ás suas ramificações. E com o fito de estender ainda mais esta linha interior de navegação de norte a sul, propoz tambem o Conselho se estudasse a juncção do Tejo com o Douro pelos valles do Zezere e Côa. Offerece difficuldades a realisação d'este projecto, mas, realisado elle, seria a mais bella linha da navegação de Portugal, desde o interior de Traz-os-Montes até á fronteira do Algarve.

Penetrando pelo rio Sabor na provincia de Traz-os-Montes, que tantas riquezas agricolas e mineralogicas promette,—costeando as abas da Serra da Estrella, tão cheias de povoações industriosas,—atravessando a Beira Baixa, tão rica de fructas e tão isolada do resto do nosso paiz,—e estendendo-se além do Tejo até proximo do Algarve, aproveitava directamente a cinco provincias nossas, que tão poucas relações manteem entre si, fazendo valer numerosas riquezas desprezadas por falta de circulação economica.

Esta linha ainda poderia tornar-se mais importante ligando-se o Sado ao Guadiana pelas ribeiras de Odivellas e Odiarça, ao norte de Beja, e canalisando-se o Guadiana desde as immediações de Serpa até Mertola. Teriamos então um canal esplendido, atravessando quasi inteiramente Portugal de sul a norte, desde Villa Real de Santo Antonio até ás proximidades de Bragança, communicando com quatro portos de mar. E correndo parallelo á fronteira, e a pequena distancia d'ella, facil seria chamar a si a circulação de uma parte do reino vizinho, com cujas vias aquaticas se poderia pôr em communicação pelo Douro,—a canalisação do qual, em Hespanha, e a sua juncção com o Ebro são uma das principaes, ou antes—a principal, a mais grandiosa e ao mesmo tempo a *mais facil empreza de navegação* que se pode realisar na peninsula. Ligaria dois mares,—o Mediterraneo com o Oceano,—e o Porto com Barcellona, atravessando territorios fertilissimos.

Ahi fica o repto lançado ás gerações por vir. E para que nos não tachem de louco ou vizionario, repetiremos que tudo isto já foi lembrado em 1854 pelo nosso conselho de Obras publicas, formado pelos srs. barão (depois visconde) da Luz, José Feliciano da Costa, Albino Francisco de Figueiredo e Almeida, José Victorino Damasio, João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, Francisco Antonio Pereira da Costa e Joaquim Thomaz Lobo

d'Avilla, hoje conde de Valbom,—sete illustrações superiores.

Concluiremos lamentando que não tratassemos da rede dos nossos caminhos de ferro e das nossas vias de navegação interior antes de darmos tanto desenvolvimento á viação a macadam, pois que esta, por muitas rasões que são obvias, lhes devia ser subordinada.

—

Sobre o assumpto, de que no momento nos occupamos, são tambem muito dignos de se lerem os projectos de Bento de Moura Portugal, escriptos nas prisões da Junqueira nos fins do ultimo seculo, por este martyr da prepotencia do Marquez de Pombal,—projectos relativos ao Tejo e Mondego, tendentes a obstar ás grandes cheias d'estes dois rios e aos grandes prejuizos causados por ellas [1].

Tambem são muito interessantes os artigos do sr. Adolpho Loureiro, director das obras publicas de Coimbra e da barra da Figueira, relativos ao Mondego e publicados no *Portugal Pittoresco;*—mas de todos os rios de Portugal aquelle, cuja navegação é mais importante, mais perigosa e mais difficil, é com certeza o Douro. Com elle temos dispendido centos de contos de réis desde a creação da extincta *Companhia da Agricultura e Vinhas do Alto Douro* (1756) – e de todos os melhoramentos n'elles realisados o mais importante e mais dispendioso foi o rompimento da catarata ou do cachão da Valleira, de que se fez menção no artigo *Pontos do Douro* (vol. 7.º pag. 199) e no artigo *Salvador do mundo* (vol. 8.º pag. 361 a 363).

Aquella medonha catadupa era inaccessivel não só aos barcos, mas aos proprios peixes, e por isso ali se amontoavam e pescavam em tão grande quantidade, que a villa proxima (cerca de 3 kilometros ao sul) se denominou e denomina hoje ainda *S. João da Pesqueira* (Vide). Limitou a navegação do Douro até 1792 e era formada por enormes rochedos de granito porphyroide entalados entre dous grandes morros de granito porphyroide tambem, que ali formam um estreito canal d'alguns centos de metros d'extensão, denominando-se de *S. Salvador* o da margem esquerda por ter no curuto a capellinha ou sanctuario d'aquella invocação, na altura de mais de 150 metros talvez sobre o rio e quasi a prumo sobre elle!

Para nascente e poente o tortuoso valle do Douro, semeado de quintas que, antes da assolação phylloxerica produziam centenares de pipas do afamado vinho do Porto, em ribas agrestes, extremamente aridas e escarpadas, avultando de longe em longe uma casa ou outra com os lagares e armazens, hoje tudo negro, escalvado e inculto, semelhando o valle da morte; — para o sul, a sopé, medonha penedia, e a distancia a mesma zona de vinhedos phylloxerados; — para o norte a continuação do grande morro, tendo parallelo, a menos de 100 metros de distancia talvez, outro penhasco enorme, formando com o pincaro de S. Salvador a garganta por onde passa lá no fundo o Douro comprimido e furioso, espumando de raiva e desenhando com viva côr o bello — horrivel!

O rochedo ou rochedos que tomavam o leito do Douro não tinham raizes nas altas montanhas que se erguem nas duas margens e formam a medonha trincheira, apertando o leito do rio, que no inverno alteia espantosamente por não poder espraiar-se, precipitando-se em quéda abrupta pela estreita boca do canal, que olha para oeste.

Passámos ali embarcados em outubro de 1883, vindo de Moncorvo (foz do Sabor) para a estação de Tua, e ficámos horrorisados!

A navegação, n'aquella data, não era perigosa, mas a passagem atravez da negra e sombria garganta fazia gelar o sangue. Não nos recordamos de espectaculo tão imponente e medonho, posto que já temos feito muitas vezes a viagem entre a Regoa e o Porto embarcados, de verão e de inverno, — e já visitámos até o 3.º os lendarios cas-

[1] Veja-se a interessante obra intitulada *Inventos e varios planos* de Bento Moura Portugal,—Coimbra, 1821, pag. 7 e seg,—e 69 e seguintes.

tellos dos Cabriz, na márgem esquerda do Tavora (Vide Cabriz e *Sindim*) estancia altamente perigosa e medonha, — e já estivemos (ás 11 horas da noite !...) no curuto do *cantaro gordo*, na serra da Estrella, em agosto de 1880, quando visitámos aquella montanha com a expedição scientifica, organisada pela sociedade de geographia, de Lisboa.

Nós sabiamos que a desobstrucção do rio Douro n'aquelle ponto durou 12 annos (de 1780 a 1792) e que ali se queimou muita polvora e quebrou muita pedra, mas ficámos surprehendidos ao ver as duas faces das altas montanhas de rocha durissima, que formam o canal na extensão d'alguns centos de metros — tão lisas como se fossem trabalhadas a plaina e sem vestigios de picão nem de um tiro, — exceptuando a raiz da montanha do lado norte, margem direita, onde, para abrirem um carreiro informe de menos de 1m,50 de largura, para alagem dos barcos, se vêem vestigios de mais de 2:000 tiros !

Tambem nos surprehendeu o ver atravez da altissima e escarpada montanha do lado norte as bandeiras ali collocadas para os estudos da linha ferrea do Douro, em pontos inacessiveis, ao lado de ninhos d'aguias, de ujos e de outras aves carnivoras.

Os homens que ali collocaram as ditas bandeiras foram mettidos em cestos, amarrados e guindados por cordas.

Vade retro !

Tudo aquillo é horroroso, mas muito interessante. Mil annos que nós vivessemos, conservariamos sempre aquellas paragens desenhadas na mente e saudades do passeio pelo Douro desde a Villariça, ou foz do Sabor, até Tua ; mas a linha ferrea do Douro vae matar a poesia de tudo aquillo, pois atravessa em tunnel aquella massa enorme de rochedos.

Na montanha que fórma o canal, do lado sul, não se vê outro vestigio das obras além d'uma inscripção em grandes lettras de bronze de mais de um decimetro de altura cada uma, dentro d'uma tarja aberta a picão, medindo talvez 5 metros quadrados e encimada por um grosso varão de ferro chumbado na rocha, segurando uma espada.

A dita inscripção mal se lê do rio, porque está a 54 metros de altura, medindo a montanha até o curuto mais que o dobro d'aquella altura, talvez, e quasi toda em face lisa, aprumada sobre o abysmo.

Aquella inscripção diz o seguinte :

IMPERANDO D. MARIA I
SE DEMOLIO O FAMOSO ROCHEDO QUE
FAZENDO AQUI UM CACHÃO INACCESSIVEL
IMPOSSIBILITAVA A NAVEGAÇÃO
DESDE O PRINCIPIO DOS SECULOS.
DUROU A OBRA DE 1780 A 1792.

Desobstruida a celebre garganta do *Cachão de Valleira*, o Douro se tornou navegavel até á foz do Sabor em 1809, — até á Barca d'Alva em 1811 — e mais tarde até ao *Saltinho*, cerca de 12 kilometros a montante, na estiagem ; mas o leito é tão descarnado que apenas alguns barcos dos mais pequenos e com menos de meia carga (2 a 3 pipas) navegam até á Barca d'Alva, emquanto que no inverno carregam ali barcos de 80 pipas.

—

É muito perigosa e difficil a navegação do Douro, porque este rio, depois que entra no territorio portuguez nas proximidades de Miranda, tem um declive de 1m,50 por kilometro aproximadamente, — declive accumulado nos *pontos*, e o seu leito é muito tortuoso, apertado e eriçado de medonha penedia. Na estiagem atravessa-se a pé em alguns sitios, emquanto que n'esses mesmos sitios sóbe por vezes a 16 metros de altura, nas cheias, transformando em sorvedouros medonhos, *pontos* continuados perigosissimos os *poços* que foram agua morta na estiagem, taes são os da *Cardia* e *Riboura*, da Regoa para baixo, — e os da *Pedra Caldeira*, *Saião* e *Pocinho*, entre a Regoa e a Barca d'Alva ; mas, a despeito de todos estes contras, acha-se organisada uma companhia que se propõe explorar a navegação do Douro com o auxilio do vapor. Uns julgam semelhante empreza uma utopia, um sonho, outros, pelo contrario, vêem n'ella sômente maravilhas e grandes lucros.

Vederemo e dopo parlaremo.

A companhia mandou estudar o rio pelos engenheiros Frank John Abeyer, de Liverpool, e Wermich, de Berlim. Eu os encontrei em outubro ultimo em Moncorvo; e nos sêus relatorios disseram que não acharam difficuldades insuperaveis e propozeram, em resumo, o seguinte: — Melhorar o leito do Douro, quebrando as pedras que tornam os *rapidos* ou *pontos* mais perigosos, formando um canal d'agua fundo e diminuindo assim a rapidez da corrente. Nos sitios, onde a areia impede a navegação, abrir um canal por meio de dragagem, o qual, segundo a experiencia em outros rios, se conservará sempre aberto pelo constante trafico. Depois collocar no fundo do Douro um fórte cabo d'arame que servirá para alagem d'esta fórma:

Um barco, bastante comprido, de fundo chato, munido d'uma machina a vapor, que moverá dous cylindros, nos quaes se enrola o cabo d'arame, deve mover-se, alando-se pelo cabo para diante ou para traz, conforme fôr preciso.

O vapor, tomando o cabo pela prôa, lança-o pela pôpa, á medida que avança, ficando assim, o cabo outra vez no leito do rio, e rebocará os actuaes barcos que transportam as mercadorias e que hoje são tripulados por 10 a 20 homens e alados a muito custo por sirgas puchadas a bois e gente nos *pontos*, em quanto que, sendo rebocados pelo vapor, esses mesmos barcos demandarão apenas 2 tripulantes.

Nas curvas do rio o cabo d'arame é seguro para as margens por outros cabos mais curtos que com um gancho de ferro sustentarão o cabo principal na direcção conveniente.

Chegando o rebocador ás curvas, levanta com a prôa o gancho, que é immediatamente aberto para dar passagem ao vapor, e se fecha de novo, logo que o rebocador passa, cahindo outra vez no rio pela pôpa do mesmo rebocador,—e poderá este rebocar a um tempo 15 ou 20 barcos.

O preço mais elevado da rebocagem é calculado em 8 réis por tonelada e kilometro, ao passo que o custo de transporte de vinho da Regoa para o Porto é hoje de 27 réis por tonelada e kilometro.

Na descida do rio os barcos são rebocados da mesma maneira, sómente nos *pontos* o vapor deixa passar os barcos de carga para diante, e, chegando á agua tranquilla, muda-se outra vez o vapor para a frente, e assim continua a viagem.

Quando o trafico tiver attingido proporções, que demandem mais promptidão, e para que se evitem as demoras com as mudanças do vapor para traz e para diante, empregar-se-hão ao mesmo tempo dous rebocadores para descerem os barcos nos *pontos*.

Então o vapor da rectaguarda regulará a descida do comboyo, e, chegado á agua tranquilla, o vapor da vanguarda continua a rebocagem descendente.

A força motriz do vapor, applicada a um cabo preso e seguro, aproveita-se n'uma escala muito maior do que por meio de rodas ou helice, e por conseguinte, é facil de comprehender que o effeito nos rapidos ou *pontos* ascendentes deve ser o desejado. Muito mais facil deve ser alar um barco por meio de vapor do que por meio de homens e de bois.

Projecta-se por emquanto estabelecer a linha do Porto para a Regoa, dividida em tres secções: uma do Porto para Entre-os-Rios, outra de Entre os-Rios para Frende, e outra entre Frende e a Regoa.

O rebocador n.° 1, sahindo do Porto, entregará o seu comboio de barcos ao n.° 2, e em Entre-os-Rios pegará nos barcos que o n.° 2 trouxe até ali, destinados para o Porto, com os quaes segue no mesmo dia para baixo, emquanto o n.° 2 vae fazer a viagem para Frende, onde encontra o rebocador n.° 3. Ali o n.° 2 larga os barcos ascendentes, pega nos descendentes, e o n.° 3 toma aquelles e segue para a Regoa.

Calcula-se que os barcos, que sahirem de madrugada do Porto, devem chegar á Regoa pela tarde, da mesma maneira que os da Regoa devem chegar ao Porto no mesmo dia.

Projecta-se fazer um convenio com os principaes arraes do Douro, fazendo-se-lhes a rebocagem por preços modicos. Uma parte dos marinheiros actuaes achariam traba-

lho nos mesmos barcos, outros nas cargas e descargas, e outros ainda no trafico augmentado do rio.

Transportam-se actualmente cerca de 100:000 toneladas de fazendas pelo rio abaixo até ao Porto, não fallando nas mercadorias a pequena distancia, como da Souza, etc., e os transportes rio acima calculam-se em cerca de 70:000 toneladas.

Ora, tomando-se como termo medio 80 kilometros de distancia a percorrer com as ditas 170:000 toneladas, a 15 réis por cada tonelada e kilometro teriamos 204:000$000 réis de fretes por anno. Os fretes actuaes para baixo e para cima, pagos entre 27 e 44 réis por tonelada e por kilometro, dão a enorme cifra de 530 contos por anno.

É facil, porém, a explicação, considerando-se, por exemplo, que hoje se paga por cada pipa de aguardente transportada rio acima, do Porto até Barca d'Alva, 10$000 réis de frete, o que corresponde a 101 réis por tonelada e kilometro.

O caminho de ferro transporta hoje a 1:500 cada pipa da Regoa para o Porto, o que corresponde a 26/2 por tonelada e por kilometro, contando a distancia como se fosse pelo rio.

O custo maximo do transporte pelos rebocadores, como acima se disse, é calculado pelos engenheiros em 8 réis por tonelada e kilometro.

Os transportes pelos caminhos de ferro em Portugal não custam menos de 10 réis por tonelada e kilometro, não fallando em juros do capital nem na depreciação do material circulante.

Além do convenio com os arraes, tenciona a Companhia estabelecer tarifas regulares para fazendas, para as quaes haverá barcos grandes apropriados.

Os barcos a vapor, ou rebocadores, demandam menos de 3 palmos d'agua, e serão construidos de ferro. O seu fundo, porém, será de madeira de carvalho e bastante grossa, porque assim se previne um arrombamento, quando por acaso batam em pedra ou rocem pela areia.

Os engenheiros, apesar de não acharem difficuldade em vencer os pontos rapidos da corrente, indicam a vantagem de estabelece aqui e ali canaes artificiaes e *eclusas*, as quaes receberão os barcos e vapores no nivel da agua tranquilla, e, deixando-se encher ou esvasear á vontade dos navegantes, entregarão os ditos barcos ao nivel tranquillo superior ou inferior.

Havendo, porém, navegadores que se não queiram aproveitar das eclusas, podem seguir o rumo dos *pontos*, porque estes ficam como se acham hoje.

A canalisação do rio, até á Regoa, sem eclusas, — das quaes de resto parece que não haverá senão uma—está contratada com o sr. Abeyer por uma quantidade determinada, tornando-se este engenheiro empreiteiro da obra e da instalação da rebocagem.

O capital da empreza são *L.* 100:000 nominaes.

—

Eis aqui a breves traços o grande projecto da navegação do Douro por meio da alagem a vapor.

Fazemos votos pela sua realisação, porque seria de grande vantagem para o publico.

Diremos ainda que os primeiros concessionarios da empreza foram os srs. Antonio Maria Kopke de Carvalho, George H. Hastings & Son e William Paole Ruth, os quaes, por portaria com data de 28 de fevereiro ultimo (1884) transferiram á *Companhia The Douro Steam Towage Company, limited*, a consessão que haviam obtido do nosso governo para estabelecerem em todo o curso navegavel do rio Douro, em territorio portuguez, uma navegação regular para transporte de passageiros e mercadorias pelo systema de reboques *Meger e Werneigle*, ou por outro mais moderno.

—

Cumpre-nos tambem registrar com relação ao Douro outro projecto não menos grandioso, e que se nos affigura mais exequivel e de maior utilidade ainda. É a construcção de 2 grandes canaes, um pela margem esquerda e outro pela margem direita do rio, tomando a agua d'este nas proximidades de Miranda e prolongando-se até o extremo da zona vinhateira, hoje toda phylloxerada e quasi toda inculta, — a jusante de

Lamego, até á freguezia da Penajoda, — e a jusante de Villa Real de Traz os Montes, até Mezão-frio.

Feito um grande dique nas proximidades de Miranda para levantamento das aguas do Douro, que ali corre fundo por entre penedia abrupta, escalvada e sem valor, e dividindo-se a agua pelos dous canaes, estes serviriam para navegação em barcos apropriados, e para irrigação dos terrenos que ficassem entre elles e o Douro e que representariam uma área de 2 a 10 kilometros de largura com a extensão de 250 a 300.

Comprehendendo as grandes curvas das gargantas que se abrem sobre uma e outra margem do Douro e que obrigariam os canaes a um grande desenvolvimento, beneficiariam como vias navegaveis muitas povoações, e, como canaes d'irrigação, terras hoje sem valor, na sua maxima parte incultas depois da invasão phylloxerica, mas fertilissimas e mimosissimas, logo que tenham agua para rega, como a experiencia evidentemente está mostrando nos pequenos tractos de terra que n'aquelle vasto perimetro são regados.

Construam-se os dous canaes e ninguem mais lamente os habitantes do Douro.

Aquelles aridos montes que hoje semelham o valle da morte, desde que a maldita phylloxera aniquilou os seus vinhedos que produziam o afamado *Port Wine*, os vinhos mais generosos do mundo, — rapidamente se transformariam em um vasto e delicioso jardim, onde a vegetação seria verdadeiramente tropical. Aquelle chão hoje agreste e nu subiria espantosamente de valor, ao passo que os dous canaes fossem avançando e o tornassem regadio, porque, tendo agua, produz tudo, absolutamente *tudo* quanto a terra póde produzir na zona torrida e temperada, desde as fructas mais mimosas e saborosas até os simples prados para hervagens. Podia transformar-se todo, por exemplo, em um immenso pomar de larangeiras, que ali se desenvolvem admiravelmente e dão laranj finissimas, como temos saboreado.

Diz-se que toda a agua do Douro na estiagem não era sufficiente para regar tão grande extensão de terras. Será assim; mas a empresa dos canaes poderia e deveria reforçal-os com grandes depositos como o de Tibi, em Alicante, nas quebradas das montanhas, e dos rios confluentes, Subor, Tua, Pinhão, Ceira, Corgo e Sermanha, na margem direita do Douro, — e o Agueda, Coa, Torto, Tavora, Tedo e Varosa, na margem esquerda.

Estamos certos de que, aproveitadas convenientemente as aguas fluviaes e d'estes rios todos, haveria sempre abundancia de agua para rega, mesmo na estiagem.

A empresa demandaria talvez vinte mil contos, mas, ao passo que os canaes fossem avançando e beneficiando os terrenos a jusante, iria colhendo juro do capital dispendido e cremos piamente que auferiria bons lucros, como succede a empresas similhantes, taes são as dos canaes do Moselle, do Meurilhe, de Vaucluse, do Rhodano e de Marselha, na França; — dos canaes de Ivrea, Cigliano, Rotto e Cavour, — e dos de *Naviglio Grande*, Bereguardo, Pavia, Muzza, Martezana, Paderno e outros da Lombardia, na Italia; — do grande canal de ligação entre os rios *Meuse* e *Escaut*, desde Liége até Anvers, na Belgica; — e dos de Alicante e Valencia, na Hespanha.

É muito digna de lêr-se sobre o assumpto a *Memoria ácerca das irrigações na França, Italia, Belgica e Hespanha por Bento Fortunato de Moura Coutinho de Almeida d'Eça*, distincto engenheiro civil, publicada pelo nosso governo em 1866.

Construidos aquelles dous grandes canaes, o Douro volveria a ser *d'ouro*, como já foi, — o cantão mais mimoso e mais rico de Portugal — e um dos mais mimosos e mais ricos do mundo!

—

Fecharemos este topico mencionando o projecto da camara de Lisboa para saneação da capital, — projecto extensissimo elaborado pelo sr. Ressano Garcia, distincto engenheiro.

O orçamento monta a 7:000 contos, incluindo 500 contos da parte da canalisação actual, que se julga aproveitavel, — um grande canal ou cano collector desde as portas

de Santa Apolonia até á ponta de Rana, junto de Cascaes, — e um cano duplo desde Santa Apolonia até Algés.

Devemos tambem aqui registrar a proposta para a construcção do porto do Funchal, orçado em 450 contos e apresentada pelo governo ás camaras na sessão de 10 de maio ultimo (1884).

Não deve ficar tambem no olvido a proposta de lei com data de 25 d'abril d'este mesmo anno, para a construcção e melhoramentos do porto de Lisboa, comprehendendo grandes aterros e uma longa fila de caes nas duas margens do Tejo, pontes girantes, dokas d'abrigo e para carga, descarga e reparações, armazens de deposito, guindastes hydraulicos, etc. o que tudo foi orçado na bagatella de 15:000 contos.

Tambem já temos em via de construcção os dous grandes molhes do porto de Leixões. Foram adjudicados em 16 de fevereiro ultimo (1884) aos srs. Jean Baptiste Dauderni e Jean Alexis Duparchy por 4:500 contos— e as obras restantes d'este porto d'abrigo e o canal de ligação com o Douro não devem custar menos d'outros 4:500 contos.

Sommando pois as obras em projecto e em via de realisação no momento com relação a este topico dos *rios, portos* e *canaes*, temos o seguinte:

Projecto para o saneamento de Lisboa......	7.000:000$000
Porto do Funchal.......	450:000$000
Porto de Lisboa........	15.000:000$000
Porto de Leixões:	
Parte adjudicada........	4.500:000$000
Parte restante..........	4.500:000$000
Total......	21.450:000$000

Não pode exigir-se mais de uma nação com os tenues recursos da nossa.

Correios

É espantoso o nosso progresso n'este ramo de melhoramentos com relação a um periodo não muito remoto, — graças aos nossos caminhos de ferro,—ás nossas estradas a macadam,— ao nosso pacifico viver—e ás boas relações com todos os paizes estrangeiros.

Na *Taboada Curiosa* de João Antonio Garrido (4.ª edição de 1747) se encontra a pag. 165 o seguinte:

«*Conta para se saber quando se deitão, e tirão as cartas do Correyo, e o tempo que tardam em ir, e tornar a varias partes do Reino, desde Lisboa.*

«Trez dias tarda uma carta em ir e tornar desde Lisboa a Setubal, *sem perder correyo.* Vão de Lisboa sabbado, e terça-feira, e tornão segunda e sexta-feira [1].

«Sete dias tarda em ir, e tornar desde Lisboa a Alemquer, a Santarem, a Torres Vedras, a Thomar, Evora, Elvas, e Beja, pelo correyo.

«Quatorze dias tardão as cartas em ir, e tornar desde Lisboa a Leiria, Coimbra, Aveiro, Faro, Esgueira, Porto, Campo de Ourique, Algarve, Portalegre, e Vizeu.

«Vinte e hum dias tardão em ir, e tornar desde Lisboa a Guimarães, Moncorvo, Braga, Lamego, Guarda, Castel-Branco, Vianna do Minho, Pinhel, e Almeida.

«Trinta dias tardão em ir, e tornar desde Lisboa a Bragança, Chaves, Miranda, Monção, e Montalegre.»

E faziam-se por aquelle tempo em Lisboa apenas duas expedições na semana, — ás terças-feiras para leste e sul (Alemtejo e Algarve, França, Hespanha e Italia)—aos sabbados para o norte (Beira, Minho e Traz-os-Montes).

Era isto no meiado do ultimo seculo; o mesmo, com pouca differença, se dava nos fins d'elle, — e já depois do meiado d'este seculo, em 1854-1855, uma carta não ia e voltava de Lisboa ao Porto em menos de 5 a 6 dias,—quando já funccionava o nosso caminho de ferro do norte, de Lisboa ao Carregado,—e do Carregado até Coimbra a mala-posta, montada pelo nosso governo com todo o luxo e esmero, rivalisando com as primeiras da Europa, sendo a regularidade

[1] E note-se que as cartas representavam as noticias mais simples, que hoje pelo telegrapho pódem dar volta ao globo em 24 horas.

e prestesa do nosso correio entre Lisboa, e Porto um verdadeiro assombro n'aquella data, com relação á morosidade e ronceirismo dos nossos correios nos outros pontos do paiz.

Por aquelle tempo indo o humilde auctor d'estas linhas d'Aveiro para Coimbra, sobreveiu chuva forte que tomou um pontão da estrada junto das Vendas Novas. Nem eu nem o correio nos atrevemos a transpor a torrente; ali pernoitámos e só no dia seguinte chegámos a Coimbra.

Gastou pois o correio mais de 24 horas para vencer uns 40 a 50 kilometros, e o mesmo lhe succedia trivialmente no inverno em outros pontos do nosso paiz, — quando não ficava sepultado na neve ou nas torrentes!...

Em 1854-1855, e muitos annos depois, mal se acreditava o que diz o interessante *Guia Postal de Algibeira*, relativo ao anno findo — 1883 — no engenhoso mappa seguinte:

Tempo provavel que gastam no trajecto as correspondencias trocadas entre as capitaes dos districtos do continente do reino

HORAS E MINUTOS

	Aveiro	Beja	Braga	Bragança	Castello Branco	Coimbra	Evora	Faro	Guarda	Leiria	Lisboa	Portalegre	Porto	Santarem	Vianna	Villa Real
Beja	17,15															
Braga	5,30	20,45														
Bragança	33,45	49,30	32,0													
Castello Branco	16,0	24,30	22,0	48,30												
Coimbra	3,0	15,0	8,30	34,45	14,30											
Evora	15,30	4,30	28,0	48,45	20,30	14,45										
Faro	35,0	21,0	40,30	67,20	39,0	33,0	23,15									
Guarda	10,0	24,15	15,30	43,0	23,0	10,30	21,45	50,0								
Leiria	7,30	19,30	13,0	40,0	16,0	5,30	16,0	35,30	14,0							
Lisboa	9,40	8,0	15,15	42,0	13,30	7,30	6,15	25,30	15,15	10,0						
Portalegre	15,15	21,40	20,45	49,30	15,30	13,45	18,0	37,0	21,30	17,0	11,40					
Porto	3,15	21,30	2,30	30,30	18,0	5,0	17,30	37,45	12,30	9,30	11,30	19,0				
Santarem	8,15	11,35	11,45	40,15	12,0	6,0	10,0	28,0	14,30	8,0	2,15	12,30	10,15			
Vianna	6,40	25,0	2,0	34,0	21,0	8,0	22,0	40,30	16,45	13,0	15,0	22,30	3,45	16,45		
Villa Real	12,15	29,30	7,20	29,0	27,0	14,0	26,30	46,15	21,30	18,30	20,30	28,30	9,0	19,45	11,0	
Vizeu	9,25	25,30	15,0	38,30	22,40	9,30	30,0	47,30	7,30	13,45	22,0	21,40	12,0	14,0	15,45	22,0

E note-se que o *Guia Postal de Algibeira* é de todo o ponto authentico e digno de credito, pois foi coordenado pelo sr. Ernesto Ribeiro de Menezes, digno chefe de secção da direcção geral dos nossos correios, telegraphos e pharoes.

D'este pequenino mappa se vê qual é hoje (1884) a demora no percurso das cartas entre as sedes dos nossos districtos; — e não só das cartas, mas de bilhetes postaes, livros, vales, amostras, encommendas, jornaes, recibos d'assignaturas, etc. Pela demora no percurso entre as capitaes dos districtos se póde calcular a demora com relação aos respectivos concelhos e povos de cada concelho, pois a direcção geral (honra lhe seja!) se esforça por bem servir não só as cidades e villas, mas até as proprias aldeias, algumas das quaes já tem *posta rural.*

O serviço dos correios é complicadissimo e de grande responsabilidade, mas poucas repartições temos tão bem montadas e tão zelosa e intelligentemente dirigidas.

Desde o dignissimo director geral, que é, ha muitos annos, o sr. conselheiro Guilhermino Augusto de Barros, até os simples carteiros, todos capricham em cumprir os seus deveres. É raro dar-se uma simples falta, e, apenas alguem a note, as providencias são promptas. Este importantissimo pelouro dos melhoramentos publicos é o nosso orgulho, mas não nos está barato! Só desde 1852, data em que reorganisámos completamente esta repartição, até 1877, haviamos dispendido com ella a cifra de 7.723:848$884 réis, — não contando o que tambem no mesmo periodo dispendemos com a nossa viação accelerada (35.337:266$159 réis) e com a viação ordinaria (25.073:031$038 réis [1]) — os dous elementos mais poderosos para o bom desempenho do serviço postal.

Por decreto de 7 de julho de 1880 juntaram-se na mesma repartição os correios, telegraphos e pharoes; no anno de 1880-1881 a receita d'estes 3 pelouros se elevou a réis 777:541$162 — e a despeza a 798:661$482, havendo portanto um deficit na importancia de 21:120$320 réis.

No mesmo anno de 1880-1881 occuparam-se n'aquellas 3 repartições 2:769 pessoas; — venderam-se sellos de diversas taxas na importancia de 474 contos; — as cartas particulares do continente e ilhas adjacentes foram 12:727$523; — os bilhetes postaes 792:772; — os jornaes e impressos do continente e ilhas 13.189:585; — as cartas de officio 1.339:470; — correspondencia das nossas provincias ultramarinas, cartas 91:256; — correspondencia de paizes estrangeiros, cartas 1.651:780; — bilhetes postaes 1.097:761; — correspondencia da *posta interna*, isto é — colhida nas caixas postaes, na área do serviço das estações para ser distribuida na mesma área, 3.101:674 objectos, — pertencendo ao Porto 579:634, — a Lisboa 2.191:200, — e 230:840 do resto do paiz.

O numero de correspondencias de todas as classes, manipuladas nas 12 ambulancias que circularam nas linhas ferreas do norte, leste, sul e Minho [1] durante o mesmo anno de 1881, montou a 15:011:832, pertencendo d'este numero ás correspondencias internacionaes 5:297:527 objectos — e ás nacionaes 9:714:296.

Em 31 de dezembro de 1881 existiam em Portugal e nas ilhas adjacentes 903 estações postaes de todas as classes e 1:511 caixas para recepção de correspondencias.

Durante o mesmo anno o percurso diario do transporte de malas foi de 20:699 kilometros no continente e ilhas adjacentes, — e o percurso annual de 7:555:469 kilometros, — sendo 1:290:640 em caminho de ferro, — 1.308:379 em carruagem, — 2.219:712 a cavallo, — 2.396:593 a pé, — e 340:145 em barco.

---

[1] Relatorio official do sr. Barros e Cunha.

[1] Datam em Portugal as ambulancias de 1878; mas em 1881 ainda se não haviam montado nas outras nossas linhas ferreas.

Itinerario dos paquetes portuguezes

CARREIRA D'AFRICA OCCIDENTAL

PORTOS	Data da chegada	Data da partida
Lisboa	–	6
Madeira	8	8
S. Vicente	12	12
S. Thiago	14	15
Bolama	18	19
Principe	24	24
S. Thomé	25	26
Zaire	29	29
Ambriz	30	1
Loanda	2	3
Benguella	7	7
Mossamedes	9	–

Chegam a Lisboa, na volta, de 15 a 18.

CARREIRA DOS AÇORES

PORTOS	Data da chegada	Data da partida
Lisboa	–	5
S. Miguel	8	9
Terceira	10	10
Graciosa	11	11
S. Jorge	11	11
Pico	11	11
Faial	12	12
Flores	13	–

Chegam a Lisboa, na volta, a 21 ou 22.

CARREIRA DA MADEIRA E AÇORES

PORTOS	Data da chegada	Data da partida
Lisboa	–	20
Madeira	22	23
Santa Maria	25	25
S. Miguel	25	26
Terceira	27	27
Faial	28	–

Chegam a Lisboa, na volta, a 5 ou 6.

Principaes companhias de navegação transatlantica, cujos vapores tocam no porto de Lisboa, na viagem de ida, e recebem malas.

Booth Line of Steamers — para o Pará, Maranhão e Ceará, tres vezes por mez.

Chargeurs Réunis—para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, de 6 a 7 e de 21 a 22; e para o Pará, Maranhão e Ceará, de 28 a 29.

Hamburg Sud Americk Dampfschiff Gesellschaft — para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos, de 12 a 13 e em 26.

Harrison Line of Steamers—para Pernambuco, em 3, 13 e 23.

Liverpool, Brazil and River Plate Steamers —para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá *(Santa Catharina)*, e Rio Grande do Sul (*Portalegre*), tres vezes por mez.

Liverpool and Maranham Steam Ship — para o Maranhão todos os mezes.

Messageries maritimes—para a Gorea, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres, de 8 a 9 e em 23.

Norddeutsche Lloyd — para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos, de 5 a 6.

Pacific Steam Navigation—para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu, Punta-Arenas, Talcahuano e Valparaiso, de 4 em 4 quartas-feiras, a contar de 9 de janeiro de 1884; e para o Rio de Janeiro, Montevideu, Punta-Arenas, Talcahuano e Valparaiso, de 4 em 4 terças-feiras, a contar de 22 de janeiro de 1884.

Pernambuco Line of Steamers—para Pernambuco, tres vezes por mez.

Um dos vapores d'esta companhia segue de Pernambuco para Maceió, e outro para a Parahiba do Norte.

Red Cross Line — para o Pará, Maranhão e Ceará, tres vezes por mez.

River Plate Steamers Navigation—para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos, em 5.

Royal Mail Steam Packet—para S. Vicente de Cabo Verde, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres, em 13; e para Pernambuco, Maceió, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres em 29.

—

Eis aqui um pallido reflexo dos nossos correios na actualidade. Não desço á indicação das tarifas e taxas porque são variadissimas e já vai excepcionalmente longo este artigo.

Bem quizera tambem dar em resumo a historia dos nossos correios desde o seculo

XVI até os nossos dias, o que me era facil, pois tenho sobre a mesa o trabalho mais completo que possuimos sobre o assumpto. É o *Relatorio Postal* de 1877-1878, publicado pela direcção geral dos nossos correios em 1879 (Typographia *Lallemant Frères*. Lisboa) precedido de uma interessante *Memoria Historica*, relativa aos correios portuguezes, desde o reinado de D. Manoel. Não devo porém abusar da paciencia dos leitores, e por isso fecharei esta secção indicando-lhes simplesmente aquelle precioso trabalho.

Passemos a outro topico.

Telegraphos

Os telegraphos electricos foram introduzidos no nosso paiz com a grande refórma postal em 1852, e operaram uma revolução completa no pelouro das nossas communicações.

Até 1852 tinhamos apenas os telegraphos de taboas, uma especie de cancellas moveis, e as suas estações estavam collocadas em pontos elevados e distantes, ordinariamente desertos [1] com grande discommodo para os pobres telegraphistas que no inverno muitas vezes se viam bloqueados pela neve e pelas féras, expostos a morrerem de frio e de fome ou a serem devorados pelos lobos. Além d'isso funccionavam lentamente, apenas de dia e com ceu claro. Uma tenue neblina que se interpozesse entre duas estações era o bastante para interromper o serviço e suspender a transmissão de qualquer despacho, vindo por vezes de grande distancia.

Na estação das chuvas adiantavam quasi sempre mais os correios a pé ou a cavallo, pois correios em carros (mala-posta) só depois de 1852 se viram em Portugal tambem.

E os mesmos telegraphos de taboas só posteriormente á guerra da peninsula se estabeleceram no nosso paiz.

Ainda durante a dicta campanha (1807 a 1814) fizemos uso dos fachos para annunciar o afastamento ou a approximação dos francezes.

Estavamos n'este ponto tão adiantados, como os lusitanos e os outros povos anteriores á vinda de Christo!

Vide *Almenára* e *Facho*.

—

Foram pois introduzidos os telegraphos electricos em Portugal em 1852;—em 1866-1867 já tinhamos funccionando por conta do estado 108 estações — e 119 em 1867-1868.

Em 1869 crearam-se as repartições telegraphicas municipaes separando-se das 119 do estado, 33 para differentes municipios.

Desde 1852 até 31 de junho de 1877 (Relatorio do sr. Barros e Cunha) haviamos dispendido com os nossos telegraphos réis 2.880:729$039.

Por lei de 7 de julho de 1880 fundiram-se na mesma repartição os nossos correios, telegraphos e pharoes, e por isso na estatistica publicada pela direcção geral em 1883, com relação ao anno de 1880-1881, — base do nosso humilde trabalho — mal póde discriminar-se das outras duas a secção relativa aos telegraphos [1]; mas, para que as gerações por vir saibam o que n'este momento historico elles são entre nós, bastará o seguinte:

—

Em 31 de dezembro de 1881 compunha-nha-se de 1:486 empregados todo o pessoal dos nossos telegraphos.

A nossa rede telegraphica no mesmo periodo comprehendia 4:427^k,922 de linhas aerias e se elevava o desenvolvimento total dos fios conductores a 10:964^k,549, — comprehendendo as linhas sobre estradas ordinarias 3:720^k,585 e ao longo dos caminhos

[1] Ainda em 1851, por occasião da nossa primeira visita ao Bussaco, vimos um d'aquelles apparelhos no topo da serra, a cavalleiro da matta.

[1] Ainda hoje (abril de 1884) não temos publicada sobre o assumpto estatistica mais recente do que aquella!...

de ferro 707ᵏ,337; — e os fios conductores sobre estradas ordinarias 7:940ᵏ,330, e ao longo dos caminhos de ferro 3:024ᵏ,219, — não entrando n'este numero as linhas telegraphicas pertencentes aos caminhos de ferro do estado nem a companhias particulares, por não estarem a cargo da direcção geral dos correios, telegraphos e pharoes.

Partem de Portugal e o servem, embora pertençam a companhias particulares, os cabos submarinos seguintes:

De Lisboa a Pernambuco, pela Madeira e S. Vicente; — de Lisboa a Falmouth, — de Lisboa a Gibraltar, — e de Lisboa a Vigo; — de Caminha a Vigo tambem, — e de Villa Real de Santo Antonio a Gibraltar.

Em 31 de dezembro de 1881 tinhamos 202 estações telegraphicas, e o termo médio de kilometros quadrados para cada uma d'ellas era de 444, tomando-se para base d'este calculo o numero de 89:712 kilometros quadrados, sendo 89:162 a superficie do nosso continente e 550 a superficie da nossa ilha da Madeira.

O termo médio de habitantes para cada uma das referidas 202 estações era de 21:242, segundo o censo de 1 de janeiro de 1878 que deu 4.290:899 habitantes ao continente e á ilha da Madeira.

Das referidas 202 estações 151 pertencem ao estado, — 39 a municipios, — 1 á companhia exploradora das minas de S. Domingos — e 11 semaphoricos tambem a cargo do governo e ligadas com a rede telegraphica.

Nas diversas estações funccionavam 316 apparelhos do systema Morse, 14 de Breguet e 16 translatores.

O numero de telegrammas particulares elevou-se a 430:956 — o que dá uma média de 9 habitantes para cada telegramma.

O rendimento liquido nacional no anno de 1881 foi de 186:028$597, — e o rendimento nacional e extrangeiro 291.207:857$58.

Não se póde separar a despesa com os telegraphos porque a fusão d'estes com os pharoes e correios tornou commum grande parte da despesa.

O serviço de *telegrammas especiaes* no mesmo anno de 1881 foi o seguinte:

Interiores

Urgentes (triplo da taxa).........	5:334
Noticiosos (meia taxa)...........	5:528
Urbanos (¹/₄ da taxa).............	4:652
Sub-urbanos (meia taxa)..........	14:027
Conferidos (augmento de meia taxa)	19
Com certificado de recepção......	18
Com resposta paga...............	12:496
Conduzidos por proprios	9:922
	51:996

Internacionaes

Urgentes (*triplo da taxa*)..............	transmittidos	548
	recebidos	1:463
		2:011

Nos penultimos 548 telegrammas comprehendem-se 378 *transmittidos* directamente e com destino a estações hespanholas; — e dos 1:[illegible] *recebidos* foram originarios da Hespanha 1:348.

Telephones

Consignaremos tambem aqui este novo invento pela sua intima affinidade com os telegraphos electricos.

A primeira proposta para a concessão do estabelecimento de redes telephonicas no nosso paiz foi apresentada em 23 de dezembro de 1879 por M. A. Herman e C. A. Bramão. Seguiram-se-lhe mais tres, datadas de 23 de junho, 20 de julho e 14 de dezembro de 1880, apresentadas pela *International Lell-telephon company limited*, Mathoso da Camara e Achuch. Por não estarem as referidas propostas em harmonia com as nossas leis vigentes e por outras rasões, abriu-se concurso publico, sendo o programma publicado no Diario do Governo, em 12 de fevereiro de 1881.

Tendo ficado sem effeito este concurso, annunciou-se outro em 10 de setembro de 1882, a que unicamente concorreu a companhia *Edison Gower Bell Telephon of Europe limited*, de Londres, á qual, por portaria de 12 de dezembro do mesmo anno foi approvada a adjudicação do estabelecimento e exploração das redes telephonicas nas cidades de Lisboa e Porto pelo tempo de vinte annos, obrigando-se a companhia a pagar ao

estado 7 $^1/_8$ por cento da sua receita liquida.

Os telephones representam um progresso admiravel no pelouro das communicações. Rivalisam já hoje com os telegraphos electricos e ameaçam supplantal-os.

Datando do fim de 1882 a sua introducção no nosso paiz, como dissemos, já hoje (abril de 1884) em Lisboa e no Porto os seus fios conductores, na extensão de muitos kilometros, crusam ambas as cidades em todas as direcções e ligam entre si e com a rede geral não só todas as repartições publicas mas grande numero de casas e estabelecimentos fabrís e commerciaes.

Os apparelhos são simples e baratos e mais se hão de simplificar e baratear com o tempo. Alem d'isso transmittem o som a distancia d'alguns kilometros e tão distinctamente que já em Lisboa a nossa familia real tem ouvido do palacio da Ajuda operas cantadas no theatro lyrico de S. Carlos.

Um dos nossos jornaes da provincia publicou nos principios d'este mez d'abril uma correspondencia de Lisboa que parecia invenção americana. Dizia ella:

«Foi um *successo* brilhante a primeira representação da opera «Laureana,» do maestro portuguez Machado, no real theatro de S. Carlos [1]. A casa estava cheia. Nos camarotes via-se a *fina flôr* da nossa sociedade elegante; nas plateias os *diletantti* mais distinctos, amadores, artistas e escriptores, todos cheios de enthusiasmo para saudar o primoroso author de uma opera portugueza.

«S. A. R. a senhora D. Aldegundes de Bragança, portugueza amantissima, como é, quebrou o proposito de não ir a espectaculos publicos, para assistir á estreia da opera «Laúreana» no camarote dos snrs. condes de Azambuja. A gentil princeza vestia de luto rigoroso e conservou-se sempre recolhida no fundo do camarote. Havia na sala grande desejo de ver S. A. R. e por isso todos a procuravam com os binoculos.

É uma bella e elegante senhora, de estatura regular. Tem o rosto alvo e corado com a linha dos Braganças, cabello louro, singelamente penteado. A princeza é muito sympathica e o seu todo indica bondade. Ao camarote dos srs. condes foram cumprimentar S. A. muitas pessoas da aristocracia. Voltemos, porém, á opera.

«A «Laureana» teve um successo. Borghi Mamo cantou primorosamente a sua parte, como artista de raça que é, merecendo as mais calorosas demonstrações de applauso e tendo de repetir a *arietta* do 2.º acto. Devoyod muito bem, tendo de repetir o *arioso* do 1.º acto. Mantelli, adoravel no desempenho do papel de Mario, mereceu muitos applausos. Rapp, Ortisi, Piazza e Bertocchi concorreram para o exito brilhante da opera.

«Augusto Machado teve uma ovação enorme. Chamado a espaços no meio dos actos, ao acabar alguns dos melhores trechos, recebeu do publico as mais evidentes provas de justo apreço. Além de muitos *bouquets* e *corbeilles*, foram-lhe offerecidas quatro corôas pela empreza de S. Carlos, pelo snr. marquez de Fronteira, e outros amadores, pela orchestra do real theatro, e pela academia dos professores de musica. O maestro Dalmau regeu notavelmente a orchestra.

«A familia real ouvia a opera no palacio da Ajuda por meio do telephone. A audição foi perfeitissima. Na sala dos concertos do paço estava collocada uma grande jardineira coberta com um panno de velludo carmezim franjado a ouro. No centro via-se um grande áçafate de camelias e nas extremidades dois candelabros illuminando os oito receptadores destinados á transmissão da opera. Aos auditores de S. Carlos haviam sido addicionados dois microphones.

«No final do 2.º acto el-rei D. Luiz fez chamar o maestro Machado, por meio do telephone, e disse-lhe: — «Parabens pelo seu triumpho. Assim que puder ir ao theatro, irei applaudil-o.» Machado agradeceu commovido.»

Tambem poucos dias antes, quando em S. Petersbourg se cantou pela primeira vez a nova opera de Rubinstein, os imperadores a ouviram igualmente do seu palacio por meio do telephone; e o presidente da republica franceza tem uma communicação telephonica entre o Elyseu e a «Grande Opera.»

---

[1] Na noute de 29 de março de 1884.

—

S. A. R. a sr.ª D. Aldegundes, a quem se fez referencia, é filha do proscripto e já fallecido sr. D. Miguel I, casada com o principe allemão, conde de Bardi, que ao tempo se achava em Lisboa muito doente, hospedado no «Hotel Bragança» e como o nobre enfermo não podesse ir ao theatro e desejasse ouvir a mencionada opera, fez ligar os seus aposentos com o theatro por meio do telephone, e do proprio leito a ouviu.

São estes os maiores progressos realisados até hoje pelo telephone em Portugal, mas estamos certos de que outros mais assombrosos se realisarão em praso breve, e de que o telephone, ainda hoje circumscripto a Lisboa e ao Porto, ha de generalisar-se em todo o nosso paiz, como succcede já em outras nações.

Na Belgica, por exemplo, já diversas cidades e povoações se acham ligadas entre si por aquelle simplicissimo e maravilhoso processo de communicação.

Os assignantes do telephone não só fallam entre si para as differentes terras, mas tambem pelo telephone lhes são transmittidos com a maior presteza para as suas casas e para os seus estabelecimentos os telegrammas que lhes são expedidos do paiz e do extrangeiro, sem que tenbam de pagar esse serviço.

—

O telephone de um dia para o outro offerece novas modificações e novos aperfeiçoamentos.

Em uma revista litteraria extrangeira acabamos nós de ler:

«Mr. de Argy, depois de ter construido um engenhoso apparelho microphonico, acaba de imaginar um pequeno instrumento de uma sensibilidade extraordinaria. O apparelho que quasi se fecha na palma da mão, e que pesa apenas algumas grammas, é formado por um pequenino tubo de caoutchouc, no qual está collado um dado de carvão, que pode ter menos de um centimetro. Um segundo dado da mesma dimensão applica-se fortemente do outro lado. Entre as duas superficies está comprimida a camada de carvão, de coke, de plombagina, etc. Este orgão electrico fórma pois um cylindro, do qual alguns specimens não excedem 17 millimetros. Quando o instrumento é bem feito, o cylindro fallante, diz a *Luz Electrica*, póde ser arremessado á terra, depois adaptado a uma mesa, a uma parede, a um armario, a um cofre, etc., e transmittirá, como antes, a palavra com uma clareza surprehendente.

«Na pratica, mr. de Argy adapta o seu apparelho a uma pequena caixa em fórma de losango. A parede interior (de pinho, nogueira, etc.) póde ter tres milimetros e mais. Para evitar muita sonoridade; o losango é muitas vezes cheio de algodão fino. Só se emprega a bobina de inducção para grandes distancias.»

Outra revista publicou ha dias o seguinte:

«Entre os inventos mais recentes e notaveis merece menção o do *phototelephone*, apparelho que permitte que se conserve marcado no vidro o contheudo d'uma conversação sustentada durante meia hora. As vibrações transmittidas a uma lamina de vidro são acompanhadas de um raio de luz, que vae marcando as linhas.

«A composição typographica facilitou-se consideravelmente por meio de um mechanismo imitado do processo da typographia. Póde seguir a palavra fallada empregando signaes convencionaes de facil escripta para as lettras, e além d'isso outros, sempre identicos, para as terminações e combinações mais frequentes em cada idioma. Tendo estas já compostas, o typographo póde terminar mais depressa o seu trabalho, formando syllabas e palavras em vez de lettras. Foi já concedido privilegio de invenção para este invento, que não deixa de ter importancia.»

Tudo isto parece uma fabula, um sonho; mas é tão possante e tão fecundo o laboratorio do progresso na actualidade, que a uma maravilha se segue rapidamente outra, qual d'ellas mais assombrosa!

Fecharemos este topico dizendo que o telephone foi ensaiado pela 1.ª vez no Porto, em 1879, no palacete da familia Pachecos Pereiras, na rua de Bellomonte, quando ali se achava montada a empresa do «Commercio Portuguez» um dos nossos primeiros jornaes, fundado pelos meus bons amigos, os

srs. Apollino da Costa Reis e Eduardo Monteiro de Carvalho, dous trabalhadores benemeritos.

Fez-se a experiencia entre o escriptorio da redacção e o 1.º andar do palacete, sendo dirigida pelo illustrado lente da 8.ª cadeira (Physica) da Academia Polytechnica, o sr. dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, que regressava do extrangeiro e havia trazido os apparelhos proprios.

O resultado foi surprehendente.

Pharoes

Em 31 de dezembro de 1881 havia no nosso paiz os 13 seguintes, que vamos mencionar pela sua ordem chronologica:

Bugio, na Torre de S. Lourenço da barra, em Lisboa. Data de 1755; — funcciona em uma torre circular, systema catoptrico; luz branca de rotação completa com eclipses e relampagos.

Luz, na Foz do Douro. Data de 1761; — funcciona em uma torre quadrangular; — é de systema lenticular, 4.ª ordem; luz branca e clarão de minuto em minuto.

Guia, em Cascaes. Data de 1761; funcciona em uma torre oitavada; — é de systema lenticular, 3.ª ordem;—luz branca e fixa.

Cabo da Roca, na Serra de Cintra. Data de 1772; — funcciona em torre quadrangular; é de systema catoptrico; luz branca de rotação completa com eclipses e relampagos.

S. Julião, na Torre de S. Julião, em Lisboa. Data de 1775; — funcciona em torre quadrangular; systema lenticular, 3.ª ordem, — luz branca e fixa.

Cabo Carvoeiro, na peninsula de Peniche. Data de 1790; funcciona em torre quadrada, — e é de systema catoptrico,—luz branca e fixa.

Cabo de Espichel, em Setubal. Data de 1790; — funcciona em torre hexagonal; — e é de systema catoptrico, — luz branca e e fixa.

Duque de Bragança, na ilha Berlenga. Data de 1841;—funcciona em torre quadrangular; — e é de systema catoptrico, — luz branca de rotação completa com eclipses e relampagos.

D. Fernando, no Cabo de S. Vicente. Data de 1846;—funcciona em torre quadrada;— e é de systema catoptrico,—luz branca, rotação completa, com eclipses e relampagos.

Santa Maria, entre Faro e Olhão. Data de 1851; funcciona em uma torre de quatro corpos,—3 cylindricos e o ultimo em fórma de pyramide conica troncada. É de systema lenticular, 3.ª ordem,—luz branca e fixa.

Cabo Mondego, na cidade da Figueira. Data de 1857; funcciona em uma torre de tres corpos principaes,—o 1.º quadrangular,—o 2.º octogono—e o 3.º cylindrico;—e é de systema lenticular, 3.ª ordem, — luz branca e fixa.

Torre do Outão, em Setubal. Data de 1863; funcciona em torre hexagona,—e é de systema lenticular, 3.ª ordem,—luz branca e fixa.

Cabo de Sines, em Sines, no Alemtejo.

Data de 1880;—funcciona em um edificio de 3 corpos, os 2 inferiores com pavimento cada um—e o 3.º é torre cylindrica com um corpo de menor diametro, sobre o qual assenta a lanterna, que é de 2.ª ordem, — luz branca e fixa.

Tambem temos desde 1870 um pharol na *Ponta de S. Lourenço*, na ilha da Madeira, —e desde 1876 outro na *Ponta do Arnel*, ilha de S. Miguel, nos Açores.

Pharolins

Em 31 de dezembro de 1881 tinhamos no continente 8 e 1 nos Açores, outro na Madeira.

Vamos mencional-os tambem por ordem chronologica:

Belem, na Torre de Belem.

Data de 1847 e é de systema lenticular, luz vermelha.

Ericeira, na villa do mesmo nome. Data de 1864 e assenta as lanternas sobre 2 columnas de ferro. Tem duas luzes d'enfiamento, — uma branca e outra vermelha.

Espozende, na barra da povoação d'este nome. Funcciona no antigo forte desde 1866, e é de systema lenticular, luz vermelha.

Santa Martha, na serra de Cintra. Data de 1868 e é tambem de systema lenticular, luz vermelha.

Medo Alto, em Villa Real de Santo Antonio. Data de 1870 e tem uma lanterna de olho de boi, luz branca.

Vianna do Castello, no castello da cidade d'este nome. Data de 1878 e é de systema lenticular, luz vermelha.

Porto Covo, em Caxias. Data de 1878 e tem um candieiro com luz d'enfiamento.

Mirante, em Caxias tambem. Data do mesmo anno de 1878 e tem igualmente um candieiro com luz de enfiamento.

O pharolim do archipelago dos Açores está em Ponta Delgada desde 1863 e tem 2 pharolins lenticulares de luz vermelha. O da Madeira está no *Forte do Ilheu* e é de systema lenticular e luz vermelha tambem.

O nosso governo, já depois de 1882 resolveu augmentar o numero dos pharoes e pharolins e procede-se a estudos para a sua montagem.

Com os existentes em 1881 dispendeu-se n'aquelle anno 18:180$882 réis, comprehendendo o quadro do seu pessoal em numero de 68 homens. Vide *Postos Semaphoricos*.

É muito deficiente e mesquinha a illuminação das nossas costas, pois comprehendem desde a foz do Minho até á do Guadiana, 725 kilometros ou 435 milhas, e todos os jactos das luzes dos nossos pharoes e pharolins representam o alcance de 198 milhas apenas, jazendo nas trevas durante a noite 237 milhas de costa, o que tem dado causa a uma grande parte dos naufragios que se registram no nosso littoral e que representam a perda de muitas vidas e de valores enormes. Bem avisado andou pois o governo augmentando a illuminação do nosso littoral, creando mais 5 pharoes e 7 estações electro-semaphoricas, hoje (maio de 1884) em via de realisação.

—

Os leitores devem estar fatigados com as dimensões d'este artigo. Desculpem-nos por quem são e convençam-se de que mais fatigados e aborrecidos estamos nós.

Suámos e tressuámos para haver das nossas repartições publicas os variados elementos que se nos tornavam precisos, mas infelizmente pouco, muito pouco obtivemos d'ellas. Apenas recebemos da direcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro as notas relativas a esta ultima linha,—graças ao seu digno e zeloso director o ex.^{mo} sr. Augusto Luciano Simões de Carvalho.

Todas as outras repartições não quizeram fatigar-se, exceptuando o governo civil do Porto, que nos tem muito efficazmente auxiliado.

Recebam pois a expressão do nosso reconhecimento o ex.^{mo} sr. visconde de Guedes Teixeira, dignissimo governador civil, o sr. Joaquim Taibner de Moraes, seu secretario geral, e o sr. conselheiro Frederico Soares d'Ancede, 1.º official d'aquella repartição.

VIATODOS — freguezia do concelho de Barcellos. Vide *Veatodos*.

Está situada esta freguezia na estrada real de Barcellos para Villa Nova de Famalicão, e a egreja matriz dista 1 kil. a N. O. da margem direita do rio Este,—10 de Barcellos para S. E.—12 de Braga para O.—50 do Porto—e 387 de Lisboa, para o norte.

As suas freguezias limitrophes são: Nine a E.—Louro a S.—Grimancellos a O.—e Silveiros a N.

Segundo as informações que obtive por intermedio do ex.^{mo} sr. administrador do concelho, esta freguezia comprehende as aldeias seguintes: Febros, Luvor, Monte do Luvor, Barreiro, Egreja, Monte da Feira, Sixto, Rua Nova, Souto, Bacello, Palmeira, Vendo, e a Quinta do Sá, pertencente ao sr. João Ayres de Sá.

A *Geographia Moderna* do sr. João Maria Baptista accrescenta ainda os logares de Campezinhos, Ponte, e Quinta da Fonte Velha;—e denomina, talvez por lapso de revisão, *Venda* e *Lavor* as aldeias de *Vendo* e *Luvor*.

Além da egreja matriz, que é um templo regular e se acha em bom estado de conservação, ha n'esta freguezia uma capella com a invocação de Santa Cruz, em bom estado tambem.

As festividades religiosas principaes que hoje (1884) se celebram n'esta parochia são as de Nossa Senhora das Dores e do Coração de Maria.

Ha aqui uma feira annual de certa importancia na 1.ª oitava da Paschoa.

Foi couto.

As suas producções principaes são milho e vinho verde ou de *enforcado*, como é quasi todo o da provincia do Minho e de parte da provincia do Douro, nomeadamente no districto do Porto, nos concelhos de Arouca, Feira e Castello de Paiva, pertencentes ao districto d'Aveiro,—e nos de Rezende e Sinfães, pertencentes ao districto de Vizeu.

Dá-se a este vinho o nome de *enforcado*, porque as videiras que o produzem são altas e suspensas em arvores, ordinariamente cerdeiras, castanheiros e carvalhos, em volta dos campos.

Por ser o terreno forte, fresco, estrumado e regadio, as videiras desenvolvem-se admiravelmente e produzem muito vinho, mas por isso mesmo é verde, aspero e *rascante*, o que não obsta a que tenha amadores e mais facil consumo do que o vinho maduro do Douro e d'outras procedencias.

Em algumas freguezias do Minho, principalmente nas que se approximam do rio d'este nome, tambem usam ramadas d'esteira, horisontaes e verticaes. É este o systema adoptado pelos hespanhoes na Galliza, margem direita do Minho.

Em Pontevedra, por exemplo, vimos nós ramadas d'esteira horisontaes, como não tem o nosso paiz, pois cobrem por vezes grandes tractos de terreno chão ou levemente accidentado, sem divisões nem socalcos, havendo ali ramada que produz 8 pipas de vinho, e talvez mais.

No nosso paiz as freguezias em que mais abundam as ramadas d'esteira horisontaes são as de Cambres, Samodães e Penajoia, no concelho de Lamego; mas, como o terreno que occupam é muito declivoso, são todas divididas em lotes correspondentes aos differentes socalcos e por isso difficilmente se encontra ali uma que, sem solução de continuidade, produza 4 a 6 pipas de vinho.

Antes de se manifestar a doença que tem destroçado os castanheiros, houve na provincia do Minho castanheiro de grandes proporções, que amparava muitas videiras, chegando a colher-se em um só 3 pipas do tal vinho verde, rascante, ou de *enforcado*.

A proposito, diz a lenda que certo viandante estranho á provincia, provando o tal rascante, perguntou:

—Este é o vinho enforcado?

—É sim, lhe responderam.

Accrescentou o bom do homem:

—Pois não foi sem motivo que o enforcaram!...

E proseguiu ávante.

Eu tambem, talvez por ser filho do Douro, mal posso distinguir o tal *rascante* do vinagre.

Concluirei este topico dizendo que o vinho de grande parte dos concelhos d'Amarante e Basto é o mais toleravel de toda a provincia do Minho. Tem pouca asperesa e é muito grato ao paladar.

Constitue uma especialidade distincta e muito apreciavel entre os nossos vinhos de mesa.

São tambem muito estimados, como vinhos verdes, os vinhos de Monção.

No Alto Douro, ou n'essa região do Cima-Corgo, que antes da invasão phylloxerica produzia o famoso *Port Wine*, os vinhos mais generosos do mundo, não havia uma ramada unica,—e mal se conhecem tambem na importante zona vinhateira da Bairrada, na Estremadura, no Alemtejo, no Algarve, na Beira Baixa e na provincia de Traz os Montes, que produz os melhores vinhos do Alto Douro e excellentes vinhos de mesa, taes são os da Villarica, entre Moncorvo e Villaflor, —ou da ribeira d'Oura, entre Chaves e Villa Pouca d'Aguiar, e os das Arcas, junto de Bragança.

—

Pelo mappa das congruas em vigor, foi computada a congrua do parocho d'esta freguezia em 210$000 réis;—o rendimento do paçal em 3$000 réis;—o pé d'altar em 124$700 réis,—e tem de derrama em dinheiro 82$300 réis.

—

Em 1878 (diz o censo official) contava esta freguezia 236 fogos; — população de facto 363 individuos do sexo masculino e 548 do sexo feminino,—total 911 habitantes;—po-

pulação legal 483 individuos do sexo masculino e 557 do sexo feminino,—total 1:040 habitantes,—sendo 32 de 61 a 65 annos—28 de 66 a 70,—9 de 71 a 75,—15 de 76 a 80, —e 6 de 81 a 85.

Ao tempo não contava pessoas de mais longa idade.

Tem esta freguezia hoje apenas uma eschola de instrucção primaria para o sexo masculino.

—

VIAVAI — logar ou aldeia da freguezia de Penella (Santa Eufemia) concelho do mesmo nome, districto de Coimbra. Vide *Penella* n'este diccionario (a 1.ª)

Comprehende mais esta freguezia os logares ou aldeias seguintes: Cerejeiras, Fetaes, Farello, Freixiosa, Carvalhaes, Thomazinho, Besteiro, Casal do Pinto, Porto Judeu, Carvalhinhos, Lapa do Corvo, Ribeirinho da Serra, Caldeira ou Caldeirão, Val do Espinhal, Santo Estevam, Taliscas, Serrada da Freixiosa, Pastor, Senhora da Gloria, Ponte do Espinhal e Rosas.

Ha tambem na mencionada freguezia os casaes seguintes: Mestra, Ponte da Aveia, Pombaes, Moinho da Cava, Forneas, Serrada das Cerejeiras, Souto, Nogueiras, Chans, Casal do Mathias, Porto da Villa, Carregão, Algarinho, Dueça, Freixieiro e a quinta das Cerejeiras, alem das 11 quintas mencionadas no artigo proprio (*Penella*).

VIBORA — aldeia da freguezia de *Monte Redondo*, concelho de Leiria. Vide *Monte Redondo*, (o 1.º) vol. 5. pag. 531.

Comprehende mais esta parochia as aldeias seguintes: Mattos, Brejo, Leziria, Montijo, Levegadas, Pinheiro, Graveto, Lage, Bouças, Casal Novo, Bajouca ou Beijouca, Agua Formosa, Braçal, Paul, Santo Aleixo, Paço, Covadas, Fonte-Cova, Porto Longo, Aroeira, Casas, Termos, Carvalheiras, Porto do Junco, Sesmaria, Grou, Fontainhas e Montal.

VICA — logar ou aldeia da freguezia de *Boim* concelho de Lousada. Vide *Boim*.

Comprehende mais esta parochia as seguintes aldeias: Carcavellos, Villa Chã, Costa Velha, Costa Nova, Tunim, Corgo, Tapada, Outeiro, Arcas, Eiras, Real, Engenho, Poupa, Barroca, Outeirinho, Sedoira, Penedo, Sá, Marelco, Cimo de Villa, Varanda, Guim, Lage, Tapado, Fonte, Reguengo, Presa, Monte, Ameixieira, Corgas, Campos e Gerovilla.

VICA — logar da freguezia de *Nespereira*, concelho de Lousada. Vide *Nespereira*, vol. 6.º pag. 37, col. 1.ª

Comprehende mais esta parochia as aldeias seguintes: Chamusca, Senra, Igreja, Cruzeiro, Cimo de Villa, Carvalho, Boavista, Outeiro, Villa Verde, Cabo de Villa, Ribeira, Carcere, Marchães, Corredoura, Bolla, Bairral, Passadiço, Pinheiro, Lama, Valle e Devesa.

VICAINHA — logar ou aldeia da freguezia de *Tabosa*, concelho de Braga. Vide *Tabosa*.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias seguintes: Cadós, Riba, Olho, Devesa, Monte, Roças, Lazão, Calvario, Ramada, Padrão do Paço, Aboinha, Vendas, Barreiros, Lameirinha e Corredoura.

VICENÇO — portuguez antigo nome d'homem, hoje *Vicente*.

«*No Lugar que chamam S. Vicenço, freiguezia de S. Martinho d'Alvaiedo...*» Documento de Tarouca, de 1323.

VICENTE — aldeia na freguezia de Santo André de Frades (Vide *Frades*) concelho da Povoa de Lanhoso, districto de Braga, distante 3 kilom. e meio da margem esquerda do Cavado, para S. E. e 6 kilom. da Povoa de Lanhoso para N. N. E.

Comprehende mais esta freguezia os logares seguintes: Rego, Souza, Portellinha, Souzellas, Torre, Pereira. Barrio, Seara, Requeixo, Passadiço, Quintãs, Via Cova, Outeiro, Costa, Fontellas e Torrão.

VICENTE (S.) — Cabo. — Vide *Cabo de S. Vicente*.

Este cabo, bastante notavel pela sua posição, pelas lendas que o cercam e pelos factos n'elle occorridos, é formado por uma pequena peninsula de 80 metros de comprimento na ponta meridional da Europa, entre 37,º2' e 9'' de latitude e 8,º9' de longitude; prolonga-se a S. O. e liga-o ao continente um isthmo de 40ᵐ de largo com duas pequenas enseadas abertas a NE. e SE.

As suas margens são rochedos cortados a

pique, tendo em partes mais de 60^{m} de altura sobre o nivel do mar e na sua summidade um convento de frades capuchos, extincto em 1834 e construido sobre tres pincaros de rocha nua, por entre os quaes passa o mar, que ali é muito fundo e escuro. Quando embravece, bate encapellado nos rochedos e salta por cima dos telhados do convento e mesmo do pharol, que está sobre a capella-mór, onde foi construido, de uma á outra banda.

Aqui appareceu o corpo de S. Vicente, martyr, e d'ali foi transferido para Lisboa em 1173, como resa o *Breviario Bracarense*, impresso em 1549.

Suppõe-se que a apparição das reliquias de S. Vicente deu origem a mudar se para *Cabo de S. Vicente* o nome de *Promontorio Sacro*, que desde tempos remotissimos era dado a este pontal.

Pondo de parte as lendas que cercam este promontorio, diremos apenas que em nossos dias dous factos o tornaram celebre e mereceram a dous illustres capitães do mar, ambos inglezes, o titulo de conde pelas assignaladas victorias que alcançaram nas suas aguas.

Lord Gervis em 1797 bateu e derrotou completamente a esquadra hespanhola vinda de Cadix, pelo que o agraciou o seu governo com o titulo de *Conde de S. Vicente.*

Carlos de Ponza (Napier) commandante da pequena esquadra ao serviço de D. Pedro IV, composta de tres fragatas, um brigue, uma escuna e uma corveta, bateu e fez prisioneira no dia 5 de julho de 1833 a esquadra de seu irmão D. Miguel, composta de duas náus de linha, duas fragatas, dous brigues e tres corvetas, — brilhante feito d'armas que muito contribuiu para fazer baquear o partido de D. Miguel, acabando com a sua marinha e deixando franca a entrada no porto de Lisboa, pelo que o duque de Bragança no mesmo dia 9 de julho, apenas recebeu no Porto a noticia, condecorou o bravo Napier com a patente de almirante e o titulo de *Visconde do Cabo de S. Vicente;* e em 17 d'abril de 1834 o fez conde do mesmo appellido. Foi-lhe concedida tambem a pensão annual de 2:400$000 pelos seus relevantes serviços prestados ao throno da rainha, a sr.ª D. Maria II, quando se concederam por igual motivo cem contos de réis em bens nacionaes a cada um dos duques da Terceira e de Palmella e ao marquez de Saldanha.

—

Ao norte d'este cabo está a *Villa do Bispo*, séde do concelho d'este nome (Vide) muito lavada dos ventos e por isso mesmo sadia. O seu terreno é muito fertil, bem como todo o restante do Cabo de S. Vicente, pelo que é com razão denominado *celeiro do Algarve.*

A leste d'esta villa e a 5 kilometros de distancia fica a povoação da Raposeira, seguindo-se-lhe a de Budens e outras na estrada real de Lagos, todas em terreno feracissimo.

Ainda a leste e distante 6 kilometros do Cabo fica a memoravel praça de Sagres, um dos primeiros monumentos das nossas glorias, por ter sido habitação do famoso infante D. Henrique desde 1419, depois que voltou de Ceuta. O infante a povoou e lhe deu o nome de *Terça Naval*, depois *Villa do Infante*, com muitos privilegios e franquias, e n'ella creou e educou os iniciadores das grandes descobertas que fizemos na Africa, Asia e America, antecipando-nos n'este ponto a todas as nações da Europa (Vide Sagres).

Quasi todos estes apontamentos nos foram fornecidos pelo digno coronel do batalhão de caçadores n.º 2, o ex.^{mo} sr. Francisco Corrêa Leotte, a quem mais uma vez protestamos o nosso reconhecimento.

—

Nós já vimos o Cabo de S. Vicente, mas de 2 a 3 kilometros de distancia, em 1879, quando visitámos o baixo Alemtejo e o Algarve.

Partindo do Porto, fomos a Lisboa,—Casa Branca (na linha ferrea do sul), — Evora, Extremoz, Borba e Villa Viçosa;—voltámos á Casa Branca e seguimos para Beja, pela linha ferrea, — depois em diligencia para Mertola, porque a linha do Algarve ainda não passava de Cazevel. Em Mertola embarcámos no vapor *Gomes II* e fomos pelo Gua-

diana para Pomarão; — visitámos as minas de S. Domingos, e seguimos para Villa Real de Santo Antonio. Fomos ver Ayamonte, na Andaluzia (margem esquerda do Guadiana) e seguimos em diligencia para Olhão,—d'ali para Tavira,—de Tavira para Faro,—e d'esta cidade para Lagos, retrocedendo a Villa Nova de Portimão, por não haver ainda n'aquelle tempo diligencia nem estrada a macadam de Lagos para oeste, pois bem desejavamos ver Sagres e o Cabo de S. Vicente.

De Portimão fomos a Silves, Monchique e Ferragude, e, para não repetirmos o mesmo trajecto que levaramos, seguimos para Lisboa no paquete inglez *Gibraltar*, da carreira do mediterraneo a Liverpool.

Passámos ainda com sol em frente do cabo, cerca de 3 kilometros ao sul, e de bordo o vimos, bem como as pittorescas furnas que o varam.

Quando transpunhamos o cabo, ia parallelo e na mesma direcção outro vapor, mas cerca de 3 kilometros mais ao sul, e passou a meio dos dous um patacho em direcção opposta, correndo mais do que os vapores, porque soprava norte rijo e o patacho ia em lastro com todo o panno solto.

Não longe de S. Vicente deu-se um facto curioso, que muito agradavelmente nos surprehendeu:

Era em maio, tempo da pesca do atum; soprava norte rijo, como dissémos, e por isso o vapor ia a pequena distancia da costa. De repente fendeu um cardume d'atuns e corvinas e estes grandes peixes principiaram a nadar e saltar como loucos a bombordo e estibordo, correndo á compita com o vapor e podendo matar-se a tiro facilmente. Durou a brincadeira alguns minutos, e ficámos anciosos por ver *copejar* o atum,— divertimento interessante que em Portugal é só conhecido no Algarve.

—

Desde tempos remotos são ali muito importantes as pescarias do atum, feitas por empresas denominadas *armações*. Comprehendem muitos barcos, grandes redes, armazens, tanques para salga, etc. demandando cada uma 20 a 30 contos de réis, mas por vezes só em um anno apura esta somma qualquer armação.

O atum vive a distancia no alto mar, mas vai desovar ao Mediterraneo e, feita a creação, volve ao largo, approximando-se das costas do Algarve na ida e vinda, sempre em numerosos cardumes.

As armações estendem as suas redes, tomando alguns hectares, nos pontos em que elles costumam passar. As redes para pesca *de direito* são armadas com a bocca voltada ao poente, quando o atum e as corvinas se dirigem para o Mediterraneo,—e voltam-lhes a bocca ao nascente para a pesca *de revéz,* quando, depois dos atuns desovarem, se retiram com os filhos para o alto mar.

Sómente de dias a dias costumam os armadores colher as suas redes, fechando-as e apertando-as de modo que o atum fica todo em um pequeno espaço e tão junto que fórma um maciço no mar, e então os pescadores saltam sobre elles com fisgas e os harpoam e vão lançando nos barcos. É isto o que em phrase propria se denomina *copejar* o atum. Semelha uma tourada no mar, e muitas pessoas, inclusivamente senhoras, costumam ir ver a festa, — não sem tal ou qual risco e discommodo, porque as armações estão quasi sempre distantes da terra e dos povoados, e o divertimento obriga a perder um dia e parte da noute, sobre o mar!...

Termidado o copejamento, fica o mar tinto de sangue; por vezes só uma armação colhe *centos* e não sei se *milhares* de atuns.

Em Tavira, por exemplo, (segundo ali nos disseram) têem desembarcado em um só dia 2:000 atuns.

A maior parte d'este peixe vai para a Italia e para os Estados Unidos da America, salgado ou preparado em barris e latas de diversas dimensões, formando *carregamentos completos* de navios. O restante é consumido pelas classes pobres do Algarve e da Extremadura, pois as provincias do norte preferem o bacalhau.

—

Sobre o assumpto é muito digna de ler-se a *Chorographia do Algarve,* capitulo III *Pescarias,* de pag. 76 a 133 (edição de 1841) com diversos mappas e 2 gravuras repre-

sentando as armações do atum,—obra muito interessante publicada por João Baptista da Silva Lopes, socio da Academia Real das Sciencias.

Além das corvinas e atuns, as costas e rios do Algarve produzem grande quantidade e variedade de peixes, taes são os seguintes:

Abrotea, agulhão, agulhas, albafar, alfaqueque ou peixe gallo, alvacóra ou bonito, anequim, aranha, arraia, arreganhadas, azevia, badejo, bailas, barbos, barroso, bica bispo, bocca-doce, bodião, boga, boqueirão bordalo, borregata, boto ou golphinho, breamante, cabra, cabra franceza, cação alvarinho, cação dentúdo, cachucho, calamar caneja, carapau, caroxo, cavalla, cavallos do mar, chaputa, cherne, chicharro ou farello, chicharro francez, choco, choupa, chuço, cobro, congro ou safio, cornuda, corvina, dentão, dentelha, enguia ou eiró, caxarroco, enxova, espadarte, faneca, ferreira, galhudo, garoupa, goraz, imperador, judeu, leitão, linguado, lirio, lixa, lixa de lei, lixa de pau, lula, Marianna, melga, melro, mugem, moreia, muxarra alvar, muxarra branca, paião, pailona, palmoneto, pargo, pargo de mitra ou capatão, pargnete, pata-roxa, peixe-agulha, peixe-anjo, peixe-coelho, peixe-escolar, peixe-espada, peixe-prego, peixe-porco, peixe-rato, peixe-rei, peixe-roda, peixe-zorra, pescada, pescada bicuda, pica d'elrei, pilrão, polvo, pota, quelme, rascasso, roás, robalo, rodovalho, rolim, romeiro, roncador, ruivo, saboga, safata, salema, salmonete, sarda, sardinha, sargo bicudo, sargo veado, sarrajão, savel, savelha, séfia ou olho de boi, seima, solho, tagarra ou tainha, tamboril, tenca, tintureira, tonina, tremelga, uje, vesugo, viola e voador.

Para as outras producções e noticias geraes d'esta provincia veja-se o artigo *Algarve.*

VICENTE (S.)—freguezia, ou—*S. Vicente de Fóra* — orago S. Vicente, concelho d'Elvas, arcebispado d'Evora, districto de Portalegre, provincia do Alemtejo. Vide *S. Vicente*, IX vol. pag. 44, col. 1.ª

Dista d'Elvas 11 kilometros para N. E.—8 kilometros para S. E. da estação de Santa Eulalia, na linha ferrea de leste, com a qual se acha ligada por uma estrada a macadam; 245 de Lisboa e 369 do Porto.

A linha ferrea passa a 3 kilometros da séde d'esta parochia, mas a estação mais proxima é a de Santa Eulalia.

Foi curato e capellania da apresentação do bispo d'Elvas, a cuja diocese pertenceu, mas desde 1882, data da nova circumscripção diocesana e da extincção d'esta diocese, ficou pertencendo ao arcebispado d'Evora, e tem o titulo de priorado.

Segundo as informações que me enviou o seu digno prior, conta hoje (1884) esta freguezia 190 fogos e 468 habitantes, mas pelo censo de 1862 contava 160 fógos com 604 almas, e pelo censo de 1878 a sua população era a seguinte:

Fogos 173; — habitantes (comprehendendo os ausentes) — 894, sendo 512 do sexo masculino e 382 do sexo feminino;—sabiam apenas ler 3 homens e 4 mulheres;—sabiam ler e escrever 16 homens e 10 mulheres,—e não sabiam ler nem escrever 410 homens e 366 mulheres!...

Andava e anda muito descurada a instrucção n'esta parochia, pois ainda hoje (1884) não tem uma unica aula, nem de instrucção primaria elementar!

Que vergonha para a *illustrissima* camara d'Elvas!...

O mesmo recenseamento de 1878 dava a esta freguezia 4 pessoas de 70 a 80 annos de idade,—4 de 80 a 90 e 1 com mais de 90.

Esta freguezia é formada por uma povoação unica, *S. Vicente,* onde está a igreja matriz, e tem uma rua principal a macadam, denominada *rua d'Elvas,* por fazer parte da estrada a macadam, ainda em construcção, que deve ligar Elvas com a estação de Santa Eulalia, atravessando esta parochia.

Tambem toca n'esta freguezia outra estrada a macadam, já construida, d'Elvas a Barbacena.

A estatistica parochial que serviu de base ao recenseamento de 1862 diz que ha n'esta freguezia 14 habitações isoladas, cujos nomes não indica, mas, pelo que se lê na *Chorographia Moderna* do sr. J. M. Baptista, julgo serem as seguintes: montes do Mestre, do Pinto, do Lemos, da Brita, dos Negros,

Penna Clara, Reimendes, Apostolos, Agua de Banhos, Cortina, montes do Ruivo, dos Pequeninos, das Pereiras, e talvez tambem o monte dos Frades e o da Maia.

Comprehende 2 quintas principaes—uma denominada *de S. João*, pertencente ao abastado lavrador José Joaquim Gonçalves, e a *d'Agua de Banhos*. As herdades mais notaveis são — Penna-Clara, Pereiras e Alcolença.

A herdade e quinta *d'Agua de Banhos* nunca teve (que nos conste) aguas mineraes ou estabelecimento algum de banhos, como parece indicar o seu nome. O que podemos apurar é o seguinte:

Em uma herdade proxima existe uma arca d'agua, distante cerca de um kilometro, d'onde por encanamento subterraneo a agua vai abastecer uma fonte para os transeuntes na estrada d'Elvas a Santa Eulalia, e d'ali passa para a dita quinta, onde fórma um bello lago;—e, como esta quinta foi propriedade e talvez *breira* dos frades de S. Domingos, é possivel que elles e os seus caseiros costumassem banhar-se no dito lago, no verão, e que d'ahi proviesse o nome da quinta; mas a agoa é potavel, fresca e leve, como toda a d'esta parochia.

Direi ainda que os frades de S. Domingos possuiram não só a herdade e a quinta denominadas dos *Banhos*, nas quaes se vêem ainda em differentes pedras gravadas as lettras S. D. mas outras propriedades annexas, que, depois da extincção das ordens religiosas em 1834, passaram para differentes possuidores.

—

A ordem de S. Domingos teve na cidade d'Elvas 2 conventos, — um de frades, outro de freiras.

O 1.º tinha o titulo de *Nossa Senhora dos Martyres*, e d'elle falla a chronica da ordem na 1.ª parte, vol. II pag. 23 e seg. (3.ª edição de 1861)—o 2.º intitulava-se *Nossa Senhora da Consolação*, e d'elle falla a mesma chronica na parte 3.ª vol. IV, pag. 150 e seguintes.

—

A *Chorographia* d'Almeida dá a esta parochia o titulo de *S. Vicente de Fóra*,—e o sr. J. M. Baptista na sua *Chorographia Moderna* dá-lhe o simples titulo de *S. Vicente*, —bem como o censo official de 1878 e o Mappa das Dioceses.

Causou-nos extranheza o denominar-se esta freguezia *S. Vicente de Fóra*, não havendo em toda a extincta diocese outra com a invocação de S. Vicente e tendo sido esta povoação sempre aberta, sem muros nem fortificações de especie alguma. Exposémos o nosso reparo ao seu digno prior e nosso collega, o sr. Affonso Manoel de Carvalho, e s. ex.ª respondeu-nos muito judiciosamente o seguinte:

«Em todos os livros antigos d'esta parochia, tanto nos que tenho em meu poder, como nos que existem na camara ecclesiastica d'esta diocese, e mesmo nos das visitas dos ex.mos prelados, se dá a esta freguezia o titulo de *S. Vicente de Fóra*, desde 1670 até 1849. De 1849 em diante na maior parte dos termos escreveram os reverendos parochos *S. Vicente Martyr*: mas eu, sendo-me confiada esta egreja ha cinco annos, tenho escripto e escrevo *S. Vicente de Fóra*, como se escreveu sempre até 1849.

«Não encontrando a explicação d'este titulo nos livros da parochia, lembrei-me de consultar a *Relação do Bispado d'Elvas*, obra que anda junta ás *Constituições* d'esta extincta diocese, e na dita *Relação* vi que D. Antonio Mendes de Carvalho, 1.º bispo d'Elvas, natural de Caminha, na foz do Minho, foi nomeado por El-rei D. Sebastião e sagrado em Lisboa, no convento de *S. Vicente de Fóra*, na 3.ª dominga de setembro de 1581. Julgo que o piedoso prelado, em memoria da egreja da sua sagração, daria a esta igreja de *S. Vicente Martyr* o titulo de *S. Vicente de Fôra*, quando a mandou construir em 1586, 5.º anno do seu episcopado, pois sobre a verga da porta principal, que olha para poente, se lê, gravada na pedra, a inscripção seguinte: *Esta Egreja mandou fazer o Ill.mo Sr. D. Antonio, 1.º Bispo d'Elvas Cura Pero Giz. Anno 1586.*

«Não encontro outra explicação e esta parece-me sufficiente.»

—

As freguezias limitrophes são — Ventosa,

Santa Eulalia, Barbacena, Villa Fernando e S. Lourenço.

A egreja matriz é um templo singelo e nada tem de notavel. Data, como vimos, de 1586 e está bastante arruinada.

N'esta freguezia ha uma capella publica na quinta de S. João, onde por vezes se celebra missa.

Está muito bem tractada e bem conservada.

Os edificios mais notaveis d'esta parochia são os seguintes: as casas brazonadas da quinta de S. João, que foi de João de Mello de Lacerda e hoje pertence, como dissémos, ao sr. José Joaquim Gonçalves, — o *monte* d'Alcobaça, tambem brazonado,—e o *monte* de Pena Clara[1].

—

Banham esta freguezia 2 regatos, — um tem o nome de *Agua de Banhos*, porque atravessa a herdade assim denominada e corre a 1 kilometro da egreja matriz, — o outro denomina-se do *Pombal*, porque atravessa a herdade do mesmo nome e passa a 2 kilometros da igreja matriz. São ambos de pequeno volume, vadiaveis em todo o tempo e não movem fabricas, moinhos nem azenhas nos limites d'esta parochia.

Producções principaes—cereaes e bolota.

Additamento

A egreja matriz tem de comprimento 14^{m},25 e de largura 6^{m},40 — interiormente, —altar-mór, com o sacrario, e 2 lateraes— um das almas e outro de Nossa Senhora do Rozario, cuja imagem está dentro de um nicho envidraçado, — é alvo de grande devoção — e tem festa, a mais pomposa da localidade, feita, á vez, pelos mais ricos proprietarios d'esta freguezia, a ex.^{ma} sr.^{a} D. Violante do Carmo Caldeira e seus irmãos.

[1] Os leitores do norte do nosso paiz devem extranhar esta denominação de *montes* dada a povoados, mas nós já dissemos algures o que significavam nas provincias do sul, nomeadamente no Alemtejo, os nomes de *montes*, quintas, hortas e herdades. No *supplemento* a este diccionario daremos mais desenvolvimento ao assumpto, no artigo *Aldeia*.

Não tem torre, mas um simples campanario, no angulo esquerdo do frontespicio da egreja matriz.

—

O cemiterio é de fórma irregular e tão humido que no inverno, apenas se cobrem as sepulturas, immediatamente se enchem d'agoa!... Tem a porta fronteira á porta principal da matriz, mettendo-se de permeio apenas o espaço comprehendido pela estrada publica.

—

A egreja matriz dista da estação de Santa Eulalia 9 kilometros, approximadamente.

—

Tanto o ribeiro d'Agua de Banhos como o do Pombal desagúam no Caia, a distancia de 9 a 10 kilometros,— o primeiro junto do monte do *Brito*, freguezia da Ventosa, — o segundo junto do monte do *Rico*, freguezia de Caia.

O clima d'esta parochia é frio e muito saudavel. Rarissimas vezes ali se manifestam molestias contagiosas e tanto que, tendo a variola atacado cruelmente as parochias circumvisinhas, desde fevereiro ultimo até o corrente mez de junho, fazendo grande numero de victimas, esta parochia apenas registra alguns casos, todos benignos.

—

Rende este beneficio actualmente 230$000 réis.

O seu movimento parochial no anno de 1883 foi o seguinte: baptisados 29, casamentos 10, obitos 23.

—

É importante a creação de gado suino n'esta freguezia, por ter abundantes pastos e *gostadouros*. Tambem cria grandes manadas de gado cavallar e muar e grandes partidas de gado bovino, que d'aqui vae para os talhos de Lisboa e d'outras terras.

Cria tambem bastante gado lanigero, em numero de milhares de cabeças, e gado caprino em menor quantidade.

—

O chão d'esta freguezia é bastante fertil em todos os generos agricolas, exceptuando *azeite e vinho*. São estes os unicos artigos que importa.

Não tem uma carvoaria unica, emquanto que a parochia lemitrophe — Santa Eulalia — tem vastas carvoarias e exporta grande quantidade de carvão grosso e miudo para Lisboa e para outras muitas povoações, pelo que a mencionada parochia se denomina tambem *dos carvoeiros.*

—

Tem ésta freguezia de S. Vicente bons lavradores e ricos proprietarios, avultando em primeiro logar a ex.ma sr.a D. Violante do Carmo Caldeira, viuva muito virtuosa e muito esmoler, que nasceu em Olivença no anno de 1801, transferindo-se pouco depois com seus paes para esta parochia, onde tem vivido até hoje, conservando ainda muito vigor, apesar da sua longevidade.

Depois d'esta veneranda senhora, os proprietarios mais ricos são seus irmãos, nomeadamente o sr. Miguel Joaquim Caldeira, morador no *monte* da Pena Clara, que antigamente pertenceu aos frades de S. Domingos. Quasi no centro d'este *monte*, que é grande, se eleva uma torre quadrada com janellas no 2.º pavimento, encimada por uma varanda descoberta, ou eirado, com extensas vistas.

Occupa tambem logar distincto entre os primeiros proprietarios d'esta freguezia o sr. José Joaquim Gonçalves, dono da quinta de S. João, a mais mimosa de toda a freguezia, pois é a unica que tem pomares d'arvoredo fructifero de differentes qualidades, vinha, olival, terras de semeadura, abundancia d'aguas de réga, uma azenha, etc. distando da egreja matriz pouco mais de 1 kilometro.

—

Pela tabella em vigor, o parocho recebe de cada baptisado 500 réis e dos casamentos uma gallinha e um *frasco de vinho*, offerta antiquissima, que o parocho actual tenta substituir por 500 réis em dinheiro.

Tambem pertencem ao parocho 60 réis pela desobriga de cada parochiano, — 120 réis por cada exame de doutrina,—240 réis por cada certidão extrahida dos livros do registro parochial—e 420 réis pela leitura e certidão dos banhos ou proclamas.

—

Os casamentos são aqui muito interessantes. Depois das ceremonias religiosas, sahem os noivos da egreja, variando de porta, *para não irem contra a fortuna* (?)—e logo começam os padrinhos a semear amendoas pelo rapazio, continuando a sementeira até á porta dos noivos, onde é sempre mais basta e se despeja o saco. Segue-se a comezaina e beberete que duram horas, e, depois de bem attestados, começa o *balhico* á porta aberta e franca para todos os visinhos, ao rouco som de um ou mais adufes e castanhetas. Dura a festa toda a noute e se prolonga ainda no dia seguinte, sendo raro o finalisar sem pancadaria, contusões e ferimentos, por causa da effervescencia do vinho que desperta sempre valentias, despiques e ciumes.

O barulho, a desordem, os murros e a pancadaria são parte integrante da festa, e por isso nunca se segue procedimento. Todos os luctadores pompeiam as suas valentias, batem e levam, mas logo ali se congraçam na fórma do estylo.

Santa gente!

—

O *rol de confessados* mais antigo que se encontra no archivo parochial, é de 1839 e dava a esta freguezia 126 fógos e 485 almas. O de 1883 dá-lhe 190 fógos e 825 almas. Augmentou a sua população nos ultimos 44 annos — 64 fógos e 340 almas,— e continua a mesma progressão, o que é devido á fertilidade e salubridade do local,—terreno alto e com bons ares.

—

A herdade da *Lentisca*, onde appareceu a lapide supra mencionada, com uma inscripção, não pertence a esta freguezia de S. Vicente de Fóra, mas á de Santa Eulalia, sua limitrophe, onde ha tambem uma herdade com aquelle nome, e se vêem as ruinas da antiga egreja de *Nossa Senhora da Lentisca*, que foi a matriz de uma das dez freguezias do termo d'Elvas, mencionadas nas Constituições d'este bispado (1635).

—

Ao meu presado collega, o reverendo sr. Affonso Manoel de Carvalho, digno prior

d'esta freguezia, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me,—alguns directamente e outros por intermedio do ex.mo sr. dr. João Anastacio d'Aguiar Pacheco, digno administrador do concelho d'Elvas, a quem mais uma vez beijo as mãos agradecido.

VICENTE (S.)—freguezia—ou *S. Vicente de Lafões*, — concelho d'Oliveira de Frades, comarca de Vouzella, districto e bispado de Vizeu, provincia da Beira Alta.

É e foi sempre abbadia. Segundo a Chorographia do padre Carvalho, era da apresentação do bispo, mas tambem foi algum tempo apresentada alternadamente pelo pontifice, pelo rei e pelo bispo.

Orago S. Vicente martyr.

Pertenceu ao extincto concelho de S. João do Monte, no tempo em que vivia o padre Carvalho, e tinha 200 fogos; — o censo de 1862 deu-lhe 181 fogos e 771 almas,—e pelo de 1878 tinha então 185 fogos e 773 habitantes (comprehendendo os ausentes)—sendo 334 do sexo masculino e 439 do sexo feminino;—d'esses 773 habitantes 19 contavam 70 a 80 annos de idade,—eram 4 de 80 a 90 —e 1 tinha mais de 90 annos.

Sabiam ler e escrever 147 homens e 5 mulheres; — sabiam apenas ler 20 homens e 3 mulheres — e não sabiam ler nem escrever 148 homens e 424 mulheres.

Pelas informações que recebi do reverendo parocho tem esta freguezia hoje (maio de 1884) 200 fogos—exactamente a mesma população que tinha nos principios do ultimo seculo, ou no tempo em que o padre Carvalho escreveu a sua Chorographia.

Comprehende esta parochia as aldeias seguintes: Corredoura, onde está a egreja matriz, — Vandonagens, Ferreiros, Cernada, Cernadinha, Postaneiros, Cajadães, Santiaguinho, S. Vicente e Agoa-Levada.

As freguezias limitrophes são — Paços de Vilharigues, Cambra, Souto de Lafões e Oliveira de Frades, a séde do actual concelho, d'onde dista 3 kilometros, — 5 da séde da comarca, — 34 de Vizeu, séde do bispado e do districto — 6 da margem esquerda do Vouga—53 da estação d'Estarreja, na linha ferrea do norte, — 341 de Lisboa — e 102 do Porto.

—

Toca em um montado d'esta freguezia, na extremidade norte, a estrada districtal n.º 41, de Vizeu a Estarreja, por S. Pedro do Sul, Vouzella, Oliveira de Frades, Ribeiradio, Pecegueiro (onde atravessa o Vouga) Val Maior e Albergaria Velha,—estrada servida por diligencia diaria.

A egreja matriz actual é um templo novo. Foi construida em 1845 a 1846, e tem 13m,60 de comprimento e 6m,10 de largura, interiormente, — altar-mór com tribuna e sacrario, onde está o Santissimo,—e 2 altares lateraes com retabulos de talha dourada antiga, pertencentes á egreja que se demoliu, quando foi construida esta.

O retabulo do altar-mor foi feito em 1872 a 1873.

A sacristia está na rectaguarda do retabulo do altar-mór.

Tem uma boa torre com 2 sinos; já existia ao lado da egreja velha, ultimamente demolida, e occupava precisamente o chão que occupa a egreja actual.

A primeira egreja d'esta parochia esteve junto da povoação de Santiaguinho, no local denominado *Egreja velha*, hoje monte inculto e sem vestigios alguns do antigo templo nem de outras edificações. Apenas ali se vêem alguns carvalhos.

O local da nova egreja é agradavel e pittoresco, e posto seja uma especie de bacia, formada por pequenas eminencias que limitam o horisonte a leste, oeste e sul, tem amplas vistas sobre o norte e domina grande extensão das encostas e montes que se erguem na margem direita do Vouga.

Tem um adro espaçoso, e uma parte d'elle serve de cemiterio (lado norte) vedada por muros com duas portas de ferro.

—

Ha n'esta freguezia tres capellas publicas, antigas, mas bem conservadas, — uma com a invocação de Santa Eufemia, na povoação de Ferreiros;—outra com a invocação de S. Thiago, na aldeia de Santiaguinho; — outra na povoação de Cajadães, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção.

A 1.ª tem festividade e romagem a 16 de setembro, dia da padroeira, com grande con-

curso de fieis. Tambem é muito visitada no dia de S. João Baptista, no de Santo Amaro e em todos os domingos e dias santos.

A 2.ª tambem alguns annos tem festa propria no domingo immediato ao dia 16 de julho.

A 3.ª tem uma irmandade antiga, legalmente erecta com estatutos proprios sob a invocação da padroeira,—*Nossa Senhora da Assumpção de Cajadães.*

Os mesarios lhe fazem todos os annos pomposa festa, com jubileu e muitas indulgencias, no dia 15 d'agosto,—e tem outro jubileu com anniversario e grandes indulgencias no dia 3 de novembro.

As festividades principaes que actualmente se celebram na egreja matriz são as do Corpo de Deus e Resurreição, — e, alguns annos, a do padroeiro, S. Vicente.

As *ladainhas* ou *rogações* de maio celebram-se na egreja matriz, e d'ali vão os *clamores* ás tres capellas supra mencionadas.

Tambem o povo d'esta freguezia, em cumprimento d'antigos votos, costuma ir com procissão á capella de Santo Amaro, na freguezia de Paços de Vilharigues, no dia da Ascenção do Senhor,—e á capella do Espirito Santo, na freguezia de Cambra de Lafões, concelho de Vouzella, na dominga de Pentecostes.

Esta freguezia tem proprietarios abastados e casas decentes, mas nenhum edificio brazonado.

A residencia parochial é muito confortavel. Uma parte d'ella foi recentemente reedificada e a parte restante concertada a expensas do seu zeloso e digno abbade, o reverendo Ricardo José da Maia, e dos seus parochianos.

Teve esta abbadia bons passaes, mas a maior parte d'elles já foi desamortisada, por 3:300$000 réis.

Os principaes proprietarios d'esta freguezia são hoje os seguintes: João d'Almeida Ferreira, Daniel da Silva Bastos, Marcellino Ferreira d'Almeida e Narciso dos Santos Aragão, que traz um filho na nossa Universidade cursando o 3.º anno juridico, e outro em Vizeu, estudando preparatorios.

Aqui só as pessoas abastadas podem obtér alguma instrucção, pois em toda esta freguezia não ha nem ao menos uma escola d'instrucção primaria elementar!

Mirem-se n'este espelho os *illustrados* vereadores, verdadeiras luminarias do progresso, *honra* e *lustre* dos nossos municipios.

—

As producções principaes d'esta parochia são milho, centeio, feijões, batatas e vinho *de enforcado.*

O seu chão é bastante fertil, como todo o do antigo districto de Lafões, mas muito mal agricultado, pois sendo muito ingreme demandava maior numero de paredes ou muros de supporte.

Atravessam e banham esta freguezia alguns regatos que desaguam no Vouga, a 4 kilometros de distancia, e movem 25 rodas de moinhos.

Ainda aqui se não manifestou a phylloxera; mas ha muito que o *oidium* affectou as videiras e pouco vinho produzem não sendo enxofradas.

Cria-se n'esta parochia bastante gado bovino, e a carne das suas vitellas é saborosissima, como em todo o territorio de Lafões.

Vide *Banho*, couto extincto, na freguezia de Varzea de Lafões (tomo I, pag. 317, col. 1.ª) e *Vouzella.*

—

Ao rev.mo sr. Ricardo José da Maia, meu collega, digno abbade d'esta freguezia na actualidade, agradeço penhoradissimo os apontamentos que se dignou enviar-me para a descripção d'ella.

Nasceu s. ex.ª na freguezia de Paços de Vilharigues, concelho de Vouzella; recebeu a ordem de presbytero em dezembro de 1852; foi apresentado n'esta egreja de S. Vicente por decreto de 11 de março de 1880; recebeu a instituição canonica em 17 de junho e tomou posse em 20 do mesmo mez e anno (1880).

É filho de Custodio José da Rocha e de D. Maria Joaquina de Figueiredo. Seu pae militou nas luctas civis do segundo quartel d'este seculo, seguindo a bandeira liberal. Foi sargento dos *Voluntarios da Rainha*;

emigrou em 1828 para a Inglaterra e d'ali passou para a ilha Terceira, onde assistiu á acção da Villa da Praia. Foi um dos 7:500 soldados que desembarcaram no Mindello com o sr. D. Pedro IV;—fez o cerco do Porto, entrando em todas as acções que durante elle se feriram, e por ultimo na batalha da Asseiceira, que obrigou o sr. D. Miguel a capitular. Em seguida deu baixa e recolheu ao seio da sua familia. Foi-lhe offerecida uma banda em outro qualquer corpo, se quizesse proseguir na carreira militar, mas elle recusou pela sua fanatica adhesão ao regimento da sr.ª D. Maria II.

Annos depois foi alferes da *Guarda Nacional.*

Custodio José da Rocha era irmão do rev.º Manoel Rodrigues Ferreira, vigario de Cambra de Lafões, e do dr. José Rodrigues Ferreira Negrão, que foram cruelmente perseguidos pelas suas ideias liberaes, principalmente o vigario.

VICENTE (S.)—freguezia, ou—*S. Vicente da Raia* — orago Nossa Senhora da Natividade, concelho de Chaves, districto de Villa Real, provincia de Traz-os-Montes, bispado de Bragança.

Dista de Chaves, séde do concelho e da comarca, 28 kilometros,—de Villa Real 90, de Bragança 50,— da Regoa 115,—do Porto 218,—de Lisboa 555.

Carvalho deu-lhe 66 fogos, Almeida 150, o censo de 1862 — 153 e 584 almas, e o de 1878—186 fogos e 773 habitantes, sendo 395 do sexo masculino e 378 do sexo feminino. D'estes 773 habitantes eram 4 de 70 a 80 annos e 1 de 85 a 90; — sabiam apenas ler 19 homens e 16 mulheres; — sabiam ler e escrever 124 homens e 4 mulheres—e eram analphabetos, ou não sabiam ler nem escrever, 252 homens e 358 mulheres.

—

Esta parochia é reitoria e pertenceu sempre e pertence ao bispado de Bragança. Tambem já foi simples curato e o apresentava o reitor da freguezia da Castanheira no termo do extincto concelho da villa de Monforte de Rio Livre.

Estão hoje annexas a esta freguezia de S. Vicente as pequenas freguezias de Avelleda, Segirei e Orjaes.

S. Vicente e Segirei pertenceram até 1853 ao concelho de Monforte de Rio Livre, mas, sendo extincto este concelho por decreto de 31 de dezembro d'aquelle anno, passaram para o de Valpassos, e por decreto de 24 de outubro de 1855 passaram para o de Chaves.

As suas freguezias limitrophes são —Roriz, Travancas, Cimo de Villa da Castanheira e Sanfins. Tambem pelo lado norte confina com a Hespanha e fórma parte da raia, pelo que vulgarmente se denomina *S. Vicente da Raia.*

Comprehende as aldeias seguintes — S. Vicente, séde da parochia, — Segirei, Avelleda e Orjaes, sédes das tres parochias annexas.

Alem da egreja matriz, tem outra egreja, ainda em bom estado, na povoação de Segirei, que foi a matriz d'esta parochia extincta, e ali costuma o reitor celebrar a missa conventual nos domingos e dias santos, depois de celebrar na de S. Vicente, pois tem auctorisação para celebrar duas missas nos domingos e dias santos, para maior commodidade dos seus freguezes mais distantes, o que é vulgar na diocese de Bragança, na de Lamego e em outras do nosso paiz,—tal é hoje (1884) a escacez de presbyteros.

Em Avelleda ha uma capella publica, talvez a velha matriz, com a invocação de S. Thomé, já em ruinas;—em Orjaes outra com a invocação de Santa Luzia, — e em S. Vicente outra, com a invocação de Nossa Senhora do Rosario.

As festas principaes que hoje se celebram n'esta parochia são a do Corpo de Deus na egreja de S. Vicente, — a de S. Gonçalo na egreja de Segirei, por ter sido o seu orago, —a de S. Thomé na capella d'Avelleda, —e outra a Santa Luzia, em Orjaes.

—

Atravessam e banham esta freguezia dous ribeiros, o de *Avelleda* e o de *Mouce* que vão desaguar ao pé da ponte de *Val d'Arneiro*, a distancia de 6 kilometros, no rio *Mente*, confluente do Rabaçal — e este do Tua. Movem muitos moinhos.

A estrada a macadam em via de construcção, de Chaves a Vinhaes, deve passar a distancia de 10 kilometros d'esta freguezia de S. Vicente. Não tem nem espera ter outra mais proxima.

As producções principaes d'esta parochia são batatas, centeio e castanhas. O seu chão é frio e pouco mimoso.

Tem uma aula municipal d'instrucção primaria para o sexo masculino, na povoação de S. Vicente.

Esta freguezia é pobre e pouco importante. Vive exclusivamente da agricultura, que, pelo isolamento d'estes povos, se conserva no estado rudimentar primitivo.

O seu commercio reduz-se a algumas tabernas em que se vende vinho e pouco mais, — e a sua industria á moagem de pão nos moinhos que movem os seus dous ribeiros e ao contrabando com a Hespanha.

—

Estes apontamentos me foram enviados pelo ex.mo sr. dr. Augusto dos Santos Pinto, natural de Carrazedo de Montenegro, concelho de Valpassos, e distincto jurisconsulto residente em Chaves.

Agradeço penhoradissimo tão assignalada finesa.

VICENTE (S.)—freguezia,—ou *S. Vicente de Redondello,*—ou simplesmente *Redondello,* — orago S. Vicente, concelho de Chaves, districto de Villa Real de Traz-os-Montes, arcebispado de Braga.

Ao que já se disse na palavra *Redondello* (Vide) accrescentaremos o seguinte:

—

O censo de 1878 deu-lhe 193 fogos com 826 habitantes, sendo 406 do sexo masculino e 420 do sexo feminino. D'estes 826 habitantes sabiam apenas ler 19 homens e 7 mulheres,—sabiam ler e escrever 97 homens e 14 mulheres, — e não sabiam lêr nem escrever, ou eram analphabetos 265 homens e 388 mulheres. E quanto a longevidade contavam 70 a 80 annos 4 homens e 6 mulheres, — e era desconhecida a idade de uma mulher.

Pelas informações recebidas directamente do rev.º parocho, esta freguezia conta hoje (1884) 202 fogos.

Dista de Chaves, séde do concelho e da comarca, 10 kilometros, a O., — 55 de Villa Real, a N.,—70 de Braga, a N.E.,—80 a N. da Regoa,—183 a N.E. do Porto, — e 520 a N. de Lisboa.

—

Foi vigairaria collada da apresentação da mitra; hoje é reitoria.

As suas freguezias limitrophes são—Anelhe, Sapiães, Soutello, Curalha e Villela do Tamega, mettendo-se de permeio o rio Tamega, linha divisoria das duas freguezias, estando a de Redondello na margem direita.

Comprehende as aldeias seguintes, — Redondello, séde da parochia, — Pastoria — e Casas Novas, sendo esta ultima a maior, mais bonita e mais importante das tres. Parece uma villa,—tem boas casas,—differentes estabelecimentos commerciaes—e uma capella com a invocação de S. Bernardino e feira a 20 de maio.

Ha n'esta freguezia mais duas capellas publicas — uma bastante espaçosa, com sacrario, Santissimo Sacramento permanente e pia baptismal, na povoação de Pastoria, para mais commoda administração dos sacramentos, pois dista esta aldeia cerca de 4 kilometros da egreja matriz; — a outra capella, notavel pela sua architectura e magnificas imagens do Senhor dos Passos e *Ecce Homo*, de tamanho natural, verdadeiramente primorosas, está na *Veiga de S. Domingos*, juncto da estrada em construcção de Braga a Chaves.

Tem mais duas capellas particulares, — uma que foi de José Philippe de Vilhena, hoje de sua filha e herdeira,—e outra, quasi em ruinas, na quinta de Santa Cruz.

A egreja matriz é um templo regular, bem tratado, bem conservado e bem situado em terreno vistoso, junto d'um souto de castanheiros, na povoação de Redondello;—tem 3 altares e ali se fazem differentes festas, sendo 2 as principaes, — uma ao padroeiro S. Vicente,—outra a Santo Antonio.

O chão d'esta freguezia é quasi plano e o seu clima favoravel. Produz centeio, trigo, milho, feijão, batatas, vinho, azeite, muitas castanhas e muito boas, fructas de differentes qualidades, muito saborosas, linho e cor-

tiça. Tambem cria bastante gado vacum e muar, muito estimado, e algum lanigero.

Tem bastante agua de rega, pois é atravessada de N. a S. por dois ribeiros, um no termo da povoação das Casas Novas, outro no da Pastoria, que vão desaguar no Tamega, a distancia de 2 kilometros e com o percurso de 4 desde as suas nascentes. Estes ribeiros não movem moinhos, mas a freguezia tem alguns no Tamega.

Ha n'esta freguezia varias quintas, sendo 3 as mais notaveis, — uma, denominada de *Santa Cruz*, tem grande matta de sobreiros, e foi do morgado de Villar de Perdizes, hoje de Manoel de Barros, de Samaiões; — outra é de Thimoteo Alvaro de Vilhena, de Anelhe; — outra pertence a José Xavier de Carvalho, de Carrazedo da Labugueira.

—

Na mesma direcção da nova estrada a macadam de Braga a Chaves, O. a E. passava aqui uma via militar romana, que de Braga seguia para Astorga por Chaves. No logar da Pastoria esteve um marco milliar, dedicado a Trajano, com IV. M. P. a Chaves.

Tèem apparecido n'esta parochia differentes moedas romanas de cobre, e no sitio denominado *Mosteirão* ha uma sepultura aberta em rocha.

Tem esta freguezia duas aulas municipaes de instrucção primaria elementar, uma para o sexo masculino, outra para o sexo feminino.

Ha finalmente n'esta freguezia uma casa brazonada, que foi dos condes de Penamacor, e hoje é de Antonio Teixeira de Moraes, das Casas Novas.

—

Ao meu illustrado collega, o rev.º sr. José dos Santos Moura, digno abbade de Caires, agradeço estes apontamentos, bem como outros muitos que se dignou enviar-me para differentes freguezias.

VICENTE (S.) — moeda portugueza antiga.

Posto que na chronica d'El-Rei D. João III apenas se faz menção de moedas de cobre mandadas cunhar por este monarcha, é certo que no seu reinado se cunharam moedas de todos os metaes e particularmente uma moeda d'ouro, chamada *S. Vicente*, tendo de uma parte a figura d'este santo com uma nau na mão esquerda, uma palma na mão direita e em volta a legenda — *Zelator usque ad mortem* — (*zelador da fé até á morte*). Da outra parte se vê o escudo real coroado e em volta a legenda — *Joannes Tertius Rex Portu & Al.* — (*João III Rei de Portugal e dos Algarves*).

D'este cunho se lavrou outra mais pequena, com as mesmas insignias, mas valendo metade, e por isso estas moedas se chamavam *meios Vicentes*.

O titulo de *zelador da fé* que se via n'estas moedas e de que usou D. João III lhe foi dado pelo papa Urbano III, em attenção ao zelo e ás instancias com que pediu e obteve para Portugal o estabelecimento da Inquisição.

—

O mesmo rei mandou cunhar outra moeda d'ouro denominada *Calvario*, por ter de um lado uma cruz comprida sobre um monte, como ordinariamente pintam o calvario, e a legenda — *In hoc signo vinces*. Do outro lado o escudo real com a corôa, e em volta esta legenda — *Joannes Tertius Port. & Al. R. D. Guiné* — que em vulgar quer dizer: «D. João III, rei de Portugal e dos Algarves e senhor da Guiné.»

Tambem na India se bateu outra moeda d'ouro no anno de 1548, governando Garcia de Sá. Tinha de um lado as armas portuguezas com esta legenda — *Joannes III Portug. & Al. Rex* — e da outra parte a imagem de S. Thomé com a legenda — *India tibi cessit* — ou em vulgar «A India foi convertida por ti.»

D'esta moeda se faz menção na *Decada* 6.ª l. 7. c. 2.

Tambem no anno de 1555, sendo Vice-Rei da India D. Pedro Mascarenhas, se lavrou em Goa outra moeda de prata, denominada patacão, — a maior moeda de prata que se cunhou nos nossos estados da India.

Lavrou-se tambem no reinado de D. João III uma moeda de prata com o valor de dous vintens, tendo de um lado uma corôa, por baixo o nome d'el-rei n'esta cifra — *Jo. III* — e ainda por baixo d'esta cifra a legenda —

Rex. Portugaliae Al. Do outro lado tinha a cruz de S. Jorge e estas lettras — *In hoc signo vinces.*

Fez tambem outra moeda d'estes reaes, de prata, *dobrados*, ou de quatro vintens, com as mesmas insignias, differindo apenas em terem por baixo do nome do rei os algarismos—80—para indicarem a valia de 80 réis, e na cercadura esta legenda: *Rex. Portugaliae, Al. D. G.*

Mandou tambem cunhar *ceitis* de 18 grãos, como os que ao tempo vogavam, — e *reaes* de seis ceitis com meia oitava de peso cada um, tendo de uma parte, no meio, uma legenda que, em abreviatura, dizia: *Joannes Tertius Portugaliae & Algarbiorum Rex;* — e da outra parte um *R* encimado por uma corôa, indicando o nome da dicta moeda — *Real.*

Mandou lavrar outra moeda com o peso de oitava e meia, tendo de um lado uma corôa e em redor uma legenda que dizia: — *Portugaliae, & Algarbiorum Rex Africae.* Do outro lado tinha um escudo com as armas reaes.

Cunhou tambem *patacoens* de cobre, que valiam dez réis e pesavam 5 oitavas. De um lado tinham o escudo real coroado com lettras que, em breve, diziam: *Joannes Tertius Portugaliae, & Algarbiorum;* do outro lado um X ao centro e em volta a legenda: *Rex Quintus Decimus.*

—

De todos os nossos reis o que mandou cunhar moeda em mais variedade e com maior infelicidade foi D. Fernando I.

Este capitulo do seu vergonhoso e tristissimo reinado é um dos mais curiosos e que mais frizantemente revelam a inconstancia e falta de tino de semelhante rei.

Cunhou *gentis, barbudas, graves, pilares, fortes, meios fortes, petites*, etc. que foram uma verdadeira praga! Marcando estouvadamente o preço á maior parte d'aquellas moedas, depois o baixou e rebaixou e por ultimo o reduziu quasi que a zero, dando causa a prejuizos espantosos e á paralização do commercio e transacções de toda a ordem.

VICENTE (S.) — monte ou serra, ao sul da villa de Vianna do Alemtejo, na direcção N. S.

Tem de comprimento 5 kilometros, 3 de largura e 387 metros d'altitude sobre o nivel do mar.

VICENTE (S.) — sitio na freguezia, villa, e concelho de Taboaço, districto de Vizeu, bispado de Lamego. Vide *Taboaço.*

Dista cerca de 200 metros da villa para N. E. na pendente sobre a margem esquerda do Tavora e é um sitio alegre e vistoso.

D'ali se descobre para o sul a maior parte da villa, nomeadamente o palacete da familia Macedos Pintos; — para S. E. a povoação de Tavora e a imponente serra de Chavães; — para leste a povoação do Castanheiro do Sul; — para norte as povoações da Balsa e Dezejosa — e para N. O. as quebradas do Tavora e do Douro, a villa de Provezende e grande extensão da provincia de Traz-os-Montes.

N'este vistoso e pittoresco local de S. Vicente está uma antiga capella da mesma invocação e junto d'ella se veem hoje (1884) algumas pequenas casas terreas desabitadas, feitas pelos habitantes da villa, antes de 1833, por mandado do juiz de fóra, para n'ellas guardarem as suas lenhas e palhas, com o fim de obstar a incendios; e ainda hoje (1844) n'ellas guardam os seus donos os utensilios e productos da lavoura; mas em tempos remotos houve aqui povoado importante, o que revelam as muitas velharias que ali se teem encontrado, — fragmentos de tijolo (havendo a pequena distancia boa pedra de granito para construcções) — grandes pedaços de cimento, — pregos, um punhal e um prato, tudo de bronze, — moedas romanas de prata e cobre, etc., etc.

—

Vae passar n'este sitio a estrada districtal n.º 40, de Vizeu por Moimenta da Beira á foz do Tavora (Espinho) na margem esquerda do Douro, e que atravessa este concelho de S. E. a N. O. — estrada importante mas de difficil construcção na area d'este concelho, tanto da villa até o Douro, cerca de 8 kilometros, como da villa até Sendim, cerca d'outros 8. Da villa até o Douro o

terreno é muito declivoso e todo schisto, mau de romper; — da villa até Sendim a construcção offerece difficuldades de primeira ordem, que fizeram titubiar e desesperar muitos dos nossos engenheiros.

O terreno que atravessa é quasi todo rocha nua de granito durissimo, descrevendo ravinas profundas, quebradas e barrancos medonhos com declives de 30 a 50 por cento e mais, principalmente na passagem do ribeiro *Fradinho* e da cordilheira, antemural da serra de Chavães, tocando na raiz da *penha amarella* ou *penha d'aguia*, onde ainda hoje fazem creação aguias e ujos!...

Não sabemos quaes foram os engenheiros que fizeram os primeiros estudos d'esta estrada em 1875, data em que teve principio junto de Moimenta da Beira; mas, resolvendo o governo desenvolvel-a atravez d'este concelho de Taboaço, em seguida á medonha trovoada que sobre elle pesou em 15 de maio de 1883, causando prejuizos enormes, avaliados em 70 contos de réis, principalmente nas freguezias de Tavora, Granginha, Paradella e Sendim, o sr. director das obras publicas de Vizeu mandou o conductor Augusto Cid fazer os respectivos estudos. É elle um moço vigoroso com bastante pratica de trabalhos de campo, mas, apenas defrontou com a medonha garganta do tal *Fradinho*, — esmoreceu! Disse que *era impossivel* atravessar semelhante despenhadeiro, e resolveu levar a estrada a montante, pelo alto da serra de Chavães, partindo da capella de S. Vicente e contornando por N. O. a villa em zig-zagues de 7 por cento até ganhar a dita serra. Fez os respectivos estudos d'esta directriz e regressou a Vizeu.

A villa de Taboaço e os povos do seu concelho, nomeadamente os habitantes da freguezia de Tavora, ficaram magoadissimos com semelhante solução, porque, adoptado o traçado pela serra, a estrada cortaria nos arrabaldes da villa terrenos mimosos de muito valor, cujas expropriações representavam uma cifra importante. Além d'isso a tracção ficaria muito violenta, pois vindo a estrada desde a margem do Douro com o declive de 5 por cento e sem descanço, continuava com o declive de 6 e 7 até o alto da serra, — e seguiria atravez d'esta por terreno completamente deserto e nu, furiosamente batido das tempestades e durante muito tempo coberto de neve no inverno; — emquanto que, seguindo por Tavora, o declive baixava de 5 a zero, a partir de S. Vicente, e a estrada, passando atravez d'aquella parochia, uma das mais importantes do concelho, cortaria terreno excepcionalmente mimoso e fertil, todo povoado d'arvoredo fructifero, — pereiras, macieiras, cerdeiras, oliveiras, castanheiros e laranjeiras, pois desde Lamego e Regoa até muito além da raia de Hespanha, não se encontra freguezia tão mimosa e abundante de fructa como a de Tavora. Bem desejavam os seus habitantes e os de Taboaço oppor-se ao traçado pela serra, mas que fazer, se a sciencia julgou *impossivel* a passagem atravez da garganta do *Fradinho?*

Chamaram do Porto o distincto engenheiro e nosso bom amigo, o sr. Tito de Noronha, socio correspondente da Academia Real das Sciencias. Foi elle ao local e, depois de o reconhecer e estudar, disse que o traçado por Tavora não só era realisavel, mas até, por muitas rasões, preferivel ao traçado pela serra, — e levantou a respectiva planta. Foram a Vizeu em commissão os primeiros proprietarios de Tavora e Taboaço, e apresentaram-na ao sr. Antonio Casimiro de Figueiredo, dignissimo director das obras publicas, encarregado pelo governo da construcção d'aquelle lanço. Mandou logo s. ex.ª proceder a novos estudos pelo sr. major Cid, engenheiro muito auctorisado, que, por fortuna, seguiu a opinião do sr. Tito de Noronha.

Posto de parte o traçado pela serra, mandou o sr. director das obras publicas proceder a estudos definitivos atravez de Tavora pelos distinctos engenheiros D. Francisco de Mello e Faro e tenente Garcia, e, concluidos os estudos de campo e de gabinete, poz s. ex.ª a concurso duas tarefas, — uma das proximidades de Taboaço até á medonha garganta do tal *Fradinho*, — outra na propria povoação de Tavora, achando-se n'este momento já concluida a segunda e muito adiantada a primeira.

Uma vez triumphou a justiça.

Parabens a todos quantos pugnaram em pró de tão justa causa.

Tambem n'este momento (julho de 1884) andam em construcção mais 3 tarefas n'esta estrada desde Taboaço até a povoação de Santo Aleixo, comprehendendo 5 kilometros; — e desde Santo Aleixo até o Douro já se acha a dita estrada aberta ao transito publico, na extensão de 3 kilometros.

Não se imagina a satisfação d'aquelles povos ao verem que em praso breve trotarão as diligencias atravez das suas freguezias, até hoje separadas do resto do paiz por medonhos barrancos e condemnadas ao ostracismo.

A nova estrada fica em optimas condições de viação;—atravessa medonhas fragosidades e terreno muito mimoso e muito fertil, o que a torna altamente pittoresca e interessante;—serve numerosas povoações dos concelhos de Taboaço, Moimenta da Beira, Pesqueira e Cernancelhe — e deve ter grande movimento, principalmente depois de construida a ponte em projecto, sobre o Douro, que deve ligal-a com a via ferrea d'este nome, junto da foz do Tavora, — ponte de muito alcance para a provincia da Beira Alta e já pedida pela junta geral do districto de Vizeu em uma das suas ultimas sessões.

Fazemos votos pela realisação de tão importante melhoramento.

—

Deve-se quasi que exclusivamente esta estrada aos srs. Macedos Pintos, de Taboaço, cavalheiros de muito merecimento, muita illustração e muita dedicação pela sua terra natal, representantes da maior fortuna do concelho e de uma das primeiras do districto e da *provincia!*... É orçada em 400 contos de réis.

A iniciativa da proposta para a construcção da ponte sobre o Douro, junto da foz do Tavora, partiu do ex.mo sr. conselheiro José Ferreira de Macedo Pinto, lente jubilado de medicina e procurador á junta geral do districto de Vizeu,—bem como a s. ex.a e a seu fallecido irmão Antonio, depois visconde de Macedo Pinto,[1] quando deputados, se deve a estrada marginal da Regoa até á Pesqueira, que foi a primeira estrada a macadam que teve o alto Douro.

Tambem a s. ex.a e aos seus tres irmãos, visconde, Bernardino e Joaquim se deve a escola complementar *Macedo Pinto* e a bibliotheca municipal que hoje tem a villa de Taboaço;—e a seus irmãos os srs. dr. Bernardino de Senna Macedo Pinto, muitos annos administrador do concelho, e Joaquim Ferreira de Macedo Pinto, muitos annos tambem presidente da camara, se devem quasi todos os grandes melhoramentos realisados na villa de Taboaço desde o segundo quartel d'este seculo, taes são o cemiterio municipal, um dos mais antigos da provincia, mandado fazer em 1839 — pelo sr. dr. Bernardino, sendo presidente da camara e ampliado *á custa de s. ex.a* em 1863 com o plano inferior, do lado norte,—o theatro da villa, comprado e restaurado pelo sr. Joaquim Ferreira de Macedo Pinto e por s. ex.a generosa e gratuitamente cedido sempre que haja quem n'elle pretenda representar,—o novo bairro e parte dos edificios que o povoam,—a *companhia edificadora*,—os novos paços do concelho,—a *Associação fraternal taboacense*, de soccorros mutuos, inaugurada em 8 de dezembro de 1867 e que hoje tem um fundo superior a 7 contos de réis, —a philarmonica da villa [2].

Para todos estes melhoramentos ss. ex.as concorreram com a sua iniciativa, com a sua illustração e com o seu dinheiro.

—

Aproveitando o ensejo, faremos algumas rectificações e addições ao artigo *Taboaço:*

Falleceu no dia 22 de março de 1884 o

---

[1] Para a biographia de s. ex.a vejam-se os artigos Miragaya (Porto) e Sendim.

[2] Tem hoje tambem Taboaço uma *Sociedade Recreativa*, com bilhar e jogos licitos, jornaes politicos e litterarios e gabinete de leitura, inaugurada em 25 de novembro de 1883, — e desde 23 de junho de 1884, illuminação publica a petroleo, inaugurada com 20 candieiros.

Poucas terras de segunda ordem terão progredido tanto, como Taboaço nos ultimos annos.

sr. Antonio Joaquim d'Oliveira Guimarães, deixando de si boa memoria e vivas saudades aos taboacenses, pois era uma excellente pessoa, rico proprietario e acreditado negociante.

Sendo presidente da camara, mandou fazer a estrada municipal de Taboaço até Barcos, e abasteceu a villa de excellente agua potavel, conduzindo-a de 1 kilometro de distancia por encanamento de granito.

Achando-se em ruinas a pequena, pobre e antiquissima capella de S. Placido, uma associação de devotos mandou erigir outra mais ampla, mais elegante e com a mesma invocação junto da nova estrada municipal a macadam de Taboaço a Barcos, a meia distancia entre estas duas villas. Principiaram as obras no dia 24 de setembro de 1882 e continuam n'esta data.

A egreja matriz tem primorosas decorações de talha dourada e tecto apainelado de muito preço com boas pinturas a oleo, nomeadamente as da capella mór.

—

Os srs. Macedos Pintos estão construindo no seu palacete uma espaçosa e elegante capella com um precioso retabulo de talha dourada antiga, verdadeira obra d'arte, que pertenceu á igreja do convento de S. Francisco de Coimbra, na margem esquerda do Mondego.

Por causa d'uma partilha d'aguas, foi assassinado com uma pedrada, em agosto de 1882, o abbade d'esta parochia, Antonio Soares Martinho.

—

A quinta de Fornéllo e não de Fontéllo, da familia Macedos Pintos, não era, como por lapso se disse, *a melhor e mais extensa vinha de Portugal*, mas *uma das mais luxuosas vinhas do Douro*. Comprehendia 70 a 80 milheiros de vides e custou a plantação de cada milheiro 300 a 350$000 réis. Parecia um jardim, e hoje está quasi toda semeada de pinheiros e giestas, porque a maldita phylloxera aniquilou completamente o seu formoso vinhedo, bem como todos os do Alto-Douro, que produziam o vinho mais generoso do mundo!

Os srs. Macedos perderam n'esta quinta e nas do Espinho, Panascal, Rio Bom e Caldeirão, cerca de 200 pipas por anno, o que representava uma fortuna; mas, apesar d'isso, ninguem os lamente, porque ainda colhem cerca de 40 pipas de vinho de consumo na villa e no seu grande casal de Sendim,—18 a 20 pipas de azeite, em annos de safra,—1:500 medidas de pão de rendas e fóros,—igual numero de kilos de batatas, — cerca de 300 rasas de baga de sabugueiro, em que já apuraram 1:500$000 réis; —em fructa dos seus pomares (verde, secca e preparada em doce) apuram tambem cêrca de 1:000$000 de réis por anno,—e póde calcular-se em 500$000 réis o rendimento annual da lenha e madeira da sua grande matta descripta no artigo *Taboaço*. E note-se que a maior parte da fortuna d'aquelles senhores é em numerario.

São bem mais ricos do que eu!...

VICENTE (de S.) — titulo de condado. Vide *S. Vicente*, tomo IX, pag. 45, col. 2.ª

Em 1666 D. Affonso VI nomeou conde de S. Vicente a João Nunes da Cunha, da familia dos marquezes de Tavora e dos condes d'Alvor.

Pode ver-se no logar citado a resenha d'estes condes de S. Vicente. Não se confundam com os dois condes de S. Vicente, ambos inglezes (Lord Gervis e Carlos Ponza, Napier) de quem já fizemos menção no artigo *Vicente* (*S.*)—cabo de (pag. 504, col. 2.ª vol. X).

VICENTE DA BEIRA (S.) — freguezia e villa, séde do concelho do mesmo nome no districto de Castello Branco.

Vide *S. Vicente da Beira*, tomo IX, pag. 44, col. 2.ª

Ao que ali se disse, accrescentaremos o seguinte:

É orago d'esta parochia Nossa Senhora da Assumpção, mas em tempos anteriores o orago foi S. Vicente.

Este concelho pertenceu ao bispado de Castello Branco até 1882, data em que se effectuou a nova circumscripção diocesana e foram supprimidas as dioceses d'Aveiro, Elvas, Pinhel e Castello Branco, em virtude da auctorisação concedida pela carta de lei de 20 de Abril de 1876.

Pela nova circumscripção diocesana fi·aram pertencendo á diocese da Guarda, como já outr'ora pertenceram, todas as quatro freguezias que constituiam este concelho, e eram—Almacêda, Louriçal do Campo, Ninho do Açôr e *S. Vicente da Beira.*

—

Pelo recenseamento de 1878 tinha esta freguezia 578 fogos e 2:336 habitantes, sendo 1:173 do sexo masculino e 1:163 do feminino; — sabiam apenas ler 16 homens e 34 mulheres;—sabiam ler e escrever 113 homens e 51 mulheres,—e eram analphabetos, ou não sabiam ler nem escrever, 979 homens e 1:055 mulheres!...

Dos seus 2:336 habitantes 24 contavam 70 a 80 annos de idade—e 11 tinham 80 a 90 annos.

Pelas informações que recebi do digno administrador d'este concelho, conta hoje (1884) esta freguezia 570 fogos; pertence ainda á comarca de Castello Branco, e é vigairaria.

As suas parochias limitrophes são—pelo norte Souto da Casa, do concelho e comarca do Fundão,—pelo sul Sobral do Campo, do concelho e comarca de Castello Branco,—pelo nascente Louriçal—e pelo poente Almacêda, ambas d'este concelho de S. Vicente da Beira.

Comprehende os povos seguintes: Mourello, Tripeiro, Violeiro, Partida, Val de Figueiras, Pradanta, Casal da Serra e Pereiros. O sr. J. M. Baptista, na sua *Chorographia Moderna*, menciona ainda os casaes da Fraga e Clerigos e a quinta de Monte Surdo,—e nos apontamentos que recebi do digno administrador d'este concelho se lê que hoje (1884) as propriedades principaes d'esta freguezia são a residencia (casa e quinta) do sr. visconde da Borralha, — a residencia (casa e quinta) da sr.ª viscondessa de Tortuzendo, — o *monte* (propriedade de sobro, vinha, etc.) pertencente ao conde da Borralha,—o casal (terras de semeadura de centeio, milho, etc.), pertencente á sr.ª viscondessa de Tortuzendo,—e a quinta da Vella (vinha) pertencente ao sr. João dos Santos Vaz Raposo.

Tem este concelho:

Superficie em hectares..........	32:704
Predios inscriptos na matriz.....	12:629
Freguezias....................	4
População (recenseamento de 1878).	
Fogos......................	2:247
Almas......................	5:290

—

Esta parochia é servida pela estrada real n.º 16, pela districtal n.º 65—e pela municipal d'esta villa ao Ramalhoso, lanço que segue para Castello Branco.

A linha ferrea mais proxima é actualmente a da Beira Alta; dista d'ella (estação da Guarda) cerca de 70 kilometros;—mas deve passar a pequena distancia d'esta villa a linha ferrea da Beira Baixa, em via de construcção, adjudicada á Companhia Real dos caminhos de ferro portuguezes.

—

A egreja matriz, situada na praça, centro da villa, é um templo espaçoso em bom estado de conservação.

Foi reedificada em 1831 por iniciativa do benemerito padre João Ribeiro, exceptuando a capella mór, que é muito antiga, como revelam a sua architectura e decorações. Suppõe-se que data do seculo XV.

A egreja da misericordia, contigua aos paços do concelho e muito proxima da egreja matriz, é menos ampla e foi reedificada em 1643.

Alem d'estes dois templos ha n'esta freguezia 3 capellas publicas:

1.ª de Nossa Senhora da Orada, que foi da familia Costas e hoje, por doação, pertence á camara municipal. D'ella se tractou no artigo *S. Vicente da Beira.*

2.ª De S. Sebastião, construida já n'este seculo.

3.ª De S. Francisco, reedificada recentemente.

—

N'esta villa não ha feiras, mas apenas mercado no primeiro domingo de cada mez.

Os seus edificios principaes são os seguintes: a casa brazonada do conde da Borralha, fundação dos seus ascendentes no ultimo

seculo; — a casa dos Galaches [1], hoje pertencente a João dos Santos Vaz Raposo; — os paços do concelho edificados em 1762, — a casa da viscondessa de Tortuzendo, comprada em tempos já remotos pelos ascendentes de seu marido.

—

Esta villa nunca foi murada ou fortificada, mas distante cerca de 3 kilometros existíu na serra um castello, desde tempos muito remotos. D'elle se conservam ainda as ruinas, claros vestigios da antiga fortificação, e o local se denomina *castello velho.*

—

Esta povoação é villa desde os tempos de D. Sancho I, que foi o primeiro rei que lhe deu foral, em março de 1195; — ainda conserva os antigos paços do concelho e o pelourinho, construcção irregular.

—

Esta freguezia é abundante de centeio, trigo, milho, vinho, azeite gado e caça. Tambem colhe boas hortaliças e muita fructa nas hortas e nos pomares que a cercam, regados pelo rio *Ramalhoso*, diz a *Chorographia Moderna*, mas nos apontamentos que me enviou o digno administrador do concelho se diz que a banham as ribeiras seguintes:

1.ª—Ocresa. Nasce no casal da Serra, 3 kilometros distante da villa, — vai ás freguezias de Louriçal do Campo, Lardosa, Povoa, Cafede e outras e desagua no Tejo com cerca de 120 kilometros de curso.

2.ª—Ribeira do Tripeiro. Nasce junto da povoação d'este nome, que banha, atravessa varias povoações e vae desaguar na Ocresa.

3.ª—*Ribeirinha.* Nasce tambem a 3 kilometros d'esta villa, passa nos suburbios d'ella,—banha as freguezias do Sobral do Campo e Cafede—e vae desaguar na Ocresa.

Banham tambem esta freguezia alguns ribeiros de menor importancia, — tomam os nomes das povoações que atravessam, e desaguam na *Ribeirinha.* Tem esta duas pontes junto d'esta villa,—uma de pedra, na estrada districtal nº 65, — outra de pau, feita pela camara, — e diversos pontões de pau tambem nos outros ribeiros.

Ha n'esta villa 6 azenhas movidas com a agua da *Ribeirinha,*—mais 3 com a agua da Ocresa—e nos outros povos varios moinhos.

É pois esta parochia muito abundante d'agua e por isso a sua producção dominante é milho e azeite, mas não tem uma fabrica unica este concelho, posto que a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix diz que ha n'este concelho fabricas de tecer, cardar e fiar lã *á mão,*—simples theares ou *obradores* particulares, que abundam nas duas provincias da Beira, principalmente nas abas da serra da Estrella.

—

Consta que em 1760 viera a esta villa uma força castelhana em desforço de aggravos feitos a dois hespanhoes, e que praticára grandes excessos; que incendiára a maior parte da villa, exceptuando apenas o convento e a casa do capitão mór (Caldeira) e que enforcára um homem e maltractara outros muitos, incluindo o parocho. Em seguida a esta grande calamidade manifestou-se na povoação, talvez pela falta de meios e de commodos, uma epidemia horrorosa, de caracter desconhecido, que victimou muitas pessoas e determinou esta villa a fazer voto publico permanente de uma festa á imagem do Santo Christo da egreja da Misericordia, —voto que ainda hoje (1884) se cumpre, fazendo-se a festa por meio de subscripção geral, na 3.ª segunda feira de cada anno.

—

Registraram-se, ha annos, n'esta parochia duas minas de cobalto, mas acham-se em completo abandono. É de suppor que a linha ferrea da Beira Baixa, em via de construcção, dê vida a estes e outros muitos elementos de riqueza d'esta provincia, até hoje por explorar.

—

Ha n'esta villa apenas duas aulas publicas municipaes d'instrucção primaria elementar,—uma para o sexo masculino,—outra para o sexo feminino.

[1] Resta hoje muito pouco da edificação primitiva.

—

O hospital da Misericordia é insignificante, pequeno e pobre.

—

N'esta freguezia têem apparecido varias moedas portuguezas dos reinados de D. Sancho I, D. João II e D. Manoel. Não consta que apparecessem moedas romanas ou arabes.

—

Esta villa foi cabeça de condado, que D Affonso VI deu a João Nunes da Cunha. Vide *Vicente* (de S.)—titulo—e *S. Vicente*, vol. IX pag. 45, col. 2.ª

Houve aqui duas commendas — uma da ordem de Christo e outra da ordem de Aviz; a primeira pertenceu aos Sequeiras, fidalgos distinctos, cuja linhagem se encontra no 2.º vol. da *Chorographia Portugueza*, pag. 387 a 390; — a 2.ª era dos Costas e d'ella foi commendador em 1708 D. Antonio da Costa, armeiro-mór, cuja linhagem póde ver-se na citada *Chorographia*, 2.º vol., pag. 390 e 391.

—

Tem a villa dous largos — *praça velha* e *praça nova*—contiguos,—e as ruas de Nicolau Velloso, da Igreja e do Convento. São estas as principaes.

O Convento de S. Francisco

Da *Historia Seraphica*, tomo V, pag. 129 a 178, extractámos o seguinte com relação ao importante convento que existiu durante seculos n'esta villa, com a invocação de S. Francisco, e de que hoje (1884) apenas restam vestigios.

O nosso preito á memoria d'esses monumentos venerandos, cuja falta é tão sensivel!...

—

Theodosia Vaz, benemerita fundadora d'este convento, era natural d'esta villa e tão pobre que todos os seus bens se reduziam a uma pequena casa, em que vivia. Eram egualmente pobres seus paes e irmãos, e pobre o moço visinho, de nome Antonio Fernandes, com quem casou, mas que falleceu pouco depois.

Ficando viuva aos 25 annos e sendo formosa e virtuosissima, offereceram-se-lhe allianças vantajosas, mas não quiz passar á segundas nupcias.

Levou para a sua companhia outra mulher igualmente virtuosa, — separou para si e para ella uma parte da sua casa e na outra recolhia e agasalhava pobres, enfermos e peregrinos. Tão nomeada se tornou a sua virtude que todos lhe davam as esmolas de que necessitava para curar dos seus pobrezinhos.

Bateu um dia á porta do santo albergue uma servente do convento da terceira ordem, que ao tempo se havia fundado na aldeia e freguezia da Nave, concelho do Sabugal, bispado da Guarda,[1] e que andava esmolando para o novo convento.

Theodosia recebeu-a com toda a caridade, e, apenas a servente lhe narrou a vida que viviam as religiosas do seu mosteiro, Theodosia ficou anciando por fazer-lhes companhia,— pediu á servente que intercedesse por ella perante a sua abbadessa,—e esta e toda a communidade lhe abriram francamente as portas em attenção ás suas raras virtudes. Entrou para o convento da Nave, tomando o sobrenome *da Paixão*, e não tardou muito que as freiras a elegessem sua prelada.

Concebeu a nossa heroina o desejo de fundar outro convento na sua terra natal. Com este intuito obteve licença do padre Fr. Mathias, provincial da ordem, e, acompanhada por um seu irmão, se dirigiu á villa de S. Vicente da Beira (1556 a 1564), — expondo porém o seu intento ás pessoas principaes da villa, ellas se opposeram, considerando as grandes despezas inherentes a uma tal obra. Em breve mudaram de opinião e

---

[1] Este convento foi abandonado, ha muito. As freiras se transferiram para o que fundaram na villa e praça d'Almeida; — extinctos os jesuitas, passaram para o vistoso collegio que os padres da Companhia de Jesus tinham em Gouveia—e, por occasião da guerra peninsular, fôram d'ali expulsas e distribuidas pelos conventos do Couto e Vinhó, ha muito extinctos tambem. Vide *Vinhó*.

sollicitaram d'el-rei D. João III a precisa licença; mas el-rei indeferiu, emquanto não houvesse padroeiro que se obrigasse á despesa com a fabrica do edificio e sustentação da communidade.

N'esta conjunctura a nossa heroína foi a Lisboa;—apresentou-se á rainha D. Catharina, regente do reino (na menoridade de D. Sebastião) que não só deferiu, mas tão affeiçoada ficou á supplicante e ao novo mosteiro, que d'elle se lembrou nas suas disposições testamentarias.

Regressando Theodosia a S. Vicente, chamou do convento da Nave tres freiras, que lhe eram particularmente affeiçoadas—Anna da Conceição e Gracia da Corôa, irmãs, pertencentes á nobre familia dos Sellas Falcões, de Pinhel [1] — e D. Maria Centeno, senhora illustre hespanhola, natural de Cidade Rodrigo. Demoraram-se ellas tres mezes para obterem auctorisação dos seus superiores, mas, quando chegaram a S. Vicente da Beira, já a nossa heroina tinha arranjado o seu domicilio de fórma que uma parte servia para n'ella viverem, e na outra improvisou côro e capella, onde logo se disse missa e celebraram os officios divinos.

Tal foi o principio d'este mosteiro pelos annos de 1560.

A fama das virtudes da nova communidade attrahia muitas esmolas, muitas visitas e muitos pedidos de mulheres devotas para entrarem no pequeno cenobio. Duas d'estas se offereceram para irem esmolar em favor da nova instituição, o que a fundadora acceitou, e logo resolveu dar mais amplidão á pequena capella e transformar o seu humilde recolhimento em um mosteiro regular.

Voltou a Lisboa e de lá trouxe uma linda imagem de Nossa Senhora, boa esculptura de pedra, que existiu longos annos na egreja do convento, — e muitas alfaias que lhe deram varias senhoras.

Apenas regressou, deu principio á nova egreja e ao novo mosteiro, e as obras em breve se concluiram, graças ao zelo e dedicação dos habitantes da villa, que acudiam pressurosos — uns com as suas esmolas em dinheiro, outros com os materiaes necessarios, outros com terras, campos e olivaes para se venderem e empregarem nas obras,—outros com os seus serviços pessoaes, tanto homens como mulheres.

Em 1572 já no mosteiro viviam 9 freiras com sufficientes commodos e uma linda cerca.

Prestou relevantes serviços á nova communidade uma senhora ingleza que deixára com outras muitas a sua patria por causa das luctas religiosas que ao tempo assolavam a Inglaterra.

Apenas apresentou as cartas da rainha D. Catharina, foi promptamente recebida; mas aquella boa senhora, apesar de pertencer a uma familia importante e de ser primorosamente educada, escolheu o officio de serva; esmolava para o convento; fez larga colheita, — e em attenção para com ella, a rainha, entre outras esmolas, mandou de Lisboa um grande sino e 100 cruzados, somma consideravel n'aquelle tempo. Obteve tambem da rainha os livros de cantochão para o côro e d'ella e d'outros bemfeitores os meios para construcção d'um novo dormitorio, não cessando de esmolar até que, sentindo-se exhausta de forças, passou para o mosteiro que as inglezas tinham em Lisboa e ali falleceu.

Adoptou em Portugal o nome de Joanna Baptista.

—

Renunciou a fundadora o cargo de abbadessa em 1577, por se ver alquebrada de forças, e lhe succedeu D. Maria Coutinho alguns mezes, sendo em seguida eleita soror Gracia da Corôa. A ésta senhora succedeu, em 16 d'abril de 1580, soror Brites de S. Francisco, que já havia sido abbadessa dous trienios no seu mosteiro de Figueiró dos Vinhos, districto de Leiria, bispado de Coimbra.

Sendo muito affavel, tornou-se extrema-

[1] D'esta nobre familia, nomeadamente de Luiz de Figueiredo Falcão, secretario d'estado, ministro da fazenda, escrivão da casa da India, fundador do convento de S. Luiz, de Pinhel, de freiras franciscanas tambem, no reinado de Philippe II, fallámos detidamente no artigo Pinhel, tomo VII, pag. 84, col. 2.ª e segg.

mente àustera e rispida até implantar n'este convento a regular observancia no côro, nas ceremonias e em tudo.

Durante o seu triennio fez uma egreja nova e mais ampla com dous córos, inferior e superior, locutorios, enfermaria, o dormitorio principal e outras officinas de que o mosteiro necessitava. Accrescentou tambem a cerca, addiccionando-lhe varias propriedades que adquiriu, nas quaes havia excellentes pomares, fontes e tanques.

Era tal a sua dedicação pelo augmento do mosteiro, que ella propria ajudava os trabalhadores, movendo pedras, terra e telha — e toda a communidade espontaneamente seguia o seu exemplo e a acompanhava nos mesmos mistéres.

Foi reconduzida alguns triennios e depois lhe succedeu soror Maria de Jesus, regressando em seguida aquella boa senhora ao seu convento de Figueiró, onde falleceu no dia 15 de março de 1602.

Com o desejo de accelerar as muitas obras que fez no convento, ficaram ellas pouco solidas, pelo que á meia noute do dia 25 de julho de 1606 desabou o tecto do grande dormitorio, onde dormia toda a communidade, que ao tempo se elevava ao numero de 38 freiras.

Foi tal o estrondo que acordaram os moradores da villa e, correndo logo ao convento, acompanhados pelo padre confessor, Fr. João Ravasco, mal poderam vir a si do espanto! Encontraram o dormitorio todo entulhado com os destroços do tecto, — os leitos e roupas despedaçados — e as freiras todas incolumes, sem uma unica ferida; apenas 15 com algumas contusões, pelo que foram sangradas. Faltando porém uma e dirigindo-se ao local onde ella tinha a cama, encontraram tal montão de destroços que durou tempo a remoção e já todos se convenciam de que tinha dado a alma a Deus, quando depararam com ella incolume tambem!

—

A madre soror Brites de S. Francisco erigiu este convento, egreja e casas a leste da villa, incorporando n'elle a cerca e o chão que occupava o antigo, um pouco a juzante da primitiva fundação.

Professavam estas religiosas a terceira regra de S. Francisco, e a sua abbadessa usava d'um sello representando o santo patriarcha recebendo as chagas, com esta legenda — *Gloria mea haec est.*

—

Theodosia da Paixão foi muito tempo o oraculo do céu e o conforto da villa nas grandes crises, e todos lhe davam o titulo de *Santa Abbadessa*, mas ella queria sómente o de *madre peccadora*.

Sendo já decrepita, mandou fazer na cerca uma pequena choupana de ramos d'arvores, onde vivia a maior parte do tempo encerrada com um crucifixo, como os eremitas da Thebaida. Falleceu em 1577 e foi sepultada na egreja do seu convento junto do unico altar que então tinha. Sobre a sua campa mandou uma senhora da Covilhã, por nome Anna Corrêa, pôr uma lapide com esta inscripção:

AQUI JAZ THEODOSIA DA
PAIXÃO ABBADEÇA PRI-
MEYRA QUE FOI DESTE
MOSTEYRO

O povo tal devoção tinha com a *santa Abbadessa* que não cessava de extrahir terra da sua sepultura, attribuindo-lhe grande virtude.

Soror Brites de S. Francisco, feito o novo convento, transferiu os restos mortaes da fundadora para a nave do claustro, e os collocou junto da parede contigua á nova egreja, continuando o dicto claustro a servir de cemiterio a toda a communidade.

Ali estiveram os despojos mortaes da fundadora, até que em 1634 a abbadessa soror Jeronyma dos Serafins mandou fazer no mesmo sitio uma capella, em que foi collocada a imagem da Virgem, que a nossa heroina trouxe de Lisboa, e que ao tempo se conservava no côro, ficando os restos da fundadora debaixo do altar; mas depois, para maior veneração, os recolheu em um cofre de madeira e os collocou no centro do mesmo altar.

—

Além da fundadora, produziu este convento muitas senhoras insignes pelas suas virtudes, taes foram as seguintes:

D. Maria Centeno que, pertencendo a uma familia castelhana, nobre e rica, e devendo succeder em um grande vinculo, tudo abandonou pela clausura, fallecendo no dia 20 de janeiro de 1621. D'ella faz menção o *Agiologio Lusitano*.

Soror Ventura dos Anjos, natural da Guarda, edificou a todos com a sua humildade extrema e falleceu em 1625.

Soror Philippa de Santiago e soror Catharina das Chagas, irmãs, naturaes d'Alcongosta no termo da Covilhã. A primeira foi abbadessa e muito illustrada. Consignou em um interessante livro as *Memorias* d'este mosteiro e vivia ainda em 1618;—a segunda falleceu em 1636.

Soror Maria da Cruz, natural de Castello Branco, filha de Fernão Sotto Maior e de D. Agueda de Valladares. Foi abbadessa zelosissima. Mandou fazer uma imagem de Christo com a cruz ás costas, — deu-a aos moradores da villa para a procissão dos Passos — e obteve do romano pontifice muitas indulgencias para todos os fieis que assistissem á mencionada procissão. Era irmã de soror Isabel dos Anjos e falleceu em fevereiro de 1641.

D'ella faz menção tambem o *Agiologio Lusitano*.

Soror Maria do Espirito Santo, natural da mesma villa de S. Vicente da Beira, falleceu tambem com opinião de santidade no dia 16 de junho de 1620, e d'ella faz menção tambem o *Agiologio Lusitano*.

Soror Maria da Assumpção, soror Maria da Vizitação e soror Ventura dos Anjos fôram tres religiosas contemporaneas virtuosissimas e instituiram a procissão de Passos no interior do Mosteiro.

Soror Guiomar da Cruz, natural da mesma villa de S. Vicente, foi uma das freiras mais virtuosas d'esta casa.

Soror Joaquina dos Serafins foi abbadessa e falleceu em 1646.

Soror Francisca de S. Marçal, no seculo D. Francisca de Vilhena, natural de Lisboa, foi um modelo de virtude e pertencia a uma das primeiras familias da côrte.

Soror Isabel de S. João, natural de Cambas, termo da Covilhã, falleceu em 1685.

Maria de Proença, natural da Guarda, foi um anjo de humildade e falleceu aos 14 annos, sendo ainda noviça, em 1648.

—

Concluiremos esta rezenha mencionando tambem o nome de um dos mais benemeritos bemfeitores d'este convento — o padre Antonio Gonçalves Brochado, da freguezia d'Alcains, concelho de Castello Branco. Não só fez a este convento grandes donativos, mas no seu testamento, com data de 28 de maio de... lhe doou varias terras declarando que era sua vontade ser sepultado na egreja do mosteiro e que sobre a sepultura lhe gravariam estas lettras:

> UM PREGADOR AQUI SE ENTERROU,
> DEUS O DESCANCE NA GLORIA,
> POIS NA VIDA NÃO DESCANÇOU. AMEN.

No mesmo testamento declarou que escolheu este epitaphio, porque andára toda a vida em motu constante, nunca vivendo tres annos successivos na mesma casa [1].

—

D'este importante convento, fechado ha muito, apenas resta o seguinte — o portão da entrada, a cêrca e um cazarão que foi a egreja, conservando tão sómente parte das paredes.

As ruinas da egreja pertencem á junta de parochia;—a cêrca é de dous proprietarios, a sr.ª viscondessa de Tortuzendo e o sr. Lino Miguel Lopes.

—

Desappareceram os conventos de frades e estão prestes a desapparecer egualmente os de freiras, *porque estas instituições se oppunham ao espirito do seculo* — dizem os arautos do progresso; — mas em compensação pullulam os alcouces e a prostituição tem

[1] Eu tambem soffro da mesma doença, pois além da casa em que nasci, já habitei 19 em Lamego, Coimbra, Tavora e Porto.
P. A. Ferreira.

fóros de cidade;—não ha crendices *nem crenças;*—mofa-se de Deus e dos santos;—não se respeita os paes nem os superiores, o rei nem as auctoridades;—augmentam os suicidios;—perderam-se as noções da honra, do pudor e da dignidade;—corre tudo á maravilha!...

VICENTE DA CHÃ (S.)—freguezia,—concelho e comarca de Montalegre—provincia de Traz-os-Montes.

Ao que já se disse d'esta parochia no artigo—*Chan* ou *S. Vicente da Chan* (tomo II, pag. 267, col. 2.ª) accrescentaremos o seguinte:

—

Esta freguezia é a mais populosa e mais importante da comarca de Montalegre.

Pelo censo de 1878 contava 301 fógos e 1:550 habitantes, (comprehendendo os ausentes) sendo 733 do sexo masculino e 817 do sexo feminino. Sabiam apenas ler 2 mulheres;—sabiam ler e escrever 222 homens e 32 mulheres,—e não sabiam ler nem escrever ou eram completamente analphabetos, 478 homens e 776 mulheres. D'aquelles 1550 habitantes 23 contavam 70 a 80 annos,—e 10 contavam 80 a 90,—ignorando-se a edade de 7.

Vê-se pois que o seu clima é saudavel.

—

A egreja matriz, templo espaçoso, muito antigo e venerando, tinha 5 altares, e no anno de 1869 foi feito outro, dedicado ao Coração de Maria.

No côro ha, desde tempo immemorial, uma roda de campainhas afinadas. Foi composta em 1688 e é costume tocar-se nas missas dos domingos e dias sanctificados, desde *Sanctus* até á elevação do calix.

Comprehende esta freguezia as aldeias de Torgueda, Castanheira, Penedones, Travaços, Firvidas, Gralhós, Peireses e Medeiros,—e além da egreja parochial os templos ou capellas seguintes:

1.ª—S. Matheus, no monte e a E. de Firvidas;

2.ª—Santo Amaro, no centro d'esta povoação;

3.ª—Santo André, com capella-mór e 3 altares, a O. e junto da aldeia de Gralhós;

4.ª—Nossa Senhora da Encarnação, no logar de Peireses;

5.ª—Nossa Senhora da Assumpção, com 2 altares, no centro da povoação de Medeiros;

6.ª—Nossa Senhora das Tribulações, ao norte d'esta aldeia, no cume da serra de Avellar;

7.ª—Sancta Luzia, a oeste e junto do logar de Torgueda;

8.ª—S. João Baptista, no logar da Castanheira;

9.ª—Santa Anna, no monte e junto d'este logar;

10.ª—Nossa Senhora da Natividade, com capella-mór, no logar de Penedones;

11.ª—Santo Aleixo, junto do logar de Penedones;

12.ª—S. Salvador, no centro da aldeia de Travaços, reedificada em 1875.

Todas estas capellas são publicas e sustentadas pelos habitantes das respectivas povoações.

13.ª—S. João Baptista, a E. e junto da povoação de Travaços. E' particular e pertence a Josepha Gonçalves da Costa, d'esta aldeia.

14.ª—S. Gonçalo d'Amarante, a O. e junto da aldeia de S. Vicente da Chã, séde d'esta parochia. E' particular tambem e está em principios de ruina.

—

N'esta ultima capella instituiu, em 1638, um vinculo *de S. Gonçalo* o rev.º Francisco Mendes d'Araujo, que ao tempo era vigario d'esta freguezia.

O seu testamento foi registrado e legalizado em Braga, no anno de 1664.

—

Em 1705, achando-se em acto de vizita na villa de Montalegre o arcebispo primaz, D. Rodrigo de Moura Telles [1] os habitantes das duas povoações de Gralhós e Firvidas lhe requereram e pediram a erecção d'aquellas 2 povoações em parochia independente, allegando a distancia que as separava e separa da matriz. Depois das formalidades do esty-

[1] Conservou-se em Montalegre desde 28 de julho até 3 d'agosto e chrismou 691 pessoas d'esta freguezia de S. Vicente da Chã.

lo, — citações, vistorias, louvados, testemunhas, arrasoados, etc. a relação ecclesiastica de Braga deferiu, auctorisando a nova *erecta*, como ao tempo lhe chamavam; mas tudo voltou ao *statu quo*, depois de grandes questões, muito dispendio e sérios desgostos, inclusivamente uma morte.

Apenas os habitantes d'esta freguezia tiveram conhecimento do despacho que auctorisava a nova erecta, e por consequencia a separação d'aquelles dous povos, seguiram-se embargos por parte do parocho (vigario) e das freiras de Villa do Conde, como padroeiras,—appellações,—rescriptos apostolicos, — aggravos e uma série infinda de contestações e chicanas, até que em 1813 foi denegada a concessão.

Durante a pendencia exerceram-se alguns actos parochiaes na pretensa erecta e ministraram-se baptismos, etc. na capella de Gralhós, dedicada a Sancto André, á qual os habitantes das 2 povoações chamam *egreja* e n'ella conservam ainda, como protesto, a cadeira parochial e o baptisterio.

Eis a ephemera duração da nova erecta, que foi descripta no vol. I d'este diccionario, pag. 214, col. 2.ª sob a denominação de *Santo André de Firvidas*. Deveria dizer-se — *Santo André de Gralhós*, pois a capella destinada para egreja matriz e na qual se exerceram alguns actos parochiaes, é sita na povoação de *Gralhós*, e está ainda muito bem conservada.

Tambem, como rectificação ao que no logar citado se disse, accrescentaremos que as aldeias de Gralhós e Firvidas estão na raiz meridional do *Monte Gordo*, cabeça da cordilheira que se prolonga desde *Pedrario* até Codeçoso da Chã e d'ali não se avistam povoações algumas da Hespanha.

Houve equivoco por certo, com a parochia de Santo André de *Villar de Perdizes*, que demora na raia. (Vide).

—

Quando principiou a questão da *erecta*, era reitor d'esta freguezia de S. Vicente da Chã o rev.º João Gonçalves Baptista, pessoa de muita illustração e muito merecimento, natural da povoação de Medeiros e commissario do Santo Officio.

Em 1720, indo a Lisboa o rev.º Gonçalo Dias Pereira tractar da demanda por parte do mencionado reitor e commissario, os partidarios da erecta ali mesmo o mandaram espancar, e do espancamento falleceu em Lisboa no mesmo anno de 1720, sendo sepultado na egreja de Santa Justa.

A' hora da morte recommendou ao reitor o seu *desvalido de Ladrugães*.

Era este *desvalido* Bento Dias Pereira Chaves, filho d'elle Gonçalo Dias Pereira e de uma mulher de Ladrugães. O reitor entregou o pobre pupillo ao seu bis-sobrinho, dr. João Gonçalves Pereira, de quem logo fallaremos; este, quando foi para Lisboa tractar do seu despacho de juiz, levou-o comsigo e ali o arrumou como lavrante de prata, o que foi a sua fortuna, porque chegou a ser prateiro da casa real e por ultimo copeiro-mór da rainha D. Maria I.

Sendo já fidalgo da casa real, obteve de D. Pedro III as terras e o dinheiro precisos para fundar a celebre quinta do *Dias*, em Collares, ainda hoje uma das mais notaveis nos arrabaldes de Cintra.

Teve, entre outros filhos, José Dias Pereira Chaves, que lhe succedeu no emprego do paço, e Francisco Dias, cujo nome é ainda hoje popular em Lisboa pelos seus dictos e façanhas bisarras.

Vejam o que são os caprichos da sorte, os vaivens do mundo.

O pobre moço encontrou a fortuna onde seu pae encontrou a desgraça e a *morte!*...

—

A povoação da Castanheira principiou por um simples casal, e D. Affonso III, estando em Guimarães, lhe deu foral, em 28 de maio de 1258, como se disse no vol. II, pag, 164, col. 1.ª

—

A povoação de *Peireses*, segundo Argote, foi *pagus* e parochia no tempo dos suevos, com o nome de *Bereses*, e, segundo outros, foi cidade romana.

É certo que entre esta povoação e a de *Medeiros* se têem encontrado em varios sitios,—*Veiga de Carigo* e—*Outeiro do Rouxo*, na veiga da Portella,—e *Outeiro de Villarinho*, na veiga da Raposeira, vestigios d'anti-

quissima povoação, taes como fragmentos de tijólos, telhas chatas, moedas romanas e sepulturas abertas na rocha; e por aqui passava uma via militar romana, de que fallaremos no artigo *Villarinho dos Padrões*, aldeia da freguezia da *Venda Nova*.

—

A tradição local diz que a aldeia de Medeiros foi povoada por familias que vieram directamente das Asturias.

Esta tradição se harmonisa com a historia da restauração neogotica.

É possivel que aquelles povoadores ou fossem godos refugiados nas Asturias em seguida á invasão mussulmana, ou descendentes dos habitantes das povoações extinctas (godos-romanos) de que acima se falla.

Breve noticia d'um antigo morgado na aldeia de Travaços

D. Gomes Affonso, D. Prior da collegiada de Guimarães, deu em dote por escriptura publica a sua aldeia de Travaços a Leonor Gonçalves, sua sobrinha, casada com Antonio Vieira, impondo-lhe a obrigação de 3 missas resadas (a 85 réis) nas primeiras sextas feiras de cada mez, pela alma do rev.º Affonso Pires, abbade de Montalegre e pae do dicto D. Gomes Affonso.

No anno de 1567, sendo duque de Bragança D. Duarte, o mesmo D. Prior vinculou um casal que tinha em Negrões, do qual recebia 15 rasas de centeio e 2 coelhos,—e outras herdades em Villarinho de Negrões, das quaes recebia 12 rasas de centeio, para que mandassem dizer pela mesma tenção 12 missas resadas e uma cantada, no mez de setembro, na egreja de S. Vicente, onde jazia o pae do instituidor (Livr. das Missas perpet. fl. 41).

Estas missas foram abolidas por provisão regia e os fóros vendidos ao padre Domingos Gomes Pereira, do mesmo logar.

Varões illustres

Esta freguezia, nomeadamente a povoação de Medeiros, produziu sempre grande numero de pessoas respeitaveis pela sua illustração e virtudes. Citaremos apenas aquellas que no momento nos occorrem:

Familia Marques Pereira

1.ª—O dr. Bento Alvares Pereira de Moura, filho de Domingos Marques Pereira e de Maria Alvares de Moura, nasceu no logar de Medeiros, no dia 10 d'agosto de 1825;—matriculou se em direito na Universidade de Coimbra em outubro de 1847. Uma grave doença o obrigou a interromper a formatura que por isso concluiu em julho de 1853.

Foi nomeado professor de grammatica portugueza, latina e latinidade para Villa Nova de Famalicão, em 15 d'agosto de 1855, —e das cadeiras 5.ª e 6.ª (oratoria, poetica, litteratura classica, historia, chronologia e geographia) do Lyceu Nacional de Vianna do Castello, em 28 de julho de 1857.

É um professor muito illustrado e muito digno.

—

2.º — João Gonçalves Pereira, ascendente do anterior, nasceu na mesma povoação de Medeiros, e foi baptisado na matriz de S. Vicente, em 21 de janeiro de 1704. Foi licenciado em Canones e concluiu a sua formatura no anno de 1727. Mandou imprimir as suas theses em um véu de seda que offertou á Senhora das Tribulações, d'esta parochia.

Foi advogado em Montalegre, em 1728 a 1729; em seguida foi para Lisboa ler no desembargo do paço.

Foi juiz de fóra d'Algoso, em 1731,—ouvidor em Minas Geraes muitos annos—e por ultimo desembargador na relação da Bahia, pelos annos de 1748 a 1750.

Temos presente uma carta que em 5 de julho de 1744 escreveu de Cuyabá a um irmão. Por ser muito interessante, daremos d'ella um extracto:

«... No dia 31 de maio se convocou na camara d'esta villa huma junta, na qual se proposeram vários particulares do serviço de S. Mag.ᵉ e entre elles se seria ou não conveniente mandar-se intimar um protesto ao governador da cidade de Santa Cruz de La

Tocoma e aos P.es da Companhia das missões dos Magos do reino do Perú, nas Indias de Castella, para abrirem mão da missão intitulada *Santa Rosa*, a qual levantaram de novo, ha pouco mais de um anno, junto do rio Amazonas, em terras do dominio de Portugal,... e se ajuntou ser não só conveniente, mas preciso mandar-se intimar o dicto protesto; e todas as pessoas da junta, que erão perto de 50, votarão uniformemente em mim, para ir á dicta diligencia; fiz todos os exforços para me escusar da empresa, mas não foi possivel deixar de ir, por ser materia grave, que toca á usurpação de terras da corôa e prejuiso das conquistas... D'aqui até Matto Grosso vou por terra, e d'ali para diante em canôa pelo rio das Amazonas abaixo. Levo em minha companhia Antonio Carneiro, Joseph das Aguas Cordeiro, que foi meu meyrinho, natural d'Elvas, Antonio Rodrigues Pereira, que foi meu feitor, natural de Villa do Conde, João Antonio da Costa, que tambem foi meu feitor, natural de Guimarães, Joseph da Motta Leitão, môço de toda a conta, natural de Azambuja, e Sebastião Bahia para ficar em Matto Grosso, tractando das cousas para a volta. Espero em Deus ser bem succedido, e hei-de gastar na viagem o melhor de quinze mil cruzados, por ser preciso vestir-me, como tambem aos camaradas e mais dezesete ou dezoito negros e indios para me acompanharem. Poderei gastar sete a oito mezes na ida e volta; e, se Deus me der vida, como espero, logo que chegue hei de seguir viagem para o Rio de Janeiro, e faço tenção de ir na frota do anno futuro, e talvez chegue esta á sua mão no mesmo tempo, ou pouco antes que eu chegue a Lisboa [1].

«Não tenha V. M.ce susto com esta noticia, se a receber antes da minha chegada, porque esta viagem é por partes por onde tem andado muita gente, e anda. Até Matto Grosso tenho ido duas vezes; temos lá hum arrayal que passa de tres mil pessoas; e d'ali ás missões de Castella são quinze dias por rio morto.

[1] Tal era n'aquelle tempo a facilidade de communicações entre o Brazil e Portugal!...

«... N'esta occasião dá o dr. ouvidor, meu successor, conta a S. Magd.e sobre esta materia, e eu tambem escrevo aos Srs. Cardeal Motta, Secretario de Estado, e aos Conselheiros do Ultramar.»

—

O dr. João Gonçalves Pereira exerceu a magistratura no Brazil durante quatorze annos e foi desembargador na relação da Bahia os ultimos tres a quatro annos do reinado de D. João V.

No Brazil consumiu a saude e a vida, e, podendo facilmente locupletar-se, como fizeram muitos, comprometteu o seu patrimonio. Os seus successores tiveram de resgatar em hasta publica a legitima paterna e materna d'elle.

Por ser um magistrado integro e da maior exempção, foi escolhido para Minas Geraes, para pôr cobro ás grandes depredações que ao tempo lá se commettiam. Na residencia tirada ao seu antecessor, tão compromettido o achou, que o prendeu!

Mandou abrir uma estrada por mattos virgens desde S. Paulo até Matto Grosso.

Nas suas cartas fállava muitas vezes de João Gonçalves da Costa, seu patricio e amigo, natural de Torgueda, condestavel d'uma náu de guerra.

—

3.º—José Severiano Moreira, neto do trisavô paterno do dr. Bento Alvares Pereira de Moura, da extincta casa dos Malafaias, na *Fonte da Eira*, cujo solo é hoje pertença do patrimonio ecclesiastico do rev.º José Joaquim Alvares Pereira de Moura. Foi capitão de mar e guerra e tinha uma quinta em Lisboa junto da ponte de Sacavem, onde vivia no fim do ultimo seculo.

—

4.º — O rev.º Bento Marques Pereira, tio paterno do dr. Bento Alvares Pereira de Moura, já mencionado. Foi tambem natural de Medeiros,—parocho collado na freguezia do Banho, concelho de *Barcellos*, e na de S. Pedro de Figueiredo, concelho d'Amares, desde agosto de 1848 até 31 de julho de 1870, data em que falleceu. Jaz na egreja parochial de Figueiredo e era um ecclesiastico de costu-

mes irreprehensiveis, modesto e muito instruido em Theologia Moral.

—

5.º — O rev.º José Marques Pereira, irmão do antecedente.

Foi parocho em Moreiras, concelho de Chaves, e era tambem um ecclesiastico instruido e de bons costumes.

Falleceu ha muitos annos.

Familia Mouras

Esta familia é uma das mais importantes e mais consideradas n'esta freguesia e n'este concelho. Tem produzido muitos varões notaveis pela sua illustração e virtudes; mas, para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas os seguintes:

1.º — O rev.º João Gonçalves de Moura, natural da mesma povoação de Medeiros.

Foi abbade de Santa Maria de Meixedo, n'este concelho de Montalegre, no seculo passado e, apesar do tenue rendimento do seu beneficio, reedificou *desde os alicerces* tanto a egreja matriz como a residencia parochial, em 1796.

Era um ecclesiastico illustrado e virtuoso e parocho modêlo.

Foi muitos annos consecutivos examinador dos padres confessores da comarca e informador do procedimento dos mesmos, desempenhando estas commissões com tal rigidez que mereceu o cognome de *escova de ferro*.

—

2.º — O rev.º Bento Gonçalves de Moura, irmão do antecedente.

Foi abbade do Salvador de Donim, concelho de Guimarães. Estudou preparatorios com os jesuitas do collegio de Braga, que o chamavam o *Memorião*, por ter uma memoria tão feliz que, apenas terminada a prelecção d'um seu professor, a repetiu integralmente com geral espanto do collegio todo, pelo que os padres da Companhia de Jesus tractaram de havel-o para si! ?...

Era dotado não só de grande memoria, mas de talento superior e pronunciada vocação para a geometria e sciencias do calculo, que estudou, como Pascal, sem auxilio de mestre.

De todos os parochos do nosso paiz foi talvez o unico que terminantemente recusou entregar as pratas e alfaias da sua egreja, quando lhe foram exigidas em 1808 pelos francezes. Apresentou-se pessoalmente á commissão expoliadora que se achava em Guimarães, e assim o declarou perante ella, com imminente risco de ser passado pelas armas.

O venerando arcebispo D. Fr. Caetano Brandão o estimava muito.

Renunciou em seu sobrinho que segue:

—

3.º — O rev.º Bento José Alvares de Moura, natural da mesma povoação de Medeiros. Resignou a abbadia pelo meado d'este seculo e falleceu ainda ha poucos annos na cidade de Braga.

—

4.º — O dr. João Alvares de Moura, filho de Manuel Martins de Moura e de Maria Alvares de Moura; era sobrinho do antecedente e nasceu na mesma povoação de Medeiros, no dia 15 de novembro de 1805.

Estudou preparatorios no seminario de S. Caetano, em Braga; em 1826 tomou o gráu de bacharel na extincta faculdade de Canones, na Universidade de Coimbra — e na mesma concluiu a sua formatura em 1827.

Em 1828 recebeu no mesmo seminario de S. Caetano a ordem de sub-diacono, conferida pelo bispo de Carrhes, — e n'esse mesmo anno abriu banca de advogado em Braga.

Em 1829 foi nomeado desembargador honorario da relação primacial e desembargador ordinario em 1830, pouco depois de receber a ordem de presbytero.

Foi nomeado conego da sé de Coimbra em 1855, e depois conego da sé do Porto, onde era chantre, quando falleceu, no dia 24 de dezembro de 1880.

Exerceu mais os seguintes cargos: vigario geral de Moncorvo, procurador geral da mitra primacial de Braga, secretario do ex.^mo^ bispo-conde de Coimbra, D. Manuel Bento, e do ex.^mo^ sr. D. João da França Castro e Moura, bispo do Porto, e ultimamente provisor do em.^mo^ sr. Cardeal D. Americo, tam-

bem bispo do Porto, que muito o estimava e considerava, bem como o seu antecessor, D. João da França.

Foi tambem professor de sciencias ecclesiasticas nos seminarios de Coimbra e Porto e por vezes governador d'estas dioceses na ausencia dos prelados proprios.

Tambem exerceu no Porto, e *com grande credito*, a profissão de advogado.

Era uma intelligencia robusta, um caracter nobilissimo da maior integridade e exempção,—muito austero, muito virtuoso e caritativo e por consequencia muito respeitado e considerado por todos.

Deixou no cabido e clero portuense um vacuo difficil de preencher,—uma memoria immaculada, honrosissima!

Eram seus irmãos, como elle tambem muito virtuosos, os dous ecclesiasticos que se seguem:

—

5.º — O rev.º Antonio Alvares Martins de Moura, que foi reitor de S. Thiago de Ronfe [1] e falleceu em junho de 1876. Era muito estimado e respeitado pela sua prudencia, affabilidade e probidade.

—

6.º—D. Joaquim da Boa Morte Alvares de Moura.

Nasceu no dia 11 de janeiro de 1814 e foi conego regrante de Santa Cruz de Coimbra. Já depois d'extinctas as ordens religiosas no nosso paiz (1836) formou-se em Theologia pela Universidade de Coimbra, sendo premiado em 3 annos e não nos outros dous, por haver n'elles perdão d'acto.

Foi um prègador distincto em quanto teve forças, e é um ecclesiastico virtuoso e muito illustrado.

Não podendo esquecer o seu convento, tem sido incansavel em promover o culto e a veneração do seu patriarcha S. Theotonio, de quem é devotissimo.

Ao seu zelo apostolico se deve a *Associação espiritual* dos devotos de S. Theotonio, da qual fallaremos,—a creação dos differentes centros da mesma, — e a multiplicidade das imagens do dicto patriarcha, que nos ultimos annos foram expostas á veneração na provincia.

Fez reimprimir em 1855 na imprensa da Universidade a *Vida do admiravel Padre Santo Theotonio*, escripta por um seu discipulo anonymo, religioso do mosteiro de Santa Cruz, com additamentos do Padre D. Joaquim da Encarnação, tal como se publicou na primeira edição de 1764.

Em 1869 mandou imprimir no Porto, na typographia de Sebastião José Pereira, um folheto, cujo titulo é «Santo Theotonio conhecido e venerado, ou noticia compendiosa da vida, virtudes, beneficios, milagres e culto do primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra, obrigações e lucros da associação espiritual de seus devotos»—exercicios piedosos em honra de tão efficaz protector, com approvação do Ordinario do Porto.

Deu e distribuiu gratuitamente quasi todos os exemplares d'estas duas publicações.

—

Daremos agora uma breve noticia da *Associação dos devotos de S. Theotonio*, erecta na matriz d'esta parochia.

Em maio de 1862, com prévia auctorisação do Ordinario da archidiocese, collocou o sr. D. Fr. Joaquim da Boa Morte na egreja matriz d'esta parochia uma imagem de S. Theotonio, expondo-a ao culto e adoração dos fieis com grande festividade.

Fez-se por essa occasião um appello a todos os fieis para de futuro promoverem o culto do mesmo santo, e logo muito espontaneamente se inscreveram em grande numero, homens e mulheres.

Tomaram a iniciativa do convite os rev.os srs. D. Joaquim, Domingos Lopes Pereira e o digno abbade José Adão dos Santos Moura, os quaes, para melhor firmarem e regularisarem aquella tão auspiciosa devoção, requereram em 30 d'abril de 1863 ao ordi-

[1] Fernão Mendes Pinto nas suas *Peregrinações* diz que Salvador Ribeiro, o *Massinga*, era natural do *couto de Ronfe*, no concelho de Guimarães. A tradição local ainda ha pouco indicava na povoação das *Quintans*, pertencente áquella freguezia, e junto do rio Ave, o pequeno e obscuro edificio onde nasceu o nosso heroe.

Parte da dicta casa era coberta de colmo!...

nario da archidiocese, expondo-lhe o que se passava e pedindo-lhe se dignasse conceder que os fieis já alistados e que de futuro se alistassem como devotos de S. Theotonio, formassem uma *Associação*, meramente espiritual, e lhes concedesse algumas indulgencias com a condição de rezarem em louvor das 5 chagas do Salvador 5 Padre Nossos e 5 Ave Marias, sendo o 1.º pelas necessidades proprias e dos mais devotos, — o 2.º pelos seus conjunctos e por todos os attribulados,—o 3.º pelas necessidades da Santa Egreja e manutenção da fé catholica no reino de Portugal,—o 4.º pelas almas das obrigações de cada um—e o 5.º pelas almas do purgatorio, especialmente dos devotos de S. Theotonio.

Dignou-se s. ex.ª rev.ma deferir, em data de 16 de maio de 1863.

Em breve se alistaram milhares de fieis d'ambos os sexos na *Associação espiritual dos devotos de S. Theotonio*,—multiplicaram-se as suas imagens e obtiveram de s. ex.ª rev.ma nova auctorisação para em outras egrejas se formarem associações identicas [1].

N'esta devoção, como em outras já ántes existentes e approvadas pela nossa egreja, consideram-se todos os associados unidos espiritualmente e é mutua a participação nas orações, indulgencias e suffragios da communidade.

As vantagens de que gosam os associados de S. Theotonio são, em resumo, as seguintes:

1.ª — Participação especial dos exercicios que se fazem nos differentes centros (missa semanaria, festa annual, anniversario solemne pelos devotos fallecidos, etc.)

2.ª—Indulgencias concedidas pelo SS. Padre Pio IX no seu Breve *Gravissima mala* — de 4 de setembro de 1866,—a saber: indulgencia plenaria a todos os fieis que se inscreverem ,confessarem e commungarem; — indulgencia plenaria no artigo de morte aos verdadeiramente contrictos, etc.—indulgencia plenaria no dia 18 de fevereiro (festa de S. Theotonio) ou em qualquer dos sete dias seguintes, confessando-se, commungando, etc. — indulgencia plenaria no dia 2 de fevereiro, Purificação de Nossa Senhora, — na festa da Annunciação, a 25 de março,— na da Assumpção, a 15 d'agosto,—na da Natividade, a 8 de setembro, — na da Conceição, a 8 de dezembro,—e na de S. José, a 19 de março, postas as diligencias prescriptas.

Pódem ganhar muitas outras indulgencias, que não enumeramos, para não fatigarmos os leitores.

—

Ha tambem na matriz de S. Vicente da Chã a confraria do SS. Sacramento, desde tempos remotos, e as irmandades de Nossa Senhora do Rosario e das Almas.

Estas piedosas corporações têem concorrido sempre para a conservação e aceio da egreja matriz e para o esplendor das festividades que n'ella se celebram.

No anno de 1756 deram para o torreão 180$000 réis — e para os sinos, que são os melhores da comarca, 132$720 réis,—sommas consideraveis n'aquelle tempo.

—

Ainda com relação á familia *Moura* d'esta freguezia, nos cumpre mencionar o dr. Manuel Martins Alvares de Moura.

Nasceu no dia 18 de junho de 1825; em 1854 concluiu a sua formatura na faculdade de direito na Universidade de Coimbra; foi advogado na comarca de Montalegre; exerceu por differentes vezes os cargos de juiz de direito substituto, de presidente da camara e de administrador do concelho, e em 1861 foi eleito deputado pelo circulo de Montalegre, obtendo 1:099 votos e o seu antagonista apenas 636.

Falleceu, quasi repentinamente, em Montalegre, no dia 7 de janeiro de 1879.

Foi um magistrado incorruptivel, pae modelo, amigo sincero e muito illustrado.

Casou na freguezia de Covellões, e deixou

---

[1] Os centros até hoje (1884) estabelecidos com prévia auctorisação do ordinario são os seguintes:—S. Vicente da Chã, no concelho de Montalegre,—convento da Conceição, em Chaves,—egreja do antigo mosteiro de Santa Maria de Oliveira, no arcyprestado de Villa Nova de Famalicão, — S. Thiago de Ronfe, no arcyprestado de Guimarães,—e Santa Maria de Caires, no arcyprestado d'Amares.

sete filhos, sendo o mais velho José Joaquim Alvares Pereira de Moura, que nasceu no dia 5 de julho de 1863, em Covellões. Matriculou-se na faculdade de direito em outubro de 1878 e concluiu a sua formatura em julho de 1883.

Familia Gonçalves dos Santos

1.º — Fr. José da Assumpção, cujo nome do baptismo era *Custodio*, filho de Pedro Gonçalves, cirurgião, e de Domingas Gonçalves. Nasceu na povoação de Medeiros; foi baptisado em 5 d'outubro de 1704 — e professou na ordem carmelita.

2.º—Fr. Estevam, irmão do antecedente, nasceu na mesma povoação a 2 e foi baptisado a 3 d'agosto de 1709. Foi professo na mesma ordem.

3.º—Fr. João das Dores, parente d'aquelles dous religiosos, nasceu no dicto logar, á meia noute do dia 24 de dezembro de 1782; —professou na mesma ordem;— foi examinador synodal em Braga,— ultimo prior do convento carmelita da mesma cidade—e bispo eleito de Moçambique, pelo sr. D. Miguel, em 1833.

Fallecen em março de 1854.

4.º — O rev.º José Gonçalves dos Santos Moura, irmão do antecedente. Foi parocho collado n'esta freguezia de S. Vicente da Chã e tornou-se notavel pelo seu zelo em ensinar a doutrina christã aos seus freguezes.

Falleceu a 12 de março de 1820.

5.º — Bento Gonçalves dos Santos Moura, irmão dos ultimos nomeados, foi quartel mestre do batalhão de voluntarios realistas de Montalegre [1].

Instigado pelos drs. Antonio Corrêa de Sousa Botelho, juiz de direito d'esta comarca, e Francisco Antonio Barroso Pereira, advogado na mesma, e acompanhado pelo povo das freguezias da Chã, Viade e Negrões, fez em Montalegre, no dia 10 de maio de 1846, a revolução popular da *Patuleia* ou *Maria da Fonte*, queimando-se por essa occasião os impressos destinados á formação do cadastro predial. Em seguida, muito satisfeitos pela acção que acabavam de praticar, e muito tranquillos e socegados, recolheram-se todos á suas casas, sem precaução alguma; eis que no dia seguinte, ao nascer do sol, uma força d'infanteria 13 e de cavallaria 6, vinda de Chaves, cercou a casa do nosso heroe, que felizmente se evadiu, por ter sido avisado minutos antes. Tocaram logo a rebate os sinos da egreja matriz e as sinetas das differentes capellas da freguezia, o que determinou a dicta força a marchar apressadamente para a villa de Montalegre, onde poucas horas se demorou, pois vendo acercar-se da villa grande multidão de povo, retirou-se para Chaves, seguindo a estrada de Sarraquinhos e tendo de trocar alguns tiros na serra de Cepeda com paizanos d'esta freguezia que, sob o commando do respectivo regedor, se dirigiam para Montalegre.

N'aquelle recontro um soldado de cavallaria, chamado o *Poulas*, das Quintas, acutilou alguns populares, um dos quaes, poucos dias depois, falleceu dos graves ferimentos que recebeu na cabeça.

N'este mesmo dia 11 reuniu-se em Montalegre enorme quantidade de povo, homens e mulheres, — escalaram a alfandega e a administração do concelho, — queimaram muitos papeis importantes e causaram bastantes prejuizos.

No dia 16 do mez de junho do dicto anno, o nosso heroe, acompanhado pelos padres João Baptista Rosa, Antonio Teixeira, das Quintas, Antonio Alves, de Cepeda e mais de 300 homens de povoações visinhas, fez em Montalegre a acclamação do sr. D. Miguel e de tudo lavraram acta no livro das sessões da camara.

Conservaram-se ali até o dia 18 do dicto mez, em que dispersaram, apenas sentiram a approximação de tropa mandada de Chaves, correndo imminente risco de serem acutilados por um esquadrão de cavallaria.

---

[1] Os outros officiaes d'este batalhão foram os seguintes: capitão — João Gonçalves Teixeira, das Quintas, — tenente — Bento Gonçalves Rosa, de Codeçoso da Chã, — alferes — Vicente Alvares de Moura, de Gralhós — e capellão — P.e Venancio, de Outeiro.

Ainda assim ficaram feridos alguns populares que foram alcançados pela cavallaria no sitio chamado *Cancellos de Donões*, mas felizmente não morreu ninguem.

Era lhano, sincero e prestadio,—exerceu alguns cargos de eleição popular com honra e probidade—e falleceu em 1863.

—

Domingos Mendes Dias, por alcunha o *Manteigueiro*, fidalgo da casa real, nasceu na dicta povoação de Medeiros; fugiu furtivamente da casa paterna, sendo ainda rapaz, e foi ter a Lisboa onde começou a sua carreira exercendo o mister de aguadeiro; —depois foi marçano,—e por occasião do terramoto de 1755 já era negociante da praça de Lisboa.

Sendo já rico e nobre, foi muito bajulado pelo fidalgo de Villar de Perdizes, que lhe deu carta de parente com o intuito de ficar, como ficou, *seu herdeiro*.

Da copia do testamento com que falleceu, ha pouco encontrada entre papeis velhos, na casa de Domingos Marques Pereira, do dicto logar, [1] consta que o tal *manteigueiro, marçano* e *aguadeiro*, deixou a bagatella de *seis e meio milhões de cruzados* — ou *dous mil e seiscentos contos de réis*, — somma fabulosa n'aquelle tempo.

Ignora-se como adquiriu tão grande fortuna. Uns dizem que foi lanço feliz de rede por occasião do terramoto, — outros referem-n'a á expulsão dos jesuitas,—outros finalmente attribuem-n'a ao contrabando.

No palacio mandado fazer pelo opulento capitalista em Lisboa, na rua da *Horta Secca*, se alojou em 1807 o general francez Junot, pertencendo ao tempo o dicto palacete aos herdeiros do fidalgo de Villar de Perdizes.

Aquelle palacio foi vendido em 1860 ao visconde de Condeixa por trinta e tantos contos de réis, segundo nos informam.

—

Pedro Dias d'Abreu, natural da freguezia das Alturas, avô do padre Manuel Gonçalves Mendes (este natural de Medeiros) foi capitão de mar e guerra e morreu no dicto logar de Medeiros.

Diz a tradição que, vendo-se perdido no mar, invocou o auxilio de Nossa Senhora da Penha de França e que depois mandou fazer a imagem da mesma Senhora que ainda hoje (1884) se conserva na casa dos parentes d'elle.

Teve esta familia tres padres do mesmo nome, todos bastante instruidos:

1.º—Padre Manuel Dias d'Abreu, filho de Domingos Dias d'Abreu e de Domingas Ferreira. Ordenou-se pelos annos de 1730.

2.º — Padre Manoel Mendes Dias, filho de João Mendes e Helena Dias da Cruz. Ordenou-se pelos annos de 1760 e foi parocho encommendado em Sarraquinhos.

3.º—Padre Manuel Gonçalves Mendes, filho de Bento Dias e Joanna Gonçalves. Foi bom prégador e falleceu ha poucos annos.

—

Padre João Gonçalves, natural de Peireses e baptisado em 26 de junho de 1707, foi tambem prégador notavel.

—

Fr. João Affonso, natural da povoação da Castanheira, foi professo na ordem franciscana e d'elle se conserva apenas uma leve tradição.

—

João Gonçalves da Costa, natural da povoação de Torgueda, viveu pelos annos de 1740 a 1750 e foi condestavel de uma nau de guerra.

—

Candido Barroso, natural da mesma povoação e filho de paes extremamente pobres, foi preso para militar em 1840, — sentou praça de soldado raso em cavallaria 6 — e chegou a ser capitão da mesma arma.

Falleceu em Bragança, em 1882.

—

Manuel Dias do Couto, natural da mesma aldeia de Torgueda, foi fabricante e depois ensaiador e contraste d'ouro, no Porto, onde falleceu em 1867.

—

Vicente Manuel de Moura, natural da povoação da Castanheira, foi tambem fabrican-

---

[1] O *manteigueiro* era primo coirmão do bisavô de Anna Dias Leal, casada com o mencionado Domingos Marques Pereira.

te, ensaiador e contraste d'ouro, no Porto, onde vive, na sua casa do Campo dos Martyres da Patria, n.º 34, casado e com successão, possuindo uma fortuna que deve approximar-se de *oitenta contos de réis!...*

Parochos collados d'esta freguezia [1]

Vigarios

1.º—Francisco Mendes d'Araujo, natural de Braga. Foi parocho d'esta freguezia pelos annos de 1638 a 1664;—passou para a abbadia das Tarandeiras — e fez, elle proprio, a imagem do Santo Christo, tamanho natural, que ainda hoje se vê no altar das Almas.

2.º—Francisco Velloso Saraiva—de 1667 a 1677.

3.º—Cosme d'Amorim — de 1680 a 1693.

Reitores

1.º — Antonio de Mello,—de 1693 a 1695. Permutou com o seguinte, que havia estado sete annos e meio em Santa Eulalia de Rio Covo.

2.º — João Gonçalves Baptista, natural de Medeiros. Foi aqui parocho desde 1695 até 16 de janeiro de 1731, data em que falleceu.

3.º — Manuel de Magalhães e Silva, — de 1731 a 1733.

4.º—Manuel Gomes Barroso, — de 1740 a 1776. Permutou com o seguinte.

5.º—Manuel Alvares, natural de Cepeda, freguezia de Sarraquinhos, — de 1776 a...

6.º — José Gonçalves dos Santos Moura, natural de Medeiros, — de 18... a 12 de março de 1820.

7.º—Custodio Leite Pinto Saldanha, natural de Basto, — de 1820 a 23 de março de 1831.

8.º — Antonio Leite, natural tambem de Basto, — de julho de 1831 a 20 d'abril de 1839.

Abbades

1.º — José Adão dos Santos Moura, cujo nome de baptismo era *Adão*, filho natural do medico José dos Santos Dias e de Anna Moura; nasceu no logar do Cortiço, freguezia de Cervos, a 6 d'abril de 1814, e foi exposto na roda de Montalegre.

Entrou, como exposto, no seminario ou collegio dos Orphãos de S. Caetano da cidade de Braga, no dia 26 de novembro de 1826, e sahiu a 8 de julho de 1832, dia em que desembarcou no Mindello o sr. D. Pedro IV.

Foi um estudante distincto.

No dia 2 de junho de 1831 recebeu na egreja de Santa Christina da Ramalhosa, diocese de Tuy, as ordens menores, conferidas pelo bispo d'aquella diocese, D. Francisco Garcia Casarrubias y Melgar,—e recebeu as ordens sacras em Cidade Rodrigo, nos dias 16, 17 e 19 de março de 1839, conferidas por D. Pedro d'Alcantara Jimanez, bispo de Lima, governador *sede vacante* e bispo eleito de Cidade Rodrigo.

Em 25 d'abril de 1839 foi nomeado parocho encommendado d'esta freguezia de S. Vicente, e por decreto de 8 d'agosto do mesmo anno foi nomeado parocho da mesma freguezia, collando-se no dia 10 de janeiro de 1840.

Foi nomeado arcypreste do districto ecclesiastico de Montalegre, no dia 17 d'outubro de 1848, e foi-lhe dada a seu pedido a exoneração, em 18 d'agosto de 1874.

Em virtude de certas declarações feitas á hora da morte pelo mencionado D. Pedro

---

[1] Segundo deixou escripto o illustrado e benemerito reitor João Gonçalves Baptista, em 1709, os livros do registro parochial d'esta freguezia não passavam além de 1666, porque (diz elle) *era fama os queimára o inimigo.* Referia-se por certo ás invasões dos castelhanos na fronteira durante a guerra da restauração que se seguiu ao memoravel dia 1.º de dezembro de 1640, como refere o conde da Ericeira no seu *Portugal Restaurado*, parte 1.ª liv. 4.º pag. 275 a 281.

Diz a tradição que durante a mencionada guerra fôram incendiadas n'esta freguezia a residencia parochial,—umas casas junto do adro da matriz, lado norte,—e outras no caminho de Torgueda, cujas ruinas ainda se viam em 1856.

Em 1693 extraviou-se do archivo parochial d'esta freguezia o livro dos Capitulos das Vizitas.

d'Alcantara, bons theologos julgaram nullas as ordens por elle conferidas a muitos ordinandos portuguezes, pelo que houveram de as repetir, como repetiu o nosso biographado, em segredo e *sub conditione*, sendolhe conferidas em junho de 1854 pelo virtuoso, benemerito e muito illustrado bispo de Lamego, o sr. D. José de Moura Coutinho, [1] da nobre casa do Telhô, na freguezia d'Arnoia, concelho de Celorico de Basto. D'esta nobilissima casa e d'este venerando prelado se fallou no artigo *Telhô*.

—

José Adão dos Santos Moura foi tambem professor particular de latim em Montalegre, desde outubro de 1835 até maio de 1839, e varios annos na sua residencia parochial de S. Vicente.

Foi seu discipulo o ex.^mo^ sr. Antonio José de Barros e Sá, nascido em Montalegre a 14 de julho de 1822. É actualmente juiz relator militar, conselheiro de estado, ministro de estado honorario, par do reino, etc.

Collaborou no *Panorama, Revista Universal Lisbonense, Archivo Pittoresco* e *Almanach Luso-Brazileiro*—e foi correspondente de varios jornaes politicos,—*Moderado, Bracharense, Commercio do Minho, Nacional, Jornal do Porto*, etc.

Deu a Innocencio Francisco da Silva, de quem era amigo, apontamentos e informações para o seu *Diccionario Bibliographico*, — fez parte de todas as commissões de beneficencia e melhoramentos publicos que no seu tempo se organisaram na comarca de Montalegre e, quando se tractava de dirigir ás auctoridades locaes ou aos poderes publicos representações, era elle encarregado de as escrever.

Foi um parocho de costumes irreprehensiveis, muito zeloso no cumprimento dos seus deveres, e á sua iniciativa se devem grandes melhoramentos feitos na egreja matriz e em differentes capellas da freguezia.

Foi tambem um arcypreste muito digno e muito considerado e estimado pelos seus superiores.

Vindo de tomar banhos na Povoa de Varzim, falleceu em Reigoso, no dia 3 d'outubro de 1874, e jaz na capella-mór da sua egreja de S. Vicente da Chã.

Nasceu pobre e pobre morreu, pois era muito caritativo.

—

2.º—Manuel Gonçalves, natural da povoação do *Antigo*, freguezia de Sarraquinhos. É o parocho actual.

Collou-se n'esta egreja no dia 28 de setembro de 1877, tendo sido parocho em Ardões, no concelho de Boticas, onde se collou no dia 24 de maio de 1858.

Foi agraciado com o gráu de cavalleiro da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, mas recusou a mercê.

É um parocho muito digno e prégador afamado.

—

Atravessa esta freguezia de N.E. a S.O. o rio Regavão que aqui recebe como tributa-

[1] O sr. D. José de Moura Coutinho era um prelado muito bondoso e muito trabalhador. Estava sempre prompto para conferir ordens em todas as temporas e mesmo *extra tempora*, e, condoído dos padres portuguezes que receberam do sr. D. Pedro d'Alcantara ordens, que foram julgadas nullas, de bom grado se prestou a conferil-as ou repetil-as *sub conditione* ao nosso biographado e a muitos outros.

Durante o seu longo episcopado conferiu ordens a *milhares* de ordinandos da sua diocese e de dioceses extranhas, sendo um d'elles o humilde auctor d'estas linhas (em 1857).

Tambem devemos a s. ex.ª rev.^ma^—*além d'outras muitas finesas*— a de nos nomear professor d'Instituições Canonicas e de Historia Ecclesiastica, Examinador Synodal e Vigario Geral interino, e de nos collar na abbadia de Tavora, concelho de Taboaço, n'aquella diocese, onde estivemos desde 1861 até 1864, data em que nos transferimos para esta abbadia de S. Pedro de Miragaya, no Porto.

Para a nossa obscura biographia pódem lêr-se n'este diccionario e no *supplemento* os artigos *Penajoia*, freguezia, onde nascemos (em 14 de novembro de 1832!...) e *Curvaceira*, povoação d'aquella freguezia.

Pedro Augusto Ferreira.

rios os ribeiros Ferronho, Sabugueiro, Cancellos e o riacho da Castanheira.

Réga, móe e cria peixe miudo.

A leste da povoação de Firvidas nasce o riacho de Avessó que, tendo corrido 4 kilometros na direcção de N. a S. vae entrar no rio Beça junto do logar do Cortiço.

Rêga, móe, e cria tambem peixe miúdo.

Ao norte e parallelo a este riacho corre, desde Firvidas até ás Pias e Veiga de Morgade, um pequeno outeiro, em que se vêem varias escavações e movimentos de terra, vestigios claros d'antiga exploração de minas d'ouro, segundo a tradição local. N'estes sitios abundam seixos, quartzo e crystal de rocha.

—

Agradeço mais uma vez ao meu illustrado collega, o rev.[mo] sr. José dos Santos Moura, abbade de Caires, os interessantes apontamentos que se dignou mandar-me para a descripção d'esta freguezia, que, por seu turno, a s. ex.ª deve tambem agradecer o logar honroso que occupa n'este diccionario.

Se não fôra s. ex.ª era-me impossivel organisar artigo tão longo, tão interessante e tão variado, porque todas as nossas chorographias, publicadas até hoje, pouco, muito pouco dizem d'esta importante parochia e nós não a conheciamos, posto que já cruzámos a provincia de Traz-os-Montes desde a Regoa até Verim, por Lobrigos, Santa Martha de Penaguião, Cumieira, Villa Real, Villa Pouca d'Aguiar, Pedras-Salgadas, Vidago e Chaves;—de Chaves até Bragança por Carrazedo de Montenegro, Jou, Franco, Lamas d'Orelhão, Passos, Mirandella, Cortiços, Macedo de Cavalleiros e Santa Comba de Roças; — e de Mirandella outra vez até á Regoa por Villa Flor, Villariça, Moncorvo, foz do Sabor, Tua e Pinhão.

Tambem já estivemos em Sabrosa, Favaios, Alijó, Donello e em quasi todas as povoações dos concelhos da Regoa e de Mezão-frio.

Não nos é pois extranha a maior parte da provincia de Traz-os-Montes, — bem como das outras provincias do nosso paiz.

De todas as nossas cidades apenas nos resta visitar Miranda, Castello Branco e Covilhã.

VICENTE DE FÓRA (S.) — freguezia de Lisboa, bairro oriental, tendo annexas as freguezias de S. Thomé e S. Salvador.

Vide *Lisboa,* tomo IV pag. 102 e seg. — pag. 247, col. 2.ª — pag. 292, col. 2.ª — pag. 384, col. 2.ª e seg.—e *S. Vicente de Fóra.*

Data de 21 de novembro de 1147 a fundação da matriz d'esta parochia.

Foi lançada com grande pompa a pedra fundamental pelo nosso primeiro rei D. Affonso Henriques, 30 dias depois da conquista de Lisboa, e, quando no tempo de Philippe II d'Hespanha, se reconstruiu esta egreja e o seu mosteiro, encontrou-se a dicta pedra com uma inscripção latina que em vulgar dizia o seguinte:

ESTA IGREJA FUNDOU
EL REI D. AFFONSO I DE PORTUGAL,
Á HONRA DA BEM AVENTURADA
SEMPRE VIRGEM MARIA, E DE
S. VICENTE MARTYR, EM 21
DE NOVEMBRO DE 1147

Teve pois esta egreja a invocação de Santa Maria e S. Vicente, — depois prevaleceu a de S. Vicente — e mais tarde se denominou e denomina ainda hoje S. Vicente *de Fóra*, para se distinguir das egrejas em que se veneravam as reliquias do mesmo Santo e Martyr, que em 1173 foram trasladadas do Cabo de S. Vicente para Lisboa.

Estiveram primeiramente na egreja de Santa Justa e Rufina, e, como esta egreja fosse completamente destruida pelo terramoto de 1755, fez-se-lhes egreja propria na rua dos Fanqueiros, tambem já demolida e convertida em casa particular, — sendo por ultimo transferidas para a sé, onde se conservam em uma arca de prata.

Assim como no Porto ha duas imagens de S. Vicente, alvo de grande veneração e devoção,—uma na egreja de S. Nicolau, outra na Sé, — pelo que os devotos as distinguem denominando-as S. Vicente *da Sé* e S. Vicente *de S. Nicolau,* assim em Lisboa, depois que na cidade se collocaram e exposeram ao culto as reliquias de S. Vicente, tor-

nando-se desde logo tão veneradas que aquelle santo e martyr foi sem perda de tempo proclamado padroeiro de Lisboa, o povo, para indicar a egreja dos conegos regrantes, que já existia com a mesma invocação, lhe addicionou muito naturalmente o titulo de S. Vicente *de Fóra*, isto é—de *fóra* de portas ou *extra-muros*, pois effectivamente D. Affonso Henriques erigiu este templo e o mosteiro dos frades cruzios no arrabalde ou *fóra* dos velhos muros, no sitio onde teve o seu arraial, quando sitiou Lisboa, até que a tomou aos mouros, e onde erigira uma capella a Nossa Senhora e uma enfermaria.

A egreja e parte do mosteiro occupam o chão que D. Affonso mandou benzer e que foi o cemiterio onde se enterraram os soldados christãos que pereceram no assedio.

Data pois de 1147 a egreja de S. Vicente de Fóra; e esta parochia é das mais antigas de Lisboa, pois já existia em 1551, data em que, segundo diz João Baptista de Castro, foram resolvidas certas duvidas sobre jurisdicção entre a mitra e os conegos regrantes; —e o *Summario* de C. R. d'Oliveira a menciona e próva que já existia antes de 1551, comprehendendo 1711 habitantes.

—

É isto o que se lê na *Chorographia Moderna* do sr. João Maria Baptista; mas a *Chronica dos Conegos Regrantes* (Parte II, Liv. 8.º cap. 8.º pag. 128-129) adianta mais.

Diz ella que, tendo D. Pelayo, 3.º prior d'este mosteiro, obtido de D. Alvaro, ao tempo bispo de Lisboa, reconhecimento da isempção do seu convento e da sua egreja, *como os creára D. Affonso Henriques*, d'accordo com o 1.º bispo de Lisboa, D. Gilberto [1], pedira confirmação ao papa Lucio III e este lh'a concedeu em bulla com data do anno de 1184. Passados porém quatro annos (1188) D. Sueiro, bispo de Lisboa, successor de D. Alvaro, demandou o mesmo D. prior por causa dos dizimos e mortuarios;—elegeram arbitro a D. Martinho, bispo de Coimbra, e este os compoz no anno de 1189, sendo em seguida confirmada a composição pelo papa Clemente III em bulla datada de 1190, «em que não só confirma a dita composição (diz textualmente a *Chronica*) mas declara tambem ser o Mosteyro de S. Vicente *com a sua Parrochia* isento de toda a jurisdicção Episcopal.»

Vê-se pois que esta parochia, se não foi creada com a primitiva egreja de S. Vicente, já existia antes de 1190.

—

Foi curato com quatro capellães, todos apresentados pelos conegos regrantes.

Em 1708 comprehendia esta parochia o Adro da Egreja, o Arco de S. Vicente, a Cruz do Mau, o Marco Salgado, a Alfugeira, a Cruz de Santa Helena, o Outeiro da Madeira, as ruas de S. Vicente, do Loureiro, do Tijolo e das Escolas Geraes, a travessa das Bruxas e o becco dos Biguinos.

O padre Carvalho na sua Chorographia deu-lhe 400 fogos,—J. A. d'Almeida 548,—e João Baptista de Castro 544, antes do terramoto de 1755, e depois do terramoto 494, em 1763, ou decorridos oito annos.

Pelo recenseamento de 1878 esta freguezia com as duas annexas comprehendia 1:478 fogos e 5:578 habitantes (incluindo os ausentes)—sendo 2:854 do sexo masculino e 2:724 do sexo feminino. D'estes 5:578 habitantes 95 contavam 70 a 80 annos de idade; —27 contavam 80 a 90 annos;—1 mais de 95,—e 3 eram de idade desconhecida. Sabiam apenas lêr 152 homens e 116 mulheres;—sabiam lêr e escrever 1:103 homens e 741 mulheres,—e não sabiam lêr nem escrever ou eram completamente analphabetos, 1521 homens e 1832 mulheres.

—

O sumptuoso edificio de S. Vicente de Fóra está situado a pouca distancia para S.E. do monte da Graça, em uma pequena chã, quasi a meia encosta e 1/2 kilometro de distancia da margem direita do Tejo, para N.O. em descida aspera;—1/2 kilometro a E. do Castello de S. Jorge,—e 1 kilometro a E.N.E. da praça do Commercio.

Achando-se em ruinas o convento em 1582, foi completamente reedificado por Philippe II de Hespanha, e se empregou nas obras a cantaria de uma igreja começada a

---

[1] Chronica citada, parte II, liv. 8.º cap. 3.º pag. 115.

construir por el-rei D. Sebastião em 1571, junto do Terreiro do Paço, e que tencionava dedicar ao santo do seu nome, como provam as flechas com que se marcava a cantaria e que ainda hoje (1884) se vêem em varias pedras do friso da cimalha real do dicto convento.

O frontespicio da igreja é dos melhores de Lisboa, mas o acanhado terreiro em que se acha situada lhe prejudica o realce.

Tem uma boa escadaria para o seu ingresso, tres porticos soberbos e sete colossaes estatuas de marmore.

O seu interior corresponde ao exterior. É de uma só nave e todo decorado de finos marmores de diversas côres.

As capellas do corpo da egreja são fundas e com pouca luz; as do cruzeiro mais claras, — e todas de marmore com alguns mosaicos preciosos.

Na capella do cruzeiro, da parte do evangelho, se venera a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Enfermaria, a mesma que o nosso primeiro rei trazia nas suas campanhas.

A magestosa cupula, que se elevava sobre o cruzeiro, arruinou-se com o grande terramoto de 1755 e foi substituida por outra de mesquinha construcção, que desdiz da grandeza e magestade do edificio.

A capella-mór é imponente e toda de finos marmores tambem, desde o pavimento até á cupula, que é de abobada de marmore, bem trabalhado, como o tecto de todo o vasto templo, no estylo do tecto da ampla sachristia do Convento de Santa Cruz de Coimbra, tambem da mesma ordem dos conegos regrantes.

A proposito:

Dizem os cicerones do convento de Coimbra que visitando-o certo rei nosso e achando-se na sachristia, perguntára ao seu D. Prior:

— Onde está o templo correspondente a esta sachristia?

— Em S. Vicente de Fóra,—respondeu o D. Prior.

— Adivinhaste,—accrescentou o rei, mostrando-se plenamente satisfeito com a resposta.

Em verdade o tecto da sachristia do convento de Santa Cruz de Coimbra é todo em pequenos quadrados com almofadas e diverge muito do tecto da igreja, que é não menos magestoso, mas em aduelas com laçaria, emquanto que o tecto da igreja de S. Vicente é ornamentado á similhança do tecto da mencionada sachristia de Coimbra.

—

O altar-mór d'esta igreja de S. Vicente está sob um elegante baldaquino ao modo das bazilicas de Roma.

É uma bella obra de madeira, delineada e dirigida por Joaquim Machado de Castro; — e são de discipulos seus, artistas nacionaes, as bellas estatuas da mesma capella-mór.

Nas paredes lateraes da dicta capella abrem-se duas amplas tribunas para a familia real.

O côro, que fica detraz do altar-mór, é espaçoso e o seu orgão magnifico.

Pela parte detraz do côro está o jazigo ou *pantheon* dos reis da dynastia de Bragança, cuja entrada é pelo claustro.

«É uma casa espaçosa, muito decente e apropriada ao seu fim» — segundo se lê na *Chorographia Moderna*, que vamos extractando; mas (perdoe-nos o seu illustrado auctor, o sr. João Maria Baptista) nós já visitámos o dicto *pantheon* e não podemos deixar de dizer que é *uma casa indecente e impropria para tal fim*, — uma vergonha, uma miseria para Portugal.

Reduz-se a uma *loja* quadrilonga de paredes nuas e lisas, sem ornamentação de qualidade alguma, tendo ao fundo, logo á entrada, um mausoleu, que é o unico, pertencente a D. João IV (se bem nos recordamos)— obra vulgarissima, inferior a *muitos* que se vêem nos cemiterios de Lisboa, pertencentes a pessoas particulares;—e ao longo das paredes lateraes se ergue um simples degrau de pedra com 1m,25 d'altura e largura, approximadamente, sobre o qual repousam a esmo, *como fardos de mercadorias em transito*, os differentes caixões com os restos mortaes dos nossos reis, — caixões muito defumados, muito empoeirados e mui-

to despresados, — revelando tudo aquillo uma pobreza verdadeiramente franciscana!

E entra-se para aquelle *pantheon*, que é a antithese de todos os *pantheons*, por um corredor estreito e escuro, que mais contrista e confrange a alma.

Com o que se dispenderia hoje para se fazerem só os dous mauzoleos, em que repousam no mosteiro da Batalha D. Pedro I e D. Ignez de Castro, podia fazer-se uma duzia de *pantheons*, como aquelle, em que repousam todos os nossos reis, rainhas, principes e infantes da dynastia de Bragança [1], — incluindo o chorado rei D. Pedro V e sua santa mulher, a rainha D. Estephania,—irmão e cunhada de S. M. el-rei o sr. D. Luiz, — bem como sua virtuosa mãe, a sr.ª D. Maria II.

E menos decente ainda era o antigo jazigo real, jazigo dos patriarchas de Lisboa, na actualidade.

Deve-se aquelle melhoramento a S. M. o sr. D. Fernando, sendo regente na menoridade do sr. D. Pedro V, de saudosissima recordação.

Fazemos votos porque em praso breve os nossos governos acordem e substituam aquelle mesquinho *pantheon* por outro em tudo digno das venerandas reliquias que encerra, aproveitando-se o convento dos Jeronymos ou o da Batalha.

—

Sob as abobadas d'esta igreja de S. Vicente repousam tambem as cinzas do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, trasladadas do convento do Carmo, havendo-se destruido totalmente com o terramoto de 1755 o soberbo mausoleu que as continha.

Os seus dous claustros são magestosos e em volta d'elles estão as salas onde outr'ora os conegos regrantes regiam cadeiras de varias disciplinas; e em uma capella d'estes claustros se vêem dous tumulos de marmore onde repousam os filhos legitimados d'el-rei D. João V, bem conhecidos pelo nome popular de *meninos de Palhavã*.

[1] Pódem vêr-se os nomes de todos no artigo *S. Vicente de Fóra*, vol. IX, pag. 46, col. 1.ª

Divide estes dous claustros a sachristia que se edificava ao tempo em que o padre Carvalho publicou o 3.º volume da sua *Chorographia* (1712). «A sachristia nova (disse elle) será brevemente o *non plus ultra* das obras, pois toda vai de embutidos de pedras de varias côres.»

É effectivamente primorosa e muito digna de ser visitada.

«Tem dous claustros (continua o mesmo auctor) com huma portaria tão régia que bem mostra que n'ella se empenhou a arte pelo vistoso da pintura e perspectiva da obra.»

O tecto d'esta portaria foi pintado a oleo pelo insigne pintor italiano Baccarelli e, segundo a opinião d'um professor da arte, era uma das melhores pinturas que existiram em Lisboa, n'aquelle genero; mas infelizmente perdeu todo o seu brilho com as mãos de cal que uns barbaros lhe deram, quando os conegos regrantes foram transferidos para Mafra, e com os trabalhos da restauração, a que os mesmos procederam depois.

—

Antes da suppressão das ordens religiosas em 1834, foi esta egreja entregue á patriarchal, e por isso, segundo se lê na *Chorographia Moderna*, que vamos extractando, ainda ali se conservam todos os vasos sagrados, alfaias, paramentos e mais objectos preciosos que foram dos conegos regrantes e que são muito dignos de se ver e apreciar.

—

O edificio do convento é hoje habitação dos patriarchas de Lisboa, e n'elle se acham montadas a camara ecclesiastica e outras repartições e officinas do patriarchado, sobrando ainda um vão immenso.

É um paço enorme com amplas e surprehendentes vistas sobre o Tejo, sobre Lisboa e seus arrabaldes e principalmente sobre a margem sul do formoso rio; mas infelizmente as rendas dos nossos patriarchas hoje não correspondem á vastidão do seu paço, pelo que este, o seu terreiro, cerca, jardins e mais dependencias causam dó pela falta d'aceio e mesmo de limpeza que se nota em tudo.

O paço de S. Vicente era digno dos nossos patriarchas, se ainda tivessem as rendas que lhes assignou D. João V; mas essas rendas foram muito cerceadas e reduzidas a um terço talvez. A vastidão do seu paço é pois uma irrisão, uma affronta para S.S. Em.ª"

Rendas muito superiores têem hoje os bispos do Porto e os arcebispos de Braga e Evora, sem serem obrigados a tantas despezas, como os nossos cardeaes patriarchas, pela altissima posição que estes principes da egreja occupam na gerarchia ecclesiastica e por *terem de viver em Lisboa*, em contacto com a côrte, com o Nuncio, com o corpo diplomatico e com os nossos ministros.

Tem o paço de S. Vicente boas salas e em uma d'ellas 12 formosos quadros a oleo, representando o apostolado.

A livraria, que era a mesma do convento, continha cerca de 12:000 volumes.

A quinta e jardins, delicioso recreio no tempo dos frades, estão hoje em grande abandono e apenas revelam o antigo esplendor nas ruinas das suas cascatas, dos seus lagos, das suas estatuas, dos seus viveiros, etc.

—

Pertencia ao districto d'esta parochia de S. Vicente o mosteiro das Monicas, assim denominado por ser de religiosas da ordem de Santo Agostinho com a invocação de Santa Monica, fundado em 1586 e extincto approximadamente em 1870 pela morte da ultima freira professa.

Ali se estabeleceu uma casa de correcção para rapazes vadios. Na egreja, que é pequena e sem coisa alguma notavel em architectura ou adorno, ainda se conserva o culto divino.

A egreja de S. Vicente de Fóra tem sido por differentes vezes a séde patriarchal; a ultima foi de 1860 a 1864, durante as obras que se fizeram na Sé.

—

Em 1837 se annexaram a esta de S. Vicente as duas freguezias do Salvador e S. Thomé, como já se disse no artigo *Lisboa*, tomo IV pag. 222, col. 2.ª

A freguezia do Salvador era uma das mais antigas de Lisboa, pois no anno de 1391 obteve D. João Esteves d'Azambuja, 2.º arcebispo de Lisboa, o padroado d'esta egreja para si e seus descendentes collateraes;—e, segundo diz J. B. de Castro, tambem consta que o mesmo arcebispo a constituiu priorado com beneficiados; mas C. R. d'Oliveira no seu *Summario* a menciona como vigairaria com thesoureiro, 2 capellães e 782 habitantes.

Em 1708 comprehendia o Adro da Egreja, Castello Picão, Regueira, rua do Loureiro, dous beccos e alguns freguezes na Porta do Sol.

O padre Carvalho assigna-lhe 200 fogos; — J. A. d'Almeida 660 (incluindo a de S. Thomé);—e J. B. de Castro 266 fogos antes do terramoto de 1755,—e 196 depois do terramoto (1763).

—

Na pendente do castello, sobre a margem do rio, foi achado em tempos remotos, entre silvas e arvores agrestes, um crucifixo, e no mesmo local se lhe erigiu uma ermida com a invocação do *Salvador da Matta*. Algumas mulheres devotas fundaram junto d'ella uma especie de recolhimento, que depois teve existencia legal,—e n'este meio tempo a ermida foi arvorada em parochia com a mesma invocação do Salvador, ignorando-se a data.

Em 1392 passou o dito recolhimento a ser mosteiro da ordem de S. Domingos, fundação de João Esteves, o *Privado*, alcaidemór de Lisboa, irmão do referido arcebispo D. João Esteves d'Azambuja e ascendente dos condes dos Arcos, posto que estes hoje usem o appellido de Noronhas, os quaes têem ainda defronte da egreja o seu palacio.

Depois da annexação da freguezia á de S. Vicente, ficou a igreja pertencendo ao mosteiro.

O templo é espaçoso, mas nada tem de notavel em architectura ou decorações.

A porta é voltada ao sul, tendo na frente o largo do Salvador, no principio do bairro d'Alfama, vindo do Arco de Santo André.

—

A freguezia de S. Thomé tambem foi uma das primeiras de Lisboa, pois já em 1320 D.-

Diniz e a rainha Santa Isabel a doaram ao mosteiro d'Alcobaça; — depois passou para a Universidade — e por ultimo para o ordinario.

No *Summario* de C. R. d'Oliveira vem mencionada com 887 habitantes;—Carvalho a denomina S. Thomé *do Penedo*, por estar sobre uma rocha;—era priorado com 5 beneficiados e comprehendia as ruas da Porta do Sol, das Escolas Geraes, dos Cegos, de Santo André até á portaria do Salvador, e varios beccos.

O padre Carvalho deu-lhe 220 fogos;—J. A. d'Almeida 660 (comprehendendo a do Salvador)—e J. B. de Castro 275 fogos, antes do terramoto de 1755,—e 250 depois do terramoto (1763).

—

Depois da annexação d'esta freguezia á de S. Vicente, foi demolida a igreja. Estava ella em um pequeno terreiro, pouco adeante da Porta do Sol, indo de Santa Luzia para a Graça ou S. Vicente, e d'ella não restam vestigios; mas, pelo espaço que occupava, se vê que devia ser, e effectivamente era, muito pequena. *D'isso tenho bem certa lembrança* — diz o sr. J. M. Baptista na sua *Chorographia Moderna.*

No districto d'esta freguezia estava a egreja do Menino Deus, recolhimento e hospital de *Mantelatas* (pertencente á ordem terceira de S. Francisco de Xabregas) que se fundou em umas casas de João Antonio d'Alcaçovas, filho de Gonçalo da Costa de Menezes e de D. Antonia Theodora Manoel de Moura, o qual as vendeu á dita ordem.

A imagem do menino Jesus, bem conhecida em Lisboa com o titulo de *Menino Deus*, foi dada á referida ordem pela madre Cecilia de Jesus, do mosteiro da Madre de Deus.

O templo é fundação de D. João V e data de 1711.

Soffreu muito com o terramoto e depois com um grande incendio.

Hoje algumas reparações lhe tem feito a irmandade do Menino Deus, á qual foi legalmente entregue, e rende o devido culto á milagrosa imagem, fazendo-lhe todos os annos esplendida festa pelo Natal.

O templo é grandioso, de figura orbicular, e a capella-mór muito proporcionada e elegante, com um decente camarim.

Está situado em uma pequena elevação, junto do Arco de Santo André, á direita, indo do Rocio.

—

Em 1668, data em que D. Fr. Nicolau de Santa Maria publicou a 2.ª parte da *Chronica dos Conegos Regrantes*, tinham elles em Portugal 20 conventos que, pela ordem da sua precedencia [1], eram os seguintes:

1.º—O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, cabeça de toda a congregação, reformado no anno de 1527.

2.º — Mosteiro de S. Vicente de Fóra, reformado em 1537.

3.º—O Collegio de Santo Agostinho (dentro do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra) reformado em 1538.

4.º—O mosteiro de S. Salvador de Grijó, reformado em 1539.

5.º—O mosteiro da Serra do Pilar, reformado em 1542.

6.º—O mosteiro de S. Salvador de Moreira, reformado em julho de 1563.

7.º — O mosteiro de Nandim, reformado em agosto de 1563.

8.º — O mosteiro de Santa Maria de Refoios de Lima, reformado em 1564.

9.º—O mosteiro de S. Jorge de Coimbra, unido e reformado em 1568.

10.º — O mosteiro de S. Salvador de Paderne, reformado em 2 de fevereiro de 1595.

11.º — O mosteiro de Villa Nova de Muhia, reformado em 8 de fevereiro de 1595. (Vide *Muhia* e *Villa Nova de Muhia.*)

12.º—O mosteiro de S. Simão da Junqueira, reformado em 12 de fevereiro de 1595.

13.º — O mosteiro de Santo Estevam de Villela, reformado em 16 de fevereiro de 1595. (Vide *Villela* — freguezia do concelho de Paredes).

---

[1] As *Constituições* da Congregação dos Conegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, approvadas por Paulo V em 15 d'abril de 1615, mandavam que a precedencia dos mosteiros pertencentes á dita congregação, se regulasse não pela data em que foram erectos, mas pela data em que se reformaram e uniram á congregação.

14.º—O mosteiro de S. Martinho de Caramos, reformado em 10 de março de 1595.

15.º—O mosteiro de S. Pedro de Folques, reformado em 24 de março de 1595.

16.º—O mosteiro de Santa Maria de Oliveira, unido e reformado em 1599.

17.º —O mosteiro de Villa Boa do Bispo, reformado em 1605. (Vide Villa Boa do Bispo).

18.º—O mosteiro de S. Miguel de Villarinho, unido e reformado em 1610.

19.º—O mosteiro de S. Martinho do Castro, unido e reformado em 1615.

20.º—O mosteiro de S. Theotonio de Vianna do Castello, fundado em 1630. (Vide *Vianna do Castello*).

Quantos milhares de contos não representavam hoje estes 20 mosteiros, se ainda existissem e se conservassem no seu estado de florescencia?!... E sommas muito superiores representavam todos os outros conventos de frades e freiras, que tivemos em Portugal e seus dominios.

—

Era pois o mosteiro de S. Vicente o 2.º da congregação na precedencia, bem como na antiguidade, nas rendas e na consideração de que sempre gosou por todos os titulos e por se achar em contacto com a côrte.

Entre muitas pessoas notaveis que este importante mosteiro produziu, mencionaremos as seguintes:

D. Ayres Vasques, bispo de Lisboa, natural de Orense, na Galliza, e irmão de Fernão Hermiges, que casou em Lisboa com D. Maria Paes, herdeira do vinculo e albergaria de *Paio Delgado*.

Professou em S. Vicente em 1215; cursou as aulas do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; succedeu ao bispo de Lisboa D. João I, fallecido em 1241; assistiu ao concilio de Leão; convocou synodo em Lisboa e deu *Constituições* ao seu bispado; acompanhou D. Affonso III na conquista do Algarve, distinguindo-se como valente e muito intelligente capitão na tomada de Faro, Albufeira e Loulé; sagrou com o bispo de Coimbra D. Egas a igreja do mosteiro d'Alcobaça;—assistiu ás côrtes que D. Affonso III convocou em Leiria no anno de 1254; renunciou o seu bispado, por se vêr decrepito, e falleceu 4 annos depois, no dia 6 d'outubro de 1258.

—

D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, arcebispo de Lisboa, foi tambem conego e prior n'este mosteiro de S. Vicente.

Era filho do primeiro conde de Penella, D. Affonso de Vasconcellos e Menezes, e de sua mulher D. Isabel da Silva, filha do primeiro conde d'Abrantes, D. Lopo d'Almeida;—foi discipulo do grande theologo D. Diogo Ortiz Vilhegas, tambem prior de S. Vicente;—deão e depois capellão-mór da capella real;—D. prior d'este mosteiro de S. Vicente, succedendo ao mencionado D. Diogo Ortiz, quando este foi nomeado Bispo de Vizeu. Foi tambem bispo de Lamego,—e por ultimo arcebispo de Lisboa. Não querendo aceitar para residencia os paços episcopaes, conservou-se sempre no seu mosteiro, nas casas do prior-mór com serventia para a rua, pela porta que dá para o campo de Santa Clara, e que tomou o nome de *postigo do Arcebispo*.

Zelou muito os interesses do seu mosteiro; ganhou mais de 40 sentenças reivindicando bens que andavam sonegados, e obteve d'el-rei D. Manuel um alvará, depois confirmado por el-rei D. João III, em 1538, concedendo a este mosteiro todos os annos certa quantidade de pimenta, cravo, incenso e canella.

Sendo ainda Bispo-capellão-mór, assistiu ao juramento e coroação d'El-Rei D. João III e, estando o mesmo rei nos paços d'Almeirim, lançou o capello de cardeal ao infante D. Affonso, filho d'el-rei D. Manuel. Foi o dito infante arcebispo de Lisboa e, fallecendo em 12 d'abril de 1540, lhe succedeu D. Fernando, que ao tempo era bispo de Lamego, e logo confirmou a doação que o infante e cardeal, seu antecessor, havia feito ao convento de S. Vicente, para as obras d'elle, das esmolas da caixa de S. Vicente da Sé.

Fez na sua cathedral muitas obras,—as cadeiras do côro de baixo e de cima, as grades de bronze da capella-mór, os orgãos grandes e pequenos, etc. e a dotou com ricas alfaias.

Falleceu no dia 7 de janeiro de 1564.

—

Foram tambem conegos regrantes e priores d'este mosteiro, D. Nicolau e D. Diogo Ortiz, já mencionado, bispos de Vizeu. D'estes venerandos prelados fallaremos mais detidamente no artigo *Vizeu.*

—

D. Nuno d'Aguiar, primeiro bispo de Tanger, tambem foi conego e prior d'este mosteiro de S. Vicente.

Por fallecimento do prior D. João Gil, em 1463, o papa Pio II deu o priorado d'este mosteiro em commenda [1] ao seu Cardeal D. Rodrigo. O nosso rei D. Affonso V levou muito a mal a doação e escreveu ao papa fazendo-lhe ver que o mosteiro e a igreja de S. Vicente de Fóra eram, desde a sua fundação, padroado real, isentos de toda a jurisdicção ecclesiastica, e que por isso os papas não podiam dispôr d'elles e dal-os *em commenda.*

Era papa Pio II, que falleceu antes de chegarem a Roma as cartas do nosso rei, mas, sendo em seguida eleito Paulo II, este, deferindo, fez com que o cardeal D. Rodrigo traspassasse em subdito portuguez, com reserva de certa penção, o *direito que tinha*(?..) ao priorado.

Achando-se ao tempo em Roma D. Nuno, abbade do convento de Santa Maria d'Aguiar da Beira, da ordem de Cister, varão de grandes lettras, o cardeal renunciou n'elle; mas, apresentando-se em S. Vicente para tomar posse, os conegos o não receberam, por ser d'outra ordem, e mandaram um commissionado a Roma com cartas d'el-rei D. Affonso para o papa Paulo II, que por um breve mandou dar posse ao dito D. Nuno, com a condição de que tomaria o habito de conego regrante e se conformaria com a regra e constituições da nova ordem, o que tudo se cumpriu, tomando posse no fim do anno de 1466.

Fixou a sua residencia no mosteiro de S. Vicente, que governou muitos annos, e foi um prior benemerito, muito zeloso da observancia regular e dos interesses da communidade.

Resgatou varias peças da sachristia que achou empenhadas e entre ellas o *bago* de prata, de que usavam os priores nos pontificaes,—libertou o mosteiro de dividas,—e applicou algumas rendas da mesa prioral e a igreja de Santa Maria d'Arruda para a mesa conventual, melhorando consideravelmente a posição dos seus conegos.

Em 1471 passou com el-rei D. Affonso V á Africa na grande armada de 308 vélas e 24:000 homens de tropas escolhidas, afóra marinheiros e servidores. Assistiu á tomada d'Arzilla e de Tanger, e D. Affonso V o nomeou bispo d'esta cidade, que governou por espaço de 20 annos, vivendo em commum com os seus conegos, segundo a regra augustiniana, que professára.

Falleceu no dia 15 de junho de 1491.

—

Os antigos conventos eram quasi todos duplices, ou de frades e freiras, mas divididos entre si por paredes e claustros *em forma que não podesse perigar a honestidade.* Foram assim desde a sua fundação este de S. Vicente, o de Santa Cruz de Coimbra e outros, sendo tal a devoção das senhoras d'aquelle tempo, principalmente das da côrte, que quasi todas queriam ser conegas [1].

Para satisfazer a tanta devoção instituiu o padre S. Theotonio, 1.º prior de Santa Cruz de Coimbra, 3 ordens ou classes de *conegas,* como havia já instituido tambem 3 ordens de conegos.

A 1.ª comprehendia as religiosas que viviam *com todo o rigor e perfeição da regra augustiniana dentro dos mosteiros,* e se denominavam *inclusas* ou *emparedadas.*

---

[1] Os reis e pontifices, durante muito tempo, deram os mosteiros em *commenda* a quem lhes aprazia, e foram os taes commendatarios uma verdadeira praga que pesou sobre os mosteiros, pois, com rarissimas excepções, empolgavam todo o rendimento, sem proverem á congrua sustentação dos religiosos nem ás despesas do culto, pelo que muitos mosteiros, tendo aliàs grandes rendas, ficaram reduzidos á maior pobreza, e outros se fecharam e extinguiram!...

[1] D. Nicolau de Santa Maria. *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes*, Part. II, liv 12, cap. V, pag. 535 e segg.

A 2.ª comprehendia as *sorores* ou *conegas* que professavam a mesma regra das *inclusas*, mas viviam em suas casas, fóra dos mosteiros, — davam obediencia aos priores —e administravam os seus bens e d'elles se sustentavam, tendo pórém sómente o usofructo, porque, segundo a praxe em vigor até o concilio de Terento, no acto da profissão doavam todos os seus bens aos mosteiros.

A 3.ª comprehendia as religiosas chamadas *conegas terceiras* e n'ella podiam entrar senhoras solteiras, viuvas e casadas; mas estas ultimas faziam 3 votos — de obediencia aos priores, — de *castidade conjugal* — e de *pobresa relaxada* [1], como ainda nos ultimos tempos faziam as Commendadeiras de Santos, dà ordem de S. Thiago.

Foi esta a praxe não só dos antigos mosteiros dos conegos regrantes, mas dos mosteiros anteriores á refórma augustiniana.

Estas 3 ordens de conegas existiram muito tempo em Lisboa, dando obediencia aos priores de S. Vicente, mas vivendo as mesmas *inclusas* fóra do mosteiro dos conegos, em casa separada, na rua Direita de S. Vicente, casa que os chronistas chamavam Mosteiro de S. Miguel, ou *Mosteiro das Donas.*

No dito mosteiro viveu pelos annos de 1287 a *conega inclusa* D. Anna Martins, e pelos annos de 1322 foi prioreza das ditas conegas D. Elvira Silvestre.

Tanto estas conegas como as da 2.ª e 3.ª ordem eram senhoras nobres e ricas, pelo que se chamaram *Donas.*

—

Foi conega da 2.ª ordem, pelos annos de 1267, D. Maria João, irmã de D. Gonçalo, prior de Santa Maria, nos arrabaldes de Cintra, — e pelos annos de 1204 foram conegos da 3.ª ordem D. Soeiro Pires e sua mulher D. Toda, prestando obediencia ao mosteiro de S. Vicente.

[1] *Pobresa relaxada* ou *dispensada*, queria dizer que as taes *conegas*, sempre senhoras ricas, podiam, mesmo depois da sua profissão, viver faustosamente e não estavam obrigadas ao voto de pobreza, como todas as outras religiosas professas.

Foram tambem conegos regrantes da 3.ª ordem não só muitos homens e senhoras da primeira nobreza, mas alguns dos nossos reis, rainhas e infantes, taes como D. Affonso Henriques, D. Sancho I, D. Sancho II, D. Gil e D. Nuno, seus filhos bastardos, D. Fernão Pires, filho do infante D. Pedro, irmão de D. Affonso II, etc.

—

Depois que o meu antecessor e velho amigo de saudosa memoria, o sr. Pinho Leal, escreveu o artigo *Lisboa*, muitos factos importantes se passaram na nossa capital. Mencionaremos apenas alguns, para não abusarmos demasiado da paciencia dos leitores e da bondade dos editores, que estão anciosos por verem este seu diccionario concluido; — e, principiando pelos factos que prendem mais de perto com o artigo de que no momento nos occupamos, mencionaremos o fallecimento do sr. D. Ignacio, ultimo cardeal patriarcha,—a sua substituição temporaria pelo sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, arcebispo de Mytilene, hoje arcebispo de Braga;—e a sua substituição definitiva pelo sr. D. José Sebastião Neto, cardeal patriarcha na actualidade.

I

O cardeal patriarcha D. Ignacio I

Ha pouco tempo um homem elevado ao pinaculo das grandezas da terra, coberto das bençãos d'um povo inteiro, refulgindo com o deslumbrante brilho das suas virtudes, cahiu para sempre na catacumba mortuaria; — mas o seu nome glorioso entrou aurifulgente no livro da historia da igreja, de que foi ardente apostolo; — mas a sua alma virtuosa subiu, segundo cremos, á mansão dos justos, deixando apoz de si uma longa esteira de luz, que para sempre brilhará intensissima aos olhos de todos, como estrella a nortear-nos no procelloso mar da vida.

Queremos fallar do ex.mo sr. cardeal patriarcha de Lisboa, D. Ignacio do Nascimento de Moraes Cardoso.

A sua vida foi uma cadeia de virtudes, a sua morte foi uma corôa de saudades, a sua

existencia foi um exemplo vivo d'abnegação, o seu finamento um doloroso gemido que convulsionou o seio de todos os que tiveram a ventura de o conhecer.

—

Em 20 de dezembro de 1811, na antiga villa de Murça, provincia de Traz-os-Montes, nasceu um menino, filho de Hypolito de Moraes Cardoso e de D. Euphemia Joaquina Cardoso, o qual recebeu no baptismo o nome de Ignacio, que lhe dera seu tio Fr. Ignacio da Purificação, provincial da ordem da Arrabida.

Educado no extremoso seio da familia, recebeu uma solida instrucção religiosa e, depois de estudar humanidades, que cursou com muita distincção, matriculou-se em direito na nossa Universidade; mas teve, como outros muitos, de interromper a formatura com os acontecimentos politicos de 1828 a 1834.

Durante estes seis annos, em que esteve fechada a Universidade, resolveu-se Moraes Cardoso a abraçar a vida ecclesiastica.

Dirigiu-se a Braga, séde do arcebispado a que então pertencia Murça [1], e ali se conservou seis mezes hospedado no convento da Falperra, dispondo-se para receber as ordens, segundo as instrucções de seu tio e padrinho, Fr. Ignacio da Purificação.

Recebeu ali ordens menores, mas não pôde concluir a sua ordenação n'aquella cidade por não ter n'esse tempo prelado sagrado.

Recebeu em Villa Real de Traz-os-Montes a ordem de sub-diacono das mãos do bispo d'Astorga, que acompanhava o principe D. Carlos de Bourbon, e em Lisboa recebeu as ordens de diacono e presbytero das mãos do bispo de Cabo Verde, D. Jeronymo da Soledade.

O sr. D. Ignacio deveu em grande parte a sua brilhante carreira á sollicitude, aos exemplos e á dedicação do seu venerando tio e padrinho, Fr. Ignacio da Purificação, que foi bibliothecario em Mafra, por nomeação da Sr.ª D. Maria II, — logar que, mais tarde, desempenhou o rev.mo sr. Antonio da Purificação Moraes Cardoso, conego honorario, vigario da vara em Cintra e irmão do fallecido sr. patriarcha D. Ignacio.

Dedicou-se com grande applauso á predica e com muito fructo ao confessionario, e foram os seus meritos proprios, a sua abnegação, a sua caridade prodigiosa que o elevaram ás altas dignidades que tão dignamente exerceu.

Felizes aquelles que têem paes e tios virtuosos e dedicados,—e felizes os paes e tios que têem filhos e sobrinhos tão doceis e de tanto merecimento como o nosso biographado.

—

Desejando concluir a sua formatura, voltou a Coimbra; matriculou-se em theologia no anno de 1848 e formou-se em 1853, obtendo informações distinctas e os primeiros premios que a nossa Universidade costuma conceder.

Concluida a sua formatura, voltou para Lisboa.

Era Deus que o chamava para o engrandecer.

Foi confessor do sr. D. Pedro V, — d'esse desditoso soberano que se finou pranteado pelas lagrimas d'um povo inteiro, — d'esse rei modelo e santo, que viveu, como disse Malherbe, o tempo que vivem as rosas, — o espaço de uma manhã!...

Foi tambem thesoureiro da real capella das Necessidades, conego da Sé patriarchal e commendador de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Eleito bispo do Algarve em 13 de maio de 1863, foi preconisado no consistorio de 1 de setembro do mesmo anno e, finalmente, sagrado em S. Vicente de Fóra no dia 14 de fevereiro de 1864,—sendo prelado sagrante o sr. cardeal patriarcha D. Manuel Bento Rodrigues, a quem succedeu o sr. D. Ignacio, e assistentes os fallecidos srs. bispos de Vizeu e do Porto—D. Antonio Alves Martins e D. João da França Castro e Moura.

Em novembro de 1869 partiu para Roma com o fim de assistir ao concilio ecumenico

---

[1] Hoje pertence á diocese de Lamego, em virtude da bulla *Gravissimum Christi Ecclesiae* do Santissimo Papa Leão XIII, com data de 30 de setembro de 1881.

do Vaticano; sendo, porém, interrompido o mencionado concilio, regressou magoado pelos tristes acontecimentos que encheram de amargura o generoso coração de Pio IX nos ultimos annos do seu pontificado.

Pouco depois do seu regresso, foi eleito patriarcha por decreto de 23 de janeiro de 1871, confirmado por bulla pontificia de 17 de maio do mesmo anno e feito cardeal no consistorio de 22 de dezembro de 1873, recebendo no paço da Ajuda a solemne imposição do barrete cardinalicio no dia 15 de janeiro de 1874.

—

Em 1877, resolvendo o mundo catholico festejar d'um modo solemne o dia 3 de junho de 1827, quinquagessimo anniversario episcopal do summo pontifice Pio IX, s. em.ª incorporou-se na peregrinação portugueza, assumindo a presidencia d'ella, e tomou o caminho de Roma. Chegou em fins de maio d'aquelle anno e, sendo concedida pelo venerando pontifice, no dia 29 do dito mez, audiencia solemne aos portuguezes, s. eminencia leu ao Santo Padre uma felicitação, na qual testemunhou a sua obediencia, o seu respeito e o seu amor para com a Santa Sé e ao mesmo tempo, como portuguez, recordou as glorias de Portugal, as suas conquistas pela cruz, a sua civilisação pela fé e o seu poderio d'outr'ora com o manifesto auxilio da Providencia.

Bem quizeramos transcrever aqui na sua integra aquella inspirada felicitação, que temos sobre a banca, mas não nos atrevemos, porque vae assumindo grandes dimensões este artigo.

—

O sr. D. Ignacio teve a honra de receber do venerando chefe da christandade o annel e o chapeu cardinalicios, com o titulo presbyterial dos Santos Nereu e Achilleu, em consistorio do mez de junho de 1877, e em seguida regressou a Lisboa.

A 7 de fevereiro de 1878 falleceu o venerando Pontifice Pio IX, e sendo s. eminencia pouco depois convidado para assistir ao conclave que devia eleger o novo pontifice, partiu novamente para Roma, fazendo uma viagem rapida, precipitada, cheia de incommodos, e assistiu á eleição do actual chefe da Egreja Catholica,—Leão XIII,—o pontifice da sciencia e da paz, — o brilhante sol do christianismo, o fulguroso *lumen in coelo*, —tomando parte n'esse acto tão importante e tão solemne, ao qual nenhum outro na terra se assimilha.

Regressando ao reino, começou de soffrer uma longa e pertinaz enfermidade que o levou ao tumulo.

O sr. D. Ignacio possuia uma bondade e meiguice d'alma que prendiam a todos; nos labios brincava-lhe sempre o sorriso da benevolencia; no seu coração reinava a paz do evangelho, no rosto a serenidade da consciencia e nas palavras a gravidade do Mestre em Israel.

Foi um digno successor dos apostolos e, depois de cruciantes padecimentos, que supportou com a resignação d'um santo, expirou no dia 23 de fevereiro de 1883, pelas 4 horas e 20 minutos da manhã.

—

No dia 28 do mesmo mez se fizeram por sua alma exequias solemnissimas, que um jornal descreveu n'estes termos:

«No magestoso templo de S. Vicente de Fóra tiveram logar no dia 28 do mez proximo passado, as solemnes exequias por alma do fallecido prelado d'esta diocese. O templo achava-se armado com bastante riqueza, e com especialidade a capella-mór, onde se levantava uma tarima forrada de velludo escarlate, em que se depositou o caixão que escondia os restos mortaes d'aquelle, que fôra a primeira dignidade ecclesiastica d'este paiz. Eram perto de onze horas quando no templo entrou o corpo do Em.mo Cardeal Patriarcha. Era pequeno o espaço que tinha de percorrer o cortejo funebre; mas ainda assim a imponencia e a gravidade das ceremonias, que o ritual justamente estabelece para estas occasiões, fizeram com que o cortejo gastasse mais de uma hora desde que saiu a porta do paço de S. Vicente, que fica voltada ao sul, até que poude entrar no templo. Logo que o caixão foi collocado na tarima, começou a missa cantada pelo presidente do cabido. Aquellas melodias funebres

de Mosart echoando debaixo das magestosas, embora denegridas, abobadas do vasto templo que data desde os principios da monarchia, vinham tristemente repercutir-se-nos na alma, e mais uma vez lembrar-nos o pensamento que jámais devêra esquecer-nos, que esta vida é uma luz, que o mais pequeno sopro apaga,— que não ha glorias nem grandesas humanas, que resistam á fouce cruel e implacavel da morte, e que só a virtude deixa após si um rasto, que não se desvanece facilmente.

«O Em.^mo Cardeal Patriarcha, que tão alto subira na hierarchia sagrada, caiu fulminado pela morte, exactamente como cae fulminado por ella o mais humilde membro da sociedade catholica, que tendo fé e esperança, sabe tambem morrer abraçado á cruz do Redemptor.

«As homenagens, porém, que no dia 28 se prestaram em S. Vicente, eram devidas á alta posição ecclesiastica que occupára o finado, e ás virtudes de que constantemente deu testemunho durante toda a sua vida.

«Estavam ali representadas todas as classes e cathegorias da sociedade. Desde o primeiro magistrado da nação até ao mais desconhecido proletario, via-se enchendo litteralmente o vastissimo templo de S. Vicente uma multidão immensa, que ali foi de certo orar a Deus pelo eterno descanço do Em.^mo Sr. Cardeal D. Ignacio I.

«As duas tribunas da capella-mór estavam occupadas—a da direita por Sua Magestade El-Rei, pelo Sr. D. Fernando, e pelo Principe Real D. Carlos; a da esquerda pelos ex.^mos srs. arcebispo de Mytilene, e bispos de Cabo Verde [1] e de Teja [2].

«No cruzeiro levantaram-se duas tribunas, uma, a da esquerda, destinada para o corpo diplomatico, a cuja frente estava o ex.^mo nuncio de Sua Santidade; a outra, a da direita, para as commissões das camaras dos pares e dos deputados. O ex.^mo bispo de Bragança estava n'estat ribuna, como membro da camara dos pares, que é.

«Não nos incumbe dar noticia de todas as pessoas e corporações que assistiram a estes obsequios funebres em honra do Em.^mo Cardeal Patriarcha. O espaço de que podemos dispôr não chegaria para tanto. O clero estava ali representado em grande numero; nem podia deixar de ser assim, visto que se tratava de prestar as ultimas homenagens áquelle que fôra o seu melhor e mais dedicado amigo. Do ministerio estava parte. Vimos ali os srs. presidente do conselho, ministros, da justiça, dos estrangeiros e o das obras publicas, que chegou por fim e muito á pressa.

«Depois de terminada a missa, que foi primorosamente cantada, seguiram-se as absolvições, que foram feitas pelos srs. conegos da Santa Sé Patriarchal, Menezes, Diàs, Rodrigues e Napoles, sendo a ultima cantada pelo conego officiante.

«As absolvições, celebradas com toda a pompa, deram áquelle acto uma solemnidade verdadeiramente imponente, que nos imprimiu na alma as mais santas e piedosas recordações. Aquella musica triste, casando-se perfeitamente com a letra triste e lugubre do dia e da occasião, quasi que nos estava dizendo, que pedissemos a Deus que livrasse da morte eterna a alma do prelado, que partira d'este mundo com a consciencia tranquilla, porque jámais offendêra a alguem.

«Nas ruas proximas de S. Vicente e ainda no Terreiro do Paço formavam todas as tropas da divisão commandadas pelo respectivo general, as quaes deram as descargas do estilo, quando o corpo do sr. D. Ignacio deu entrada no jazigo dos patriarchas, e que fica ao lado do evangelho na capella-mór da egreja de S. Vicente.

«O povo de Lisboa apinhava-se em toda a parte donde presumia que poderia vêr o cortejo funebre. Milhares de individuos foram assistir áquelle imponentissimo acto, que as ceremonias prescriptas pela liturgia catholica revestem de uma magestade e grandesa tão tocante como deslumbrante. Ha muito tempo que em Lisboa se não presta uma homenagem tão sincera e tão leal, como aquella que acaba de ser dispensada ao fal-

---

[1] José Corrêa de Carvalho.
[2] Thomaz Gomes d'Almeida.

lecido prelado d'esta vastissima archidiocese.

«Em quanto o corpo do Em.mo Cardeal esteve exposto na camara ardente, revestido de todos os paramentos, houve para ali uma perfeita romaria. Milhares e milhares de individuos ali foram vêr o seu prelado e beijar o annel e a mão que tantas vezes os havia abençoado. E no meio de um concurso immenso, enorme, como poucas vezes se terá visto, nenhum desacato se notou. As pessoas, que foram a S. Vicente, iam impellidas pelos sentimentos de piedade e devoção. Um pensamento alegre nos dominou o espirito no meio da tristeza e da dôr que nos causou a morte do nosso venerando prelado. O povo de Lisboa é ainda bom; é ainda religioso. Mostra-o em todas as occasiões solemnes. Vê o seu prelado morto, e immediatamente acode pressuroso a manifestar os sentimentos de piedade e de devoção por aquelle que fôra o seu pae espiritual. Os esforços da impiedade não tem ainda produzido todos os seus satanicos effeitos. Ha ainda, mercê de Deus, muita fé e muita caridade nos habitantes da capital.

«É necessario que trabalhemos constante e continuadamente por conservarmos pura e intemerata uma e outra.

«Muito depende isso do zelo dos ministros do altar, e com especialidade d'aquelles que mais alto collocados estiverem e dos quaes deve partir o exemplo e o impulso.

«Não queremos dar conselhos a ninguem; porque ninguem nol-os pede; no entretanto não hesitamos em affirmar que ainda é grande, enorme a influencia e o prestigio do sacerdote. Saiba elle aproveital-o convenientemente, e saberá os bons serviços que póde prestar ás almas e ao bem estar dos povos.»

—

Assim terminou a sua gloriosa carreira tão eminente prelado.

A sua vida foi uma cadeia de virtudes,— a sua morte uma corôa de saudades,—a sua existencia um exemplo de abnegação, — o seu passamento um doloroso gemido que abalou o seio de todos os que o conheceram.

A luz da bemaventurança illumine a sua alma com os eternos resplendores da gloria, e descance em paz no seio do Omnipotente o indefesso soldado da cruz, o ardente apostolo do catholicismo.

—

Foi dez annos consecutivos vigario geral de sua eminencia e por sua morte vigario capitular do patriarchado o sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, arcebispo de Mytilene e hoje arcebispo de Braga.

Eleito em 26 d'abril e confirmado em 9 d'agosto de 1883, fez a sua entrada solemne na cidade primacial no dia 25 de outubro do mesmo anno.

Daremos a biographia de s. ex.ª no *Supplemento* a este diccionario, artigo *Braga*.

II

O sr. D. José Sebastião Netto

Tendo fallecido o sr. patriarcha D. Ignacio em 23 de fevereiro de 1883, era necessario dar-lhe um successor, e a providencia divina, que rege os destinos dos povos e assiste á egreja, dignou-se conceder a Lisboa um prelado virtuosissimo, zeloso das coisas de Deus e da salvação das almas, — o sr. D. José Sebastião Netto.

Nasceu sua eminencia na cidade de Lagos, no dia 20 de janeiro de 1841, e é filho de Raymundo José Netto e de D. Catharina Lucia.

Em 1855 entrou o sr. Netto para o seminario de S. José de Faro, onde estudou com distincção os preparatorios. Recebeu prima tonsura e as ordens menores em 25 de maio de 1861; e ali cursou a theologia, sendo premiado no primeiro anno e classificado com *accessit* no segundo e terceiro.

Recebeu o subdiaconado em 20 de dezembro de 1862, — o diaconado em 30 de maio de 1863—e a ordem de presbytero em 1 de abril de 1865, das mãos do sr. D. Ignacio do Nascimento de Moraes Cardoso, então bispo do Algarve.

Em 17 de agosto de 1865 foi nomeado coadjuctor do prior de Boliqueime, logar que exerceu até 1873; n'este mesmo anno

lhe foi dada a encommendação d'aquella freguezia, — e em 15 d'agosto de 1875 entrou para o convento do Varatojo (Vide esta palavra no diccionario) d'onde sahiu em 27 de setembro de 1879, depois de confirmado bispo d'Angola e Congo.

Foi sagrado na egreja parochial de S. Julião, em Lisboa, no dia 18 de abril de 1880, e seguiu viagem para Loanda no dia 5 de agosto do mesmo anno.

Como prelado de Loanda, fez um logar distinctissimo, ora cathechisando no seu paço, ora visitando a sua diocese, sempre sollicito na salvação das almas, sempre disposto a dar a vida pelas suas ovelhas n'aquelle pestifero clima.

Tão alto soava o echo das suas virtudes que, vagando a sé patriarchal de Lisboa, foi s. ex.ª apresentado n'ella por decreto de 26 de abril de 1883 e confirmado no consistorio de 17 de agosto do mesmo anno. Tomou posse do patriarchado no dia 29 de setembro e fez a sua entrada solemne em 7 de outubro do dito anno.

No dia 21 de novembro publicou a sua primeira pastoral, — documento honrosissimo, testemunho edificante das virtudes de sua eminencia

No dia 11 de novembro d'aquelle mesmo anno sentiu o sr. D. José III uma grande dôr, uma perda enorme para o seu bondoso coração: falleceu a sua carinhosa mãe, que de certo voou á mansão celeste com o sorriso da satisfação por ver guindado ao apogeu das grandesas o filho que nascera no obscuro seio de tantas humildades.

No dia 16 de janeiro de 1884 o sr. D. José tomou assento na camara dos dignos pares e em abril recebeu a imposição do barrete cardinalicio no paço real, das mãos de S. M. o sr. D. Luiz I.

O sr. D. José III faz-nos lembrar os tempos apostolicos. Não perde tempo. Na salvação dos fieis é o mais prompto,—no governo da sua diocese o mais diligente,—na virtude exemplar,—na abnegação o primeiro.

Entra no confessionario, que foi sempre o seu throno de gloria, e ali permanece horas e horas para sanar as enfermidades da alma,—sobe ao pulpito e ali manifesta o seu ardor, o seu empenho na regeneração dos costumes. Procura o pobre e soccorre-o, — busca o humilde e exalta-o, — explora as sombras da miseria e leva-lhe a luz, — vê o habito talar esquecido e lembra, aconselha e persuade o seu uso;—dá tudo, ensina tudo, véla por tudo e faz-se tudo para salvar a todos.

—

Ao meu bom amigo e muito illustrado collega, o ex.^mo e rev.^mo sr. dr. Egydio d'Azevedo, primoroso estilista, conego honorario e professor de disciplinas ecclesiasticas no seminario de Lamego, agradecemos estas duas interessantes biographias.

—

Antes de deixarmos o mosteiro de S. Vicente de Fóra, não podemos resistir á tentação de indicar uma interessantissima *Carta*, que temos sobre a mesa e que prende com elle. Intitula-se assim:

VIDA E MILAGRES DE ANTONIO
LUIZ DA VEIGA CABRAL E CAMARA,
BISPO DE BRAGANÇA
CARTA DO
REV.º INNOCENCIO ANTONIO DE MIRANDA,
ABBADE DE MEDRÕES,
AO PRIOR DE S. LOURENÇO,
ESCRIPTA EM LISBOA
AOS
30 DE NOVEMBRO DE 1812

É manuscripta, copiada por mim, em 1880, d'outra que encontrei em Gouvêa.

O diccionario de Innocencio Francisco da Silva, fallando de Innocencio Antonio de Miranda, abbade de Medrões, deputado ás côrtes constituintes de 1821, mencionando as suas obras, não menciona a dicta *Carta*, porque ao tempo (1859) ainda não tinha sido publicada, e suppomos que até hoje (1884) apenas o sr. Joaquim Martins de Carvalho a publicou nas columnas do seu interessante jornal, o *Conimbricense*[1].

—

No *Supplemento* a este diccionario daremos no artigo *Bragança* um extracto da

[1] *Conimbricense* n.º 2:416 de 20 de setembro de 1870, até o n.º 2425 de 22 de outubro do mesmo anno.

dita *Carta*, que é a biographia do bispo D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara, muito illustrado, muito austero e virtuoso, mas tão excentrico e tão falto de censo que se expoz a gravissimas censuras, chegando a ser compellido pelo governo a ir a Lisboa responder ao processo, contra elle instaurado, em 1799, e regressou a Bragança apenas em 1811, tendo passado uma parte d'aquelles 12 annos *retido* por ordem do governo no mosteiro de S. Vicente. E em 1814 foi compellido pelo governo a recolher-se ao convento do Bussaco.

Emquanto esteve retido em S. Vicente de Fóra, tinha por homenagem o vasto mosteiro, seus jardins e mais dependencias, mas conservou-se sempre recluso no seu quarto, porque declarou *excommungados vitandos*, não só o principe regente e seus ministros, mas o D. Prior e os conegos regrantes, e como taes tratava uns e outros, chegando a magoal-os e incommodal-os vivamente, pois fanatisou as damas da primeira nobreza e o povo de Lisboa a ponto de todos se convencerem de que era *santo e fazia milagres!*...

A mesma convicção se apoderou do povo de Bragança e da provincia de Traz-os-Montes, pelo que de toda a parte affluiam em bandos homens e mulheres, mesmo da Hespanha, para elle os benzer, exorcismar e curar.

Foi um bispo verdadeiramente extraordinario.

Sendo tão caritativo, que chegava a dar aos pobres a propria roupa que levava vestida e a pôl-os á sua mesa,—nunca deu cinco réis á sua familia, tendo mãe e irmãs luctando com a miseria;—e, sendo tão illustrado e tão zeloso pelas coisas de Deus e pela salvação das almas,—nunca se importou com o governo da sua diocese, que abandonou e deixou correr á revelia *vinte e tantos annos*, não querendo saber senão das rendas para as consumir (mais de 12 contos de réis por anno) em dois recolhimentos de *Beatas do Menino Jesus*, com as quaes, em numero de cento e tantas, vivia *em commum* na Mofreita e no Loreto, aldeias distantes de Bragança.

Valha-nos a Senhora do Monte do Carmo!

Veja-se no *Supplemento* o artigo *Bragança*, onde daremos a biographia de tão excentrico prelado.

—

Aproveitando o ensejo de fallarmos de Lisboa, bem desejavamos consignar aqui o projecto da camara para o saneamento da nossa capital, comprehendendo um grande cano collector desde a estação de Santa Apolonia até á ponta de Rana, junto de Cascaes, e outras obras, muito intelligentemente elaborado pelo nosso distincto engenheiro, o sr. Ressano Garcia, e por s. ex.ª orçado em 7:000 contos;—bem como o vasto projecto apresentado pelo governo ás camaras na sessão de 25 de abril ultimo, para melhoramento do porto de Lisboa, comprehendendo grandes aterros e uma longa fila de caes em ambas as margens do Tejo, dokas para carga, abrigo e reparos d'embarcações, etc. tudo orçado em 15:000 contos.

Desejára tambem consignar aqui as grandes festas da Kermesse, promovidas pela nossa Augusta Rainha, a Senhora D. Maria Pia, em favor das Creches, e realisadas nos dias 17, 18 e 19 de maio ultimo na Tapada da Ajuda,—as festas mais luzidas e esplendidas que em Portugal se tem visto n'aquelle genero, e que só nos mencionados 3 dias produziram cerca de 30 contos de réis!...

Tambem quizera descrever o grande incendio que no dia 20 de maio ultimo devorou o convento da Graça, onde se achava aquartelado o regimento de infanteria n.º 5, sendo avaliados os prejuisos em 80 a 90 contos de réis, — e a inauguração do Jardim Zoologico no parque do palacio que foi de José Maria Eugenio, em S. Sebastião da Pedreira, realisada com grande pompa e extraordinaria concorrencia no dia 28 do mesmo mez de maio, etc. etc. mas, como este artigo vae muito longo, no *Supplemento* a este diccionario, artigo *Lisboa* (Vide) publicaremos mais detalhadamente estas e outras noticias que prendam com a nossa capital.

VICENTE LUCAS—aldeia ou casal, pertencente á freguezia, villa e concelho de *Salvaterra de Magos*, (Vide) districto de Santarem.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias seguintes: Bilrete, Figueiras, Montregos ou Montrogos, Coelhos, Colmieiros, Magos de Baixo, Magos de Cima e Fóros; — os casaes: Saloio, Magalhães, Antonio Lopes, José Marques, José Felix, José Coelho, Gabriel, Netto, Pinto, Silva, José das Neves, Fernandes, do Rosa e Val Queimado; — as habitações isoladas: — Sargento Mór, Escaroupim, Guarda e a herdade da Misericordia.

O cognome d'esta villa proveiu do grande *Paul dos Magos*, mandado abrir por D. João IV.

Luiz Mendes de Vasconcellos no *Sitio de Lisboa* diz que este paúl rendia no seu tempo 900 moios de trigo, e que o paul da Asseca dava ao dizimo (em annos de fartura) *mil moios?!*...

—

Pelo ultimo censo (1878) tinha esta parochia 696 fogos e 2:527 habitantes (comprehendendo os ausentes)—sendo 1:289 do sexo masculino e 1:238 do sexo feminino; — d'estes 2:527 habitantes 23 contavam 70 a 80 annos de idade, — 8 contavam 80 a 90 annos,—90 a 100 annos 3—e eram de idade desconhecida 14.

Sabiam apenas lêr 55 homens e 78 mulheres;—sabiam lêr e escrever 205 homens e 161 mulheres,—e não sabiam ler nem escrever, ou eram completamente analphabetos, 1:019 homens e 1:019 mulheres.

Se o mencionado recenseamento é a expressão da verdade, foi talvez esta a *unica* freguezia do nosso paiz em que se deu a coincidencia de ter *precisamente* tantos analphabetos do sexo masculino como do sexo feminino.

Arcades ambo!...

Tanto nos impressionou a coincidencia que verificámos as sommas e achamol-as exactas.

Os 1:019 analphabetos subdividiam-se da fórma seguinte:

Varões

Solteiros	672
Casados	319
Viuvos	28
Somma	1:019

Mulheres

Solteiras	532
Casadas	358
Viuvas	129
Somma	1:019

Estamos certos de que estas cifras baixarão consideravelmente no recenseamento proximo futuro, pois nunca se prestou no nosso paiz tanta attenção á instrucção primaria e secundaria, como na actualidade.

N'este pelouro, bem como no dos correios, telegraphos e telephones, e no da viação ordinaria e accelerada, é *muito sensivel* o nosso progresso, no momento.

Veja-se o longo artigo *Vias Ferreas*.

VICENTE DE MASCOTELLOS (S.) — freguezia,—ou simplesmente *Mascotellos* (Vide) —orago S. Vicente, concelho de Guimarães, districto administrativo e arcebispado de Braga, na provincia do Minho.

O padre Carvalho deu-lhe 16 fogos, — J. A. d'Almeida 35,—a *Estatistica Parochial* [1] de 1862—36 fogos e 148 habitantes,—o censo de 1864—161 habitantes,—e o censo de 1878 — 39 fogos e 158 habitantes (comprehendendo os ausentes) — sendo 68 do sexo masculino e 90 do sexo feminino, — e 4 de 70 a 75 annos. Não tinha pessoa alguma de idade mais avançada.

Sabia apenas ler 1 homem e das mulheres *nenhuma!* Outra especialidade. Sabiam ler e escrever 19 homens e 13 mulheres, — e não sabiam ler nem escrever 48 homens e 77 mulheres.

Pelas informações que recebi directamente do seu rev. parocho, esta freguezia conta hoje (agosto de 1884) — 186 habitantes em 44 fogos.

É hoje reitoria;—pertence á comarca e ao districto ecclesiastico de Guimarães — e ao julgado ordinario das Caldas de Vizella.

---

[1] Collecção dos relatorios dos parochos, existente na secretaria do ministerio dos negocios ecclesiasticos e da justiça e que se refere a junho de 1862.

Havemos de citar esta curiosa *Estatistica* muitas vezes.

P. A. Ferreira.

—

As suas freguezias limitrophes são — S. Miguel de Creixomil, ao norte, — ao sul S. Thiago do Candoso e S. Pedro de Polvoreira,—a leste Santo Estevam de Urgeses, — e a oeste S. Thiago de Candoso.

Comprehende as aldeias seguintes:

Bogalhós, Santo Amaro, Leça, Boucinha — e os casaes do Assento, Bufo e Peixoto.

A quinta principal d'esta freguezia é a de *Bugalhós de Baixo*, geralmente conhecida por *Casa dos Abreus*, porque *ha seculos*, pertence a uma respeitavel familia d'este appellido.

Ha n'esta casa titulos de 1602 —tal é um praso feito no reinado do intruso D. Philippe II e referendado pelo conde de Linhares, D. Fernando de Noronha, em Lisboa, a 24 de outubro de 1602, no qual se invoca a posse pacifica do casal pela mesma familia Abreus, *desde mais de 50 annos* anteriormente áquella data.

Possue e representa muito dignamente esta boa quinta na actualidade a ex.ma sr.a D. Maria Alves d'Abreu Pereira, casada com o sr. Jacyntho Gomes d'Oliveira, — paes do muito illustrado e digno reitor d'esta freguezia, o rev.mo sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, de quem adiante fallaremos, e que por sua mãe ainda é parente do sr. visconde de Benalcanfor.

Merecem tambem especial menção a quinta de *Bugalhós de Cima*, pertencente ao sr. Francisco José Ribeiro—e a do *Assento*, propriedade do sr. Francisco Martins d'Abreu.

—

Dista esta freguezia 3 kilometros de Guimarães, — 25,400 metros de Braga, — 59 do Porto—e 396 de Lisboa.

É servida pela linha ferrea (via reduzida) da estação da Trofa, na linha ferrea do Minho, a Guimarães — e por um ramal de estrada a macadam que liga esta freguezia com a de Santa Eulalia de Nespereira.

Tambem passa ao nascente d'esta freguezia a estrada real a macadam para o Porto, por Santo Thyrso,—e ao norte outra estrada real a macadam para o Porto por Villa Nova de Famalicão.

—

Esta freguezia é banhada por um pequeno riacho que tem a sua origem nos campos do Bufo e vai desaguar no Selhinho, que por seu turno desagua no Selho.

As suas producções dominantes são — legumes, cereaes e vinho verde ou *d'enforcado*.

O seu clima é saudavel. Não ha aqui doenças predominantes nem memoria de grandes epidemias.

—

Não se sabe com certeza de onde proveiu a esta parochia o titulo de *Mascotellos*, —e, não havendo n'ella povoação, familia ou sitio com este nome, encontra-se na freguezia de S. Thiago de *Candoso*, sua limitrophe, uma casa nobre e muito antiga, pertencente ao morgado de Sezim, denominada *Casa de Mascotellos* [1].

É possivel que os senhores da dita casa fossem em tempos remotos padroeiros d'esta

---

[1] Não conhecemos em todo o nosso paiz outra casa, quinta, casal ou aldeia com o nome de *Mascotellos*, mas não faltará quem diga que *Mascotelle* é diminutivo de *Mascote*, e *Mascote* se denomina um casal pertencente á freguezia de Cachoeiras, concelho e comarca de Villa Franca de Xira, districto de Lisboa, na provincia da Extremadura,— e uma quinta pertencente á freguezia, villa, concelho e comarca d'Alemquer, no mesmo districto e provincia.

Estão bastante distantes da casa e freguezia de *Mascotellos*, mas isso póde explicar-se como se explica a identidade e similhança dos nomes de muitas freguezias, aldeias, quintas, casaes e sitios em varios pontos do nosso paiz e de paizes estrangeiros, nomeadamente na Hespanha e no imperio do Brazil.

Tambem se denomina *Mascate* (não *Mascote*) um dos principaes estados da Arabia, bem como uma praça de guerra e posto de mar, capitania dos mesmos estados, grande centro de commercio das mercadorias da India e das perolas d'Ormuz, a 2:000 kilometros de Meka, sobre o golpho d'Oman.

Foi uma das nossas possessões asiaticas, conquistada por D. Affonso d'Albuquerque em 1507 e perdida em 1644.

Mascozello é uma aldeia da freguezia de Villa Cova, concelho de Villa Real de Traz-os-Montes.

freguezia—ou concorressem para a creação d'ella, pela visinhança do seu solar.

Accresce ainda a circumstancia de que os morgados de Sezim, da casa de *Mascotellos*, têem, desde longa data, capella sua na collegiada de Guimarães, á qual pertencia o padroado d'esta parochia, talvez por cedencia, traspasse ou doação dos morgados de Sezim.

—

Approveitando o ensejo que se nos offerece, faremos aqui algumas rectificações:

O Padre Torquato Peixoto, na *Antiga Guimarães*, diz ser esta parochia uma *vigairaria* da Real Collegiada d'aquelle titulo, — e o Padre Carvalho, na sua *Chorographia*, diz ser um *curato* da mesma collegiada.

Nem um nem o outro são rigorosamente exactos.

Esta egreja era simultaneameete apresentada pelo *D. Prior* e pelo *cabido* da dicta collegiada, segundo consta de documentos existentes no archivo parochial.

Diz tambem o primeiro — que n'esta freguezia está situada a quinta de *Creixomil*, celebre por haver sido doada por Pedro Ouceo e sua mulher Fafa ao mosteiro de Muma Dona – o que é menos exacto.

A dita quinta está na freguezia limitrophe—S. Thiago de Candoso—e contigua ao logar de Bugalhós, d'esta freguezia de Mascotellos.

Não será isto mais uma razão para suppormos que esta freguezia foi padroado dos senhores de Mascotellos? Talvez não existisse então a freguezia de S. Thiago de Candoso, e estes dous casaes e quiçá outros pertenceriam a esta freguezia de Mascotellos, sendo aquella instituida posteriormente e á custa d'esta.

—

Diz tambem Carvalho haver n'esta freguezia a ermida de Nossa Senhora do *Monte*.

Não ha memoria de que pertencesse a esta parochia tal ermida, que está a distancia de 3 a 4 kilometros, no extremo da freguezia de Santa Christina de Serzedello. Para se chegar ali é necessario atravessar uma parte da freguezia de S. Thiago de Candoso e outra da de Santa Eulalia de Nespereira.

Estranhamos que nem o Padre T. Peixoto nem o Padre Carvalho fizessem menção da capella de Santo Amaro, que ao tempo em que escreveram existia n'esta parochia de Mascotellos, desde longa data.

De um documento existente no archivo da Sé de Braga, com data de 1651, consta que o vigario d'esta freguezia foi auctorizado para benzer a *nova capella* de Santo Amaro, recentemente edificada, porque a *velha* ameaçava imminente ruina.

—

Tem hoje esta freguezia um templo unico, — a igreja matriz, que não é a primitiva. Essa estava no meio da quinta do *Assento*, onde ainda se vêem restos do adro. Foi demolida pelos annos de 1792 a 1793, por se achar em ruinas, e desde então se arvorou em egreja matriz a capella de Santo Amaro, accrescentando-se-lhe em 1793 a capella-mór, como revela a data que se vê no tecto e se prova com documentos existentes no archivo parochial;—e em 1882, por iniciativa do seu parocho actual, o sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, coadjuvado pela junta de parochia e pelos seus parochianos, se lhe accrescentou o comprimento, ficando um templo não luxuoso nem muito espaçoso, mas limpo, decente e em condições de satisfazer ás exigencias do culto.

Tem de comprimento hoje $19^m,40$ e de largura $5^m,50$ (interiormente) incluindo a capella-mór. Esta de per si tem $6^m,80$ de comprimento e $3^m,40$ de largura; — o arco cruzeiro $3^m,75$ d'altura e $2^m,25$ d'abertura, — e o corpo da igreja $7^m,10$ de comprimento.

Além do altar-mór, onde está o Santissimo, tem 2 altares lateraes,—um dedicado a Nossa Senhora do Rosario,—outro a Santo Amaro, com festa propria, sempre muito luzida e concorrida, no domingo immediato ao dia 15 de janeiro,—havendo por essa occasião tambem, desde tempos remotos, grande romagem e feira de gado vaccum, talvez a melhor da provincia n'aquella especialidade.

É conhecida por *feira de Santo Amaro;* tem logar no dia 15 de janeiro — e a ella concorre sempre grande quantidade de gado

bovino, sendo alguns exemplares dignos de admiração pela sua belleza e corpulencia.

Ainda no ultimo anno (1883) ali se venderam duas juntas de bois por 520:000 réis. Pertenciam ambas ao mesmo lavrador.

A feira faz-se no sitio de *Santo Amaro*, quasi todo revestido de carvalhos, — e ali concorrem por essa occasião tendeiros, doceiras e taberneiros, vendendo-se muito vinho, ordinariamente 8 a 10 pipas, em cada feira.

—

A egreja tem apenas um torreão com um sino.

O cemiterio parochial dista da egreja 139m,10,—tem de comprimento 36m,70 e de largura 25m,80.

Este cemiterio foi o primeiro e è ainda hoje (1884) o *unico* cemiterio rural do concelho de Guimarães. Está muito bem acabado; tem uma frontaria elegante e magestosa e foi muito bem situado. D'elle se descobre um panorama vastissimo encantador!

Foi feito á custa do rev. Antonio José Lisbão, benemerito parocho encommendado d'esta egreja (que n'elle está sepultado em jazigo proprio) em 1876 a 1877 e solemnemente benzido em 27 de outubro de 1877.

—

Os primeiros proprietarios d'esta freguezia na actualidade são os srs. Jacyntho Gomes d'Oliveira, Francisco José Ribeiro e Francisco Martins d'Abreu.

—

Póde computar-se o rendimento d'este beneficio em 200$000 réis, provenientes de derrama, oblatas, pé d'altar e esmolas offerecidas á imagem de Santo Amaro, que estão computadas em 80$000 réis no lançamento da congrua.

—

Fazem-se n'esta egreja tres *clamores*, que antigamente íam — um, na quinta-feira da Ascensão, á capella de Nossa Senhora do Monte, freguezia de Serzedello, — outro á capella do Bom Jesus de Barrosas, freguezia de Idães, na primeira oitava do Espirito Santo; — outro no dia de S. João Baptista, á capella de Nossa Senhora dos Remedios, na freguezia de Urgeses; — mas hoje fazem-se todos na igreja matriz, com prévia auctorisação do ex.mo prelado.

—

Por escriptura de 31 de janeiro de 1869, o rev. Antonio José Lisbão, já mencionado como fundador do cemiterio, doou á Santa Casa da Misericordia de Guimarães a quantia de 1:600$000 réis, com a obrigação *in perpetuum*, desde a morte d'elle doador, de satisfazer a esta freguezia, em sexenios, o legado seguinte: — No 1.º e 2.º anno dar a 5 homens pobres um vestido completo, composto de calças e jaqueta de saragoça, colete de palmilha, camisa, meias, sapatos, chapeu, manta e rosario;—no 2.º e 3.º anno um vestido completo a 5 mulheres, tambem pobres, comprehendendo saia, roupinhas, ou quinzena de baeta, camisa, meias, sócos, lenço, manta e rosario;—no 5.º e 6.º anno comprar 40$000 réis de milhão graúdo e distribuil-o por todos os chefes de familia d'esta parochia.

O mesmo Padre Lisbão, pelo testamento com que falleceu, legou á dita santa casa o remanescente da sua herança em moveis e dinheiro, impondo-lhe a obrigação de, com metade do rendimento d'este legado, mandar ensinar instrucção primaria aos meninos e meninas pobres d'esta freguezia, devendo tambem cada um d'estes receber nos anniversarios do fallecimento do instituidor uns sócos e um lenço.

Que benemerito sacerdote!

O ceu lhe pague na gloria tanta virtude, tanta caridade, tanta dedicação para com os seus parochianos!

E, se tanto fez a bem d'elles, sendo um simples *encommendado* em parochia tão humilde, o que não faria se fosse abbade de Santiago d'Anta, prior de Santa Isabel ou de Santos, o Velho, em Lisboa, deão d'Evora ou D. prior de Cedofeita, no Porto, — hoje os primeiros beneficios de Portugal?!...

O que não faria elle se fosse, antes da extincção dos dizimos, abbade de S. Miguel de Lobrigos, no concelho de Santa Martha de Penaguião, hoje bispado de Lamego, e tivesse, como tinham aquelles abbades, *dez a doze contos de renda por anno*, que por cer-

to equivaliam a mais de *quinze contos de réis* na actualidade?

Parochos

Daremos agora aqui uma lista dos parochos d'esta freguezia, desde 1716, por não haver memorias dos anteriores no archivo d'esta egreja.

1.º—*Gualter da Costa*, de 1716 a 1728.

2.º — *Domingos Francisco Barbosa*, de 1729 a 1732.

3.º — *Manoel Ribeiro*, de 1732 a 1741.

4.º — *Luiz Antonio d'Abreu*, de 1742 a 1744.

5.º — *Domingos Dantas e Tavora*, de 1746 a 1747.

6.º — *Lourenço Gomes*, de 1747 a 1755.

7.º — *Jeronymo Ribeiro Salgado*, de 1755 a 1784.

8.º — *Bento José Pereira*, de 1785 a 1786.

9.º — *João Dias Martins*, de 1786 a 1798.

10.º — *Francisco José Antunes*, de 1798 a 1819.

11.º — *Francisco Teixeira da Cunha*, de 1819 a 1828.

12.º — *Manoel José de Carvalho*, de 1828 a 1837.

13.º — *José Antonio Rodrigues Cardoso*, de 1837 a 1846.

14.º — *Antonio José Lisbão*, o benemerito, de 1846 a 1867.

15.º — *Antonio d'Araujo Azevedo Bacellar*, de 1868 a 1869.

16.º—*Carlos Antonio Vieira de Carvalho*. de 1870 a 1873.

17.º — *José Joaquim Tinoco Nogueira*, de 1873 a 1880.

18.º — *João Gomes d'Oliveira Guimarães*, desde 13 de janeiro de 1881. É o parocho actual — o 1.º (reitor) collado, que tem tido esta freguezia e que, pelas suas virtudes e superior illustração, promette deixar tambem de si boa memoria.

A s. ex.ª deve já esta freguezia o accrescentamento da egreja matriz, como dissemos, e o logar honroso que occupa nas paginas d'este diccionario, envergonhando outras freguezias mais populosas e mais importantes, pois a s. ex.ª devo todos estes apontamentos, emquanto que d'outras freguezias pouco, muito pouco ou nada recebi, tanto dos seus parochos, como dos seus parochianos, e por isso não me censurem as omissões e lapsos.

Sibi imputent!...

Tanto eu, como o meu antecessor, não cessámos de *pedir*, *rogar* e *instar*,—e a todos os que se dignaram attender-nos, consignamos aqui mais uma vez justos emboras com os protestos do nosso reconhecimento.

—

O benemerito vigario Antonio José Lisbão era natural de S. Pedro do Sul e falleceu em Guimarães, sendo sepultado na matriz d'esta parochia de Mascotellos, em caixão de chumbo, onde esteve até ser trasladado para jazigo proprio no cemiterio d'esta freguezia, mandado construir por elle, *á sua custa*, como já dissemos.

—

João Gomes d'Oliveira Guimarães é natural d'esta freguezia de Mascotellos, filho de Jacyntho Gomes d'Oliveira e de D. Maria Alves d'Abreu Pereira, parente do sr. Visconde de Benalcanfor, um dos nossos mais primorosos estylistas.

Nasceu a 29 do dezembro de 1853;—concluiu com distincção o curso de preparatorios no lyceu de Braga em 1872;—terminou o curso triennal no seminario de Braga em 1875, obtendo no 1.º anno *nemine cum laude* e nos dous ultimos *nemine* com distincção. Recebeu ordens menores em 1871, de subdiacono em 1875, de diacono em 1876 e de presbytero em 23 de setembro do mesmo anno.

Foi apresentado n'esta egreja por decreto de 21 de janeiro de 1880 e, alcançando distincção no exame synodal, collou-se no dia 30 de dezembro de 1880, sendo-lhe conferido o titulo de *reitor*, e tomou posse no dia 9 de janeiro de 1881.

É o 1.º *parocho collado* e o 1.º *reitor* que teve esta egreja, quasi todos os outros parochos foram vigarios ou curas amoviveis.

—

O melhor edificio d'esta freguezia é a residencia parochial, construida pela collegiada de Guimarães e acabada ainda nos prin-

cipios d'este seculo, para arrecadação dos dizimos e fóros.

É grande, solidamente construida e uma das melhores do concelho de Guimarães.

—

É notavel o picôto (vulgarmente *côto*) de Santo Amaro, a cavalleiro da antiga capella d'esta invocação, hoje egreja matriz. Corôam-no grandes penhascos de granito, achando-se no mais saliente uma pyramide geodesica para a triangulação do paiz.

D'ali se descobre largo horisonte, — um panorama vastissimo.

Dizia um ancião da localidade que não deviam dirigir mina alguma para este *côto*, por que surgiria uma foz d'agua que arrasaria toda a parochia?!...

Santas gentes são as d'estas aldeias, que ainda acreditam em bruxas, feiticeiras e *lobishomens*, — talham o ar, — cosem os pés desfiados ou torcidos,—erguem a espinhela, —attribuem grande virtude a certas hervas colhidas na manhã de S. João e ás pinhas e cêpo do Natal,—conjuram as trovoadas com ramos bentos, etc. Tal é ainda a falta de illustração n'esta parochia, pois não tem aula alguma publica; — apenas uma particular para o sexo feminino, dirigida por uma professora com bem poucas habilitações.

Com vista á ex.ma camara municipal de Guimarães.

—

Junto á povoação de Bugalhós, d'esta freguezia, se têem encontrado e encontram ainda em um campo e no monte contiguo muitos fragmentos de telha romana e, a certa profundidade, alguns tractos de terreno ladrilhados com tijolo, mas nem uma moeda, inscripção ou coisa que nos guie na investigação d'aquellas velharias. Apenas uma vaga tradição local diz que fôra ali a séde do *imperio mouro de Creixomil?!...*

Creixomil é o nome de uma quinta proxima.

Visconde de Benalcanfor

Com razão se ufana esta freguezia de ser oriundo d'ella, pelo lado de seu pae, o ex.mo sr. Ricardo Augusto Pereira Guimarães, Visconde de Benalcanfor, que ainda hoje (1884) aqui tem muitos ascendentes, como vamos indicar:

1.º—Paulo Pereira (fallecido em 11 de janeiro de 1788) casou com Anna Gonçalves (fallecida em 15 de outubro de 1782)—moraram na povoação de Leça d'esta freguezia de S. Vicente de Mascotellos e tiveram:

—

2.º—José Pereira, fallecido a 20 de janeiro de 1815.

Casou com Custodia Maria, fallecida a 14 de novembro de 1807, filha de Francisco Lopes e Anna Maria, e tiveram os filhos seguintes, todos nascidos e baptisados n'esta freguezia de Mascotellos:

—(*a*)—Maria. Ignora-se a data do seu nascimento, porque o respectivo livro de Baptismos não vae além de 1766; mas é mencionada no testamento dos paes, copiado no livro dos obitos d'esta freguezia.

—(*b*)—Joanna, nasceu a 15 de março de 1767.

—(*c*)—Antonio José, nasceu a 25 de fevereiro de 1768.

—(*d*)—Francisco, nasceu a 12 de janeiro de 1770.

—(*e*)—Theresa Maria, nasceu a 19 de outubro de 1771.

—(*f*)—Domingos, nasceu a 8 de abril de 1773.

—(*g*)—Antonio Maria, nasceu a 26 de setembro de 1774.

—(*h*)—Joaquim, nasceu a 7 de novembro de 1775.

—(*i*)—José, nasceu a 4 de novembro de 1777.

—(*j*)—Manuel José, nasceu a 8 de outubro de 1779 e foi baptisado pelo padre Jeronymo Ribeiro Salgado, parocho d'esta freguezia, a 10 do mesmo mez, sendo padrinhos Manuel Francisco Pereira, morador na cidade do Porto, tio do baptisado, e Anna Gonçalves, mulher de Paulo Pereira, avó paterna;—foram testemunhas o dito Paulo Pereira, avô paterno, e Bento Gonçalves.

—(*k*)—Anna Maria, nasceu a 14 de julho de 1781.

—(*l*)—Josepha Maria, nasceu a 10 de agosto de 1783.

—

3.º—Manuel José[1] o 10.º filho supra-mencionado, foi como caixeiro para a casa do seu tio e padrinho Manuel Francisco Pereira, morador na rua das Flores, no Porto;—ali casou com D. Margarida Claudina Maxima, natural da mesma cidade, e tiveram entre outros filhos (V. *Resenha* de Silveira Pinto):

—

4.º—José Pereira Guimarães, proprietario e negociante de grosso tracto no Porto e ali varias vezes vereador da camara municipal, etc.

Casou com D. Candida Carlota Alves Pereira de Sousa, filha de Joaquim Alves de Sousa e de sua mulher D Perpetua Felicidade de Sousa Ferreira, e tiveram

—(*a*)—Ricardo Augusto Pereira Guimarães, que segue,

—(*b*)—Guilherme, nascido em 1832 e fallecido em viagem de Hamburgo para o Brazil. Sem geração.

—(*c*)—Eduardo, nascido em 1834 e fallecido com geração de dois matrimonios.

—(*d*)—Adolpho, nascido em 1838, engenheiro civil.

—

5.º—Ricardo Augusto Pereira Guimarães, —1.º Visconde de Benalcanfor, *em sua vida*; commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa;—gran-cruz da Real Ordem Americana de Isabel a Catholica de Hespanha;—deputado da nação nas legislaturas de 1860-61 e 1861-64 por Damão, e na de 1865 a 1868 por Sinfães;—ajudante honorario do procurador geral da corôa e fazenda;—bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra;—socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc., é um dos nossos mais estimados escriptores contemporaneos e primoroso estylista.

Nasceu a 11 de outubro de 1830 na cidade do Porto, e casou no dia 1 de janeiro de 1858 com D. Maria Magdalena Paes Guerreiro de Sande Salema, natural da Villa de Grandola, viuva de Joaquim Carlos Champalimaud, moço fidalgo com exercicio na casa real, por successão,—filha de João Alexandre Guerreiro Barradas de Sande Salema, fidalgo da casa real.

A viscondessa de Benalcanfor teve do seu 1.º matrimonio com Joaquim Carlos Champalimaud um filho, de nome José Joaquim, nascido a 3 de maio de 1855,—e do seu 2.º matrimonio com o actual visconde de Benalcanfor tres filhos,—João Alexandre, nascido a 9 de dezembro de 1860,—D. Maria Magdalena, nascida a 9 de setembro de 1864,—e Ricardo Augusto, nascido a 1 de julho de 1868.

—

O sr. Ricardo Augusto Pereira Guimarães foi feito visconde de Benalcanfor *em sua vida* por decreto de 14 de julho de 1870 e carta de 6 de maio de 1871.

Veja-se a citada *Resenha das familias titulares*, tomo I, unico publicado até esta data (agosto de 1884) pag. 253, — e os *Additamentos e correcções*, pag. 667.

—

Na dita *Resenha* o seu illustre e benemerito auctor, Silveira Pinto, fallando dos bisavós do sr. visconde de Benalcanfor,—José Pereira e D. Custodia Maria—menciona apenas um filho d'estes, Manuel Pereira, que, como já dissémos, deveria chamar-se *Manuel José Pereira Guimarães*—e declara que ignora se teve outros irmãos. Teve os 11 mencionados supra, com relação aos quaes podemos ainda accrescentar o seguinte:

—*Joanna* (b) casou a 23 de maio de 1790 com Francisco José Salgado, filho de Domingos José Salgado e Josepha Maria Lopes, da freguezia de Santa Maria de Infias, concelho de Guimarães;

—*Theresa Maria* (e) casou a 8 de julho de 1800 com Rodrigo José Ribeiro, filho de

[1] Não era natural da villa (hoje cidade) de Guimarães, como diz o sr. A. Silveira Pinto na *Resenha das familias titulares*, pag. 252, mas d'esta freguezia de S. Vicente de Mascotellos, concelho de Guimarães;—e não deveria chamar-se Manuel Pereira Guimarães, como diz o sr. Albano da Silveira Pinto, más Manuel José Pereira Guimarães, porque no Baptismo recebeu o nome de *Manuel* e o sobrenome de *José*.

Custodio José Ribeiro e de Anna Maria Ribeiro, da freguezia de Santa Christina de Serzedello, então do termo de Barcellos e hoje do concelho de Guimarães;

—*Anna Maria* (k) casou a 17 de setembro de 1802 com Antonio José de Macedo, filho de João de Macedo Pereira e de Josepha Maria do Lago, da freguezia de Santa Maria do Souto, concelho de Guimarães;

Josepha Maria (l) casou a 24 de janeiro de 1802 com João Alvares d'Abreu, filho de Manuel d'Abreu e de Catharina Alves, d'esta freguezia de S. Vicente de Mascotellos.

Dos outros irmãos, além de Manuel José, nada mais sei, senão que foram destinados ao commercio, e que em 21 de outubro de 1807, data do testamento dos paes, eram fallecidos Domingos (f) e Antonia Maria (g).

—

Manuel Francisco Pereira, tio e padrinho do avô do visconde de Benalcanfor, era uma excellente pessoa e muito sinceramente religioso e temente a Deus, pois além da grande protecção que dispensou áquelle seu sobrinho e afilhado, protegeu e dotou todas as outras sobrinhas, que eram pobres, filhas de *lavradores caseiros* e não de *proprietarios abastados*, como diz o sr. Silveira Pinto;—e dotando-as conseguiu que todas casassem muito rasoavelmente.

Á sobrinha, avó materna do rev.mo sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, actual reitor d'esta freguezia de Mascotellos, [1] a quem devo estes apontamentos, deu elle réis 1:100$000, somma consideravel para uma aldeia, n'aquelle tempo.

Além d'isso deu para a egreja matriz de S. Vicente de Mascotellos, onde fôra baptisado, uma custodia, um thuribulo e uma naveta, tudo de prata, objectos avaliados aquelle tempo (1793) em 160:700 réis, alem d'outras esmolas.

—

Tambem foi benemerito protector d'esta egreja de S. Vicente o capitão Antonio de Abreu Guimarães, da casa do Assento, natural d'esta freguezia

Morando em Lisboa pelos annos de 1793, de lá enviou para a matriz onde nascera,—um paramento completo de damasco branco,—dalmaticas, pallio, casula e capa d'*asperge;*—mas de todos os protectores d'esta egreja o mais benemerito de que ha memoria na localidade foi o rev. Antonio José Lisbão, já mencionado supra.

—

N. B. A casa e quinta de Mascotellos, de que fizemos menção, e que se acham situadas na parochia limitrophe—S. Thiago de Candoso—pertencem na actualidade ao barão de Pombeiro, senhor do vinculo ou morgado de Sezim, e não foram jamais pertença d'aquelle vinculo, mas do de S. Braz, annexo ao de Sezim, pelo menos desde os principios do ultimo seculo.

A dicta casa de Mascotellos não era vinculada, mas *reguenga*, e tão antiga que já se encontra de posse d'ella em 1586 Fernão Affonso *Lebrão*, ou *Leborão*. Instituiu elle vinculo na citada capella, tendo esta sido feita por Alvaro Gonçalves de Freitas, que simplesmente a fundou, mas não instituiu n'ella morgadio, como por mal informados dizem o Padre Carvalho, Caldas, etc.

Pelo casamento de Anna Barbosa, filha de Fernão Affonso Leborão, com Fernão de Freitas, passaram a casa e mais bens de Mascotellos, incluindo o vinculo de S. Braz, para o morgado de Sezim e seus descendentes.

—

A feira de Santo Amaro, de que acima fizemos menção, é hoje annual, mas em outros tempos foi mensal, como se vê do seguinte:

Em 1680, Dionizio do Amaral, morgado de Sezim, e Antonio Paes do Amaral, senhor das quintas de Leça, d'esta freguezia, tomaram-se de razões, originadas pela venda do vinho na referida feira. Levado o pleito á

[1] Tem uma irmã de nome Joanna, ainda solteira e residente na mesma freguezia de Mascotellos, e um irmão, de nome Joaquim, residente em Jaguarão, no imperio do Brazil, todos tres primos em 2.º grau do sr. visconde de Benalcanfor;—e são filhos da sr.ª D. Maria Alves d'Abreu Pereira, que ainda vive e reside com seu marido na dita parochia de Mascotellos, sendo por consequencia prima, em 1.º grau, do mesmo sr. visconde.

presença do principe regente D. Pedro II, expediu o corregedor de Guimarães, em 4 de junho de 1680, uma provisão em que ordenou que os dictos senhores assignassem termo de não promoverem mais questões por occasião da venda do seu vinho na feira que *todos os mezes* se fazia junto á ermida de Santo Amaro, arrabaldes de Guimarães.

Tudo isto consta de documentos authenticos, pertencentes á casa do sr. barão de Pombeiro.

—

Concluirei agradecendo mais uma vez ao meu bom amigo e muito illustrado collega o rev. sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, digno reitor d'esta freguezia de Mascotellos, os apontamentos que se dignou enviar-me.

VICENTE DE MÓRA — casal pertencente á freguezia de *S. Barnabé* e *Santa Susana*, (Vide) concelho de Almodovar, districto e bispado de Beja.

Comprehende mais esta freguezia os casaes, montes ou herdades seguintes:

Serro das Covas, Seixo, Monte da Cruz, Moita Redonda de Baixo, Moita Redonda de Cima, Moita Redonda do Meio, Casa Nova de Baixo, Casa Nova de Cima, Córte do Cabo, Valle, Val de Loulé, Ingrez, Cruz Alta, Felizes, Monte da Ribeira, Pexigueiro, Almoinha, Fojos, Monte dos Soeiros, Cannafichal de Baixo, Cannafichal de Cima, Lendreiro, Ribeira de Odelouca, Almeixoafra de Baixo, Almeixoafra de Cima, Pereiras, Pomar da Varella, Cançados, Brunheira, Serro da Córte, Casa Branca, Fornalha, Pé de Boi, Carabalho, Pampilhaes de Baixo, Pampilhaes de Cima, Cortinhola, Monte Velho, Córte, Figueira dos Coelhos, Cumeada, Monte da Cumeada, Cercas, Aldeia dos Buracos, Respingadoiro, Alcaria, Monte Abaixo, Serro da Ursa, Monte da Figueira, Casinha, Portella, Zebro de Baixo, Zebro de Cima, Córte Amarella, Val de Casas, Monte das Pereiras, Moutinho, Varzea Redonda, Sarnadas, Carneiro, Lontra, Pereira, Pomar, Foz do Carvalho, Monte da Vinha, Monte Branco, Carriços, Cravaes e Córte Fidalgo.

Por todos estes *montes*, herdades, casaes, quintas e aldeias se acha disseminada (segundo o ultimo censo de 1878) a população de 221 fogos com 1:071 habitantes (comprehendendo os ausentes) — sendo 586 do sexo masculino e 485 do sexo feminino; — contavam 70 a 80 annos 20,—tinham 80 a 90 annos 4,—1 mais de 90—e ignorava-se a idade de 35.

Vê-se pois que é saudavel o clima d'esta freguezia.

Dos seus 1:071 habitantes sabiam apenas ler 2 homens e nem uma só mulher; — sabiam ler e escrever 30 homens e 5 mulheres, — e não sabiam ler nem escrever 561 homens e 475 mulheres?!...

Pedimos á ex.ma camara de Almodovar que se condôa d'aquelles infelizes e lhes dê, pelo menos, as noções da instrucção primaria elementar.

VICENTE DO PAUL (S.)—freguezia,—ou simplesmente *Paul* (Vide) orago S. Vicente, concelho de Santarem.

Pelo recenseamento de 1878 contava 360 fogos e 1:600 habitantes (comprehendendo os ausentes);—sendo 832 do sexo masculino e 768 do sexo feminino;—de 70 a 80 annos de idade 24,—de 80 a 90—4;—é 1 de idade desconhecida.

Sabiam apenas ler 25 homens e 9 mulheres; — sabiam ler e escrever 36 homens e 8 mulheres,—e não sabiam ler nem escrever, ou eram completamente analphabetos—787 homens e 754 mulheres?!...

Com vista á ex.ma camara de Santarem, pois se acha hoje a cargo das camaras a nossa instrucção primaria.

—

Esta freguezia é priorado e a sua igreja matriz está isolada, 1 $1/2$ kilometro a E. do casal do Bairrinho e cerca de 3 kilometros ao sul da quinta d'Agua de Lupe ou Guadalupe; — 15 kilometros de Santarem,—90 de Lisboa e 3 da linha ferrea do norte (estação de Matto de Miranda).

Tocam n'esta freguezia a estrada districtal de Santarem á Barquinha e a municipal da estação de Matto de Miranda a Pernes.

—

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes:

Casaes da Carrapateira, Comeiras de Cima, Comeiras de Baixo, Casaes da Portella,

Sobral, Outeiro de Pernes, Corredoura, Reguengo de Alviella e Torre do Bispo;—os casaes de Cullão, Egreja, Pixeleira, Gasalho, Grillo, Val Verde, Aciprestes, Bemfica, Lamas, Caeiro, Pedregal, Ponte Palheiro, Casal Novo, Val do Brejo, Morgados, Alfagueiros, Bica, Figueira, Passo, Porto do Pisco, Travassos, Lameiras, Espinhal, Carpinteiros, Torrão, Lamurracha ou Cumeirancha, Laurencia, Cambeiro, Quartos, Tojeiro, Sesmarias, Mortinhaes, Boa Vista, Celleiro, Torrinha, Fonte da Serra, Bonito, Matta do Almoxarife, Valles, Tojosa, Casalinho, Casaes Novos, Garnacho, Bairrinho, Casal do Louco, Casal do Infante, da Cruz, de Val das Fontes, da Inveja, do Belchior e de João Chrysostomo.

Comprehende tambem as quintas d'Agua de Lupe ou Guadalupe, Çomeiras, Bonito, Ponte de Alviella, Gunha de Baixo, Gunha de Cima, Raposeira, Alpompé, Leziria, Ventosa, Torre Secca, Bica, Outeiro, Fonte Santa e Comeiras,—a herdade de D. Marianna —e o sitio da ponte de S. Vicente.

E' isto, com pouca differença, o que se lê na *Chorographia Moderna*, e, segundo as informações que recebi da localidade, por intermedio do ex.mo sr. administrador do concelho, as propriedades que mais avultam hoje n'esta freguezia são o Reguengo de Alviella, a Torre do Bispo (casaes)—e a quinta do Outeiro, pertencente ao barão d'Almeirim,—a da Romeira, pertencente ao visconde de Porto Carrero,—a *Quintinha*, pertencente a Januario d'Almeida Trigoso,—e a de *Alpompé* [1], pertencente ao sr. Emilio Infante da Camara.

—

Esta quinta de *Alpompé* com certeza tomou o nome da velha capellinha de Nossa Senhora de *Alpomper*, mencionada pelo meu antecessor no artigo *Paul* (Vide)—ou a capella tomou o nome d'esta quinta (ou do sitio que occupa) hoje denominada *Alpompé* (segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o sr. administrador de Santarem) mas deve denominar-se *Alpomper*, porque assim se denominava a capella que existia em um monte d'esta parochia nos principios do seculo passado (1721) quando Fr. Agostinho de Santa Maria escreveu o tomo 7.º do *Sanctuario Marianno*, pois ali, a pag. 210 e não a pag. 217, como erradamente se lê no indice, o auctor falla detidamente da mencionada capella, e, alem do que o meu antecessor tirou para o artigo *Paul*, se diz, entre outras coisas, o seguinte:

A imagem da Senhora era de pedra e representava a Virgem com o Menino Jesus ao collo, no acto de dar-lhe o peito, pelo que tinham muita devoção com ella as mulheres das circumvisinhanças, quando andavam criando e lhes faltava o leite. Costumavam fazer-lhe votos e offertar lhe bilhas de leite.

Os apontamentos que recebi, fallando dos templos d'esta parochia, mencionam apenas a egreja matriz, templo antigo, sem coisa alguma notavel, tanto na sua architectura exterior como nas decorações interiores,—e não mencionam a dicta capella.

Talvez já não exista, porque já em 1721, segundo se lê no *Santuario Marianno*, ella se achava *em decadencia e grande abatimento;*—não tinha ermitão nem festa propria e apenas ali se celebrava uma ou outra missa, em cumprimento de votos dos fieis.

Dava-se tambem a circumstancia de estar em sitio ermo, sem visinhança alguma, e os paramentos se guardavam no casal mais proximo, denominado *Casal d'Altares*, que não encontro nos meus apontamentos nem na *Chorographia Moderna*.

Será este casal a quinta hoje denominada *Alpomper ?*

O auctor do *Santuario Marianno* diz que a dicta capella distava de Santarem cerca de *legoa e meia* e ficava *perto* do convento arrabido de Val de Figueiras, mas no termo d'esta parochia de S. Vicente;—que já n'aquelle tempo (1721) era muito antiga e se ignorava quem a fundou, bem como a data da sua fundação;—que na frente d'ella estava uma figueira que todo o anno tinha

[1] A *Chorographia Moderna*, no artigo proprio e no *Supplemento*, enumera como casal esta quinta e dá lhe o nome de *Apompé*. Julgo ser lapso.

figos[1] — e que os doentes de sezões e de outras enfermidades costumavam colher um d'aquelles figos e o julgavam *remedio santo*, trazendo-o ao pescoço.

—

As freguezias limitrophes d'esta são — Cazevel, Pombalinho, Achete, Azinhaga e Val de Figueira.

—

Como dissemos, todos os templos d'esta parochia se reduzem á sua egreja matriz, e mesmo n'ella não costumam fazer festa ou romagem alguma. Não admira, pois, que deixassem abater e desapparecer a veneranda capellinha da Senhora de *Alpompér*.

—

Ha aqui uma feira de gado, na Torre do Bispo, a 8 de setembro de cada anno.

—

Esta freguezia é atravessada e banhada pelo rio Alviella que no seu termo tem uma ponte — move seis moinhos — e desagua no Tejo a 500 metros da extremidade d'esta parochia.

—

As suas producções principaes são vinho, milho e azeite.

—

Não tem aula alguma, — nem soquer de instrucção primaria elementar para o sexo masculino?!...

Mirem-se n'este espelho os illustres vereadores de Santarem.

VICENTE DE PEREIRA (S.) — freguezia do concelho e comarca d'Ovar, districto de Aveiro, bispado do Porto, provincia do Douro.

[1] Não se julgue extraordinario ter a figueira figos *todo o anno*. Isso se observa em muitas. Junto da casa onde eu nasci, na pequena povoação da Curvaceira, freguezia da Penajoia, concelho de Lamego, na margem esquerda do Douro, — mesmo em frente da actual estação das Caldas do Molledo — tinhamos uma figueira assim. Dava muitos figos lampos *enormes!* — depois figos vindimos, mais pequenos, — e, quasi ao mesmo tempo, outros que ficavam presos á arvore *todo o inverno*, — amadureciam no anno seguinte com os lampos — e eram os melhores, posto que pequenos.

Vide *S. Vicente de Pereirã* 9.° vol., pag. 46, *in fine*, — *Pereira Juzã*. 6.° vol. pag. 683 — e *Valga* 10.° vol. pag. 101, col. 2.ª e seg.

—

Pelo ultimo recenseamento (1878) contava esta freguezia 303 fogos e 1:172 habitantes (comprehendendo os ausentes) — sendo 534 do sexo masculino e 638 do sexo feminino; — 29 de 70 a 80 annos e 10 de 80 a 90.

Sabiam apenas ler 42 homens e 10 mulheres; — sabiam ler e escrever 157 homens e 29 mulheres, — e não sabiam ler nem escrever, ou eram completamente analphabetos — 336 homens e 600 mulheres.

Tem hoje 312 fogos.

—

Esta freguezia pertenceu antigamente á comarca e ouvidoria da Villa da Feira, cujos condes eram seus donatarios; — depois pertenceu ao antigo concelho de Pereira Juzã, comarca e provedoria d'Esgueira, ouvidoria da Feira e algum tempo tambem á comarca d'Aveiro, depois que a rainha D. Maria I, por alvará de 19 de julho de 1790 extinguiu o poder e jurisdicção dos donatarios, bem como os juizes chamados *ouvidores*.

Extincto o concelho de *Pereira Juzã*, pelos decretos de 28 de dezembro de 1852 e 31 de dezembro de 1853, passou esta freguezia para o concelho d'Ovar, comarca de Oliveira d'Azemeis — e finalmente para o concelho e comarca d'Ovar, desde 1855, data em que se creou esta ultima comarca.

—

O seu orago é e sempre foi *S. Vicente Martyr* — e comprehende as aldeias seguintes:

Pereira, séde da matriz, Casal, Agoncida, S. Lourenço, Formal, Azevedo, Porto da Egreja, Formiga, Castanheiro, Monte, Matta, Quinta Nova, Herdade, Cova, Rossada, Solheira, Torre, Cassemes, Cruzeiro, Corgo, Devesa, Mouquinho, Outeiro, Aveneda, Cavadinha, Quinta da Motta e Relva.

—

Parece-nos que havendo aqui desde tempos remotos duas povoações, não muito distantes, com o mesmo nome de Pereira, para não se confundirem, se denominavam *Pereira Juzã*, ou *de baixo* e *Pereira Suzã*, ou *de*

cima, porque no antigo portuguez — *juzaã, jussan, jusan* e *jusam* queriam dizer *debaixo*—e *susãa, susan e susam* significavam *de cima*.

Addicionados ás duas povoações de Pereira os sobre-nomes de *Juzã* e *Suzã*, bem as distinguiram sempre os seus visinhos, mas confundiram-se d'um modo lastimoso os escriptores estranhos á localidade, que tiveram de fallar d'ellas, — e ainda hoje (1884) reina a mesma confusão em *todas as nossas chorographias* e nas proprias *publicações officiaes*.

Nós mesmos, depois de consultarmos, combinarmos e estudarmos com *trabalho insano* todas as chorographias e publicações antigas e modernas, que podemos haver á mão, ficámos perplexos e, para sahirmos airosamente do labyrintho, consultámos os dignos parochos de S. Vicente de Pereira, Vallega e Ovar, que promptamente e muito satisfatoriamente se dignaram responder-nos, e por isso lhes beijamos as mãos agradecidos.

Post tot tantos que labores podemos dizer, como Archimedes:—*Inveni, inveni!*

Está decifrado o enigma!

Terminou para os nossos chorographos o jogo da cabra-cega, sobre este ponto, como vão ver:

—

Em tempos remotos, os senhores da villa e da grande comarca da Feira, que ainda em 1834 comprehendia a bagatella de 96 freguezias, algumas muito populosas (V. *Feira*, tomo 3.° pag. 157), hoje pertencentes ás comarcas da Feira, Ovar, Aveiro, Arouca, Estarreja e Oliveira d'Azemeis, crearam um concelho denominado *Pereira Jusã*, tendo por séde a pequena povoação de *Pereira Jusã*, que arvoraram em villa, ao tempo — *e ainda hoje*—pertencente á parochia de Santa Maria de Vallega.

Era o dicto concelho formado por uma parte da freguezia de Vallega,—parte da de S. Vicente de Pereira—e parte da de Ovar.

Depois, quando se criou o concelho de Ovar, ficou pertencendo a Ovar toda a freguezia d'este nome — e ao concelho de Pereira Jusã as freguezias de Vallega e de S. Vicente de Pereira,—e, extincto o concelho de Pereira Jusã e creada a comarca d'Ovar, ficaram pertencendo aquellas 3 freguezias ao concelho e comarca de Ovar. V. *Valga* e *Ovar* n'este diccionario e no *Supplemento*.

—

A dicta povoação de *Pereira Jusã*, pertencente á freguezia de Vallega, depois que foi arvorada em villa e séde de concelho,—concelho antiquissimo, anterior aos de Angeja, Estarreja, Ovar e Oliveira d'Azemeis—teve foral *velho*, dado não sabemos quando nem por quem, e D. Manuel lhe deu foral *novo* [1], *confirmando e ampliando o antigo*, em 2 de junho de 1514. Liv. dos *Foraes Novos* da Estremadura, fl. 75, col. 1.ª

N'este foral se deu á dicta villa o nome de *Pereira Jusão*, para se distinguir da povoação de Pereira, cerca de 6 kilometros a E. N. E. ainda hoje (1884) séde da freguezia de S. Vicente de Pereira, de que no momento nos occupamos, posto que no foral que o mesmo rei D. Manuel e no mesmo anno de 1514 havia dado (em 10 de fevereiro) á villa da Feira, mencionando muitas das parochias pertencentes áquella villa e comprehendidas no dicto foral, menciona tambem esta de S. Vicente, dando-lhe o nome de *Pereira de S. Vicente de Goncida* [2], pois *Goncida* ou *Agoncida*, era e é ainda hoje, como já dissemos, uma das muitas povoações d'esta freguezia de S. Vicente.

—

Não sabemos se por aquelle tempo a povoação de Pereira, pertencente á freguezia de S. Vicente, se denominou tambem (como era natural) Pereira *Suzã*, ou *de cima*, pois estava um pouco mais distante (cerca de 2 kilometros) da beira-mar e mais ao norte do que a villa de Pereira Juzã, ou *de baixo*, que ficava e fica mais ao sul e mais proxima do mar.

É certo que a *Pereira* de Vallega, villa e séde de concelho, se denominou sempre *Pe-*

[1] Este foral ainda hoje se conserva no archivo da camara de Ovar. E' um folio de 20 folhas, encadernado e tencionamos dar d'elle alguns extractos no *supplemento*, art. *Vallega*.

[2] V. *Feira*, tomo III pag. 155, col. 2.ª *in fine*.

reira Jusã — e que a povoação de *Pereira*, séde da freguezia de S. Vicente, nunca se denominou Pereira *Jusã*, mas simplesmente *Pereira*—e a sua freguezia *S. Vicente de Pereira.* Tambem *nunca* foi villa, mas uma simples povoação pertencente á freguezia de S. Vicente e (a principio *parte* e depois *toda*) ao extincto concelho de Pereira Jusã. Appareceu porém a *Chorographia Portugueza* do P.e Carvalho, e no 2.º volume, publicado em 1708, mencionando a villa e concelho de *Pereira Jusã*, deu-lhe por lapso, ou talvez erro de impressão, o nome de Pereira *Suzã.*

Seguiu-se em 1736 a *Geographia Historica* de D. Luiz Caetano de Lima, que, aproveitando os trabalhos do P.e Carvalho, deu á mencionada villa o mesmo nome de Pereira *Susã.* (V. *Geogr. Hist.* de Lima, II vol. pag. 108.)

Em 1745 João Baptista de Castro, approveitando os trabalhos de D. Luiz Caetano de Lima e do P.e Carvalho, tropeçou egualmente dando á dicta villa o mesmo nome de Pereira *Susã* no seu *Mappa de Portugal*; — e ainda por ultimo o sr. Manuel Bernardes Branco, — sendo aliás um escriptor consciencioso e muito illustrado — na 3.ª edição da dicta obra, publicada em 1870, *correcta* e *continuada* por s. ex.ª, cahiu no mesmo lapso, como póde ver-se a pag. 39 do tomo I.

—

Erraram pois estes e outros escriptores dando á villa de Pereira *Jusã* o nome de Pereira *Susã*, — e erraram tambem o *Flaviense*,—J. A. d'Almeida no seu diccionario chorographico, — o sr. João Maria Baptista na sua interessante e muito consciencioso *Chorographia Moderna*, — o *Diccionario de Geographia Universal*, obra de grande folego, publicado em 1883, — e outras muitas chorographias, dando a esta parochia de S. Vicente de Pereira o nome de Pereira *Jusã* — e dizendo que foi *villa*, séde do extincto concelho d'este nome.

Tambem laboram em erro o *Mappa das Congruas*, publicado em 1868, — os *Censos* de 1864 e 1878, — o *Mappa* das novas dioceses, publicado em 1882 — e outras muitas publicações officiaes denominando S. Vicente de Pereira *Jusã* esta freguezia de S. Vicente de Pereira.

—

Ainda mais:

A *Chorographia Moderna* do sr. J. M. Baptista, trabalho muito consciencioso, elaborado com importantes subsidios que nós não podemos haver, por estarmos escrevendo no Porto, a grande distancia das secretarias do estado, fallando d'esta freguezia de S. Vicente de Pereira, principia por dar-lhe o nome de *Pereira Jusã*;—diz que foi a antiga villa de Pereira *Susã*, mencionada pelo P.e Carvalho, — e que, entre outras aldeias que menciona, comprehende a de Pereira *Jusã*.

Em seguida, no artigo *Vallega*, diz que esta freguezia pertenceu á villa de Pereira *Jusã*, no tempo de Carvalho [1],—que passou a ser dos suburbios da mesma villa, *quando se erigiu n'esta a igreja parochial de* S. *Vicente*,—e em uma nota accrescenta que esta egreja de S. Vicente se erigiu em tempo posterior ao P.e Carvalho.

Tudo isto (desculpe-nos s. ex.ª) é menos exacto, como levamos exposto.

A freguezia de S. Vicente de Pereira não se erigiu na *villa de Pereira*, mas foi sempre parochia á parte, distante cerca de 6 kilometros para E. N. E. mettendo-se de permeio a freguezia de S. Martinho da Gandra, —nem foi erecta em tempo posterior ao P.e Carvalho. É uma parochia muito antiga.

D'ella se faz menção, como já dissemos, no foral que D. Manuel deu á villa da Feira, em 10 de fevereiro de 1514,—no *Catalogo dos Bispos do Porto*, em 1623,—nas *Constituições* d'este bispado, em 1687 — e na *Chorographia* do mesmo P.e Carvalho, em 1708.

—

Por seu turno o *Diccionario de Geographia Universal*, obra recentissima e de grande tomo, feito por uma *Sociedade de homens de sciencia, debaixo da direcção do sr. Tito Augusto de Carvalho*, uma das nossas illustrações contemporaneas, — alem de dar a esta

---

[1] Carvalho disse que pertencia á villa de Pereira *Susã*, não *Jusã*.

parochia o titulo de *villa* de S. Vicente de Pereira *Jusã* — titulo que *não tem nem teve nunca*, diz que pertence ao concelho e comarca de Aveiro!...

—

Resumindo temos o seguinte:

1.° — Esta parochia de S. Vicente *nunca foi villa*—nem se denominou, nem denomina ou deve denominar S. Vicente de Pereira *Jusã*, mas *S. Vicente de Pereira* — sómente.

2.° — Pertenceu á villa e concelho extinctos de Pereira *Juzã* e não *Suzã*, como erradamente disseram o P.e Carvalho e outros chorographos; — extincto aquelle concelho, ficou pertencendo ao de Ovar, comarca de Oliveira d'Azemeis, — e, depois da creação da comarca de Ovar, pertence ao concelho e comarca d'este nome.

3.°—A villa de Pereira *Jusã*, séde do antiquissimo concelho d'este nome, *nunca* foi freguezia, mas uma *simples aldeia*, que *sempre* pertenceu e pertence á freguezia de Vallega, hoje tambem do concelho e comarca de Ovar.

Ainda hoje (1884) se vê na dicta povoação de Pereira *Jusã* a casa da camara, onde funcciona a escola parochial de instrucção primaria do sexo feminino,—a antiga cadeia nas lojas da mesma casa,—e a pequena distancia o velho pelourinho, que nada tem de notavel.

Fica assim rectificado tudo o que sobre assumpto tão nebuloso *até hoje* se disse nos artigos *Pereira Juzã*, 6.° vol. pag. 683, — *S. Vicente de Pereira*, 9.° vol. pag. 46, *in fine*, —e *Valga*, 10.° vol. pag. 101, col. 2.a

—

Outra bulha:

Tambem dizem *todos os chorographos* que esta freguezia de S. Vicente de Pereira era um *curato* da apresentação do *reitor* de S. Martinho da Gandra.

Pelo contrario, — os parochos (*curas*) de S. Martinho da Gandra eram apresentados pelos *reitores* d'esta freguezia de S. Vicente de Pereira;—mas alguns reitores d'esta freguezia—porque bem lhes approuve—residiram na de S. Martinho da Gandra, mandando para esta de S. Vicente o cura por elles posto na de S. Martinho.

D'aqui proveiu a confusão.

O ultimo reitor d'estas duas freguezias foi o rev. João da Cunha Ribeiro, que poz um cura n'esta de S. Vicente de Pereira e elle residia na de S Martinho da Gandra, da qual *sómente* ficou sendo reitor, quando em 30 de abril de 1844 se collou n'esta de S. Vicente o rev. Antonio Joaquim Gomes Alberto Nunes, antecessor do parocho actual, o rev. sr. João Valente de Rezende, — *1.° abbade d'esta freguezia*, porque o ex.mo prelado do Porto, D. João da França Castro e Moura, lhe conferiu o titulo de *abbade* na sua collação, em 14 de julho de 1864.

Passemos adeante e deixemo-nos de *bulhas* que bastante devem fatigar os leitores.

Desculpem-nos pelas chagas do duque de Aveiro, lembrando-se de que bem mais nos fatigámos nós para desenredarmos similhante meada, suando sob uma athmosphera de 30 graus á sombra e sob as ameaças do cholera, que n'este momento (julho de 1884) tantas victimas faz em Toulon e Marselha e tanto intimida o mundo todo!

Vade retro Satan!...

—

As freguezias lemitrophes d'esta de S. Vicente são Mosteiró, S. Martinho da Gandra, Ovar, Souto e Cucujães.

Dista esta freguezia 8 a 9 kilometros da actual matriz de Vallega;—9 a 10 da beira-mar [1]; — 12 a 13 da villa da Feira; — 5 de Ovar, séde do concelho e comarca; — 33 de Aveiro, séde do districto;—41 do Porto, séde do bispado—e 306 de Lisboa.

---

[1] A extincta villa de Pereira *Jusã*, aldeia da freguezia de Vallega, dista da beira mar 7 a 8 kilometros; — do *Seixo Branco*, onde se suppõe que esteve a primeira matriz de Vallega, 2 a 3;—da *Espinha* ou *Adro Velho*, onde esteve a segunda matriz e está a matriz actual, 1 a 2;—de Ovar 4 a 5; — da povoação de Pereira, séde da freguezia de S. Vicente, 6 a 7—e da villa da Feira, 18 a 20.

V. *Vallega* no *Supplemento*. Estas distancias me foram indicadas da localidade e referem-se ao percurso entre os diversos pontos. As distancias em linha recta são muito differentes.

—

Esta parochia é servida pela linha ferrea do norte, (estação de Ovar) distante 4 a 5 kilometros para oeste, — e por uma estrada a macadam de Ovar para Cucujães, que passa pelo meio d'esta freguezia de S. Vicente e vai para Oliveira d'Azemeis e Arouca.

—

A egreja matriz é um bom templo de uma só nave, espaçoso, elegante, extremamente limpo e bem alfaiado. Tem boas decorações de talha dourada, altar-mór e dous lateraes, 2 pulpitos, côro, guarda-vento, duas sachristias, torre com 3 sinos, um d'elles com relogio, armação, paramentos e alfaias para todas as festividades,—tudo em perfeito estado de conservação, o que não é trivial nas aldeias e muito depõe a favor do seu rev. parocho e dos seus parochianos.

No dia 14 de fevereiro de 1756 se assentou a primeira pedra d'este formoso templo —e no dia 26 de agosto de 1764 se fez com grande pompa a trasladação do Santissimo e das imagens da velha matriz para esta.

A tradição ainda conserva a memoria do local onde esteve a matriz anterior, de que já não restam vestigios, e consta que o Santissimo Sacramento fôra n'ella collocado pela primeira vez no dia 26 de maio de 1709 — d'onde se infere que não foi aquella a primitiva egreja matriz d'esta parochia, pois, como vimos, já d'ella se fez menção no Catalogo dos Bispos do Porto em 1623 e no *foral novo*, dado á Villa da Feira por D. Manuel, em 10 de fevereiro de 1514.

—

O dicto foral, mencionando muitas das povoações principaes que ao tempo pertenciam ao termo da Villa da Feira, menciona a de *Pereira de S. Vicente de Goncida* (ou Agoncida) que era com toda a certeza esta parochia hoje denominada *S. Vicente de Pereira* e que, segundo se deprehende do dicto foral, tambem já se denominou S. Vicente de *Pereira* de *Goncida* (ou *Agoncida*) duas das muitas aldeias que ainda hoje (1884) constituem esta parochia.

Boa desculpa teriam pois as chorographias e publicações officiaes que citámos, se, em vez de lhe darem o titulo de S. Vicente de Pereira *Jusã*, — titulo que *nunca* teve, — a denominassem antes S. Vicente de Pereira de *Agoncida*,—ou mesmo Pereira *Suzã*—ou *de cima*, pois effectivamente está mais ao norte, mais distante do mar e em nivel superior á *Pereira* de Santa Maria de Vallega, que por isso mesmo se *denominou sempre* e *denomina ainda hoje*, como dissemos, Pereira *Jusã*—ou *de baixo*.

—

Ha n'esta freguezia 4 capellas — 2 publicas, — uma de S. Lourenço, na aldeia do mesmo nome, — outra de S. Giraldo, na aldeia de Cassemes,— e 2 particulares, — uma na aldeia da Torre—outra na quinta do Formal, pertencente a uma familia nobre de Penafiel.

Todas se acham abertas ao culto e em bom estado de conservação, exceptuando a ultima, já profanada e em completo abandono.

—

As festas principaes que hoje se celebram n'esta parochia são as seguintes:

Santissimo Sacramento, S. Vicente (o padroeiro) S. Sebastião, Santo Antonio, Coração de Maria, Nossa Senhora da Boa Nova — e S. Lourenço e S. Giraldo, nas suas capellas.

—

Banha esta parochia um pequeno rio que vem da freguezia de Cucujães e vae para a de Ovar, cortando a meio esta de S. Vicente e dando n'ella movimento a diversas rodas de moinhos, na maior parte do anno. Tem uma ponte de pedra no logar de Porto de Egreja e mais algumas de madeira insignificantes.

—

As producções principaes d'esta parochia são — milho, trigo, centeio, aveia, cevada, feijões e vinho verde.

—

Houve n'esta freguezia uma importante fabrica de chapeus, de que se fez larga e justa menção no art. *S. Vicente de Pereira*, (vol. IX pag. 47) mas infelizmente ha muito se acha fechada com grande prejuiso dos seus donos e dos povos da circumvisinhança.

—

Tem hoje esta freguezia apenas uma aula de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

—

O sr. Marques Gomes na sua excelllente *Memoria O Districto d'Aveiro*, fallando d'esta freguezia, dá como pertencente a ella um homem que se tornou notavel pela sua illustração e virtudes — Antonio Pereira [1], freire de S. Thiago, etc., etc.

Foi equivoco. Pertence á freguezia de Vallega, por que nasceu na *villa de Pereira* (antiga villa de *Pereira Jusã*) *situada entre Ovar e Aveiro*, como diz Innocencio Francisco da Silva, no logar citado pelo mesmo sr. Marques Gomes (tomo I pag. 221 do *Diccionario Bibliographico*).

V. *Vallega* no *Supplemento*.

—

Tem esta freguezia um bom cemiterio em optimas condições para os enterramentos. Foi construido pela camara municipal de Ovar em 1869, mas hoje pertence á junta de parochia d'esta freguezia de S. Vicente.

—

O clima d'esta parochia é muito saudavel. Não ha n'ella doenças predominantes nem memoria de grandes epidemias — e sempre contou e conta varias pessoas de 80 a 90 annos de idade.

—

Concluirei agradecendo aos meus prezados collegas os rev.^{mos} srs. João Valente de Rezende, muito digno abbade d'esta freguezia, — Manuel Barbosa Duarte Camossa, dignissimo abbade d'Ovar e ao ex.^{mo} sr. dr. Manuel Marques Pires, illustrado jurisconsulto e muito digno abbade de Vallega, os preciosos apontamentos que se dignaram enviar-me e a presteza com que se dignaram responder-me, — não tendo eu a honra de conhecer pessoalmente a ss. ex.^{as}

Por tudo lhes beijo as mãos agradecido, protestando-lhes eterna gratidão.

[1] Na *Memoria O Districto d'Aveiro*, pag. 293, lê-se *Antonio Ferreira*, o que foi erro typographico, por certo.

—

Aproveitando o ensejo, devo tambem declarar que, tendo-me dirigido *repetidas vezes* a outros muitos meus collegas pedindo-lhes apontamentos, *nem um* até hoje (honra lhes seja!) deixou de responder-me e de satisfazer *com a melhor vontade* aos meus importunos pedidos.

Igual fineza devo a muitos cavalheiros de varios pontos do nosso paiz.

A todos quantos se têem dignado attender-me e aturar-me, aqui lhes protesto a minha eterna gratidão.

—

Peço finalmente mais uma vez *a todos* me auxiliem com apontamentos para as terras de que tenho a fallar—e com *addições e rectificações* para o *Supplemento* á esta obra, pois pelo seu caracter e pela sua vastidão não póde estranhar-se que tanto eu, como o meu antecessor, cahissemos em lapsos.

Seria até o contrario *humanamente impossivel.*

A todos quantos se dignem auxiliar-me— outra vez a minha eterna gratidão.

VICENTES — aldeia da freguezia, villa, concelho e comarca de Pombal, districto de Leiria, bispado de Coimbra. (Vide *Pombal*).

Comprehende mais esta freguezia as aldeias seguintes:

Granja, Carnicha, Carvalhaes, Arrothéa, Covã, Gistola, Charneca, Ranha ou Arranha, Mendes, Cunqueiros, Covões, Marinha ou Meirinha, Cova Grande, Carvoeiros, Motes, Crespos, Barroco, Affonsos, Malhos, Pinheirinho dos Malhos, Monte, Cavadinha, Redondos, Carregueiro, Estrada, Gamella, Carrascos, Aldeia dos Anjos, Souto, Santorum, Gandra, Escoural, Moinho da Torre, Flandres, Rôssa, Fernão João, Cotofre, Casal Velho, Mancos, Travaço, Carrinhos, Cruta, Valdeira, Casaes Novos, Casalinho, Melga, Carvalhaes, Ameixoeira, Assa Massa, Pedras, Guistolla, Cumieira, Outeiro de Gallegos, Val da Serra, Cazeirinhos, Barrocal, Governos, Casal Novo, Caeira, Corãa, Covão da Silva, Val de Cubas e Vinagres — e os sitios de Outeiro de Gallegos, Maria Pires e Agua Formosa.

VICENTINHOS — aldeia ou casal da freguezia de *Lamarosa*, concelho de Coruche, comarca de Benavente, districto de Santarem, na provincia da Extremadura. Pertenceu ao patriarchado, mas pela nova circumscripção diocesana, effectuada pela carta de lei de 20 de abril de 1876, ficou pertencendo ao arcebispado d'Evora.

Está annexada civilmente á freguezia de Villa Nova de Erra, do mesmo concelho, comarca, districto e diocese. Vide *Lamarosa*, *Erra* e *Villa Nova da Erra*.

—

Comprehende esta freguezia de Lamarosa as casas e aldeias seguintes:

Peta, Sião, Carvoeira, Cabecinhas, Ameixial, Sesmarias de S. José, Pocilgaes, Cantinho, Foro Novo, Bica do Cão, Salgueira, Outeiro, Bemfica, Zebro, Zebreira, Zebrinho, Bunheira, Caneira, Caneirinha, Venda, Pipa, Paios ou Penos, *Vicentinhos*, Ovelhas, Arieiro, Martim Gil, Olheiros, Maxoqueira e Medronheira.

—

Esta freguezia foi antigamente villa com o titulo das *Enguias* e eram seus donatarios os Telles de Menezes.

Está em um valle, cercada de montes, 25 kilometros a E. da margem esquerda do Tejo e 15 a NNE. de Coruche.

É abundante de centeio, gado, caça, montados e colmeias.

—

Pelo censo de 1878 tinha 78 fogos e 392 habitantes, sendo 214 do sexo masculino e 178 do sexo feminino;—dos seus 392 habitantes apenas 1 contava mais de 65 annos!

Vê-se pois que o seu clima é pouco saudavel por causa da grande lagoa que tem proxima e que na estiagem é um pantano ou marnel pestifero,—accrescendo a circumstancia de estar em terreno cercado por montes e sem ventilação franca.

Dos seus 392 habitantes sabia apenas lêr um homem; das mulheres nem uma;—sabiam ler e escrever 12 homens; das mulheres nem uma tambem;—e não sabiam ler nem escrever 195 homens e 178 mulheres, —ou *todas* as d'esta pequena e desgraçada freguezia!...

Á illustrissima camara municipal de Coruche lembramos este facto, que é *unico* talvez em todo o nosso paiz.

VICISCLO—villa junto de Braga, debaixo do monte de Santa Martha. Já existia no seculo X, pois no anno de novecentos vendeu Vindisclo Guntildes parte da dicta villa a Astra Mundis e Agnitrudia. Consta do livro *Fidei*.

Vejam-se as *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga* por D. Jeronymo Contador d'Argote, tomo III, pag. 358, n.º 546.

Nada mais podemos apurar com relação a esta antiquissima villa!

VIÇO — portuguez antigo — *vicio*.

VIÇO DE PALAVRAS—portuguez antigo, exuberancia, enfeite, pompa, elegancia de palavras e expressões.

VIÇOSA—nome de uma herdade, de uma quinta e de um moinho, na freguezia de *S. Manços*, concelho, comarca, districto e arcebispado d'Evora, no Alemtejo. Vide *Manços (S.)*—freguezia—orago *S. Mancio*.

Comprehende mais esta freguezia os *montes* (casaes) ou herdades seguintes:

Alamo da Horta, Horta do Alamo, Cume, Carvalho, Quinta de D. Pedro, Laginha, Figueira, Cabida do Raposo, Framilheira, Oliveiras, Cimalhas, Burrazeiro, Alamo de Cima, Alamo do Gavião, Curraes, Casão, Casanito, Conqueiros ou Cunqueiros, Mestras de Cima, Mestras de Baixo, Monte Novo, Capellinha, Hospital, Mesquita, Venda do Albardão, Cabida da Venda, Correia, Cabeça, Carrascosa, Pereira, Cazinha, *Viçosa*, Val de Ricome ou Val de Rico-Homem, Val Vazio, Monte do Ribeiro, Monte dos Frades, Montinho, Amoreiras, Castello, Baldio, Freixo, Botaréos, Cabacinhos, Terra de Baixo, Outeiro e Barro.

As herdades do Alamo de Cima, Alamo da Horta, Cabida do Raposo, Amoreiras, Freixo, Figueira, Buzarreiro e parte das herdades das Mestras de Baixo, Mestras de Cima e a herdade do Baldio pertencem ao digno par do Reino, o sr. Carlos Eugenio de Almeida.

Tambem comprehende esta freguezia as quintas seguintes:

Viçosa, Parreira, Baldio, Quinta Nova, Albardão, Casinha, Capellinha, Cimalhas, Barro e Carvalho, — e os moinhos da *Viçosa*, Parreira, Livreiro, Ponte, Alcaide, Rocha, Lagartos, Cabida do Raposo, Mesquita e Pisão.

A *Estatistica parochial* de 1862 deu a esta freguezia 199 fogos e 768 habitantes, — o censo de 1864 deu-lhe 766 habitantes — e o ultimo censo (1878) 211 fogos e 901 habitantes (comprehendendo os ausentes)—sendo 517 do sexo masculino e 384 do sexo feminino.

Contavam 70 a 75 annos, 4 — e apenas 1 contava mais de 75 annos.

Sabiam sómente ler 18 homens e 2 mulheres; — sabiam ler e escrever 38 homens e 6 mulheres — e não sabiam ler nem escrever — ou eram completamente analphabetos — 471 homens e 362 mulheres!...

Com vista á ex.ma camara municipal de Evora.

Temos mais n'este districto de Evora 1 herdade e 1 monte com o titulo de Viçosa, além da séde do concelho de *Villa Viçosa*, a que daremos adiante o logar de honra que merece.

VIÇOSO — herdade pertencente á freguezia de S. Braz (Vide *Braz* (S.) tomo I pag. 487) concelho de Serpa.

Comprehende mais esta freguezia as herdades seguintes:

Monte Novo, Santa Maria, Barretos, S. Braz, Pevide, Morenos, Reluto, Alfanadas, Monte do Outeiro, Margalhos, Cascalheira, Monte do Lobo, Mora Loba, Crespa, Graciosa, João Affonso e Bogalhos—e as quintas de Santo Antonio, Santa Maria, Provença, Barretes, Graciosa, Junqueira, Morenos, Almirante, Malhadas, Pau de Esteva, Roxa, Caça Lobos, Pacheco, Lapa, Serro d'Aguia e as Hortas de S. Braz.

Temos mais no districto de Faro, concelho de Alcoutim, freguezia de *Giões*, uma aldeia com o nome *Viçoso* — e outra com o mesmo nome na freguezia de Nossa Senhora das Neves da villa e concelho de *Borba*, no districto de Evora.

VICTOR—habitação isolada pertencente á freguezia de S. Martinho do Bispo, concelho, comarca e diocese de Coimbra.

Comprehende mais esta freguezia os logares seguintes:

Monte-São, Povoa, Casaes, Assugeira, Crugeira, Espadaneira, Falla, Bem Canta, Casas Novas, Pé de Cão, S. Martinho do Bispo, e Coalhadas;—os casaes do Ribeiro da Povoa, Chafariz, Parreiras de Monte-São, Bemposta, Espirito Santo, Figueiras e Abrunheira; — as quintas dos Covões, de Esteves, do Bispo e outras—e as habitações isoladas do Casal do Marques, Freixo, *Victor*, Thiago Duarte, Geralda e Cortiços.

—

O padre Carvalho deu a esta importante freguezia 570 fogos,—a Estatistica parochial de 1862 deu-lhe 842 fogos e 3:185 habitantes, — pelo censo de 1864 tinha 3:212 habitantes e pelo censo de 1878 tinha 924 fogos e 3572 habitantes (população de facto) sendo 1681 do sexo masculino e 1:891 do sexo feminino;—de 70 a 80 annos 87,—de 80 a 90 annos 20,—e de 90 a 95 annos 2.

Conclusão — Clima saudavel—apezar da proximidade do Mondego.

Sabiam apenas ler 94 homens e 12 mulheres;—sabiam ler e escrever 71 homens e 251 mulheres, — e não sabiam ler nem escrever 1516 homens e 1628 mulheres.

Com vista á ex.ma camara municipal de Coimbra.

—

É hoje priorado e conta 950 fogos com 3:770 habitantes, — segundo as informações que se dignou enviar-me directamente o seu rev. prior.

—

O padre Carvalho diz que esta parochia foi vigairaria da apresentação da mitra — e a *Estatistica parochial* de 1862 diz que era da apresentação dos condes d'Almada.

—

Entre as diversas povoações d'esta freguezia merece especial menção a de S. Martinho, denominada do *Bispo* e que deu o nome a esta parochia, porque na dicta povoação ha uma grande casa e quinta, desde tempos remotos propriedade da mitra, ou dos srs. bispos — condes de Coimbra.

A casa é immensa,—um verdadeiro paço episcopal; mas infelizmente mal situada,

como quasi todas as casas antigas, e por isso talvez votada ao desprezo e abandono pelos ex.mos prelados, que rarissimas vezes aqui apparecem,—achando-se, bem como á grande quinta, entregue, ha muitos annos, a cazeiros e arrendatarios, pelo que uma e a outra causam dó!...

A quinta é espaçosa. Comprehende muitas terras de semeadura, bons vinhedos, muitas arvores de fructo, bellas mattas, muita agua de diversas nascentes, que vem encanada de grandes distancias, reunindo-se em differentes pontos e abastecendo espaçosos tanques. Já teve tambem jardins, grutas, cascatas e outros muitos embellesamentos, de que apenas se conserva a memoria.

Foi uma vivenda de luxo, verdadeira residencia senhorial dos bispos-condes de Coimbra, como já foi tambem a de Fontello, dos bispos de Vizeu, no tempo de D. Miguel da Silva (V. *Vizeu*)—e a de *Santa Cruz do Bispo*, dos prelados do Porto, no tempo do seu fundador D. Rodrigo Pinheiro (V. *Cruz do Bispo*, tomo II, pag. 152, *in fine*).

Hoje todas se acham em lastimosa decadencia.

—

São tambem dignas de menção outras muitas quintas d'esta parochia, mas, para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas as seguintes:

A do rev. dr. José Antonio de Campos Vieira, no logar de *Bem Canta*. É uma vasta e antiga propriedade. Confina pelo norte com o Mondego e pelo sul com a estrada coimbrã, sobre a qual tem boa casa de habitação com uma capella de Nossa Senhora da Graça.

A do dr. Augusto de Sousa, de Coimbra. É quasi contigua,—tem as mesmas confrontações,—boa casa de habitação tambem sobre a dicta estrada a macadam,—e junto d'ella uma mimosa propriedade com uma bella nascente d'agua.

Entre estas duas quintas está a residencia parochial, muito antiga, pois tem na frente gravada em uma pedra a data—1648, mas vantajosamente situada, muito limpa e bem conservada.

É pequena. Tem apenas duas janellas na frente, sobre a estrada de Coimbra, mas tem boa cerca ou passal, terreno mimoso e muito fertil, como todo o afamado *Campo de Coimbra*.

Em frente da residencia passa a 15 metros de distancia a linha ferrea do norte.

—

N'esta aldeia de *Bem Canta* e no sitio chamado *Gorgulão*, ha uma formosa e abundante nascente de agua potavel. Fórma uma grande bica que alimenta um chafariz e abastece um tanque e lavadouros.

Esta nascente rebenta ali mesmo, junto da estrada publica, dando, mesmo no estio, seguramente uma telha d'agua!...

Nascentes como esta—e ainda mais abundantes—são frequentes n'estes sitios, ao sul de Coimbra.

Que ferro para os habitantes da Guarda, tão ciosos do seu tanque da *Dorna!*...

—

Na aldeia de *Monte São* ha tambem boas quintas, tal é a de D. Leonarda Forjaz, viuva do conselheiro Adrião Forjaz de Sampaio.

Tem bella casa de habitação, luxuosamente mobilada, bom jardim moderno, muito bem tractado, e espaçosos chãos contiguos, bem cultivados, com grande quantidade e variedade de arvoredo fructifero e extensas e ricas insuas.

É tambem notavel n'esta aldeia a quinta do bacharel em medicina—Bento Malva—com boa casa, linda capella de Nossa Senhora da Conceição, tractada com todo o esmero,—e muita agua conduzida de distancia por um bello aqueducto em arcaria.

É tambem digna de menção a quinta do dr. José Leite.

A casa de habitação é um luxuoso palacete brazonado, e tem no centro da quinta uma pequena, mas formosa capella de Nossa Senhora da Conceição, muito bem tractada e ricamente alfaiada.

Torna-se tambem digna de menção n'esta mesma aldeia a quinta de José Ferreira das Neves, muito bem situada, com uma bella nascente de agua e boa casa de habitação, recentemente construida.

—

Na povoação da *Crugeira* é digna de especial menção a quinta bem conhecida pelo nome de *Quinta dos Fidalgos da Crugeira*, — extensa e formosa propriedade com lindas ruas, arvoredo magestoso, secular e imponente casa de habitação de fórmas apalaçadas com dous torreões nas extremidades da fronteira e no centro uma capella com a invocação de Nossa Senhora do Carmo.

Pertence hoje ao dr. Luiz Augusto de Mancellos Ferraz, juiz de direito aposentado, descendente d'aquella nobre familia.

—

Na povoação dos *Casaes* é muito digna de menção a antiga *Quinta do Seminario*, assim denominada, porque pertenceu ao Seminario de Coimbra e n'ella costumavam passar as ferias os alumnos d'aquelle estabelecimento scientifico.

Hoje pertence ao subdito francez José Augusto Orcel.

É uma extensa e fertilissima propriedade, com abundancia de agua potavel e para rega, espaçosa e linda casa,—e uma capella da invocação de S. Braz, hoje em abandono e profanada.

—

É tambem notavel n'esta aldeia a casa e quinta dos *Vieiras*.

Tem um grande edificio apalaçado e bem tractado, com uma espaçosa varanda do lado do nascente e grande terreiro do lado norte, com cocheiras.

A quinta é contigua e extensa, muito fertil e abundante de agua e de arvoredo fructifero.

Ha ainda n'esta povoação outras quintas importantes, taes são a de D. Maria Augusta, — a de José Ferreira Lopo, do Barril, — e a do dr. Antonio Paes da Silva, d'Eiras, conhecida pelo nome de *Quinta do Giraldo*. Tem um bom lagar de azeite com quatro varas e dous moinhos de pão, tudo movido por agua.

—

Na povoação do *Chafariz* ha tambem duas quintas notaveis; — uma pertence aos herdeiros de Manuel Abilio Simões, de Coimbra,—a outra é do Cergio, de Cellas, suburbios de Coimbra.

Ambas se tornam dignas de menção pelo seu valor e pelo espaçoso rocio que têem na frente com um chafariz no meio e duas bicas de excellente agua potavel.

D'aquelle chafariz tomou a povoação o nome porque é conhecida.

—

Esta freguezia é atravessada pela linha ferrea do norte, de Lisboa ao Porto,—e por uma estrada a macadam, — de Coimbra a Monte-Mór, o Velho.

Dista de Coimbra, séde do concelho, districto e diocese, cerca de tres kilometros,— 3 kilometros tambem da estação de Taveiro, na linha ferrea do norte, — outros 3 da de Coimbra, — 122 do Porto — e 215 de Lisboa.

—

As suas freguezias limitrophes são—a E., Santa Clara de Coimbra,—a S., Antanhol,— a O., Ribeira de Frades ou *Nazareth* (V. vol. VI pag. 17, col. 1.ª)—e ao norte o Mondego.

—

A egreja matriz é um templo espaçoso, elegante, muito limpo, bem conservado, sofrivelmente alfaiado. Tem torre e bons sinos e está em uma eminencia com amplas vistas. Sobe-se para ella por uma larga escadaria de dous lanços, terminando em um espaçoso patim lageado, na frente do templo.

N'este patim se vê junto da porta principal da egreja uma sepultura rasa e, na lapida que a cobre, a inscripção seguinte:

SEPULTURA DO PADRE
ANTONIO DA CUNHA REBELLO
INDIGNO PAROCHO
D'ESTA FREGUEZIA
ANNO DE 1780

Consta que o dicto padre foi um vigario benemerito e muito virtuoso, e que elle proprio, vivendo ainda, mandou abrir aquella sepultura e gravar n'ella a citada inscripção.

—

Além das capellas particulares mencionadas supra, ha n'esta freguezia as capellas publicas seguintes:

Santo André, no logar da Povoa;—Senhora da Memoria, com romaria no logar do Espirito Santo; — Senhora da Tocha, em Monte São, com festa propria no mez de julho; — S. Fructuoso, nos Casaes; — S. Thomé, nas Casas Novas; — S. Thiago, na povoação de Fálla, — e S. João Baptista na aldeia de Pé de Cão, tendo grande festa todos os annos no dia proprio e na vespera, com romaria e arraial.

Todas estas capellas se acham em bom estado de conservação, posto sejam muito antigas, pois já foram mencionadas pelo Padre Carvalho nos principios do ultimo seculo,—exceptuando unicamente a de Nossa Senhora da Memoria;—mas em compensação menciona a de Nossa Senhora da Nazareth, que hoje não pertence a esta parochia, mas á de Ribeira de Frades, sua limitrophe.

Tambem já não existem n'esta parochia a povoação nem a ponte de *Rebolim*, mencionadas por Carvalho, e só na dicta parochia de Ribeira de Frades existe uma casa antiga com o nome de *Rebolim*. Talvez que em outros tempos o limite d'esta parochia abrangesse aquella e outras casas, bem como a tal ponte de que hoje não ha memoria [1].

Tambem se eliminaram, ha muito, das festas de S. João as *cavalhadas*, a que allude a *Chorographia Portugueza*.

São ainda muito alegres e ruidosas as dictas festas, mas o que n'ellas predomina, bem como em todas as grandes festas do *Campo de Coimbra*, são as canções e danças populares ao som de *banzas* e da classica e horripilante *gaita de folle!*

—

Na mencionada capellinha de Nossa Senhora da Nazareth se faz todos os annos grande festividade com apparatosa romagem, no dia 15 de agosto. Por essa occasião vai ali uma imponente e vistosa cavalgata, no citado dia 15, logo de manhã, conduzindo da egreja parochial de Santa Cruz de Coimbra a *bandeira* de Nossa Senhora da Nazareth, regressando pelo fim da tarde á dicta egreja, o que dá um caracter particular á funcção e muito alegra os romeiros e devotos da Senhora, bem como esta freguezia, pois a cavalgata da *bandeira* faz caminho pelo meio d'ella, tanto na ida como na volta.

Escusado é dizer que no dia da festa, tanto de manhã como de tarde, os habitantes das povoações que medeiam entre Coimbra e a mencionada capella, fórmam todos em columna cerrada ao longo da estrada publica para verem passar a *bandeira* e que todo o arraial, quando a bandeira ali chega, fica boqui-aberto.

—

No logar de S. Martinho, séde d'esta parochia houve um grande edificio, de que hoje (1884) apenas restam memorias e algumas ruinas. Consta que foi seminario diocesano em epocha remota, pelo menos temporariamente. E' certo que pertenceu á mitra de Coimbra e que, achando-se muito arruinado, o bispo D. Manuel Bento o cedeu á junta de parochia d'esta freguezia, para no seu chão se fazer, como fez, o cemiterio parochial,—um dos melhores d'este concelho.

E' bastante amplo, bem situado a pequena distancia da egreja matriz, arruado com buxo, e já conta cinco mausoleus com as suas respectivas inscripções.

Data de 1869.

—

Esta freguezia é muito saudavel. Apenas aqui no verão incommodam algum tanto as sezões, embora bem menos do que na maior parte das freguezias das margens pantanosas do Mondego, desde Coimbra até á Figueira.

Não tem sido poupada pelas grandes epidemias, e tanto que já n'este seculo entrou aqui duas vezes o cholera e por varias vezes a variola; mas nunca foram aqui relativamente tão numerosos os casos fataes como em outras muitas povoações, nomeadamente em Coimbra, por isso para aqui emigrou sempre n'essas occasiões grande parte da população d'esta cidade.

---

[1] A *Chorographia Portugueza* e o *Portugal Sacro e Profano* nem sequer mencionam a dicta parochia de *Ribeira de Frades*, o que leva a crer que até o 3.º quartel do ultimo seculo não existia e que foi erecta posteriormente.

Para aqui emigraram por vezes os proprios prelados com os seus seminaristas e a mesma camara municipal, residindo os prelados na sua grande quinta e os seminaristas no grande edificio que esteve no local hoje occupado pelo cemiterio.

A camara fazia as suas sessões na celebre *Casa da Torre*, que ainda existe na aldeia de Pé de Cão. N'ella funcciona actualmente a eschola primaria elementar do sexo feminino.

—

Tambem para aqui emigraram e aqui viveram até 1612, as freiras do convento de Santa Anna, eremitas descalças de Santo Agostinho, hoje, mas n'aquelle tempo ainda *conegas.* Vide *Vicente de Fôra* (S.) vol X.

O seu primitivo convento foi fundado pelo bispo de Coimbra D. Miguel Paes, em 1174, junto do Mondego e tão perto d'elle que já em 1284 foi inundado pelo rio, pelo que o bispo D. Americo, em 1285, as mudou para outro convento em sitio um pouco mais distante do Mondego, na *Vinha da Varzea,* doada para esse fim pelo *mestre Estevam,* deão da Sé;—e d'este local, por ser doentio, passaram para esta parochia, onde viveram [1] até 1612, data em que se transferiram para o seu actual convento, fundado pelo bispo D. Affonso Castello Branco. V. *Chronica dos Conegos Regrantes,* L. 12, cap. 10.°, pag. 550 e seguintes.

—

Tem esta freguezia duas aulas municipaes de instrucção primaria elementar, — uma para o sexo feminino — outra para o sexo masculino.

—

O visconde de Monte São tomou o titulo da aldeia d'este nome, pertencente a esta freguezia, por sêr d'ali natural a esposa. Dos paes d'ella herdou aqui muitas e boas propriedades, mas não a casa brazonada em que viviam, e por isso fixou a sua residencia na freguezia de Lamarosa, concelho de Tentugal, onde é grande proprietario tambem.

No *Supplemento* a este diccionario daremos no artigo *Monte São* a biographia dos nobres viscondes d'este titulo.

—

Consta que para esta parochia de S. Martinho do Bispo se retirou el-rei D. Diniz, quando sitiava Coimbra, onde ao tempo se achava o seu filho rebelde D. Affonso, depois rei D. Affonso IV,—por este assim o exigir como condição para se submetter, como submetteu, á obediencia paterna, a instancias da rainha Santa Isabel.

—

Ha n'esta freguezia, junto da povoação de Falla, uma boa nascente d'aguas ferreas, já conhecidas na localidade desde tempos remotos e hoje muito recommendadas pela medicina para tratamento de certas enfermidades, por terem particulas de ferro em abundancia, como poucas das nossas aguas mineraes.

O sitio onde brotam denomina-se *Aguas Ferreas* e a Camara de Coimbra (honra lhe seja!) o mandou, ainda ha pouco, limpar e aformosear.

—

As producções principaes d'esta parochia são milho, feijões, azeite e vinho.

Tem 4 lagares para azeite e 2 para farinha, movidos por agua, mas trabalham sómente no inverno, durante a estação das chuvas, pois esta freguezia não tem rios ou ribeiros d'agua perenne, exceptuando o Mondego, que a limita e banha do lado N. O., chegando a inundar algumas das suas povoações, não formando, porem, pantanos depois que se abriram differentes vallas que enxugam os terrenos alagadiços.

As povoações que nas cheias costumam ser visitadas pelo Mondego são as seguintes: Pé de Cão, Gorgulhão, Casaes e Corugeira.

—

N'esta freguezia não se cultivam arrosaes, tão nocivos á saude, mas cultivam-se nas de Villa de Frades, Taveiro e outras circumvisinhas.

[1] Na localidade não resta memoria alguma do convento nem do sitio onde esteve. Suppõe-se que seria o casarão demolido em 1869 para se fazer o cemiterio, — casarão que, desde tempos remotos, se achava em completo abandono e muito arruinado. Alguem diz com certa firmesa que viveram na quinta dos bispos.

—

É parocho (prior) actual d'esta freguezia e parocho muito digno, o rev. Dionizio Garcia Ribeiro, natural da freguezia de S. Paio, concelho d'Oliveira do Hospital, onde nasceu a 22 de agosto de 1821, sendo seus paes João Garcia Ribeiro e D. Maria da Conceição Alves Rodrigues.

Foi primeiramente reitor collado na egreja do S. João Baptista de Moimenta da Serra, bispado de Coimbra, hoje da Guarda, concelho de Gouvêa, d'onde se transferiu em 1864 para esta de S. Martinho do Bispo, para velar pela educação de seu sobrinho Antonio Garcia Ribeiro Vasconcellos, de quem vamos fallar.

É cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, arcypreste de Sernache e arcediago de Coimbra, [1] dignidade em que se collou no dia 14 de outubro de 1882.

—

Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, sobrinho do rev. prior actual d'esta freguezia, nasceu no 1.º de junho de 1860 na freguezia de S. Paio, concelho d'Oliveira do Hospital, e é filho de Seraphim Garcia Ribeiro, da mesma freguezia de S. Paio, e de D. Maria José Candida de Vasconcellos, da villa d'Arganil.

Matriculou-se na faculdade de theologia em outubro de 1879 e concluiu a sua formatura em junho de 1884,—obtendo no 1.º anno o 2.º premio pecuniario,—no 2.º anno o 1.º *accessit*—nos tres annos restantes o 1.º premio e nas suas informações 17 M. B.

É um estudante distinctissimo.

Vai frequentar o 6.º anno para se doutorar e seguir a carreira universitaria.

Entre os seus parentes do lado materno é digno de especial menção o rev. reitor d'Arganil, Manuel da Costa Vasconcellos Delgado, que foi insigne nas lettras, na muzica e nas artes.

Na sé de Coimbra ha 4 arcediagados, achando-se no momento 3 providos, todos em ecclesiasticos extranhos á corporação capitular—e 1 vago.

São da escolha e nomeação do prelado, que faz d'elles proposta ao ministro,—este confirma—e em seguida se procede á *collação* dos agraciados. Nas outras dioceses não ha nos cabidos *dignidades honorarias*—e menos ainda com o adminiculo da *collação* e sem vencimentos de especie alguma, como na Sé de Coimbra. Pelo contrario—as dignidades dos outros cabidos são e foram sempre conegos capitulares com preeminencias e vencimentos superiores—hoje muito reduzidos, mas outr'ora por vezes muito consideraveis, antes da extincção dos dizimos, pois quasi todas as dignidades tinham egrejas proprias, da sua apresentação.

VICTOR (S.) — freguezia da cidade de Braga. Vide vol. 1.º pag. 440, col. 2.ª artigo *Braga*.

Ao que ali se disse d'esta parochia e do antiquissimo convento do mesmo titulo accrescentaremos o seguinte:

—

Governando a egreja bracarence o arcebispo Sinagio ou Sinagrio, XIII na *Hist. Eclisiastica* de D. Rodrigo da Cunha (cap. 32 e 33, pag. 171 e seg. *mili*) houve n'ella um cathecumeno de nome Victor, que, já antes de ser baptisado, vivia como christão e abominava os idolos, sendo natural da aldeia de Paços, nos suburbios de Braga.

Andando em abril de 306 os gentios a percorrer os campos com as suas grandes festas em honra dos deuses Ceres e Silvano, sacrificando-lhes em certas paragens varios animaes e confundindo em uma duas solemnidades, a que chamavam *ambarualia* ou *cerco dos campos*, em razão das grandes voltas que por entre elles davam com a dicta procissão, — e tambem *Suilia*, porque nas mencionadas festas costumavam sacrificar muitos porcos, defrontaram com Victor e o convidaram para se unir ao prestito. Escusando-se elle, quizeram obrigal-o pelo menos a coroar de flores a cabeça, como elles

[1] Os arcediagos da sé de Coimbra são *meras dignidades honorificas*, independentes dos conegos capitulares. Teem assento abaixo d'estes e acima dos conegos honorarios, exceptuando o arcediago do Vouga que, por costume antiquissimo, se assenta acima dos conegos capitulares.

todos as levavam. Recusou-se tambem obstinadamente, pelo que se amotinaram e enfureceram contra elle, clamando e pedindo vingança da affronta a Sergio, governador da cidade, que no momento chegava ao local Chamou-o este á sua presença, — fez-lhe ver o grande crime que perante as leis do imperio commettêra e o intimou para que reconsiderasse e adorasse os deuses que o povo no momento venerava.

Exprobou-lhe o mancebo a inanidade de semelhantes deuses, fazendo ao mesmo tempo a apologia do Deus unico, o Deus de todos os christãos.

O governador o mandou logo prender a uma arvore mesmo ali e açoutal-o cruelmente,—e, como Victor permanecesse firme, o fez passar pelas torturas de laminas de fogo e pentes de ferro, é por ultimo o mandou degolar com grande applauso da multidão enfurecida.

Executou-se a sentença sobre uma ponte de pedra, por onde passava um pequeno regato confluente do rio Deste, regato que ainda hoje se denomina as *Golladas* ou de *S. Victor*, em memoria do seu martyrio.

Ficou insepulto e exposto ás feras o cadaver, mas alta noute os christãos, um dos quaes foi S. Silvestre, o sepultaram não longe do local do martyrio, onde depois fundaram e lhe dedicaram uma egreja e um convento benedictino.

Apenas os romanos notaram o desapparecimento do cadaver, trataram de perseguir os que eram tidos por christãos; prenderam e trucidaram logo S. Silvestre e em seguida Santa Suzana, irmã de Victor, S. Cucufate e S. Torquato, cujos corpos os christãos mais tarde poderam reunir no mesmo sepulchro de S. Victor e ali se conservaram até o anno de 1120, data em que D. Diogo Gelmires, bispo de Compostella, os trasladou para a sua egreja, deixando em Braga apenas alguns ossos, no tempo do arcebispo de Braga D. Giraldo.

Em outubro de 1590, o arcebispo D. Agostinho de Castro mandou abrir o sepulchro de Santa Suzana e d'elle trasladou ainda algumas reliquias para o sanctuario do convento do Populo, que o mesmo arcebispo fundou em Braga,—e por essa occasião mandou tambem erigir uma capellinha, na qual fez guardar uma pedra que se conservava ao longo do caminho, sempre tida em grande consideração pelos fieis, por dizer a tradição que sobre ella fôra degolado S. Victor, no dia 12 de abril do anno 306, segundo a melhor opinião.

—

Decorridos 260 annos—ou em 566—o chão em que fôra martyrisado S. Victor, a egreja em que ao tempo já se venerava—e as terras adjacentes eram propriedade d'um sacerdote — Vasco Mendes, que doou tudo aos monges do mosteiro benedictino de Moure, para ali fundarem um mosteiro, em que vivessem.

Acceitaram os ditos monges a doação e ali fizeram casa e viveram, como em priorado seu, largo tempo; até que o mosteiro de Moure foi dado ao arcebispo S. Giraldo e conjuntamente este de S. Victor, cuja egreja ficou unida á camára archiepiscopal com o titulo de abbadia, pelo que os arcebispos de Braga d'ahi em diante se denominavam *abbades de S. Victor*.

Os mouros arrazaram este mosteiro,—depois foi restaurado, mas desappareceu ha muito.

A egreja foi reconstruida e sagrada pelo arcebispo D. Payo Mendes, no tempo do nosso primeiro rei D. Affonso Henriques, — e em 1686 foi novamente restaurada, pelo arcebispo D. Luiz de Sousa[1].

VICTOR (S.) — rua do Porto, no bairro oriental.

Esta rua é bastante espaçosa e pertence á freguezia do Bomfim;—prolonga-se em linha recta desde a rua e do jardim de S. Lazaro até ás proximidades do cemiterio oriental ou prado do Repouso — e é notavel por ser toda cheia be becos, denominados

[1] Além da *Hist. Eccl. dos arcebispos de Braga* por D. Rodrigo da Cunha, veja-se a *Benedictina Luzitana* de Frei Leão de S. Thomaz, tomo 1.º, pag. 400 e seguintes — e no *Elucidario* de Viterbo a palavra—*Abbade-Conego*.

ilhas, — grandes focos de infecção, em que vivem centenares de familias pobres, habitando pequenas casas terreas, sem ar nem luz.

No Porto abundam as taes *ilhas,* mas em nenhuma rua tanto como n'esta de S. Victor.

VICTORIA—freguezia da cidade do Porto no bairro occidental.

Orago Nossa Senhora da Victoria.

No ultimo recenseamento (1878) contava 1:403 fogos e 8:804 habitantes (população legal, comprehendendo os auzentes) — e 8:908—população de facto.

Pelas notas colhidas na administração do respectivo bairro, a sua população em 31 de dezembro ultimo (1883) era a seguinte: — fogos 1:860;—habitantes 6:396.

Nos ultimos 5 annos recebeu pois a mais 457 fogos e perdeu 2:408 habitantes (população legal)—ou 2:512 habitantes (população de facto).

É um contra-senso, um disparate de todo o ponto incrivel e que prova o lastimoso estado em que se acham entre nós as estatisticas.

A população d'esta freguezia deve ter augmentado em fogos e *habitantes*, nos ultimos cinco annos, como tem augmentado e augmenta de dia para dia a população do Porto, o que é obvio a todos e o provaremos no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto.*

Não deve ter augmentado tanto como as freguezias de Cedofeita e do Bomfim, por que esta da Victoria é muito central e n'ella não se tem aberto nem podem abrir novas ruas, como se teem aberto em outras freguezias do Porto nos ultimos annos, nomeadamente n'aquellas duas; mas tambem n'ella se não tem feito demolições importantes que lhe cerceassem a população, como tem succedido na de S. Nicolau e vae succeder na da Sé. Além d'isso conserva a mesma area que tinha em 1878.

E que a sua população não diminuiu nos ultimos 6 annos, se prova com a nota do seu movimento parochial, que no mencionado periodo foi o seguinte:

Annos	Baptisados	Casamentos	Obitos
1878	299	117	195
1879	283	111	281
1880	274	139	229
1881	263	120	335
1882	271	122	229
1883	290	140	278

D'esta nota, que é de todo o ponto authentica e digna de fé, porque foi por nós extrahida do registro parochial, um dos pelouros mais bem montados que temos no nosso paiz, vê-se que n'esta freguezia houve em 1883 menos 9 nascimentos e mais 83 obitos do que em 1878;—mas nos 5 annos posteriores a 1878 houve 1:381 nascimentos e 1:353 obitos, o que dá um accrescimo de 28 individuos na sua população total.

A differença é pequena, insignificante, mas em todo o caso revela e prova que a sua população augmentou.

—

Em 1881 foi notavel o accrescimo dos obitos com relação aos nascimentos e mesmo com relação aos obitos de 1880 e 1882. A causa foi a epidemia da variola, que em 1881 pesou cruelmente sobre o Porto e ceifou centenares de vidas em todas as parochias d'esta cidade,—exceptuando unicamente a de Miragaya, onde matou apenas 7 creanças e 1 adulto,—sendo a freguezia em que naturalmente devia fazer maior numero de victimas porque, alem de ser a que mais abunda em pobreza, é a mais insalubre do Porto.

A parte baixa, o bairro de Miragaya propriamente dicto, onde se acha concentrada e amontoada cerca de metade da população da dicta parochia em um labyrintho de ruas, bitesgas e viellas immundas, velhissimas, foi a antiga *Calle* dos romanos, nucleo do Porto, segundo o roteiro d'Antonino Pio (edição correcta de Party e Pinder, Berlim, 1848). Além d'isso está em um amphitheatro sem ventilação e tão baixo que o Douro nas cheias a inunda. (V. *Miragaya*, vol. 5.º, pag. 242 e seg.)

Registraram-se n'aquella freguezia menos casos fataes do que em nenhuma das outras

do Porto, porque eu, como seu parocho e presidente da respectiva commissão de beneficencia, fiz vaccinar todas as creanças ainda não vaccinadas,—*mesmo durante a acção da epidemia e contra a opinião do conselho de saude.* Para attrahir as creanças ao posto vaccinico que montei, offereci-lhes a vaccina *gratis* e a esmola de 300 réis para cada uma das creanças pobres, além dos soccorros domiciliarios e do meu apostolado constante.

Foi uma lembrança felicissima e que muito me lisongeia, porque tive a satisfação de ver que das creanças vaccinadas *não succumbiu uma só*—e das que a epidemia encontrou não vaccinadas apenas matou 7, emquanto que nas outras parochias do Porto, onde se não applicou em tão grande escala a vaccina, a mortandade foi horrorosa, como havemos de provar com cifras no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto.*

Tudo isto deve constar nas repartições superiores, pois de tudo dei conhecimento ao ex.mo sr. Thomaz Ribeiro, então governador civil d'este districto, e lhe entreguei um minucioso relatorio com mappas demonstrativos, organisados por mim e pelo benemerito facultativo que dirigiu o posto vaccinico e tratou os meus parochianos durante a epidemia — *gratis e com a maior dedicação* (honra lhe seja)—o ex.mo sr. dr. Alfredo Candido Garcia de Moraes, a quem o governo pagou tão relevantes serviços *com a maior ingratidão!...*

Sendo facultativo da armada, o governo o mandou para Cabo Verde e ali o retem ainda hoje.

Creação d'esta parochia

Até o anno de 1583 havia no Porto *intra muros* [1] uma unica freguezia,—a da Sé,—e n'aquella data o bispo D. fr. Marcos de Lisboa, com grande reluctancia dos portuenses, creou mais 3,—esta da Victoria,—a de S. Nicolau—e a de S. João de Belmonte, intermedia e ha muito supprimida [1] obrigando-se o dito prelado *por si e pelos seus successores* a todas as despesas inherentes ás fabricas das novas erectas, em firmesa do que se lavrou escriptura publica, em 16 de julho do dicto anno, nas notas do tabellião Ruy de Couros.

Para evitarmos repetições veja se no tomo 6.º pag. 42, o artigo *S. Nicolau,* freguezia do Porto, onde fallamos das 3 erectas e se acha na sua integra a mencionada escriptura,—documento interessantissimo.

Era pois a mitra fabriqueira d'esta parochia e obrigada a todas as despezas do culto, etc., mas ha muito que todos esses encargo pesam sobre a confraria do Santissimo, como succede na parochia de S. Nicolau e na de Miragaya, das quaes a mitra era igualmente fabriqueira.

Egreja parochial

O TITULO E O TEMPLO

A matriz de N. S. da Victoria foi fundada sobre uma velha capellinha do mesmo titulo; mas tentanto prescrutar a origem d'este, encontrámos divergencia de opiniões.

Dizem uns que a origem de *Riotinto,* Campanhã, Batalha e Victoria provieram d'um grande combate ferido entre mouros e christãos em volta d'esta cidade (vide *Porto,* volume 7.º, pag. 281, col. 1.ª e seguintes) — e que os titulos supra commemoram os triumphos alcançados pelos christãos n'aquella sanguinolenta batalha.

Dizem outros que o titulo de N. S. da Victoria provem da conversão de grande parte dos judeus que viviam na segunda judiaria do Porto, em volta do local onde se erigiu a mencionada capella, e que esta symbolisa uma conquista moral, não um triumpho guerreiro.

---

[1] Referimo-nos á ultima cinta de muros principiada por D. Affonso IV em 1336, — continuada por D. Pedro I e concluida por D. Fernando em 1376.

V. artigo *Porto,* vol. 7.º pag. 278, col. 2.ª —e pag. 285, col. 1.ª e seguintes.

[1] Foi supprimida em 1592 e dividida pela de S. Nicolau e por esta da Victoria, quando se fundou o convento graciano de S. João Novo. V. vol. 6.º pag. 77, col. 2.ª

Seguimos sem hesitação os primeiros, porque estão mais em harmonia com as tradições do fervoroso culto que os christãos de aquelles tempos votavam á Virgem, culto de que nos dão solemne testemunho tantos templos que se ergueram na peninsula; e mais ainda porque a segunda judiaria que teve o Porto e que foi effectivamente n'este sitio, não acabou pela conversão mas sim pela expulsão dos judeus.

Não póde dizer-se qual o sitio que occupou a primeira ermida de N. Senhora da Victoria, nem assignalar-se a epoca da sua fundação; parece porem que foi em outro local, pois não permittiria a fé dos povos que permanecesse aberta ao culto dentro do bairro dos judeus.

—

O documento mais antigo que nos falla da confraria da Victoria é o seu estatuto, que existe na bibliotheca do Porto, e tem a data de 1638. Diz que é de novo instituida e falla do *altar da padroeira na sua egreja e das missas que deviam ser ditas pelo abbade*, o que prova que já havia egreja parochial d'esta invocação de *Victoria*.

O actual templo é obra do bispo D. Frei Antonio de Sousa, como se vê da descripção que existe no archivo da confraria e que vamos extractar.

Achando muito arruinada a pequena e antiga egreja matriz d'esta parochia, o bispo D. Frei Antonio de Sousa a mandou reedificar, lembrando-se dos compromissos contrahidos pelo seu antecessor D. Frei Marcos de Lisboa em 1583, quando erigiu *intra muros*, além da parochia da Sé, as tres já mencionadas supra [1].

Foi o Santissimo Sacramento transferido para a capella de S. José das Taipas no dia 4 de maio de 1755, e em seguida se deu principio ás obras, não se poupando a despesas o benemerito prelado para que o novo templo ficasse em tudo perfeito; mas infelizmente não logrou vel-o concluido e aberto ao culto, pois falleceu na sua quinta de Santa Cruz, no dia 11 de junho de 1766. Continuaram sem interrupção as obras por conta do cabido, *sede vacante*, e no dia 7 de agosto de 1769 se fez com extraordinaria pompa a trasladação do Sanctissimo Sacramento da capella de S. José das Almas, de que adiante fallaremos, e que durante as obras serviu de egreja matriz.

—

O rev. Francisco Antonio, ao tempo abbade d'esta parochia, desejando que a trasladação fosse o mais solemne possivel, convocou os seus parochianos Manuel da Costa Santiago e Manuel Francisco de Carvalho, moradores na Ferraria de Cima, Damaso Coelho, morador na Ferraria de Baixo, e Manuel Ferreira Velho, morador na rua de S. Miguel,— communicou-lhes o seu pensamento, que elles gostosamente applaudiram, — combinaram logo ali o plano da grande festa—e em seguida foram participar a sua resolução ao cabido, por se achar ainda vaga a Sé, e pedir-lhe a sua coadjuvação e assistencia, ao que tudo se prestou aquella respeitavel corporação, de bom grado.

Constou a grande festa de apparatosa procissão e triduo solemne.

Foi a nova egreja benzida em uma sexta feira, dia 5 d'agosto de 1769— fez-se a procissão no domingo immediato, 7, e deu-se começo ao triduo no dia 8 do mesmo mez e anno.

A procissão percorreu as ruas da Porta do Olival, Ferraria de Cima e Flores, largo de S. Domingos, e ruas de Bellomente, Taipas e S. Miguel, todas vestidas de gala.

—

Resadas vesperas e completas na cathedral pelo cabido, sahiu este processionalmente em direcção á egreja de S. José das Almas, onde se achava depositado ainda o Santissimo Sacramento, desde o dia 4 de maio de 1755, e logo se dispoz a sahida da procissão na ordem seguinte:

Na frente ia uma estrondosa musica formada, ao modo d'aquelle tempo, de clarins, tambores, boazes, trompas e timbales;—seguiam-se diversas confrarias e irmandades

[1] O mesmo bispo D. Frei Antonio de Sousa mandou tambem reedificar a egreja matriz de S. Nicolau, e por isso na frente d'ella e d'esta da Victoria se vêem ainda hoje as suas armas.

e grande numero de andores e anjos. Depois a cruz parochial da Victoria, levada por Bento Corrêa de Mello, parochiano e fidalgo distincto; — seguiam-se 3 figuras allegoricas representando a *Victoria, Confissão* e *Sacramento;*—depois a commissão promotora das festas, composta dos quatro parochianos já mencionados, e os quatro primeiros mordomos da confraria do Santissimo — Antonio José da Fonseca, Isidoro Carvalho dos Santos, Francisco Gonçalves da Fonseca e José Pinto de Meirelles.

Seguiam-se as communidades de S. Francisco e dos Meninos Orphãos da Graça, cantando alternadamente os versiculos proprios —depois as communidades dos Eremitas de de Santo Agostinho (gracianos) do convento de S. João Novo, — muitos religiosos dos outros conventos do Porto — o clero da parochia e o cabido, levando o deão (João Pedro Pedrossem [1]) a sagrada custodia com o Santissimo Sacramento debaixo do palio da camara, sustentando as varas d'este magistrados e pessoas da primeira nobreza da freguezia — e a umbella Bernardo de Mello e Sá.

Seguiam-se depois em corpo de Relação os ministros, conselheiros, officiaes do tribunal, muitas pessoas de notoria distincção e por ultimo milhares de pessoas de ambos os sexos, do Porto e seus arrabaldes.

—

Recolhida a procissão á nova egreja, subiram logo os musicos para um tablado de ante-mão erguido junto dos pulpitos, no qual estiveram continuamente tocando sonatas em diversos instrumentos (rebecas, rebecões, trompas e baixão) até se collocar no altar o Santissimo Sacramento.

Em seguida se cantou um solemnissimo *Te-Deum*, e regressou á cathedral o cabido.

—

No dia immediato deu-se começo ao triduo com missa solemne e o Santissimo exposto, officiando o rev. deão da Sé, João Pedrossem.

Conservou-se o Sanctissimo Sacramento exposto, e de tarde, antes da encerração, prégou o rev. padre Mᵉ. Fr. Josè de S. José, religioso franciscano, natural do Douro, de ante-mão convidado, por ser um dos primeiros oradores n'aquelle tempo.

—

No dia seguinte houve tambem missa solemne; foi celebrante o reverendo Alvaro Leite Pereira do Lago, thesoureiro-mór da Sé e fidalgo da Casa Real; — conservou-se tambem o Santissimo exposto — e de tarde prégou o rev. padre M. F. João de Santa Thereza, religioso franciscano da provincia de Portugal, orador distinctissimo, natural d'esta mesma parochia.

No 3.º dia officiou o rev. Luiz Brandão Pereira de Lacerda, conego prebendado da Sé do Porto e capellão da Casa Real, e pregou de tarde o rev. padre Manuel José de S. Bernardo de Brito, conego secular de S. João Evangelista, natural tambem d'esta freguezia da Victoria, orador eloquentissimo.

Assim terminaram as grandes festas da reposição do Santissimo Sacramento na sua nova egreja.

«E para memoria se fez n'este livro (diz o archivo parochial) a presente lembrança. Porto, aos 24 do mez de setembro de 1769. Domingos José Antunes Guimarães.»

—

Em 1808 foram inventariadas as pratas pertencentes á confraria do Santissimo e entregues por ordem do Governo Intruso ao recebedor das decimas, João Pinto Soares. Como, porém, a confraria entregasse pratas que pesavam 170 marcos e 4 onças, reservando as restantes como indispensaveis ao culto, foi de novo obrigada a entregar o restante, prefazendo todo este latrocinio (que outro nome não tem) um valor importante, pois toda a prata que a confraria perdeu pesava 560 marcos e 5 onças!

Em 1829, sendo juiz da confraria Antonio Bernardo de Brito e Cunha, que n'esse anno foi enforcado na Praça Nova por seguir o partido liberal [1], tal medo se apoderou dos mesarios por este funesto aconteci-

[1] Vide o vol. 8.º pag. 46, col. 2.ª e seg..

[1] Veja-se o artigo *Porto*, vol. 7.º pag., 328 e seg.

mento, que, receando as perseguições da Alçada, uns esconderam-se, outros emigraram, — a egreja ficou entregue ao parocho, ao sachristão e procuradores e a sua administração no mais completo abandono.

—

Apenas formadas as linhas de defesa do Porto em 1832, foi escolhido o paredão que está junto da egreja para bateria de onde podessem os liberaes varejar a trincheira erguida no Pinhal de D. Leonor, em Villa Nova de Gaya, pelo que se mudou a matriz para a egreja do mosteiro de S. Bento dos Frades, onde se conservou até ao anno de 1852. Abandonado assim o templo e exposto aos tiros das fortalezas inimigas durante a guerra civil, ao terminar o cerco ficou no mais completo estado de ruina, chegando alguem a conceber o plano de o demolir para continuação da rua de S. Miguel. Alguns parochianos mais dedicados ao esplendor do culto, reunidos com o abbade Antonio de Sousa, egresso da ordem de S. Domingos, bem como a meza do Santissimo e a junta de parochia, resolveram abandonar a egreja de S. Bento que pela vastidão tornava mais dispendiosas as festividades, e abrir uma subscripção entre os parochianos para reedificar a egreja da Victoria. Sendo esta resolução acceite e coberta com importantes esmolas a subscripção, principiaram as obras em março de 1852 e terminaram pela inauguração e transferencia do Santissimo, em 8 de dezembro do mesmo anno, celebrando se então a festividade da padroeira d'este reino, N. S. da Conceição.

Uma inscripção gravada sobre a porta lateral do lado sul designa este facto da reconstrucção e uma bala das chamadas *balas razas*, encravada na parede, ainda ali está a relembrar a lucta cruenta que originou o abandono em que o templo esteve por espaço de 20 annos.

—

A meza que o reconstruiu era composta de Simão Duarte de Oliveira, juiz presidente, Thomaz Alves Guimarães, thesoureiro, Antonio José Gonçalves Basto, escrivão, Manuel Rodrigues de Azevedo, fiscal,—Joaquim José Ferreira d'Oliveira, Manuel José Lopes d'Azevedo, Francisco Nogueira Basto, José Joaquim Pereira de Lima, Francisco dos Santos Fonseca e José Antonio da Silva Braga, mordomos.

N'esta reconstrucção melhorou muito o templo e foram tirados para a nova egreja alguns adornos e peças importantes da egreja de S. Bento, que ficou abandonada. Desde essa epocha até á actualidade, tem prosperado a administração da confraria do Santissimo (que é a fabriqueira) por tal modo que o esplendor das suas festas e a riqueza dos adornos a tornam opulenta. Tem um rico cortinado de damasco vermelho com ramagem amarella para todos os altares e frestas, lustres para servirem nas solemnidades, muitas e valiosas pratas, custosos paramentos, um palio bordado a oiro com varas de prata, tudo de muito valor e merecimento, e uma grande quantidade d'opas de seda carmezim para os mezarios e irmãos.

—

Em 1874 um incendio casual destruiu toda a entalha do altar da padroeira; mas logo a meza do Santissimo promoveu na freguesia uma subscripção com que arranjou meios para fazer uma completa reforma no templo e outras obras que continuou até o pôr na decencia, luxo e esplendor com que hoje (1884) se vê. Depois d'este incendio foi de novo inaugurada a egreja e benzida a devota imagem de Nossa Senhora da Victoria (esculptura do professor Soares dos Reis) fazendo a entrada solemne n'este templo o reverendissimo bispo do Porto D. Americo Ferreira dos Santos Silva, hoje cardeal da Santa Egreja, cantando a missa o rev. parocho, bacharel em direito e theologia José Domingues Maríz, que na vespera tinha tomado posse como abbade, e orando o rev. Francisco José Patricio, prégador regio. Esta solemnidade teve logar a 18 de julho de 1875. Desde esse anno em diante tem sahido uma procissão no dia da festa do Corpo de Deus, celebrada n'esta egreja, que é acompanhada por um regimento da guarnição do Porto, concedido por Alvará Regio de 15 de maio de 1802, renovado por decreto de 13 de junho de 1874. Este privilegio foi concedido a esta confraria pelos serviços que presta

promptificando as alfaias para a administração dos sacramentos aos presos da cadeia.

—

A egreja é pequena mas bem construida; mede 31 metros de comprimento e 10 de largura; tem um frontispicio todo de granito bem lavrado, mas singello; recebe luz por uma espaçosa janella da frontaria, seis janellas, que são tribunas, e duas frestas na capella mór. Tem um retabulo no altar mór de boa entalha toda dourada, quatro altares no corpo da egreja e um debaixo do côro; uma sacristia regular com ampla credencia, um altar e dois quadros grandes a oleo, um dos quaes representa a *Discussão no templo* e é de muito merito artistico.

A egreja está actualmente muito bem cuidada; toda a entalha foi dourada de novo; tem um bom orgão com apparatosos ornatos exteriores e muitos registros, feito em 1872 por Manuel Joaquim da Fonseca.

Além da confraria do Santissimo, que é a fabriqueira, ha tambem installadas n'esta egreja a confraria da Senhora da Conceição e da Senhora da Victoria, que promovem o culto aos seus respectivos oragos. Celebram-se annualmente as seguintes festividades: S. Sebastião, Senhora das Dores, da Conceição, da Victoria, Semana Santa, Corpo de Deus, Communhão dos Meninos e lausperenne ás quartas feiras.

Circumscripção d'esta parochia

Até 1842, data em que se fez o ultimo arredondamento parochial d'esta cidade [1], era muito differente a circumscripção d'esta parochia.

Até áquella data esta freguezia e as da Sé e S. Nicolau comprehendiam apenas a população *intra-muros*. Toda a população *extra-muros* pertencia á parochia de Santo Ildefonso, que era immensa. Chegou a contar cerca de 6:000 fogos e de 25:000 almas!?... As coisas passaram-se assim:

Concluida por D. Fernando em 1377 a grande muralha de defesa do Porto, obra monumental, cuja construcção durou 40 annos e comprehendia cerca de 3:000 passos [1], toda a população existente e a que de futuro se creou *extra-muros*, ficou pertencendo á freguezia de Santo Ildefonso, por estar a sua matriz *extra-muros*.

Estendia-se pois esta parochia desde o Largo das Virtudes e rua dos Fogueteiros *inclusive* (lado norte) — rua da Liberdade (lado E.)—praça do Duque de Beja (lado S.) —até Paranhos e Campanhã, exclusivamente, — descendo á margem do Douro e comprehendendo nos Guindaes e na Ribeira tudo o que hoje ali tem a freguezia de S. Nicolau *extra-muros*.

Era limitada pelos muros de D. Fernando e pelas freguezias de Miragaya, Cedofeita, Paranhos, Campanhã e Riotinto.

—

Principiou por uma simples capella [2] que estava junto d'uns grandes carvalhos e d'uns grandes penedos no mesmo local que hoje occupa a sua matriz *fóra dos muros*, e por isso mesmo, feitos os muros, se arvorou a dicta capella em matriz, para se ministrarem d'ella com mais commodidade os sacramentos á população exterior, então muito limitada; mas com o tempo de tal fórma se desenvolveu que já em 1842 se julgou uma necessidade o dividir-se, como se dividiu. Com uma pequena parte d'ella se creou toda a freguezia do Bomfim, hoje (1884) a mais populosa do Porto [3], dando além d'isso para as

---

[1] Foi ordenado por decreto de 3 de junho de 1839; mas a commissão nomeada só em 1841 concluiu os trabalhos do arredondamento, que foi confirmado por decreto de 11 de dezembro do dito anno e principiou a vigorar em 1 de janeiro de 1842.

[1] V. art. Porto, no logar supra citado — e a *Descripção do Porto* por Agostinho Rebello da Costa, cap. II pag. 21.

[2] Suppomos ser a do antiquissimo hospital de *Santo Alifon*, de que adeante fallaremos.

[3] Pelo recenseamento de 1878 contava 3:773 fogos e 15:240 habitantes, mas hoje deve contar cerca de 5:000 fogos e de 20:000 almas.

O seu movimento parochial nos ultimos 2 annos foi o seguinte:

1882.—Nascimentos 750—casamentos 138—obitos 500.

freguezias da Sé, S. Nicolau e Victoria tudo o que hoje lhes pertence *extra-muros* — e para a de S. Pedro de Miragaya um largo quinhão tambem.

Pelo ultimo arredondamento de 1842 perdeu esta freguezia da Victoria em favor da de S. Nicolau tudo o que até ali lhe pertencia desde a fonte das Taipas e da entrada da rua de S. Roque para o sul, mas em compensação avançou para norte e leste e recebeu da de Santo Ildefonso tudo o que hoje lhe pertence *extra-muros* e que vamos indicar.

Ruas d'esta parochia

Até 1842 comprehendia as ruas seguintes:

Ferraria de Baixo (antigamente rua das *Rosas*) da rua de S. João Novo para cima,—rua e largo de S. João Novo,—rua de Bellomonte (a de Ferreira Borges ainda ao tempo não existia)—rua das Taipas (foi isto o que pelo arredondamento de 1842 cedeu para a de S. Nicolau até á fonte das Taipas e entrada da rua de S. Roque)—becco das Taipas, entre o lado sul do extincto convento benedictino, hojo quartel militar de caçadores n.º 9, e as trazeiras da rua de S. Miguel (lado norte)—rua e escadas de S. Roque,—escadas da *Esnoga*, corrupção de Sinagoga, entre a rua de S. Roque e a de Bellomonte, —rua de Traz da Victoria, continuação da de S. Roque até á rua de Traz, — postigo, hoje rua, das Virtudes, entre a fonte das Taipas e o largo ou passeio das Virtudes exclusivamente, — rua de S. Miguel, largo ou bateria da Victoria, — rua e travessa de S. Bento,—rua dos Caldeireiros ou Ferraria de Cima,—rua e viella do Ferraz,—rua de Traz, —viellas do Pastelleiro e da Lagea, entre a rua dos Caldeireiros e a de Traz,—praça do Olival, pequeno largo *intra-muros*, junto da antiga *Porta do Olival*, no cimo das ruas de S. Bento, de Traz e Caldeireiros, — rua da Assumpção e calçada, hoje rua, dos Clerigos, antiga calçada da Natividade (lado sul) que ficava *intra-muros*.

—

Com o arredondamento de 1842 avançou, como dissemos, para norte e leste e recebeu da freguezia de Santo Ildefonso o seguinte:

Praça da Cordoaria, depois Campo e hoje Jardim dos Martyres da Patria, exceptuando a rua occidental, que é da freguezia de Miragaya, — rua do Carmo, — viella do Carmo ou do Assiz,—viella dos Poços, entre a rua do Carmo e a frente do Hospital da Misericordia, — praça do Anjo, — rua dos Passeios da Graça, — praça dos Voluntarios da Rainha,—praça de Carlos Alberto, antigamente praça dos Ferradores e Feira das Caixas, — rua das Oliveiras,—rua da Conceição,—rua do Almada, desde a travessa da Trindade para baixo, — travessa do Pinheiro, entre a rua da Conceição e a do Almada,—largo dos Loios, (lado norte e oeste, pois a parte restante pertence á freguezia da Sé) — rua dos Clerigos, toda,—travessa dos Clerigos,—rua e largo do Correio, — largo de S. Philippe, entre a praça do Anjo e o largo do Correio —rua das Carmelitas,—rua, largo e travessa da Picaria, — rua da Fabrica,—rua e praça de Santa Theresa,—rua, largo e travessa do Moinho de Vento—e praça do Ferro Velho, entre a rua de Santa Theresa e o fundo da rua das Carmelitas.

—

E' curioso o motivo porque á rua das Taipas se principiou a dar este nome nos fins do seculo XV.

1883.—Nascimentos 702—casamentos 150 —obitos 592,—tendendo a augmentar cada vez mais por ser o bairro fabril do Porto,— por estar em contacto com a estação dos caminhos de ferro—e por ter largos chãos para edificações, — emquanto que a freguezia da Victoria se conserva estacionaria—e as freguezias da baixa, S. Nicolau e Miragaya, estão muito reduzidas e tendem a diminuir ainda mais.

O movimento parochial d'estas duas freguezias no ultimo anno foi o seguinte:

S. Nicolau.—Baptisados 182—casamentos 23—obitos 162.

Miragaya.—Baptisados 177—casamentos 42—obitos 131.

É pois da maior urgencia proceder-se a uma nova circumscripção parochial d'esta cidade, dividir melhor a sua população e erigir uma ou duas parochias na parte alta, além das existentes, como se erigiu em 1842 a do Bomfim.

No *supplemento* seremos mais explicitos sobre este topico, no artigo *Porto.*

Até áquella data era conhecida pelo nome de rua do Olival. Nos fins do anno de 1485 appareceu n'ella uma medonha epidemia, a *peste*, pelo que a camara por accordão de 14 de janeiro de 1486, a mandou *entaipar* nas duas extremidades. D'aqui lhe proveiu o nome de *Taipas*.

Pelo mesmo accordão se ordenou que os doentes affectados da tal *peste* fossem recolhidos na antiga torre de *Pedrossem* [1], na qual seriam tratados á custa do municipio. (Cartorio da camara do Porto, *Livro das Vereações* de 1486, fol. 26).

—

O largo dos Loios foi formado pela antiga rua de *Mend'Affonso* e outras.

A rua dos Caldeireiros ou da Ferraria de Cima tambem antigamente se denominou rua do Souto e era continuação da rua d'este nome.

A praça de Santa Theresa tomou o nome da egreja que foi das religiosas carmelitas. Anteriormente denominava-se *Campo da Via Sacra*.

O largo dos Ferros Velhos era o *largo do Ermitão*.

O terreno onde se edificou o mosteiro das religiosas carmelitas chamava-se *Calvario Velho* por haver ali uma capella muito antiga com aquella invocação.

A rua dos Clerigos chamou-se *Calçada da Natividade* e tambem *Calçada da Arca*.

O chão onde se fez a egreja dos Clerigos denominava-se *Cassoa*—e *Campo das Malvas* [2] o chão onde se fez a torre e o largo contiguo até junto da *Porta do Olival*.

Este *Campo das Malvas* foi desde tempos remotos até 1796 o cemiterio dos justiçados, pelo que deu origem ás locuções do povo—*ir para as malvas — vae para as malvas — está aqui está nas malvas!*...—referindo-se a alguem com aspecto moribundo, cadaverico, patibular, como o dos padecentes caminhando para a forca ou para o tal *Campo das Malvas*.

Deu tambem origem á cantiga popular que nós meus bons tempos ouvi em Baião:

> Ai Jesus, que eu vou p'ras malvas,
> Caminhando pr'as urtigas!
> Vão os rapazes p'ra forca,
> Por causa das raparigas.

Concluiremos este topico dizendo ainda que se chamava *Horto do Olival* o largo do Carmo,—*Largo dos Ferradores* e *Feira das Caixas* a Praça de Carlos Alberto,—*Campo das Hortas* e depois *rua das Hortas* a parte sul da rua do Almada—e *rua de S. Miguel* a de S. Bento da Victoria, antes da fundação do convento benedictino.

—

Esta parochia é um dos melhores beneficios do Porto por ser muito central e boa de curar, pois a sua area é relativamente pequena;—além d'isso é de todas as freguezias do Porto a que tem menos pobresa.

Em toda ella não ha uma só *ilha*.

—

Tem esta parochia grandes edificios e grandes estabelecimentos que nada rendem pará o seu parocho, mas tambem não o incommodam, taes são—a Escola Medico-Cirurgica, a Academia Polytechnica, o tribunal da Relação, o tribunal militar, a direcção das obras publicas, a Ordem Terceira do Carmo, o Collegio dos Orphãos da Graça e a irmandade dos Clerigos.

Ha tambem n'esta parochia grandes edificios e grandes estabelecimentos que pouco rendimento dão ao parocho e tambem pouco o incommodam, taes são o quartel da Guarda Municipal, no extincto convento carmelita, e o quartel de Caçadores n.° 9, no extincto convento benedictino;—ha porém um grande edificio e um grande estabelecimento que *muito* o incommodam e nada lhe rendem, —a cadeia da Relação que tem sempre 300 a 400 presos sem capellão proprio, pelo que

---

[1] Veja-se o art. S. *Nicolau*, vol. VI pag. 45 e seg. onde fallamos dos ultimos representantes d'esta lendaria familia, aqui no Porto.

Suppõe-se que a tal celebre torre, já *antiga* no seculo XV, é a mesma que ainda hoje (1884) se vê ao fundo do palacete que foi dos *Brandões da Torre da Marca*, depois marquezes de Terena, e ultimamente do marquez de Monfalim, em frente do nosso Palacio de Cristal.

[2] V. art. *Miragaya*, vol. V pag. 314, columna 1.ª

o parocho tem de os confessar e desobrigar e de ministrar-lhes os sacramentos durante o anno. Ossos do officio!...

Escola Medico-Cirurgica

D'este importante estabelecimento scientifico já se fallou no artigo *Miragaya*, vol. V pag. 259 e por isso, para evitarmos repetições, veja-se o logar citado.

Aqui daremos apenas noticia do novo edificio em que se acha hoje montado este estabelecimento.

—

Occupa o angulo S.O. da cerca dos frades carmelitas;—tem a frente voltada ao sul e prolonga-se para o norte em fórma d'um parallelogrammo, a oeste do convento carmelita, hoje quartel da Guarda Municipal, ao sul do Jardim Botanico e a leste do magestoso hospital da Misericordia, mettendo-se de permeio apenas o espaço da rua occidental do Campo dos Martyres da Patria.

Tem capacidade sufficiente para as diversas repartições da Escola, mas pouca imponencia, pois a sua architectura é extremamente singela e a sua fronteira estreita e baixa, ostentando apenas um pavimento, posto que tem outro, mas ao rez do chão e quasi subterraneo, sem portas nem janellas na frente.

O edificio é dividido em dous corpos—um mais espaçoso [1], para as aulas, bibliotheca, secretaria, salão de conferencias, museu, gabinetes de chimica e physica, etc. etc. —outro mais pequeno e annexo, na extremidade norte, destinado para as dissecções e theatro anatomico, aulas de anatomia, de partos e pathologia externa.

Foi auctorisada a construcção d'este edificio por carta de lei com data de 14 de abril de 1875;—principiaram as obras em janeiro de 1881—terminaram em outubro de 1883—e custaram 41:669$435 réis.

A bibliotheca está em um salão espaçoso e comprehende hoje cerca de dez mil volumes.

[1] Tem de largura 26m,50—e de comprimento 46m,10.

—

No anno lectivo de 1883-1884 frequentaram esta Escola os alumnos seguintes:

1.ª cadeira	36
» » repetentes	28
2.ª »	39
3.ª »	12
4.ª »	18
5.ª »	17
6.ª »	14
7.ª »	18
8.ª »	31
9.ª »	43
10.ª »	12
11.ª »	14
12.ª »	17

1.º anno	36
2.º »	39
3.º »	18
4.º »	14
	125

Pharmaceuticos

1.º anno	3
2.º »	3

Parteiras

1.º anno	6
2.º »	5

No artigo *Miragaya* vol. V já citado, podem vêr-se as doutrinas que se leccionam em cada uma das mencionadas cadeiras e outras muitas noticias com relação a esta Escola.

—

O pessoal d'este estabelecimento é na actualidade o seguinte:

Director—conselheiro Manuel Maria da Costa Leite.

Secretario—Ricardo d'Almeida Jorge.

Lente de Anatomia—João Pereira Dias Lebre.

Lente de Physiologia—Antonio d'Azevedo Maia.

Lente de materia medica — José Carlos Lopes.

Lente de pathologia externa—Antonio Joaquim de Moraes Caldas.

Lente de operações—Pedro Augusto Dias.

Lente de partos — Agostinho Antonio do Souto.

Lente de pathologia interna—Antonio de Oliveira Monteiro.

Lente de clinica médica — Manuel Rodrigues da Silva Pinto.

Lente de clinica cirurgica—Eduardo Pereira Pimenta.

Lente de anatomia pathologica — Manuel de Jesus Antunes Lemos.

Lente de medicina legal e hygiene publica — José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio.

Lente de pathologia geral — Illydio Ayres Pereira do Valle.

Substitutos de medicina—Vicente Urbino de Freitas e Antonio Placido da Costa.

Substitutos de cirurgia—Augusto Henrique d'Almeida Brandão e Ricardo d'Almeida Jorge.

Demonstrador de cirurgia—Candido Augusto Corrêa de Pinho.

Professor do dispensatorio pharmaceutico —Izidoro da Fonseca Moura.

Preparador e conservador do museu de anatomia—Joaquim Pinto d'Azevedo.

Director do posto meteorologico—Antonio Placido da Costa.

Ajudante—Miguel José Maia.

Academia Polytechnica

Já tractámos d'este importante estabelecimento scientifico no artigo *Porto*, vol. VII pag. 365, col, 1.ª e seg. *Vide.*

Pessoal da Academia Polytechnica

Director—vago.

Director interino — Dr. Francisco de Salles Gomes Cardoso.

Lente da 1.ª cadeira (arithmetica, algebra elementar, geometria, synthetica elementar e trignometria plana) — Joaquim d'Azevedo de Sousa Vieira da Silva Albuquerque [1].

Lente da 2.ª cadeira (geometria analytica a duas e tres dimensões, algebra superior, calculo differencial e integral e calculo das variações)—dr. Luiz Ignacio Woodause.

Lente da 3.ª cadeira, 1.ª parte (geometria descriptiva, mechanica racional e cinematica applicada ás machinas)—dr. Francisco Gomes Teixeira [2].

Lente da 4.ª cadeira (desenho)—Dr. Francisco da Silva Cardoso.

Lente da 5.ª cadeira (uranographia, astronomia pratica e geodesica)—Dr. Manuel da Terra Pereira Vianna.

Lente da 6.ª cadeira (mineralogia, geologia, metallurgia e arte de minas)—Dr. Wenceslau de Sousa Pereira Lima.

Lente da 7.ª cadeira (zoologia, mineralogia, geologia e metallurgia)—Dr. José Diogo Arroyo.

Lente da 8.ª cadeira (physica e artes phycas) — Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva [3].

Lente da 9.ª cadeira (chimica, artes chimicas e lavra de minas) — Dr. Adriano de Paiva Faria Leite Brandão [4].

Lente da 10.ª cadeira (botanica, agricultura e veterinaria)—Dr. Francisco de Salles Gomes Cardoso.

Lente da 11.ª cadeira (commercio e escripturação commercial)—José Joaquim Rodrigues de Freitas.

Lente da 12.ª cadeira (economia politica e principios de direito administrativo e com-

---

[1] E' tambem no momento, presidente da *Sociedade d'Instrucção do Porto*, da qual adeante fallaremos.

[2] Fez concurso e tomou posse ha poucos mezes.

Foi lente da Universidade de Coimbra e é hoje o primeiro mathematico do nosso paiz e um dos primeiros da Europa.

[3] E' tambem director do *Laboratorio Chimico Municipal* do Porto, montado e aberto ainda este anno, junto dos paços do concelho.

D'este *Laboratorio* fallaremos no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao art. *Porto*.

[4] V. volume VI pag. 89, col. 2.ª

mercial)—conselheiro Adriano d'Abreu Cardoso Machado.

Lente da 13.ª cadeira (mechanica) — Roberto Rodrigues Mendes, tenente de engenheria militar.

Lentes jubilados — conselheiro Arnaldo Anselmo Ferreira Braga, Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa, dr. José Pereira da Costa Cardoso (digno par do reino) e Pedro de Amorim Vianna, mathematico distinctissimo, por antonomasia o *Newton*.

Substituto de philosophia — dr. Manuel Amandio Gonçalves.

Substituto da secção do commercio—Antonio Alexandre de Oliveira Lobo.

Substituto da secção de mathematica — vago.

Substituto de desenho—Guilherme Antonio Corrêa.

Movimento escolar

No anno lectivo ultimo (1883-1884) frequentaram as 13 cadeiras d'esta Academia 207 alumnos, cujas naturalidades são as seguintes:

Do districto do Porto	71
» » de Aveiro	21
» » de Beja	3
» » de Braga	25
» » de Bragança	5
» » de Castello Branco	2
» » de Coimbra	1
» » de Faro	1
» » da Guarda	3
» » de Leiria	3
» » de Lisboa	6
» » de Portalegre	1
» » de Santarem	1
» » de Vianna do Castello	14
» » de Villa Real	12
» » de Vizeu	18
Ilhas adjacentes	
Do Faial	1
De Santo Antão	1
Possessões ultramarinas	
Estados geraes da India	3
Total	192
Transporte	192
Paizes estrangeiros	
Brazil	14
Republica do Uruguay	1
Total geral	207

Edificio da Academia Polytechnica [1]

Este imponente e magestoso edificio é uma amalgama irrisoria, uma união hybrida de estabelecimentos diversos que não podem tolerar-se misturados e confundidos com um estabelecimento scientifico de primeira ordem, taes são o antigo *Collegio dos Orphãos*, ainda habitado por grande numero de alumnos em pessimas condições de ar e luz, esperando que o governo lhes dê nova casa em troca da que lhes tirou;—o *Instituto Industrial do Porto*; — e no pavimento terreo —a egreja dos pobres Orphãos, bastante espaçosa, mas já em ruinas e interdicta ao culto, — uma mercearia, duas lojas de cordoeiros, dois cafés com bilhares, tres sotãos de barbeiros, dois talhos de carnes verdes, uma relojoaria, quatro tabernas, uma loja de tamanqueiro e varias lojas com louça ordinaria, vermelha, amarella e preta!...

Total—uma vergonha!...

Lançaram-se ha oitenta annos (em 1804) os primeiros fundamentos d'este edificio e ainda hoje se acha muito longe da sua conclusão e já em parte *arruinado*.

Outra vergonha!

Os orfãos occupam os restos do *seu* antigo collegio, emparedados pelo novo edificio da Academia.

---

[1] E' muito emmaranhada a historia d'este edificio e, para não tornarmos este artigo extremamente longo, veja-se n'este diccionario o artigo *Porto*, vol. VII pag. 365, col. 1.ª e seg. e n'este vol. X, n'este artigo *Victoria* o topico relativo ao *Collegio dos Orphãos da Graça*.

Veja-se tambem na interessantissima collecção dos *Annuarios* d'esta Academia o de 1877-1878, pag. 210-219;— o de 1878-1879, pag. 152-154;—o de 1879-1880, pag. 240-242; — o de 1880-1881, pag. 179-224 e 261-262; —o de 1882-1883, pag. 17 e o de 1883-1884, pag. 248-251.

Os predios sitos entre a rua da Graça e a travessa do Carmo, no chão sobre que tem de completar-se o grande edificio, ainda não foram expropriados. O resto do edificio, em parte definitivo, em parte formado de construcções provisorias, algumas das quaes se acham tão arruinadas que por ellas já foi prohibido o transito, accommoda a Academia Polytechnica e o Instituto Industrial.

—

O conselho da Academia tem reiteradas vezes instado com o governo pedindo a conclusão do edificio, pois como está não póde por forma alguma satisfazer ao seu fim.

O primeiro passo a dar para se resolver tão momentosa questão é remover os pobres orfãos para casa apropriada, que por todas as considerações deveria estar feita ha muito. Emquanto se lhes não der nova casa, como é de rigorosa justiça, viverão os pobres torturados, espoliados e emparedados, —e não podem proseguir as obras no interior do edificio.

—

Em virtude da lei de 19 de junho de 1880 que permittiu applicar a dotação para as obras á expropriação das lojas situadas no pavimento terreo d'este edificio, foi necessario instaurar um processo para se saber quaes eram as que pertenciam ao Collegio dos Orphãos e as que pertenciam á Academia. Uma commissão mixta da Academia Polytechnica e da Camara Municipal do Porto, administradora do collegio, chegou a um accordo sobre tão importante questão, o que muito facilitou o acabamento do grande edificio.

Fazemos sinceros votos por que elle em praso breve se conclua,—mas sem prejuizo dos pobres orfãos, legitimos senhores da maior parte d'aquelles chãos.

—

A primeira planta das obras foi levantada em 1807 pelo capitão de infanteria servindo no real corpo de engenheiros, Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante.

O alçado da fachada que olha para o nascente foi feito por outro architecto em maio de 1817 sobre a planta baixa do engenheiro Amarante; em 1862 se elaborou o novo plano que hoje vigora e que alterou consideravelmente os anteriores—e maiores alterações terão de fazer-se removido que seja o Collegio dos Orphãos.

A fachada norte mede 61^{m},85, a de leste 89^{m},19; e a do sul 35^{m},55.

A linha do poente, da fachada do edificio, ainda incompleta, quebra-se a 38^{m},95, contados da extremidade norte, e d'ahi corre na direcção S. S. O. na extensão de 55^{m},88 até acabar na quina da fachada sul.

Os angulos entre os lados sul e poente, e entre as duas linhas d'este ultimo quadrante são obtusos; os outros são rectos.

Segundo a lei de 23 de junho de 1857 a dotação para as obras é de 4:000$000 de réis annuaes.

—

Por muito tempo a Academia não teve espaço sufficiente para as suas aulas, e estas se accomodavam no collegio dos pobres Orfãos, exceptuando a de desenho, que ainda no anno de 1804 funccionou no Hospicio dos religiosos antoninos, hoje hospicio dos Expostos, no Campo dos Martyres da Patria.

O observatorio andou em casas de renda; a secretaria ainda em 1824 estava no Collegio dos Orfãos.

—

Durante o cerco do Porto (1832 a 1833) o edificio da Academia foi convertido em hospital militar.

Em 13 de outubro de 1834 começaram os estudos no palacete dos viscondes de Balsemão, hoje do sr. conde da Trindade, na praça dos *Ferradores*, hoje de *Carlos Alberto*. Só as aulas de desenho e manobra continuaram nos seus antigos locaes, que eram as construcções provisorias do lado poente.

O hospital militar só em 1836 deixou livres as aulas da Academia.

Instituto Industrial do Porto

D'este importante instituto já se fallou no artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 365, mas tão summariamente que não podemos deixar de desenvolver um pouco mais este topico.

Por decreto de 1 de dezembro de 1853 foi creada a *Escola Industrial do Porto*, sendo

ministro das Obras Publicas o actual presidente de ministros, Antonio Maria Fontes Pereira de Mello,—e por decreto de 20 de dezembro de 1864, sendo ministro das Obras Publicas João Chrysostomo de Abreu e Sousa, foi reformada a antiga *Escola Industrial*, passando a denominar-se *Instituto Industrial do Porto.*

N'este importante estabelecimento ha hoje os seguintes

Cursos Industriaes

1.º—De instrucção geral para operario habilitado.

2.º—De director de fabricas e officinas mestre e contramestre.

3.º—De conductor de obras publicas.

4.º—De conductor de minas.

5.º—De conductor de machinas e fogueiro.

6.º—De telegraphista.

7.º—De mestre d'obras.

8.º—De pharoleiro.

9.º—De mestre chimico e tintureiro.

As disciplinas que constituem os cursos acima designados são distribuidas pelas seguintes

Cadeiras

1.ª—Arithmetica, algebra e geometria,—trignometria—topographia e levantamento de planta.

2.ª—Desenho linear—geometria descriptiva applicada á industria—stereotomia—desenho de modelos e machinas, topographico e architectonico.

3.ª—Physica e suas applicações ás artes—telegraphia electrica—pharoes.

4.ª—Principios geraes de chimica—chimica applicada ás artes—tinturaria e estamparia.

5.ª—Principios geraes de mechanica industrial—applicações á construcção de machinas, especialmente ás de vapor—mechanica applicada ás construcções civis.

6.ª—Construcções civis—elementos de technologia geral.

7.ª—Mineralogia, geologia e a docimasia na parte que diz respeito á analyse e ensaios dos mineraes uteis—arte de minas.

8.ª—Desenho de ornato—desenho pelo natural—modelação.

9.ª—Contabilidade e principios de economia industrial—noções de direito commercial e administrativo e estatistica.

10.ª—Lingua franceza e ingleza.

—

No anno lectivo de 1883 a 1884 foram estas cadeiras regidas pelos professores seguintes:

1.ª—João Vieira Pinto, professor proprietario [1].

2.ª—Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa—Idem.

É o director d'este instituto e já foi tambem director das obras da *Bolsa* ou do *Palacio do Commercio*, d'esta cidade [2].

3.ª—Illidio Ayres Pereira do Valle, professor em commissão.

4.ª—1.º curso—Manuel Nepomuceno, professor em commissão.

4.ª—2.º curso—Agostinho da Silva Vieira—professor proprietario [3].

5.ª—José Guilherme de Parada e Silva Leitão—Idem.

6.ª—Vaga. Foi regida pelo professor da 5.ª

7.ª—Manuel Rodrigues Miranda Junior—professor proprietario.

8.ª—Guilherme Antonio Corrêa—Idem.

9.ª—Domingos Agostinho de Sousa—Idem.

10.ª—João Baptista Pereira Leal—Idem.

Pessoal da secretaria

Director—Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa.

Secretario e bibtiothecario—Joaquim Casimiro Barbosa.

Escripturario servindo de thesoureiro pagador—Augusto Alves Novaes.

---

[1] Falleceu no dia 24 do corrente mez de agosto de 1884. No fim d'este topico daremos em resumo a sua biographia.

[2] V: art. *Porto*, vol. 7.º pag. 429, col. 2.ª *in fine*.

[3] Vide vol. 5.º pag. 258, col. 1.ª art. *Miragaya*, freguezia do Porto, onde publicamos a biographia d'este distincto professor.

Conservador — Bernardo José Maria da Motta.

Preparador de physica e chimica — Nuno Freire Dias Salgueiro.

Mais um porteiro e 4 guardas.

Tem este instituto os seguintes gabinetes de instrucção pratica:

1 Bibliotheca de 2:000 volumes.

1 Laboratorio chimico.

1 Gabinete de physica.

1 Gabinete de mineralogia.

1 Museu technologico e 1 officina annexa ao mesmo museu.

A despeza votada para este instituto no orçamento é a seguinte:

1 Director, gratificação	300$000
1 Secretario	500$000
1 Escripturario	300$000
1 Conservador	300$000
1 Preparador de physica e chimica	300$000
1 Porteiro	240$000
4 Guardas a 182$500	730$000
9 Professores a 700$000	6:300$000
1 Professor de linguas, franceza e ingleza	500$000

Os professores em commissão e os proprietarios que exercem outro magisterio recebem mais a gratificação de 450$000 réis.

Ha n'este instituto duas classes de alumnos: a de *ordinarios* para os que pretendem frequentar as disciplinas segundo a ordem estabelecida nos programmas dos diversos cursos — e a dos *voluntarios* para os que frequentarem qualquer disciplina isoladamente.

Para a matricula nos cursos industriaes requerem-se as habilitações seguintes: — saber ler, escrever e pratica das quatro operações sobre inteiros e decimaes, haver completado doze annos de idade e não padecer de molestia contagiosa.

Os individuos que não apresentarem documentos que provem possuir as habilitações acima designadas são examinados por um jury nomeado pelo conselho escolar.

Os exames de habilitação para os cursos industriaes verificam-se na primeira semana d'outubro.

Movimento escolar

No anno lectivo de 1883 a 1884 matricularam-se n'este instituto os alumnos seguintes:

Na 1.ª cadeira	390
» 2.ª »	345
» 3.ª »	48
» 4.ª »	10
» 5.ª »	7
» 6.ª »	8
» 7.ª »	3
» 8.ª »	108
» 9.ª »	25
» 10.ª »	279
Numero total de matriculas	1:223
Numero total de alumnos	494

Além dos alumnos matriculados segundo as disposições regulamentares, frequentaram como ouvintes mais os seguintes alumnos:

1.ª cadeira	146
2.ª »	95
8.ª »	57
10.ª »	18

As profissões declaradas pelos diversos alumnos no acto das matriculas foram as seguintes:

Abridores 2 — Alfaiates 2 — Alquilador 1 — Armadores 2 — Caixeiros 2 — Canteiros 56 — Carpinteiros 62 — Chapelleiros 3 — Commerciantes 3 — Constructores de pianos 1 — Correeiros 1 — Douradores 1 — Empregados 53 — Entalhadores 4 — Esculptores 3 — Estucadores 3 — Estudantes d'outros estabelecimentos 41 — Fabricantes 7 — Fundidores 1 — Funileiros 1 — Gravadores 1 — Jardineiros 1 — Lithographos 1 — Luveiros 1 — Marceneiros 15 — Milita-

res 11 — Ourives 11 — Pedreiros 11 — Photographos 3 — Pintores 20 — Professores de instrucção primaria 7 — Relojoeiros 3 — Retratistas 1 — Sapateiros 4 — Serralheiros 21 — Tamanqueiros 1 — Tanoeiros 1 — Telegraphistas 13 — Tintureiros 2 — Torneiros 2 — Trabalhadores 1 — Trolhas 10 — Typographos 3 — Vidraceiros 1 — sem profissão designada 100. — Total 494.

Os cursos industriaes que estes alumnos frequentaram foram os seguintes:

Instrucção geral para operario habilitado	232
Directores de fabricas e officinas	12
Conductores d'obras publicas	127
Conductores de minas	22
Conductores de machinas e fogueiros	28
Telegraphistas	35
Mestres d'obras	35
Mestres chimicos e tintureiros	3
Total	494

A edade dos alumnos foi a seguinte:

De 12 a 15 annos	131
» 16 a 20 »	191
» 21 a 25 »	108
» 26 a 30 »	50
» 31 a 35 »	8
» 36 a 40 »	3
» 41 a 43 »	3
Total	494

A media da edade foi 12,2 — sendo os limites 12 e 43.

Para occorrer ás despezas d'este instituto, alem dos vencimentos do pessoal encartado, ha no orçamento a seguinte dotação:

Para subsidiar o ensino auxiliar	1:200$000
Para a bibliotheca, experiencias e despezas diversas	1:200$000
Para acquisição de machinas, modelos e apparelhos	1:200$000
Total	3:600$000

—

Ficaremos por aqui para não fatigarmos os leitores; mas quem quizer iniciar-se melhor na historia e organisação d'este importante estabelecimento consulte a Memoria — *L'Institut Industriel de Porto — Histoire, Organisation, Enseignement* — publicada em francez na Typographia Lusitana de Bellomonte, em 1878, para ser, como foi, profusamente distribuida pelos institutos analogos das outras nações.

É trabalho primoroso e o mais completo que possuimos sobre o assumpto.

João Vieira Pinto

Falleceu no dia 24 do corrente mez d'agosto de 1884 o dr. João Vieira Pinto, lente proprietario da 1.ª cadeira do *Instituto Industrial do Porto* e delegado de saude n'esta cidade.

O *Commercio Portuguez* noticiando o seu fallecimento dedicou-lhe as linhas seguintes:

«Era um bibliomaniaco curioso, doido por livros e trastes velhos. Sempre e invariavelmente de galochas, dois enormes casacos e um *cache-nez* que apenas lhe deixava a descoberto o nariz, póde dizer-se que não sahia á rua que não fosse em cata de um exemplar antigo, ao qual conhecia o valor e a importancia.

«No Porto, suppomos que foi elle o primeiro que explorou as tendas dos Ferros Velhos e varias outras baiucas de adeleiros pobres, onde se jactava de ter feito optimas acquisições de livros e objectos rarissimos.

«Não havia leilão de livros onde João Vieira Pinto não apparecesse de catalogo em punho, licitando como um damnado, ás vezes levando a preços exageradissimos obras que não valiam muito e das quaes já possuia ás vezes tres e quatro exemplares. Elle, o pobre velho, ardente adorador dos livros, deixava-se arrebatar pela sua paixão dominante e não queria que ninguem possuisse mais e melhores exemplares do que elle. Se tivesse nascido millionario, João Vieira Pinto teria, elle só, comprado quantas livrarias antigas existem no paiz.

«Ainda assim, a sua livraria, que não é escolhida, visto que, cego pela paixão de possuir tudo, tudo comprava, possue obras muito raras, de grande valor, e é, póde dizer-se, uma das opulentas do paiz.

«O dr. João Vieira Pinto, se não era positivamente um sabio, era todavia um homem douto, muito lido e illustrado, excellente caracter e incapaz de prejudicar quem quer que fosse.

«A originalidade de seu trajo e a excentricidade das suas maneiras, como delegado de saude, cujas funcções jámais cuidou em exercer, preso como trazia o pensamento aos livros que ainda lhe faltava adquirir, valeram-lhe por vezes inoffensivos epigrammas de que não fazia caso e que até talvez nem chegasse a lêr.

«Morreu, pois, o bom João Vieira Pinto, como lhe chamavam os seus amigos, e não deixou, ao que nos consta, testamento.

«Ou nunca se lembrou de que morreria, ou, o que é mais certo, nunca pôde conformar-se com a idéa de que havia deixar e separar-se para sempre dos seus queridos livros, o seu enlevo de todas as horas, a paixão unica de toda a sua vida.

Pobre velho! descança em paz depois do affanoso lidar de tantos annos para a conquista de um thesouro, que ainda que vivesse dois seculos, nunca chegaria a julgar completo.»

A bibliotheca do dr. Vieira Pinto que é uma das primeiras do Porto, suppõe-se valer 10:000$000 réis.

Entre os seus 14:000 volumes, ha uma boa camoneana onde avulta a primeira edição dos *Lusiadas*, de 1572, a chamada dos Piscos e outras raras.

A par das obras de grande merecimento bibliographico contam-se a primeira edição do theatro de Gil Vicente, que lhe custou 30 libras; a *Rhopica* de João de Barros, primeira edição, muito rara, que lhe custou 70$000 réis; o *Cancioneiro dos Nobres*, *A Imagem da Virtude*, etc.

O dr. Vieira Pinto tambem possuia o *Tratado da esphera*, de Pedro Nunes, mas vendera-o ha tempos por 200$000 réis.

Tribunal e cadeia da Relação

O grande edificio onde funccionam estas duas repartições foi principiado em 1583, mas a planta era acanhada e a obra mal passou dos alicerces.

Em 1647, Diogo Lopes de Sousa, 2.º conde de Miranda, sendo governador das armas e regedor das justiças d'esta cidade do Porto, mandou concluir o edificio principiado em 1583.

Em janeiro de 1765, D. João d'Almada e Mello, sendo tambem governador das armas e regedor das justiças no Porto, demoliu a antiga cadeia e lançou a primeira pedra do grandioso edificio actual.

Fallecendo D. João d'Almada sem concluir o grande edificio, succedeu-lhe seu filho D. Francisco d'Almada, que deu grande impulso ás obras, [1] deixando as interiormente completas, mas sem os remates exteriores do lado norte, como ainda hoje se vêem.

Durou a construcção d'este soberbo edificio cerca de 20 annos e custou mais de 200 contos de réis.

Agostinho Rebello da Costa, na sua *Descripção do Porto*, publicada em 1789, diz, a pag. 128, o seguinte:

«A Relação he um edificio notavel, formado em triangulo, e de uma elevação prodigiosa. As suas casas da cadêa publica são dispostas por tal ordem, que os presos de maior graduação vivem isentos de communicação com outros presos, e assim mesmo os que são culpados de crimes graves e infames não podem communicar-se com os das culpas ordinarias. Todo este edificio he faixeado com pedra de esquadria, e as paredes tem nove palmos de largura, principalmente as dos quartos das enxovias. Todo elle

[1] Muitas das obras que hoje se attribuem ao benemerito corregedor D. Francisco d'Almada fôram feitas umas e outras principiadas por seu pae, D. João d'Almada.

Veja-se o art. *Porto*, no *Supplemento* e o art. *S. Nicolau*, vol. 6.º, pag, 58, col. 1.ª

he repartido em tres andares, e aberto por cento e tres janellas altas, e largas, atracadas com duas ordens de grades de ferro grosso e portadas chapeadas do mesmo. As janellas principaes, e assim mesmo as salas, e casas em que se ha de ajuntar o Senado nos dias da Relação ainda não estão acabadas. Os tectos de todas as prisões são de abobada, e alguns dos pavimentos de ladrilho.

«Ha ordinariamente n'estas cadêas trezentos a quatrocentos presos, não sómente d'esta cidade e termo, mas tambem das tres provincias do Minho, Traz-os Montes e Beira. Todos elles tem agua perenne para o seu serviço, e os que são pobres tem medico, cirurgião, sangrador e botica, tudo pago pela santa casa da Misericordia. Principiou-se a reedificar, desde os fundamentos, este grande edificio, que póde conter dentro em si até mil presos, em o mez de janeiro de 1765. Na sua fabrica se tem dispendido mais de trezentos mil cruzados, e chegará a meio milhão o seu complemento.»

É effectivamente um edificio magestoso e muito solido, todo de granito bem trabalhado, com paredes de grande espessura, [1] muito pé direito, luz e ar com abundancia e formosas vistas da fachada norte sobre o Jardim da Cordoaria e grande extensão da cidade e seus arrabaldes até o oceano, mas hoje é um edificio improprio para cadeia e torna-se urgente substituil-o por uma *penitenciaria* com as devidas condições de hygiene e segurança. [2]

[1] No portão da fachada principal que olha para o nascente e dá entrada para o tribunal da Relação têem de largura 2m,60; no portão da fachada norte, que dá entrada para a cadeia, 2m,5; e na parte restante do primeiro pavimento 1m,40.

[2] Decora a fachada E. um soberbo timpano com os emblemas da justiça.

No angulo N. E. que é quebrado, tem ao rez do chão um chafariz com duas bicas jorrando de dois golfinhos sobre um tanque, e no topo do edificio um magestoso escudo com as armas reaes portuguezas, ladeado por dois tropheus com emblemas bellicos.

Na fachada norte principiaram mas não acabaram o timpano, que devia ser tambem apparatoso.

—

Entre a fachada norte e o mencionado Jardim da Cordoaria ou dos Martyres da Patria mettiam-se de permeio os muros da cidade. Lucrou muito com a demolição d'estes e mais ainda com a demolição de uns velhos e immundos casebres que se haviam levantado entre aquelles muros e o grande edificio e que muito o afrontavam.

Os taes casebres foram demolidos em 1862 a 1864.

Vide o artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 447, col. 2.ª e seg.

Tribunal da Relação

Funcciona este tribunal no pavimento superior do edificio que acabamos de descrever.

Não occupa todo aquelle pavimento, mas sómente o lado E. da fachada principal que olha para a rua de S. Bento, sobre a qual tem entrada propria e independente da entrada da cadeia. [1]

Constituem hoje este tribunal os seguintes desembargadores:

Presidente — conselheiro Antonio d'Almeida e Sousa Novaes.

1.ª sessão (ás terças feiras) — os srs. Antonio Augusto Cabral de Sousa Pires, Francisco Manoel da Fonseca e Castro, Francisco Maria Gaspar Martins, Bazilio Alberto de Sousa Pinto, Lino Antonio de Sousa Pinto, Ayres Frederico de Castro e Solla, Rodrigues Leal e Pereira de Carvalho.

2.ª sessão (ás sextas feiras) — os srs. José Luciano da Silveira Freire Themundo, José Augusto Osorio Sarmento Mosqueira, Manoel José Botelho, Francisco Manoel da Ro-

[1] No anno ultimo (1883) o movimento d'esta cadeia foi o seguinte:

Em 31 de dezembro de 1882 existiam n'ella presos 334 homens e 28 mulheres; total 362.

Durante o anno de 1883 entraram 1:322 homens e 237 mulheres; total 1:559.

Sahiram 1:392 homens e 225 mulheres; total 1:617.

Em 31 de dezembro de 1883 ficaram existindo 264 homens e 40 mulheres; total 304.

cha Peixoto, Costa Macedo, Rocha Fradinho, Taveira, Alexandre Marques da Paixão e barão de Paçô Vieira.

O pessoal da secretaria da presidencia é o seguinte: 1 secretario (guarda-mór), bacharel Luiz Antonio d'Andrade, 1 official da secretaria, 2 amanuenses, 4 guardas-menores e 1 continuo.

Completam o quadro da Relação 1 revedor, 1 contador, 4 escrivães e 2 officiaes de diligencias.

Jardim da Cordoaria

Campo dos Martyres da Patria
Alameda e Campo da Cordoaria Nova
e Alameda e Campo do Olival

Desde tempos remotos eram povoados de oliveiras o chão hoje occupado por este jardim, bem como os chãos adjacentes até ás praças de Carlos Alberto e Santa Thereza, largo dos Ferros Velhos, parte das ruas dos Clerigos e Ferraria de Cima, e por isso, quando em 1316 a 1376 se construiram os muros denominados de D. Fernando, por ser este rei que os ultimou,[1] deu-se o nome de *Porta do Olival* á porta que estava junto da extremidade S. E. do mencionado campo, no cimo das ruas de *S. Bento*, de *Traz* e *Caldeireiros*, no sitio que ainda hoje conserva o mesmo nome de *Porta do Olival*.

—

Tambem antigamente o chão occupado hoje pela rua e largo do Souto e os chãos contiguos eram povoados de castanheiros e carvalhos; os chãos onde hoje se vê a rua de Santo Antonio do Penedo e o mosteiro de Santa Clara foram tambem povoados de grandes carvalhos, pelo que a dita rua se denominou rua dos *Carvalhos do Monte* e *Carvalhos do Monte* o chão onde se erigiu aquelle mosteiro.

Tambem se denominou *Postigo do Carvalho* ou dos Carvalhos o postigo dos velhos muros de D. Fernando, que estava no cimo da dita rua de Santo Antonio do Penedo, depois *Postigo do Sol*, porque D. Francisco d'Almada, quando demoliu aquelle lanço dos muros e o velho postigo, fez no mesmo local um arco espaçoso e elegante, tendo na fachada E. o emblema do sol. Este ultimo arco foi por seu turno demolido em 1875.

Tambem ainda no seculo XVII se viam grandes pinheiros nas ingremes encostas de Miragaya, a cavalleiro da egreja matriz e da rua de S. Pedro. No chão em que se fundou em 1434 a albergaria do Espirito Santo se cortou em 1654 um enorme pinheiro que ameaçava cahir sobre a egreja; foi arrematado por 6$000 réis, somma importante n'aquelle tempo; e em 1673 se cortaram e venderam outros pinheiros por 27$000 réis. Veja-se o artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 302, col. 1.ª, 442, col. 2.ª, 491, col. 1.ª e *Miragaya*, vol. 5.º pag. 267, col. 1.ª

—

Em 1611, tendo o Campo do Olival já poucas oliveiras e quasi todas rachiticas, a camara o transformou em alameda ou passeio publico, arrancando as poucas oliveiras que restavam e povoando-o de choupos, negrilhos e outras arvores, á custa do imposto do vinho, pelo que este campo tomou o nome de *Alameda do Olival*, e era guardado por 4 homens, vencendo cada um oito mil réis por anno pagos pela camara, á custa do mesmo imposto. No terceiro quartel do ultimo seculo, D. José I, ou antes o marquez de Pombal, montou aqui uma grande cordoaria, pelo que desde essa data este campo se denominou *Alameda do Campo da Cordoaria*, nome que conservou até que pelo meiado d'este seculo o visconde de Gouvêa, sendo governador civil do Porto, alterou os nomes de varias ruas, largos e praças d'esta cidade e deu a este campo o pomposo nome de *Campo dos Martyres da Patria*, para commemorar o morticinio de que logo faremos menção, ordenado pela alçada que julgou os reus do levantamento contra a Companhia dos Vinhos.

Tendo acabado a grande cordoaria e achando-se em lastimoso abandono este campo, a camara o transformou no actual jardim publico, em 1868 a 1870.

Agora mais alguns detalhes:

---

[1] Veja-se o artigo *Porto*, vol. 7.º, pag. 285, col. 1.ª e seg.

Cordoaria Nova

Desde tempos muito remotos se exerceu no Porto a industria da cordoaria, como cidade maritima que era, vivendo em grande parte da pesca e da navegação.

Os cordoeiros estiveram muito tempo estabelecidos e concentrados junto do antiquissimo bairro de Miragaya, o *lôgo dos mareantes*, na calçada da Cordoaria, hoje rua da Esperança, desde o largo de S. Pedro até á porta dos muros de D. Fernando, denominada *Postigo dos Frades* e *Porta da Esperança*, por estar junto do convento graciano de S. João Novo e ter contigua uma capella que ainda hoje lá se vê aberta ao culto, com a invocação de Nossa Senhora da Esperança.

Occupavam tambem a rua ainda hoje denominada *Cordoaria Velha*, que se prolongava e prolonga desde a mencionada capellinha até ao largo das Virtudes, — rua que tambem se denominou da *Esperança* e da *Via Sacra*, porque os frades antoninos do hospicio que fundaram no *Campo da Cordoaria Nova* [1] costumavam na quaresma resar com grande apparato a *via-sacra*, principiando na dita capella da Esperança e seguindo até á frente do convento do Carmo, pelas ruas da Cordoaria Velha e do Calvario, que tambem se denominou rua do *Senhor Jesus do Calvario Novo*. (*Miragaya*, vol. 5.° pag. 267, col. 1.ª *in fine*) — ao longo das quaes erigiram grandes cruzes de pedra, correspondentes ás diversas estações da *via-sacra*.

—

Esta corporação dos cordoeiros chegou a ter certa importancia e organisação propria, analoga á dos ourives, ferreiros, serralheiros, carpinteiros, anzoleiros e dos outros officios e mesteres, de que adiante mais detidamente fallaremos, quando tratarmos da capella de Nossa Senhora da Silva.

Formavam uma irmandade que promovia o culto e as festas de S. Pedro de Miragaya.

Ainda hoje a confraria do Santissimo Sacramento d'aquella freguezia conserva uma linda bandeira de damasco vermelho, bordada a ouro com os emblemas de S. Pedro, bandeira que pertenceu á irmandade dos cordoeiros e que foi encontrada no espolio do seu ultimo juiz.

—

Vendo o marquez de Pombal que o nosso paiz dava para os paizes estrangeiros, nomeadamente para a Russia, sommas enormes pelo maçame e cordame dos nossos navios, e sabendo que os nossos afamados e fertilissimos campos da Villariça, no alto Douro, produziam quasi-espontaneamente linho canhamo do melhor do mundo, [1] resolveu aproveital-o. Montou cordoarias nas duas grandes povoações mais proximas — Moncorvo e Foscôa — e uma de grandes proporções aqui no Porto, no Campo do Olival, que desde então se denominou, como já dissemos, *Alameda e Campo da Cordoaria*

[1] Veja-se no artigo *Miragaya*, vol. 5.° pag. 281, col. 2.ª e seg. a *edificante* historia da fundação d'este hospicio e das grandes questões entre os frades e os irmãos trinitarios, ao tempo seus visinhos.

[1] Os campos da Villariça, na confluencia da ribeira d'este nome com o Sabor e o Douro, junto de Moncorvo, em Traz os Montes, são inquestionavelmente os mais ferteis de Portugal.

Sem adubo além dos nateiros que n'elles deposita o Douro nas cheias, e sem outra rega além da humidade propria, é verdadeiramente admiravel a sua producção. Em 1861, depois da grande cheia de 1860, o sr. Antonio J. F. Margarido Senior, de Moncorvo, semeou ali apenas 14 alqueires de milho e colheu 2:400!... É trivial um grão de milho dar 3 a 5 canas e 15 a 20 grossas espigas!

Nas quintas de vinho que ha tambem na mencionada ribeira o milheiro de vides baixas produz 3 a 5 pipas.

Os melões e melancias, sem outra preparação alem da simples sementeira, produzem fructo saborosissimo de tamanho enorme e em tal quantidade, que em pequenas veigas apuram 200 a 300 mil réis, sendo o preço ordinario da duzia 6 a 8 tostões.

O canhamo, tambem cultivado sem regas, costuma attingir a altura de dois metros e mais!...

Vide *Villariça*.

Nova, para distincção das velhas cordoarias de Miragaya.

Ignoramos a data da fundação e extincção da grande cordoaria, mas sabemos que foi fundada antes de 1770, e ainda no tempo em que Agostinho Rebello da Costa escreveu a sua *Descripção do Porto* (1789) era um estabelecimento importante, — a primeira entre todas as fabricas d'esta cidade.

N'ella se empregavam mais de 100 rodas e de 300 operarios diariamente, entre rapazes, officiaes e aprendizes, além de grande numero de mulheres e raparigas que assedavam o linho para as obras miudas.

O volume de todo o linho que se gastava por anno em cordagens, cabos, etc. passava de 32:000 arrobas.

Fabricavam-se ali amarras de todas as grossuras até o comprimento de 120 braças com o peso de 268 arrobas, valendo cada uma d'estas peças mais de 600$000 réis n'aquelle tempo, que seguramente correspondiam a 1:200$000 réis da nossa moeda actual.

Segundo se vê na citada *Descripção* (pag. 232) aquellas amarras eram superiores a todas as que se fabricavam nos paizes estrangeiros, per ser o seu fio mais igual e mais bem torcido e ellas mais bem cochadas e por consequencia de maior duração.

Conseguiu-se esta vantagem desde 1775, data em que um fabricante do Porto, Antonio Baptista de Sá, foi a Londres e penetrou o segredo de tal melhoramento; mas, sem que elle o communicasse a ninguem, Antonio Moutinho de Menezes, um dos principaes fabricantes da grande cordoaria, descobriu outros melhoramentos mais faceis e mais proveitosos ainda, pelo que o marquez de Pombal o chamou a Lisboa para o elucidar sobre as descobertas que havia feito.

D'aquelle importante estabelecimento sahiram mestres e officiaes para a *Cordoaria Real de Lisboa* e para outras cordoarias de diversas cidades, villas e aldeias de Portugal e das suas possessões.

As cordagens e o maçame se apuravam em seis estufas, umas de cabrestantes e outras de roda, entre as quaes havia uma caldeira que levava 50 almudes d'alcatrão e outras 30 a 40.

—

Quando o marquez de Pombal montou a grande cordoaria conservou o arvoredo plantado pela camara em 1611, mas em 1832, durante o cerco do Porto, foi todo cortado por ordem do sr. D. Pedro IV, por ser ao tempo muito sensivel a falta de lenha n'esta cidade e tanto que se desmancharam algumas casas velhas para combustivel.

D'aquelle magestoso arvoredo, que já contava 221 annos, foi poupado apenas um negrilho (*ulmus campestris*) que ainda hoje (1884) se vê junto da extremidade N. O. do jardim. O seu tronco ao nivel do chão tem 3m,48 de circumferencia. [1]

[1] Os negrilhos abundam ao norte do nosso paiz, principalmente na Beira e Traz-os-Montes. Lembramo-nos de ter visto um exemplar soberbo em Moreira de Rei no concelho de Trancoso, e outro na freguezia de Santa Comba de Roças, no concelho de Bragança, medindo este ultimo 4m,50 de circumferencia no tronco.

Tambem ali vimos uma pereira com 3m,50 de circumferencia no tronco. A altura de 1m,50 dividia-se em duas hastes, tendo uma 2m,15 e a outra 2m,30 de circumferencia.

Na mesma freguezia vimos um castanheiro com 10m,0 de circumferencia no tronco, a 2m,0 do chão, e outro com 10m,50, ambos já muito carcomidos.

Em Traz os-Montes ha castanheiros de maior corpulencia ainda, nomeadamente na freguezia de Pinella, no mesmo concelho de Bragança. Asseveraram-me haver ali um com cerca de 15 metros de circumferencia no tronco!...

A madeira dos negrilhos é magnifica para carros, muito superior á de freixo, sobro e carvalho.

Em Villa Nova da Foscôa e em algumas terras de Traz-os-Montes se usam *carros de varas*, denominados assim, porque o cabeçalho e as chedas são formados por um pau só, serrado e fendido a meio para formar as chedas e o taboleiro, abrindo-o e moldando-o a fogo. Todos estes *carros de varas* são de negrilho, porque só o negrilho offerece a elasticidade e consistencia precisas; e os bois trabalham melhor com elles do que se o cabeçalho e as chedas fossem formados de tres peças distinctas, como todos os outros carros para bois, usados no nosso paiz.

V. no *Supplemento*, *Comba de Roças (Santa)* e *Moreira de Rei*.

É um colosso do reino vegetal que muito embellesa o mencionado jardim e que foi conservado e muito convenientemente aproveitado pelo distincto engenheiro paisagista allemão Emilio David, quando traçou este jardim, como logo diremos.

—

O auctor d'estas linhas, estando em 1870 a palestrar no mencionado jardim com um respeitavel ancião, [1] este lhe disse que ainda se recordava de vêr grande movimento na extincta cordoaria e de ouvir aos officiaes dizerem para os rapazes que moviam as rodas:

Vira da banda da villa!...
Vira da banda do mar!...

A villa a que se referiam os cordoeiros era com certeza o Porto.

Seria o Porto em algum tempo villa?

Na parochia da Sé, entre o largo da Batalha e a rua Chã, se vê ainda hoje uma rua com o nome de Cima da Villa, o que parece dar a entender que o bairro da Sé, a juzante, já foi villa.

Bem sabemos que a palavra villa não se tomou sempre na mesma accepção em que hoje a tomamos, mas não me consta que fosse em algum tempo synonimo de cidade, nem que o Porto se denominasse villa.

Mas deixemos na paz do tumulo os cordoeiros com o segredo do seu estribilho e prosigamos.

O jardim

Em 1868 a 1870, achando-se ha muito extincta a celebre *Cordoaria Nova* (bem como a Cordoaria Velha) e jazendo ao abandono o seu chão, ao tempo já officialmente e *muito impropriamente* denominado *Campo dos Martyres da Patria*, occupado apenas por algumas insignificantes rodas de cordoeiros e por vendedeiras de cebolas e de louça ordinaria, mandou a camara transformal-o em jardim publico, porque o Porto apenas tinha o jardim publico de S. Lazaro, alem dos jardins do Palacio de Crystal, que simultaneamente se crearam tambem, mas pertencentes á empreza fundadora do dito palacio.

Foi bastante morosa e dispendiosa a transformação, porque no centro do campo onde se fez o lago, se encontrou a pequena altura rocha compacta de granito, que foi mister explorar; construiram-se em toda a circumferencia do campo largos passeios; macadamisaram-se as ruas parallelas exteriores; vedou-se o lago e o jardim todo com gradeamento de ferro e povoou-se de flores, plantas e arvores, todas novas, exceptuando unicamente o velho negrilho de que já se fallou e que n'esta data vae contando 273 annos, cada vez mais viçoso e forte, porque nunca foi tão bem tratado.

É um jardim bastante espaçoso, de fórma quadrada interior e exteriormente, bem traçado e delineado no estylo moderno pelo mesmo paizagista que traçou e delineou os jardins do Palacio de Crystal, o allemão Emilio Duvid.

Tem a meio um bom lago com cysnes brancos e pretos, que ali fazem creação; em volta do lago um passeio circular, descrevendo uma meia laranja do lado norte; largas carreiras nas 4 faces; na de leste, a *banda da villa*, dois marcos fontenarios de ferro fundido com valvulas, e a meio uma pequena casa rustica para deposito das ferramentas e utensilios dos jardineiros; na face do sul uma bonita casa com café e bilhares e duas entradas, uma pelo lado interior e outra pelo exterior do jardim; e na face oeste, a *banda do mar*, uma carreira mais espaçosa do que todas as outras, ensombrada por dois renques de platanos, tendo a meio, do lado oeste, um lindo pavilhão de ferro, onde tocam bandas marciaes nos domingos e quintas-feiras.

—

Desde que se extinguiu a cordoaria real, até que este campo foi transformado em jardim publico, fazia-se aqui a feira de S. Miguel. Feito o jardim, ainda nos primeiros

---

[1] Pedro Marques d'Oliveira, o iniciador do grande estabelecimento d'Horticultura e Floricultura de José Marques Loureiro, ainda hoje, no seu genero, o primeiro estabelecimento do Porto, de Portugal e da peninsula. V. *Miragaya*, vol. 5.º pag. 262, col. 2.ª

annos se fez a feira nas ruas exteriores que o circumdam, armando-se ao longo d'ellas as barracas de quinquilherias, nozes, feras, arlequins e comestiveis; na praça do Duque de Beja se vendiam as cebolas e os utensilios da lavoura; depois removeu-se para a nova praça da Rotunda da Boa Vista. Alguns annos se fez tambem a dita feira na grande avenida do Palacio de Crystal mas depois fixou-se na mencionada Rotunda.

—

Quem hoje vir este jardim com o seu aspecto risonho e alegre, principalmente nos dias de musica, mal imagina as lugubres scenas de que o seu chão já foi theatro, o sangue e as lagrimas que n'elle se derramaram e os gritos lancinantes de dôr e desesperação que n'elle se repercutiram no tenebroso dia 14 de outubro de 1757 e desde 1822, data em que a forca se removeu da Ribeira para aqui.

Referimo-nós ás execuções que n'este campo tiveram logar e de que a nossa missão nos obriga a dar noticia.

Assim como os parisienses transformaram em um dos seus mais formosos parques o chão em que faziam as execuções, o mesmo fizemos nós aqui no Porto, embora não haja parallelo nem comparação possivel entre este nosso jardim e o parque *Buttes Chaumont*, tão bem descripto ha annos nas columnas do *Commercio Portuguez* pelo nosso primeiro pintor contemporaneo, Francisco José de Rezende.

Prosigamos:

Paginas de sangue. — A Companhia dos Vinhos

Na rua das Flores, á esquina da rua do Souto, havia em 1756 um elegante palacete. No principio d'este seculo um incendio o reduziu a cinzas e no seu chão se edificaram, annos depois, novas casas.

Este palacete, cuja entrada principal abria sobre a rua das Flores e cujas trazeiras cahiam sobre a praça de S. Roque, demolida em 1882 por occasião da abertura da nova rua Mousinho da Silveira, era propriedade de D. Bartholomeu de Pancorvo, rico negociante de vinhos.

Pancorvo era hespanhol, natural de S. Sebastião de Biscaia; tinha vindo aos 10 annos para o Porto e ao tempo era um dos negociantes mais ricos e mais acreditados da praça, homem cordato e rigorista em assumptos commerciaes.

A sua casa era talvez a mais commoda e a mais elegantemente mobilada de toda a cidade do Porto. As muitas viagens, que rasões commerciaes o tinham obrigado a emprehender, lhe tinham apurado o gosto. Assim, D. Bartholomeu tinha transportado para o seu palacete tudo o que vira de mais commodo e mais garboso nas terras por onde andára. Além d'isto era elle quem dava os bailes mais apparatosos, as assembléas e partidas mais agradaveis, e as *furias do rio* mais esplendidas que se faziam pelo Douro acima. [1]

A estas prendas reunia D. Bartholomeu excellentes dotes moraes e, apesar de estrangeiro, extremado amor pela terra onde ganhara a sua grande fortuna.

Este amor e as necessidades do commercio, a que especialmente se dedicava, lhe inspiraram a primeira idéa da formação da *Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro*, com o intuito de restaurar o credito dos nossos vinhos nos differentes mercados da Europa e de dar aos agricultores meios para se libertarem das garras do monopolio que os esmagava.

N'aquella época o commercio dos vinhos do Douro era quasi que propriedade exclusiva dos negociantes da feitoria ingleza. O furor da especulação tinha-os levado a tentar imprudentemente o paladar do consumi-

---

[1] Denominavam-se por aquelle tempo *furias do rio* os passeios fluviaes, merendas, *lunchs* e serenatas no Douro, analogos aos que ainda hoje (1884) se usam, principalmente por occasião de regatas e da festa de Sant'Anna d'Oliveira, em barcos de remos e vapores de recreio, toldados e embandeirados, com mesas ao centro, boa *petisqueira* e musica, regressando ao fim da tarde ou já de noute, no verão, ostentando caprichosas illuminações.

dor britannico com milhares de invenções de qualidades de vinhos, resultantes de preparos exquisitos. Esta imprudencia depravou o gosto e obrigou a depravação dos vinhos, seguindo-se muito naturalmente o descredito e a diminuição do consummo, de fórma que o desgraçado agricultor, além de se ver obrigado a vender o genero pelo preço que lhe impunham aquelles que se incumbiam de o levar ao mercado, via escacear o consummo.

O mal aggravou-se de fórma que os proprios negociantes da feitoria chegaram a receiar por si. Desandaram então em queixumes contra os lavradores, aos quaes attribuiam os males de que só elles eram os culpados. D'esta cegueira, porém, desvendaram-nos os seus proprios commissarios no Douro, dizendo-lhes francamente a verdade na resposta que, por escripto, deram ás queixas que sobre este assumpto alta e ruidosamente faziam.

Este documento importante, que o marquez de Pombal fez publicar, como rasão justificativa da instituição da Companhia, acha-se no 1.º volume da legislação josephina, precedendo os estatutos de 1756.

Para obviar a tantos males, D. Bartholomeu de Pancorvo, negociante emprehendedor e intelligente, ideou a *Companhia da Agricultura dos Vinhos*, formulou o plano e communicou-o ao seu amigo fr. José de Mansilha, frade dominico, homem ambicioso, mas illustrado, astuto e importante que, depois de discutido, o levou a Sebastião José de Carvalho, então ministro omnipotente d'el-rei D. José. O ministro achou boa a ideia; meditou-a; fez os estatutos de 1756 e creou a *Companhia*, que chegou a ser um verdadeiro estado no estado, — uma das companhias mais poderosas do mundo!

Com ella conseguiu o atilado ministro os dois fins que visára — enriquecer o Douro e o nosso paiz e abater o orgulho da Inglaterra.

—

Eis aqui muito em resumo a historia da fundação da *Companhia da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro*, que fez a felicidade e a *desgraça* de muita gente, pois o omnipotente ministro acercou-a de um apparato enorme de exempções, prerogativas, privilegios e penas que faziam tremer!

No Douro era prohibido aos lavradores estrumar as suas vinhas; estas foram divididas em lotes por marcos de pedra (muitos dos quaes ainda lá se vêem hoje) indicando o terreno para vinho d'exportação ou *de feitoria*, e para vinho *de ramo* ou de consummo e queima. Por este processo ficaram em alguns sitios cortadas a meio propriedades do mesmo dono e era *crime horrendo* passar uvas ou vinho de um lote para o outro, o que deu occasião a muitos desgostos.

Na minha terra natal (a freguezia da Penajoia), por exemplo, certo patife denunciou á Companhia um meu ascendente, dizendo que passára uvas da sua propriedade de Alquetes (hoje minha), que estava no lote *de ramo*, para outra, tambem sua, pertencente ao lote *de feitoria*. O meu parente, apesar de ser *sargento-mór*, foi processado; só depois de grandes despezas e incommodos se viu livre e, quando regressou do Porto com a sentença absolutoria e dava á esposa a noticia de que estava livre, tal foi a satisfação, que uma apoplexia fulminante o matou instantaneamente!

O processo instaurado pela Companhia contra elle, pela supposta mudança d'alguns cachos d'uvas de uma para outra das *suas* propriedades, intitulava-se *Crime horrendo!?...*

—

Antes da Companhia fazer as suas compras, ninguem podia no Douro vender vinho algum; a Companhia não justava, impunha o preço e podia comprar todo o vinho, se quizesse, sendo o lavrador obrigado a ceder-lh'o, e só podia dispôr do que a Companhia deixasse, ou do *rateio*, que os negociantes inglezes e portuguezes compravam sempre por preço muito mais subido, brindando ainda os proprietarios pela preferencia. Os inglezes costumavam dar-lhes magnificos cobertores, alguns dos quaes eu ainda conheci na minha casa.

Tinha tambem a Companhia o exclusivo das aguardentes. Só ella podia queimar vinho na Beira, Minho e Traz-os-Montes.

Tinha tambem uma alçada especial, juiz privativo para julgar os seus pleitos, que assistia em Relação, e, além d'outros muitos privilegios, tinha tambem o exclusivo das tabernas no Porto.

Só ella podia vender vinho a retalho no Porto e seus arrabaldes, até quatro legoas de distancia, e pelo preço que muito bem lhe aprouvesse estipular!...

O motim

Este privilegio feriu muitos interesses e magoou profundamente milhares de pessoas do Porto e dos seus arrabaldes,—negociantes, taberneiros e consumidores—pelo que, depois de varias demonstrações de descontentamento, requereram a el-rei, pedindo a suspensão de semelhante privilegio e, como não obtivessem deferimento, no dia 23 de fevereiro de 1757, quarta feira de Cinza, ajuntou-se um bando de povo—homens, mulheres, rapazes, gallegos, marinheiros e escravos, tudo gente da plebe—n'este *Campo da Cordoaria*, pelas 9 horas da manhã. D'ali se dirigiram pela rua de S. Bento e escadas da Esnoga, ao largo de S. Domingos, onde ao tempo morava o juiz do povo, José Fernandes da Silva, o *Lisboa*, gritando: *Viva o povo! Morra a Companhia!*

Convidaram o juiz para que os acompanhasse e, como este se achasse ou fingisse doente, metteram-n'o em uma cadeirinha e seguiram com elle para a casa do chanceller governador.

Entretanto alguns rapazes subiram aos campanarios da Misericordia, da Victoria e da Sé e, tocando a rebate, attrahiram ao tumulto mais povo.

—

Quando os desordeiros, tendo atravessado a rua das Flores, o largo da Feira de S. Bento, a rua do Loureiro e a rua Chã, defrontaram com a porta do chanceller, já iam em numero superior a 5:000, não cessando de gritar: *Viva el-rei! Viva o povo! Morra a Companhia!*

O chanceller, governador da cidade, em vista de caso tão estranho e instado pelo juiz do povo que pedia a abolição da Companhia, deu ordem para que todos podessem comprar e vender vinho livremente, como antes.

Ficou a turba satisfeita e todos, acenando com os lenços e chapéos, gritaram: *Viva a liberdade!*

Entretanto um grupo dos desordeiros accommetteu a casa do vereador da camara e provedor da Companhia, Luiz Belleza d'Andrade, morador na mesma rua.[1] Um criado do provedor e um homem que ali casualmente se achava dispararam dois tiros contra o povo, ferindo apenas alguns rapazes; mas o povo enfureceu-se com a provocação,—arrombou as portas da casa,—destruiu e despedaçou os espelhos, mezas, cadeiras e outros moveis preciosos e trucidaria o provedor e os que haviam disparado os tiros, se não tivessem fugido a tempo pelas trazeiras da casa, refugiando-se no proximo quartel do Corpo da Guarda. Não os podendo os desordeiros haver ás mãos, retrocederam e saciaram a sua ira acabando de despedaçar os moveis e reposteiros e todos os papeis que encontraram pertencentes á Companhia.

Acudiu tropa, commandada pelo tenente coronel Vicente da Silva, ao tempo governador das armas, subordinado ao governador das justiças no que respeitava aos negocios e regulamentos da Companhia; mas, recebendo d'este ordem expressa para não usar da força contra o povo, não se moveu e foi testemunha impassivel da desordem, acalmando-se repentinamente os animos.

Ás tres horas da tarde sahiram com a procissão os irmãos terceiros de S. Francisco, sem se notar o mais leve vestigio da desordem.

Os chefes do tumulto foram quatro taberneiros, um alfaiate, que era o tal juiz do povo, e um sargento *supra*.

A Alçada

A isto se reduziu o alvoroto, em que to-

---

[1] É hoje minha cunhada uma senhora, D. Maria Belleza d'Andrade, bisneta de Luiz Belleza.

mou parte, como já dissemos, apenas a gentalha das ruas.

Não houve mortes nem outros excessos; mas com tão negras côres pintaram as auctoridades locaes o motim na participação a el-rei, que este mandou logo para o Porto uma alçada com o regimento dos Dragões da Beira, commandado pelo seu coronel D. Antonio Manuel de Vilhena, — dois regimentos de infanteria, um do Minho, sob o commando do coronel Luiz de Mendonça Furtado, outro de Traz os Montes, commandado pelo coronel Vicente da Silva, — e um esquadrão de cavallaria ligeira de Chaves, commandado pelo tenente coronel João Pinto Ribeiro, — alem do regimento de 1:200 praças d'infanteria da guarnição d'esta cidade, do qual foi nomeado commandante João d'Almada e Mello.

Nomeou tambem el-rei para juiz da alçada João Pacheco Pereira — e para escrivão da mesma seu filho José Mascarenhas, investidos de plenos poderes sobre o civel e militar.

A estes dois magistrados se devem as desgraças que se seguiram.[1]

—

O desembargador filho, homem ambicioso de poder e de caracter perverso, assumiu a si toda a auctoridade de que *usou e abusou*, não obstante o haver sido nomeado escrivão ou ajudante de seu pae, geralmente considerado homem douto e bom, mas já decrepito e doente.

José Mascarenhas aterrou com os seus excessos de zêlo todos os habitantes do Porto. Fazia-se acompanhar sempre por uma escolta de cavallaria e na devassa que abriu mostrou todo o empenho em envolver pessoas importantes para inculcar ao governo que havia aplacado uma rebellião formal. Dando grande vulto a uma insignificante e inofensiva agitação só para fazer jus ao premio (bem premiado foi!...) encheu de lucto, lagrimas e sangue toda a cidade do Porto, pois a elle se deve a sentença proferida pela alçada em 12 de outubro de 1757, sentença que se acha na sua integra de pag. 585 a pag. 593 nas notas no interessante romance historico de Arnaldo Gama, *Um motim ha cem annos*, muito digno de ler-se sobre o assumpto.

«Esta sentença (diz Arnaldo Gama) é uma das mais ominosas monstruosidades juridicas que até hoje teem sahido dos tribunaes portuguezes — e uma das paginas mais negras e mais desairosas da administração do ministro d'el-rei D. José. Do espirito de injustiça e do proposito sanguinario que a inspiraram encontram-se provas clarissimas em cada linha, para assim dizer, de cada um dos paragraphos. Entre todos é notavel o que diz respeito a Marcos Varella. Este homem *supposto se não podesse averiguar, se foi ou não no dito Motim, ou concorresse para elle* (diz a sentença na sua algaravia) foi condemnado a ser *enforcado e esquartejado*, porque era vendeiro e mercador, e como tal *era natural* que andasse no tumulto; — porque comprou oito pipas no armazem da Companhia e depois mais dezeseis no Douro; — porque lá deu a noticia da revolta do Porto, mesmo deante do provedor da camara de Lamego; — porque era *gallego* — e porque nunca quizera vender *os seus cascos das pipas!...*

«Para honra da humanidade, da justiça e do bom senso é preciso acreditar que esta foi a primeira e a ultima vez que por taes *crimes* se condemnou um homem á morte.»

Mas não foi o pobre Marcos Varella a unica victima do sanguisedento José de Mascarenhas, como vão ver:

Mappa das pessoas
que foram presas e condemnadas e das que sahiram livres de culpa[1]

Condemnados na pena ordinaria do delicto, 21 homens e 5 mulheres.

D'estes 21 executou-se a pena de morte

---

[1] Vej. *Jacome Ratton — Recordações*, § 56, pag. 229, Londres, 1813. *Descripção do Porto* por Agostinho Rebello da Costa, pag. 239, 263 e pag. 309, 314, e *Um motim ha cem annos* por Arnaldo Gama.

[1] Extracto fiel da mencionada sentença da alçada.

em 13. Os 8 restantes lograram ausentar-se do reino e foram banidos. Das 5 mulheres não se executou a pena de morte em uma por estar gravida.

Em açoutes, galés e confiscação de metade dos bens, 26 homens.

Em açoutes com a dita confiscação e degredo para Angola e Benguela, 8 homens e 9 mulheres.

Em degredo para Angola e confiscação dos bens, 3 homens e 1 mulher.

Em degredo para Mazagão, confiscada a terça parte dos bens, 9 homens.

Em degredo para Castro Marim e em penas pecuniarias, 3 homens.

Em degredo para Castro Marim e confiscação da quarta parte dos bens, 9 mulheres.

Em degredo para a Africa e confiscação da quarta parte dos bens, 22 homens.

Em degredo para fóra da comarca e confiscação da quinta parte dos bens, 26 homens e 5 mulheres.

Em seis mezes de prisão e diversas penas pecuniarias, 54 homens e 9 mulheres.

Impuberes condemnados a irem ver as execuções, etc., 17 homens.

Absolvidos, 32 homens e 1 mulher.

Mandados soltar em diversas audiencias de visita, 183 homens e 12 mulheres.

Facinorosos remettidos á Relação para serem julgados pelos meios ordinarios, 16 homens.

Condemnados para os estados da India, 4 homens.

Somma total 424 homens e 54 mulheres.

O Supplicio

Fique de tão cruel e fera historia
Para sempre no mundo esta memoria.

CÔRTE REAL —*Nauf. de Sepulveda*, canto XVII.

Amanheceu o dia 14 de outubro de 1757, marcado para as execuções, o dia de maior consternação que jámais raiou para o Porto.[1]

Silencio profundissimo reinava em toda a cidade. Parecia que o anjo da morte a tinha fulminado com todo o rigor da justiça de Deus, transformando a ruidosa e activa capital do norte do reino em enorme cemiterio, onde as casas se erguiam como cenotaphios de grande população extincta.

Desde a meia noite até o romper d'alva, differentes bandos de serventuarios da Misericordia tinham precorrido, segundo a praxe, as ruas, pedindo orações pelas almas dos condemnados. De quando em quando, á esquina ou no meio das ruas soava o tinido funerario de uma campainha e uma voz bradava em tom lamentoso:

Rezae um padre nosso e uma ave maria pela alma dos nossos irmãos que hão de padecer ámanhã.

Mal raiou o sol, grande numero de irmãos da santa casa se espalharam por toda a cidade, pedindo esmola para suffragios pelas almas dos padecentes.

Os sinos da Misericordia começaram então a dobrar a finados, e, minutos depois, todos os sinos de todos os campanarios do Porto dobravam a finados tambem. Ao mesmo tempo uma grande multidão de aldeãos e de gente da ralé caminhava apressada para o *Campo da Cordoaria*, onde iam fazer-se as execuções e já se achavam erguidas as forcas, a vêr quem primeiro se apossava dos logares d'onde melhor se podia presencear a carnificina.

Jámais condemnado algum havia sahido para o logar do supplicio antes das 11 horas da manhã; mas d'esta vez o grande numero d'elles e o extenso giro que a ferocidade de José Mascarenhas tinha ordenado que dessem pelas ruas do Porto, em conformidade com a sentença que elle proprio lavrara, obrigou a antecipar a sahida da funebre procissão.

—

Os padecentes que iam ser enforcados eram os seguintes:

Homens, 13: — José Fernandes da Silva, o *Lisboa*, juiz do povo;

Caetano Moreira da Silva;

José Antonio Bessa;

Domingos Nunes Botelho;

Filippe Lopes d'Araujo;

Thomaz Pinto;

[1] Resumo do *Motim*, de Arnaldo Gama, cap. 22, pag. 523 a 538.

Balthazar Nogueira;

Marcos Varella;

José Rodrigues, o *Grande;*

João Francisco, o *Mourão;*

Manuel da Costa, sargento do regimento de infanteria da guarnição do Porto;

José Pinto d'Azevedo e

Antonio de Sousa, ambos soldados do mesmo regimento.

Mulheres, 4: — Micaela Quiteria, mulher de Caetano Moreira da Silva;

Maria Pinto, mulher do soldado Antonio de Sousa;

Anna Joaquina e

Pascoa Angelica, solteira, filha de Thomaz Pinto.

A *Estrellada* escapou d'esta vez por andar gravida; mas foi enforcada quatro mezes depois.

—

Com relação aos 8 homens que foram tambem condemnados a pena de morte na forca, mas que tiveram a ventura de não serem presos, por se haverem ausentado a tempo em barcos inglezes, dizia a sentença: *«... mandam que a pena de morte natural seja executada em estatuas de suas figuras, e os julgam banidos, e ordenam ás justiças do mesmo senhor (el-rei) appelidem contra elles toda a terra para os prender, e qualquer os poderá matar, não sendo seu inimigo.»*

Apenas José Mascarenhas chegou á Relação, que ao tempo funccionava provisoriamente na praça das Hortas, hoje *Praça Nova,* no edificio transformado hoje em paços do concelho, deu ordem para sahir o prestito; e, logo que os officiaes e mais pessoas que tinham de caminhar na frente acabaram de ordenar-se, principiaram a sahir dos oratorios os padecentes.

As mulheres, que haviam passado as ultimas 48 horas em gritos e em desmaios, mal podiam ter-se de pé. Dos homens apenas Manuel da Costa, Caetano Moreira, Domingos Nunes e Thomaz Pinto, estavam firmes e serenos, como se nada fôra com elles; os outros tinham todos succumbido, e o velho Lisboa mal dava signaes de vida. Para conduzirem aquelle quasi cadaver foi mister amarral-o a uma cadeira de pinho que dois gallegos levaram a pau e corda.

Ataram-lhes os punhos um ao outro; depois prenderam-lhes nos pescoços enormes gargalheiras, d'onde pendiam pesadas correntes que iam arrastando apoz elles, innovação devida ao feroz José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello.

O prestito poz-se em movimento. Ás nove e meia já elle caminhava pela rua de Traz dos Muros, d'onde pela dos Caldeireiros desceu á das Flores, e d'ahi seguiu pelas ruas do Loureiro, Chã, Bainharia, largo de S. Domingos, Bellomonte e Taipas, até entrar no Campo da Cordoaria, onde terminou aquella medonha tragedia.

—

Rompia a marcha um forte pelotão de trezentas praças do regimento commandado por Vicente da Silva, e o resto do corpo caminhava em alas aos lados, até o couce da procissão, que era fechada pelo regimento de dragões da Beira. Seguia-se a bandeira da Misericordia, precedida por um servente que nas paragens tocava uma campainha. Depois a irmandade formando alas e no centro d'ellas os condemnados. O primeiro era o juiz do povo, conduzido ás costas dos gallegos, sem accordo e já meio cadaver.

Seguiam-se as mulheres: primeiro Paschoa e depois as outras tres, mais mortas que vivas.

Após ellas iam os homens, sendo o primeiro Manuel da Costa; depois todos os outros condemnados á forca, acompanhados por frades franciscanos e d'outras ordens; depois os condemnados a açoites e a presencear as execuções. Atraz d'elles os carrascos vestidos de vermelho e com gorros da mesma côr na cabeça. Seguia-se o escrivão da alçada, acompanhando-o grande numero de officiaes de justiça, o ultimo dos quaes era o *meirinho das cabeças,* com uma vara na mão, rodeado por um bando de serventes da cadeia com baldes pendentes de paus, que dois a dois sustentavam pelas extremidades. Iam em seguida os salafrarios da Misericordia em fileira, conduzindo as tumbas,

e por ultimo o regimento de dragões com as espadas desembainhadas.

Marchavam vagarosamente pelo meio das ruas inteiramente desertas, ao som dos brados fervorosos dos padres e ao tirlintar das cadeias sobre o lagedo.

Era horroroso o espectaculo que offerecia aquella longa fileira de padecentes, vestidos d'alvas, cingidos d'esparto, de corda e gargalheiras ao pescoço, macilentos como cadaveres e com os olhos fixos nas imagens do redemptor que levavam entre as mãos algemadas, seguidos pelos tres homens vestidos de vermelho, com as barbas e os cabellos compridos, os tres carrascos que lhes haviam de separar as cabeças d'ahi a pouco, e pelas 17 tumbas em fileira.

—

Vagarosa e pausadamente caminhava o prestito, parando não poucas vezes, ou para revesar aquelles sobre que iam encostados os padecentes desfallecidos, ou quando algum d'elles desmaiava, ou quando o pregoeiro lia o *Portanto* da sentença que devia trespassar o coração d'aquelles infelizes, quando ouvissem as palavras — *condemnam os reus . . . a que com baraço e pregão pelas ruas publicas d'esta cidade, sejam levados ao campo da alameda fóra da porta do Olival, onde principiou a horrenda sedição; e nas forcas, que para este supplicio se levantarão, morram de morte natural para sempre, depois do que lhes serão as cabeças separadas e postas nas ditas forcas; e seus corpos, feitos em quartos, serão postos nas outras forcas que tambem se levantarão defronte da porta do dito infame juiz do povo, na rua Chã, fóra das portas de Cima da Villa e no terreiro de Miragaya, onde tudo estará até que o tempo o consuma.*

—

O prestito chegou emfim á Cordoaria.

Os regimentos que haviam occupado militarmente o Porto formavam em quadrado no dicto campo, deixando no centro vasta clareira. Pelo lado de fóra d'esta muralha humana tumultuava a multidão do povo.

O prestito entrou no campo, a meio do qual estavam erguidas seis forcas e ao lado quatro.

A pequena distancia das forcas havia um pequeno taboleiro formado de taboas de pinho, tendo no meio um grande cepo, a que estavam encostados tres manchis.

Para o lado do sul, a dez passos da frente da tropa, estavam bancos para os condemnados se sentarem, em quanto os carrascos lhes davam tempo para isso.

Leu-se primeiro o *Portanto* e em seguida os algozes dependuraram das forcas lateraes as oito figuras de palha, vestidas de alvas e cobertas de capuz, representando os condemnados ausentes, que ficaram baloiçando ao grado do vento.

Era a comedia a par da tragedia, o burlesco a par do horrivel.

Depois começou a carnificina, acompanhada pelas exhortações dos sacerdotes, pelos gritos e choros do povo e pelas bofetadas que os paes batiam com toda a força nas faces dos filhos, para lhes avivar a memoria e fazel-os ter horror ao crime.

Ao anoitecer a obra de José Mascarenhas estava consummada e cahia a ultima gota de sangue, com que Sebastião José de Carvalho baptisou a Companhia dos Vinhos do Alto Douro.

—

Os corpos dos infelizes justiçados, ainda quentes e vertendo sangue, foram logo ali feitos em quartos e em seguida distribuidos pelas 6 forcas das execuções e pelas que d'ante mão se haviam levantado na rua Chã, nos largos de S. Domingos e da Batalha e na alameda de Miragaya, onde permaneceram até serem devorados pelos bichos.

Emquanto ao sanguinario José de Mascarenhas Pacheco Pereira, auctor de tantas desgraças, direi que, se não recebeu o premio condigno, tambem não ficou sem remuneração.

Apenas el-rei D. José se convenceu dos excessos por elle praticados, enviou-o ao Rio de Janeiro, como encarregado de uma importante commissão, que ali lhe seria indicada pelo vice-rei. Este o encarregou de passar á ilha de Santa Catharina e de construir ali uma prisão digna de um homem que tinha abusado, em prejuizo dos

povos, da auctoridade em que o soberano o investira.

Acceitou elle com prazer tal incumbencia; mas apenas concluiu a prisão, foi encerrado n'ella e n'ella jazeu até que falleceu D. José e foi deposto o marquez de Pombal, recobrando a liberdade com o perdão que a rainha D. Maria I na sua exaltação ao throno concedeu a todos os presos politicos.

Se bem preparou a cama, bem a saboreou — e sabia a sorte que o esperava, se não morresse D. José!...

—

Foram aquellas 16 execuções as primeiras que tiveram logar no chão d'este jardim, mas d'outras muitas foi theatro desde que em 1822 (approximadamente) para aqui se mudou da Ribeira a forca para os reus de crimes communs. Os reus politicos foram executados na Praça de D. Pedro.[1]

Em 1831 aqui foram enforcados tres facinorosos que haviam assassinado e roubado uma familia nos arrabaldes de Coimbra. Quando o prestito se approximou do patibulo, dois iam em cadeiras e já quasi mortos; mas o terceiro chorou muito ao subir os degraus da forca e mostrou grande arrependimento.

Felizmente a pena de morte foi abolida entre nós,[2] ha muito e por isso, apenas como apontamentos para a historia indicaremos os ultimos desgraçados, a quem foi tirada a vida n'este campo.

Justiçados no Porto
e ao norte do nosso paiz depois de 1834

Segundo as notas que pude colher nos livros da cadeia da Relação, na Procuradoria Regia e em differentes cartorios, os individuos justiçados *por crimes communs* ao norte do nosso paiz, depois de 1834, foram 16. No *Campo da Cordoaria, Jardim dos Martyres da Patria,* hoje, — 4 — e em diversas localidades, 12.

[1] Vej. vol. 6.º pag. 69, col. 2.ª e vol. 7.º pag. 3:8, col 2.ª e seg.
[2] Decreto de 1 de julho de 1867.

Justiçados no Porto

1.º — *Antonio Pena,* trabalhador, de 42 annos de edade, natural de Vieira, filho de José Pena e Isabel Maria, casado com Thereza Maria Martins.

Por haver assassinado com premeditação Francisco Antonio Ramalho, foi condemnado a pena de morte na forca pelo juiz de direito de Braga, em 26 de março de 1836.

A Relação do Porto, em accordão de 18 d'agosto do mesmo anno confirmou a sentença da 1.ª instancia — e por portaria de 20 de dezembro do dito anno se communicou ao presidente da Relação que S. M. em harmonia com o parecer do conselho de ministros, não usára da sua real clemencia em favor do reu.

Foi enforcado no Campo da Cordoaria em 11 da abril de 1837.

(Cartorio do escrivão Silva Pereira).

—

2.º — *Domingos Baptista,* official de sapateiro, de 21 annos de idade, solteiro, natural de Villa Real de Traz os Montes e morador em Vizeu, filho de João Baptista e de Rita de Santo Antonio.

Foi condemnado á pena ultima pelo juiz de direito de Vouzella por matar e roubar José dos Santos no sitio da Povoa dos Castanheiros, na serra de Manhouse, concelho de Vouzella, — e Sancho Joaquim, de Vizeu, na quelha de S. Lazaro, na dicta cidade.

A sentença da primeira instancia, com data de 9 de julho de 1836, foi confirmada na Relação do Porto em 12 de janeiro de 1837, e no Supremo Tribunal por accordão de 20 d'outubro do mesmo anno; e por portaria de 14 de junho de 1838 se communicou ao presidente da Relação que S. M. em harmonia com o parecer do conselho de ministros, não usára da sua real clemencia em favor do reu.

Foi justiçado no Campo da Cordoaria em 23 de julho de 1838.

(Cartorio do escrivão Albuquerque).

—

Segundo a praxe e costume antigo, assistiu á execução a irmandade da Misericordia

e, acto continuo, tomou na sua tumba o cadaver e o conduziu á sepultura, d'antemão aberta na cerca do Hospital de Santo Antonio, onde por aquelle tempo se enterravam os cadaveres dos justiçados e dos doentes que falleciam no dito hospital; — quando, porém, lançavam na sepultura o cadaver d'aquelle infeliz, notou-se *que elle se movêra, abrira os olhos e dava outros signaes de vida!?...*

Immensa multidão de povo acompanhava o funebre cortejo e todos se acercavam da tumba, para se certificarem de tão extranho facto, sendo geral e profunda a commoção, mesmo porque o infeliz justiçado, como nos disseram *testemunhas oculares fidedignas*, além de contar apenas 22 annos, era um moço sympathico.

Em vista de tão extraordinaria occorrencia, foi aquelle infeliz recolhido ao hospital da Misericordia, *onde falleceu*, — segundo se disse e constou; mas alguem suppõe que fôra sepultado outro cadaver com o nome d'aquelle infeliz que sobreviveu, como por milagre, chegando muitas pessoas a pedir e guardar, como reliquias, fragmentos do habito com que o tinham visto na tumba.

Ainda hoje (1884) vivem n'esta cidade muitas das testemunhas que presencearam o facto, — sendo uma d'ellas um cavalheiro muito illustrado, despido de preconceitos.

Tambem se disse e diz a meia voz ainda hoje (1884) que o infeliz Domingos Baptista fôra effectivamente recolhido ao Hospital da Santa Casa ainda com vida, mas que ali expirára, porque lhe abriram uma arteria para evitarem conflictos com a justiça, — e que assim costumava praticar-se em casos taes n'aquelles tempos.

Não sabiam tambem dizer-nos com firmesa as diversas pessoas que presencearam a execução e nos contaram o facto, se o infeliz justiçado que deu signaes de vida foi o Domingos Baptista ou algum dos outros tres justiçados no Campo da Cordoaria, depois de 1834. Desejando nós inquirir a verdade e obter a certesa, tanto lidámos que obtivemos um documento positivo e authentico que prova evidentemente haver-se dado o facto com o Domingos Baptista; — que este apresentou signaes de vida antes de ser lançado na cova, em seguida á execução; — que fôra effectivamente recolhido a uma das enfermarias do Hospital de Santo Antonio; — que alli se lhe applicaram todos os recursos da medicina tendentes a chamal-o á vida, mas que não foi possivel valer-lhe e que o infeliz expirou pelas tres horas da tarde do mesmo dia da execução, — 23 de julho de 1838.

—

Sendo-nos facultado no cartorio da Santa Casa um dos livros das entradas geraes de enfermos no Hospital de S. Antonio, a fl. 109 do dito livro, sob o n.º 18 encontramos o seguinte:

«Aos vinte e tres dias do mez de julho de «mil oitocentos trinta e oito, estando para «ser sepultado no cemiterio dos justiçados o «réo Domingos Baptista, deu este mostras de «vida, pelo que foi conduzido na tumba á «enfermaria de cirurgia de Santo Antonio, «e, sendo-lhe applicados todos os soccorros, «comtudo expirou pelas tres horas da tar-«de, e ficou depositado para ser sepultado «no cemiterio da casa no dia seguinte. E para «constar se fez este termo que assignou o «mordomo e o rev. capellão, o padre Marcel-«lino Gomes que o ungiu. E eu Manuel de «Sousa Leão, escripturario do Hospital, o es-«crevi. João Baptista de Macedo. O padre «Marcellino Gomes.»

Nada mais positivo e terminante.

Temos pois hoje profunda convicção de que o infeliz expirou na enfermaria de Santo Antonio no hospital da Santa Casa, e que ali não só lhe foram ministrados todos os soccorros medicos, mas que foi tratado com disvélo e caridade, pois era mordomo n'aquelle mez João Baptista de Macedo, cavalheiro respeitabilissimo, cuja bondade, nobresa de sentimentos e proverbial virtude nos attestam muitas pessoas fidedignas que de perto o conheceram.

Sabemos até que o dito mordomo havia dado alem d'outras esmolas uma das suas melhores camisas ao infeliz justiçado, — camisa com que subiu ao patibulo e deu entrada no hospital.

Foi João Baptista de Macedo muitos an-

nos vereador d'esta cidade, tendo a seu cargo o pelouro dos expostos, e foi tambem um dos primeiros provedores do Asylo da Mendicidade.

Vivem ainda entre nós dois filhos seus que bem comprovam o aforismo — *qui viget in foliis venit e radicibus humor!...* São os srs. Joaquim Teixeira de Macedo, official do correio do Porto, e Antonio Teixeira de Macedo, thesoureiro do Banco Lusitano.

—

Nós (mercê de Deus!) nunca presenceámos execução alguma nem chegámos a vêr a forca armada. Apenas vimos o lageado do pavimento, onde em tempos remotos se erguera uma, a cavalleiro da villa de Tavora, concelho de Taboaço, no Alto Douro, no sitio ainda hoje denominado *Cabeço da Forca* — e defronte de Barcellos, no alto de Barcellinhos, o celebre *monumento do gallo* e as pedras em que se armou a forca, na qual se fez a execução que creou a *lenda do gallo.*

Não formamos, pois, idéa precisa do que eram as execuções na forca; mas pessoas que assistiram a muitas asseveram que, embora o justiçado apresentasse, depois da execução, signaes de vida, era impossivel sobreviver; leva-nos, porém, a crer a opposta o que sobre o artigo *Canas de Senhorim*, concelho de Nellas, se lê n'este diccionario:

«Aqui nasceu Agueda Lopes (diz o citado «artigo). Era casada, e accusando-a seu ma«rido, do crime de adulterio, foi presa e sen«tenceada a pena ultima, sendo enforcada «em Lisboa, a 9 de maio de 1494. Indo a en«terrar á egreja dos Anjos, e, vendo os fra«des dominicos que ella dava *signaes de vida*, «a levaram para a sua igreja, no meio de «grande multidão de gente. Ella *escapou* e «acabou os seus dias no serviço da dicta «igreja, morrendo em cheiro de santidade.»

Demorámo-nos um pouco mais com este topico por prender directamente com o Porto e versar sobre um facto que muito impressionou toda a cidade.

—

3.º—*José Moreira de Carvalho,* solteiro, de 50 annos de idade.

Por sentença do juiz de direito do julgado de Santa Catharina d'esta cidade do Porto, com data de 1 de julho de 1836, foi condemnado a soffrer a pena de morte na forca — e a pagar 200$000 réis á queixosa, alem das custas do processo—por haver assassinado traiçoeira e violentamente Manuel da Silva Pontes, na noute de 24 para 25 de junho de 1828, no sitio da Cancella do Loureiro. Foi confirmada a sentença na Relação por accordão de 9 de março de 1837,—e por portaria de 4 de julho de 1839 se communicou ao presidente da Relação que S. M. em harmonia com o parecer do conselho de ministros, não usára da sua real clemencia em favor do réo.

Soffreu a pena capital na forca do Porto no dia 19 de julho de 1839.

(Cartorio do escrivão Sarmento).

—

4.º — *Manuel Monteiro Pereira* (o Manuel Custodio), de 24 annos de idade, solteiro, filho de Francisco Monteiro Pereira e Thereza Maria, natural da freguezia d'Ancede, concelho de Baião. Foi condemnado a pena ultima pelo juiz de direito criminal do Porto, em sentença de 4 de março de 1841, por haver assassinado João Pinto Monteiro (o Brazileiro), José Monteiro e sua mulher Josepha Antonia — sentença que a Relação confirmou por accordão de 20 de dezembro do mesmo anno. E por portaria de 28 de agosto de 1844 se communicou ao presidente da Relação que S. M. ouvido o conselho de ministros, não usára da sua real clemencia em favor do réo.

Foi enforcado na praça da Cordoaria no dia 7 de setembro de 1844.

(Cartorio do escrivão Sarmento).

Justiçados nas provincias do norte, mas fóra do Porto, depois de 1834

Como já dissemos, foram 12 estes infelizes.

1.º—Francisco José Martins, o *Jejum*, natural de Braga e ali justiçado no dia 6 de setembro de 1838. V. *Braga*, no *supplemento.*

2.º—Antonio Manuel Barreto.

Foi justiçado em Vianna, no dia 11 de setembro de 1838.

D'elle se fallou no art. *Vianna do Castello*, vol. 10.º, pag. 449, col. 1.ª

3.º — José da Costa Casimiro.

Foi justiçado em Coimbra no dia 2 de julho de 1839.

Veja-se *Coimbra*, no *supplemento*, onde fallaremos d'este desgraçado e rectificaremos alguns lapsos que se deram n'aquelle artigo.

4.º — Manuel Joaquim Lopes Queijo.

No artigo *Freixieiro* daremos no *supplemento* larga noticia d'este infeliz, que foi justiçado no dia 11 de julho de 1840, na mencionada villa.

5.º — Jeronymo dos Santos Brandão.

Foi justiçado em Aveiro, no dia 3 de setembro de 1841.

Veja-se *Aveiro*, no *supplemento*.

6.º — Manuel Braga, o *Champina*.

Foi justiçado em Penafiel, no dia 14 de janeiro de 1842.

V. *Penafiel*, no *supplemento*.

7.º — Manuel Joaquim de Magalhães.

Foi justiçado no dia 2 d'abril de 1842 no Padrão da Legoa, freguezia de S. Thiago de Custoias, concelho de Bouças.

8.º — Jacintho José da Silva.

Foi justiçado no dia 22 de março de 1843 em *Vianna do Castello*. V. logar citado.

9.º — Seraphim José Gonçalves.

Foi justiçado no dia 24 de março de 1843 em Braga. V. no *supplemento*.

10.º — José Fernandes Begueiro, natural de Codeçoso.

Foi justiçado no dia 17 de setembro de 1844 em Montalegre.

11.º — Manuel Pires.

Foi justiçado no dia 8 de maio de 1845, na villa da Rua, hoje concelho de Cernancelhe. Daremos circumstanciada noticia d'este desgraçado no artigo *Vide*, sua terra natal, pertencente á freguezia e villa da Rua.

Ainda nos recordamos de o ver passar no meio de uma grande escolta nas Caldas do Molledo, seguindo das cadeias da Relação do Porto para o patibulo.

Contavamos nós então 13 annos de idade e viviamos brincando e estudando latim na povoação da Curvaceira, freguezia da Penajoia, onde nascemos (no dia 14 de novembro de 1832) — mesmo em frente da actual estação do Molledo, na linha ferrea do Douro.

12.º — José Maria, o *Calças*.

Foi justiçado no dia 19 de setembro de 1845 no Campo do Tablado, em *Chaves*. Veja-se esta palavra no *supplemento*.

Ultimos executores da alta justiça

1.º — *José Ramos*,[1] pescador, natural da extincta freguezia de S. Salvador do Mondego e residente na Boa Vista de Lavos, julgado da Figueira. Foi condemnado a pena ultima por haver assassinado Francisco Maria, do extincto concelho de Lavos.

A Relação do Porto confirmou a sentença por accordão de 3 de julho de 1836; mas, por decreto de 2 de julho de 1837, S. M. houve por bem commutar-lhe a pena, nomeando-o *executor d'alta justiça*.

(Cartorio do escrivão Cardoso Guimarães.)

—

2.º — *Luiz Antonio Alves*, por alcunha o *Negro*, de 32 annos de idade, casado e carpinteiro, filho de Ignacio Alves dos Santos e Joanna Bernarda Pimenta, natural do logar e freguezia de S. João Baptista de Capelludos, julgado de Villa Pouca d'Aguiar e ali residente. Accusado de haver assassinado Manuel Antonio Alves, José Vilella e Rodrigo Antonio Vaz, de ter forçado e ferido Marianna Luiza, de ter juntamente com outros, roubado a casa do padre Amaro de Villarinho de S. Bento e de haver concorrido para o arrombamento da cadeia de Chaves, foi pelo juiz de direito de Villa Pouca d'Aguiar (em novembro de 1842) condemnado a morte de forca.

A Relação confirmou a sentença por ac-

[1] Rosto comprido, olhos castanhos, cabellos e barba pretos e estatura elevada.

Era casado com Leonor Maria, natural da freguezia dos Arcos, bispado d'Aveiro, filha de Joaquim Rodrigues d'Almeida e Anna Maria.

Foi degredada perpetuamente para a Africa por cumplicidade nos crimes do marido e não sabemos bem porque mais.

Partiu da cadeia do Porto para Lisboa no dia 16 de fevereiro de 1839.

O marido José Ramos tinha 43 annos de idade quando foi preso, — e era filho de outro José Ramos e de Francisca Simões.

cordão do Supremo Tribunal com data de 15 d'abril de 1844; mas, por decreto de 14 de julho de 1845 houve por bem S. M. commutar-lhe a pena de morte na de *executor de alta justiça.*

(Cartorio do escrivão Silva Pereira).

—

Foram estes dois desgraçados os ultimos que ao norte do nosso paiz exerceram o negro mister de *executores de alta justiça,* conhecidos pelo nome de...

Nem me atrevo a pronuncial-o!...

Recolhimento e Praça do Anjo

Já se fallou d'este recolhimento e d'esta praça no artigo *Porto,* vol. 7.º pag. 306, col. 1.ª e pag. 487, col. 2.ª mas tão concizamente, que não podemos deixar de transcrever do folheto *Archeologia Religiosa,* publicado em 1882 pelo meu bom amigo e ex-deputado o reverendissimo sr. Francisco José Patricio, benemerito filho d'esta parochia, o seguinte:

«Foi uma senhora distincta pelos meios de fortuna e pela nobreza, D. Helena Pereira da Maia, que fundou e dotou este recolhimento na capella de S. Miguel, no sitio do Olival, para recolher dez donzellas nobres que ficassem orphãs.

Para isso pediu licença e terreno á camara em 24 de fevereiro de 1672 e em 9 de julho do mesmo anno obteve um alvará em que se declarava este instituto debaixo da protecção real.

A camara ajudou este recolhimento com a doação dos terrenos e varios beneficios, e quando elle começou a admittir que ali estivessem recolhidas varias senhoras e fosse augmentado o numero d'ellas, deu em 1684 a quantia de 100:000 réis para que tambem fossem recebidas as orphãs e viuvas dos officiaes que serviam no Ultramar.

Em 19 de julho de 1755 foram ainda applicados os sobejos do rendimento do concelho de Bouças para as obras dos novos dormitorios com que se estava ampliando a casa.

Á vista d'isto se vê que o instituto deixou em breve de ser, como fôra, destinado só para dez orphãs nobres e se tornou um recolhimento que recebia senhoras, que por falta de meios ou por desejos de viverem em clausura, ali se recolhiam.

Na descripção do Porto, publicada em 1708 pelo padre Rebello da Costa, diz este distincto escriptor que viviam ali oitenta e duas pessoas, contando as criadas e pensionistas, pois havia senhoras que se internavam n'esta casa emquanto os maridos estavam ausentes do reino.

Usavam as recolhidas um habito de côr parda e touca branca; resavam em côro o officio de Nossa Senhora; tinham missa conventual; estavam sujeitas á jurisdicção do prelado do Porto desde 9 de janeiro de 1686 e era preciso aviso regio para entrar qualquer senhora para a communidade.

A construcção do edificio era modesta, e a capella denotava mais decencia do que apparato.

Extincto este recolhimento no tempo das luctas politicas que tiveram por termo a victoria do partido liberal, e mandadas as ultimas recolhidas para o convento da Ave-Maria, foi o edificio cedido por decreto de 20 de maio de 1833, á camara, para ali fazer um mercado e passeio publico.

Em 30 do mesmo mez declarava-se ao municipio que tomasse posse, mas não entrega por estarem lá alguns doentes (talvez feridos do cerco) e só em 5 de junho é que a camara ficou senhora e possuidora do recolhimento.

Em 8 de fevereiro de 1834 mandou o senado portuense levantar a planta do mercado e approvou-a em sessão de 8 de março do mesmo anno.

Para realisar esta construcção quiz a camara formar uma empreza e para isso pediu o auxilio da Associação Commercial, mas não podendo esta dar-lh'o, como fez saber por officio com data de 5 de junho de 1836, resolveu então o municipio aforar os terrenos para a construcção de barracas e lojas, e assim realisou a sua obra, vindo a demolir o convento em 7 d'outubro de 1837 e abrindo o mercado, já completo, em 9 de julho de 1839.

As imagens da capella do recolhimento

foram dadas a algumas egrejas, e o padroeiro, que era S. Miguel, foi para a capella das almas de S. José das Taipas, aonde se conserva.»

—

Eis aqui em resumo a historia do Recolhimento do Anjo, organisada pelo meu illustrado collega com bastante custo, por lhe faltarem os elementos precisos; mas no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto*, desenvolveremos muito mais o interessantissimo topico da fundação d'este recolhimento, o que nos é facil, porque, entre outros manuscriptos, nos cabe o orgulho de possuirmos a *Chronica* do mencionado recolhimento.

E' uma raridade bibliographica, exemplar *unico*, em boa calligraphia, muito bem tratado, bem encadernado e completo, escripto em 1739 pelo academico Antonio Cerqueira Pinto, annotador do *Catalogo dos Bispos do Porto* e auctor da *Historia do Senhor de Mattosinhos*, etc.

Comprehende o citado manuscripto 92 paginas em quarto, incluindo a dedicatoria e o protesto.

—

Como é possivel que tão interessante manuscripto desappareça antes de o publicarmos, como desejamos, daremos d'elle mais algumas noticias.

Abre a pag. 1 com o seguinte:

Dedicatoria á veneravel
imagem do Bom Jesus do Anjo,
precioso retrato
do Santo Christo de Mattosinhos

«Sr. — Como já no anno de 1737, por casual fortuna nos coube a sorte de escrever huma rezumida Historia da prodigiosa Imagem do Bom Jesus de Bouças, que no lugar de Mattosinhos se venera, e então saiu á luz... etc.»

A pag. 3 se lê o seguinte:

Protesto

«Tudo quanto vae escripto, e ponderado n'estas memorias do Recolhimento da Rainha Sancta, chamado do Anjo, sugeitamos humildemente á correcção da Sancta Madre Igreja Catholica Romana, com todos os reverentes requisitos e protestos necessarios, que havemos por individualmente expressos e declarados.

Antonio Cerqueira Pinto.»

—

A pag. 5 principia a *Chronica* por estes termos:

Memorias do Real
e Insigne Recolhimento da Raynha
Sancta Isabel, erecto na Capella
do Archanjo S. Miguel,
fóra do Olival, na Cidade do Porto
por D. Elena Pereyra, veneravel fundadora
do mesmo Recolhimento,
Escriptas
por Antonio Cerqueira Pinto
cidadão da Cidade do Porto e Academico
Real da Historia Portugueza

«A Providencia Divina, sempre admiravel nas mysteriosas disposições, com que em todos os seculos se tem visto attender ao Reyno de Portugal, e com especial favor á provincia de Entre Douro e Minho, pelos altissimos fins já largamente ponderados em particular Historia que escrevemos do Senhor de Mattosinhos, e em outros escriptos... permittiu que na Cidade do Porto (não menos favorecida pela Divina Providencia) entre outros particulares, com que tem sido prodigiosamente singularisada, houvesse no tempo, por sua mysteriosa disposição, destinado o nobre, insigne e Real Recolhimento, vulgarmente chamado do Anjo, que na mesma Cidade admiravelmente florece, ha mais de cento quarenta e tres annos, e de que, para perpetua memoria agora se escrevem as presentes noticias, a diligencias da sua esclarecida e zelosa Regente, D. Angela Luiza Brandão, no terceiro trienio do seu governo, e no anno de 1739 da Redempção do mundo. Mas, para se proceder com claresa na gloriosa materia d'este assumpto, notabilidades, que lhe precederão, e effeitos admiraveis, que se lhe seguirão, as dividiremos nos seguintes paragraphos.

§ 1.º

Da primeira fundação da Capella do Archanjo S. Miguel, em que depois se erigiu o Real Recolhimento, vulgarmente chamado do Anjo.

Comprehende, ao todo, 36 paragraphos e conclue a pag. 92, d'esta fórma:

Fim.

«Seja tudo para maior honra e gloria de Deus, e da Virgem Santissima, particularmente no especioso titulo da Apresentação da Virgem Nossa Senhora no Templo.»

—

Fica indicada a obra. No *supplemento* daremos o resumo d'ella, para não alongarmos demasiadamente este artigo.

Passemos a outro topico.

Convento de S. José das Carmelitas Descalças [1]

A ordem do Carmo teve um notavel impulso na peninsula, devido aos esforços e trabalhos de Santa Theresa e S. João da Cruz, que foram não só os reformadores, como tambem fundadores de um sem numero de conventos.

Esta reforma realisou-se em 1562 e foi approvada por Pio IV. Gregorio XIII dividiu em 1580 a ordem em duas secções — carmelitas calçados e carmelitas descalços; — e depois Gregorio XV a fez participante dos privilegios concedidos ás ordens mendicantes.

A provincia de Portugal compunha-se de 16 conventos de frades no continente, — um em Loanda e dois no Brazil, que eram o da Bahia e o de Pernambuco.

Os conventos de freiras eram 7 — dois em Lisboa, S. Alberto e Conceição; — os outros em Aveiro, Carnide, Evora, Porto e Coimbra.

—

No tempo da dominação castelhana estabeleceram-se no Porto os frades carmelitas vindo para umas casas da rua de S. Miguel (pertencente á freguezia da Victoria, de que estamos tratando) e depois conseguiram da camara concessão gratuita de terreno no *Horto do Olival* (da mesma freguezia da Victoria hoje) onde fizeram o convento, sendo lançada a primeira pedra em 5 de Maio de 1622 por D. Rodrigo da Cunha, bispo d'esta cidade, e em 16 de junho de 1628 já estava no caso de receber os religiosos e de ser, como foi, inaugurado com toda a solemnidade.

Oitenta annos depois cuidaram os carmelitas de estabelecer tambem no Porto um convento de religiosas da sua ordem. Effectivamente, o geral frei Pedro de Jesus pediu a el-rei D. Pedro II licença para a edificação de um convento de religiosas carmelitas da regra de Santa Theresa, fóra dos muros da cidade, no logar do *Calvario Velho*, onde apenas havia uma ermida com aquella invocação. [1] O alvará de 26 d'abril de 1601 dava a licença pedida e permittia á camara do Porto o poder fazer doação dos terrenos precisos para a edificação d'esta casa.

A camara deferiu em 19 de julho de 1702; depois, a instancias da superiora do convento, Madre Theresa de Jesus, concedeu em 22 de dezembro de 1702 que a edificação se estendesse para os terrenos baldios que havia junto da estrada, hoje rua das Carmelitas.

Feitas pela camara estas cedencias de terreno, trataram as religiosas da edificação para a qual tiveram de vencer ainda algumas difficuldades por causa de uns embargos interpostos por Manuel de Sousa Porto, como tambem depois litigaram, em 1732, com Domingos Alves Seixas.

Nas duas doações de terreno foi procu-

---

[1] *Archeologia Religiosa*, já citada, *Noticia dos ultimos conventos de religiosas do Porto*, escripta pelo meu illustrado collega Francisco José Patricio, — pag, 50 a 57. V. tambem o art. *Porto*, vol. 7.º pag. 306, col. 2.ª, anno de 1704.

[1] Vej. vol. 5.º pag. pag. 288, col. 2.ª — e vol. 7.º pag. 476, col. 1.ª

rador das religiosas o padre Antonio Pereira Guedes.

As confrontações do local e a medida d'elle foram descriptas da seguinte fórma:

«*Das costas da capella mór para o poente sete varas e meia, e, correndo para o norte até entestar com as casas foreiras do collegio dos orphãos, 45 varas; correndo para o nascente pela divisão do quintal do Ermitão do dito Calvario, tem fóra da cerca quatro varas; e d'ahi corre-lhe em direito ao sul até entestar na calçada, noventa e cinco varas; e vae faceando a dita calçada para o poente até o rumo direito do cunhal do frontespicio da dita egreja, em cujo cunhal ha de fenecer o muro da cerca, ficando terra, tanto ao nascente como ao poente, para lugradouros publicos da cidade.*» (Archivo da Camara Municipal do Porto).

Estas doações tinham como onus a seguinte condição:

«*Que de todas as mulheres que pedissem para ser admittidas seriam preferidas as mais nobres da cidade e as senhoras que fossem do Porto.*»

(Do mesmo archivo).

Em 1738 foi o convento augmentando a cerca para o lado do sul, conseguindo os terrenos por doação com data de 3 de setembro.

Assim se estabeleceram as religiosas carmelitas n'este convento do Porto, vindo as primeiras dos conventos de Lisboa e d'Aveiro, formando a communidade que, segundo a regra de Santa Thereza, não podia exceder o numero de vinte e uma.

—

Tinha este convento uma egreja pequena mas elegante, com boas decorações de talha dourada, claustro, grandes dormitorios, amplas officinas e mimosa cerca com tanques e chafariz, onde corria a agua que lhe fôra cedida pela camara e que era a terça parte das vertentes da fonte municipal que lhe fica proxima.

—

Não alcançam as chronicas da ordem a epocha da fundação d'este convento e nenhuns documentos restam para lhe fazer a historia; apenas o archivo do municipio conserva algumas copias dos que, a pedido da prioreza, foram trasladados das escripturas publicas para os livros da camara em 7 de janeiro de 1823. É pois impossivel dar mais desenvolvimento a esta noticia.

—

Quando desembarcou D. Pedro IV e o Porto foi constituido centro de operações para a cruzada liberal, cerraram-se as linhas e ergueram-se as trincheiras. Os religiosos carmelitas, havendo-se tornado salientes no tempo da dominação miguelina, fugiram do seu convento e pouco depois fugiram tambem as religiosas.

Na noute de 19 de janeiro de 1833 os vigias nocturnos que guardavam a cidade encontraram um grupo de mulheres disfarçadas dirigindo-se para fóra das linhas das trincheiras.

A noute estava escura e tempestuosa e a chuva cahia abundante impellida pelo vento sul; os vigias assestaram as lanternas e reconheceram nas surprehendidas alguma coisa de extraordinario, o que revelava bem o cabello cortado em todas e a sua timidez. Não foi preciso longo interrogatorio para as reconhecerem, e logo foram detidas.

Chamado o juiz do bairro de Santo Ovidio e feitas as devidas participações ao quartel general onde se achava D. Pedro, foram enviadas com acompanhamento de uma escolta para o mosteiro de S. Bento da Ave-Maria

Era já mais de meia noute quando á porta d'este mosteiro batiam o juiz e os soldados, uns á portaria do lado da Feira, outros á porta da egreja.

Decorreu muito tempo até que as religiosas benedictinas se resolvessem a abrir as portas a hora tão estranha, mas por fim receberam e deram agasalho ás pobres fugitivas, que iam em um estado desolador, desfiguradas com fatos alheios, salpicadas de lama, molhadas pela chuva, fatigadas do caminho, banhadas em lagrimas e tremendo de vergonha.

As religiosas fugitivas eram dez e declararam que no seu convento ainda ficára doente e prostrada no leito uma outra, D. Maria José do Amor Divino, que depois foi trasladada tambem para o mesmo mosteiro

de S. Bento, onde falleceu passados poucos dias.

Em 22 de janeiro de 1833 baixou ordem regia para serem mudadas algumas das religiosas carmelitas para o convento franciscano de Santa Clara, mas essa determinação foi revogada por decreto de 25 do mesmo mez e anno, pelo que ficaram as pobres carmelitas no convento da Ave-Maria. Depois do cerco foram mandadas cinco para o convento de Vianna do Castello;—uma retirou-se para casa de sua familia,—e no mosteiro de S. Bento da Ave-Maria ficaram as quatro restantes, das quaes ainda ha pouco tempo falleceu a ultima.

—

Assim se extinguiu o convento de S. José das Carmelitas Descalças da cidade do Porto, que teve de existencia 131 annos, pouco mais ou menos.

A egreja ficou abandonada e o convento deserto até que, depois do cerco, foram aproveitados alguns objectos que lá havia. A entalha da egreja foi dada para a capella de Fradellos; a sanefa grande do arco cruzeiro está hoje na egreja dos Congregados —e foram distribuidas por differentes templos do Porto varias alfaias.

A camara apenas herdou o chafariz que está hoje na praça do Anjo, e o sino que está no cemiterio do Repouso.

A casa tem tido differentes applicações.

Quando em 1836 se extinguiram as ordens religiosas, foi arvorada em deposito das livrarias de todos os conventos do Porto.

Ali estiveram muito tempo em montão e a granel nos corredores e claustros mais de 100:000 volumes, confiados á guarda de um pobre veterano, como se fossem roupa de francezes! Amadores, mercieiros e taberneiros roubaram uma immensidade de livros, alguns raros e de muito valor, em troca de qualquer gratificação ao guarda, chegando a ter a gratificação preço fixo. Por 240 réis podia qualquer tirar um carrego de livros á *sua escolha!*

Assim se formaram no Porto boas livrarias particulares.

Ali esteve tambem o Deposito Publico até que foi removido para o extincto convento graciano de S. João Novo.

Ali estiveram tambem o escriptorio, as cavallariças e mais officinas da Mala-posta Real do Porto a Lisboa até á inauguração da linha ferrea do norte.

Estiveram ali tambem a Escola Normal,—a direcção das obras publicas,—uma estação telegraphica,—uma casa de recreio, intitulada *Salão Americano*, de Jovani,—uma associação academica,—o *Collegio Portuense* [1] —e uma estação da policia civil, que ainda lá se conserva.

Do lado norte tem estado uma escola publica e um armazem de cereaes. Na cerca estão: — do lado norte, uns estabulos onde se recolhem cavalgaduras,—do lado sul um barracão de madeira com um theatro popular, uma relojoaria e uma casa com bebidas e doce.

—

Em 23 de abril de 1839 teve a camara de pagar aos Proprios Nacionaes a quantia de 210$000 réis para alargar a rua de Santa Thereza, cortando uma parte da cerca, a leste, e em 1840 foi a mesma camara encarregada de informar com respeito á planta para a construcção d'um theatro n'aquelle local, theatro que não chegou a construir-se.

—

Tudo o que restava d'este convento e da cerca das religiosas carmelitas foi arrematado pela quantia de 48:001$000 réis em 1873, perante o ministerio da fazenda, pelo fallecido sr. Francisco Pinto Bessa, presidente da camara municipal do Porto, para a camara alli estabelecer um mercado de cereaes.

Foi o dicto mercado comprehendido no *grande plano de melhoramentos* [2] d'esta cidade, feito pelo seu actual presidente, o sr. dr. José Augusto Corrêa de Barros, e já re-

---

[1] V. art. *Porto*, vol. 7.º pag, 484, col. 2.ª.

[2] D'este *grande plano de melhoramentos* e d'outras muitas obras importantes que esta cidade deve á iniciativa do seu illustrado presidente, o sr. dr. José Augusto Corrêa de Barros, fallaremos no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto*.

cebeu a approvação das estancias superiores em 1880, mas até hoje ainda se lhe não deu principio.

Convento dos Carmelitas Descalços

Este convento ergue-se no largo do Carmo e segue até ao novo edificio da Escola Medico Cirurgica; foi fundado no tempo da dominação dos Filippes, quando na peninsula mais se desenvolvia a ordem carmelitana depois da reforma n'ella operada por S. João da Cruz e Santa Thereza.

Em 10 de junho de 1617 entraram no Porto os religiosos e apresentaram-se ao governador D. Diogo Lopes de Sousa, conde de Miranda, a quem vinham recommendados para fundarem n'esta cidade um mosteiro proprio. Acolheu-os o conde com tanto agrado, que se tornou o seu primeiro e principal protector; conseguiu-lhes permissão da camara depois de se empenhar com os vereadores; foi pessoalmente pedir as devidas licenças ao bispo D. Gonçalo de Moraes, que estava perigosamente doente; removeu todas as difficuldades promovidas pelas ordens já estabelecidas no Porto e arranjou-lhes uma caza na rua de S. Miguel, aonde provisoriamente se installaram. Crê-se que esta casa era a que está junto da egreja da Victoria pelo lado do norte na rua de S. Bento, que n'esse tempo se chamava rua de S. Miguel. Não achamos titulos em que fundamentar esta asserção, mas tambem não conhecemos ponto da mesma rua aonde haja vestigios de ter estado o primeiro convento. O chronista da ordem diz que pertencia ao abbade de S. Vicente do Pinheiro, que a alugou por uma quantia muito modica.

—

Os reverendos Fr. Thomaz de S. Cyrillo e Fr. Sebastião da Resurreição, que foram os dois enviados para realisarem a fundação do convento, auctorisada por decisão do definitorio geral celebrado em Lisboa no dia 14 de janeiro de 1617, receberam com grande contentamento as licenças que lhes conseguira o governador e com elle ordenaram as obras a fazer no predio para se transformar em capella e habitação religiosa.

Começaram as obras ás 6 horas da tarde, e á meia noite retirava-se para a sua habitação o conde, depois de ficar apeada uma parede interna do predio, tirado o entulho, alevantado o altar, toda a capella adornada com cortinas que emprestaram os padres da Companhia de Jesus, o sino *posto em um eirado e a campainha á porta* (diz a Chronica).

Quando ás 5 da manhã do dia seguinte tocou á missa, ficaram surprehendidos os visinhos com a rapidez da construcção e concorreram em grande numero. O conde veiu assistir a outra missa ás 11 horas e jantou com os religiosos, continuando a dispensar-lhes a maxima protecção.

—

Os invejosos não viram com bons olhos tão rapida fundação e tanto favor dispensado aos carmelitas. Alguns ecclesiasticos se despeitaram e um *mester* chegou a apupar os religiosos, pelo que o governador o prendeu.

Corriam-lhes os ventos tanto de feição que logo receberam tambem um legado de dez mil cruzados, somma importante n'aquelle tempo. Manuel Fernandes Calvo, fallecido em Ormuz, o deixára em testamento aos jesuitas para fazerem a capella-mór do seu collegio do Porto, que depois pertenceu aos frades *grillos* e hoje (1884) é seminario diocesano; mas os jesuitas declinaram para outro instituto aquella doação logo que o bailio de Leça, Luiz Alvares de Tavora, generosamente se prestou a fazer-lhes, como fez, com tanta sumptuosidade não só a dicta capella-mór, mas todo o templo, ainda hoje um dos primeiros do Porto [1]. A instancias do conde foi cedido aquelle legado aos religiosos carmelitas e com elle muito adiantaram a fundação do seu convento fóra dos muros, como elles muito desejavam.

---

[1] Vide art. *Porto*, 7.º vol. pag. 297, col. 2.ª e 298, 2.ª

Este templo com o seu collegio, extinctos os jesuitas, passou para a Universidade; depois para os frades *grillos* — e, extinctos os frades, n'elle se estabeleceu o seminario diocesano.

—

Com o tempo foram augmentando as esmolas do povo e, logo que se julgaram com recursos sufficientes, cuidaram da nova fundação.

O conde desejava que erigissem o convento no alto do monte a oeste da porta e fonte das Virtudes, hoje largo de Viriato, e promptificava-se a pedir á camara que fizesse sobre o ribeiro das Virtudes uma ponte para mais facil communicação entre o projectado convento e a cidade, mas a falta de agua n'aquelle sitio e outras circumstancias determinaram os religiosos e o seu nobre bemfeitor a escolherem o *Horto do Olival*[1], onde effectivamente se estabeleceram.

—

Depois de obterem licença da camara, um subsidio de dois mil cruzados e a promessa de lhes permittir a conducção da agua nos encanamentos municipaes, compraram o terreno a 13 de janeiro de 1618 e começaram a dispol-o para o lançamento da primeira pedra, o que se realisou depois da posse do bispo D. Rodrigo da Cunha, em 5 de maio de 1622, vindo este insigne prelado presidir á solemnidade, que tomou as proporções d'uma grande festa, apesar do tempo estar bastante aspero e muito ventoso, como aponta a chronica.

A 16 de junho de 1628 estava muito adiantada a obra do convento e concluida a egreja e torre, fazendo os religiosos n'este dia a mudança do Sacramento para a nova egreja com toda a solemnidade.[2]

—

O templo tem um bom retabulo no altar mór, uma capella do Santissimo muito elegante e bem adornada, um espaçoso côro, nove altares e tres nichos pequenos com imagens debaixo do côro, uma boa sacristia toda coberta de entalha cheia de nichos com pequenas imagens de barro (genero de esculptura que é vulgar nos conventos d'esta ordem) uma capella ao lado com altar e muitos quadros a revestirem as paredes. Pena é que muitas d'essas imagens se tenham extraviado e hajam desapparecido muitos d'esses quadros, que eram em vidro e de muito merecimento. Tambem ha no templo muitos quadros com paineis a oleo que representam os santos da ordem, alguns mysterios da Virgem, a paixão de Jesus Christo e a vida de Sancta Thereza. Fóra da porta da sacristia, em um espaço que lhe serve de atrio, encontram-se varios retratos de prelados distinctos que foram carmelitas. Entre elles está ainda bem conservado o retrato de D. fr. Ignacio de S. Caetano, arcebispo de Thessalonica, o unico bispo que teve Penafiel, confessor da rainha D. Maria I, que tanta influencia teve no seu tempo [1].

—

A egreja tem forma de cruz latina e uma capella de Nossa Senhora das Dôres ao lado do altar do Santissimo, com entrada para o extremo da nave; pertenceu a Manuel Tavares, que a fez e dotou em 1639.

Os altares lateraes com as imagens de S. José e Santa Theresa foram feitos e dotados —o primeiro por Domingos Gil da Fonseca, —o segundo por Jeronymo da Motta Teixeira.

---

[1] O dicto *Horto* fazia parte da zona que n'aquelle tempo era povoada de oliveiras e se estendia, como já dissemos, desde o alto da rua dos Clerigos até o extremo occidental do Campo da Cordoaria—e desde a Porta do Olival até á praça de Carlos Alberto e rua de Cedofeita.

[2] Fica assim rectificado o que se disse d'este convento no artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 302, col. 1.ª

O convento velho foi provisoriamente fundado na rua de S. Miguel, no mez de junho de 1617, e do novo, que é o actual, se inauguraram as obras no dia 5 de maio de 1622.

Tambem no logar citado se confundiu a egreja d'este convento com a dos terceiros carmelitas, que está a paredes meias para o nascente.

Veja-se n'este artigo *Victoria* o topico relativo á *Ordem Terceira do Carmo*, onde rectificamos o equivoco. A dos terceiros é a que tem a frontaria muito ornamentada.

[1] Veja-se o que a respeito d'este prelado escreve o sr. Latino Coelho na *Historia Politica e Militar de Portugal; Epitome da vida de D. Frei Ignacio de S. Caetano*, por frei Manuel de S. Ambrozio; *Chronica* (manuscripta), de D. Maria I, e varios escriptores que tratam d'esta notavel epoca.

Ha nos claustros varias capellas, que eram ao mesmo tempo jazigos de diversas familias com instituição de suffragios *in perpetuum*, das quaes ainda se conservam a de João Corrêa, junto da porta travessa, fundada em 1657,—a da Senhora do Amparo, de Pedro de Brito, fundada em 1654,—a da Senhora da Piedade, de Damião Cardoso, fundada em 1700—e outras que já teem as inscripções apagadas.

—

No convento estão hoje o quartel da Guarda Municipal,—as cavallariças do esquadrão de cavallaria da mesma Guarda—e as prisões para *custodia* dos retidos á ordem da auctoridade administrativa até serem entregues ao poder judicial.

Das muitas transformações porque tem passado o edificio, a parte que resta menos alterada é o claustro. O chão que occupa ainda denota a grandesa que tinha. A cêrca era espaçosa. N'ella estão hoje: a parada do quartel, a Escola Medico Cirurgica, edificada no sitio aonde depois da extincção dos frades estiveram as cavallariças de differentes alquiladores,—o Jardim Botanico,—o Azylo da Ordem Terceira do Carmo, o quintal da mesma Ordem, o edificio das suas escolas, ainda em construcção.

—

Desde o tempo das ordens religiosas se acha instalada n'esta egreja e é hoje a sua administradora, a Irmandade do Escapulario de Nossa Senhora do Carmo, que promove o culto. Em tempo foi muito importante e dispoz de grandes rendimentos. Fazia a procissão solemne da Senhora do Carmo seguindo pela rua dos Passeios da Graça, circumdando a espaçosa alameda da Cordoaria Nova, que por essa occasião se vestia de gala, bem como as ruas do prestito, por devoção dos cordoeiros que durante a passagem d'ella atroavam sempre os ares com morteiros e foguetes.

Ha muitos annos que essa procissão se não faz e hoje são muito limitados os recursos da irmandade.

Tambem n'esta egreja esteve installada a archi confraria do sagrado coração de Maria até que passou para o extincto mosteiro de S. Bento da Victoria, salvando da ruina aquelle venerando templo, como póde ver-se no topico relativo áquelle mosteiro.

—

Como dissemos que n'este convento carmelita está o quartel da *Guarda Municipal*, diremos alguma coisa d'esta instituição.

Em 1814 o marechal Bersford creou os dois corpos da *Guarda Real da Policia*, um em Lisboa, outro no Porto, que foram os corpos mais luxuosos do nosso paiz.[1]

Na noite de 8 para 9 de julho de 1832, quando entrou n'esta cidade o exercito libertador, a *Guarda Real da Policia*, não sendo affeiçoada ao partido do sr. D. Pedro IV, fugiu para o exercito do sr. D. Miguel, pelo que os liberaes a substituiram creando o corpo denominado *Nocturnos*, para fazer a policia da cidade.

Em 1836 foi dissolvido este corpo e substituido pela *Guarda Municipal*.

Esta Guarda tem outro quartel para uma companhia na rua de S. Braz, feito em 1872 a 1873, para facilitar o serviço da policia.

Teve tambem junto do Postigo do Sol, na Batalha, uns barracões, onde se aquartelava uma parte do seu esquadrão de cavallaria, mas foram demolidos approximadamente em 1876.

A Guarda Municipal comprehende hoje 527 praças d'infanteria e 47 de cavallaria, — paga-lhes o ministerio do reino e (segundo o ultimo orçamento do estado) dispende com as primeiras 47:112$400 rèis — e com as segundas 5:396$400 réis, por anno.

Mosteiro de S. Bento da Victoria

Dois mosteiros teve no Porto a congregação benedictina — um de freiras com o titulo de *S. Bento da Ave Maria*, outro de frades ou mônges, com o titulo de *S. Bento da Victoria*. Do primeiro já se fallou no vol. 7.º pag. 295, col. 2.ª e d'elle fallaremos mais d'espaço no supplemento ao artigo *Porto*, pois agora tratamos sómente da freguezia

---

[1] No artigo *Porto*, tomo 7.º pag. 436, col. 1.ª descrevemos o seu riquissimo uniforme.

da Victoria e aquelle está na circumscripção da freguezia da Sé. Do segundo tambem já se fallou no vol. 7.º pag. 301, col. 1.ª — mas tão concisamente que não podemos deixar de dizer d'elle mais alguma coisa.

—

No anno de 1596 deliberou o capitulo geral da congregação benedictina fundar o convento de Lisboa e este do Porto, pelo que obtida a licença d'el-rei e da cidade e removidas as difficuldades que esta oppoz, se lhe deu principio, sem demora.

Lançou-lhe a primeira pedra, bem como ao de S. Bento de Lisboa, Fr. Balthasar de Braga, geral da congregação reeleito em 1596. A chronica não marca o dia da inauguração das obras; simplesmente diz que foi no 2.º triennio d'aquelle prelado e por consequencia entre os annos de 1596 a 1598.

Foram muito infelizes na escolha do local, — centro da judiaria, todo povoado de casas, na sua maior parte velhas e immundas, mas todas de preço por estarem *intra muros*, o que obrigou os frades a muitas questões e grandes despezas para ficarem ainda por ultimo mal accommodados em uma especie de ilha, cercados de ruas por todos os lados e — *sem um palmo de cerca!...*

Mais avisadamente andaram os frades antoninos e carmelitas, estabelecendo-se *extra muros*. Se fizessem o mesmo os benedictinos, com facilidade n'aquelle tempo encontrariam fóra dos muros chão alegre, espaçoso e desafrontado para maior convento e boa cerca por muito menos do que dispenderam com as expropriações na immunda e velha judiaria.

—

Post tot tantos que labores ficou o convento mettido entre a rua de S. Miguel (hoje de S. Bento) a leste, — a rua das Taipas, a oeste, — a travessa de S. Bento, ao norte — e a viella, hoje becco das Taipas, ao sul, com as janellas aprumadas sobre as ruas publicas e sem um palmo de cerca.

Uma vergonha!

Diz-se que os frades se propunham levar as expropriações mais longe e fazer do lado norte da egreja outro corpo de edificio igual ao que fizeram do lado sul, ficando a egreja no centro, mas que se oppozeram primeiramente os Philippes e depois o nosso rei D. José, tomando com o edificio da Relação todo aquelle terreno.

—

As obras principiaram pela egreja e pelas fachadas leste e sul do convento, mas não poderam levar por deante a egreja e tiveram que suspender a sua construcção por algum tempo em virtude de certas difficuldades (nas expropriações talvez) — e, em quanto estas se não removeram, celebraram os officios divinos na casa do capitulo.

É pois infundada a opinião dos que dizem que a egreja era a synagoga dos judeus e que os frades a apropriaram ao culto catholico. [1]

Suppõe-se que a velha synagoga da segunda judiaria do Porto esteve effectivamente n'aquelle local ou nas suas immediações, pelo que os frades pozeram no alto de uma porta do convento que abria sobre o pateo do lado leste e que dava para a egreja e para o convento, a inscripção seguinte, que ainda hoje lá se vê: [2]

QUAE FUERAT SEDES TENEBRARUM,
EST REGIA SOLIS.
EXPULSIS TENEBRIS SOL BENEDICTUS OVAT.

«A casa que foi centro das trevas é hoje sede da verdadeira luz.

«Expulsas as trevas, brilha o sol de S. Bento.»

---

[1] Fica assim rectificado o que se lê no artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 301, col. 1.ª

[2] A dicta porta foi tapada quando em 1853 o governo deu a egreja a archi-confraria dos devotos do Sagrado Coração de Maria, ficando todo o pateo pertencendo á egreja e o quartel com serventia unicamente pelo lado opposto (rua das Taipas).

A porta com a inscripção mal se vê hoje, porque a archi confraria quando mandou restaurar o templo, notando que o côro ameaçava ruina, mandou fazer duas paredes sob a larga abobada que o sustenta, roubando assim ao pateo, que fica sob o côro e a dicta abobada, 4m,50 do lado norte e 4m,50 do lado sul, ficando a dicta porta com as letras occulta no pequeno vão do lado sul.

—

Tambem suppomos que a egreja actual não foi a primitiva d'este convento, porque a Benedictina Luzitana (tomo 2.º pag. 433) diz que no altar-mór tinha um precioso sanctuario de reliquias de santos *em 32 meios corpos, 14 braços, 2 pés, 4 piramides e 6 anjos* — e que todas estas 58 peças estavam *cobertas de prata moida com oleo, invenção nova vinda de Roma*, de sorte que o sanctuario parecia todo de prata.

Nada d'isto se vê hoje no soberbo retabulo do altar-mór, todo de entalha dourada.

Diz a chronica tambem que as paredes da egreja foram cobertas de azulejo fino em 1644 a 1646 — e hoje apenas se vê azulejo antigo em algumas das capellas que formam os altares lateraes, e uma cinta de azulejo muito moderno nas paredes da capella mór.

Diz a chronica tambem que em 1644 a 1646 foi pintado curiosamente o forro de baixo do côro. Era portanto de madeira o côro e forrado de madeira *por baixo*, — emquanto que o actual é sustentado por abobada de pedra e tijolo, sem visos de revestimento inferior de madeira.

E sendo tudo isto *coisas insignificantes* relativamente ao primoroso tecto do templo, todo de abobada de granito, nem uma palavra diz d'elle a chronica, o que nos leva a crer que ao tempo não existia e que a egreja actual é posterior.

—

Em virtude da deliberação tomada em 1598, applicaram-se para as obras d'este convento as rendas do de Alpendurada, que por esse motivo esteve 12 annos, desde 1599 até 1611, sem abbades nem religiosos e governado por simples presidentes ou administradores; mas em 1611 a congregação lhe restituiu outra vez os seus abbades e uma pequena communidade com a renda de réis 1:200$000, continuando a applicar para este do Porto as grandes rendas d'aquelle.

Do mosteiro d'Alpendurada [1] vieram tambem para este sinos, um orgão, retabulos, madeiras, etc., attenta a commodidade de conduzirem tudo pelo Douro, pois aquelle mosteiro estava sobre a margem direita do rio, a 40 kilometros do Porto.

—

Em 1646 ainda duravam as obras, mas já n'elle viviam religiosos desde 1599, sendo n'este anno eleito o seu 1.º abbade triennal, Fr. Pedro de Basto, e em 1645 Fr. Paulo do Rosario, que no seu triennio ornou a egreja d'azulejos (diz a chronica) e *mandou pintar curiosamente o forro debaixo do côro.*

—

A egreja actual é muito ampla, magestosa, perfeitamente acabada e sem contestação uma das primeiras do Porto e do nosso paiz.

Tem uma só nave, decorações riquissimas e desde a soleira do atrio, na rua de S. Bento, até á face exterior da capella mór do lado da rua das Taipas, mede de comprimento a bagatella de 68m,90, que se subdividem d'esta fórma:

Comprimento do atrio	11m,90
» do corpo do egreja..	23m,14
» da nave do arco cruzeiro..........................	12m,10
Comprimento da capella mór até a parte posterior do altar........	17m,30
Comprimento d'ali até á face exterior........................	4m,46
Total.........	68m,90

Largura do atrio hoje [1]	12m,20
» do corpo da egreja......	12m,
» da nave do arco cruzeiro.	24m,
» da capella mór.........	8m,80

Não podemos medir a altura, mas é consideravel por ser proporcionada no grande vão do templo.

Tem altar mór com um precioso retabulo

---

[1] V. *Alpendurada* e a *Benedictina Luzitana* tomo 2.º pag. 200 a 235, nomeadamente a pag. 231, col. 2.ª.

[1] Como já dissemos, a archi-confraria para amparar a abobada que sustenta o côro e fórma o tecto d'este atrio, mandou recentemente fazer duas paredes a toda altura do atrio, cerceando-lhe na largura 4m,50 de cada lado. Era pois a largura total d'elle 21m,20.

de entalha dourada, — 4 altares no vão do arco cruzeiro, — mais 5 no corpo da egreja, — total 10 altares, todos com riquissimas decorações de entalha dourada.

O retabulo do altar mór tem no sopé do throno, ao centro, a imagem de Nossa Senhora da Consolação, — do lado do evangelho a de S. Bento e do lado da epistola a de Santa Escholastica.

No grande vão do arco cruzeiro tem de frente 2 altares, um de N. S. das Dores, do lado do evangelho, outro de Santa Gertrudes, do lado da epistola,—e nas paredes lateraes, *tète à tète* um do outro, do lado do evangelho o altar de Jesus, Maria e José,— e do lado da epistola o do Sagrado Coração de Maria, *hoje*; no tempo dos frades era de Santa Anna.

Poucos altares temos visto tão imponentes como estes ultimos dous.

Os seus retabulos de preciosa entalha dourada são magestosos, elegantes, perfeitamente symetricos, com muita largura e immensa altura, pois as suas grandes fabricas se elevam quazi até o tecto da espaçosa nave, abundantissima de luz.

Tanto estes dous retabulos como a tribuna do altar mór são tres obras de arte, cujo preço se não calcula hoje facilmente.

—

No corpo da egreja tem do lado do evangelho dous altares,—o 1.º (vindo da capella mór) é do Santissimo Sacramento,—o 2.º de N. S. de La Salete [1]. Do lado da epistola tem 3,—o 1.º (vindo da capella mór) é de Santo Amaro,— o 2.º da Senhora de Lourdes,— o 3.º de Sant'Anna.

Na capella mór tem o côro baixo com duas ordens de cadeiras de pau preto, bem trabalhadas — e no fundo da egreja, sobre o pateo e o guarda-vento, está o côro alto, muito espaçoso e riquissimo, com duas ordens de soberbas cadeiras de pau preto e superiormente 30 quadros de madeira a meio relevo, pintados e dourados, representando a vida de S. Bento. Formam um precioso entablamento fixo, revestindo as paredes.

Na frente do côro ha uma rica balaustrada de pau preto e aos lados dous orgãos symetricos e imponentes com preciosos varandins ou coretos muito ornamentados e dourados e altas decorações com as armas da ordem.

O do lado do evangelho é simulado e só para symetria, mas o do lado da epistola foi e é ainda hoje um dos primeiros orgãos do nosso paiz.

Já vimos córos de grande preço, nomeadamente o do real mosteiro d'Arouca, um dos mais bellos de Portugal, — o da egreja de S. Martinho em Santiago de Compostella — e o da nossa Sé de Braga, mas nenhum mais rico do que este de S. Bento da Victoria, lamentando que a benemerita Archi-Confraria ainda o não podesse restaurar.

—

Recebe este templo muita luz de 22 grandes frestas envidraçadas que tem no corpo da egreja e da capella mór,—além de 6 nos topos da nave do arco cruzeiro e de uma grande vidraça que tem na frontaria sobre o côro e de outras 6 contiguas, mais pequenas.

O tecto é uma preciosidade—todo de abobada de granito artesonada,—tão firme, tão limpa e tão linda como na data em que foi feita, graças á benemerita archi-confraria, que na restauração d'este templo a mandou lavar com escova d'arame. Imita os tectos da sacristia de Santa Cruz de Coimbra e da egreja de S. Vicente de Fóra,—notando-se que aquelles dous são de pedra molle e muito tractavel, emquanto que este da egreja de S. Bento é de granito duro, difficil de obrar.

Os tectos das egrejas que foram dos jesuitas e dos gracianos, aqui no Porto, são tambem todos de granito, mas nenhum d'elles tem a magestade, a solidez e a belleza d'este.

—

A sacristia é a mesma dos frades,—sufficientemente espaçosa, com tecto d'abobada de tijôlo, e aduelas de granito, — uma bella credencia de pau preto com govetões para os

[1] D'este lado havia no tempo dos frades um 3.º que se supprimiu para se fazerem as escadas do côro.

paramentos,—um grande espelho [1],—e tres bons armarios de pau preto tambem com guarnições de metal branco, 2 encimados pelas cruzes d'Aviz e de Christo—e o do centro pelas armas da congregação benedictina.

Ao fundo tem um altar com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Em 1856 se collocou esta imagem no grande templo e se lhe fez pomposa festa para se solemnisar a definição do dogma da Immaculada Conceição de Maria, pregando o lente da Escola Politechnica, José Gregorio da Camara Sinval, egresso da congregação do Oratorio e ao tempo o primeiro orador do Porto.

—

Em 1845 alguns ecclesiasticos respeitaveis pelo saber e virtudes, acompanhados de algumas pessoas de piedade, fundaram a *Archi-Confraria do Santissimo e Immaculado Coração de Maria para a conversão de peccadores*, sendo os estatutos approvados por decreto de 30 de setembro e alvará de 4 de novembro d'aquelle mesmo anno.

Estabeleceu-se esta archi-confraria provisoriamente na egreja de Santo Antonio da extincta congregação do Oratorio, n'esta cidade do Porto, e ali começaram os exercicios proprios da sua instituição; mas alguns *exaltados patriotas*, influenciados pelo espirito revolucionario que dominou os homens de 1846 a 1851, quizeram ver na dicta agremiação intuitos que ella não tinha, pois era religiosa e não politica; promoveram um dia scenas violentas e grande tumulto no proprio templo, o que fez com que os directores da archi-confraria se retirassem magoados para suas casas e interrompessem por alguns annos os seus exercicios religiosos.

—

Achando-se no Porto em 1851 o marechal duque de Saldanha em seguida á Regeneração, conseguiram os mesarios da Archi-confraria auctorisação para recomeçarem os seus exercicios na egreja dos extinctos frades do Carmo e ali fizeram n'aquelle anno festa pomposa ao Sagrado Coração de Maria, assistindo a ella o proprio duque de Saldanha, patenteando assim aquelles devotos que a sua associação não tinha outro intuito além dos actos religiosos e não era uma *conspiração miguelista* como os seus detractores inculcavam.

Installaram-se pois na egreja dos extinctos frades carmelitas e ali se conservaram dous annos em virtude da portaria de 2 de junho de 1851; mas em 1852, vendo que a matriz da Victoria se transferira da egreja de S. Bento dos Frades, onde estivera desde 1832, para a sua antiga egreja, depois de restaurada, como já dissemos, ficando a egreja dos frades bentos devoluta e em completo abandono, lembraram-se de a pedir ao governo, e, sendo-lhe concedida por portaria de 25 de julho de 1853, para ella se transferiram e n'ella se conservam ainda hoje.

—

Deve-se pois á mencionada archi-confraria a conservação d'este venerando templo, por que na data em que lhe foi concedido se achava em completo abandono, muito mal tratado e ameaçando ruina,—em quanto que hoje, graças á benemerita archi-confraria, se acha quasi todo restaurado e extremamente limpo, havendo a archi-confraria gastado com as obras da restauração até hoje mais de *doze contos de réis!*... E não conclue as obras em projecto com outros *doze contos*, porque intenta não só restaurar o côro e o pateo, mas expropriar as casas em frente do grande templo para o desafrontar, como bem merece.

Foi 1.º director d'esta archi-confraria o padre José de Oliveira, da congregação do Oratorio, confirmado pelo sr. D. Jeronymo, bispo diocesano.

O 2.º director foi o rev. padre mestre Balthazar Velloso de Sequeira, egresso benedictino, confirmado pelo mesmo sr. bispo.

O 3.º e actual é monsenhor Antonio Joaquim d'Azevedo Couto, confirmado pelo fallecido sr. D. João da França Castro e Moura.

---

[1] No tempo dos frades tinha outro espelho e outra credencia iguaes, que hoje estão na sacristia da egreja da Victoria. Levou-os a confraria em 1852, bem como 2 sinos e outras peças, quando se removeu d'aqui a matriz e ficou esta egreja em completo abandono.

Esta pia instituição não tem nem jámais teve fundos proprios.

Tem vivido e vive do zelo e piedade das mesas gerentes e da protecção dos bemfeitores, entre os quaes não me atrevo a indicar nomes, porque comprehendem quasi todos os habitantes do Porto e seu districto, aos quaes se devem as grandes obras da restauração d'este templo e o esplendor das festividades que n'elle se celebram, taes são as seguintes:—Coração de Jesus, Coração de Maria e Mez de Maria, Senhora de Lourdes, Senhora de La Sallête, Santo Amaro, Menino Jesus e Lausperenne nos quartos domingos de cada mez, além d'outras muitas festas e exercicios de piedade durante o anno.

Tambem a *Associação Catholica* do Porto [1], desde a sua instituição escolheu esta egreja para as suas prácticas e exercicios religiosos e n'ella faz grande festa com jubileu á sua padroeira, Nossa Senhora da Conceição,—e n'este mesmo templo celebram ha muito os egressos benedictinos festa pomposa ao seu santo patriarcha, festa que por muitas considerações bem merece um topico especial.

Festa de S. Bento

Sendo director da archi-confraria, senhora d'esta egreja, o rev. padre mestre Balthazar Velloso de Sequeira, egresso benedictino, como já dissemos, lembrou-se de crear, approximadamente em 1868, uma festa annual ao seu patriarcha, no dia proprio. Assistimos á que se celebrou em 1883, no dia 11 de julho e por essa occasião publicámos no jornal religioso a *Palavra* (de 15 d'aquelle mez) as linhas seguintes, que prendem com este templo:

Reliquias venerandas

«Fui no dia 11 do corrente ao vasto e sumptuoso templo do extincto mosteiro de S. Bento da Victoria assistir á festividade que alli, na fórma dos annos anteriores, celebraram em honra do seu patriarcha os poucos filhos que ainda restam da congregação de S. Bento.

«Tem aquella festividade uma expressão particular, uma significação altissima, por ser exclusivamente celebrada por egressos benedictinos; mas que dolorosa impressão me causou!

«Foi instituida, haverá quinze annos, pelo fallecido padre mestre Balthazar (Fr. Balthazar Velloso de Sequeira) e continuada pelo conego padre mestre Antonio Roberto Jorge, egualmente já fallecido e que tambem foi frade bento. No primeiro anno ainda alli se reuniram, por occasião da dita festividade, cerca de trinta egressos, mas este anno apenas poderam reunir-se seis, todos gastos e decrepitos, contando ao todo os ditos seis anciãos nada menos de 459 annos!...

«Officiou o mais velho d'aquelle venerando grupo, o sr. Fr. João de Santa Rosa Martins, da freguezia de S. Pedro da Torre, junto de Valença do Minho, d'onde veiu expressamente para cantar a missa, vergado ao peso dos seus 83 annos.

«Quando foram extinctas as ordens religiosas era prior e parocho no mosteiro de Santo Thyrso, tendo sido já prior tres annos no seu convento de Lisboa, hoje palacio das côrtes.

«É s. ex.ª tio do sr. dr. José Gomes Martins, conego-chanceller em Braga, um dos primeiros theologos do nosso paiz, e que ultimamente foi indigitado pela imprensa de todas as côres para arcebispo bracarense.

«Officiou, pois o snr. Fr. João de Santa Rosa com os seus 83 annos, tendo por acolytos os snrs. Fr. Francisco de Carapeços, com 80 annos de edade, e Fr. Francisco da Ave Maria, com 75 annos.

«O snr. Fr. Francisco de Carapeços foi prior no convento benedictino de Alpendurada e vive na sua nobre casa de Travanca, no concelho de Amarante, junto da estação de Villa Meã, pertencente á linha ferrea do Douro.

«O snr. Fr. Francisco da Ave-Maria professou no convento de Tibães; foi collegial em Rendufe, e, depois de extinctas as ordens

---

[1] D'esta importante instituição fallaremos no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto*.

religiosas, abbade collado na egreja de Mesãofrio, junto de Guimarães, mas renunciou por se vêr alquebrado de forças e ter meios de sobra para viver com decencia e independencia.

«Vive na sua casa de Souzellas, concelho de Louzada.

«Serviu de mestre de ceremonias o sr. Fr. Carlos de Jesus, natural da freguezia de Dume e residente em Braga.

«Professou em Tibães e era collegial em Rendufe quando foram extinctas as ordens religiosas.

«Tem hoje 73 annos de edade.

«Orou o rev. Fr. Antonio de Santa Joanna Soares, hoje Antonio Joaquim Soares, abbade de S. Nicolau n'esta cidade, tendo sido muitos annos parocho na freguezia de Gondalães, junto de Penafiel, pelo que ainda hoje é conhecido por *abbade de Gondalães* [1].

«Conta apenas 70 annos e é de todos os seis egressos que alli se reuniram o mais novo e o *mais rico*, pois tem uma fortuna superior a *cem contos de reis*, obtida com as suas economias de muitos annos e com muito trabalho, principalmente no pulpito. Tem prégado milhares e milhares de sermões, por vezes cinco e seis no mesmo dia.

«Professou em Tibães; foi corista em Santo Thyrso e era collegial em Rendufe, apenas com ordens menores, quando foram extinctas as ordens religiosas.

«Assistiu tambem á mencionada festividade, vestido de preto com a garnacha da ordem, o snr. Fr. João de Guadalupe, natural de Grijó, concelho de Villa Nova de Gaya.

«Professou em Tibães; foi collegial e cantor no collegio de Coimbra, hoje lyceu, e, apesar dos seus 78 annos, ainda o vimos na estante com os outros cantores, revelando boa voz e muitos conhecimentos de musica.

«Além d'aquelles seis venerandos egressos benedictinos restam em todo o nosso paiz hoje apenas mais quatro,—um aqui no Porto, o rev. sr. Domingos do Nascimento Pinto da Fonseca Telles, conego e thesoureiro-mór do nosso cabido e que já foi tambem conego em Lamego; outro em Chaves, o sr. Fr. José da Natividade que, depois d'extinctas as ordens religiosas, foi capellão militar e hoje se acha decrepito e reformado; e os dous irmãos Fr. José Semblano e Fr. Augusto Semblano, residentes em Sinfães, um na freguezia de Tarouquella e outro na de Santa Marinha de Nespereira.

—

«A isto se reduz hoje em Portugal a congregação de S. Bento, que chegou no seculo VI a este recanto da peninsula [1] e que atravessou nada menos de treze seculos, rivalisando em esplendor e magestade com a congregação de Cister ou de frades bernardos, que era a mesma benedictina reformada, e com a dos cruzios ou conegos regrantes de Santo Agostinho, as tres ordens religiosas que assumiram mais importancia no nosso paiz.

«Ainda nos principios d'este seculo o rendimento da congregação benedictina portugueza era computado em 70 contos de réis, que correspondiam a mais de 140 contos da moeda actual. Só o mosteiro de Santo Thyrso, um dos mais opulentos da congregação, tinha de rendimento cerca de oitenta mil cruzados.

—

«A congregação pagava para o erario cerca de 18 contos de réis por anno, afóra as imposições extraordinarias; sustentava nos seus diversos conventos approximadamente 200 religiosos, 100 moços das sacristias e dos diversos mosteiros, 300 de lavoura, mais de 600 jornaleiros nas suas cercas e quintas e distribuia annualmente cerca de doze mil alqueires de pão pelos pobres que frequentavam as portarias dos seus mosteiros. Celebrava milhares de festas com todo o esplendor nas suas egrejas; sustentava collegios como universidades, taes eram o de Rendufe e o de Coimbra; e nos seus conventos dava aposentadoria franca e esplendida a todos e quaesquer magistrados e funccionarios publicos, tanto militares como civis e judiciaes.

[1] Vide tomo VI pag. 57, col. 1.ª

[1] V. «Benedictina Lusitana» por Fr. Leão de S. Thomaz, tomo 1.º, parte 2.ª, pag. 307 e seg.

«Que valores immensos, que milhares de contos não representavam os seus numerosos mosteiros com os seus templos e alfaias, as suas bibliothecas, cercas e quintas!

«E tudo se perdeu, tudo se sumiu, tudo se aniquilou com um decreto!

«É bem mais facil demolir e derrubar, do que erigir e construir.

—

«Concluirei estas despretenciosas linhas consignando aqui os nomes de dous frades bentos dos mais notaveis que a congregação produziu n'este seculo; dous vultos, a cuja memoria devo a maior veneração. Foram elles os srs. D. Fr. Francisco de S. João Baptista Moura e José Ernesto de Carvalho e Rego.

«Era o sr. D. Fr. Francisco de S. João Baptista (no seculo D. Francisco de Moura Coutinho), natural da freguezia d'Arnoia, no concelho de Celorico de Basto; nasceu na sua opulenta e nobilissima casa do Telhô; foi um homem virtuosissimo, uma illustração, um dos primeiros mathematicos do seu tempo e geral da congregação, reconduzido ou reeleito em 2.º triennio.

«No Atheneu portuense de S. Lazaro se vê ainda o seu retrato, um dos poucos que existem da immensa galeria de retratos dos geraes da ordem que se guardavam nos conventos de Tibães e de Pombeiro.

«Nasceu em 12 de fevereiro de 1773 na sua casa de Telhô, freguezia d'Arnoia, concelho de Celorico de Basto.

«Em março de 1834 foi residir na sua casa do Telhô; em 10 de junho de 1844 partiu para a sua casa da Cumieira, junto de Villa Real de Traz os Montes, e d'alli passou para Lamego, para a companhia do seu irmão D. José de Moura Moutinho, então Bispo d'aquella diocese; no domingo, 11 d'agosto d'aquelle mesmo anno, cahiu fulminado por uma apoplexia e, apesar dos desvêlos do irmão e dos esforços da alta medicina, expirou no paço episcopal de Lamego no dia 15 do mesmo mez d'agosto de 1844, pelas 8 horas da manhã, e jaz no cemiterio d'aquella cidade.

«Era s. ex.ª irmão do sr. D. José de Moura Coutinho, egresso de S. João Evangelista e penultimo prelado de Lamego, de quem recebi todas as ordens desde a prima tonsura até á de presbytero e que até expirar me honrou sempre com a mais cordeal estima.[1]

—

«Nasceu o sr. dr. José Ernesto de Carvalho e Rego na minha freguezia natal, Penajoia, concelho de Lamego;—foi lente e vice-reitor da nossa universidade e n'ella meu lente, meu prelado e sempre meu protector e meu dedicado amigo até que falleceu pranteado por todos os que tiveram a ventura de o conhecer e tractar, coberto de honras conquistadas pelo seu relevante merecimento.

«Foi s. ex.ª conselheiro, fidalgo da casa real, commendador de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e da imperial ordem da Rosa do Brazil, decano da faculdade de theologia e ornamento distincto da nossa Universidade, caracter nobilissimo,—muito tratavel, muito modesto, muito prestimoso, muito accessivel—um santo!

«Depois de meus paes, que Deus haja, foram os ex.mos e rev.mos srs. D. José de Moura Coutinho e dr. José Ernesto de Carvalho e Rego as pessoas a quem devo mais profunda gratidão.

«Deus os tenha em bom logar e lá do empyreo, onde repousam, elles se dignem pedir a Deus a restauração das ordens religiosas, pois nunca se tornaram tão precisas como n'este seculo para combaterem o egoismo, a descrença, a desmoralisação e a impiedade, que de um ao outro angulo d'este planeta que habitamos campeam altivas, infrenes.

«Porto e Miragaya, 13 de julho de 1883.

«O Abbade *Pedro Augusto Ferreira.*»

—

Se muito nos contristou a festa que n'este templo fizeram ao seu patriarcha os egressos benedictinos em 1883, mais nos contristou a d'este anno de 1884, pois de todos aquelles 6 venerandos egressos apenas pôde

[1] Para a biographia e genealogia d'estes dous venerandos prelados veja-se o artigo *Telhô*.

comparecer Fr. João de Santa Rosa Martins que officiou vergado ao peso dos seus 84 annos, acolytado por simples presbyteros seculares.

Dos seis anciãos que ainda em 1883 aqui se reuniram falleceu n'esta cidade, em 4 de junho ultimo, o rev. Antonio Joaquim Soares, abbade de S. Nicolau e que era o mais novo. Todos os outros se acham decrepitos e completamente inutilisados.

Tambem dos 4 egressos benedictinos que em 1883 não compareceram, mas que eu mencionei, já falleceram 3,—em Arouca Domingos do Nascimento Pinto da Fonseca Telles,—em Chaves fr. José da Natividade—e em Santa Marinha de Nespereira, concelho de Sinfães, fr. José do Amaral Semblano.

De toda a numerosa congregação benedictina restam, pois, hoje (que nós saibamos) apenas 6 egressos em todo o nosso paiz!...

—

Contiguo á egreja, do lado sul, está o convento, que é bastante espaçoso, pois occupa, como já dissemos, todo o chão comprehendido entre a rua de S. Bento, a leste,—a das Taipas, a oeste,—e a viella das Taipas, ao sul, tendo sobre esta 4 pavimentos e 3 nas outras duas fachadas.

N'elle esteve um hospital de feridos durante o cerco do Porto (1832-1833);—depois n'elle se montaram os tribunaes civel e crime;—tambem n'elle estiveram aquarteladas tropas da *Junta do Porto* durante a revolução popular de 1846 a 1847—e por ultimo n'elle fixou atè hoje o seu quartel o batalhão de caçadores n.º 9,—passando o tribunal crime para a rua das Flores e o civel para a rua do Almada, onde estiveram até que se installaram as duas repartições civel e crime no extincto convento graciano de S. João Novo em 1864.

—

Desejando obter algumas noticias d'este convento e dos seus ultimos priores, no acto da extincção das ordens religiosas e não encontrando quem me esclarecesse, dirigi-me ao meu venerando amigo, o rev.mo sr. fr. João de Santa Rosa Martins, o mais idoso de todos os egressos benedictinos portuguezes na actualidade, que foi prior no convento de Lisboa (hoje palacio das Côrtes) e que era prior no de Santo Thyrso, quando se extinguiram os frades. A sua resposta foi a seguinte:

«Saude e a paz do Senhor a todos nós. Ao favor de v. que muito preso respondo: a minha idade de 84 annos não me permitte satisfazer aos seus desejos nem eu sei quem fôram os prelados do Mosteiro de S. Bento da Victoria do Porto, só sei que no tempo dos meus estudos ali encontrámos um, por nome fr. Domingos Varella, a quem algumas noutes pedimos de joelhos para tocar o orgão arranjado por elle, assim como um mimoso harmonico que elle inventou: umas cordas de tripa colladas em uma escala de vidros e feridas com arco de rebeca, tocando piano com a outra mão. Que sons, que harmonia! Só os Anjos!!! Publicou uma arte de musica feita por elle. Poucos a comprehendem; mas o mimo da muzica talvez não appareça n'ella, porque a fez no fim da vida. Tambem lá ouvimos outro tocar divinamente harpa, unico na benedictina, por nome fr. Antonio dos Anjos. Emquanto ao Mosteiro pode ver e pouco colher na *Benedictina Luzitana*, que falla ainda mais das freiras do que dos frades. D'estes tenho um pequeno manuscripto que não merece a pena de o rever. Emfim, estou no ultimo quartel da vida!... Receba os protestos d'amisade e consideração do que se assigna de v. Fr. João de Santa Rosa Martins.—S. Pedro da Torre 11 de setembro de 1884 [1].»

—

Eu já sabia que o grande orgão actual foi obra do insigne amador de muzica fr. Domingos de S. José Varella, natural de Guimarães, segundo se lê no *Diccionario bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva.

A dicta arte intitula-se: *Compendio de musica theorica e pratica*, que contem breve instrucção para tirar musica; lições de acompanhamento em orgão, cravo, guitarra, ou

---

[1] D'este venerando ancião e do seu sobrinho e meu ex-condiscipulo na Universidade, o rev. dr. e conego José Gomes Martins, já este diccionario fallou no artigo *São Pedro da Torre*.

qualquer instrumento... e methodo de afinar os mesmos. Porto, na Typ. de Antonio Alvares Ribeiro, 1806, 4.º de VIII—104 pag. com 5 estampas.

O grande orgão foi completamente restaurado em 1880 pelos organeiros de Mangualde Antonio dos Santos e Antonio dos Santos Junior, sob a intelligente direcção do sr. Theotonio José Pereira, distincto professor de muzica e um dos primeiros organistas do Porto depois de haver visitado e estudado os orgãos de Sevilha, em Hespanha, de *Notre Dame*, em Paris, e de S. Paulo, em Londres, alem d'outros muitos em Portugal e nos paizes estrangeiros.

Conserva a caixa exterior com as suas ricas decorações antigas, mas addiccionaram-lhe uma caixa interior com muitos registros novos, mandada vir expressamente de Paris.

É o mesmo sr. Theotonio quem o toca.

Ordem Terceira do Carmo

Já se fallou d'esta ordem no artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 308, col. 1.ª — mas é tal a sua importancia que não podemos deixar de dizer d'ella mais alguma coisa n'este artigo dedicado á freguezia da Victoria, em cuja circumscripção ella se acha.

Duas Ordens Terceiras ha hoje no Porto —a de S. Francisco e esta [1]. Da de S. Francisco já se tractou no artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 303, col. 2.ª—e pag. 478, col 1.ª e seg. —fallaremos pois agora sómente da de Nossa Senhora do Carmo, hoje a Ordem Terceira mais florescente do Porto e de todo o nosso paiz talvez.

—

Esta ordem teve principio na capella de Nossa Senhora da Batalha, no largo do mesmo nome, em 13 de julho de 1736.

O seu primeiro irmão inscripto foi Thomaz Antonio de Sousa Cirne. Pagou *800 réis* de joia (?) e serviu de prior na primeira meza, inaugurada com a eleição feita em 26 de julho de 1737, sendo tambem por essa occasião nomeada priora D. Leonor Francisca d'Alpoim da Silva.

Tratando de edificar templo proprio, deliberou que fosse junto á egreja dos religiosos carmelitas, pelo lado do nascente, no *horto do Olival,* onde effectivamente o erigiu e se vê.

Foi lançada a primeira pedra com grande solemnidade no dia 29 de agosto de 1756 por D. João da Silva Ferreira, bispo de Tanger, deão da real capella de Villa Viçosa, governador apostolico do bispado do Porto e prior da ordem.

Do novo templo sahiu pela primeira vez em 1772 a procissão da sexta feira da semana de Ramos, procissão que esta ordem continuou a fazer todos os annos e que é digna de ver-se. São conduzidas n'essa procissão em ricos e elegantes andores as imagens de Jesus Christo nos passos da sua dolorosa Paixão desde o Horto até o Sepulchro,—todas de tamanho natural e preciosa esculptura, feitas em Roma e que durante o anno se acham expostas á veneração dos fieis nos diversos altares da egreja da ordem.

D'estas imagens é alvo de particular devoção a do Senhor Crucificado, e por isso nas grandes calamidades publicas tem sahido algumas vezes em procissão de penitencia. Fez-se a ultima d'estas procissões em 1864 [1].

[1] Teve o Porto tambem outra, a dos *Terceiros de S. Domingos,* mas foi extincta em 1755 e no mesmo anno restaurada, não como ordem terceira, mas como simples irmandade com o titulo de *Celestial Archi Confraria da Santissima Trindade e Redempção dos Captivos.* Depois de grandes trabalhos estabeleceu-se no largo do Laranjal, hoje praça da *Trindade,* e ali se conserva prospera e florescente.

Vide vol. 7.º pag. 311, col. 1.ª—e vol. 5.º pag. 281, col. 2.ª e seg. onde historiámos largamente os trabalhos porque passou.

[1] Tambem n'outros tempos de mais fé, por occasião de grandes calamidades foi trazida ao Porto em procissão de penitencia a imagem do Senhor de Mattozinhos.—Ha tambem memoria de ser conduzida (3 vezes) em procissão de penitencia até á egreja das religiosas de S. Bento da Ave-Maria a imagem do Senhor Jesus de Miragaya,—e até á cathedral a imagem do *Senhor Jèsus d'Alem,* que se venerava e venera na margem esquerda do

—

O templo tem seis altares, além do altar mór com um soberbo retabulo de entalha dourada,—nove tribunas, um orgão magnifico, mandado vir de Inglaterra em 1879,—e uma frontaria exterior com muitos lavrados em granito e seis estatuas, alem de uma imagem de Sant'Anna, collocada em um oratorio. É uma bella frontaria de muito preço no estylo da renascença, predominando a architectura corinthia [1].

A porta principal do templo olha para sudoeste e prolonga-se com elle para o norte, na extensão de 124 metros, com a face voltada ao nascente e defrontando com a praça de Carlos Alberto, o espaçoso edificio do hospital da ordem, com dois andares e lojas amplas occupadas por diversos estabelecimentos commerciaes, de que a ordem recebe importantes alugueis.

A primeira pedra d'este grande edificio foi collocada em 6 de abril de 1791 e no dia 8 de fevereiro de 1801 se abriu solemnemente.

O chão que occupa foi em parte adquirida pela ordem; a outra parte, que era cerca dos carmelitas, foi cedida pelo governo para cemiterio de irmãos e ali se fizeram muitos enterramentos; mas, sendo extinctos no Porto os cemiterios particulares em 1866, comprou a ordem no cemiterio municipal de Agramonte uma porção importante de terreno e ali fez e tem hoje o seu cemiterio privativo,[1] com uma elegante capella e muitos mausoleus e catacumbas.

Foi este cemiterio benzido em 1 de fevereiro de 1869 e a capella em 18 de agosto de 1878.

—

Removido o cemiterio das proximidades do seu hospital, continuaram as obras do prolongamento d'este, na extensão de 18 metros de frente, no anno de 1879, o que permittiu augmentar e melhorar consideravelmente as enfermarias.

No local do extincto cemiterio fez a ordem um jardim e uma casa espaçosa para *asylo* dos irmãos pobres, que foi aberta e benzida em 18 de outubro de 1875 e n'ella se acham albergados hoje 68 irmãos.

Na parte que faceia com a travessa do Carregal anda a ordem construindo actualmente um edificio para as suas escolas.

—

No templo celebra com todo o esplendor as festividades seguintes:— Semana Santa, festa da padroeira, festa do Senhor Jesus, festa da Senhora da Conceição, um anniversario solemne pelos irmãos fallecidos, sermões doutrinaes em todas as sextas feiras da quaresma (instituição do barão de Castello de Paiva)—laus-perenne todos os domingos desde 1774, e outro laus-perenne em todas as terças feiras instituido por um legado de Manuel Pereira Penna, em janeiro de 1861,—e tem varias capellanias a horas determinadas, nos domingos e dias santos.

Tambem costumava fazer a procissão de sexta feira de Ramos, que interrompeu ha annos, por ser muito dispendiosa e ter os seus cofres sempre exhaustos com as obras e outras muitas despezas, mas conserva cuidadosamente as alfaias todas e alguns annos arma e expõe na egreja os riquissimos andores.

Douro, a juzante do convento da Serra do Pilar e a montante da nova ponte de D. Luiz.

Hoje, graças ao decantado progresso do seculo das luzes (do gaz e do petroleo), zomba-se das procissões de penitencia e fazem-se *procissões civicas*.

Valha-nos a Senhora do Carmo!...

[1] A paredes meias do lado poente, está a egreja dos extinctos frades carmelitas, cuja fachada é muito pobre e singella.

Fica assim retificado o que por engano se disse no artigo *Porto*, vol. 7.° pag. 302, col. 1.° (anno 1619) confundindo-se a egreja dos frades com esta dos *terceiros do Carmo*, da qual, e não da dos carmelitas, costumava sahir a magestosa procissão de passos, de que adiante fallaremos.

[1] No mesmo cemiterio municipal fizeram tambem os seus cemiterios privativos a Celestial Archi-Confraria da Trindade e a Ordem Terceira de S. Francisco. Occupam estes dous o lado norte e aquelle o lado sul do grande cemiterio de Agramonte.

—

Em 1804 a Ordem creou a instituição dos *entrevados*, onde recolhe e sustenta 80 irmãos, sendo 40 do sexo masculino e outros 40 do sexo feminino.

Um dos pelouros mais importantes e mais sympaticos d'esta ordem são as suas escolas.

Foram fundadas em 1 de outubro de 1869 pelo seu benemerito prior (é ainda o actual) o sr. Thomaz Alves Guimarães, para meninos de ambos os sexos, filhos dos irmãos da ordem, e n'ellas se ensina instrucção primaria elementar e complementar, desenho, francez, bordados e outras muitas prendas.

São actualmente frequentadas por 374 alumnos,—214 do sexo masculino e 160 do sexo feminino.

Em 1 de fevereiro de 1880 foi tambem inaugurado o *Orpheon*, esplendida escola de musica instrumental e coral. Tem habilitado muitos alumnos que actualmente já executam grande parte das funcções que se fazem no templo, poupando á ordem despesas com orchestra e cantores.

Em 7 de outubro de 1870 foi instituida a *sopa economica* para sustento dos irmãos pobres que queiram utilisar-se d'ella,—podendo leval-a para alimento nos seus domicilios.

D'ella se utilisam hoje mais de 100.

—

O hospital tem amplas enfermarias, abundantes de ar e luz,—um bom pessoal medico, — pharmacia propria, sendo os doentes tractados pelo systema allopathico ou homeopathico, á escolha d'elles. — e uma linda capella onde, desde 1801, se conserva o Santissimo Sacramento permanente para com maior commodidade e prestesa se ministrar aos enfermos.

Na dicta capella se vêem e admiram 4 frescos da escola italiana, pintados em cobre, representando os 4 evangelistas.

Pela sua vastidão e feliz situação em terreno alto, enxuto, plano e desafrontado, com amplas e formosas vistas sobre o jardim da praça de Carlos Alberto a N. E. e sobre o Jardim Botanico e praça do Duque de Beja a S. O. é este hospital o terceiro do Porto, depois dos hospitaes de Alienados, do Conde de Ferreira, e do militar, de D. Pedro V.

—

Havendo principiado esta ordem, como dissemos, em 1736, n'ella se inscreveram até 31 de dezembro de 1883, como irmãos 20:693!...

É um verdadeiro colosso de caridade.

Sem outros recursos além de esmolas e legados, sustenta, cura e instrue muitos irmãos,—dá vestidos e casa a outros,—subsidia para banhos de mar e de caldas a outros — e nas grandes calamidades publicas abre as portas do seu hospital a todos os individuos que possa recolher, sejam ou não sejam irmãos!

Por occasião da guerra peninsular ali recolheu bastantes officiaes francezes que lá deixaram um eloquente testemunho da sua gratidão, assignado por todos; — durante o cerco do Porto, em 1832 a 1833, recolheu e tratou tambem muitos feridos; — ainda em 1881, por occasião da grande epidemia da variola que pesou cruelmente sobre o Porto ali recebeu e tratou muitas creanças pobres—e ali recebe e trata generosamente, ha muito, todas as creanças que adoeçam no Collegio dos Orphãos da Graça, mostrando-se sempre benemerita e caritativa.

O ceu ampare e proteja tão santa instituição e cubra de bençãos todos os seus bemfeitores.

Collegio dos Orfãos da Graça

Um dos portuenses mais caritativos e benemeritos foi sem contestação o padre Balthazar Guedes, fundador d'este *Collegio dos Meninos Orfãos* e do primeiro *Hospicio d'Expostos* que teve esta cidade [1].

---

[1] Era um santo e um sabio.

Nasceu na freguezia de S. Nicolaû no dia 6 de fevereiro de 1620 e falleceu repentinamente no dia 6 de outubro de 1693, contando por consequencia 73 annos de idade.

Como se lê no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio F. da Silva, escreveu o *Breve epitome da vida de S. João de Deus* e traduziu do castelhano o Epitome da vida de S. Filippe Nery,—os *Casos raros da confissão*, — o *Retrato do padre Fr. João da Cruz* — e

Foi este collegio instituido em 1651 e 42 annos depois, ainda na vida do seu santo fundador, já tinha dado 212 religiosos para diversos conventos, 39 padres, 8 mestres de theologia, 6 doutores em canones e leis, 2 qualificadores do Santo Officio e 1 bispo.

Foi sempre este Real Collegio uma excellente casa de educação. Teve aulas de portuguez, latim, musica, nautica, desenho e outras artes e ainda hoje tem um grande numero de orphãos com rendas sufficientes para a sua sustentação e um bom quadro d'estudos, mas o novo edificio da *Academia Polytechnica* e do *Instituto Iudustrial* o afronta muito, privando-o de ar e luz, dous elementos essenciaes á vida, — compromette a saude e o vigor dos pobres orfãos,—e nada recommenda os governos e as vereações que tal consentem.

—

No *Commercio Portuguez* de 28 de abril, 17 de maio, 21 de junho e 19 de julho de 1877 publicou o meu illustrado collega Francisco José Patricio, com o pseudonymo de *Mario Veiga*, uma serie de folhetins, sob o titulo de *Cartas ao Ex.mo sr. Visconde da Ermida*, ao tempo vereador encarregado do pelouro d'este Collegio, nas quaes (honra lhe seja!) tratou muito bem a questão, advogando a causa dos pobres orfãos, como orfão que fôra (mas pensionista) educado n'este real collegio.

No 1.º d'aquelles folhetins, que vamos extractar, se lê o seguinte:

«Em todos os collegios se patenteia a vida, o desenvolvimento progressivo e as reformas continuas nos diversos meios de instruir, educar e desenvolver;—ali, onde com os limitados recursos de uma instituição incipiente se educaram bispos, doutores, ecclesiasticos, artistas e litteratos... o que vemos hoje?

«Sabe-o v. ex.ª (dirigia-se ao vereador, encarregado d'aquelle pelouro) mas não se dispõe a reformar aquelle estabelecimento, onde se encontram ainda elementos para ser uma das primeiras casas de educação do nosso paiz.

«O que se faz em beneficio d'aquelles, a quem a sorte roubou o amparo e as consolações da familia?...»

Com magua o dizemos: tem sido muito descurada até hoje a administração d'este importante estabelecimento, tão sympathico e tão recommmendavel por todos os titulos.

Pobres orfãos!...

Historia d'este collegio

Nos seus estatutos, escriptos pelo padre Manuel de Sousa, se lê o seguinte:

«Em tempo, em que a villa de Guimarães, cabeça da Luzitania, se coroava com a laureola portugueza, e se recolhiam a ella, como a sua Côrte, da cidade de Coimbra, os Monarchas d'este Reyno, D. Affonso Henriques e D. Mafalda sua mulher; passando pela cidade do Porto, em o monte do Olival, cahiu em um sorvedouro a azemola, em que vinha a recamara d'estes Principes. A' vista do grande perigo encommendou El Rey o bom successo ao Archanjo S. Miguel, a quem tinha grande devoção e... sahiu a azemola livre; o que attribuindo El Rey á intercessão do Santo Archanjo, lhe mandou edificar hua Ermida (a cuja sombra D. Elena Pereyra, Senhora muito calificada, edeficou hum recolhimento [1] para orfãs nobres, e desamparadas, e nelle viveu, e morreu com raro exemplo e universal admiração).

«A rainha, á imitação do seu marido, mandou edificar outra Ermida no mesmo sitio (o monte do Olival) quasi cem braças apartada da do Archanjo S. Miguel, em a qual collocou hua Imagem de Nossa Senhora da

o *Epitome e breve explicação das ceremonias da missa.*

Tambem corre impresso o *Testamento do P. Balthazar Guedes, por elle dictado aos 13 de janeiro de 1693* no formato de 4.º e contendo 10 folhas não numeradas.

Ao mesmo P. Balthazar Guedes se deve tambem uma nova edição dos *Soliloquios* que andam em nome de D. Antonio, Prior do Crato.

Agostinho Rebello da Costa diz que nasceu a 6 de fevereiro de 1693. Confundiu a data do obito com a do nascimento.

[1] D'este *Recolhimento do Anjo* se tractou já n'este mesmo artigo *Victoria.*

Graça, de alabastro, sentada em hua cadeyra, com um sceptro na mão esquerda e o Menino Jesus na mão direita, á qual imagem tinha a Rainha grande devoção, e por isso a trazia sempre na sua companhia[1]; e porque attribuio a ella o milagre, pois vindo na mesma azemola, nada do que ella trazia padeceo perigo ou lezão, lhe mandou edificar Ermida, em que esta milagrosa imagem foi mais de quinhentos e tantos annos venerada, athe que o Padre Balthazar Guedes, natural da mesma Cidade, clerigo de muita virtude e raro exemplo de vida, por moção propria, levado de hum pio zelo pellos Meninos Orphãos, e desamparados, em o anno de 1651; pedio á Camara lhe desse licença para na dicta Ermida fazer um Collegio de Meninos Orphãos, ao que lhe deferiu que requeresse a Sua Magestade,—o que fez.»

A petição foi attendida; e El-Rei mandou á camara do Porto que «dos crescimentos das *Alças*» désse annualmente uma esmola para vestiaria dos orfãos.

Logo que o padre Balthazar obteve a permissão regia, apresentou-a á camara e collocou o seu projectado instituto sob a protecção d'ella.

—

Foi inaugurado o collegio em 25 de março de 1651, tomando o habito 7 meninos e assistindo á grande festividade a Relação, a camara, todas as justiças, muita nobresa e muito povo. Celebrou o santo sacrificio da missa o chantre da collegiada de Cedofeita e prégou o rev. Gaspar de Araujo, dominico.

Foi tão bem acolhida por todos esta instituição que em breve se elevou o numero dos orfãos a 12, os quaes viviam em umas casas tão pequenas que o instituidor tractou de promover a edificação do collegio. Lançou-se a primeira pedra no dia 1.º de novembro do mesmo anno, presidindo á solemnidade o chantre da Sé, Fernão de Freitas Mesquita, e assistindo tudo o que havia de mais distincto no Porto. Tractou-se tambem logo de organisar os estatutos, modelando-os pelos do real collegio de Lisboa e pelos do collegio d'Evora.

—

Eis o começo d'esta sancta instituição, devida á iniciativa d'um sacerdote benemerito, coadjuvado pela camara, pelas auctoridades civis, por todos os portuenses e por muitos bemfeitores extranhos, nomeadamente pelos nossos compatriotas residentes no Brazil.

Aos domingos fazia-se o peditorio em Villa Nova de Gaya; nas quartas feiras em Miragaya e Massarellos; nos outros dias em toda a cidade; e o santo fundador ia tambem á Foz pedir peixe e esmolar pelas tripulações dos navios surtos no Douro.

Todos os enthusiasmos são poucos e as maiores acclamações são pequenas diante de Balthazar Guedes, d'esse pobre e humilde presbytero que não teve outra divisa senão a cruz, nem outro pensamento que não fosse a caridade. Viveu orando e pedindo:—orando pelos mortos e pedindo para os vivos, para os desventurados orfãos.

O dia não tem para elle uma hora de descanço. Vem encontral-o erguido o despontar da aurora e, concluida a oração matinal, vae celebrar a missa quotidiana, cuja esmola é religiosamente lançada no mealheiro do seu instituto; sae em seguida a mendigar para os seus queridos orfãos e regressa a ministrar-lhes o pão do corpo e do espirito.

Umas vezes se afadiga instando com os poderes publicos em pró de tão santa missão,—outras muitas se fecha no seu quarto onde os mais apreciaveis adornos são uma tela com a Virgem do Populo e uma imagem do Redemptor, herança de familia, e, manuseando os seus livros, prepara as diversas publicações já indicadas, empregando o producto de todas no seu tão querido collegio, bem como as esmolas das missas e o honora-

---

[1] Em uma nota ao folhetim que vamos extractar se lê:

«O humilde auctor d'estas cartas (Francisco José Patricio, *Mario Veiga*) ainda viu ha poucos annos (referia-se ao de 1877) essa curiosa preciosidade, coberta com o pó do desleixo e tristemente abandonada ás teias d'aranha que *bordavam* o throno da egreja da Graça; hoje (1877) não se sabe aonde essa imagem pára...

«O que é certo é que o desapparecimento d'esta reliquia historica não incommodou pessoa alguma.»

rio da sua capellania,—ao todo mais de *setenta mil cruzados!*

Nem o seu proprio patrimonio reservou, pois, obtida licença do prelado, o converteu em dinheiro que empregou na construcção do edificio.

—

Mais ainda. Regeitou cargos importantes que lhe foram offerecidos; entre outros o de director do collegio de Lisboa e o de capellão da rainha D. Catharina, que muito instou para que elle a acompanhasse a Inglaterra [1].

Foi tambem muito efficazmente coadjuvado por Pantaleão da Cruz, seu irmão que, a pesar de ser *surdo* e *mudo*, foi varias vezes ao Brazil e percorreu a pé mais de 1:500 legoas sempre a mendigar em favor dos pobres orfãos.

Parece incrivel tão extraordinaria dedicação!

Como não podia fallar, pois era, como já dissemos, *surdo* e *mudo*, levava comsigo uma bandeira com uma legenda indicando a sua missão e, depois d'um calvario de perigos, fome e sêde, ao fim de 15 annos regressou pela ultima vez ao Porto alquebrado de forças, mas *muito satisfeito* por haver arranjado para os seus queridos orfãos cerca de *quinze mil cruzados*, somma importante n'aquelle tempo [2].

Foi o pobre Pantaleão da Cruz—*surdo e mudo*—o primeiro bemfeitor d'este collegio.

Abençoada memoria!

Balthazar Guedes o tractou com o maior carinho toda a sua vida e no seu testamento mandou que fosse sustentado pelo collegio, —unico encargo que deixou á communidade.

Nada maîs justo.

—

O collegio era, a principio, sujeito á visita de um delegado da camara, como consta do capitulo 3.º do estatuto. Serviam de *moços de coro* na cathedral 6 orfãos (capitulo 5.º), —os alumnos do collegio deviam conservar-se n'elle apenas até aos 15 annos, podendo ficar até aos 21, se tivessem patrimonio para se ordenarem (capitulo 7.º) aos orfãos que pretendessem sair, daria o reitor um fato de saragoça—e, ao despedil-os do collegio, os abençoaria *em nome de Nossa Senhora da Graça.*

Estes estatutos foram confirmados por D. João IV em 11 de outubro de 1655 e o papa Clemente XIII os approvou em bulla de 18 de julho de 1712, a instancias do segundo reitor, o padre Manuel de S. Bento.

—

Balthazar Guedes querendo que fosse sempre independente das ordens religiosas a instituição que á custa de tantos sacrificios fundára, determinou no seu testamento que as dictas ordens jámais poderiam em tempo algum tomar conta do collegio, receándo que viesse a ser absorvido por alguma d'ellas, e accrescenta o seguinte:

«Dado o caso de que alguma corporação pretenda tomar conta do collegio e para isso seja auctorisada, é necessario ponderar as conveniencias dos orfãos, pois alem de serem herdeiros de tudo quanto ha n'este collegio, tudo adquiri e fiz para elles, e com este intuito me foram dadas as esmolas que aqui tenho dispendido, que montam perto de *oitenta mil cruzados*, e os mesmos orfãos de per si ajuntaram parte das esmolas, e trabalharam de dia e de noite nas obras d'esta casa.

«Pelo que, se a dita fôr dada a alguns religiosos ou religiosas, tem de ser com obrigação, feita por escriptura publica, de darem todos os annos, até ao fim do mundo, aos ditos orfãos, trezentos mil reis, ou ao menos, duzentos e cincoenta de renda, todos os annos, segura e posta no seu collegio, para seu sustento; e assim mais lhe farão

---

[1] Esta rainha era irmã do nosso desventurado rei D. Affonso VI e de D. Pedro II.

Casou com D. Carlos II de Inglaterra, em 31 de maio de 1662 e, enviuvando em 1685, recolheu-se a Lisboa, onde falleceu.

Vide no artigo *Lisboa* o *Palacio da Bemposta*, tomo 4.º pag. 131, col. 2.ª—e o artigo *Pinhel*, tomo 7.º pag. 71, col. 2.ª e seg.

[2] Balthasar Guedes e Pantaleão da Cruz nasceram na freguezia de S. Nicolau d'esta cidade e por isso d'elles já fizemos menção entre as *pessoas notaveis* d'aquella freguezia no artigo *S. Nicolau*, vol. 6.º pag. 59, col. 2.ª,—e artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 302.

um collegio capaz para quarenta pessoas, com as suas officinas, ermida e cerca, com a largueza que baste, etc.

«Com estas condições e com as que parecerem aos senhores do senado, venham na dicta mudança; e não sendo assim, os notifico para deante de Deus Nosso Senhor; e a todos aquelles que o contrario obrarem ou forem, em parte ou em todo, contra esta minha ultima vontade, lhes encarrego muito as suas consciencias para que deante de Deus vão dar contas de tudo que obrarem em menos utilidade d'estes pobres orfãos; e prostrado aos pés do Ill.^{mo} sr. Bispo, lhe peço pelas chagas de Jesus Christo, e a todos os senhores Bispos seus successores e ao reverendo Cabido em sua falta, que muito inteiramente o façam cumprir.»

—

O santo instituidor já previa as difficuldades com que haviam de luctar e estão luctando, ha muito, os seus queridos orfãos, por falta de casa propria, pois o governo lhes absorveu o collegio com o grande edificio da Academia Polytechnica, promettendo como que por irrisão *beneficial-os* [1] até hoje (1884)—nem acabou o edificio da Academia nem deu nova casa aos pobres orfãos, conservando-os enjaulados como feras, *sem ar nem luz*, em uma parte do seu collegio, *emparedados* e *enterrados* no meio do edificio da Academia.

Nada mais revoltante nem mais horroroso!

—

Foi em 27 de novembro de 1779 que a rainha D. Maria I instituiu no Collegio dos Orfãos as aulas de desenho e debuxo, inauguradas em 17 de fevereiro de 1780, e por decreto de 9 de fevereiro de 1803 D. João VI principe regente, mandou o seguinte:

1.° — Que se fundasse no Porto aulas de mathematica, commercio, e das linguas franceza e ingleza.

2.° — Que essas aulas funccionassem no Collegio dos Orphãos.

[1] Alvarás de 9 de fevereiro e 29 de julho de 1803.

3.° — Que se procedesse sem pérda de tempo á edificação de casa propria.

4.° — Que se lançasse o imposto do *real d'agua*, durante dez annos, para o costeio das obras.

5.° — Que a Companhia dos Vinhos se encarregasse da cobrança e mandasse tirar a planta.

6.° — Que as obras ficassem debaixo da sua inspecção.

Começaram ellas com os melhores auspicios, mas parece que as persegue o mesmo fado das obras de Santa Engracia, pois até hoje não se concluiram nem ha esperanças de que tão cedo se concluam,—nem se deu nova casa aos orphãos!

A principio fazia parte da planta uma nova egreja para aquelles infelizes e chegou a dar-se-lhe começo a meio da fachada que olha para o sul, mas depois foi modificada a planta e excluida a egreja, continuando o resto do novo edificio da Academia a cercar o velho templo e o collegio, reduzindo os pobres orphãos á triste condição de *emparedados!* Apenas de longe em longe se tem fallado na mudança do collegio, mas não se mudou ainda, e a situação d'aquelles infelizes é cada vez mais lastimosa.

—

Já em tempos antigos os padres da congregação do Oratorio quizeram lançar mão d'este collegio e n'elle rezidiram algum tempo, mas em 9 de julho de 1670 foram obrigados a deixal-o e a tomar outro rumo, indo estabelecer-se na Porta de Carros.

Tambem um bispo do Porto, esquecendo as supplicas feitas pelo fundador no seu testamento, quiz apropriar-se d'este collegio e tansformal-o em Seminario diocesano, mas obstou a isso a camara municipal.

No tempo em que o Porto se achava cercado (1832–1833), crusando as balas em todas as direcções sem poupar este collegio, foi o seu reitor intimado para se transferir com os orphãos para o collegio da Lapa, mas não obedeceu e não sahiu, receando que dessem outro destino á casa.

Em 1835, achando-se vago o convento dos frades carmelitas pela fuga d'aquelles reli-

giosos no principio do cerco (1832) a camara o pediu a S. M. a rainha para n'elle installar os orphãos, mas S. M. respondeu que resolveria a petição em *tempo opportuno* e esse *tempo opportuno* ainda não chegou!

É de rigorosa justiça que lhes deem nova casa em compensação da que lhes tiraram.

Em quanto lh'a não derem e os pobres orphãos se conservarem *entalados* e *emparedados* dentro do edificio da Academia,—nem esta poderá desenvolver-se e satisfazer ao seu fim—nem os orphãos poderão respirar e menos ainda reorganisar-se convenientemente o seu quadro de estudos, em harmonia com as exigencias da epocha. E nada mais urgente do que essa reorganisação. Basta dizer-se que os seus estatutos e regulamentos foram approvados por D. João IV em 1655!...

—

Outr'ora preparavam-se os orphãos para irem professar nos conventos e lá se ordenavam, mas os conventos foram extinctos, ha muito, e o systema de educação é o mesmo.

Alguns estabelecimentos analogos mandam os seus alumnos para o Brazil, mas isso hoje repugna a muita gente.

Que fazer pois?

Reformar o velho estatuto imitando convenientemente os estabelecimentos de educação que ha nos paizes estrangeiros, cujos educandos sahem d'elles sabendo já uma profissão ou pelo menos os principaes rudimentos d'aquella para que mostram mais pronunciada tendencia; de sorte que não sahem a procurar collocação, porque ali os vão procurar as fabricas, os empregos e as diversas repartições.

Queixamo-nos de que as artes progridem pouco entre nós e de que os nossos artistas são rotineiros. É isto devido á carencia de instrucção e de *habilitações especiaes* por falta de vontade em muitos,—falta de meios em outros—e sobretudo por falta do que lá fóra se chama *escolas-officinas*.

Que importantes não seriam, pois, os serviços prestados pelas casas de educação onde se iniciassem essas aulas?

Aqui mesmo no Porto nós temos um exemplo muito digno de louvor e de imitação,—a *Officina de S. José* [1], esse tão sympathico e tão auspicioso instituto, recentemente fundado e dirigido pelo benemerito padre Sebastião Leite de Vasconcellos, onde se professam e ensinam diversas artes e officios.

E muito póde e deve fazer-se n'este sentido a bem dos Orphãos da Graça, pois no mesmo edificio do collegio funcciona o *Instituto Industrial do Porto*, estabelecimento esplendido, de que damos ampla noticia n'este mesmo artigo.

Mandem-se os pobres orphãos ás aulas d'aquelle Instituto, havendo o cuidado de *estudar-lhes e aproveitar-lhes a vocação* na escolha dos diversos cursos que ali se professam e de que tanta utilidade podem e devem tirar.

Aproveitem-se as aulas do Instituto, já que estão sob o mesmo tecto, e este collegio se transformará de *repente* em um seminario ou viveiro de excellentes artistas,—directores e mestres de fabricas, conductores de obras publicas e de minas, mestres d'obras, telegraphistas, etc.

Mandem-se mesmo ás aulas da Academia de Bellas Artes aquelles orphãos que mais pronunciada vocação tiverem para a pintura, architectura e esculptura.

Montem-se no collegio *Aulas-Officinas* em que se ensinem e pratiquem as artes de livreiro encadernador, typographo, photographo e outras tão decentes e tão proprias para individuos com uma certa educação.

Não se reduza a sorte d'aquelles infelizes a cantar o *Libera me* nos enterros, habilitando-os unicamente para sacristães. Garanta-se-lhes melhor o seu futuro;—deem-se-lhes meios com que possam prover á sua subsistencia sem serem pesados a ninguem;—tornem-se cidadãos uteis á patria.

Assim o ousamos esperar da illustração, do

---

[1] Esta casa de educação foi inaugurada na rua de Traz da Sé, no dia 4 de outubro de 1883 e já hoje sustenta, veste e educa 21 meninos pobres.

D'ella fallaremos no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto*.

zelo e bom criterio da ex.ma camara a quem o santo fundador d'este collegio encarregou a superintendencia d'elle.

Em nome do ceu, dos bons creditos do Porto e da triste sorte d'aquelles *infelizes emparedados* appellamos para o vereador encarregado d'aquelle pelouro e nomeadamente para o ex.mo sr. dr. José Augusto Corrêa de Barros [1], digno presidente da camara, que é sem contestação um dos presidentes mais illustrados e de *maior iniciativa* que até hoje tem tido o municipio portuense.

Que seja a reforma e transformação d'este collegio o alvo das suas attenções e o seu maior padrão de gloria são os nossos ardentes votos.

—

Leccionam-se actualmente n'este collegio as disciplinas seguintes:—instrucção primaria, portuguez, francez, latim, desenho, cantochão e musica de piano e canto.

As disciplinas preparatorias para os cursos superiores são leccionadas *gratuitamente* aos orfãos no excellente *Collegio de Nossa Senhora da Gloria*,—graças ao seu benemerito director, o rev. bacharel João Antonio Pinto de Rezende.

São 68 os orfãos recolhidos e educados actualmente n'este collegio, todos *gratis*.

No anno lectivo ultimo (1883 a 1884) frequentaram dentro d'este collegio:

Instrucção primaria	47
Portuguez	19
Francez	17
Latim	11
Desenho	53
Cantochão	50
Muzica de piano e canto	20

No Collegio de Nossa Senhora da Gloria

Mathematica	8
Geographia	3
Geometria	7
Introducção	3
Legislação	1
Philosophia	1
Litteratura	3
Algebra	1

No Seminario episcopal

Theologia (3.º anno)	1

Na Academia Polytechnica

Physica, desenho e 1.º anno de mathematica	1

Vê-se pois que, apesar de tudo, é este *Collegio de Nossa Senhora da Graça* ainda hoje um estabelecimento importante, um monumento de caridade.

Muito devem os pobres orfãos ao santo Balthazar Guedes e não menos os infelizes expostos, pois foi elle tambem, como já dissemos, o iniciador da *Casa da Roda* no Porto [1].

Abençoada memoria!...

—

Este collegio tinha no centro um claustro e na face norte uma egreja, hoje em ruinas e já interdicta, com altar mór, dois na frente do arco cruzeiro e cinco lateraes no corpo da egreja,—total 8 altares, tendo o altar mór e 2 lateraes ricas docorações d'entalha antiga, mas infelizmente a capella mór foi cerceada pelas obras da Academia e o retabulo do altar mór substituido por outro, singelo e barato.

Tem mais 2 pulpitos, côro sobre abobada de pedra de arco abatido, tecto de tijolo com aduelas de granito, 6 frestas no corpo da egreja e 3 na frontaria, que é pobre e singela. Apenas tem uma porta rectangular olhando para N. O. encimada por um nicho com a imagem da padroeira,—nos lados 2 pyramides torcidas,—superiormente as 3 frestas,—timpano com um escudete e um A

[1] No *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto*, daremos a biographia de s. ex.a e mostraremos o que esta cidade lhe deve.

[1] Veja-se o artigo *Miragaya*, vol. 5.º pag. 308 a 313, onde tractamos desenvolvidamente da *Roda*, hoje *Hospicio dos Expostos*.

e um M em anagramma,—no topo uma cruz singela e contigua do lado sul a torre, tambem muito singela e baixa, terminando em um eirado de pedra com varandim de ferro.

O espaço interior comprehende 28m,80 de comprimento desde a porta principal até á parede do arco cruzeiro, 10m,95 de largura no corpo da egreja, e 15m,40 no vão do arco cruzeiro, onde tinha 2 portas lateraes, uma do lado sul, dando entrada para o claustro e para o collegio,—outra do norte abrindo sobre a rua publica; mas esta ultima foi tomada pelas obras da Academia, que avançaram alguns metros mais para o norte, bem como para o sul, nascente e poente, ficando no centro do grande edificio a egreja e o collegio sem vistas para nenhum dos quadrantes, recebendo apenas alguns raios de luz de prumo, pelo que os orfãos andam sempre amarellos, macilentos e nunca podem ter saude!

Em todo o nosso paiz não ha collegio com tão más condições d'ar e luz. Accresce ainda a circumstancia de que pelo facto de se julgar coisa assente a sua remoção desde que se deu principio ás obras da Academia, nunca mais se reparou tal collegio e hoje se acha cahindo de podre, velho, immundo e negro como uma masmorra, tendo por unico passeio e recreio dos pobres orfãos o claustro, antigo cemiterio, todo ainda cheio de sepulturas e ossadas com as antigas tampas de madeira rotas e lixo em montão.

Senhor Deus,—misericordia!...

—

Na egreja d'este collegio se celebravam as festas seguintes:—S. João de Deus, S. Marçal e nos ultimos tempos o nascimento do Menino Jesus com presepio apparatoso, novena e leilão de prendas.

Tambem alguns annos fizeram os orfãos no claustro a procissão de Passos com muita decencia, como era costume fazer-se nos claustros dos conventos.

Até á extincção dos cemiterios particulares se sepultaram no claustro d'este collegio muitos cadaveres de individuos pertencentes ás diversas freguezias do Porto e ali se enterrou tambem o santo fundador em sepultura rasa, sepultura que apenas se distingue pela inscripção seguinte, gravada na parede:

AQUI JAZ O REV. BAL
TAZAR GUEDES FUNDADOR
E P.ro R.or DESTE REAL
COLLG.º FUND.º EM
1651, O QUAL FALE
CEU EM 6 D'OUTUBRO 1603

Se elle voltasse a este mundo e visse o estado lastimoso em que se acha o seu collegio, cahiria fulminado de horror!...

Capella das Almas de S. José das Taypas

Ao cimo da rua do Calvario, no angulo S. O. do Campo da Cordoaria, ergue-se esta capella, hoje um dos templos mais bem divididos, mais limpos e mais asseados do Porto. Alta, ampla, com muita luz e bella architectura (composita) é sustentada por esmolas dos fieis, muito concorrida nas missas e festas e administrada por uma irmandade propria.

Esta irmandade já existia no Porto em 1634, sob a invocação de *S. Nicolau Tolentino e Almas*, com estatutos approvados e uma bulla pontificia em que se concediam muitas indulgencias aos irmãos. Estava instituida na egreja de S. João Novo, dos Eremitas de S. Agostinho [1]; mas, dando-se varias dissidencias entre aquelles religiosos e os administradores da irmandade, que na sua maior parte eram negociantes de bacalhau, resolveram estes, em 29 de novembro de 1780, mudar para a capella de S. José das Taypas, onde estiveram até edificarem junto da dicta capella novo e mais amplo templo.

—

Depois de instalados na dicta capella (fundada em 1666, como diz uma inscripção que d'ali se tirou quando em 1860 foi demolida) resolveram unir as duas irmandades, de *S. José das Taypas* e a de *S. Nicolau* e *Almas*, em uma só, fazendo estatuto que foi approvado pelos irmãos em 18 de dezembro de

---

[1] V. art. *Nicolau (S)*—vol. 6.º pag. 77, col. 2.ª

1783 e confirmado por D. Maria I em 7 de novembro de 1788. Um breve do delegado da Santa Sé n'este reino, condecorou em nome do Papa Pio VII esta instituição com o titulo de *Irmandade de N. S. da Consolação, S. Nicolau Tolentino S. José* e *Almas.*

A capella em que hoje funcciona principiou a construir-se em 27 de abril de 1795 e terminou-se em 1822, externamente, custando a somma de 41:939$710 réis; depois proseguiu a obra interior que terminou pelo douramento dos altares e retabulo da capella-mór, em 1878.

—

Está collocada esta capella entre a rua das Taypas e a do Calvario, tendo a frente voltada para o mar. Mede 44 metros de comprimento e 10m,20 de largura; tem uma frontaria de bem lavrado, embora singelo, granito, e uma torre com quatro sinos; um côro amplo sobre um arco de granito, de volta abatida, um orgão, dois pulpitos, um retabulo de entalha bem lavrada que fórma o altar-mór, quatro altares com imagens de boa esculptura, sendo uma de Santo Antonio e as outras da Virgem das Dores, da Conceição e da Consolação.

Debaixo do côro ha dois altares em um dos quaes se vê um bello quadro de Nossa Senhora da Divina Providencia, pintura da escola raphaelina, que tem muito merecimento, e em um recanto, juncto de uma porta lateral, está uma imagem do Senhor da Saude, antigo cruzeiro de granito que se venerou por muitos annos junto da Praça do Peixe e que foi transferido para aqui quando a camara do Porto decretou a mudança de todos os cruzeiros que estavam ao longo das ruas, expostos a irreverencias [1].

—

Recebe esta capella muita luz de onze frestas lateraes e de uma larga janella no frontispicio, além de 16 frestas sobre a cornija do corpo principal e da capella-mór; tem uma sacristia com altar e throno; bons almarios com gavetas para a guarda dos paramentos; sobre os almarios uma grande meza para os ecclesiasticos se paramentarem, um quadro da Virgem, a oleo, e dois magnificos espelhos; um zimborio guarnecido com boa entalha — e muitas accommodações para o serviço do culto. Entre a sacristia, a egreja, as casas do sacristão e outros dois predios que a irmandade possue para o lado da rua das Taipas e que occupam o chão da antiga capella de S. José, ha um pequeno pateo central e, nas padieiras de duas portas que abrem sobre elle, se veem gravadas no granito duas inscripções.

Diz uma:

Jesus, Maria e José
1666

A outra comprehende quatro versos maus de ler, por terem lettras incluidas em outras lettras—e más de traduzir.

Eil-a:

Josephus Joseph permutat sede sacellum:
Alter amat requiem: praebet et alter opem.
Divus habet templum: fruitur Josephus olimpo:
Filius dediculam: [1] *Divus at* [2] *astra capit.*

Traducção nossa:

Um homem por nome José transferiu do seu antigo local para aqui esta capella de S. José.

Se uns gostam de descanço, outros gostam de trabalhar.

S. José tem templo proprio—e o fundador está no ceu.

O bom filho lhe dedicou esta capella e S. José o premiou levando-o para o reino da gloria.

—

Durante muitos annos recebeu esta irmandade uma importante quantia proveniente de certa percentagem nos lucros da venda do bacalhau,—percentagem muito provavelmente offerecida pelos seus antigos confrades, que eram, como já dissemos, quasi todos negociantes d'aquelle genero.

---

[1] V. *Miragaya*, vol. V pag. 319, col. 2.ª

[1] *Sic;* julgamos porem que deve ser *aediculam.*

[2] *Sic;* mas em vez de *at* julgamos que deve ler-se *ad.*

—

Em seguida á luctuosa catastrophe da ponte que fez milhares de victimas no dia 29 de março de 1807, por occasião da entrada do exercito francez no Porto [1], alguns devotos collocaram no muro da Ribeira, junto da dicta ponte, um quadro a oleo representando a catastrophe e uma caixa destinada a receber esmolas para suffragar as almas dos que alli pereceram.

Em breve tomou vulto (e viva se conserva ainda hoje) aquella devoção. Passados alguns annos, aquelles devotos chamaram esta irmandade para receber as esmolas e suffragar aquellas victimas, por entenderem que esta irmandade, como *Irmandade das Almas*, era a mais propria para se incumbir de tão piedosa misssão.

Tentou oppor-se a *Irmandade das Almas* de Santa Catharina e travou-se pleito entre as duas, mas em 20 de outubro de 1812 se decidiu o pleito em favor d'esta de S. José, que tomou posse do dicto quadro e da respectiva caixa das esmolas com as condições seguintes que até hoje (1884) tem religiosamente cumprido:—fazer todos os annos no dia 29 de março um anniversario com exequias solemnes,—mandar dizer missa diaria e duas nos domingos e dias santos na capella do Senhor da Ascenção, na Lada, junto da margem direita do Douro e do local da catastrophe, todas applicadas pelas almas das victimas.

O rendimento da caixa das esmolas que está na Ribeira, junto do painel das almas, é ainda hoje importante e constitue uma das maiores fontes de receita d'esta irmandade.

As exequias celebradas todos os annos no dia 29 de março são pomposas, mas foram mais pomposas até 1832, porque assistiam a ellas as anctoridades; toda a guarnição militar do Porto ia prestar as *honras funebres* —e havia dous sermões apropriados, um no templo e outro ém um pulpito que se erigia junto do painel das Almas, na Ribeira, até onde vai ainda hoje em procissão n'aquelle dia a irmandade.

[1] Veja-se o artigo S. *Nicolau*, vol. 6.º pag. 68, col. 1.ª e 2.ª e pag. 69, col. 1.ª *in-fine*.

—

Aos cuidados e extrema dedicação com que serviu de secretario d'esta irmandade —desde 1848 até 1877—ou 29 annos seguidos—o benemerito irmão e respeitavel negociante João Luiz de Sousa, se deve o esplendor d'esta piedosa corporação e do seu formoso templo.

N'elle se celebram as festas de S. Nicolau Tolentino, Senhora da Divina Providencia, Senhora da Consolação, Senhora das Dores, Senhora da Conceição, Senhor da Saude e S. José — além do anniversario pelas almas dos que falleceram na catastrophe da ponte.

Durante alguns annos se fez tambem aqui uma imponente festividade a S. Miguel.

Ha tambem n'este templo todas as segundas-feiras *lausperenne*, que é sempre muito concorrido pelos fieis.

Este templo é por este lado o ultimo edificio d'esta parochia. Todas as casas que se lhe seguem a jusante pertencem á freguezia de Miragaya.

Em frente d'elle estava a antiga capella do Senhor Jesus de Bouças ou do *Calvario Novo*,—depois capella dos *trinos*—hoje um restaurante immundo, tendo contiguo do lado norte o velho hospicio dos frades *antoninos* de Val de Piedade, hoje Hospicio dos Expostos. Vide Miragaya, vol. V pag. 281, col. 2.ª e seguintes.

Irmandade, egreja e torre dos Clerigos

Data a fundação d'esta irmandade do meiado do seculo XVII, em que foi estabelecida no collegico dos Orfãos, de que acima fallamos, com o titulo de *Irmandade de S. Phylippe Nery*, como se vê da licença para a instituição e approvação dos estatutos que teem a data de 20 de setembro de 1665.

Esteve ali oito annos sómente, mudando em seguida para a egreja dos Congregados, como se vê d'uma licença dada pela camara do Porto em 5 de julho de 1673, — e d'ali passou para a egreja da Misericordia em 26 de julho de 1688.

Os capellães do côro da Misericordia desejando que houvesse tambem no Porto uma irmandade de clerigos, reuniram os elemen-

tos da de S. Phylippe Nery e da de S. Pedro, que estava em decadencia, e fundaram a *Irmandade dos Clerigos Pobres de Nossa Senhora da Misericordia, S. Pedro ad vincula e S. Phylippe Nery*, continuando a funccionar na egreja da Misericordia; surgindo, porem difficuldades e desgostos por não ter templo proprio, resolveram os irmãos construil-o, — resolução que foi approvada em sessão de 31 de maio de 1731, prezidida pelo deão do Porto, Jeronymo de Tavora Noronha de Leme e Sernache.

N'aquella sessão foi apresentado e approvado o plano do novo edificio, para o qual o rev. Bento Freire da Silva, Manuel Mendes Machado e João da Silva Guimarães deram á irmandade por escriptura publica uma *terra baldia, onde chamam a Cruz da Cassoa que fica ao cimo da calçada que vai da Fonte da Arca até o principio do Adro das Oliveiras e entre este e o muro da cerca do Real Recolhimento do Anjo.*

—

Nomeou logo a assembleia para administradora da obra uma commissão de quatro irmãos, que foram os rev.os Manuel Ferreira da Costa, Antonio Gomes de Sousa, Francisco Fernandes Paulino e João da Herdade Coelho.

Resolveu tambem a mesma assembleia mudar o titulo da irmandade. Foram lembrados differentes e, como não houvesse accordo, lançaram sortes sobre estes tres—Senhora do Soccorro, Senhora das Necessidades, Senhora da Assumpção. Favoreceu a sorte este ultimo, que foi por todos adoptado.

—

Concedida em 4 de setembro de 1731 pelo governador do bispado, o rev. João Guedes Coutinho, licença para edificação e approvada a planta em assembléa de 13 de dezembro do mesmo anno, foi a obra de pedreiro posta em praça no pateo da Misericordia e adjudicada ao mestre Antonio Pereira por trinta e tres mil cruzados.

O chão cedido e em que se levantou o templo era foreiro á camara, pelo que a irmandade lhe pediu que o isentasse de qualquer onus, obrigando-se a não occupar mais de 82 palmos de largura e 150 de comprimento, deixando uma rua de cada lado, o que, depois de varias replicas, foi concedido.

A planta havia sido feita pelo architecto italiano Nicolau Nazoni, que dirigiu a obra toda.

—

Em 23 de abril de 1732 o architecto Nazoni e o mestre Antonio Pereira principiaram a cavar os alicerces e a dispôr tudo para a inauguração solemne. Foi esta pomposissima e teve logar no dia 2 de junho do mesmo anno, que era o primeiro da oitava do Espirito Santo, havendo na vespera vistosa illuminação com balões de diversas côres, segundo o estylo e uso da Italia, pois foi dirigida pelo proprio architecto Nazoni.

O prestito para o lançamento da primeira pedra sahiu no mencionado dia 2 da Misericordia na ordem seguinte: — na frente a cruz da irmandade clerical ladeada pelos dous presidentes, Jeronymo de Tavora e Manuel dos Reis Bernardes, seguiam-se os conegos de Cedofeita, depois os irmãos clerigos, após estes as ordens religiosas e as irmandades e por ultimo a camara municipal, a nobreza e os cavalleiros da ordem de Christo. Seguia-se um andor com a imagem de Nossa Senhora da Assumpção e no mesmo andor a pedra com a inscripção seguinte:

Em 2 de junho de 1732.

Fechava o prestito o rev. Manuel Carneiro d'Araujo, conego e mestre escola da Sé, devidamente paramentado e acompanhado por muitos clerigos.

—

Parou a procissão no local designado, onde se havia feito d'ante-mão uma capella de de madeira *ad hoc*, na qual foi benzida a pedra com todas as formalidades do ritual. Depois foi aberta uma pia em que se lançaram algumas moedas d'aquelle tempo e em seguida a pedra sobre a seguinte inscripção gravada em chumbo:

Sodalitas Dominae nostrae de Mizericórdia, Sancti Petri ad vincula, et Sancti Phi-

lippi Neri, hujusce templi lapidem fundamentalem jecit[1]...

Em vulgar quer dizer:

«A irmandade de Nossa Senhora da Mizericordia lançou a pedra fundamental d'esta egreja de S. Pedro *ad vincula*, e de S. Phylippe Nery no dia 2 de junho e na primeira oitava do Pentecostes do anno de 1732...»

—

Com ruidosas manifestações de jubilo terminou esta solemnidade imponente e em breve começaram com actividade as obras do templo e da torre que hoje admiramos.

Em 22 de dezembro de 1732 o mestre pedreiro Antonio Pereira abandonou a obra e a irmandade o substituiu pelo mestre Miguel Francisco.

O templo, externamente octogonal, é de architectura composita, tendo duas entradas lateraes e uma capella inferior collocada na frente com entrada pelo patamar do primeiro lanço da escadaria; internamente é redondo, afóra a capella mór. Tem 4 portas, 2 frestas na frontaria obliquas e grandes, mais 12 frestas no corpo central e na capella mór, —um côro espaçoso e dous coretos com orgão,—dous pulpitos, quatro altares lateraes, dous oratorios e uma espaçosa sacristia.

O retabulo da capella mór é de marmore. Foi desenhado por Manuel dos Santos, do Porto, e custou, incluindo a pedra e obra de canteiro, 18:484$284 réis.

—

Em um oratorio collocado entre o sacrario e o throno estão as reliquias do martyr Santo Innocencio dadas pelo bispo D. Thomaz de Almeida e que chegaram ao Porto no dia 24 de março de 1752, a bordo do hiate *Senhor do Bomfim*.

Em 4 de junho de 1803 o bispo D. Antonio de S. José e Castro fez a sua entrada solemne n'esta egreja e n'ella deu ordens a 1?0 ordinandos.

Segue-se á egreja para o lado N. E. um quadrilongo onde estão estabelecidas as habitações dos empregados, a secretaria, o cartorio e o hospital, terminando o edificio com a torre, do lado do mar.

São dignas de ver-se as divisões e escadas internas d'este edificio e os tectos dos seus tres andares, tudo de bom granito ornamentado.

Os escriptores que se teem occupado d'este edificio seguiram a *Descripção do Porto* do padre Rebello da Costa e cahiram com elle em differentes lapsos[1].

Não foi em 1748, como alguns dizem, que principiaram as obras do templo, mas em 1732,—e terminaram passados 17 annos, ou em 1749, como se lê em duas inscripções gravadas nas pias da agua benta, que estão junto das portas lateraes da egreja. A do lado da epistola diz: *PR 1732*,—a do lado do evangelho *Fim 1749*.

A parte do edificio, onde estão as habitações dos empregados, etc., concluiu-se em 1757, como diz uma inscripção que se vê junto da cimalha exterior do lado N. E.

A torre foi principiada em 1748 e concluida em 1763, como diz uma inscripção gravada na frente, entre a ultima varanda e os ultimos campanarios, inscripção muito legivel ainda.

Oxalá que assim estivesse a outra do lado sul, já desfeita e apagada pelo tempo.

No archivo da irmandade se conservam officios da camara datados de 1763, mandando tocar os sinos e illuminar a torre em festas nacionaes, o que prova que estava concluida.

Tem 70 metros d'altura, 11 campanarios e 9 sinos, sendo o maior feito em Braga por João Ferreira de Lima, em 1790, como se lê no proprio sino. O 1.º veiu de Hamburgo, —custou 794$476 réis—e pesava 80 arrobas, mas tendo-se inutilisado, foi substituido

[1] Esta inscripção é immensa. Póde ler-se toda no excellente artigo que vamos extractando e que sobre o assumpto publicou o meu illustrado collega Francisco José Patricio no *Commercio Portuguez* de 27 de julho de 1884.

[1] Tambem nos cumpre dizer o *poenitet me*... pedindo aos leitores que rectifiquem por este artigo o que se lê no 7.º volume, pag. 307, col. 2.ª

pelo actual, que tem approximadamente o mesmo peso e se conserva firme e são, contando hoje 94 annos.

Tambem a torre se conserva firme e segura. Nada soffreu com os abalos do grande terramoto de 1755 nem do grande morteiro da meridiana que n'ella esteve muitos annos.

—

Nos livros das contas da construcção não póde apurar-se quanto se dispendeu com as obras da torre nem da egreja. Apenas d'elles se vê que os salarios dos differentes operarios eram de 150 a 240 réis e os dos moços de 60 a 90 réis,—as ferias quinzenaes de 40 a 50 mil réis—e houve annos em que a irmandade gastou com as obras apenas 1:300$000 réis.

A egreja foi sagrada pelo bispo D. Thomaz d'Almeida em 12 de dezembro de 1779.

O architecto Nicolau Nazoni acompanhou as obras até á sua conclusão; pediu que lhe dessem sepultura na egreja que tão intelligentemente dirigiu, e n'ella foi sepultado.

Esta irmandade possue grande numero de custosas alfaias, ricos paramentos bordados a ouro e fundos ainda hoje importantes.

É administrada por uma mesa sempre presidida pelo prelado diocesano e conta grande numero de irmãos ecclesiasticos e seculares. Tem lausperenne áos sabbados; celebra a festividade da padroeira a 15 de agosto, as de S. Pedro, Santo André Avelino e Senhora das Dores, o jubileu das 40 horas, a semana santa e a dedicação da egreja a 31 de agosto.

Em 1827 mandou a mesa limpar toda a esquadria, as tribunas e o retabulo do altar mór.

Em 1863 um forte temporal derribou a esphera e a cruz que encimam a torre, estragos que de prompto foram reparados.

Dentro em breve vão começar as obras com que a actual administração entendeu que devia aformosear o templo.

Conta esta irmandade grande numero de bemfeitores benemeritos, mas por seu turno não se esqueceu de os suffragar, bem como a todos os irmãos fallecidos,—veste um grande numero de pobres em cumprimento de differentes legados, soccorre os membros do clero que necessitem, sejam ou não sejam irmãos, e exerce outros muitos actos de beneficencia.

Nas suas *cartas patentes* intitula-se *Veneravel Irmandade de Nossa Senhora da Assumpção, S. Pedro ad Vincula e S. Filippe Néri, do Soccorro dos Clerigos pobres da cidade do Porto.*

Casa da Senhora da Silva

Depois de haver passado por varias transformações, existe ainda na rua dos Caldeireiros a casa da irmandade da *Senhora da Silva,*—um predio de um só andar nobre na frente, dividido por muitos e pequenos quartos com um salão em fórma de capella, onde se vê um altar, e na frontaria um nicho com a imagem de Nossa Senhora.

É antiquissima esta irmandade e tem passado por differentes phases a sua longa existencia.

Não podemos assignar-lhe o anno da fundação. Agostinho Rebello da Costa na sua *Descripção do Porto*, fallando da cathedral, diz o seguinte: «A Senhora da Silva, cujo vulto é de pedra fina e o rosto ternissimo, dizem que fôra achada entre um silvado, no tempo em que se abriam os alicerces para a fundação d'este templo, e que a rainha D. Mafalda lhe fizera varias doações, conservando-se ainda entre as joias do thezouro algumas que a mesma rainha lhe deixou».

—

O culto d'esta imagem, que se acha collocada em um dos altares da Sé, do lado da epistola junto do arco cruzeiro, apparece-nos desde longa data entregue aos cuidados d'uma irmandade de ferreiros, caldeireiros, ferradores e anzoleiros, com todas as disposições e regimen que tinham as irmandades proprias de cada officio e que durante muito tempo conservaram uma organisação completa.

No archivo da irmandade encontram-se ainda os varios estatutos com as modificações e alternativas porque passaram. Datam os mais antigos de 1593-1598 e 1648; é certo porem que esta instituição ja existia no se-

culo XII; assim o testemunham varias referencias que encontramos em escriptos e documentos d'essa epoca.

Segundo algumas noticias archeologicas, colhidas nos cartorios do Cabido, da Camara Municipal e da irmandade, vê-se que esta foi fundada para promover o culto á *Senhora da Silva* na cathedral e que depois se tornou uma instituição de benificencia cuidando da manutenção d'hospitaes.

O erudito escriptor Arnaldo Gama em uma nota ao seu *Motim ha cem annos* diz que no seculo XIII estava a gafaria de *Roche Amador* a cargo das irmandades da *Senhora da Silva* e *Corpo de Deus*. Pela rapida leitura que fizemos dos estatutos acima mencionados, estas duas confrarias formavam um só.

—

Além das gafarias de *Roche Amador* houve no Porto os hospitaes ou albergarias de S. Thiago, S. Lourenço, S. Salvador do Mundo[1] e S. João Baptista, cuja administração passou para a irmandade da Senhora da Silva, installando-se na casa da rua do Souto (hoje *Caldeireiros*) onde estava o hospital de S. João Baptista, tendo pelo lado norte (rua *de Traz*) o hospital de Santa Catharina, que havia sido mudado de Belmonte para ali, havendo estado primeiramente em S. Nicolau, nas casas que o bispo D. Nicolau de Sousa Monteiro expropriou para reconstruir a egreja parochial d'aquella freguezia. (V. vol. 6.º pag. 44).

Que nós saibamos; houve tambem no Porto as albergarias do Espirito Santo (em Miragaya) Santo Alifon, S. Crispim, S. Domingos, Santa Clara, de Redemoinhos, da Thereza e do Vaz (na Bainharia) e os hospitaes ou gafarias de Cima de Villa, dos Lazaros e do Olival[2].

[1] D'este hospital de Salvador ainda hoje (1884) resta uma antiquissima capella em uma sala tambem, na rua das Cangostas, hoje *Mouzinho da Silveira* (á esquerda, descendo) com algumas rendas e alfaias e festa propria.

[2] Para evitarmos repetições veja-se o artigo *Miragaya*, vol. 5.º pag. 287, col. 2.ª e seguintes—o art. *S. Nicolau*, vol. 6.º pag. 82, col. 1.ª e pag. 44, col. 2.ª—e o vol. 7.º pag. 465, col. 1.ª

—

A albergaria ou hospital de Santa Catharina esteve nos primeiros tempos entregue a uma irmandade de anzoleiros; foi cedida pela camara á irmandade da Senhora da Silva em 1451, e nas casas que occupou ainda hoje se vê uma imagem da padroeira em um oratorio na janella do predio da rua de Traz, que hoje tem o numero 57.

Depois da instituição da Misericordia do Porto (em 1499 nos claustros da Sé, transferida para a rua das Flores em 1555) passaram para ella os rendimentos das velhas gafarias, albergarias e hospitaes de menor importancia e foi transformada em hospicio de peregrinos a casa da rua de Traz, onde estivera o hospital de Santa Catharina[1], dedicando-se a irmandade da Senhora da Silva unicamente ao culto do altar da padroeira na Sé, ao regimento do officio e *examinas* da industria dos ferreiros e serralheiros, bem como ao exercicio da beneficencia para com os irmãos indigentes.

—

Arnaldo Gama no seu romance historico *A ultima Dona de S. Nicolau*, fallando da casa onde esteve a irmandade da Senhora da Silva no seculo XV e onde se conserva ainda hoje, diz:

«Aquella casa tinha então construcção muito differente da de hoje. Era um casarão de um só andar, muito acanhado em altura, com cinco janellas bastante espaçosas, estreitissimas, e terminadas em arcos ponteagudos. Tinha uma só porta, baixa, larga e da mesma architectura. Esta porta dava passagem para um atrio ou pateo, ao fundo do qual se via outra porta mais pequena, mas da mesma feição, que abria para o interior da casa. No pateo, aos lados, havia quatro cubiculos ou cellas, tres das quaes estavam n'esta occasião abertas e patentes; e a quarta, a que ficava á esquerda de quem entrava, tapada a pedra e cal, de modo que só se denunciava pelas umbreiras da pequena

[1] Ainda no rol parochial de 1820 se mencionam os peregrinos que ao tempo ali se achavam albergados.

porta e por uma fresta, em fórma de cruz, aberta ao meio d'aquelle tapamento.

«Esta casa era propriedade da confraria da Senhora da Silva, antiquissima corporação, que existia no seculo XII, segundo se vê de muitos documentos do cartorio da camara do Porto. Fazia parte do hospital, que ella tinha a cargo, e que era então o principal dos que havia na cidade. As cellas do pateo eram porção do grande numero das que tinha aquelle edificio para asylo das *emparedadas* ou *donas de S. Nicolau*, como tambem se chamavam.

—

«O hospital da Senhora da Silva era o local preferido para os emparedamentos — barbarissima penitencia que as idéas religiosas da epocha inspiravam ás mulheres, e de que, sobretudo nos seculos anteriores, se abusou extraordinariamente no Porto.

O emparedamento — seja dito com venia dos eruditos e para esclarecimento dos que o não são — podia considerar-se o enterro de uma mulher viva. A cella da emparedada era um verdadeiro tumulo, tanto mais medonho e terrivel que n'elle se sepultava não o corpo inanimado e frio, mas o corpo animado e ás vezes cheio de energia, de mocidade e de affectos e paixões violentas. Um estreito cubiculo de sete ou oito palmos de comprido como uma sepultura!—de quatro ou cinco de largo, fechado a pedra e cal por toda a parte, e apenas n'uma das paredes uma estreita fenda em cruz, que servia para a confissão e communhão e para passar o *alimento indispensavel* á vida, o qual em geral se reduzia a pão e agua. Aqui tem o leitor o que era uma cella de emparedada. Accrescente a isto a completa sequestração de todos os affectos e a separação total da familia, a total solidão, um ermo, um deserto artificial collocado no meio d'um grande povoado, com a inteira privação dos grandes espectaculos da natureza, com a perpetua ausencia das flôres, das arvores, do ar puro e até dos raios do sol, porque em geral estas cellas ou eram nos pateos dos hospicios ou nas cathedraes, ou então nos cantos mais escuros das ruas solitarias, e fará perfeita idéa do que era um emparedamento, e do que era uma emparedada.

«Nos fins do seculo XV o abuso do emparedamento tinha diminuido muito no Porto e em todo o paiz.»

—

Em 1761 tinha a casa outra construcção e media de norte a sul, pelo lado do poente 132 palmos, e do lado do nasceute 124; a frente para a rua dos Caldeireiros tinha 22 palmos e do lado da rua de Traz 33 —(Archivo da irmandade). Hoje está transformada internamente, mas ainda dá habitação gratuita aos irmãos pobres.

Tambem soffreu grandes modificações a irmandade, mas continua a ser constituida quasi exclusivamente por ferreiros e serralheiros, depois que se extinguiu no Porto a industria dos *anzoleiros*;—sustenta o culto da padroeira, fazendo-lhe pomposa festa no mez de setembro, — paga a um capellão que celebra nos domingos e dias santos,—suffraga os irmãos e bemfeitores fallecidos e distribue bastantes esmolas.

—

Em 1844 o distincto paleographo da camara do Porto fez uma circumstanciada relação dos documentos antigos d'esta irmandade e a prefaciou com as palavras seguintes:

«*Reportorio do Cartorio da Senhora da Silva da Cidade do Porto por Januario Luiz da Costa, Anno de 1844*,

«requerido e mandado fazer por Antonio Rodrigues Maia, morador na rua da Torrinha.

Advertencia

«Desejando descobrir documento, que me desse uma exacta epoca do estabelecimento, ou fundação da albergaria e confraria de Nossa Senhora venerada desde seculos remotos e denominada Santa Maria de Rocamador (que ainda era administrada pela camara municipal em 16 de julho da era de 1418, como se vê pelo instrumento d'esta data que se acha no livro segundo de Pergaminhos a folhas 55, no cartorio da mesma

camara, porque esta nomeára ao homem bom Pedro Vicente por Vigario e Administrador para bem procurar e administrar as herdades e bens da mesma albergaria que estava sita na rua do Souto)—procurei meio de poder entrar no cartorio da mesma albergaria (denominada hoje hospital da Senhora da Silva) no mez de janeiro de 1843, aonde julgava achar abundante materia, mas não encontrei documento que falle n'aquelle ou semelhante nome. Encontrei sim um cartorio pobrissimo que de antiguidades só lhe resta, mas por certidão, a escriptura de 19 de junho de 1451, pela qual a camara d'aquelle mesmo anno largou mão da administração dos hospitaes de S. Thiago e Santa Catharina da Reboleira, e os trespassou á irmandade do Corpo de Deus dos Ferreiros, que era a mesma da Senhora da Silva.

Nada mais achei antigo; e dos documentos soltos que este cartorio contém formei o livro de sentenças. Á vista de todos fiz este *Reportorio*, não por interesse, mas sim por devoção que tenho a Maria Santissima, Padroeira da Irmandade com o actual titulo de Senhora da Silva que como já disse, é a antiga Sancta Maria de Rocamador, que se acha citada no meu indice das *Proprias* do anno 1836, e n'outros meus trabalhos, como paleographo e cartorario da camara municipal d'esta cidade.

«Porto, 4 de janeiro de 1844.

Januario Luiz da Costa.»

—

Em outro livro denominado *Indice chronologico dos documentos*, escreveu o mencionado paleographo o seguinte:

«*Advertencia*

«Não tendo encontrado documento pelo qual possa verificar a epoca em que foi fundada a albergaria de Santa Maria de Rocamador (hoje da Senhora da Silva) do mesmo modo não tenho encontrado o local da sua ermida, sendo a Senhora venerada já com aquelle nome, principalmente na comarca d'entre Douro e Minho, nos principios da nossa monarchia. Na dicta comarca tinha alguns casaes adquiridos por testamentos, como se vê nas Inquirições d'el-rei D. Affonso III da era 1296; d'entre outros um na povoação das Picotas, freguezia de S. Martinho no julgado de Paiva, que lhe dera a condessa D. Toda Palacinho (Liv. gd.^e da camara do Porto fol. 155 v.° col.ª 2.ª até fol. 156 col.ª 1.ª)—varios bens na freguezia de S. Nicolau no concelho de Mesão Frio (mesmo livro fol. 180 v.° até fol. 181 v.°)—e dous casaes na freguezia do Salvador de Freamunde no julgado d'Aguiar de Sousa (mesmo livro fol. 118 col. 2.ª) E a Inquirição de 2 de agosto, era de 1346, declara possuir seis casaes no Paço, freguezia de Santa Maria de Seixezello, julgado de Gaya, dados por D. Gil Vasques (mesmo livro fol. 68 v.°)

«Portanto afoito-me a dizer (em quanto não achar documento em contrario) que a sua ermida é a de Santa Maria que a rainha D. Theresa doára ao bispo D. Hugo a 14 das Kal. de Maio da Era 1158, e estava aonde é a actual cathedral, ainda que na doação se não exprima o nome de Rocamador, mesmo porque a irmandade conserva ainda nos nossos dias o altar da Senhora da Silva na mesma Sé d'esta cidade.

«Porto 4 de janeiro de 1844.

Januario Luiz da Costa.»

Judiaria

Já se fallou da *Judiaria* do Porto nos artigos *Cinuna*, vol, 2.° pag. 307, col. 2.ª — *Miragaya*, vol. 5.° pag. 296, col. 1.ª e 322, col. 2.ª — e *Porto*, vol. 7.°, pag. 301, col. 1.ª e pag. 502, col. 2.ª para onde remettemos os leitores. Aqui apenas transcreveremos a interessante *nota* que sobre o assumpto se lê na *Ultima dona de S. Nicolau*, lindissimo romance historico do fallecido Arnaldo Gama, infatigavel e muito consciencioso investigador das antiguidades do Porto.

É do theor seguinte a dita *nota*:

«Até o tempo de D. João I a judiaria ou bairro dos júdeus era no sitio ainda hoje chamado *Monte dos Judeus*. Como, porém, não fosse sufficiente para o grande numero d'elles que havia no Porto, viviam espalhados pela cidade, entre os habitantes chris-

tãos. D. João I, provavelmente para pôr os judeus fóra do perigo que corriam, vivendo a tanta distancia dos muros da cidade, ordenou á camara que dentro d'elles lhes assegurasse logar, onde podessem fazer uma *judiaria*. A camara assim o fez, assignando-lhes o terreno que comprehende pouco mais ou menos a área que circuita quem hoje segue da bocca da rua de S. Bento da Victoria, pelas Taipas abaixo, Bellomonte, até ás escadas da *Esnoga*. A pouca distancia d'esta a judiaria subia pela montanha acima até á esquina da viella do Ferraz, e d'ahi continuava para a Ferraria de cima, até de novo ir fechar na rua de S. Bento. Este terreno foi aforado pela camara aos judeus...

«A 3 de março de 1390 deu D. João I a esta judiaria o privilegio de não dar aposentadoria a pessoa alguma, excepto estando el-rei no Porto.

«A judiaria do Olival tinha duas portas apenas; uma ao norte na bocca da actual rua de S. Bento da Victoria, e outra ao sul, que fechava a sahida das escadas ainda hoje chamadas da *Esnoga*. Os limites da área, que occupava a judiaria, eram traçados por casas que não tinham sahida para a rua christã, que com ellas visinhava, e em partes por muros fortes e altos.»

—

O assumpto é bastante nebuloso e por isso não admira que tropeçassemos; aproveitando, porêm, o ensejo, faremos algumas rectificações:

Houve no Porto duas *judiarias*; a 1.ª foi a do *Monte dos Judeus*, — a 2.ª foi esta do *Olival* ou da *Victoria*.

A 1.ª não estava a *tanta distancia dos muros* como diz Arnaldo Gama. Confinava com elles a leste (vol. 7.º pag. 502. col 2.ª) desde a *Porta das Virtudes* até a margem direita do Douro (*porta Nova*)—seguia pela margem do Douro até Monchique,—subia pela calçada de Monchique e rua da Bandeirinha até o largo de Viriato—e d'ali pela rua dos Fogueteiros até á *Porta das Virtudes*.

A sua circumscripção (segundo se suppõe) era a mesma da freguezia de Miragaya até 1842 (vol. 5.º pag. 278, col. 1.ª) exceptuando a parte que esta freguezia teve *intra muros* até áquella data.

Ainda hoje n'aquella freguezia o *largo do Monte dos Judeus*, a *rua do Monte dos Judeus* e as *escadas do Monte dos Judeus* commemoram e *provam* a existencia da velha judiaria n'aquellas paragens.

O cemiterio ou jazigo dos judeus estava junto da *Porta das Virtudes* (*extra muros*) no alto e ao poente da rua da Cordoaria Velha, a montante da rua de S. Pedro, como dissemos e *provámos com um documento positivo* á pag. 297. col. 1.ª do 5.º volume,—e não no ponto que se indica no 7.º vol. pag. 322, col. 2.ª

—

Parece que a *sinagoga* da primeira judiaria esteve perto do *largo do Monte dos Judeus* como dissémos no vol. 5.º, pag. 322, col. 2.ª e se infere da inscripção hebraica ali mencionada, que esteve (nós a vimos) na face exterior e lado norte do corpo principal do extincto convento de Monchique, olhando para o terreiro do dito convento, hoje occupado por grandes armazens, — inscripção que actualmente se acha no Muzeu Archeologico do Carmo, em Lisboa.

Concluiremos dizendo que a *sinagoga* da 2.ª judiaria esteve onde se levantou e se vê o mosteiro de S. Bento da Victoria,—talvez no proprio local de egreja benedictina, mas esta foi *com toda a certeza* feita pelos frades e não era a *sinagoga dos judeus*, como se disse por lapso no artigo *Porto*, vol, 7.º pag. 301, col. 1.ª

Leia-se o topico relativo ao mencionado convento.

Parece-nos estar vendo *certa ordem de leitores* a rir de tantos lapsos.

Mettam os hombros a uma empreza semelhante e depois conversaremos!...

Rirá bien qui rira le dernier.

Fabrica do Tabaco

Existiu durante muito tempo n'esta freguezia e deu o nome a uma das suas ruas. Agostinho Rebello descreveu assim:

«A Real Fabrica do Tabaco, unida com o Contracto de Lisboa, rende annualmente li-

vres para a Magestade, dous milhões e quatro mil cruzados. Dirige-se por dous Administradores: o primeiro é o caixa, Inspector do escriptorio, em que trabalham quatro Escripturarios, com um Guarda-livros, e tem cinco mil cruzados de renda; o segundo tem um conto de réis e é o que assiste na fabrica.

«No trabalho d'esta, occupam-se mais de cem pessoas, umas nos fornos, e esfolha, outras nos pilões e engenhos, e o resto na empapelação, repartição, arrecadação, etc. Todos os dias, excepto nos feriados, coze-se a folha do tabaco em quatro fornos, que algumas vezes não bastam. Fazem-se tabacos das seguintes qualidades: Cidade, Simonte verde, Simonte amarello, Esturro de côr e Esturro preto.

«Depois que n'esta fabrica entrou por seu principal Administrador, D. Vicente Gregorio Garcia, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, ella se augmentou notavelmente. A incansavel vigilancia d'este honrado cavalheiro, a sua bella instrucção, e os meios que excogita para beneficiar o publico, tudo concorre para este augmento. Elle mesmo sub-ministrou a idêa de uma qualidade de tabaco entre esturro preto e de côr, tão agradavel, balsamico e suave ao olfato, que é hoje o mais estimado. Dão-lhe o nome de *Esturrinho de S. Vicente* em memoria do auctor, que o inventou.

«A causa de ser geralmente mais reputado o tabaco do Porto, que o de Lisboa, procede de que no Porto cosem-se fornadas mais pequenas e a lenha para os fornos não é de pinho, mas de matto, cuja flôr, e rama communica ao tabaco um cheiro suavissimo.

«De salarios miudos paga esta fabrica em cada anno doze mil cruzados, e passam de trinta mil, os salarios de portas a dentro, não fallando nas despezas do papel, grude, matto, e outras miudezas, que importam grande cabedal. As causas, e dependencias judiciaes decidem-se diante dos seus juizes privativos, que são um Conservador, e um Superintendente, ambos Desembargadores, servidos por dez Meirinhos, dez Escrivães, um Meirinho da Superintendencia, e um Escrivão da mesma...»

Quando foi decretada a liberdade do tabaco em 1864, já a fabrica funccionava ha muito n'um edificio junto á casa da camara municipal, onde estão hoje as repartições da administração dos dois bairros do Porto.

Festas publicas

Durante muitos annos fez-se no Campo da Cordoaria, antes de ser convertido em jardim, a romaria do *Senhor da Saude* [1]. Havia na vespera um vistoso fogo de artificio e no dia muita concorrencia ao arraial. Terminou esta festa depois que a imagem foi mudada para a Capella das Almas e o jardim se concluiu.

Na rua dos Caldeireiros festeja-se annualmente com fogo de artificio e arraial o Senhor da Boa Fortuna, que está collocado em um nicho na frontaria do predio que faz esquina para a viella do Ferraz. Alguns annos houve maior animação n'esta festa quando os armadores José da Silva e Domingos Moreira Lisboa se incumbiam de fazer elegantes pavilhões que eram illuminados com muito gosto.

Na rua do Almada houve durante muitos annos vistosas illuminações ao S. João [2], que tambem foi por muitas vezes festejado na praça do Anjo, na rua da Assumpção e nos Caldeireiros.

A rua dos Clerigos tem feito vistosas illuminações por occasião das solemnidades nacionaes e entrada de pessoas reaes no Porto.

Tambem se conta que no largo da porta do Olival se fizeram em tempo umas solemnidades commemorando a execução dos decapitados em 1828. Erguia-se no meio do largo uma grande columna com tantas corôas quantos foram os martyres da liberdade.

Era obra do armador Antonio José Patri-

---

[1] Vide vol. 5.º pag. 317, col. 2.ª

[2] Estas illuminações e fogo de artificio iam até ao largo da Lapa e n'este templo se fazia, e ainda hoje se faz, a festividade religiosa do Santo Precursor.

No periodo de 1828 a 1832 tomou esta festa caracter politico. O S. João da Lapa era alcunhado de liberal e o que se festejava no Bomfim apodado de miguelista.

cio, liberal muito enthusiasta, que já em 1820 ornára a propria habitação na rua de Traz guarnecendo as janellas com vistosa illuminação e adornando o frontispicio do predio com um frontão encimado por uma aguia que movia cadenciadamente as azas.

Esta e outras manifestações liberaes trouxeram-lhe a perseguição que o levou ao exilio; voltando depois á patria fez parte de varios batalhões, foi porta bandeira da Guarda Nacional e morreu em 19 de maio de 1857, sendo bibliothecario da Academia Polytechnica. Deixou dois filhos que são: o bem conhecido orador sagrado Francisco José Patricio e Antonio José Patricio, que tem sido por vezes presidente da commissão do recenseamento e é actualmente juiz ordinario d'esta freguezia.

Seminario dos Meninos Desamparados

Na rua das Hortas, hoje do Almada, foi instituido em 6 de janeiro de 1814 o Seminario dos Meninos Desamparados pelo padre José de Oliveira, da Congregação do Oratorio, coadjuvado pelo dr. Simão da Costa e Silva. Era destinado a receber e educar cinco creanças em memoria das cinco chagas de Christo, mas em 1819 já tinha trinta alumnos e hoje educa um numero superior a noventa.

Foi depois transferido para umas casas junto da capella do Senhor da Boa Nova, na Torre da Marca; em 1825 passou para a rua de Cimo de Villa, para o *Paço da Marqueza* — e em 1863 para a actual residencia da quinta do Pinheiro em Campanhã que, a instancias do virtuosissimo prelado portuense D. João da França Castro e Moura, foi cedida por um bemfeitor ao Seminario.

Vide artigo *Campanhan*, vol. 2.º pag. 60, col. 2.ª *in fine*.

Casas com brazões d'armas

Ha n'esta freguezia 9 casas com brazões: — 3 na rua das Taipas (uma com o n.º 74, á direira de quem entra na rua de S. Miguel,—outra com o numero 76, á esquerda de quem entra na mesma rua, — outra com o n.º 129) — 1 na rua dos Caldeireiros, com o numero 225, — 2 na praça de Carlos Alberto (uma que foi dos viscondes de Balsemão e é hoje do conde da Trindade, — outra no angulo que olha para esta praça e para a dos Voluntarios da Rainha) — 1 na praça de Santa Thereza, no edificio hoje occupado pela photographia União, a primeira photographia do Porto na actualidade,—1 na rua da Fabrica, no palacete habitado pelos seus legitimos donos, bem conhecidos por *fidalgos da Fabrica*— e 1 finalmente na rua de S. Bento da Victoria, n.º 10, hoje habitada por Antonio La-Rocque, importante industrial que n'ella tem um grande deposito de machinas.

—

Este ultimo edificio brazonado pertenceu a Gaspar Cardoso de Carvalho da Fonseca, fidalgo da casa real, commendador da Ordem de Christo, provedor da Companhia dos Vinhos e senhor dos morgados de N. S. da Conceição, em Armamar, de N. S. dos Remedios do Pinhal, em Baião, do Praso de Novaes em Braga e de S. João Baptista, no Porto.

Nasceu em Armamar no dia 25 de outubro de 1746; casou com sua prima D. Maria Joanna Barba de Menezes, filha de Gonçalo Barba Alardo de Pina e Lemos, Alcaide mór de Leiria e 10.º senhor do morgado da Romeira, em 29 de junho de 1788,—falleceu na dita casa da Victoria em 1826—e jaz sepultado no seu carneiro de S. João Novo na egreja dos extinctos frades gracianos.

Teve do referido matrimonio varios filhos, entre elles José Cardoso de Carvalho Fonseca e Vasconcellos e Gonçalo Cardoso Barba de Menezes, ambos fidalgos da casa real e generaes *fieis* de D. Miguel.

José Cardoso nasceu na dicta casa da Victoria em 7 de maio de 1790 e falleceu na sua casa de Armamar no dia 3 de outubro de 1852.

Gonçalo Cardoso (que foi senhor de toda a casa de seus paes por fallecimento de seu irmão mais velho José Cardoso, que falleceu solteiro e sem descendencia) nasceu tambem na dita casa da Victoria no dia 10 de março de 1791. Casou em 16 de novembro de

1847 com D. Maria Amalia Rangel Alpoim de Quadros Mascarenhas, filha de José Maria Rangel, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo e senhor da casa do Carmo, em Aveiro, e seus morgados.

Falleceu na dita casa da Victoria no dia 12 de outubro de 1866.

Teve entre outros filhos — D. Maria Joanna Cardoso Rangel Barba de Menezes, hoje casada com o bacharel em direito Albano Pinto de Mesquita Carvalho e Gama, actuaes possuidores da dita casa da Victoria, pertencente ao morgado de S. João Baptista instituido por Gaspar da Silva Guimarães, cavalleiro professo da ordem de Christo, em 13 de abril de 1711, na capella de S. João Baptista na egreja dos frades gracianos de S. João Novo,—capella que havia comprado aos dictos religiosos em 27 de março de 1700, bem como o carneiro que ao mesmo altar fica contiguo e no qual poz as suas armas.

—

A casa brazonada da rua das Taipas, n.º 76, pertence aos fidalgos de *Villar de Perdizes* (sob este titulo daremos uma nota genealogica d'esta nobre familia).

Na dicta casa funcciona actualmente o tribunal militar.

Direcção das obras publicas

Acha-se hoje montada esta repartição no melhor edificio particular da rua de S. Bento da Victoria n.º 20, onde funccionou muitos annos a direcção geral dos correios do Porto até que foi transferida para o palacete da nobre familia Guedes situado no largo da Batalha (vol. 7.º pag. 497, col, 2.ª).

D'este edificio da rua de S. Bento já se fallou no vol. 5.º pag. 253, col. 1.ª. *Vide.*

O pessoal d'esta repartição é hoje o seguinte:

Director — Faustino José da Victoria, coronel de engenheiros.

Chefe da 1.ª secção — Diogo Pereira de Sampaio, capitão d'engenheiros.

Chefe da 2.ª secção — Tito de Noronha, conductor, socio correspondente da Academia Real das Sciencias. *Vide* vol. 5.º pag. 295, col. 1.ª

Chefe da 3.ª secção — Affonso do Valle Coelho Cabral, engenheiro civil.

Chefe da 4.ª secção — Alberto Alvares Ribeiro, engenheiro civil.

Chefe da 5.ª secção—Theodoro d'Oliveira, engenheiro civil.

Pessoas notaveis

Luiza Marescoti, filha de pae italiano e de mãe portugueza, natural do Porto, nasceu n'esta freguezia da Victoria, na rua de S. Miguel.

Aos 10 annos fallava correctamente as linguas castelhana, italiana e latina,—recitava de cór a Eneida de Virgilio, os 4 evangelhos da paixão do Redemptor e largos trechos da Sagrada Escriptura, — e aos 18 annos havia aprendido philosophia, mathematica e outras sciencias que lhe grangearam o epitheto de *sabia*.

Um nobre e rico italiano, fascinado por tantas prendas, casou com ella e a levou para Bolonha, em cuja universidade tomou o grau de doutora, tendo apenas 25 annos, e em seguida se formou em theologia.

Escreveu sobre historia e poesia, e falleceu ao 40 annos de idade, nos principios do seculo XVII.

—

Luiza d'Aguiar Todi — posto que não era natural d'esta freguezia, n'ella viveu algum tempo, na rua do Almada.

Nasceu em Setubal no anno de 1753 e falleceu no 2.º andar da casa n.º 2 da travessa da Estrella em Lisboa, no dia 1 de outubro de 1833, já cega e contando 80 annos de idade e alguns mezes.

Foi uma das primeiras cantoras do seu tempo. Cantou nos principaes theatros da Europa e cobriu de gloria o nome portuguez.

Fallando da sua estreia na capital da França escreveu Fetis:

«Chegando a Pariz no mez de outubro de 1778, causou a mais profunda impressão no *Concerto Espiritual* e nos concertos da rainha, em Versalhes.»

—

José Cardoso de Menezes Sotto Maior —

fidalgo da casa real, filho de José Cardoso de Carvalho da Fonseca Vasconcellos e de D. Luiza de Menezes Sotto Maior Montenegro, nasceu no dia 26 de agosto de 1750, na casa brazonada, n.º 10, da rua de S. Bento da Victoria, e assentou praça de Guarda Marinha por decreto de 24 de agosto de 1765. Com este posto fez varias campanhas no continente e nas nossas possessões ultramarinas; foi tenente de mar, capitão de infanteria do 1.º regimento do Porto, capitão de granadeiros, sargento mór d'infanteria e ajudante d'ordens do governador das armas da provincia do Minho, etc.

—

Conde da Trindade, José Antonio de Sousa Basto. Vide vol. 7.º pag. 494. col. 1.ª — pag. 311, col. 2.ª e pag. 497, col. 1.ª.

Reside no seu palacete da praça de Carlos Alberto.

Foi feito conde em 1882.

Não é natural d'esta freguezia, mas n'ella rezide ha muitos annos.

—

Barão d'Ancede (2.º) nasceu n'esta parochia a 23 de setembro de 1831 e têm vivido na rua da Picaria. O seu nome é Henrique Soares, filho do 1.º Barão d'Ancede, José Henriques Soares e de D. Anna Maxima de Lima Soares. Formou-se em direito na universidade de Coimbra em 1853 e tomou posse do pariato depois do fallecimento de seu pae, em 1857.

É um proprietario importante e um cavalheiro distincto; não toma parte muito activa na lucta dos partidos, mas frequenta a camara quando as sessões tem mais importancia[1].

Seu irmão *Frederico Soares d'Ancede* nasceu tambem n'esta freguezia a 17 de maio de 1834, — formou-se em Direito na nossa universidade em 1855; em 1856 foi nomeado sub-delegado da 3.ª vara do Porto, logar que exerceu até ser nomeado administrador do 1.º bairro d'esta cidade em 1859; — em 1866 administrou o 3.º bairro, e em outubro do mesmo anno foi nomeado official maior do governo civil, logar que exerce com toda a solicitude, dignidade e aptidão.

—

Wenceslau de Sousa Pereira Lima, nasceu n'esta freguezia da Victoria no dia 15 de novembro de 1858.

É filho do respeitavel negociante José Joaquim Pereira Lima, commendador das ordens de Christo e da Conceição—e de D. Izabel Amalia de Sousa Guimarães Pereira Lima.

Depois de cursar com grande distincção a nossa universidade, formou-se em mathematica e philosophia em 1881, e tomou o grau de doutor n'esta ultima faculdade em novembro de 1882. N'esse mesmo anno foi por concurso despachado lente da Academia Polytechnica do Porto e eleito deputado pelo circulo de Guimarães—e na eleição geral de 1884 para as côrtes constituintes foi novamente eleito deputado pelo circulo de Lamego. Em maio de 1884 foi nomeado governador civil do districto de Villa Real, cargo que muito dignamente exerce n'esta data.

Tem feito algumas viagens ao estrangeiro, é um habil professor, cavalheiro de muitas sympathias e um distincto orador parlamentar. Foi o relator do projecto de lei para a cultura do tabaco no Douro e tem tratado com proficiencia varias questões d'instrucção publica.

É casado com a sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, filha do commendador Antonio Bernardo Ferreira e neta da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, hoje viuva em segundas nupcias, muito digna representante da opulenta casa *Ferreirinha*, da Regoa.

—

Francisco José Patricio (padre). Nasceu na rua de Traz em 15 de janeiro de 1854, —filho de Antonio José Patricio e de D. Anna Amelia Teixeira. Aos treze annos entrou para o Collegio dos Orphãos, onde começou a sua carreira litteraria, e em 1871 concluiu o curso triennal do Seminario do Porto.

Ordenado presbytero, disse a primeira missa a 19 de janeiro de 1873 na matriz d'esta parochia. Sendo ainda estudante de theologia, começou a dedicar-se ao exercicio do pulpito e é hoje um dos oradores sagrados mais conhecidos no paiz.

[1] Vide vol. 7.º, pag. 495, col. 2.ª e vol. 1.º pag. 204, col. 1.ª

Em 1874 foi nomeado prégador regio; em 1877 foi encarregado de parochiar a freguezia de Paranhos no bairro oriental do Porto, onde fez notaveis serviços, principalmente na restauração do templo que estava quasi em ruinas.

Demittindo-se da vida parochial em 1880, continuou a fazer-se ouvir no pulpito.

—

Eleito deputado ás côrtes em 1881 pelo circulo occidental do Porto, foi incansavel propugnador dos melhoramentos de que tanto carecia a cidade que o elegêra; principalmente a obra do Porto de Leixões mereceu os seus mais dedicados esforços. Em varias occasiões chamou a attenção da camara sobre differentes assumptos, não se esquecendo tambem da sua qualidade de ecclesiastico, pois sustentou a defeza do artigo 6.º da Carta e propôz que as eleições não fossem feitas nos templos catholicos.

Terminados os seus trabalhos parlamentares pela dissolução das côrtes em 1883, voltou o rev. padre Patricio a dedicar-se ao exercicio do pulpito, trabalhando egualmente na imprensa e dando-se com proveito a investigações archeologicas.

Do *Diario Illustrado* de 13 de fevereiro de 1884 colhemos estes dados biographicos.

Accrescentaremos ainda o seguinte:

Fez parte do *comité* da imprensa por occasião do centenario de Calderon de la Barca indo como representante do *Commercio Portuguez* a Madrid, onde discursou com applauso em algumas occasiões solemnes.

Além dos seus trabalhos anonymos como jornalista, conhecemos as seguintes publicações por elle dadas á estampa:

Elogio funebre de D. Pedro IV—1874.

Oração gratulatoria pelas melhoras de S. M. a Rainha D. Maria Pia—1879.

Pratica sobre o Matrimonio—1877.

Mimo á juventude catholica—1879.

Discurso proferido no dia 9 de julho na Associação liberal Portuense—1882.

Descripção dos Conventos do Porto—Archeologia Religiosa—1882.

Oração gratulatoria no 1.º de dezembro, em Lisboa—1883.

Sermão da Paixão de Christo e Soledade de Maria Santissima, prégado em Vianna do Castello—1884.

—

O padre Patricio pertence ás seguintes aggremiações litterarias:

Sociedade d'Instrucção do Porto,—Sociedade de Geographia de Lisboa,—Luce e Verità, de Napoles,—*Economica Matritense de Amigos do Paiz*, de Madrid,—*Economica*, de Granada,—*Propaganda para o ensino popular*, de Madrid,—*Ordem academica dos cavalleiros de Buenos-Ayres* — e *Real Associação dos Archeologos e Architectos civis portuguezes.*

Concluirei, agradecendo a s. ex.ª a sua valiosa cooperação n'este artigo.

VICTORIA (Santa)—freguezia do concelho e bispado de Beja.

Vide *Santa Victoria*, vol. 8.º pag. 440, col. 2.ª.

VICTORINO DAS DONAS — freguezia, Minho, concelho e comarca de Ponte do Lima, da qual dista 7 kilometros, 18 de Vianna, séde do districto, e 27 de Braga, séde da archidiocese.

Pelo ultimo recenseamento (1878) contava 142 fogos e 642 almas; hoje conta 150 fogos e 660 habitantes.

Orago S. Salvador—e antigamente Santa Eulalia.

Era vigairaria apresentada pelas freiras do Salvador de Braga; hoje é reitoria.

Victorino das Donas está na margem esquerda do Lima, no sopé do monte da Facha, que lhe fica ao sul, confinando pelo nascente com as freguezias da Correlhã e Seara; — pelo sul com Santo Estevão da Facha (V. vol. 3.º pag. 130) e Victorino dos Piães; — pelo poente com Santa Leocadia e Santa Marinha de Moreira de Geraz do Lima — e pelo norte, alem rio, com a freguezia de Lanheses.

—

A primitiva parôchia foi na capella de *Santa Maria do Barco*, titulo d'esta freguezia n'esses tempos, e em 1605, supprimido o mosteiro das Donas, se arvorou em matriz d'esta parochia a egreja d'elle e d'elle tomou o nome.

Nos meiados do seculo XIV foi transferido

este mosteiro do sitio do Barco (hoje Santo Antonio) para o sitio actual, onde existia uma torre, solar dos *Velhos*, seus padroeiros, — torre que veiu a cahir em poder das religiosas, sendo para aqui transferidas as freiras do mosteiro de S. Salvador de Bulhente, em Ancora, e as de Santa Eufemia de Calheiros.

Este convento já teve os nomes de *Victorinho* e *Vulturino*, — data de tempos remotos e foi primeiramente de frades (*Benedictina Lusitana*, tomo 2.º pag. 134). Com o decorrer dos tempos as freiras viviam muito livremente, pelo que o arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro, cançado de admoestações, lhes mandou edificar em Braga no Campo da Vinha o convento do Salvador e resolveu transferil-as para ali, mas, como ellas obstinadamente se recusassem, teve de empregar a força.

Durante 12 annos instou com ellas o arcebispo até que, esgotados todos os meios de prudencia e brandura, se queixou a el-rei (então Philippe II, o *prudente*) que mandou ir do Porto um desembargador e varias justiças para Braga ás ordens do arcebispo D. Fr. A. de Castro. Reuniu este tambem as suas justiças e certa noite partiu de Braga com grande sequito de liteiras para a conducção das religiosas e muitos homens armados de machados; chegou de madrugada ao mosteiro; intimou-as para que o acompanhassem e, como desesperadamente se oppozessem, mandou partir as portas com machados. Refugiaram-se as freiras em outra casa, trancando as portas; foram estas tambem despedaçadas; fugiram depois para o côro e n'elle estiveram sitiadas tres dias até que se renderam obrigadas pela fome, — entraram nas cadeirinhas e foram conduzidas para o seu novo mosteiro de Braga.[1]

Deu-se tão extranho acontecimento em 1602.

—

Ficando devoluto o mosteiro de Victorino, foi comprado por Antonio Martins da Costa, de quem já se fallou n'este vol a pag. 348, col. 2.ª, — 432, tambem col. 2.ª — e 441, col. 1.ª. Reedificou a antiquissima torre dos *Velhos* e accrescentou a egreja, que cedeu para matriz da parochia em 1605, no mesmo anno em que comprou os ditos bens, hoje pertencentes á casa da Carreira pelo ramo Farias, da Agrella.

Além d'esta quinta do Mosteiro, ha n'esta freguezia outras quintas importantes, taes são a do Paço, cuja casa por ter sido incendiada nas luctas civis conserva o nome de *Queimada*. Pertence a Francisco d'Abreu de Lima Pereira Coutinho, representante dos Abreus Coutinhos, mencionados a pag. 347 d'este volume, e descende d'Alvaro d'Abreu Soares, senhor da quinta do Barco ou do Paço, e de sua neta D. Francisca de Lima e Abreu que em 1638 casou em Vianna com Guilherme Kempenaer, fidalgo d'Antuerpia, da familia Logier, cujo brasão usava e consiste em uma asna entre tres cabeças de leão. Estes fundaram a capella de Santo Christo em 1647 no convento do Carmo, em Vianna, onde instituiram morgado.

A quinta da Torre da Passagem, hoje *Torre das Donas*. é outro predio notavel d'esta freguezia, e pertence á viuva do visconde da Torre das Donas, de quem já se fez menção a pag. 342 e 343 d'este volume.

E' tambem notavel a quinta das *Trelamas*.

No sitio da Almoinha apparecem vestigios de remota povoação, entre elles sepulturas feitas de tijolos.

O extincto couto de Santo Estevão da Facha comprehendia esta parochia.

Banha estes fertilissimos terrenos o ribeiro d'Avel, que se despenha dos montes do Castello e da Facha.

Atravessa esta freguezia a estrada districtal n.º 4, de Vianna a Ponte do Lima.

Comprehende as aldeias de Fonte Nova, Carvalhas, Almoinha, Ribeiro, Pecegueiro, Aldeia, Brufe, Viso, Tres Moinhos, Regueira, Boucinha, Godella, Milheiroz e Garrido.

VICTORINO DOS PIÃES — freguezia, Minho, concelho e comarca de Ponte do Lima, donde dista 11 kilometros, 20 de Vianna, séde do districto, e 25 de Braga, séde da archidiocese.

Reitoria, — orago Santo André. — Pelo

---

[1] Hist. Eccles. de Braga por D. Rodrigo da Cunha, parte 2.ª cap. 93, pag. 408.

ultimo recenseamento (1878) contava 239 fogos e 949 habitantes.

Foi commenda de Christo, apresentada pelos monteiros móres do reino.

Confina pelo nascente com Friastellas e Cabaços; pelo norte com Victorino das Donas e Santo Estevão da Facha; pelo sul com Poiares e Navió — e pelo poente com Santa Leocadia de Geraz do Lima.

E' cortada pela estrada real n.º 30, do Porto a Valença, na extensão de 3 kilometros — dista 7 kilometros da estação de Tamel, no caminho de ferro do Minho — e 5 da margem direita do Neiva.

Comprehende as povoações de Folão, Fidalga, Bouça, Borboraque, Olivande, Passos, Corredoura, Belmonte, Cacheiro, Boucinha, Codeçal, Regueira, S. Pedro Fins, Carcavellos, Soutinho e varias quintas, cujos nomes podem ler-se na *Chorographia Moderna* do sr. Baptista. Mencionaremos apenas duas — a do Paço, da familia Gajos, de Barcellos, e a de Sanoffe, dos Carneiros, de Villa do Conde.

E' banhada por um ribeiro que desagua no Neiva, a 4 kilometros de distancia, na freguezia de Cossourado, passando pela de Poiares e dando movimento a varias rodas de moinhos.

E' rodeada por elevados montes, — ao norte pela serra da Nó, Nahor ou Nora e ao poente pelo monte do Castello, seguindo-se-lhe outros chamados da *Padella*, já do concelho de Vianna.

E' séde de julgado e de juizo de paz.

—

Ao ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, a quem este diccionairio tanto deve, mais uma vez beijo as mãos agradecido pelos apontamentos que se dignou enviar-me para a descripção d'esta freguezia e da de Victorino das Donas.

VIDA — portuguez antigo — sustento, comida, refeição.

Pagava-se o *direito da vida* ao rei, aos senhorios das terras ou aos seus mordomos e feitores, segundo o estipulado nos aforamentos e contractos que com os respectivos colonos se faziam: «*Daram a El-rei tres vidas, e a galinha do açôr.*» — «*E quando malhar a messe, denlhe uma teiga da messe, ou vida para quatro homens... E se lhe der vida, devem-lhe a dar pam segundo, e borôa, e leite, e falhôas...*»

Esta *vida* ordinariamente se dava em cousas já cosinhadas, v. g. caldo, carne, leite, filhós, etc., mas algumas vezes se pagava em dinheiro ou em comestiveis não cosinhados. Segundo documentos do convento de Grijó a *vida d'El-rei* era um alqueire de trigo, outro de milho, outro de cevada e duas gallinhas; — em outros eram seis soldos; — em outros pão cosido, etc. «*E vidas tres vezes no anno, convem a saber, por Natal pam, vium e carne; por Mayo pam, vium, e huum frango, ou dous... E da outra freguezia de Vouvado* (Bougado [1]) *dam por Vida no tempo da carne huma calaça de carne...*» Doc. de Santo Thyrso de 1279.

VIDA DE SEMPRE — Portuguez antigo — a vida eterna. «*Ajuntão fruto para a vida de sempre.*»

VIDAES — freguezia do concelho e comarca das Caldas da Rainha, districto de Leiria, provincia da Extremadura, patriarchado de Lisboa.

Orago Nossa Senhora da Piedade.

A *Chorographia Portugueza* deu-lhe 132 fogos, — e o recenseamento de 1878 — 284 fogos e 1:150 almas.

Tem augmentado consideravelmente a sua população.

A *Chorographia Portugueza* diz que foi curato da apresentação do cabido de Lisboa, — o «Portugal Sacro e Profano» e o «Diccionario Geographico Manuscripto» dizem que era da apresentação da collegiada de Obidos.

Comprehende esta freguezia as aldeias de Vidaes, Crastos, Cortem ou Cotem, Mosteiro, Mathueira, Casaes, Ribeira, Rabaceira, Maias, Carrasqueira, Carrascal, Santa Maria, Casal do Rei, — e as quintas de Val Verde, Pinheiro, Matta, Bogalhos, Saude, etc.

A egreja matriz está na aldeia de Vidaes que domina um valle aprazivel, mimoso e fertil, banhado por uma ribeira, e dista das

---

[1] Vide *Bougado* (S. Thiago de) vol. 1.º pag. 426, col. 2.ª

Caldas da Rainha cerca de 12 kilometros para E. S. E.

Em 1708, Belchior Botelho de Sequeira possuia na dicta povoação de Vidaes uma quinta importante, com boas casas, muitas vinhas, grandes olivedos, muita creação de gados, extensas mattas e uma boa fonte, passando a meio da quinta um ribeiro.

Esta freguezia em tempos remotos formava um concelho com a villa d'Alvorninha ou Alvorinha, que teve foral dado por D. Manuel em 1 d'outubro de 1514. Vide *Alvorinha*, tomo I pag. 187, col. 1.ª

Algumas chorographias denominam esta parochia *Vidães*.

VIDAGO — aldeia da freguezia d'*Arcossó* no concelho de Chaves, d'onde dista 18 kilometros, 47 de Villa Real de Traz-os-Montes, sede do districto, 77 da linha ferrea do Douro (estação da Regoa) 180 do Porto e 517 de Lisboa.

A freguezia d'Arcossó é limitada pelas de Oura, Salhariz, e Villarinho das Paranheireiras, todas 3 do concelho de Chaves,—Capelludos do concelho de Villa Pouca d'Aguiar — e Pinho do de Boticas, mettendo-se de permeio o Tamega.

É formada apenas por duas grandes aldeias, — Arcossó, sede da matriz, com uma capella em ruinas,—e Vidago, distante cerca de 2 kilometros, povoação antiquissima e maior e mais importante do que Arcossó, pois tem cerca de 200 fogos, feira mensal no dia 3 e annual ou de S. Simão, no dia 28 d'outubro,—1 pharmacia, 2 escolas officiaes d'instrucção primaria elementar para os dous sexos—e 4 capellas, sendo 2 publicas (uma de S. Simão no campo do Olmo ou da Feira, outra de Nossa Senhora da Expectação na rua Direita)—e 2 particulares, uma pertencente á familia Machados, outra á familia Campilhos, ambas com porta franca ao publico, sendo esta ultima a de mais merecimento. Tem as paredes forradas d'azulejo, retabulo de talha dourada com 6 pinturas antigas a oleo e a meio a imagem da Virgem.

Tem esta povoação tambem bons edificios, um d'elles com brazão d'armas, pertencente á nobre familia Machados,—outro com jardim, pertencente á familia Campilhos,—outro feito recentemente e o mais vistoso e alegre de todos, a meio da encosta e a cavalleiro do *Grande Hotel*, sendo hoje o *Grande Hotel* absolutamente o primeiro edificio da localidade e no seu genero um dos primeiros do nosso paiz. Foi feito pela companhia exploradora das aguas alcalino-gazozas-sodicas, bem conhecidas na Europa, Africa e America sob o nome de *aguas de Vidago*.

Tem a mesma empreza tambem aqui um pequeno hotel e ha na povoação outros hoteis de modestas proporções, entre elles o das *Aurelias*.

—

Vidago está em uma encosta arredondada olhando para o valle de Oura e para a ribeira que o atravessa e d'elle toma o nome, indo desaguar no Tamega a 5 kilometros de distancia, movendo 3 moinhos e uma fabrica de serrar madeira e sendo atravessada por 5 pontes das quaes a mais notavel é a que foi feita pelas obras publicas na estrada real da Regoa a Chaves e que toca n'esta povoação, separando-a do *Grande Hotel*.

No cimo da encosta em que assenta a povoação ha um morro com amplas vistas que muito provavelmente foi atalaia ou ponto fortificado em tempos remotos, pois era muito defensavel.

Bem merecia que o arborisassem e embellezassem, porque é um dos sitios mais pittorescos da localidade.

O largo da Feira ou campo do Olmo é pequeno e irregular, está a meio da povoação e tomou o nome de um magestoso negrilho (*ulmus campestris*) que o ensombra e tem de circumferencia no tronco 5^{m},70.

—

Esta povoação já teve as honras de côrte, pois aqui esteve no *Grande Hotel*, S. M. el-rei o sr. D. Luiz fazendo uso das celebres aguas nos annos de 1875, 1876 e 1877 — e ainda ultimamente S. M. o sr. D. Fernando, sua esposa, a sr.ª condessa d'Edla, e o sr. infante D. Augusto, achando-se no proximo estabelecimento thermal das Pedras Salgadas, aqui vieram de vizita no dia 3 de outubro de 1884, pousando no *Grande Hotel*,

nos mesmos aposentos que occupou el-rei o sr. D. Luiz.

Tambem esteve aqui em 1874, fazendo uso d'estas aguas, Rodrigo da Fonseca Magalhães, ao tempo ministro do Reino.

Tem Vidago uma delegação do correio e uma estação telegraphica, datando esta d'aquelle anno. (1874).

Foi inaugurada com grande pompa, assistindo aquelle ministro que expediu para Lisboa o 1.º telegramma cumprimentando a familia real.

—

Houve aqui em 1875 um grande incendio que devorou quasi todo o palacete da nobre familia Machados, incluindo a capella, mas tudo foi restaurado em seguida.

Tambem na noute de 15 d'abril de 1877, achando-se aqui uns comediantes representando, extravasou-se um pouco de petroleo e incendiou-se a casa arvorada em theatro, quando n'ella se achavam reunidas cerca de 400 pessoas. Foi tal a confusão que pereceram no incendio a sr.ª D. Eugenia, esposa do sr. Evangelista, um dos primeiros proprietarios da localidade, — e um pobre homem que dias antes havia recolhido com baixa do serviço militar, ficando outras muitas pessoas feridas e contusas.

Esta freguezia d'Arcossó produz cereaes para consumo, algum azeite, muita lenha e madeira e muito vinho de pasto de superior qualidade. Gosam de justa fama os vinhos da *Ribeira d'Oura*. Suppõe-se que dos seus formosos vinhedos proveiu a esta povoação o nome de Vidago, mas hoje é mais conhecida pelas suas aguas alcalino-gazosas-sodicas, rivaes das de Vichy e Hauterive.

—

A empresa explora hoje 9 nascentes, — a de Vidago propriamente dicta (*La Reine*) a 1 kilometro do *Grande Hotel*, — 2 em Villa Verde, — 3 em Oura, — 1 em Sabroso—e 2 nos Reigaes, ao sul de Oura, quasi todas já analysadas pelo dr. Agostinho Vicente Lourenço, lente de chimica na Escola Polytechnica de Lisboa e socio da Academia Real das Sciencias.

A nascente destinada para bebida e exportação é a de Vidago (*La Reine*)—empregam-se ali constantemente 3 homens e 2 mulheres que preparam 1:000 a 1:500 garrafas por dia. A empresa exporta annualmente para varios pontos do nosso paiz e da Europa, Africa e America 4 a 5 mil garrafas de 1 lito (preço 240 réis)—de $^1/_2$ litro (preço 200 réis) — e de $^1/_4$ de litro (preço 120 réis).

A pequena distancia do *Grande Hotel* e separado d'elle apenas por uma estrada publica, está o *Pequeno Hotel* e a casa para banhos com 7 banheiras e um compartimento para *duches*, banhos de chuva, etc. sendo o preço de cada banho 300 réis. A agua para elles é conduzida de 2 a 3 kilometros de distancia, em carros tirados por bois.

—

A *Empresa das Aguas de Vidago* formou-se em 1870 com o capital de 75:000$000. Os seus socios installadores foram os srs. conselheiro José Pedro Antonio Nogueira, Augusto Cesar Falcão da Fonseca e o commendador Miguel Augusto de Carvalho, digno gerente da empresa e do *Grande Hotel* desde a sua fundação até hoje, sendo muito efficazmente auxiliado por sua esposa, M.^me^ Isabel Carvalho.

Principiaram as obras do *Grande Hotel* em maio de 1871; — foi aberto ao publico em 1874;— dispendeu-se com a sua construcção 35:339$450 réis; — com o *Pequeno Hotel* 4:800$000 réis;—com a casa para o correio e telegrapho 300$000 réis;—com as cocheiras e encanação 200$000 réis;—com a compra do terreno para o *Grande Hotel* e jardim contiguo, seu gradeamento e arborisação 3:000$000 réis; — com a exploração d'agua potavel e seu encanamento para o *Grande Hotel* 832$000 réis; — com a *meia laranja* em frente do *Grande Hotel* 700$000 réis — e com a exploração d'aguas mineraes nas diversas nascentes e *Chalet* na fonte de Vidago 1:500$000 réis.

É prospero o estado actual d'esta importante empresa, devido em grande parte á sua boa gerencia.

—

A composição chimica d'estas aguas é muito semelhante á das *Pedras Salgadas*, outro estabelecimento thermal hoje muito

importante, perigoso rival d'este de Vidago e distante d'èlle apenas 17 kilometros para S. O., no concelho de Villa Pouca d'Aguiar, junto da mesma estrada 9 que da Regoa conduz a Chaves.

V. *Pedras Salgadas*, v. 6.º pag. 526, col. 2.ª

Tambem é muito semelhante a composição chimica das aguas de *Bem Saude*, no concelho de Villa Flor, margem direita da Villariça.

V. *Villa Flor* de Traz os Montes.

Tambem ha pouco tempo (em 1883) o sr. Augusto Cesar de Moraes Campilho, abastado proprietario d'esta povoação de Vidago, descobriu em uma das suas propriedades uma nascente d'agua alcalino-gazosa, cuja applicação therapeutica é a mesma das aguas da empreza, segundo a analyse feita pelo chefe dos trabalhos praticos do laboratorio chimico da nossa Universidade.

VIDAR E VIDRAR — Portuguez antigo — plantar vinha, lançar mergulhas. «*Virdes á vinha hum dia a cavar, e outro a rredrar, e a vidar.*»

De *vidar* provieram os nomes de *Vidago* e *Avidagos*, povoações de Traz os Montes, aquella na *Ribeira d'Oura* e esta na *Terra Quente*, duas afamadas regiões de vinho.

Veja-se n'este diccionario *Vidago* e *Avidagos*—e no *supplemente Terra Fria* e *Terra Quente.*

VIDE—aldeia da freguezia da Rua, no antigo concelho de *Caria e Rua*, hoje concelho de Cernancelhe, districto de Vizeu na provincia da Beira Alta.

V. *Cacia*, vol. 2.º pag. 108. col. 1.ª—e *Rua* vol. 8.º pag. 253, col. 2.ª.

Esta povoação de *Vide*, celebre na historia antiga da peninsula (vol. 2.º pag. 109, col. 1.ª) tristemente celebre se tornou no 2.º quartel d'este seculo, pois foi natural d'ella o famoso assassino e salteador Manuel Pires (o *Pires da Rua*) penultimo dos individuos justiçados ao norte do nosso paiz, enforcado na villa da Rua, séde d'aquella parochia, no dia 8 de maio de 1845.

Só de uma familia da Rua matou barbaramente tres pessoas e foi o terror d'aquelles sitios muito tempo.

Ainda nos lembramos de o ver caminhar para o patibulo, quando no meio de uma grande escolta passava nas *Caldas do Molledo*—e já vimos o local da execução.

No *supplemento* a este diccionario daremos no artigo *Rua* circumstanciada noticia de tudo, por nós extrahida dos proprios autos e já por nós publicada no *Dez de Março* de 7 e 8 de julho de 1881.

VIDE—freguezia do concelho de Cêa, districto e bispado da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Orago N. S. da Assumpção.

Em 1768 contava 146 fogos, — Almeida deu-lhe 352 — e o ultimo censo 418 fogos e 1:932 almas.

É vigairaria. Pertenceu até 1882 á diocese de Coimbra e em tempos anteriores foi curato da apresentação do parocho de Penalva d'Alva.

Em 1840 era do concelho de Loriga e sendo este extincto por decreto de 24 d'outubro de 1855, passou para a comarca e concelho de Cêa; hoje pertence á comarca de Oliveira do Hospital.

—

As suas freguezias limitrophes são — Alvôco da Varzea, Alvôco da Serra, Piodão, Teixeira, Loriga, Cabeça, Sandomil, Sazes, S. Gião e Aldeia das Dez.

Comprehende as povoações seguintes:

Barriosa, Gondufe, Vide, Balocas, Baloquinhas, Ribeira, Baiol, Cide, Casal do Rei, Casas Figueiras, Silvadal, Rodeado, Outeiro, Borracheiras, Malhada, Abitureira e as quintas do Muro, Chao Cimeiro, Foz de Gondufe, Foz do Val, Foz da Regueira, Obra, Monteiros, Fradigas, Pavão, etc.

Está na margem direita da ribeira d'Alvôco da Varzea, confluente do Alva, na pendente S. O. da Serra da Estrella—e dista 15 kilometros da séde da comarca para S. E. —20 da séde do concelho para S. O.—70 da séde do districto e do bispado,—150 do Porto—280 de Lisboa—e 35 da estação de Santa Comba Dão na linba ferrea da Beira Alta.

—

A egreja matriz é um templo pequeno e humilde com ampla sacristia, altar mór e

2 lateraes, um dedicado a Santo Antonio, outro a Santa Luzia.

Tem esta parochia 7 capellas publicas, uma do Senhor do Calvario em Vide, outra de S. Pedro em Baloquinhas, outra de N. S. do Carmo em Balocas, outra de Santo Antonio em Barriosa, outra do Bom-Jesus em Cide, outra de Santo Evaristo em Gondufe e outra de S. José em Casal do Rei. A capella de S. Pedro tem festa e romaria, mas a festa principal d'esta parochia hoje é a do Sacramento na egreja matriz.

Esta egreja contará 200 annos.

A velha datava de tempo immemorial; por se achar em ruinas foi demolida e no seu chão se construiu o cemiterio.

—

Esta parochia foi antigamente villa e séde de concelho com justiças proprias, casa de camara, cadeia e pelourinho. A casa da camara e o pelourinho desappareceram ha muito; a cadeia foi vendida e é hoje propriedade particular.

Esta freguezia é atravessada por uma ribeira que toma o nome das povoações por onde passa e desagua no rio Alva, a 10 kilometros de distancia, no sitio da *ponte das tres entradas*.

Esta ribeira move cerca de 30 moinhos e tem uma ponte de pedra na povoação de *Vide*.

As producções principaes d'esta parochia são milho, azeite, vinho e medronhos, pois abundam n'ella, bem como nas parochias limitrophes, grandes montados de medronheiros, cujo fructo distillado produz muita aguardente.

Colhem-se os medronhos nos mezes de outubro e novembro.

Tambem abunda n'esta parochia o gado caprino.

—

Depois das luctas civis, que findaram em 1834, foi esta freguezia theatro de horriveis tragedias que tiveram por actores os celebres Cuca e Brandões, contando-se grande numero de mortes e roubos feitos por aquelles bandidos. Foram o terror e açoute da Beira, nomeadamente d'este concelho e dos de Taboa, Midões e Arganil muitos annos, mas *talis vita, finis ita!* [1]...

—

Em 1874 celebrou-se aqui uma grande festividade a S. Sebastião por haver cessado a epidemia da variola que assolou esta parochia.

Muitas tempestades medonhas se têem desencadeado sobre esta freguezia, causando enormes prejuisos, por ser toda cercada por altas montanhas com profundas ravínas, mas a maior tempestade foi a de 1844. Destruiu quasi todas as casas da povoação de Gondufe, levando d'envolta muitos animaes domesticos.

Esta freguezia está situada no meio de um dos pontos mais agrestes e montanhosos da Serra da Estrella, sendo muito altos e escarpados os montes que a circumdam, nomeadamente o *Colcuninho*, de medonho aspecto na sua pendente sobre esta parochia; mas pelo facto de a cercarem e abrigarem montes altissimos, o seu clima é temperado, o seu chão bastante fertil e produz incluzivamente vinho.

—

Tem uma escola de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

É povoação muito antiga, o que revelam differentes inscripções e hieroglihicos que ainda aqui se encontram em varias rochas.

Aponta-se tambem como grande curiosidade um penedo onde se vê exteriormente uma abertura de fórma circular como a boca d'um cantaro e interiormente uma cavidade com a fórma d'um cantaro tambem.

No *supplemento* a este diccionario daremos mais amplas noticias d'esta parochia, das suas inscripções, da pedra cavada, etc.

VIDE—freguezia do concelho de Moncorvo, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

---

[1] Vide *Midões*, vol. 5.º pag. 211, col. 1.ª — *Oliveira do Hospital*, vol. 6.º pag. 280, col. 2.ª — *Taboa*, vol. 9.º pag. 467, col. 2.ª — *La Vendetta* ou o *Saldo de Contas*, por Arsenio de Chatenay, Porto, 1880, — *Varzea de Meruge*, vol. 10.º, pag. 232, col. 1.ª — e nomeadamente *Varzea de Candosa*, vol. 10.º, pag. 214 e seguintes.

Orago S. Lourenço.

Carvalho deu-lhe 25 fogos, — Almeida 30 —e o ultimo recenceamento (1878) — 51 fogos e 217 almas.

Pertenceu ao arcebispado de Braga até 1882,—era curato da apresentação do reitor de Moncorvo—e rendia 30$000 réis.

O logar de *Vide* está situado ao sul de uma pequena ribeira affluente da da Villariça na margem direita d'ella, 6 kilometros o N. O. da margem direita do Sabor e 13 a N. O. da villa de Moncorvo.

As suas producções principaes são—trigo, centeio, azeite e vinho.

Tambem cría algum gado lanigero.

Esta freguezia está civilmente annexa á da *Horta*, sua limitrophe, hoje tambem pertencente á diocese de Bragança, bem como todas as dos concelhos de Moncorvo, Villa Flor e Carrazeda d'Anciães. V. *Horta*.

VIDE ENTREVINHAS — ou *Vide de Entre as Vinhas*—freguezia do concelho e comarca de Celorico da Beira, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Orago N. S. da Annunciação.

Em 1768 era priorado da apresentação da mitra, — rendia 200$000 réis e contava 61 fogos; o ultimo recenseamento de 1878 deu-lhe 134 fogos e 572 habitantes.

Este beneficio tambem foi algum tempo apresentado pelo convento de S. Jeronymo do Campo de Coimbra.

Ainda è priorado.

Comprehende esta parochia únicamente 2 povoações, Gallisteu e Vide, séde da matriz, distando 2 kilometros para o nascente da nova estrada a macadam de Celorico a Coimbra pela ponte da Murcella,—e 6 de Celorico para S. O. — 8 da linha ferrea da Beira (estação de Celorico)—18 da Guarda para N. O. —273 do Porto e 386 de Lisboa, pelas linhas ferreas da Beira Alta e do Norte.

—

Os seus templos reduzem-se á matriz na aldeia de Vide e a uma capella publica na aldeia de Gallisteu, ambas em bom estado de conservação, mas sem coisa alguma notavel.

Esta freguezia está nas abas da serra da Estrella e é banhada pela ribeira de Vilhagre, que desce da montanha, passa por entre as duas povoações d'esta parochia e desagua na margem esquerda do Mondego.

As suas freguezias limitrophes são — Cadafaz, Villa Cortez do Mondego, Valle de Azares, Jejua, Salgueiraes e Corticô.

Producções principaes — vinho, legumes, cereaes e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero.

Tem uma aula d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Clima saudavel, mas bastante frio por causa da visinhança da grande serra.

VIDE MONTE—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese da Guarda, d'onde dista 15 kilometros para O. S. O. e 2 kilometros da margem esquerda da Mondego, que aqui já corre de S. O. para N. E.

É priorado. Foi da apresentação da mitra e do termo e concelho extinctos de Linhares.

Orago S. João Baptista.

Em 1768 contava 141 fogos e rendia réis 300$000;—pelo ultimo recenseamento conta 220 fogos e 858 habitantes.

—

Esta freguezia é formada pela unica povoação de *Vide Monte*, sede da parochia, e segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o seu rev.º prior, não comprehende quintas nem propriedades dignas de especial menção, exceptuando o praso de *Vide Monte;* mas a *Chorographia Moderna* menciona as quintas de Monoita, Cabris, Ereira, Barroca Alta, Morenas, Valles e Taberna.

Freguezias limitrophes — Moios, Fernão Joannes, Prados e Trinta.

As suas estradas são as mesmas dos principios da monarchia,—barrancos medonhos; apenas se espera que passe na freguezia dos Trinta, a 4 kilometros de distancia, uma estrada a macadam em via de construcção.

A matriz é um bom templo, muito solido, elegante, bem conservado e com uma torre soberba. Tem mais 2 capellas publicas—uma de Santo Antonio, pequena e singela, outra de Santo Antão, reedificada ha pouco tempo; n'ella se faz todos os annos festa ao padroeiro e romaria; mas hoje as festas principaes d'esta freguezia são a do Santissimo

e de N. S.ª do Rosario feitas pela junta de parochia.

—

Passa n'esta freguezia o Mondego, mas tão fundo e com margens tão eriçadas de fraguedo que mal pode aproveitar-se; em compensação é banhada por muitos ribeiros, nomeadamente pelos da Calçada e Barrocaes, que movem 20 moinhos e regam espaçosos terrenos.

As suas producções principaes são — milho, batatas, feijão, hervagens, feno, linho, castanhas e muita lã da melhor da Serra da Estrella. Cria bastante gado lanigero, cabrum e bovino, pois o seu termo comprehende grande extensão da Serra da Estrella.

—

Nos alcantis da grande serra e nos limites d'esta parochia se refugiaram durante a guerra da peninsula muitas familias da Guarda.

Aqui se manifestou approximadamente em 1870 uma medonha epidemia de typhos que fez grande numero de victimas, deixando muitas casas desertas e muitas creancinhas orphãs de pae e mãe.

O clima d'esta parochia é frio e aspero, porque está em um plató da grande serra, muito alto e desabrigado, mas em compensação tem largas vistas e excellentes pastagens para os gados, *no verão*, pois no inverno as neves attingem aqui grande altura durante mezes.

Ha n'esta freguezia, no curuto da serra, uma pyramide geodesica marcando 1728 metros de altitude sobre o nivel do mar!...

É um ponto interessante com vastissimo horisonte.

Tambem ha no alto da serra 7 carvalhos seculares que têem salvado muitas vidas, pois durante a estação das neves servem de guia e orientação aos viandantes.

Chamam-se os *sete carvalhos juntos* e provam evidentemente que toda a grande serra podia e devia estar assim arborisada.

—

Tem esta freguezia uma escola d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Em varios pontos d'esta parochia se têem encontrado moedas antigas de cobre, prata e ouro, que não foram archivadas nem classificadas, e no cume da serra encontrou, ha poucos annos, um lavrador de Folgosinho tres argolas d'ouro que pareciam argolas de bahus. Foram vendidas por uma somma importante na Guarda, ao ourives Antonio Ferreira, que depois, segundo dizem, vendeu uma ao sr. dr. Martins Sarmento, benemerito archeologo de Guimarães.

É muito digno prior actual d'esta parochia o rev. sr. Maximiano Corrêa de Figueiredo, a quem muito cordealmente agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VIDIGÃO — freguezia do concelho de Arrayolos, comarca de Extremoz, districto e archidiocese de Evora, provincia do Alemtejo.

Foi curato da apresentação do arcebispo d'Evora no termo d'Evora Monte, segundo se lê no *Diccionario Geographico* manuscripto.

A *Estatistica Parochial* de 1862 diz que era filial da matriz d'Evora Monte.

Em 1840 pertencia esta parochia ao concelho de Vimieiro e, extincto este concelho em 1855, passou para o concelho d'Arrayolos. Tambem pertenceu algum tempo á comarca de Monte-Mór o Novo.

É priorado.

O ultimo recenseamento deu-lhe 84 fogos e 469 habitantes, mas pelos apontamentos que se dignou enviar-me o seu rev. prior tem hoje apenas 77 fogos e 365 almas.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

—

As suas freguezias limitrophes são: Vimieiro, Evora Monte e S. Bento do Ameixial.

Comprehende 38 herdades, entre ellas 4 pertencentes á serenissima casa de Bragança e são—Monte Longo, Monte Ruivo, Garnaxa, Outeiro do Falcão e Valle da Lage,— a da Marmeleira, pertencente ao sr. Manuel Augusto Mendes Papança — e a do Monte Novo, pertencente ao sr. Francisco Antonio da Guerra.

Dista 24 kilometros d'Arrayolos, 12 d'Extremoz, 30 d'Evora e 146 de Lisboa.

Passam n'esta freguezia a estrada real das Vendas Novas á fronteira e o caminho de

ferro de sueste, da Casa Branca a Extremoz.

A egreja parochial é o templo unico d'esta freguezia; está bem conservada, mas nada tem de notavel.

—

Banham esta parochia os ribeiros da Egreja, da Vidigueira, da Amieira, da Defesa, da Barroqueira e do Sirigado, que desaguam na ribeira de Tera, o 1.º a 500 metros de distancia, o 2.º a 1 kilometro, o 3.º a 2, o 4.º a 3, o 5.º a 2 e o 6.º a 4.

Tambem atravessam e banham esta freguezia e desaguam na mesma ribeira de Tera o regato d'Almanfarra a 5 kilometros de distancia, o de Val da Burra a 6 kilometros e o da Farrachinha a 2.

Ha n'esta freguezia duas pontes de pedra, uma no ribeiro do Sirigado, outra na ribeira da Farrachinha,—mais um moinho de vento e 11 d'agua.

Poucas freguezias do Alemtejo são tão mimosas e abundantes d'agua como esta.

As suas producções dominantes são cereaes, carne de porco, lã e cortiça, pois tem grandes montados de sobro e azinho e cria grandes *varas* de porcos.

—

Foram registradas duas minas de cobre e outros metaes nas herdades da Cacharroeira e Carrilha; deu-se começo á exploração, mas acha-se parada no momento.

Em tempos que passaram foi muitos annos a vergonha e o terror d'esta parochia o famigerado assassino e salteador — Antonio João Catita.

Anda muito descurada a instrucção n'esta parochia, pois não tem uma unica aula nem de instrucção primaria!

Com vista á ex.ma camara d'Arraiollos.

Cerca de 2 kilometros a N. O. da matriz d'esta parochia ha junto da estrada real uma pyramide geodesica marcando 244 metros d'altitude sobre o nivel do mar.

Que differença entre a altitude d'esta parochia e a da ultima que descrevemos—Vide Monte!...

VIDIGUEIRA — freguezia, villa e séde do concelho do seu nome, comarca de Cuba, districto e diocese de Beja, na provincia do Alemtejo.

Orago S. Pedro.

É priorado.

Em 1768 contava 600 fogos; o recenseamento de 1878 deu-lhe 938 fogos e 7:434 habitantes; hoje deve ter aproximadamente 1:000 fogos e 4:000 almas.

Pertenceu á camara de Beja e ao arcebispado d'Evora.

Esta villa está situada a 38°, 13',3 de latitude e 1°, 20',1 de longitude E., a 213 metros de altitude sobre o nivel do mar com relação á torre da sua egreja matriz, segundo se lê na «Geog. de Portugal e Colonias» por G. A. Perry (Lisboa, 1875) mas a sua pyramide geodesica marca 219 metros de altitude.

—

É uma das mais formosas villas do Alemtejo, situada em terreno plano e cercada por espaçosos *rocios*, entre duas ribeiras affluentes da ribeira de Odearce, 20 kilometros á O. N. O. da margem direita do Guadiana, 10 a N. E. da estação de Cuba na linha ferrea do sul, 27 de Beja, 87 d'Evora e 147 de Lisboa, pelas linhas de Sul e Sueste.

Esta formosa villa está muito bem servida de estradas, pois d'ella parte uma das mais pittorescas do nosso paiz para Cuba, atravessando Villa de Frades, — outra para Portel,—outra para Moura, tocando em Pedrogam,—outra para Beja por Villa de Frades e S. Mathias,—e outra para a freguezia do Torrão, concelho de Alcacer do Sal, por Villa Alva, Villa Ruiva, estação de Alvito e Villa Nova da Baronia.

—

Este concelho é um dos centros viniculas mais importantes do Baixo Alemtejo, sendo para lamentar que na fabricação do vinho os seus proprietarios ainda geralmente empreguem os processos antigos e rotineiros, cozendo-o em talhas de barro siliceoso da capacidade media de 800 litros cada uma, com a fórma de *rabão*, como disse o sr. conselheiro Antonio Augusto d'Aguiar, hoje ministro das obras publicas, na sua 3.ª conferencia sobre os nossos vinhos. Constitue porem uma muito louvavel excepção o sr. Fer-

nando Palha, de Lisboa, que tem feito extensissimas plantações de bacellos nos vastos chãos que aqui possue, empregando na plantação as charruas *Medoc* e no fabrico do vinho os processos mais aperfeiçoados.

—

Está villa teve differentes donatarios desde o mestre Thomé, thesoureiro da Sé de Braga, no reinado de D. Sancho II ou D. Affonso III, até que passou para a casa de Bragança e d'ella, em 1519, para D. Vasco da Gama e seus descendentes, condes da Vidigueira, depois marquezes de Niza.

Esta parochia comprehende além da villa as *hortas* do Lampreia, do Lourenço, de Luiza Maria, da Vargem de Cá, do José Domingos, do Falcato, de Sebastião Polido, do Carmo, do Almeida, das *Malas-cáras* do Silva, de D. Monica, do Leitão e a Horta Nova;—os *montes* (casaes) de Malhadinha, Malhada, Pedro J. Covas, Montinho do Carmo, Convento do Carmo, Monte dos Alfaiates e Monte da Melroeira.

—

Este concelho é formado por 5 freguezias —Marmellar, Pedrogam, Selmes, Vidigueira e Villa de Frades.

Pelo recenseamento de 1878 a sua população era a seguinte:

Fogos	2:136
Almas	8:148
Superficie em hectares	28:616
Predios inscriptos na matriz	7:897

A egreja parochial d'esta villa é um formoso templo de tres naves, bem decorado e muito vantajosamente situado em um amplo rocio.

Houve n'esta parochia 2 conventos,—um de Nossa Senhora da Assumpção, de religiosos capuchos da provincia da Piedade,—outro de Nossa Senhora das Reliquias, de carmelitas calçados,—ambos extinctos. O 1.º foi fundado pelo segundo conde da Vidigueira em 1545 sobre uma ermida de S. Bento e, por ser o local insalubre, se mudou para outro edificio fóra da villa, começado a construir em 1701 e concluido em 1716. O convento de Nossa Senhora das Reliquias foi fundado em 1495 pelos donatarios da villa que n'elle tinham o seu jazigo.

Estava em uma formosa varzea no recosto da serra que prende com a de Portel, banhado por uma ribeira.

—

Tem a villa casa de misericordia muito antiga, pois já existia quando se fundou a egreja em 1598, cujo edificio foi devorado por um incendio em 1687 e reedificado em 1688, como consta de uma inscripção gravada no lavatorio da sacristia.

Ha tambem n'esta parochia 3 capellas—uma do Senhor Jesus, no interior da villa,—outra de S. Pedro e outra de S. João Baptista. Teve tambem uma de S. Raphael, que foi muito notavel, mas cahiu em ruinas. D'ella fallaremos d'espaço no *supplemento*.

Em uma eminencia sobranceira ao rocio em que está a matriz se vêem as ruinas do antigo castello, que foi um dos mais notaveis da provincia. Dentro d'elle tinham os condes da Vidigueira um bom palacio, hoje em ruinas tambem.

As producções principaes d'esta parochia são vinho e cereaes.

Tem feira annual de tres dias, começando em 20 de janeiro.

O seu brazão d'armas é um escudo bipartido (em aspa)—na parte superior o busto de Vasco da Gama, na inferior um castello enlaçado por uma vide e sobre o escudo a corôa de conde.

Esta villa da Vidigueira, antigamente *Vitigeria*, tomou o nome das videiras que desde tempos remotissimos abundaram nos seus arredores.

Parece que a primeira povoação esteve no sitio das *Ferrarias*, cerca de 2 kilometros distante da antiga villa, onde se fundou um convento de carmelitas. Mais tarde se formou a pouco e pouco nova povoação em torno da matriz, que haviam mudado para a erdade de *Santa Clara dos Olivães*,—e ainda depois abandonaram este sitio e foram fundar nova parochia onde hoje está a misericordia.

A actual egreja matriz de S. Pedro foi fundada em 1598 pelo prior Pedro Lopes Pinto, como diz uma inscripção gravada na sua sepultura.

—

Tem esta villa um pequeno theatro denominado *Vasco da Gama* e duas sociedades recreativas, uma d'ellas com casa propria.

Ergue-se na praça um bom edificio apropriado para as diversas repartições publicas e cadeia.

Na mesma praça se vê tambem ainda a casa onde nasceu em 25 de junho de 1631 o inclito varão Antonio da Fonseca Soares, depois bem conhecido por Fr. Antonio das Chagas, missionario eloquentissimo, pois desenganado das vaidades do mundo deixou a profissão das armas e acabou santamente em 1688 no convento do Varatojo, onde os virtuosos missionarios, que restauraram e habitam o dicto convento, guardam com veneração a humilde cella em que viveu Fr. Antonio das Chagas.

Vide *Varatojo*, vol. 10.º, pag. 204, col. 1.ª —e 9.º vol., pag. 303, col. 1.ª e seguintes.

—

Além do venerando Fr. Antonio das Chagas, aqui nasceram, entre outros, os seguintes escriptores publicos, mencionados por Innocencio Francisco da Silva no seu Diccionario Bibliographico:

Francisco Martins Pulido, commendador da ordem de Christo, doutor em medicina, director do hospital de alienados em Rilhafoles, deputado ás côrtes e socio da Academia Real das Sciencias.

Gabriel de Mattos, padre jesuita, missionario no Japão e reitor no collegio da Companhia em Macau.

Manuel Mendes, professor de latim na cidade de Lagos, em 1614, e que traduziu as Fabulas de Esopo.

J. A. d'Almeida menciona tambem como natural d'esta villa o famoso litterato, theologo e escriptor publico, *Achilles Estaço*, nascido em 15 de junho de 1524 e fallecido em Roma, no dia 28 de setembro de 1581.

Tambem aqui viveu e foi ouvidor o celebre poeta *João Xavier de Mattos*.

Ignora-se onde nasceu, mas falleceu no dia 3 de novembro de 1789 em Villa de Frades, freguezia d'este concelho.

D. Manuel deu foral a esta villa da Vidigueira em 1 de junho de 1512.

Livro dos Foraes Novos do Alemtejo, fl. 34 col. 2.ª

Póde ver-se o processo para este foral na Gav. 20, Maço 12, n.º 24.

—

Ha n'esta villa uma escola de instrucção primaria elementar para o sexo masculino, outra para o sexo feminino e uma de instrucção secundaria com o titulo —*Instituto Gama Herculano*. É particular mas recebe da camara o subsidio de 240$000 réis annuaes.

Este instituto foi fundado em outubro de 1880; n'elle se professam 8 disciplinas — portuguez, francez, latim, desenho, mathematica, geographia e historia, introducção e legislação, desdobradas em 19 cursos, segundo o programma dos nossos lyceus.

N. B. — Desejando concluir o diccionario com este volume 10.º somos forçados a aligeirar e resumir quanto possivel este e todos os outros artigos subsquentes; mas no vol. destinado ao *supplemento* faremos as *correcções* e *addicções* que nos occorrerem e *nos indicarem* relativamente ao diccionario *todo* — e completaremos os artigos aligeirados por nós no texto, nomeadamente este da *Vidigueira*, porque bem merece mais desenvolvimento e porque desejamos extractar e salvar do olvido a excellente memoria, ainda manuscripta, *Descripção da Vidigueira*, trabalho muito interessante, devido á illustrada penna do sr. dr. Agostinho Albino Garcia Peres, de Setubal, já fallecido, e que muito generosamente nos foi confiada por seu pae, o sr. dr. Domingos Garcia Peres, antigo deputado e cavalheiro respeitabilissimo, a quem agradecemos tão assignalada fineza.

No supplemento ao artigo *Setubal* daremos a biographia do mallogrado auctor da memoria sobre esta villa da Vidigueira e seu concelho,—memoria de que não tirámos para este ligeiro artigo uma unica palavra, para não a mutilarmos e profanarmos.

No *supplemento* a daremos ou extractaremos fielmente *toda*.

VIDIGUEIRAS—freguezia extincta do extincto concelho de Monsaraz no arcebispado d'Evora.

Orago N. S. das *Vidigueiras* ou das *Neves*. Foi curato da apresentação do arcebispo de Evora e commenda da ordem de Christo, apresentada pelos duques de Bragança.

O «Portugal Sacro e Profano», deu-lhe 91 fogos — e a Geographia de Lima 56 fogos e 350 almas.

Hoje é uma simples povoação pertencente á freguezia e villa de *Santo Antonio do Reguengo*, séde do concelho d'este nome na comarca do Redondo,—povoação ainda denominada *Vidigueiras*,—unica d'este nome em todo o nosso paiz.

VIDOEDO ou **VIDOEDO DO PESO**—freguezia extincta no concelho do Mogadouro, bispado de Bragança.

Orago S. Apolinario.

Julgamos ser esta a freguezia de *Vidoedo*, hoje annexa á de S. Paio do mesmo concelho do Mogadouro.

V. *Paio* (S.), vol. 6.° pag. 415, col. 1.ª n'este diccionario—e a *Chorographia Moderna*, vol. 1.° pag. 451.

VIDOEDO ou **VIDUEDO** — freguezia extincta, no concelho de Bragança.

Orago S. Bartholomeu.

Esta freguezia não vem mencionada no Portugal Sacro e Profano, mas encontra-se na Chorographia Portugueza, tomo 1.° pag. 503 da 1.ª edicção — e na Chorographia de Lima, tomo 2.° pag. 250.

Está hoje annexa á freguezia de *Sortes* do mesmo concelho de Bragança.

Tambem foi annexa á mesma freguezia de *Sortes* a de *S. Miguel de Lanção*, mencionada por Lima e por Carvalho e pelo Portugal Sacro e Profano. Vide *Sortes* e *Lanção*.

VIDUAL ou **VIDUAL DE CIMA**—freguezia do concelho da Pampilhosa, comarca de Arganil, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Orago Santo Antonio, — 96 fogos, 400 almas.

É curato; pertenceu á diocese da Guarda e ao concelho de Fajão, extincto em 1855, data em que passou para o da Pampilhosa.

Comprehende as aldeias de Vidual de Baixo e Vidual de Cima.

As suas freguezia limitrophes são—Cabril, Fajão, Janeiro de Baixo e Unhaes o Velho.

Dista da Pampilhosa 15 kilometros, d'Arganil 25 e de Coimbra 55.

Esta parochia não tem nem d'ella se approxima estrada alguma a macadam. Todas as suas estradas são barrancos e precipicios, porque o seu chão é muito escabroso e accidentado.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e duas capellas—uma de Santa Barbara e outra de Santo Antonio,—templos insignificantes e maltratados.

Tambem n'esta freguezia não ha um unico edificio digno de menção. Total — uma pobresá franciscana e clima frio e agreste.

As suas producções principaes são milho, mel, centeio, batatas e lã, pois cria algum gado lanigero.

Não tem aulas nem sequer de instrucção primaria elementar.

VIDUEDO—veja-se *Vidoedo*.

VIEIRA — appellido nobre e concha de marisco.

Começaram as conchas a chamar-se *vieiras* quando se tornaram distinctivo dos romeiros de S. Thiago de Galliza.

Tambem ha um peixinho que se chama *vieira* e é como ameijôa maior, de cujas conchas se ornavam os romeiros—e d'aqui nasceria esta voz; assignar porém o tempo fixo d'este costume não é facil nem talvez possivel.

A origem das *vieiras* ou conchas attribue-se ao decantado prodigio que se deu em Bouças por occasião dos desposorios de Cayo Carpo, natural da Maia, e de Claudia Loba.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Bouças*, *Leça da Palmeira*, *Maia* e *Mattosinhos*, tomo V pag. 139, col. 1.ª onde se descrevem aquelles desposorios e se menciona o facto ou lenda de ir Cayo Carpo pelo mar dentro até o navio em que passava para a Galliza o corpo do apostolo S. Thiago, —de regressar á terra incolume, todo coberto de *vieiras*,—e da conversão immediata d'aquelle regulo e dos seus convivas todos ao christianismo.

Como quer que fosse, é certo que os Barrosos, Barradas, Calvos, Calças, Rochas, Saraivas, Sequeiras e outras familias nobres se presam de trazer nas suas armas as con-

chas ou *vieiras*, affirmando uns que descendem d'aquelles apostolos da Maia e dizendo outros que as tomaram por se acharem os seus chefes na batalha d'Ourique, no dia de S. Thiago, a cuja intercessão se attribuiu a victoria. Os *Vieiras* e *Pimenteis* nomeadamente blasonam de descendentes de Cayo Carpo. Os primeiros trazem por armas *seis vieiras d'ouro em duas pallas realçadas de preto e por timbre dous bordões de Santiago*;—os segundos têem por armas *cinco vieiras de prata em campo verde.*

VIEIRA—freguezia do concelho, comarca e districto de Leiria, bispado de Coimbra desde 1882 e anteriormente do bispado de Leiria tambem, provincia da Extremadura.

Orago Nossa Senhora dos Milagres.

Fogos 839—e 3:554 habitantes.

Em 1768 contava apenas 200 fogos,—era curato da apresentação da mitra e rendia para o pobre cura 90$000 réis!...

A grande povoação de Vieira, séde da parochia, está em terreno plano, 2 kilometros ao sul da margem esquerda do Liz, 4 a E. do occeano e 22 a N. O. de Leiria.

Comprehende mais esta parochia as aldeias ou casaes dos Lobos, das Raposas, de Anja, Passagem e Bóco.

Vieira foi uma povoação da freguezia hoje limitrophe de S. Lourenço de Carvide até o anno de 1740, data em que se erigiu em parochia independente.

Em 1615 fez-se na povoação de Vieira uma ermida de Nossa Senhora dos Milagres para mais commoda administração dos sacramentos, por contar ao tempo a dicta povoação já grande numero de habitantes e se achar a distancia da egreja de S. Lourenço de Carvide, á qual então pertencia.

Creada a nova erecta em 1740, serviu de matriz a mencionada ermida até 1767, data em que se concluiu a matriz actual de Vieira;—apenas em 1783 se fez de novo o arco da capella-mór por se julgar pequeno o primeiro.

As outras freguezias limitrophes são—Marinha Grande, ao sul, e Coimbrão, ao norte, na margem direita do Liz.

—

Em outubro de 1876 as chuvas torrenciaes causaram enormes prejuizos no districto de Leiria, nomeadamente n'esta parochia. O Liz trasbordando quebrou no sitio do Porto de S. Sebastião alagando e inundando as vastas campinas de Amor e Vieira e pendendo para o sul chegou a entrar n'esta ultima povoação, arrebatando muitas casas de madeira em que viviam os pescadores e outras destinadas para os banhistas.

Como ainda se achavam por colher as uvas e os milhos, foram grandes as perdas;—só de milho mais de 1:000 moios!

Bem mais felizes foram os lavradores este anno corrente de 1884.

No Minho os lavradores, não tendo vazilhame para tanto vinho, foram obrigados a vender a pipa a 4:500 réis — e na Galliza um bom homem (disseram os jornaes) encheu de vinho toneis, pipas, pipos, cantaros e inclusivamente *as caixas e os bahus!*

Não ha memoria de um anno tão abundante de tudo—vinho, milho, centeio, trigo, castanhas, batatas, fructas, etc.—nem de melhor tempo para todas as colheitas.

Louvado seja Deus!...

VIEIRA—titulo de concelho e de comarca no districto e diocese de Braga.

Até 1875 este concelho pertencia á comarca da Povoa de Lanhoso.

O concelho comprehende as 20 freguezias seguintes — Anjos, Annissó, Campos, Caniçada, Cantelhães, Cova, Eira Vedra, Guilhofrei, Louredo, *Mosteiro*, Parada de Bouro, Pinheiro, Rossas, Ruivães, Salamonde, Soengas, Soutello, Taboaças, Ventosa e Villar Chão.

A séde do concelho, do julgado e da comarca está na povoação de *Brancelhe*, freguezia do Mosteiro, orago S. João Baptista.

V. *Mosteiro* n'este diccionario, vol. V pag. 561, col. 1.ª e no *supplemento.*

Tem o concelho 3:344 fogos e 14:067 almas,—snperficie em hectares 23:532,—predios inscriptos na matriz 14:385.

O antigo concelho de Vieira, em tempos remotos chamado *Vernaria*, tinha apenas 6 freguezias — S. João de Vieira, Taboaças, Eira Vedra, Cantellães, Pinheiro e Villar Chão. D. Manuel lhe deu foral em Lisboa no dia 15 de novembro de 1514.

Liv. de Foraes Novos do Minho, fl. 122; col. 1.ª

—

Foi ultimo donatario d'este concelho Francisco Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva, fallecido em 1845, 13.º senhor de Felgueiras e Vieira, 15.º de Fermedo e Prestimo da Marinha com a villa de Cabeçaes, Honra e morgados de Calvilhe e Pendilhe, da grande quinta dos Cedros na Regoa e d'outras muitas. Casou em Lamego com D. Maria do Carmo Pinto de Sousa e Lencastre, filha unica e herdeira de Rodrigo Pinto de Sousa, senhor dos morgados e casa da Rede e da honra de Villar de Touça, etc.

D'esta riquissima e nobilissima casa, hoje quasi de todo perdida, são representantes (entre outros) os srs. D. Antonio Peixoto Coelho Padilha Seixas Harcourt e seu primo D. Francisco Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa de Mello da Veiga Cabral que sustentam entre si porfiada demanda sobre as quintas dos Cedros, Calvilhe, etc. —demanda iniciada por seus avós, ha *quarenta e tantos annos!...*

V. *Fermêdo*, vol. III pag. 164, col. 2.ª e seg.—*Felgueiras* no mesmo vol. pag. 162, col. 1.ª—*Travanca*, vol. IX pag. 731, col. 1.ª e 2.ª—*Villa-Marim*, n'este vol. 10.º—e *Vieira* no supplemento.

VIEIRO—freguezia extincta no concelho de Pinhel.

Orago S. Vicente Martyr.

Ha muito que foi annexa á da *Ervedosa* ou *Ervedosinha* ou *Ervedosa do Azévo* ou *Ervedosa da Serra*, sua limitrophe e pertencente ao bispado de Lamego, districto d'Entre o Côa e Tavora, até 1882, data em que pela nova circumscripção das dioceses, passou para o bispado da Guarda.

V. *Ervedosa* (a 2.ª) vol. III pag. 50, columna 1.ª

VIEIRO—pensão ou *fôro real* que se pagava á corôa. Era o terço do ouro, da prata e do cobre que nas minas do reino se tirava.

Veja-se no supplemento, *Vieiro* e *Villa Real* de Traz-os-Montes.

VIGARIA (da)—serra do Alemtejo, ramo da de Borba. V. *Borba*, vol. I, col. 2.ª

O sr. J. M. Baptista na sua *Chorographia Moderna* diz que esta serra se prolonga de O. N. O a E. S. E.—a S. O. da villa de Borba e que é uma ramificação da serra *d'Ossa*. V. *Ossa*, vol. VI pag. 296, col. 2.ª

VIGARIO D'EL-REI.—Assim se denominava antigamente o regedor supremo da justiça.

VIIR—portuguez antigo *vir*.

Documento de 1280.

FIM DO DECIMO VOLUME